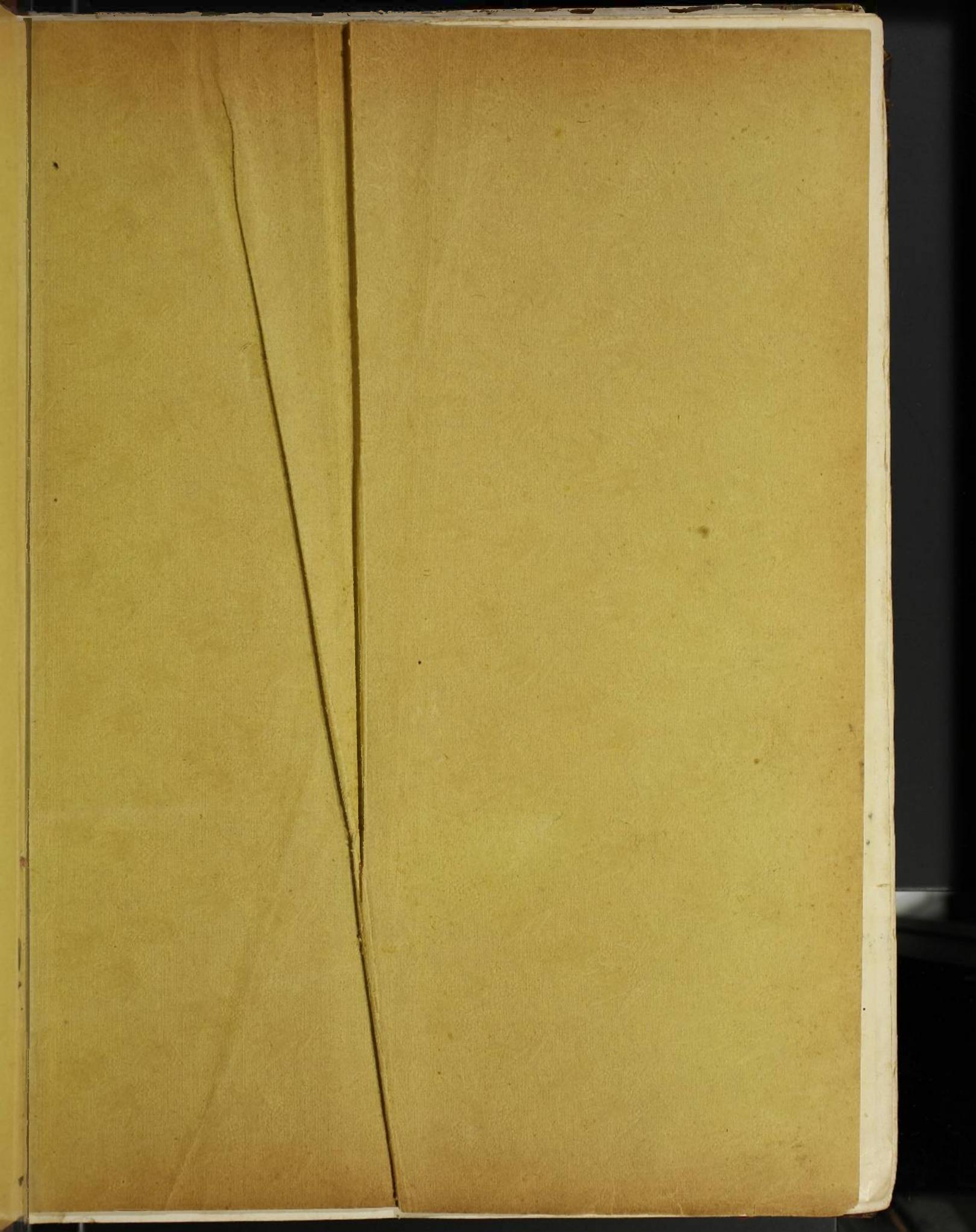
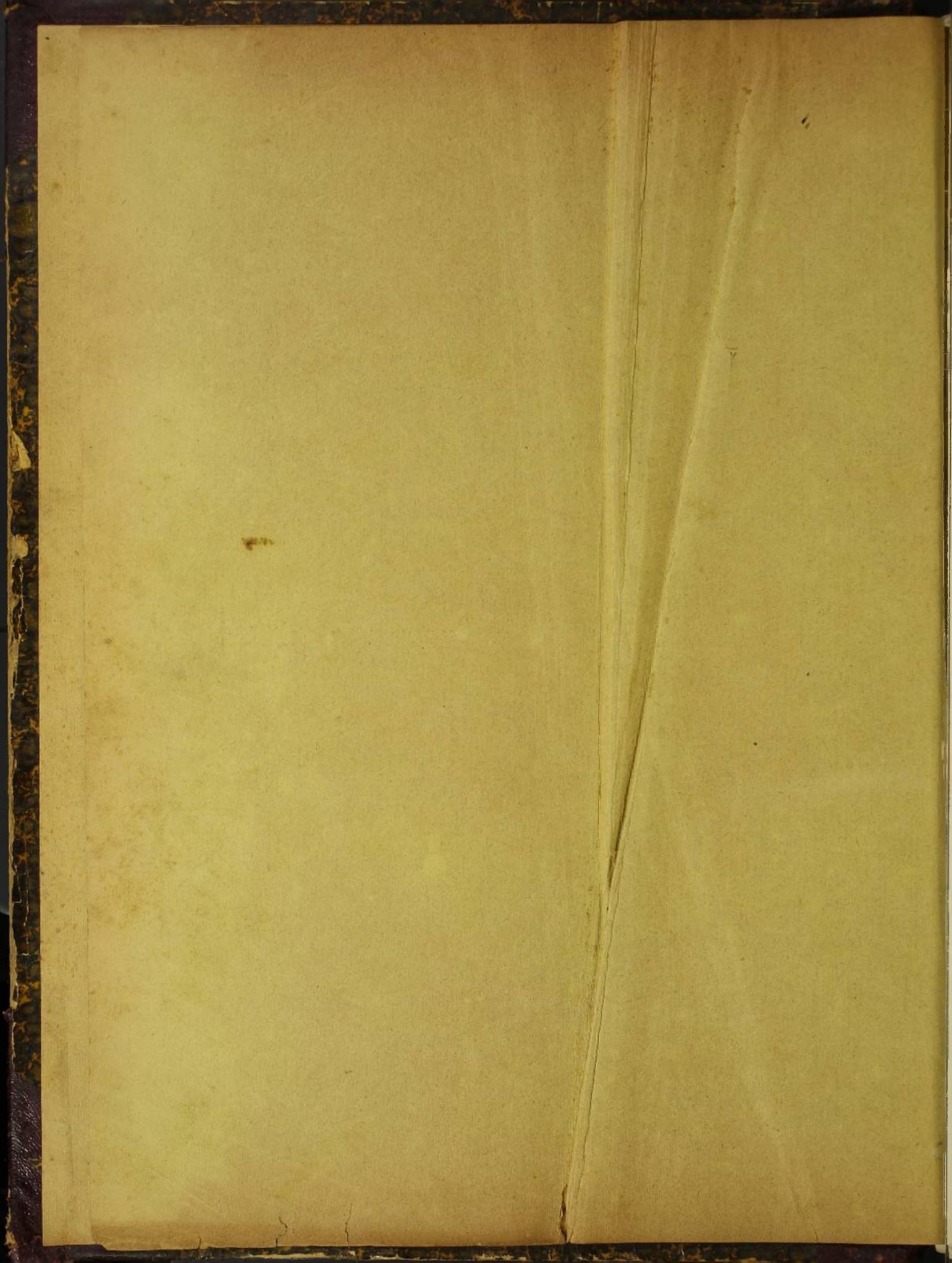


le ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin





ANNO I

S. PAULO, 5 de janeiro de 1906

NUM. 1

ALBUM IMPERIAL

QUINZENARIO POLITICO E LITERARIO

Director: Couto de Magalhães

Secretario: M. Bittencourt J.^o



D. JOÃO VI



MAURICIO DE NASSAU E D. JOÃO VI

(1637 — 1821)



A vinte e tres de janeiro de 1637 aportava ao Recife — com o posto de coronel, como governador geral da conquista, e do que fosse conquistado, por cinco annos, com a prerogativa de presidir, com duplo voto, o conselho da administração colonial, podendo nomear em campanha todos os empregados militares, mas só escolher, em lista triplice apresentada pelo conselho, os empregados em guarnição, com um medico, um pastor protestante e um secretario pagos pela Companhia, e ainda com o direito a dous por cento dos despojos tomados ao inimigo, seis mil florins para as primeiras despesas e mil e quinhentos florins de ordenado mensal—João Mauricio, conde de Nassau-Siegen, da familia de Guilherme, o Taciturno. Acompanhavam-no tres Grandes Conselheiros Secretos, e os Conselheiros Politicos, então no Brasil, tiveram ordem de auxiliar-o, formando com os primeiros o Conselho Colonial.

Que vinha demandar ao Novo Mundo esse moço de trinta e tres annos, bonito, robusto, artista, ex-alumno das Universidades de Herborn, Bâle e Genebra? Que vinha procurar noutro lado do Atlantico o joven militar que se notabilisára nas tomadas de Grol e Bois-le-Duc, no cerco de Maestrick e no victorioso ataque á fortaleza de Schenkenschans?

Mauricio vinha conquistar o Brasil inteiro, proclamar-lhe a independencia, nelle crear um throno e neste firmar uma dynastia reinante.

Conhecceis alguma dôr mais fundamente triste, algum desgosto mais perseverantemente afflictivo que a desillusão do genio? Quereis comprehender o tédio de Sulla abandonando o poder, ou a réplica melancolica de Socrates — *Já o estava pela natureza!* — quando o juiz lhe communicava a condemnação á morte? Pois bem: mirae esse moço, que tinha tudo no velho mundo: honras, glorias, conceito, fortuna, auctoridade, porvir mais que promissor, e que tudo deixou, porque mais queria, e que, após oito annos de esforços improficuos e intelligentes, contrariado pelo meio onde

intentára agir, esmigalhados os seus devaneios de poderio, se retirou da terra brasileira expellido pela natureza das cousas, recusou o posto em que a Companhia das Indias desejou reintegral-o, e lá em Cleves foi morrer esquecido de si e dos destruidos planos, velho, desilludido, sem jámais haver alcançado dos seus contemporaneos o reconhecimento dessa superioridade directora que lhe devia competir por titulos immensos!

Poucos como elle mereciam os louros e os encargos da fundação de uma nacionalidade. Nenhum mais do que elle despendeu vigores para a realisação de tão elevado empenho.

Chegou. Agiu. Luctou. De tudo cogitou sua aptidão encyclopedica. Na guerra, toma Porto-Calvo e Penedo; assola e toma Sergipe; devasta Camamu; apodera-se do Ceará; põe cerco á Bahia; faz frente a Vidal de Negreiros — o assombroso guerrilheiro cuja bravura só era excedida pela piedade que dispensava aos vencidos; curva-se a contragosto á infamia com que a Companhia manda desprezpear as tréguas pactuadas entre Portugal e Hollanda após a aclamação de D. João IV; invade o Maranhão; visita e fiscaliza o Brasil-Hollandez, dilatando-o por cerca de cento e sessenta leguas de costa.

Na politica: convoca, reune e preside uma assembléa deliberante (a primeira que funcionou em terra brasileira), composta, escreve o chronista, das pessoas mais nobres e graves da capitania, elegendo cada freguezia os seus deputados, dando quatro as maiorias e tres as minorias; cria e mantem tribunaes judicarios, cujas decisões não soffrem da ingerencia do executivo; permite aos adversarios, catholicos em sua quasi unanimidade, a publicidade e a ostentação do seu culto, e por tal fórma insiste nesse elogiavel aspecto do seu governo, que, para se não ausentar da colonia, além das instancias dos judeus que lhe offereciam pela permanencia quantiosas dadas, das proprias capitánias portuguezas partem representações protestando contra a sua retirada! Na administração: funda Mauricia, ligando-a ao Recife por ponte que ainda perdura; eleva o palacio de Boa-



N.º 1

*Maurice
de Nassau*

Vista... Mas é estupenda a explosão de actividade administrativa desse governador esclarecido, zeloso, cheio de iniciativa, e que faz chegar benefícios a todos os lugares entregues á sua tutela!

Distanciam-no de nós mais de dous seculos e meio, e o viajante medianamente illustrado que chega ao Recife é ainda hoje

obrigado a receber na admiração e no applauso o nome de Mauricio de Nassau!

Poucas cousas tanto o interessavam como os progressos da geographia, da astronomia e da historia natural. Os naturalistas Piso e Maregraf foram seus hospedes; o letrado Francisco Plante, o architecto Pedro Post e o pintor Francisco Post foram seus

protegidos. A sua custa, na ilha de Antonio Vaz, surgiu um observatorio astronomico. Tencionava estabelecer typographias e divulgar a imprensa. Trabalhou pela liberdade do commercio. Em relatorios, endereçados á Companhia e exuberantes de cogitações administrativas, estudou reformas, indicou melhoramentos, lembrando providencias que, praticadas, teriam retardado o advento da recolonisação portugueza no norte do Brasil.

Com tantos dotes, porém, com tantos e tão invejáveis elementos intellectuaes e com intenções tão grandiosas, o insuccesso foi o epilogo da sua carreira na America. Persistiam as guerrilhas: o Maranhão reagia com vantagem; o bahiano repellia o flamengo; a côrte lusitana tergiversava; a Companhia, queixosa da diminuição dos dividendos, ou taxando de exaggeradas as idéas de Mauricio, recusava-lhe reforços; o coronel Arciszewsky, polaco, o melhor cabo de guerra que os chetes invasores tiveram ás suas ordens, insuflado por essa inveja que aggride o merito vivo para aureolar-o depois de morto, aspirante talvez á successão do conde, impetrava e alcançava da Companhia attribuições pouco consentaneas aos privilegios do governador. Peior do que isso, e que jamais escaparia á perspicacia atiladissima de Mauricio de Nassau: a colonisação fracassára. O hollandez semi-germanico deixara de medrar em zona tropical. Decorridos tantos annos, as familias dos invasores não haviam augmentado; o crescimento, porém, continuava a se dar na sub-raça mestiça, collaborado outrossim pelo factor africano de que o dominio hollandez se abasteceu desde os primeiros dias da conquista.

Desalentado, triste, mas ainda altivo e com essa tranquillidade de consciencia que se arrima na certeza do dever cumprido, retirou-se do Brasil Mauricio de Nassau em 11 de maio de 1644. Essa retirada semejava uma marcha triumphal.

Numeroso cortejo acompanhou-o a Olinda, a Itamaracá, a Parahyba, testemunhando-lhe inequivocamente o vivo pesar da despedida. E enquanto o estrondo dos canhões e os ruidos das fanfarras, que executavam o *hymno nacional de Guilherme de Nassau*, lhe traduziam as derradeiras saudações militares, a população em massa accorria para dizer o ultimo adeus ao moço estadista que significava, na melancolia das

suas desillusões e na sobranceira da sua abdicção, o prestito funebre da tentativa hollandeza em terra americana!

Começava a ruina do edificio que Usse-linx imaginára. Mais uma vez a natureza das cousas demonstrava o acerto do velho Xenofonte: "*Só é bello o que é pratico; só é pratico o que é opportuno*... Não se coadunava ao desdobrar das leis, que regem o estabelecimento do homem nas varias regiões do globo, a creação de feitorias hollandezas no valle do Nilo brasileiro.

Nossa mesologia já era, sob multiplos aspectos, no seculo dezesete, mais consistente que a de Java actual, onde se tem dado a maior producção numerica do homem, mas onde até hoje o hollandez governa e não se adapta, manda e não se mescla, administra, porém nada funda.

Venceu, tinha fatalmente de vencer no Brasil o neo-portuguez. Incompatíveis o clima e o hollandez, não poude este deixar á nossa mestiçagem o legado sequer de nomes de familias! Nada, porém, se perde no tempo e no espaço. A eternidade da materia liga-se o aproveitamento das idéas — noções e percepções trazidas pelos sentidos e remodeladas pelo funcionamento cerebral. No individuo e na multidão, na biographia e na historia, é, na essencia, sempre a mesma marcha do phenomeno.

O grande sonhador Mauricio de Nassau era um producto humano muito acima do vulgar. Analysando-o, difficilimo é dizer quaes as qualidades que lhe falhavam. Seus projectos eram enormes. Admiraveis, os seus planos. Quem, porém, os poude retomar? quem os realisou, embora com outras modalidades, seculo e meio mais tarde? Original é external-o, mas aos mortos, mais do que aos vivos, pertence o direito á verdade.

Em 1808, no Rio de Janeiro, fugindo ao inimigo que lisongeiára, tentando-o enganar até a ultima hora, desembarcava um homem menos que alto, gordo, semi-obeso, olhar suino, queixo distendido e falar embaraçado.

Era D. João VI: João Burro, na indelicadeza acintosa dos mexericos da época. Vinha acovardado. Via francezes e maçons em toda parte. Carregava para a colonia todos os haveres que, no momento da partida, lhe haviam ficado ao alcance da mão. Pretendia ficar definitivamente no Brasil.



Para o seu medo o espectro do bonapartismo tinha, na Europa, a perennidade das molestias incuraveis.

Pois: de 7 de março de 1808 a 24 de abril de 1821, essa magestade que angariava a tolerancia pela commiserção que a sua fraqueza parecia requerer, esse rei fugitivo de um paiz invadido e decadente, manteve na cabeça a sua corôa, obrigando Napoleão Bonaparte a exclamar em Santa Helena: — "*Foi o unico que me enganou!*„

De feito: emigrando para o Brasil no pleno uso dos seus direitos magestáticos, impedindo que a corôa lusitana fosse parar á cabeça de algum dos ambiciosos generaes de Napoleão, o nosso velho rei mereceu do maior guerreiro do seculo XIX o reconhecimento do tino politico que essa amarga exclamação revelava! E — interes-

sante ligação de factos! — tres annos depois do desembarque de D. João VI na colonia que lhe ia dever tantos e tão assignalados serviços. Napoleão Bonaparte mandava restaurar em Cleves o monumento que devia perpetuar a memoria do grande Mauricio de Nassau. Certo, na intelligencia e na critica daquelle que fizera de uma revolução em Pernambuco, em começo do seculo, um dos incidentes dos seus planos de predominio, compareceram e approximaram-se, para estudo comparativo, os nomes, os meritos e os projectos do governador hollandez e do monarcha lusitano. O mausoléu vale a analyse do principe; a exclamação manifesta o perfil historico do rei. Bonaparte bem os soube comprehender.

D. João VI defendeu, sem concessões, sem arbitramentos, sem ludibrios galhofeiros, todos os limites territoraes, todas as fronteiras da nossa patria. Erigiu a defesa, então possivel, das mil e duzentas leguas do nosso littoral. Abriu os nossos portos ao commercio estrangeiro. Fundou a Escola Militar, a Escola de Marinha, a Escola de Cirurgia, a Escola de Bellas-Artes e o Museu. Creou o Desembargo do Paço, o

Conselho de Fazenda, a Junta do Commercio, o Arsenal de Guerra e a Fabrica de Polvora. Fez publica a sua bibliotheca particular. Elevou o Brasil á categoria de reino. Deu aos seus subditos o Passeio Publico e o Jardim Botânico. Cuidou da canalisação d'agua no Rio de Janeiro. Edificou quartéis. Installou o Banco do Brasil. Protegeu as letras. Ouviu Sampaio, admittiu S. Carlos, applaudiu e animou Mont'Alverne. Meticuloso, progressista sem espalhafato, mandava praticar em S. Paulo a vaccina obrigatoria, quando, ainda em Lisboa, eram repetidos e applaudidos, em escarneo á sciencia do nosso patricio Mello Franco, os versos, aliás engraçados, de um palhaço de batina

Os treze annos do seu governo no Brasil suppreem cincoenta de actividade util, de

administração legal, invejavel, criteriosa. Nunca condemnou sem processo regular, e só não indultou, quando não teve tempo para fazel-o. Divertido, esse despota que nunca exerceu o despotismo! Mais divertidos, todavia, os Minos caricatos que lhe lavra-

ram a sentença condemnatoria no tribunal da ignorancia, mas com consulta prévia do codigo da estupidez.

Primeira dedicação e terceira aptidão administrativa do nosso paiz, se não dispunha D. João VI da precisão mathematica do coronel Martim Francisco e da amplitude intellectual de Bernardo de Vasconcellos, não lhes era inferior em patriotismo, tendo tido sobre ambos a vantagem de, pela sua posição não reelegivel, poder consagrar-se exclusivamente ao bem-estar e aos interesses do povo.

Em 1644, maravilhadadas ainda da supremacia do gigante que se retirava, as multidoes delirantes iam saudar o conde Mauricio de Nassau, descrente e desembaraçado de suas destruidas phantasias. Mas em 1821 a consternação, que se apoderou do animo nacional, foi o acompanhamento unico que teve o velho rei ao embarcar

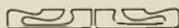
ASSIGNATURA DE D. JOÃO VI



nessa mesma galeota cuja restauração o phrenesi iconoclasta, por inesperado engano, ha pouco tempo permittiu.

Na gradação da sinceridade é mais ex-

pressiva a tristeza que emmudece que o delirio que vozeia.



D. JOÃO VI NO BRASIL

Lavoura, commercio e manufacturas



OR decreto de 21 de janeiro de 1808, referendado pelo Conde da Ponte, abriu os portos do Brasil;

A 11 de fevereiro, declara que todas as fazendas brancas, que se importassem para tingir, pintar, estampar ou bordar nas fabricas nacionaes, gosariam da restituição do direito de entrada, depois de estampadas; todas as manufacturas de fabricas que fossem despachadas, com destino a qualquer outro porto nacional ou estrangeiro, seriam isentas de todos os direitos de sahidas e entradas;

A 1.º de abril, revoga o alvará de 5 de janeiro de 1775, que prohibia a liberdade de profissão;

Por decreto de 12 de junho, é creado o logar de piloto pratico da barra do Rio de Janeiro;

A 23 de agosto, creou a real junta do commercio, agricultura, fabricas e navegação;

Faz estudar diversas estradas para o interior;

A 21 de janeiro de 1809, estabelece que os engenhos de todos os Estados gosem dos favores da lei de 22 de setembro de 1758, «só podendo ser executados os senhores de engenhos nos rendimentos dos mesmos e não na propriedade»;

A 28 de abril, decreta livre a entrada da materia prima para as manufacturas nacionaes;

Por decreto de 7 de agosto, estabelece premios ás pessoas que acclimatarem arvores de especaria da India e que introduzirem a cultura de outros vegetaes, ou indigenas, ou forasteiros, e isenta de recrutamento as pessoas que se occuparem dessas cousas;

Cria, a 7 de outubro, diversas villas, «para assim favorecer á lavoura e ao commercio»;

A 7 de novembro, estabelece premios aos que apresentarem plantas hydrographicas, com latitudes e longitudes dos portos;

Em 1810, isenta do pagamento de dizimos e quaesquer outros direitos de sahida e entrada nas Alfandegas, pelo prazo de dez annos, os introductores e cultivadores de pimenteiras da India e de quaesquer outras plantas de especaria; além disso, «gosarão dos premios, medalhas honorificas e privilegio de isenção do serviço miliciano e do recrutamento para a tropa de linha»;

A 4 de setembro de 1810, determina «que ninguém possa haver a cousa *vendida a prazo* e sim sómente o preço della, para deste modo evitar os embaraços ao commercio das propriedades, devendo entender-se que a concessão do espaço para o pagamento, sem outra convenção, não importa mais do que não poder pedir-se o preço antes de findar-se o prazo»;

A 6 de outubro declara que foram abolidos os direitos que pagavam os fios e tecidos de algodão, seda e lã, tanto de entrada como de sahida. Determina em 23 de outubro que os inspectores da lavoura serão triennaes e não annuaes;

A 4 de fevereiro de 1811, dizendo «que queria organisar um plano e systema *geral de commercio* que abraçasse todos os seus reinos e domínios, e considerando, por outra parte, que a POSIÇÃO GEOGRAPHICA DO BRASIL, é por si mesma a mais favoravel e apropriada para se constituir o emporio do commercio e entreposto entre a Europa e a Asia, concede livre o commercio e navegação directa dos mares da India, China, enseadas, rios, ilhas e portos, assim nacionaes como estrangeiros, e, abolindo todas as restricções que por muitos annos obstruíram os canaes da prosperidade, opu-

encia e poder, regula então o serviço das Alfandegas e dos depositos na cidade de Góia, que poderiam pertencer á fazenda real ou a particulares; os generos não poderiam ser conservados nesses depositos por mais de dous annos; os generos collocados nesses depositos gosariam de todas as garantias: mesmo em caso de guerra estrangeira, não poderiam soffrer sequestro, embargo ou represalia, antes ficariam de tal modo isentos, livres e seguros, como se cada um os tivesse em sua propria casa, para dispôr delles como julgar mais conveniente aos seus interesses »;

A 5 de junho decreta a liberdade de empréstimos a juros e prazos que convençassem as partes;

Toma providencias, a 24 de setembro, acerca do trafego dos escravos, acautelando a saude dos mesmos e obrigando ao mais humanitario tratamento a bordo;

A 21 de abril de 1811, declara livres de decima por dez annos, sendo casas terreas e de vinte, sendo sobrados, as casas construidas em terras, nessa data pantanosas, da Cidade Nova;

Em 1812, a 25 de janeiro, « para auxiliar os industriaes, cria um laboratorio chimico pratico »;

A 9 de dezembro de 1814, cria uma cadeira de agricultura, « para assim espalhar bons principios de agricultura »;

Manda ouvir em 1816, para a boa *conveniencia dos negocios publicos*, « pessoas que possam esclarecer e discutir esses assumptos »;

Em resolução de 16 de fevereiro de 1818, approva o parecer em que procurava discutir a questão de bens moveis e immoveis, e diz — que o imposto de transmissão não recae sobre as rendas dos capitães e sim sobre elles mesmos, reduzindo-os a um decimo pelo menos de seu valor »;

A 6 de maio, compra a fazenda do Morro Queimado, para fazer uma colonia de suíços e denominára Nova Friburgo;

Mais tarde estabelece colonias no Jequitinhonha, trata do povoamento e navegação do rio Doce, concede favores ás pessoas que lá forem residir, trata do aldeamento e povoamento de Guarapuava e Curytiba e toma em consideração as reclamações dos habitantes do interior, fazendo abrir diversas estradas peio sertão, para facilitar a exportação de productos.

Sciencias, letras e artes

A 4 de dezembro de 1810, cria a Academia Real Militar;

A 5 de maio de 1808, é estabelecida na hospedaria dos Benedictinos a Real Academia dos Guardas-Marinhas;

A 13 de maio, cria a Imprensa Régia;

A 5 de novembro, cria uma Escola de Medicina, e no anno seguinte, o logar de provedor-mór da Saúde Publica;

Estabelece diversas escolas de primeiras letras em diferentes pontos do paiz e, pela lei de 27 de outubro de 1813, amplia o direito de aposentadoria dos professores;

Cria o Archivo Militar;

A 12 de agosto de 1816, cria uma Escola Real de Sciencias, Artes e Officios;

Mandou construir diversos edificios para as repartições publicas, melhorou o abastecimento de agua da capital, prohibiu o córte de madeira a cavalleiro dos mananciaes que abasteciam a cidade e tomou outras providencias que muito melhoraram a cidade do Rio de Janeiro;

A 16 de dezembro de 1815, elevou o Brasil a Reino Unido, tendo sido o respectivo decreto publicado no dia seguinte.

Portugal revolucionára-se e em 21 de fevereiro de 1821 D. João publica o manifesto em que declara que mandaria D. Pedro negociar com as Côrtes relativamente aos acontecimentos. Mas no Rio de Janeiro as tropas portuguezas, revolucionando-se e intimidando os brasileiros, fizeram com que D. Pedro viesse ao Rocio e ali declarasse que D. João entendia que convinha que o Brasil, Madeira e Açores mandassem procuradores que pudessem propôr modificações ao projecto de Constituição e que se devia nomear logo uma comissão que elegeisse o projectado Congresso brasileiro. A tropa não accitou as indicações e pediu que se nomeassem novos ministros. D. Pedro voltou a S. Christovam e trouxe o decreto approvando a Constituição que *se estava fazendo* em Portugal.

A primeira idéa de D. João foi enviar D. Pedro a Portugal, ficando elle no Brasil. Mas o *partido portuguez*, apoiado pela tropa, que era dirigida pelo general Avilez, membro desse partido, oppoz-se tenazmente a isso.

Pelo decreto de 7 de março, D. João VI declarou que seguiria para Portugal, dei-

xando D. Pedro como Regente, até que se organisasse o governo do Brasil. O commercio fez uma representação contra essa resolução de D. João e a 21 de abril ha os conflictos da Praça do Commercio, provocados pela tropa portugueza.

A 22 de abril, o Rei encarrega D. Pedro do governo do Brasil, deixando instrucções para esse fim, e dizendo nellas « que podera fazer guerra offensiva e defensiva contra *qualquer* inimigo do Brasil ». Com data de 23 de abril, D. João proclama aos brasileiros, escrevendo que encarregava seu filho « da regencia *com amplos* poderes e instrucções sufficientes, capazes de produzir e promover o bem e a felicidade geral, correspondente *aos fins* por que elevou a categoria politica em que se acha ».

Referia-se ao pé de egualdade com Portugal, em que o paiz estava elevado pelo titulo de *Reino Unido*, e que o projecto de Constituição portugueza pretendia rebaixar, transformando-o em mera colonia. Para testemunhar o grande amor que o Rei tinha por esta terra, não é preciso mais nada, se não essas palavras, que traduziam o seu pensamento, consciente de dar regalias ao Brasil, e indicaram, precisamente, o direito de resistencia no caso de Portugal manter o desejo de rebaixal-o. Foi o que succedeu, ficando á frente do movimento o então Principe Regente, mais tarde Pedro I.

Em 25 de abril de 1821, embarcava para Portugal e, ao despedir-se de seu filho, aconselha-o a que, no caso do Brasil querer promover a sua independencia, elle se colloque á testa do movimento. A esquadra que devia leval-o a Portugal levantou ferro na manhã de 26 de abril.

Dr. João VI tinha promovido a nossa prosperidade, creando ao Brasil uma situação tal, que a independencia era o unico meio de manter a sua obra: — *a criação de novo Imperio*.

Se D. João não tivesse, assim que aportou ao Brasil, pensado em fazer com que o nosso paiz pudesse desenvolver as suas riquezas e não quizesse, com o seu auxilio, concorrer para isso, é evidente que, ao envez de promover, por meio de uma sabia legislação, a nossa prosperidade, lançaria mão unicamente do que fosse preciso para a sua commodidade pessoal, e, feita a pacificação de Portugal, regressaria apressadamente. Mesmo porque o governo inglez

diversas vezes procurou convencer-o das vantagens de sua volta para Portugal, tendo até, em 1816, mandado á disposição de El-Rei uma esquadra para transportal-o, a pretexto de estar em máu estado a marinha portugueza.

E até hoje a nação brasileira não elevou a esse grande benemerito um monumento, que o mostre como o seu verdadeiro fundador; e os Brasileiros, que deviam comemorar os seus feitos, procuram sempre amesquinhar o seu valor. Mas a HISTORIA ha de resistir á ingratição, ou á incapacidade dos que, por falta de independencia ou por estreiteza intellectual, não podem ou não sabem externar os sentimentos nobres das almas grandes.

ANDRÉ WERNECK

Villa de Santa Thereza, Estado do Rio



D. JOÃO VI

D. JOÃO (VI) era naturalmente bom, religioso e justo. «O principe regente, escreve o inglez Luccock, tem sido muitas vezes taxado de apathico; a mim me pareceu possuir elle muito mais sentimento e energia de character do que ordinariamente lhe attribuem amigos e inimigos. Viu-se collocado em circumstancias singulares e de prova, e submetteu-se com paciencia; mas, nos momentos criticos, soube obrar com vigor e promptidão». A historia de Portugal lhe chama por antonomasia o Clemente; e o carinho e delicadeza com que se occupou da augusta mãe enérma, e o não querer cingir a corôa real, pelo aliás facil meio de uma abdicación que podia insinuar, nos evidencia como foi bom filho.

De seu espirito de justiça e rectidão temos exemplos patentes no modo como recompensou tantos dos seus bons servidores, e nós pessoalmente recolhemos outros dos papeis originaes de muitos expedientes de negocios desse tempo no Brasil, que vimos, e em cujas margens encontrâmos, de sua propria letra, notas sufficientes para comprovar que o principe tinha no coração gravado o sentimento de que a verdadeira missão dos reis é observar e fazer observar a lei e administrar justiça á grei.

VISCONDE DE PORTO SEGURO

ANNO I

S. PAULO, 20 de janeiro de 1906

NUM. 2

ALBUM IMPERIAL

QUINZENARIO POLITICO E LITERARIO

Director: Couto de Magalhães

Secretario: M. Bittencourt J.^{or}



D. PEDRO I

D. PEDRO I



12 de outubro de 1798, nasceu em Lisboa, no Real Paço de Queluz, o Príncipe D. Pedro de Alcântara Bragança e Bourbon, segundo filho varão do Príncipe D. João de Portugal e da Infanta hespanhola D. Carlota Joaquina de Bourbon, filha do rei Carlos IV. A Corôa de Portugal pertencia nominalmente à Rainha D. Maria I, cujas faculdades mentaes se perturbaram depois da perda de seu esposo D. Pedro III.

Em 1799, o Sr. D. João assumiu as rédeas do governo de Portugal; e por morte do Sr. D. Antonio, a 11 de junho de 1801, tornou-se D. Pedro herdeiro presumptivo da Corôa, com o titulo de Príncipe da Beira.

Logo que teve uso de razão, trataram seus paes de sua educação, entregando-o aos cuidados de José Monteiro da Rocha, uma das grandes notabilidades de Coimbra naquella época, que, com differentes mestres, que o coadjuvaram, fez comprehender ao seu discipulo differentes linguas, humanidades, direito publico, natural e das gentes, etc.. habil preceptor que pela sua morte legou ao seu alumno a sua bella e preciosa livraria. (1)

A educação do joven Príncipe da Beira viu-se subitamente interrompida pela trasladação da Corte Portuguesa para o Brasil, facto verdadeiramente providencial, que assignaia uma das datas mais memoraveis da Historia da America. — O herôe de Marengo e Austerlitz transpuzera os Pyreus, querendo dar ao seu irmão José o throno dessa terra vulcanica que jamais soffreu resignada o dominio do conquistador. Artigos secretos do Tratado de Tilsitt regulavam a partilha do velho mundo entre Napoleão e Alexandre; e a clausula 2.^a estabelecia que « a dynastia dos Bourbons, em Hespanha, e da familia de Bragança, em Portugal, deixará de existir; um principe de sangue da familia de Bonaparte será investido com a corôa daquelles reinos ». Obedecesse ou não ao vencedor, a D. João VI estava reservada a sorte de Carlos IV: a unica medida de salvação era, não a fuga, sim a retirada do continente: a Côte emigrou; e dest'arte mallogrou os planos de Napoleão, cuja ruina foi cavada pela guerra peninsular. O dia 29 de novembro de 1807 abriu uma nova era á Historia do Brasil e do mundo. — O que foi o Reinado de D. João VI na America, disse-o com a sua peculiar eloquencia e singular erudição o Dr. Martim Francisco Ribeiro de Andrada, cujo nome evoca as homericas tradições do Resurgimento Nacional.

De 1808 a 1820, isto é, dos dez aos vinte annos de idade, D. Pedro manifestou grandes qualidades que por falta de esmerada direcção se desenvolveram com os seus defeitos correspondentes: era dotado de notavel talento, de imaginação viva e de genio ardente. Não teve mentor que lhe mostrasse a vida pelo seu laço real e pratico e que o aconselhasse a conter a impetuosidade do animo. Era franco e generoso, enérgico e corajoso, leal e dedicado aos que eram ou se diziam seus amigos. Os paes e o cêsmaçelo dos mi-

(1) Basilio José Chaves, *Esboço Hist. da vida de D. Pedro IV.*

nistros deixaram o Príncipe D. Pedro cegamente confiado á sua propria natureza, e foi elle que por gosto e entretenimento cuidou da acanhada instrução litteraria que teve, e cultivou a musica. Fóra disso, naturalmente inclinado ás armas, amava o exercito, ostentando desde muito cedo admirado garbo militar, e era habilissimo na arte hippica, cavalleiro muito dextro e capaz de dirigir um carro puchado a quatro ou seis animaes, com a força e com a galhardia dos laureados nos antigos jogos olympicos. (2)

D. Pedro casou-se em 1818 com a Archiduqueza da Austria D. Maria Leopoldina, filha do Imperador e Rei Francisco I e irmã da Archiduqueza Maria-Luiza, que em 1810 devia desposar o poderosissimo Monarcha Francez, então no apogeu de sua gloria.

Com a quêda do colosso napoleonico, a Europa respirou. Sellando o tumulo da Liberdade em Waterloo, a Santa Alliança tornou-se o carcereiro da Europa: D. João podia voltar a Portugal, mas deixou-se ficar no Brasil. A attracção exercida pelo minusculo Reino era d'or'avante bem fraca. A Colonia tornára-se mais importante que a Metropole. Acossado pela ineluctavel necessidade, o Príncipe Regente tinha realisado o plano que germinava já no seculo XVII no espirito d'El-Rei João IV; projecto que o ministro D. Luiz da Cunha afagára em 1736 e que fóra um dos principaes objectivos de Pombal em 1761: transportar para afém do Atlantico a séde official do governo portuguez. Ha quem affirme, baseado em boas fontes, que o famigerado Marquez nutria um plano mais grandioso, um projecto gigantesco: não só trocar com a Hespanha o Portugal, recebendo toda a porção hespanhola da America Meridional, como transportar a nação portugueza em massa para o Brasil. Formar-se-ia no continente europeu um Imperio, constituindo-se outro de extraordinaria grandeza no Novo Mundo, collocado todo debaixo do sceptro da Casa de Bragança. Era o Exodo de Portugal, sem equal na Historia senão na celebre Retirada dos Hebreus do Egypto. (3)

E que paiz este para uma nova civilisação e para novo assento da sciencia! exclamava José Bonifacio na Academia Real das Sciencias de Lisboa. Que terra para um grande e vasto imperio!... Seu assento central quasi no meio do globo; defronte e á porta com a Africa, que deve senhorear, com a Asia á direita, e com a Europa á esquerda, qual outra nação se lhe póde egualar? » (4)

Sacudindo o jugo da Santa Alliança e a tutela ingleza, manchada pelo sangue de Gomes Freire e de seus companheiros justificados por Beresford no « Campo dos Martyres da Patria », Portugal revolucionou-se em 1820. As fogueiras do Campo de Sant'Anna e de

(2) J. M. do Macedo, *D. Pedro de Alcântara Bourbon*. Gabriel de Azambuja teve grandes elogios á « piedade » da Princesa D. Carlota Joaquina e diz que a influencia materna não parece haver sido preponderante sobre o Príncipe, que aliás manifestava felizes disposições e um genio enérgico, sua actividade era notavel. Aprendia com facilidade as linguas, interessava-se pela poesia, apaixonava-se pela musica, sobresahia excellentemente na gymnastica e occupava-se até de arte manual. Era a moda na alta sociedade, pelos fins do seculo XVIII: o desventurado Luiz XVI, como sabem, tinha adquirido, na serralleria e na relojaria, um talento verdadeiro.

(3) *Heracles Florence*, 3.^a parte, cap. VI.

(4) Latino Coelho, *Elogio Hist. de José Bonifacio*.

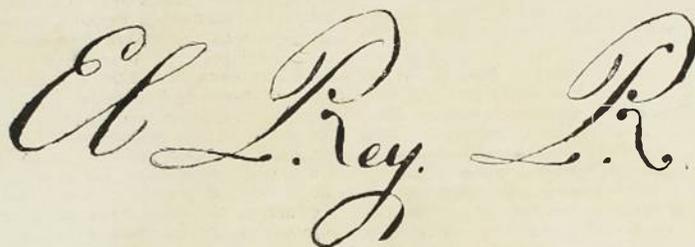
S. Julião da Barra apressaram a revolução que Gomes Freire planeára. Victoriôsa a causa do Constitucionalismo. D. João VI reluctou em deixar o Brasil, ao qual se affeioára e cujo progresso moral e material fomentára com uma actividade que faz a admiração da Historia. Contemporisou. O Liberalismo estava em effervescencia. Ao passo que o Mexico e o Perú se revoltam contra a Hespanha, irá Portugal, por um phenomeno contrario, revoltar-se contra o Brasil? (5) E' neste momento que o Principe D. Pedro começa a entrar na vida politica.

Deante do appello imperioso da Metropole, D. João VI imaginára uma primeira combinação: mandar seu filho para Lisbôa (Decreto de 18 de feveiro de 1821), onde as Côrtes Constituintes iam gestar uma Constituição adaptavel a ambos os paizes. Entretanto, os acontecimentos se precipitaram: o povo fraternisou com a tropa portugueza da guarnição da capital, 25 de feveiro, coagindo o Rei a adherir previamente à Constituição por elaborar. O Principe D. Pedro prestou, com a Familia Real, juramento de fidelidade á futura Obra Constitucional. O morticínio dos celticos parochiaes no edificio da nova praça do Commercio a 20 de abril de 1821, succedendo ao Decreto de 7 de março, annunciando a sua volta para Lisbôa e deixando o Reino do Brasil a cargo do Principe D. Pedro, apressou a partida de D. João VI, que se fez

com habilidade e moderação, no empenho de manter o Brasil unido a Portugal: procurou, de balde embora, destruir a rivalidade que já separava os Brasileiros dos Portuguezes. (7) Mas, *quos cult perdere Deus dementat prius*.

As Côrtes de 1821, escreve auctorizado e insuspeito republicano de além-mar, contradictorias com o principio da soberania nacional, que era a unica origem de seu poder, e o lemma da sua bandeira, obstinaram-se em considerar o Brasil como colonia, á qual haveria de applicar-se o governo proconsular, que a Metropole tinha sempre seguido por systema na gerencia e administração de suas possessões ultra-marinhas. (8) Decretaram que o Brasil não tivesse unidade politica. Repartiram o seu vastissimo territorio em provincias, a cada uma das quaes propuzeram como governador um general, sujeito immediatamente ao governo da Metropole. Extinguiram os tribunaes que já possuia e, offendendo e ameaçando os deputados brasileiros em Lisbôa, que com tanta valentia e soberbo patriotismo defendiam os direitos da terra natal, cimentaram a união de D. Pedro e do Brasil. Nenhum paiz, que sequer avaliasse em preço minimo a sua dignidade, poderia aceitar humildemente as ignominiosas condições, que então lhe impunha o parlamento de Lisbôa.

A chegada do Decreto abolindo os Tribunaes mais



Assignatura de D. Pedro I na Carta Constitucional

de vela para a Metropole na tarde de 24 de abril. Se todo o odioso da barbaridade de 21 não recahe em absoluto sobre a divisão portugueza, não resta duvida que o Rei, que tanto amava o Brasil, foi completamente estranho áquelle desastre. Partiu, derramando lagrimas sinceras. De resto, o velho Monarcha não guardava illusões sobre o futuro do Brasil: e dous dias antes de deixar a America, disse ao Filho: « Pedro, se o Brasil se separar, antes seja para ti, que me has de respeitar, do que para algum desses aventureiros ».

Em uma de suas Cartas da collecção publicada, D. Pedro, escrevendo a seu pae em 19 de junho de 1822, e explicando a sua adhesão á Independencia do Brasil, de cuja revolução se tornára chefe, appella para sua memoria, recordando-lhe o conselho e até o logar, o quarto onde o recebera. (6) — Embora a Razão de Estado desconheça os mais sagrados sentimentos de familia e os laços mais estreitos de solidariedade humana, D. Pedro Principe Regente do Brasil e nelle logar-tenente do Rei foi leal a seu Monarcha e Pae: procedeu como herdeiro presumptivo da Corôa e como futuro rei de Portugal, Brasil e Algarves e não como pretendente a um novo throno na America. Houve-se

importantes que D. João VI havia creado no Rio de Janeiro, e de outro mandando retirar o Principe D. Pedro, que deveria seguir para a Europa, afim de viajar por diversas côrtes e alli aprimorar a sua educação, fez transbordar a medida. O Principe declarou-se disposto a obedecer. A indignação patriótica propagou-se do Rio de Janeiro pelas provincias de Minas e S. Paulo, e as representações populares, por seus orgams mais genuinos, arrastaram a celebre jornada de 9 de janeiro de 1822. O *Fico* foi uma verdadeira revolução brasileira. Nesse dia, resistindo aos Decretos das Côrtes Constituintes e ás ordens emanadas do governo da Mãe-Patria, D. Pedro rompia com a Metropole e identificava a sua causa com a do Brasil. Era o prologo da Independencia. (9)

Com o comprehenderam as tropas portuguezas. Jorge de Avilez foi forçado a capitular: a esquadra portugueza, que devia conduzir o Principe, retrocedeu sem demora. A viagem triumphal de D. Pedro á

(7) Macedo, obr. cit.

(8) Latino Coelho, cit. *Elog.*

(9) ... Estava reservada a Vossa Magestade destruir as intrigas e perfidias dos nossos encunçados inimigos, tanto internos como externos; e crear com a palavra — Eu Fico — um novo Imperio; tirar as luzes das trevas, a ordem do caos, e a força e a energia, da irresolução do egoismo individual. — José Bonifácio, Fala a S. M. o Imperador a 2 de maio de 1823.

(5) Gabriel d'Azambuja, *Les Contemporains*, D. Pedro I.
(6) Correspondencia particular de D. Pedro com seu Pae, publicada no *Diario das Côrtes de Lisbôa*.

provincia de Minas suffocou as discordias nascentes naquella terra altaneira. Já desde 16 de janeiro José Bonifácio era Ministro, e pouco depois convocava um Conselho dos Procuradores das Províncias. O governo portuguez começou a organizar a resistencia. A 13 de maio, como resposta á attitudo aggressiva da Metropole, a Camara Municipal do Rio de Janeiro offereceu ao Príncipe, que o accoitou, o titulo e encargo de — *Defensor Perpetuo do Brasil* — para elle e seus successores. No dia 2 de junho, installou D. Pedro em pessoa o Conselho dos Procuradores e no dia 3 promulgou um Decreto convocando uma Assembléa Legislativa e Constituinte para o Reino do Brasil.

O Decreto de 1.º de agosto é o rompimento das hostilidades com o exercito lusitano; pede aos Brasileiros que se unam para a grande obra da sua Independencia. A 6 de agosto, fala ao mundo como Defensor Perpetuo da nova Nacionalidade, expondo aos governos e nações amigas a marcha dos acontecimentos e a situação do Brasil. Ao mesmo tempo, o general Pedro Labatut parte com uma expedição para a Bahia, a unir-se aos patriotas e bater as tropas do general Madeira.

Corria o anno de 1822, quando o Príncipe Regente D. Pedro, accedendo ao conselho de seus Ministros, deliberou vir a esta capital, para restabelecer a ordem publica perturbada pelos movimentos sediciosos de 23 de maio e 19 de julho, deixando a Princeza Real presidindo os Conselhos d'Estado e de Ministros.

Trazendo comsigo, por seu Ministro itinerante, Luiz de Saldanha da Gama, depois Marquez de Taubaté, a sua Guarda d'Honra e dous criados de sua casa, partiu da Côrte no dia 14 de agosto; chegou á Freguezia da Penha de França, legua e meia distante da cidade, a 24 do mesmo mez, e dahi expediou um Decreto dissolvendo o Governo Provisorio e ordenando que sahisse da capital os principaes auctores da sedição. Fez no dia seguinte sua entrada solemne, que foi esplendida: o povo, formando alas, desde a Penha até á cidade, o recebeu com grande applauso e contentamento.

A sua estada na capital foi assignalada com varios actos administrativos: além de outras providencias, a bem da ordem publica, chamou á guarnição da capital os milicianos de Ytú e Sorocaba, que, por seu patriotismo na emergencia de 23 de maio, inspiravam plena confiança.

Restabelecida a ordem, encarregando do expediente ao Ministro, no dia 5 de setembro, dirigiu-se á praça de Santos, para examinar as fortificações, vêr a casa em que nascera o Patriarcha José Bonifacio de Andrada e Silva e conhecer as outras pessoas dessa illustre familia. Demorou-se alli um só dia e voltou á capital na madrugada de 7 de setembro.

No lugar denominado — Meninos — ordenou que sua Guarda o procedesse e o esperasse ás portas da cidade, deixando apenas comsigo os cidadãos Joaquim Maria da Gama Freitas Berquó, João Carlota, João de Carvalho e Francisco Gomes da Silva. A Guarda, cumprindo as ordens recebidas, segue e faz alto ás margens do Ypiranga, em uma casa pequena, situada ao lado esquerdo do correio, propriedade do alleres Joaquim Antonio Mariano.

No mesmo dia (7 de setembro) chegaram á capital o major Antonio Ramos Cordeiro, Guarda d'Honra, e Paulo Bregaro, official da Secretaria do Supremo Tribunal Militar, trazendo ao Príncipe novas da Côrte; e, sendo informados de que Sua Alteza estava em Santos, partem sem demora. Nas margens do Ypiran-

ga, sabendo que a Guarda d'Honra o espera a todo momento, seguem a toda brida para encontral-o. Pouco terreno haviam ganho, assoma o Príncipe ao alto da collina do Ypiranga. Vendo elle um facto tão extraordinario, pára e espera o exito.

Approximaram-se os mensageiros (eram 4 horas da tarde) e, mal se apeiam, beijam reverentes a dextra ao Príncipe; entregam-lhe uma carta da Serenissima Princeza e um officio de José Bonifacio. A carta e o officio contém um aviso dos Decretos tyrannicos das Côrtes Portuguezas, chamando o Príncipe a Portugal para viajar incognito e declarando nullas as visitas e medidas por elle tomadas no Governo do Brasil. Comprehendeu o Príncipe o alcance destes Decretos e exclamou: « Não cessam de cavar a nossa ruina! » Então desembainha a espada e segue a todo galope com direcção a sua Guarda d'Honra e mais pessoas de sua comitiva, que adeante o esperavam, proclamando resolutamente — *Independencia ou morte!*

Em breve a sentinella o avista e brada: ás armas! Enquanto apressados correm os Guardas a seus postos, suspende o corcel e assim lhes fala: « Camaradas! as Côrtes de Portugal querem mesmo escravizar o Brasil; cumpre declarar já a sua Independencia... Laços fóra! » Todos arrancam o laço portuguez que trazem ao braço esquerdo, e muitos Guardas o dilaceraram a fio d'espada. Continuou D. Pedro: « D'ora avante teremos todos outro laço de fitas verdes e amarellas; e estas serão as côres brasileiras ». A Guarda d'Honra se pôe ao largo, debaixo de forma, e o Príncipe, elevando a espada, proclamou solememente: *Independencia ou morte!* A Guarda toda repete entusiasticamente por longo tempo as palavras do Príncipe: palavras sublimos que elevaram o Brasil á categoria de Nação livre e independente, e o Príncipe á gloria de ser o fundador de um vasto Imperio e de uma nova Dynastia. Sem mais detença dirige-se o Príncipe á capital.

Pela estrada e ruas da cidade que passavam, vieram todos com o mesmo entusiasmo, repetindo incessantemente, em altas vozes — *Independencia ou morte!* — Ao chegar o Príncipe á capital, espalha-se com a velocidade de um raio a noticia de tão extraordinario acontecimento.

A' noite illumina-se espontaneamente a cidade toda; e o povo, com alegria nunca vista, percorre as ruas levantando estrondosos vivas á liberdade da patria e a seu libertador.

Para melhor manifestar-se o jubilo publico, a Companhia Zacheli annuncia abrir o theatro e repetir *O Convidado de Pedra*. Foi extraordinario o concurso de espectadores Brasileiros e Portuguezes, querendo todos com o Príncipe tomar parte na primeira festa da Independencia.

Em um dos camarotes do theatro (o de n. 11), estava reunida essa mocidade talentosa, cheia de vida e de patriotismo, que, attrahida pelas esperanças do futuro, seguia as inspirações dos Andradas; e ahi elaborava a idéa que depois se revelou. Era grande a anciedade por vêr o Príncipe, quando elle, em grande gala, mostrá-se á frente do camarote do governo com seus gloriosos companheiros do Ypiranga, e já todos trazendo ao braço esquerdo o laço nacional. Causou a presença do Príncipe os mais vivos transportes de contentamento e alegria. O Brigadeiro Martiniano, o Dr. Chichorro, secretario, e o Capitão Thomaz d'Aquino e Castro repetem poesias, sob o motte — *Independencia ou morte!* —

O Padre Ildelfonso Xavier Ferreira, por unanime accôrdo, tomando na platéa uma posição conveniente a

ser bem ouvido, proclama por tres vezes em alta voz e bem intelligivel - Viva o Primeiro Rei do Brasil ! — O Principe fez signal de acqiescencia e o povo applaudiu-o com estrondo, repetindo o mesmo viva durante todo o espectáculo da noite. A todo o instante, um côro unisono publico esse estribilho do hymno portuguez, tão admiravelmente aproveitado á occasião, como a traducção fiel do brado levantado no Ypiranga :

Por Vós, pela Patria,
O sangue daremos ;
Por gloria só temos :
Viver ou morrer.

Após uma proclamação vibrante aos Paulistas, publicada no dia 8, e dadas outras providencias indispensaveis á ordem publica, retirou-se o Principe para a Côrte na madrugada de 10 de setembro.

Esta foi a scena do Ypiranga, em cuja singela narração acompanhamos o mais fiel dos seus annalistas, o Conselheiro Joaquim Ignacio Ramalho.

A 12 de outubro, anniversario do seu nascimento, foi D. Pedro no Rio de Janeiro solemnemente proclamado — *Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil*, — em presença de um immenso concurso de povo, de tropa, da Côrte e das autoridades publicas reunidas no Campo de Sant'Anna. Desde as victorias de Napoleão, o titulo de Imperador fascinava o mundo. Outra reservado unicamente ao Soberano da Allemânia, herdeiro official de Carlos Magno e dos Cesares romanos, ia este titulo, no correr do seculo XIX, servir, ora a traduzir o poder dos soberanos orientaes, ora a qualificar os ensaios de novas Monarchias. E' esta qualificação que o Brasil escolheu para seu Principe: devia assim, por um espectáculo estranho, inaugurar na America o principio monarchico, no mesmo momento em que todo este continente se convertia á forma republicana. (10) — O patriotismo dos grandes homens que coadjuvaram D. Pedro na Obra da Independencia e do Imperio, estabelecendo a forma monarchica no Brasil e sem se deixar seduzir pelas miragens da Democracia pura, garantiu a Integridade do colosso sul-americano e salvou uma Nacionalidade. Honra eterna á sua memoria !

Finalmente, no dia 1.^o de dezembro, houve a cerimonia da Coroação. « e desde esse momento legitimou-se a Dynastia de Bragança no sólio do Brasil ; a Independencia foi irrevogavel ». (11)

No dia 3 de maio de 1823, D. Pedro I installou solemnemente a Assembléa Geral Legislativa Constituinte, lendo a primeira Fala do Throno, peça magnifica de eloquencia patriótica, destinada a figurar nos Actos do Parlamento Brasileiro como um de seus documentos mais nobres e um dos mais luminosos atestados da sabedoria daquella varonil geração de Parlamentares, Tribunos, Estadistas, Jornalistas, Diplomatas, Philosophos. Infelizmente, a Assembléa Constituinte, onde imperavam as theorias exaltadas de uma minoria arcbatada e talentosa, não correspondeu ás esperanças da Nação nem do Imperador.

A commissão de Constituição apresentou, pelo organ de seu relator, o grande tribuno Antonio Carlos, o Demosthenes Brasileiro, o projecto do Pacto fundamental, cujas disposições eram, em sua maioria, inacceptaveis, por perigosas e francamente demagogicas. A' opposição dos Andradas e aos ataques violentos de sua imprensa (12) D. Pedro I respondeu pelo De-

creto de 12 de novembro, dissolvendo a Constituinte. Esta medida impunha-se ao criterio do governo e ao patriotismo do Imperador, como de Salvação publica. Teve como corollario a deportação dos tres irmãos Andradas e mais tres deputados. Em 1822, Nobrega e José Clemente haviam sido deportados e Ledo obrigado a fugir para Buenos-Aires; e dissolvido o Grande-Oriente Maçonico: era o reverso da medalha.

Ao passo que todas as provincias do Sul do Imperio applaudiam o acto da dissolução da Constituinte e congratulavam-se com o Imperador por esta medida salvadora, o Norte, que menos soffrego se mostrara na causa da Independencia, recebeu-a na ponta das lanças. (13).

« Foi nas provincias do Sul onde se estabeleceu o grande campo para as evoluções da Independencia; seus homens politicos foram os batedores desse movimento sagrado; D. Pedro era pessoalmente conhecido pelo seu caracter leal, pela sua generosidade e pela dedicacão com que havia abraçado a causa dos Brasileiros; seu comportamento, pois, relativamente á dissolução daquella Assembléa foi encarado por um prisma todo favoravel ás suas rectas intenções e suas promessas de que promulgaria uma Constituição vassada nos moldes do mais sensato liberalismo, porém sem desconianças e piamente cridas ». (14)

Poucos dias depois da dissolução, foi creado um Conselho de Estado, composto de dez membros, e a estes entregue a redacção da Constituição. O Conselho encetou logo os seus trabalhos, sob a presidencia do Imperador.

A revolta pernambucana, conhecida pela *Confederação do Equador*, chefiada por Manoel de Carvalho Paes de Andrade, foi aniquilada em poucos mezes.

A Commissão dos dez (15) apresentou um trabalho perfeito, uma Constituição sábia, a mais liberal de quantas foram promulgadas no seculo XIX em ambos os hemispherios. A Constituição Política, apresentada á Nação por intermedio das Camaras Municipaes do Imperio, foi jurada no Rio de Janeiro pela Familia Imperial, Ministerio, Clero, Nobreza e Povo (25 de março de 1824) e accelta com entusiasmo e jurada em todas as Provincias.

Entretanto, o governo absoluto deixara fundas saudades em não poucos espiritos patrioticos e bem intencionados, sobresaltados pelo espectáculo de anarchia offerecido pela dissolvida Constituinte e pela descenfreada propaganda anti-dynastica de multiplos pasquins. A opinião publica dividia-se em duas facções rivaes: a dos liberaes, a quem desgostava o facto de não convocar de prompto o Governo a Assembléa Geral; a dos absolutistas, que attribuiam todos os males á nova Constituição.

O juiz de fóra da villa de Taubaté, Desembargador Manuel da Cunha de Azevedo Coutinho Souza Chichorro, proclamou a 1.^o de maio de 1825 o regimen absoluto em sua comarca; e a Camara Municipal de Pindamonhangaba seguiu o exemplo da de Taubaté. « Teixeira de Freitas, proprietario abastado na ilha de Itaparica; Conrado Jacob de Niemeyer, commandante

(13) Conselheiro Antonio Pereira Pinto, *A Confederação do Equador*.

(14) Id.

(15) João Severiano Maciel da Costa, Luiz José de Carvalho e Mello, Clemente Ferreira França, Mariano José Pereira da Fonseca, João Gomes da Silveira Mendouça, Francisco Villela Barbosa, José Egidio Alvares de Almeida, Antonio Luiz Pereira da Cunha, Manuel Jacintho Noqueira da Gama, José Joaquim Carneiro de Campos. Não será fóra de proposito por estes dez nomes em confronto com os dos duzentos e vinte e dois signatarios da Constituição de 24 de fevereiro de 1824...

(10) Gabriel d'Azambuja, *Lex Contemp.* cit.

(11) Abreu Lima, *Synops.*

(12) *A Sentinella* e o *Tamoyo*.

das armas na provincia do Ceará, e por suas insinuações, as Camaras de Crato e Jardim; o Cabildo da cidade de Montevidéo, com o Syndico á frente, ou-saram proceder pelo mesmo modo, publicando suas manifestações». (16) Outras Camaras tambem representaram no mesmo sentido. — Essas tentativas, porém, abortaram; e D. Pedro I mostrou-se muito magoado com esse procedimento e mandou reprehender os culpados. — Na Provincia de S. Paulo, a 25 de maio, o presidente Lucas Antonio Monteiro de Barros mandava publicar em *Bando* a Portaria de 13 do mesmo mez, em que o Governo declara « como ordonou que se fizesse sciente ao juiz de fora de Taubaté, que S. M. o Imperador só quer, e ha de governar com aquelle Sagrado Codigo (a Constituição), procurando de conformidade com o que se acha nelle estabelecido, a felicidade geral de seus subditos e o alto gráu de prosperidade e força, a que pôde chegar a Nação por seus poderosos meios, e que em breve a constituirão uma das mais respeitaveis da terra; não querendo e nem devendo o mesmo Augusto Senhor desviar-se da firme resolução de manter a observancia da Constituição por elle solememente jurada, e por todos os povos do Brasil ».

Os factos de 1821 a 1831 sempre desmentiram as allegações dos escriptores a quem hypnotisára a idéa de que — D. Pedro I, apoiado sobre os politicos de origem portugueza, queria restabelecer o governo absoluto no Brasil.

Terminada a guerra da Independencia pela capitulação de D. Alvaro da Costa em Montevidéo (novembro de 1823); e promulgada a Constituição do Imperio em 1824, o reinado de D. Pedro I foi uma luta constante e acerba com o *espírito liberal* que animava a parte mais soffrega da população, insuflado pela linguagem de uma imprensa immoderada, que usava e abusava da sua illimitada liberdade. Apesar dos jornaes e dos pasquins que se publicavam a miudo, e em cujas paginas se vilipendiavam e eram votados á publica execração o Throno, seus servidores e seus ministros, a Familia Imperial, nada se respeitando, nem os serviços, nem as virtudes, nem o character, nem a posição e o sexo. « Não havia tolerancia bastante, que supportasse os grosseiros insultos atirados á sagrada e inviolavel pessoa do Imperador pela imprensa liberal exaltada ». (17)

Felizmente, diz o Conselheiro Pereira da Silva, ao findar o anno de 1825, e a 2 do mez de dezembro, uma noticia prazenteira e presagiadora das maiores venturas para o paiz e que se espalhou com a rapidez do raio pela cidade do Rio de Janeiro, alegrou, exaltou e enthusiasinou toda a sua população. A Imperatriz D. Leopoldina dêra á luz um filho herdeiro presumptivo da corôa e do throno. — Firmava-se e garantia-se assim no Imperio a dynastia de Bragança no seu ramo directo e varonil. Raiava no horizonte suave e formosissima esperanza, de que com um Principe gerado e nascido na America mais fundamente enraizaria no coração dos povos a instituição monarchica, e vindo elle ao mundo quando já reconhecida a Independencia e soberania da Nação, e instaurado o regimen representativo por uma Constituição liberal, tenderia o futuro soberano a ligar-se e abraçar-se estretica e cordialmente com o novo systema governativo, certo de que seu poder e auctoridade dependiam da existencia e solidez das instituições estabelecidas. (18)

Reconhecida solememente a Independencia do Bra-

(16) Pereira da Silva, *Segundo periodo do R. de P. I.*

(17) J. D. da Cruz Lima.

(18) P. da Silva, obr. cit.

sil *ex-jure et facto* (19), estava terminada para D. Pedro I uma grande tarefa; mas Deus, nos seus impenetraveis arcanos, quiz provar aos homens, com o nascimento do Principe D. Pedro de Alcantara, que olhava com especialissima attenção os destinos deste povo e de seu Imperador. D. Pedro I, recebendo nos seus braços o Imperial Infante, exclamou no intimo do seu coração, como o pae de Alexandre o Magno "*Regis filius commodius, quam rex ipse potest animos demereri plebis*... (20)

A guerra no Sul do Imperio foi uma das grandes tormentas que se accumularam contra o Primeiro Reinado. — Em 1817, a Provincia Cisplatina, sob o nome de *Banda Oriental*, foi occupada por tropas portuguezas; porquanto a fronteira do Brasil era perturbada e invadida por suas revoluções continuas. Mas, em 31 de julho de 1821, foi annexada ao Reino Unido do Portugal, Brasil e Algarves, sob o nome de Cisplatina. Com o apoio das Provincias Unidas do Prata, levantou-se contra o Imperio e os separatistas decretaram a annullação da incorporação da Banda Oriental ao Brasil. A guerra foi peor do que infeliz; e o partido liberal explorou-a quanto pôde contra D. Pedro I.

O Imperador, ante a gravidade dos acontecimentos, marchou para o theatro da guerra, posto que a Imperatriz se achasse gravemente enferma: entendeu que a seus deveres de consorte se avantajavam os de monarcha, e confiando D. Leopoldina aos cuidados de amigos e de medicos de merecimento, cabia-lhe pagar a sua divida á patria. Assim o proclamou aos Brasileiros em um manifesto, em que, annunciando-lhes seus designios, dizia-lhes que como defensor do Brasil, e o primeiro cidadão, corria ao campo da batalha, deixando aos seus ministros a administração dos negocios publicos (novembro de 1826). (21) Estava em Porto Alegre, dando provas de sua immensa actividade e providenciando com admiravel solicitude sobre a melhor marcha das operações, quando recebeu a nova do fallecimento da Imperatriz.

S. M. a Senhora D. Leopoldina, após alguns dias de dôres cruciantes, exhalou o ultimo suspiro a 11 de dezembro. D. Pedro não esperava tão cruel desfecho; e a sua dôr foi tão viva quanto sincera. Escreveu um soneto, que foi publicado: não é uma produção litteraria de cunho superior, mas como um gemido augusto que se formula desta maneira, para á posteridade demonstrar o quanto era respeitada daquelle Principe a piedosa e illustrada esposa. (22) Eil-o:

A SEMPRE PARA MIM SENTIDA MORTE
DA MINHA ADORADA ESPOSA A IMPERATRIZ
Deus eterno, porque me arrebataste
A minha muito amada Imperatriz?
Tua divina vontade assim o quiz?
Sabes que o meu coração dilaceraste.

Tu de certo contra mim te iraste
Eu não sei o motivo, nem que fiz,
E co' aquella diris, que sempre diz:
Tu m'a dêste, Senhor, tu m'a tiraste!

Ella me amava co' o msior amor,
E eu nella admirava a honestidade:
Sinto o meu coração quebrar de dôr.

O mundo não verá mais n'outra idade
Modelo mais perfeito, nem melhor
D'honra e candura, amor e caridade.

(19) D. João VI reconhecera a Independencia do Brasil em 1825, a 29 de agosto. Carta de Lei de 15 de novembro. Independentemente de qualquer *indemnização*, Portugal havia de reconhecer o facto irrevogavel e a elle submeter-se.

(20) A. D. de Pascual, *Rasgos memoraveis do Senhor D. Pedro I.*

(21) P. da Silva, obr. cit.

(22) *Guanabara*, tomo 2.º

O passamento da Augusta Mãe do Sr. D. Pedro II despertou a maior consternação no seio do povo. Ella fazia jus á veneração nacional pelas suas virtudes sublimadas. Disse o insigne Mont'Alverne:

« Para maior gloria da Dynastia Imperial, a primeira Imperatriz do Brasil será a desesperação de todas as que lhe succederem. Para gloria da Religião, a virtude conduziu todos os seus passos; e quando a verdade, apagando as inscrições pomposas, que a lisonja consagra aos reis, vier julgar suas acções, confessará que a Imperatriz Brasileira possuia um coração ainda maior que os seus destinos, cioso do esplendor de seu Augusto esposo, indifferente ao brilho ephemero do seculo, compadecido com os desgraçados; que ella foi religiosa sem fanatismo, grande sem altivez, modesta sem affectação, mãe carinhosa, esposa terna, o amor, as delicias, o objecto constante da saudade dos Brasileiros » (23)

O Marechal Marquez de Barbacena, a quem o Imperador deixára confiado o commando do exercito, ganhou a batalha de Ituzaingó; (24) mas os resultados desta victoria incontestavel foram negativos, e o Brasil foi obrigado a desistir dessa Provincia, que passou a ser Estado independente sob o nome de — Republica do Uruguay, pelo tratado de 27 de agosto de 1828, ratificado em 30 do mesmo mez. Até hoje o Brasil soffre no Rio da Plata as consequencias dessa amputação, pondera João Mendes de Almeida. Para sustentar aquelle tratado, fizemos a guerra ao dictador da Confederação Argentina, D. João Manuel Rosas, em 1851, e ao dictador da Republica do Paraguay, D. Francisco Solano Lopez, em 1864, perdendo milhares de Brasileiros e muitos milhares de contos de reis! E' muito certo. Mas, deste « trabalho de Sisypho, destas victorias de Pyrrho », culpa nenhuma cabe ao Primeiro Imperador. — D. Pedro I. fazendo a guerra em nome do Brasil, estava no seu direito e no seu dever: porque a Banda Oriental era a — Provincia Cisplatina — do Brasil desde 1821, e combatendo a revolta que alli alçára o cello, o Imperador defendia a integridade do Imperio, como depois cumpriu-lhe fazer a guerra á Confederação Argentina, que francamente protegia a revolta e ostentadamente proclamou a Banda Oriental provincia a ella pertencente. (25)

Emquanto não forem readquiridas as antigas provincias — Paraná ou Paraguay Oriental e Cisplatina ou Uruguay, conforme as divisas descriptas por Ayres do Casal, *Corographia Brasílica*, I, o Brasil será uma nação incompleta. (26)

Não nos deteremos sobre as successivas mudanças ministeriaes. D. Pedro, timbrando sempre em ser Imperador Constitucional e escolhendo os seus ministros de accordo com o texto da Constituição, não tinha um temperamento politico assás aperfeiçoado pela educação e pela experiencia para se amoldar ás regras estrategicas do mais rigoroso Parlamentarismo, guerreando sem tréguas pelos tribunos e pelos jornalistas do Liberalismo semi-revolucionario. Nem a dissolução da Constituinte, imposta pelas circumstancias, pôde ser considerada um *golpe d'Estado* no rigor da palavra, como o 18 de Brumario e o 2 de dezembro, actos de audácia necessários, que proclamaram a Dictadura para salvar a Nação. D. Pedro I nunca foi um Dictador. Os dictadores não abdicam voluntariamente.

(23) Fr. Francisco de Mont'Alverne, *Oraç. funebre de S. M. a Imperatriz*.

(24) Vide na *Revista do Instituto Historico de S. Paulo*, tomo IX, 1904, brilhante estudo do coronel Henrique Affonso de Araujo Macedo, *A Campanha de 1827, a Batalha do Passo do Rosario ou de Ituzaingó*.

(25) João Mendes de Almeida, *Notas Genealogicas*, c. 1.

(26) Id.

Em maio de 1826 installou-se a primeira Legislatura da Assembléa Geral. Observa um historiador que as listas triplices das Provincias compuzeram-se de quasi todas as pessoas notaveis do Imperio, que haviam attingido a idade legal e gosavam de mais ou menos extensa reputação pelos seus serviços, merecimentos e luzes. As decisões da Corôa foram acertadas na sua generalidade. A maioria do Senado formou-se com os varões mais conspicuos da época. Entraram assim para o Senado José da Silva Lisboa (Visconde de Cayrú), José Joaquim Carneiro de Campos (Marquez de Caravellas), Francisco Villela Barbosa (Marquez de Paranaguá), João Severiano Maciel da Costa (Marquez de Queluz), Luiz José de Carvalho e Mello (Visconde da Cachoeira), Felisberto Caldeira Brant Pontes (Marquez de Barbacena), José Feliciano Fernandes Pinheiro (Visconde de S. Leopoldo), Mariano José Pereira da Fonseca (Marquez de Maricá), Estevam Ribeiro de Rezende (Marquez de Valença), o Bispo do Rio de Janeiro, D. José Caetano, e outros cidadãos notaveis, servidores antigos e experimentados na carreira administrativa, judiciaria, militar e ecclesiastica.

A Camara dos Deputados foram enviados os homens notaveis das Assembléas Constituintes, portugueza de 1821 e brasileira de 1823. Ao lado de Pedro de Araujo Lima (Marquez de Olinda), sentavam-se José Lino Coutinho, José da Costa Carvalho (Marquez de Montalegre), Nicoláu Pereira de Campos Vergueiro, o Padre Diogo Antonio Feijó e o Padre Marcos Antonio de Souza. Com Joaquim Gonçalves Ledo entraram pela primeira vez no numero dos legisladores José Clemente Pereira, o Conego Januario da Cunha Barbosa, tenente-general Luiz Pereira da Nobrega de Souza Coutinho e o Padre Romualdo Antonio de Seixas (Marquez de Santa Cruz). Ainda não conhecidos então fóra de suas provincias, appareceram Bernardo Pereira de Vasconcellos, Francisco de Paula Souza e Mello, Antonio Paulino Limpo de Abreu (Visconde de Abaeté), Miguel Calmon du Pin e Almeida (Marquez de Abrantes). Candido José de Araujo Vianna (Visconde de Sapucahy), Antonio Francisco de Paula Hollanda Cavalcanti (Visconde de Albuquerque). (27)

Estava inaugurado verdadeiramente o systema constitucional representativo no Brasil. — O Imperador vivia em altritos constantes com a Camara dos Deputados, explorados e envenenados por uma desbragada imprensa politica.

Em 1826 fallecera D. João VI. D. Pedro I foi reconhecido como herdeiro da Corôa e aclamado Rei de Portugal pela Regencia. Após a memoravel Consulta do Conselho d'Estado pleno, em abril de 1826, no Rio de Janeiro, logo que foi sabida a noticia da morte d'El-Rei, acerca da successão do throno de Portugal, D. Pedro, accetando a herança de seu pae, abdicou a corôa lusitana em sua filha D. Maria da Gloria, nascida no Brasil sete annos atraz sob o dominio portuguez. A imprensa liberal, vigilante no combate á pessoa do Monarcha, levantou grande celeuma. Allegava-se mais que — « D. Pedro I, Imperador do Brasil, abdicando a Corôa de Portugal em sua filha, a Princeza Maria da Gloria, desde então chamada D. Maria II, creou ainda assim na Europa, no pequeno, mas glorioso reino da peninsula iberica, um interesse dynastico, empenho de ambição politica e de amor de pac, que absorverão de mais os cuidados do Imperador do Brasil ».

Esta questão da successão portugueza foi fonte de

(27) P. da Silva, obr. cit.

grandes desgostos para D. Pedro e de graves complicações para o governo imperial, em consequencia da attitude de D. Miguel, que, usurpando o throno de D. Maria II, proclamou-se rei absoluto, connivente com sua mãe D. Carlota Joaquina, e inaugurou uma reacção terrivel contra os liberaes e os partidarios da joven Rainha. Por um contraste singular, os liberaes de Portugal batiam-se pela filha de D. Pedro e a este os liberaes do Brasil hostilizavam por todos os modos.

Em outubro de 1829 celebrou-se o casamento de D. Pedro I com a Princesa D. Amelia de Leuchtenberg, irman do Rei da Baviera e filha do Principe Eugenio de Beanharnais, Vice-Rei da Italia, cuja mãe, Josephina de Beanharnais Napoleão, foi Imperatriz dos Francezes até o seu divorcio em 1809. Repudiada a bôa e terna Josephina, Napoleão I casára-se com a archi-duqueza Maria-Luiza, irman da Sra. D. Leopoldina, primeira mulher de D. Pedro I. As alegrías publicas pelo segundo consorcio do Imperador não arrefeceram por muito tempo a lucta da Corôa com a opinião tresvariada, que se fazia de dia em dia mais activa e mais implacavel se tornou na primeira sessão da legislatura, em 1830.

No dia 14 de setembro chegaram noticias da inesperada revolução das *trois glorienses* de julho em Paris: as *Ordonnances* do ministerio Polignac derribaram o throno de Carlos X. O choque foi electrico, escreve Abreu Lima: no Rio, na Bahia, em Pernambuco, em Minas e em S. Paulo houve grande sensação; excitaram-se as esperanças de uns e os temores de outros, e a imprensa fez-se echo destas excitações. Na Côrte, eram os orgams mais populares da opposição a *Aurora Fluminense*, de Evaristo Ferreira da Veiga, e a *Astrea*. Em S. Paulo, o *Observador Constitucional*, sustentado pelo Dr. José da Costa Carvalho, um dos cabeças da *Bernarda de Francisco Ignacio* em 1822, então tido como *absolutista*, e em 1830, liberal extremado; posteriormente foi Marquez de Montalegre, tendo passado, pela Regencia; como presidente de S. Paulo jugulou a rebelião liberal de 1842 e foi mais tarde uma das mais fortes columnas do partido conservador e da Monarchia.

Era redactor do *Observador Constitucional* um medico italiano, o Dr. João Baptista Libero Badaró, cuja penna flagellava cruelmente muitos dos principaes politicos de S. Paulo. Badaró foi victima de um sicario, na noite de 20 de novembro de 1830. Embora tudo concorresse para se attribuir o crime unica e exclusivamente a uma vindicta pessoal, fizeram o Imperador responsavel pela morte do jornalista italiano, aquelles mesmos que, no seu fóro intimo, estavam convencidos da nenhuma coparticipação do Governo Imperial. Foi mais um capitulo inexgotavel de accusações e calumnias.

A 16 de dezembro foi sancionado o Codigo Criminal do Imperio, um dos mais bellos monumentos juridicos, que immortalisou o nome já illustre de Vasconcellos. A 11 de agosto de 1827, o santista Visconde de S. Leopoldo referendára o Decreto instituindo duas Academias de Direito, em Olinda e S. Paulo. São datas grandiosas, que não empallidecem ao lado das melhores do Primeiro Reinado.

Nesse tempo o partido liberal arvorou como lema de guerra a tristemente celebre — *Federação das Provincias*. Promoveu ardente agitação dentro e fora da Camara.

No conceito de um biographo liberal, — presentia-se latente conspiração. — Em tal conjuntura, o ministro Marquez de Paranaguá propoz em conselho a dissolução da Camara, e nesse sentido foi apoiado por seus collegas. D. Pedro, que ouvira silencioso a proposta

de um, e o assentimento dos outros ministros, exclamou por fim: — E quem me responde pelo sangue que terá de correr?

Em 1830 ninguem soube nem da proposição do ministro, nem da resposta do Imperador. — D. Pedro, a entidade constitucional irresponsavel, era o responsabilisado por todos os actos censuraveis de seus ministros. (28).

A' vista da excitação dos animos, cada dia mais crescente, Pedro, que já fóra á provincia da Bahia em 1825, onde se repetiu a viagem de Minas em 1822, deliberou seguir novamente para Minas-Geraes. Os tempos haviam mudado. — Reprovando a politica imperial, a provincia de Minas-Geraes deixou de reeleger o Ministro do Imperio, o eminente juriconsulto José Antonio da Silva Maia; mas sempre austeramente seus costumes politicos, salvou a deferencia devida ao chefe do Estado e sua familia, a quem recebeu como hospede e como hospede tratou. (29) A 22 de fevereiro de 1831, publicou em Ouro-Preto aquella celebre proclamação, que deu motivos a tantas interpretações sinistras e que bem deixava ver o quanto estava convencido dos perigos de sua posição. Desabusado e desgostoso, voltou para o Paço de S. Christovam, onde chegou a 11 de março.

A' sua entrada publica na capital (17 de março) precederam a famosa *noite das garrafadas* (13) e a reunião de 23 Deputados e 1 Senador em casa do Padre José Custodio Dias, onde redigiram uma Representação ao Imperador, exigindo do governo uma reparação da affronta, que, se dizia, haviam os nacionaes soffrido do partido *lusitano* nas noites de 13 e 14 de março. — A 25 de março, na capital paulista, rebentou no largo do Palacio, sob as vistas do proprio Presidente da Provincia, Aureliano de Souza e Oliviera Coutinho, um motim, em que tomaram parte a tropa, a mocidade academica e populares, exigindo que o commandante das armas erguesse vivas ao imperador *Constitucional*. Houve arruações: era o prolongamento das desordens da Côrte, e certamente os turbulentos recebiam avisos e ordens dos liberaes fluminenses.

As ultimas aclamações á sua pessoa ouviu-as D. Pedro após o *Te-Deum* na igreja de S. Francisco de Paula, em commemoração do anniversario da Constituição.

No dia 20 houve uma modificação no gabinete em sentido liberal. Isto, porém, longe de desarmar os descontentes, parece aquilo mais ainda as suas paixões, por exercergarem neste acto conciliatorio uma concessão da fraqueza. Emfim, cansado de tanta lucta, na manhã de 6 de abril, D. Pedro, tomando resolução enérgica e disposto a oppôr um dique á crise politica, mudou o ministerio e organisou outro com seis Senadores, todos titulares, todos illustres e encanecidos no serviço publico, mas « impopulares », isto é, réus de dedicação ao Monarchia e de fidelidade á sua causa. A' frente delles apparecia Francisco Villela Barbosa, Marquez de Paranaguá, poeta de notavel merecimento, intelligencia illustradissima, probidade respeitada, parlamentar aiamado. — O Ministerio demittido declarára ao Imperador, na noite de 4 de abril, no Palacio da Rainha a Sra. D. Maria da Gloria, quando se festejava o seu anniversario, que « não podia reprimir os excessos do partido exaltado ». Como continuar no governo, impotente como se confessava, deante da Anarchia? — Aquella declaração do Ministerio liberal obrigou o Im-

(Continua no Supplemento)

(28) J. M. de Macedo, obr. cit.
(29) B. Homem de Mello.

Supplemento do "Album Imperial"

ANNO I

CHRONICAS E NOTICIAS

NUMERO 2

perador a suspender o saráu, dando a causa ao Corpo Diplomático, que se retirou. (30)

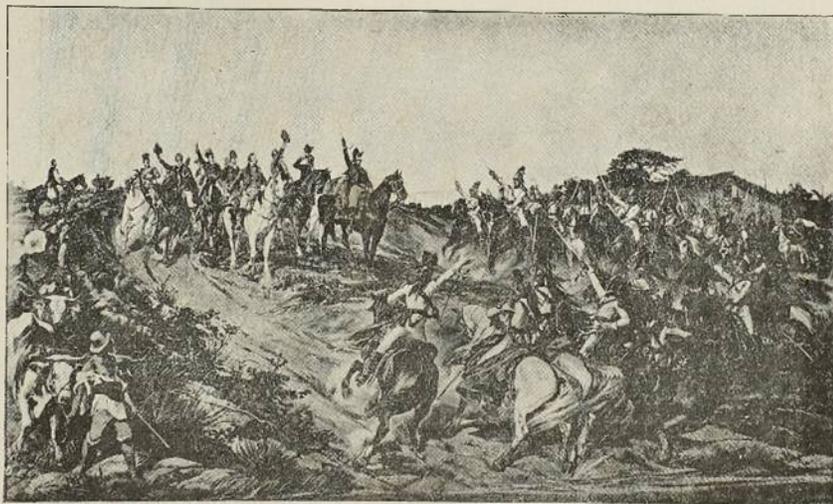
A conspiração, de longa data preparada, rebentou alfim á luz do dia. Os descontentes, os despeitados, « paisanos e soldados, republicanos, federalistas, liberais moderados », os arruaceiros de profissão, essas massas que surgem, se formam e se movem não se sabe bem como, nem para que nem por quem, — os elementos variegados da Anarchia foram para a praça publica, intimar ao Imperador a demissão do Ministerio de 6 de abril e a reintegração daquelle que se confessára sem forças para reprimir os excessos do partido exaltado.

Na sua circular aos eleitores mineiros, em janeiro de 1860, disse o Senador Ottoni: « O 7 de abril foi uma verdadeira *journée des dupes* ». — D. Pedro não se illudiu nem perdeu a compostura de cavalheiro e soberano. Podia contar com grande parte da força, apesar da duvidade inqualificavel do commandante Francisco de Lima e Silva (futuro Regente). A Resistencia levaria vantagem e debellaria a Anarchia. Já por vezes

A aurora de 7 de abril não foi uma « aurora de regeneração ». Nem foi uma victoria da Democracia: a victima não foi o Imperador, foi a Nação Brasileira, que ia expiar o erro dos exaltados por esse longo e sangrento Ensaio de Republica, conhecido por — *Periodo Regencial*. Bem definiu Theophilo Ottoni: — *une nouvelle journée des dupes*.

Ao retirar-se para sempre do Brasil, cuja Independencia proclamára, do Brasil, cuja Integridade firmára, D. Pedro I apresenta-se á Posteridade pelo braço de José Bonifácio de Andrada e Silva, seu verdadeiro amigo. — *Amicus certus in re incerta cernitur*, assim começa a carta em que o Heróe roga ao Patriarcha o obsequio de tomar conta da educação de seu muito amado e prezado filho, de seu Imperador.

O Patriarcha, este, não fóra ao Campo de Sant'Anna: ficara junto ao berço do Imperial Infante. *Amicus certus in re incerta cernitur*. E' o epitaphio do 7 de abril. O commentario eterno de todas as Revoluções.



Quadro de Pedro Americo

O GRITO DO YPIRANGA

evitára a effusão de sangue. Evitou-a desta vez ainda, e a ninguém quiz sacrificar, senão a si proprio. A idéa da Abdicação não lhe seria porventura estranha desde a sua viagem a Minas, e mesmo desde a Consulta plena do Conselho de Estado em abril de 1826... Abdicou. Muito voluntariamente abdicou: nem este era o objectivo de Evaristo e dos amotinados do Campo de Sant'Anna. O que pediam elles? A demissão de um Ministerio, a reintegração de outro: era assim que os liberais entendiam a Verdade Constitucional e as prerogativas do Poder Moderador. A Resistencia — era a Revolução debellada com muito sangue Brasileiro; preço demasiado cruel para uma victoria. A Capitulação — era a Deshonra. Colocado o dilemma neste terreno, D. Pedro não hesitou: a bomba da Abdicação explodiu, desnorcando os cabeças do motim e levando a desordem e a confusão nos seus mesclados arraiaes.

(30) J. D. da Cruz Lima.

A Historia de D. Pedro I no Brasil está por escrever. Tivemos annalistas eruditos e elegantes, libellistas e pamphletarios eloquentes: Historiador — ainda não. Entretanto, o seu nome glorioso tem sido vilipendiado, a sua memoria augusta tem sido difamada.

Ha uma escola, com representantes em S. Paulo e no seu Instituto Historico, e que nada tem de comum com Augustin Thierry e Michelet, nem mesmo com Edgard Quinet e Luiz Blanc, cujo principal escopo é dar a maxima importancia a factos que só pertencem aos — Bastidores da Historia — não á propria Historia. Para estes escriptores, os reinados de Francisco I, de Luiz XIV e de Luiz XV resumem-se na chronica dos *boudoirs* de Diana de Poitiers, de La Vallière e Montespan, Dubarry e Pompadour. Estas régias cortezans eclipsam o fulgor de Marignac e da Renascença, de Rocroy e do grande seculo de Fontenoy... E, applicando este systema ao reinado de Pedro I, appellam para a sra. D. Domitila, para o Chalaca e outros, para jogar na penumbra o 9 de ja-

neiro, o 7 de setembro, o 25 de março, o 11 de agosto, o 16 de dezembro. Se não regateam louvores ao 7 de abril, é porque nelle fazem a D. Pedro I representar um papel fantasmagórico, a negação da Verdade bem conhecida por quantos folhearam os escriptos concernentes áquelle epilogo do Primeiro Reinado, não menos digno da admiração da Historia que maiores actos do decennio de 1821 a 1831.

Não é com historietas que se faz a Historia; nem as novellas, as anedotas picarescas e os pamphletos de *critérium* ao Historiador ou ao Annalista que se presa, presando a Verdade.

O muito hostil e apaixonado Armitage não recuou ante esta confissão, preciosa em similhante penna:

Apezar de todos os erros do ex-Imperador e dos seus ministros, o Brasil, durante os dez annos da sua administração, fez certamente mais progressos em intelligencia do que nos tres seculos decorridos desde sua descoberta até a proclamação da Constituição Portugueza em 1820.

Além de cimentar as bases de sua organização politica como Estado independente, escreve Alberto Pimentel, poz a funcionar as engrenagens administrativas do novo Imperio. Reformou antigos abusos de administração. Mandou escripturar regularmente o orçamento geral do Estado. Introduziu economias consi-

estada no Brasil da Imperatriz D. Amelia. (32) D. Pedro era religioso. Nenhuma semana se passava sem que o Imperador, de quem nada havia afrouxado a fé sincera, fosse ajoelhar-se ante o altar de N. S. da Gloria do Outeiro. (33)

Fallecendo em Lisboa, a 24 de setembro de 1834, não contando ainda 36 annos de idade, desceu ao tumulo coberto das bençãos de dous povos, que libertára, e cujas duas corôas abdicára. D. Pedro I é, sem contestação, um dos Grandes Homens do seculo XIX.

Retiro, janeiro, 1906.

Edouard Leão Bourmon

(32) Henri Ruffard, *Pessoas e Cozas do Brasil*.

(33) Ferdinand Denis e Jamin, *Brésil, Colombie et Guyanes*.



ULTIMOS MOMENTOS DE D. PEDRO I

deraveis em todos os serviços publicos, a começar pelas desposas da Corôa. Aboliu a censura previa para a imprensa, limitou a faculdade de expedir ordens de prisão, regulou o andamento dos processos, acabou com os instrumentos de tortura.— Reformou as pastas, favoreceu a navegação costeira e o commercio de cabotagem, mandou tomar contas rigorosas aos executores do fisco, cortou gratificações, suspendeu o provimento de empregos vagos nas secretarias e repartições publicas. Obedecendo á sua inclinação pelas letras, ordenou ás allandogas para que despachassem gratuitamente os livros importados. Como se vê, a cultura e a liberdade de pensamento mereceram-lhe protecção.

No manifesto aos Brasileiros, datado de 1.º de agosto de 1822, havia dito D. Pedro: « Cultores das letras e sciencias, quasi sempre aborrecidos ou desprezados pelo absolutismo, agora tereis a estrada aberta e desimpedida para adquirirdes gloria e honra ». Não esqueceu a sua promessa. (31)

Graças ás virtudes da Imperatriz D. Leopoldina, reinou nos Paços Imperiaes a mais rigorosa moralidade, a qual, segundo affirmam testemunhas insuspeitas, continuou no tempo da viuvez do Imperador e durante a

(31) Alberto Pimentel, *Estudo Historico*.

A Familia Imperial do Brasil

Recomeçaram a 18 do mez findo as recepções hebdomadarias da Princeza D. Isabel, em seu palacete em Boulogne-sur-Seine.

Nessa primeira recepção compareceram, entre outras pessoas, o principe D. Felipe de Bourbon e Bragança, baroneza Tierard, mmes. Guéneau de Mussy e Ambroise Thomas, condessa de Belmont, dd. Laura de Souza Lopes e Rosa Lopes, mmes. A. de Mello Vieira, Vieira Monteiro e sua filha, d. Laura de Gouveia, barão e baroneza de Nioac, dr. Alfonso Arinos, conde e condessa de Araguaya, barão de Albuquerque, A. de Siqueira e filha, baroneza do Rio Negro e filhas, Carlos Delgado de Carvalho, marquez de Persan, mme. Pereira da Silva, baroneza de Bully, d. Euphrasia Teixeira Leite, Hermano Ramos e familia, mme. d'Azevedo Macedo, dr. Alfredo de Souza e mme. Edouard André.

— SS. AA. receberam no mesmo dia a visita da Rainha D. Maria Pia, de Portugal, e do sr. Duque do Porto.

— Com SS. AA. passaram as festas do Natal e Anno Bom seus augustos filhos D. Pedro, D. Antonio e D. Luiz.

Album Imperial



Como supplemento ao *Album*, resolvemos publicar regularmente, do presente numero em diante, mais quatro paginas de materia editorial, o que tornará mais interessante a nossa revista.

Dispondo agora de mais espaço, inauguraremos opportunamente diversas secções.



* CHRONICA *

DENTRO de poucos dias, será representada, no vasto scenario da politica nacional, essa estafada e enfadonha comedia, á qual, por um resto de pudor e para salvar as apparencias, se dá o sonoro e mentiroso nome de — *pleito eleitoral*.

Já a soberana Commissão Central, perita ensaiadora destas farças grotescas, tem distribuido a cada actor o seu respectivo papel, e já os comparsas do entremes se preparam para bem desempenhar as suas partes, de sorte que, pelo menos no Estado de S. Paulo, tudo faz crer que a peça obterá o mesmo estrondoso exito das representações anteriores. De resto, parece que não ha grandes difficuldades na distribuição dos papeis, nos ensaios geraes e no desempenho da farça; uma longa pratica, aliás, assegura a cada actor um successo completo e ruidoso.

A Commissão Central começa por annunciar ao publico que o pleito será inteiramente livre, que o direito de voto será respeitado nos termos rigorosos da lei e que as opposições poderão concorrer ás urnas com absoluta independencia e completa certeza de que os seus votos serão contados e apurados.

Entretanto, accrescenta a sabia e omnipotente Commissão, como não existem opposições, pois toda a gente está satisfeita e farta, o governo acha de bom aviso preencher todos os logares da chapa... E, então, como não ha minorias, não ha razão para que se respeite o principio da representação das minorias. Em consequencia, o governo indica tantos candidatos quantos são os logares a preencher.

Ordinariamente, a Commissão Central indica para representantes da nação os cidadãos mais conspícuos e possuidores de excelsas virtudes, profundo saber e grandes talentos. São, certamente, pessoas intiramente desconhecidas e estranhas ao eleitorado; mas, como é sabido, a virtude e o merito se deixam sempre occultar sob o espesso véu da mais impenetrável modestia. Acontece mesmo, ás vezes, que alguns dos indicados são notoriamente conhecidos, — não por talentos e virtudes, mas por certas qualidades diametralmente oppostas... Entretanto, todos sabem que nós, brasileiros, temos o feio habito de deprimir o caracter dos nossos homens publicos. Deixemos, portanto, á Commissão Central o cuidado de verificar quaes os homens que nos devem representar no parlamento e confiemos no seu alto criterio.

Organizadas assim as chapas, são ellas remetidas aos directorios politicos do interior, para serem distribuidas opportunamente pelos amigos e correligionarios, isto é, pela quasi unanimidade dos eleitores do districto.

O chefe politico local (ás vezes um caipirão papudo e vaidoso) entra então em actividade. Manda ensilhar o *baio* ou o *rosilho*; corre á casa de todos os tenentes-coroneis, majores, capitães, tenentes e alferes creados pela ultima fornada da celeberrima C. N.; fala a um, conversa com outro, sorri a alguns; entra a ameaçar, sem razões plausiveis, os empregados da Camara Municipal e os funcionarios publicos; bufa e sua por todos os poros: — emfim, certo de que está fazendo um figurão, o pobre matuto toma a sério o tal pleito eleitoral e suppõe muito seriamente que é por causa de sua influencia e prestigio que toda a gente vai votar na chapa da Commissão Central... E a Commissão sorri silingornamente, ao contemplar o trabalho do risivel chefe para trazer ao governo sufragos que nunca deixaram de ser legitima propriedade delle...

Se (por uma circumstancia absolutamente rara e improvavel) ha algum municipio em que periga a chapa official (cousa quasi impossivel!), ou em que se supponha que ella possa ser simplesmente *furada* (facto inteiramente anormal), então é bello ver como a Commissão Central corre em defesa da liberdade de voto e do direito sagrado do cidadão brasileiro!

O telegrapho trabalha, o correio geme ao peso da correspondencia e logo, como que por encanto, um destacamento policial surge no municipio rebelde. Alguns toques de corneta, alguns passeios militares pelas ruas, algumas descargas de pólvora secca... e tudo entra nos eixos: — está garantida a victoria do governo e com ella o sagrado, o inalienavel direito de voto, isto é, a mais efficaz das garantias constitucionaes!

Chegado o grande dia do *pleito*, o resultado é seguro, a victoria da chapa official é estrondosa, a derrota da opposição é medonha, os chefes lecaes correm ao telegrapho a transmittir ao benemerito governo e á PATRIOTICA Commissão Central a grata e consoladora noticia de que, por escandalosa maioria, foram eleitos representantes do povo os seguintes illustres e virtuosos cidadãos:

- 1.º Coronel Francisco Isidoro Cugnundes.
- 2.º Dr. Carlos Fernandes Brederódes.
- 3.º Capitão Reinaldo de Souza.
- 4.º Major Francisco Alves Pelludo.
- 5.º Tenente-coronel Calixto Eloy de Sá.
- 6.º Alferes Symfronio Galheiros.

Eis ahi, mais ou menos, no que consiste o pleito eleitoral.

Ao povo brasileiro, que assiste a tudo isto como um simples espectador indifferente, a benemerita Commissão não deixa jámais de exclamar, com legitimo orgulho e verdadeiro patriotismo: — *Plaudite civis!*

PANTALEÃO BERMUDEZ

O *Album Imperial* agradece aos illustres collegas as amaveis referencias que lhe dispensaram, por occasião do seu apparecimento.

RABISCOS

Estão na ordem do dia as conferencias literarias. — uma mania como outra qualquer, que os nossos literatos só se lembraram de ter, depois da iniciativa, no Rio, do sr. Nuno Castellões.

E que possuimos em elevadissima dõe o espirito de imitação, prova-o o facto de, em diversas cidades do interior de S. Paulo, já estar annunciada a realisação de proximas conferencias.

Em Sorocaba, o festejado prosador sr. Antonio de Oliveira já dissertou sobre *A lagrima*; o infatigavel sr. Arthur Goulart regressou ha pouco de Tremembé, aonde fóra falar a respeito d'*As criancas*; em Campinas, S. João da Boa Vista, Pindamonhangaba e — segundo corre — até na pacata freguezia de Nossa Senhora do O', escriptores distinctos preparam o terreno para futuras palestras literarias.

E enquanto no interior do Estado, de cada cidade ou logarejo surgem oradores de conferencias, em nuvem mais ou menos comparavel á dos gaífanhos contra a qual foi impotente em S. Manoel do Paraíso a influencia politica do sr. Jaguaribe, — aqui na capital vão entretendo o auditorio do *Steinway* os organizadores das conferencias que o sr. Garcia Redondo baptizou de *paulistas*, para distinguil-as das *fluminenses*, inauguradas por Bilac naquello mesmo salão.

Não censuro — longe de mim o atrevimento! — a imitação dos promotores das conferencias daqui e do interior de S. Paulo e, pelo contrario, louvo-os, a todos sem excepção, pelo duplo fim que põem em vista com essas palestras literarias: — educar o publico e beneficiar estabelecimentos de caridade, com o producto liquido das entradas. O que, sim, registro de leve é o monopolio que os conferencistas de S. Paulo querem fazer do tablado do *Steinway*, quando a verdade, para honra e gloria das letras paulistas, é que na capital, além delles, ha muita gente em condições de fazer tão bonita figura como o sr. Almeida Nogueira.

Perdão! Não quero com isto lembrar o meu nome, para orador de futura conferencia; pobre de mim, que não sei dizer duas palavras em publico! Mas ahi estão Vicente de Carvalho, Alvaro Guerra, Silvio de Almeida, Freitas Guimarães, Leopoldo de Freitas e outros muitos, que poderão perfeitamente renovar a turma já muito conhecida e muito ouvida dos quasi-chronicos conferencistas de S. Paulo, á testa dos quaes se acha, pelo direito evidente e incontestavel da cidade, o brilhante escriptor da *Botânica amorosa*.

FABRICIO PIERROT

NOTAS

Os srs. assignantes que não receberem pontualmente o *Album* deverão dirigir sua reclamação directamente ao nosso escriptorio, avenida Angelica, 3.

Realisam-se no dia 30 do corrente, neste Estado, as eleições para a representação federal.

O partido republicano dominante apresentou chapa completa de candidatos; o partido republicano dissidente recommenda a seus correligionarios quatro nomes á deputação; pleitearão as eleições, tambem, alguns candidatos avulsos.

Quanto aos monarchistas, parece que não irão ás urnas e, se fosse pedida a nossa opinião a esse respeito, diríamos que, pelo menos em S. Paulo, fazem muito bem em abster-se.

A eloquente lição dos factos tem demonstrado que na Republica é impraticavel a liberdade eleitoral, principalmente neste Estado, emquanto entregue á direcção de olygarchias.

O pleito que se vai feir proxima-mente será, com pequenas variantes, repetição dessa comedia que ha muito estamos habituados a ver, representada em algumas localidades com apparato de baionetas e em outras com exhibição de capangas, que não raro, desempenhando á risca o seu papel, enxertam na peça algumas scenas de sangue.

Comedia ou cousa semelhante, os monarchistas não devem intervir na sua representação, e sim assistir da platéa, com a maioria do povo, ao espectáculo ás vezes curioso de como se fazem deputados em S. Paulo.

A nota mais importante destes ultimos dias foi a solução diplomatica do caso da canhoneira *Panther*.

O sr. barão do Rio Branco deu por findo o incidente entre o Brasil e a Allemanha, reconhecendo, com o governo do *Kaiser*, que não houve desacato á soberania brasileira, que são verdadeiras as informações dadas pelas auctoridades allemães e que, quanto ás auctoridades brasileiras, faltaram á verdade ou, mais duramente, *mentiram*, quando affirmaram que Steinhauff ou Steinhoff está ou esteve a bordo da *Panther*.

E, acceitas sem mais exame as explicações da Allemanha, esta se limitou a lamentar o incidente e o Brasil por um pouco que não lhe pediu desculpas.

Toda a imprensa brasileira estranhou esse desfêcho e foi dolorosa no espirito publico a impressão que elle causou, tanto mais por estar á frente dos Negocios Exteriores um

diplomata da estatura de Rio Branco, o vencedor das Missões e do Amapá.

Passou no dia 14 do corrente o decimo anniversario do falleimento do dr. José Rolim de Oliveira Ayres, ministro do Tribunal de Justiça e pae da distincta poetisa exma. sra. d. Zalina Rolim de Toledo.

Magistrado integerrimo, caracter nobre e independente, o dr. Rolim fazia honra á magistratura brasileira.

Realizou-se na capital do Ceará uma reunião de cavalheiros da melhor sociedade, na qual ficaram definitivamente assentadas as bases e creada uma associação promotora da execução de uma estatua a D. Pedro II, na Fortaleza, por meio de subscrições populares.

Por aclamação, foram eleitos: — presidente da sociedade, o dr. Francisco Barbosa de Paula Pessoa, e thesoureiro geral, o coronel Francisco E. da Motta.

Em seguida o presidente, depois de expôr em palavras breves, mas cheias de unção e repassadas do mais ardente patriotismo, o fim da reunião, chamou para secretario o sr. Miguel Fernandes Vieira.

Foram em seguida eleitos directores os srs.:

Dr. Pedro de Queiroz, dr. Thomaz P. de Souza Brasil, padre José Barbosa de Jesus, Antonio Gonzaga Cordeiro de Almeida, Thomé A. da Motta, Henrique José de Oliveira, José Raynundo da Costa, José Albano Filho, Alfredo B. Salgado, Antonio de Mattos Porto, dr. Paulino Nogueira Borges da Fonseca, Barão de Camocim, José Agostinho Rodrigues, dr. Francisco de A. Bezerra de Menezes, Joaquim Magalhães, João Tiburcio Albano, João José Vieira Costa, Manuel Satyro, Joaquim Jorge Vieira, Joaquim Sá, Amancio Hollanda Cavalcante, dr. Joaquim Felício de Almeida e Castro, Antonio Nunes Valente, dr. Luiz Severiano Ribeiro, Ismael Fiuzza Pequeno, Theodomiro de Castro, José Gomes Mello, João Guilherme da Silva, Alcides Brasil Montano de Mattos, João Dias Gonçalves Sobreira, Tertuliano Cabral F. Vieira e José da Silva Bomfim.

Terminada a sessão, foi aberta uma subscrição entre as pessoas presentes.

Manual do monarchista

PRIMEIRA PARTE

A constituição monarchica

I

BASE THEORICA DA DOUTRINA MONARCHICA

A doutrina monarchica está em completa harmonia com a sciencia historica e natural.

DUQUE DE ORLEANS
(Carta a Paulo Bourget)

Que é Monarchismo ?

— E' o conjunto dos principios sociaes que proporcionam aos povos a saúde politica, isto é, o bem-estar, a força e a influencia.

E o Republicanismo ?

— E' um amontoado de erros sociaes que produzem: infallivelmente a ruina moral e material dos Estados.

Qual o fundamento respectivo do Republicanismo e do Monarchismo ?

— O Republicanismo funda-se no sentimento individual.

Fulano entende que as cousas estão mal organisadas e estimaria vê-las organisadas de outro modo. — segundo sua phantasia, bem entendido.

— E' preciso, diz elle, que cada um governe por sua vez, por ser isso mais conforme com a logica e a justiça.

— Não, replica Sicrano; o Estado deve ser dirigido por um dictador eleito pelo suffragio universal.

— Pelo parlamento, observa Beltrano. Pedro quer que a Republica seja catholica; Paulo, livre-pensadora; Sanchinho, semita; e Martinho, anti-semita.

Estas diversas opiniões provêm do facto de não serem eguaes os gostos e as preferencias, e por isso ha tantas Republicas diferentes quantos republicanos.

O Monarchismo, ao contrario, acceita as cousas como as cousas são, pela simples razão de que o homem não tem poder para transformal-as; considera as sociedades como se formaram pela natureza e pela historia.

Assim, em relação á sociedade brasileira, o Monarchismo tem sua base no que constitue o Brasil tal qual elle é, isto é, em tudo quanto o distingue das outras nações, em tudo quanto distingue um brasileiro de um argentino ou de um norte-americano.

Por isso é que não pôde haver senão uma unica Monarchia brasileira, imposta pela natureza do temperamento brasileiro, do mesmo modo que só ha uma hygiene para determinada pessoa, — a que é reclamada por seu temperamento e constituição.

II

QUE É A MONARCHIA ?

A Monarchia brasileira será a representação suprema da patria, a magistratura que ninguém disputará; que a ordem, a paz e a unidade, assentado sobre a base larga e firme da união de provincias fortes.

EDUARDO PRADO

Que é a Monarchia ?

— E' a applicação das verdades politicas indicadas pela observação attenta do homem e do meio em que este vive.

Que é o que constitue a Monarchia ?

Um conjunto de instituições ao mesmo tempo distinctas e inseparaveis:

Distinctas, porque cada um dellas desempenha um determinado papel; inseparaveis, porque não poderiam, sem se destruirem, romper a solidariedade que as une.

Então a Monarchia não é um sistema de governo em que um homem, chamado Imperador, governa a seu capricho e bel-prazer um povo de escravos ?

— Não. Tal concepção está em contradicção com o principio monarchico e é a exacta interpretação do republicanismo e do cesarismo.

(Continúa)

Ultimos momentos de D. Pedro I

A gravura que hoje reproduzimos representa a morte de D. Pedro I, a 24 de setembro de 1834, no mesmo paço e no mesmo aposento onde nasceu, a 12 de outubro de 1798.

Vêem-se na gravura, além do seu medico dr. Tavares, D. Maria II, a imperatriz D. Amelia, os marquezes de Saldanha e de Rozende e o arcebispo de Thessalonica.

↳ Vida social ‹

Anniversarios

No dia 10 do corrente, passou o anniversario natalicio da distincta sra. d. Luiza de Souza Fleury, filha da veneranda sra. d. Maria da Gloria de Padua Fleury.

No dia 12, recebeu muitos cumprimentos, por identico motivo, a graciosa senhorita Baby, filha do nosso illustre correligionario dr. Amador da Cunha Bueno.

— Fez annos, no dia 13, a exma. sra. d. Carlota de Moura Varella, virtuosa esposa do dr. Luiz Arthur Varella, 1.º procurador da Fazenda do Estado.

Nascimento

O lar do sr. Arthur Alves Martins, digno chefe do escriptorio da importante casa Baruel & C., está em festas, com o nascimento de uma galante criança, que vai receber o nome de Sylvio.

Casamento

Contractaram casamento o dr. Alcebiades Piza, procurador da Republica neste Estado, e a gentil senhorita Valentina de Assumpção, filha do estimado fazendeiro e capitalista sr. Domingos Teixeira de Assumpção.

O enlacc matrimonial realisa-se a 17 do mez proximo.

Bodas de prata

Festejam suas bodas de prata, a 22 do corrente, o sr. Frederico de Souza Queiroz e a exma. sra. d. Augusta Fleury de Souza Queiroz.

Da Europa

A bordo do *Magellan*, regressou no dia 11 de sua viagem á Europa o sr. Francisco Nicolau Baruel, vereador municipal e chefe da importante casa commercial desta praça Baruel & C.

Visita

Distinguiu-nos com sua visita o exmo. sr. barão Homem de Mello, que esteve a passeio nesta capital.

Iniciamos hoje a publicação do *Manual do monarchista*, adaptação do *Manuel du royaliste* de Firmin Bacconnier, feita expressamente para a nossa revista.

Reproduzindo hoje, em autotypia, o conhecido quadro de Pedro Americo, *O grito do Ypiranga*, vem a proposito recordar, com Eduardo Prado, que o distincto artista retrahou alli o facto da Independencia do Brasil com toda a verdade e toda a philosophia. «Vê-se nessa pintura, escreveu o saudoso brasileiro—o Príncipe Regente, a cavallo, de espada desembainhada, cercado da sua guarda de honra, dos gentis-homens da sua camara, de varios capitães-mórcs e de officiaes de orde-

nanças. Os couraceiros, os officiaes, os da côrte brandem as espadas ou agitam os chapéus e no quadro ha a vida admiravel daquelle momento historico. A um canto, um homem de côr, guiando um carro, arreda os seus bois da estrada e olha admirado para o grupo militar; ao longe, destacando-se no fundo illuminado de uma tarde que cai sobre a paisagem melancolica, um homem do campo, um *caipira*, retém o passo á cavalgadura e, voltando tranquillamente o rosto, vê, de longe, a scena que não comprehende. Esses dous homens são o povo brasileiro, o povo real, a maioria da população que não participou da Independencia e muito menos tomou parte na agitação republicana promovida em nome delle.»

O nosso archivo

Visitou-nos o 1.º numero da *Illustração do Brasil*, revista mensal que acaba de iniciar sua publicação nesta capital, sob a direcção de A. Boucher Filho e João Bayeux.

Desejamos-lhe prosperidades.

— *Iris* é o nome de uma magnifica revista literaria, que apparece mensalmente em S. Paulo sob a competente direcção de Alvaro Guerra, festejado escriptor.

Está a apparecer o 3.º numero, correspondente a este mez; basta o nome do fino prosador dos contos *No lar* para recomendar a revista digna por todos os titulos da grande acceitação que tem tido.

— Dentre as folhas que permutam com o *Album*, figuram *Le Messager de São Paulo*, desta capital, e *Minarete*, de Pindamonhangaba.

O primeiro é dirigido pelo conhecido jornalista Eugenio Hollender; de grande formato e inserindo sempre variada collaboração e opulento noticiario, *Le Messager* é o organ legitimo dos interesses francezes na America do Sul.

Quanto ao *Minarete*, é um dos periodicos mais bem feitos do interior do Estado; á frente de sua direcção, figura o nome festejado de Benjamin Pinheiro, distincto advogado de Pindamonhangaba, que tem sabido imprimir ao sympathico periodico uma bella orientação.

Album



Imperial

REDACÇÃO: — Avenida Angelica, 3

Assignatura annual (série de 24 numeros) . . . 20\$000
Pagamento adiantado.

NO PROXIMO NUMERO

D. PEDRO II

Leoncio A. Gurgel

ANNO I

S. PAULO, 5 de fevereiro de 1906

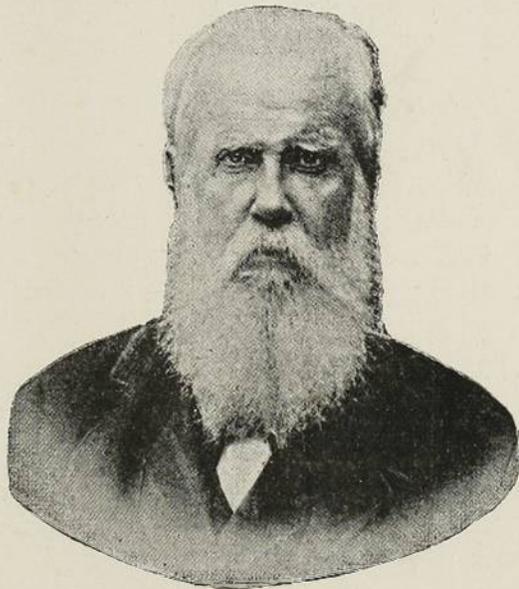
NUM. 3

ALBUM IMPERIAL

QUINZENARIO POLITICO E LITERARIO

Director: Couto de Magalhães

Secretario: M. Bittencourt J.^{or}



D. PEDRO II



D. PEDRO II

I



GERALMENTE os brasileiros, ignorantes do que é genuinamente nosso e muito versados em cousas estrangeiras, desconhecem a capacidade intellectual e scientifica de D. Pedro II. Foi preciso que Victor Hugo lhe chamasse neto de Marco Aurelio. —

« Sire, vous êtes le petit-fils de Marc-Aurèle! »; foi preciso que outros o denominassem sabio, para que alguns brasileiros lidos ficassem sabendo que possuíamos á testa dos destinos de nossa terra um grande homem, um eminente e illustre cidadão.

Os republicanos que se dizem historicos, salvo honrosas excepções, no calor apaixonado e sectario da propaganda, no tempo do saudoso Imperio, dirigiam ao Monarcha e á Augusta Familia Imperial as mais torpes injurias... Miseraavel meio de propagar idéas!...

Dahi resultou pensar-se que D. Pedro II era uma mediocridade.

Ainda hoje os republicanos e mesmo alguns monarchistas julgam que o Imperador nada produziu que viesse confirmar a sua reputação de sabio.

Para esses é que escrevemos o presente artigo, no qual provaremos exuberantemente o valor intellectual do nosso saudoso Imperador.

Apesar das grandes attribuições inherentes ao seu elevado cargo, conhecia quatorze linguas, entre as quaes o latim, o grego, o sanscrito, o hebraico, o arabe, o persa e o nosso tupi, que estudára seriamente.

Um dos seus biographos diz que foi elle talvez o homem de maior erudição que teve o Brasil.

D. Pedro II escreveu umas primorosas *Impressões de viagem* ao Egypto, Palestina e outros logares; traduziu diversas obras, e algumas escriptas no original grego e arabe, e, segundo Benjamim Mossé, teve a prodigiosa paciencia e o merito raro de verter do hebraico para o latim passagens dos livros de Isaias, Job, os Psalmos, Ruth, o Cantico dos Canticos, etc.

Em 1864, Fletcher enviou a Longfellow e a Whitier a traducção feita pelo Imperador de dous de seus mais bellos poemas. E Longfellow confessou que *The Story of King Robert of Sicily* fóra traduzido em portuguez por tres poetas, mas que a traducção do Imperador era a melhor de todas.

D. Pedro II verteu tambem para o portuguez uma das mais bellas odes de Manzoni a Napoleão I, inspirada pela morte do grande guerreiro e intitulada *Il Cinque Maggio*.

Mais tarde, o Imperador tornou-se grande amigo daquello notavel poeta italiano e, a proposito, ha este trecho do sr. João José Moreira (*Cenni biografici di D. Pedro II, Imperatore del Brasile*):

« Quando l'augusto monarcha si trovava in Milano gli venne vaghezza di vedere Alessandro Manzoni, uno dei più grandi ingegni del secolo nostro, un caposcuola di letteratura italiana, e si portò o Brussuglio, dove attualmente dimora il sommo poeta, per ossequiarlo. Dopo un lungo colloquio tra i due illustri personaggi, il Manzoni volle con maniere gentili manifestare la sua riconoscenza per l'onore compartitogli da Dom Pedro:

ma questi, quasi commosso, con accento rispettoso gli rispose: — Son io che mi onoro di essere stato ricevuto da voi; i secoli ricorderanno Alessandro Manzoni mentre gli anni avranno fatto perdere la memoria di Dom Pedro d'Alcantara. — Massima degna di quegli antichi saggi, la quale dà a dividere che la mente dell'Imperatore è grande e sublime ».

D. Pedro II produziu tambem um interessante estudo intitulado *Quelques notes sur la langue Tupi* (1); publicou em Avignon, prefaciando-a eruditamente, uma traducção para o francez das *Poesies Hebraico-Provençales, du Rituel Israelite Contadin* (2); annotou a importante obra de E. de Pressensé, *Les Origines* (3). Referindo-se a essas annotações, disse a illustre commissão do Instituto Historico Brasileiro, encaregada de dar parecer sobre ellas:

« Este documento é mais uma prova do elevado criterio e sabedoria do nosso Augusto Protector, de saudosa recordação, e como tal deve honrar as paginas de nossa *Revista* ».

Finalmente, escreveu um volume de *Poesias*, originaes e traduzidas, publicadas em Petropolis por seus netos. Além disso, o Imperador possuia profundos conhecimentos scientificos, historicos e literarios, sendo raro o assumpto sobre o qual não pudesse manifestar-se com elevação de vistas e discutir proficientemente.

II

Suppõe-se que D. Pedro II começou a ler e escrever muito cedo, pois a 12 de abril de 1831, tendo elle pouco mais de cinco annos, em resposta a uma carta que escrevera a seu Pae, que se achava a bordo da nau *Warspiles*, recebeu a seguinte:

« Meu querido filho e meu Imperador. — Muito lhe agradeço a sua carta que me escreveu; eu mal a pude ler, porque as lagrimas eram tantas, que me impediam de a vêr; agora que me acho, apesar de tudo, um pouco mais descansado, faço esta, para lhe agradecer a sua e para certificar-lhe que, emquanto vida tiver, as saudades jámais se extinguirão em meu dilacerado coração. Deixar filhos, patria e amigos, não pôde haver maior sacrificio, mas levar a honra illibada, não pôde haver maior gloria. Lembre-se sempre de seu pae e ame a sua e a minha patria; siga os conselhos que lhe derem aquelles que cuidarem na sua educação, e conto que o mundo o ha de admirar, e que eu me hei de encher de ufania por ter um filho digno da patria. Eu me retiro para a Europa: assim é necessario para que o Brasil socegue, o que Deus permita, e possa para o futuro chegar áquelle gráu de prosperidade de que é capaz. Adeus, meu amado filho, receba a bençãem de — seu pae que se retira saudoso e sem mais esperanza de o vêr — D. Pedro de Alcantara.. »

(1) Vide na importante obra *Le Brésil*, par E. de Levasseur, Paris — 1889, Appendice, pag. 89, este trabalho do Imperador.

(2) Avignon — 1891. Possuimos um exemplar raro deste trabalho.

(3) Vide *Memoire du Conseiller M. F. Correia sur l'ouvrage de E. de Pressensé, annoté par Don Pedro D'Alcantara*, Rio de Janeiro — 1892.

O Instituto Historico e Geographico Brasileiro, que é a associação litteraria e scientifica mais importante da America Latina, foi fundado em 1838, e na sua primeira sessão, realisada em 1.º de dezembro desse anno, presidida pelo Visconde de São Leopoldo, o conego Januario da Cunha Barbosa propoz que o Instituto pedisse ao Imperador que accitasse o titulo de seu protector.

D. Pedro II tinha então apenas 13 annos de idade, mas accitou esse glorioso titulo, e, durante meio seculo, jámais deixou de amparar e proteger aquella egreja associação, que ha prestado inestimaveis e valiosos serviços ao Brasil, tendo já publicado 66 grossos volumes da sua *Revista*, que é o mais opulento repositório de nossa historia. Nas nossas questões internacionaes, o archivo e a bibliotheca do Insti-

Sr Paulino

Leio no Diário que se pretende fazer uma subscrip-
ção para elevar - me uma estatua. O Sr conhece meus
sentimentos, e desejo que declare, quanto antes, a commis-
são, de que falla o mesmo Diário, que, de querer perpetu-
tar a lembrança do quanto confio no patriotismo dos
Brasileiros para o desagravo completo do honra na-
cional e prestigio do nome brasileiro por modo que não
me contraria na minha satisfação de servir a minha
patria, unicamente pelo cumprimento de um dever de
Comend, muito estorvaria eu que se empregassem seus
esforços na aquisição do dinheiro preciso para a construc-
ção de edifícios a proprietários ao caso das escolas prime-
rias, e o melhoramento do material de outros estabele-
cimentos de instrucção publica. O Sr e seus prede-
cessores sabem como sempre tenho fallado no sentido
de de cuidar seriamente da educação publica, e na-
da me agradaria tanto como ver a nova era de paz fir-
mada sobre o conceito de dignidade dos Brasileiros come-
çar por um grande acto de iniciativa d'ellesa bem da
educação publica.

Agradeço a idea que tiveres da estatua e com certeza
de que não serei forçado a recusal - a

Pedro 2º

19 de Março de 1870

tuto têm sido consultados pelos mais illustres diplomatas encarregados da defesa de nossos direitos. As sessões do Instituto eram no proprio Paço Imperial.

Logo depois de declarada a sua maioridade, o Imperador pela primeira vez se apresentou no Instituto, assistindo á segunda sessão publica anniversaria, realisa da a 27 de novembro de 1840, em companhia de suas irmãs as princezas D. Francisca e D. Januaria.

Tinha elle então 15 annos de idade, mas já possuia um preparo solido, plantado numa intelligencia excepcional.

Bello e singular espectaculo devia ser a dessa memoravel sessão, em que a cabeça formosa e loura de um principe adolescente se confundia com as fronte venerandas e encanecidas de outros principes, porém das letras e da sciencia!

Era a magestade de raça abraçada com a magestade do talento!

Após um silencio profundo, levanta-se muito commovido o Exmo. Sr. Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios Estrangeiros, como vice-presidente do Instituto, e presidindo a esse acto solemne, na ausencia do presidente, e alcançada permissoão do Augusto Protector do Instituto, abre a sessão anniversaria por um eloquentissimo discurso, perorando com estas palavras:

« Os Historiadores Brasileiros demorar-se-ão em pintar as qualidades preciosas do nosso benefico Protector; elles descreverão a sensibilidade na grandeza, a humanidade no Poder Supremo, e até a amizade sobre o throno: pintarão essa bondade, que faz desapparecer o receio, e concilia o amor; esses pormenores de beneficencia para com todos que se approximam de seu Throno, necessidades sempre novas de um coração sempre sensivel. Farão ver essa humanidade applicada aos povos nessas crises violentas, em que se debatem e se baralham; o chefe de uma nação guerreira amigo da paz; um Rei inimigo dessa falsa gloria, que seduz a quasi todos os Reis: nas guerras necessarias, o calculo do sangue dos homens ao lado das esperanças e dos projectos; em um dia de triumpho, as lagrimas do vencedor sobre o campo da batalha: na paz, a agricultura protegida debaixo de um verdadeiro ponto de vista; o commercio, a industria e as artes, animadas por uma politica sabia e previsoras.

Possa, Senhor, o Céu abençoar e prolongar os dias preciosos de V. M. I. ! Possa tornar ditosos os das Augustas Princezas Brasileiras, para que os amigos da prosperidade e gloria do Brasil vejam verificados os prognosticos da fatidica esperança! Possa V. M. I. não esfriar jámais no gosto pelas Letras e Sciencias, que em tão tenra idade já possui, para gloria do Imperio e para felicidade de seus subditos! »

III

Em 1842, a respeito do joven Imperador, dizia o illustre principe viajante, Adalberto da Prussia:

« D. Pedro II está notavelmente adeantado em vigor mental e conhecimentos para a sua idade: é de estatura pequena, um tanto corpulento, cabeça regular, cabellos louros e feições bem feitas; seus olhos azues, expressivos, indicam seriedade e benevolencia. Embora não conte mais de dezeseite annos, tem a gravidade de porte de homem maduro. Manifesta grande prazer no avanço e na acquisição de conhecimentos, e cultivou cada ramo completamente. A historia é seu estudo predilecto, embora se interesse por varios outros assumptos, entre os quaes a botanica. O joven So-

berano manifesta tambem grande talento na arte da pintura; aqui se evidencia o seu interesse por tudo quanto é grande e nobre, pois geralmente escolhe para assumpto de seu lapis o retrato dos grandes reis, celebrados na historia, cujo exemplo deseja emular.

O Imperador levanta-se ás 6 horas da manhã e consagra-se aos negocios do Estado: grande parte do tempo que lhe sobra, passa-o a ler, no que o auxilia grandemente uma memoria excellente. Ha um nobre espirito de ambição no joven Imperador, de educar-se cada vez mais para sua posição excelsa, porém ardua, ambição que não podemos senão respeitar e admirar. Que felicidade para este bello paiz ser governado por quem conhece tão perfeitamente os deveres de sua posição e tão sériamente deseja fazer a felicidade do seu povo! Abençoem-lhe os céus os esforços! »

IV

Embora D. Pedro I não possuísse o largo preparo intellectual de seu filho, entretanto via longe como seu digno pae D. João VI; assim é que, na sua carta acima citada, escripta a D. Pedro II, quando disse: — *e conto que o mundo o ha de admirar* — elle previu que o tenro rebento da Casa de Bragança seria mais tarde um grande homem, um monarcha modelo, em summa « um neto de Marco Aurelio ».

Depois de 1840, começou o amadurecimento da excepcional intelligencia do joven Monarcha. Tinha elle uma séde intensa de viajar e aprender, e essa paixão elle a conservou até morrer; pôde-se dizer que elle expirou ao lado de alguns livros queridos que o acompanharam no exilio.

Era um dos homens mais preparados do mundo, especialmente em linguas, e, ao mesmo tempo, um dos mais viajados. Conhecia os principaes paizes da Europa, da America e da Asia, que percorreu longo tempo, e perlustrou quasi todas as provincias do antigo Imperio, deixando, por toda parte onde passou, amigos e admiradores, além de grande e larga popularidade. Conta Mauricio Lamberg, viajante allemão, que nos sertões da Bahia encontrou um indio civilisado, que, no tempo de sua vida nomade, tinha sido apresentado a D. Pedro II, no Rio de Janeiro, com mais alguns de sua tribu. Assim que viu o viajante, com a mais adoravel das familiaridades, pressuroso, perguntou-lhe: « Como vai o Imperador do Brasil? »

D. Pedro II tomava muito a peito a instrucção publica e foi por isso que, por occasião de terminar a guerra do Paraguay, quando fizeram uma subscripção para lhe levantar uma estatua, elle, com o maior despreendimento mundano, escreveu a celebre carta ao conselheiro Paulino José Soares de Souza, reproduzida em *fac-simile* neste numero do *Album*, na qual pede que o producto da subscripção seja applicado na creação de escolas.

Já, em Cannes, numa occasião exclamou:

« Si je n'étais pas empereur, je voudrais être maître d'école. Je ne connais point de mission plus grande, ni plus noble, que celle de diriger de jeunes intelligences et de préparer les hommes de l'avenir! »

No Brasil, sempre protegeu e pensionou do seu bolso particular muitos homens que não seriam notaveis nem honrariam mais tarde nossa terra se não fosse a grande generosidade do Imperador.

Foi protector e amigo do sabio historiador Varnhagen, depois Visconde de Porto Seguro, dos grandes poetas Gonçalves Dias, Magalhães e Porto Alegre, do romancista Macedo e outros muitos.

Tambem protegeu os pintores Pedro Americo, Victor Meirelles e o genial auctor do *Guarany*, a proposito de quem Mello Moraes Filho, descrevendo o seu primeiro encontro com o grande maestro Carlos Gomes, pouco depois de proclamada a Republica, num baile, no palacio do governador do Rio de Janeiro, diz:

« E a festa rumorejava calorosa, os *foasts* erguiam-se á distancia, as danças, varrendo o salão, accendiam desejos, alentavam contentamentos no seio febril dos pares, felizes da noite, ensoberbecidos da honraria.

A principio, Carlos Gomes, o dr. Portella e o auctor deste estudo, em grupo isolado, depois o *maestro* do *Guarany* e nós, seu humilde interlocutor, preso á sua palavra, attento á mobilidade de sua expressão.

Apreciações divergentes, conceitos solidarios, uniformidades estheticas, ate que o facto historico de 15 de novembro cresceu á entrevista, proferindo o artista, grave, sincero e convencido, uma dessas phrases que definem os grandes caracteres, caminhando de mãos dadas com os grandes talentos: *Se não fosse o Imperador, eu não seria Carlos Gomes* ».

Adivinhou o genio musical do grande Wagner, a quem propoz, em 1857, que compuzesse uma opera para o theatro lyrico do Rio de Janeiro.

Nas vizes que esteve em Paris, nunca perdeu occasião de assistir a qualquer conferencia importante que se annunciava, fosse ella feita em francez ou em outra qualquer lingua. Era o Imperador frequentador assiduo das academias, dos institutos e dos museus, não por simples *coquetterie*, como já alguém insinuou algures, mas por verdadeiro amor ás artes, ás sciencias e ás letras.

Quando foi eleito membro correspondente da Academia de Sciencias de Paris, distincção raramente dispensada a um estrangeiro, embora este tenha real merito, prevaleceu-se o Imperador desse caracter para dirigir á douta corporação innumeradas communicações que poderiam contribuir para destacar o progresso scientifico do Brasil.

Adolpho Frank, membro do Instituto, notavel auctor de *La Kabbale* e do *Dictionnaire philosophique* e professor de direito das gentes no Collegio de França, era um grande amigo e admirador de D. Pedro II.

De uma feita, o Imperador foi assistir, incognito, a uma das prelecções publicas do sabio professor.

Frank tratava precisamente do importante problema da escravidão. E, apercebendo-se da presença do Imperador, exclamou, para seus ouvintes:

« Un grand empereur moderne a pris à cœur de supprimer, dans son vaste empire, cette plaie sociale qui déshonore l'humanité »

Cet empereur philanthrope et sage n'est pas un mythe; il existe réellement, il est plein de vie, il parcourt toutes les capitales de l'Europe, pour y étudier les institutions et les mœurs occidentales. Non, cet empereur philosophe n'est pas un mythe; vous pouvez, Messieurs, le voir, lui parler et contempler sa face auguste; il est en Europe, en France, parmi vous, au milieu de vous; il est à vos côtés!... »

Immediatamente todos os espectadores se levantaram surprehendidos e avidos por contemplar a figura daquelle condiscipulo regio, cuja presença alli elles não suspeitavam, e vendo-o, sereno e magestoso, dominando todos pela estatura avantajada, o auditorio electrizou-se e freneticos applausos rebentaram espontaneos, abafando as ultimas palavras do sabio conferencista e saudando o Imperador philosopho!

Os maiores homens do seculo XIX prestaram culto de admiração a D. Pedro II.

Benjamin Mossé, dirigindo-se a elle, exclamava:

« Sire, vous êtes plus qu'un empereur; vous êtes un philosophe et un savant! »

Charles Darwin, escrevendo em 1887 ao illustre botânico inglez sir Joseph D. Hooker, dizia:

« L'empereur a tant fait pour la science que tout savant lui doit le plus grand respect; etc. ».

W. E. Gladstone, num discurso pronunciado em Londres, a 1.º de julho de 1877, exclamava:

« That is what I call a great and good Sovereign and a man who, by his conduct, is enabled to make the high station which he holds a pattern and a blessing to his race! »

Ferdinand Wolf, na sua *Histoire de la littérature brésilienne*, disse:

« Dom Pedro II ne se contente pas d'aimer et de protéger les sciences et les arts, de réunir à sa cour les savants et les artistes, de les favoriser, non par calcul, comme Auguste, ou par une vanité egoïste, comme Louis XIV, qui n'avait d'autre pensée que de les faire concourir à l'agrandissement de sa puissance et à la gloire de son nom.

« Dom Pedro II ne fait pas des sciences et des arts le marche-pied de son ambition; il les aime pour eux-mêmes et il en connaît à fond plusieurs branches. Il manque rarement d'assister aux séances de l'Institut historique et géographique. Sous son règne, se sont fondés un grand nombre d'établissements d'instruction et de sociétés littéraires. Tandis qu'autrefois, le journalisme politique avait tout envahi, on vi paraitre, enfin, des revues consacrées uniquement aux sciences et aux arts ».

D. Pedro II foi elogiado ainda pelos sabios Saint-Hilaire, Agassiz, Arsène Houssaye e Pasteur; por Victor Hugo, Lamartine, Dumas e Alexandre Herculano.

O visconde de Castilho, ao dedicar-lhe seu drama *Canções*, lhe dirigiu estes versos:

Se um destino o diadema em teu berço ha lançado,
 desse dom casual não me attrahe o esplendor;
 tens mais nobre diadema! eterno! conquistado!
 quem mede em ti o sabio esquece o Imperador!

O nosso Gonçalves Dias cantava:

Teu nome, sem cessar, dissera ao mundo,
 Tu que és nosso Paladio Sacrosanto,
 Augusto Imperador — Pedro Segundo!

Agora é o harmonioso Fagundes Varella que, por occasião da guerra com o Paraguay, bradava:

Oh! não consintas que teu povo sign
 Louco, sem rumo, deshonroso trilhó!
 Se és grande, ingente, se dominas tudo,
 Também da terra do Brasil és filhó!

Abre-lhe os olhos, o caminho ensina
 Aonde a gloria em seu altar sorri,
 Dize que vive, e viverá tranquillo,
 Dize que morra, morrerá por ti!

Até a Ristori, essa insigne Ristori, a tragica que foi celebrada por Lamartine e Musset, nos diz, nos seus *Ricordi artistici*:

« Quale anima gentile, quale spirito eccezionalmente colto trovai nell'Imperatore! Egli mi onorò della sua amicizia, della quale mi sento orgogliosa; nè tempo, nè lontananza l'hanno potuta scemare nell'anima mia. Ricevuta a corte con mio marito ed i miei figli, non mi attento a descrivere quanta bontà ed affabilità abbia incontrate in quell'angelica famiglia. Quanta occasione non mi ebbi d'ammirare la coltura, l'ingegno profondo di Sua Maestà! Tutte le litterature gli sono famigliari etc. »



V

Passemos agora a fazer uma apreciação rápida de uma collecção de formosas poesias da lavra do finado Imperador do Brasil.

Victor Hugo, numa das magnificas e immorredouras paginas de *Les Misérables*, nos dá este bello e profundo pensamento :

« Il y a des moments où, quelle que soit l'attitude du corps, l'âme est à genoux » (4).

O genial poeta em duas linhas synthetizou tudo quanto podiamos escrever sobre o respeito e o amor com que devemos lêr os versos admiraveis de D. Pedro II, cuja fronte veneranda, mesmo sem a corôa de rei, brilha extraordinariamente, pela magestade do infortunio.

E', pois, com a alma de joelhos que devemos lêr os sonetos do Imperador e recital-os a nossos filhos, para que elles fiquem conhecendo como aquelle santo varão foi grande, nobre e abnegado desde o despotar esperançoso de sua mocidade até ao occaso triste do seu exilio.

Do primeiro verso ao ultimo, a linguagem suave e sentida do nosso Imperador nos cala fundo no coração.

Abre esta pequena collecção um soneto escripto por D. Pedro II quando elle pouco mais tinha de vinte annos, por occasião da morte do seu primogenito, o principe D. Affonso.

Referindo-se a essa poesia, diz um illustre contemporaneo : « bem podeis, por essas tristes endeixas, avaliar quanto é pungente a dôr que rala o peito do extremoso pae carpindo a perda do querido filho » (5).

Os sete sonetos seguintes foram escriptos depois de 15 de novembro de 1889. A nota predominante nestes ultimos versos é o grande amor que D. Pedro II dedicava ao Brasil e a profunda tristeza que sentiu ao vêr-se longe da Patria querida.

Alquebrado, mais pelos desgostos do que pela idade, elle previa o seu fim proximo, como um descanso a tantos pesares.

Assim é que, mandando soltar de bordo do *Alagôas* um pombo, que trazia o adeus final dos que se iam caminho a fóra do exilio, a ave tomou vôo e logo em seguida desceu, fraca, e tombou nas aguas revoltas do oceano. E o velho Imperador, então, tomando esse facto como um aviso do céu, exclama :

Bemvindo sejas, ó celeste aviso !
Que assim me revelaste de improviso
A morte como termo a tantas maguas.

Abandonado e deposto pelos que na vespera o endeusavam, de seus labios não partiu a menor censura a quem quer que fosse, porém a sua penna burilou este quexume estupendo — o unico que produziu neste genero — pois o seu coração generoso só sabia perdoar :

Não maldigo o rigor da iniqua sorte,
Por mais atroz que fosse e sem piedade,
Arreancando-me o throno e a magestade,
Quando a dous passos só estou da morte.

Do iogo das paixões minha alma forte
Conhece bem a estulta variedade,
Que hoje nos dá continua flicidade
E amanha nem um bem que nos conforte.

(4) *Les Misérables*, vol. VII, pag. 266.
(5) Vide o magnifico discurso do Conselheiro Aquino e Castro, na Homenagem do Instituto Historico Brasileiro a D. Pedro II, Rio de Janeiro — 1892.

Mas a dôr que exércia e que maltrata,
A dôr cruel que o animo deplora,
Que fere o coração e prompto o mata,

E' vêr na mão cuspir á extrema hora
A mesma bocca aduladora e ingrata
Que tantos beijos nella poz outr'ora.

Este soneto, vasado num molde impeccavel pela finissima ironia que exhala, faria a reputação de um poeta e deverá occupar um logar de honra em nossa literatura.

Não bastando, porém, tantos soffrimentos physicos e moraes que o acabrunhavam, parece que Deus queria fazel-o beber até á ultima gotta do calice de amargura; queria experimentar a tempera daquella grande alma e, assim, a morte levou consigo a Imperatriz, sua santa companheira.

Esse triste acontecimento inspirou a D. Pedro II mais um formoso soneto, onde elle, chorando, exclama no primcio tercetto, cujo ultimo verso é de uma originalidade bellissima :

Feriu-te a ingratidão no seu delirio ;
Cahiste, e eu fico a sós, neste abandono,
Do teu sepulcro vacillante cyrio !

Prevendo a proxima ruina do Brasil, pede que Deus lhe conceda a morte antes que veja

A Patria, minha mãe, despedaçada.

Mas aquelle grande espirito, embora em momentos de desanimo lêsse, atravez do futuro, as grandes desgraças que viriam cair sobre esta terra, tinha momentos em que queria enganar-se a si proprio e bradava :

Grande povo, no brio e na virtude !
Se feliz, gosa em paz as mil venturas
Que deparar-te quiz e que não pude !

E, depois, o seu amor ao Brasil lhe inspirava esta commovedora supplica, em fórma de oração :

Breve, Senhor, do carcere d'argilla
Hei de evolvar-me, murmurando ansioso
Timida prece : digna-te do ouvil-a.

Põe-me ao pé do Cruzeiro magestoso,
Que no antartico céu vivo scintilla,
Fitando sempre o meu Brasil saudoso !

E, por fim, desejando realisar sua ultima aspiração, que era dormir o somno eterno da morte com a fronte repousando *num pugillo de terra* que lhe fóra do Brasil, elle ainda faz sua lyra cantar :

E entre visões de paz, de luz, de gloria,
Serenó aguardarei no meu jazigo
A Justiça de Deus na voz da Historia.

Repousa em paz, coração generoso de rei e alma sonhadora de poeta ! Mesmo que de ti nada nos ficasse, ahí estão os teus sonoros e doridos versos como um padrão immorredouro, attestando e proclamando o teu grande e profundo amor á Terra que te viu nascer, mas que te expelliu cruelmente do seu ingrato seio !... Mas, não ! Além dos teus versos, ficará tambem a tua personalidade impolluta e integra, que, extraordinariamente avultada, entre os pygmeus que nos infelicitam, entrará aureolada na historia, recebendo uma glorificação posthuma neste mundo, embora a tua alma de justo certamente já esteja, a esta hora, gosando a bemaventurança a que fizeste jús, pelas tuas acrisoladas virtudes !

Após meio seculo de glorioso reinado, lá na longinqua terra hospitaleira do exilio tu te partiste para ignotas regiões do Além e, partindo, poderias parodiar Horacio :

Non omnis moriar!

S. Paulo, 24 de janeiro de 1906.

Raphael Gonzaga

OBSERVAÇÃO — Por falta de espaço, deixam de sahir muitas notas do presente artigo, para se escrever o qual foram consultadas as seguintes obras: *O Sr. D. Pedro Segundo*, Porto — 1871; *D. Pedro II, Empereur du Brésil*, por B. Mossé, Paris — 1889; *Obras completas de Fagundes Varella*, Rio de Janeiro — 1886; *Locubrações*, por Antonio Henrique Leal, Maranhão — 1874; *Homenagem do Instituto Historico Brasileiro a D. Pedro II*, Rio de Janeiro — 1892; *Homenagem idem*, Rio de Janeiro — 1894; *O Brasil*, por Mauricio Lamberg, vertido do allemão por Luiz Castro, Rio — 1896; *Obras Posthumas de Gonçalves Dias*, Maranhão — 1868; *Artistas do meu tempo*, por Mello Moraes Filho, Rio de Janeiro — 1901; *Sonetos do Exilio*, por D. Pedro II, Paris — 1896.

D. PEDRO II — NOTAS BIOGRAPHICAS

D. Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Xavier de Paula Leopadio Miguel Gabriel Raphael Gonzaga nasceu a 2 de dezembro de 1825, na cidade do Rio de Janeiro, quinta da Boa Vista, em S. Christovam. Seu pae, D. Pedro I, tinha então 27 annos de idade e sua mãe, a archiduqueza d'Austria Leopoldina, falleceu no anno seguinte, 11 de dezembro de 1826, quando elle tinha pouco mais de um anno.

Abdicando seu pae (7 de abril de 1831), nomeou para seu tutor e das princezas suas irmãs ao patriarcha da Independencia José Bonifacio, constituindo-se desde logo uma regencia, para governar durante a sua menoridade, a qual se compunha do general Francisco de Lima e Silva e dos senadores Vergueiro e marquez de Caravellas, substituidos estes dous ultimos, naquelle mesmo anno de 1831, pelos deputados Costa Carvalho e Bráulio Muniz, que occuparam o cargo até 13 de outubro de 1835.

Dirigiu a educação de D. Pedro II o bispo de Chrysopolis, que lhe ensinou doutrina christã, o latim e as mathematicas, secundado por Alexandre Vandelli, para as sciencias naturaes; o marquez de Sapucahy, para a literatura; A Boulanger, para a leitura; Boiret, para o francez; Nathaniel Lucas, para o inglez; dr. Roque Schuck, para o allemão; Simplicio Rodrigues de Sá, para a pintura; Felix Emilio Taunay, para a geographia e historia, e diversos outros. Estava entregue a esses estudos, quando se achou completamente orpham, com menos de nove annos de idade, havendo fallecido seu pae a 24 de setembro de 1834, em Lisboa.

Foram agitados os primeiros tempos da menoridade; na capital do Imperio, as revoltas militares succediam-se umas ás outras; a guerra civil assolava o Pará, Maranhão, Pernambuco, Bahia e Rio Grande do Sul. Em 1833 foi José Bonifacio substituido do cargo de tutor pelo marquez de Itanhaem.

A Regencia, no intuito de acalmar a agitação federalista e separatista, fez votar em 1834 o Acto Adicional; a 12 de outubro de 1835, Diogo Feijó foi empossado como unico regente; a 29 de setembro de 1837, succedeu-lhe Pedro de Araújo Lima, depois marquez de Olinda. A Bahia, Pernambuco e o Maranhão estavam ainda convulsionados e o Rio Grande do Sul, em armas; nestas condições, os liberaes de então, unidos a alguns conservadores, pensaram em antecipar a data da maioridade do Imperador, sendo esta proclamada em assemblea geral legislativa, a 23 de julho de 1840.

A 18 de julho de 1841, effectuou-se na Cathedral

do Rio a cerimonia da sagração e coroação de D. Pedro II.

O Imperio, porém, ainda não estava pacificado; o Maranhão só o foi em 1841, pelo general mais tarde duque de Caxias, que pacificou igualmente, em 1842, Minas Geraes e S. Paulo.

A 23 de julho de 1842, assignou-se, na capital da Austria, o contracto de casamento de D. Pedro II com a princeza Thereza Christina Maria de Bourbon, filha do rei Francisco I das Duas Sicilias. A 5 de março de 1843, sahiram do Rio a fragata *Constituição* e as corvetas *Dous de Julho* e *Enterpe*, que chegaram a Napoles a 21 de abril, com José Alexandre Carneiro Leão, visconde de S. Salvador de Campos, embaixador do augusto esposo, que a 30 de maio casava na Capella Palatina, por procuração, sendo representado pelo principe de Syracuse. Só a 2 de julho de 1843, regressou a divisão naval brasileira, escoltada por uma divisão napolitana, tendo a seu bordo a Imperatriz, que desembarcou no Rio a 4 de setembro.

Desta alliança nasceram quatro filhos: D. Alfonso, D. Pedro e D. Leopoldina, prematuramente finados, e D. Izabel, a quem coube presidir tres periodos regenciaes, havendo tido a gloria de ligar o nome aos dous grandes actos legislativos de 28 de setembro de 1871 e de 13 de maio de 1888.

D. Izabel nasceu no Rio, a 29 de julho de 1846, e D. Leopoldina, na mesma cidade, a 13 de julho de 1847; a primeira casou a 15 de outubro de 1864 com S. A. R. o principe Gastão d'Orléans, conde d'Eu, filho mais velho do duque de Nemours e neto de Luiz Felipe, rei dos francezes; a segunda, a 15 de dezembro do mesmo anno, com S. A. o principe Augusto, duque de Saxe.

Quando casaram as duas princezas, já se achava o Brasil empenhado na guerra do Paraguay; anteriormente, o Imperio suffocára movimentos revolucionarios em varias provincias e empunhára armas, em 1849, contra Rosas, presidente da Confederação Argentina, e em 1864, contra o Uruguay.

Na guerra do Paraguay, principalmente, desenvolveu o Imperador actividade pasmosa: logo que o inimigo poz pé em terra do Brasil, partiu para o Sul, a tomar parte no cerco de Uruguayana, a cuja rendição assistiu; renunciou, até terminar a campanha, a quinta parte da sua dotação.

Terminada a guerra, cuidou o Brasil do magno problema da escravidão. D. Pedro II, tendo soffrido o

golpe de perder sua filha mais nova, a princeza D. Leopoldina, fallecida em principios de 1871 em Vienna d'Austria, resolveu seguir para a Europa, o que fez a 25 de maio d'aquelle anno, deixando como regente do Imperio sua filha a princeza D. Izabel.

Durante sua ausencia, foi que se travou nas Camaras a lucta a proposito da emancipação; D. Pedro II achava-se na Alexandria, no Egypto, quando foi informado de que a 28 de setembro de 1871 fóra votada a lei que emancipava o berço dos escravos.

Todo o periodo que vai desde então até 1885 se assignalou pela brilhante campanha abolicionista, que teve como primeiro resultado o projecto apresentado a 15 de julho de 1884 pelo deputado Rodolpho Dantas, de accôrdo com o gabinete, providenciando sobre o fundo da emancipação e propondo a alforria dos sexagenarios.

As provincias do Ceará e Amazonas tinham abolido a escravidão em seu territorio; em março de 1888, o ministerio João Alfredo punha-se á frente dos abolicionistas, e a 13 de maio a princeza D. Izabel, regente do Imperio (na ausencia de D. Pedro II, que partira, a conselho medico, para a Europa, em junho de 1887), assignava a lei extinguindo a escravidão no Brasil.

D. Pedro II estava então moribundo em Milão; a grata noticia lhe foi communicada pela Imperatriz. Testemunhas dessa scena commovente narram que, ao saber da noticia, D. Pedro exclamára: « Grande povo! grande povo! » e arrebentara em lagrimas de jubilo intimo.

A 5 de agosto de 1888, o Imperador embarcou em Pouillac, para regressar ao Brasil, onde foi recebido com estrondosas ovações; a 15 de novembro de 1889, com a proclamação da Republica, foi banida a Familia Imperial, vindo D. Pedro II a fallecer em Paris, no Hotel Bedford, no dia 5 de dezembro de 1891.

Aos seus ultimos momentos assistiram D. Izabel, Conde d'Eu, D. Pedro de Saxe, Condes de Aljezur, de Motta Maia e de Nioac; Viscondes de Cavalcanti e da Penha; Barões da Estrella, S. Joaquim, Penedo, Muritiba e Nioac; Conselheiro Silva Costa, Alfredo Rocha, dr. Eduardo Prado, Calogeras e Seybold e as sras. Condessa de Motta Maia, Baroneza de Muritiba e Silva Coutinho.

O corpo do saudoso Monarcha repousa na igreja de S. Vicente de Fóra, em Lisboa, no jazigo da Casa de Bragança, ao lado do tumulo onde descança a Imperatriz.

D. PEDRO DE ALCANTARA

ARREDADOS da imprensa nestes ultimos dias, por estarmos consagrados ao cumprimento de outros altos deveres, que por conveniencia alguma nos é licito preterir e esquecer, só agora, depois que toa a imprensa já se pronunciou, podemos dizer o que pensamos e o que sentimos sobre o passamento do sr. D. Pedro de Alcantara, ex-imperador do Brasil.

Em outra qualquer circumstancia poderia ser que a morte do ex-monarcha não causasse tão viva e tão profunda impressão, apesar de se reconhecer em sua pessoa a encarnação das mais eminentes virtudes privadas.

Nas tristissimas condições, porém, em que se acha a patria brasileira, entregue ao furor de filhos desnaturalados, que não se pejam de sacrificar os seus destinos e deshonrar suas tradições, o desaparecimento desse vulto admiravel parece que fez desvanecerem-se todas as esperanças de possível salvação.

Não somos suspeitos, porque ainda em seu reinado fizemos publica e solemne profissão de fé republicana.

Aquelle homem de organização excepcional resistiu a todos os golpes que o destino implacavelmente lhe desfechoou, mostrando-se grande e elevado no meio de todos os seus infortunios.

Nada alterou a calma de seu espirito, nem perturbou a serenidade de sua consciencia.

Em sua queda revelou toda a magestade de sua realza!

A paz e honestidade de seu reinado desgraçadamente succederam as convulsões e orgias de uma republica depravada.

Aquelles que o depuzeram endemoninharam-se, encarrgando-se de provar ao mundo que o ex-monarcha era o brasileiro mais honesto e o patriota mais puro e mais perfeito.

Os erros e crimes commettidos á sombra do novo regimen concorreram para ainda mais exaltar as virtu-

des do Sr. D. Pedro de Alcantara, que crescia e se agigantava no desterro, donde contemplava profundamente entristecido e santamente resignado o abatimento moral da patria, que procurara engrandecer e illustrar!

Nosso coração republicano sangra de dor, quando somos obrigados a confessar esta verdade.

Os erros do Imperio têm sido justificados pelos crimes da Republica.

D. Pedro de Alcantara soifreu em nobre silencio as maguas que lhe punham a alma, sem proferir uma queixa, sem soitar uma imprecação, sem maldizer o seu destino, sem condemnar aquelles que o trahiram e abandonaram!

Seus constantes e ardentes votos eram sempre pela grandeza e prosperidade do Brasil, que sinceramente extremecia!

Dir-se-ia um gigante, de estatura colossal, prostrado por verdadeiros pigmeus, que moralmente não podiam sequer roçar e lambear a sola de seus sapatos!

Parece que o ex-monarcha escolhera o momento para morrer.

Quando se desencadeia mais forte e mais temeroso o vento da revolta, que ameaça convulsionar e perder a nação brasileira, cerrou elle os olhos á luz da vida, para não vêr as miserias e horrores que ennegrecem e deshonram sua patria, que se tornara o theatro das mais hediondas e torpes especulações!

Em torno de seu tumulo, que resplandece com os fulgores da sua gloria immortal, para a imagem da saudade, que experimentam todos os brasileiros, ao perderem o seu mais sincero amigo e seu desventurado protector.

No vacuo immenso em que a patria se debate, procurando em vão um *homem* para fazer sua felicidade e assegurar a sua gloria, só encontra a ponta aguda de uma *espada* para ferir seus brios e produzir sua humilhação!

Pobre Brasil!

PADRE JOÃO MANUEL

Supplemento do "Album Imperial"

ANNO I

CHRONICAS E NOTICIAS

NUMERO 3

Album Imperial



Como supplemento ao *Album*, resolvemos publicar regularmente mais quatro paginas de materia editorial, o que tornará mais interessante a nossa revista.

Dispondo agora de mais espaço, inauguraremos opportunamente diversas secções.

Muitos pezames

O octogenario argentino, cuja morte o telegraph nos noticia, foi uma das existencias mais agitadas do ultimo seculo. Sofrivel poeta, orador toleravel, historiador patriota e pomposo, jornalista influente, mau general e disctivel administrador, Bartholomé Mitre só alcançou no seu paiz a unanimidade do respeito quando, morto politicamente e já incapaz de provocar a inveja, apenas conservava o titulo, e não o exercicio, de director de um dos mais lidos jornaes da capital portenha.

Ministro da Guerra aos trinta e oito annos, após um exilio quasi ligado a uma naturalisação; batido em Cepeda pelo guerrilheiro Urquiza; arranjador de uma eleição unanime, em 1862, para occupar a magistratura suprema em seu paiz; commandante em chefe dos exercitos alliados, em consequencia de um engano de Octaviano Rosa, no preparo da triplice alliança, e, nessa qualidade, organisador das duas esplendidas retiradas-derrotas de Curupaity e Humaitá; bellissimo discursador no banquete de Chivilcoy, entregando ao seu adversario Sarmiento, pacato e artista general, o governo da Republica; revolucionario, vencido e preso em 1874, porque derrotado pelo ultramontano Avellaneda na, como sempre, phantasmagorica lucta elictoral argentina—o grande morto não foi propriamente um director de acontecimentos, um orientador de agrupamentos partidarios: foi, porém, uma capacidade de variados aspectos, balançaada pelas alternativas, e brilhando com merito muito acima da mediania nas repetidas agitações de sua patria. Não lega Bartholomé Mitre um rumo, sequer um preceito politico, onde a geração do seu tempo haja centralizado apreciavel somma de attenção; livramo, porém, do olvido e asseguram-lhe a tal qual durabilidade do nome as consultas que a curiosidade futura terá de fazer aos seus estudos de historia

argentina a proposito de San-Martin e Belgrano.

O grande argentino, e incontestavelmente elle o foi em sua terra, não tinha odio ao Brasil; e, se prolongou algum tanto a guerra do Paraguay, assim procedeu de accordo com quasi todos os nossos generaes, cuja actividade nem sempre acompanhou as resoluções e as economicas deliberações de Caxias e Gaston de Oréans.

Pontos de historia a elucidar; ou antes: historias velhas á espera de verdades novas que as revelm e completem...

Duas vezes, em sua longa vida, manifestou-se o general Mitre a respeito das instituições politicas do Brasil: na introdução ao estudo sobre San-Martin, quando qualificou de democracia coroadá o Imperio do Brasil; e, ao chegar a Buenos Aires a noticia da nossa revolução de 15 de novembro, quando convidou a legislatura argentina a approvar, de pé e por aclamação, um voto de alegria pela queda e pelo exilio da familia imperial.

Teria, porventura, o general Bartholomé Mitre conhecimento dos intuitos e dos planos dos nossos conspiradores? E' possivel; é mesmo provavel que sim. Os quartos reservados da legação argentina no Rio de Janeiro—quem hoje o ignora?—não recusariam asylo a dois ou tres conspiradores desiludidos, caso Floriano Peixoto e o visconde de Maracajú não houvessem conseguido, traiçoeiramente, em 15 de novembro, sítiar o ministerio Ouro-Preto num quartel indisciplinado.

De resto, Bartholomé Mitre foi discipulo e, durante algum tempo, companheiro de J. B. Alberdi, o publicista diplomata que, muito antes do militarismo internacional, já aconselhava o seguinte:

" Amanhã o antigo dominio portuguez, que é hoje um imperio de transição, se subdividirá em tantos estados, quantas presidencias de provincia. Cada presidencia será uma Republica independente. A força que ha de produzir esse resultado existe nas proprias entranhas do Brasil, mas as republicas sul-americanas podem ajudar a realisação dessa mudança, devendo ser isso o objecto constante e uniforme da sua politica. Desde agora deve a imprensa dessas republicas chamar Estados as presidencias locais em que o Brasil se divide. "

Esse trecho, que traduzo das paginas 56 e 57 da *Politica Exterior da Republica Argentina*, e significava outr'ora um duvidoso programma portenho, é hoje uma incontestavel realidade brasileira. Prevendo-a, collaborando talvez no seu preparo, foi então o illustre general tão feliz propheta quanto mais tarde, ao aceitar o desafio de Solano Lopes, soube ser uto-

pista, proclamando emphaticamente: *" Em tres dias, aos quartéis; em tres semanas, em marcha; em tres mezes, em Assumpção. "* A guerra durou cinco annos.

Apresento a expressão das minhas maguas ao bravo exercito argentino.

pela perda do seu mais notavel general. E á imprensa buenairense dou muitos pezames, pela morte do seu mais antigo operario.

Santos — 1906.

MARTIM FRANCISCO

POETAS ✨ BRASILEIROS

AUGUSTO DE LIMA



Voz das cousas

Aos ouvidos do vulgo, indifferente, passa o rumor das cousas. Quem me dera vertel-o em notas de harmonia austéza, o original guardando fielmente!

Quem não sabe cantar tambem não sente a symphonia que o silencio gera atravez dos espaços, onde impéra a musica dos sóes eternamente!

Sons vagos, indecisos e serenos passam por ti, o' vulgo, sem ao menos este rumor das cousas entenderes...

Entendel-o sómente ao poeta é dado, que é seu destino andar arrebatado no magnetismo musical dos seres!

Cartas de D. Pedro II

A carta que hoje estampamos em *fac-simile* é a prova mais eloquente do quanto a instrução publica merecia de D. Pedro II.

Outra carta conhecemos, do saudoso Monarcha, recommendando a liberdade de voto. E' do seguinte teor:

« Sr. Martim Francisco — Veja um artiguinho no *Correio Mercantil* sobre os empregados de obras publicas e casa de correcção e providencie conforme lór justo afim de que haja liberdade de voto.— D. PEDRO II — 5 de fevereiro de 1867. »

O nosso Imperador amado e venerado...

FLORIANO PEIXOTO, carta ao cons. Basson, offerecendo-se para reservadamente amparar o sr. D. Pedro II contra desactos de republicanos. *Apud* Alfonso Celso, *O Imperador no exilio*, Rio, 1893.—Pag. XL.

D. Pedro II

O retrato da nossa primeira pagina é reproduzido do segundo volume da *Homenagem* que o Instituto Historico e Geographico Brasileiro dedicou á memoria de D. Pedro II.

Telegramma de S. Paulo, de 12 de dezembro de 1891, para a imprensa fluminense:

« No Tribunal de Justiça deste Estado, seu presidente dr. Fleury propoz e foi approvada uma moção, contra o voto do sr. Arruda, para que se consignasse na acta um voto de pesar pelo fallecimento do ex-Imperador do Brasil, e resolveu mais o Tribunal que seus membros tomassem lucto por oito dias e se mandasse rezar uma missa por alma daquelle benemerito brasileiro.— Desembargador *Furtado*. »

* CHRONICA *

LES DIEUX S'EN VONT !...

A BENEMERITA Comissão Central do P. R. de S. Paulo está de véras surprehendida deante do inesperado resultado das eleições federaes de 30 de janeiro.

Não entrava nos calculos do mais notavel dos estadistas actuaes, que é sem duvida alguma o talentoso coronel Totó, a possibilidade sequer de ser jamais contrariada pelo docil electorado a vontade da omnipotente Comissão, que, não considerando senão o bem da Patria e os sagrados interesses publicos, confeixará em suas mãos todos os poderes constitucionaes do Estado e os exercia com o mais completo absolutismo e sem encontrar em tempo algum contradicção séria e efficaz.

Era a Comissão que fazia os deputados e senadores, conservando-os como taes, enquanto se mantinham docis e obedientes, e despedindo-os ignominiosamente, desde que manifestavam a mínima velleidade de resistencia; era ella que, por intermedio de juizes facéis e educados pela moderna cartilha, distribuía aos povos a immaculada justiça que toda gente conhece e da qual toda gente foge como o diabo da cruz; era ella, finalmente, que, tendo nomeado para o respectivo cargo o presidente do Estado, conservava-o manso e obediente ás suas ordens, como um simples referendatario das leis e decretos que ella propria expedia.

Por sua vez, o povo, gemendo sob o peso dos impostos e lutando com as difficuldades creadas pelas numerosas crises que se perpetuaram no organismo nacional, abandonára por completo os seus direitos e contemplava com indifferença e tedio a politica e os politicos que se haviam assenhoreado do poder.

As eleições, pois, não eram, de ha muito, mais do que uma farça ridicula e desengaçada, recebida sem applausos nem pateada, cujos effeitos consistiam apenas em abrir aos aventureiros e adhesistas o accesso ás altas posições, nas quaes campeavam a incompetencia, a ignorancia e o nepotismo!

Entretanto, agora, bastou que se offerecesse ao povo uma legislação eleitoral que, embora imperfeita, todavia garante a representação das minorias, bastou essa simples e naturalissima faculdade, para que o electorado soffregamente, num impeto irremissivel e entusiastico, derrotasse vergonhosamente varios candidatos do governo, abalando assim seriamente a estabilidade da poderosa Comissão e com ella os alicerces em que se assenta a oligarchia paulista.

A eleição do sr. Carlos Garcia, que deixou numa vergonhosa *bagagem* todos os candidatos officiaes, constitue um desastre irreparavel para o prestigio da Comissão Central, que não contava absolutamente com esse pavoroso golpe.

Por outro lado, a eleição do sr. Cincinato Braga pelo 2.º districto veio ferir profundamente o governo, que, como é publico e notorio, fazia questão fechada da derrota do candidato dissidente.

Não é tudo. Na propria terra natal do illustre sr. Totó Lacerda, que até então era considerada como um burgo pódre, o eminente estadista, mex:bro

querido da Comissão Central, foi batido tão valentemente, que os partidarios do governo, corridos de vergonha, não se animaram sequer a trazer ás urnas a chapa official e outrora suffragada por degradante unanimidade.

O sr. Fernando Prestes, outro membro da arrogante Comissão e ex-leader do governo, foi vencido por mais de 5.000 votos, o que denota que o seu prestigio e influencia declinam consideravelmente para o occaso.

Tão fraca e pouco consistente era a cohesão das forças governistas, que a recente derrota veio trazer aos respectivos arraiaes a desordem, a confusão e o panico.

Diz-se que entre o digno Totó e o não menos digno presidente Tibiriçá houve troca de recriminações violentas, terminando o dr. Tibiriçá por atirar ao sr. Totó esta réplica significativa e pouco parlamentar: — FOMENTAR-SE!

E o sr. Totó Lacerda, a quem outrora foi offerecido um busto de bronze, vai, dizem, FOMENTAR-SE, retirando-se da Comissão Central e, como um Deus expulso do Olympo, vai abandonar definitivamente a politica.

Não ha duvida alguma: — LES DIEUX S'EN VONT!

PANTALEÃO BERMEDES



Manual do monarchista

PRIMEIRA PARTE

A constituição monarchica

II

QUE É A MONARCHIA?

Como assim?

1.º — No regimem cesariano, um homem, geralmente chamado Cesar, governa um povo a seu talante, porque seu poder não tem regras, nem limites. Se elle for bom, clemente, justiciero, tudo irá bem; mas se, ao contrario, for mau e cruel, o povo será opprimido; tal o regimen da França, sob Napoleão I; tal ainda hoje o da Turquia.

2.º — Dá-se o mesmo no regimen republicano, apenas com a differença de que o poder, em vez de ser exercido por um, o é por mil cesares; a tyrannia, em vez de pessoal, é collectiva e, consequentemente, anonyma, fugindo assim mais facilmente ás responsabilidades.

3.º — No regimen monarchico, a nação é modelada pela Família:

O lar domestico compõe-se de tres elementos distinctos:

a) o pae, em quem reside o poder; b) a mãe, que equilibra o patrio poder, mantendo-o dentro de justos limites;

c) os filhos, que obedecem.

A auctoridade paterna não é arbitraria, nem absoluta a sujeição dos filhos, neste sentido que, em uma familia normal, os actos dos chefes são sempre determinados pelas necessidades dos filhos.

Na familia nacional, o pae é o imperador; a mãe, os partidos politicos, que limitam o poder imperial; os filhos são os cidadãos. Demais, este governo é necessariamente paternal, porquanto os actos do imperador são, como na familia domestica, determinados pelas necessidades do povo.

Assim, pois, é perfeita a analogia entre a Monarchia e a Família.

A organização monarchica não prescinde desses tres elementos; a falta de qualquer delles acarretaria a dis-

solução do conjunto. E já que elles não se podem separar, sem se destruir, é claro que o imperador, os partidos politicos e o povo — a cabeça, os orgams e os nervos — têm um interesse commum, — o de permanecerem sempre unidos, para garantia de sua mutua conservação. Em outros termos: — o interesse imperial e o interesse popular se confundem; o bem-estar do povo é o bem-estar do imperador, do mesmo modo que na familia o interesse dos filhos é o proprio interesse do pae.

A Monarchia não é, então, só o Imperador?

— Não; o Imperador exerce uma unica função: — a de auctoridade protectora, que lhe confere a organização social, ou *descentralização*, sem a qual não haverá Monarchia, mas sim Dictadura.

III

A MONARCHIA CONSERVADORA DA NAÇÃO E PROTECTORA DOS INTERESSES POPULARES.

Nada é mais permanente do que um Estado que dura e se perpetua pelas mesmas causas que fazem durar o universo e que perpetuam o genero humano.

BOSSERT

A quem compete o poder imperial e quem o exerce?

Compete á familia imperial e é exercido pelo chefe dessa familia: por morte deste, passa a seu herdeiro mais proximo.

Porque este poder reside numa familia e não em um individuo?

A essencia do poder imperial é ser perpetuo e hereditario, como a nação; se fosse confiado a um individuo, cuja existencia é ephemera e limitada, este poder se extinguiria necessariamente com o seu detentor e dessa forma perderia seu caracter de perpetuidade nacional. Não póde, pois, residir senão na familia, a qual não se extingue nunca.

(Continua)

Raul Carmillo

A catastrophe do *Aquidaban*, que tão funco feriu a alma brasileira, roubou á distincta familia Carmillo, desta capital, o seu querido Raul, 2.º tenente da armada, victima do dever no pavoroso desastre de Jacuecanga.

Em consequencia dos graves ferimentos que recebeu a bordo daquelle navio de guerra, veiu o incitoso moço a fallecer no Rio a 26 do mez proximo findo, na idade de vinte e seis annos, pois nascêra nesta capital, a 2 de abril de 1880.

Promovido a guarda-marinha a 13 de janeiro de 1902 e confirmado a 9 de janeiro de 1903, fez diversas viagens e entre ellas a de instrucção a bordo do *Benjamin Constant*, tendo estado na Europa e na America do Norte; promovido depois a 2.º tenente, a morte surpreendeu-o nesse posto, exactamente quando a sua mocidade sadia, a sua applicação ao estudo e o seu verdadeiro amor á carreira que abraçara lhe auguravam brilhante futuro.

Associamo-nos de coração ao luto de seus dignos paes, inconsolaveis na grande dor que os alanceia, e nestas linhas rendemos á memoria do praticado moço o tributo de nossa saudade.

D. PEDRO II

Sr. dr. Couto de Magalhães — Accedendo gostosamente ao gentil convite que me fez para collaborar na sua excellente revista *Album Imperial*, para o proximo numero que se annuncia, consagrado ao grande Imperador D. Pedro II, julgo desempenhar-me melhor da honrosa tarefa, offerecendo-lhe, para nelle ser transcripto, um trabalho literario de A. E. Zaluar, tambem consagrado ao saudoso Monarcha: — é o capitulo IV do poemeto que aquelle escriptor publicou, quarenta annos atraz, sobre a rendição de Uruguayana.

Obra muitissimo rara hoje, tem o grande merito de constituir um julgamento prematuro e absolutamente insuspeito do traço luminoso que devêr de deixar na Historia a vida gloriosa do excclo Imperador.

Accete os protestos da muita estima do confrade e amigo — LEOPOLDINO M. MEIRA DE ANDRADE.

AO IMPERADOR

Senhor! do Imperio inclyto
Vós sustentaes potente,
Na dextra a espada fugida!
Na frente a idéa ingente!

Herdeiro sois dos seculos!
A vossa Dynastia
Brotou dos ramos aureos
De excelsa Monarchia!

No vosso berço esplendido
Saudaram-vos jocundos,
Do oceano aos canticos,
Os povos de dous mundos!

De vosso pae a aureola,
Em fulgurantes zonas,
Inda illumina os ambitos
Do Tejo ao Amazonas!

O orbe pasma attonito,
Olhando-vos, Senhor;
Tão moço e já dos Cesares
Rival triumphador!

A Europa inteira escuta-vos,
Com gesto reverente,
Interrogar o oraculo
Do novo continente!

E sois, real apostolo,
Dum grande povo a gloria!
O vosso nome altissimo
Resplende em sua historia!

Quando passaes da America
Nas vastas regiões,
Cidades surgem providas
Das invias solidões!

Seus porticos phantasticos,
Em sempiternas festas,
Franqueia-vos o incognito
Das pudicas florestas!

As amphoras graniticas
De rios mil gigantes
Entornam-vos balsamicas
Cascatas de brilhantes!

— O que vos falta? E mudo
Sois das accões mais bellas,
E o diadema esmaltam-vos
As fulgidas estrellas!

Rio, 1865.

A. E. ZALUAR

Do «Album» de D. Pedro II

Aquelle que tem feito da magnanimidade uma das suas principaes virtudes, e que em um reinado de quasi meio seculo não conta entre os seus subditos um só inimigo pessoal, não teme, nem recusa o juizo severo e imparcial do historiador e, a despeito dos zoilos, passará á posteridade, que lhe decretará a devida e merecida apothese.

Rio, 29 agosto 1888.

BARÃO DE LUCENA

22 de agosto 1888 — Como familia saudosa, a quem depois de longa ausencia regressasse o chefe querido, salvo de inquietadora enfermidade, a nação brasileira jubilosa recebeu com as expansões do mais puro affecto o Soberano Bom, Justo e Sábio que a tem governado com amor de pae.

JOÃO ALFREDO CORREIA DE OLIVEIRA

Se a legitimidade conseguiu estabelecer uma monarchia na America, sómente o patriotismo e a sabedoria de um imperador puderam consolidar a.

Rio, 31 agosto 1888.

RODRIGO SILVA

Emquanto outros reis cercam-se de guardas e encouraçam as paredes de seus paços, o sr. D. Pedro II folga de ver-se rodeado da multidão, e mais facil é penetrar até ao gabinete de trabalho na residencia de S. Christovam, encontrando-o só, do que na casa do mais modesto particular, — o que tanto honra o caracter do soberano, como a índole da nação.

Investido de poderes quasi descriptivos, na idade da inexperiencia e das paixões, Sua Magestade governa ha quasi meio seculo e nunca fez uma victima, nem teve um valido: neste facto reconhecerá a historia uma de suas maiores virtudes.

Em 22 de agosto de 1888.

VISCONDE DE OURO PRETO

A missão da Monarchia no Brasil não tem exemplo na historia das dynastias. O primeiro imperador creou a Nacionalidade, o segundo constituiu a Nação e sua Filha, numa curta Regencia, aproveitando o que elle mesmo havia iniciado, realiso a abolição, fundando a equaldade social.

Um creou a Patria, outro a Nação e a terceira pessoa dessa Trindade nacional creou o Povo.

De volta ao Brasil, ao pisar o solo livre da patria, o Imperador está deante da Posteridade. Elle pôde ler na alegria de uma raça libertada e na gratidão de um povo social e moralmente unificado durante o seu reinado a grande quitação da Historia.

JOAQUIM NABUCO

Nesta nossa Ithaca falta agora uma instituição secular. Mas o velho e sabio Ulysses, tornando á patria, não a desconhece, como o de Homem desconheceu a sua. Acha a mesma terra que o ama e mais a liberdade que elle sempre amou.

MACHADO DE ASSIS

No cyclo historico de segundo reinado, no Brasil, uma personalidade se destaca, grandiosa e permanentemente;

D. PEDRO II

Aureolado pela gratidão de seu povo, o monarcha brasileiro tem um monumento em cada instituição florescente

do seu paiz: seu nome immoreou se perpetuará em cada pagina da nossa historia, como o genio bemfazejo que protegeu o desenvolvimento e a grandeza da sua patria.

DR. FERNANDO MENDES DE ALMEIDA
CANDIDO MENDES DE ALMEIDA

A DOM PEDRO SEGUNDO

Quando ousado estrangeiro
Atacar porventura o Imperio do Cruzeiro,
Tu, com teu braço forte,
Vence-lo saherás, como venceste a Morte!
22—8—88.

ARTHUR AZEVEDO

No proximo numero: — DR. AFGONTO CRISTO, JOSÉ DO PATROCÍNIO, VALENTIM MAGALHÃES, FRANÇA JUNIOR E BARÃO DE RAMIZ.



Bispo do Pará

Acaba de ser nomeado bispo da Diocese do Pará o rvmo. mons. José Francisco Marcondes Homem de Mello, parcho do Braz e interinamente vigário geral deste Bispo.

No dia 20 do mez proximo findo, recebeu s. exa. rvma. uma carta do exmo. sr. Nuncio, communicando a resolução de S. S. o Papa Pio X, e desde logo, divulgada a noticia da acertada nomeação, começou o rvmo. mons. Homem de Mello a receber cumprimentos dos seus innumeros amigos e admiradores.

O *Album Imperial*, associando-se sinceramente a essas manifestações e congratulando-se com o clero paulista pela escolha que de um dos seus membros mais distinctos acaba de fazer o Santo Padre para a Diocese do Pará, orná as suas columnas com o retrato do novo principe da Igreja Catholica, prestando-lhe a homenagem de sua sympathia e consideração.

Mons. Homem de Mello nasceu em Pindamonhangaba, a 13 de setembro de 1860; é filho legitimo do coronel Benedicto Marcondes Homem de Mel-

lo, irmão do barão Homem de Mello, e de d. Maria da Purcza Monteiro de Mello, e neto, pela parte paterna, de Francisco Marcondes Homem de Mello (visconde de Pindamonhangaba).

Entrou para o Seminario do Caraça (Minas), em outubro de 1873, e alli estudou preparatorios e o 1.º anno de theologia, até 1880, vindo então para o Seminario de S. Paulo, onde concluiu os estudos, recebendo ordens de presbytero a 11 de março de 1883, conjunctamente com o illustre Bispo Conde D. José.

Em junho desse anno, foi s. exa. rvma. nomeado coadjutor de Taubaté; a 21 de dezembro, vigario de S. Roque, e a 17 de agosto de 1886, removido para o Cruzeiro.

Nomeado em junho de 1888 vigario do Braz, s. exa. rvma. dedicou-se como ninguém áquella parochia, que deve a seus esforços a construção da magnifica Igreja Matriz.

Mons. Homem de Mello foi nomeado, em 20 de novembro de 1894, conego cathedratico e em 1899 o Santo Padre Leão XIII nomeou-o missionario apostolico, condecorando-o, em 10 de julho de 1900, com a cruz *Pro Ecclesia et Pontifice*. A 3 de abril de 1902, recebeu a nomeação de monsenhor.

Taes são, ligeiramente, os traços principaes da vida do illustre sacerdote, cujos relevantes serviços á Igreja foram devidamente apreciados pelo Summo Pontifice Pio X, que elevou s. exa. rvma. ao soio episcopal, nomeando-o bispo do Pará.



Familia Imperial

Effectuou-se a 30 de dezembro ultimo o almoço que Suas Altezas Imperiaes e sr. Conde e a sra. Condessa d'Eu offereceram a S. M. D. Maria Pia de Portugal e a seu filho, o Infante D. Alfonso, duque do Porto.

Eis, segundo a chronica mundana do *Figaro*, de Paris, a disposição da mesa: em frente uma da outra, a rainha e a princeza D. Izabel; á direita da rainha, o sr. Conde d'Eu, a marquesa de Unhão, dama de S. Magestade, principe D. Luiz de Orléans e Bragança; á esquerda, o sr. D. Pedro de Alcantara D. Maria da Penha e o Barão de Muritiba; á direita da princeza, o sr. Duque do Porto, a Baroneza de Muritiba e o Principe D. Antonio; á esquerda de S. Alteza Imperial, o Conde de Souza Rosa, ministro de Portugal em França, a Baroneza de S. Joaquim e o coronel Benjamin Pinto; ás duas extremidades, o Barão de S. Joaquim e o tenente Senna, official ás ordens do Infante D. Alfonso.



PEZAME

E' o titulo do excellente artigo que o dr. Carlos de Laet publicou no *Jornal do Brasil* a respeito da catastrophe do *Aquidaban*.

Termina assim o artigo do illustre escriptor e nosso eminente correligionario:

«Triste, tristissima a historia da nossa marinha de guerra, vae para seus dezeseis annos!

Arrestada a figurar como personagem secundaria na iniqua revolução

de 89, a marinha, quatro annos depois, entrava em lucta com Floriano, e, após um duello fratricida, baixava á plana de que não mais se ergueu.

Em frente das forças navaes do Chile e da Argentina (esta a verdade que cumpre repetir), penosamente formamos em terceiro lugar. Mais alguns annos, e ter-nos-á o Peru tomado tambem a deanteira!

A' escassez do material, solememente denunciada em papeis officiaes, não se trepidando em confessar que não possuímos uma só unidade efficaz de combate, reunem-se os defeitos da educação pratica dos officiaes. Como adextral-os sem navios?

Tudo isto entristece quando cogitamos em nosso immenso littoral indifese e na posição eminente que já um dia occupamos no mundo naval.

Bem sei que ha philosophos respeitavcis que sonham com a paz universal e que pela arbitragem sustentam a possibilidade da remoção de todas as guerras. Nicolau da Russia era um desses taes... Mas, francamente, e comquanto decidido amigo da paz, eu não comprehendo que uma nação actualmente viva desarmada e reduzida a tão sómente lamentar quantas injurias se lhe possam irrogar.

A catastrophe do *Aquidaban* é mais um golpe na já combalida marinha de guerra.

Mas ella ha de reerguer-se, a benemerita instituição. E ella reviverá gloriosa, quando o Brasil tornar a ser o que foi.»

Recebemos os estatutos do Gremio Typographico Paulistano, desta capital.



VIDA SOCIAL

Aniversarios

Fizeram annos: no dia 19 de janeiro, o sr. Bento Vianna, digno auxiliar do Banco Commercio e Industria, e a exma. sra. d. Zulmira Martins, virtuosa esposa do sr. Cassio Martins, negociante desta praça; no dia 15, o sr. coronel Chrysogono de Castro, estimado capitalista e negociante na Franca, e o rvmo. padre Luiz Conrado, digno vigario daquella parochia; no dia 22, o sr. Aristides do Oliveira, antigo e zeloso funcionario da Junta Commercial.

— No dia 1.º do corrente, fizeram annos o sr. Olavo Egydio de Souza Aranha Junior, applicado estudante da Polytechnica, e a distincta senhorita Marieta Ferreira Alves, filha do dr. Ferreira Alves; no dia 2, a exma. sra. d. Maria da Gloria de Padua Fleury.

— Depois de amanhã festeja o seu anniversario natalicio a galante menina Lucia, filha do dr. Antonio Carlos de Assumpção.

— No dia 12, fazem annos as graciosas senhoritas Sara, filha do sr. Antonio de Souza Queiroz, e Isa, filha do sr. Frederico de Souza Queiroz, e o peralta Raul, filho do dr. Raphael Ferraz de Sampaio.

Casamento

A exma. sra. d. Maria Angelica de Souza Queiroz Barros contractou o casamento de sua gentil filha senhora Paula com o distincto moço sr. Domiciano Campos.

Baptizado

Realizou-se no dia 2 do corrente o baptizado do galante Paulo, filho do dr. João Fleury, illustre advogado deste fôro, servindo de padrinhos o dr. Raphael Ferraz de Sampaio e a exma. sra. d. Guiomar Monteiro Fleury.

Em viagem

Regressou para o Rio ante-hontem o sr. João Candido Martins Filho, 2.º tenente da armada, que aqui estivera em goso de licença.

Em convalescência

Entrou em franca convalescência, da grave enfermidade que o prostrára muitos dias no leito, o sr. Alcides Cardoso, estimado fazendeiro em Santa Rita do Passa Quatro.

Na capital

Estão nesta capital o dr. Raphael Ferraz de Sampaio, provector advogado em Botucatu, e o sr. capitão José Fleury, estimado fazendeiro naquelle municipio, acompanhado de sua exma. familia.

Visita

Distinguuiu-nos com sua visita o dr. José Rodolpho Nunes, nosso distincto correligionario e advogado em S. José do Rio Pardo.

Regresso

Regressou sabbado, 27 do mez passado, de Botucatu, aonde fôra em busca de melhoras para a sua saúde, o rymo. conego Antonio Pereira Reimão, digno vigario geral do Bispado.

O virtuoso e estimado sacerdote veiu completamente restabelecido.

Apresentamos a s. exa. ryma. affectuosos cumprimentos.

Victor Hugo e D. Pedro II

EXTRAHIMOS o seguinte da interessante obra de Rivet — *Victor Hugo chez lui*.

O Imperador do Brasil. — A etiqueta. — D. Pedro em casa de Victor Hugo. — "Eu sou um pouco tímido". — "Queres estrangular o Imperador". — O neto de Marco-Aurelio.

Em 1877, D. Pedro de Alcantara, Imperador do Brasil, visitava pela segunda vez a França. Tinha elle o mais vivo desejo de vêr Victor Hugo, o que deu lugar a incidentes curiosos. Como Luiz XIV, o imperador lastimava a alta posição que o prendia, e sentia que certas regras da etiqueta viessem contrariar-lhe o desejo. Por intermedio da legação brasileira, tinha elle mandado perguntar a Victor Hugo se o poeta o visitaria, e o poeta respondera que não visitava a ninguém. O imperador mandou de

novos perguntar ao poeta se poderia encontrar-se com elle em algum logar, para lhe ser apresentado.

Victor Hugo respondeu que na sexta-feira seguinte iria a Versailles e que, se o imperador do Brasil quizesse ir até lá, elle esperal-oia num gabinete do senado. Assim ficou marcada a entrevista para esse terreno neutro. Nisto, houve o successo de 16 de maio, e o encontro do imperador e de Victor Hugo, que devia realisar-se na sexta-feira, 18, não se deu...

Então, D. Pedro rompeu com toda etiqueta e mandou simplesmente pedir ao poeta o favor de receber, em sua casa, o visitante, que se apresentaria sózinho, sem camarista nem mestre de ceremonias.

Na terça-feira, 22 de maio, ás 9 horas da manhã, entrava o imperador do Brasil em casa de Victor Hugo. Ao cumprimentar o poeta, elle disse estas palavras, que a historia devia recolher: "Sr. Victor Hugo, me anime, eu sou um pouco tímido".

Victor Hugo fêl-o entrar para a sala e sentar-se ao lado delle.

Sentando-me ao lado de Victor Hugo, disse então o imperador, cuidando pela primeira vez que estou num throno.

Depois, esses dous homens, a força e a grandeza, o poder e o genio, puzeram-se a conversar.

D. Pedro mostrou-se tal qual é, um amigo da França, da luz e do progresso; e, referindo-se aos outros soberanos, disse a Victor Hugo: — "Não queira muito mal a meus collegas; elles vivem tão rodeados, tão embaldados e enganados, que não podem ter as nossas idéas".

E Victor Hugo respondeu-lhe: — "Sois unico...".
Felizmente!

Pouco tempo antes, tinha Victor Hugo publicado *L'Art d'être grand-père*. Depois de exprimir ao poeta a sua admiração e de repetir-lhe versos desse delicioso livro, D. Pedro pediu ao Mestre o obsequio de ser apresentado a mlle. Jeanne.

Victor Hugo mandou chamar os netos...

— Jeanne, disse o poeta, apresento-te o imperador do Brasil.

— Quer dar-me um beijo, minha menina? disse D. Pedro.

E como Jeanne lhe apresentasse a frente:

— Dá-me também um abraço, continuou elle.

Então, passando-lhe os braços em roda do pescoço, mlle. Jeanne apertou-o com tanta força, que Victor Hugo lhe disse, a rir-se:

— Então, queres acaso dar-te ao luxo de estrangular um imperador?

— Senhor, proseguiu o Mestre, tenho a honra de apresentar o meu neto Georges a Vossa Magestade.

E o imperador, voltando-se para Georges e alisando-lhe os bellos cabellos negros:

— Meu filho, disse, aqui não ha mais que uma magestade (mostrando Victor Hugo): eil-a.

Victor Hugo offereceu *L'Art d'être grand-père* ao imperador.

— Que vae escrever na primeira pagina? perguntou este.

— Vosso nome e o meu.

— Era o que ia pedir...

E Victor Hugo escreveu: "A D. Pedro de Alcantara, Victor Hugo".

Depois do que continuou a palestra. — O senhor me preocupa muito, disse o imperador ao poeta. A cada instante, pergunto-me a mim: Que estará fazendo Victor Hugo a esta hora? Eu quizera saber como emprega o seu dia.

O poeta contou-lhe então a sua vida, que acordava cedo e quanto trabalhava todos os dias. — "Depois de almoçar, por volta de uma hora da tarde, eu saio, acrescentou o poeta, sorrindo, e faço uma cousa que o senhor não poderia fazer: — trepo nos omnibus".

— Porque não, objectou o imperador, é uma cousa que me convinha perfeitamente, *à imperial!*

Por alguns echos dessa palestra, vê-se que D. Pedro não só é um homem intelligente, como também tem espirito. Por certo que em nada corresponde á idéa que estamos habituados a formar de um soberano, encasquetado no seu nascimento, orgulhoso com o seu poder e desdenhoso para os humides mortaes.

O poeta perguntou a D. Pedro se elle não tinha receio de deixar o seu Imperio por tanto tempo.

— Não, respondeu o imperador, os negocios fazem-se muito bem na minha ausencia; ha na minha terra tantas pessoas que valem tanto o mais do que eu...

"Eu aqui não perco o meu tempo, acrescentou elle. Reino sobre um povo joven, e para esclarecel-o, torno-o melhor, fazo-o marchar para a frente, é que eu uso de meus direitos..."

E, corrigindo-se:

"Perdão, eu não tenho direitos: quero dizer, o poder que me coube pelos acasos da fortuna e do nascimento".

Proferidas estas palavras, disse-lhe Victor Hugo:

— Senhor, sois um grande cidadão; sois o neto de Marco-Aurelio!"

Era meio-dia, quando o imperador e o poeta se despediram, e dias depois, o neto de Marco-Aurelio vinha ainda como simples cidadão sentar-se á mesa do poeta.

NOTAS

Os srs. assignantes que não receberam pontualmente o *Album* deverão dirigir sua reclamação directamente ao nosso escriptorio, avenida Angelica, 3.

A noticia da catastrophe do *Aquidaban* echoou dolorosamente em todo o paiz e nós nos associamos, verdadeiramente contristados, ao luto que, pesando sobre a marinha nacional, cobre de crêpe a familia brasileira.

O *Album Imperial* receberá qualquer quantia para a grande subscrição aberta no Rio de Janeiro em beneficio das familias das victimas.

No dia 22 de janeiro ultimo, telegrapharam de Santos ao cxmo. sr. Visconde de Ouro Preto:

"A V. Exa., ministro e organisador competente da marinha brasileira durante a guerra do Paraguay, os monarchistas de Santos apresentam, por nosso intermedio, sentidos pezames, pelo desastre do *Aquidaban* e diminuição da força e defesa da patria

extremecida. — Antonio Carlos Silva, Affonso Teixeira, Belmonte Ribeiro, Martin Francisco."

O Conde e a Condessa d'Eu telegrapharam de Paris, dando pezames á marinha nacional, pela catastrophe do *Aquidaban*, e mandaram celebrar no dia 30 do mez passado, na igreja de Boulogne-sur-Seine, uma missa de *Requiem* por intenção das victimas.

Pelo mesmo motivo, o exmo. sr. Visconde de Ouro Preto apresentou por carta ao ministro da Marinha sentimentos de pezar.

O dr. Antonio Ferreira de Castilho, nosso illustre correligionario e collaborador, desistiu de sua candidatura, pelo Partido Monarchista, a uma cadeira de deputado federal.

Pel' *O Ypiranga*, de 19 do mez proximo findo, deu s. s. os motivos dessa resolução.

Do *Correio Amparense* reproduzimos o sentido artigo que á memoria de D. Pedro II dedicou o padre João Manoel, poucos dias depois da morte do Magnanimo Monarcha.

O illustre sacerdote, que, em plena Camara dos deputados geraes, fizera profissão de fé republicana, não recusou justiça a D. Pedro II, e suas palavras crescem de valor, por partirem de um representante da nação que, poucos mezes antes do 15 de Novembro, gritara em sessão do Parlamento *Abaixo a Monarchia e Viva a Republica!*

Em 1895, estivemos nesta capital com o padre João Manoel e, no escriptorio d'*O Commercio de São Paulo*, organ então do Partido Monarchista, lembrámos-lhe o incidente do viva revolucionario. O fogoso jornalista amparense já era, como outros muitos republicanos puros, um desiludido, e quanto se arrependia o illustre sacerdote daquella profissão de fé!

Fundou-se no dia 22 de janeiro, nesta capital, o Club Nacional Izabel Redemptora, que tem por fim a commemoração do 13 de Maio e a defesa dos homens de côr.

Sua primeira directoria ficou assim constituída: presidente, Arthur Campos; vice, David Ferreira; secretario, Anísio Pedroso; procurador, Pedro Gonçalves.

A *Tribuna da Franca*, de 14 do mez proximo findo, prestou merecida homenagem ao distincto jornalista e professor sr. Alfredo de Paiva, nosso prezado collaborador, estampando na primeira pagina o seu retrato.

O sr. Alfredo de Paiva está publicando naquella apreciada folha uma serie de interessantes artigos, *A nevrose do anno* (1905).

O *Passa Quatro*, de Santa Rita do Passa Quatro, distinguuiu-nos com a transcrição da ultima chronica do nosso apreciado collaborador que se assigna Pantaleão Bermudes.

NO PROXIMO NUMERO

D. THEREZA CHRISTINA

Alfredo de Paiva

ANNO I

S. PAULO, 20 de fevereiro de 1906

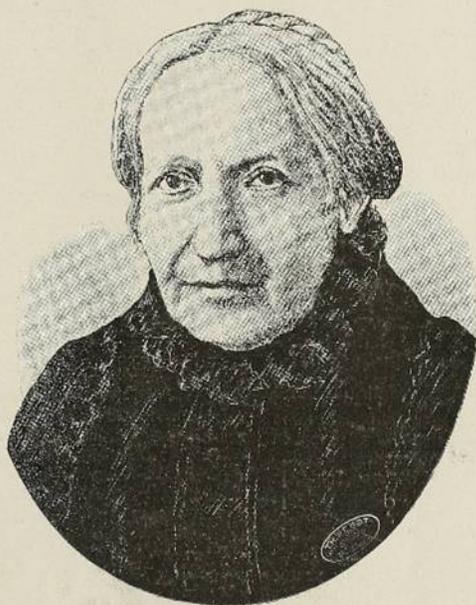
NUM. 4

ALBUM IMPERIAL

QUINZENARIO POLITICO E LITERARIO

Director: Couto de Magalhães

Secretario: M. Bittencourt J.^{or}



D. THEREZA CHRISTINA



D. THEREZA CHRISTINA



NÃO ha quem não leia, extasiado, as narrativas que descrevem os encantos e as maravilhas da bella Italia, que se espelha, sorridente, nas aguas do Mediterraneo e do Adriatico. Deitada, indolentemente, ao Sul da Europa, contempla, graciosamente, a cupola arrebatadora e sem igual de um céu delicioso e diaphano.

Mas, entretanto, rugem nas suas entranhas os roncões estrepitosos das materias igneas e os phenomenos telluricos, que irrompem, furiosos, da cratera de seus vulcões.

Terra de poesia, mas de poesia que é, muitas vezes, sacudida por abalos subterraneos, que convulsam os membros e as articulações do organismo daquelle sólo prodigioso, causando a miseria entre as populações, devastando os campos floridos, anarchizando e lançando um manto de tristezas e de melancolias, de lagrimas e de soluços, que angustiam as almas boas e bem formadas.

O mundo não pôde ser a concretisação eterna do bem, do ideal e de bellezas que não morram

Ha duas faces para todas as cousas; e isso tanto no physico como no moral, no objectivo como no subjectivo.

São os dous pólos immortaes, que assignalam os destinos do homem na terra.

Alli, desenha-se a perspectiva mais atrahente. E' um fio de agua crystallina que desliza suavemente entre seixos; é uma campina de esmeralda que descontrola as suas mais captivantes paizagens; é a floresta com seus mysterios, com as suas canções, com a sua vida de amor e de ternura. Acolá, é o oceano colerico, alteiando o dorso, como o arrogante leão das selvas africanas e asiaticas, e espumando, ombravecido, nas praias silenciosas e crmas; é o vulcão fremindo, abrindo a herculea garganta e vomitando as lavas incandescentes, que calcinam, que queimam, que ardem as encostas das montanhas e arrasam as cidades, como outrora o Vesuvio sepultando no seu sudario de fumo e de lavas as cidades que se abrigavam ao sopé de sua grandeza, de sua omnipotencia olympica.

E esse magestoso representante da orographia da terra ergue-se, imponente, como os antigos Reis e Imperadores, entre os dourados da sua purpura real nos salões augustos e na magestade e no esplendor dos regios paços, quando, coroados e empunhando os aureos sceptros, lançavam um olhar pelos seus vastos domínios -- as nações que desabrochavam no primeiro alvorecer da sua formação; ergue-se á beira de uma das mais lindas bahias do globo, a veija Parthenope, o golpho ou a bahia de Napoles, a rival da nossa Guanabara, obra prima do Creador, nesta especie, no dizer de André Rebouças.

E' Napoles, a maior cidade da Peninsula, que tem como sentinella ou, antes, como pharol, as linguas de fogo, que sobem para o firmamento estrellado, como uma imprecação das desgraças deste globo errante, em que fluctuam tantas ignominias.

Napoles! Que nome seductor não só para a alma apaixonada do terno cantor napolitano, como para os

brasileiros de finos e delicados sentimentos, que sabem amar, que sabem crêr, que sabem perdoar.

Napoles, a antiga capital do Reino das Duas Sicilias, incrustada em fórma de amphitheatro, entre o Vesuvio e o Pausilippo, no fundo do mais encantador dos golphos, de aguas ceruleas, tantas vezes decantadas em inspiradas estrophes por vates de primoroso sentir, foi o berço de uma Princeza Excelsa, dotada de não vulgares virtudes e de um coração que era uma urna de perolas e de marfim, que encerrava o mais rico dos thesouros deste mundo: o crystal de immaculos sentimentos, de puro amor, de caridade e de caridade santamente christã.

E essa creatura, modesta e timida, exhalando como a violeta o perfume, occulta na doce penumbra de sua alfombra de verdura, cingiu, um dia, a corda de um Grande Império longinquo. Era Thereza Christina Maria!

Nome este que, balbuciado hoje, neste tremedal de impurezas, equivale a uma Epopea transcendentalmente superior, que deve ser lida de joelhos!

Thereza Christina Maria! Anjo tutelar da Nação Brasileira! Mãe dos Brasileiros, a quem tanto amaste, lá do Empyreo em que resplandece a tua Alma feita de Beijos, de Sôes e de Orvalhos, de carinhos, de rosas e de flôres, desce o fulgor de teus olhos piedosos para o seio desta grande Patria, fazendo-a entrar na senda do Dever, da Honra, de Prosperidade e de crescente Grandeza!

S. M. a Imperatriz Sra. D. Thereza Christina Maria nasceu em Napoles, capital do reino, então constituido, das Duas Sicilias, a 14 de março de 1822, justamente no mesmo anno em que D. Pedro I do Brasil levantava ás margens do Ypiranga o grito de *Independencia ou Morte*, — que despedaçou os grilhões que nos acorrentavam á Metropole, fundando uma grande nacionalidade em terras da America.

D. Pedro II, Imperador do Brasil, foi, em 1840, declarado *Maior*, em Assembléa Geral, presidida pelo marquez de Paranaguá, Francisco Villela Barbosa, que era então presidente do Senado.

Sendo coroadado a 18 de julho de 1841, o conselho de ministros resolveu celebrar, em breve, o acto nupcial do joven Imperante, porque se tornava preciso fundar uma dynastia imperial.

A diplomacia brasileira entrou em acção, para a escolha de uma Princeza que, por suas elevadas virtudes e nobreza, pudesse occupar no Throno um logar ao lado do augusto Consorte.

Começou, pois, a viagem atravez das Côrtes europeas, sendo, por fim, encontrado o Anjo do Throno Brasileiro.

O Imperador accéitou a mão de uma filha do Rei Francisco I, das Duas Sicilias, apesar de ser um pouco mais edosa que elle, por intermedio de uma embaixada adrede nomeada.

Conquistado o feito diplomatico, a esquadra brasileira aprestou-se para partir do Rio de Janeiro, o que se realisou a 5 de março de 1843.

Ao chegar ao porto de Napoles a esquadra nacional, sumptuosas festas se celebraram, cantando em

hymnos o consorcio da Excelsa Princeza napolitana com o joven Principe, Imperador de uma Grande Nação Sul-Americana.

Realisou-se o casamento na Capella Palatina, por procuração de Sua Magestade o Imperador Senhor D. Pedro II.

Deixando a sua querida Terra Natal, partiu a soberana, seguida da armada napolitana, e avistando as brasilicas terras, que tanto teria de amar, a 3 de setembro de 1843.

E' escusado aqui repetir que delirios e que esplendores revestiram o acto solemne do casamento de D. Thereza Christina Maria com S. M. I. o Sr. D. Pedro II.

Um elevado espirito disse dessa esplendida figura de Mulher:

« De costumes singelos, sem as affectações da vaidade de sua culminante posição social, mas guardando sempre a dignidade de uma magestade attraente, affavel para com todos, no palacio imperial, ou em qualquer parte, aqui ou alli, mostrando uma benevolencia sempre equal, ninguem reconheceria nella uma imperatriz. Nos grandes bailes, nos theatros, nos passeios, se seu porte régio não a fizesse distinguir das outras senhoras, difficil jóra designal-a, porque repugnava-lhe o fausto dos vestidos e os atavios das joias; seu exemplo, porém, não corrigia as que soiam fazer da riqueza de suas sedas e da magnificencia de seus diamantes o unico merito, mostrando assim pobreza de seu espirito.

Ella amava empregar na caridade a importancia de sua lista civil, em vez de dissipal-a em apparatus inuteis e sómente proprios de uma sociedade corrompida e viciada, sem lé e sem costumes ».

Vejamos agora os sentimentos que exornavam a alma preciosa da Excelsa Soberana.

Narra o eminente sr. Visconde de Ouro-Preto:

« Em março de 1868, exercia eu a pasta da Marinha no gabinete Zacharias, quando chegou a noticia da passagem de Humaytá.

O Imperador ordenára que lhe transmitissem, sem demora, qualquer communicacão recebida das forças em operações.

Nas proximidades da entrada dos paquetes, eram extraordinarias a sua anciedade e solfrequidão patrioticas ao avistar algum dos ministros.

— Que ha de novo? ... indagava de longe, referindo-se á guerra.

Corri a participar-lhe o glorioso feito da nossa esquadra. Sua Magestade, que interrompera uma audiencia, vindo ao meu encontro, na extensa galeria, ouviu-me pallido, tremulo, agitado.

No fim exclamou: « Vá contar á Imperatriz... depois irei tambem ».

A Soberana attendeu-me, dando mostras igualmente de commoção intensa.

— Morreu muita gente? perguntou.

— Felizmente, dos brasileiros, não, respondi.

— Graças a Deus... graças a Deus, murmurou ella, com os olhos cheios de lagrimas.

E o seu rosto, a sua voz, o seu gesto traduziam tamanha piedade, um mixto tão infavel de bondade, alegria, agradecimento, que ainda hoje, após 28 annos, me impressiona esta recordação. »

Nuns excerptos do sr. Conselheiro João Alfredo leio o seguinte: « Ministro tres vezes, que sommam mais de seis annos, nunca ouvi á Imperatriz uma palavra referente á politica e á governação do Estado. Como veador, em relações de confiança pessoal, ouvi-lhe em tom neutro, escrupulosamente imparcial, com a mais correcta conveniencia, juizos e previsões que

faziam honra á sua observação e perspicacia. Desgraçadamente, uma dessas previsões bem cedo se realisou, contra a expectativa geral, e ella foi morrer em terra alheia, banida e martyr. »

Traça este ligeiro perfil a penna do sr. Joaquim Nabuco:

« Entre a viagem da *Constituição*, que a trouxe em 1843, e a do *Alagoas*, que, em 1889, a levou do Brasil, estende-se para ella a cadeia de uma longa existencia, obscura e desconhecida, apesar da luz projectada sobre o throno, simples e humilde entre todo o apparato da realza. Ella pertenceu ao numero desses de quem Deus parece quercer tirar a prova real, sujeitando-os á pressão alternada dos extremos, e na boa como na má sorte soube igualmente esquecer-se de si, para só pensar e sentir como parte do Imperador, em quem se absorvêra. Seu orgulho foi a conformidade a mais absoluta á vontade delle, o apagamento proprio o mais completo. A parte que teve no governo limitava-se a distribuir a dotação que lhe votaram entre quantos dependiam della. Na penumbra que rodeou toda a sua nobre existencia, sua figura desaparece entre uma legião de pobres. No throno ella exerceu, pela pureza de sua reputação, a mais profunda, a mais extensa e mais perduravel influencia que uma rainha possa ter sobre a sociedade. A simplicidade, a beneficencia e a pureza formam assim o triangulo de sua alma. Ella viu abater-se em torno de si a fortuna de sua familia; basta dizer que Francisco II de Napoles era seu sobrinho dilecto e que ella era irmã da duquesa de Berry e da rainha Maria Christina da Hespanha; mas tudo quanto soffrera pelos que deixára na Europa, a doçura e a tranquillidade de seu retiro do Brasil adormecera e cicatrizará; uma ferida, sim, devia abrir-se-lhe no peito tão funda como a de Maria Antonietta assistindo ao martyrio de Luiz XVI. E' que a vida para ella se resumiu no seu amor e admiração pelo Imperador, a quem teve a consolação de preceder na morte e a quem acompanha nesse desterro indefinido de S. Vicente de Fóra. »

A vasta galeria historica feminina do mundo, nos diversos periodos — antigo, médio, moderno e contemporaneo, — apresenta typos interessantissimos; mas nenhum se nos antolha e nem sobreleva ao dessa Modestissima Mãe de Familia, que foi a Mãe dos Brasileiros — Thereza Christina Maria!

Catharina I da Russia prestou assignalados servicos ao seu paiz; não era uma princeza de sangue, mas foi uma grande Senhora e uma excelente soberana; mas teve sombras a empanar-lhe o brilho de presadas virtudes:

Catharina II, tambem da Russia, a *Grande*, como foi cognominada pela Historia e a que Voltaire denominou a — *Semiramis do Norte*, — se foi igualmente util aos povos, teve fraquezas condemnadas;

Henriqueta d'Inglaterra, sim, pois assevera um historiador « quantas virtudes podem um coração de mulher adornar, todas se encontravam na infeliz Henriqueta, — vulto venerando, cuja memoria não logrou a lousa sepulcral nem o volver dos annos ainda descercar do respeito a que incontestavelmente creou indelevel jús ».

Isabel de Castella, a Catholica, em cujo « rosto moreno-pallido, cor de perola, aureolado por cabellos loiros fulvissimos, refulgiam scintillantes de vivacidade uns olhos verdes, expressivos, em que se denunciava uma enercia inabalavel reunida com a mais perseverante coragem », foi a protectora do audaz mareante que traçou sobre as aguas a epopéa do descobrimento de um — Novo Mundo — Christovam Colombo;

Josephina, Imperatriz, uma das duas esposas de Napoleão Bonaparte, dotada de peregrina belleza e de extrema bondade, foi uma desgraçada, porque aquelle cabo de guerra a repudiou, sem motivos, casando-se com Maria Luiza.

Mas nenhuma dessas soberanas, felizes ou martyres, obscurece a inestimavel superioridade da Mulher, sublimemente humilde, que compartilhou no Throno do Brasil da sorte do Magnanimo e sabio Rei — D. Pedro II. — a Santa Mãe dos Brasileiros, cujo epilogo na vida foi a — morte num hotel modesto, assassinada pela violencia ingrata e maldita de um grande crime politico.

Expirou, longe da Patria, no dia 28 de dezembro de 1889, ás duas horas da tarde, na cidade do Porto, com sessenta e sete annos de idade.

Escreveu a proposito o saudoso Visconde de Taunay: «Nobre e Santa Imperatriz, tantos e tantos annos, mais de quarenta, chamada a Mãe dos Brasileiros!

No seu leito de morte, naquella quarto banal de um hotel do Porto, ao sentir chegados os derradeiros momentos, resumia Ella, em brando e resignado queixume, o mundo de dôres e de agonias que, em menos de mez e meio, lhe haviam minado e destruido as forças de viver.

«Maria Isabel, disse para a Baroneza de Japurá, que lhe servia de aia, eu não morro de molestia, morro de desgosto!» E, num esforço final, murmurou os nomes mais, caros ao amoroso e despedaçado coração: — «Brasil Pedro!»

A' corôa de martyrio que circumdou a fronte da Augusta Soberana podemos juntar as palavras que o auctor dos *Souvenirs de Madame Récamier*, no seu

admiravel livro — *Quatre femmes au temps de la Révolution*, burilou, encerrando o capitulo sobre Maria Antonietta: — «*Type immortel de magnanimité et de grandeur, la figure de Marie Antoinette se dresse devant la postérité avec la double auréole de ses malheures et de sa beauté. Le meurtre juridique d'un des meilleurs rois qui se soient jamais assis sur le trône de France est assurément un forfait odieux, mais il y a dans le supplice de la Reine, dans la mort de Madame Elisabeth, dans les tortures infligées à un enfant pour dégrader son âme et tuer son corps, une lâcheté, un raffinement de barbarie, qui resteront l'éternel opprobre de la Révolution française.*

Delicta majorum immeritus lues, Romane, donec templa refeceris, a dit le poète antique. On est le monument élevé à l'enfant martyr? Avons-nous seulement demandé à l'Eglise de proclamer la sainteté de la Vierge, sœur du martyr et martyre elle-même? Bien loin de là. Il s'est trouvé des hommes parmi nous pour glorifier les assassins et insulter les victimes, pour crier, comme les Juifs à la Passion du Rédempteur: „Cru-cifiez-les!„ Au nom de la liberté que ces hommes blasphèment, il faut repousser, il faut flétrir des doctrines de sang. On ne fonde rien que sur la justice, et les crimes de la Révolution n'ont abouti qu'à retarder en France et dans le monde le règne de la liberté.»

Miguel de Paiva

Fevereiro—1906.



A MORTE DA IMPERATRIZ



MAIOR occorrença da semana foi a noticia que nos transmittiu o telegramma do fallecimento da ex-Imperatriz do Brasil.

Em outras circumstancias esse lamentavel acontecimento teria lançado o luto official e particular por toda parte, porque a Sra. D. Thereza Christina era profundamente amada e venerada por todos os Brasileiros.

A virtude e o bem foram sempre o phanal dessa doce natureza: e como se um presentimento a advertisse das revoluções que teriam de despedaçar um dia o throno de seus pacs e o de seu esposo, ella nunca se deixou fascinar pelos europeis da realeza, nem se deixou chamar Imperatriz senão porque procurasse obter, com esse titulo, um logar de precedencia na obra do amor e da caridade.

Aos vinte e um annos deixou a sua bella Italia, transpoz o oceano e veiu trazer ao Imperador, não uma obra d'arte, mas um coração amantissimo e fiel. Talvez a phantasia do joven soberano da America preferisse adornar a sua côrte com um exemplar de formosura peregrina; a mocidade tem pela esthetica feminina vertigens sensuaes insubjugaveis.

Conta-se até este episodio passado a bordo da fragata *Constituição*, o navio que transportára a Sra. D. Thereza Christina. O Imperador esperava o original de um retrato, e deparou com um retrato, cujo original, de formosissimas virtudes, só mais tarde elle devia conhecer e adorar. Fez um movimento brusco, que alguns contemporaneos dizem ter sido de repulsão e que outros affirmam ter sido de apenas uma indiscreção de rapaz. Tudo isto, porém, durou apenas o tempo que dura um soluço de relampago no espaço limpo: — um instante, e nada mais!

* * *

Depois a Sra. D. Thereza Christina entrou para o lar imperial e povoou-o de affecto nos filhos que lhe nasceram, e de caridade para com os pobres, que nunca a deixaram. Na outra banda do oceano ficaram todas as tradições do fausto e do luxo, que fazem o brilho da nobreza e a pompa das côrtes; aqui só a preocupava a idéa de converter o palacio em casa de honrada familia burgueza e de educar filhos que fossem a doçura do seu coração e a honra da sua neva patria.

A desgraça subiu mais de uma vez os paços im-



perias, para arrebatar á mãe castíssima e extremosa os caros penhores de sua alma. Tão grandes foram as dôres desse coração de mãe, tão profundo o luto que se derramou por toda a habitação conjugal da desventurada princeza, que nunca mais os regios salões se abriram para a alegria das festas. A Imperatriz não era hypocrita, nem sabia transigir com os seus sentimentos. Um baile num salão mortuario, risos nuns labios pisados pela convulsão da dôr eram profações incompatíveis com o seu caracter.

Durante quarenta annos o palacio da Quinta da Boa-Vista esteve persistentemente trancado ás festas e ao ruído das muncanidades cortezãs; durante a menoridade das princezas, elle foi o collegio solitario onde a mãe solicita só pensou no aprimoramento da educação moral e religiosa das suas duas filhas.

A Imperatriz tinha além disso um motivo para consagrar-se toda, inteira, aos misteres de seu papel exclusivo de mãe de familia. Tendo a principio procurado obter junto a seu joven esposo certo prestigio para proteger os fracos e ajudar os desajudados da sorte, o Imperador entendeu dever contrariar essa tendencia de invasão da sua auctoridade e jámais esteve pelos pedidos generosos da Sra. D. Thereza Christina. E' preciso, porém, fazer justiça, nesta parte, ao Imperador. Muito cedo elle conheceu o fundo do caracter perspicaz e nativista dos brasileiros; rodeava-o além disso uma côrte de intrigas e de intrigantes, que invadiam todos os dominios, especialmente os da politica. A joven Imperatriz vinha de uma côrte, como a de Napoles, onde o nome dos principes se achava envolvido com todos os romances mais galantes e tragedias mais sombrias do tempo. Insensivelmente ella achar-se-ia na contingencia de passar do protegido ao valido, e de despojar-se do papel neutro, respeitado e isento, que o Imperador queria que ella exercitasse no solio imperial.

E assim aconteceu. A Sra. D. Thereza Christina nunca teve influencia para iniciar, adiar ou retardar a carreira de quem quer que fosse; observava á distancia e dignamente o giro dos astros que constellavam o céu da politica, limitando-se a applaudir a trajectoria brilhante de uns e a lamentar o occaso precoce de outros.

Neutra para a politica, ella entendeu de sel-o tambem para as estimas. E' natural que ella tivesse certas preferencias pelas pessoas ao serviço da sua casa; mas na generalidade, quando só Brasileiros a rodeavam, ella era equalissima no trato, no affago, na palavra amoravel, no riso suavissimo e bom, nas lagrimas espontaneas e consoladoras. Tinha das tradições da realza uma alta comprehensão; e, sem ser orgulhosa nem desdenhosa, era avara das suas prerogativas e discreta em todas as suas relações.

Esta linha de conducta, inflexivel e suave ao mesmo tempo, fizeram-na atravessar os annos na doce calma

de seu lar e ganhar a estima universal dos Brasileiros. Quem ha ahi que perguntasse jámais em que paiz nasceria a Imperatriz? Havia pelo contrario um esforcado empenho em apagar das chronicas a noticia de que essa princeza nos viesse do paiz extrangeiro. A mãe dos Brasileiros devia ser do Brasil.

Ha tempos o Imperador enfermou profunda e irremediavelmente. A Imperatriz fez-se a enfermeira amantissima e meiga e correu com o seu adoravel doente todos os climas e povos onde fosse possivel recobrar a saúde. O Imperador chegou á extrema agonia do moribundo; e ella, a boa e santa velhinha, tolhida pela gotta, exhausta de viagens, atordoada pelas vigílias a que se entregára, com medo de que o moribundo se lhe escapasse sem receber o ultimo beijo quente e consolador do amor de esposa, jámais desamparou o leito do seu doente, dia e noite, na posição angustiosa da duvida junto á materia, da esperanza junto á misericordia de Deus!

São passados tres annos desse martyrio sem treagoas, e dir-se-ia que aquella alma dedicada e cheia de abnegação passára para as veias do ente amovavel os restos do seu sangue sadio e confortativo e prolongára-lhe a vida á custa da propria vida.

A revolução de 15 de novembro apanhou-a exhausta e resignada a tudo. *Com tanto que estejamos todos reunidos*, dizia ella a bordo do *Atagóns*, na viagem do exilio, *tudo mais está muito bom e conforme os desiguos da Providencia*. Neste coração habituado a ser um sacrario de amor e de esquecimento, não havia uma expressão de amargura contra os homens.

No fim de contas, que é que os homens hão de fazer senão reacções e revoluções?

Estamos aqui, a milhares de leguas de distancia da invicta cidade portugueza, a urna do coração valoroso do Rei Carlos Alberto, e agora o tumulo da Imperatriz, Thereza Christina, e estamos a contemplar, com olhos da imaginação e com as inspirações da saudade, o vulto immovel dessa creatura angelica, adormecida como quem apenas descansa, tendo nos labios aquelle sorriso meigo, dulcissimo, de paz e de resignação, que a sagrou ha muitos annos com o titulo de *Mãe dos Brasileiros!*

Ella tinha um throno fragil, que se despedaçou ao primeiro embate de uma revolução sem victima e sem vinganças; e agora tem um throno immortal na nossa alma, na nossa veneração e na nossa saudade.

JOÃO HORACIO

Rio, 30 dezembro 1889.

A MORTE DA IMPERATRIZ

S EIS dias mais tarde, em meio dos festejos officiaes pela coroação de D. Carlos, de subito começou a circular triste boato: — Morreu repentinamente no Porto a Imperatriz do Brasil.

Os vendedores de jornaes da tarde o apregoavam á turba apinhada nas ruas, mas as folhas inseriram apenas á ultima hora a noticia, sem pormenores nem commentarios.



No pessimo *hotel* em que nos alojámos (os mais confortaveis estavam repletos, por motivo das mencionadas festas), tínhamos por vizinho de mesa um deputado ás côrtes, prestigioso chefe republicano, o coronel José Elias Garcia.

Homem de manciaras finas e polida educação. Todavia, sua proximidade não deixava de nos tolher, pois elle proprio e, principalmente, seus numerosos visitantes não tiravam os olhos de nós, movidos de, aliás, legitima curiosidade, seguindo os nossos menores movimentos. Nessa noite, Elias Garcia estendeu-me, pela primeira vez, delicadamente, a mão, proferindo em tom grave estas palavras: — Sinto informar a v. exa. que infelizmente confirmou-se a nova da morte da virtuosa Imperatriz. Falleceu hoje, ás 2 horas da tarde, quasi de repente, no *Grande Hotel* do Porto. O Imperador não lhe assistiu aos ultimos momentos. Embora adversario em politica das idéas de v. exc., deploro de coração os desgostos que os estão acabrunhando.

Meu Pae deliberou partir immediatamente para aquella cidade, convidando-me para o acompanhar. Mas só no dia seguinte havia trem. Tomámo-lo, e cerca de meia noite chegámos á terra a que D. Pedro I legou o seu coração.

Vivo movimento no *hotel* em que jazia a soberana morta: — *reporters*, auctoridades e notabilidades locais, curiosos, enchiam as salas e escadas num vai-vem continuo.

Afluiam ás centenas cartas e telegrammas de condolencias de todos os pontos da Europa. Esperava-se a cada momento a Princesa Imperial, o conde d'Eu e o príncipe D. Pedro Augusto, que se achavam na Hespanha, hospedados pelo duque de Montpensier. Em frente ao *hotel* estacionava dia e noite silenciosa multidão, apesar de intensissimo frio, que obrigava a patinhar, soprando sobre os dedos de minuto a minuto.

O Imperador, recolhido a seu aposento, só recebia os intimos.

Meu Pae a principio não o queria incommodar, esperando hora mais propria (eram menos de 8 da manhã quando entrámos no *Grande Hotel*) para lhe falar.

Sua Magestade, porém, mal soube da nossa presença, ordenou que nos dessem entrada. Modestissimo o seu quarto: — a um canto, cama desfeita, em frente um lavatorio commum, no centro larga mesa coberta de livros e papeis. Um sophá, algumas cadeiras completavam a mobilia. Tudo frio, desolado, nú.

Os joelhos envoltos num cobertor ordinario, trajando velho sobretudo, D. Pedro II lia sentado á mesa um grande livro, apoiando a cabeça na mão.

Ao nos avistar, acenou para que nos approximassemos. Meu Pae curvou-se para beijar-lhe a dextra.

O Imperador lançou-lhe os braços aos hombros e estreitou-o demoradamente contra o peito. Depois ordenou que nos sentassemos perto delc. Notei-lhe a funda lividez. Calafrios arrepiavam-lhe a cutis por vezes.

Houve alguns minutos de doloroso silencio.

Sua Magestade quebrou-o, apontando para o livro aberto.

— Eis o que me consola... disse com voz cava.

— Vossa Magestade é um espirito superior — replicou Meu Pae, — achará em si mesmo a necessaria força...

Não respondeu.

Depois de novo silencio, mostrou-nos o titulo da obra que percorria, — uma recente edição, formosamente impressa, da *Divina Comedia*.

Então, com extranha vivacidade, poz-se a falar de literatura, revelando, a proposito do poema florentino, rara e vasta erudição.

Após uma pausa, perguntou a Meu Pae:

— E não pensa em regressar ao Brasil?!

— Estou banido, Senhor.

— E' exacto... estamos... nem me lembrava, — concluiu com tristissimo sorriso. E, mudando de assumpto, discorreu sobre varias materias, enumerando as curiosidades do Porto, indicando-nos o que de preferencia deveriamos visitar. Não alludiu uma unica vez á Imperatriz.

Só quando, ao cabo de meia hora, nos retiravamos, observou baixinho:

— A camara mortuaria é aqui ao lado. Amanhã, ás 8 horas, ha missa de corpo presente.

Sahindo, no corredor verifiquei que o meu chapéu havia cahido á entrada do aposento imperial.

Voltei para apanhal-o e pela porta entreaberta deparou-se-me tocantissima scena.

Occultanto o rosto com as mãos magras e pallidas, o Imperador chorava. Por entre os dedos escorriam-lhe as lagrimas, deslisavam-lhe ao longo da barba nivea e cahiam sobre as estrophes de Dante.

Não me pude conter. Rompi tambem em choro convulsivo. Sua Magestade descobriu a face, envolveu-me num indizivel olhar, a um tempo de desconforto e de reconhecimento, fazendo com a mão, molhada de pranto, sentido gesto de adeus.

A singela grandeza do officio religioso no dia immediato, jámais a poderei olvidar.

Pequena camara quadrilonga, forrada de velludo negro, semeiado de estrellas de prata. Nenhuma restea de luz exterior: — sómente a claridade macilenta dos cirios.

No fundo, sobre o leito e coberto com uma colcha bordada das armas imperiaes, um corpo de creança. Era a Imperatriz.

A morte encolhera-lhe os membros, mas imprimira-lhe ás feições, de sympathicas e bondosas, ineffavel expressão de doçura celestial.

Ao pé, o improvisado altar, dominado por um crucifixo de marfim.

Innumeras corôas funeraes no chão, encostadas ás paredes. Fugitivo aroma de grinaldas emmurchecidas fluctuando no ar.

Dez ou doze assistintes apenas, de joelhos durante o acto inteiro, — rigoroso luto, immoveis, num recolhimento profundo.

Ao pé do leito, a condessa d'Eu, chorando.

Ao longe, isolado, apoiando-se á porta da antecamara contigua, o Imperador. Não se lhe distinguiam as feições, afogadas na penumbra, mas tremeluzia-lhe o reflexo argenteo das cans.

Depois da cerimonia, osculámos todos a gelida mão da soberana morta, genuina mão de aristocrata, fina e infantil. E sahimos, acabrunhados e mudos, emquanto Izabel a Redemptora continuava a soluçar, abraçada aos joelhos da mãe.

Nunca esquecerei tambem o desfilar do prestilo funebre pelas ruas repletas de ondas de povo, respeitoso e consternado. Dir-se-ia um luto nacional.

Maiores demonstrações de pesar não despertaria o fallecimento de D. Thereza, se occorresse entre subditos licis.

Não se apagará mais egualmente da minha lembrança o aspecto desalentado e digno do Imperador, ao chegar a Lisboa, depois de longo trajecto em ca-

minho de ferro, ladeando o feretro da sua companheira de throno e de infortunio.

Aguardava-o na estação el-rei com a sua côrte. Armas em funeral, formavam alas as tropas pelo caminho. O troar da artilharia alternava com o dobrar dos sinos. Muitos olhos estrangeiros vi marejados de lagrimas. No Brasil, consoantes telegrammas officiaes, choviam adhesões à dictadura militar triumphante. Dos numerosos brasileiros então em Lisboa, poucos, mui poucos, se incorporaram ao prestito!

E' em S. Vicente de Fóra, no humilde e escuro theatoneo dos Braganças, que vae repousar a infeliz magestade que em Napoles tivera o berço.

Dando o braço á filha, Sua Alteza Imperial, segue-a o esposo pela extensa nave da egreja até a derradeira mansão. Rodeiam-nos principes e altos personagens enviados adrede por varias casas reinantes da Europa. O grupo é tragicamente bello.

Domina-o a cabeça de D. Pedro, mais imponente que nunca. A dôr transfigura-lhe os traços augustos. Conservam-se seccos seus olhos de azul sereno e penetrante. Porém Sua Magestade parece tiritar. Mais de uma vez comprime com a mão tremula o coração.

Procuerei-o desde então frequentemente, já com Meu Pac e a familia, já só. E sentia-me tomado do intenso affecto, e illimitada veneração por elle, á proporção que o ia conhecendo melhor.

Na intimidade, desvelava-se-me um D. Pedro chão, carinhoso, franco, infinitamente mais admiravel que o D. Pedro official.

Ignoro se, com os annos e molestia, haviam-lhe declinado as faculdades, como tão insistentemente se affirmou, pois, já o disse, não privei com elle noutras éras.

Dou, porém, testemunho de que a sua intelligencia, qual a pude apreciar, era nitida e profunda, prodigiosa a sua memoria, variadissima a sua erudição, instructiva sempre a sua palestra, impregnados todos os seus dizeres de bom-senso, criterio e discernimento infinitos.

Mas a irradiação superior do seu character consiste na bondade, na tolerancia inalteravel com que en-

cara as miserias do mundo, — piedade suprema de philosopho que vive a meditar e a soffrer. Confiança cega na verdade e na justiça, amor infindo á sciencia, idolatria pelo cumprimento do dever, certa ironia complacente com relação á contingencia das cousas, e, acima de tudo, serenidade olympica no sentir e no pensar, oriunda, sem duvida, do equilibrio de faculdades poderosas, alma limpida e alta, trato amenissimo, larga experiencia sem amargura. — eis alguns dentre innumerous traços insignes que apprehendi no seu organismo psychologico.

Entre os antigos chamar-lhe-iam um estoico; nas épocas de fé viva, um santo talvez; para mim a denominação — Um justo — o define e resume nesta quadra de interesse e egoismo.

Emquanto Bismarck, o apregoado homem forte do seculo, cahido de menos alto do que elle, offerencia ao mundo o desconsolador spectaculo da desgraça sem alizez, despitada e trefega, — elle, num ostracismo mais cruel que o do estadista allemão, baldos recursos materiaes, trahido pelos seus amigos de peito, repellido por um povo em prol de cuja felicidade empenhára cincoenta annos de dedicadissimos esforços. — não articulava uma exprobação nem recriminava ninguém, affrontando o destino hostile com dignidade invencivel, — sublime rei Lear, — a quem a ingratidão dos filhos, longe de perturbar, ou diminuir, exalçava cada vez mais as tendencias affectivas e a razão.

Deixando-o, depois de larga conversa sobre varios assumptos, invadiam-me conjuntamente sentimentos de uania e de magoa por ser brasileiro.

Desvanecia-me a honra de haver nascido no meio social que produzira individualidade tão nebre e tão pura.

Indignava-me ao pensar que meus compatriotas, homens da minha geração, tantos por elle particularmente protegidos, o tinham enxotado como um reprobado, sem levantar-se a favor d'elle o minimo protesto ou resistencia, substituindo seu paternal governo, de concordia e moralidade, pelo despotismo brutal das casernas, chrismdo sacrilógicamente com o nome de republica.

AFFONSO CELSO



3 DE DEZEMBRO DE 1889

ACABO de ler um precioso manuscrito que, se algum dia fór dado a lume, produzirá no publico a mais intensa e sympathica impressão.

E' um diario das scenas occorridas durante a viagem feita pelo vapor *Alagôas*, de 17 de novembro a 7 de dezembro de 1889, quando transportou ao exilio a familia imperial.

Redigiu esse diario illustre senhora que naquella conjunctura accompanhou as augustas victimas.

Como toda gente, eu tinha a auctora do manuscrito na conta de distinctissima pela esmerada educação, fidalguia de sentimentos e maneiras, inexcusavel bondade e mil outros inestimaveis predicados de coração e espirito que a tornam um dos florões da alta sociedade brasileira.

Ignorava, porém, que a tamanhos dotes alliasse ella

os de escriptor elegante, correcto, eloquente, merecedor de apreço em qualquer centro culto e exigente.

Proporcionou-me essa agradável revelação o manuscrito.

Percuiri-o com verdadeiro encanto e sinto não estar auctorizado a copiar alguns trechos que, justificando o meu asserto, interessam vivamente os leitores.

Imagine-se que alli se descrevem com traços incisivos, de vivaz colorido, a partida do *Alagôas* do Rio, a 17 de novembro, comboiado pelo *Parnahyba*; a passagem deste para aquelle navio da Imperatriz, segura por dous marinheiros, sobre o mar agitado; a sahida do *Alagôas* para a Europa, escoltado até 22 de novembro pelo *Rinhueto*; as occupaões do Imperador a bordo, as suas conversas, as suas leituras; a parada em S. Vicente, onde aquelle bando de exilados se encontrou com outro — o visconde de Ouro-Preto e sua familia, embarcados no *Montevideo*; a



chegada a Lisboa; a estada dos condes d'Eu na Hespanha, hospedados pelo duque de Montpensier; o enterro da Imperatriz!

A figura de D. Pedro II destaca-se dessas paginas com olympico relevo.

Calmo, sobranceiro, impassivel, posto sempre o animo em elevadas regiões, sem uma unica recriminação, revelando nos menores actos suprema magestade, passa a estudar e a trabalhar os monotonos dias do trajecto.

A' noite, organisa no salão do paquete serões literarios, em que elle proprio lê em voz alta ou ouve ler, commentando as leituras com extraordinaria superioridade.

Sublime estoicismo! Ninguem, ao observal-o, diria que semanas antes perdera um throno, de modo estuendo, no meio de inauditas ingratidões!

Muitos episodios commoventes relata o diario.

Em S. Vicente, ao levantar ferro o *Alagôas*, a nau portugueza *Bartholomeu Dias*, surta no porto ao lado de vasos mercantes allemães, deu uma salva de 21 tiros.

Então, o *Alagôas*, que até ahí arvorára um pavilhão de phantasia, plagiado do dos Estados- Unidos, — listras verdes e amarellas, com um punhado de estrelas no angulo superior de dentro, — içã de repente a antiga bandeira imperial.

Num impeto electrico, todos os passageiros levantam-se e batem palmas, chorando, enquanto da nau lusitana e dos barcos allemães a tripulação sacode lenços brancos longamente.

O ultimo pedaço de territorio brasileiro que os exilados avistaram foi o pico de Fernando de Noronha. Quedaram largo tempo a contemplal-o, admirando-lhe as bellezas.

Quando o perfil da montanha entrou a csvahir-se no horizonte, o Imperador mandou buscar uma gaiola em que ia preso pequeno pombo. Tomou uma tira de papel e escreveu: *Saudades do Brasil*.

Traçou por baixo a firma imperial e passou o escripto à Imperatriz, que tambem assignou. Em seguida, assignaram os principes e a comitiva. Isto feito, o Imperador atou o papel ao pescoço do pombo e abriu as portas da gaiola. A ave liberta alçou-se no espaço, seguida dos olhares anciosos dos espectadores.

Vouo alguns segundos, indecisa. Mas, de chofre, tombou desfallecida nas ondas e afundou-se, levando para o abysmo mysterioso a tocante mensagem de amor.

A 2 de dezembro, achava-se o *Alagôas* em pleno oceano. O tempo, constantemente bonançoso, tornára-se mau. Fazia forte frio. Rudes vagalhões sacudiam o paquete, que, aliás, se portava perfeitamente.

Sem embargo, promoveram os passageiros singela festa, em homenagem ao anniversario natalicio do velho soberano.

Como unico presente, offertaram-lhe uma polyanthéa, collaborada por todos.

la a bordo o barão de Loreto, Franklin Doria, o inspirado traductor de *Evangelina*, o mavioso poeta dos *Entevos*, a quem Sylvio Roméro, na sua *Litera-*

tura Brasileira, tece tão insuspeitos quão justos encomios.

O barão de Loreto compoz, especialmente para o acto, bellissimo soneto, — certo, uma de suas mais felizes producções, sufficiente por si só para lhe garantir lugar de primazia no Parnaso nacional.

Copio fielmente do manuscripto esse soneto, até hoje inédito:

« NO CAMINHO DO EXILIO

(A SUA Magestade o SR. D. PEDRO II)

A nação brasileira, que, levada
Por ti, seu vigilante e sabio guia,
No fim de meio seculo attingia
A raia do progresso disputada,

Comquanto agora a ingratidão a invada
E a desvaire o clamor da aleivosia,
Lembrar-se-á saudosa deste dia
Que d'antes festejava alvorçada.

Della expellido por sinistro plano,
Hoje, em fragil baixel, sobre o oceano,
Ergues a mente a Deus, que o Bem expande.

E a Familia e amigos, com transporte,
Saudam hoje em ti o Varão forte,
Qu'inda fóra do throno é sempre grande.»

A' noite do mesmo dia 2, houve um banquete, a despeito do temporal, que mal permittia ás senhoras deixarem os beliches, e de estar enferma a Imperatriz. Ao servir-se o *champagne*, o Imperador ergueu-se e, empunhando uma taça, exclamou: « Brindo á prosperidade do Brasil! »

* * *

Encarregado de policia o *Alagôas*, o *Riachuelo* deitava apenas 6 a 8 milhas por hora, de sorte que atazava e embarçava a marcha do primeiro, dotado de summa velocidade e excellentes condições nauticas.

Não é só isto. A cada instante, o couraçado atirava foguetes, fazia signacs, ora approximava-se da costa, ora singrava para o largo, ora parava para se orientar ou compôr algum aparelho desconcertado, — numa continua contradança.

Foi um allivio para os exilados quando a pesada machina de guerra findou a sua missão, aroando para o sul.

O *Alagôas* seguiu então desassombrado, dominando as aguas e os ventos.

O *Riachuelo*, minaz, com a sua marcha incerta, perigosa, ás tontas, symbolisava a Republica.

O *Alagôas*, firme, risonho, tranquillo, levando com segurança ao porto do destino os seus emeritos passageiros, entregues a nobres affazeres, — eis a imagem da Monarchia.

AFFONSO CELSO



Supplemento do "Album Imperial"

ANNO I

CHRONICAS E NOTICIAS

NUMERO 4

Album Imperial



O presente numero do *Album Imperial* contém dezesseis paginas de materia editorial, — o que significa consideravel melhoramento na nossa revista, que dessa fórma procura corresponder á grande acceitação que tem tido.

E, de hoje em diante, o *Album Imperial* terá, no minimo, o mesmo numero de paginas, com variada collaboração, tanto politica, como litteraria.

RABISCOS

A opposição conseguiu furar tres logares da chapa do governo e, assim, tres candidatos dissidentes terão assento na Camara Federal.

E — facto curioso! — os derrotados foram exactamente os que mais se distinguiram, os que mais trabalharam como representantes de S. Paulo no Congresso Nacional: — srs. Fernando Prestes, Candido Rodrigues e Bornardo de Campos.

O sr. Fernando Prestes foi presidente do Estação e na Camara Federal era *leader* da bancada paulista; o sr. Candido Rodrigues, ex-secretario da Agricultura, distinguio-se por seus estudos sobre a valorisação do café, problema que estava empenhado em resolver; o sr. Bernardo de Campos, finalmente, deu sobejas provas de que levára a serio o mandato, e seu nome, até então lembrado apenas nas facecias de *Nhó-By*, passou a figurar em excellentes pareceres da Comissão de Justiça.

E foram exactamente esses tres dignos representantes de S. Paulo os vencidos da chapa do governo, da qual, por uma ironia das cousas deste mundo, sahio vencedor, com extraordinaria votação, o sr. Amaral Cesar, moço muito distincto e que se veste bem, mas que, como deputado federal, tem feito tanto como o sr. Amândo de Barros na cadeira de deputado estadual, isto é, não tem feito até agora cousissima nenhuma. Porque Amaral Cesar e Amândo são os

mais genuinos representantes da hodierna eloquencia de Botucatu. Outros deputados, que têm por lemma a velha maxima — *o silencio é ouro* — ainda arriscam, de quando em vez, um *Muito bem* ou respondem *Presente!* á chamada, como os talentosos srs. Jaguaribe e Emygdio Piedade; mas aquellos dous, não! Nunca de seus labios sahio, modesto que fosse, um simples *Apoiado* e á chamada regimental respondem procaicamente com a cabeça.

Um paciente investigador, dado a estudos de estatistica, teve ha tempos a pachorra de verificar quanto custava aos cofres publicos cada palavra proferida no Congresso pelo ex-barão de Soccorro, hoje coronel Luiz Leite, e seus dous illustres filios, — e chegou á conclusão de que sahia cada palavra a alguns pares de contos de réis.

O mesmo calculo pôde, sem a differença de um unico vintem, ser applicado ao profundo e systematico silencio dos referidos cidadãos de Botucatu, um dos quaes acaba de derrotar, nas ultimas eleições, tres distinctos representantes de S. Paulo na Camara Federal.

Esse negocio de eleições na Republica tem dessas surpresas.

O que tambem constitue surpresa digna de registro é a formidavel derrota que acaba de soffrir em Araras o sr. coronel Tótó. Derrotado em toda a linha, completamente derrotado na zona onde até hontem dava as cartas na politica.

O eminente chefe da patriotica e benemerita Comissão Central, alvo de manifestação obrigada a busto de bronze e mais recentemente de outra manifestação mais pratica de um almoço opiparo em Jundiahy, perdeu de todo o pé no terreno da influencia politica em S. Paulo, não obstante o busto e o almoço, e a esta hora, arredado da gerencia do *Correio Paulistano*, prepara as malas para se arredar tambem daqui, em viagem de recreio á Europa, donde regressará firmemente resolvido a abandonar de vez a politica.

Disseram os jornacs que, depois do brodio que o sr. Eloy Chaves ofere-

ceu em Jundiahy ao sr. coronel Tótó, — por signal que este honrou dignamente os mans de Lucullo — exclamára o grande cidadão, parodiando o conselheiro Accacio, ao saber a noticia da sua condecoração; — *Este é o melhor dia da minha vida!*

Agora, porém, depois da formidavel derrota, não poudo o sr. coronel Tótó parodiar: no palacio presidencial aquelle conselheiro; muito pelo contrario! Más linguas assoalham que, indignado com o sr. Tibiriçá, que lhe negára força de policia para vencer as eleições em Araras, o notavel cidadão parodiou, não o conselheiro Accacio, o que seria natural, pelos laços de affinidade intellectual que o prendem ao personagem de Eça de Queiroz, mas sim aquelle general de Napoleão, que em Waterloo respondeu de modo inesperado á situação de Wellington.

O que se passou no palacio entre as duas excellencias foi assombroso; o sr. Tibiriçá, á perflida insinuação de que adorava Gambirinus, disse ao sr. coronel Tótó: *fomente-se!* O sr. coronel respondeu com o vocabulo de Cambrone. E o sr. Tibiriçá, que não quiz ficar, nem de facto ficou atraznesse terreno de amabilidades, replicou, então, com um largo gesto significativo, que lembra a melhor fructa do Brasil.

Mas será mesmo verdade que o sr. coronel Tótó está derrotado?

Qual! Decididamente, o mundo está para acabar!

A proposito, ainda, de eleições: O sr. Samuel Porto, director d'*O Rebate*, desta capital, tinha como certa sua eleição. Apresentára-se s. s. candidato pelo primeiro districto a uma cadeira de deputado federal. Mas teve a sorte do sr. coronel Ludgero de Castro: — foi derrotado. E como não é muito agradavel, nos tempos bicudos que correm, ver ir por agua abaixo uma cadeirinha que rende suavemente setenta mil réis por dia, o sr. Samuel sahio-se com esta:

«Como republicanos, sentimos chegar a esta conclusão, pois ella importa na affirmação tacita de que os politicos honestos ainda estão afastados do poder, e que tanto os gover-

nistas como os dissidentes são uma troça de patoteiros, que só desejam as altas posições da Republica para, mais de goito, opprimirem o povo bom e humilde que lhes ouve a cantiga em vespuras de eleição.»

Mas vamos e venhamos, não obstante a pontinha de despeito, determinada pela derrota, o director d'*O Rebate* não deixa de ter alguma razão, porque não serão com certeza os srs. dissidentes os puros patriotas que vão trabalhar pela regeneração desta terra infeliz, digna, por certo, de melhor sorte.

E o sr. coronel Ludgero de Castro? O digno serventuario da justiça viu mais uma vez desfeito o seu castello de cartas, o que equivale a dizer que deu em agua de barreira a sua candidatura.

Obteve s. s. maior numero de votos do que o sr. Samuel, mas mesmo assim ficou em lamentavel *bagagem*.

Ninguém mais do que nós lamenta o mallogro dessa candidatura; debalde, os srs. Guimarães e Teixeira de Freitas, do 2.º officio de orphans e ausentes, quebraram lanças no *Forum*, na arrematamento de eleitores para o sr. coronel; s. s. a esta hora vê, contristado, fugir-lhe com duas grandes azas a ambicionada cadeira. E nós sentimos de coração esse desastre, porque a verdade é que, de todos os candidatos á representação paulista no Congresso Nacional, o sr. coronel Ludgero de Castro era o mais bem intencionado, e certo eu estou de que s. s. saberia corresponder á confiança do eleitorado.

O mundo, porém, dá muitas voltas, na opinião respeitavel dos srs. astrónomos, e já tem dito e repetido um rór de vezes o sr. coronel Tótó esta phrase sentenciosa e de profunda philosophia: — *A morte é uma cousa certa.*

O sr. coronel Ludgero, que tenha paciencia e, sobretudo, fé: — pôde muito bem ser que alguns dos deputados eleitos batam as botas, e então s. s., como immediato em votos, terá assento na Camara Federal, onde seu verbo eloquente pugnará pelo engrandecimento da Patria.

FABRICIO PIERROT

O nosso archivo

O sr. Raphael Duarte obsequiou-nos com um exemplar do seu livro *Campinas de outr'ora*, que acaba de sahir, em nitida edição, das acreditadas officinas de Andrade & Mello, desta capital.

É um volume de cerca de trezentas paginas, ornado de excellente retrato do auctor, e todo o producto de sua venda revertirá em beneficio do Asylo de Mendicidade, de Campinas.

Os capitulos que constituem o livro appareceram primeiro na imprensa local, com o titulo *Cousas do meu tempo* e sob o pseudonymo de *Agricio*, com que o sr. Raphael Duarte modestamente os subscrivia, e foi a instancias de amigos que o distincto escriptor resolveu enfeixar-os em volume com o seu nome proprio, que não é nenhum nome desconhecido, a pretender agora a grande consagração do publico, pois de ha muito que é festejado na imprensa e no seio de associações scientificas e literarias, como o Instituto Historico e o Centro de Letras, Sciencias e Artes.

O livro está definido pelo seu titulo: — são chronicas sobre a bella cidade dos bons tempos de outr'ora, e se não abrangem a antiga povoação de Francisco Barreto Leme, nem a villa que o capitão-general Castro Mendonça baptisou de *S. Carlos*, comprehendem, todavia, um largo trecho da vida de Campinas, de muitos lustros atraz, estudada atravez dos usos, dos costumes e até da propria estatística, que o sr. Raphael Duarte, com uma paciente investigação digna de louvores, foi exhumar de velhos archivos. E consultando almanachs, manuseando livros poirentos e jornaes amarellecidos, aqui ouvindo a tradição oral e alli soccorrendo-se das recordações da propria infancia, o infatigavel escriptor sahiu-se galhardamente do trabalho que se impuzera, compondo um livro a todos os titulos interessante e que, certo, terá em Campinas a acceitação de que é digno.

Pena é que, com um pouquinho mais de esforço, o sr. Raphael Duarte não tenha feito reproduzir em clichés, á imitação do sr. Mello Moraes Filho nas *Festas e tradições populares do Brasil* e nos *Factos e memorias*, algumas gravuras relativas ao texto.

Mas o livro nem por isso perde de interesse; é recommendavel sob todos os pontos e em suas paginas se revela um escriptor correcto, um investigador paciente, um observador psychologo e um fino humorista.

Ao auctor de *Campinas de outr'ora* agradecemos o exemplar que nos offereceu e que já ha alguns dias figura na nossa estante.

* CHRONICA *

CORRE como certo que o illustre sr. coronel Totó Lacerda, depois de maduras reflexões, renunciou á deliberação que tomára de abandonar a politica e o posto de sacrificios que occupa na Commissão Central, e, assim, parece que o projecto estadista voltará á actividade partidaria e ás luctas eleitoraes.

Não são bem conhecidos os motivos que influiram no animo do digno dr. Lacerda e que o determinaram a tragar a vergonhosa derrota do dia 30 e os epithetos pouco amaveis com que, *si vera est fama*, o mimoseou o sr. Jorge Tibiriçá.

Diz-se apenas que s. exc. recebeu do dr. Bernardino de Campos, que ainda se acha em Paris, um telegramma concitando-o a não abandonar o posto de sacrificios que lhe foi confiado e no qual s. exc. tem, decerto, prestado ao povo serviços relevantes, embora, por emquanto, absolutamente ignorados.

E, desta arte, a melindrosa crise politica provocada pela attitude sobranceira e altiva do famoso senador por Araras desfaz-se como uma bolha de sabão e volta tudo ao antigo estado, entrando a pesada machina governamental nos cixos formidaveis, dos quaes saltára por alguns dias, felizmente poucos.

A projectada reforma da Commissão Central, a convocação de um congresso republicano, o regresso ás antigas praticas democraticas, todas estas bellas idéas que iam ser executadas, em consequencia da retirada do sr. Lacerda, esvahiaram-se rapidamente, sem deixar vestigios, deixando apenas a impressão ephemera de um doirado sonho.

De resto, sejamos justos e reconheçamos que o illustre sr. coronel Totó Lacerda, voltando ao aprisco donde se conservara afastado por alguns dias, algumas horas quiçá, não fez mais do que imitar o exemplo dado pelos grandes homens que organizaram essa formidavel oligarchia que ameaça durar eternamente e resiste á impetuosa manifestação hostile do electorado.

Com effeito, exemplifiquemos: depois do celebre e nefando attentado contra a vida do presidente Prudente de Moraes, o sr. general Francisco Glycerio, cujo nome foi perversamente envolvido no caso, podia ser considerado o que em politica se chama — *um homem morto*. O popularissimo chefe campineiro, cujo prestigio até então não encontrava rival, achou-se repentinamente isolado e só, atirado ás ortigas, apontado a dedo como um criminoso celebre e sentindo o amargor

da ingratião daquelles que, elevados por s. exc. a magnificas posições e rendosissimos empregos, eram, todavia, os primeiros que o designavam ao opprobrio e ao desprezo publico.

Mas o sr. Xico Glycerio, cuja habilidade impressionou o proprio illustre Lafayette, que dizia que se o chefe campineiro soubesse ler e escrever seria o dono deste paiz, o sr. Glycerio resistiu á onda inconstante da impopularidade, deixou-se ofuscar por alguns *parvenus* fallazes, e, hoje, no dizer da unanime aclamação dos povos, é s. exc. quem manda e governa nesta abençoada terra.

Não houve jámais no Brasil quem, durante algum tempo, fosse mais impopular do que o sr. Campos Salles. Toda gente se lembra de que o fogo-so tribuno, quando presidente da Republica, não podia sahir á rua sem arriscar-se a uma vaia formidavel; e, quando deixou a presidencia, o caminho que o devia levar ao Banharão se crivou de baionetas, para evitar que o povo revoltado cobrisse de lama e de injurias o homem que acabava de exercer a mais elevada magistratura da nação.

Passaram-se alguns annos... e, actualmente, ha de ser difficil ao mais notavel e popular dos nossos homens publicos ofuscar o prestigio e a gloria do sr. Campos Salles.

O sr. Bernardino de Campos... A lição é recentissima: — quando o sr. Bernardino de Campos concebeu a idéa de ser presidente da Republica e manifestou aos até então dociis electores a sua plataforma, o paiz se agitou e convulsionou de norte a sul, num movimento unanime e irreprimivel de condemnação implacavel á candidatura de quem se dizia, com razão ou sem ella, sr. o director supremo de todas as oligarchias deprimentes sob cujo influxo se abateu e corrompeu o caracter brasileiro.

... Mas o sr. Bernardino *torceu o corpo*, eclipsou-se por algum tempo... Ah! vem s. exc. ... o bom audáz, bem atrevido, bem temerario será quem ousar atravessar-se no seu caminho...

Por isso e *pelo mais que consta dos autos*, como diz o illustrado major João de Souza Porto Ribas, de Santa Cruz dos Papudos, o sr. coronel Totó Lacerda andou muito bem no abdicar do seu orgulho e voltar, um tanto malferido, ás luctas politicas.

Faz s. exc. muito bem. Não lhe faltarão coroneis papudos e vaidosos que, chamando ás armas os seus tenentes-coroneis, majores, capitães, tenentes e alferes, sustentem os seus mais descomedidos desejos e mais irrealisaveis ambições...

De resto, como eu e s. exc. sabemos, esses directorios politicos do interior são... como direi? Não digo...

Não quero offender o pudor dos miseraveis transfugas que ora se dizem monarchistas, ora dissidentes, ora governistas...

Elles me entendem bem, e eu os entendo melhor, e isso basta.

PANTALEÃO BERMUDEZ



D. Pedro II e a imprensa europeia

Telegrammas publicados no Rio, a 6 e 7 de dezembro de 1891:

PARIS, 5

Todas as folhas desta manhã dão noticia da morte do sr. D. Pedro. Apesar da hora adeantada em que falleceu, todos puderam exprimir o profundo pesar que causa o fallecimento de um monarcha tão illustre pelo seu saber, pela sua bondade, pelo seu largo e pacifico reinado. Todos lembram com gratidão a profunda sympathia que elle sempre mostrou pela França.

PARIS, 6

A imprensa europeia, sem distincção de crenças politicas, publica hoje em suas columnas artigos editoriaes sobre o sr. D. Pedro II, elogiando-o, quer como soberano, quer como homem particular.

ROMA, 6

A imprensa desta manhã consagra toda ella palavras de elogio e veneração ao Imperador do Brasil.

BERLIM, 6

Os jornaes berlineses são unanimes nas suas manifestações de respeito ao sr. D. Pedro II, exaltando as suas eminentes qualidades.

BRUXELLAS, 6

Todos os orgams da imprensa desta capital prestam homenagem á memoria do Imperador.

LONDRES, 6

Toda a imprensa exprime-se com admiração e respeito em relação ao sr. D. Pedro II.



FALLECIMENTOS

O nosso distincto correligionario e projecto advogado dr. Estevam de Almeida soffreu, a 7 do corrente, o doloroso golpe de perder sua idolatrada filhinha Bemvinda, que contava apenas dous annos de idade.

Associamo-nos á dor que alanceia o coração dos inconsolaveis paes.

— Deu-se em Campinas, a 9 do corrente, o passamento do venerando ancião sr. Angelo Jacintho Simões, ha muito alli domiciliado e pae do dr. Angelo Simões, distincto clinico daquella cidade.

Contava 85 annos de idade e era muito estimado, pelas qualidades de caracter e coração que o exornavam.

Nossas condolencias á exma. familia entutada.

POETAS BRASILEIROS



Desdens

Realçam no marfim da ventarola
As tuas unhas de coral, felinas.
Garras com que, a sorrir, tu me assassinas.
Bella e feroz!... O sardalo se cvôla...

O ar cheiroso, em redor, se desenrola...
Batem-te os seios, arfam-te as narinas...
Sobre o espaldar de seda o dorso inclinas
Numa indolencia morbida, hespanhola...

Como eu sou infeliz! Como é sangrenta
Esta mão impiedosa, que me arranca
A vida, aos poucos, nesta morte lenta!...

Esta mão de fidalga, fina e branca,
Esta mão que me attrahe e me afugenta,
Que eu áfago, que eu beijo e que me espanca!

RAYMUNDO CORREIA



Solitario

Noite. Só, no Torreão do Tédio enclausurado,
Mudo e contemplativo, ólho do aito o despojo
Do meu sonho infeliz: uma carta, um bocado
De cabelo, e uma flôr... Tudo no chão, de rojo!

E encaro o mundo, então, cheio de um grande nojo
E sondo o coração, que em trapos, retalhado,
Lembra um tábido esquife, em cujo fundo bojo
O cadáver da Crença apodreceu trancado...

Magua e silencio em tudo... E, triste, da memoria
Procurando varrer a lembrança angustiada
Dessa, que foi a luz da minha vida ingloria:

Ai de mim! Represento um symbolo mortuario;
— Tal no cimo de um cédro, em noite constellada,
Negro, o vulto espectral de um mocho solitario!

LUIZ PIZARINI



No Golgotha

Que importa que Adriano em profanosa scena
Chegue ao Golgotha e insulte a tua catacumba?
Após elle terás a imperatriz Helena,
Quer triumphe o teu estro ou teu estro succumba.

Se soffres do martyrio as dôres, pena a pena,
O clangor do teu verso entre glorias retumba.
— Que te importa soffrer se a tortura é pequena
Ante o peso com que teu verbo as almas chumba?

Seja o teu tribunal de cáthedra ou de exedra,
Tenha o teu leito embora um cravo em cada fulcro.
Sabes que no porvir sómente o genio medra.

Certo, resplenderá teu espirito pulchro,
E, ao tombares emfim da tumba sob a pedra,
Todos irão beijar o teu Santo-Sepulcro.

EMILIO DE MENEZES



FIM DE SECULO

Tempus facienti, Domine.
(PSALMO CXVIII)

Céus e terra, silencio: o odio, em furia, flammeja,
O peccado mortal as almas dilacera,
E já não se ama oh! como outrora! a Santa Igreja,
E o inferno avança e o erro avassala e o mal prospéra.

O Homem, dcante de Deus, quiz ser qual outra léra,
Ousou tramar contra Elle a mais louca pejeja...
Oh! ninguem ama, ninguem cré, ninguem espera,
E o Anjo exterminador num céu de chamma adeja.

Exsurgi, Senhor Deus, como nos promettestes,
A terra nunca viu tempos tristes como estes,
Penosos e fataes para a pobre alma humana.

Erga-se forte o Clero, e os Frades e os Conventos,
E reine e viva e cresça e impere aos quatro ventos
A Santa Religião Catholica Romana.

PADRE SEVERIANO DE REZENDE

Odio de raças

A PROPOSITO da ordem do sr. secretario do Interior e Justiça de São Paulo, para que não sejam admitidos na guarda-civica desta capital individuos de côr, escreve o brilhante chronista do *Correio da Manhã*, Gil Vidal:

«E' curioso que os governos republicanos deste paiz, orgulhosos dos fóros de democraticos, governos que pretendem servir o povo com equaldade, não sacrificando pobres e humildes a ricos e poderosos, descurem, por amor destes, das suas commodidades e regalos, os legitimos interesses daquelles. Tão bons pagadores de impostos são uns como outros, sendo até que o imposto de sangue, sempre que elle se fez preciso, pesou muito mais dolorosamente sobre os pobres, os humildes, do que sobre os grandes e os ricos.

Não é essa mesma democracia que, em S. Paulo, faz a distincção entre brancos e mestiços — difficilima de se fazer neste paiz, diga-se a verdade — no alistamento de praças da guarda-civica e soldados da brigada policial? No Brasil, felizmente, já mais conhecemos o odio de raças. A propria escravidão não o provocou. Entretanto, agora, em plena Republica, e o proprio governo de um grande Estado, do mais florecente, do mais rico, do que se gloria de ter formado a vanguarda da propaganda republicana, que se lembra de fazer questão de raças e determina odiosissima selecção, de nenhum modo justificavel. O nosso exercito, a nossa armada, contam em seu seio praças de todas as côres, e tão bons soldados e marinheiros são brancos e caboclos, como negros e mulatos. Nas nossas guerras, desde os tempos coloniacs, distinguiram-se muitos negros e mulatos pelo seu ardor patriótico e iulgurante bravura, tanto entre os soldados e officiaes, como entre os generaes que os conduziram á victoria. A Monarchia que meio seculo regou os nossos destinos de nação independente, a qual não teve por que se envergonhar no convívio das demais nações, ainda as mais cultas, não conheceu a separação de nacionaes pela pelle, quando se tratava do serviço publico. Todos os brasileiros tinham direito de aspirar ás mais elevadas posições. Foi preciso que viesse a Republica para que não possam ser soldados de policia os brasileiros que não forem brancos. Singular democracia!»

Na redacção do *Album Imperial* accitam-se encomendas de exemplares do «Crime de Araraquara», 2.^a edição, de Fabricio Picrot e Ramiro Manso.

D. Thereza Christina

O Visconde de S. Boaventura, correspondente, em Lisboa, do *Estado de S. Paulo*, escreveu para este diario, na primeira quinzena de janeiro:

«Fez, a 28 do mez findo, dezeseis annos que se finou, num aposento do Grande Hotel do Porto, a ex-imperatriz do Brasil, D. Thereza Christina.

Foi victimada por grande magua do coração.

Aos 67 annos custa muito o soffrimento das agruras de um exilio cruel.

Na manhan de 28 de dezembro de 1889, o sr. D. Pedro de Alcantara sahira do hotel, afim de visitar alguns estabelecimentos publicos — até á morte não perdeu este habito o *neto de Marco Aurelio*, como lhe chamou Victor Hugo, e achava-se na Academia de Bellas Artes, frente ao antigo jardim de S. Lazaro, contemplando, provavelmente, a espada gloriosa com que o seu antepassado D. Affonso Henriques fundou a monarchia portugueza, quando lhe fizeram saber que se haviam aggravado os incommodos da sua augusta consorte.

Sem demora, dirigiu-se para o hotel, que é situado na rua de Santa Catharina, e já encontrou um cadaver.

O que se passou só o genio de Shakespeare é que o podia descrever.

Filha e neta de reis, imperatriz pelo seu consorcio, D. Thereza Christina morre num quarto modesto de um hotel!

Como a sorte é perversa e traiçoeira!

Com todas as honras que lhe eram devidas, foi o corpo transportado para Lisboa e collocado no Pantheon da casa de Bragança, em S. Vicente de Fóra.

Não tardou muito que lhe fosse fazer companhia o seu marido, que também se finou num hotel de Paris.

Não me levem a mal que eu diga: O Imperio do Brasil não merecia este fim.»



D. PEDRO II

VARIAS NOTICIAS

S. M. o Imperador concedeu á familia do finado artista João Caetano dos Santos a pensão annual de 600\$. Sendo esta pensão tirada do bolsinho do Augusto Senhor, é mais uma prova do quanto era admirado esse grande artista e da inextinguivel protecção que o Monarcha Brasileiro prodigaliza á pobreza e ás artes.

(*O Mercantil*, de 22 de outubro de 1863).

Telegramma de Paris: O Conde d'Eu achou num armario do Imperador um volume lacrado e sellado e, abrindo-o, viu que elle continha terra, e um papel, em que se lia:

«E' terra do meu paiz: desejo que seja posta no meu caixão, se eu morrer fóra da minha patria.»

O Conde d'Eu executou promptamente a augusta vontade de seu sogro, enchendo com terra do Brasil uma almofada, em que repousa a cabeça do Imperador.

O ultimo trabalho publicado pelo Imperador intitula-se:

Poesies hébraico-provençaes do Ritual Israelite Contadin, traduites

et transcrites par S. M. Dom Pedro d'Alcantara, empereur du Brésil — Avignon — Seguin Frères. Imprimeurs-éditeurs, rue Bouqueric, 13 — 1891.

D. Pedro II, passeando uma tarde no seu parque da Boa Vista, divisou um homem do povo trepado numa arvore.

Roubava uns figos. O Imperador viu-o e afastou-se, procurando um grande desvio, para chegar ao logar do seu designio.

— Mas Vossa Magestade vai mais perto por aqui, — observou um dos veadores.

— E' que alli naquella arvore ha um homem comendo figos, disse o bom velho, e, se eu me approximar, elle é capaz de assustar-se e levará uma queda desastrada. Ora, a vida de um homem vale mais que a minha propriedade.

(*Gazeta da Tarde*, 30 novembro 1892).

Voici le palais de l'Empereur, modeste bâtiment, bourgeoisement meublé et ressemblant plutôt à un hôtel de province qu'à la demeure d'un souverain. Nous le parcourons entièrement; il ne présente aucun intérêt particulier. D. Pedro menait une existence des plus simples; sa fortune était loin d'être considérable; il la prodiguait volontiers aux pauvres et aux institutions de bienfaisance. On m'affirmait partout que le pays était très démocratique, qu'on avait une haute estime pour l'Empereur à cause de ses qualités personnelles et son noble caractère.

(*G. Verschuur — Aux Antipodes — 1888-89 — Paris*).

No paquete francez *Beau*, partiu para Roma, como todos sabem, o sr. arcebispo de Athenas, que por cinco annos exerceu neste Imperio o elevado cargo de internuncio apostolico. O que, porém, nem todos saberão é que S. M. o Imperador, attendendo aos serviços de S. Exa., houve por bem nomear-o grã-cruz da Ordem de Christo e offereceu-lhe um album, em que por seu proprio punho escreveram: S. M. o Imperador, alguns trechos de Silvio Pellico; S. M. a Imperatriz, uma poesia italiana, e S. A. Imperial, a conhecida canção do nosso distincto poeta Gonçalves Dias:

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá.

(*Jornal do Commercio*, 6 julho 1861).

A IMPERATRIZ

L'Europe saluera respectueusement cette impératrice morte sans trône et on dirait en parlant d'elle: sa mort est le seul chagrin qu'elle ait causé à son mari pendant 46 ans de mariage.

(*Le Figaro*, 29 décembre 1889).

La vie de l'impératrice du Brésil a été toute de dévouement et d'effacement volontaire.

C'était la femme vertueuse et bonne dont l'histoire parle peu, parce qu'il n'y a pas de mal à en dire.

(*Le Gaulois*, 29 décembre 1889).

Très modeste, très charitable, très pieuse, elle mena une vie toute de dévouement à l'empereur et de bonnes œuvres; aussi depuis la chute de la monarchie au Brésil, on ne citerait

pas un journal qui n'ait consacré quelques lignes émuës à l'exilée, pas un qui ait eu pour elle une parole dure ou malveillante.

(*Le Moniteur Universel*, 30 décembre 1889).

Elle ne comptait pas un ennemi; et au milieu des luttes qui ont précédé et suivi son départ de Rio, pas un injure n'a été proférée contre elle, pas un reproche ne lui a été adressé.

Cette constatation est le plus bel éloge que l'on puisse faire de celle qui vient de mourir.

(*La Gazette de Lausanne*, 30 décembre 1889).

Les dernières paroles de l'impératrice furent les suivantes: «Hélas!... Brésil!... Brésil!... si j'oi j'oi pays... puis pas retourner.»

(*Le Nouvelliste de Rouen*, 1 janvier 1890).

... a Sra. D. Thereza Christina Maria, filha de Francisco I, rei das Duas Sicilias, a Princesa bondosa, que nunca tendo feito falar de si senão pelas suas eminentissimas virtudes e tanto havendo contribuido para que o lar imperial pudesse ser apontado por irreprehensivel modelo de singleza, de amenidade e de honestidade, rasgou, pela sua morte, vacuo profundo no coração de seu esposo.

(*Jornal do Commercio*, 5 dezembro 1891).

O que foi esta santa senhora, não precisamos repetir-o. Sabe-o todo o Brasil, que, no golpe que feriu profundo o Imperador, lembrou-se que era justa e universalmente proclamada a Mãe dos Brasileiros.

(*Gazeta de Noticias*, 6 dezembro 1891).

... idolatrada Mãe dos Brasileiros, por sua muita caridade e virtudes veneraveis.

(*Diário do Commercio*, 6 dezembro 1891).

Jornaes e revistas

Temos sobre a nossa mesa de trabalho o n. 8 da *Revista* do Centro de Sciencias, Letras e Artes, de Campinas. Collaboração escolhida e retratos dos illustres e praticados campeiros dr. João Egidio de Souza Aranha e dr. Manoel de Assis Vieira Bueno.

— Visitou-nos pela primeira vez a revista de Arthur Goulart, Francisco Gaspar e Francisco Teixeira, *A Nova Cruz*, que prima pela selecta collaboração. Além de outros, traz bons versos de Antonio Salles, Raymundo Correia, Emilio de Menezes e Luiz Pistarini e estampa o retrato, em nitidas autotypias, desses festejados poetas.

— Mais uma edição magnifica da *Iris* acaba de ser distribuida, — correspondente a janeiro proximo findo e n. 3 da 1.^a serie. Escusado é accrescentar que vem, como as anteriores, excellente, recommendando-se pela escolhida collaboração. Alvaro Guerra, seu incançavel director, só merece louvores, pela orientação que tem dado á *Iris*, no genero uma das melhores revistas brasileiras.

Manual do monarchista

PRIMEIRA PARTE

A constituição monarchica

III

A MONARCHIA CONSERVADORA DA NAÇÃO E PROTECTORA DOS INTERESSES POPULARES.

Porque o poder é hereditário?

— A hereditariedade é estabelecida para a conservação do patrimonio nacional, que fica mais garantida por um administrador perpetuo do que por um temporario.

Como assim?

— Um gerente perpetuo, tendo a cortezia de deixar a seu filho a administração da fortuna publica, sente, por força das circumstancias, seu interesse particular identificar-se com o do paiz, de modo que sua preocupação será, não sómente conservar intacto o patrimonio nacional, como tambem augmental-o, melhora-o e embelezal-o.

E o administrador temporario?

Esse, seja elle quem fór, patriota ou não, pôe constantemente em risco a fortuna publica. Eleito por um partido, seus interesses são os desse partido: vê-se, pois, constrangido a encarar todas as cousas, não em relação ao paiz, mas unicamente em relação ao partido que lhe delegou a direcção dos negocios. Radical, conservador ou liberal, reservará todos os favores do governo a seus partidarios, — liberaes, conservadores ou radicaes.

A Monarchia, ao contrario, nunca foi um governo exclusivo, um governo de partido.

Mas o Imperador não teve naturalmente predilecção pelos monarchistas?

— A Monarchia, sendo hereditaria, não dependendo, por consequencia, dos monarchistas, não tem necessidade de dispensar-lhes favores particulares. O zelo constante dos seus proprios interesses obriga o Imperador a utilisar-se de pessoas capazes, trate-se, embora, de republicanos. Disto resulta dupla vantagem para elle e para o paiz: — os partidos anti-monarchicos perdem grande parte de sua força, aproveitada assim em beneficio do bem publico.

Mas a Republica não poderá com o tempo identificar-se com o paiz?

— Isto é materialmente impossivel. Fructo da eleição, não pôde deixar de ser o governo de uma seita. Esteja esse governo em mãos de tratantes ou de pessoas honestas, nem por isso deixará de estar sob o dominio de um partido, que será obrigado, para se conservar no poder, a restringir as liberdades dos adversarios politicos.

Quaes são os outros inconvenientes da eleição?

— Entre outros: expõe-nos ao perigo de vermos no governo, senão um estrangeiro, pelo menos uma creatura do estrangeiro.

Não comprehendendo...

— Nada mais simples: — o dinheiro, como sabe, desempenha nas eleições um papel importante. Na França e nos Estados-Unidos, como outrora nas republicas antigas e da Edade Média, o campo eleitoral é um verdadeiro mercado, onde os homens de dinheiro compram de mil modos o eleitor. Não é raro, na Republica Brasileira, ver candidatos comprar votos. Que poderá impedir, por exemplo, a Inglaterra, de mandar para aqui um

ou mais agentes, encarregados de pelo dinheiro, promover a eleição do presidente que convenha aos interesses financeiros que a ligam ao nosso paiz?

Republica e Patria são expressões que se contradizem.

Não haverá o mesmo inconveniente no systema hereditario?

— De fórma alguma. Um imperador não pôde nunca ser anti-patriota.

Porque?

— Porque, estando a sorte da familia imperial intimamente ligada á da nação, o interesse pessoal do imperador é proteger e servir os interesses nacionaes. Poder-se-á, acaso, suppôr num paiz de familia tanta falta de consciencia ao ponto de promover o bem-estar de uma familia estranha em prejuizo de sua propria familia? Equivaleria isto a contrariar seus proprios interesses, prejudicando-se a si mesmo.

(Continúa)



D. PEDRO II

e a imprensa norte-americana

A noticia da morte de D. Pedro II causou em New-York a mais profunda sensação. O Imperador era geralmente respeitado e admirado, tendo sua visita, alli, em 1876, deixado as mais gratas recordações.

O *New-York Herald* disse que, «em outro seculo, os seus antigos subditos teriam glorificado D. Pedro, rendendo-lhe as maiores honras. Seria conhecido na historia sob a denominação de *Pedro, o Bom*».

Em todo caso, a boa memoria do seu nome não pôde deixar de ser perpetuada no paiz que por tanto tempo governou, e com tanta benignidade e doçura, tendo commettido tão poucos erros e fazendo e espalhando o bem. D. Pedro era de certo um dos maiores vultos da actualidade. Era melancolico e imponente o espectaculo que nos apresentava este velho, carregado de serviços á sua patria, recebendo desta, como recompensa dos esforços de sua vida inteira, o isolamento e o exilio.»

O *New-York Tribune* fez uma longa revista do seu reinado e mostrou como o Imperador foi feliz, pacifico e moderado. «Por muito tempo a memoria de D. Pedro será cara aos brasileiros, aos quaes lembrará, entre outros serviços immensos, a cooperação para a libertação dos escravos do seu paiz.»

O *Sun* disse: «D. Pedro II lega ao mundo um nome e uma memoria para sempre veneravel. Ao passo que outros monarchas se occupam em guerras, em conquistas, em intrigas, em má vida particular, este dedicou sua longa vida de soberano ás obras de paz e de progresso e a uma conducta que era o exemplo do seu povo.»

O *Mail & Express* falou enternecidamente da grandeza d'alma com que o Imperador no seu exilio se houve para com aquelles mesmos que o baniram.

O *Public Ledger* de Philadelphia (principal periodico daquela cidade), occupou-se extensamente da morte do Imperador, que disse—será pranteada em seu paiz, para o qual foi sempre bom. Nunca exerceu elle o poder imperial senão para felicidade de seus subditos.

Do «Album» de D. Pedro II

O PUPILLO DA REVOLUÇÃO

Não registra a historia factos mais honrosos para a indole de um povo do que a confiança posta por D. Pedro I no do Brasil, quando abdicou.

Sobre as ondas tumultuosas da revolta que lhe tirava a corôa, depõe elle o berço do filho, e parte tranquillo!

Ante o fragil esquiço, acalma-se o occano popular: e a nação, como a princeza que salvou Moysés, toma a criança, adopta-a, educa-a, assegura-lhe o futuro, confiando-lhe durante 57 annos, em que sempre lhe prodigalisou o mais extremo carinho, a suprema direcção dos seus destinos!...

D. Pedro II foi o verdadeiro fundador do Imperio Brasileiro.

Quando do seu longo reinado não guardasse a memoria publica outros successos memoravéis, bastava aquelle episodio para tornal-o legendario até á mais longinqua posteridade.

Rio de Janeiro, 26 de agosto de 1888.

DR AFFONSO CELSO DE ASSIS FIGUEIREDO

Um dia, como eu houvesse pedido a Victor Hugo algumas palavras em prol dos escravos, o Immortal escreveu: «O Brasil tem um Imperador, e este diz mais que um soberano: é um Homem».

Meu espirito reflectiu e eu concordei com o Genio.

O Imperador é de facto um Homem. Vi-o principalmente atravez da alma de sua augusta Filha, a Princeza dos Captivos, a Padroeira da liberdade nacional.

Os reis educam princezas, o Imperador creou uma Mulher. Em vez de uma Imperatriz, educou simplesmente uma Mãe, isto é, um coração que reparte e multiplica dia a dia carinho e bondade e repassa o ambiente patrio de um suave perfume de virtude.

Eu não lisongeio o Soberano: congratulo-me com o Paiz.

Rio de Janeiro, 22 de agosto de 1888.

JOSE DO PATROCINIO

No longo reinado do Sr. D. Pedro II nada encontro mais admiravel do que a serena tenacidade com que, desde data remota, resistiu ás solicitações e ás ameaças dos interessadoss no regimen da Escravidão, que podiam e queriam a execução das penas de morte a que eram condemnados os escravos que assassinavam seus senhores ou feitores.

S. M., systematicamente, commutava a pena capital, fazendo assim um bello emprego das prerogativas do Poder Moderador. A Historia, imparcial e iniludivel, ha de reconhecer que, resistindo, assim, aos interesses cegos e famintos dos proprietarios de gado humano, que precisavam de argamassar com sangue os seus *direitos*, S. M. fazia tambem propaganda abolicionista e trabalhava grandemente para apressar o advento do acto glorioso realisado a 13 de maio de 1888.

Rio de Janeiro, 22 de agosto de 1888.

VALENTIM MAGALHÃES

(Professor de Pedagogia e Methodologia na Escola Normal e redactor das *Notas a margem*, na «Gazeta da Tarde», advogado no fóro da Côte, socio honorario da «Confederação Abolicionista».)

Por entre os grandes titulos de beneficencia da patria, que fulgem, como diamantes do mais fino quilate, em vossa rutilante corôa, um mais que todos ha de nobilitar-vos, Senhor, quando a historia fizer a apothecose de vossa gloria.

A grande julgadora imparcial não esquecerá que, acima de tudo, fostes um homem de bem.

Rio, 20 de agosto de 1888.

FRANÇA JUNIOR

GRANDE POVO!

A 22 de maio de 1888, prostrado num leito de dores, quando mal recuperava as forças que insidiosa molestia abatera, S. M. o Imperador recebeu dos que o cercavam a grata e inesperada noticia de que o Brasil, por um acto glorioso de coragem civica, despedaçara o ultimo grilhão de escravo e extinguiu para sempre esta macula tres vezes secular de sua historia.

Nesse momento solemne, junto á santa Esposa que com olhos rasos de lagrimas agradecida do fundo d'alma ao Senhor Deus a salvação do Augusto enfermo, em meio dos sacerdotes meritos da medicina, que haviam com rara energia aparado o golpe tremendo, e ainda contavam por assim dizer uma a uma as pancadas lentas de um coração que renascia á vida, — nesse momento solemne o Senhor D. Pedro II proferiu uma das mais bellas palavras da sua longa vida de soberano.

Ao ouvir a narração succinta da immorredoura epopeia de 13 de maio, lembrando em lucida synthese os duros sacrificios que a abolição custára a outros paizes, e a grandeza do desinteresse com que os Brasileiros remataram a bella obra de Rio-Branco, — obra tambem d'Elle, porque a animára com o prestigio de sua opinião, — o Imperador não se lembrou da Filha Augusta, que conquistou nesse dia o mais bello florão de sua corôa, não se lembrou de si, que tanto batalhára, dentro dos terminos constitucionaes, para essa mesma conquista humanitaria, — lembrou-se de seus concidadãos, a quem fez justiça, exclamando: «grande povo, grande povo».

Sim, Senhor, todos foram grandes nesse acontecimento memoravel: grande, o povo, que num lance heroico desprendeuse da propriedade legal, arriscando seus proventos e o futuro de seus filhos; grande, a excelsa Princeza, que não quiz demorar um minuto a rehabilitação de 600.000 Brasileiros; grandes, os Ministros, que arrostaram os protestos do egoismo e descontentamento dos tibios ou mal aconselhados; grandes, os proprios escravos, que vieram offercer-se aos ex-senhores para ultimar a colheita sem paga de salario; grandes, os Estados amigos que nos cobriram de flores e de applausos; grande, finalmente, V. M., fazendo justiça aos Brasileiros, que ampararam o berço do regio infante de 1831, e que ainda agora Vos recebem entre explosão de affecto e de profundo respeito.

Sim, Magestade, aos que Vos saudam alegres e agradecidos podeis aportar a mão, repetindo a vossa bella palavra de 22 de maio:

« Grande povo, grande povo! »

BARÃO DE RAMIZ

Côte, 18 de agosto de 1888.

Historia japoneza

A idéa da honra é muito poderosa nas crianças japonezas. Eis uma anedota tirada do livro de Bellessort — *A Sociedade Japoneza*. E' destes ultimos annos :

« Um fidalgo pobre, de Tokio, aranja, para um filho de 13 annos, um logar de marçano em casa de um negociante.

— Vae, diz-lhe o pae, mas lembra-te que, se commetteres qualquer attentado contra a honra, te fecharei o meu coração e a minha casa.»

A criança agradeceu, cumprimentou-o respeitosa e, atravessando, pela ultima vez, o jardim paterno, dirigiu-se para a casa do patrão.

Passou-se um mez; gostavam muito do rapazito, quando um dia o pasteleiro vizinho se apresentou em casa do negociante.

— Mandou-me lá hontem um empregado que não é muito honesto: enquanto eu embrulhava os bolos, o senhor mandou comprar, elle roubou um.

Logo o patrão chamou o empregado.

A criança nega, o pasteleiro insiste; a criança continúa a negar.

— Se confessas, diz-lhe o patrão, perdôo-te; se continúas a mentir, expulso-te.

Expulsam-na e a criança encontra-se na rua com as miseraveis moedas de cobre que tinha ganho.

Olha para o dinheiro, pensa nas palavras do pae e, como era a hora matinal em que os japonezes vão ao theatro, entra numa sala de espectáculo e, com metade da sua fortuna, consegue o direito de trepar para as altas galerias onde os espectadores se conservam de pé.

Até ás 6 horas da tarde viu desfilar os tragicos encantos da lenda e da historia. Durante os intervallos comprava e tasquinhava bolos. Quando a criança sahio do theatro, tirou do cinto uma folha de papel, escreveu nella algumas palavras á claridade duma lanterna e dirigiu-se para a *gare* de Shimbashi. Não parou alli e continuou a sua marcha ao longo do arrabalde, até ás miseraveis cabanas que orlam a via ferrea.

Um comboio cortou a noite com um assobio infernal e a criança teve apenas o tempo de tirar a capa, de a dobrar e de se estender sobre os rails...

No dia seguinte o pasteleiro vae á casa do negociante:

— Peço-lhe perdão de ter hontem accusado o seu caixeiro. Descobri o verdadeiro culpado.

— Estimo bastante saber disso, responde o negociante.

Nem um nem outro sabiam ainda que tinha sido encontrado a dez minutos da *gare*, perto de um cadaverito informe e sanguinolento, na manga de uma capa cuidadosamente dobrada, estas simples linhas:

Honrado pae, teu filho não commetteu o crime de que o accusam.

E' assim que vivem e sabem morrer as crianças japonezas.



ESTATUA DE D. PEDRO II

A commissão promotora da erecção em Petropolis de um monumento em homenagem a D. Pedro II recebeu do sr. Barão de Muritiba a seguinte carta:

«Boulogne-sur-Seine, 30 de dezembro de 1905.—Illms. srs. presidente e membros da commissão executiva do monumento á memoria de Pedro II.

A sra. D. Izabel, condessa d'Eu, recebeu com summo agrado a communicacão, que v.v. s.s. lhe fizeram, de haverem se constituido em commissão tendo por fito erigir nessa cidade um monumento á memoria de D. Pedro II.

A mesma Augusta senhora confiou-me a honrosa incumbencia, de que me desempenho, de agradecer a v.v. ss. sua delicada attentão e dizer-lhes que seu filial coração é extremamente sensível a essa manifestação de gratidão que tão espontaneamente pretendem fazer á impercível memoria do inclyto fundador de Petropolis.

Dignem-se v.v. ss. de aceitar os protestos da minha muito distincta consideração. — *Barão de Muritiba*, Veador da Casa Imperial.»



Deixou o cargo de inspector sanitario em commissão o dr. Americo Brasileiro, distincto clinico nesta capital.

Chamado a desempenhar este cargo, por occasião do apparecimento da peste, em 1899, o estimado medico, durante os seis annos que serviu na Repartição Sanitaria, inspeccionou varios districtos da capital, occupou o logar de medico auxiliar do Hospital de Isolamento, exerceu interinamente o cargo de secretario da Directoria, passando em seguida a servir de auxiliar do director geral, de quem sempre mereceu a maior confiança.



« O Ypiranga »

Este nosso illustre collega, em seu numero de 11 do corrente, declarou suspender a publicação, até que seus accionistas realisem a segunda entrada do capital que subscreveram para a manutenção do jornal, que deixará definitivamente de sahir se, dentro de um mez, os interessados não acudirem áquelle apello.

Fazemos sinceros votos por que se realise o empenho do seu infatigavel director, nosso prezado collega dr. Luiz Gonzaga de Oliveira Costa, e nosso desejo é vermos *O Ypiranga* voltar á actividade da imprensa, na defesa da causa patriótica que abraçou.

VIDA SOCIAL

Anniversarios

No dia 4 fez annos o sr. Carlos de Queiroz, talentoso advogado e director d'*O Passa Quatro*, de Santa Rita do Passa Quatro.

— No dia 10, o sr. coronel Carneiro de Mendonça.

— No dia 11, o dr. Bruno Figueira de Aguiar, distincto advogado deste fóro e nosso intransigente correligionario.

— No mesmo dia, o dr. Martim Francisco, nosso illustre correligionario e collaborador e proecto advogado no fóro de Santos.

— No dia 13, a senhorita Olga, filha do nosso distincto correligionario e collaborador dr. Estevam Leão Bourroul, e o dr. Oscar Thompson, digno director da Escola Normal.

— Completa amanhã mais um anno de util existencia o illustre brasileiro e eminente chefe monarchista exmo. sr. Visconde de Ouro Preto, que tão assignalados serviços ha prestado á Patria.

E' com immenso prazer que registramos essa data, de alegrias para o lar do exemplarissimo chefe de familia e de satisfacção para todos os brasileiros que ainda esperam, restaurada a Monarchia, ver o illustre estadista na direccão dos destinos do Brasil.

Saudamos o eminente amigo e chefe, pedindo a Deus que por muitos e dilatados annos conserve sua preciosa existencia.

— Faz annos no dia 25 o dr. Cesario Travassos, distincto e estimado clinico em Santa Rita do Passa Quatro.

Festas íntimas

No dia 7 do corrente passou o anniversario de casamento do dr. Ferreira Alves e da exma. sra. d. Messias Ferreira Alves.

— Depois de amanhã festejam o anniversario do seu consorcio o sr. Arthur Alves Martins, socio da importante firma Baruel & Comp., e a exma. sra. d. Bertha Varcella Martins.

Na capital

Estiveram na capital o sr. Thomaz Vita, conceituado negociante em Santa Rita do Passa Quatro, e o sr. Chrysogono de Castro, estimado cavalheiro e capitalista residente na Franca do Imperador.

Regresso

Regressou do Rio, a 10 do corrente, o sr. Carlos Alves da Costa, graduando de odontologia.

Approvação

Foi approved em exame de francez o applicado estudante sr. Henrique de Souza Fleury.

Enferma

Está enferma a exma. sra. d. Anna Izabel de Camargo, virtuosa esposa do sr. José Antonio de Camargo, habilit guardalivros desta praça.

Fazemos votos por seu prompto e completo restabelecimento.

Pela politica

O resultado das ultimas eleições federacs, em que a Commissão Central foi vergonhosamente derrotada, creou para a politica estadual uma situação absolutamente inesperada.

As consequencias visiveis da celebre derrota são apenas as seguintes, já bastante conhecidas: — a briga do dr. Tibiriçá com o dr. Lacerda; o enfraquecimento e reorganisação da Commissão Central; a retirada do dr. Lacerda e do elemento radical governista.

Parece, porém, que importantes modificacões se vão operar na politica estadual.

Dizem que o dr. Francisco Glycerio aguardava apenas a sua eleição para senador federal para assumir attitude francamente hostil á politica do governo.

Por outro lado, consta que o sr. Campos Salles, a quem o sr. Affonso Penna promettera a suprema direcção da politica paulista no futuro quadriennio presidencial, deixará brevemente a neutralidade em que se tem mantido e acceritará a chcfia das opposições colligadas.

S. exc., ao que dizem, será candidato á presidencia do Estado, na vaga do dr. Tibiriçá, e organizará chapa para as eleições ao Congresso estadual, em divergencia com a Commissão Central.



O crime de Araraquara

Restam ainda á venda alguns exemplares da 2ª edição d'*O crime de Araraquara*, de Fabricio Pierrot e Ramiro Manso.

Os pedidos devem ser dirigidos á redacção do *Album Imperial*.

Cada exemplar, 2\$000; pelo correio, mais 500 réis.



Dr. Maximiano Leite

No dia 21 do mez fluyente, faz annos o illustrado sacerdote paulista dr. Maximiano da Silva Leite, natural de Campinas e formado em Philosophia e em Theologia pela Universidade Gregoriana de Roma.

O distincto sacerdote, que se salientou em seu curso universitario, occupa actualmente com reconhecida competencia o elevado logar de reitor do Seminario Episcopal de S. Paulo, que lhe dá justa proeminencia no cleiro diocesano, constituindo-o primeira auctoridade no bispado, após o bispo e o vigario geral.

A posição hoje occupada pelo joven sacerdote, que ainda não chegou a seus trinta annos de idade, é uma prova brilhantissima dos meritos que enguirlandam sua sympathica individualidade.

Ao joven e digno sacerdote e illustre e virtuoso paulista, os nossos applausos.

PELOS SALÕES

PALACETE FREDERICO QUEIROZ

Festejando o anniversario natalicio de sua gentilissima filha, a graciosa senhorita Isa, o sr. Frederico de Souza Queiroz e sua exma. sra., d. Augusta Fleury de Souza Queiroz, abriram no dia 12 do corrente os salões do seu palacete á rua S. Luiz, para um sarau, que se revestiu do maximo brilhantismo e ao qual concorreu a mais selecta sociedade paulistana.

Nos vastos e luxuosos salões, profusamente illuminados, notámos a presença dos srs. Domingos Teixeira de Assumpção e exma. familia; José de Lacerda Soares e exma. familia; Antonio de Souza Queiroz e exma. familia; Luiz Antonio de Souza Queiroz e exma. familia; dr. Caio Prado e exma. senhora; dr. Paulo Nogueira e exma. familia; dr. João Augusto de Souza Fleury e exma. familia; Carlos Augusto de Arruda Botelho e exma. senhora; maestro Antonio Carlos e exma. familia; dr. Luiz Dumont e exma. senhora; capitão José Fleury e exma. senhora; dr. Edmur de Souza Queiroz e exma. senhora; Persio de Souza Queiroz e exma. senhora; dr. Albuquerque Lins e exma. familia; José Marianno e exma. familia; Antonio Alvares Penteado e exma. familia; exma. sra. d. Jessy A. de Souza Queiroz; exma. Baroneza de Arary e filhas; exma. Baroneza-Souza Queiroz de Barros e filhas; dr. Paulo de Queiroz e exma. familia; dr. Nicolau P. de Campos Vergueiro e exma. familia; Antonio de Lara Campos e exma. familia; exma. sra. D. Leonidia L. Monteiro de Barros; exma. familia do dr. José de Lacerda; dr. Olavo Egidio e exma. familia; Alberto do Amaral e exma. senhora; Luiz de Aguiar Barros e exma. senhora; dr. Ignacio Uchôa, dr. Nicolau de Souza Queiroz, dr. Alcebiades Piza, Domiciano de Campos, dr. Henrique de Souza Queiroz, dr. Affonso Taunay, Joaquim Bonifacio de Souza Queiroz, Pedro de Lacerda, Antonio Carlos Couto de Magalhães, Olavo Egidio Junior, dr. Hippolyto Pujol Junior, Mario Salles Souto, Mario Cardim, Galileu Couto de Magalhães, Pedro de Moraes Barros, Mario Tibiriçá, Cassio de Barros, Fausto Sampaio, dr. Antonio Carlos de Assumpção, dr. Djalma Forjaz, Paulo de Assumpção, dr. Camara Lopes, Luiz de Assumpção, dr. Carlos Cardoso de Mello, dr. Carlos Americo de Sampaio, Vianna, Alvaro de Assumpção, dr. Cesar Vergueiro, Raul de Barros, Eurico Vergueiro, José Egidio de Souza Aranha, Jorge Oromzimbo, Cicero Prado, dr. Antonio Salles Junior, Aristides do Amaral, João Rubião Filho, Adolpho Gordo Filho,

Admur de Camargo, Augusto Montciro de Abreu, Lafayette de Toledo Piza, dr. Fernando de Almida Nobre e dr. Couto de Magalhães, pelo *Album Imperial*.

A's 10 horas da noite, quando o palacete regorgitava de convidados, em traje de rigor, ostentando as exmas. senhoras e senhoritas custosas *toilettes*, realçadas pelo brilho faiscante de pedrarias raras, teve inicio o sarau musical, vocal e literario, com escolhido programma.

A estas tres partes deram todos os que intervieram em sua execução o maximo brilhantismo.

As gentilissimas senhoritas Ida e Ismenia de Souza Queiroz abriram o magnifico concerto, executando ao piano, a quatro mãos, as bellas danças slavas e hungaras do grande Brahms. Houveram-se de maneira admiravel de conjuncto e imprimiram um *slancio* não commum em execução de amadores. O trecho agradou incondicionalmente, sendo as distinctas senhoritas muito applaudidas, com inteira justiça.

A senhorita Olga Vergueiro executou, em seguida, *Souvenir d'Italie*, de Saint-Saëns, revelando-se pianista de grande merecimento e de qualidades realmente apreciaveis, como sejam magnifico *touché*, expressão e justa interpretação do trecho de que se incumbiu. Deixou agradável impressão no auditorio, que não lhe regateou applausos.

O romance *Patria*, letra da inspirada poetisa paulista exma. sra. D. Zalina Rolim de Toledo e musica do maestro Antonio Carlos Junior, foi magistralmente cantado pela exma. sra. D. Antonietta Queiroz do Amaral e pelas gentilissimas senhoritas Ismenia, Ida, Marina, Sara e Lucila de Souza Queiroz e Bellah de Andrada, componentes da escola de canto da conhecida e emerita professora exma. sra. D. Zulmira F. de Andrada Machado.

A graciosa senhorita Ismenia de Souza Queiroz coube fechar com chave de ouro o concerto, executando ao piano a difficilissima phantasia de Gottschalk sobre o Hymno nacional; a distincta senhorita, que já é uma pianista consagrada, houve-se magistralmente na execução, sendo merecidamente applaudida.

Propositamente reservamos para o fim as referencias á canção *Flôr de marnenjá*, letra de Fagundes Varella e musica do maestro Antonio Carlos, cantada pela intelligente senhorita Bellah, que deu aos graciosos versos do grande poeta brasileiro e á musica alegre daquelle distincto maestro todo o colorido e expressão, sendo alvo, ao terminar, de uma verdadeira ovação.

Intervieram ainda no concerto, na parte literaria, a exma. sra. D. Carolina Carvalho de Souza Queiroz e seu

digno esposo dr. Edmur de Souza Queiroz, que recitaram bellas poesias.

Não podemos furtar-nos ao prazer de, terminando estas linhas, saudarmos os illustres professores Chiafarelli, Paulo Florence e exma. sra. D. Zulmira de Andrada, pela magistral execução que suas distinctissimas discipulas imprimiram ás diversas partes do programma, e ao dr. Edmur de Souza Queiroz e sua exma. senhora, pelo brilhantismo com que preencheram a parte literaria do sarau.

Findo este, seguiram-se as danças, que se prolongaram, num crescendo de animação, até ás 4 1/2 da manhã, hora em que os convidados começaram a retirar-se, penhoradissimos, como nós, pelas gentilezas que a todos dispensaram a exma. sra. D. Augusta, suas gentilissimas filhas e seu illustre genro dr. Antonio Carlos de Assumpção.

O *Album Imperial*, noticiando a deliciosa festa, não podia inaugurar mais brilhantemente a sua secção *Pelos salões*.

PALACETE ASSUMPÇÃO

No proximo sabbado, 24 do corrente, realiza-se nesta capital o consorcio do dr. Alcebiades Piza, procurador da Republica neste Estado, com a distincta senhorita Valentina de Assumpção, filha do importante e estimado capitalista sr. Domingos Teixeira de Assumpção.

Testemunharão o acto civil: por parte do noivo, o sr. Alfredo Penteado e a exma. sra. d. Alteviva Guedes Penteado, e por parte da noiva, o dr. Luiz Teixeira de Assumpção e a exma. sra. d. Maria Augusta de Assumpção.

O acto religioso: por parte do noivo, o dr. Antonio Carlos de Assumpção e a exma. sra. d. Julieta Souza Queiroz de Assumpção, e por parte da noiva, o sr. Theotônio de Lara Campos Junior e a exma. sra. D. Felicissima de Assumpção Lara.

Descjamos aos dignos noivos pe-rennes felicidades.



A IMPERATRIZ

Corda que estala em harpa mal tangida,
Assim te vaes, ó doce companheira
Da fortuna e do exilio, verdadeira
Metade de minh'alma entristecida!

De Augusto e velho tronco haste partida
E transplantada á terra brasileira,
Lá te fizeste á sombra hospitaleira
Em que todo o infortunio achou guarida.

Feriu-te a ingratição no seu delirio;
Caliste, e eu fico a sós neste abandono,
Do teu sepulcro vacillante cirio:

Como foste feliz! dorme o teu sonno...
Mãe do povo, acalhou-se o martyrio;
Filha de reis, ganhaste um grande throno!

D. PEDRO DE ALCANTARA

O ensino da Historia

CONFERENCIA QUE NO COLLEGIO DIOCESANO DE S. JOSÉ, DO RIO, EFFECTUOU O DR. CARLOS DE LAET.

Rev. Armão Reitor do Collegio Diocesano

Revm. Srs. Membros do Clero
Exmas. Senhoras
Meus Senhores

« Historia, mui excellente rei, é assim mui liberal princeza de todo bem, que nunca em sua louvada conversação nos recolhe, que della não partamos, sem em toda calidade de bondades e virtudes espirituaes e corporaes nos achamos logo outros e sentirmos em nós um outro singular melhoramento. Nem é sem causa; porque a doutrina historial, pelo grande provimento dos verdadeiros exemplos passados que consigo tem, é assim doce e conforme a toda humanidade que até os maus que por lição ou por ouvida com ella participam, torna logo bons, ou com desejo de o ser: e os bons muito melhores. Cuja virtuosa força é tamanha, que, por obras ou vontade, dos fracos faz esforçados, e dos escassos liberaes, e dos crús piedosos, e dos frios na fé catholicos e bons christãos, e assim discorrendo por todas as outras virtudes ».

São estas, senhores as palavras com que o famoso Ruy de Pina en-ceta a sua *Chronica de el-rei D. Duarte*; e, comquanto eu em tudo não as subscreva, innegavel parece que nellas ha muita verdade.

Se os estudos que de ordinario constituem a instrucção primaria e secundaria têm como objecto principal preparar para a vida intellectual e moral o mancebo que se vae fazendo homem e que depois, na denominada instrucção superior, ha de adquirir as noções technicas indispensaveis para o exercicio de uma profissão liberal - indubitavel se me afigura que nenhuma disciplina mais eficazmente exercita as faculdades do alumno.

Pela mathematica elle aprenderá a raciocinar, habilitando-se para mais altos commettimentos com aquellos habitos de rigorosa deducção que Platão denominava as *alças da philosophia*, - ansas philosophæ -; mas pelo constante geometrizar finalmente se perde o sentimento, e até mesmo a faculdade apprehensiva de certa facc do mundo moral. Conhecida é aquella anecdota de Laplace, genial auctor do *Systema do Mundo*, e que frio se mantinha ante a representação do *Cid* de Corneille, nem percebia as lagrimas e os applausos dos circumstantes.

— *Qu'est-ce que cela prouve?* perguntava o geometra; e nesta ingenua pergunta estava toda a explicação da gelidez daquelle grande espirito, inteiro e unicamente propenso ás verdades mathematicas.

No estudo das linguas vivas ou mortas, certo que ha lugar para interessantes leituras e para a apreciação de grandes bellezas literarias; mas não vale negar que em taes aulas do ordinario a grammatica avulta e occulta tudo mais. O estudo grammatical é de sua natureza absorvente, e boa prova disto nós a temos em nosso paiz, onde, a cada passo, as questões juridicas, politicas e sociaes de mór importancia não raro degeneram em certames grammaticas. (Continúa)

HONTEM E HOJE

Nesta secção, que ora inauguramos, iremos reproduzindo de jornaes velhos, dos annaes das assembléas, de papeis antigos e, em summa, de todo o precioso archivo que possuímos, — a opinião que do Imperio Brasileiro faziam illustres monarchistas de hontem que são hoje não menos illustres republicanos.

Comecemos pelo sr. conselheiro Francisco de Paula Rodrigues Alves, actual presidente da Republica.

Com a assignatura de s. exa., lê-se na *Opinião Conservadora*, n. 209, de 7 de outubro de 1871:

« Se por um eclipse da justiça, se por um retrocesso da civilisação, ou, antes, se por uma excepção ás leis providenciaes que regem o mundo moral, cahisse a Monarchia no Brasil, por ter exercido em favor da reforma do elemento servil a influencia que legitimamente lhe cabia, ella seria, em sua quédá, maior do que em qualquer época de seu reinado.

« Poder-se-ia dizer que jámais, em qualquer paiz e em qualquer periodo da historia, cahira poder algum por tão nobre causa; e a Republica que então surgisse da escravidão jámais poderia soffrer a luz do seculo. »

Profissão de fé

Fui sempre e hoje sou, mais do que nunca, um monarchista convicto. Desta convicção nasce a idéa de que, na historia politica do mundo, não haveria immoralidades a registrar, se todo o cidadão, empenhando a sua actividade na conquista das grandes causas liberaes, fosse monarchista como eu sou.

Deante da traição que fez sangrar o coração de S. M. o Sr. D. Pedro II, a minha alma de patriota sente-se ferida, sempre que penso que o mundo, ao lançar o insulto ás faces de um traidor qualquer, poderá dizer com justiça: «Tu és um brasileiro!»

Para um povo ser feliz é bastante que monarchias e republicas sejam governos liberaes. Há, porém, uma differença entre monarchia e republica: é que aquella é governada pelo povo e esta pelos especuladores do povo.

A monarchia constitucional é a unica forma politica de governo que oppõe estorvos á criminosa ambição dos bandidos, que consideram o dinheiro e a força da espada como os factores principaes na victoria das urnas.

Sei encarar os reis como simples funcionarios do povo. Advém dahi a grande força que acompanha o meu principio politico.

Vale mais trazer do berço a reflexão de uma responsabilidade moral do que possuil-a a contra-gosto depois que se

galga o poder sobre um montão de caracteres corrompidos.

São estes os casos da monarchia e da republica.

A necessidade que têm os reis de saber viver e de saber morrer é garantia bastante para a moralidade do governo.

Estimo e admiro os reis, porque eu não quizera ser o que elles são.

No dia luctuoso de hoje, os riograndenses me vêem de joelhos deante do tumulo sacrosanto de S. M. o Sr. D. Pedro II.

Dia virá em que elles me verão erguido para beijar a mão de S. M. a Sra. D. Izabel I, Imperatriz do Brasil. Rio Grande, 1891.

MARIO DE ARTAGÃO



A Republica julgada pelos republicanos

Não era esta a Republica que eu sonhava.

Saldanha Marinho

O povo assistiu bestializado á proclamação da Republica.

Aristides Lobo

Do que o Brasil precisa é de governo.

Campos Salles

Republica no Brasil só á força.

Rangel Pestana

No Brasil, a Republica não passou de um conto do vigario.

Arthur Rios

E' preciso sahir disto, custe o que custar.

Julio de Mesquita

Quanta vez é a gente obrigada a apertar a garganta, para não deixar passar o grito:—Viva Izabel Primeira!
Basilio dos Santos

Esta Republica é um conto do vigario.

J. Katunda

Republica é isto mesmo.

Barbosa Lima

A Republica não pôde ser isto que ahi está... uma casa de negocio, em que ha tarifas para as consciencias.
Lauro Sodré

Isto aqui é Republica de Banhão.

Teixeira de Sá

V. exa. está pensando sériamente que isto é Republica?
Edmundo da Fonseca ao sr. Seabra

Na mesma onda em que se afundou a Monarchia, naufragou o caracter nacional.

Aquilino do Amaral

E' uma Republica que nos degrada aos olhos do mundo civilizado.

Leite Ribeiro

Esta Republica ainda não conseguiu fazer crêr ás nações do outro lado do Atlantico que ella é uma instituição séria e accpta pelos brasileiros e que não ha mais possibilidade de restauração.

Gomes de Castro

Esquecimento protector

Noticiando ha dias o inesperado invento de joias e objectos de valor em uma das casas fortes do Thesouro, que não haviam sido inventariados e carregados ao thesourciro, a imprensa não poupou suas justas censuras ao desmazelo da publica administração, que, ao passo que deixa escapar os caixotes de dinheiro a ella consignados, é surpreendida com a achada em seus cofres de valores de que não tinha conhecimento.

Abençoado esquecimento, direi eu, que preservou os valores achados do mesmo destino dos caixotes evaporados.

E que joias e valores!

Entre elles, nada mais nada menos, a corôa que cingiu as frentes de D. Pedro I, o fundador da nacionalidade, e de D. Pedro II, que a consolidou, o sceptro, que elles empunharam para defender nossos direitos, e o manto imperial, que os adornou e protegeu nossas liberdades nascentes!

Como *res nullius*, pertenciam por direito de conquista ao primeiro occupante, quem quer que tenha sido. Rendamos-lhe graças por sua modestia contentando-se com subtrahir-lhes apenas a melhor pedra e um punhado de brilhantes de um dos gomos da corôa!

Isso mesmo para dar a côr local da roubalheira, com que se tem associado a Republica desde o seu inicio!

Inventariadas e carregadas que tivessem sido, teriam ha muito desaparecido por completo, como por completo desapareceram os famosos caixotes de dinheiro e tudo quanto Martha fiou.

Por amor da arte, senão da historia patria que pouco vale, não as levemos as preciosas joias, que foram emblemas de um poder publico respeitudo, inventariadas e carregadas aos Museus, como tão imprudentemente se tem alvitrado. Poupeemos esse gaudio aos belchiores e essa vergonha á nossa probidade.

Deixemol-as esquecidas como se têm conservado, em qualquer recanto ignorado de nossas repartições.

Sobretudo, SILENCIO quanto ao valor mercantil que ellas possam alcançar nos mercados.

Rio, 2 de fevereiro de 1906.

ANDRADE FIGUEIRA



Em S. Paulo, logo depois da proclamação da Republica, mudaram o nome da rua do Imperador para o de *Marechal Deodoro*.

Ao passo que isto se dava numa capital brasileira, uma cidade da Republica Franceza—Cannes—mudava o nome do seu principal boulevard para o de *Boulevard de Dom Pedro*.

NOTAS

Os srs. assignantes que não receberem pontualmente o *Album* deverão dirigir sua reclamação directamente ao nosso escriptorio, avenida Angelica.3.

A nova directoria da Associação Beneficente D. Pedro II, de Santos, ficou assim constituída:

Presidente, Antonio Carlos da Silva; vice, dr. João E. Pedreira de Cerqueira; 1.º secretario, Basilio Cunha; 2.º, Octavio Ribeiro de Araujo; 1.º thesourciro, José Lopes Coelho; 2.º, Luiz Antonio da Silva; procurador, capitão José Leite da Costa Sobrinho; 1.º beneficiante, Augusto Tafe; 2.º, José Campos Junior; visitantes, Hygino Paixão e Manoel da Rocha.

Cogita-se, no 3.º districto, da reunião dos chefes monarchistas locais, para tratarem da reorganisação do partido e da constituição de um directorio districtal, com séde em Ribeirão Preto, Casa Branca ou Franca do Imperador, e de directorios paróchiacs, com séde em cada cabeça de comarca.

A Princeza D. Izabel escreveu a um monarchista do Rio, expressando o seu desejo intimo de estar no Brasil como simples brasileira, somente para angariar donativos para as victimas do *Aquidaban*, e termina a carta pedindo a Deus que ponha termo a esta serie de desgraças que têm cahido ultimamente sobre sua patria amada, acabrunhando e sacrificando seus mais illustres filhos.

A Sociedade Beneficente Izabel a Redemptora, de Campinas, reuniu-se em assembléa geral e elegeu a directoria que tem de servir durante este ann. Ficou composta dos srs.: presidente, Sebastião Pereira da Silva; vice-presidente, Abel Julio Alves; primeiro-secretario, Manoel C. de Toledo Leite; segundo-secretario, João Pegoram; thesourciro, João Paiva; procurador, Joaquim R. dos Santos Calhelha. O patrimonio social é de 5:217\$000. Prestou varios soccorros a socios, no anno findo.



Ordem e Progresso

O rabisgado estandarte é primor de engenho e d'arte! Mas lhe vê critico useiro incoherencia de truz: ser amigo do Cruzeiro, sendo inimigo da Cruz!

PADRE CORREIA DE ALMEIDA

NO PROXIMO NUMERO

D. IZABEL

João Teixeira Alvares

ANNO I

S. PAULO. 5 de março de 1906

NUM. 5

ALBUM IMPERIAL

QUINZENARIO POLITICO E LITERARIO

Director: Couto de Magalhães

Secretario: M. Bittencourt J.^o



D. IZABEL



D. IZABEL I, A REDEMPTORA



GRATILMENTE convidado para escrever o elogio de S. M. Imperial, a Sereníssima Princesa D. Izabel, sinto-me offegante, assoberbado com o peso da incumbencia, certamente melhor confiada a outro que não eu, que a pudesse melhor levar a cabo, com o lustre e galhardia que merece tão alta e estimada personagem.

Entretanto, não foram a mesquinhez das minhas forças intellectuaes e a obscuridade do meu nome motivos sufficientes para eu declinar de honra tão elevada; é que sentimentos mais alcantados do que a vaidade, os da gratidão, me animaram a tamanho esforço.

Não o faço, porém, prazenteiro, o peito premido de intensa magua; direi como o Poeta Mantuano: — *In-fandum, regina, jubes renovare dolorem... Quamquam animus meminisse horret... incipiam.*

Foi no dia 29 de julho de 1846 que na corôa do Brasil se engastou mais uma perola, com o nascimento da primogenita do Sr. D. Pedro II e de sua virtuosa consorte D. Thereza Christina.

Embalada pelo sussurro das agigantadas palmeiras do Pindorama, afagada pela brisa da formosa bahia do Guanabára, nasceu D. Izabel I fadada a nobilitar seu sexo e o throno americano, pelas mais peregrinas virtudes, e a enaltecer a brasileira raça, tornando-se celebre aos olhos do mundo inteiro, pelos actos de maior benemerencia.

Quando nasceu Alexandre Magno e Pheippe da Macedonia advinhou na robusta creança o seu glorioso successor, exclamou: « *Não me julgo tão feliz por tel-o, como por ter quem o eduque.* ». Referia-se o vencedor de Cheronéa ao grande Aristoteles, cuja dedicação pelo joven principe foi tal, que o acompanhou nas suas perigosas campanhas através do mundo barba e desconhecido.

Assim direi a respeito da gloriosa Princesa Izabel: — sua maior ventura não foi ter nascido rainha; foi ter crescido nos joelhos do mais notavel soberano do mundo, em sua epocha, o Sr. D. Pedro II, Imperador do Brasil.

O collo de sua Santa Mãe foi o templo onde ouviu falar em Deus com o carinho das crenças intimas e puras; foi nesse regaço de piedade e candura que seu coração absorveu, como uma onda de incenso, os dictames religiosos que a exornam e essa suprema bondade que a todos mostra no doce sorriso, sempre a baillar-lhe nos labios mansos. Foi junto de sua Mãe que aprendeu a ser filha e esposa modelo.

Abraçada ás cans de seu Paé, deante de seus olhos desdobrou-se essa longa existencia de patriotismo, de honradez immaculada, de amor acendrado á patria, de dedicação completa a seu paiz e das mais peregrinas virtudes civicas, as quaes constituem essa corôa de immarcessíveis louros que enramou a fronte do Sr. D. Pedro II e fez delle o mais notavel de todos os brasileiros.

Educada nessa atmospheria de rosas, pelo lado materno; num ambiente de virtudes heroicas, pelo lado paterno; ladeada por Clotilde e S. Luiz, D. Izabel estava fadada ao mais sublime destino.

Aos 14 annos (29 de julho de 1860), presta jura-

mento, perante as duas Camaras reunidas em ASSEMBLÉA GERAL, na qualidade de herdeira presumptiva do throno. Foi o seu primeiro passo na vida publica, onde devia fulgir como astro de primeira grandeza.

Nessa occasião, desabrochava a sua intelligencia, seu coração desabrochava: a primeira, revelando o germen de um juizo seguro e o segundo, um thesouro de bondade tão opulento quanto o escritorio da sua Veneranda Progenitora, a MÃE DOS BRASILEIROS.

Assim attingiu os 18 annos, ligou-se a uma familia de reis, cuja arvore genealogica constitue a historia de uma das mais importantes nações do mundo: D. Izabel desposcou o nobre cavalheiro Sr. D. Luiz Pheippe Gastão de Orléans, Conde d'Eu, neto do rei Luiz Pheippe de França e filho do Duque de Nemours com a Duqueza Victoria Augusta de Saxo Coburgo-Gotta. (25 de outubro de 1864).

Esta alliança, que nobilitou o Brasil, foi, em todos os sentidos, auspiciosa, porquanto o Principe Consorte se mostrou em tudo digno da nossa futura Imperatriz e amou o Brasil como sua propria patria.

Verdadeiro fidalgo, espirito eminentemente culto, character probo e sisudo, valente e nobre militar, Sua Alteza expoz a sua vida no campo de batalha, para vingar a honra do paiz que adoptou por patria, levando a generosidade e a fidalguia a ponto de mandar recolher aos cofres publicos, para as despesas da guerra, a avultada somma que recebera no posto de generalissimo das armas brasileiras.

Calumnias as mais indignas, fomentadas por inimigos da Familia Imperial, foram-lhe assacadas, no intuito de deprimir o nobre esposo da herdeira do throno e sobre elle chamar a odiosidade das classes dirigentes do paiz; mas Sua Alteza soube sahir illeso de tantas torpezas e seu nome será inscripto nas aureas paginas da nossa Historia, como um homem de bem — *sans peur et sans reproche.*

No anno de 1871, S. M. o Imperador Sr. D. Pedro II e sua Augusta Familia seguem para a Europa, em viagem de recreio (25 de maio). A Princesa Imperatriz presta juramento no Paço do Senado e assume pela primeira vez a regencia do vasto Imperio.

D. Izabel I governou o Brasil durante 10 mezes; este curto espaço de tempo foi sufficiente para ella demonstrar o bom senso de que era dotada, sua probidade na administração e maravilhoso tino no conhecimento dos homens e nas situações as mais difficeis.

Foi neste reinado de 10 mezes que Sua Alteza Imperial começou a ser venerada pelos dotes da sua intelligencia, pela nobreza de sua alma e generosidade do seu coração, provando, em muitas alternativas, que acima de tudo collocava o cumprimento do dever e que nutria, como seu Paé, o mesmo desejo ardente de ver o Brasil de par com as nações civilisadas de maior renome.

Debatia-se nessa epocha a questão do elemento servil. Eram as primeiras alvoradas da liberdade que rutilas fulgiam na *Terra do Cruzeiro*; não se cogitava ainda de supprimir a escravidão; cogitava-se da suppressão da fonte da escravatura; cogitava-se da libertação do ventre da mulher captiva.

Um brasileiro illustre, um desses homens cujos nomes ficam na Historia de cada paiz como um marco milliar, que o tempo não consome nem as tempesta-



des derribam, o Visconde do Rio Branco, põe-se á frente da cruzada a favor da mãe escrava. Elle quer que as criancinhas negras, ao nascerem, encontrem no regaço materno, em vez das algemas de ferro, o titulo de cidadão, orvalhado pelas lagrimas de alegria da sua progenitora. Elle quer que os echos das nossas alterosas serranias não repitam mais o grito piangente de milhares de brasileiros, que soluçam no eito e nos ergastulos a queixa sinistra de Job: — *Quare non in vulva matris mortuus sum!*...

A Imperatriz Regente, mãe carinhosa, alma christã, coração alancorado nos mais puros sentimentos de familia, enthusiasma-se por esta idéa e a ella se dedica.

Trava-se lucta acirrada em ambas as casas do Parlamento e a grandiosa idéa sai vencedora, sob os auspícios da caridosa Princesa Imperial.

No dia 28 de setembro de 1871, estanca-se para sempre a fonte da escravidão no ventre das escravas. Uma mulher piedosa nobilita as mulheres de uma raça inteira, conferindo-lhes o direito de darem á luz cidadãos no goso pleno dos seus foracs.

D. Izabel I é a candida Esther do povo negro; por elle sacrifica-se e arrosta todos os tropeços.

Assim como o propheta Elyseu dulcifica a fonte de lodo de Jerichó, transformando o liquido amargo e barrento em manancial d'agua crystallina, Sua Alteza purifica o ventre fatidico da escrava, e o fructo dos seus amores emerge indemne da macule original.

Ainda bem! Ninguém mais poderá arrancar dos braços da escrava os filhos extremecidos; ninguém os venderá; ninguém os martyrisará com o rebenque, afim de que seus gritos despertem o desespero no animo das mães e as forcem a procurar outro senhor.

Cada lagrima que esta lei evangelica estancou nas roxas palpebras da pobre captiva irá engastar-se no firmamento, formando a via lactea por onde hão de subir aos céus os nomes laureados da Princesa Izabel e Rio Branco.

Esta primeira importante lei a favor dos escravos bem podia ter arrefecido os sentimentos de ternura por esses infelizes no animo da Imperial Senhora, devido á celeuma que em todo o paiz despertou, oriunda dos prejudicados inconscientes; mas tal não aconteceu.

Em 1876, Sua Alteza Imperial assume pela segunda vez a regencia, até setenbro de 1877. Em maio de 1878, segue para a Europa, em visita ás grandes capitais do antigo continente, onde vai haurir elementos novos de felicidade e progresso para o Brasil, estudando as leis, os costumes e a fórma de governo das diferentes nações.

De volta da Europa, permanece, até 1887, ao lado do seu augusto Pae, recebendo as salutaes lições da sua experiencia e sabedoria.

Em meados do mesmo anno, adoece gravemente o Sr. D. Pedro II e embarca para a Europa, em demanda de allivio aos seus padecimentos. A Princesa Izabel assume então as reideas do governo pela terceira vez.

O momento era difficil; critica, a situação do paiz. Os dous partidos dirigentes da politica scindiam-se em campos oppostos, acerca da questão do clemento servil, que então se debatia, com tal intensidade, que bem se pôde considerar a phase mais delicada e tormentosa do segundo reinado.

O povo brasileiro, educado no regimen de 65 annos de liberdade, dá um exemplo pujante de civismo aos olhos do Novo Mundo; ergue-se num esforço supremo e brada do Amazonas á terra de Herval: — « Povo

livre, queremos a liberdade ampla, queremos-a completa; não mais consentiremos escravos no Brasil, sejamos todos irmãos. »

Esta demonstração positiva, edificante, entusiastica, da soberania nacional, em vez de abater o animo da Princesa Regente, ao contrario, fal-a exultar de alegria; só neste momento se sente verdadeiramente rainha, porque só é verdadeiramente soberano quem governa um povo livre.

Nas reuniões palacianas, nas conferencias ministeriaes, em palestra com os Grandes do Imperio, Sua Alteza faz ouvir, sem reбуço, a sua opinião acerca do clemento servil. **ELLA QUER A EXTINÇÃO COMPLETA DA ESCRAVIDÃO NO BRASIL E TRABALHA PARA A SUA REALIZAÇÃO.**

Sua Alteza quer o que o povo reclama em altos brados nos lares, nos templos, nas praças publicas.

Assiste-se então a uma scena verdadeiramente sublime, que eternamente attestarã aos vindouros seculos o grande adeantamento moral e intellectual do Brasil, naquella epocha; a intuição que os nossos homens tinham do dever; o verdadeiro devotamento pela patria, expurgado de qualquer interesse individual; e os nobilissimos caracteres que ornavam a representação nacional. Assiste-se, repito, ao desenrolar de um drama patrio commoventissimo, que é uma preciosa lição dada pelo Brasil, um paiz novo, a todas as nações cultas; drama cuja solução pacifica, numa apothese de flores, bastaria para recommendar um reinado, mesmo destituido de todos os titulos de beneficencia.

O povo brasileiro brada nos campos, nas cidades, villas e aldeias: — « Queremos a abolição completa, immediata, incondicional. »

Mas o Parlamento divide-se em dous partidos egualmente pujantes; um diz: — « Queremos a abolição immediata, sem indemnização alguma. » Deste lado está a nobreza do paiz, toda a mocidade culta, a imprensa e tudo quanto o Brasil encerra de mais selecto.

O segundo partido diz: — « Aceitamos a abolição, mas com a indemnização; a abolição incondicional será o advento da Republica, a ruina das instituições vigentes, a queda do throno e a desgraça da Nação. »

Indemnizar seria procrastinar a questão e tornar-a quasi insolúvel, devido aos onerosos compromissos que o Brasil se veria forçado a contrahir.

A Princesa Regente, firme nas suas idéas e convicções, não vacilla: colloca-se ao lado da aspiração nacional.

Na arena da opposição destacam-se dous vultos, duas nobres figuras, que qualquer paiz do mundo se orgulharia de ter por filhos: o Barão de Cotegipe, presidente do Conselho de Ministros, e o deputado ás côrtes, sr. Conselheiro Andrade Figueira.

Os dous eminentes cidadãos, da tribuna do Senado e da Camara electiva, trovejam raios sobre a abolição incondicional, fazendo ver ao paiz que decretal-a é proclamar a Republica; e, para não serem acimados de inimigos da liberdade, começam por libertar os escravos que possuem. O brio e a correção não faltavam nesse tempo a nenhum estadista.

A Nação, porém, não os escuta; a onda do abolicionismo cresce, sobe, transborda, dominando tudo; mas os dous grandes homens arostant a nação inteira, no cumprimento do dever; não trepidam deante do sacrificio completo do nome illustre que conquistaram; não temem a impopularidade; desprezam os jornacs caricatos que os pintam a laçar a locomotiva que passa ovante, levando em seu bojo os incondicionaes.

O Barão de Cotegipe dá o ultimo golpe na questão e, sublime como o embaixador romano, diz á Princesa



Regente: « Abolição com indemnização ou Republica, escolhei. »

A magnanima Imperatriz responde: « Abolição immediata e incondicional, eis o meu programma. » O digno estadista desce cabisbaixo as escadas de São Christovam, para logo subirem os abolicionistas incondicionaes.

No dia 13 de maio de 1888, D. Izabel I lavra o celebre decreto da extincção completa e incondicional da escravidão no Imperio do Brasil.

Sublime rasgo de magnanimidade!... Sua Alteza trocava um throno pela liberdade de uma raça opprimida!

Não eram decorridos dous annos e a Republica fazia ruir por terra o governo monarchico que, no espaço de 65 annos, felicitára o Brasil, e a Democracia desfalga o pavilhão positivista no vasto territorio expurgado da macula negra da escravidão (15 de novembro de 1889).

A abolição sem indemnização despertara nas classes agricolas um grande desgosto e os amigos do throno metamorphosearam-se em inimigos cruéis, sedentos de vingança. Os poucos republicanos espalhados pelo Brasil, meia duzia de desconhecidos sem influencia, souberam explorar a gravissima situação: movimentaram o exercito, fazendo-o sonhar com a Colchida; o Leão cego torna-se instrumento inconsciente nas mãos de ambiciosos exploradores e proclama a Republica numa epocha em que o paiz acabava de asseverar ao mundo o seu estado de legitima civilização, numa phase em que o Brasil tinha attingido a mais florescente prosperidade, a ponto de achar-se acima do par o nosso meio circulante.

Aos olhos do mundo estupefacto e do Brasil bestificado volta-se a medalha e mostra o seu reverso.

Agora é que me vacilla a penna e de novo me vem aos labios a phrase pungente da Eneida. Sou forçado a dizer verdadeas amargas aos da minha raça.

Aquella que a Patria cognominara IZABEL A REDEMPTORA; aquella que Sua Santidade o papa Leão XIII condecorara com a *Rosa de Ouro*, pelo elevadissimo merecimento do acto nobilissimo que praticara, é expulsa do Brasil, 16 de novembro, e sai sósinha, barra fóra, acompanhada do velho pae e da Mãe Veneranda, ambos encanecidos no serviço da patria, desprezados e perseguidos daquelles mesmos que, nas vesperras, lhes atiravam flores e beijavam as plantas.

Doentes e enfraquecidos pela idade, mal podem o Imperador e a Imperatriz palmilhar o ultimo pedaço de terra patria que os separa do porto.

Por escarneo, mandam os proceres da situação offerecer-lhes dinheiro em troca do throno que perdiam, quando elles nada mais aspiravam que um canto da patria para nelle serem sepultados.

O cidadão mais prestante do Brasil deixa os paços regios sem uma queixa e desejando felicidades a todos.

O povo assiste impavido a essa infamia infamissima e torna-se réu da mais estuperda ingratição, que a Historia tem registrado, e réu de baixissima covardia. Se hontem este povo dizia á Princesa Regente: « Fizei a abolição, nós queremos a abolição », hoje elle devia ser coherente consigo mesmo, correr em sua defesa e morrer com ella.

Mas, não; deixou-o partir, sem ver uma lagrima, nos olhos, ao menos, de um especimen da raça que ella nobilitara.

Com pezar o digo: esta indifferença criminosa figurará na Historia como um estigma de ignominia gravado na fronte do povo brasileiro. E' preciso arrancar esta pagina enxovalhada; é preciso apagal-a; é preciso mandar vir os restos dos nossos imperantes,

dar-lhes sepultura em terra do Brasil, offerecer-lhes uma reparação e Deus se incumbirá de restituir á Izabel a Redemptora o throno que perdeu. E' um acto de suprema justiça e ha de realisar-se.

Consummada a ingratição nacional, como explicar tão horripilante contraste?

Na vespera, um povo livre que attestara, de um modo brilhante, a sua soberania; e na manhan seguinte um povo acovardado, que se deixa avassallar por um motim de quartel e permite, sem um protesto, a consummação de um attentado contra a segurança e o renome da Patria inteira!

Covardia, ignorancia ou perversidade?

Nada disto.

Punição do Brasil, eis o que foi:

O sangue de milhões de seres humanos escravizados nesta terra borbuhlava ainda quente nas senzalas, as atrocidades praticadas, á sombra da lei, durante seculos, exigiam um exemplar castigo; tantos gemidos abafados, tamanhas dores curtidas, bradavam por uma severa punição; esta punição foi a Republica.

Completa a reparação, a 13 de maio; a 15 de novembro começou a expiação.

De 15 de novembro de 1889 para cá, acabou-se a felicidade do Brasil, entramos numa intermina *via crucis*, cujo Calvario não sabemos onde fica.

Foi-se a honra, foi-se o amor da Patria, foi-se o brio nacional, foi-se tudo.

Dir-se-ia que as possantes rodas do *Alagões* desenraizaram o templo, onde guardavamos nossos penates, nossos livros sibylinos, nossos idolos, nossas taboas da lei, e arrastaram-no nas ondas revoltas para bem longe.

A nação morreu, somos agora um ajuntamento illicito.

Out'ora viviamos em plena liberdade, com rotulo de escravidão; hoje vivemos na escravidão, com rotulo de liberdade.

D. Izabel I quebrou as pesadas cadeias que manciavam os captivos, e a Republica respigou-os nas senzalas, ainda quentes do negro contacto, a afivelar aos braços dos brancos.

O latrocínio campeia intemerato; os moedeiros falsos são altos personagens, o estellionato dirige a opinião. Viva o desfalque!...

Augusto está em Capua... As legiões descansam ás margens do Tibre e pedem em altos brados:

Panem et circenses!...

Viva a Republica! A miseria alastra-se por todo o Imperio, as provincias romanas estão entregues a Regulos, Cesar augmenta cada dia os impostos, os povos tributarios gemem, quasi sem pão; mas Cesar diz ás nações estrangeiras: — Mentira!... O Imperio prospera, contemplac Roma, vêde que bellas e *novas* avenidas, quantos aqueductos, que interminos jardins!

A ordem do dia é sugar o povo e banquetear.

Catão, o Censor, já não sai á rua; seria apedrejado.

O Capitolio encheu-se de hetairas do Pireu. Os Scipios estão no ostracismo; fazem-se comedias com as virtudes dos Gracchos.

Ha muito que não se ouve no Campo de Marte a musica cvante dos triumphadores; a milicia está no *Forum* fazendo politica e organizando cardapios. O templo de Jano fechou as portas, reina a paz universal; o exercito encostou os estandartes guerreiros e empunha agora a bandeira branca da *Fraternidade*: o guardanapo; mas, para não perder o ardor mavorcio, simula formidaveis combates em campos de batalha em forma de U.

Cicero anda de braços dados com Catilina; não consta mais do *Tabularium* o crime por que foi accusado.

Mandaram uma commissão a Sparta pedir o retrato a oleo de Pausanias e a reabilitação da sua memoria.

O *S. P. Q. R.* passou a significar: *Suborno, perfidia, quebradeira e rapinagem.*

Claudio antecipou o seu reinado e tem nomeado consules muitos *Incitati*, delirantemente applaudidos.

O *Forum* romano, onde existiam as tribunas dos representantes do povo, foi transformado num *Instituto de Surdos-Mudos.*

A Deusa da Justiça tirou a venda e foi operada de cataracta; de sorte que, nos dias que correm, tem vista de lynce e distingue, ao longe, os amigos e os inimigos de Cesar.

Eis Roma, eis o Brasil.

O meu Deus, ó Todo Poderoso, que governaes as nações como uma só familia, volvi os vossos olhos para a minha patria, lembrae-vos de que no seu firmamento gravastes o symbolo da Redempção, em rutilas estrellas; levantai de sobre nós o vosso braço vingador e restitui-nos de novo a paz de que gosavamos.

Lembrae-vos de que não podieis crear tão bello este paiz, verdadeiro Eden terreal, para depois consentirdes que as pragas do Egypto nelle se eternizassem.

Lembrae-vos de que somos agora mais desgraçados do que os pobres negros que salvastes; pois a elles deitaram cadeias nos braços e nos pés, e a nós algemam os labios e o coração; os labios, para que não gritemos contra a prepotencia e es desmandos, e o coração, para que elle se atrophie e, mirrado, não ame nem conheça esse sublime ideal que se chama Patria; por isso, o povo não extremecce mais o Brasil querido; gelou-o a indiferença; proseguimos no supplicio dançoso da submersão no lodo... Valei-nos, ó meu Deus, apiedae-vos de nós e trazi-nos a *Redempção* e a *REDEMPTORA!*

Quotidiano

Uberaba — Fev. — 1906.

A PRINCEZA REGENTE



QUE se vai ler é um capitulo do livro *Bodas de prata de Ss. AA. os Srs. Conde e Condessa d'Eu*, pelo dr. José Avelino.

Este livro, cuja edição se acha recolhida e que não esteve exposto á venda, foi composto e impresso na Imprensa Nacional, concludo-se o trabalho typographico exactamente no dia da proclamação da Republica.

Durante o reinado actual, em consequencia de viagens do Imperador ao estrangeiro, a Princesa Imperial tem assumido tres vezes a Regencia do Imperio: desde 25 de maio de 1871 até 30 de março de 1872; de 26 de março de 1876 a 25 de setembro de 1877; de 30 de junho de 1887 a 21 de agosto de 1888.

Tres vezes, portanto, S. A. Imperial tem substituido seu augusto Pae na difficil missão de reinar, e cada um destes grandes momentos historicos tem antecipado na obra do futuro a mais difficil das conquistas de um rei nos tempos modernos: o devotamento entusiastico e sincero da maioria do seu povo pela instituição que representa e personifica.

Era bem joven ainda Sua Alteza, quando lhe coube occupar pela primeira vez o logar de Regente.

O seio da patria foi rasgado então, meio a meio, para a extirpação do cancro secular da escravidão; e, não obstante as luctas que se feriram para regular os interesses economicos e sociaes comprometidos naquella odiosa instituição, o fino tacto da Regente foi tal, que nem o governo nem os partidos tiveram de recriminal-a pela minima parcella de influencia pessoal do seu vastissimo poder.

A segunda vez que o dever e o direito chamaram-na ao exercicio das funções magestáticas, S. A. Im-

perial já trouxe para o governo a experiencia dos annos, a sciencia dos negocios, a lição dos outros povos.

A correção constitucional de suas relações com os ministros, a prudencia e sabedoria reveladas no exercicio de suas attribuições privativas, a liberdade com que os partidos pleitearam todas as suas grandes causas e reformas, desde o comicio popular até ao recinto augusto do Parlamento, a preponderancia legitima deste na marcha dos negocios e da politica do governo, — taes os caracteristicos que mais assignalaram a passagem de Sua Alteza pelo solio imperial.

Um facto de grave influencia nas praticas do regimen representativo tem caracterisado mais que todos a regencia de Sua Alteza. A Princesa Imperial modela seu governo pelas inspirações da opinião nacional, que é a melhor pedra de toque para a direcção de um principe.

A todos estes ensinamentos, porém, sobrelevam e impõem-se, á Filha e á Princesa, as virtudes privadas de seus augustos Paes, que lhe formaram o caracter e o coração pelos modelos mais preclaros de seus antepassados e a constituiram a urna sagrada onde se reuniram em um só quinhão todos os pedaços de sua alma outr'ora repartida.

Na culminancia social, abstrahindo do Pae, está o Imperador, a experiencia de quasi meio seculo de governo, lição fecunda de duas gerações de estadistas, o livro onde se aprende a melhor lição de sciencia, o trabalhador inatigavel que deu brilho ás letras, lustre ás artes, grandeza e renome á nossa patria.

A terceira Regencia foi, de todas, a mais fecunda, e gravou por tal modo indelivel o nome de S. A. Imperial nas paginas da Historia, que, por mais que passem os seculos, por extraordinarias que sejam as novas conquistas da realza no mundo a pról dos destinos dos povos, deante do genero humano S. A., sagrada redemptora, será um personagem eternamente legendario.



Coube-lhe a fortuna de despedaçar, um a um, os élos da cadeia da escravidão, que pesou durante mais de trezentos annos sobre uma raça infeliz, da qual os instinctos barbaros dos nossos antepassados se serviu para affirmar o prestigio do regimen absoluto e da tyrannia.

A Sua Alteza pareceu, como bem diz o eloquente orador parlamentar, o dr. Joaquim Nabuco, apóstolo glorificado do abolicionismo, não ser mais licito adiar a solução dos compromissos nacionaes em relação aos escravos existentes.

Taes compromissos são: a alforria de escravos para a guerra do Paraguay; a fala do Throno de 1867 e a correspondencia entre abolicionistas europeus e o governo imperial; a acção pessoal do Conde d'Eu no Paraguay, como general em chefe do exercito; a connexão da emancipação annunciada com o fim da guerra; a elaboração do projecto de emancipação do conselho de Estado; a agitação do partido liberal, consecutivamente á organização do Ministerio Itaborahy; a queda deste Ministerio e a subida do gabinete S. Vicente; a opposição á preposta Rio Branco; os vaticínios da dissidencia; a guerra organizada contra o governo e o Imperador pela lavoura do Sul; a propria lei de 28 de setembro de 1871.

E nós acrescentaremos: — a emancipação total do Ceará e do Amazonas; a quasi emancipação do Rio Grande do Sul; a cessação do trafico inter-provincial; a agitação insubjugavel da Confederação Abolicionista na Corte; as conferencias publicas e os *meetings* contra a resistencia; a instabilidade de todos os gabinetes da passada situação liberal, por não terem abordado de frente a solução do problema; as declarações do senador Dantas ao Imperador, por occasião de organizar o Ministerio de 6 de junho; a insufficiencia da lei Saraiva-Cotegipe; a lei que aboliu a pena de açoites; a attitudo geral da imprensa da Corte; as fugas em massa dos escravos em S. Paulo; a trincheira do Cubatão; o pronunciamento do Senado, no fim da sessão de 1887; a libertação de Petropolis; o pronunciamento de todas as corporações scientificas;

os echos do santuario; os votos ardentes da mocidade; tudo, enfim, quanto exprimia uma força social pensante e activa, collaboradora da obra politica, tudo inspirava o patriotismo da Regente aconselhando-a a deixar livre a marcha empreendida contra os derradeiros entrincheiramentos da instituição que atravessou seculos, apesar de amaldiçoada e impellida por uma predestinação fatal, como o judeu da lenda.

Não ha negar: da gloria de 13 de maio, o raio mais fulgido vai procurar a Princeza Imperial e cahir em cheio sobre o seu diadema régio.

E' por isso que, após a terceira Regencia, S. Alteza merece que os brasileiros lhe consagrem palavras como estas, escriptas por Gladstone em 1880, com referencia á sua graciosa soberana:

« Um respeito profundo e uma terna affeição rodeiam a pessoa daquella que é o unico guarda permanentemente e fiel das disposições fundamentaes da nossa Constituição. Ella é o symbolo da lei e, deixando de parte a metaphysica e os incidentes anormaes das revoluções, é tambem a fonte de poder.

Os parlamentos e os ministros passam, porém ella permanece investida, durante sua vida, do dever real, para o qual ella é como o carvalho da floresta que cobre de rebentos novos a planicie.

« Quando as augustas funcções são esclarecidas pelos raios da intelligencia e da virtude, ellas se transformam em uma dignidade tão alta, que nem a palavra, nem os actos do Parlamento podem conferir. Daqui vem que, para um povo generoso, a lealdade tradicional adquire, como dizia Burke, a força de uma paixão e o calor de um devotamento pessoal. Finalmente, estamos sempre dispostos a soffrer a influencia daquelles a quem amamos ou, antes, nós soffremos desde logo essa influencia ».

Assim traduzirá tambem a Nação Brasileira seus sentimentos, no dia de hoje, para com a graciosa herdeira presumptiva do throno e seu augusto Esposo, de par com os votos mais sinceros e ardentes pela continuação das venturas que, ha um quarto de seculo, abençoam sua existencia e seu lar.

Auto do nascimento da Princeza D. Izabel



OS vinte e nove dias do mez de julho do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus-Christo de mil oitocentos e quarenta e seis, nesta muito leal e heroica cidade do Rio de Janeiro, achando-se reunidos no paço imperial, Quinta da Boa Vista, por ordem de S. M. o senhor D. Pedro II, Imperador constitucional e defensor perpetuo do Brasil, os ministros e secretarios de Estado, os conselheiros de Estado, os grandes do Imperio e os presidentes das duas camaras da assembléa geral legislativa, commigo abaixo-assignado, para servirem de testemunhas do nascimento do serenissimo principe ou princeza que S. M. a Imperatriz a Senhora D. Theresina Christina Maria, augusta esposa da dita S. M. I. o Senhor D. Pedro II, se achava proxima a dar á luz, fomos conduzidos pelo exmo. marquez de Itanhaem, fazendeiro nas vezes de mordomo-mór da casa imperial, ao interior do referido paço, e ahi, pelas seis horas e vinte e cinco minutos da tarde do mencionado dia, fomos

introduzidos pelo mesmo mordomo-mór na proxima camara em que S. M. a Imperatriz estava e onde nos foi apresentada por S. M. o Imperador a augusta pessoa recém-nascida, a qual vimos, ouvimos e reconhecemos ser de sexo feminino e achar-se san e perfeita. E para que o referido conste a todo o tempo, eu, Joaquim Marcellino de Brito, ministro e secretario de Estado dos negocios do Imperio, lavrei tres autos, todos do mesmo teor, por mim assignados, pelas testemunhas acima declaradas e pelo medico da imperial camara o doutor Candido Borges Monteiro; um dos quaes ficará depositado nas augustas mãos de S. M. o Imperador, outro será remettido para o reino das Duas Sicilias e o terceiro ficará archivado no archivo publico do Imperio.

Joaquim Marcellino de Brito — José Joaquim Fernandes Torres — Antonio Francisco de Paula Hollanda Cavalcanti de Albuquerque — Barão de Cayrú — João Paulo de Santos Barreto — Visconde de Monte Alegre — Visconde de Olinda — Conde de Valença — Manoel Alves Branco — José Antonio da Silva Maia — José Joaquim de



Lima e Silva—José Carlos Pereira de Alcmeida Torres—Honorio Hermete Carneiro Leão—Francisco de Paula Souza e Mello—Bispo de Anemuria—Caetano Maria Lopes Gama—José Cesario de Miranda Rôcio—Francisco Cordeiro da Silva Torres—Marquez de Bacpendy—Luiz José de Oliveira—Francisco Muniz Tavares—Marquez de Itanhaem—Marquez de Cantagallo—Conde do Rio Pardo—Conde de Caxias—Visconde da Villa Real da Praia Grande—Bispo de Chrisopolis, esmoler-mór—Barão da Villa Bella—Visconde de Goiana—Marcel, bispo capellão-mór—Gregorio de Castro Moraes e Souza, vereador de semana—Visconde de Congoçhas do Campo—Barão de Lages—Doutor Candido Borges Monteiro—José Moreira Lirio, guarda-roupa de semana—Doutor Luiz Carlos da Fonseca, medico de semana. Está conforme. *Antonio José de Paiva Guedes de Andrade.*

BAPTISADO DE S. A. I. A PRINCEZA D. IZABEL.

Domingo, 15 de novembro de 1846, effectou-se o baptizado de S. A. a Princesa recém-nascida, que recebeu os nomes de Dona Izabel Christina Leopoldina Augusta Michaela Gabriela Rafaela Gonzaga. A Augusta Madrinha, S. M. a Rainha viuva de Napoles, foi representada pela senhora marquez de Maceió e o Augusto Padrinho, S. M. o Rei de Portugal, pelo senhor marquez de Itanhaem.

A tarde, por volta das 5 horas, formadas em grande parada a guarda nacional e a tropa de linha, desfilou o prestito pela teia para isso construida no largo do Paço.

Rompiam o prestito dous archeiros, seguidos pela musica dos charameleiros. Vinham depois por sua ordem seis porteiros da maça, os porteiros da canna, o rei de armas, arauto e passavante, os juizes territoriaes da Côte e de Nietheroy, os directores dos estabelecimentos publicos literarios da Côte e outras pessoas graduadas, a illustrissima Camara Municipal, os membros da junta do commercio, os desembargadores, os membros do tribunal do Thesouro, os do Conselho Supremo Militar, os conselheiros do Supremo Tribunal de Justiça e os mestres da Familia Imperial.

Seguiam-se os moços da camara, conduzindo o sal o sr. Antonio Henriques de Miranda Rego; a concha aurea, o sr. João José de Alcmeida Mascarenhas Ramos; o auto de baptismo, um moço fidalgo, e a toalha, o sr. guarda-roupa João Carlos de Cunha Gusmão e Vasconcellos.

Iam depois os officiaes das secretarias de Estado e das secretarias das camaras legislativas, os medicos da imperial camara, guarda-roupas e titulares sem grandeza, os moços fidalgos, o moço da toalha, os fidalgos cavalleiros, porteiro da imperial camara, o tenente da guarda dos archeiros, os officiaes-móres da casa imperial, os vereadores e gentishomens, os bispos, os grandes e os officiaes-móres da Côte.

Seguiam-se os srs. Joaquim José de Siqueira, Correia de Sá e Aureliano, conduzindo em salvas de ouro a corôa do massapão, a veste candida e o cirio lavrado e ornado de ouro com 4 peças de 108000 cravadas em cruz. Iam acompanhados por dous moços fidalgos.

Logo depois iam os conselheiros e ministros de Estado, o mordomo-mór de S. M. a Imperatriz, levando nos braços a Augusta recém-nascida e acompanhado por dous moços fidalgos, pela camararia-mór e pela aia.

SS. MM. II. eram precedidas pelo sr. José Maria Veitlo, que servia de mestre-sala, e seguidas pelo gentilhomm D. José de Assis Mascarenhas, servindo de

mordomo-mór, pelo gentilhomm conde do Rio-Pardo, veador Siqueira, reposteiro-mór visconde de S. Salvador de Campos, capitão da imperial guarda de archeiros, marquez de Cantagallo, ajudante de campo, conde de Caxias, damas e mais pessoas de serviço.

Da porta da teia S. M. a Imperatriz dirigiu-se por dentro do paço á tribuna imperial. Ao chegar S. A. á porta da teia, pegaram nas varas do pallio os srs. vice-presidentes do Senado e da Camara dos deputados, presidente do Supremo Tribunal de Justiça e conselheiros de Estado Silva Torres, Carneiro Leão, Lopes Gama, visconde de Olinda e visconde de Monte-Alegre.

S. M. o imperador apresentou ao povo Sua Augusta Filha, no principio degrau da escadaria, depois do que continuou a marcha do prestito, ao som do hymno nacional.

Dentro da igreja estavam nos logares competentes os tres leitos e mais objectos cerimoniaes do estylo. As tribunas estavam occupadas pelas senhoras de distincção e pelo corpo diplomatico.

Seguiram-se depois as ceremonias sagradas, observando-se as formalidades devidas ás pessoas da Imperial Familia.

Terminadas as ceremonias, voltou o prestito pela mesma fórma. S. M. dignou-se receber as felicitações do corpo diplomatico, as deputações do Imperio e a todos os seus subditos que quizeram ter a honra de lhe beijar a mão.

Salvaram ás horas competentes as fortalezas, as embarcações de guerra e a tropa. Houve á noite illuminação na cidade. Não se pôde descrever o contentamento que se divisava no numeroso concurso de povo que se apinhára no largo do Paço e que á noite percorreu as illuminações. A tarde foi uma das mais bellas que tivemos nesta estação.

(Do Anuario Político, Historico e Estatistico do Brasil, 1847).

AUTO DO BAPTISMO

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus-Christo de mil oitocentos e quarenta e seis, aos quinze dias do mez de novembro, nesta Cathedral e imperial Capella da muito leal e heroica cidade de S. Sebastião de Rio de Janeiro, occupando o throno o muito alto e muito poderoso Senhor D. Pedro II, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil, e o sclio o Excellentissimo e Reverendissimo bispo capellão-mór, e diocesano D. Manoel do Monte Rodrigues de Araujo, conde de Irajá; e achando-se na mesma Cathedral e imperial Capella reunidos os ministros e secretarios de Estado, conselheiros de Estado, grandes do Imperio, officiaes-móres, officiaes e mais pessoas da Côte e casa imperial, muitos senadores e deputados, corpo diplomatico estrangeiro, membros dos tribunaes da Côte e muitas outras pessoas de distincção expressamente convidadas, o dito Excellentissimo e Reverendissimo bispo capellão-mór baptisou e poz os santos oleos á Serenissima Princesa a Senhora D. Izabel Christina Leopoldina Augusta Michaela Gabriela Raphaela Gonzaga, nascida no dia 29 do mez de julho do corrente anno, pelas 6 horas e 25 minutos da tarde, filha legitima do dito muito alto e muito poderoso Senhor D. Pedro II, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil e da muito alta e muito poderosa Senhora Dona Thereza Christina Maria, Imperatriz do Brasil; neta pela parte paterna do fallecido Senhor D. Pedro de Alcantara de Bragança e Bourbon, primeiro Impo-



rador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil, e de Sua Augusta Esposa, tambem fallecida, a Senhora D. Maria Leopoldina Josepha Carolina, e neta pela parte materna do fallecido Senhor D. Francisco, primeiro Rei do Reino das Duas Sicilias, e de Sua Magestade a Rainha Sua Augusta Esposa a Senhora D. Maria Izabel. Foi padrinho Sua Magestade o Senhor D. Fernando, Rei de Portugal, representado pelo Illustrissimo e Excellentissimo marquez de Itanhaem, estribeiro-mór de Sua Magestade o Imperador, e madrinha Sua Magestade a Senhora D. Maria Izabel, Rainha viuva das Duas Sicilias, representada pela illustrissima e Excellentissima marquez de Maceió. E, para a todo o tempo constar, se lavraram dous autos em tudo

identicos, subscriptos pelo Illustrissimo e Excellentissimo ministro e secretario de Estado dos Negocios do Imperio, e assignados tanto por elle como pelo Excellentissimo e Reverendissimo bispo capellão-mór conde de Irajá e pelos representantes dos Augustos padrinho e madrinha, devendo um dos ditos autos ficar no archivo da imperial Capella e outro ser recolhido ao archivo publico do Imperio. E eu, Joaquim Marcellino de Brito, ministro e secretario de Estado dos Negocios do Imperio, o subscrevi e assignei. — *Joaquim Marcellino de Brito*. — Como representante do Augusto Padrinho, *Marquez de Itanhaem*. — Como representante da Augusta Madrinha, *Marquez de Maceió*. — *J. Manoel*, bispo-conde capellão-mór.

A HERDEIRA DO THRONO (IZABEL, A REDEMPTORA)



PEDRO II, o *Divus Petrus*, entrou para os amplos dominios da Historia. E esta collocou-o em outro throno, ainda mais resplandescente e bello do que aquelle que Elle occupou no Tempo, em uma Epoca, em uma fracção do nosso planeta, e em determinado paiz do globo.

Pedro II, no Brasil, foi a encarnação mais notavel da Magnanimidade, da Justiça, da Tolerancia e do Amor á Liberdade da sua Patria.

Haverá, neste paiz, algum Brasileiro, ou extrangeiro que conteste esta verdade?

Se ha, que appareça e demonstre-me o contrario. Refulge esse grande Espirito, talvez bem perto da Constellação do Cruzeiro, para onde Elle pedia, em um de seus celebrados sonetos, a Deus, que o levasse, para, dahi, ter sempre os seus olhos fitos sobre a terra que tanto amára, engrandecera e sublimára.

Grande Espirito! Vasto coração abrasado sempre nas chamas de acendrado amor á Patria!

Este Homem, este Brasileiro, este Soberano, este Patriota, deixou, ao morrer, um Thesouro:

IZABEL, A REDEMPTORA!

Thesouro, sim, de Bondade, de Virtudes angelicas, de caridade e de amor.

Nobre Herdeira da Santa Mãe dos Brasileiros, a Imperatriz Thereza Christina Maria.

Signataria da Lei de 28 de setembro de 1871, libertou com Rio Branco o ventre da mulher escrava;

Com João Alfredo, apagou a macula, extinguiu o cancro do captivo, e o fez com as lagrimas nos olhos, lagrimas de jubilo e de tristezas profundas; de jubilo, certa da redempção de uma raça, que não fóra escravizada pela Monarchia, porque Monarchias liberaes e christãs não escravizam o semelhante; mas que só pela força das circumstancias e pelo forte poderio das correntes e dos phenomenos sociaes mantinha essa chaga: de tristezas, porque assignava a *Lei aurea*, quando seu Augusto Progenitor, por assim dizer, quasi que agonisava em Milão.

Izabel I, Imperatriz do Brasil, é uma exilada. Em França, a formosa Nação, centro da intellectualidade e do espirito da raça latina, vive a Meiga Magestade, tão despida de preconceitos, tão santamente christã como sómente sua Augusta Mãe o fóra, e que só tem coração para sentir as angustias nacionaes, não anhelando, talvez, na sua magnanimidade e desinteresse, senão continuar a cingir a corôa de espinhos do martyrio que, com fulgores celestiacs, enflôra a sua Régia Fronte. Abençoada Creatura! Digna Herdeira de Pedro II, — *Salve!*

ALFREDO DE PAIVA

Fevereiro - 906.

A EXTINCCÃO DA ESCRAVIDÃO

LEI N. 3.353 DE 13 DE MAIO DE 1888

Declara extincta a escravidão no Brasil

A Princeza Imperial Regente, em nome de Sua Magestade o Imperador o Sr. D. Pedro II:

Faz saber a todos os subditos do Imperio que a Assembléa Geral decretou e Ella sancionou a lei seguinte:

Art. 1.º E' declarada extincta desde a data desta lei a escravidão no Brasil.

Art. 2.º Revogam-se as disposições em contrario.

Manda, portanto, a todas as auctoridades a quem o conhecimento e a execução da referida lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nella se contém.

O Secretario de Estado dos Negocios da Agricultura

ra e interino dos Negocios Extrangeiros, bacharel Rodrigo Augusto da Silva, a faça imprimir, publicar o correr. Dada no Palacio do Rio de Janeiro, em 13 de maio de 1888, sexagesimo setimo da Independencia e do Imperio.

PRINCEZA IMPERIAL REGENTE.

Rodrigo Augusto da Silva.

Carta de lei pela qual Sua Alteza Imperial manda executar o decreto da Assembléa Geral que houve por bem sancionar, declarando extincta a escravidão no Brasil como nella se declara, para Vossa Alteza Imperial ver.

Chancellaria-mór do Imperio. — *Antonio Ferreira Vianna*. Transitou em 13 de Maio de 1888. — *José Julio de Albuquerque Barros*.



Supplemento do "Album Imperial"

ANNO I

CHRONICAS E NOTICIAS

NUMERO 5

Album



Imperial

Inauguramos hoje a secção «Páginas escolhidas», na qual publicaremos, com o retrato dos respectivos auctores, trechos escolhidos de prosa dos mais festejados escriptores brasileiros.

O dr. Garcia Redondo, illustre homem de letras e membro da Academia Brasileira, gentilmente accedeu ao nosso convite, inaugurando a secção com uma bella pagina, expressamente escripta para o *Album*.

RABISCOS

Momo, este anno, não quiz saber de historias: — appareceu em publico de mascara ordinaria e, em vez de *phantasia* de seda, enfiou dominó de tecido de algodão barato. E foi assim, mal vestido e sem graça, que durante tres dias, debaixo do aguaceiro, o vimos nas ruas da Paulicéa, — triste, macambuzio, arrastando andrajos e de vez em quando, para dizer alguma cousa, dirigindo aos transeuntes a estafadissima pergunta: — *Você me conhece?*

Como não! Conhecemo-lo muito: — é o Carnaval escabreado, como nós todos, com a crise, com a quebraçeira, com a falta de cobre, — quebradeira que não o deixou brincar senão muito discretamente com alguns lança-perfumes e não permittia que em sua honra se organisasse nem sequer um prestito decente. Porque tal nome não merecem aquelles carros que, divididos em dous bandos, percorreram as ruas de S. Paulo na terça-feira gorda. Um delles, o dos *Infantis*, seria tolçavel, se não fossem recentes as victorias carnavalescas dos *Fenianos*; aquelle outro, porém, imprópriamente rotulado com o titulo de *Democraticos*, não passou de uma exhibição grotesca de anuncios de casas commerciaes e de réclames aos detestaveis charutos *Pook*, á já sem extracção agua de Caxambú e a uma empresa de loterias que por enquanto me tem vendido só bilhetes brancos.

Felizmente, providencial aguaceiro obrigou Momo a recolher-se antes do

tempo aos bastidores, e — palavra! — desanimado assim, pobre de roupa e de espirito, não valia a pena ter apparecido em publico.

* * *

Em compensação, estiveram animadas, tanto quanto possível, as festas em Taubaté em honra dos presidentes que assignaram alli, solemnemente, o convenio para a valorisação do café.

No seu regresso a esta capital, foi o sr. Tibiriçá recebido com estroncosa manifestação, que o acompanhou da estação do Norte ao palacio presidencial. Houve illuminação publica, croio que discursos e, se faltou o retrato a oleo, não faltou, parece, o classico copo d'agua oferecido aos manifestantes.

Fazendeiros, industriaes, negociantes, capitalistas, todos se uniram para saudar um dos gloriosos salvadores futuros da pobre lavoura cafeeira, e como todos nós, sem distincção de credo politico ou de facções partidarias, somos interessados na valorisação da famosa rubiacca, eu tambem adhiro de corpo e alma ás saudações que São Paulo inteiro dirige ao sr. Tibiriçá, pela patriótica iniciativa, e faço votos por que, quanto antes, o café volte a valer, senão o que valia nos bons tempos em que era vendido a 25\$ a arroba, ao menos o bastante para livrar de seus mil e um credores os fazendeiros paulistas.

Amen.

FABRICIO PIERROT



13 de maio de 1888

(A S. A. I. Regente)

Princesa, em vossa mão de aristocrata, Mão de criança, melindrosa e fina, Estua a intrepidez adamantina Que dos heróes a fabula relata.

Bem dita mão! Angelica, arrebatada A infancia escrava ás garras da rapina, E a luminosa lei que ella hoje assigna Raça inteira de miseros rescata.

Ante iminentes pavorosas crises, Na redemptora mão dos infelizes Não sei se o sceptro ficará, ou não:

Mas da historia no intermino cortejo, Das gerações o reverente beijo Sempre tereis, Princesa, nessa mão:

AFONSO CELSO

Carta a D. Pedro II

Meu Bom Imperador

E' com o maior prazer que venho cumprir a grata ordem de V. M. Imperial, de lembrar-me bem do Brasil no dia de hoje.

Eu aprendi com meu Pae a venerar D. João VI como o maior e mais espontaneo bemfeitor do Brasil: «antes d'Elle, até as populações do littoral estavam privadas do pão»; — a ter o mesmo enthusiasmo que elle por D. Pedro I, o Homérico Heróe da nossa Independencia; a acatar Vossa Magestade, «Como o Pae da Familia Brasileira»...

Eram suas santas palavras.

Escrevi, hontem, a um bom amigo:

«Lembra-se da humildade religiosa com que o ministro do Chile nos falava, em Petropolis, em extase de admiração pelo Imperador D. Pedro II e pelos sabios que o rodeavam?»

«Pois bem; esse é que deve ser o nosso ideal: — um Brasil superior a toda a America do Sul, pela Moral e pela Sciencia; pela simplicidade evangelica; pelo stoicismo e pelo desprezo das riquezas e das vaidades mundanas.»

A miseria do Brasil actual proveiu de quererem imitar o argentinismo, cópia depravada do yankismo, pela sua fusão com o militarismo.

— Mercê de Deus não temos de que nos arrepender... Fez V. M. I. quanto foi possível para civilisar e pacificar a America do Sul. Em 1889 não havia, sobre a superficie da terra, paiz algum superior ao Brasil na pratica da Liberdade e em todos os ramos do progresso humano. Ahi está o livro da Exposição de 1889, em Paris, para attestalo.

A revolução em menos de um anno anarchisou tudo e reduziu a fortuna publica á cotação de 23 annos atras, dos mais tristes dias da guerra do Paraguay.

Até hoje ainda não lhes foi possível fazer um só beneficio ao Brasil.

Todas as reformas que V. M. tinha em mão foram feitas com tal ignorancia e açodamento, que se tornaram inteiramente contraproducentes.

Da obra santa de Paz e Confraternisação na America do Sul fizeram moeda vil...

Emfim... Deus illumine o Brasil e lhe conceda melhores dias!

Estou contando os dias para ter o prazer de beijar as mãos de V. M. I. e de contemplarmos juntos o bello azul do Mediterraneo.

De Vossa Magestade

sempre muito do coração

ANDRÉ REBOUÇAS

Cannes—Hotel Beau Séjour—7 de setembro de 1891.



PRINCEZA IZABEL

A despedida

E' com o coração partido de dôr que me afasto dos meus amigos, de todos os brasileiros e do paiz que tanto amei e amo, para cuja felicidade me esforciei por contribuir e pela qual continuarei a fazer os mais ardentés votos.— Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1889. *Ízabel, Condessa d'Eu.*



A partida

A Princesa chorava desesperadamente e, apoiando-se no braço do tenente-coronel Mallet, para entrar no carro, disse:

— Ah! sr. Mallet, os senhores hão de arrepender-se!

E, cada vez mais presa dos soluços e vertendo copiosas lagrimas:

— Que fiz, que fizemos? Vou-me embora... e levo tantas saudades do Brasil, deste Brasil que eu amo tanto! (Da *Gazeta de Noticias*, de 19 de novembro de 1889).



O martyrio

De uma carta de André Rebouças a um amigo:

— Ainda hoje, meu caro F., ouço os gritos lancinantes da Imperatriz, na baldeação do *Parnalyba* para o *Alagóas*, na hedionda noite de 17 de novembro, e vejo a heroica filha, amparando-a, carregando-a como outr'ora Enéas a seu velho pae...

* CHRONICA *

A julgar pelo escandaloso e revoltante incidente occorrido ultimamente na Policia Central, a refôrma dos serviços policiaes posta em pratica pelo sr. Cardoso de Almeida, a celebre organisação da *policia de carreira*, está destinada a produzir funestos resultados e a desmentir as auspiciosas promessas com que fôra annunciada pelo seu auctor.

Com effeito, numa capital importante e civilisada como S. Paulo, onde a cultura moral e intellectual de seus habitantes já não permite que nella se reproduzam as scenas degradantes que são habituaes nas localidades atrasadas e que ainda vivem sob a dominação de ridiculos mandões, um delegado de policia não recebeu attenção contra a liberdade individual, effectuando prisões arbitrarías, dando cerco á casa do cidadão e invadindo violentamente o lar domestico, cuja inviolabilidade está consignada na lei constitucional e é considerada como a suprema garantia pela legislação de todos os povos cultos.

E, mais tarde, tendo um distincto advogado do nosso fóro corrido em auxilio da victima da prepotencia e do abuso de poder, essa mesma auctoridade, com a tranquilla audacia adquirida pelo habito de violencias anteriores que ficaram impunes, não hesitou em estender áquelle advogado a serie de arbitrariedades e destemperos que têm tornado a nossa policia uma instituição odiosa, cuja acção constitui o maior perigo a que se expõe a segurança publica.

E' certo que, após a arbitraría prisão daquelle advogado, a auctoridade policial não teve a força moral necessaria para dominar a reacção que partiu de parentes, amigos e collegas da victima. Attonitas, boquiabertas e immoveis, todas as auctoridades policiaes que se achavam nessa occasião na Repartição Central ouviram, numa rajada de desabafo, violenta e irreprimivel decompostura.

O facto, porém, é que, apoiado pelo chefe de policia, o arbitrario delegado continuará no exercicio das suas funções; e, mais animado agora pela impunidade e pelo applauso de seus superiores, daqui por deante não se deixará conter pelos preceitos da lei:— a sua phantasia será a unica norma directora das arbitrariedades futuras.

Ora, se taes violencias se dão nesta capital, onde as funções policiaes deveriam ser exercidas por homens prudentes e criteriosos, cujas notorias aptidões e reconhecida competencia captassem a confiança e o respeito do povo, que diremos das localidades do interior, hoje entregues ás luctas politicas as mais extremadas e para

onde o governo acaba de nomear jovens bachareis inexperientes?

Que instrucções terão recebido esses moços sobre a attitude que devem assumir em frente das imposições dos regulos locais? Como deverão proceder quando ridiculos satrapas tentarem fazel-os doceis instrumentos de vinganças mesquinhas e pessoas?

Se, como se deve esperar, os novos delegados da policia de carreira quizerem manter-se nos limites que á sua auctoridade impôz a lei, terão cumprido o seu dever e desmentido as desconfianças e receios dos que acreditam que a recente organisação policial não passou de uma distribuição de empregos a afilhados da Comissão Central. Nesse caso, porém, quantos disabores, quantas decepções encontrarão os novos delegados, quando se lhes offerecer a frequente occasião de rebater as imposições illegaes dos caciques de aldeia!

Se, porém, as auctoridades policiaes recém-nomeadas levam instrucções que as obrigam a obedecer aos directorios locais e a esposar os odios e paixões dos mandões que governam os municipios do interior, nesse caso não valia a pena que, com maior sacrificio dos cofres publicos já tão sacrificados, a nova lei viesse augmentar a já escandalosa serie de homens apontados á execração publica pelos attentados que commetteram contra a segurança individual.

Seja como fôr, a julgar pelo exemplo da policia da capital, o sr. Cardoso de Almeida pôde limpar as mãos á parede!

PANTALEÃO BERMUDES



Um projecto do Imperador

...Em Cannes, mezes após a morte da Imperatriz.

Sósinho no quarto do hotel, o Imperador lê, sentado junto a larga mesa atulhada de livros e jornaes. Traja rigoroso luto, que lhe accentua a pallidez das faces e a alvura das cans.

Batem á porta; entra o conde de Motta Maia:

— Senhor, uma boa noticia do Brasil!

— Boa noticia do Brasil... diga depressa,—acôde D. Pedro II, alvoroçado, depondo o volume cuja leitura o absorvia.

— Recebi uma ordem mediante a qual será entregue a Vossa Magestade certa quantia. E' a primeira que de lá vem, e chega muito a proposito.

— Bem bom... bem bom... exclama alegremente o Imperador.—Já recebeu?

— Ainda não.

— Pois trate de receber sem demora. Ande...

Não poudo o conde Motta Maia dissimular a estranheza que lhe causava aquelle regosijo do Imperador, tão abnegado, tão cavalheiroso, tão alheio a questões pecuniarias, deante do proximo recebimento do dinheiro. D. Pedro II, durante o seu longo reinado, nun-

ca trouxera na algibeira somma alguma; jámais pegara numa moeda ou numa nota.

Como que o dinheiro lhe produzia invencivel repugnancia. Ter-lhe-iam o exilio e as desgraças alterado o nobre caracter?!

O Imperador percebeu a surpresa do conde, pois explicou:

— Disse—bem bom,—porque posso, com essa quantia, despachar isto... A demora já me affligia.

E, abrindo a gaveta da mesa, tirou vultuoso masso de papeis, dobrados e escriptos em fórma de requerimentos. Eram pedidos de esmola, de auxilios, de subvenções, semelhantes aos que profusamente elle costumava aceitar out'ora, em S. Christovam, quando no supremo governo do Brasil.

Acto continuo, tomando um lapis, Sua Magestade, depois de percorrer rapidamente as petições, poz-se a despachal-as. No alto de uma, escrevia —100 francos; no de outra,—200; no de terceira,—500; e assim por deante, conforme o merecimento do pedinte.

A' proporção que despachava, passava os requerimentos ao conde de Motta Maia, com um gesto deste conhecido e que significava deverem ser immediatamente satisfecitas as dadivas designadas.

O conde tomava os papeis silenciosamente, mas sorrindo tristemente.

Quando o Imperador acabou, empunhou, por seu turno, um lapis, e, á margem de um jornal, alinhou e somou os algarismos traçados nos requerimentos:

Sabe Vossa Magestade quanto mandou dar?

— Pouca cousa.

— Cinco mil e trezentos francos.

— E então?

— A ordem do Brasil produzirá apenas quatro mil.

— Comprehando. Devolva-me os papeis.

Rectificarei os numeros, de maneira que chegue.

O conde abanou repetidamente a cabeça.

— Que ha? indagou o Imperador.

— E' que Vossa Magestade parece esquecido das condições em que nos achamos.

— Como assim?

— Vossa Magestade não se recorda de que estamos quasi sem recursos, devendo ao hotel, constringidos a effectuar largas economias...

— Já sei... já sei... mas ignorava que não pudesse attender a alguns pobres que me extendem a mão.

— Não pôde, meu senhor, não pôde,—perdê-me que lh'o declare com franqueza. Vossa Magestade está obrigado a cohibir-se nas esmolas. Nossa situação não é favoravel, é má...

Ha de melhorar, acredito; mas, por ora, cumpre-nos cortar todas as despesas não imprescindiveis. O dinheiro enviado do Brasil amortisará apenas a conta do hotel...

O Imperador levantou-se. Lentamente, os braços cruzados, os olhos azues muito abertos e fixos, entrou a passear pelo aposento. O seu porte imponente, a sua longa barba branca, o seu ar pensativo tornaram-lhe angustiosissimo o venerando aspecto.

De repente, parando em face do conde:

— Sabe que mais, sr. Motta Maia? Nuto, de ha muito, um bello projecto e julgo azado o momento para o realisar.

— Serei indiscreto perguntando que projecto é, meu senhor?

— Ouça. Estou disposto a imitar o exemplo de um imperador como eu, de Carlos V. Entrarei para um convento e ahi passarei os poucos dias que me restam... um convento que possua boa livreria... Que mais me é dado ambicionar?!

— Oh! senhor...

— Só uma circumstancia me tolhe...

— Perdê Vossa Magestade, interrompeu o conde,—mas...

— Só uma circumstancia me tolhe, proseguiu D. Pedro II. Estou velho, enfermo, habituado aos cuidados constantes do meu medico, que me conhece e ro qual tenho confiança... Nos conventos não ha medicos.

— Quanto a isso, não, meu senhor,—atalhou vivamente Motta Maia. Acompanharei Vossa Magestade, seja aonde fôr.

O Imperador segurou a mão do seu medico e apertou-a.

— Estou certo disso,—disse gravemente.

Mas não tenho o direito de lhe impôr tamanho sacrificio... Basta os que já tem feito...

E, ordenando silencio com um aceno imperioso, recomeçou a passear pelo aposento, os olhos vagos, os braços sobre o peito.

Por fim, soltou um suspiro, sentouse, retomou o livro:

— Vá... vá... sr. Motta Maia.

Receba o dinheiro. Salde as nossas contas. E se, por acaso, sobrar alguma cousa, execute sempre os despachos possiveis... os mais medicos... os dos mais necessitados... Vá... vá... mas, que é isso?!

Ora... seja homem... não me tire as forças... não me entristeça...

O conde de Motta Maia chorava!

AFFONSO CELSO



A terceira Regencia

O dr. Ferreira de Araujo escreveu na *Gazeta de Noticias*, do Rio, a 15 de outubro de 1889, exactamente um mez antes do motim dos quartéis que proclamou a Republica no Brasil:

«A terceira Regencia constitue o periodo mais glorioso da historia patria. Eterna será a memoria da Princesa que, favorecida pela complacencia do céu, foi auctora da redempção dos captivos no Brasil, ultimo baluarte em que se acastellava no mundo a escravidão. Seiscentas mil creaturas humanas victimas da violação do mais sagrado dos direitos—o direito á liberdade—erguiam olhos anciosos e supplices mãos ao throno de Izabel, implorando-lhe, em grita, as aquinhoasse com os foros de cidadãos de patria livre.

Serva dedicada do divino prégador da fraternidade universal, que se imolou para remir a humanidade, e sentindo a caridade inflamar-lhe o coração com a intensidade ardente da braza de Isaias, a Princesa Imperial Regente, saturando-se do espirito do Evangelho, protegeu a sagrada causa da emancipação. Graças ao seu poderoso influxo, effectuou-se em uma semana, sem o minimo abalo, sem a mais leve perturbação da ordem e, antes, no meio de delirante e geral entusiasmo, a grandiosa e immorttal epocha da abolição total do captivo no Imperio.»

POETAS BRASILEIROS



Impressões de theatro

Que dramalhão! Um intrigante ousado,
Vendo chegar da Palestina o conde,
Diz-lhe que a pobre da condessa esconde
No seio o fructo de um amor culpado.

Naturalmente o conde fica irado:
—O pae quem é? pergunta.—Eu! lhe responde
Um pagem que entra. Um duello. Sim! Quando? Onde?...
No encontro morre o amante desgraçado.

Folga o intrigante... Porém surge um mano,
E, vendo morto o irmão, perde a cabeça:
Crava um punhal no peito do tyranno!

E' preso o mano, mata-se a condessa,
Endoidece o marido... e cae o panno
Antes que outra catastrophe aconteça.

ARTHUR AZEVEDO



LOUCO

Vêde-o! Que triste vae! Sósinho, a tardos passos,
na gelida mudez de torva indiferença!
Não se percebe mais, naquelles olhos baços,
o translucido olhar de quem discerne e pensa.

Apegam-se-lhe ao rosto os indeleveis traços
de infortunios crueis, de incuravel doença.
Os labios, já sem côr, enrugam-se-lhe, a espaços,
nas duras crispações de uma ironia intensa.

Datam de pouco tempo os seus desvairamentos;
dizem que lhes foi causa um amor inconstante;
pois, não raro, o infeliz, em lucidos transportes,

põe-se a falar assim, nuns soliloquios lentos:
« Não! Não vale da morte o doloroso instante
as perfidias de amor que valem por mil mortes!»

HERACLITO VIOTTI



Do poema "Heimkehr"

(DE H. HEINE)

A soluçar, caminho na floresta;
O tordo, que nas frondes se empoleira,
Canta, e me diz com sua voz em festa:
« Por que vaes a chorar dessa maneira? »

Pergunta, amigo, ás andorinhas: ellas
Te dirão minha historia desgraçada,
Pois que têm os seus ninhos nas janellas
De minha doce amada.

ANTONIO SALLES



MANHÃ NA ROÇA

Como uma rosa flamejante, o dia
Maciamente as petalas desata.
Do orvalho brilha a gottejante prata
Pela ondulosa e glauca ramaria.

Os passaros no canto que arrebatada
Crystallizam a trefega alegria;
A borboleta, que desperta, espia
Assustada com o bufo da cascata.

Dos colibris as nuvens pressurosas
Andam: bailando em derredor das rosas;
Vibra a araponga a rispida fanfarra.

E' um mar de luz a abobada infinita;
E, mal o sol vem despontando, apita
Longamente uma estridula cigarra.

FRANCISCO GASPAR

Manual do monarchista

PRIMEIRA PARTE
A constituição monarchica

IV
CASAMENTO DOS IMPERADORES COM AS
PRINCEZAS EXTRANGEIRAS

Um cargo publico importante fica fora de concorrência, adstrito a uma familia e sequestrado em mãos firmes.

TAINÉ

Mas o casamento dos imperadores com as princezas estrangeiras não altera o sangue nacional daquelles?

— Não. Esse casamento não pôde em cousa alguma alterar o interesse da Familia Imperial, o qual visa sempre a prosperidade do paiz. Isto é tão certo, que em toda a historia da França, por exemplo, não ha um só caso serio de, por influencia das mulheres, terem sido sacrificados os interesses nacionaes em proveito de estrangeiros. Longe de constituir um mal, o casamento dos imperadores nas familias reinantes é uma das preciosas vantagens da Monarchia, pois que permite mais facilmente as alianças e as relações internacionaes.

Não se tem a prova absoluta do caracter nacional dos reis ou imperadores?

— Certamente; a historia, por exemplo, da França nos dá essa prova absoluta.

De que modo?

— Foram os reis que fizeram a França, que a formaram: parcella por parcella, provincia por provincia, já por meio de casamentos, já por tratados e por conquistas.

Que fizeram elles?

— Despertaram o amor e a dedicação do povo, libertando os servos, proclamando a autonomia das communas, estabelecendo uma administração equitativa e fazendo reinar a justiça. Se o rei soubesse! dizia-se. Elles destruíram a omnipotencia dos senhores, que eram um obstaculo á unidade nacional. Em uma palavra: de uma sociedade barbara e escravizada, elles fizeram o povo mais livre e mais culto que já mais existiu.

Contudo, dizem que, durante a idade-média e o antigo regimen, o povo estava mergulhado nas trevas da ignorancia...

— E' uma calumnia, a que falsos historiadores, como Michelet, deram curso, em beneficio da causa republicana. Basta consultar os documentos historicos, para qualquer pessoa se convencer de que na França antiga a instrucção primaria estava quasi tão disseminada como nos nossos dias. Já no seculo XIII não havia uma unica communa rural que não tivesse sua escola. A Revolução as destruiu, mas mesmo assim o povo não ficou privado dos beneficios da instrucção senão durante o periodo que vai da primeira á terceira republica.

Os republicanos affirmam que, realisando reformas, principalmente em relação ao elemento seral, os reis na França e D. Pedro II e a Princesa Imperial Regente no Brasil o fizeram levados por motivo de interesse pessoal. Que diz a isto?

— Usando desta linguagem, os republicanos bem a contragosto reconhecem a vantagem primordial do principio monarchico, que faz da felicidade do povo o interesse pessoal do rei ou imperador. (Continua)

A' IMPERATRIZ

Corda que estala em harpa mal tangida,
Assim te vaes, ó doce companheira
Da fortuna e do exilio, verdadeira
Metade da minha alma entristecida!

De augusto e velho tronco haste partida
E transplantada á terra brasileira,
Lá te fizeste a sombra hospitaleira
Em que todo o infortunio acenou guarida.

Feriu-te a ingratição no seu delirio;
Caliste, e eu fizo a sós neste abandono,
Do teu sepulcro vacillante crio!

Como foste feliz! dorme o teu somno...
Mãe do povo, acabou-se-te o martyrio;
Filha de reis, ganhaste um grande throno!

D. PEDRO DE ALCANTARA

ANTE UM SONETO DO IMPERADOR

Corda que vibra em lyra divinal,
esse soneto nos traduz o pranto,
com que teu casto amor, ora tão santo,
chora o extinto laço conjugal!

Perdeste a companheira, o teu Janai,
que supportou contigo o régio manto,
sem dar-lhe em suas mãos qualquer que-
branto, mas antes novo lustre, e sem egual!

Feriu-vos, a vós ambos, impia sorte!
Ambos partistes... no cruel momento,
em que a razão calou-se ante o mais forte!

Mas haveis de voltar do banimento!...
Não ha direito humano além da morte;
e vós viveis no patrio sentimento!

Avaré, fevereiro de 1906.

JOAQUIM JOSÉ DE CARVALHO



PAULA BRITO

Diz Sacramento Blake, no seu *Dicionario Bibliographico Brasileiro*:

« Francisco de Paula Brito, filho do carpinteiro Antunes Duarte e de D. Maria Joaquina da Conceição Brito, nasceu na cidade do Rio de Janeiro, a 2 de dezembro de 1809, e falleceu a 15 de dezembro de 1861. Typographo, fundou uma officina em 1831, onde procurou aperfeiçoar essa arte no Rio de Janeiro, e o conseguiu com a sua pratica, inexcédível actividade e acurado estudo, ao passo que, dotado de intelligencia, se applicava á leitura de bons livros sobre os diversos ramos de conhecimentos humanos e redigia por sua conta alguns pequenos escriptos. Essa applicação perseverante e o trato continuo de homens illustrados que com suas maneiras delicadas atrahia a uma loja de encadernação que havia em frente da typographia no largo do Rocio, hoje praça Tiradentes, concorreram para fazer o escriptor. Ir á noite palestrar na loja de Paula Brito era uma necessidade para certos medicos, poetas e literatos, e sua morte foi tão sentida, que, além de varios escriptos publicados na imprensa do dia por essa occasião, appareceu um opusculo em 1862 com o titulo « Monumento á memoria de Francisco de Paula Brito », contendo muitos artigos, quer em prosa, quer em verso. Era socio da Sociedade Literaria Brasileira etc. »

Mello Moraes Filho, no seu livro *Factos e memorias*, dedicou tambem algumas paginas ao popular mulato do largo do Rocio, onde existia, « desde 1837, o estabelecimento de Francisco de Paula Brito, intitulado LOJA DE CHÁ DO MELHOR QUE HA. « Além deste — continua aquelle escriptor — tinha o seu proprietario uma typographia no mesmo edificio, com fundos para a rua da Lampadeca.

Com a sequencia dos tempos, a typographia se foi isolando e Paula Brito passou a redactor-chefe de periodicos e editor de obras.

Politico de severos moldes, o illustre mestiço, partilhando das idéas de Evaristo da Veiga, batia-se pela maioridade, dando á estampa, naquella phase tumultuaria, *A mulher do Simplicio ou a fluminense exaltada*, com a breve e suggestiva epigraphic:

Fragil sou por natureza,
Mas com firme opinião;
E' justo que a patria escute
A voz do meu coração.

A sua loja, na mais exuberante floreação, constituiu-se o verdadeiro foco do nascente romantismo nesta capital: Magalhães, Porto Alegre, Gonçalves Dias e Joaquim Manoel de Macedo faziam-na seu predilecto centro, sendo nas mesmas officinas impressos *A Confederação dos Tamoyos*, revista por S. M. o Sr. D. Pedro II: as co-

Do «Album» de D. Pedro II

Pedem-nos que escrevamos neste album algumas palavras que lhe signifiquem: o quanto exultamos com seu restabelecimento e nos congratulamos pela sua volta! Será isto possível?! Tudo o que escrevemos, tudo nos parecerá pallido e indigno de significar o que nos nossos corações de filhos e subditos sentimos por aquelle a quem tudo devemos e a quem tanto amamos!

Foi meu Pae quem me educou, foi elle quem me deu a grande felicidade domestica de que gozo, foi elle, afinal, quem iniciou o grande movimento que proporcionou-me agora o ensejo de assignar a mais bella Lei de nossa Patria. O que dizer então, senão, em nome de Gastão e no meu: Venha, venha já o dia 22 de agosto de 1888, em que teremos, sem poder ainda acreditar, a suprema ventura de abraçar, depois de tanto ter soffrido nossos corações, o Pac, o Amigo, o Imperador por quem já todos tanto choramos e que agora Deus nos restitue são e salvo, para a maior felicidade dos Brasileiros.

IZABEL CONDESSA D'EU
GASTÃO DE ORLEANS

18 de agosto de 1888
Rio de Janeiro

Saúdo ao Monarcha que, por sua alta sabedoria, obteve que seu nome ficasse gravado em todos os grandes comprehendimentos deste vasto paiz, realizados no espaço de quasi meio seculo.

No presente, adhesão e respeito.

No futuro, honra á sua memoria.

Rio de Janeiro, 22 de agosto de 1888.

VISCONDE DE SERRO FRIO

Dominação sempre no magnanimo coração do Imperador o sr. D. Pedro Segundo dous grandes sentimentos:

O da piedade por todas as infelicidades, unida a um zelo infatigavel e assiduo pelos verdadeiros interesses do Brasil;

e o da religião da Patria, manifestado pelo amor que vota a tudo quanto pôde concorrer para augmental-a e tornal-a prospera e feliz!

Rio de Janeiro, 22 de agosto de 1888.

L. A. VIEIRA DA SILVA

Nova éra... Eil-o que chega, o grande Imperador!

E o nobre povo brasileiro o acclama, rodando-o avido e pressuroso!

E cada qual relembra as virtudes que o tornam tão caro á Patria.

Neste momento, avive-se tambem na memoria de todos a feição nova que o seu magnanimo espirito imprimiu ás guerras do Continente Sul-Americano, acolhendo como philosopho e philanthropo os prisioneiros de Uruguayana!

Rio de Janeiro, 22 de agosto de 1888.

AFREDO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY

Nas monarchias modernas não têm os reis mais difficil dever do que prescrutar e attender as direcções da opinião nacional, muito susceptivel de inconstancias e variações.

Pôde-se entretanto affirmar, e a Historia o ratificará, que sob este aspecto D. Pedro II, Imperador do Brasil, tem sido modelo de Sobrano Constitucional, equiparavel á Victoria, da Inglaterra, Leopoldo I, da Belgica, e Victor Manuel, da Italia, com a differença de que estes dispuzeram dos valiosos auxilios que podiam efforcer-lhes povos de adeantadas civilisação e educação politica, o que não teve D. Pedro II no paiz novo sobre o qual lhe coube reinar.

Exemplar no desempenho de sua ardua missão, a D. Pedro II não recusará a Historia a gloria de ter concorrido muito efficaçamente para o engrandecimento de sua patria querida; e dali nascem o respeito, veneração e gratidão que lhe tributam seus concidadãos.

Têm esses sentimentos suas raizes na convicção de que á sua lealdade ás instituições, a seu alto criterio, prudencia, sabedoria e patriotismo deve o povo brasileiro a liberdade e felicidade de que goza.

22 de agosto de 1888.

PEDRO LEÃO VELLOSO

Exulta com razão o povo brasileiro, vendo regressar depois de longa ausencia e de tantas inquietações e sustos o seu querido Imperador.

Graças á Providencia, que conservou, para felicidade do Brasil, o seu primeiro amigo e dedicado defensor.

Rio de Janeiro, 21 de agosto de 1888.

DR. MANOEL VELLOSO PARANHOS PEDERNEIRAS

Que orgulho para um rei, que satisfação para um paiz: assistir á apothose de sua Filha.

Ferreira de Araujo

medias de Martins Penna; os *Tres dias de um noivado* e os romances de Teixeira e Souza; e a *Marmota Fluminense*, em 1852, de que foram apreciados collaboradores José Antonio, Laurindo Rabello, Constantino, Machado de Assis, Teixeira e Souza, Lerack de Sá e tantos outros rapazes de prometteadora vocação.

E nem só do literatos e poetas se acercava o excepcional typographo: a sua livraria e a sua loja eram o *rendez-vous* do talento, das posições e do merito. Notabilidades nacionaes e estrangeiras ali confabulavam, sendo aphorismatica a protecção liberalisada pelo modesto artista ao renome no infortunio, á desgraça nas crises amargas.

A respeito da amizade entre Eusebio de Queiroz e Paula Brito, deuse um facto, que vale ser citado. E' o seguinte: Uma mulher, cujo filho fóra recrutado, sabendo das relações que existiam entre ambos, pediu a este que por ella intercedesse. Paula Brito relutou, porquanto Eusebio, ao ser nomeado ministro, dissera aos seus intimos «que o Eusebio era o Eusebio, mas o ministro era o ministro».

A pobre mãe obteve afinal de seu protector uma petição em verso para o ministro, com a condição, porém, de não revelar o nome do auctor.

Entregue o papel, Eusebio reconheceu o estylo e respondeu á solicitante que só mandaria soltar o recruta, se ella lhe falasse a verdade, isto é, se declarasse quem lhe havia feito tão bonitos versos.

A desventurada peticionaria, empenhada pela palavra, pediu permissoão para ir ter com a pessoa, affirm de desobrigar-se.

Sahindo, Eusebio a seguiu. Chegando á casa do typographo, a afflicta mulher rogou-lhe que a desligasse do compromisso, supplicou desorientada, com a face em pranto, com o peito a transbordar de agonia.

E elle não queria ceder... Eis senão quando apparece Eusebio, dizendo a Paula Brito:

— Teu coração não é maior que o meu, Senhora, vá buscar seu filho.

Em janeiro de 1849, morava Nunes Machado no mesmo quartelão, em o sobrado hoje n. 40, onde funcionou o consulado portuguez.

Na vespera de partir para sua provincia natal revolucionada, ao despedir-se do prestante cidadão, com quem privava, pronunciou ao separar-se:

— Não mais nos veremos, meu Brito.

Assim aconteceu.

Dentre os mais antigos empregados da popular loja, um houve a quem a poesia nacional deve as mais sentidas estrophes de sua delicada lyra: queremos referir-nos ao cantor das *Primaveras*, o poeta querido dos que amam e dos que soffrem — Casimiro de Abreu.

Caixiro alguns mezes do estimavel editor-typographo, a sua prematura morte despertou em Paula Brito o pesar e as saudades que transparecem em um dos seus sonetos, dedicados á memoria do joven lyrista, a quem ulteriormente tributara os precitos da amizade, o incenso improfanado da admiração.

A elite da sociedade do tempo habituara-se ás boas palestras da famosa loja.

Era mais vulgarmente á tarde que a ella concorriam as maiores figuras na politica, na literatura, no jornalismo, nas artes em geral; sendo os mais

assíduos frequentadores Paranhos, Abaeté, Saldanha Marinho, Abrantes, Maciel Monteiro, Firmino Rodrigues Silva etc.

As summidades das varias companhias estrangeiras que aqui aportavam, contractadas ou em excursões artisticas, alli encontravam animação e agasalho, partindo do grupo literario da casa de Paula Brito a nota principal da critica, que as consagrava nos brilhantissimos espectaculos.

Nas esplendidas noites do Lyrico, ao troar de applausos a Stoltz, Charton, Casaloni, La Grua, Candiani, Lagrange, Laborde, Tamberlick, Mirzi e tantos outros, as poesias que tombavam em catadupas do alto dos camarotes vibravam inspirações dos poetas da roda e sahiam dos prelos do Rocio.

Registrando um facto inédito e com relação ao assumpto, asseguramos que sobre o balcão daquella memoravel loja escrevera Maciel Monteiro o celebre soneto

Formosa qual pinceel em teta fina dedicado á cantora Candiani e profusamente espalhado sobre os espectadores em uma noite de delirante entusiasmo.

Conta-se que, nas proximidades da morte, ao recordar passados dias, algum perguntara a Paula Brito:

— Quem te substituirá no largo do Rocio?

E o nosso artista, deixando ponder a frente, desalentado e convicto, respondeu: — *Ninguém!*

O vaticinio se tem realisado. »

A primeira vez que a Princeza Imperial se encontrou com o barão de Cotegipe, depois da lei de 13 de maio, disse-lhe ella:

— Então, sr. barão, viu que a abolição foi feita com flores e festas? Eu bem lhe dizia: ganhei a partida...

— Sim, minha s'nhora, Vossa Alteza ganhou a partida, mas perdeu o throno...

(Das *Notas de um reporter*, de Ernesto Senna).

☆ PAGINAS ESCOLHIDAS ☆



CHIROMANCIA

(LIÇÃO DE AMOR)

— Estas linhas, querida, (dizia Lauro sustendo entre as suas as lindas mãos de Rina) não falam; são mal definidas, indecisas, são linhas em esboço, que só mais tarde hão de revelar alguma cousa.

— E esta? indagou Rina, apontando com o labio inferior para uma linha pequenina cavada em arco entre o indicador e o anular.

— Está... está... para que o queres saber? é a linha do amor profundo, insondável, desse amor que não consente partilha, que quer tudo e nada cede.

— Achas que eu hei de amar assim? — Por algum tempo, querida, porque a linha é pequenina; se fosse maior...

— Se fosse maior?... — Esse amor egoista, perturbador e doido seria eterno... o que é impossível.

A sombra da tristeza empanou o brilho dos olhos de Rina. Seus labios rubros deixaram de sorrir e as suas mãos pequeninas, polpudas e rosas, arderam como se a neve as cobrisse.

— O que hei de fazer, então, para augmentar esta linha?...

— Esperar; talvez o tempo a augmente, talvez a diminua, talvez a faça desaparecer de todo. As linhas da mão são como as estrellas...

Isso não. Eu quero amar assim, com esse amor profundo, perturbador e doido, durante a vida inteira.

— Impossivel, minha doce Rina. Já o velho Antonio Vieira dizia que os antigos symbolisavam o amor num menino alado, porque não ha amor que chegue a ser velho.

— Mas eu quero que o meu amor chegue á velhice.

Festejou seu anniversario *O Passa Quatro*, valente hebdomadario dirigido em Santa Rita do Passa Quatro pelo sr. Carlos de Queiroz.

— Embora tarde, apresentamos nossas saudações ao distincto collega (*O Ypiranga*, de Mogy das Cruzes, pelo seu anniversario.

Aquelle periodico, que é um dos mais interessantes do Estado, está no 12.º anno de publicidade.

— Não pôde ser, Rina, não pôde ser. Se fosse assim, Cupido perderia as azas, não poderia andar nu, começaria a crescer, usaria calças e frack e, um dia, surgiria com a sombra do buço e o monoculo no olho direito.

— Um lindo rapaz?

— Sim, não mais um menino, mas um lindo rapaz.

— Mas, assim é que eu o quero.

— E depois?...

— Depois... havia de conservar assim, sempre joven e sempre bello.

— Louquinha; não vês que elle deixaria de ser um deus, para ser um mortal? Breve, a barba hirsuta cobri-lhe-ia o rosto todo; depois, as cans alvejariam na sua cabeça e as rugas cavariam o seu rosto. Perderia o viço, perderia o encanto.

— Não, não, não. Eu é que havia de ficar velhinha, mas elle ficaria eternamente moço.

— E quem quereria esse moço animando essa velhinha enrugada? O amor de uma velha é repulsivo...

De novo, os olhos de Rina perderam o fulgor. De novo as suas mãos tremmeram. Pensou, pensou longo tempo, e disse melancolicamente:

— Tens razão. O amor de uma velha é repulsivo; deve ser como um sorvete sujo a fundir-se entre as chammas de um ponche... E, como eu sinto que hei de amar com o amor profundo e doido que essa linha indica, prefiro morrer antes que a velhice chegue. Morrer velha é morrer duas vezes. Não, não quero essa humilhação.

— Queres então?

— Amar assim, mas sempre moça, sempre bella...

— Para que?

— Para que assim seja amada tambem.

Rina já se havia apoderado de uma das mãos de Lauro e olhava fixamente para a palma.

— Olha, exclamou ella, cá está a mesma linha que eu tenho, a linha do amor profundo... E a tua é mais longa!... Que pena!...

— Causa-te pezar?

— De certo. Eu quizera que ella fosse exactamente como a minha, para que o teu amor durasse tanto quanto o meu.

— Não queres então que eu te ame muito?

— Tenho receio que o excesso desse amor seja esbanjado com outras...

E Rina, tomando um seixinho, começou com elle a esfregar doidamente a mão de Lauro, para apagar um pouco a linha do amor profundo.

S. Paulo — Fevereiro 1906.

GARCIA REDONDO

(Da Academia Brasileira)

O ensino da Historia

CONFERENCIA QUE NO COLLEGIO DIOCESANO DE S. JOSÉ, DO RIO, EFFECTUOU O DR. CARLOS DE LAET.

(CONTINUAÇÃO)

Basta ponderar, senhores, o que entre nós tem succedido com o Código Civil: — pois quem não sabe que já tem dado ensejo a grossos volumes, onde valorosa e esforçadamente se propugnam as leis do bem dizer no tocante a collocação dos pronomes atonos? Ora, sendo a grammatica uma das disciplinas em que menos entrada têm a imaginação e o sentimento, licito lhe não é arrogar-se proeminencia sobre a mathematica.

Absorvente, disse eu, e disse bem com relação á grammatica. Lembrome que uma vez estava em Barbacena e alli se me offercia um dos mais bellos occasos que imaginar se possam. O céu, rubim por um lado, suavemente pelo outro, se esbatia em tons opalinos... Admiravel! Para aquella esplendido espectáculo eu não me fartava de olhar, abeberando-me de luz e de cores: mas eis senão quando fui do meu extase despertado por um companheiro, que mansamente me tocava no hombro, apontando para a torre de uma igreja...

— Como bem se recorta o perfil do velho monumento sobre o céu luminoso! exclamei então.

— Mas logo o outro:

— Não é isto, retorquiu. Estava a chamar a sua attenção para o letreiro latino do relógio: *Sum, es, fui* com dois dativos!

Eis o que de toda aquella magnifica scena mais impressionava o nosso homem: uma exquisitez de syntaxe! Era um velho professor, empolgado pela grammatica e que nunca mais della se logrou libertar... Não nos espante, pois, o caso do Código Civil e da sua degeneração em debate grammatical.

O estudo das sciencias naturaes abre ao espirito juvenil uma larga janella para a contemplação da natureza; mas se *observar* já é muito, e *experimentar* ainda mais, contudo não chegam para exercitar aquellas faculdades animicas que directamente influem na vontade e que por isto são como que o apparelho mais importante da moral.

Attentae, porém, na *historia*, e facilmente vereis como, e de quantos modos, pôde actuar sobre variadissimas faculdades.

«O estudo da historia, diz um pedagogista (ACHILLE, *Traité theorique et pratique de méthodologie*, Namur, 1878, pag. 261), requer o exercicio do *raciocinio*, para descobrir as relações logicas dos factos entre si; da *memoria*, para reter os factos expostos; da *imaginação* e do *sentimento*, como auxiliares da memoria, para figurar os logares em que se realisaram os successos, os personagens que nelles houveram parte, as feições caracteristicas de uns e de outros; da *consciencia*, que aprecia os factos e seus auctores segundo as prescripções da moral; emfim, da *vontade*, que deve regular a conducta de cada um de accordo com os ensinamentos praticos da historia, e cultivar especialmente o amor da patria.»

Dahi, senhores, a importancia capital do ensino da historia, assás comprovado pelos accordes testemunhos que sobre este ponto deixaram homens verdadeiramente conspicuos

e que bem a fundo cogitaram sobre a educação da mocidade.

«Em materia de educação — sentença o competentissimo Rollin — é principio fundamental, e observado em todos os tempos, que o estudo desta especialidade (a historia) deve preceder as outras e preparar-lhes os caminhos.»

Para o eximio Montesquieu não ha, entre todos os conhecimentos profanos, nenhum mais do que a historia necessario aos homens, seja qual for a sua idade, ou a carreira a que se destinem.

Nem hesitou Bossuet em opinar que — «a religião e a historia são os dous pontos sobre que versam todas as cousas humanas, sendo vergonhoso para qualquer homem ignorar a segunda de taes sciencias (a historia), assim como infausto lhe seria desconhecer a primeira.»

Senhores, acabo de citar-vos Rollin, que foi um grande educador; Montesquieu, pensador originalissimo e poderoso; Bossuet, o principe dos oradores francezes no aureo seculo que se chama de Luiz XIV; e a todos estes poderia eu ainda reunir as concordantes opiniões de Cicero, de Montaigne e de Fénelon: mas não disfarçarei que no opposto campo se acha uma auctoridade que, pelo menos officialmente, grande respeito nos deve merecer. Quero falar do sr. dr. J. J. Seabra, ministro, que está sendo, da Justiça e dos Negocios Interiores em nosso paiz. (Continúa)

FALLECIMENTOS

Deu-se no dia 27 do mez proximo findo, nesta capital, o passamento da exma. sra. D. Anna Izabel Bittencourt de Camargo, filha do finado capitão Manoel Vieira Bittencourt e virtuosa esposa do sr. José Antonio de Camargo, distincto e estimado guardalivros desta praça.

A finada era irmã do nosso prezado companheiro de redacção Manoel Bittencourt Junior e cunhada do director do *Album Imperial*.

Ao nosso inconsolavel amigo sr. José Antonio de Camargo, tão rudemente ferido pelo golpe que lhe roubou a extremecida esposa, apresentamos sinceras condolencias.

— Na avançada idade de 85 annos, falleceu nesta capital, no dia 28 do mez findo, a exma. sra. D. Anna Joaquina do Prado Fonseca, Baroneza de Jundiáhy, filha dos Barões de Jundiáhy e viuva do senador dr. José Manoel da Fonseca.

Era irmã dos finados Conde de Parnahyba e Barão de Japy e dos srs. Francisco Antonio de Queiroz Telles, Salvador Augusto de Queiroz Telles e Luiz de Queiroz Telles, mãe do coronel Antonio Leme da Fonseca e tia do dr. Jorge Tibiriçá, presidente do Estado.

O enterro da veneranda senhora realisou-se no dia 1.º do corrente, em Jundiáhy, sendo o foretro transportado para aquella cidade no trem das 10 horas e dez minutos da manhã.

A' exma. familia enlutada apresentamos nossos pezames.

DISCURSOS

Do sr. Alfredo Escragnolle Taunay, como representante do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, a Suas Altezas Imperiaes:

«Senhora — Perante a augusta presença de Vossa Alteza Imperial Regente enviou-nos o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, afim de patentearmos o intensissimo jubilo que o domina pelo evento da nova era iniciada a 13 de maio deste anno de 1888 com a promulgação da lei que extinguiu no Brasil a escravidão e fez cessar todas as consequencias dessa nefanda organização.

Pelo seu caracter, pela indole de seus trabalhos, pela continua indagação do passado, está o Instituto nas melhores condições para apreciar e exaltar os resultados dessa grandiosa disposição legislativa que Vossa Alteza sancionou com adoravel soffreguidão e que corôou as mais legitimas e generosas aspirações nacionaes.

A Vossa Alteza coube a ineffavel alegria e immorredoura gloria de dar solução definitiva ao temeroso problema, que tanto cntenebreceu a magnanima alma de Vosso illustre pae, Sua Magestade o Senhor D. Pedro II, consertou largos annos o espirito nacional e empeceu o progresso do Brasil, quer na ordem moral, quer na material.

Vencido hoje está o tremendo impediço e como que atrada aos fundos abyssos do esquecimento essa immensa rocha, que obstruia o caminho pelo qual deve a Patria chegar aos mais altos destinos.

Completa, incedivel fôra a nossa exultação, se a não annuviassem os reccios, que pungem o vosso coração de filha, Senhora, e ainda ahi, mais do que nenhuma Associação identifica-se o Instituto Historico com os vossos sobresaltos e a vossa dôr, pois ella vê no cregio Monarcha, presa de pensosa e insistente enfermidade, mais do que um protector, um Pae também, de cuja solicitude e afeição tudo espera e tudo tem alcançado.

Amparar-vos-ão os céus, a Vós, Senhora, e ao Brasil inteiro, salvando a preciosa vida do Imperador e consentindo que elle torne a pisar a terra natal, que tanto extremece e a que dedicou todos os momentos da sua longa e admiravel carreira magistatica.

Ao manifestarmos estes sentimentos que nos tumultuam na mente, vacillante entre o triumpho e a prostração, cumpre-nos dar execução a outra parte do nosso mandato, dirigindo-nos agora ao valoroso Principe vosso consorte, o mais intimo participante das grandes agitações de Vossa existencia.

«Senhor Principe. Como guerreiro, a escravidão encontrou em Vós um dos mais resolutos e denodados batalhadores, e quando nos campos do Paraguay vossa espada deu os ultimos golpes ao edificio da tyrannia, levantado pela insensatez de um despota e a ignorancia de um povo fanatisado, o vosso primeiro cuidado foi varrer daquelle Republica a ominosa e secular instituição, que tambem a maculava.

Impossivel fôra que tão levantada iniciativa não tivesse influencia no acontecimento que ora engrandecemos, e é esta a razão que leva o Instituto a encamar na Vossa personalidade um dos valiosos factores do successo que ha de para sempre chamar as vistas da posteridade e angariar os seus applausos.

Gloria! gloria! pois, a Vós, inclytos Principes, que sabeis e sabereis continuar as tradições do Senhor D. Pedro II e sois do Throno Brasileiro os mais valentes esteios, as mais seguras e firmes garantias.»



A *Cidade de São João*, de S. João da Boa Vista, iniciou seu 16.º anno de existencia, tendo nestes tres lustros prestado reievantes serviços áquelle municipio, e por certo continuará a prestar-os, sob a competente direcção de Silvano Barbosa.



Temos sido distinguidos com a visita de diversos collegas do interior do Estado, que pedem permuta ao *Album Imperial*. A nossa revista, porém, só permuta com os periodicos das localidades onde tiver pelo menos cinco assignantes.



A cura da tuberculose

Hontem era um medico allemão, hoje é um medico brasileiro, sobre os quacs convergem as vistas de todo o mundo.

Problema complexo, qual o da cura da tuberculose, já não é questão sómente social, mas sim, tambem, nacional: cada povo, no louvavel afan de tão nobre descoberta, na faina humanitaria de combater o terrivel flagello, disputa ao mesmo tempo, pelo sentimento de patriotismo, a prioridade da gloria.

Mas, infelizmente, a despeito de ingentes esforços, não se realisou até hoje, de uma maneira positiva, aquelle almejado successo, sendo logo seguida de triste desillusão qualquer esperança que, porventura, este ou aquelle investigador nos tenha trazido.

Após a descoberta dos infinitamente pequenos pelo genio de Pasteur, os mais variados caminhos têm sido seguidos. E desde que o agente causador do mal foi revelado por Roberto Koch, pelo seu bacillo, acudiu naturalmente aos investigadores a pratica dos meios antisepticos, como Lister tinha iniciado no tratamento das feridas.

Applicações diferentes foram ensaiadas: — inalações, injeções hypodermicas e endovenosas, até mesmo em intervenções intra-pulmonares, dos mais energicos agentes antisepticos ou microbicidas. Mas o inimigo de tudo zombava, parecendo mesmo ganhar em virulencia o que lhe faltava em tamanho.

Depois de muita lucta, foi, afinal, por assim dizer, quasi abandonado esse terreno, em seguida substituido pelo da scrumtherapia, que tão brilhante victoria havia alcançado contra o croup, nas mãos de Roux e Behring. Este ultimo, um dos incançaveis luctadores na pelca científica contra aquelle mal, enveredou por essa rota, que cedo teve de deixar, entrando em ensaios de suas bovo-vaccina e toxinothrapia.

No primeiro caso, elle vaccinava vitellos com culturas attenuadas de bacillos, para deste modo conseguir a sua

immunisação; mas, não satisfeito com isso, procurou outro meio para alcançar o mesmo resultado: immunisava de preferência as vaccas que forneciam pelo leite, ao lactante, os materiais de resistencia e de defesa organicas. Este processo immunisante tem sido bem accerto por alguns, que delle se utilizam para o aleitamento das crianças.

No segundo caso, Behring servia-se do proprio meio em que vive o germen, no qual, segundo sua opinião, deviam existir toxinas prejudiciaes, offensivas, assim como toxinas innocuas, defensivas, em relação ao proprio germen, tal como se dá no nosso meio. O bacillo, diz elle, morre, não pela falta dos elementos nutritivos que se vão exgotando, mas, sim, intoxicado por si proprio, pelos seus productos excrementicios, cujos effeitos maleficos elle tão sabiamente procura com uma secrecção especial attenuar. E, racionando dessa forma, procura injectar, no animal doente, o *bom veneno*, effectuando o que empiricamente vemos o povo fazer, quando aconselha, supponhamos, ora urina de vacca, ora outra qualquer excrecção animal.

Do antiseptico, isto é, da destruição chimica do germen, passou-se de maneira ao extremo opposto: a cultura do proprio germen e, ainda mais, — o que é o cumulo! — a aconselhar-se o seu proprio excremento como meio de tratamento da molestia que elle determina!

Feitas as ligeiras considerações acima, vejamos em que consiste o methodo do dr. Azurem Furtado.

Desejando este bacteriologista secundar os trabalhos daquelle eminente mestre, tratou de empregar as toxinas que obtinha da excrecção microbiana, por filtração dos caldos de cultura do bacillo. Elle empregava, em animaes anteriormente innoculados de tuberculose, injeções desses liquidos, que continham os materiaes soluveis, enquanto que Behring lançava mão dos materiaes fixos, que dissolvia triturando a parte em outro vehiculo. O principio continuava, porém, assentado na mesma base: na toxinoterapia.

Abro, aqui, um parenthesis.

O dr. Azurem Furtado, nos seus trabalhos de laboratorio, servia-se de uma cultura de bacillo de Koch, feita em batata e recebida directamente do Instituto Pasteur de Paris, por intermedio do nosso illustrado patrio dr. Vital Brasil.

Essa cultura, que já não era muito recente, havia já cerca de 8 mezes estava guardada aqui no Instituto; era, pois, uma cultura antiga.

O parenthesis que fecho, o fiz apenas para mostrar o que de então se desenrolou no espirito daquelle nosso patrio, para levar-o á convicção de que se apoderou, quanto ao exito de suas experiencias.

Estas, feitas em animaes, pareciam, de facto, confirmar-se de um modo evidente: — cobaias testemunhas, isto é, as innoculadas e isentas de tratamento, morriam, ao passo que as outras, soccorridas, se apresentavam em via de restabelecimento. Se nas primeiras a suppuração se tornava cada vez mais abundante, nas segundas, ao contrario, diminuia de dia para dia, ficando o tuberculo encapsulado em um tecido fibroso, sensivel ao tacto, quando embaixo da pelle, não se caseificando, não se liquefazendo, conforme parecia verificar-se.

Na cultura que fóra recebida do Instituto Pasteur de Paris, os germens, no decurso de tão longos mezes, soffreram uma modificação, perfectamente revelada ao microscopio.

Não seria uma degeneração microbiana a causa dessa alteração, explicada, nesse caso, pela auto-intoxicação determinada pelo meio?

Havia sido este o primeiro ponto de duvida que pairou no espirito do referido medico. E eis senão quando, tempos depois, com surpresa não pequena de sua parte, encontrou no campo do microscopio um novo germen, com propriedades manifestas dos phagocytos, isto é, apprehendendo e absorvendo os menores.

Não será, antes, a degeneração observada, replicou consigo mesmo, uma consequencia desse novo germen?

Mas, como explicar o phenomeno, perguntou a si proprio, se as culturas eram puras (de um só germen), vindas do Instituto Pasteur de Paris, onde os trabalhos são feitos com o maximo escrupulo, não merecendo, por consequente, a mais ligeira suspeita! E cada vez mais se confundia o seu espirito! No intuito, pois, de elucidal-o, tratou de isolar o mysterioso hospede, que de facto existia, apresentando-se nas culturas com uma coloração especial de salmão e ao microscopio com todas as formas de um aspergillus (bolór). Eureka! exclamou, ao contemplar tão interessante phenomeno, que vinha de uma feita explicar todos os pontos duvidosos.

O unico agente curativo, diz o dr. Azurem Furtado, não é outro senão esse aspergillus, que, pela sua bemfeizja phagocytose, envolve, destroe, dizima os bacillos que se vêem por elle sitiados e desarmados na sua devastadora marcha. Abundando nessas considerações todas, observou elle, ao mesmo tempo, a innocuidade do aspergillus no animal e dahi a sua idéa de empregar-o no homem, com fins therapeuticos. Estão as cousas, pois, neste pé, faltando, apenas, a sancção da pratica, que virá ou não confirmar aquella hypothese.

Se as culturas eram puras, como ficou dito, quando aqui chegaram do Instituto Pasteur de Paris, como explicar-se a presença do aspergillus?

Responde o dr. Azurem Furtado que preexistia já no caldo de cultura vindo da Europa, onde as condições de meio não lhe eram tão favoraveis como no nosso clima, sendo, provavelmente, um parasita do bacillo. Pela mesma razão explicar-se naturalmente não terem os aspergillus devorado todos os bacillos durante tanto tempo, desenvolvendo-se depois na nossa batata, no nosso ambiente.

Pensamos que nada ha de certo a esse respeito, podendo perfectamente ser o aspergillus, não um producto de degeneração, mas antes um producto de aperfeicoamento, isto é, uma metamorphose do proprio germen, como sóe acontecer em quasi todos os seres — os maiores absorvendo os menores, os mais fortes dominando os mais fracos. Em vez de um parasita do microbio, não será justamente o opposto, isto é, este vivendo dentro do maior, do mais bem formado, que o protege, que o abriga, em sua vida intima?

A natureza tem mysterios que nem sempre nos é permitido desvendar...

Seja como fór, são nossas mais vivas aspirações que o problema da tuberculose se torne, em breve, uma realisação completa para a humanidade.

S. Paulo, 28—2—906.

DR. CARLOS DE NIEMEYER



O Instituto Historico e a extincção da escravidão

O Instituto Historico e Geographico Brasileiro endereçou as seguintes mensagens á Camara dos Deputados, ao Senado e ao Governo, congratulando-se com aquelles poderes da nação, pela promulgação da lei de 13 de maio:

I

Augustos e Dignissimos Senhores Representantes da Nação Declarando extinta a escravidão neste Imperio, a Lei n. 3353 de 13 de maio de 1888 constituiu, por assim dizer, os brasileiros em nova patria, alterou o curso dos nossos costumes, illustrou a nossa legislação, deu orientação nova á nossa historia; e a Camara dos Srs. Deputados, collaborando com os demais poderes constitucionaes, e, antes destes, com as aspirações do povo brasileiro naquella singelo e ao mesmo tempo immortal monumento, tornou-se merecedora das homenagens que lhe estão rendendo em uma successão de festas sem igual em nosso passado.

O Instituto, pelo patriotismo a que a Lei de 13 de maio deu novo brilho e pela parte que implicitamente lhe assignou como instituição que estuda a historia, congratula-se com esta Augusta Camara, que elevou a Nação Brasileira ao logar onde se mostram os povos mais distinctos na comprehensão do progresso e da liberdade humana. — *Joaquim Norberto de Souza e Silva*, presidente. — *João Franklin da Silveira Tavora*, 1.º secretario. — *Dr. João Severiano da Fonseca*, 2.º secretario. — *Alfredo de Esmergnolle Faunay*, orador. — *Tristão de Alencar Araripé*, thesoureiro.

II

Augustos e Dignissimos Senhores Representantes da Nação. — O Instituto Historico e Geographico Brasileiro, dominado do mesmo sentimento a que ora se entrega, entre amplexos e congratulações, em plena paz, a Nação Brasileira, inteiramente desopprimida da tristeza da escravidão, dirige ao Senado vivas saudações pela parte que tomou na Lei n. 3353 de 13 de maio de 1888, cuja grandeza despertou esta immensa alegria nacional. — *Joaquim Norberto de Souza e Silva*, presidente. — *João Franklin da Silveira Tavora*, 1.º secretario. — *Dr. João Severiano da Fonseca*, 2.º secretario. — *Alfredo de Esmergnolle Faunay*, orador. — *Tristão de Alencar Araripé*, thesoureiro.

III

Illm. e Exm. Sr. — O Instituto Historico e Geographico Brasileiro congratula-se, na pessoa de V. Exa., com o Ministerio de 10 de março deste anno.

Desde o momento em que Sua Alteza a Princesa Imperial Regente, em nome do Imperador, annunciou o decurso da Corôa a proxima extincção da escravidão no Brasil, o Ministerio a que V. Exa. tão dignamente preside, tem sido alvo de honras publicas verdadeiramente triumphaes.

Além do sentimento geral, encontra o Instituto Historico motivo especial para alegrar-se com a homenagem tributada a vultos tão distinctos pelo amor da patria como pela intrepidez: elle vê nos dous pontos extremos do cyclo de 17 annos, dentro do qual se formou e definitivamente amadureceu o fructo da abolição do captivo no Imperio, dous estadistas que com seus nomes illustram os registros do Instituto — o Visconde do Rio Branco, organisador do Ministerio de 7 de março de 1871, e V. Exa., organisador do Ministerio actual, que penetra na immortalidade, por ter collaborado com os demais poderes constitucionaes para a extincção do estado servil, que escurecia o nome brasileiro ainda quando este se mostrava preclaro no patriotismo e na civilisação. — Deus guarde a V. Exa. — Illm. e Exm. Sr. Conselheiro de Estado João Alfredo Correia de Oliveira, presidente do Conselho de Ministros e Ministro dos Negocios da Fazenda. — *Joaquim Norberto de Souza e Silva*, presidente. — *João Franklin da Silveira Tavora*, 1.º secretario. — *Dr. João Severiano da Fonseca*, 2.º secretario. — *Alfredo de Esmergnolle Faunay*, orador. — *Tristão de Alencar Araripé*, thesoureiro.



NOTAS

Dizem noticias de Paris que esteve concorridissima a cerimonia funebre celebrada na *Magdalena*, pelo repouso das victimas do desastre do *Aquidaban*. Innumeros brasileiros residentes naquella capital assistiram ao acto, bem como representantes da colonia portugueza, entre os quaes o ministro sr. Conde de Souza Rosa.

Na capella-mór, ao lado do altarmór, notava-se a presença dos srs. Conde e Condessa d'Eu; fizeram-se representar o presidente da Republica Franceza e o ministro da Marinha.

Foi muito notada a ausencia do nosso ministro na cerimonia funebre: o sr. Gabriel Piza partira na ante-vespera para Roma, onde foi passar o inverno e assistir... ao Carnaval.

*

O nosso distincto collaborador e intrasigente correlligionario sr. Leoncio Gurgel acaba de receber as insignias de socio correspondente da Sociedade de Geographia de Lisboa.

Deu-lhe entrada naquella antiga e respeitavel corporação scientifica o seu trabalho *João Ramalho perante a Historia*.

*

Sabemos que *O Ypiranga*, desta capital, suspendeu definitivamente sua publicação.

*

Chegam-nos de Lisboa os exemplares do *Diario de Noticias* e do *Diario*, daquella capital, correspondentes a 30 de janeiro proximo findo, com referencias muito lisonjeiras ao *Album Imperial*.

Penhoradissimos, agradecemos aos distinctos collegas a gentileza.

PELOS SALÕES

PALACETE ASSUMPÇÃO

Realizou-se no dia 24 do mez findo, nesta capital, o casamento do dr. Alcebades Piza, procurador da Republica neste Estado, com a gentilissima senhorita Valentina de Assumpção, filha do distincto e estimado cavalheiro sr. Domingos Teixeira de Assumpção.

Tanto a cerimonia civil como o acto religioso, foram celebrados no palacete Assumpção, á rua das Palmeiras, que para esse fim abriu naquella noite seus sumptuosos salões para os innumerados convidados, da alta sociedade paulista, que ás 8 horas começaram a chegar, trajando, as exmas. sras. e as senhoritas, luxuosas *toilettes*, que á riqueza alliam o mais fino gosto.

Todo o palacete apresentava, no interior, elegante aspecto, com a ornamentação sóbria, mas de apurado gosto, dos salões faiscantes de luz, decorados de ramos de chrysantemos e de delicadas guirlandas de flores variadas.

As 9^{1/2} horas da noite, deante de numerosa e selecta assistencia, celebrou-se o acto civil, no salão de visitas, firmemente decorado á *art-nouveau*, servindo de juiz o dr. José Marques da Silva Ayrosa, 1.º juiz de paz em exercicio de Santa Cecilia, e de escrivão o sr. Aurelio Vaz. Paranympñaram o acto, por parte do noivo, o sr. Alfredo Penteado e a exma. sra. D. Alteviva Guedes Penteado, e por parte da noiva o dr. Luiz Teixeira de Assumpção e a exma. sra. D. Maria Augusta de Assumpção.

Finda a celebração do acto civil, o sextetto *Mazzi*, do «Progreñior», composto dos srs. Virgírio Mazzi, Augusto Soli, Carlos Pieve, Vicente Tresca, Elyseu Lellis e Nicolau Face, executou a *Marcha nupcial*, de Mendelssohn.

As 10 horas da noite, em altar levantado no mesmo salão, o revmo. monsenhor Benedicto de Souza, virtuoso vigário da parochia, celebrou o acto religioso, servindo de padrinhos, por parte do noivo, o dr. Antonio Carlos de Assumpção e a exma. sra. D. Julietta Souza Queiroz de Assumpção e por parte do noivo, o dr. Antonio de Lara Campos Junior e a exma. sra. d. Felicissima de Assumpção Lara.

Terminada a cerimonia, dirigiu o celebrante aos recém-casados uma eloquente allocução, mostrando-lhes as responsabilidades decorrentes do acto e terminando por fazer votos por sua felicidade.

Pouco depois, tiveram inicio as danças, ao som de peças escolhidas, executadas pelo sextetto *Mazzi*, prolongando-se as mesmas, sempre animadas, até alta madrugada.

O serviço do *buffet* e da *buvette* nada deixou a desejar, delle se encarregando a *Brasserie Paulista*, que confirmou mais uma vez os seus creditos de estabelecimento de primeira ordem.

O serviço volante foi, tambem, irreprehensivel; merece referencia especial a grande mesa de doces armada no salão de jantar, toda ella finamente ornamentada de guirlandas de avenca e rosas brancas.

As 2 horas da madrugada, foi servida delicada ceia aos convidados.

Notámos a presença dos seguintes cavalheiros, sendo que é bem possível que nos tenham escapado alguns nomes, pelo que pedimos nos desculpem qualquer omissão involuntaria.

Coronel Mello Oliveira, vice-presidente do Estado, dr. Gustavo de Godoy, secretario do Interior, dr. Meirelles Reis, chefe de policia, dr. Rubião Junior, Francisco Coutinho, Alfredo Firmo da Silva, José de Lacerda Soares, Padua Salles, Mario Moraes, Luiz Fonseca, dr. Henrique de Souza Queiroz, Joaquim Benifacio de Souza Queiroz, João Rubião, Guilherme Rubião, Cicero Prado, dr. Nestor de Macedo, capitão José Augusto de Souza Fleury, dr. Antonio Carlos de Assumpção, Joaquim Alves, Doniciano de Campos, dr. Luiz Piza, dr. Plinio de Godoy, Antonio Carlos Couto de Magalhães, dr. Laerte de Assumpção, Octaviano Piza, João Penteado, dr. Erasmo de Assumpção, Antonio de Souza Queiroz, Augusto Monteiro de Abreu, dr. Alfonso Taunay, Alberto Penteado, dr. Luiz Dumont, Mucio Pompeu do Amaral, dr. José Amadeu Cesar, dr. Luiz Gonzaga Mendes de Almeida, Aristides Pompeu do Amaral, dr. Cardoso de Mello Netto, Raul de Queiroz Barros, dr. Aristides Salles, Alfredo Vaz Cerquinho, Adolpho Botelho de Abreu Sampaio, Carlos de Souza Queiroz, Luiz Antonio de Souza Queiroz, coronel José Paulino Nogueira, Joaquim Borges da Cunha, Renato do Amaral, Joaquim de Toledo Lara, Oscar Jordão, Anesio Amaral, Delphino Piza, Jorge Orosimbo, Fausto Sampaio, José de Salles Leme, Raulpho Salles Leme, Randolpho Margarido da Silva, Antonio de Toledo Lara, Mario Tibiriça, Olavo Egydio de Souza Aranha Junior, dr. Luiz Camara Lopes, José Egydio de Souza Aranha, Mario Boucault, Raul da Cunha Bueno, dr. Paulo Nogueira, Eurico Verguciro, Antonio Alvaro de Camargo, dr. Ignacio de Mendonça Uchôa, Oscar Jordão, dr. Antonio Carlos Salles Junior, Theotônio de Lara Campos Junior, dr. Pinto Nazario, Antenor de Lara Campos, Martiniano Rodrigues Alves, Rodolpho Lara Campos, Pedro de Moraes Barros e dr. Couto de Magalhães.

Exmas. sras. dos srs. Luiz Antonio de Souza Queiroz, Frederico de

Souza Queiroz, Carlos de Souza Queiroz, Antonio de Souza Queiroz, Anesio Amaral, Theotônio de Lara Campos, Rodolpho Lara Campos, Antenor de Lara Campos, Antonio Carlos de Assumpção, Joaquim de Toledo Piza, José de Salles Leme, Joaquim Alves, Paulo Nogueira, José Paulino Nogueira, Laerte de Assumpção, Cunha Bueno, Ignacio Uchôa e Antonio de Toledo Lara.

Senhoritas:—Leonor de Souza Queiroz, Davina de Toledo Lara, Isa de Souza Queiroz, Gessia de Toledo Piza, Lili de Souza Queiroz, Rejana de Toledo Piza, Ismenia de Souza Queiroz, Elisa Salles Leme, Ida de Souza Queiroz, Nhãnhã Salles Leme, Lucila de Souza Queiroz, Francisquinha Nogueira, Sarah de Souza Queiroz, Marina de Souza Queiroz e Paula de Souza Queiroz Barros.

Finalizando esta noticia, deixamos registrados os nossos votos pela perenne felicidade dos recém-casados, merecedores de todas as venturas.



VIDA SOCIAL

Anniversario

Faz annos no dia 12 a gentil senhorita Lili de Souza Queiroz, filha do sr. Frederico de Souza Queiroz.

Casamento

Realizou-se ante-hentem o casamento do estimado medico dr. Olegario de Moura com a distincta senhorita Maria de Lourdes Ramos, filha do abastado capitalista dr. Cesario Ramos.

Serviram de padrinhos por parte da noiva, tanto no acto civil como no religioso, o dr. Leopoldo Leitão e o dr. Cesario Ramos; do noivo, no acto civil, o dr. Alves de Lima e, no acto religioso, o sr. coronel João Propicio de Araujo Carvalho.

Os noivos seguirão em viagem de nupcias para a Europa.

No proximo numero, o *Album* dará noticia circumstanciada da brilhante festa com que o dr. Cesario Ramos solemnizou o consorcio de sua extremecida filha.

Desejamos ao joven par todas as felicidades de que é digno.

Noivos

O apreciado poeta A. Paulino de Almeida contractou casamento, em Cananéa, com a senhorita Lucilia Alcanorado.

Da Europa

Depois de longa ausencia, regressou da Europa, com sua exma. familia, o estimado negociante desta praça, sr. Manoel Garcia da Silva, um dos socios da *Loja do Japão*.

Amador Bueno Junior

Concluiu brilhantemente os estudos, para se matricular no 1.º anno do curso de Direito, o applicado moço sr. Amador da Cunha Bueno Junior, que conta apenas quatorze annos de idade.

Desejamos-lhe na Academia os mesmos triumphos que alcançou nos preparatorios.

Para a Europa

A 20 do mez proximo findo, seguiu para a Europa, a passeio, o sr. Ruy Nogueira, filho do sr. coronel Paulino Nogueira.

— No *Aragon* embarcou para a Inglaterra o sr. Sylvio Penteado.

— No mesmo vapor seguiram em viagem de recreio para a Europa o dr. João Dente, illustre advogado do nosso fóro, e sua exma. senhora.

— Seguem por todo este mez para a Europa os srs. Vitaliano Rotellini, nosso prezado collega do *Fanfulla*, e Henrique Lopes, director d'*O Oriente*.

Do Descalvado

Regressaram de Belém do Descalvado, onde estiveram em visita á sua exma. familia, os srs. Salvador Noce, 4.º annista de Direito, e Rubens Noce, preparatoriano.

Restabelecimento

Entrou, felizmente, em convalescência o dr. João de Souza Freire, que ha cerca de tres mezos se acha enfermo nesta capital.

Em Santa Cruz das Palmeiras, de cuja Camara é zeloso intendente, prepararam-lhe imponente recepção, como testemunho da muita sympathia que gosa naquella cidade e como prova de satisfação, por verem o digno moço restituído ás funcções do seu cargo.



« Essa illustre senhora (Princesa Izabel) — escreveu o visconde de Taunay, — com os olhos alfofrados de pranto, teve nas horas de maior angustia um rasgo digno da neta de Maria Thereza. Foi quando, ao passar pela ultima sala do Paço Imperial, bateu com energia e pulso de homem na mesa em que firmára a luminosa lei de 13 de maio e exclamou: — *Se tudo quanto acontece provem do decreto que aqui assignei, não me arrependo um só momento. Ainda hoje o assignaria.* »



NO PROXIMO NUMERO
CONDE D'EU

Antonio Ferreira de Castilho

ANNO I

S. PAULO, 20 de março de 1906

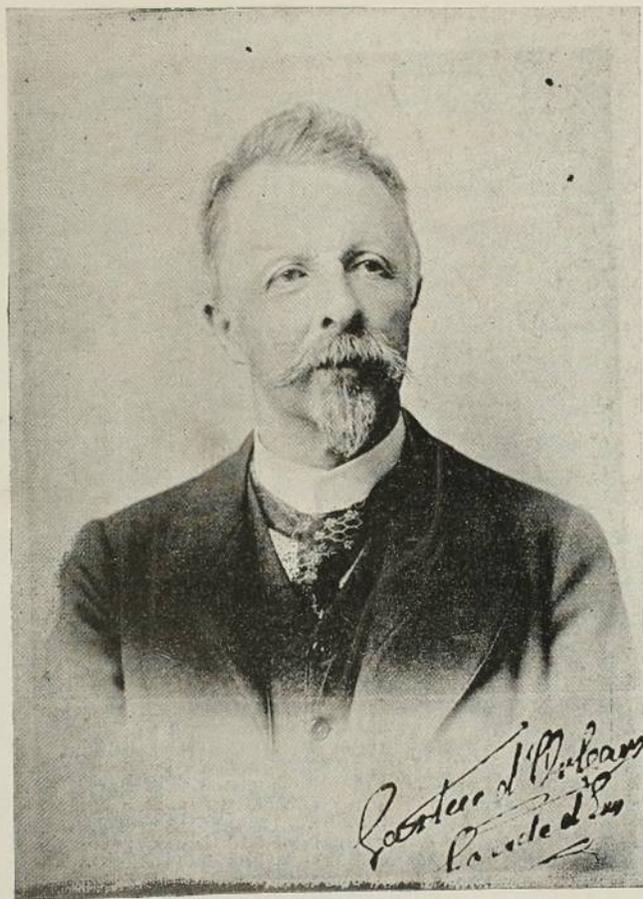
NUM. 6

ALBUM IMPERIAL

QUINZENARIO POLITICO E LITERARIO

Director: Couto de Magalhães

Secretario: M. Bittencourt J.^{or}



CONDE D'EU



CONDE D'EU



UMA das falhas do caracter brasileiro é a fraqueza deante da opinião collectiva. Mesmo contra os seus interesses e as suas convicções, deixa-se o brasileiro ordinariamente arrastar na onda, não se animando a arrastar a reprovação do maior numero, para defender as proprias idéas.

Uma das manifestações mais características desta verdade se observou por occasião de agitar-se o problema do elemento servil.

Os possuidores de escravos entendiam que estes não podiam ser libertos pelo Estado, sem indemnisação. Alicerceavam a sua opinião no dispositivo expresso e terminante da Constituição, que garantia a propriedade em toda a sua plenitude, exceptuada a hypothese unica da desapropriação por utilidade publica, mediante indemnisação prévia.

Entretanto, quando confrontavam a propaganda abolicionista, era raro o que se animava a sustentar a sua opinião e a defender o seu interesse. Ao contrario, nas manifestações, nas conferencias e nas festas abolicionistas, lá estavam elles alardeando em publico um desinteresse, que não tinham, e applaudindo actos que condemnavam em particular e na consciencia.

Reproduziu-se o mesmo phenomeno na propaganda republicana. Os brasileiros eram monarchistas na sua generalidade; raros, os republicanos, sendo que não havia nenhum em algumas provincias e em muitas localidades. Mas como a idéa republicana se apresentava aureolada de um cunho de desinteresse, ostentando nos seus adeptos independencia de caracter, em face do poder e da dynastia reinante, viam-se commumente monarchistas convictos, adeptos fervorosos e servidores do throno, transigindo em publico com os adversarios, por falta de coragem e por um falso acanhamento. Eram filiaes aos partidos constitucionaes, desempenhavam cargos de confiança politica, sobretudo eram partidarios convencidos da forma monarchica; reprovavam e temiam a Republica, lembrando os horrores praticados em França no regimen do Terror e presenciando a corrupção, as desordens e a selvageria das republicas platinas; entretanto, estavam promptos para tolerar, senão favorecer, a propaganda republicana.

Nas festas, nas manifestações, nas conferencias dos republicanos, lá estavam elles, os monarchistas, a animar com a sua presença e, não raro, com applausos os seus adversarios radicacs.

E' que a idéa republicana era affagada pelos oradores academicos, festejada pelos literatos e sympathica a esse elemento ruidoso que em toda parte faz córo com o espirito de opposição. Ora, os academicos, os literatos, os tribunos do povo são favorecidos pela popularidade, ao passo que os homens de governo, os servidores da Nação, os depositarios da auctoridade são sempre impopulares e antipathizados pela massa. Eis alli porque nas manifestações republicanas se encontravam monarchistas; não por desinteresse, nem por sympathisarem com idéas liberaes,

ou por demonstração de coragem civica, mas por fraqueza, para se fazerem populares.

Nesse tempo, não perdiam empregos, nem incorriam na má vontade dos poderosos, os que se manifestavam sympathicos á idéa republicana. Os republicanos aproveitavam habilmente essa tendencia do espirito publico, em favor da sua propaganda.

Comprehendendo que o Imperador, avancado em annos, soffrendo de grave enfermidade, não podia durar muito, assestaram as suas baterias contra o terceiro reinado. Para melhor illudir os credulos, elles não poupavam louvores a D. Pedro II; exaltavam-lhe o caracter e as virtudes, affirmando que, se houvesse certeza de ter o paiz sempre monarchas como elle, não haveria necessidade de proclamar a Republica. Linguagem perfiada, que só visava fazer acreditar em uma falsa sinceridade, logo posta a descoberto com a ingratição cruel praticada com o Imperador.

Ao serviço desse pensamento, desenvolveram contra o Conde d'Eu uma propaganda calumniosa, pela imprensa, pela tribuna e por todos os meios imaginaveis, mesmo os mais ignobeis. Sobretudo insistiam em que os brasileiros não deviam sujeitar-se ao governo de um estrangeiro; balela futil, entretanto achou ingenuos cu imbecis que lhe dóssem credito.

Pela Constituição Imperial, o Principe Consorte não teria nenhuma ingerencia no governo do paiz; não lhe cabia por lei a menor parcella do poder publico. Mas argumentavam que um esposo exerce sempre influencia no espirito da esposa. Esqueciam que a rainha Victoria, ascendendo ao throno, inexperiente, em tenra idade, casada com um principe distinctissimo, desempenhou correctamente o seu papel constitucional, não tendo sido Carlos Alberto accusado de intervenção inconstitucional no governo da Grã-Bretanha. Demais, a argumentar com a possibilidade de abusos, não ha instituição humana que resista á critica. Por esse methodo, não haveria instituição mais condemnada do que a Republica, porque os annaes estão repletos de exemplos de eleição ou acciamação presidencial, recalhindo em individuos os menos proprios, verdadeiros opprobrios e escandalos dos povos, onde têm sido chamados a governar.

Não é menos fragil a consideração, sempre invocada pelos republicanos, da qualidade do estrangeiro no Conde d'Eu.

A historia do Brasil está cheia de nomes de brasileiros nascidos em paizes estrangeiros, que legaram á patria adoptiva os mais preciosos exemplos de patriotismo. Estadistas, militares de terra e de mar, artistas, medicos, advogados, sacerdotes, emfim cidadãos de todas as classes e de todas as profissões têm deixado indicios inceleveis de que o Brasil póde esperar tudo dos que o adoptarem por patria; e seria uma verdadeira infelicidade para um paiz paiz immigrantista, como somos, se a verdade fosse outra.

Nem só os paizes novos, que precisam de imigração, têm depositado confiança nos filhos adoptivos.

Adeantados Estados da Europa têm procurado, em epochas difficeis, estrangeiros para os governarem. A



Suecia foi pedir á França o general Bernardotte, para seu rei; a Belgica, quando se constituiu reino independente, elevou ao throno um estrangeiro; a Hespanha elegeu rei um principe italiano; ainda agora, a Noruega foi pedir um rei á Dinamarca. Como estes, poderiamos citar innumerables exemplos de governo exercitado por extrangeiros, sem que isso trouxesse deslustre ou desvantagem para os respectivos povos.

Já mostrámos que, pela Constituição do Imperio, o Principe Consorte não tem parte no governo; mas, se não fosse assim, ninguém devia inspirar mais confiança do que o Conde d'Eu.

Oriundo de uma raça illustre, dotado de superior educação, provado no officio das armas, reconhecido como um dos mais illustres principes da Europa, foi escolhido pelo Imperador, por sua vez conhecido pelo escrupulo como imperante e como chefe de familia, para seu genro e esposo da herdeira do throno. Além da garantia que offerencia a escolha imperial, temos a garantia não menos sufficiente dos estadistas e diplomatas que concorreram para essa escolha; est distas e diplomatas havidos, pelos contemporaneos e pela posteridade, como dignos da confiança do Imperador e da Nação.

Chegado ao Brasil, o Conde d'Eu não desmereceu da confiança nelle depositada. Como homem particular, foi um correcto modelo de esposo e de pae; profundamente religioso, crente fervoroso da fé catholica. Como cidadão no desempenho do seu papel constitucional, foi correctissimo. Teve diversas comissões confiadas pelo governo, ás quaes deu o mais cabal desempenho. Foi membro do Conselho de Estado e não desmereceu dos altos creditos daquella douta corporação, onde tinha assento a célite do talento e da illustração nacionaes; antes, foi um dos seus ornamentos. Os annaes do Conselho de Estado encerram preciosos trabalhos do Conde d'Eu, sobre varios assumptos em que foi consultado.

Accentuaram-se, porém, o merito excepcional do Principe e a sua dedicação á patria adoptiva, por occasião da guerra do Paraguay. Essa campanha já durava havia mais de quatro annos. Tinham passado pelo commando do exercito varios dos nossos mais notaveis generacs. Durante esse longo periodo de guerra, as tropas haviam adquirido, com as virtudes, os vicios proprios dos acampamentos em regiões longinquoas e em terra extrangeira. Certo espirito de rebeldia contra a auctoridade; exaggerada noção do proprio valor, em frente das necessidades da patria. Dahi, fomentado pelo canção e pela saudade do lar, um ar de exigencia e de descontentamento de tudo. Avultavam no exercito queixas contra a direcção da campanha, sobretudo quanto á clausula do tratado da triplice alliança que havia confiado o commando supremo em territorio paraguay ao general Mitre. Os espiritos estavam cheios de suspeitas. Ajuizavam muitos officiaes e soldados que o commandante em chefe retardava as operações, ou as dirigia desastrosamente, para tirar vantagens pecuniarias para a sua patria, com a demora das forças em territorio argentino. Outros pensavam que era seu intuito desprestigiar e enfraquecer as forças do Imperio. A tal importancia chegaram as desconfianças, que o Visconde de Inhaúma, commandante da esquadra em operações, se recusava a dar acquiescencia aos planos concebidos pelo general em chefe, attribuindo-lhe a traiçoeira intenção de estar promovendo a destruição da armada brasileira. Em cartas dirigidas ao Ministerio da Marinha, sob os n.ºs 267, 281 e 332 de 2 de agosto, 11 de setembro e 29 de outubro de 1867, aquelle illustre

almirante denunciava claramente os seus receios a esse respeito.

O exercito paraguay estava desbaratado e grandemente reduzido; depois da rendição de Angostura, ultimo reducto de Lopes na margem do rio Paraguay, o Dictador se havia refugiado com o restante das suas tropas nas cordilheiras do paiz. O commandante das forças brasileiras, general Marquez de Caxias, havia deixado o exercito e passado o commando ao seu substituto, por enfermo. O general Mitre igualmente se havia retirado anteriormente para o seu paiz.

Tomava a campanha um aspecto especial, pelas condições moraes descriptas e pelas condições materiaes occorrentes. Lopes se abrigava nas mattas; abandonado o ahi seria renunciar ao objectivo da alliança e da guerra; segui-o, difficillimo.

Nestas apertadas conjuncturas, o Imperador recorreu ao patriotismo do Principe Consorte. O Conde d'Eu sem hesitar accitou a escabrosa incumbencia e seguiu para a campanha.

Uma vez lá, não se sabe o que mais admirar, se a capacidade do organisador, de administrador e de disciplinador; se a moralidade privada e a honestidade meticulosa na administração; se a bravura e o tino militar no desenrolar das operações. A confiança renasceu, a hesitação succedeu a firmeza; á inaccção, causada pela ausencia do general em chefe, substituiu a actividade.

Vencidas as difficuldades de organização, o novo commandante iniciou operações decisivas. Começou a perseguição do exercito inimigo; nos encontros que teve com forças paraguayas, destroçou-as, mostrando inexcusable bravura. Refugiado o Dictador em posição julgada inaccessivel, o Principe organisou a memoravel marcha de flanco, que poz termo á campanha e que por si bastaria para immortalisar um general. Distribuiu destacamentos por todas as saídas, por onde Lopes podia tentar a fuga, e marchou com o grosso do exercito para desalojar o inimigo.

Qualquer que fosse a direcção procurada pelo Dictador, o entregaria a um dos destacamentos que o cercavam. O Principe deu comoço á marcha. Lopes, presentindo a derrota no proprio antro onde se havia refugiado, fugiu pela passagem do Aquidaban, no ponto em que o esperava a força sob o commando do coronel Camara, depois general Visconde de Pelotas. Se não tivesse morrido ahi, teria sido infallivelmente capturado. Igual sorte o aguardava em outro qualquer lugar, por onde tivesse tentado a fuga, tão previdentes e acertadas foram as providencias determinadas pelo Conde d'Eu.

Com a morte de Lopes, terminou a campanha. Alcançada a victoria, o Principe retirou-se para Assumpção com as tropas. Foi correctissimo o procedimento dos soldados e perfeita o sua disciplina. Não soffreram os vencidos nenhum desacato, nenhuma violencia. Em cumprimento do tratado de alliança, aos paraguayos foi entregue a organização do novo governo. O general vencedor respeitou e garantiu a mais completa liberdade, de que já gosou povo vencido, para constituir o seu governo.

Terminada assim a sua missão no Rio da Prata, veiu o Principe para a patria e continuou o mesmo procedimento anterior.

Em vez de prevalecer-se da victoria para influir nos destinos nacionaes, como succede sempre, e aconteceu com diversos generacs brasileiros, nomeadamente o Marquez de Herval e o Visconde de Pelotas, que foram ministros, senadores e chefes politicos, pelo prestigio adquirido com a espada em campanha; o Conde d'Eu recolheu-se á vida modesta de sempre e em nada alterou o seu papel constitucional de Principe Consorte.



Continuou a prestar os serviços que cabiam á sua patente no exercito nacional; foi membro assiduo e dos mais trabalhadores do Conselho de Estado; desempenhou as commissões que lhe foram confiadas.

Além destes serviços, por assim dizer exigíveis pelos seus cargos publicos, acudiu sempre com a sua presença, com o seu esforço pessoal e com os recursos do seu bolso a todas as calamidades publicas.

Viajou varias provincias, para as conhecer cabalmente e para levar aos diferentes pontos a animação que sempre produz a presença de um alto personagem. Aos pontos flagellados por epidemias, levou o conforto pessoal aos enfermos, a par dos cuidados e das providencias que podia organisar.

Nem essa missão santa e abnegada de, com risco da propria vida, levar consolo aos pestosos, preservou-o da má vontade republicana. Conhecedores da fraqueza do caracter brasileiro, que fazia temer a impopularidade aos que fizessem justiça ao Principe, o cercassem e repellissem as calumniosas accusações, os republicanos não poupavam nenhum meio de impedir que as populações lhe prestassem homenagem. Entre outras cousas, elles collocaram *reporters* na porta do palacio presidencial de São Paulo, onde estava hospedado o Conde d'Eu, para tomarem nota das pessoas que o fossem visitar. O receio de passar por aulico e palaciano impediu muita gente de cumprir um dever de civilidade.

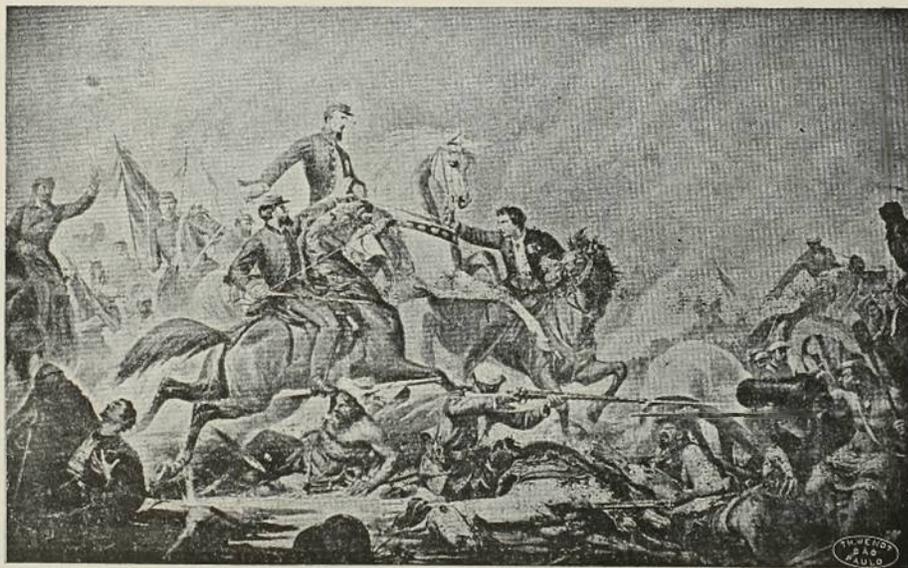
A historia não registra exemplo igual de dignidade

e elevação moral ao que revelou a Familia Imperial do Brasil, depois de desterrada. O Imperador impoz-se ao respeito dos contemporancos e á admiração da posteridade. Como se nunca houvesse occupado um throno, passou o resto da vida embrenhado nos seus estudos e nas multiplas preoccupações que lhe impunha o seu espirito philanthropico e avido de saber. Não esquecia, é certo, o Brasil, mas para amal-o e concorrer para o seu credito, sem uma palavra de despeito ou de recriminação pelos que o exilaram. A Princesa Imperial reparte o seu tempo entre os cuidados do esposo e dos filhos e as obras de caridade. Saudosa do Brasil, de que não se lembra sem emoção, herdou do seu augusto pae aquella benevolencia sobrehumana no julgamento da fraqueza dos homens.

O Conde d'Eu requintou no exilio o escrupulo com que desempenhava o papel constitucional de Principe Consorte. Dispondo de amplo circulo de relações e de recursos pecuniarios, herdados da sua familia, empregou-os todos em engrandecer a côrte da Princesa. Não se occupa de si; inteiramente desprendido de vaidade e de ambição, applica os recursos de que dispõe no preparo do espirito dos seus distinctissimos filhos e no serviço da Princesa.

Na vigencia do regimen imperial, esse despreendimento traduzia a comprehensão do seu papel legal; hoje fórma a mais brilhante aurcola do seu formoso espirito e do seu coração magnanimo.

A. Ferreira de Costilla



BATALHA DE CAMPO GRANDE

Quadro de Pedro Americo



O CONDE D'EU



CONDE d'Eu recebeu a educação aprimorada que se pôde ter nas culminancias da fortuna e no seio de uma familia, cuja moral foi um modelo para a Europa culta.

No meio dos detractores nacionaes, movidos de torpe inveja, não houve quem envolvesse o seu nome uma anedocta de côrte, tão commum para as casas reinantes.

Um principe de Orleans foi sempre um typo de honra e pundonor; accessivel a todos, figura de burguez sem as jaças da rua.

Luiz Felipe, seu avô, foi um rei marido, o pac de familia que conduzia a mulher pelo braço e tinha os filhos nas escolas communs, de envolta com os filhos do povo.

A's suas grandes virtudes civicas e domesticas Victor Hugo, que andou na terra a semear verdades e justiça, teceu um elogio, que vale mais do que uma corôa, e Metternich fel-o á sua prole, educada para as vicissitudes da fortuna na lembrança do fim tragico de seu pae, e do ridiculo, que perseguiu a memoria de seu avô, o Regente, aliás grande principe a tantos respeitos.

Os filhos de Luiz Felipe, dizia aquelle inimigo da França e dos francezes, — são moços, como poucos, e principcs, como nenhuns!

O principe Gaston tinha seis annos e começava os seus estudos, como o filho de um simples burguez, quando o grande Nestor da França, lutando no exterior com os inimigos desta, e no interior com a indisciplina da nação, que errava nos parâmos da politica e do idealismo *ultra*, teve, segunda vez, de tomar o caminho do exilio, ficando a sua patria a braços com a anarchia, que andava nas mentes e affectára a propria vida economica, produzindo a raiva e sem-razão da fome.

Isto não excusou a familia profuga de preparar as suas creanças para todo destino que as aguardasse.

O Conde d'Eu fez estudos militares completos e, ainda mui rapaz, foi alistar-se no exercito hespanhol, tendo de servir, com muito brilho, sob o commando de Odonnell, na campanha de Marrocos, occupando o posto de tenente. Seu avô tinha sido o bravo coronel de Walmy, tinha decidido a jornada gloriosa de Jemmapes, sob as ordens de Dumouriez. Seu pae e seus tios foram dos melhores soldados da França. Serviram na Africa: Nemours, Orleans, Joinville; e a d'Aumale coube a honra de ser o vencedor de Abd El Kader.

O joven Orleans se preparava para vencer tambem a Solano Lopes, que valia outro tanto, e havia de custar ao Brasil com mil vidas, e ao seu thesouro, metade, por ventura, do que está devendo, ainda agora, aos capitalistas da Europa.

Casando, aos 22 annos, com uma princeza brasileira, burgueza tambem pela sua educação e pela sua indole, veiu a ficar no maior sequestro da vida publica, privado, na casa imperial, de toda expansão, tolhido, no paiz, de toda acção; por isto que o Imperador, nos seus escrupulos de influir no governo directo de um povo, que se constituiu nas normas representativas de Benjamin Constant, observava elle mesmo

lão rigoroso mütismo, que chegára aos extremos de não saber usar da palavra para fazer-se ouvir.

Era um monarcha, tambem, que não trazia espóras, para commandar em condições as mais imperiosas.

A' força de tomar por modelo a Leopoldo da Belgica e a Alberto, o principe consorte, o Imperador se eximia de fazer qualquer politica, procurando nas letras e nas sciencias todo o pasto para o seu espirito, outro terreno para a sua potente mentalidade e expansão da sua actividade viril.

O Conde d'Eu fazia, no emtanto, de exclusivo pae de familia, e era nisto exemplar, sem nota e *sans reproche*. Estudava tambem, e aprendia o que era o povo, em meio do qual lhe coube viver. O circulo dos seus amigos era restricto, como o de todos os grandes, que estão privados da auctoridade; e a sua côrte consistia na consorte e nos filhos.

O taralhões do Rio de Janeiro, occupando-se delle, o acoiavam só de aváro, porque não dava partidas; porque não ia á caça; porque não deslumbra o publico com o seu tratamento; porque, nos salões, apresentavam mais brilhantes e mais seda as mulheres dos banqueiros, do que a filha do Imperador, a neta dos Cesares!

Mas o Conde d'Eu era um marechal sem soldo, um principe sem patrimonio, e na casa de Orleans a economia foi sempre uma virtude, como a largueza tinha sido o désar da casa de Bourbon; nunca teve inveja ao finado rei da Baviera, perseguido de credores, nem ao principe de Galles, ameaçado de coerção judicial.

Luiz Felipe dera esse timbre á honra da sua familia. Não faltaram detractores, como Louis Blanc, para acoiar-o de avarento; mas, na sua morte, chegou Paris a espantar-se das suas occultas larguezas para com os pobres, dos milhões, que elle tinha gasto, em segredo, com obras de caridade e melhoramentos da cidade.

Que o diga Victor Hugo, que o aprendam em Thiers e noutros escriptores sérios.

* * *

O Conde d'Eu vive ainda, mas é já um morto para a inveja do Brasil; o seu nome não fulgura mais, para que as conspirações contra a realcaza explorem pretextos na sua conducta.

Treze annos de separação e incommunicabilidade limpam bem a atmosfera, para verem já todo o seu perfil de homem de bem e confessarem que o Brasil llic deve muito, e ao Brasil elle nada deve, senão um quarto de seculo de provações e contumelias, de perigos e de mortificações, até a fome combatendo por elle, nas selvas, o furor indomito de inimigos, que lhe tinham jurado a perda, e de outros piores, que nos espreitam ainda, dizendo-se amigos.

Quando tinha consumido largos annos no seu gabinete, estudando soluções para os problemas terriveis da esphinge nacional, cerrando os ouvidos ás injurias e motejos de uma imprensa em que podem ter palavra e ter assento tantos Apulchros de Castro; vieram atribulados brasileiros, de sã consciencia, pedir-lhe que puzesse a espada á cinta e fosse salvar uma causa que se perdia, após os maiores sacrificios de sangue, de ouro e de puidonores nacionaes.



Lopes, depois de combater quatro annos, deixando-nos somente victorias de Pyrrhus, se tinha escapado, e, senhor das cordilheiras, em contacto com tantos povos, que não eram menos inimigos do Brasil, jurava, no nosso extenuamento, que um dia estaria novamente ás portas de Uruguayana!

E, de facto, era questão de mezes, e quando o fizesse, já poderia trazer, como alliados, amigos nossos de outra ora.

Cumpria surprehendel-o nas suas florestas, por entre penhascos, vadeando correntes caudalosas, morrendo de fome e de frio, a carabina ao hombro, a munição ás costas, andando sem caminhos, desprovido de barracas; ter como guia as estrellas, como companheiros guerreiros doentes, estropeados e famintos, cuja unica nutrição era a esperança de salvar a honra nacional, era o desespero de ver perdido tanto sangue.

Lopes foi uma reprodução de Abd El Kader, Jurgutha fazendo o desespero dos romanos.

Foram memorandos os serviços prestados pelos generaes precedentes, foram rudes os golpes feridos, mas o peor de tudo, é innegavel, ficou para o Conde d'Eu.

Caxias, a espada gloriosa e invicta do Brasil, chegara extenuado ás portas de Assumpção, por sobre montões de cadaveres, enfermo e aturdido de tanta resistencia, mas com a retirada sempre coberta, sua subsistencia bem assegurada, e um numeroso exercito, com brilhante estado maior. Occupara Assumpção precedido de arautos e de passavantes, enquanto o Conde d'Eu encontrava alli somente soldados cansados, fileiras rarefeitas pela morte, e, depois da raiva dos combatentes, uma tristeza e um desanimo geral.

A guerra não estava acabada, apenas estava terminada a segunda campanha. A mais aspera devia iniciar-se. Lopes não estava de todo vencido, mas era senhor ainda de outras capitães; tinha um exercito cansado tambem, mas que se relizia bem das fadigas dos cinco annos; tinha uma esquadra fluvial mui numerosa, muita artilharia de campanha, o bosque cerrado, o recesso das montanhas e, finalmente, o fanatismo do povo. *Eram os poucos, que não se vendem, mas que morrem.*

O despota era impiedoso e máu; pouco lhe doia que a nação inteira fosse trucidada; professava esta maxima, que estava a repetir: *Il faut finir, pour recommencer.*

Uma diversão no sentido de convencer que nada tem sido immune para os partidos do Brasil

Caxias chegou ao Rio, triste, esquivo e susceptibilizado das inectivas dos seus adversarios, que o accusavam de ter abandonado o seu commando e ter declarado finda a guerra.

Além da sua saude não lhe permitir combater mais, o egregio brasileiro o devia fazer, soldado, como era, para toda obediencia.

O senador Pompeu, de grata memoria, referiu-me que sentava-se um dia, junto a Caxias, quando Zacarias, adversario implacavel, repetia, da tribuna, a sua molina — de ser um *desertor* o heróe de Ito-ro-ó!

«Veja, senhor senador, disse o servidor da patria, quanto se soffre calado, por amor de amigos! Sou obrigado a ouvir tudo pacientemente, para não quebrantar as leis do dever. Deixei Assumpção, porque tinha ordem terminante e reservada do sr. Itaborahy para fazel-o, no momento em que alli chegasse. Nenhum amigo vem defender-me e violar o segredo de Estado repugna á minha honra.»

Itaborahy, chefe do gabinete, tinha procedido como um responsavel das finanças do Estado, assombrado com os empenhos do thesouro.

A guerra do Paraguay custou ao Brasil cêrca de 700 mil contos e erigia o militarismo, que devia mais tarde derribar as nossas instituições politicas, creando para o Brasil uma situação anormal; perigo que se devia evitar, segundo a opinião de Jefferson, que preferiu despende milhões, para haver o Mississipi, a concorrer para o prestigio das classes arradas.

Não eram os 700 mil contos que deviam assombrar, era a republica pela espada que viria de após.

O Imperador não lobrigava o futuro.

Na sua firmeza de animo e patriotismo, mandou ir por deante, não faltando, todavia, com a munição ao grande brasileiro, que chamou para junto de si, encheu, de honras e teve sempre na maior estima e merecida confiança.

* * *

O que foi a campanha das Cordilheiras, epilogo dos cinco annos de guerra ruinosa e ferocissima; como, de compasso na mão, o Conde d'Eu ia fazendo a planta do theatro das novas operações, á medida que ia recolhendo informações; como se fixou o dia e a hora para os combates, e tudo se regularizou, sem nenhuma falha; como, emfim, a tactica se inaugurou nessa guerra, que tinha estado á ventura, diga-o o sr. Maltoso Maia, que fez o melhor transumpto dos factos, escrevendo sobre essa campanha memoranda, a primeira que no Brasil foi conduzida segundo as regras da arte militar.

Para o Brasil chegar a tão brilhante resultado, fizera sacrificios enormes; tinha despendido para mais de setecentos mil contos e muito mais de cem mil dos seus filhos pagaram com a vida o seu patriotismo; mas tambem a Historia attestarã em todos os tempos que o Brasil mostrou-se constante e inabalavel no pensamento unanime de desaggravar a honra nacional.

Todo o immenso serviço prestado ao Brasil, para cortar a cabeça á hydrã do Paraguay, fê-lo o Conde d'Eu, a titulo gratuito.

Não lhe deram um real de vencimentos, nem provêram ao seu tratamento, quando outros chefes militares tinham côrte, em campanha, e mesa régia.

Internado nas Cordilheiras, viveu á ventura, como qualquer soldado, comendo, quando encontrava, sem nenhum commodo, a soffrer, resignado, as lastimas de uma guerra, na qual a fome dizimava os soldados e fazia desertar officiaes! Os cavallos dos generaes eram roubados e comidos; o palmito das serras já era procurado debalde.

Um official queixava-se, uma vez, de achar-se transido de fome. O principe o chamou a participar da sua mesa, dizendo-lhe: «veja como eu passo; tenhamos paciencia e coragem, salvemos a nossa honra e do nosso paiz, indo por deante».

Turenne não tinha um corpo mais endurecido, a alma mais embotada para os soffrimentos moraes.

Avançava e batia-se, com impeto e denodo, sem perder o fio aos segredos da tactica, impassivel a toda injustiça dos que o não comprehendiam, nem podiam imitar. A sua coragem mais salientada era, porém, a coragem passiva, mais nobre porventura e mais racional, do que o impeto e a fôrça, que trazem cêgo o combatente.

E não lhe faltava clemencia para os vencidos, nem piedade para a população paraguaya, perseguida da guerra e muito mais das crueldades de um monstro tal como Solano Lopes, que exterminava os seus proprios irmãos, e no seu furor hacchico tinha em reclusão a sua propria mãe, ameaçando-a de morte!



O general em chefe fazia recolher com amor as familias internadas pelo dictador, famintas e nuas; mandava-lhes dar abrigo e provia, quanto possível, a subsistencia dellas, mandando protegê-las e pôr em segurança, onde encontrassem de que alimentar-se... E avançava, avançava sempre, com o seu exercito de mumias e estropiados, conduzindo às costas as munições de guerra, até pôr em cerco, nas montanhas, o javali feroz.

Em Peribeby, a lucta foi terrivel, e pela unica vez o Conde d'Eu teve que fazer concessão á justiça da guerra. Quando tinha posto a villa em cerco irresistivel e exgottado todos os meios suasorios, para que o commandante da praça a entregasse, poupando á guarnição o exterminio inevitavel, pediu o chefe brasileiro que, ao menos, fizesse sahir da praça as innumeras mulheres e crianças, alli detidas e apinhadas de ordem do dictador.

Queria cvitar-lhes os perigos do bombardeio e do assalto.

O commandante paraguayou não quiz fazer-lhe esta concessão, melhor direi não poude fazel-a; que não havia ordem, a cumprir, do dictador, que não fosse com a comminação de morte; e a obediencia de um paraguayou era um habito que já se tinha convertido em natureza.

A perda de vidas foi espantosa, o campo da acção apresentava um quadro lastimoso, e o escandalo e desespero dos soldados brasileiros tinham adquirido toda a ferocidade da embriaguez de sangue á vista do cadaver do general João Manoel Menna Barretto, o Achilles do exercito, morto ao lado do seu Ajax — o general Osorio.

Nestas conjuncturas, dizem, foi apresentado ao Conde d'Eu aquelle commandante por uma malta de soldados, poucos que o defendiam, os demais em completa revolta, exigindo que fosse fuzilado. O general em chefe, afflicto, voltou a cara e disse: Fuzilem!

Foi a unica vez em que lhe fálhou a benevolencia, esta justiça do campo de batalha; mas recalci-trar era impossivel.

Quando, porém, tudo isto estava feito, Lopes tinha desaparecido e as reliquias do exercito brasileiro voltavam á patria; quando o thesouro nacional tomava alento e a nuvem se dissipava dos perigos do Prata, inimigo inconciliavel do Brasil, o grande general só no regaço da familia encontrava amor e reconhecimento.

Não passou por baixo de arcaças de flôres, não teve povo a lhe tirar os cavallos da sége, não ouviu cantar hosannas, nem encontrou Odonnell, para lhe pregar no peito, á frente do seu exercito, outra cruz de honra!

Era estrangeiro!...

Não era isto só; era também um homem despojado de toda a auctoridade, e no Brasil a auctoridade constitue mérito unico.

Os que despem a lóga *prætexta*, se guardem da Tarpéa! Os nossos homens de mais merecimento, uma vez privados dos cargos, voltam á massa comum; valcm como a agua que passou.

Foi um triste exemplo o Imperador! Entrára á barra do Rio de Janeiro em meio de um delirio de publicas alegrias; voltou, para não mais, alta noite, sem companhia e sem um aperto de mão, para finir-se no extrangeiro, sem ter um *Pater* na terra do seu berço, onde semeára tantos beneficios.

E' mais facil impôr ás multidões, do que lhes agradar. Pelo terror ou pela extensão da auctoridade, subjugam-se os espiritos; pelas concessões, porém, sempre se arma á desunião, por isto que, postas em liberdade as vontades varias, as aspirações chegam até ás phantasias mais crueis.

A côrte, na monarchia portugueza, nunca tinha deslumbrado pelo brilho das festas ou pelo refinamento das etiquetas. Alli havia só uma como gradação de feição militar, sem o exercicio das armas, aliás méros brazões, que nem sempre tinham raizes nos seculos.

E no Brasil, o governo se fazia tanto quanto o povo queria na sua indifferença e num genero propriamente republicano.

O principe nem reinava, nem governava; presidia sómente e consultava, raras vezes inspirando.

Nestas condições, a familia imperial vivia quasi em sequestro; as senhoras descahiam para a vida ascetica, os homens cntravam para as bacharelises do tempo e da moda.

A' noite, não se illuminavam os paços principescos, mas havia serões de familia, á porta cerrada, nos quaes se tratava de assumptos innocentes e das cousas ordinarias da vida.

Não havia côrte propriamente, havia o lar. Não se apalpava naquillo uma realeza, senão uma republica civil, salvo a vitaliciedade do chefe, vestindo casaca e apertando a mão aos que o obsequiavam com suas visitas, ou peticionavam.

Estranho a todas as respnsabilidades do governo, o Conde d'Eu accitou o regimen, que se firmára; e recolhia-se também, para estudar, que era a sua paixão, ou para desempenhar a tarefa, que lhe tinha sido confiada, da codificação das leis militares do Imperio. Pôra-lhe outorgado também um commando, o da artilharia do exercito, dignidade só, visto que essa artilharia era quasi nominal e esse commando muito mais um brazão do que um cargo.

O publico do Rio de Janeiro, o seu tanto futil e grandemente ocioso, começou a dividir-se em torno da familia reinante. Os *gamenhos*, com dinheiro mal havido e fugaz, queriam festas e saraus á Luiz XV; os pretendentes a emprego aspiravam uma republica de *restaurant* e de botiquim, com laivos de *caserna*.

Nesta fluctuação dos espiritos, melhormente da espuma da capital, foi posta a duras provas a paciencia da familia imperial.

Uns faziam carga do seu retrahimento, exigindo os bródios reaes; outros atacavam aquella autocracia, que escravizava, não vindo para as calçadas, mas que fechava-se no gabinete. Para o Conde d'Eu, o crime *morte piandum* estava na avareza que lhe emprestavam!... As imputações mais vis sahiam para a imprensa.

Emquanto uns chamavam prodigalidade o desapareço do Imperador ao ouro, que lhe servia o thesouro, para a sua mesa, o Conde era accusado, porque poupava as migalhas que se davam á princeza imperial para o seu tratamcito.

Por esse tempo foi thema, martelado na bigorna do povo, a exploração das pedreiras da Gloria e os *corticos*!

E o principe era um homem pobre, com a mão constantemente no bolso, a soccorrer officiaes invalidos da campanha das Cordilheiras; a princeza consumia em auxilios a centenas de familias o que queriam que ella despendesse em joias e brócados de ouro e em



falcro para convivas chatos, que se apraziam de julgar-se educados para os salões, nascidos para a valsa, *en grand tenu*, dos paços regios.

Assim, como vi, e tenho dito, o Conde d'Eu sempre me pareceu um brasileiro da mais alta distincção, bom homem, bom principe, bom cidadão.

Creio mesmo que teria sido o homem de governo

de que careciamos em 1889, se o Imperador, uma vez invalidado pela moléstia, a que succumbiu, tivesse posto a corôa á cabeça de sua filha e lhe tivesse dado a maior auctoridade sobre ella.

Do Conde d'Eu teria dito cousa diversa o jornal de Londres que negou competencia a Pedro II para continuar o governo do Brasil, por isto que não sabia afevelar umas espóras . . .

J. BRIGIDO



O PRINCIPE CAVALHEIRESCO

(CONDE D'EU)

PARECE que os Destinos quizeram, em seus mysteriosos arcanos, reunir em torno do Solio Imperial as mais surprehendentes e admiraveis figuras :

— D. Pedro II, o Rei Sabio, Magnanimo e Justo ;

D. Thereza Christina, a urna de ouro das mais acrysoladas virtudes christãs ;

D. Izabel, a mciga Redemptora de uma raça ;

O Principe Conde d'Eu, um amigo sincero da Patria que adoptára, consorciando-se com a Serenissima Princeza, Dilecta Filha do extraordinario Monarcha Americano, e que prestou ao Paiz os mais alevantados serviços, tanto nos doces e serenos dias de Paz, como naquelles em que aprouve a Marte desdobrar aos olhos dos Brasileiros os campos ensanguentados da Guerra, em que se debatiam as phalanges aguerridas do nosso patriotico exercito e das nossas destemidas forças navaes.

Quem negará a acção enérgica desso Principe, militar afeito ás agruras bellicas, no drama que se desenrolava no territorio dominado pelo espirito ambicioso de um dictador republicano, sem entranhas e capaz de todos os desvarios !

Foi ahí, nesse theatro ensombrado pelo fumo dos canhões e varçado pelas espadas flammantes de destros cabos de guerra, que o Principe Cavalheiresco, em nome da Patria Brasileira, offereceu, em holocausto, a sua propria vida, demonstrando, assim, o amor que consagrava ao Brasil. E ha, entretanto, quem queira desvanecer o valor, allisonante, de tão valente guerreiro, digno enulo do Duque de Caxias e do Marquez do Herval ! . . .

São esses tres Heróes que formam a Constellação mais bella dos feitos e dos fastos da epopéa para-

guaya, que durante mais de cinco annos disse ao mundo que no Imperio Brasileiro pulsava o coração do—patriotismo nacional—, symbolisado no homogeneo sentir dos Brasileiros e no pensar e no querer do seu mais Egregio e Augusto Representante.

O tempo tem se encarregado de ir derrocando, inutilisando, reduzindo a pó todos os artificios que a calunnia foi levantando em detrimento do Principe esclarecido e heroico, nobre e fidalgo, lhano philosopho, simples e bom, o Snr. Conde d'Eu, que illustrou as paginas da nossa Historia com os rasgos do seu Heroismo e devotamento inexcedivel pela Patria nova que o seu feliz enlace matrimonial lhe outorgára.

Sinto-me feliz em escrever estas ligeiras linhas em homenagem ao Principe Cavalheiresco, quando S. Alteza, longe da Patria, exilado, sem posição official, para dispensar favores a lisonjeiros, pôde bem aquilatar do caracter e dos sentimentos deste corteção do infortunio, que se lembra dos — Benemeritos da Nação —, que a serviram com amor, desinteresse e com todas as dedicações de que só são capazes os corações bem formados, quando elles não têm o Poder, que fascina os fracos, nem as concessões que a Realza pôde dispensar áquelles que se rojam aos pés dos Thronos, para delles mendigar honras e, talvez, até o ouro . . .

Philosopho, que sois, Serenissimo Principe, julgae os homens, porque muitos que Vos rodeiaram são hoje vossos inimigos, ao passo que outros, dos quaes não Vos recordaes, tecem as corôas que a Justiça e a Gratição mandam collocar nessas Régias e Augustas Frontes . . .

Março — 906.

ALFREDO DE PAIVA



Supplemento do "Album Imperial"

ANNO I

CHRONICAS E NOTICIAS

NUMERO 6

Album Imperial



A edição de hoje do **Album Imperial** é de vinte paginas de materia editorial.

— O **Album Imperial** publica-se regularmente nos dias 5 e 20 de cada mez, trazendo no minimo dezescis paginas de texto.

RABISCOS

A imprensa fluminense é unanime em condemnar o plano para a valorisação do café, não porque entenda que o principal producto da nossa lavoura deve continuar a ser vendido pelo miseravel preço actual, mas porque, a ter o governo de proteger o café, manda a justiça que extenda essa protecção tambem á canna de assucar, cuja lavoura no Rio atravessa crise egualmente digna de dó.

Entende ainda aquella imprensa que o plano constante do convenio recentemente assignado em Taubaté pelos presidentes de S. Paulo, Minas e Rio trará como consequencia mais um pesadissimo encargo para os já depauperadissimos cofres do nosso assás arrebitado Thesouro, com a circumstancia de haver pouca probabilidade de vingar o desejo do governo de ver a afamada rubiacea cotada nos mercados exportadores por melhor preço do que o de hoje em dia.

Não se trata, — argumenta a mesma imprensa — de genero de primicia necessidade, e facil é imaginar que, com a alta do preço consequente da valorisação, o consumo do café diminuirá, augmentará em toda parte a sua falsificação e, finalmente, com a inevitavel reacção que contra esse plano partirá das casas importadoras da Europa e dos Estados-Unidos, subirá colossalmente, nos mercados exportadores, o stock do malfadado producto, — stock que augmentará de

anno para anno, exgottando em pouco tempo os recursos pecuniarios de que possa dispor o governo para sustentar o referido plano de valorisação.

Não discuto a opinião da imprensa fluminense; registro-a apenas, aguardando a resolução do Congresso Nacional, que se vai reunir extraordinariamente, para dizer a ultima palavra sobre o assumpto.

Que os representantes da nação se reúnam o mais cedo possivel; que, em vez de discussões estereis sobre politica, se dediquem patrioticamente ao estudo do magno problema; que este seja resolvido da melhor forma possivel para a lavoura; que o café, não obstante os agouros da imprensa fluminense, suba quanto antes do preço, para a salvação dos nossos fazendeiros; que se salve tambem a lavoura de canna; que, finalmente, se inicie para a industria, para a lavoura, para o commercio, para todos nós uma era rosea de prosperidade, — taes são os meus mais ardentes e sinceros votos.

Estou vendo que esse negocio da valorisação do café é a melhor propaganda para o consumo do chá.

Um dos redactores da *Gazeta de Noticias*, do Rio, ouviu uma vidente sobre cousas de proximo futuro. E a vidente annunciou-lhe que na Russia será proclamada a Republica; que a França se engalfinhará com a Alemanha, sahindo esta, afinal, vencida; que no Brasil, no governo Alfonso Penna, haverá luctas fratricidas no Sul, muitas revoltas, muito sangue, muita miseria... um horror, de fazer arrepiar os cabellos dos proprios calvos.

O *Diario Popular*, transcrevendo a entrevista do collega fluminense, aconselha que fiquemos desde já prevenidos contra o que de mau vai succeder proximoamente ao Brasil.

Acautelemo-nos, pois, e que para longe vá o mau olhado da vidente!

Melhor seria que, em vez de tanta cousa triste, nos annunciasse ella, no governo Alfonso Penna, a restauração da Monarchia.

A *Platée* leu um bilhete que o director de um dos nossos grupos esco-

lares dirigiu a um alumno, intimidando-o a concorrer com tres mil réis para a confecção de um estandarte.

O caso não é virgem; e parece que o abuso não se tem limitado á confecção de estandartes: tem ido até ao ponto de exigir que os alumnos contribuíam para compra de bouquets a professores e para mesas de doces em homenagem a professoras que fazem annos.

Claro está que os pobres paes é que no, final de contas, pagam esses estandartes e essas manifestações, — e só Deus sabe com quantos sacrificios muitos dellos o fazem, sob pena de serem os filhos tratados excepcionalmente na escola, como *vadios e incorrigiveis*.

Não é de hoje que a imprensa denuncia abusos semelhantes e até agora, ao que nos conste, nem uma só providencia appareceu no sentido de pôr, aos mesmos, um paradeiro moralizador.

Um pobre chefe de familia vê-se, assim, na contingencia de retirar seus filhos das escolas do governo, porque, a titulo de gratuitas, ellas lho saem mais caras, no fim do anno, do que qualquer collegio particular. Como se já não bastasse a verba para os innumerados livros maus que nos grupos se impingem aos alumnos, em proveito de meia duzia de felizes auctores que conseguem a approvação do governo para suas obras de fancaria; como se já não bastasse, tambem, a verba para os uniformes de batalhões e accessorias espingardas de pau e espadas de chumbo, com que o governo vai preparando futuros candidatos a officias da Guarda Nacional, — tem ainda o pobre pae de pôr de parte, em suas economias, mais essa verba para aquisição de estandartes, bouquets e mesas de doces. E ai delle! se não attender promptamente aos bilhetes do teor daquelle que a *Platée* leu ultimamente: — os filhos, no anno seguinte, não terão logar na escola, reservada apenas para os recommendados do director e para os meninos cujos paes tenham dinheiro para quanta subscripção se inicie nos grupos escolares.

Mil vezes, as modestas escolas re-

gias da Monarchia, onde as crianças pobres recebiam instrucção independente de concorrerem com dinheiro para presentes aos professores e para estandartes de seda, — porque as escolas da Monarchia dispensavam estandartes e edificios luxuosos como os dos grupos escolares inaugurados pela Republica.

* * *

Para terminar:

Ouvi a um sujeito, a proposito de certa portaria do ex-secretario da Justiça:

— Veja como são as cousas: — o Nilo Peçanha, embora eleito vice-presidente da Republica, não podia entrar para a Guarda Civica de S. Paulo.

Nem o Glycerio, — accrescentou outro.

FABRICIO PIERROT



O nosso archivo

Deram entrada no archivo do *Album Imperial*:

O tomo XIX, anno XIX, da *Revista* trimensal do Instituto do Ceará, sob a direcção do illustrado e infatigavel investigador da nosso historia, sr. barão de Studart.

Traz o seguinte summario:

Presidentes do Ceará (continuação), por Paulino Nogueira; *Explicação relativa aos limites do Ceará com o Rio Grande do Norte*, por Matheus Brandão; *Um diagnostico*, por Americo Werneck; *A fortaleza de N. S. d'Assumpção*, por Eduardo M. Peixoto; *Ephemerides*; *Roteiro de Pernambuco ao Maranhão*.

— *Discurso* pronunciado no Instituto Historico Brasileiro, pelo sr. barão de Loreto, por occasião de tomar posse de sua cadeira, naquella antiga e importante associação litteraria e scientifica.

Nesse trabalho, o illustre brasileiro occupa-se longamente de D. Pedro II, protector do Instituto, e nelle se revela mais uma vez o escriptor correcto e orador festejado que ha muito nos habituamos a applaudir.

— Do mesmo auctor recebemos tambem um exemplar do folheto em que reproduziu o seu magnifico estudo sobre *A instrucção a cargo da União e da Municipalidade do Districto Federal*, publicado na *Decada Republicana*.

— O sr. Paulino de Almeida distinguuiu-nos com um exemplar do seu ultimo livro de versos, *Trombas de Ouro*. Vamos lê-lo.

* CHRONICA *

O SIMPLES e naturalissimo caso de ter o sr. Cardoso de Almeida deixado o cargo de secretario da Justiça, em consequencia de rivalidades e desintelligencias que se levantaram entre s. exc. e o secretario da Agricultura, produziu nas rodas politicas e no espirito publico notavel surpresa.

Com effeito, estamos habituados a ver os homens publicos, quando chegam a empolgar o poder, lançarem mão de todos os recursos para se conservarem no governo, embora esses recursos nem sempre estejam de accordo com o brio e com a dignidade.

A historia politica do periodo republicano está cheia destes casos grotescos, que provam que os nossos estadistas não se batem por principios ou por um ideal, mas pura e simplesmente pela posse do governo, que lhes assegura vantagens e proventos de que estão privados os outros mortaes.

Não ha, para os nossos homens publicos, perspectiva mais negra e aterradora do que o ostracismo, e, para evital-o, não raro se sujeitam a affrontas e desconsiderações, comtanto que continuem a gosar do ficticio prestigio e reaes commodidades inherentes aos elevados e rendosos cargos que exercem.

Attribuem-se até a conspicuos e salientes chefes republicanos (ou que se dizem taes) phrases caracteristicas, que bem consubstanciam o horror ao ostracismo, ao afastamento das altas regiões do governo.

Dessas phrases, uma dellas, attribuida a um eminente chefe paulista, é a mais significativa: — *a opposição é uma espiga!* E, de facto, o estadista que preferiu esta phrase, depois de ter militado pouquissimo tempo nos arraiaes da opposição, prevaleceu-se geitosamente da primeira oportunidade que se lhe offereceu e adheriu ansiosamente aos seus antigos adversarios detentores do governo, — e jurou nunca mais largar o pennacho, ainda que para isso seja preciso adherir á propria opposição, se esta conseguir empolgar o governo.

Ainda ha poucos dias, um conhecido politico situacionista que se julgava retirado do governo, em consequencia de notorio e grave attrito com o dr. Jorge Tibiriçá, andou pelo interior do Estado a receber festas, manifestações e homenagens, e a organizar directórios, como se estivesse ainda no ápice do poder e nas melhores relações com o presidente do Estado. E' que o apavorava a idéa de militar na opposição, despido dos *ouropéis do poder*, como diria o sr. conselheiro Antonio Prado.

O sr. Cardoso de Almeida (está claro!) não passou para a opposição; ao contrario, s. exc., deixando a Secretaria da Justiça, declarou cuidadosamente que continuava em completa solidariedade com os seus companheiros politicos.

Entretanto, o povo recusa acreditar que por uma simples desintelligencia com o seu collega da Agricultura, desintelligencia essa que aliás data de longo tempo, o sr. Cardoso deliberasse deixar o caminho glorioso que o ia conduzindo á presidencia do Estado.

Para toda gente, a causa da retirada é outra; desconfia-se que o sr. Cardoso encontrára no presidente do Estado desusada resistencia aos seus projectos e desejos, resistencia que se manifestou claramente quando o sr. Tibiriçá recusou assignar o decreto de reforma da Secretaria da Justiça.

Seja como fôr, na sua passagem pelo governo o sr. Cardoso de Almeida pôde ter deixado vestigios benéficos e serviços que o recommendem, mas um espinho lhe ha de pungir a consciencia: — a injusta e odiosa perseguição que moveu contra o juiz de direito de Botucatu, integro e correcto magistrado, cujo unico crime consistiu em não se deixar dominar pela facção partidaria naquella cidade chefiada pelo sr. Cardoso.

PANTALEÃO BERMUDEZ



Os "cortiços" do sr. Conde d'Eu

Sobre a avareza do Conde d'Eu, o sr. coronel Guaráná, artigo membro da casa militar, referiu-me, em viagem para o Espirito-Santo, o facto seguinte, de onde tiraram o thema dos *cortiços*.

Certo dia, estando elle de serviço no gabinete do Príncipe, um pobre legionario implorou o serviço deste, para resgatar seus moveis, penhorados por aluguel de casas.

O Príncipe mandou dar-lhe a somma pedida e, lastimando as torturas por que passavam esses servidores da patria, cahidos em tanta pobreza, consultou ao sr. Guaráná se seria realisavel uma edificação de tal modo barata, que accommodasse essa gente por preço compativel com as suas rendas.

O sr. Guaráná, incumbindo-se de saber, dirigiu-se a um edificador, que lhe ministrou o plano e orçamento de uma construcção commoda e confortavel, cujo aluguel poderia ser de 20\$000.

O Príncipe mandou que se fizesse a primeira casinha. Mal, porém, esta se acabara, entrando o sr. Guaráná no gabinete de Sua Alteza, perguntou-lhe este se tinha lido um jornal do dia accusando-o de especular com *cortiços* para mulheres perdidas; e deu-lhe ordem de fazer cessar a edificação que tinha de ir por diante sob as vistas desse digno official.

Dos *cortiços*, porém, ainda hoje se fala!

A malzinada avareza não passava de uma virtude de familia. No neto se

condemnavo o que fôra no avô uma das qualidades que o recommendaram aos preitos da Historia.

Mézères, no seu livro de ouro que, em 1852, tirou o premio MONTYON (*Remedio para o pauperismo*), faz assim o elogio desse rei civil, que elle propoz para modelo da sua economia:

Tivemos ha pouco sobre o throno um rei, que era tambem um dos particulares mais ricos da Europa e que consagrava á sua despesa pessoal dez mil francos por anno; quer dizer—somma equal a que um jornalista contemporaneo, um dos seus juizes naturaes, talvez detractor, perdia ao jogo em uma noite. A mão desse príncipe, melhor ainda que a de Alexandre, fechava-se para as despesas privadas e abria-se para as despesas publicas. Enquanto ardentes pamphletarios, então de uma facundia inexgotavel, agorá mudos e cheios de confusão, o perseguiam com calumnias e amotinavam contra elle a multidão credula, elle protegia as artes, embelecia os nossos museus, restaurava os nossos monumentos, com tanto gosto quanta magnificencia, e, em definitiva, diminuia o seu patrimonio de mais de trinta milhões, que o paiz aceita e aproveita.

O Conde d'Eu era relativamente pobre. Posso affirmar-o á mercê de uma informação que me foi ministrada por pessoa da intimidade do sr. Lassance Cunha, mordomo e amigo devotado de Sua Alteza.

A liquidação procedida, após a deposição do Imperador, que elle acompanhou no exilio, consta, mais ou menos, da seguinte nota, que tranquei na minha gaveta:

Immoveis do Conde d'Eu

Uma pedreira, havida por 200 contos.
Uma casa em Petropolis, alugada por 8 contos.

Idem á rua Marquez de Abrantes (antigo Collegio Abilio), alugada por 6 contos.

Idem á rua S. Pedro, alugada por 2:400\$000.

Dívidas

500 contos ao Banco do Brasil
30 » ao Banco Nacional
24 » á Mordomia

554 »

A pedreira foi vendida por 600 contos e, pagos aquellos debitos, foram remetidos para a Europa 46 contos.

S. Alteza ficou percebendo as rendas dos tres predios.

O Conde d'Eu se tinha recolhido, em agosto de 1889, da sua visita ás provincias do Norte.

Devia estar onerado de grande divida, pela *avareza* com que se houvera para com os terceiros.

Tendo acompanhado o illustre viajante pelo interior do Ceará, devo dar o meu testemunho de como se portou, tratando com a população, e das qualidades que revelou esse membro da alta aristocracia europea, consorte da Princeza Imperial, neto de reis e de imperadores, num alinhamento de seculos entroncando em Hugo Capeto; tão chão, tão accessivel e benevolente, que não daria na craveira dos muitos *parvenus* da nossa sociedade, crevergando uma farda amarrotada de ministro ou de presidente de provincia.

J. BRIGIDO

Manual do monarchista

PRIMEIRA PARTE

A constituição monarchica

V

O IMPERADOR DOIDO OU ESTUPIDO

A Monarchia, ligando os interesses de uma nação aos de uma familia rica e poderosa, constitue o systema da maior estabilidade nacional. Mesmo a mediocridade do soberano não tem, nesse systema, senão pequenos inconvenientes.

RENAN

Não dizem os republicanos que a hereditarietade pode transmittir a coroa a um doido?

— Sim, e affirmam que basta isso para condemnar a Monarchia hereditaria. Se, entretanto, elles reflectissem um pouco, veriam que em tal caso todas as Monarchias do mundo têm recorrido ao systema das regencias. E' respeitada a ordem da successão, mas o poder é exercido pelo herdeiro mais proximo do imperador.

E quando o soberano for uma individualidade mediocre?

— A funcção imperial não reclama conhecimentos universaes e pôde ser perfeitamente exercida independente de genio; exige apenas as aptidões que lhe são peculiares. O imperador é elevado ao throno, para desempenhar uma missão; quando moço, é iniciado em todos os segredos, em todas as minudencias da missão de que será mais tarde investido; todas as questões de Estado lhe são familiares. Assim como o filho de um fazendeiro que desde a infancia se dedica aos trabalhos da lavoura está mais habilitado a administrar uma fazenda do que um grande advogado ou um sabio illustre, tambem um imperador, embora de curta intelligencia, estará sempre mais em condições de exercer a funcção imperial do que um escriptor, um orador ou um industrial que o acaso de uma eleição colloca subitamente no governo supremo de um paiz.

Mas não poderá o imperador deixar-se guiar por aduladores e cortezaes?

— Sejam quaes forem as pessoas que o rodearem, um imperador, ainda quando tenha fraquezas, conserva sempre, como todo homem, o sentimento dos seus proprios interesses, e como não pôde, por si só, geril-os convenientemente, procura rodear-se de especialistas, isto é, de ministros e demais pessoas competentes, que lhe facilitem o exercicio de suas funcções. A historia de todas as Monarchias do mundo nos mostra que os reis fracos ou que, pelo menos, passaram por tal confiamra a direcção dos negocios do Estado a grandes ministros: Luiz XIII, entre outros, teve Richelieu.

Os imperadores, fracos ou fortes, têm interesse em procurar a collaboração dos grandes homens, a bem da dynastia e da nação.

Quanto a dizer que são ingratos para com as superioridades, elles o são, todavia, menos que os povos e os partidos.

(Continua)



POETAS BRASILEIROS



Por estas noites frias e brumosas
É que melhor se pôde amar, querida!
Nem uma estrella pallida, perdida
Entre a nevoa, abre as palpebras medrosas . . .

Mas um perfume calido de rosas
Corre á face da terra adormecida . . .
E a nevoa cresce, e, em grupos rúpartida,
Enche os ares de sombras vaporosas.

Sombras errantes, corpos nus, ardentes
Carnes lascivas . . . um rumor vibrante
De attritos longos e de beijos quentes . . .

E os céus se extendem, palpitando, cheios
Da tepida brancura fulgurante
De um turbilhão de braços e de seios.

OLAVO BILAC



Triumpho supremo

Quem anda pelas lagrimas perdido,
sommambulo dos tragicos flagellos,
é quem deixou para sempre esquecido
o mundo e os futeis ouropéis mais bellos!

É quem ficou do mundo redimido,
expurgado dos vicios mais singelos,
e disse a tudo o adeus indefinido
e desprendeuse dos carnaes anhelos!

É quem entrou por todas as batalhas,
as mãos e os pés e o flanco ensanguentando,
amortalhado em todas as mortalhas.

Quem florestas e mares foi rasgando
e entre raios, pedradas e metralhas
ficou gemendo, mas ficou sonhando!

CRUZ E SOUZA



Queixumes . . .

Musa, que me levaste ao Paraiso!
Ha quasi um anno, longo e amargurado,
Que vejo esse teu labio assim fechado,
Sem esboçar ao menos um sorriso!

Que te fiz eu? Por que razão diviso,
No teu olhar tãc negro e aveiludado,
Essa tristeza de luar maguado,
Esse brilho fugaz, quasi indeciso?

Onde a alegria gárulla e expansiva
Dessc teu coração? Onde a expressiva
Voz dessa tua bocca perfumosa?

E o gosto nobre dessas mãos franzinas,
Com que tu me chamavas, carinhosa,
Sacudindo de longe as luvas finas?!

FREITAS GUIMARÃES



GLORINHA

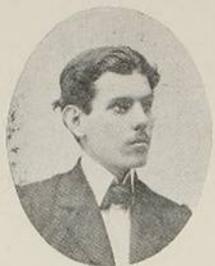
Foram-se os dias succedendo ao dia
Em que te foste desta vida incerta:
E cada vez minha alma mais deserta,
E mais longe de mim a aurea Alegria!

Entre nuvens te vejo . . . Ave, Maria!
Sonho? Azas aos hombros . . . Bella e esperta!
Mas quando desse sonho a alma desperta,
Ai! que saudade! que melancolia!

Porque dias sem conta se volvendo
(E fingindo entre os homens venturoso),
Mais cresce a dôr deste supplicio horrendo?

Filha! filha querida, por quem gemo!
Voaste, como um anjo luminoso,
E ao rastro do teu vôo, a vida algemoi!

LEONCIO CORREIA



YERSOS

Dizes que como um louco ou como um cego
Vou tropeçando pela vida adiante;
E sem saber de mim a todo o instante
Aos amores mais perdidos me entrego.

Que tens razão, por certo eu não te nego,
Nem procuro esconder-te o meu semblante
De signaes de tristeza abundante,
Cheio de uma afflicção que não socêgo.

Embora tu dessa maneira falses,
Sabes quem me tornou a sorte agreste,
Conheces o motivo dos meus males.

Por tua causa vivo deste geito:
Para esquecer a magua que me deste,
Busco encher de outras maguas o meu peito!

EMILIO KEMP



ONDAS

Calmo, á brisa que o afaga, o mar azul embaia
o fluctigeno berço; ao léo da estirra mansa,
vem á praia uma onda, e, beijando-a, resvala,
e volta ao scio d'agua, e desfaz-se, em bonança.

Succede á brisa o vento e embrusca o céu de opala;
turvo, se agita o mar; altera-se a onda, avança
e estruge contra a praia; em furia, a açoita, estala,
e ao scio bramidor se recua e se lança.

Alma anciosa, és igual a esse mar: ora presa
de illusões de amor, a paz e os teus antolhos
expandes, num sorriso; ora atada á tristeza,

sob a dôr que exaspera, estuando, entre escolhos,
da tormenta moral rebentas a represa,
e as ondas sobrevêm nas lagrimas dos olhos.

IBRANTINA CARDONA



CEDRO ANTIGO

No lanceolado pico da montanha
onde a neblina o labaro desfralda,
pompeia um cedro de figura estranha,
de frondes sobre um tirono de esmeralda.

Com os longos braços rígidos apanha
e em flôcos lança a prónuba grinalda
das lacteas nuvens que a alvorada banha
de opala, e o sol, com ascuas de ouro, escalda.

É o pouso da aguia. Zomba da procella
e do alfange do raio flammejante
que o coração dos fracos enregela.

Quêda-se firme como um rei dos montes . . .
Perto, embalando o impavido gigante,
rola o cordão das lagrimas das fortes.

ARTHUR GOULART



O Bom Doutor

O bom deutor, o medico excellento,
Diz, ao tomar-lhe o pulso: «Optimamente:
Vai tudo em mar de rosas.»

A mãe sorri e acerca-se do leito,
Ella sorri tambem, cruzando ao peito
As duas mãos formosas.

O velho sabio inclina a austera calva,
Espelho da sciencia: «Ella está salva»
Repete junto á porta.

Mas derepente, a mãe, correndo á cama,
Grita, recua, empallidece, chama . . .
A filha estava morta.

LUIZ GUIMARÃES

★ ☆ ★ **PAGINAS ESCOLHIDAS** ★ ☆ ★

LOURDES(Do livro *Minha filha*)

SEM importancia, em si mesma, a cidade, cuja vida e industria se resumem na devoção.

Larga rua em ladeira, povoada de hotéis, estende-se poeirenta da estação á gruta.

Transpõe-se o rio e entra-se numa especie de vasta praça ajardinada. Estatuas de santos, cruzes solitarias assignalam o caminho. Rochedos no fundo. Sobre elles, sumptuosa basilica, tendo aos pés, na base da escarpa, outra egreja.

No flanco das rochas, sob a basilica, larga abertura concava, fechada por uma grade. É a gruta. Ahí, como que suspensa dentro de um nicho, cavado na pedra, assoma a imagem da Virgem, trajada de alvo e cinctada de azul. A entrada, bordões e muletas de doentes curados formam o arco triumphal.

Dezenas de cirios ardem aos pés da santa constantemente, fíncados num extenso velador, accesos a cada instante pelos fieis.

Fóra, ao ar livre, bancos parallelos para peregrinos. Lages marmoreas, com inscrições, marcam no sólo os logares onde pousaram os joelhos de Bernadette, embevecida na celeste visão. A esquerda, sussurra a agua miraculosa e ha as piscinas para os enfermos.

Riquissima, a basilica, á qual se sóbe por magnificas escadas lateraes. Foi consagrada em 1876 na presenca de 36 arcebispos e bispos e do nuncio do Papa, que ahí celebraram com extraordinario esplendor a cerimonia da coroação de Maria.

No interior, desaparecem as paredes debaixo das offerendas votivas e das promessas: corações, cabeças, pernas, braços, de cera, de metal, — de ouro alguns — medzhas, placas com epigraphes, bandeiras de todos os países.

Notam-se mais na cidade vastas hospedarias para os peregrinos, varios conventos e asylos.

Em todos os cantos, lojas de imagens, rosarios e objectos pios.

Bando de crianças morenas, falando um mixto de hespanhol e francez, vagueiam pelas ruas, offerecendo, com insistencia importuna, velas bentas aos transeuntes, assaltados tambem, a cada passo, por legiões cosmopolitas de mendigos.

Junto á gruta encontram-se a qualquer hora grupo de sacerdotes, mulheres, pessoas de todas as edades e condições, orando, meditando, em pé, de joelhos, prostrados não raro no chão. Cada recebendo ajunta um cirio novo ao feixe dos que já crepitam.

A decoraçao, artisticamente singeila, do nicho encimado de um nimbo, onde se lê em letras rutilantes — *Eu sou a Immaculada Conceição*; o ambiente tépido e fino, impregnado

de lethargicos aromas; o morno silencio, quebrado apenas do zumbido das rezas; o borborinho da proxima corrente; o radioso céu dos Pyreneus; o aspecto do incomparavel zelo cultural; o vago sentimento da presenca occulta de algo superior e divino; a intuição talvez do enigma infinito; embebem, realmente, allí, a alma, regelada que esteja, de tendencias mysticas, imprimindo-lhe beatificas elações.

Verga-se o mais arrogante espirito ao peso dos mysterios supremos. Como que a consciencia se debruça, transida de frio e medo, sobre os abysmos do Além.

E reconforta-se o que lucha; reanima-se o que espera; choram resignados os despidos de alento para combater e esperar.

E eu tambem accendi o meu cirio, humilhei-me constricto e alevantei a minha alma, numa supplica ardentissima:

Virgem de Lourdes, lê em meu pensamento, pois são-me inaptas as palavras para exprimir o que eu imploro e indignas de subirem a ti. Cura minha filha, Virgem de Lourdes. És indulgente, és milagrosa, és mãe: avaliaes bem o meu desgosto Virgem de Lourdes, cura minha filha.

Vim de tão longe para rogar-te, que seria crueldade não me attenderes. Angustiou-te igualmente a sorte de um filho; mas esse filho era um homem, e esse homem, um Deus.

Minha filha é pequenina e fraca. Tem pena della, Virgem de Lourdes. Acolhe-a, protege-a, restabelece-a.

Cura minha filha, e serci de hoje em diante o mais fervoroso dos teus adoradores, o mais fanatico propagador da tua fé.

Se aquillo significa alguma expiação necessaria, recáia, sobre mim só, a severidade do destino. Sacrifica-me, immola-me, mas cura minha filha, Virgem de Lourdes. Olha o fervor com que te invoco, ó minha unica esperanza, asylo derradeiro de meu coração ferido.

Doçura, vida, mãe de misericordia, clemencia, piedosa, advogada nossa, rainha, como te chamam e eu mais te chamaria se o soubesse e pudesse. Virgem de Lourdes, cura minha filha.

Foi iniquo e feroz o que fizeram com ella. Repara como é bonita e meiga e mimosa, e dourado o seu cabello, e alva a sua face, e angelico o seu olhar. Não te recorda Jesus em Belém? Se os esbirros de Herodes te arrancassem o teu celeste menino e o mutilassem, que não praticarias tu, Mãe divina, quanto não padecerias!

Pois eu soffro como soffrerias se tal desgraça te succedesse, Virgem de Lourdes. Meu ser inteiro se roja ás tuas plantas; compadece-te de mim; intercede a meu favor, e teu filho nada te recusará. Determina, repito, (e quanto sinceramente o estás vendo) que, ao erguer-me, seja eu o paralytico agradecido e ella possa correr e brincar como os outros innocentes, seus eguaes.

Antes m'a houvesses roubado, para dar-lhe um logar entre os teus anjos, do que rebaixal-a assim, de tão perfeita que nasceu, a um ente subalter-

no e defeituoso, a quem não poupará motejos a maldade! Conceição Immaculada, senhora nossa, refugio dos afflictos, — piedade e perdão. Recbe as minhas lagrimas; pondéra o mundo de agonias que vai nellas; decifra-me os anhelos obscuros; acalma-me as revoltas improficuas; illumina-me; consola-me; mata-me, se te apraz, e expirarci sorrindo e bemdizendo de ti, mas cura minha filha, Virgem de Lourdes, cura minha filha!

AFFONSO CELSO

O primeiro dente

ANDÁ pela casa uma alegria extraordinaria.

Algun notavel e extranho successo pôe em todos e em tudo esses tons, vivamente coloridos, de jubilo e de festa...

Que foi?

— Tim-tim já tem um dente! já tem um dente! já tem um dente!

Ha pouco, quando traquinava no collo materno, destroçando o vândalo divino! — uma larga folha de jornal, abriu a bôcca em um sorriso, e a joven mãe descobriu então, na gengiva do maxillar inferior, uma pontinha de diamante, rompendo, como um sol, as rosas da carne e enchendo de luz o céu... da bôcca.

Um dente! Deliciosa surpresa!

— Mariquinhas! Paula! Babú! O que foi! venham cá! venham depressa ver uma cousa!

A esses gritos, correram as primas, precipitouse a tia, voaram as irmãs; arrufadas as saias, cabellos no ar, ligéras, garrulas, alegres, como um enxame de pombos descendo ao comedouro.

— Que foi?

— Que é, Dadá?

— Que foi? que foi?

Dadá está sentada em um banquinho ao rez do chão; tem, de pé, sobre os joelhos o filhinho.

Envolve-o amorosamente na luz humida e carinhosa de seus grandes olhos castanhos; as tranças desfazem-se, cahidas pelos hombros, emoldurando, com o seu ébano luzidio, a um pequeno rosto moreno, bello, mas de uma belleza terrona, feita de serenidade, de angelitude, de amor, de muito amor.

Sua larga bôcca, energicamente talhada em nacar, arquetia-se em um adoravel sorriso de pleno encantamento.

Ara-lhe o collo, meio adivinhado atravez do santo desalinho da maternidade...

Tim-tim bate-lhe no rosto com as mãosinhas papudas e roseas, vestido apenas de uma camisita de cambraia. Mal se aguenta nas perninhas curtas, muito gordas, cavadas em roscas nas coxas e nos joelhos...

Sorri-se candidamente, inconscientemente, para todos aquelles rostos amigos, extasiados deante delle em uma idolatria sagrada.

E o seu dentinho lá está.

Mal se percebe subindo entre o cir-

culo côr de rosa, que vai alargando na gengiva...

Mal se percebe e, no entretanto, que festas! que jubilo! que estupefacções! Todos o querem ver, todos o querem palpar...

— Cá está elle; picou-me o dedo! Que engraçadinho!

Mas, de subito, veiu uma idéa triste eclipsar por um momento a festa:

— Agora elle vai ficar doentinho! murmura a mãe...

Mas a sombra fugiu côlcere, á entrada radiante de um velhinho todo encanecido, muito risonho, muito asseado.

E' o avô.

Toma ao collo o netinho, que lhe empolga travessamente um punhado dos cabellos.

Apalpa-lhe com dedo tremulo a gengiva e exclama alegremente, casquinando uma velha risada infantil:

— Eh! Eh! Já tem um dente, o maroto! E' como o vovô, que tambem só tem um!

VALENTIM MAGALHÃES

Typos infantís

DULCE



CREAN-

CAS de alma leve

como o

adejo das

borboletas

e puras como a

lucilação das

estrellas

em noites

deluar, sois

o amparo

dos nossos espiritos feridos pelos fulminantes desalentos da vida!

Immaculadas mãosinhas infantís, pequeninos labios, cheios do aroma das rosas, facesinhas enrubecidas, conservaes esvoaçantes as illusões no claro céu dos sonhos do futuro! Suaves vozinhas, alegres e pipilantes, musicas divinaes dos dias felizes e das horas de ventura!

Quem não pensará tudo isto ao contemplar Dulce, loiro mimo de oito annos? Doideja o dia inteiro pela casita materna, como se tivesse as azas de um passarinho. Põe em redor de si a nota jovial da alacridade festiva, a todos communica esse contentamento que na fronte lhe scintilla.

Vê-se quasi sempre junto dum lago azul que os cynos maculam de branco. Poetico sitio aquelle onde ella se demora, admirando puerilmente os habitantes das tranquillias aguas! Plantas aquaticas boiam de manso. São o alvo habitual das pedrinhas que Dulce atrai para afugentar os peixinhos encarnados, cujos dorsos rubros ensanguentam de vez em quando a superficie da agua.

Tantas travessuras merecem ralhos.

A maman a reprehende, mas Dulce não se agasta; pelo contrario, tem sempre na bôcca um sorriso leve como o adejo das borboletas, e infindas doçuras naquelles seus olhos puros como a lucilação das estrellas em noites de luar.

MARINA

Ella era filha de humildes pescadores.

Fôra creada perto do oceano, talvez delle herdasse a altiva coragem que nos olhos negros lhe luzia.

O oceano! O velho amigo da infancia, o confidente das tristezas e alegrias que ensombrevam ou illuminavam as suas onze primaveras, sempre bello, sempre immenso, cingido pela azulea face do horizonte, beijado pelo sol nos rutilos occasos.

Como ella o sondava com o olhar, quer o visse sulcado pelas quilhas dos barcos, quer nelle surgissem tempestades!

Até no nomesinho seu — Marina — parecia haver qualquer cousa das ondas, de que gostava tanto.

A primeira vez que a vi foi por uma tarde estival.

O sol tingia de ouro as nuvens nas ultimas explosões de igneos raios. Não tardava a crepuscular. Cahiria em breve a nocturna sombra.

Dentro em pouco nasceria a lua no meio do scintillante sequito das lours estrellinhas.

As tardas embarcações, de velas pândas, enfunadas pelo vento rude, voltavam para terra.

A distancia, ouviam-se cantigas de marinheiros, monotonas, vibrantes.

Ao longe, desliziava serenamente um bando de gaiotas que iam para o alto mar.

Marina, sentada por entre as fragas, estava pensativa; trazia soltos os cabellos; olhava distraida para a esputarada das vagas franjando do prata a areia da praia; volvia depois os olhos para as marinhas aves que se desenhavam no longinquo plano.

Senti funda mágoa invadir-me a alma.

Tomado de inexplicavel tristeza, encovado até ás lagrimas pelo vespertino tristor, quasi expandi em soluços tão saudosa ancia.

Não me saciava de contemplar o extranho quadro.

Nunca, em verdade, vi entardecer como aquelle, no qual figurava Marina, a indomita filha do oceano, na melancolia do poema cantante e luminoso da onda e do céu, sentada nas fragas onde se partia a esmeralda das vagas, fitando, com olhos nostalgicos, o fugitivo bando das gaiotas d'alto mar!

ESCRACNOLLE DORIA

Do "Album" de D. Pedro II

NA QUINTA DA BOA-VISTA

(Impressão pessoal)

Fui, certa vez, á Quinta da Boa-Vista, agradecer a Sua Magestade o Imperador a gentileza com que se dignou assistir a uma sessão litteraria.

Deveres de outra ordem retiveram-me até mais tarde do que eu calculára, de sorte que, quando cheguei á residencia imperial, já tinha passado a hora em que habitualmente se concluem as audiencias.

Commigo subiu as escadas um official estrangeiro, brilhantemente fardado e que, ao atravessarmos juntos os salões, manifestou-me a sua hesitação em se apresentar naquella hora tão adeantada, temeroso de mostrar-se impolido.

— Mal fundado receio, disse-lhe eu; o Imperador é summamente amavel e não leva em conta estas pequenas cousas.

Chegados á galeria em que Sua Magestade costuma falar aos que o procuram, vimol-o sitiado por umas pobres mulheres que lhe iam levar memoriaes solicitando pensões e esmolos.

Uma dellas, bastante edosa, puxou por um volumoso maço de papeis, entre os quaes se achava o que devia entregar ao Imperador; mas, por timidez ou debilidade senil, deixou cair o embrulho. Curvou-se Sua Magestade para apanhal-o e o entregou á pedinte, com toda a paciencia aguardando que ella achasse o recalitrante memorial.

O official estrangeiro tornou a falar-me:

— Terdes um singular monarcha, disse-me, e já vejo que a etiqueta não é rigidamente observada no vosso paiz.

A intenção com que isto proferiu, não a pude bem penetrar; mas no soraque levemente germanico com que se exprimia em francez suspeitei um adorador das antigas côrtes cerimoniaes.

Cumprimentou em seguida a Sua Magestade; eu esperei que desfilasse a ultima das que me tinham precedido e, chegado a meu turno, difficilmente me contive para limitar-me á fórmula commum de um agradecimento e não significar ao Imperador quanto mais o estimava.

Desde então, se nos debates do nosso Parlamento reaparecem bellas phrases convidando a democratizar-se a unica Monarchia americana, logo me occorre esta scena e revejo o velho soberano, tão singelamente democratico, que não duvidára abator a Magestade do nascimento e da posição social para cortejar o infortunio de uma velha enferma e desvalida.

Rio de Janeiro, 25 de agosto de 1888.

CARLOS DE LAET

22 de agosto (Regresso de Sua Magestade). Todas as consolações recebo hoje Sua Magestade o Imperador, ao recolher-se á terra querida do seu berço e do seu throno.

Aqui, ao sol que lhe deu vigor inquebrantado durante mais de meio seculo, sua preciosa saúde ganhará a antiga fortaleza, aqui proseguirá na sua missão providencial, levantando cada vez mais, perante a civilização e a humanidade, esta Patria que a Augusta Princeza Imperial Regente soube conservar integra, fazendo-a entrar, pacifica e triumphante, no convívio fraternal de toda a christandade com o grande acto de 13 de maio.

Para cumulo de indescriptivel alegria de todos os brasileiros, volta ao sacrario da alma nacional o seu idolo, Sua Magestade a Imperatriz, a heroína da jornada de provações que o Imperador teve de supportar e que, pôde-se dizer, foi o seu Anjo da Guarda, como tem sido para o Brasil a Providencia e o Amor.

JOSE AVELINO

Os annaes do Brasil mencionarão com desvanecimento dous feitos que, por seu caracter humanitario, abrlhantam o reinado do Senhor Dom Pedro II e recommendam sua memoria á gratidão dos povos: — a abolição tacita da pena capital e a extincção da escravidão.

Rio de Janeiro, em 20 agosto de 1888.

VISCONDE DE BEAUREPAIRE ROHAN

EPISODIO HEROICO

da vida militar de S. A. o sr. Conde d'Eu

Desde as 7 horas da manhã de 16 de agosto de 1869 que se travava a encarnçada batalha campal de Nhú-Guassú, entre o exercito brasileiro, commandado por S. A. o sr. Conde d'Eu, e o paraguayo, commandado pelo bravo general Caballero; eram 11 horas da manhã; a direita paraguaya fizera-se forte, apoiada pelo fogo de 14 canhões assestados além do arroio Pery-beouy; a divisão de infantaria brasileira do intrepido general Pedra teve ordem de atacar, á baioneta, essa formidavel posição e, no cumprimento della, avança á marche-marche; na sua retaguarda vem S. A., com todo o seu estado maior, seguido de um piquete e mais do 7.º e 13.º corpos de cavallaria.

O choque é tremendo; de lado a lado ha prodigios de valor e heroismo; os batalhões brasileiros atrom os ares com seus gritos de enthusiasmo: — Viva a Nação Brasileira! Viva S. M. o Imperador! Viva S. A. Conde d'Eu! ..

Nesse momento, o general Pedra cai ferido por um lanceiro paraguayo; fica acapheo o commando da vanguarda...

Sua Alteza recebe a noticia do facto; incontinentemente arroja-se para a frente, assume o commando e, no meio do maior enthusiasmo, ordena em pessoa nova carga sobre o inimigo! Elle mesmo abre o exemplo e carrega a frente do seu piquete, seguido do 7.º e 13.º corpos de cavallaria! O enthusiasmo é indescriptivel! Redobram os vivas; a infantaria paraguaya e os seus artilheiros são esmagados e tentam debalde reorganisar-se.

Sua Alteza, tomado daquelle valor varonil e cavalheresco que caracteriza a sua raça, arroja-se de espacia em punho para a frente, tentando envolver-se na lucta que está travada corpo a corpo... E' nesse momento impedido de fazel-o pelos nossos officiaes do 23.º batalhão de Voluntarios da Patria, cujo commandante, o major Francisco de Almeida Castro, segura as redess do fogoso ginete, montado por Sua Alteza, bradando: — não pôde avançar daqui! » Os demais officiaes rodeiam-no; o valente Principe dá voz de prisão ao bravo major Castro e este, por seu turno, replica ao heroico Principe: — estou preso por V. Alteza, mas tambem V. Alteza está preso pelos officiaes e soldados do 23.º de Voluntarios da Patria! »

Momentos depois ouvia-se o signal da victoria; o inimigo, na mais tremenda derrota, abandonava o campo de batalha, perdendo 23 canhões, armas, bandieiras e bagagens, deixando no campo mais de 2.000 mortos e 1.500 prisioneiros, fugindo o restante na mais completa debandada!

Este episodio verdadeiro está immortalizado na tela do grande pintor brasileiro Pedro Americo, representando a Batalha de Campo Grande, e bem assim á pagina 209 da « Historia da Guerra do Paraguay », pelo coronel de engenheiros E. C. Jourdain.

J. L. DA COSTA SOBRINHO

Tenente de Voluntarios da Patria

Baroneza de Jundiaby

A pranteada e virtuosa Paulista, que foi ha dias sepultada em Jundiaby no seu tumulo de familia, D. Anna Joaquina do Prado Fonseca, era filha do saudosissimo Antonio de Queiroz Telles, Barão de Jundiaby, e D. Anna Leduina de Moraes.

Aquelle era filho do guarda-mór de igual nome, que, victima de uma encheite, pereceu afogado no rio Camandocaia, no regresso de uma viagem ao sertão; e de D. Anna Joaquina da Silva Prado.

D. Anna Leduina de Moraes era filha do sargento-mór Joaquim José de Moraes e de D. Escolastica Jacintha Rodrigues Jordão, irman do Brigadairo Manoel Rodrigues Jordão e neto do terceiro Fernando de Camargo.

O Barão de Jundiaby, vulto notavel na Politica da Provincia, deixou onze filhos, a saber:

1.º Coronel Joaquim Benedicto de Queiroz Telles, Barão de Japy, casado com D. Maria Januaria de Moraes Queiroz. Falleceu em Jundiaby pouco tempo depois do Conde de Parnahyba.

2.º D. Anna Joaquina do Prado Fonseca, Baroneza de Jundiaby, viuva do Senador Manuel José da Fonseca.

3.º D. Maria Eufrosina de Queiroz Guimarães, viuva do Coronel Antonio Joaquim de Queiroz Guimarães.

4.º D. Escolastica Jacintha de Queiroz Ferreira, casada com o ajudante Francisco Benedicto Ferreira, ambos fallecidos.

5.º D. Anna Leopoldina de Queiroz, solteira.

6.º Tenente-coronel Manuel de Queiroz Telles, já fallecido, casado com D. Etelvina da Silva Prado Queiroz, proprietaria agricola no municipio de Mogy mirim.

7.º Tenente José de Queiroz Telles, já fallecido, casado com D. Angelina Petronilha da Cruz Queiroz.

8.º Dr. Antonio de Queiroz Telles, casado com D. Rita M' Boy Tibiriçá de Queiroz, o benemerito Barão, Visconde e Conde de Parnahyba. Tio e sogro do Dr. Jorge Tibiriçá Piratininga. — Falleceu de febre amarella em Campinas, em 6 de maio de 1888.

9.º Major Salvador Augusto de Queiroz Telles, casado em primeiras nupcias com D. Mariana de Almeida Prado Queiroz, e em segundas com D. Josephina Eugenia Cavalheiro de Queiroz. Paulista, prestimoso e catholico distinctissimo, muito estimado na sociedade paulistana, da qual é um dos ornamentos.

10.º Tenente Francisco Antonio de Queiroz Telles, casado com D. Gertrudes Angelica de Queiroz Telles. Fazendeiro importante e chefe monarchista e catholico em Jundiaby.

11.º Tenente Luiz de Queiroz Telles, casado com D. Amanda de Barros Queiroz.

D. Anna Joaquina foi casada com o Dr. Manoel José da Fonseca, natural da Capital e filho de Antonio Pacheco da Fonseca e de D. Gertrudes Angelica Rodrigues de Almeida.

Formara-se em Coimbra e exerceu em S. Paulo os cargos de Procurador Fiscal da Thesouraria da Fazenda, de Vice-presidente da Provincia, Deputado Provincial, Deputado Geral, sendo eleito e escolhido Senador do Imperio, em 1854. Redigiu o *Novo Pharol Paulistano* e prestou assignalados serviços á causa da Legalidade em 1842, vindo a fallecer a 10 de março de 1871.

Não teve o título de Barão de Jundiáhy, como por engano escreveram algumas folhas.

O Governo Imperial, querendo distinguir as virtudes de sua veneranda viúva e mesmo galardoar, posthumamente, os serviços do Senador Fonseca, agradeceu, annos depois da morte do illustre Paulista, a Exma. Sra. D. Anna Joaquina com o título de Baroneza de Jundiáhy.

Era ao mesmo tempo uma homenagem á memoria de seu inolvidavel pae, Antonio de Queiroz Telles, Barão de Jundiáhy.

No mesmo Campo Santo que recebeu carinhosamente os restos mortaes de seus parentes, entre os quaes avulta o benemerito Conde de Parnahyba, descança para sempre a Baroneza de Jundiáhy, que vinculou o seu nome a tantas obras de caridade e era uma das mais dignas representantes de uma familia legendaria em S. Paulo, pelo Civismo e pela Piedade, pelo culto das Tradições da Patria e pelo amor fervoroso á Religião Catholica Apostolica Romana.

E. L. BOURROUL

Um soneto do Imperador

(Ao muito illustrado sr. dr. Carlos de Laet)

Vi, ha dias, publicado em as columnas de *A União* e agora vejo o transcripto em o *Album Imperial*, de S. Paulo, um formoso soneto do Imperador, o mais bello talvez de quantos elle escreveu, em o qual dous erros, de cópia ou de imprensa, deparam-se-me, que reclamam instante correcção.

O bellissimo e sentimental soneto do exul monarcha, ante a dureza do golpe que o deixou como «vacillante cirio» á cabeceira do catafalco da pranteada «metade de sua alma entristecida», foi muito naturalmente, parece-me, escripto pelo Imperador, que era um espirito culto, como passo a recitar seguidamente:

A' IMPERATRIZ

Corda que estala em harpa mal tangida,
Assim te vaez, ó doce companheira
Da fortuna e do exilio, verdadeira
Metade de minha alma entristecida!

De agosto e velho tronco haste partida
E transplantada á terra brasileira,
Lá te fizeste a sombra hospitaleira
Em que todo o infortunio achou guarida.

Feriu-te a ingratidão em seu delirio;
Cahiste, e eu fico a sóz neste abandono,
De teu sepulcro vacillante cirio!...

Como foste feliz!... dorme o teu somno...
Mãe do povo, acabou-se o teu martyrio;
Filha do reis, ganhaste um grande throno!

D. PEDRO DE ALCANTARA

Repito, por tudo, affigura-se-me que assim teria o illustrado sr. D. Pedro escripto o seu terno e doloroso poemeto. Não o li impresso assim, porém; e qual o vi muito me desagradava.

Pareceu-me sempre que copistas e typographos, não raro, alteram, desvirtuam e estragam alheias produções; e também pareceu-me sempre que o finado sr. D. Pedro II, mais homem culto do que imaginoso, mais philosopho e humanista do que poeta, no que versejou ainda soffreu muitos estragos da impericia, do descuido, de o que melhor quizerem, dos seus copistas e transladadores.

O soneto, que recitei aqui, elle dedicou-o a' Imperatriz: é uma nénia, um epicéδιο, que sua pungente sau-

dade compôz e offertou a' sua perdida companheira, A QUEM fala pela vez derradeira. Assim sendo, como de facto assim é, como positivamente, syntacticamente, logicamente o demonstra o vocativo do segundo verso — o *doce companheira*; como palpitantemente o demonstram todas as expressões pronominaes e verbaes, postas na segunda pessoa grammatical, a pessoa *com quem* ou *a quem se fala*, que se encontram nessa bella composição poetica; segue-se consequencialmente que o titulo do soneto é — A' IMPERATRIZ — e não — A IMPERATRIZ, — como erradamente o fizeram os copistas.

A *Imperatriz*, — simples nominativo, seria o titulo de uma descripção; e o poeta, que era um cultivado, levaria pronomes e verbos á terceira pessoa, essa de quem se fala ou trata-se.

Ou é isto ou muito atrazado hoje vivo, por culpa dos mestres que frequentei e frequento ainda.

Não é esse o menor attentado feito ao soneto.

No terceiro verso da segunda quadra escreveram:

Lá te fizeste a' sombra hospitaleira

Santo Deus!... Quando escreveria o sr. D. Pedro II um tal dislate, monstruosidade, insensatez de tal ordem?...

Escrevi referentemente a um amigo, que muito prezo, moço que se cultivava, que tem já distincções scientificas adquiridas por meritorios trabalhos, e estarrecido fiquei com o que li na resposta que me foi dada, e que transcrevo:

«Eu entendo que está correcto; pois o Imperador queria dizer que sua Esposa, vindo ao Brasil joven e inexperiente, veio formar seu bello caracter nesta terra tradicionalmente hospitaleira. Aqui ella entrou na vida pratica pelo casamento; teve filhos e netos, tornou-se a Mãe dos brasileiros, em summa — aqui se fez a' sombra hospitaleira de nossa cara Patria, que jámais negou hospitalidade a quem quer que fosse, no tempo do Imperio, mas que nega hoje aos corpos sem vida dos dous Imperantes!...

Peço, pois, permissão para discordar do meu venerando mestre e amigo nesta questão de detalhe.

Oh!... Não!... Não!... Nunca!...

A muitos considerando levar-me-iam as transcriptas linhas da carta do meu douto collega e mui prezado amigo, se entendesse dever eu protelar em discussão o termo de nossa divergencia de opiniões.

Não, senhor.

Os reis não se fazem a' sombra do povo (entendamo-nos bem, para evitar a relicita protelação); por sua origem, pela logica da instituição que representam, pela origem do poder que encarnam e exercem, manifestam-se completos, integros e acabados, mesmo quando palmilhando ainda os dias da mocidade, que é a inexperiencia commum.

Não, senhor!... A excelsa D. Theresza Christina, quando pisou o solo do Brasil, já era a Imperatriz desse vasto Imperio, já era a *soberana* augusta do povo que a recebeu, não para amparal-a na juventude e na inexperiencia, — sim para prestigial-a, para veneral-a, qual sempre fez, na costumcira pratica de suas virtudes tantas e insuperaveis!...

Não, senhor!... Foi ella, sim, «A SOMBRA HOSPITALEIRA, EM QUE TODO O INFORTUNIO ACHOU GUARIDA», pois é proverbial, é notoria, nenhum brasileiro

póde ou poderá jámais desconhecer ou negar a sublime caridade dessa Princeza, o principal papcl que ella representou junto ao Imperador, — o de bom anjo tutelar, o de intercessora de graças, de esmoladas, de perdões, o de Mãe carinhosa!...

Não, senhor!... Se ella se tivesse feito a' SOMBRA e não a SOMBRA, ficaria ridiculo aquelle outro verso:

Feriu-te a ingratidão no seu delirio

porque a ingratidão é o esquecimento do beneficio feito; e, nesse caso, a beneficiada era elle e o povo o seu bemfeitor, que lhe tinha dado *sombra* e *abrigo*.

Não, senhor!... Era ella, a virtuosa e boa, a sempre commiserada, que *daem guarida aos infortunados*.

Não, senhor!... E como a caridade nos faz soffrer também, porque ella é a consciencia moral, compartilhando das dôres e das miserias alheias; é a sublimação do altruismo nas accidecias da vida; é a mais brilhante e a maior das virtudes theologaes, como o proprio Apostolo a definiu; fica bem cabido e bem justificado aquelle outro verso:

Mãe do povo, acabou-se o teu martyrio

A excelsa e magnanima ex-Imperatriz do Brasil — HASTE DE AGOSTO E VELHO TRONCO, TRANSPLANTADA A' TERRA BRASILEIRA — veio dar-nos, como deu effectivamente, o beneficio de sua sombra; e não desfructar a sombra de um povo, ainda novo, ainda fraco, ainda no periodo de sua organização, podemos bem dizel-o, precisando do influxo de um forte modelo constitucional, qual foi sempre, e sem desfalecimento algum, essa — SANTA MÃE DOS BRASILEIROS!...

Não, senhor!... As cópias publicadas estão tristemente erradas; falseiam quanto ha de nobre e de justo no pensamento, conspurcam a dignidade do verso, mentem á justiça da Historia!

Não, senhor!... Não é questão de detalhe; é questão essencial e fundamental.

E, como não logrei alcançar seu assentimento, como tenho em alto preço o seu juizo, desse amigo a que primeiro me dirigi, hoje dedico estas linhas a um Mestre, de acatada e indiscutivel autoridade, de ante elle curvar-se a cabeça, solicitando-lhe a delicadeza de, não só aceitar o offerecimento que lhe faço destas linhas, ainda mais, a mim e ao meu nobre dissidente esclarecer com sua opinião, que será o ponto final.

Até então, e pelas razões ditas, mantereí minha opinião, de accordo com a qual hoje repete-se e admira-se o encantador poemeto neste meio em que estou vivendo.

Sim; a Imperatriz D. Theresza Christina foi a sombra bemfeitora a extender-se por todo o Brasil geographico, por todo o Brasil politico, por todo o Brasil moral e social!...

Foi a nossa *Mater adorabilis*; e Mãe adoravel chamal-a á Historia, quando escripta fór.

Avaré, 20—2—906.

J. J. DE CARVALHO

NO PROXIMO NUMERO

Principe D. Pedro

Raphael Correia da Silva

O ensino da Historia

CONFERENCIA QUE NO COLLEGIO DIOCESANO DE S. JOSÉ, DO RIO, EFFECTUOU O DR. CARLOS DE LAET.

(CONTINUAÇÃO)

Pronunciando-se quanto ao ensino da historia, no seu monumental *Relatorio*, 1.ª parte do vol. II, pag. 49, disse textualmente o nobre ministro:

«Penso que deve ser banido da instrucção secundaria o ensino da historia, como tem sido feito até hoje; é tempo gastado sem o minimo proveito aquelle que o alumno consome em decorar datas, em reter de memoria estas fatigadas e por vezes phantasticas narrativas de gucras, conquistas, intrigas, supplicios, assassínios, massacres, as biographias de reis, principes e tyrannos. *A historia ou ha de ser simples chronologia ou philosophia*. No primeiro caso, é inutil e prejudicial, tornando-se não raro de effeito moral funestissimo quando consagra a gloriificação da violencia contra a fraqueza, da impostura contra a verdade Como philosophia, ella está ao alcance do espirito juvenil; deve ser reservada para um curso superior de letras.

«Por ventura (continua o illustrado Sr. Dr. J. J. Seabra) não será mais util fornecer ao joven estudante, por meio de boas reproducções graphicas e succintas explicações, noções exactas sobre as obras primas da arte (esculptura, pintura e architectura), atravez dos sculos, do que atravancar-lhe a memoria com as vicissitudes das gucras do Peloponeso, com os incidentes occorridos durante a famosa guerra que a Casa d'Austria sustentou contra os Turcos? Não lucrará mais o alumno em ter uma idéa approximada sobre a Venus de Milo, o David de Miguel Angelo, as Madonas de Raphael e de Murillo, a Ronda Nocturna de Rembrandt, a Ceia de Leonardo de Vinci, a basilica de S. Pedro de Roma, a cathedral de Cologne (*sic*), etc., etc., do que em saber quantas mulhres teve Henrique VIII, ou em que anno se extinguiu a dynastia dos Merovingios, ou ainda o que occorreu no reinado de Philippe Augusto e porque, após a cerimonia do casamento, este rei manifestou subita repulsa por sua esposa, joven princeza dinamarqueza?

«O próprio ensino da historia patria (conclue S. Ex.) carece de ser fundido, simplificado, reduzido aos principaes acontecimentos, ás circumstancias que influíram sobre a constituição da nossa nacionalidade, sobre a nossa civilização. Nenhuma vantagem resulta do estudo de minucias e detalhes, de datas e nomes, a não ser que se queira, como diz Fouillé, imitar os allemães, que fazem do ensino da historia uma escola de mentiras, em que o fim patriótico justifica os meios.»

Tal é, senhores, a opinião do governo sobre o ensino da historia. Se o honrado ministro profligasse apenas o abuso das minucias, o excessivo accumulo de datas e de pormenores que sem proveito oneram a memoria dos alumnos, indubitavelmente haveria do seu lado, e certo que connosco estariam todos os educadores sensatos... Mas o facto é que na mente governamental não se acha apenas o proposito de abreviar, corrigindo ou melhorando, o citado ensino; está, sim, o de banil-o, porque,

diz S. Ex., a historia ou é chronologia ou philosophia, sendo no primeiro caso inutil, e devendo, na segunda hypothese, constituir materia de piano docente mais elevado.

Mas assim não é, permitti que vol-o diga, meus senhores; e antes sustento que não somente a historia não deve ser atrada para o ensino superior, mas convem que principie a ser doutrina desde a escola primaria.

Ouçamos a tal respeito um proveito sabedor:

«As crianças (diz J. CHAUMEIL, *Manuel de pédagogie psychologique*, Paris, 1885, pag. 41) são avidas de ouvir narrativas, contos, historias. E quanto mais extraordinárias são taes historias, isto é, quanto mais se apartam dos successos da vida real, tanto maior o prazer com que são escutadas.

«Ha nisto uma preciosa indicação psychologica sobre o meio de tornar o ensino de historia attractivo para as crianças.

«O ensino da historia deve, pois, começar por *historias*, isto é, por biographias e episodios escolhidos.

«Os personagens notavéis da historia têm uma physionomia tanto mais extraordinaria, quanto mais remota a epoca a que pertencem. O afastamento, que amesquinha as realidades physicas, engrandece os acontecimentos moraes e sociaes. As figuras mescladas a taes successos assumem proporções imponentes.»

(Continua)

Juizo insuspeito

O sr. Ferreira de Araujo escreveu na *Gazeta de Noticias* a respeito de S. A. Imperial o sr. Conde d'Eu:

Brasileiro pelo coração, como o é por effeito do consorcio com a Augusta Princeza, o sr. Conde d'Eu tem adquirido direito incontestavel á affeição, estima e reconhecimento de sua patria de adopção.

Nas batalhas contra o despota do Paraguay, vencidas pelo nosso exercito, graças á direcção e commando do joven herde, a justiça dos contemporaneos cingiu-lhe a fronte com os louros da victoria. Da sua dedicação aos brasileiros não ha somente esses testemunhos. A sua viagem, este anno, a S. Paulo, onde, affrontando o contagio, velou sobre a sorte dos enfermos atacados da terrivel epidemia, fiscalizando e activando os soccorros, animando os medicos, consolando as victimas e levando por toda parte um raio de esperanza, collocou-o entre os apostolos mais ardentes da caridade.

Para quibrar o denso do aleive que ousa negar-lhe o desinteresse e o desprendimento dos bens materiaes, basta dizer que renunciou os honorarios de marechal do exercito e do conselho de Estado, e que favorece de seu bolsinho a quantos necessitados a elle recorrem.

Estudando aturada e profundamente em seu gabinete as sciencias administrativas e acompanhando os progressos da arte da guerra, tem prestado relevantes servicos á causa da instrucção. Falam bem alto á gratidão dos povos os esforços que tem empregado para a fundação e desenvolvimento do Asylo da Infancia Desamparada, do Museu Escolar e outras instituições.

E' por todos estes motivos que nos congratulamos com a nação, por este anniversario tão grato á Familia Imperial.»

Um livro do sr. Conde d'Eu

Journal d'une promenade au tour du monde en 118 jours — é o titulo de um interessante diario de viagem publicado em Paris por Sua Alteza Imperial o sr. Conde d'Eu, em que descreve a volta do mundo que empreendeu em 1897 em companhia de seu filho mais velho o Principe D. Pedro.

Os illustres itinerantes sahiram de Paris no dia 22 de outubro daquelle anno, munidos de um bilhete da agencia Cook para a longa viagem, e visitaram successivamente os Estados-Unidos, o Japão, a China, o Ceylão, a India, o Egypto e a Terra Santa, regressando a Paris a 18 de fevereiro do anno seguinte.

O auctor do livro não o assignou, mas uma das muitas autotypias do volume o denuncia, num pequeno retrato.

Parece que em S. Paulo não foi exposto á venda esse livro e delle possuímos um exemplar, que de Paris nos remetteu o illustre medico e nosso distincto collaborador dr. João Teixeira Alvares.



Associação Artística e Literaria de Taubaté

Revestiu-se de grande solemnidade a festa de inauguração do salão de honra do predio desta utilissima Associação.

Desde as dez horas do dia 25 de fevereiro, foram abertas as portas do vasto e vistoso salão e franqueado o mesmo á visita do publico.

A's 2 horas da tarde foi elle visitado pelo exmo. dr. presidente do Estado, que foi recebido ao som do hymno nacional, executado pela corporação musical de Cachoeira, que alli se achava, sendo saudado pelo dr. Camara Leal, em nome da directoria, e convidado a assistir ás solemnidades do benzimento, sessão de inauguração e concerto, que deviam realizar-se naquella noite.

S. exa. agradeceu o convite e disse que fazia todo o possivel para attende-lo, desde que não lhe fallosse absolutamente o tempo. Em seguida, percorreu todas as salas e dependencias do edificio onde funciona o Lyceu de Artes e Officios, mostrando-se bem impressionado, e deixou escripto no livro de visitas o seguinte:

«Levo da visita feita ao Lyceu de Artes e Officios a impressão de que, pelo seu brilhante inicio, está destinado a ter um grande e proveitoso desenvolvimento.

Taubaté, 25 de fevereiro de 1906.

JORGE TIBIRICÁ.

Este termo foi assignado pelo exmo. sr. secretario da Fazenda e demais visitantes que acompanhavam s. exa. o presidente, isto é:

M. J. Albuquerque Lins
Jorge M. Machado
Joaquim Coutinho
Antonio Morcira de Alcantara
José Benedicto M. de Mattos
José Rebouças de Carvalho
J. B. Ramalho Ortigão, da *União*
G. Braga Pereira, do *Correio Paulistano*.

Arthur Mendes, d'O *Commercio de S. Paulo*.

Dr. Francisco Marcondes Romeiro.

As 6 horas da tarde, sahiu do predio social o rico e vistoso estandarte social, que era carregado, deitado, pelo dr. Gastão Camara Leal, fundador e vice-presidente da associação, e pelos paranympchos do benzimento, dr. Camara Leal, presidente honorario, o tenente-coronel José Gomes Nogueira, representando o coronel Francisco Gomes Vicira, presidente da mesma.

la seguido por duas alas de alumnos do Lyceu, com seus distinctivos tricolores a tiracolo, e pelas commissões do Grupo Escolar, com seu estandarte, da Associação dos Empregados no Commercio, com seu estandarte, e Centro dos Operarios Catholicos, com seu estandarte.

Chegados á igreja Matriz, foi feito o benzimento solemne pelo revmo. conego Nascimento Castro, vigario da parochia, que em seguida fez um eloquente discurso, saudando a associação por mais aquelle importante melhoramento, e pela consagração publica de sua fé, pelas insignias contidas no mesmo estandarte.

Percorrendo depois algumas ruas, e acompanhado o prestito pelas corporações musicas de Cachoeira e João do Carmo, bem como de grande massa popular, deu entrada no predio social, ás 7 horas da tarde.

A's 8 horas realisou-se o solemne benzimento do salão e do rico crucifixo que o preside, o que foi feito pelo revmo. monsenhor João Alves, produzindo um bello e emocionante discurso, analogo ao acto, o revmo. conego Nascimento Castro.

A's 9 horas effectuou-se a sessão solemne de inauguração do salão, sendo os representantes dos exmos. presidentes de S. Paulo, Minas e Rio de Janeiro recebidos ao som do hymno nacional, executado pelas duas corporações musicas, que se achavam postadas nos dous pavilhões do edificio.

Pelos delegados dos tres presidentes foi escolhido para presidir á sessão o revmo. conego dr. José Valois de Castro, digno deputado federal, eleito por este districto, e tomaram assento, á sua direita, os exmos. sr. dr. Francisco Marcondes Romeiro, deputado federal, tambem por este districto, e á esquerda dr. Cornelio de Souza Lima, deputado federal pelo Estado do Rio de Janeiro, e o representante do sr. Nilo Peçanha. De um e de outro lado, em seguida: capitão Joaquim Coutinho, ajudante de ordens do dr. Tibiricá, major Vieira Christo, ajudante de ordens do dr. Francisco Salles, dr. Rebouças de Carvalho, presidente da Camara Municipal, coronel Gomes Vieira, dr. Camara Leal e dr. Pedro Costa.

Aberta a sessão, foi conferida a palavra ao orador official dr. Pedro Costa, que historiou o desenvolvimento da associação e agradeceu a honra que prestavam os presidentes dos tres Estados limitrophes e irmãos, assistindo á festa de maior regosijo social, que commemorava naquella dia a associação.

Em seguida, pelo dr. Gastão Camara Leal, director do Lyceu, foram entregues ao exmo. presidente as cartas de *Artistas Profissionais* dos dous alumnos que haviam concluido o curso do Lyceu de Artes e Officios, e que foram solememente entregues aos sr. José Olegario de Barros e José Silvino Morcira.

Tomando a palavra este, em um bello, conciso e expressivo discurso, agradeceu ao professorado e ao dire-

ctor do Lyceu o ensinamento que recebera naquella casa, nos quatro annos que a frequentára como alumno, e despediu-se dos mesmos.

Seguiu-se-lhe com a palavra o paranympcho dos diplomados, sr. dr. Camara Leal, que, com sua costumada eloquencia e vibrancia de sua palavra potente, despediu-se de seus ex-alumnos e traçou-lhes uma norma de vida a seguirem, fazendo-lhes ver que só pôde haver egualdade neste mundo pela pratica da caridade.

Ainda orou o dr. Emilio Costa, representando o Centro dos Operarios Catholicos e Associação dos Empregados no Commercio, saudando a associação.

Em seguida foi encerrada a sessão solemne e foi annunciada pelo exmo. sr. presidente a 2.ª parte da festa, que constava de um esplendido e bem combinado concerto musical, organizado pelo intelligente maestro taubateano sr. Arthur Vieira.

A festa correu em boa ordem, sendo notavel a enorme concorrencia de senhoras e cavalheiros que constituíam o verdadeiro escol da sociedade taubateana.

Mais de quatrocentas pessoas estavam dentro do salão, que é uma verdadeira belleza, no gosto artistico de suas pinturas, na sua conformação, na sua ornamentação, honrando em extremo o decorador que o pintou, sr. Clodomiro Monteiro.

Foi uma festa que ficará gravada na memoria de todos os que lá estiveram, despertando-lhes saudades immorredouras e que muito dignificam a directoria de tão util associação, que de origem secular tem sabido com um verdadeiro devotamento curar da instrucção gratuita ás classes proletarias.

(Do nosso correspondente)

Familia Imperial

S. A. a Princeza Imperial Sra. D. Izabel Christina Leopoldina Augusta Michaela Gabriela Raphaela Gonzaga — a Redemptora — nasceu a 29 de julho de 1846, no palacio da Quinta da Boa Vista, em S. Christovam, na capital do Imperio, e casou-se a 15 de outubro de 1864 com S. A. R. o sr. Principe D. Luiz Felipe Maria Fernando Gastão d'Orleans, Conde d'Eu, nascido a 28 de abril de 1842, no castello de Neuilly, em França.

São seus filhos:

a) S. A. I. o Principe do Grão-Pará, Sr. D. Pedro de Alcantara Luiz Felipe Maria Gastão Miguel Gabriel Raphael Gonzaga; nascido a 15 de outubro de 1875, em Petropolis, Rio de Janeiro;

b) S. A. o Principe Sr. D. Luiz Felipe Pedro de Alcantara Gastão Miguel Raphael Gonzaga; nascido a 26 de janeiro de 1878, em Petropolis, Rio de Janeiro;

c) S. A. o Principe Sr. D. Antonio Gastão Felipe Francisco de Assis Maria Miguel Gabriel Raphael Gonzaga; nascido a 9 de agosto de 1881, em Paris.

Os artigos que hoje publicamos sob a assignatura de J. BRICIO são do livro que aquelle antigo deputado publico no Ceará, em 1902, *O Conde d'Eu, seu caracter, viagem ao Ceará*.

Esse trabalho fórma um volume de 66 paginas e o seu auctor o escreveu para defender o sr. Conde d'Eu, «em nome da verdade e em nome da justiça nacional».

O JANGADEIRO

12 de abril. No tombadilho do *Alvares Cabral*, dava costas para a casa da navegação, sentado em uma cadeira de braços.

Muito limpo o soalho, que todas as manhãs, ao romper da aurora, é lavado por grandes jorros d'água das mangueiras de bordo.

Tinha os olhos voltados para as alvas praias ensombradas de coqueiros, de que fala Alencar, e, como num extase, contemplava a longa lita curva de areia banhada pelos *verdes mares bravios*.

Uma viração suave soprava do Sul, tornando mais supportavel a soalheira que, ha quasi um mez, nos atormenta neste porto. — a nós, prisioneiros de um paquete que perdeu o veio da helice na travessia de Pernambuco ao Ceará.

De repente, meu olhar mudou de direcção, attrahido por um pequeno papel que o vento estava prestes a varrer do tombadilho para o oceano.

Levantei-me, curioso; e, um minuto mais tarde, talvez não chegaria a tempo de salvar das ondas o papelzinho.

Um bilhete, um fragmento — quem sabe? — de carta amorosa... e aproximando-me, apanhei-o.

Oh! decepção! Era uma folha de block *Laemmert*, correspondente a esse dia, 12 de abril. No verso, vinha uma receita qualquer.

Em outra occasião e, sobretudo, em outro lugar que não fosse a bordo de um navio, onde, á falta de livros e de jornaes, leio tudo o que me vem ás mãos, em outro lugar teria rasgado ou, pelo menos, restituído ao chão o fragmento de folhinha.

Mas não! Li-o, desde a primeira linha — o nome do santo do dia — até a ephemeride, que dizia assim: «O celebre jangadeiro cearense Francisco do Nascimento passeia, em triumpho, pelas ruas do Rio de Janeiro (1884).»

Francisco do Nascimento...

Não me era extranho este nome e, lembrado a mim, no porto do Ceará, escripto em uma folhinha, veio avivar uma recordação da minha infancia.

Tinha eu oito annos. Foi exactamente em 1884, que li, pela primeira vez, o nome do celebre jangadeiro, acompanhando um retrato, na *Revista Illustrada*.

O lapis scintillante de Angelo Agostini dedicára, então, a Francisco do Nascimento uma pagina do seu excellente periodico, associando-se, dessa forma, ás homenagens que os abolicionistas do Rio haviam dispensado ao destemido companheiro de luctas do Ceará.

Lembro-me dessa gravura, como se a tivesse visto hoje: uma grande jangada conduzindo pelo mar alto muitos infelizes e tendo ao leme o glorioso cearense, sem casaco, as calças arregaçadas, o olhar no firmamento...

Horrorisavam-me as descripções illustradas de scenas do captivo, de que vinham cheios, não raro, os numeros da publicação fluminense, que tanto se bateu pela terminação da escravatura no Brasil, de sorte que a figura do jangadeiro, surgindo na *Revista* como a do anjo bom dos captivos do Norte, se gravou indelivelmente no meu espirito.

Volveram annos. Tendo resolvido uma viagem á Europa, o navio em que embarquei veio ter até aqui, ás aguas verdes e sempre encarneiradas que banham a cidade da Fortaleza.

O pedaço de block de folhinha *Laemmert*, que levantei do tombadilho do vapor, quando o vento ameaçava atirar-o ao oceano, despertou-me a recordação do nome do jangadeiro, morto talvez e talvez esquecido hoje pelos abolicionistas que, em 1884, o conduziram em triumpho pelas ruas do Rio de Janeiro...

* * *

Ha na Fortaleza, na rua da Praia, uma pequena casa de porta e duas janellas de rotula, — systema antigo de construcção que os cearenses conservam ainda hoje.

Num pequeno quadrado de madeira pintado de verde e pregado junto á porta, no alto da parede, lêem-se estas palavras, em caracteres traçados por mão incipiente em calligraphia: *Hospedaria da Esperança*.

E' o ponto de reunião quasi obrigado, durante o dia, dos catraeiros e carregadores do porto e, durante a noite, de peccadores cearenses, que alli vão ingerir copos de cidra e ouvir descantes ao violão.

Entre: na hospedaria á hora de asphixiante calor, e, tendo pedido cerveja, a dona da casa — uma maranhense bronzeada, magra e mediana de altura — trouxe-me uma garrafa que parecia ter naquelle momento sahido do fogo.

Na sala, de soalho coberto de areia, achava-se um mulato nutrido, sentado em um banco tosco, deante de mim poucos passos.

Convidei-o a tomar cerveja. Era o pratico-mór do porto; durante muitos minutos, conversámos a respeito do *Alvares Cabral*, que dias antes elle havia visitado.

Exgottado o assumpto, ficámos silenciosos: eu, deante do copo vazio, e elle, a enrolar pachorrentamente um cigarro de palha.

A soalheira suffocava; o mar, encrespado de ondas bravias, que se quebravam furiosamente do encontro ao paredão do caes.

Não quiz sahir e tentei encetar de novo conversação com o velho mulato, tão sympathico elle se me affigurava, de bigodes e cavaignac quasi inteiramente brancos, e decentemente enfiado num fato preto de casemira.

O senhor (perguntei-lhe) conheceu, porventura, um celebre jangadeiro de nome Francisco do Nascimento?

— Está falando com elle mesmo, respondeu, sorrindo, o pratico-mór do porto.

Um choque electrico... — deixem passar esta tirada á Montepin — não me causaria effeito igual ao destas palavras, que ouvi sentindo um fremito de admiração e de enthusiasmo.

* * *

Mas, afinal de contas, que vem a ser esse homem de quem se occupa tanto o charnista?

Um antigo chefe abolicionista do Ceará, um verdadeiro heróe da abolição no Brasil.

Francisco do Nascimento: foi o primeiro jangadeiro que se recusou no Ceará a levar para bordo escravos vendidos para outras provincias do Imperio.

Data do grito de revolta do jangadeiro contra a instituição da escravatura a propagação abolicionista no norte do Brasil.

Francisco do Nascimento não se limitava a negar sua embarcação aos senhores de escravos; condoendo-se da sorte dos seus irmãos captivos, puzera á disposição delles, com rara grandeza d'alma, a sua jangada aventureira.

Alta noite, rugindo o oceano, balouçava-se o barco libertador no mar encrespado do Ceará, a pouca distancia das longas praias, onde se reuniam escravos fugidos, aos quaes Nascimento conduzia para o madeiro da jangada.

A madrugada surprehendia o ousado cearense em alto mar, levando os infelizes caminho da Liberdade, na tosca embarcação de velas enfundadas...

Veiu a Abolição, e Francisco do Nascimento recebeu, em paga dos seus serviços, as honras de tenente da Marinha.

E' hoje republicano e — contaram-me — politico apaixonado.

Como os tempos mudam! Jaz hoje esquecida, reduzida, talvez, a pó, a jangada gloriosa do velho Nascimento, e este descança sobre os seus louros, servindo de pratico-mór do porto e votando em republicanos.

Mas tenho fé em que, prolongando Deus seus dias, Nascimento será mais um desilludido da Republica que infelicitava a minha patria e, então, das proprias cinzas, resurgirá a jangada aventureira, para outra campanha da Liberdade!

COUTO DE MAGALHÃES

Ceará, 15 4-900.
Bordo do *Alvares Cabral*.



Conselheiro Franco de Sá

Deu-se no dia 8 do corrente, em Nitheroy, o passamento do sr. conselheiro Francisco Franco de Sá, que, no Imperio, representou papel saliente na vida politica.

Era filho do senador pelo Estado do Rio Joaquim Franco de Sá e D. Luciana Rosa da Costa Ferreira, filha do Barão de Pindaré, e nasceu na provincia de Maranhão, em 2 de junho de 1841.

Bacharel em sciencias juridicas e socias pela Faculdade do Recife, desde 1864, exerceu varios cargos importantes e foi promotor publico da capital do seu Estado.

Militando nas fileiras do antigo partido Liberal, foi eleito deputado geral em 1876 e depois novamente eleito para a assembléa geral legislativa de 1878 a 1881. Era senador pelo Maranhão quando em 1882 foi occupar a pasta de estrangeiros, no ministerio Martinho de Campos, prestando nesse cargo relevantes serviços.

Serviu tambem como ministro das pastas do Imperio e da Guerra, em todos esses cargos revelando alto criterio e muita competencia e patriotismo. Em 1889, foi nomeado Conselheiro de Estado.

Depois de proclamada a Republica, abandonou completamente a politica, recolhendo-se á vida privada.

Fez parte da imprensa do Maranhão e escreveu varios trabalhos de valor, que estão publicados. Era grã-cruz da Ordem russa de Sant'Anna, condecorado com a ordem do duplo Dragão da China e exercia ultimamente o cargo de provedor do Asylo de Santa Leopoldina.

Historia do Brasil

Acabo de ler os fasciculos da *Historia do Brasil*, ultimamente publicados pelo illustre membro do *Instituto Historico*, Rocha Pombo.

Experimentei intenso prazer com essa leitura, já por tratar o conspicio escriptor de assumpto de tão elevada magnitude, já pelo facto de haver vasado o seu trabalho em moldes mais modernos e mais á feição scientifica, que deverá, de futuro, orientar o estudo acurado das leis e dos phenomenos sociais.

Escreve s. exa., no seu magnifico prefacio:

«Não só, até os nossos dias, não se constituiu a sciencia da historia: discute-se ainda a mesma preliminar: — será a historia uma sciencia?»

Em 1888, appareceu, em Paris, a primeira edição de uma obra, opulentamente enriquecida de idéas novas, devido á penna de distincto publicista.

É um ensaio critico sobre a historia considerada como sciencia positiva. Firma-a o nome de Louis Bomdeau, autor da *Theorie des Sciences*, de *Les Forces de l'Industrie*, de *Conquête du monde animal* e de muitas outras.

Tem por titulo: *L'Histoire et les Historiens*.

Nesta, em pequena e rapida introdução, diz: — «L'histoire et toute à refaire ou plutót elle n'est pas encore faite. Les fondemens memes de la science sont à établir. La construction attend son architecte. A peine peut-on dire que le passé nous a legués matériaux». Depois accrescenta: — «Nous nous proposons dans ce travail d'indiquer comment devrait être instituée l'étude des choses humaines pour mériter de prendre sang parmi les sciences.» E, então, procura, definir o que seja historia.

Toma a palavra, segundo o seu valor etymologico; cita a definição do Dicionário da Academia Franceza e a de Amyot e conclue:

«Une définition de ce genre, si elle convient assez aux ouvrages des historiens, ne saurait suffire à l'institution d'une science.»

Attinge depois ao ponto objectivado, definindo: *«E a sciencia dos desenvolvimentos da razão.»*

E desenrolam-se, em seguida, magistraes capitulos sobre os agentes da historia, programma, methodo e leis, estabelecendo, finalmente, os alicerces e os fundamentos unicos, que podem assegurar á historia um logar na categoria das sciencias e de sciencia positiva.

Lendo-se a theoria de Louis Bomdeau, chega-se, infallivelmente, á conclusão de que a — Historia — está mesmo por fazer. O que existe é, simplesmente, um conjunto de factos legendarios, de par com verdadeiros, misturados num mundo de datas e de factos, muitas vezes contestaveis.

A obra do sr. Rocha Pombo, se ainda não pode envredar pela longa estrada nova, aberta ao estudo das sciencias historicas, parece, entretanto, desdobrar-se em campo mais vasto, de onde se descortinam horizontes mais amplos, mais bellos, mais seductores.

Creio poder adeantar que, completa a sua Historia, muito terão que aproveitar os estudiosos, pois são abundantissimas as suas reflexões, as suas notas e extractos, que, altamente, recommendam essas suas tão uteis locubrações.

Precedendo a exposição do desenvolvimento da nossa história, faz o auctor em esboço geral do estado da Europa no seculo XV, occupa-se dos grandes navegadores e, em nota, estampa a celebre carta de Pedro Vaz Caminha, primeiro documento historico datado da Ilha de Vera-Cruz, dirigida a D. Manoel, rei de Portugal, dando conta da terra e da população que os portuguezes haviam descoberto.

A publicação, na integra, desse precioso documento é de inestimavel valor, porque vem vulgarisar, entre brasileiros, a mais notavel das fontes da Historia do Brasil, geralmente ignorada, desconhecida.

Antes de concluir estas breves linhas, deixo chamar a attenção dos republicanos para uma questão muito séria:— é a data do descobrimento do Brasil.

Até 15 de novembro de 1889, sabia-se, nesta terra, que o dia de seu descobrimento foi a 22 de abril de 1500. Mas a republica como appareceu por aqui para implantar o erro por toda parte, e em todas as espheras, tratou de mudar, como mudou tudo, a data desse feito, que passou a figurar, nos calendarios do governo da dictadura positivista, a 3 de maio. Pois se até acharam meios de inclusão do celebre 14 de julho, que commemora uma phantastica tomada da Bastilha, na nação franceza! Não era muito que alterassem a data do nosso descobrimento!

Até ouçam os organisadores da *comedia-tragico-positivista-democratico-dictatorial* o que informa o eminente historiador patrio, sr. Rocha Pombo:

— O terceiro ponto que se discute é o que se refere á data do descobrimento: foi a 22 de abril ou foi a 3 de maio? E' tão impertinente esta discussão, pelo que tem de absurda a sua origem— que parece não valer mais a pena de insistir nella em um trabalho de historia. A data do descobrimento, sem logar algum para controversia, é o dia 22 de abril de 1500. A 1 de maio celebrou-se o acto solenne e official da posse. A 3 de maio já estava no alto mar, proseguindo para as Indias, a frota de Cabral, pois havia partido de Vera-Cruz na vespera, 2 de maio. A que vem, portanto, o inscrever-se o 3 de maio como data do descobrimento? E' incrível, mas é verdade ».

ALFREDO DE PAIVA

Março—906.

A Republica e o cambio

E' sabido que na Republica o cambio já desceu a 6, a 5, e até a taxa inferior ainda, emquanto que na Monarchia, no periodo mais agudo de crise financeira, o cambio nunca desceu de 14.

Actualmente, está vacillante entre as taxas de 15 e 16, e toda a gente, que na Republica já pagou 40\$000 por libra esterlina, acha que são barattimos hoje em dia vinte shillings por 15\$200.

Entretanto, na vespera da proclamação da Republica, a libra valia apenas 8\$950.

No dia 14 de novembro de 1889, o *London and Brazilian Bank* affixou a seguinte tabella:

Londres 90 d v	27 1/2
Paris	347
Hamburgo »	430
Italia á vista	332
Lisboa e Porto »	197
New-York	1\$880
Soberanos	8\$950

Luiz Veuillot

Damos abaixo quatro estrophes do Epilogo das obras poeticas de Luiz Veuillot e em seguida a primorosa traducção das mesmas, attribuida ao illustre juriconsulto e homem de letras dr. Brasilio Machado:

Placez à mon côté ma plume:
Sur mon cœur, le Christ, mon orgueil;
Sous mes pieds mettez ce volume;
Et clouez en paix le cerucueil.

Après la dernière prière,
Sur ma fosse plantez la Croix;
Et si l'on me donne une pierre,
Gravez dessus: *J'ai cru, je vois.*

Dites entre vous: « Il sommeille:
Son dur labeur est achevé »;
Ou plutôt dites: « Il s'éveille;
Il voit ce qu'il a tant rêvé ».

J'espère en Jésus. Sur la terre
Je n'ai pas rougi de sa loi:
Au dernier jour, devant son Père,
Il ne rougira pas de moi.

Ponde-me ao lado a penna, e o Christo,
[minha gloria,
sobre o meu coração;
Ponde a meus pés o livro, e silencio-
[samente
fecha e o meu caixão.

Em minha cova a cruz plantae, assim
[que a prece
extrema se disser,
E na pedra inscrevei: « Eu cri, mas
[veja agora!
se uma pedra eu tiver.

Dizei comvosco: « Dorme: o aspero
[trabalho
p'ra elle se acabou.
Ou por outra dizei: « Agora elle desperta:
vê tudo o que sonhou.»

Espero em meu Jesus: de sua fé, no
[mundo,
jâmais correi; assim
á face de seu Pae, no derradeiro dia,
não corará de mim!

Batalha de Campo Grande

Reproduzimos hoje, em phototypia, o quadro de Pedro Americo, *Batalha de Campo Grande*.

Nessa tela, o illustre artista brasileiro tomou por assumpto o episodio heroico da vida militar de S. A. Imperial o sr. Conde d'Eu, de que se occupa, pelo *Album* de hoje, o sr. capitão José Leite da Costa Sobrinho.

O MORTO

Elle ha de vir, o glorioso Imperador.

Questão de tempo—e os mortos podem esperar que tombem mais alguns grãos de areia na ampulheta, elles que deante de si têm o infinito da Eternidade.

Elle ha de vir, e será esse um grande dia na cidade que o viu nascer e onde reinou cerca de meio seculo.

Quando se appropinquar a nave alterosa que o trouxer, sobre o comoro de granito que vigia a nossa barra ler-se-á uma inscripção gigantesca. . . . SALVE! dirá em letras colossaes. E lá a terão posto como a legitima expressão do enthusiasmo de um povo.

Nas fortalezas os ignivomos canhões, caçados de pautar os tresvarios da demagogia, com a sua voz estrondosa aclamarão no feretro aquelle que tantas vezes saudarão no berço e sobre o throno.

Orlar-se-ão as ruas de multidões soffregas por contemplarem, se não as feições do morto idolatrado, pelo menos o funebre apparato de que se envolver a sua gloria derradeira. E ellas, as turbas frementes e compungidas, não de estender-se desde o local que o viu embarcar a deshoras, entre soldados como se fôra um malleitor, até o esplendido monumento que lhe ha de guardar os restos mortaes.

Um pranto enorme, qual o que os prophetas levantavam nas cidades penitentes, tom de elevar-se até aos céus, quando em terra brasileira tocar o esquilic imperial; e nesse magno clamor entrarão, com o arrependimento da fraqueza que deixou perpetrar-se o parricidio, a magoa de haver trocado pelo regimen da liberdade a parodia democratica de que temos sido resignadas testemunhas.

Voltará—mas oh! tristeza!—já não poderá irradiar-se, com as fulgurações de immensa bondade, o sereno e limpido azul do seu olhar paternal.

Rigido e immovel descarçará envolto na bandeira nacional—na antiga, na de Tonelero, na de Monte Caseros, na de Humaytá, na de Tuyutí . . .

Os echos repercutindo o troar da artilharia não lograrão despertar-o; nem as aclamações de uma nação inteira conseguirão sacudir o gelido torpor daquelle somno de morte . . .

Demais, todas as honras que um dia lhe negou o seu povo, elle as terá tido em paiz extranho.

Expulso por alguns poucos batalhões, haverá reunido, para o seu funeral, a maior parte de um grande exercito.

Conspurado pela ignorancia de raros parvos, terá deixado o mundo entre as respeitosas condolencias das primeiras associações de sabios.

E emquanto no Brasil não faltou quem lhe chamasse *tyranno*, a imprensa livre das grandes metropoles, nas monarchias como nas republicas, em Londres e em Berlim, como em Paris e Nova-York, teceram unanimes os maiores elogios que se possam tributar a um illustre amigo da liberdade e ao seu maior propugnador em terra sul-americana.

Não importa . . . Ao luminoso espirito, que já paira em esphera superior, se é que lá se consente a visão das regiões terrenas, será mais grata que todas a ultima ovação do povo brasileiro.

Nós lhe devemos, e nós lhe a temos de pagar.

As paixões contemporaneas vão se apagando, gradualmente, como o incendio que se extingue pela sua mesma violencia.

A morte e o embate das sedições vão clareando as fileiras, de um e de outro lado. Mas algum tempo e justiça será feita.

Para o grande morto, mais apresada que para outros, se pronunciará a sentença da Historia; porque nos bons entrou a desapparceer o terror, e para os maus desde muito começou o remorso.

Elle ha de voltar, repetimol-o, ainda que esta nossa proposição suscite o riso alvar dos que em tudo vêem o sebastianismo.

Sebastianistas, cumpre não esquecer-o, eram os portuguezes briosos que faziam votos pelo regresso do seu rei cavalheiro, quando o Leão de Castella empolgára a soberania de Portugal.

Sebastião, o cavalheiro de Alcacer-Kibir, certo que não tornou á plaga lusitana; mas finalmente reviveu, quebrantando com o guante de D. João IV o dominio hespanhol e confundindo os desbrizados que haviam adherido á humilhação da patria.

Não ha, pois, que desfazer nas longas esperanças populares.

Se o que existe é a tyrannia, seu predomínio não pôde durar muito; se é democracia, a ultima palavra pertencerá ao povo e não ao official.

Elle ha de voltar—e será esse um bello dia para a cidade em que viveu e onde reinou pacifico e glorioso!

CARLOS DE LAET

OS MUNICIPIOS PIRACICABA

Realizou-se no dia 22 do mez proximo findo, no theatro local, o festival organisado pela cxma. sra. d. Lydia de Rezende, em beneficio do Sanatorio S. Luiz, ao qual concorreu a elite da sociedade piracicabana.

O festival consistiu d'*A Ceia dos cordeões*, de Julio Dantas, desempenhada pelos srs. dr. Marques Cantinho, João de Sá e Saraiva Junior; do quadro allegorico *As Parvas*; de parte musical, vocal e choreographica; da comedia *Um papagaio em apuros*, representada pelos srs. Arthur Mattos e José Campagnoli e sras. Elisa Campagnoli e Lazineha de Toledo, terminando com uma deslumbrante apothecose a Santa Cecilia.

Todos se esforçaram para a boa execução do programma, merecendo os applausos que lhes dispensou o numero e selecto auditorio.

CAJURU

No dia 25 do mez proximo findo, fez annos o apreciado poeta e intelligente advogado Arnaldo Velloso, representante do *Album Imperial*.

— A *Tribuna de Cajuru* denuncia que *Yolanda*, collaboradora do extincto semanario *Vida Paulista*, desta capital, surripui a Arnaldo Velloso o soneto «Ao coração», limitando-se a fazer-lhe pequenas alterações. E para tornar bem patente o plagio aos olhos do leitor, transcreve os dous sonetos.

Se não nos enganamos, *Yolanda*, longe de ser «algum neophito sonhador», como suppõe aquella folha, é pseudonymo do sr. Arlindo Leal, actual redactor-secretario d'*A Tribuna*, de Santos; damos-lhe, pois, a palavra, para desfazer a accusação.

Maravilhosa descoberta na electricidade

O GOVERNO federal acaba de privilegiar, com a patente n. 4.242 e pelo tempo de quinze annos, um graduador electrico aperfeiçoado, denominado «Graduador Galizio» — invenção do sr. Francisco Galizio, electricista domiciliado nesta capital.

O cliché que reproduzimos hoje representa o sr. Francisco Galizio no seu gabinete de experiencias.

A invenção tem por objecto um graduador electrico isento de curto circuito.

Eis as utilidades a que se pôde empregar, com grande vantagem, o dito aparelho:

- 1.º Graduar a intensidade luminosa das lampadas electricas, podendo obter-se até luz egual à de uma lamparina de azcote, e assim gradativamente á vontade do consumidor.
- 2.º Graduar a velocidade dos motores de correntes alternadas.
- 3.º Graduar o calor, e com grande vantagem para uso de fogões economicos e para as chocadeiras, bem como para quaesquer outros aparelhos de calor electrico.
- 4.º Pôde-se empregar na hydrotherapia e na therapeutica.
- 5.º Nos choques electricos e nas installações de campainhas electricas, dispensando o emprego das pilhas onde houver as respectivas installações.
- 6.º Para nickelar, dourar, pratear e oxydar, dispensando os tantos outros processos de correntes electricas que são precisos para obter os mesmos resultados.
- 7.º Serve de isolador contra os raios atmosphericos em quaesquer installações electricas, de accôrdo com a voltagem de transmissão das correntes.

Este aparelho acha-se modificado em dous typos:

O n. 1 é destinado para grandes forças, como sejam nas grandes installações dos theatros, etc.

O n. 1-A é destinado para as forças das lampadas electricas.

Nas experiencias scientificas feitas no Club de Engenharia da Capital Federal, por habeis engenheiros electricistas, foi approvedo o invento do sr. Francisco Galizio, o qual, na economia electrica, deu um resultado de 27%, conforme consta da patente de invenção e da descripção publicada no *Diario Official* da Republica, de 19 de fevereiro de 1905.

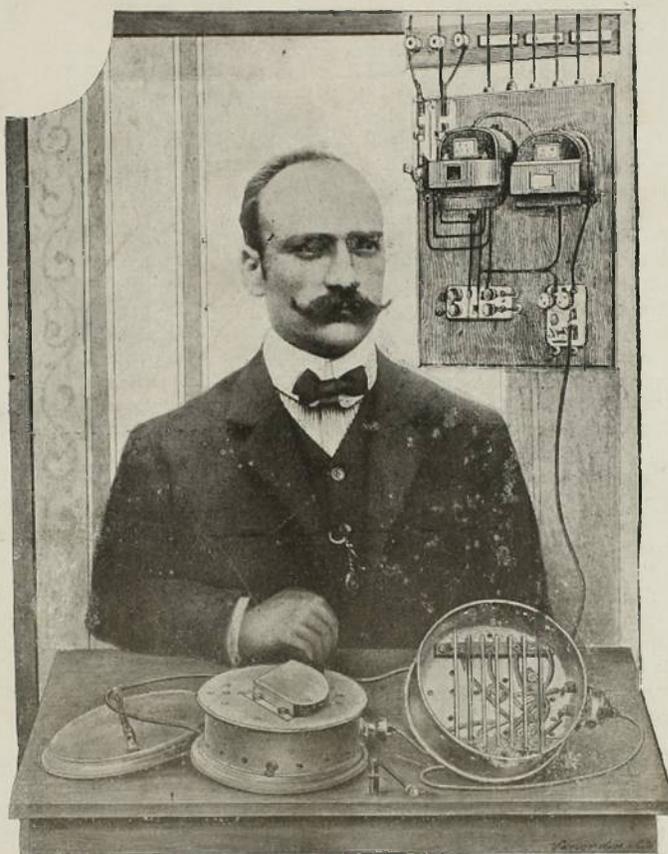
Estes aparelhos estão sen-

Jornaes e revistas

Não desmerece dos anteriores o n. 10 d' *A Nova Cruz*, magnifica revista mensal dirigida por Arthur Goulart e Francisco Gaspar: — traz escolhida collaboração em prosa e em verso e publica o retrato de Pedro Rabello, Olavo Bilac, Goulart de Andrade e Raul Pederniciras.

— O ultimo numero da *Rua do Ouvidor* dedica a sua primeira pagina ao sr. Nilo Peçanha, cujo retrato estampa, acompanhado de longo artigo. Lectura variada e interessante.

— Não recebeu o ultimo numero da *Iris*, bella revista de Alvaro Guerra.



O electricista Francisco Galizio no seu gabinete de experiencias

do fabricados na Alemanha, por intermedio da casa Hermann Theil, estabelecida nesta capital, á rua Direita, n. 9.

Dentro em breve serão postos em exposição em S. Paulo e por essa occasião o seu inventor fará a todos os interessados a demonstração pratica das vantagens que os mesmos offerecem. Além das vantagens enumeradas, o «Graduador Galizio» é de grande durabilidade, é portatil e pôde ser collocado onde deseje o seu proprietario.

noiva, os drs. Leopoldo Leitão e Cesario Ramos, e do noivo, o dr. Alves de Lima.

O acto religioso foi celebrado no Palacio Episcopal, pelo exmo. sr. Bispo Conde de S. Paulo, que, terminada a cerimonia, dirigiu aos recém-casados eloquente saudação. Serviram de padrinhos, por parte da noiva, os drs. Leopoldo Leitão e Cesario Ramos e, por parte do noivo, o sr. coronel João Procopio de Araujo Carvalho.

No palacete Cesario Ramos, foi servida aos convidados delicada mesa de doces, sendo feitos, ao *champagne*, muitos brindes. Seguiu-se animada *soirée* dançante, que se prolongou até á madrugada.

Dentre a numerosa e selecta concorrência, notámos a presença dos srs. dr. João de Lemos e familia, dr. Claro Homem de Mello e familia, Henrique Xavier de Brito e familia, dr. Inglez de Souza e familia, coronel Francisco Leitão e familia, dr. Raymundo Furtado Filho, Joaquim Mendes e familia, D. Thereza Salles Souto e familia, dr. Leopoldo Leitão e familia, coronel João Procopio de Araujo Carvalho, Urbano Procopio de Souza Meirelles, Joaquim P. de Araujo Ferraz, dr. Alves de Lima, dr. Eusebio de Queiroz, Tiburtino Marcondes, Francisco Junqueira, João Ramos, Francisco Ignacio de Almeida e familia, Mme. Ferdinand Funke, dr. Vieira Marcondes, Carlos Ferreira de Souza, conego Antonio de Almeida, D. Domiciana Falcão e familia, dr. Valeriano de Souza, dr. Delphino de Ulhôa Cintra, dr. Rubião Meira, dr. P. Pontual, dr. David Cavalheiro, dr. Arthur Mendonça, dr. Xavier da Silveira e Sebastião Falcão e familia.

O dr. Olegario de Moura e sua esposa seguiram no dia 7 para a Europa, em viagem de nupcias, como noticiamos, hoje, na secção «Vida social».

VIDA SOCIAL

Anniversarios

Fez annos no dia 5 a senhorita Izabel, filha do dr. José Maria Bourroul, integro juiz de direito da 1.ª vara civil e commercial.

— No mesmo dia, o dr. Theophilo Fidelis de Paula, presidente da Camara Municipal de Santa Rita do Passa Quatro.

— No dia 6, a interessante menina Alcina, filha do dr. João Fleury, illustre advogado do nosso fóro.

— No mesmo dia, o dr. Bettencourt Rodrigues, conceituado clinico nesta capital e festejado escriptor.

— No dia 8, o rvm. monsenhor Manoel Vicente da Silva, illustre membro do Cabido Diocesano.

PELOS SALÕES

PALACETE CESARIO RAMOS

Conforme noticiámos, effectuou-se no dia 3 do corrente, nesta capital, o enlace matrimonial do distincto medico paulista dr. Olegario de Moura com a gentil senhorita Maria de Lourdes Ramos, dilecta filha do estimado capitalista e nosso intransigente correlogerario dr. Cesario Ramos.

O acto civil realisou-se ás 8 horas da noite, no palacete dos paes da noiva, á alameda do Triumpho, 51, servindo de padrinhos, por parte da

— No dia 10, a senhorita Anna Rita, filha do dr. João Mendes de Almeida Junior.

— No dia 11, o dr. Armando Prado, illustre advogado do nosso fóro.

— Completam depois do amanhã seu primeiro anno de existencia os innocentes Paulo, filho do dr. João Fleury, e Luiz Gonzaga, filho do dr. Couto de Magalhães.

— Passou hontem o anniversario natalicio da exma. sra. d. Messias Ferreira Alves, virtuosa esposa do dr. Ferreira Alves, ministro aposentado do Tribunal de Justiça e illustre advogado deste fóro.

— Faz annos no dia 31 do corrente a exma. sra. d. Aurora Ferreira Alves de Toledo, extremecida esposa do dr. Alfredo de Toledo, distincto homem de letras e advogado do nosso fóro.

Em viagem

Esteve nesta capital e distinguu-nos com sua visita o rvm. conego Antonio de Almeida, residente em Taubaté, que aqui viera assistir ao casamento do seu sobrinho dr. Olegario de Moura. O virtuoso sacerdote regressou para aquella cidade no dia 8.

— Na capital tambem esteve o rvm. padre Moysés Nóra, distincto escriptor e vigario de Porto Ferreira.

— A bordo do *Prinz Eitel Friedrich*, partiram para a Europa, no dia 7, o dr. Olegario de Moura e sua exma. senhora e o dr. Julio de Mesquita, director do *Estado de São Paulo*.

O dr. Olegario de Moura vai em viagem de nupcias percorrer as principaes capitães do Velho Mundo e aproveitará sua longa permanencia na Europa para frequentar, como medico-operador, os hospitaes de Paris, Vienna e Berlim.

Acompanharam-no até Santos os srs. coronel João Procopio de Araujo Carvalho e rvm. conego Antonio de Almeida.

O dr. Julio de Mesquita seguiu para a ilha da Madeira, a chamado urgente, em visita a uma de suas filhas gravemente enferma.

Ao seu embarque, na estação da Luz, fizeram-se representar todas as secções do *Estado de São Paulo* e acompanharam-no até Santos os srs. dr. Bettencourt Rodrigues, dr. José Maria Bourroul, Numa de Oliveira, Horacio Sabino, Augusto Barjona, dr. Victor Freire e Mello Abreu.

— Regressou no dia 5 para Botucatu o dr. Raphael Ferraz de Sampaio, proecto advogado daquello fóro e estimado lavrador.

— Seguiu no 11 para Santos, onde embarcou no *Trent*, com destino á Europa, o dr. Adolpho Augusto Pinto, chefe do escriptorio central da Companhia Paulista.

Foram á estação da Luz despedir-se

de s. s. os srs. conselheiro Antonio Prado, prefeito municipal; padre Manuel Vinheta, representando o sr. bispo diocesano; rvm. arceidiago dr. Francisco de Paula Rodrigues, presidente do Cabido, Henry Linch, Gabriel de Toledo, dr. Joaquim de Mendonça, dr. João Pedro da Veiga e exma. filha, Machado de Oliveira e exma. familia, Francisco Mundell, director da Contadoria da Estrada de Ferro, dr. Eugenio de Carvalho e exma. familia, dr. Victor Freire, R. Gray, director da Companhia de Gaz, W. Gray, guarda-livros da Companhia Paulista, Nathanael Leopoldo, Luiz Carneiro, Francisco de Campos, ajudante do trafego da *São Paulo Railway*, dr. Alfonso Taunay, tenente Raul Taunay, dr. Augusto da Silva Telles, Godofredo Silva Telles, Ageror de Lacerda, representando os empregados do telegrapho da Companhia Paulista, Alexandre Hass, chefe do telegrapho da Companhia Paulista, coronel Bento José de Carvalho, senhoritas Antonietta, Celia e Marieta Pinto Silva, Charles Tomkins, contador da *São Paulo Railway*, dr. Barros Barreto, dr. Luiz de Azevedo, dr. Manuel Pedro Villaboim, coronel Antonio Proost Rodovalho, padre Maximiano Leite, reitor do Seminario Episcopal, monsenhor João Alves do Amaral, rvm. Camillo Passalacqua, conde de Prates, dr. João Antonio de Oliveira Cesar, conselheiro Duarte de Azevedo, dr. Delfim Carlos, d. Maria Amalia Pinto Gonçalves, dr. Luiz Augusto Pinto e exma. esposa, Gelasio Pimenta e exma. esposa, dr. João Silveira Cintra e exma. esposa, William Speers, superintendente da *São Paulo Railway*, dr. Luiz Pinto Serva, dr. Mario Pinto Serva, Leão Renato Serva, dr. Alarico Silveira, Victorino Silva, José Maria de Santa Fé, Raul Chaves e exma. esposa, mlles. Percira Pinto, Abiah Prado e d. Carolina Guedes Galvão.

O sr. Gelasio Pimenta, pelo *São Paulo*, e o dr. João Antonio de Oliveira Cesar, pela Liga da Boa Imprensa, acompanharam o dr. Adolpho Pinto até a bordo do *Trent*, que zarpou de Santos, ás 2 horas da tarde.

NOTAS

Os srs. assignantes que não receberam pontualmente o *Album* deverão dirigir sua reclamação directamente ao nosso escriptorio, avenida Angelica, 3.

O *Album Imperial* tem o prazer de annunciar que conta com a collaboração effectiva do illustre escriptor dr. André Werneck, advogado no Rio de Janeiro e um dos mais distinctos cultores da nossa Historia.

Collaborador assiduo do *Jornal do Commercio*, o dr. André Werneck tem publicado, naquelle importante diario, magistraes artigos sobre factos da Historia do Brasil, e no *Album Imperial* iniciará sua collaboração com um estudo, que publicaremos no proximo numero, sobre D. Pedro I e a Independencia.

Marcio, chronista politico do *Jornal do Brasil*, escreveu as seguintes linhas a proposito de uma determinação da Prefeitura do Rio mandando iniciar os trabalhos em todas as escolas municipaes pelo hymno nacional e continencia á bandeira:

«O culto da bandeira foi pretexto para que um sem numero de pessoas ficassem commovidas ante uma determinação regulamentar da Prefeitura, determinando uma formalidade diaria, antes de começar os trabalhos nas escolas do districto.

De facto, nada mais bello do que a homenagem ao symbolo tradicional da patria: mas, inelizmente, depois que arranjaram o emblema de uma seita para figurar no lozango amarello da bandeira, deixou de ser a bandeira o que era, passando, quando muito, a ser a bandeira do regimen.

E' um verdadeiro desconsolo ver subir a bandeira auriverde com a tal bola azul com o lemma da seita positivista. Quando voltaremos a considerar a bandeira como o era? Quando a cegueira e o capricho cederão o passo ao patriotismo e á esthetica?

E, como ha, não um, nem dez, nem cem, mas milhares de brasileiros que não se conformam com ter a bandeira um emblema de seita a que não pertencem, imagine se poderá haver unanimidade entre os que nas escolas serão obrigados a entoar lãs á seita e, nas suas casas, aprenderem a considerar abuso delictuoso o acto que adoptou, sem a menor consulta á nação, semelhante affronta ás crenças da sua maioria!»

A *Comarca*, de Mogy-mirim, publicou estas linhas:

Recebemos de Stockolmo, capital da Suecia, o seguinte cartão:

«O dr. Göran Björkman, representante official de Portugal e Brasil no Instituto Nobel da Academia Sueca, tem a honra de agradecer ao exmo. sr. Francisco Cardona a amavel offerta de alguns numeros do seu valente jornal.

Vendo que vai sahir em S. Paulo uma edição dos versos do Imperador, o dr. Björkman teria muito empenho em lê-la, certo de achar lá dentro alguma poesia para esse *gentleman* co-roudo ser representado na anthologia lyrica pan-romancista que prepara.

Por isso o sr. Cardona muito obrigaria ao dr. Björkman, se pudesse, no

seu tempo, fazer-lhe obter um exemplar desse livro. 10 de janeiro de 1906.»

Aos presados collegas do *Album Imperial*, de S. Paulo, endereçamos o pedido do illustre representante da nossa Patria, para ser tomado na devida consideração»

Nada nos consta a respeito da publicação a que se refere o dr. Björkman.

Passou no dia 11 do corrente o 20.º anniversario da sagração sacerdotal dos exmos. srs. D. José de Camargo Barros, Bispo Conde de S. Paulo, e monsenhor José Marcondes Homem de Mello, bispo eleito do Pará.

A's muitas saudações que s. exas. receberam juntamos as nossas.

Participa-nos o sr. Arthur Goulart que o escriptorio de redacção da *Nova Cruz* passou a funcionar á zvenida Rangel Pestana, n. 216, para onde aquelle nosso estimado collega transferiu sua residencia.

Transferiu sua residencia de Santa Rita do Passa Quatro para a cidade da Franca o joven e talentoso clinico dr. Jonas Ribeiro, que alli abriu consultorio á rua Campos Salles, 16.

O dr. Xavier da Silveira, conceituado clinico desta capital e brilhante escriptor, transferiu sua residencia para a rua Amador Bucno, n. 6, junto ao largo do Paysandú.

E' esperado no Rio de Janeiro no dia 30 do corrente, de regresso de sua viagem á Europa, o exmo. sr. Cardeal D. Arcovorde.

O sr. barão do Rio Branco conferenciou com o sr. Rodrigues Alves, ficando combinado que se lhe fará condigna recepção.

Parcece que não lhe prestarão todas as honras ecclesiasticas, por coincidir a sua chegada com a Semana Santa, isto é, occasião em que a Igreja está revestida de luto.

A esse respeito conferenciaram tambem, em Petropolis, os monsenhores Amorim e Julio Tonti, nuncio apostolico.

HONTEM E HOJE

O sr. Joaquim Nabuco, que representa actualmente a Republica, como seu embaixador nos Estados-Unidos, escreveu no *Agradecimento aos pernambucanos*:

«Eu receio muito que um dia, no futuro distante, quando se descobrir no estrangeiro o tumulo emprestado ao ultimo representante da nossa Monarchia, se reconheça que elle foi sepultado á moda dos heróes antigos,— com o que mais caro lhe fóra em vida: a liberdade e a unidade do seu paiz.»

ANNO I

S. PAULO. 5 de abril de 1906

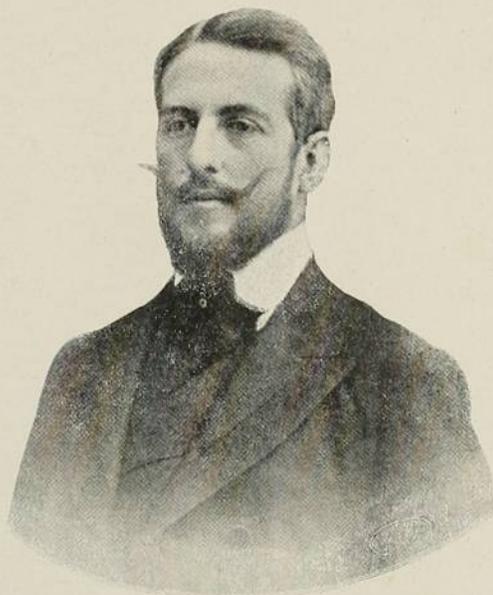
NUM. 7

ALBUM IMPERIAL

QUINZENARIO POLITICO E LITERARIO

Director: Couto de Magalhães

Secretario: M. Bittencourt J.^{or}



PRINCIPE D. PEDRO

O PRINCIPE DO GRÃO PARÁ



SABEDORIA dos patriotas, a quem devemos a nossa formação politica, não escapou o titulo com que devia ser tratado o filho primogenito do herdeiro presumptivo do Imperio.

PRINCIPE DO GRÃO PARÁ é o titulo legal fixado no art. 105 da Constituição Imperial.

Regulada com minudencia e methodo a successão das pessoas no throno, segundo a vaga occorrer por morte, enfermidade ou renuncia, a primeira pessoa, collocada por seu nascimento á probabilidade da successão, é denominada PRINCEZA IMPERIAL, e a segunda é que se conferiu o predicamento de PRINCIPE DO GRÃO PARÁ.

Dest'arte Sua Alteza a Senhora Condessa d'Eu, sendo hoje a nossa Imperatriz, o Principe do Grão Pará passa a ter o titulo de PRINCIPE IMPERIAL.

* * *

Deus se comprazeu de estatuir no mundo politico, como no mundo physico, a mais variada manifestação de fórmás.

As fórmás de governo não são creações méramente humanas, senão quando, aberrando da razão e do bem, ellas traduzem o desfreio das paixões. Quando os povos na trilha das virtudes e os homens no caminho do bem, solicitando a DIVINDADE, pedem inspiração á consciencia, as fórmás de governo não irrompem como flagellos, raios prolongados que estão todos os dias matando alguma cousa, como tem sido o levante victorioso de 15 de novembro.

Dentre as fórmás de governo, uma das mais sabias, em que a intelligencia humana, obedecendo as luzes da Historia, obedece as suggestões da natureza racional, é a monarchia hereditaria.

Só Deus sabe se um dia virá em que seja possível no mundo humano uma paz universal. Não o cremos. E' um obstaculo a paixão dos interesses: e estes muito naturalmente e até muito salutarmente se

contrariam em contrastes incoercíveis de fogo e sangue.

Do mesmo modo não acreditamos possível uma situação tão prospera na vida internacional, que as nações, como lagos nivelados em remanso, tenham a mesma fórma de governo.

Mas, se ainda tiver o mundo de progredir muito mais, e se a tendencia para uma harmonica unidade fór consequencia do progresso, não ha duvida que a fórma de mais delicada contextura e de mais fino quilate é a monarchia hereditaria.

* * *

Sentado ainda em seu throno, com todo vigor de governante apesar de um longo reinado, já tinha D. PEDRO II em differentes degraus de seu throno a vista e certeza dos seus successores, trabalho em que a natureza collaborava com a Constituição de 1824.

Fac-simile da assignatura do Principe D. Pedro

Chefe de um povo ao mesmo tempo que chefe de sua familia, o cuidado que tem o soberano com a prole, na sua educação moral e politica, é um cuidado e um beneficio que está fazendo a seu paiz, apparellhando a pessoa que ha de ser no dia de amanhã o imperante legal.

O casamento de Sua Alteza a Condessa d'Eu, augusta successora de D. PEDRO II, deu ao Brasil tres principes: D. PEDRO, D. LUIZ e D. ANTONIO.

O favor da natureza, manifestado na primogenitura, assegurou ao primeiro a soberania deste paiz, depois que o throno vagar da occupação de sua augusta Mãe.

Elle vem aprendendo desde o berço a arte de governar na escola propria desse

aprendizado; e as paixões dos homens vão-se acostumando a idéa de que ha um limite para suas ambições e que estas, por mais que estuem, não chegarão a subir os degraus do throno.

* * *

O nome de linhagem do PRINCIPE IMPERIAL é Pedro de Alcantara Luiz Phelippe Maria Gastão Miguel Gabriel Raphael Gonzaga. O seu nascimento occorreu em Petropolis, aos 15 de outubro de 1875.

Vê-se, pois, que entrou logo na escola da adversidade, que é a que dá mais fundas e proveitosas lições, porque o levante de 15 de novembro o apanhou aos quatorze annos de idade.

Destinado pela natureza a um throno já de si grande, e que se tornou notabilissimo pelo lustre com que foi occupado por seu avô, D. PEDRO foi encaminhado por seus Paes na carreira que mais fala ao patriotismo, qual a carreira militar. Fez o curso

da Escola Militar da Austria na arma de cavallaria e é capitão de lanceiros.

Longe da patria, não pela interposição do oceano, que não é barreira hoje em dia, mas pela ingratição dos homens, mais se terá acendrado em seu coração o amor pelo Brasil, como quem sente ao longe prisioneiro os encantos do lar ambicionado.

Aos trinta annos de idade, aprimorado pelas viagens no mundo universo, cuja parte menos conhecida é talvez o seu infeliz solo natal, D. PEDRO está aparelhado á pesada obrigação de reerguer o Brasil, quando vier a hora da redempção, se esta não soar primeiro para sua augusta Mãe. Já floreira o seu nome o aureo prestigio do nome de seu avô.

Raphael Correa

Março de 1906



D. PEDRO I E A INDEPENDENCIA



PARA o estudo da Independencia do Brasil ser completo é preciso remontar aos tempos anteriores á chegada de D. João VI; analysar as tentativas que visaram esse fim, a historia dos martyres que succumbiram, cheios de fé nas idéas da creação de uma patria livre, generosa e prospera.

Porém, para nós, que neste momento pensamos unicamente em traçar um rascunho da ultima phase do periodo em que este paiz tornou-se Patria, não precisamos mais do que lembrarmos que, com a chegada de D. João, o Brasil entrou em um caminho de prosperidade politica, industrial e moral.

Assim, pois, de 1808 em diante as aspirações dos patriotas mais exaltados ficaram modificadas pelas circumstancias do momento historico. O desejo de todo o bom brasileiro era, então, não crear embaraços á marcha do governo, auxiliar-o, tolerar-o mesmo, certo de que os passos característicos da Independencia estavam sendo feitos pelo generoso e patriótico (quanto ao Brasil) governo do Principe Regente e mais tarde D. João VI (1), que ia esquecendo o velho Portugal, enfraquecendo-o. E com a elevação do Brasil a Reino Unido, e, consequentemente, o pé de equaldade politica com Portugal, ficara estabelecida a base das futuras reacções contra as investidas da mãe-patria.

(1) V. nosso estudo D. João VI e a Independencia, *Jornal do Commercio*, de 17 de setembro de 1905.

D. João tinha ganho a gratidão do povo brasileiro, que lhe attribua toda a sua rapida e segura prosperidade. Por outro lado, o então Principe Regente havia mesmo espontaneamente abraçado a *causa do Brasil*, declarando que «viéra fundar um novo Imperio». Assim, resistia sempre aos chamados de Portugal e aos constantes desejos que a Inglaterra manifestava para que isso se realisasse.

Com a revolução de 22 de agosto de 1820, em Portugal, e consequente reunião das Cortes Portuguezas, que chamaram D. João, o Brasil sentiu-se abalado e quiz evitar a saída do Rei. Muitas representações foram feitas nesse sentido; algumas propunham que fosse D. Pedro e ficasse D. João; El-Rei chegou mesmo a ceder nesse sentido, porém, resolvendo o contrario, a 26 de abril de 1821, seguiu para Portugal, deixando D. Pedro como regente do Brasil.

Embarcado que foi D. João, o Principe começou (2) a desenvolver uma actividade pouco commum e

(2) Foi este o seu manifesto:

Habitantes do Brasil

A obrigação de atender primeiro que tudo ao interesse geral da Nação forçou Meu Augusto Paes a deixar-vos, e a encarregar-me do cuidado sobre a publica felicidade do Brasil, até que de Portugal chegue a Constituição, e a consulide.

E julgando Eu mui conveniente, nas presentes circumstancias, que todos desde já conheçam quaes sejam os objectos de Administração Geral, a que especialmente attenderei; não peço tempo em manifestar que o respeito austero ás Leis, Vigilancia constante sobre seus explicadores, guerra contra os embages com que ellas se desacreditam.

energia esclarecida. Aboliu o imposto do sal (3); libertou de imposto o commercio de cabotagem (4); determinou que ninguém fosse preso sem culpa formada e ordem por escripto do Juiz, salvo em flagrante delicto; aboliu o uso das correntes, algemas e outros instrumentos de tortura e impoz penas severas aos infractores; prohibiu que lançassem os presos em masmorras escuras, estreitas ou infectas, porque, diz o decreto, « a prisão deve ser sómente para guardar as pessoas e nunca para adoccer e flagellos » (5); acabou com o abuso que havia de apropriação para o Estado dos bens dos particulares, sem que houvesse indemnisação; reduziu as despesas do palacio, baixando à metade os vencimentos da criadagem, e não supprimiu alguns, porque « a privação da totalidade de seus vencimentos os reduziria, com crueldade, a desgraçada miseria » (6). Os seus ministros deram o bom exemplo, naturalmente por instigação sua, de pedirem a diminuição de seus vencimentos: de 10.000 cruzados passaram a 8.000 (7).

* * *

A força armada era, porém, geralmente, contraria á causa do Brazil e no dia 5 de junho de 1821, simulando uma representação do povo, requereu que D. Pedro jurasse as bases da Constituição que as Côrtes Portuguezas tinham decretado, e consequentemente nomeasse outro ministerio, do qual não queriam que fizesse parte o Conde dos Arcos, amigo, que era, do Brazil.

Em carta que D. Pedro escreveu a D. João VI, com data de 8 de junho de 1821, e relatando os acontecimentos do dia 5, diz o seguinte:

« Tendo eu procurado satisfazer os vassallos de S. M. naturaes deste paiz, como V. M. pôde calcular pelos papeis que tive a honra de remetter a V. M., e igualmente, tendo-o alcançado de todo, só o não pude alcançar de alguns officiaes do batalhão n. 3, que se têm portado muito mal, assentando que a Constituição é e deve ser proclamada á força armada (estes são João Chrysostomo, Peixoto, o capitão Sá, o Garcez e o José Maria, do n. 11), a ponto de peitarem os soldados para fazerem jurar as bases constitucionaes portuguezas, ou por bem ou por mal, não tendo eu nada contra isso, mas só por *fazerem o acto seu*, o que as Côrtes seguramente reprovarão; porque eu já ia caminhando, como se prova dos papeis todos feitos, para anticipar os bens da Constituição, muito mais

tam e enfraquecem, serão os objectos de Minha primeira Attenção.

Altamente agradável me será anticipar todos os beneficios da Constituição, que puderem ser conjugaveis com a obediencia das nossas Leis.

A educação publica, que actualmente exige o mais apurado desvelo do Governo, será attendida com quanta effecacia couber em Meu Poder.

E porque em semelhante estado se acham a Agricultura e o Commercio do Brazil, não cessarei de procurar fontes de riqueza da Nação.

Egual attenção prestarei ao interessantissimo artigo das reformas, sem as quaes é impossivel promover liberalmente a publica prosperidade.

Habitantes do Brazil:

Todas estas intenções serão baldadas se uns poucos mal intencionados conseguirem sua funesta victoria, persuadindo-vos de principios anti-sociaes, destructivos de toda a ordem e diametralmente contrarios ao systema de franqueza que desde já Principio a seguir.

Principe Regente

(3) Decretos de 29 de abril e 11 de maio.

(4) " " " 13 de maio.

(5) 23 de maio de 1821.

(6) 21 de maio de 1821.

(7) 31 de outubro de 1821.

tendo dito ás Côrtes que as bases não regeriam no Brazil sem pelos seus deputados ser expressa a sua vontade, que seguramente será a mesma ».

« Eu tinha-o sabido cito dias antes, e disse a J. Chrysostomo que eu sabia isto assim e assim, ao que elle me respondeu que era intriga ».

« No dia 4 fui á caça á Santa Cruz, e, já suspeitando que a divisão auxiliadora me quereria fazer um requerimento para eu consentir que se juntassem para jurarem as bases, vim; e no outro dia, ás 5 horas da madrugada, montei a cavallo e fui ao batalhão n. 3 para ver se elles me pediam alguma coisa sobre isto; mas vendo na porta do Sá escripto com giz — Capitão Sá — logo suspeitei que elles queriam fazer acto só seu, e não pendente do governo, que para mais constitucional só a mesma Constituição.

« Cheguei á porta do Sá e chamei-o; veio elle com olhos de somno, mas de somno fingido; disse-lhe que eu era sabedor que elle tinha posto proclamas e era o amotinador e perturbador do socco publico, por andar mettendo medo com o batalhão ao povo, que é de si mui socegado ».

« Peço incessantemente a V. M. que em Côrtes mostre ou mande mostrar essa carta para bem geral e accuse da minha parte esta divisão auxiliadora de insubordinada, por querer alterar a forma de governo legalmente eleito por V. M. (com o pretexto de eu ter legislado, quando o que tenho feito é o *haver adiantado os bens constitucionaes, revivendo leis adormecidas, e cousas que a Constituição não cedo não poderia obviar*, que eram de grande necessidade e utilidade para a sustentação dos povos, assim como o perdão dos direitos de sal, etc.) e ao mesmo tempo fazel-a render: quanto antes, porque ella arrogou a si o poder que só a força lhe dá, não direito algum. Depois de eu saber que o voto do povo era aquelle, não por medo, mas por convicção propria, jurei as bases, etc. » (8).

Em virtude desse juramento, D. Pedro na mesma data reorganizou o seu ministerio, de que fizeram parte: — o desembargador Pedro Alvares Diniz, como ministro e secretario de Estado dos negocios do Reino e Estrangeiros; Conde de Louzã, como ministro da Fazenda, com a presidencia do Erario Regio; o marechal de campo Carlos Frederico de Paula, como ministro da Guerra; e o chefe da esquadra Manoel Antonio Farinha, como ministro da Marinha.

E por decreto da mesma data creou a junta provisional e approvou as indicações do povo e tropa, que recahiram nos seguintes nomes: Mariano José Pereira da Fonseca, 38 votos; Bispo Capellão-mór, 34; José de Oliveira Barbosa, 33; José C. Ferreira de Aguiar, 23; Joaquim de Oliveira Alves, 22; Joaquim J. Pereira do Faro, 20; Sebastião Luiz Tinoco, 18; Francisco J. Fernandes Barbosa, 17, e Manoel Pedro Gomes, 15. O numero de votos e os nomes dos eleitos indicam os elementos com que contava D. Pedro, á testa de uma empreza tão importante e que elle voluntariamente tomava. O ministerio só soffreu a mudança do Conde dos Arcos para D. Diniz.

Não sabemos se D. Pedro teve quem o guiasse nessa crise tão importante por que passava o Brazil, porém é fóra de duvida que se mostrava um moço cheio de resolução, de coragem e de vontade; superior á camarilha que o rodeava, que ora se mostrava

(8) Os gryphos são nossos.

partidaria de Portugal (como José Clemente) e ora da *causa do Brasil*, como se dizia em linguagem daquelle tempo.

* * *

Assim, no meio de uma lucta que poderemos mal dividir, as cousas foram caminhando até ao dia 9 de dezembro, em que chegavam os decretos de Portugal que intimavam D. Pedro a retirar-se para lá, annullaram o acto de D. João nomeando-o Regente do Reino do Brasil, mandavam entregar o governo a uma regencia e tomavam outras providencias. Esses papcis traziam a data de 29 de setembro e foram publicados no *Diario do Governo*. Os patriotas incommodaram-se com essa inesperada resolução das Cortes.

Então o capitão Joaquim José da Rocha e seu irmão Joaquim José de Almeida tomaram parte activa para reagir contra as pretensões de Portugal e trataram de mandar pedir aos governos provisórios de São Paulo e Minas que representassem ao Príncipe sobre a conveniencia de sua permanencia no Brasil. Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond e outros encarregaram-se de obter assignaturas, para o que havia de ser dirigida em nome do povo do Rio de Janeiro. Em casa de Rocha reuniram-se os partidarios dessa idéa e resolveram encarregar ao Marquez de Jacaré-paguá (que para isso se offereceu) para sondar D. Pedro, que, sendo consultado, respondeu: « Fico, se fór essa a unanimidade dos povos do Rio, Minas e São Paulo, e em tal caso estou prompto a receber a deputação ».

Em virtude dessa resposta, ficou resolvido fazer o manifesto em nome do Rio de Janeiro (cidade e provincia) e foi redigido por Frei Sampaio, e traz a data de 29 de dezembro de 1821, e mandar emissarios a S. Paulo e Minas. A resposta desta provincia demorou, porque houve desconfiança na seriedade da proposta, e a de S. Paulo chegou a 1.º de janeiro de 1822, e só foi entregue officialmente a 26 do mesmo mez, muito agradando ao Príncipe, pela maneira energica em que era escripta, e tem a data de 24 de dezembro de 1821.

Tudo isso, porém, se fazia com a maior reserva, porque os ministros ainda eram portuguezes e a tropa portugueza comprimia o paiz. Esse segredo mais incommodava a tropa, porque estava habituada á intervenção nos negocios publicos. Jorge de Avilez, de posse delle, levou uma representação por si assignada, bem como pelos commandantes e officiaes da divisão auxiliadora, exigindo a prisão e remessa para Portugal das pessoas declaradas na mesma representação e que elles chamavam *perturbadores da ordem publica*.

O Príncipe Regente desattendeu a pretensão da força armada, dizendo que o direito de petição estava garantido pelas bases da Constituição jurada e que não podia privar os habitantes do Rio de Janeiro dessa regalia.

Os patriotas, entretanto, continuavam nos seus trabalhos de propaganda e nos de acção, para o que julgavam não haver tempo a perder. Para esse fim procuraram a José Clemente, então presidente do Senado da Camara, para que no dia determinado fosse o portador dessa representação, no que julgavam que a fortaleceria mais. José Clemente negou-se a isso, dizendo que « os decretos das Cortes haviam de se cumprir e que depois as circumstancias diriam o resto »; porém, depois, observando que a opinião publica era favoravel á idéa, resolveu-se a procurar D. Pedro. Consultando o Príncipe a respeito do assumpto, obteve a seguinte energica resposta: « que tomaria em con-

sideração as representações que lhes fizessem ». A noite do dia 8 foi que José Clemente participou que presidiria no dia seguinte á sessão do Senado da Camara.

O discurso que José Clemente leu foi anteriormente apresentado em reunião dos patriotas e muito modificado no seu original primitivo, não satisfazendo a boa parte das pessoas presentes; foi assim mesmo approved. Ao passo que a representação era energica e terminante, o discurso de J. Clemente era dubio.

* * *

No dia 9 de janeiro de 1822, de ante-mão marcado para esse fim, o Príncipe Regente recebeu ao meio dia, na sala do throno do paço da cidade, a deputação do Rio de Janeiro (provincia e cidade). O presidente da Camara, depois de fazer o cumprimento do estylo, leu o discurso anteriormente approved em reunião dos patriotas. O Príncipe do alto do throno dirigindo a palavra ao presidente do Senado da Camara, disse: « Como é para bem de todos e felicidade geral da Nação, estou prompto, diga ao povo que Fico » (9).

A tropa Portugueza assistiu a esse acto sem dar signal de si; porém, como estava determinado que succedessem tres dias de festas, guardavam a sua acção para o ultimo dia. Plazejaram no dia 11 surprender D. Pedro no theatro cu em S. Christovam, prendel-o, bem assim a Princeza, e leval-os para a fortaleza de Santa Cruz, donde embarcariam a bordo da fragata *União*, que já se achava preparada com todo o necessario para seguir viagem.

D. Pedro, avisado, tomou todas as providencias e ordenou a Avilez que se retirasse immediatamente para a Praia Grande. Nesse mesmo dia 11, circularam proclamações, aconselhando ao povo que defendesse a sua propriedade, porque constava que a tropa portugueza esperava que amanhecesse o dia para saquear a cidade. Essas proclamações ensinavam o modo de cada um acautelar a sua casa. A noite foi passada nesse preparativo, principalmente nas ruas onde havia mais que roubar. O Campo de Sant'Anna amanheceu no dia 12 occupado pelas forças brasileiras, sob o commando do marechal de campo Joaquim de Oliveira Alves.

A essas tropas juntavam-se os milicianos, quasi todo o regimento de pardos, alguns dos pretos, alguns dos brancos e muitas pessoas de todas as classes, que se armaram como puderam. O Príncipe mostrou-se a principio indifferente, porém á tarde mandou um official ao Campo de Sant'Anna e outro ao acampamento dos portuguezes. Os brasileiros responderam que se achavam para defender o Príncipe e a cidade e J. Avilez declarou que alli estava para defender as hostilidades que os brasileiros manifestavam contra si e seus soldados.

Em vista dessas respostas, D. Pedro intimou aos dous generaes que se entendessem, porque não podia mais consentir nesse estado de cousas, e então accõrdaram e D. Pedro acceitou e ordenou: — « 1.º que as tropas portuguezas passariam naquella mesma tarde,

(9) J. Clemente, depois da sessão da Camara, não appareceu mais; ha opiniões que elle esteve aquartelado com Avilez, abandonando-o quando viu D. Pedro triumphar. Em caso de D. Pedro seguir, elle faria parte da Junta Governativa. Ha o incidente do primeiro Edital da Camara não reproduzir as palavras terminantes de D. Pedro e sim outras condicionaes. Opportunamente estudarei essa parte, quando tratar do papel de J. Clemente na Independencia.

com armas para a outra banda da bahia e que alli seria convenientemente aquartelada (para o que tomou immediatamente todas as providencias); 2.º, que se lhes pagariam regularmente o seu soldo e etapa até se apresentarem os navios a transportal-as a Portugal». Como, aproveitando o caso, Avilez lobrigou um novo plano, nessa mesma tarde as forças passavam-se para a Praia Grande.

Da Praia Grande Avilez fez um manifesto aos cidadãos do Rio de Janeiro, em data de 14 de janeiro de 1822, do qual destacamos os seguintes trechos: «O general, os chefes da divisão de Portugal, não têm querido nem querem outra cousa do que manter e conservar a unidade e indivisibilidade da monarchia, conservando-se inalteráveis no juramento que prestaram ás bases da Constituição; se esta constancia se reputa como crime, elles confessam desde logo que não acham outro meio de conservar a sua honra do que a inviolabilidade do seu juramento».

E, referindo-se ao dia 12, diz: «Na madrugada viu-se o Campo de Sant'Anna transformado em arraial de guerra, frades armados, clerigos, cidadãos, povo, corriam a reunir-se, proferindo dicterios e toda a qualidade de expressões insultantes da tropa de Portugal». Continuando com essas confissões, refere-se a uma ordem de embarque immediato para Portugal, que D. Pedro lhe mandou, e diz «de modo algum poderiam annuir, por ser uma medida contraria ás deliberações das Côrtes».

* * *

Jorge de Avilez continuou na Praia Grande a embarçar o Governo e, já com ordem de retirar-se, foi proclando, á espera que de Portugal lhe viessem forças, com que contava para a reacção. Assim, foi a ordem de embarque do dia 5 de fevereiro adiada para o dia 8, dahi para 10. Já queriam novo adiamento (10), quando na tarde do dia 9 o Principe se apresentou corajosamente á frente da fragata *União* e deu ordem para o embarque no dia seguinte. Os chefes portugueses quizeram amedrontar D. Pedro, ao que este lhes respondeu que: «já ordenei e, se não executarem, amanhã começo-lhes a fazer fogo». Avilez chamou a conselho os officiaes e disse-lhes: «O Principe Regente está á frente da força inimiga, e sendo elle corajoso e atrevido como é, nós deveremos fazer-lhe fogo? O conselho opinou que não e Avilez deu ordens para embarcar-se a divisão. D. Pedro em uma carta conta esse facto a D. João e diz que *nelle fazia mais effeito o medo que a honra* (11)

(10) No dia 9 de março chegou a esquadra, commandada por Francisco Maximiliano de Souza. Vinha em serviço de Avilez. D. Pedro em carta de 14 de março de 1822 diz: «No dia 9 do corrente appareceu a esquadra; mandei fundear fora da barra, por o povo estar muito desconfiado da tropa que não seja brasileira; e tem razão, porque uma vez que os chefes não de obedecer ás Côrtes actuaes, tomem a sua ruina. No dia 23 essa esquadra voltou a Portugal e o seu chefe foi processado».

E' facto que Avilez contava que a todo o momento lhe viesse recurso de Portugal, e era essa a razão de estar adiando a sua viagem.

(11) Em 12 escrevia o Principe a seu pai: «Cansado de aturar desaforos á divisão auxiliadora e falta de palavrões, assim como a de no dia 5 deste mez prometteram ficar embarcados no dia 8, fui no dia 9 a bordo da *União* e mandei um official dizer da minha parte á divisão que eu determinava que no dia 10, ao romper do sol, ella começaria a embarcar e que assim o não fazendo eu lhe não dava quartel e os reputava inimigos; a resposta foi virem todos os commandantes a bordo representar os inconvenientes e representarem com bastante soberbia; respondi-lhes: «já ordenei e se não executarem amanhã começo-lhes a fazer fogo».

Embarcada a divisão, só sahiu no dia 15, e no officio que o ministro da Guerra fez accompanhal-a e que tem a data de 3 de fevereiro, destaca-se o seguinte:

«Foram, pois, seus planos ou pelo menos tiveram todo o cuidado de o espalhar, o de se apoderarem das fortalezas de Santa Cruz e do Pico, que defendem a entrada da barra, para fazerem alli fortes e esperar a chegada da expedição, afim de que, convocando-a o seu partido, pudessem insistir na sua premeditada empresa, e sendo isso prevenido por meio de um respeitavel reforço, com que foram guarnecidas aquellas fortalezas, conceberam outro projecto: de se internarem pelo interior do paiz e para esse effeito fizeram explorar por seus officiaes todos os estados e sitios do interior, procurando as povoações que lhes eram mais favoráveis para os seus intentos».

* * *

Pelo que fica anteriormente narrado, vê-se que o Fico (9 de janeiro) foi devido tão sómente á resolução energica de D. Pedro, que se tornou o verdadeiro director politico da epoca. A essa resolução foi alheio o proprio J. Bonifacio (12), que, tendo chegado ao Brasil em fins de 1819, se retirou para S. Paulo, não se envolvendo em politica geral, e só chegando ao Rio de Janeiro a 17 de janeiro de 1822, a chamado de D. Pedro, e depois de estudado o passo mais importante para a Independencia do Brasil.

Em todos os papeis que se publicaram ou se escreveram na epoca, nota-se que a idéa da separação não era fundamental, e sim a de federação com Portugal. Todos queriam, inclusivé J. Bonifacio, que o Brasil ficasse em pé de egualdade com Portugal, tendo camaras proprias e um agente executivo. Manteriam, portanto, a categoria creada pela sua elevação a Reino Unido, que as Côrtes Portuguezas queriam retirar.

Entretanto, o que nem todos previam, e parece D. Pedro antevia, é que essa lucta, tendo tomado uma feição caracteristica, com a desobediencia formal ás Côrtes, iria até ás suas ultimas consequencias, que muitos patriotas, inclusivé J. Bonifacio, diziam que queriam evitar, a qual era a separação.

Desde o dia 9 D. Pedro nomeou o novo ministerio, de que fizeram parte (que aliás só começou a trabalhar no dia 17): J. Bonifacio, Cactano Pinto de Miranda Montenegro, Joaquim de Oliveira Alves e Manoel Antonio Farinha (13).

Vindo de São Paulo, a chamado do Principe, e parando em Santa Cruz, J. Bonifacio soube pela Prin-

Elles partiram, e com effeito, fazendo nelles maior effeito o medo que a honra, que elles dizem ter, começaram a embarcar e no dia que determinei, hontem, ás 5 1/2 da tarde, já estavam a bordo dos navios, *manus como uns cordeiros*, e ordenei que no dia 14 ou 15 sahissem barra á fora acompanhados de duas corvetas, *Liberal* e *Maria da Gloria*, que os não de acompanhar sómente até ao Cabo de Santo Agostinho ou pouco mais adiante.

(12) J. Bonifacio combatu na Constituinte a federação, que foi calorosamente defendida por F. França e outros. Chamou os federalistas Bispos sem Papa e atacou os republicanos. Entretanto que foi um dos signatarios do projecto de Constituição apresentado e que dividia o Brasil em cantões, com prefeitos eictos pelo povo: Incontestavelmente era um espirito falho de capacidade pratica e tão sómente um grande theorico. Vid. o nosso estudo *José Bonifacio e a Independencia*, no *Jornal do Commercio* de 13 de janeiro de 1898.

(13) Em carta de 23 de janeiro de 1822, D. Pedro, dando conta dos acontecimentos do dia 9, diz: «Dou parte a V. M. que mudei tres ministros: o Conde de Louzã, por me haver pedido, o Vieira e o Paul, por serem metrosos e não convir ao serviço da nação nas actuaes circumstancias, e para seus logares nomeei etc.».

ceza, que ahi se achava, da sua nomeação para ministro, e declarou não a acceitar; porém, a pedido dessa Senhora, resolveu o contrario. D. Pedro sabia da alta popularidade que, como homem de sciencia, tinha J. Bonifacio, e se bem que elle e a sua familia, até essa data, não tivessem tomado parte activa no movimento, poderiam muito auxiliar. Como de facto J. Bonifacio, achando as cousas bem encaminhadas por D. Pedro, prestou hons serviços nas redacções dos papeis, pensando, entretanto, que a funcção de D. Pedro devia ser de mantenedor da situação, deixando á Constituinte ou ás camaras as reformas que o paiz necessitava.

A 13 de maio de 1822, foi D. Pedro aclamado no Rio de Janeiro *Defensor Perpetuo do Brasil* e a 29 de junho do mesmo anno, em diversos pontos do paiz, o que prova que isso obedecia a um plano politico.

* * *

A lucta continuava, mostrando outra feição deante da agitação e mesmo da anarchia em que estavam algumas provincias.

De 25 de março a 25 de abril, D. Pedro percorre Minas (14), chamando-a á sua adhesão. Depois, a 13 de agosto vai com o mesmo fim a S. Paulo, onde chegou a 25 do mesmo mez, e nessa cidade perma-

nece, tomando acertadas providencias em bem da ordem e tranquillidade da provincia.

A 5 de setembro resolveu ir a Santos e na volta teve noticia da chegada do correio do Rio de Janeiro, c. partindo para o Ypiranga no dia 7, encontrou um proprio, de cujas mãos recebeu os officios e cartas que lhe eram enviados por J. Bonifacio e a Princeza. Consta que a carta, que a Princeza se offereceu espontaneamente para escrever sobre o assumpto politico, aconselhava D. Pedro a proclamar a Independencia. J. Bonifacio, dizem, tambem insistiu nesse sentido. D. Pedro, lendo esses documentos e sciente das intenções das côrtes portuguezas (15) e communicando-as aos que o rodeavam, depois de uma reflexão braçou: «E' tempo! Independencia ou Morte!... Estamos separados de Portugal!»

Em acto continuo, arrancando o laço portuguez que trazia no chapéu, arrojou-o para longe e, desembainhando a espada, elle e mais presentes prestaram o juramento de honra, que para sempre os ligava á realisacão da idéa da Liberdade.

Estava feita a Independencia; estava creada a nova Patria.

ANDRÉ WERNECK

Do Instituto Historico Brasileiro

(14) Vide — Collecção dos officios que as camaras e mais auctoridades da Provincia de Minas tem dirigido a Sua Alteza Real o Principe Regente do Brasil, com as providencias que o mesmo Augusto Senhor foi servido de dar durante a sua estada naquella Provincia e sua continuacão — por essa leitura se verá que D. Pedro era um homem de acção. Offerei um exemplar ao Instituto Historico Brasileiro.

(15) Os decretos auctorisavam a permanencia de D. Pedro no Brasil e mandavam que fossem processados os ministros. Assim, talvez, J. Bonifacio tomasse essa resolução, á qual foi sempre contrario, por interesse proprio. Na ausencia do Principe, presidia ás sessões ministeraes, a Princeza.



D. PEDRO — NOTAS BIOGRAPHICAS



ASCEU em Petropolis, a 15 de outubro de 1875.

Assim como seus irmãos, acompanhou os Paes na viagem ás provincias de S. Paulo, Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul, de principios de novembro de 1884 a 14 de março de 1885.

Fez sua 1.^a communhão na Matriz velha de Petropolis, a 27 de maio de 1888, officinando o rvmo. sr. Bispo do Rio de Janeiro, D. Pedro de Lacerda.

Depois do movimento de 15 de novembro, cursou em Cannes o Instituto Stanislos, até 1890; em 1893, bacharelou-se em sciencias mathematicas, tendo feito seus exames na Sorbonna. Em dezembro de 1891, acompanhou com seus Paes, até Lisboa, o corpo do saudoso Imperador D. Pedro II.

Em principios de outubro de 1893, entrou, por auctorisação especial do Imperador d'Austria, para a Academia Militar de Wiener-Neustadt, prefazendo os tres annos do respectivo curso; tomou parte nos diversos exercicios tacticos e topographicos e na viagem de instrucção por parte do territorio austriaco e hungaro, até Budapest. Foi nomeado alferes, a 18 de agosto desse mesmo anno.

Sendo a seu pedido destinado para o Regimento de Ulanos n. 4. (denominado do Imperador Francisco José), em Zolkiew, na Gallicia, para ahi seguiu com seu Regimento, tomando parte sempre em todas as manobras de 1897, 98, 99 e 1900. Foi nomeado tenente em 1898.

Em 23 de outubro de 97, empreheendeu com seu Pae uma rapida viagem á roda

do mundo, na qual percorreu os Estados Unidos, Japão, parte da China e Ceylão, onde organisou grandes caçadas de elephantes e conseguiu matar dous com dous tiros successivos.

Dirigiu-se dahi para a India, foi hospede do Vice-Rei, em Calcuttá, e dos Maharajahs de Benarés e Ulivan.

Depois de parar no Cairo e em Jerusalem, onde esteve por occasião da Semana Santa, chegou de volta á Europa em abril de 1898.

Em principios de 1899, esteve em Lisboa, Sevilha e Madrid e logo depois novamente em Ceylão e na India.

Em principios de 1901, fez viagem a Tunis e a Argel, internando-se até Biskra e Tlemcen: em principios de julho desse mesmo anno, partiu para a Beira, na Africa Oriental Portugueza, penetrou até ao curso do Zambeze, em marcha a pé, que entre ida e volta attingiu 800 kilometros, caçando hippopotamos, hyenas e leões, e voltou á Europa em fins de outubro.

Em principios de 1902, foi a seu pedido transferido para o Regimento de Ulanos n. 11, em Paroubitz, na Bohemia.

Em 1903, acompanhou seus Paes a Lisboa e em 1904 a Roma, onde foram muito bem recebidos pelo Santo Padre Pio X. Dahi se dirigiu para Trieste, onde embarcou para Bombaim. Atravessando o Norte da India, foi para Srinagar, capital

de Cachemira, de onde transpoz as serras do Traghál e do Burzil, para attingir o curso superior do Indus, em Astor.

Regressando a Srinagar, internou-se pelo Laddakh, tambem chamado « Pequeno Thibet », e transpoz o Himalaya, pela passagem de Karakonam, coberto de perenne neve, pois se acha a perto de 6.000 metros de altitude. Penetrou na China Occidental até Yarkand e Maralbusli, de onde por terreno já inteiramente coberto de gelo chegou por Kashgar á fronteira russa, depois de um percurso de 4.000 kilometros, e dahi regressou em 12 dias pelo Turkestão, Mar Caspio e Austria, até Boulogne, a 24 de dezembro, após 9 mezes de ausencia.

Em 1905, obteve transferencia para o Regimento de Ulanos n. 7, denominado do Archiduque Francisco Salvador, em guarnição em Stockerau, perto de Vienna.

Desde 1.º de janeiro de 1906, acha-se o Principe cursando a Escola de Corpo do Exercito (*Corps-Schule*).

Fez duas ascensões de balão, uma em maio de 1902, no balão *Meteor*, propriedade do Archiduque Leopoldo Salvador, partindo de Vienna e descendo nos confins da Hungria, nas margens do rio Drave, e a segunda, em companhia dos dous irmãos, de St. Cloud ao norte do departamento do Oise.

A REDACÇÃO

O PRINCIPE D. PEDRO

ERA a figura dynastica que mais se assemelha á do venerando e augusto avô.

Encarnação da sisudez e da austeridade, em pleno alvorecer de forte e pujante juventude. Amor ardente ao estudo, não só das sciencias aridas, da mathematica, da astronomia e do calculo, como das disciplinas mais suggestivas, como a historia, a arte, a poesia e a pintura.

Estava ali, na sua individualidade, madrugando o esplendor de espirito e de coração de um Rei Philosopho e Bom, espelho a reflectir os lampejos das qualidades moraes de tão nobres e augustos ascendentes: Mas... crueis designios da sorte! o vaso que o transportou para o outro lado do Atlantico não mais nos trouxe novas de tão sympathica physionomia, in-

telligencia e cultura excepcionaes, caracter adamantino... Seria o D. Pedro V do Brasil, pela bondade, pelo saber e pelo amor ao povo e aos humildes.

ALFREDO DE PAIVA

Os Principes brasileiros

DE Paris acaba o *Album Imperial* de receber as ultimas photographias dos Principes D. Pedro, D. Luiz e D. Antonio, com a assignatura do proprio punho dos augustos filhos de SS. AA. II. o Sr. Conde e a Sra. Condessa d'Eu.

Assim, no proximo numero, em homenagem a D. Luiz, já podemos brindar os nossos leitores com a reproducção, em autotypia, do ultimo retrato daquelle Principe.

Supplemento do "Album Imperial"

ANNO I

CHRONICAS E NOTICIAS

NUMERO 7

Album Imperial



O Album Imperial publica-se regularmente nos dias 5 e 20 de cada mez, trazendo no minimo dezeseis paginas de texto.

RABISCOS

Da França chegaram, ha poucos dias, dous ou tres officiaes do exercito, alli expressamente contractados pelo nosso governo para virem instruir a policia de S. Paulo.

Ou estamos redondamente enganados, ou a verdade é que a policia, como a todos e a tem todo mundo, foi feita para garantir a ordem publica e guardar a propriedade particular. Em outros termos: — para evitar conflictos ou, na peor hypothese, prender e levar para o xilindro os perturbadores da ordem, e para zelar pelas nossas casas, evitancão os assaltos de ladrões e gatunos e, quando isto não seja possível, surprehender os amigos do alheio com a bôcca na botija, segural-os e pôl-os á sombra.

São essas as principaes funções da policia, que servc tambem, de vez em quando, para dar caça a bandidos no sertão e, em alguns casos, para afastar das urnas os eleitores opposicionistas.

A nossa guarda-civica, os nossos soldados de infantaria e as nossas praças de cavallaria, em uma palavra, a nossa policia ainda está longe de ser modelo no genero.

Assim é que, em plena capital, e em plena ladeira de S. João, que não é nenhuma viella deserta de arrabalde, mas rua do coração da cidade, foi ha algumas semanas assaltado por tres bandidos um pacifico transeunte, a quem os criminosos amordaçaram, feriram e despojaram de grossa quantia em dinheiro, sem que até hoje a policia lograsse descobrir os auctores da estuvida aggressão. Não era ainda meia-

noite, o Polytheama ainda funcionava... e o assalto se deu em frente daquelle theatro, e o crime não foi presenciado por uma unica praça de policia! Se isso se passa em uma rua central, que poderá acontecer nas mais desertas dos arrabaldes? Pôde qualquer pacato transeunte ser assaltado e morto impunemente, porque, uma vez perpetrado o crime, na ausencia da policia, esta nunca mais conseguirá descobrir e muito menos capturar o seu auctor ou auctores.

Por outro lado, os amigos do alheio vivem ás soltas por ahi, assaltando casas em pieno dia e roubando tranquillamente onde melhor entendem, sem receio da policia, porque esta sempre apparece, em casos taes, quando já ninguém precisa della.

Os nossos soldados deixam, assim, muito a desejar; entre outras cousas, precisam aprender a ler, precisam de algumas lições do manual do bom-tom e do codigo penal, precisam, em summa, que cada um se compeentre bem dos seus deveres. Acrescentem-se uma boa dose de calma e prudencia e uma dose grande de zelo e actividade... e a nossa policia, por essa fórma preparada, poderá perfeitamente, com um pouco de boa vontade, rivalisar com a de qualquer capital civilisada.

Por emquanto, não obstante as innumerables reformas por que tem passado, ella está longe de preencher os fins a que se destina.

Agora, chegam-lhe da Europa instructores do exercito francez.

Que virão esses officiaes extrangeiros ensinar aos nossos soldados? Instruil-os nas modernas manobras do exercito, ensinar-lhes o manejo das mais aperfeiçoadas armas de fogo? Formar com as nossas forças policiaes um pequeno e disciplinado exercito?

Se a estas perguntas nos responderem affirmativamente, replicaremos que, se é intenção do governo preparar soldados para futuras e por emquanto pouco provaveis guerras, com inimigos extrangeiros ou com irmãos brasileiros — vai por mau caminho, desperdiça dinheiro e, o que é mais, distrai a policia da sua verdadeira missão.

Em caso de guerra. — que Deus tal não permita — não está ahi, firme e

prompta para a lucta, a invicta Guarda Nacional do sr. coronel Piedade?

E na hypothese de ser insufficiente a força daquelle bravo e destemido coronel, não está ahi, tambem, senão a espada, ao menos a palavra do sr. capitão Fausto Ferraz, para defender a patria?

Faz mal o governo em esquecer assim, com senegalesca ingratidão, a briosa milicia, e é dinheiro perdido esse que está gastando com os officiaes francezes recém-chegados a S. Paulo!

FABRICIO PIERROT



Manual do monarchista

PRIMEIRA PARTE

A constituição monarchica

VI

A MONARCHIA HEREDITARIA É A VERDADE POLITICA

A Historia, que é a politica experimental, demonstra que a Monarchia hereditaria é o governo mais estavel, mais feliz e mais natural ao homem.

J. DE MAISTRE

Não dizem os republicanos que já se foi o tempo da Monarchia e que esta não corresponde mais ás exigencias das sociedades modernas?

— E' este, com effeito, o argumento favorito dos republicanos; formulando-o, porém, enganam o povo, para melhor o explorarem. Não ha principios velhos, nem novos: elles são bons ou maus, e em todos os paizes e em todos os tempos os povos e os individuos têm vivido livres e felizes ou desgraçados e escravizados, conforme sua submissão ou sua revolta a esses principios fundamentaes.

Mas onde a prova de que a Monarchia hereditaria seja a verdade politica?

— Está no facto de ser reclamada pelas necessidades do genero humano.

Como assim?

— Os homens têm dous interesses bem differentes: 1.º, o interesse particular, isto é, o interesse individual, proprio a cada individuo e opposto muitas vezes ao de outrem; 2.º, o interesse social (geral, collectivo, nacional, do Estado), isto é, o interesse commum a todos os membros de uma collectividade, o qual consiste em poupar seus proprios recursos, prever e preparar o futuro e, em summa, viver em boa harmonia com o seu semelhante, porque isso é indispensavel á garantia do interesse individual.

O interesse particular, ou individual, é defendido pelo proprio individuo, que o colloca, naturalmente, sob a protecção do seu egoismo. O mesmo podemos dizer do interesse domestico, ou familiar, encarnado no chefe de familia.

O interesse social, isto é, o *nacional*, ou do Estado, precisa tambem de um organ de defesa; é necessario que seja collocado sob a garantia de um egoismo, egoismo de interesse nacional. Não se pôde, com effeito, conceber uma collectividade sem chefe visivel que a governe, e esse chefe deve ser *unico*. Quando todos mandam, ou, pelo menos, muitos, deixa de existir a auctoridade.

Esta é uma verdade proclamada até mesmo no centro dos individuos mais hostis ao principio da auctoridade, como as assembleas revolucionarias, nas quaes ha sempre um cidadão incumbido de dirigir os debates.

Mas não poderá a eleição, da mesma forma que a hereditaria, de, garantir a unidade do poder?

— A eleição pôde, com effeito, garantir essa unidade, mas tem o grande inconveniente de collocar o poder a serviço de uma maioria ou de uma classe, quando elle deve estar a serviço da collectividade nacional. Um Poder verdadeiramente Poder, conservador e guarda do interesse do Estado — deve ser hereditario, residindo consequentemente em uma familia e collocado sob a garantia do interesse vital dessa familia. Portanto, a Monarchia hereditaria é, com justa razão, a verdade politica.

Não ha outros argumentos em favor da Monarchia?

— Decerto que sim. Temos o testemunho das nações fortes e prosperas, que não se desenvolvem senão ao abrigo das instituições monarchicas.

VII

A MONARCHIA MODERNA

Tradicional por seu principio, moderna por suas instituições.

COMTE DE PARIS

Pelo facto de ser immutavel o principio monarchico, segue-se que devamos restaurar as praticas da Edad Media?

— Não. Os principios não mudam, mas os costumes, os methodos, as necessidades sempre se modificam. A vida nacional é caracterizada por transformações constantes. O progresso vai creando um novo estado social e convém que haja perfeita harmonia entre esse estado e as instituições politicas. Seria absurdo suppôr que a Monarchia Brasileira deste seculo se pareça, por exemplo, com a de D. João VI. A Monarchia será moderna, isto é, adequada ás necessidades dos tempos modernos.

(Continua)

O nosso archivo As catastrophes de 1906

O conhecido e festejado poeta Hippolyte Pujol offerceu-nos um exemplar do seu livro *Loisirs*, — elegante volume de 159 paginas, impresso na acreditada casa do sr. Carlos Gerke, desta capital.

O livro está dividido em duas partes: na primeira, enfeixou o auctor suas melhores produções e na segunda, a maior parte do volume, vêm vertidas para o francez diversas poesias de escriptores brasileiros, portuguezes e italianos.

O auctor verteu tambem, em bons versos, trechos de prosa de Eça de Queiroz, Coelho Netto, Julio Ribeiro e Raul Pompeia.

Deixou-nos agradável impressão a leitura do *Loisirs*; embora em algumas traducções, apesar da correcção do verso e da lingua de que o sr. Pujol conhece todos os segredos, não conseguiu o auctor imprimir a mesma belleza do original, força e reconhecer que, em grande parte das versões, soube reproduzir com fidelidade o pensamento dos poetas cujas produções traduziu.

O auctor não é nenhum principiante e, na introdução do livro, elle mesmo nos conta que, no tempo feliz de sua adolescencia, fez ouvidos de mercador ao conselho paterno:

Ne sois jamais poete, ou peintre ou musicien,
Se tu ne veux un jour, mon fils, mourir
(de fain,

o que lhe valeu, por causa de uns versos revolucionarios que publicou então em Perpignan, uma admoestação do commissario de policia; e ao editor responsavel dos ditos versos, oito dias de prisão.

Hippolyte Pujol, que depois daquelle incidente abandonara a lyra, voltou ultimamente a conviver com as musas, porque... *on revient toujours*... como lá diz outro poeta; e já consagrado pela critica, nome feito e applaudido, presta á litteratura brasileira inestimavel serviço, tornando conhecidos, pela traducção franceza, os melhores versos dos nossos primeiros poetas.

Pena é que o auctor não tenha, na publicação das versões, obedecido a uma classificação dos diversos periodos da poesia brasileira, e pena ainda é que, ao lado de Bilac e Raymundo Correia, não figure Alberto de Oliveira.

Quanto á primeira parte do *Loisirs*, não desmente o nome festejado do auctor; se nos fossem permitidos alguns reparos, fal-o-amos aos versos com que elle representa a França saudando o Brasil pela proclamação da Republica, versos vibrantes que lembram, até certo ponto, o hymno patriótico de Rouget de l'Isle, mas nas quaes a verdade está divorciada das musas.

Sim, porque, entre outras cousas, não nos consta que, com a proclamação da Republica, tenha no Brasil surgido a liberdade do seio das flôres... Muito pelo contrario.

Terminamos com a agradável noticia de que o *Album* conta com a collaboração do distincto poeta do *Loisirs*.



Um vendaval de desolações tem contrastado a alma nacional.

Uma procella de infortunios tem soprado sobre o territorio patrio.

Que proemio funebre, do deste anno, cuja aurora de rosas e ouro irrompeu, como as passadas, engrinaldada em festões perfumosos e saturada de magneticos odores!...

Soluça um cantico funebre nas orlas mercenoreas das necropolis, ensombradas de cyprestes e de salgueiros, o espirito combalido do Pove!

A Familia Brasileira retrae-se no recesso mystorioso e casto dos larses, implorando perdão a Deus e deixando evoliar-se do coração as preces de uma supplica: — misericordia!

Esse povo, que juntou de flôres a Epopeia da Abolição; que gritou entusiasticos gritos, victoriando o sabio governo imperial, que emancipou uma raça; esse povo que, mudo e estupefacto, deixou partir, caminho do exilio, dous velinhos, encanecidos nos pesados serviços de sua Patria, e uma senhora excelsa, que deixava uma corôa engastada de perolas entre as mãos ingratas de revolucionarios, enquanto concertava sobre os cabellos de setim a outra, que despedia feixes de luz celestial; esse povo, repito, retrae-se no intimo da consciencia, para considerar que o martyrio dos Justos bem merccc o castigo de continuadas catastrophes!

E' a expiação!

Estende-se fóra da barra do Rio de Janeiro a campina liquida do Oceano, que, ora se arredonda em vagas encapelladas, ora, sereno e tranquillo, vai quebrar-se suavemente junto aos rochedos, osculando as ilhas formosas, beijando a fimbria prateada das praias ardentes, entoando canções e hymnos.

Por elle, Impavidos, arrogantes, soberbos, singram as naves guerreiras, que desfraldam o pavilhão brasileiro.

A bordo, a marujá, tostada pelo sol dos tropicos, bronzeada, herculea e forte, a officialidade luzida, briosa e os convidadros aspiram o oxygeno puro das virações marinhas.

Ancoram em uma enseada.

Desce a noite o seu manto negro e no espaço sideral fulgem: astros longinquos.

Vai adormecendo a marinhagem e o silencio se vai fazendo ouvir entre os soluços constantes das ondas.

De repente, rasga-se um clarão no espaço e estrondo medonho dilacra almas que ainda podem escutar.

E' o *Aquidaban* que corre ao tumulto, abrindo o seu sarcophago no seio querido desse mar cerulco, que foi o campo de seus heroismos e de suas glorias.

Desapparecem preciosas vidas.

Veste luto a Nação!

Fervilha na capital suprema da Republica a vida intensa do trabalho, da actividade industrial, do prazer, do soffrimento e de grandes miserias.

Remodelam-se os seus aspectos geraes; cortam-se avenidas; erguem-se jardins, palacios e theatros.

Repentinamente, alagam-se as ruas, suspende-se o transitio, interceptam-se as multiplas linhas da viação urbana e suburbana.

Desmoranam casas, extinguem-se em ancias cruéis e em tormentos inexprimeis existencias culpadas ou não.

Um lar prospero, feliz, na opulencia, na grandeza.

Ao amanhecer de um dia nefasto, a morte nelle penetra e duas victimas jazem inertes, fumegando ao lado a arma suicida e assassina...

Oh! Deus de Bondade e de Misericordia, applacae a vossa colera!

São grandes as nossas calamidades! Apicidae-vos de Nós!

Misericordia! . . . E' a . . .

Expiação!

ALFREDO DE PAIVA



Despojos do Imperador

D'As *Novidades*, jornal que se publica em Lisboa:

Outro facto, agora em discussão na imprensa fluminense, novamente nos obriga a fixar a nossa attenção nas cousas intimas do Brasil: — a trasladação para o Rio dos restos mortaes do ultimo Imperador. Como é sabido, D. Pedro II desembarcou em Lisboa, de bordo do *Alagoas*, exilado, no dia 7 de dezembro de 1889, e morreu em Paris, pouco tempo depois de fallecer: no Porto sua esposa, a veneranda Imperatriz Thereza, de Paris veiu o cadaver de D. Pedro para Lisboa, ficando depositado no Pantheon Real de S. Vicente de Fóra, que esta manhã fomos propositalmente visitar. Espalhiara-se que o cadaver de D. Pedro se encontrava no tanto desfigurado, e hoje averiguámos que o boato tinha um certo fundamento. Mas tal facto não impedirá, se os brasileiros o desejarem, que os despojos do seu ultimo Imperador sejam conduzidos para o Brasil, como signal de gratidão do povo e da patria, que o velho D. Pedro tanto extremeceu.

A urna que encerra os restos mortaes de D. Pedro II é a primeira que se encontra á esquerda, á entrada no Pantheon. A' primeira vista destaca-se de todas as outras, por estar coberta com a bandeira imperial brasileira. O guarda encarregado da conservação do jazigo da familia real descobre a urna e, chegando para junto della uma pequena escada de madeira, convida-nos a subir, para examinarmos o cadaver. Subimos. E depois de fixarmos por alguns momentos o crystal, que serve de tampa á urna, vamos descobrindo, não sem alguma difficuldade, por causa da luz exterior, o cadaver de D. Pedro, o velho Imperador, que em vida viramos no proprio dia em que, exilado, desembarcou em Lisboa, banido do throno e da patria.

Que differença e que contraste! Que de estragos causados pela morte e pelo tempo! A pelle do rosto começou já a desfazer-se, deixando a nú o osso frontal. E todas as feições se encontram, ou destruidas, ou deformadas pela decomposição, que o embalsamamento não conseguiu evitar. A barba, aquella formosa barba do velho monarcha, está reduzida a uma pasta quasi informe, cahida sobre o pescoço

e peito. Depois o que mais impressiona é o facto do Imperador, que em vida já não era de estatura muito elevada, nos parecer agora muito mais pequeno. Além disso, o corpo encontra-se fortemente achatado, espalmo, como se um grande peso lhe tivesse cahido em cima. A farda está bastante desbotada e sobre o peito vêem-se algumas condecorações, que perderam já todo o antigo brilho.

— Não imagina, — diz-nos o guarda, na sua linguagem ingenua e popular, — as lagrimas que tenho visto chorar em cima desse vidro! Não ha brasileiro illustre ou não que não aproveite a sua passagem em Lisboa para visitar o jazigo de D. Pedro. Muitos delles vi eu chorar sobre essa urna... Hoje todos lhe fazem justiça, até mesmo aquellos que são funcionarios da Republica e que concorreram para o exilio do pobre Imperador. Já vi aqui um brasileiro, que foi vice-presidente da Republica. Ahi estevc muito tempo apoiado á bengala, triste como um cypreste, a pensar nem eu sei em que. Ainda não ha muito tempo, aqui vieram officiaes e marinheiros de um navio de guerra brasileiro que esteve alli no Tejo. Elles mesmos declaravam que vinham ver o Imperador. E então senhoras brasileiras, têm sido ás centenas. Algumas dellas mais parece que visitam o jazigo de uma pessoa de familia, tal é o sentimento que manifestam. E não é sómente junto da urna do Imperador que se fazem as romarias dos brasileiros; junto dessa que ahi está ao lado tem succedido o mesmo.

— E quem está alli?

— A Imperatriz. Tendo vivido juntos, e sempre amigos, não quizeram ficar separados depois da morte.

Mas o cadaver da Imperatriz não estava visivel como o do Imperador. Perguntámos o motivo.

— O seu estado de decomposição é já muito grande... E o de D. Pedro não poderá, pelas mesmas razões, continuar por muito tempo exposto ao publico. Como viu, está já muito *estragado*. Deve-se isso, segundo dizem, ao novo processo de embalsamamento. Antigamente extrahiam primeiro aos cadaveres os intestinos, visceras, etc., e só depois é que se procedia propriamente á operação destinada a conservar os corpos. Agora, não. O novo processo consiste em deixar o cadaver intacto, dando-lhe unicamente injeções lá de umas cousas que elles sabem. O resultado é esse que se vê. O processo será muito bom, mas... não presta. O cadaver do sr. D. Luiz, por exemplo, foi retirado das vistas do publico. Imagine como elle não estaria! Ao do sr. D. Augusto succedeu o mesmo. O do sr. D. Fernando é que está ainda relativamente bem conservado, mas não tardará a seguir o caminho dos outros. Além desses inconvenientes, tem o do mau cheiro, que ás vezes é insupportavel.

E o amavel guarda, apontando para uns velhos caixões que estavam um pouco distantes, concluiu:

— Olhe, se eu pudesse, mandava abrir esses para ver o estado de conservação dos cadaveres que contêm, embalsamados pelo antigo processo. Apos-tava em como estão bem conservados.

— E de quem são esses despojos?

— Dos filhos de D. João IV...



POETAS BRASILEIROS



A' BERENICE

Eis teu vulto gentil em fino guache. Ao vel-o,
Que jubilo suave o coração me agita!
Aos olhos, cuja luz nenhum pintor imita,
Falta a meiga expressão, que anima os do modelo.

Apanhâras na «pose», em flácido novello,
A trança. Eil-a que, a flux, do pente regorgita.
Rola-te pela espalda e ao chão se precipita,
Osculando-te os pés, a onda do cabello.

Do peito resvalou-te alvo lilaz. Guarde-o,
E abri-lhe, carinhoso, um conchegado ninho
Em nosso relicario, a transbordar de cheio.

Perdeu aroma e viço a flôr nesse escaninho,
Mas incia nella aspiro effluvos de teu seio,
Que a neve lhe oífuscou da tez no cêgo arminho.

BARÃO DE PANAPACIABA



AS CARTAS

Petalas da saudade, conduzindo
O olor do pensamento . . .
Azas brancas do amor contra a distancia,
Cartas, sois o maior contentamento
Dos que na ausencia abysmam-se com ancia!

Estrellas pela noite da saudade!
Ilhas de flôres pelo mar deserto!
Cartas, que da ternura sois a essencia,
Fazeis do longe perto,
Sois dos saudosos quasi a providencia!

PRESCILIANA DUARTE DE ALMEIDA



VILLANCETE

Saudades mal compensadas,
Por que motivo as tomei?
Como agora as deixarei?

VOLTAS

Hoje por cousas passadas,
E só por vosso respeito,
Varado vejo meu peito,
Senhora, por Sete Espadas.
Saudades mal compensadas
Dêstes-me rindo, e não sei
Por que motivo as tomei . . .

Busquei-vos por brincadeira,
Aceitastes-me por brinco;
Quiz-vos depois com afinco,
Não me quiz vossa cequeira,
Vejo-me desta manciã . . .
Penas que eu proprio busquei,
Como agora as deixarei?

GUIMARÃES PASSOS



JUNTO AO TOUCADOR

Por doidice de creança,
Fiz-te o primeiro soneto:
Era loira a tua trança,
E o meu cabello e a preto.

E puzão botão de rosa
Do meu amor encantado
Na fina trança cheirosa
Do teu cabello doirado.

Depois daquelle soneto,
Carinhoso, porém manco,
Teu cabello quasi preto
Ficou, e o meu . . . quasi branco!

Estás, assim, mais formosa;
E o meu amor é tamanho
Que o botão abriu em rosa
No teu cabello castanho . . .

SILVIO DE ALMEIDA



PAGINAS ESCOLHIDAS



O JERÓMO



CORREU uma gargalhada de ponta a ponta do meio círculo, rápida, rebentando de todas as boccas, como se fosse o estopim de uma gyrandola. O Jerómo, ainda de cócaras, firmou-se num braço para se levantar do tombo e, de novo, estatelou-se no chão. Nova gargalhada explodiu, de subito, como o lépidio levantar de azas de uma revoadada de pombos... «Paga prenda! paga prenda!» gritavam. Tia Michaela, a um canto do sofá, com as duas mãos na cintura, pedia que não a fizessem rir tanto, por causa do fígado. E seu Rodrigues, um caixeiro da Côte, que andava por fóra, em cobranças, viu logo, de chapéu na mão, todo sorridente, para receber a prenda do carroiro.

«Paga prenda! paga prenda!» O Jerómo resistia á intimação. Não pagava. Cahira ao querer ajoelhar-se muito depressa, mas não rira, nem ao menos começara as palavras do jogo: «*Meu senhor São Roque, eu aqui estou a vossos pés, sem me rir, sem chorar...*» Não pagava. «Paga prenda!» insistiam... E a Margaridinha, a filha de tia Michaela, de joelhos sobre uma cadeira, gritou-lhe também que pagasse. «Pague, seu Jerônimo... E' p'ra não parar o jogo.» O Jerómo pagou, com um botão de punho. O caixeiro da Côte voltou para o seu lugar, todo sorridente. «Minhas senhoras, vae continuar o jogo. O senhor São Roque é a sra. d. Margaridinha.»

Fóra, o luar banhava todo o jardim plantado de esponjas, desenhando na rua a ramagem crescida da cerca de espinhos. A estrada tortuosa, toda de areia, refulgia ao clarão da lua. Longe, no silencio da noite, latiam cães... O Barradas, «amigo de seu barão», suando em bicas, viera para o jardim e encostára-se á cancellinha da porta, a fumar. O jogo continuava lá dentro, na sala. Ouvira-se a voz do caixeiro da Côte: «Que se ha de fazer ao dono ou dona desta prenda?» E viam-se, sobre os aparadores, dous grandes lampões de kerozene trazidos pelo Barradas, da casa de seu barão, para aquella festa de annos da tia Michaela.

O Jerómo era carroiro lá do alto, da fazenda do dr. Chico Penna. Mais p'ra baixo ficavam as terras de seu barão — barão de Santa Maria. Ahi é que o Barradas punha e dispunha, como dono da casa, comendo á farta, bebendo ainda melhor. Portuguez esperto, muito insinuante, começara auxiliando o administrador da fazenda. Um dia, o administrador viu-se, de subito, posto no meio da rua. O barão, colerico, cheio de raiva, não lhe consentiu que se justificasse. O homem não fizera nada. O Barradas foi nomeado para o seu lugar.

«Bom administrador tenho eu!» costumava dizer o barão. Carreiro é que não tinha, tão bom como o Jerómo. Certa vez, o Jerómo ia a entrar em casa, empurrava já a porteira, quando retiniu este grito. «Eh, lá, ó Jirónymo!» Era o Barradas. O outro não o ouviu. O portuguez chicoteou mais a besta em que vinha, enterrou-lhe bem as esporas... Depois, repetiu o chamado: «Eh, lá, ó Jirónymo!» O Jerómo demorou-se a esperal-o, com a mão ainda sobre a porteira. E ao brusco choque das esporas, a besta trotou mais depressa, até junto da cancella. Ficou ahi, sem parar, ao mesmo tempo avançando e recuando, a apertar as pernas do Barradas de encontro ás duas ripas pregadas em cruz.

«Manhosa como ella só!» achou, sorrindo, o Jerómo. O Barradas apeou-se, tirou as rédas de sobre o pescoço do animal, passou-lhas da cabeça para fóra, por cima das orelhas, e foi prendel-as adiante, a uma das pontas da cerca. Demorou-se ainda um bocado, a enrolar um cigarro. Por fim, aboridou a questão. O barão mandava perguntar ao Jirónymo se não queria ir trabalhar lá para a fazenda. O Jerómo estava que não cabia em si da surpresa.

O Barradas contava com isso. «Ah! estava admirado, não era? Tirha de que. Era uma fortuna que lhe cahia do céu.» E gabava a fazenda. Que bonita que estava agora! Passava-se muito bem de barriga. Aquillo e que era viver a gente uma vida regalada. Comia-se quatro vezes ao dia. E depois, se o Jirónymo quizesse, dobrava-se-lhe o ordenado, ajuntava-se-lhe uma gratificaçãozinha para os cigarros, e até o sr. barão inda lhe havia de dar a sua farpellasinha nova. O Jerómo reflectia, via-se que estava a hesitar. Mas, de repente, fez que não com a cabeça. Decididamente não acceitava. Era tolo, regeitar assim uma fortuna que lhe cahia do céu. Mas que lhe havia de fazer? Tinha amizade á casa, criára-se com os meninos...

O Barradas voltou para a fazenda, a apertar cada vez mais o passo da besta, para repetir ao sr. barão o que lhe dissera o bigorrihlo do Jirónymo. E logo ao chegar, em meio do almoço, tendo muito cuidado em que não esfriasse o bife do sr. barão, a mandar pelos criados que fechassem bem as janellas da varanda para que o sr. barão não se fosse constipar, o Barradas contou-lhe o que ouvira do carroiro. «E' uma criança!» deixou escapar o barão. E o Barradas logo, com toda a sua verbiagem de portuguez, muito esperto: «E' um estupido, é o que é... Vossa Excellencia não n'lo conhece. E' um estupido e um bigorrihlo... Um bigorrihlo é que elle é, saiba-o Vossa Excellencia!...»

Esmorecia a luz. Manchas de fumaça iam subindo aos poucos, pelo interior dos globos, nos dous grandes lampões de kerozene. Tia Michaela queixava-se do fígado, fizera-lhe mal o jantar. O Barradas voltava nesse momento para a sala, mãos nos bolsos, fumando. Vinha de fóra, janellas a dentro, cortante e rispido, o aspero

frío da madrugada. Nuvens roseas appareciam pelo céu. «Bom dia, siá dona!» gritavam da estrada para a Margaridinha, que se fóra debruçar á janella. O caixeiro da Côte ainda quiz ver se reanimava a festa. «Minhas senhoras, meus senhores! vamos agora jogar o *Coche da familia*. Eu sou o cocheiro. D. Margaridinha é quem mais brihla, é a lanterna. O sr. Barradas é o chicote...» Voltava-se, todo sorridente, para cada um. Mas a Margaridinha achou que já era tarde. «Qual, seu Rodrigues! Já é dia... Mamãe está com somno.» Clareava mais. «Agora é cada um p'ra sua casa!» interrompeu asperamente o Barradas.

Despediram-se, trocando abraços, apertando-se muito sacudidamente as mãos. Tia Michaela distribuia beijos, a torto e a direito, fazendo convites. «Não se esqueçam, hein? Agora é pelo Natal!...» O Jerómo chegou, a correr, do jardim. Occultou umas flores no casaco. Depois, estendeu a mão á Margaridinha, olhando-a bem em face. — «Não me esqueça!» disse. A moça apertou-lhe os dedos, quasi a esmagalando... E ficou em silencio. Tinha os olhos cheios d'agua. — «Venha amanhã!» segredou a muito custo. O Jerómo fez que sim, com a cabeça. E sahio. Mas da rua, voltou ainda, como se lhe faltasse alguma cousa. Parou indeciso. — «Até amanhã, tia Michaela!» fez, depois. Apertou outra vez a mão da Margaridinha. Custava-lhe deixal-a assim. Desejaria ficar para sempre, alli, ao seu lado, ouvindo aquella doce musica da sua voz...

Partiu, afinal. Levava um grande vacuo no peito. Os olhos humedeciam-se-lhe, tinha uma enorme vontade de chorar... Passaros cantavam. Do matto em roda subia um embalsamado, um fresco cheiro deervas. Gotas de orvalho cahiam dos espinheiros, e, pela relva adiante, borboletas iam e vinham, doidas, agitando azas tremulas, amarellas por sobre as flores amarellas.

Entrou em casa. Atirou-se á cama, para ver se esquecia aquella idea da Margaridinha. Talvez dormisse... Não dormiu. Aquillo era como se lhe houvessem arrancado do peito, na festa, alguma cousa que lhe fazia muita falta. Voltava-se para a parede, fechava os olhos, apertava-os bem, para não ver cousa nenhuma, e, de subito, lá se lhe deparava outra vez a sala do jogo de prendas. Era ainda o caixeiro da Côte quem as ia a pouco e pouco recolhendo no chapéu; o jogo é que já não era o mesmo. Não era o Senhor São Roque, era uma cousa parecida. E o Jerómo via-se de joelhos aos pés da Margaridinha — «M.nha santa Margaridinha, eu aqui estou a vossos pés, sem me rir, sem chorar, sem me rir... Eu aqui estou a vossos pés...»

O Jerómo voltou no dia seguinte á casa da tia Michaela. Voltou depois ainda, e no terceiro dia, e mais tarde. A Margaridinha vinha buscal-o á cancella, toda de branco. E subiam, mãos dadas, almas felizes, acompanhados desde a porta pelo vigilante, doce, bondosissimo olhar da velha.

Mas, num dia, tia Michaela veiu, ella propria, recebel-o á entrada. O Jerómo parou, surpreso, indagando com os olhos. E tia Michaela explicou o que havia. — «O Leopoldo... Conhecia? Aquelle magrinho, que cstivera lá no dia dos seus annos... Ah! não conhecia? Pois coitado! fóra-se... Be-xigas...» Be-xigas! — «E' verdade; be-xigas! Era o sexto caso numa semana.» O Jerómo extremeceu de terror; dominou-se, porém. — «Mas, afinal, o a Margaridinha?» Tia Michaela tranquillizou-o. — «Estava no sitio do Leopoldo. Fóra pela manhã, para ajudar a gente da casa. Era preciso haver lá quem tivesse um bocado de sangue frio. Os outros, coitados! tinham perdido a cabeça.» O Jerómo despediu-se, voltaria depois. — «Sabado, ella já ha de estar ahi. Tenha paciencia!» Teria paciencia. E foi embora. Luzes brilhavam longe. Anotectia. O Jerómo levava como um presentimento no coração.

Não voltou mais. A Margaridinha chegou logo na sexta-feira, á tardinha. Esperou-o até alta noite. Nada. Esperou-o no sabbado, dia inteiro, noite inteira. Nada. Apenas, naquella noite lugubre, tia Michaela veiu da rua a chorar. Talvez chogasse no domingo. Esperou-o. Rompeu o sol, veiu a tarde, frígida tarde de inverno. E nada. A Margaridinha esperava á porta, apoiada á cancella.

Nuvens pardacentas foram se amontoando pelo céu. Peneirava um chuveisco. E nisto, do alto, dentre barrancos, aos solavancos pelo tortuoso caminho — violentamente puxada por duas bestas e forcejando por ganhar a estrada, branca de areia — surdiu uma antiga, uma arruinada caleça, já sem toldo. De um a outro lado, sobre os assentos, estremecia, oscillava um caixão. Oleados resguardavam-no do tempo. E, logo atraz, vinham, a galope, dous cavalleiros.

O céu fez-se mais negro. Chovia agora. A Margaridinha sentiu que alguma cousa se lhe enroscava no coração. Era como se uma cobra má a houvesse agarrado de subito.

Estalava o chicote no ar. O carro galgou a estrada, de um pulo. As rodas chivavam na areia, rapidas, ao rapido trote das bestas. Homens descebrariam-se ao vel-o. E tia Michaela, que vinha a entrar da rua, ajoelhou-se religiosamente.

«Coitado do Jerómo!» disseram, na casa vizinha. A Margaridinha apoiou-se mais á cancella. «Ah! meu Deus!» soluçou, dolorosa, angustiadamente. Só. Faltava-lhe o chão. A' garganta subiam-lhe, num bolo, toda aquella magua, toda aquella agonia, toda aquella inenarravel dor. O carro passou. Do caixão mal fechado evoluava-se, ficava um máu cheiro espalhado no ar. — «Siá dona, reze por elle!» gritaram. Chovia mais forte. Lagrimas rebentavam em fio, das arvores sobre a areia. A Margaridinha ficou, apoiada á cancella, com um nervoso rictus ao canto dos labios, sem se rir, sem chorar, sem chorar, sem se rir...

A demolição da Matriz de Santos

Conta *O Commercio de São Paulo*, do dia 11 deste mez, que chegou, ha poucos mezes, da Europa, com distincta familia paulistana, uma *instituidora* de regular cultura intellectual e intuitivo sentimento artistico.

Depois de ter ella visto em nossa capital tudo que aqui é digno de ser visto, perguntou-lhe alguém da familia: Então, mademoiselle, que mais lhe agradou do que tem visto em S. Paulo?

— A Igreja da Sé, respondeu ella.

— Oh!... e porque?

— *Parce que c'est vieux*. Porque é um edificio antigo.

Eis ahi! commenta *O Commercio de São Paulo*. Este encanto, este culto de admiração pelas cousas antigas, esta reverencia pelas tradições consagradas pelo tempo são sentimentos que, em geral, os brasileiros não experimentam.

Que dirá *O Commercio de São Paulo* do vandalico projecto de demolir a velha Matriz de Santos, a antiga Igreja da Misericordia, onde, segundo frei Gaspar da Madre de Deus, estão os restos mortaes de seu fundador, o capitão Braz Cubas, cobertos por uma lousa, em que foi gravado o resumo historico dos feitos de sua vida?

A mania de destruição invadiu o animo de uns tantos próceres da nossa republica. As igrejas têm sido o alvo principal. Em pouco tempo, nesta cidade de S. Paulo, foram arrasadas nada menos de tres, que se achavam em optimas condições. A ultima foi a do Rosario, desapropriada para cimbelleamento da nova praça Antonio Prado e lucro pecuniario da Municipalidade, que vendeu uma parte do terreno por quantia superior á que por ella foi paga. Era caso de uma reivindicação judicial, se este povo fosse capaz de tentar um lance de hombridade e de alizez em prol da justiça. Até hoje não se comprehende como poudo ser feito pela Irmandade, proprietaria do templo, um ajuste tão lesivo de seus interesses.

Dentro em pouco, Santos ficará sem uma igreja parochial. Será uma verdadeira anomalia canonica. Uma parochia de mais de trinta mil almas, sem um templo que lhe pertença!

Ha naquella cidade as igrejas da Ordem Primeira e da Ordem Terceira do Carmo, a capella da Santa Casa pertencente ao respectivo sodalicio, a do mosteiro dos Benedictinos, que tambem estão na posse da do Montserrat, a do Rosario, que pertence á Irmandade dos Homens de Cór, a da Ordem Terceira de Santo Antonio e a do Coração de Jesus, entregue pela Auctoridade Diocesana aos reverendos padres jesuitas. A custosa demora, na conclusão desta pequena igreja, é motivo para temer que Santos, uma vez demolida sua actual Matriz, nunca mais terá outra em substituição.

Viverá a parochia da grande cidade maritima pedindo a benevolencia de alguma ordem, ou confraria, para poder funcionar. Triste, muito triste e anticanonica, será semelhante situação, provisoria, emprestada, instavel e precaria.

Pondo de parte esta grave questão de uma parochia sem igreja parochial, perguntamos se ha realmente necessidade imprescindivel de arrasar o velho templo, que guarda tradições venerabilissimas.

Não se poderá concertar o encaimbramento da igreja, edificada por Braz Cubas, em cuja pia baptismal recebe-

ram o lavacro da regeneração espirital os illustres irmãos Andradas e o Visconde de S. Leopoldo?

Não será possivel conservar o templo, em cujos altares celebrou o padre voador Bartholomcu de Gusmão e o santo missionario José de Anchieta?

Quantos homens notaveis tem produzido a nobre cidade de Santos! Aquella velha Matriz abriga no granito de suas paredes a incrustação mysteriosa das proccs dos corações santistas, outr'ora alanceados pela saudade e pelas amarguras, na tremenda calamidade das epidemias, que por tantos annos coifou vidas preciosas.

Oh! não derroquem a igreja de Braz Cubas!

A estalua que lhe querem levantar sobre suas proprias cinzas, demolindo a casa de Deus por elle mesmo edificada, permanecerá, com sua eloquencia muda na dureza inflexivel do bronze, como uma censura e uma maldição permanentes aos demolidores do ponto inicial de sua gloriosa fundação.

Oh! não derroquem a velha Matriz de Santos! O espaço é amplo, não ha necessidade de alargal-o. Os mames de Braz Cubas maldirão do camartello sacrilego que desrespeitar sua memoria derruindo o monumento de sua crença.

Basta a mal inspirada destruição da capellinha da Graça, onde as mães santistas fizeram ouvir seus rogos á santa Mãe de Deus, nos dias sinistros de Cavendish, e que hoje é pequena cerca de muro feio e achavascado. Basta a demolição da igreja do Terço, cujas pedras foram servir a usos profanos.

Guardad, povo santista, a vossa velha Matriz. Alimentad o sentimento de respeito e de admiração pelos edificios publicos, que conservam a lembrança de um passado honroso de crenças vivas e de patriotismo acrisolado.

MONSENHOR MANOEL VICENTE



FALLECIMENTO

Pouco depois da meia-noite de 22 para 23 do mez proximo findo, deu-se nesta capital o passamento da exma. sra. d. Agueda Baruel Varella, extrema sra. irmã do sr. Francisco Nicolau Baruel, chefe da importante firma desta praça Baruel & Comp.; mãe do dr. Luiz Arthur Varella, procurador-fiscal do Thesouro do Estado, da sra. d. Maria Ernestina Varella, directora do Jardim da Infancia, do pharmaceutico sr. João Alfredo Varella, do quartanista de Direito Manoel Eugenio Baruel Varella e da professora sra. d. Julieta Varella; e sogra dos srs. Arthur Alves Martins, socio da casa Baruel & C., e Bento Vianna, auxiliar do Banco Commercio e Industria.

A finada gosava de geral estima e consideração na nossa sociedade, pelas qualidades de coração que a exornavam. Assim que se divulgou a triste nova, acudiram á casa da exma. familia enlutada innumerous parentes e pessoas de sua amizade, tendo o Jardim da Infancia, em signal de pesar, suspendido os trabalhos, e o grupo escolar do Arouche mandado um of-

ficio de pezames á sra. d. Maria Ernestina Varella, filha da finada.

O enterro realisou-se ás 4 1/2 horas da tarde, sahindo o feretro da rua da Consolação, n. 53, para o cemiterio do Araçá.

Na sala de visitas, transformada em camara ardente, eram innumerous as corôas funebres. Foi ahi o corpo encomendado pelo revmo. conego Eugenio Dias Leite, vigario da Consolação.

Entre as pessoas que acompanharam o enterro, notámos os srs. Paulino Guimarães, representando a Camara Municipal, dr. Benedicto Motta, dr. Antonio Pereira de Queiroz, dr. Ernesto Moura, dr. Manoel Correia Dias, dr. Roberto Gomes Caldas, pharmaceutico F. Assis Ribeiro, M. Bittencourt Junior, Manoel Vieira Martins, Antonio Vieira Bittencourt, dr. Leopoldo A. Couto de Magalhães, Antonio Carlos Couto de Magalhães, dr. Fructuoso Pinto Filho, Heitor de Campos, Bento Vianna, Arthur Alves Martins, dr. Luiz Arthur Varella, Francisco Nicolau Baruel, Pedro Baruel, dr. Ayrosa de Azevedo, dr. Thomaz Dias Leite, coronel Luiz Gonzaga de Azevedo, director do Thesouro do Estado, dr. Tullio de Campos, dr. Alberico Galvão Bueno, dr. Francisco I. Xavier de Assis Moura, major José Maraglia-

no, Antonio José Pereira, Carlos Borba, Raphael Prestes, dr. Veriano Pereira, Emygdio Lino Moreira, Braulio Monteiro e Arthur Moraes, representando a Escola Complementar, Dyonisio Caio da Fonseca, Antonio M. Galvão, Edgard Sage, coronel Antonio de Queiroz Lacerda, Antonio Peixoto, Carlos de Moura, Fernando de Moura, Huberto Vianna, dr. Francisco Nebias, coronel José de Queiroz Lacerda, João Lopes, dr. Leopoldo de Freitas, Braulio Silva, dr. João Mauricio de Sampaio Vianna, coronel Henrique Ferreira, dr. Martim Francisco Sobrinho, dr. Alceu Pinto Dias, dr. Thomaz de Aquino, Luiz Carlos Vieira de Almeida, alferes Coutinho, representando o dr. Meirelies Reis, chefe de policia, Cassio Martins, Francisco Silveira, da Recebedoria de Rendas, dr. Isaac de Mesquita, Julio Mesquita, Alfredo Lima, José Fortunato de Souza, commandador José Borges de Figueiredo, C. P. Vianna, dr. Albuquerque Lins, Adolpho Moyano, dr. Paulo de Queiroz, Atugarmin Medici, dr. Guilherme Rubião, Carlos Alberto Gomes Cardim, representando o corpo docente da escola «Cactano de Campos», José de Oliveira Marques, João Candido Martins, Luiz Pechille, representante da casa Nappa & Comp., Rodolpho Araújo, J. A. de Oliveira Coelho, dr. João Barros Rudge, José Cesar Rudge, coronel Bento Pires de Campos, Alberto Leme Cavalheiro, dr. Arthur Ascagni, Victor Carmo Romano, Camillo

Sampaio, Paulo Rangel, José Correia Rangel, Emilio Rodrigues, dr. Capote Valente, Olavo Egidio de Souza Aranha, Anezimo Forster, José de Queiroz Lacerda, dr. João A. Rubião Junior, dr. Carlos de Niemeyer, dr. Gabriel de Rezende, dr. Alexandre Marccondes Machado, dr. Mendonça Filho, Albino Gonçalves, A. P. de Andrade, Manoel Antonio de Carvalho, João Vampré, Dario Rudge da Silva Ramos, José de Oliveira, Gabriel Ortiz, Manoel Garcia, Manoel da Costa Nogueira, Joaquim Gomes Estella, Regino Aragão, além de outras pessoas, cujos nomes não nos foi possivel obter.

O caixão desapparecia no coche funebre sob innumerous corôas de flores naturaes e artificiaes, e foi necessario outro coche para conduzir o restante das corôas offerecidas á memoria da pranteada morta.

Conseguimos ler os dizeres de algumas:

- 1 — Saudades de Lulú e Carlota.
- 2 — De Oscar Ribeiro e familia — Saudades.
- 3 — De Leopoldina Varella — Saudade.
- 4 — De Bento e Antonietta — Saudade.
- 5 — De Mimi, Julieta e Zico — Saudade.
- 6 — A' sua querida madrinha, infinita saudade de Lucia (filha do sr. J. Alfredo Varella).
- 7 — De Djalma e Sylvio.
- 8 — Dos professores do Jardim da Infancia.
- 9 — De Arthur e Bertha.
- 10 — De Mercedes de Abreu.
- 11 — A' vóvó, saudades de Bêbê Varella.
- 12 — A' sua irmã Agueda, saudades de Chico.
- 13 — Saudades de sua irmã Zizi.
- 14 — A' titia Agueda, saudades de Alberico, Sinhá e filhos.
- 15 — Saudade da familia Arthur Dietsch.
- 16 — Saudades da familia Rangel.

Além destas corôas, notámos uma cruz de flores naturaes, offerecida pela sra. d. Maria Julia de Campos, Jayme e Heitor de Campos, e uma corôa, tambem de flores naturaes, offerecida pelo dr. Martim Francisco Sobrinho.

A toda a exma. familia enlutada apresentamos nossos sentimentos de pesar.

— A missa de 7.º dia foi celebrada, perante numerosa assistencia, no dia 29, ás 8 1/2 horas da manhã, na Cathedral.

NO PROXIMO NUMERO

Principe D. Luiz

Couto de Magalhães

A sorte grande

O Cerqueira e sua mulher, dona Gertrudes, tinham acabado de jantar, e, depois do infallível café, tomavam fresco ao lado um do outro, recostados no peitoril da sua modesta casinha de porta e janella, na Cidade Nova, quando passou pela rua um individuo maltrapilho, completamente desconhecido no bairro, offerecendo á venda um bilhete inteiro da Loteria Nacional.

Tanto o Cerqueira como a dona Gertrudes tinham horror ao jogo, e, demais, não eram ambiciosos: o magro ordenado que elle ganhava como continuo de uma repartição publica e as economias que ella realizava com as suas costuras davam-lhes para viver modestamente. Que lhes importava passasse por elles um bilhete inteiro da Loteria Nacional?

Entretanto, quando o maltrapilho apregoou o numero do bilhete, marido e mulher entreolharam-se admirados. Que coincidência! 440. o mesmo numero da sepultura de seu filho, do unico filho que Deus lhes dera e pouco depois chamára para junto de si, como arrependido da graça que lhes fizera ou cioso da ventura com que os illudira.

— Ouviste? é o numero da sepultura do nosso Eduardinho.

— Deixal-o ser.

— Quem sabe se não é a sorte grande que aquelle anjinho nos manda?

— Qual sorte grande! Pois tu crês nisso?

— Não creio, mas valia a pena tentar pela primeira vez... — Pscio! ó moço! Quanto custa esse bilhete?

— Cinco mil réis.

— Ora, Cerqueira, são só cinco mil réis!

— Minha velha, o jogo é uma cousa estúpida, porque, como muito bem diz o director lá da secretaria, das duas uma: ou nos tira o necessario, ou nos dá o superfluo.

— Não ha duvida, tens toda a razão, mas uma vez não é costume, e cinco mil réis de mais ou de menos não nos fazem mais ricos nem mais pobres.

— Não é tanto assim.

— Não devemos deixar de comprar um bilhete que tem o numero da sepultura do nosso filho. Se fosse premiado, teriamos remorsos da nossa economia.

O Cerqueira abanou a cabeça, teve outro sorriso, chamou o maltrapilho e comprou o bilhete.

— Quando anda a roda?

— Amanhan.

— Vá lá!

E voltando-se para dona Gertrudes:

— Durante vinte e seis annos de casados nós sempre fizemos todas as

vontades um ao outro, e por isso temos vivido como Deus com os anjos. Não será por um miseravel bilhete de loteria que te hei de contrariar pela primeira vez.

A pobre mãe, contemplando o numero do bilhete, murmurou, sem conter duas lagrimas que lhe brilhavam nos olhos:

— Pobre Eduardinho! se fosse vivo, estaria hoje com vinte e quatro annos...

E o Cerqueira, que era bom homem e de muito bom senso, mas tinha ás vezes umas deliciosas calinadas, accrescentou, para consolar a esposa:

— E dahi... quem sabe?... talvez já tivesse morrido...

No dia seguinte o venturoso casal teve um alegrão: consultando a lista da Loteria Nacional, publicada nas folhas diarias, o Cerqueira verificou que o numero 440 fóra contemplado com a sorte grande — quinze contos de réis.

Então?... Se não tivessemos acreditado que aquillo era inspiração do Eduardinho? exclamou Gertrudes, gaga de prazer.

— Que vamos nós fazer de todo esse dinheiro? perguntou o marido.

— E' boa! vamos quanto antes comprar uma casinha.

— Uma casinha? Para que? protestou elle. Estamos velhos e não temos filhos. Queres comprar uma casa para daqui a dous dias morreremos e outros a desfructarem? Nada, nada: gosemos nós o nosso rico dinheirinho!...

— Mas uma casa sempre é uma casa, obtemperou Gertrudes, cheia de convicção. Se você me faltar, ficarei ao menos com um buraco onde me metta, sem pensar no senhorio.

— Se eu te faltar, receberás um monte-pio que te dará perfeitamente para viver. Olha, eu proponho que façamos uma viagem ao Piauihy.

— Para que?

— Quero matar saudades. Sahi do Piauihy ha perto de quarenta annos, e nunca mais lá voltei.

— Mas tu já lá não tens ninguém.

— Tenho a terra... o meu berço natal... E' sempre agradável voltar a gente ao lugar onde nasceu e brincou...

— Ora deixa-te disso! que interesse podes ter em voltar a uma terra do onde vieste ha quarenta annos? Essa viagem só te poderá entristecer.

— Embora! quero ir ao Piauihy!...

— Pois vá sózinho, arre! Não serei eu que nesta idade se arrisque a uma viagem tão longa!

— Não posso perceber que gostinho tem a senhora em me contrariar... Esse passico custará dous contos de réis, quando muito!

— Estou na minha... muito melhor emprego daremos ao nosso dinheiro comprando uma casinha.

— Qual casinha nem qual carapuca! Em primeiro lugar, pagarei aquelles cobres que devo ao Banco dos Funcionarios Publicos e ficarei livre do desconto mensal que soffrem os meus ordenados... Depois saldarei a conta do alfaiate e a da venda... Depois mandarei fazer um jazigo perpetuo para o Eduardinho, e que ha de servir tambem para nós, quando morreremos...

— E' isso! quer você comprar a casa para depois de morto... Pois olhe, é melhor comprar uma sepultura para a vida...

— Compre-se, com todos os diabos! Compre-se uma casa, um palacete, um palacio de tres andares, mas façam-se essas despesas todas, que são muito necessarias, e vamos ao Piauihy!

— Que Piauihy! não seja teimoso! Tire dahi a idéa!...

— Teimoso é ella!

— Desse modo não fica dinheiro que chegue para a compra da casa!

— Qual não fica! Fica, sim, senhora! E demais quem manda sou eu! Nós não estamos em casa de Gonçalo!...

— Ah, sr. Cerqueira, é a primeira vez que o senhor me fala desse modo!

— Se não quer que eu fale deste modo, não seja tola! A senhora foi sempre uma mulher condescendente e submissa; agora, que entrou um pouco de dinheiro nesta casa, já quer grimpar mais do que eu.

— Pois guarde o dinheiro! Que me importam os seus quinze contos de réis? Nunca vivi á sua custa, ouviu? Sempre arranjei alguma cousa com as minhas costuras, e havia mezes até em que ganhava mais do que o senhor.

— Está bom, senhora, basta de aborrecer-me! Era o que faltava; comprar casa para os outros!

— E a mim não me faltava mais nada senão ir ao Piauihy agora, depois de velha!

— Não seja idiota! Então as velhas não viajam?

— Idiota será elle! Veja lá como fala!...

— O melhor será dividirmos a sorte grande; cada um de nós ficará com sete contos e quinhentos e tomará o rumo que mais lhe convier!

E' uma separação que o senhor me propõe?

— Uma separação? Seja! A senhora compra um buraco e eu vou para Piauihy.

— Que homem!

— Que mulher!

Dahi a meia hora o Cerqueira sahia de casa, e — pela primeira vez depois de vinte e seis annos de casa-

do — esquecia-se de dar em Gertrudes um beijo de despedida.

A pobre senhora passou o dia inteiro a chorar, sinceramente arrependida de não ter concordado com o marido e amaldiçoando a sorte grande que levára a discordia ao seu lar domestico, modelo de tranquillidade e santuario de amor.

Gertrudes tinha ainda os olhos pisados de tanto chorar, quando o Cerqueira ás quatro horas da tarde voltou para a companhia della, e soltou, mal que a viu, uma gargalhada estroptitosa e sonora.

— Ah! ah! ha! ah!

— Que é isso? que alegria é essa?

— Estamos bem castigados, minha velha.

Como assim?

— Antes de mais nada, toma lá dous beijos, um da ida e outro da volta.

E, depois de beijal-a com muito carinho:

— Fomos victimas de um gatuno... e de uma coincidência. A sorte grande sahi effectivamente ao numero 440, mas o bilhete que nos venderam era já de tres loterias passadas e está branco como o cal daquella parede. Ah! ah! ah!...

— Ora ainda bem! exclamou Gertrudes. Agora não ha mais motivo de divergencia entre nós...

Vê lá, minha velha, como é certo aquelle ditado: «O dinheiro não faz a felicidade». Para que tivéssemos uma rusga pela primeira vez na nossa vida, foi preciso que nos supuzessemos ricos. Agora estamos convencidos de que a pobreza tem as suas vantagens, cin?

— Sim; mas a lição custou-nos cinco mil réis...

— Barata feira, minha velha, barata feira!

ARTHUR AZEVEDO



INITIUM SAPIENTIAE TIMOR DOMINI

Conta a joven Republica dez annos
E, se tortu misera, inda está tortu!
Qualquer idéa boa sempre aborta,
E as esperanças trazem desenganos!

Accumulam-se danos e mais danos,
A corrente dos males não se corta,
E o medonho futuro pouco importa
Aos governantes improbos, insanos!

Continuo assassinato produz lutos,
Por mais que se avoltem os tributos,
Não diminue a divida aos judeus!

A justiça claudica, e a eleição mentu,
E a publica desgraça é permanente,
Emquanto não houver temor de Deus.

PADRE CORREIA DE ALMEIDA

O ensino da Historia

Por falta de espaço, deixamos de publicar hoje a continuação da conferencia do dr. Carlos de Laet.

VIDA SOCIAL

Anniversarios

Fizeram annos:

No dia 15 de março, o sr. Henrique Fleury, filho do dr. João Fleury, advogado deste fóro.

No dia 17, a graciosa menina Ivonne, filha do sr. major Whitacker Junior, 1.º tabellião de Santa Rita do Passa Quatro.

No dia 18, o nosso venerando collega do *Diario Popular*, sr. José Maria Lisboa, decano dos jornalistas de S. Paulo.

No dia 21, a senhorita Alice, filha do nosso intransigente correligionario sr. coronel Gaudencio de Quadros.

No mesmo dia, o sr. Henrique Andrade, antigo e distincto advogado no fóro da capital.

No dia 23, o dr. Joaquim José de Carvalho, conceituado clinico em Avare e nosso illustre collaborador.

No dia 26, a exma. sra. d. Maria Ernestina Varella, digna inspectora do Jardim da Infancia.

No mesmo dia, o rvmo. padre José Francisco Monteiro, segundo coadjutor da parochia de Santa Cecilia; o nosso prezado collega sr. Eugenio Hollender, director do *Messenger de S. Paulo*, e o menino Amado, filho do sr. Antonio Duarte Pinto Ferraz, residente em Ribeirão Bonito.

No dia 28, a galante menina Beatriz, filha do nosso distincto collaborador dr. Arnaldo Cintra.

No dia 29, o galante José, filho do capitão José Fleury, fazendeiro em Botucatu.

No dia 31, o intelligente Demosthenes, filho do sr. Manoel Vicira Martins, estimado capitalista desta praça.

No dia 2 do corrente, a exma. sra. d. Maria da Gloria Rodrigues Pereira de Vasconcellos, virtuosa esposa do nosso illustre correligionario e collaborador dr. Estevam Leão Bourroul.

Hontem, o sr. capitão Laudelino de Toledo, estimado solicitador deste fóro. Fazem annos no dia 7:

A menina Ernestina, filha do capitão Martim Ernesto de França Leite, capitalista residente na Franca;

O dr. João Cesar Bucno Bierrenbach, advogado, lente do Gymnasio de Campinas e festejado honrem de letras;

O dr. Alfredo de Toledo, distincto escriptor e advogado nesta capital.

Casamento

Realisou-se nesta capital, no dia 19 do mez proximo findo, o consorcio do dr. Oscar Thompson, digno director da Escola Normal, com a distincta senhorita Henriqueta Bastos, filha do estimado capitalista sr. Henrique Bastos. O acto civil effectuou-se no palacete dos paes da noiva, e o religioso,

na egreja da Ordem Terceira do Carmo.

Foram paranympnos em ambos os actos, por parte do noivo, o senador federal dr. Joaquim Lopes Chaves e o dr. Juvenal Malheiros de Souza Menezes, ministro do Tribunal de Justiça, e por parte da noiva, os srs. dr. Gil Diniz Goulart e cõmmendador Cicerio Bastos.

Desejamos aos recém-casados todas as venturas.

Nascimento

O lar do sr. Aristides de Oliveira, antigo e zeloso funcionario da Junta Commercial, está em festas desde 22 do mez proximo findo, pois naquella dia nasceu o primogenito do estimado moço, — uma gorducha criança, do sexo forte, que na pia baptismal vai receber o nome do avô paterno, Antonio Honorio.

Com os parabens que enviamos ao sr. Aristides de Oliveira e sua exma. esposa, vão os nossos votos por que o petiz cresça e viva sempre feliz.

Aprovações

Foram approvados e passaram respectivamente para o 2.º e 3.º anno da Escola de Pharmacia os applicados estudantes Galileu Couto de Magalhães e Antonio Vieira Bittencourt.

Collegio Bom Conselho

Seguiram para Taubaté, onde foram continuar seus estudos, as senhoritas Cecilia e Sinhá, filhas do dr. João Fleury, e Leocia, filha do sr. Carlos Ribeiro, administrador da fazenda *Monte Alegre*, de Santa Rita do Passa Quatro.

Para Poços de Caldas

Partiu para Poços de Caldas, em goso de licença, o sr. Alfredo Firmo da Silva, digno 4.º tabellião desta capital.

Da Europa

Deve ter embarcado na Europa a 23 do mez proximo findo, com destino ao Brasil, o illustre medico brasileiro dr. Hilario de Gouveia, que ha muitos annos reside em Paris e que, em diversos congressos scientificos europeus, tem representado com brilho o nosso paiz.

Parece que o dr. Hilario de Gouveia volta a fixar-se definitivamente no Rio de Janeiro, onde tomará conta de sua cadeira na Faculdade de Medicina.

Faculdade de Direito

Foram approvados nas materias do 3.º anno de Direito os talentosos academicos Antonio Carlos Couto de Magalhães e Manoel Eugenio Baruel Varella.

Na capital

Esteve alguns dias nesta capital o dr. José Vieira Netto Leme, illustre e antigo clinico residente em S. Simão.



CONTRASTE

(Em 15 de novembro de 1905)

Do dr. Couto de Magalhães

Emquanto o povo ri, exausto de canceira, saudando o alvorecer da rósea liberdade, da Patria o coração — escravo da saudade, derrama tristemente a lagrima primeira...

Não comprehende talvez a estulta sociedade, em seu louco furor de velha corriqueira, que rói-te o coração, ó Patria Brasileira, o gladio seductor da tetrica orphanidade!...

E o povo sempre a rir, estúpido e beçal, nem ao menos relembra a ingratição brutal, que a Patria ora maldiz em lagrimas do amor!...

E' que a dor se accentua agora ainda (mais viva, ao lembrar, chorosa, a imagem compassiva daquelle velho honrado — o sabio Imperador!...

OSCAR BRISOLLA



O PAPÃO

Desse velho carrancudo e feio, de queixo duro e olhar severo, porque o seu ar é o de quem tem soffrido muito e o de quem sabe muitas cousas, dizem que é mau e feiteiro; e todo o mundo tem medo do grosso bordão a que se apoia.

Que importa, porém, que a gente grande não goste delle, se os pequeninos o amam? E' verdade, sim, que o seu desconforme chapéu alto seria capaz de afugantar de sobre a terra todos os passarinhos do céu.

Mas de uns melros, sei eu que foram fazer o seu ninho na copa daquelle descommunal chapéu; e o bom do velho andou durante muito tempo com a cabeça descoberta, ao sol e as chuvas, até que os implumes filhotes creassem azas e pudessem voar. E' bem verdade que, quando elle passa, as mães o apontam aos filhinhos manhosos, dizendo-lhes:

— « Olha o Papão que te vem cortar a orelha! »

Mas os filhinhos já viram o Papão sorrir um dia, e desde então fazem o que muita gente grande não ousa fazer: approximam-se delle sem receio.

Com effeito, o bom do velho nunca fez mal a ninguem; elle passa a mão com brandura sobre a cabeça dos meninos, e estes bem sabem que, nos largos bolsos do seu casacão temeroso, não ha tesouras taes, que cortem orelhas, mas sim ha bonbons para as crianças ou bocadinhos de pão para atirar pachorrontamente ás avensinhas famintas.

RAYMUNDO CORREIA.



Anuario de Minas

O talentoso e incançavel escriptor mineiro Nelson de Senna já tem impresso o 1.º volume do *Anuario de Minas*, para 1906, que, sob sua direcção, começa a ser publicado na capital do Estado vizinho.

Occupar-nos-emos delle, em noticia desenvolvida, quando nos chegar ás mãos o exemplar destinado ao *Album Imperial*.

Jornaes e revistas

Morreu o *Brasil Illustrado*... *A Illustração* só nos deu um ar de sua graça em uma unica edição e, agora, das mesmas officinas em que foi impressa aquella ultima revista sahio *A Internacional*, quinzenario, propriedade de A. Frattini & C. e redacção de A. Franklin Cardoso.

Bem impressa, offerece leitura variada, mas... aquelle conto *A Fome* — que nos perdõe o collega a franqueza — não merece agazalho em revista séria: — é simplesmente immoral, digno do *Rio Nô* ou d'*O Coto*, mas nunca de uma publicação que se preze.

Feito este reparo, desejamos á nova revista muitas prosperidades.

Visitamos o n. 2 d'*A Illustração do Brasil*, correspondente a fevereiro. Preparada agora nas conceituadas officinas dos irmãos Hennes, apresenta outro aspecto: — impressão nitida, tanto do texto, como dos *clichés*. Collaboração variada, em prosa e em verso, está muito interessante este numero da sympathica revista. Cá esperamos o n. 3, correspondente ao mez proximo findo.

— Suspendeu a publicação o apreciado diario catholico *A União*, dirigido no Rio pelo dr. Antonio Felício dos Santos.

— O *Braz de Hoje*, semanario desta capital, estampou na primeira pagina de sua edição de 18 de março os retratos de Arthur Goulart e Justiniano Vianna, directores, respectivamente, do 3.º grupo escolar do Braz e do do Pary.

Mercêcia homenagem aos distinctos professores.

— *A Tribuna*, de Santos, iniciou a 26 do mez proximo findo o seu XIII anno de existencia, que tem sido toda consagrada á defesa do povo e dos interesses daquelle importante cidade.

Ao nosso intemerato collega Olympio Lima, director-proprietario da brilhante folha, enviamos saudações pelo festivo anniversario e aqui deixamos registrados os nossos votos pela crescente prosperidade d'*A Tribuna*.

— Completou onze annos de existencia *O Municipio*, bem feito e apreciado semanario de Lorena.

Nossas saudações.

— O *Santo-Ritense*, apreciado semanario de Santa Rita do Passa Quatro, completou, no dia 30 de março ultimo, quatro annos de existencia.

— De Bello Horizonte recebemos o 1.º numero da *Revista de Minas*, que iniciou sua publicação, naquella capital, a 15 do mez proximo findo.

E' propriedade do sr. Raul Mendes e tem por fim a propaganda dos productos da industria mineira e a defesa dos interesses da lavoura e commercio do opulento Estado vizinho. Em sua redacção inaugurou, com aquelle louvavel intuito, uma exposição permanente de productos mineiros.

A *Revista de Minas* desejamos muitas felicidades.

— *A Noticia*, de Ribeirão Bonito, commemorando o anniversario de sua fundação, deu a 29 do mez proximo findo uma edição magnifica, com variada collaboração e os retratos dos srs. coronel Antonio Carlos F. Salles, dr. Odilon Ribeiro, dr. Benjamin Novaes, dr. Eugenio Silva, Orlando Marçal, Arthur M. Santos e A. Fiorentino, além dos retratos do sr. J. V. Guimarães, esforçado director-proprietario d'*A Noticia*, e seus dignos auxiliares Carmine Blotta e Jorge Ferraz.

Naquelle dia o sympathico bisemario iniciou seu quarto anno de existencia, que tem sido dedicada á defeza dos interesses do povo e da cidade de Ribeirão Bonito.

Nossos votos sinceros são pela prosperidade crescente do distincto collegia. — Desligou-se da redacção do *Diário Popular* o distincto moço e apreciado escriptor Heraclito Viotti.

— O *Commercio de São Paulo* (já tardava...) passou por nova transformação: — o sr. José Maria dos Santos, talentoso jornalista paraense e que já tem figurado com brilho na imprensa fluminense e na desta capital, assumiu a direcção daquelle antigo diario, que no dia 20 de março appareceu completamente reformado.

Muitas felicidades lhe desejamos na nova phase.

— Recebemos o *Boletim* da Devoção de S. José, anno I, n. 1, organ das boas obras em favor dos pobres. Foi distribuido nesta capital, a 19 de março.

— Já estava na machina o ultimo numero da nossa revista, quando nos chegou ás mãos o n. 4 da *Iris*, bella revista mensal de letras, sciencias e artes, proficientemente dirigida nesta capital pelo talentoso escriptor Alvaro Guerra.

A *Iris* vai cumprindo galhardamente o programma que se traçou, o cultivo da boa e san literatura, e a prova de que á sua confecção preside o maximo escrupulo, tem-la no escolhido sumario desse numero, em nada inferior ao das tres primicias edições.



Uma noite em S. Paulo

Minha terra é o paiz das serenatas
Por noites de luar,
Emquanto a nevoa em tremulas cas-
[catas
No rio vem boiar.

As frautas, do violão ao som doído,
Aqui sabem dizer
Os segredos de amor, saudades vivas
Dos annos de prazer.

Jámais em labios rubros de hespanhola
A cantiga gemeu
Como uma só das bellas serenatas
Que escuta o nosso céu.

Jámais o gondoleiro do Rialto
Que a onda acalentou,
Mais doce canto ás auras do Adriatico
A' noite suspirou.

Em meu paiz o canto do *tropeiro*
Sentado ao pé do lar,
Ou do *ranchito* nos ermos, onde a lua
Encontrou-o a sonhar;

As *tyrannas* doidas que a viola
Chorando desprendeu
Acordam mais o genio da saudade
Na sombra deste céu.

Nosso canto aprendeu as melodias,
Scus hymnos virginaes,
Da cascata no tremulo murmurio,
Na voz dos sabiães...

Minha terra é o paiz das serenatas
Por noites de luar,
Vinde, filhos de além, ver quanto é doce
Sob a curva do céu aqui sonhar.

BRASILIO MACHADO

Opera brasileira

A companhia do theatro lyrico brasileiro levou á scena no theatro S. Pedro, do Rio, no dia 22 de março ultimo, a opera em dous actos *Carmela*, do maestro riograndense Araujo Vianna.

A representação alcançou grande exito, regendo a orchestra o maestro Francisco Braga.

O libreto da *Carmela* pôde resumir-se assim:

Primeiro acto — Começa por um côro interno de pescadores: «Nasce bem junto á praia moreno pescador etc.»

Sobe o panno: a scena representa um trecho de praia em Sorrento; Capri ao fundo e a aldeia á esquerda, sobre uma collina.

Avista-se uma barca, em que chegam Carmela e Curato. Ruffo reconhece-a e diz que Carmela é orgulhosa, mas que Renzo é seu apaixonado. O côro moteja, chamando á mesma *marqueza, duquesa, archiduquesa*, até que Curato intervem, dizendo que a pobre tem doente a velha mãe. Apparece Renzo, que detem Carmela, lamentando-se da indifferença com que o trata. Ella desculpa-se com a doença da velha, affirmando-lhe a sua estima. Curato pede-lhe que atenda ás supplicas de Renzo. *(Segue-se um bello tercetto)*, talvez o principal trecho da opera). Carmela conta em seguida como a sua mãe se viu desprezada um dia pelo marido, que a espancou: é este o principal motivo da sua tristeza. Renzo promete-lhe uma vida cheia de venturas, terminando o acto com o final do tercetto.

Segundo acto — Depois do preludio, ouve-se o toque de Ave-Maria e segue-se a barcarola, cantada pelo barytono:

Quando em teus labios de rosa
Ponho a caricia de um beijo,
Em doce e languido harpejo
Tudo começa a cantar...

A lua, ouvindo-a, medrosa,
Ao vento conta, e deslisa...
E tudo a lúpida brisa
Repete ás ondas do mar.

(Coro ao longe).

Entra logo depois o tenor, que canta a bella romanza:

Crepusculo suave!

Pouco a pouco vão chegando á praia
homens e mulheres. Tarantella dançada por alguns pescadores. O côro retira-se, cantando:

A' casa corramos todos
Antes que o fogo vá se apagar...

Amigo, vem perto a noite;
Naquelle albergue vamos beber!

Na scena seguinte, Renzo scisma encostado ao cãos, quando ouve Ruffo contar a alguns amigos que tinha feito declarações a Carmela e que esta accetára o seu amor, deixando escapar do peito alguns suspiros e inclinando o collo, que elle beijara muitas vezes.

Renzo encoleriza-se e insulta-o. Diz que lhe ha de tirar a vida, se elle ousar repetir tamanha infamia. Na lucta, que então se trava, Ruffo apunhala o seu rival. Os populares acodem, gritando por soccorro. Entra Curato, seguido

de outras pessoas, inclusivé Carmela, que em vão tenta chamar á vida o apaixonado. Renzo morre nos seus braços.

Os pescadores se descobrem e inclinam a cabeça, murmurando uma oração.



NOTAS

Os srs. assignantes que não receberam pontualmente o *Album* deverão dirigir sua reclamação directamente ao nosso escriptorio, avenida Angelica, 3.

A cadeira existente no Supremo Tribunal Militar, do Rio, em que se assentava o Imperador sr. D. Pedro II, vai ser removida, como objecto historico, para o Museu Nacional.

Deve embarcar hoje no *Savonia*, com destino a Roma, onde vai ser sagrado bispo do Pará, o rvm. monsenhor José Marcondes Homem de Mello.

S. Eminência o cardeal Arcoverde transmitiu ao exmo. bispo Conde de S. Paulo o breve em que o Papa Pio X concedeu o titulo de monsenhor, com as honras de prelado domestico, ao rvm. conego Antonio do Nascimento Castro, vigario de Taubaté.

Com a devida vénia, reproduzimos do *São Paulo* o artigo que sobre a projectada demolição da Matriz de Santos escreveu o illustre sacerdote monsenhor Manoel Vicente.

COLLECTANEAS

Um homem rico, indolente e melancolico (é um medico quem fala) consultou-me ha tempos acerca das suas molestias. Eu lhe disse: nada vos posso aconselhar; o unico homem capaz de vos restituir a saúde está longe daqui.

— Onde está elle?

— Em Leão.

— Irei a Leão, respondeu-me o homem.

Pouco tempo depois, caminhava elle na estrada para Leão, munido de uma carta de que eu o tinha encarregado, mas ignorando que outra carta minha, dirigida á mesma pessoa, tinha sido já expedita havia dias. Chegado a Leão, disseram-lhe, com certo ar de tristeza, que o homem que elle procurava tinha ido para Montpellier. O doente partiu para Montpellier, donde o mandam para Bordeaux, dahi para Argentac, dahi para Tulle, Tiviers, Blois, Lorient, Losicux e, finalmente, para Paris, aonde chegou completamente curado. Veiu abraçar-me.

— Oh! meu caro dr., disse-me elle, destes-me dous bellissimos medicos, e aqui estou para vos agradecer.

— Quaes medicos?

— O *cauçaço*, que faz dormir, e a *esperança* que buscamos correndo atraz della.

O TRATAMENTO DE ALTEZA

Antigamente não se dava o tratamento de Alteza senão aos reis; depois, desceu para os filhos e filhas dos reis. Em 1590, Felipe II de Hespanha concedeu-o ao duque de Mantua, porque este lhe fizera um emprestimo de 300.000 escudos. Recusou-o ao duque um cura de Montferrato, porque no breviario se não dava este titulo senão a Deus: *Tu solus altissimus*.

O amor é a vida da mulher; a que o não sente pelo homem, está enamorada de si mesma.

AS MULHERES ARABES

Os arabes, mais poetas do que outro nenhum povo, punham sempre ás suas filhas nomes de significação graciosa.

Segundo Conde, na sua Historia do dominio dos arabes na Hespanha:

Sobeiha significa aurora
Radhia » placida
Noeima » graciosa
Saida » feliz
Zahra » flôr
Borhã » clara
Safia » pura
Naziha » deliciosa
Kiusa » thesouso
Lulu » perola

O CASAMENTO EM MAIO

Na antiga Roma, era mal agourado para os casamentos o mez de maio.

Quando Maria Stuart teve a imprudencia de casar-se com Bothwell, geralmente accusado de assassino de Darnley, seu segundo marido, o casamento que se realisou a 16 de maio de 1567, quatro mezes depois do assassinato, appareceu na porta do castello um papel com o seguinte verso de Ovidio:

Mense malas Maio nubere, vulgus ait
As mulheres más casam-se em maio,
diz o proverbio.

A alma religiosa — diz um auctor — atravessa serenamente a carreira da vida, entre a esperança e a resignação: a primeira enflora, perfuma e encanta-lhe a viagem; a segunda fortifica-a contra ás asperzas do caminho e preserva-a das quedas a que o desespero a queira levar.

Na legislatura portugueza de 1857 havia treze deputados lentes da Universidade de Coimbra. O *Nacional*, do Porto, referindo-se ao caso, escreveu:

— Se a Camara não encarar bem as questões, não tem desculpa nenhuma:

Então é cega de todo,
E as razões estão patentes:
Nada vê quem não vê bem
Armado de treze lentes.

Um inglez calculou que um homem fala, termo médio, tres horas por dia, pronunciando 100 palavras por minuto, o que equivale a falar materia de 29 paginas por hora, 600 por semana, ou 50 boas columnas por anno.

Um malicioso, destes que gostam de completar as cousas, ampliando-as, depois de ruminar algumas horas, acabou por concluir que a mulher vinha a falar o dobro.

ANNO I

S. PAULO. 20 de abril de 1906

NUM. 8

ALBUM IMPERIAL

QUINZENARIO POLITICO E LITERARIO

Director: Couto de Magalhães

Secretario: M. Bittencourt J.^o



PRINCIPE D. LUIZ



O PRINCIPE D. LUIZ



DESCENDENTES, pelo lado paterno, do rei Luiz Phelippe e, pelo materno, de D. Pedro II, cuja genealogia vai, pela linha paterna, até ao tronco da raça dos Capetos, — pôde dizer-se dos Príncipes Brasileiros o que Metternich disse dos filhos daquelle illustre rei da Casa de Orléans: — são moços como poucos e príncipes como nenhuns.

Netos de um imperador que Victor Hugo comparou a Marco-Aurelio, herdaram os augustos moços: de seu avô, o amor ao estudo; de seus paes, as virtudes de D. Izabel e a coragem e o valor do heróe de Campo Grande, e, obedecendo a mesma vocação e querendo honrar sob todos os titulos os seus illustres ascendentes, desde cedo abraçaram a carreira das armas, ao mesmo tempo que vão cultivando o espirito nas letras e nas sciencias e robustecendo o valor physico em excursões arriscadas atravez de perigosas regiões do globo.

Afastados do Brasil pelo movimento revolucionario de 15 de novembro, viram-se expatriados quando o ultimo delles era uma criança de oito annos e o mais velho não contava ainda quinze, e uma vez moços, longe de inutilisarem a juventude em vida ociosa nos centros civilisados do Velho Mundo, aproveitaram-na no convívio do estudo e no tirocinio militar da Escola de Vienna, passando as férias em viagens instructivas ou na tranquillidade do lar paterno, em Boulogne-sur-Seine.

A aprimorada educação que receberam dos paes, completaram-na os collegios, e tão rapidos, surprehendentes progressos alcançaram nos estudos, que os tres Príncipes Brasileiros, antes dos vinte annos de idade, tinham completo o curso superior de mathematicas.

D. LUIZ distingue-se de D. PEDRO e D. ANTONIO, por uma tendencia mais accentuada para as letras, que cultivava com carinho, sem, todavia, desprezar as armas, tal como

o fino romancista do *Pêcheur d'Islande*, que é tão brilhante escriptor quão distincto official de marinha.

Sabe D. Luiz harmonisar tão bem as letras com as armas, que o delicado impressionista do *Dans les Alpes* é tambem o arrojado companheiro do general Botha, em diversos reconhecimentos no Sul da Africa, debaixo do fogo incessante da artilharia ingleza: é o narrador do *Tour d'Afrique* e o escriptor de *Cachemir et Turkes-tan* e ao mesmo tempo o bravo caçador de tigres de Bengala e o militar que por merecimento obtém promoção a 1.º tenente aos 23 annos de idade!

O nome de linhagem de Sua Alteza é D. Luiz Phelippe Pedro de Alcantara Gastão Miguel Raphael Gonzaga: nasceu em Petropolis, a 26 de janeiro de 1878, e acompanhou seus irmãos nas viagens ás provincias do Sul do Imperio, em 1884-85.

Tinha onze annos incompletos, quando, partilhando da sorte da Familia Imperial Brasileira, seguiu caminho do exilio a bordo do *Alagôas*: na Europa frequentou com seus irmãos o Instituto Stanislos, onde fez a primeira communhão a 14 de maio de 1890; depois, a *Ecole Saint-Jean*, em Versalhes, e, finalmente, em 1895, da Immaculada Conceição, em Vaugirard, onde, depois de brilhantes exames, obteve o grau de bacharel em letras, philosophia e sciencias mathematicas.

Durante as férias desse anno, empreendeu, com o irmão mais velho, perigosa ascensão ao cume do Vignemale, o mais alto pico dos Pyreneus, pois fica a 3.298 metros de altitude.

Em outubro desse mesmo anno, entrou, com permissão especial do Imperador da Austria, para a Academia Militar de Vienna, na qual se formam os officiaes de artilharia e engenheiros.

Durante os tres annos do curso completo, seguiu todos os exercicios technicos e topographicos e, finalmente, a viagem

de instrucção até ao Adriatico, com regresso pela Styria, tendo feito parte do trajecto a pé.

Apaixonado pelas excursões alpinas, aproveitou os periodos de férias para emprender, com seu irmão mais velho, diversas ascensões ao Monte Branco e outros pontos dos mais perigosos, como *Glacier du Jardin e Col du Géant*.

D. Luiz reuniu as narrações dessas diversas excursões em um volume, que tem por titulo *Dans les Alpes*.

Terminado o curso da Academia Militar Technica, foi nomeado 2.º tenente do 3.º regimento de artilharia do corpo do exercito *Archiduque Guilherme*, de guarnição em Gratz, na Styria.

Em junho de 1900, empreendeu uma viagem á volta da Africa, parando no cabo da Boa-Esperança, internando-se até Ladysmith, que foi theatro da brilhante resistencia do exercito inglez sitiado pelos *Boers*; seguindo depois por Lourenço Marques ao acampamento do general Botha, em cuja companhia tomou parte em diversos reconhecimentos, debaixo do fogo da artilharia ingleza, e rematando a viagem com uma excursão de caça ás margens do rio Pungue.

Em fins de setembro, regressou á Europa, onde escreveu a narração dessas

aventuras e interessantes viagens, em um volume que intitulou — *Tour d'Afrique — Au camp des Boers*, do qual o *Journal do Commercio*, do Rio de Janeiro, traduziu e publicou longos trechos.

Em maio de 1901, foi promovido a 1.º tenente.

Em janeiro de 1902, dirigiu-se para Ceylão e as Indias, sendo hospede do Vice-Rei em Calcutá, dos Governadores de Ma-

drasto e Bombaim e dos Maharadjahs de Mysore e Kapurthala.

Tomou parte alli em diversas caçadas de tigres e internando-se, finalmente, até Cachemira, atravessou o prolongamento do Himalaya denominado Hindo-Kush até Kasgar, no Turkestão chinês, pela garganta do Kilik (4.000 metros de altitude), por difficilimos e perigosos caminhos.

Pelas ultimas noticias que o *Album Imperial* recebeu de Paris, está em via de publicação naquella capital a narração dessa viagem,

formando um volume com o titulo *A travers l'Hindo-Kush — Cachemir et Turkestan*.

De volta dessa viagem, regressou a Vienna, a 7 de agosto.

Em setembro desse mesmo anno, D. Luiz obteve passagem para a arma de cavallaria e foi classificado no Regimento de Hussares n. 5, denominado do Feldmarechal.



ULTIMO RETRATO DO PRINCEPE DO GRÃO-PARÁ

Em 1904, embarcou com o irmão mais moço para os Estados- Unidos, onde visitou com muito interesse o Pavilhão Brasileiro, da Exposição de S. Luiz.

Depois dessa viagem, acompanhou seus paes a Roma, onde assistiram todos á imponente cerimonia do cinquentario da proclamação do Dogma da Immaculada Conceição, sendo recebidos por S. Santidade o Papa Pio X.

Em 1905, cursou em Presburgo a Escola de Corpo do Exercito (*Corps-Schule*).

Presentemente, acha-se D. Luiz com D. ANTONIO em Jerusalém, depois de terem ambos percorrido o Egypto, onde passaram algumas semanas visitando o Cairo, Luxor e Assuan, alvo das maiores attentões por parte do Khediva.

Comte de Magalhães

Abril de 906.

CARTAS DE FRANÇA

A morte e os funeraes de D. Pedro II

PARIS, 12 de dezembro de 1891.

SUMMARIO— Ainda a morte de D. Pedro II. Termo de obito na *mairie* do 8.º districto. A camara ardente. Guarda dos despojos mortaes—Telegrammas e visitas de pezaes—Ultimos retratos de D. Pedro II—Embalramento no dia 6. Como foi vestido o corpo. Exposição publica nos dias 6, 7 e 8. O caixão—A inscripção em latim. Tocante despedida. As flores: principaes cordões. Trasladação do corpo para a igreja da Magdalena na noite de 8.—Juizo da imprensa franceza sobre o morto. Algumas aggressões. O governo francez resolve tributar honras imperiaes a D. Pedro II. Nisso não houve offensa alguma á Republica Brasileira. Em que consistem essas honras: precedente do ex-rei do Hanover. Os convites para as exequias no dia 9. Ornamentação da Magdalena. As tropas que concorreram ao funeral—Suas bandeiras—O coche funebre. A assistencia dentro da igreja: relação das principaes pessoas presentes. Quasi todo o Instituto de França. A cerimonia. Continencia militar á sahida. Personagens que seguraram nos cordões do esquife. Ordem do prestito. Caminho que seguiu. Trezentas mil pessoes. Chegada á estação do caminho de ferro. Marcha das tropas em continencia. A Academia de Sciencias. Partida do comboio funebre para Lisboa. Pessoas que nelles seguram. O representante do imperador da Alemanha.

A minha ultima carta foi escripta na tarde de 5. Com ella remetti cópia do auto do obito lavrado pelo conde de Aljezur e assignado pelas pessoas presentes. No mesmo dia foi feita a declaração na *mairie* do 8.º districto (*arrondissement*), e, depois da verificação por dous medicos da municipalidade, o *mair*e lançou no livro de registro de obitos este assentamento:

« DOM PEDRO (na margem) — L'an mil huit cent quatre vingt onze, le cinq Décembre, à cinq heures du soir. Acte de Décès de Dom Pedro II d'Alcantara, Jean Charles Léopoldo Salvador Bibiano Xavier de Paul Leocadio Michel Gabriel Rafael Gonzague; agé de soixante six ans, ex-Empereur du Brésil, né à Saint Sebastien de Rio de Janeiro (Brésil), domicilié rue de l'Arcade 17 (Hotel Bedford), y decédé le cinq courant, à minuit trente cinq minutes; fils de l'Empereur Dom Pedro Premier du Brésil et Quatre du Portugal, et de l'Impératrice Dona Leopoldina, Archiduchesse de d'Autriche, époux decédés; veuf de l'Impératrice Dona Therèse Christine Maria, Princesse de Bourbon et des Deux Siciles. Dressé, vérification faite du décès, par nous, Paul Ernest Beurdeley, Maire offi-

cier de l'État Civil du huitième arrondissement de Paris, chevalier de la Légion d'Honneur, Officier de l'Académie, sur la déclaration de Diogo Vicomte de Cavalcanti, chambellan de la Maison Impériale du Brésil, ancien Sénateur, ancien Conseiller d'Etat, ancien Ministre de l'Empire du Brésil, grand Officier de la Légion d'Honneur, agé de cinquante huit ans, domicilié à Paris, rue Monceau 56; et de Joseph Baron d'Estrella, chambellan de la Maison Impériale du Brésil, chevalier de la Légion d'Honneur, agé de trente sept ans, domicilié à Paris, 14, Place Vendome, non parents, qui ont signé avec nous après lecture. (Assignados) *Vicomte de Cavalcanti — Estrella — J. Beurdeley.* »

— A's 8 horas da manhã o padre Song, coadjutor da igreja parochial da Magdalena, disse uma missa rezada no oratorio, que, desde o começo da molestia do Imperador, tinha sido armado em seu quarto de dormir, agora transformado em camara ardente. A empreza funeraria dirigida pelo sr. Henri de Borniol encaregou-se de todas as disposições do funeral até á entrega do corpo em Lisboa.

Retirados todos os moveis dispensaveis, foram as paredes, o tecto e o oratorio cobertos de velludo preto, franjado e salpicado de estrellas de prata. Sobre a cama armou-se um rico docel, cujos bambolins, assim como os pannos das paredes, apresentavam palmetas, rosões, pernadas de folhagem, ondas e outros ornamentos de desenho grego, e rematavam em canutilhos de prata. Nos angulos do docel levantavam-se pennachos negros.

A cama sobre um estrado, convenientemente nivelada e revestida de pannos eguaes aos das paredes, ficou convertida em tarima, e sobre ella foi collocado o Imperador morto, coberto com a bandeira que o Brasil tinha durante o seu reinado. Quatro grandes candlabros com pingentes de crystal e numerosos tocheiros sustentavam sessenta cirios.

No alto do docel e nos pannos das paredes foram applicados no dia seguinte escudos e armas imperiaes, pintados e illuminados com as suas côres e metaes.

Na entrada principal do hotel Bedford, que dá para a rua de L'Arcade, suspendeu-se uma immensa armação de panno e crepe, repetindo os motivos de ornamentação da camara ardente.

A Condessa e o Conde d'Eu, o Principe D. Pedro Augusto e muitos dos seus amigos tinham tomado

aposentos no hotel desde a noite de 4. A Princesa velou toda a madrugada de 5 ao lado do cadaver de seu pae. Depois, até á noite de 8, foi elle guardado constantemente por dous padres e pelos seguintes brasileiros, que se revezaram nesse piedoso serviço: conde de Aljezur, conselheiro Silva Costa, conde e condessa de Motta Maia, barão e baroneza de Muritiba, barão e baroneza da Estrella, marechal visconde da Penha e viscondessa da Penha, barão de Albuquerque, José Paranaguá, Godofredo de Escragnoille Taunay, João de Souza Dantas, Cansansão de Sinimbu, Silva Telles, barão de S. Joaquim, Sebastião Guimarães, Carlos Silveira Martins, viúva Silva Coutinho, d. Maria Julia de Bulhões Ribeiro, mme. Andrade Pinto, Alfredo Rocha e sua senhora, barão de Maia Monteiro, Pandiá Calogeras e sua senhora, conde de Barral e Andrade Machado.

Começaram desde o dia 5 a chegar telegrammas de pezames e affiur os visitantes. Mais de quarenta paginas de um grande livro de registro ficaram cheias de nomes nos dous primeiros dias. Esse livro é o mesmo em que estão assignados os ultimos visitantes que a Familia Imperial recebeu no Rio de Janeiro a 16 de novembro de 1889.

« C'est par des pleins corbeilles que les télégrammes arrivent », dizia na tarde de 6 o *National*. Com effeito, elles chegavam aos centos e de todas as partes do mundo. Na manhã de 7 havia uns quinhentos a abrir e ler, e outros continuavam a ser apresentados. Dentre elles, citarei os seguintes:

De Roma: — « Santo Padre recebeu com vivo pesar a triste noticia communicada por Vossa Alteza Imperial. Elle dirige ardentes preces ao Senhor pelo repouso eterno do augusto defunto e apresenta a Vossa Alteza e á Familia Imperial as suas condolencias. — *Cardenal Rampolla*. »

De Berlim: — « A Imperatriz e eu, profundamente sentidos com a triste noticia, enviamos a Vossa Alteza Imperial a expressão das nossas mais sinceras condolencias pela perda dolorosa que acaba de soffrer. Pedimos a Deus que vos conceda as suas consolações nesta triste provação. — *Guilherme, Imperador-Rei*. »

De Roma: — « A desgraça que leva o luto ao coração de Vossa Alteza Imperial e de sua Augusta Familia causa-nos, á Rainha e a mim, vivissima e sincera afflicção. O vencendo pae de Vossa Alteza Imperial era para nós e para a Italia um amigo sempre querido; suas altas qualidades faziam a admiração de todos os homens de intelligencia e de coração que elle honrava com a sua benevolencia. A dôr de Vossa Alteza Imperial é, pois, largamente partilhada aqui e as condolencias que offereço são, tambem a expressão dos sentimentos da nação italiana. — *Humberto*. »

De Vienna: — « A nova dôr que fere a Vossa Alteza Imperial affligiu-me profundamente, conhecendo toda a amargura que deixam no coração esses golpes irreparaveis. Conceda Deus a Vossa Alteza Imperial todas as consolações de que precisa nesta cruel provação. — *Francisco José*. »

De Windsor-Castle: — « Foi com o mais vivo pesar que recebi a noticia da morte do vosso querido pae, e rogo-vos que acceiteis a expressão da minha viva sympathia. — *Victoria, R. I.* »

Todos os soberanos e os principes das familias reinantes telegrapharam em termos igualmente sentidos e affectuosos. O mesmo fizeram muitas das summidades do mundo scientifico, literario e artistico, residentes no estrangeiro ou ausentes de Paris, como o grande historiador Cesar Cantu, de Milão, Maxime du Camp, ora em Baden-Baden, e Guillaume, director da Academia de França, em Roma.

O cavalheiro que obsequiosamente se encarregou de dar-me cópia dos principaes telegrammas enviou-me tantos documentos, que seria impossivel reproduzi-los sem encher columnas inteiras do jornal.

Dos milhares de visitantes, só direi que tudo quanto Paris conta de mais illustre foi inscrever-se no livro do registro collocado na portaria do hotel, ou subiu aos aposentos imperiaes, para apresentar condolencias á princesa D. Izabel. O presidente da Republica Franca deputou para esse fim o general Brugère e todos os officiaes da sua casa militar, vestidos de grande uniforme. No mesmo dia 5 inscreveram-se o sr. de Freycinet, presidente do conselho e ministro da guerra, acompanhado do general Brault e dos seus ajudantes de ordens, os outros membros do gabinete, muitos senadores, deputados, conselheiros de Estado, altos functionarios dos ministerios, generaes de terra e mar, magistrados, o prefeito do departamento do Sena e o prefeito de policia, embaixadores, ministros plenipotenciarios, membros do Instituto, jornalistas e toda a colonia brasileira, exceptuadas dez ou doze pessoas, entre as quaes o ministro, o consul e outros empregados publicos.

O nosso illustre pintor Louis Bonnat, retido em casa por um ataque de « influenza », escreveu uma sentida carta de pezames, lamentando não poder fazer o ultimo retrato de D. Pedro de Alcantara, seu illustre collega do Instituto. Em lugar de Bonnat, apresentou-se Mlle. Nélie Jacquemart, que esboçou rapidamente um busto do Imperador morto, admiravel de semelhança. Mlle. Jacquemart, discipula de Cogniet, tem feito, entre outros retratos notaveis, os do presidente Thiers (1872), marechal Canrobert (1870), generaes de Palikao e d'Aurelles de Paladine (1877), no museu do Luxemburgo, duque Decazes e barão de Montesquieu (1878).

Ha tres semanas outra artista de talento, Mlle. Louise Abbema, tinha terminado um retrato do ex-Imperador para a princesa D. Izabel.

Li em varios jornaes que um escultor moldou no dia 5 o rosto de D. Pedro II. Não sei se a noticia é exacta. No Instituto Pasteur possuímos aqui um excellente busto do illustre brasileiro, trabalhado por Guillaume em 1888.

O *Monde Illustré* acaba de publicar uma gravura de Henry Dochy, representando esse marmore.

Nodar fez uma bella photographia do morto e da camara ardente.

Todas as manhãs, nos dias 6, 7 e 8, foram celebradas missas de *requiem* junto ao cadaver, pelo padre David, membro correspondente do Instituto. Na manhã de 6, o dr. Poirier, chefe dos trabalhos anatomicos na escola de medicina, procedeu ao embalsamamento, assistido pelos professores Charcot e Motta Maia. Então, vestido com grande uniforme de marechal e tendo sobre o peito as placas do Cruzeiro, da Rosa e da Legião de Honra, os colares da Rosa e da Torre e Espada e o fitão das sois ordens brasileiras, foi o corpo collocado de novo sobre a tarima, coberto em parte por duas bandeiras imperiaes. Assim ficou em exposição nos dias 6 e 7, sendo o publico admittido a visitar a camara ardente das 4 ás 6 1/2 da tarde, no primeiro dia, e das 2 ás 5, no segundo.

O *Temps* descreveu assim as scenas da tarde de 6: « Desde as 3 da tarde as vizinhanças do hotel estavam invadidas pela multidão. Ella estacionava, formando longas fileiras sobre a calçada, dos dous lados da porta do hotel. . . Um serviço de ordem tinha sido estabelecido para assegurar a circulação dos visitantes. Apesar dessas medidas, a entrada não se effectuou sem pequenos incidentes, todos occasionados pela

grande affluencia do publico. Sem falar nas disputas a que deram logar alguns empurrões inevitaveis em semelhante agglomeração de gente, muitas senhoras, apertadas de perto e incommodadas pelo calor suffocante que reinava no vestibulo, desmaiaram e tiveram de ser transportadas para a rua, sem sentidos.

« A's 4 1/2 começou a desfilar a procissão de visitantes. Depois de subirem a escada que conduz aos aposentos de D. Pedro, penetravam elles em um salão inteiramente despido de movéis, e, collocando-se em linha, eram introduzidos por um mestre do cerimoniaes na camara mortuaria.

« Não foi sem profunda emoção que os visitantes contemplaram o espectáculo do Imperador extendido sobre o leito de morte, tanto o scenario é grandioso e imponente. A tarima fica em frente de duas janellas que dão para a rua de l'Arcade, tendo a cabeceira apoiada na parede do fundo. E' muito alta, sobre alguns degraus, e inteiramente alcatifada de velludo preto, sobre que se destacam motivos em bordados de prata. E' dominada por um docel do mesmo estoffo, com os angulos ornados de pennachos. No frontão foi collocado o escudo das armas imperiaes. Em torno do catafalco, dispostos em tres fileiras, ardem cincoenta tocheiros. E' no meio dessa inunção de luz, contrastando com os panos pretos das paredes e do tecto, que apparece a figura calma e serena do Imperador, dormindo o seu ultimo somno.

« O rosto parece de cera, tão extrema é a pallidez: dir-se-ia uma estatua de marmore branco. Os traços não se alteraram com a operação do embalsamamento. O corpo, revestido do uniforme de general, occupa no leito posição ligeiramente inclinada, e está coberto com duas bandeiras brasileiras, cujas vivas cores brilham no meio de todo esse aparato de luto. Sobre o peito de D. Pedro estão as insignias de varias ordens. Na cama vê-se tambem a espada do soberano. Em torno do catafalco estão distribuidas numerosas e soberbas corôas, pela maior parte de flôres naturaes... »

— A's 6 horas da tarde do dia 7, terminada a visita publica, foi o corpo collocado em um caixão de carvalho, interiormente alchoado de setim branco e exteriormente forrado de velludo preto com lhamas e estrellas de prata. No fundo do caixão assentou-se uma camada de terra do Brasil. Informaram-me que D. Pedro II a fizera vir ha tempos, dizendo que, se morresse no exilio, queria que o seu corpo descansasse assim sobre terra brasileira, embora longe da patria. Um joven engenheiro offereceu tambem um pequeno sacco, contendo terra do Brasil.

Seriam 7 horas quando os brasileiros e alguns jornalistas que alli se achavam foram admittidos no salão.

Sobre o soalho no meio da sala illuminada pelo clarão de varias tochas, via-se o caixão ainda aberto. Ao lado, de joelhos, a Princesa D. Izabel, vestida de rigoroso luto, chorava em silencio. A alguma distancia, tambem ajoelhados, estavam o Conde d'Eu e o Principe do Grão-Pará.

Os brasileiros presentes (trinta e tantos) foram desfilando e, um a um, lançaram agua benta sobre o cadaver e beijaram-lhe a mão. Eu fiz o mesmo.

Hei de ter sempre presente na memoria essa scena, uma das mais tristes e solemnes a que tenho assistido.

Depois cobriu-se o caixão com uma tampa de vidro e foi collocado na camara, onde o corpo continuou exposto até á tarde de 8.

No dia seguinte á noite, foi applicada a tampa de madeira, sobre a qual, em uma chapa de prata, estão gravadas as armas imperiaes e por baixo a seguinte

inscripção, composta pelo Dr. Seybold e pelo barão de Penedo:

D. O. M.

Hic

Requiescit in pace

Æterna memoria pie colendus

Augustissimus Dominus

PETRUS SECUNDUS

Brasilæ Imperator

Petri primi, imperii brasiliensis fundatoris, et Leopoldinæ, filiaë Francisci Germanicæ, postea Austriæ imperatoris, filius.

Justitia, clementia, liberalitate, humanitate populi sui pater, servorum ad libertatem prudentissimus conductor, litterarum artiumque luminis per vastissimum imperium propagator, animi magnitudine, ingenii acuminis, memoria immortalitate, scientiæ varietate incomparabilis.

Natus ante diem IV nonus decembres A. D. MDCCCXXV in civitate Fluminensi regnor minor accessit A. D. MDCCCXXXI, maior A. D. MDCCCXL. Optime semper per regnum plus quam semisæculare de patria meritis rerum illius A. D. MDCCCLXXXIX conversionis turbini cessit; ut illustrissimum serenissimæ benignitatis, constantiæ, patientiæ, exemplar, sincero amorum orbium planctu luctuque deploratus fortiter ac pie obiit Parisiis nonis decembribus A. D. MDCCCXCI.

Ditosa patria que tal filho teve!

Mas antes pae; que enquanto o sol redcia,

Este globo de Ceres e Neptuno,

Sempre suspirará por tal alumno.

(Luziadas, C. VIII, 32)

A traducção é, mais ou menos, esta:

« Ao Deus muito bom e muito grande.

« Aqui repousa em paz o Augustissimo D. Pedro II, Imperador do Brasil, cuja memoria será eterna e piedosamente honrada.

« Filho de Pedro I, fundador do Imperio Brasileiro, e de Leopoldina, filha de Francisco, Imperador da Alemanha, depois Austria.

« Foi pae do seu povo, pela justiça, clemencia, generosidade e humanidade; conductor prudentissimo dos escravos para a liberdade; propagador das letras e das artes atravez do seu vastissimo imperio; incomparavel na grandeza d'alma, agudeza de espirito, indefectibilidade da memoria e variedade dos conhecimentos.

« Nascido a 2 de dezembro do anno 1825 do Senhor, na cidade do Rio de Janeiro, subiu ao throno, sendo menor, em 1831, e chegou á maioridade em 1840. Sempre benemerito da patria durante um reinado de mais de meio seculo, deixou o poder deante da tormenta revolucionaria de 1889; e morreu com coragem e religião, em Paris, no dia 5 de dezembro de 1891, chorado pelo pranto e luto sincero dos Dous Mundos, como muito illustre modelo de serenissima benignidade, constancia, paciencia e erudição.

— O salão, a camara mortuaria e outras peças vizinhas estavam litteralmente cheias de corôas de flôres. Na noite de 8 tinham sido recebidas mais de duzentas. Não me foi possivel obter uma relação completa, e por isso indico sómente as principaes:

1. — « A meu querido pae. Sua filha extremosa e saudosissima, Izabel.»

2. — « Ao nosso querido pae. Seus filhos extremos e saudosissimos, Izabel e Gastão » (grande corôa de rosas e violetas de Parma).

3. — « Ao nosso querido avô. Seus netos D. Pedro de Alcantara, D. Luiz e D. Antonio » (filhos da Sra. D. Izabel).
4. —
5. — « A' mon frère bien-aimé. Janvier. »
6. — « A nosso querido avô. Seus netos D. Pedro Augusto, D. Augusto e D. Luiz » (filhos do duque de Saxe).
7. — « A Dom Pedro II. Victoria, R. I. » (Rainha Victoria, imperatriz das Indias).
8. — « Hommage et regrets. Prince Ferdinand de Bulgarie. »
9. — « Princesa Clementina de Saxe Coburg e Gotha. »
10. — « Conde e condessa de Trapani » (o conde é irmão da fallecida Imperatriz do Brasil, D. Thereza).
- 11 — 15. — « Conde de Paris, duque de Némours, duque d'Aumale, príncipe e princesa de Joinville, duque de Chartres. »
16. — « Infanta D. Antonia de Hohenzollern. »
17. — « A Associação Commercial do Rio de Janeiro, ao seu Presidente Honorario, D. Pedro II (grande e magnifica corôa formada com um ramo de café e outro de fumo, executados com admiravel perfeição; fita preta; laço de crepe). »
18. — *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro. — « A S. M. o Senhor D. Pedro II — Homenagem patriótica » (corôa de orchideas; fita preta).
19. — « A S. M. I. o Senhor D. Pedro II — O *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro » (duas grandes palmas de ouro applicadas sobre uma corôa de saudades; fita verde e amarella, laço de crepe).
20. — « A S. M. o Senhor D. Pedro II, Imperador Constitucional do Brasil — A redacção do jornal *O Brasil*, do Rio de Janeiro » (goivos e rosas; fita verde e amarella).
21. — Grande corôa de louros em ferro forjado e colorido, na qual se enlaça uma larga fita de chamalote preto. Em uma das pontas lê-se esta inscripção: — « A D. Pedro II, a quem o Brasil deve meio século de liberdade, de progresso e de glorias. Na outra: « Tempos felizes em que o pensamento, a palavra e a penna eram livres, em que o Brasil libertava povos opprimidos!... »
22. — Corôa de goivos e de rosas; fita verde e amarella, com esta inscripção: « Ao grande Imperador por quem se bateram Caxias, Osorio, Andrade Neves e tantos outros herôes — Os Voluntarios da Patria. »
23. — « Instituto Historico e Geographico do Brasil. »
24. — « Lyceu de Artes e Officios, do Rio de Janeiro. »
25. — « Ao seu protector, ao seu venerando pae — Os surdos-mudos do Brasil. »
26. — « Sociedade Brasileira de Beneficencia do Rio de Janeiro: — Ao seu protector, D. Pedro II. »
27. — « Sociedade das Obras Publicas do Rio de Janeiro: Homenagem a S. M. o Imperador. »
28. — « A Sua Magestade o Senhor D. Pedro II, Imperador do Brasil: Homenagem de Eduardo Prado. »
29. — « Jockey-Club, do Rio de Janeiro » (uma das maiores e mais ricas corôas).
30. — « La Maison Krupp et les ouvriers d'Essen a S. M. l'Empereur D. Pedro II. »
31. — « Le Museum d'Histoire Naturelle » (dous ramos de palmeira imperial do Brasil, fita rosa; quatro homens carregaram durante o tracto da Magdalena á estação estes ramos, homenagem dos professores do museu de Paris.)
32. — « La colonia chilena en Paris a Su Magestade el-emperador Don Pedro II » (fita azul, branca e encarnada.)
33. — « A' Sa Majesté l'Empereur D. Pedro II » — Les proscrits du Chili à Paris (fita tricolor, como a precedente).
34. — « Ao sempre chorado imperador D. Pedro II — Em nome dos Bahianos » (corôa de rosas naturaes; fita verde e amarella.)
35. — « Os rio-grandenses ao rei liberal e patriota » (rosas e violetas naturaes; fita verde e amarella.)
36. — « L'Association des Dames Françaises — A' S. M. l'Empereur D. Pedro, membre d'honneur. »
37. — « Societé Française d'Hygiene. »
38. — « Congrès des Americanistes (Comité de Paris.) »
39. — « Institut Rudy. »
40. — « Sociedade Brasileira de Beneficencia de Paris. »
41. — Os « Felibres Lerins » (flôres naturaes).
42. — « Um negro brasileiro, em nome de sua raça » (idem).
43. — « A D. Pedro II, um grupo de estudantes brasileiros em Paris — Posteritati narratus et traditus, superstes erit. »
44. — « Estudantes brasileiros de Gard — Foi rei, foi rei, mas rei da liberdade. » (José Bonifacio)
45. — « Os empregados da casa bancaria de Sebastião de Pinho. »
46. — « Banco Mercantil dos Varegistas. »
47. — « Ao grande Brasileiro, benemerito da Patria e da Humanidade — Ubique Patria Memor. »
48. — Vasques Sagastume (ministro da Republica do Uruguay).
49. — « O maire da cidade de Cannes (flôres naturaes). »
50. — « A cidade de Cannes (idem). »
51. — Conde de Aljezur. — 52. Joaquim Nabuco. — 53. Carlos de Laet. — 54. Conde de Motta Maia e sua familia. — 55. Barão do Ladario. — 56. Conde de Nova Friburgo. — 57. Barão e baroneza de Muriúba. — 58. « Amor e fidelidade ». Visconde da Penha e familia. — 59. Viscondessa da Fonseca Costa e baroneza de Suruhy. — 60. Conde de Nioac e familia. — 61. Almirante marquez de Tamandaré e familia. — 62. Conde e condessa de Carapebús. — 63. Familia Paranaguá. — 64. Barão e baroneza da Estrella. — 65. Viscondessa de Araguaya e familia. — 66. Visconde de Cavalcanti e familia. — 67. Os filhos da condessa de Pedra Branca e Barral. — 68. Stephen Liegard. — 69. Familia Sinimbú. — 70. Familia Taunáy. — 71. José Paranaguá e senhora. — 72. Visconde e viscondessa de Torres. — 73. João de Souza Dantas e senhora. — 74. M. me Lima e Silva e seus filhos. — 75. Baroneza de Therezopolis. — 76. Viuva Silva Coutinho. — 77. Familia Santa Victoria. — 78. A colonia portugueza em Paris (uma das mais bellas corôas: fita azul e branca). — 79. Condessa Monteiro de Barros. — 80. Sebastião Guimarães e familia. — 81. Condessa da Estrella. — 82. Viscondessa de Ubá. — 83. Baroneza do Inhoan. — 84. Alfredo Rocha e familia. — 85. Pandiá Calogeras e familia. — 86. Barão e baroneza de Lorco. — 87. M. me. Porciuncula. — 88. Barão e baroneza de Maia Monteiro. — 89. M. me Buys Guimarães. — 90. Familia Tourinho. — 91. Familia Raythe. — 92. M. me R. de Oliveira. — 93. Conde de Leopoldina (enorme corôa). — 94. Familia Pedro Queiroz. — 95. Dr. J. C. Mayrink e familia. — 96. M. me. Mayrink Rabello. — 97. Viscondessa Ferreira de Almeida. — 98. F. Topim e familia. — 99. M. me. Labat. — 100. General Hartung. — 101. Léon Pic, fils. — 102. Conselheiro Rodolpho Dantas. — 103. Conde de Grenand de Saint-Christophe. — 104. M. e M. me. Dybousky. — 105. M. le. Nicolas Rome. — 106. Conde de Langiers-Villars. — 107. M. me. Arthur Napoleão.

— 108. M. e Mme. Gustave Taizon. — 109. Família Ferreira Lage. — 110. Visconde de Schmidt (uma das mais ricas corças). — 111. Alexandre Wagner. — 112. D. Maria Julia Marques de Sá. — 113. D. Maria Antonia de Bulhões Ribeiro. — 114. Mme. Andrade Pinto e filho. — 115. Mlles. Teixeira Leite. — 116. Barão e baroneza de S. Joaquim. — 117. Mlle. Lassimone. — 118. Família P. Onçez. — 119. Pedro de Tovar. — 120. Condessa Faucher de Careil. — 121. Baroneza de Bussiére. — 122. Martin & Ludwig Réé.

— A's 9 horas da noite foi o feretro conduzido para a igreja da Magdalena em um coche funebre de 1.^a classe, seguindo, entre as alas de povo, pela rua de l'Arcade e boulevard Melesherbes. A senhora D. Izabel, o Conde d'Eu, os tres Príncipes, seus filhos a Princeza e o Principe de Joinville, o Principe D Pedro Augusto de Saxe, os duques de Némours e de Chartrés e uns trezentos brasileiros, entre os quaes me mostraram os antigos conselheiros de Estado visconde de Cavalcanti, Silveira Martins, Silva Costa e Couto de Magalhães, o marechal visconde da Penha, os condes de Aljezur, Nioac, Nova Friburgo e Villeneuve, o conde e a condessa de Motta Maia, a viscondessa de Cavaicanti, os barões e baronezas de Penedo, Muritiba e Estrella, o barão de Albuquerque, o dr. Eduardo Prado, acompanharam a pé o feretro.

O coche parou, deante do primeiro bascamento, do lado do boulevard Melesherbes, coberta por uma marquezinha. Mas vai até á gradaria. Alli foi depositado o caixão em uma capella ardente, cujas luzes eram em parte visiveis da rua, por dous postigos. A's 3 horas da madrugada, passando de novo para este logar, ainda encontrei um ajuntamento de mais de quinhentas pessoas.

Quatro padres velaram toda a noite junto do cadaver. No interior da igreja trabalhava-se activamente para terminar a decoração.

— Com a minha carta de 5 do corrente mandei a traducção do editorial do *Temps* desse dia (os jornaes da tarde apparecem sempre com a data do dia seguinte).

Sei que o correspondente encarregado do serviço telegraphico do *Jornal do Brasil* expediu logo extractos dos artigos das principaes folhas politicas. O tom de todos os jornaes, republicanos e monarchistas, foi do mais profundo respeito e sympathia pelo illustre brasileiro que acaba de desaparecer e que tanta grandeza e dignidade mostrou no exilio.

O *Radical* e a *Bataille* foram, desde o primeiro dia, as unicas excepções. O *Radical* declarou que D. Pedro II nenhum serviço prestára ao Brasil, e que a emancipação dos escravos, de que tanto se falava, fóra devida aos srs. José do Patrocínio e Angelo Agostini. A *Bataille*, jornal communista, cobriu de insultos o ex-Imperador, chamando-lhe charlatão, tyranno, dizendo que durante a vida só se preoccupára dos seus interesses pessoaes e que ultimamente levava a gosar na Europa a gorda pensão que seus adversarios lhe pagavam.

Cumpru notar que D. Pedro foi nesse artigo injuriado em mui boa companhia: — na de Thiers, principal fundador da Republica em França, e na de Jules Simon, repulicano de todos os tempos, sempre o mesmo liberal dos dias de opposição, falando a linguagem do bom senso, do patriotismo e da tolerancia politica.

O *Siecle* publicou, dias depois da morte de D. Pedro, um artigo hostile, mas não injurioso. Deve ser de estrangeiro, pois resumbrá muito *contismo*, cousa que

nunca foi de moda entre nós e que hoje não passa de velharia, guardada por pequeno numero de sectarios.

No *Rappel* de 10 e 11 appareceu tambem uma extensa carta do sr. José do Patrocínio, precedida de algumas linhas da redacção, em que se lê o seguinte trecho: — « Foi José do Patrocínio quem proclamou a Republica no Rio de Janeiro, quando o partido militar não sabia como empregar a sua victoria. Foi elle, e só elle, quem creou, no meio de mil difficuldades e perigos, a corrente de opinião que produziu a emancipação da raça negra em seu paiz ».

Segundo a carta do sr. Patrocínio, D. Pedro de Alcantara começou o seu reinado protegendo os contrabandistas negreiros e mostrou-se sempre contrario á emancipação dos escravos. O trafico de africanos só cessou no Brasil, porque a Inglaterra « fez bombardear varios portos brasileiros e metter a pique, em suas aguas, navios negreiros ». A Sociedade Abolicionista Franceza foi a inspiradora da lei brasileira de 1871 », e a abolição total, decretada em 1888, resultou de um movimento da opinião publica, provocado pela imprensa e pela tribuna. O governo cedeu, forçado pelos acontecimentos. De toda a familia imperial, só a Princeza D. Izabel teve alguma parte naquelle acto. Chamam D. Pedro II de philosopho, mas elle não passou de um Luiz XI. Quanto á guerra do Paraguay, o sr. Patrocínio diz que ella foi « a campanha do odio pessoal de D. Pedro contra o dictador Lopez, campanha terminada pelo assassinato deste ultimo e pela destruição criminosa de um povo americano ».

Não faltaram, como vêem os leitores do *Jornal do Brasil*, ataques ao illustre morto, e esses artigos foram escriptos ou inspirados por dous ou tres brasileiros. Toda a imprensa franceza, porém, com as unicas excepções que aponto, julgou de modo muito differente o Imperador D. Pedro II e o Brasil. Viamos perfeitamente nós, os francezes, que D. Pedro não fóra Schah da Persia ou um tyrannete do typo de Guzman Blanco e outros dictadores da America hespanhola, mas sim o primeiro magistrado de um povo livre, governando-se com instituições muito semelhantes ás que temos hoje.

A Constituição da nossa Republica franceza é a mesma que o Brasil tinha, com as unicas differenças de que entre nós o chefe do governo é electivo, os senadores são quasi todos temporarios e as attribuições do « poder moderador » brasileiro, inspiração de Benjamin Constant, pertencem em França ao poder executivo. Dom Pedro II governou com os primeiros brasileiros do seu tempo, ouvindo os seus conselheiros de Estado e guiando-se pelas manifestações do parlamento e da opinião publica. Nisso consiste principalmente a sua gloria. Honral-o é honrar tambem a nação que o teve por chefe durante meio seculo e que durante esse reinado tanto se elevou no conceito do mundo civilisado, mostrando-se a mais livre, a mais prospera, a mais adeantada e a mais poderosa da America latina, como disse ha dias o *Economiste Français*.

Na Inglaterra tambem não é a rainha Victoria quem dirige pessoalmente as batalhas no parlamento e ganha victorias militares na Criméa, na India e na Africa; a gloria do seu reinado é feita da gloria dos seus grandes homens na politica, nas armas, nas sciencias e letras, no commercio e na industria. O mesmo se pôde dizer do nosso presidente Carnot, governando com o parlamento e com ministros responsaveis.

FERDINAND HEX

(Continua)

Supplemento do "Album Imperial"

ANNO I

CHRONICAS E NOTICIAS

NUMERO 8

Album Imperial



O Album Imperial publica-se regularmente nos dias 5 e 20 de cada mez, trazendo no minimo dezeseis paginas de texto.

O proximo numero do ALBUM IMPERIAL é dedicado ao PRINCIPE D. ANTONIO, filho mais moço dos srs. Conde e Condessa d'Eu.

No proximo numero, em que o ALBUM IMPERIAL commemorará tambem o descobrimento do Brasil, daremos em finas autotypias a reprodução dos quadros SEGUNDA MISSA NO BRASIL, de Victor Meirelles, e A ELEVAÇÃO DA CRUZ EM PORTO SEGURO, de Pedro Peres.

RABISCOS

Más-linguas, que de tudo falam, dizem que a policia de carreira foi creada, não em beneficio publico, mas em proveito de muitos afilhados do governo que precisavam de emprego.

A camara de deputados já estava completa, não havia vaga nas repartições publicas, os commissarios de immigração na Europa têm um limite razoavel e... era necessario collocar ainda um batalhão de filhos, sobrinhos e cunhados de chefes politicos, na maior parte bachareis que encontraram já tomados todos os cargos de juiz de direito e todas as promotorias publicas e que, infelizes na advocacia ou sem geito para ella, precisavam ganhar de qualquer fórma o duro pão que fomos todos condemnados mais ou menos a comer com o suor do rosto.

Dahi, a instituição da policia de carreira, para a qual são preferidos os bachareis em Direito: — as funções de delegado, que sempre foram exercidas gratuitamente no interior do Estado, passaram a ser magnificos empregos, com rendimento certo por mez,

e o governo, ou, melhor, a benemerita e patriótica Commissão Central poude assim, sem difficuldade, arranjar collocação para uma grande fornada de protegidos.

Mas—cousa curiosa! — exactamente depois da criação da policia de carreira, foi que no interior do Estado recrudesceram as queixas contra os delegados. Bachareis em Direito, moços que devem conhecer a Constituição, as leis do processo criminal e o Código Penal, toda gente suppunha que, com delegados de tal castó, juriscultos-mirim do nosso sertão, cessariam de vez as prisões arbitrarías e as violencias contra a pessoa e contra a propriedade, e que uma nova era de paz se inauguraria, no capitulo das garantias constitucionaes, em beneficio de toda a população de S. Paulo.

Mas, van, ingenua supposição! Os bachareis em Direito, apesar de conhecerem Codigos, ou por isso mesmo, vão excedendo, no desrespeito á lei, os antigos delegados leigos e, ou porque representem a rigor o papel de instrumentos incondicionaes de chefes politicos, ou porque pretendam por essa fórma a celebridade dos delegados do antigo posto Barão de Iguaçu, — têm dado, constantemente, tristes provas de seu criterio e de sua independencia, no exercicio das funções de delegado de policia.

Tivesse eu, pacientemente, colleccionado dos jornacs algumas noticias e telegrammas, de certo tempo a esta parte, e estaria habilitado a desenrolar aos olhos do leitor uma serie immensa de violencias e de attentados de toda ordem commettidos pelos delegados de carreira.

Ha pouco tempo, Araraquara, de tão famosa memoria, foi theatro de verdadeiras scenas vandalicas, em que serviu de protagonista o delegado, com o auxilio da força do destacamento local; no Leme, foi covardemente assassinado um pobre chefe de familia, estando envolvido no crime, ao que dizem, a propria auctoridade policia daquella villa; em Rio Claro attentam contra a liberdade de imprensa e, mais recentemente, em Caçapava o delegado, certo de impunidade, desobedece a um mandado do juiz de direito da comarca.

Coincidindo com todas essas violencias, apparece aqui na capital uma revista official da policia e o distincto moço dr. Manoel Viotti entrega ao prelo mais uma edição do seu *Guia policia*; mas é de balde que aquella revista procura dignificar as funções da policia e é de balde que o dr. Viotti, no seu apreciado livro, ensina o modo mais simples de lavar um termo de flagrante e de instaurar um inquerito: — os delegados de carreira fazem-se surdos ás palavras da revista e não querem saber do *Guia* «para nada», como diria o padre Nôra, de Porto Ferreira.

Por estas e por outras, seria melhor que essa policia de *carreira* andasse mais... a passo.

FABRÍCIO PIERROT

Notabilissimo soneto

DO IMPERADOR SR. D. PEDRO II

Ha poderosas presumpções de que o inçlyto monarcha o tivesse composto nas terriveis horas de 15 para 16 de novembro de 1889, quando se achava, com a augusta Familia, sitiado no Paço da Cidade pela tropa revoltada.

Encontraram-no por baixo da mesa em que o Imperador estivera escrevendo, atirado sem duvida ao chão pela aragem da madrugada, pois a janella fronteira ficára toda a noite aberta, embora chovesse forte.

Dias depois, foi publicado numa das folhas do Rio de Janeiro, mas sem nenhum commentario.

Ultimamente transcripto numa folha de feição francamente monarchista, mereceu admiração de todos, qualquer que seja a opinião politica.

Ao Imperador, pelo que delle temos lido, acudia com mais facilidade o pensamento poetico e elevado, do que a fórma adequada e rythmica para re-vestir essa idéa.

Este soneto, porém, dá-lhe fóros incontestaveis e dos mais alevantados. Assim os alcançou, e na mais subida esphera, o tão falado Arvors, unicamente por causa de uns quatorze versos, verdade é que formosos, mas não impeccaveis, estudados com todo o rigor da critica.

Preenche este a regra primordial — é um poema completo. Representa a summa de uma existencia inteira, magestática, nobilissima, acima de todas as suggestões da vaidade mundana, um grito d'alma impressionante e fundo, o protesto vibrante e sentido de um homem injustamente malferido perante Deus e a humanidade!

O s gundo terceto desse soneto parece d'estoar um pouco da estupenda norma que D. Pedro II invariavelmente seguiu no immortal Exilio, que tanto engrandeceu o Brasil, amesquinhando a Republica que o banira — jamais proferir um lamento, uma queixa, desculpar a tudo e a todos, collocando a Patria sempre acima das contingencias, por mais cruéis que fossem.

Attenda-se, porém, para o estado daquelle grande espirito, ao ter repentinamente que tragar as amarguras iniciaes do pungente drama em que figurou — novo rei Lear expulso do throno e da casa, pela filha dilecta, a quem tantos carinhos dispensára, consagrando-lhe todos os instantes de diuturna vida.

O primeiro momento deverá ter sido de indizível angustia.

E não o teve tambem o Divino Mestre, até Elle! no horto de Gethsemani, quasi a desanimar na tremenda missão expiatoria, a suar sangue por todas as injustiças humanas, os olhos postos nos Céus, negros, mysteriosos, insondaveis, ao passo que os discipulos e fieis dormiam a sonno solto, entregando-o ao abandono e ao desalento?

Não foi, por ventura, o que fez o Rio de Janeiro em peso, quando o adorado monarcha soffria o embate de todas as afflicções possiveis?

Ah! sim, o terceto final tem toda a razão de ser.

Levantára o inopinado vendaval ondas e ondas de dor.

Pouco tardou, porém, e immensa serenidade como luminosa aurora sobre ellas pairou, applicando-as de momento e irradiando só meiguice, perdão e generosidade!

Ah! Pedro, Pedro de Alcantara, quão alto subiste! Quanta grandeza na tua humildade e resignação!

Só pennas sublimes, engenhos inexcitaveis, como os de Eschylo, Dante, Shakspeare e Victor Hugo, poderiam e poderão falar de ti e contar o que foste no Throno e no Exilio!

Eis o soneto:

Não maldigo o rigor da iniqua sorte,
Por mais atroz que seja e sem piedade,
Arrancando-me o throno e a magestade,
Quando a dous passos só estou da morte.

Do jogo das paixões minha alma forte
Conhece bem a triste realidade,
Pois se agora nos dá felicidade,
Amanhã tira o bem que nos conforte.

Mas a dor que exercucia e que maltrata,
A dor cruel que o animo deplora,
Que fere o coração e quasi o mata,

E' ver da mão fugir, á extrema hora,
A mesma bocca lisoujeira e ingrata,
Que tantos beijos nella poz out'ora!

Não é tão bello no fundo e na fórma,
tão commovente, verdadeiro e sincero?!

ELIAS DE BARROS

* CHRONICA *

Muito mais cedo do que se esperava, já a policia chamada *de carreira* vai dando significativas mostras do que virá a ser essa instituição, da qual se dizia que fóra creada sómente para se collocarem afilhados desempregados e creaturas da politica dominante.

Os recentes acontecimentos de Caçapava, em que um desses delegados de carreira ostensiva e acintosamente desobedeceu a um mandado expedido pelo poder judiciario no legitimo exercicio de suas funções jurisdiccionacs, indicam claramente que a creação da policia de carreira, longe de corresponder ás aspirações da ordem e da tranquillidade publica, veiu accrescer ainda mais a odiosa serie de attentados e violencias que a propria policia tem praticado contra a liberdade individual e as garantias constitucionacs.

O caso de Caçapava é, em si, muito simples e a sua solução não traria duvidas ao espirito do mais ignaro dos delegados da roça.

Tres vereadores da Camara Municipal daquela cidade, pertencentes ao grupo protegido pela Commissão Central, desgostosos com o resultado da eleição de presidente daquela Camara, retiraram-se da sessão, continuando os quatro vereadores restantes a deliberar sobre os negocios municipaes, visto que constituíam a maioria da representação do municipio.

Mais tarde, porém, os tres vereadores da minoria, protegidos pela policia local, chefiada pelo delegado de carreira, voltaram a conferenciar na sala das sessões da Camara, que foi occupada pelos esbirros policiaes, e entraram a funcionar illegalmente e a deliberar sobre os negocios do municipio, declarando decahidos de suas funções os vereadores da maioria.

Estes ultimos, deante de tão singular estado de cousas, recorreram ao poder judiciario, que, de accôrdo com a lei, lhes concedeu mandado de manutenção de posse; mas, ao ser intimado da determinação judicial, o trefego delegado, contando com a solidariedade da Commissão Central e cumplicidade dos altos poderes do Estado, declarou peremptoriamente que não obedeceria ao mandado e que estava resolvido a incorrer nas penas comminadas.

Se tão atrevida resposta fosse dada por um pobre delegado da roça, ella encontraria sufficiente explicação na ignorancia e simplicidade da auctoridade; tratando-se, porém, de um delegado letrado, que se presume conhecer o direito patrio e as leis que nos regem, a sua attitudo constitue um odioso abuso de poder, um audacioso attentado ao poder judiciario.

E que deve fazer o juiz cujo man-

dado foi assim desobedecido? Como proceder para tornar effectivas as comminações impostas aos eventuaes transgressores do decreto judicial? A quem recorrer?

Reclamar providencias dos poderes publicos, cúmplices do attentado e solidarios com a auctoridade criminosa, seria inadmissivel ingenuidade.

Recorrer ao Tribunal de Justiça? Seria talvez esse o meio adequado, pois esse Tribunal, a mais elevada corporação judicial do Estado, encontraria talvez na lei o meio mais efficaz de tornar effectivas as disposições da propria lei.

Mas... não ha ainda muitos dias, os jornaes noticiaram que a Commissão Central, a proposito da discutida incompatibilidade do dr. Silva Telles para o cargo de vereador da capital, tivera a audacia de consultar a opinião de varios ministros do Tribunal de Justiça, e que, longe de ter uma resposta altiva e mercidamente denegatoria, conseguiu uma solução favoravel aos seus interesses politicos...

A ser exacta semelhante noticia, se membros do Tribunal de Justiça se prestam a exprimir antecipadamente seus votos sobre as causas que têm de julgar, nesse caso é forçoso reconhecer que desapareceram todas as esperanças na boa e imparcial administração da Justiça.

Entretanto, nos annos do mais elevado Tribunal Judiciario do Estado, não são raros os exemplos de coragem civica e de altiva independencia.

Quando aquelle Tribunal era ainda a Relação, deu-se alli um facto de que muitos ainda guardam memoria, tão consolador era elle para a segurança individual.

A policia daquelle tempo, farejando conspiradores em todos os homens que não rezavam pela cartilha do governo, prendera ou expedira mandado de prisão contra varios cidadãos, entre os quaes, se não nos falha a memoria, contavam-se os drs. Miranda Azevedo e Miguel Archanjo Camarano.

Alguem requereu uma ordem de *habeas-corpus* em favor dos ameaçados, ordem essa que foi concedida pelo então juiz da 1.ª vara, o illustre e honrado dr. Ferreira Alves. Como era de esperar numa quadra em que desaparecera a noção do dever civico, a policia deixou de apresentar os pacientes. Que havia de fazer o juiz? Recorrer á policia contra a propria policia? A impotencia da auctoridade judiciaria para o fim de tornar effectiva a propria ordem era manifesta.

Entretanto, o Tribunal da Relação, tendo de julgar em grau de recurso *ex-officio* a ordem de *habeas-corpus*, confirmou-a unanimemente, o que obrigou a policia a cessar as violencias contra os pacientes, — e um dos des-

embargadores (o sr. conselheiro Gomes Guimaraes, se não nos enganamos) chegou a censurar o juiz *a quo*, porque este magistrado, tendo a policia recusado cumprir a ordem de comparecimento dos pacientes, não recorreu ao povo contra a policia, convocando-o por editacs a tornar effectiva a ordem de *habeas-corpus*, que é a mais preciosa das garantias constitucionacs!

E hoje?... Ah! Como seria consolador que um exemplo analogo, desmentindo a dolorosa desconsideração que se vai fazendo em torno do poder judiciario, viesse provar ao povo que o Tribunal de Justiça ainda é o seguro abrigo, a suprema garantia dos opprimidos, o inaccessivel amparo das liberdades publicas!

PANTALEÃO BERMUDEZ



Manual do monarchista

PRIMEIRA PARTE

A constituição monarchica

VIII

A MONARCHIA PROGRESSISTA

Só ha mudança feliz e duradoura quando esta se apoia em base immutavel.

CONDE EUGENIO DE LUIZ-SALUCES

Porque se poderá affirmar que a Monarchia se adaptará á epocha actual?

— Porque o principio hereditario lhe permite amoldar-se ás exigencias de todos os tempos e é o unico que lhe pôde favorecer o progresso e as reformas sociaes.

De que modo?

— Todo progresso é uma reforma tendente a um melhoramento e ao bem-estar social. Ora, a experiencia, como a simples reflexão, nos ensina que isso só se consegue pelo esforço perseverante e ininterrupto, pela continuidade dos emprehendimentos. Que é que assegura essa continuidade, a não ser a hereditariadade monarchica?

Um imperador hereditario não precisa preoccupar-se com sua reeleição. A perpetuidade do Poder permite-lhe emprehender obras de folego. Sabe que, se morrer, seu successor no throno as continuará, corrigindo-as, se for necessario. E, dessa forma, não se perde esforço algum, redundando em beneficio do paiz uma accumulção constante de riquezas.

IX

A REPUBLICA INSTRUMENTO DE RUINA

Tudo está dividido e agitado entre vontades particulares e imaginações individuaes. Eis o mal. Somos esmigalhados.

BARRÈS

Não pode a Republica favorecer o progresso?

— Não; sua constituição não lh'o permite.

Como assim?

— A eleição é um principio essencialmente reaccionario ou, melhor, regressivo, porque é o recomeço perpetuo. Ora, é escusado demonstrar que o progresso effectivo não se obtém nunca, pondo-se constantemente em questão todas as cousas.

A Republica, então, nada pôde fundar de duradouro?

— Não; seu defeito essencial está na sua instabilidade. Os poderes publicos, na Republica, são ephemeros; presidente, ministros, senadores, deputados, ninguem está seguro quanto ao dia seguinte: um capricho eleitoral os derruba. Dahi, que succede? O ministro da Guerra emprehende uma reforma; seis mezes ou um anno depois, é substituido por outro, que revoga o seu acto. Dá-se o mesmo na Marinha, na Industria, na Justiça e em todos os serviços importantes do Estado.

Instrumento de destruição, a Republica tudo pôde demolir, mas nada edificar.

Então o systema republicano é incompativel com o desenvolvimento de um paiz?

— Decerto: elle conduz o paiz á ruina. Bismarck não o ignorava, e na sua correspondencia com o Conde de Arnim, em 1872 e 1873, expoz os motivos que o faziam desejar o restabelecimento da Republica em França: «Convém—dizia elle—que a França fique isolada e fraca e, para isso, é preciso impedir alli a Monarchia, supprimir a Dynastia e auxiliar o estabelecimento da Republica e do Parlamentarismo, e então não teremos que receia-la mais.»

(Continua)



A CASA AMERICANA mudou-se para a rua de S. Bento, 41, em frente ao estabelecimento de musicas de Chiffarelli & Comp., ponto mais central e conveniente á sua numerosa freguezia.



Objectos de D. Pedro II

Os objectos que pertenceram a D. Pedro II e que foram arrecadados da casa imperial após a proclamação da Republica são os seguintes: um sceptro de ouro, um manto bordado a ouro, uma mursa de papo de tucano, uma corôa de ouro com oito gomos, encimada de uma esphera com um cruzeteiro, contendo os seguintes brilhantes: uma rosa com um brilhante grande no centro e quinze pequenos em redor; treze rosas menores, contendo cada uma um brilhante grande no centro e oito menores em redor; uma rosa contendo um brilhante grande no centro e dez menores em redor; idem, idem e doze menores em redor; dezesseis brilhantes grandes isolados, acima das rosas; oito rosas collocadas na base dos gomos da corôa, contendo cada uma um brilhante grande e oito menores; oito gomos, sendo um com trinta e nove brilhantes; um dito sem brilhantes; idem com trinta e quatro brilhantes; idem com trinta e oito brilhantes; quatro ditos com quarenta brilhantes; uma esphera com quarenta e cinco brilhantes; uma cruz com vinte e nove brilhantes, sendo doze pequenos; um envelope contendo cinco brilhantes soltos.

VIDA SOCIAL

Anniversarios

Fizeram annos:

No dia 2, o sr. Carlos Pedro de Oliveira, talentoso academico de Direito e zeloso funcionario do Correio Geral.

— No mesmo dia, o sr. major Manoel Balthazar da Silva Lima, proveito educador que actualmente dirige em Santa Rita do Passa Quatro um conhecido e conceituado estabelecimento de ensino.

— No dia 8, a gentil senhorita Maria Luiza de Oliveira, academica de Direito e filha do sr. Climaco Cesar de Oliveira; a senhorita Cecilia de Lima Pedrosa, distincta alumna da Escola de Pharmacia e filha do proveito advogado no nosso fôro dr. Ernesto Pedrosa; o sr. Amancio Rodrigues dos Santos, conceituado negociante e um dos proprietarios da *Casa Loterica*, desta capital.

— No dia 10, o sr. Ezequiel Pereira de Souza, acreditado commerciante em Santa Rita do Passa Quatro.

— No dia 13, a distincta senhorita Olga, filha do nosso illustre collaborador dr. Estevam Leão Bourroul; e o sr. Sebastião da Silva Leite, segundannista da Escola de Pharmacia.

— No dia 15, o menino Roberto, filho do dr. Plinio Prado.

— Fazem annos:

Amanhã, o sr. Avelino Palma, fazendeiro em Santa Rita do Passa Quatro.

— Depois de amanhã, o intelligente menino Pedro de Alcantara, filho do dr. Estevam Leão Bourroul.

— No dia 25, a exma. sra. d. Jacinthia de Carvalho Palma, esposa do sr. Manuel Vicira de Andrade Palma, estimado fazendeiro em Santa Rita do Passa Quatro.

— No dia 29 completa 3 annos o galante e intelligente menino Paulo de Toledo Bernardi, filho do sr. Olyntho Bernardi, adeantado industrial residente em Curitiba (Paraná).

Contracto de casamento

O sr. Carlos Cyrillo Junior, talentoso academico de Direito, contractou casamento com a gentil senhorita Maria Amalia Ferreira Alves.

O noivo é um moço muito distincto e, não obstante cursar ainda a Academia, já tem um bello nome como advogado do nosso fôro e mais de um triumpho conta na tribuna judiciaria.

A noiva, prendada moça da nossa melhor sociedade, é filha do dr. Joaquim Augusto Ferreira Alves, illustre advogado e ministro aposentado do Tribunal de Justiça.

Penhorados pela delicadeza da participação, fazemos votos por sua felicidade.



TERRA DO BRASIL (*)

(D. Pedro de Alcantara)

— Faut-il donc toujours que ce soit la Postérité qui se charge d'être juste envers les grands-hommes?... Voltaire Pa dit lui-même: L'histoire doit imiter les jugements de l'Egypte qui ne décevait du mérit des citoyens que lorsqu'ils n'étaient plus.

H. PUJOL.

Tout-à-coup, dans la nuit, le pauvre enfant s'agite, Troublé dans son sommeil par de folles terreurs; Mais les soins maternels dissipent ses frayeurs, Et l'enfant se rendort sur le sein qui l'abrite.

Ma Patrie, à jamais, hélas! m'est interdite; Mais à la charité de quelques nobles cœurs Je dois un peu de terre où j'endors mes douleurs, Au chevet de ma couche où la souffrance habite.

De même que l'enfant sur le sein maternel De noires visions perd le tableau cruel, Je sens de mes douleurs s'affaiblir la mémoire.

Rêvant, ó mot. Pays, rêvant toujours de toi; Et, mort, un jour enfin viendra sonner pour moi La Justice de Dieu par la voix de l'Histoire.

S. Paul — Mars — 1906

HIPPOLYTE PUJOL.

(*) Sonnet em portuguez, de D. Pedro II, cedi-avant Empereur du Brésil, écrit pendant son exil, peu de mois avant sa mort à Paris.

Nascimentos

O lar do dr. Antonio Carlos de Assumpção, estimado capitalista e advogado, está enriquecido, desde o dia 9, com mais uma bonita criança. — dessa vez um menino, que vem ao mundo contando já quatro imzazinhas e cue, como estas, ha de herdar dos amorosos paes as beilas qualidades de espirito e coração que os exornam. Vai receber na pia baptismal o nome de Antonio.

— O sr. Amancio Rodrigues dos Santos, conceituado commerciante desta praça e um dos proprietarios da *Casa Loterica*, está paç de uma galante menina, que vai receber o nome de Andradina.

Em viagem

Com sua exma. família, regressou para Botucatu, no dia 7 do corrente, o estimado fazendeiro naquelle municipio, sr. capitão José Fleury.

— Embarcou para a Europa, em busca de allivio para a sua saúde, o rmo. sr. conego Antonio Pereira Reimão, digno vigario geral do Bispado. Fazemos votos pelo seu proximo regresso, desejando que sua ruma. volte completamente restabelecido.

— Esteve nesta capital, em goso das férias da Semana Santa, o dr.

Raphael Ferraz de Sampaio, illustre advogado em Botucatu.

Tambem esteve em S. Paulo o dr. Luiz Ayres de Almeida Freitas, honrado juiz de direito daquella comarca.

— Chegou no dia 12 a esta capital, para tomar parte na reunião do Partido Dissidente, o illustrado medico dr. Cesario Travassos, prestigioso membro do respectivo directore em Santa Rita do Passa Quatro.

Faculdade de Direito

Foram approvadas plenamente nas materias que constituem o primeiro anno juridico as intelligentes senhoritas Maria Andréa e Maria Luiza, filhas do sr. Climaco Cesar de Oliveira, digno serventuario do nosso fôro.

— Os srs. Carlos Pedro de Oliveira e Carlos Fontes Bolivar, zelosos funcionarios do Correio Geral, foram approvados, respectivamente, no 2.º e 3.º anno de Direito.

— O intelligente e applicado moço sr. Salvador Noce foi approvado na cadeira que lhe faltava para se matricular no 4.º anno juridico.

— Approvado plenamente em Philosphia do Direito, matriculou-se no 2.º anno do curso juridico o talentoso academico Aristoteles de Oliveira.



Jornaes e revistas

Foi distribuido pontualmente o n. 5 da *Iris*, correspondente ao mez proximo findo, com o seguinte summario:

Luxo e miseria, Redacção; *Uma visita de D. Pedro II à Escola Polytechnica*, Garcia Redondo; *Jamais* (soneto), Amadeu Amaral; *O uso do fumo e seus inconvenientes*, dr. Vieira de Mello; *Balladas do outonno* (versos), Basilio de Magalhães; *O Tolentino* (conto humoristico), Couto de Magalhães; *Predestinados* (soneto), Heraclito Viotti; *Aphorismos para os dyspepticos*, dr. Eduardo de Magalhães; *Arvore antiga* (soneto), Simões Pinto; *Incognito*, Lucio de Mendonça; *A minha noiva* (soneto), Veiga Miranda; *Notinhas ortographicas*, Carlos Sanzio; *Enfim, de pe!* (soneto), Luiz Pizarini; *Como eu entendo a critica*, Arlindo Leal; *A morte de João Leme* (versos), B. Octavio; *Uma flor desprezada*, Leona; *Jesus e as criancinhas* (versos de outr'ora), Alvaro Guerra; *O Judeu Errante*, Anastacio Paz; *Reparos philologicos*, A. G.; *Flor sem nome*, Bernardo Guimarães; *O retrato de Jesus*; *Kalidoscopio*; *No sepulcro*, Alvaro Guerra; *Notas finaes*.

— Recebemos o n. 11 d' *A Nova Cruz*, apreciada revista literaria de que são directores Arthur Goulart e Francisco Gaspar.

E' este o summario:

I. Mocidade antiga, Domingos Ribeiro Filho; II. Abril, Valentim Magalhães, Raymundo Correia; III. Vespéral, Arthur Goulart; IV. Paschoa na aldeia, Francisco Gaspar; V. Soneto (pagina *Saudades*), José do Patrocínio; VI. Petite fille et jeune femme, Hippolyte Pujol; VII. Ecce-homo!, Ibrantina Cardona; VIII. Depois da batalha, Julia Cortines; IX. Nox, Luiz Carlos; X. Adoração, Percira da Silva; XI. Meus amores, Milton Cruz; XII. Encore et toujours, Afonso Celso; XIII. Ballada à Morte, Figueiredo Pimentel; XIV. Vae-te, Aurea Pires; XV. Regina Martyrum, Auta de Souza; XVI. Soneto, Arthur Azevedo; XVII. Registro bibliographico, A. redacção. *Cliches* de José do Patrocínio, Julia Cortines, Afonso Celso e Auta de Souza.

— Iniciou sua publicação a 8 do corrente a *Gazeta de Jacarehy*, organo republicano, mas alheio completamente à politica local, — imparcial, tendo por escopo a verdade em sua plenitude, procurando ser o mais sincero possivel em seus actos, sem vislumbre das pequenas paixões que maculam e deturpam as reputações, esquivando-se de ser escoadouro dos alevices contra o aprumo da dignidade alheia.

E' seu director o conhecido e festejado escriptor Oliveira Ramos, garantia bastante para a prosperidade do novo periodico, que tem como redactor-secretario o sr. Oliveira Braga Filho e como redactor-gerente o sr. José Carlos dos Santos.

A *Gazeta de Jacarehy* é uma tolha moderna, bem escripta e variada.

NO PROXIMO NUMERO

Principe D. Antonio

A Redacção

O ensino da Historia

CONFERENCIA QUE NO COLLEGIO DIOCESANO DE S. JOSÉ, DO RIO, EFFECTUOU O DR. CARLOS DE LAET.

(CONTINUAÇÃO)

Senhores, a tal respeito duas observações logo occorrem: e a primeira é que tal difficuldade não é suscitada apenas pelo estudo *aprofundado* dos acontecimentos; ella está como que á superficie dos factos, e prestes se depara a quem quer que os examine ou tenha de relatar. E, em segundo lugar, tampouco exacto é que isto só se dê no estudo dos acontecimentos modernos. A difficuldade surge, imperiosa de uma solução, logo no primeiro acontecimento, isto é, na criação do mundo.

A questão religiosa, senhores, sobrepõe e domina todas as outras e vós a encontrareis por toda a parte. Todas as constituições politicas, todos os codices de leis, todas as organizações sociaes estão de tal fórma ligados á idéa religiosa, que nesta não podeis tocar sem que todo o resto se abale; e, por outro lado, não podeis excavar um facto, não podeis explicar a origem de uma instituição ou o caracter de um povo, sem que nas raizes esteja a religião.

A criação do mundo... Imaginae que della tentamos de falar a uma creança. O que então lhe dissermos — ponderar o bem — definirá nossa philosophia, nossa maneira de considerar o universo. Se lhe dissermos que o mundo foi creado por um ser infinitamente poderoso, bom e sabio, ahí tendes, nas suas linhas principaes, uma theodicéa toda inteira. Se lhe falardes na materia eterna e que por si mesma se evolve, nisso irá um resumo completo do materialismo, que se repete atravez dos seculos. E se preceitardes a abstenção de qualquer juizo sobre o assumpto, registrando o factor sem curar das causas ultimas — ahí está o agnosticismo, o positivismo, em suas linhas essenciaes.

Se, deixando a historia sacra, nos mettermos pela do nosso paiz, impossivel será não alludir ao facto capital da lucta entre o jesuita e o colono, entre o catechista e o bandeirante. Como referir a um alumno esse ducto de morte, sem lhe dizer quem tinha razão? O expediente do silencio, preceituado pelo sr. inspector geral de instrucção, apenas servirá para revelar á criança a carencia de idéas, por parte do professor ou, peor, ainda, o medo de enunciar uma opinião. Se elevardes o bandeirante sobre o pedestal da gloria, implicitamente haveis propugnado o morticínio do fraco, o direito de invasão e de expoliação, a apoteose da cruzeira e da ferocidade... Se, por outro lado, glorificaeis o jesuita, muito embaraçados vos vereis para explicar a destruição da Ordem e a consequente aniquilação de sua obra de catechese.

Senhores, deante destas difficuldades, bem comprehendo que ao illustre ministro da instrucção publica sorria o pensamento da abolição da historia. Isto o isentará de graves embaraços... Mas supprimir não é organizar; eliminar não é governar.

Em frete dos temerosos problemas que se impõem á humanidade sobre o seu ultimo fim, um grande poeta desvairado, Henrique Heine, teve palavras de blasphema imprecação.

— Bem sei, exclamou elle, que ás minhas pungentes interrogações ha de a Providencia responder tapando-me a bocca com um punhado de terra; mas tapar-me a bocca não é responder... Senhores, Heine blasphemava, porque a resposta ás suas anciedades estava dada no Evangelho, que elle não soube ler... Mas, supprimida a historia, eu não sei com que livro nos quer o sr. ministro saciar a sede de verdade — porque para tanto não chega nem a Constituição da Republica, nem mesmo o volumoso relatório de sua exa.

Vamos, porém, adiante... As lições (dizem todos os escriptores de pedagogia) as lições de historia, ao menos para as primeiras edades, convém que sejam oraes. Nada supprime o movimentado da palavra humana, quando vivamente reflecte o que nos vai pelo espirito. Nem quer isto dizer que todo o professor de historia deva ser orador; não, tanto não é preciso; mas que ao menos se esforce por não ser tedioso, massante ou *cacete*, na technologia escolar.

Omitir as circumstancias inuteis, concentrar a maior quantidade de luz no assumpto principal — eis excellentes preceitos que cumpre não perder de vista.

Para remediar as desatencões possíveis e até provaveis, é preciso que o professor tenha uma reserva de paciencia e de philosophia bem superiores á de que geralmente dispõe. É muito commum ver professores que, quando o alumno se distrae ou conversa não hesita em pô-lo fóra da aula. Ora este castigo que para o menino estudioso se faz um grande vexame, e portanto pena demasiado grave para um delicto não habitual — pelo contrario, é para o madraço uma verdadeira delicia. Para o vadio a aula é uma prisão — *vraie de jeunesse captive* — como lá diz o Montaigne, e qualquer de nós, se estivesse preso, a nada aspiraria com mais vehemencia do que vêr-se fóra do carcere. (Continua)



Plagio

Relativamente ao plagio a que nos referimos no n. 6. escreve *A Tribuna*, de Santos:

«Desfazendo um equivoco do noticiaria da secção *Municípios*, declaramos que o actual redactor-secretario desta folha nunca usou do pseudonymo de Yolanda.

Collaborou na *Vida Paulista* com aquelle supposto nome a exma. sra. d. Zizinha Borja de Almeida Gomes, que se acha actualmente residindo com a familia do senador Ferreira Alves, á praça da Liberdade, em Belo Horizonte, Minas Geraes.

Na edição de 18 de março de 1905, a *Vida Paulista* dedicou uma pagina artistica ás suas collaboradoras, nella figurando o retrato da exma. sra. d. Zizinha Borja, juntamente com o seu pseudonymo, isto é: — Yolanda.

Fica assim desfeito o engano dos amaveis collegas do *Album Imperial*.

A vista da explicação do prezado collega santista, foi aquella apreciada escriptora quem plagiou o soneto *Ao coração*, de Arnaldo Velloso.

COLLECTANEAS

PRESENÇA DE ESPIRITO

Lord Berkley, homem de grande firmeza e presença de espirito, costumava gabar-se de que nunca se deixaria roubar por um salteador só. Uma noite, em que ia de jornada, fez um ladrão parar a sua carruagem e, mettendo-lhe uma pistola pela portinhola, pediu-lhe a bolsa, dizendo — que visse s. s. como bastava um só ladrão para o roubar. Lord Berkley, fingindo que levava a mão á algibeira para tirar o dinheiro, replicou-lhe com o maior sangue-frio: — Nunca tu me poderias roubar sem o auxilio desso, que está por detraz de ti.

O ladrão voltou a cabeça para olhar e nesse momento lhe deu lord Berkley um tiro, que o matou.

SIGNIFICAÇÃO DE ALGUNS NOMES

Amelia, *cuidadosa*; André, *generoso*; Basilio, *real*; Catharina, *pura*; Felipe, *amigo de cavallos*; Emilio, *gracioso*; Eusebio, *piadoso*; Gregorio, *vigilante*; Marcellino, *guerreiro*; Margarida, *perola brilhante*; Sebastião, *soberbo*; Sophia, *sabedoria*; Thomaz, *admiravel*; Victor, *vencedor*.

UM BEIJO NUM POETA

Alaim Chartier, poeta celebre do seculo XV e que assistiu aos reinados de Carlos V, VI, VII e Luiz XI, estando um dia adormecido numa cadeira, viu-o Margarida da Escossia, mulher do delphin de França (depois Luiz XI) e, inclinando-se para elle, deu-lhe um beijo. Chartier era feio, já entrado em annos; o beijo não foi dado ás escondidas e então já se vê que havia de ser censurado esse acto pelos cavalheiros e damas que acompanhavam a princeza.

Que lhes havia ella de responder? — Que se não deviam admirar, porque não havia beijado o homem, que de mais a mais era feio; mas os labios de que tinham sahido tantas palavras douradas.

A' CLARINHA

— Olhae que é de festa o dia!
(Disse um canarinho ás rosas)
— Faz annos quem desafia,
Com suas faces mimosas,
Dessas petalas cheirosas
A graça, o encanto, a magia.
E as rosas: — É uma irmãzinha
Essa doce creatura,
Por sua branca mãosinha
Colhida ser — que ventura!
— E ave e rosas, com ternura;
— Que Deus proteja a Clarinha!

Zalina Rolim de Toledo

Henrique IV de França exigia scte qualidades principaes na mulher com quem devesse casar: belleza, honestidade, bondade, espirito, faculdade prolifica, nobreza e grande cópia de bens.

A 1.ª a todos interessa; a 2.ª e a 3.ª captivam muitos; a 4.ª e a 6.ª seduzem alguns; a 5.ª, muitos a desprezam; a 7.ª ninguém a rejeita, e todas juntas poucos se gabam de as haver alcançado.

Numa batalha, curvando-se por acaso um official, passou-lhe por cima da cabeça uma bala de canhão, que foi matar um soldado que lhe estava na

rectanguarda. — Bem se vê, disse o official, que a gente nunca perde por ser cortez.

Este, cortamente, longe de perder, ganhou.

A adulação é como a falsa moeda: empobrecce quem a recebe.

AMORES

Disse não sabemos quem:

Amor conjugal é o mais frio.
Desinteressado — O mais raro.
Violento — O menos duradouro.
Tranquillo — O menos falso.
Nascente — O mais crível.
Platonico — O mais impossivel.
Proprio — O mais necessario.
Poetico — O mais duvidoso.
Amor ao luxo — O mais irresistivel.
Ao proximo — O mais extranho.
Amor de mãe — O mais firme.
De irmã — O menos exposto.
Verdadeiro — O mais incomprehensivel.

O mais terrivel artificio que inventou a malicia, escreveu D. Francisco Manuel nos seus *Apologos*, é offender com os louvores.

A duvida é um mar agitado, cujo unico porto é a religião.

NUM LEQUE

Que leque de mau gosto!
A bafejar-te o rosto
Dá frescor!
É justo que se quebre:
— Devia sentir febre,
Dar calor...

Afonso Celso

Madame de Sévigné, ouvindo um desses ledores soffregos e atarantados, que não param, nem accentuam, nem mudam de tom, e não podendo já atural-o, disse para uma senhora, que lhe ficava ao lado: — *Hi Jesus!* como me está a doer o poito daquelle homem!

LOTERIA ESPERANÇA

Todos devem dar preferencia a esta loteria que se extrahie diariamente em Niterchey. Unica que se effectua pelo systema de espheras e urnas moveis. Todos os seus premios são pagos pelos agentes geraes neste Estado, sem desconto algum. É a que melhores vantagens offerece ao publico.

60 MIL CONTOS

têm sido pagos em premios pela loteria Esperança, sem dever nada a ninguém.

Chamamos a attenção para os proximos e importantes planos a extrahir-se

Acceptem-se agentes no interior

Toda a correspondencia deve ser dirigida aos agentes geraes

Amancio Rodrigues dos Santos & Comp.

Rua do Rosario, 2

Caixa Postal, 166 - Telephone, 1094

Endereço Teleg.: S. Paulo

"AMANCIO"

POETAS BRASILEIROS



A AUSENCIA

A ausencia, flôr, é uma jornada escura
erigada de sombras e de espinhos,
que no abjecto porão da sepultura
fazemos por monotonos caminhos.

Do môcho os olhos e a horrída postura
gelam de espanto as arvores e os ninhos,
que esse emissario negro da loucura
é o terror dos outros passarinhos.

Da noite o sol as tintas reproduz :
a alma nos vem á bocca e exclama : Luz !
E, desvairada, o proprio corpo aperta !

Depois extende ao céu os braços nus,
vendo os sonhos pregados numa cruz
e em cada sonho uma ferida aberta.

LUIZ MURAT



ENGANO

Quanto mais lanço os olhos ao passado,
mais sinto ter passado distrahido
por tanto bem tão mal comprehendido,
por tanto mal tão bem recompensado.

Em vão relanço o meu olhar cançado
pelo sombrio espaço percorrido ;
andei tanto em tão pouco, e já perdido
vejo tudo o que vi . . . sem ter olhado !

E assim prosigo, sempre para adeante,
vendo o que mais procuro, mais distante ;
sem ter nada de tudo que já tive.

Quanto mais lanço os olhos ao passado,
mais julgo a vida o sonho mal sonhado
de quem nem sonha que a sonhar se vivc.

MUCIO TEIXEIRA



CAMPESTRE

Longe da estrada, a beira do riacho
Que molha os pés relvosos da collina,
Vejo-lhe o tecto ennegrecido e baixo
E a cancellinha baixa e pequenina ;

Da chaminé desprende-se um pennacho
De fumo branco... Levemente inclina
As verdes palmas sobre o louro cacho
Do coqueiro irondoso — a aragem fina...

Faisca o sol. Do terreirinho á frente
Gallinhas, patos debicando o milho,
Batem as azas preguiçosamente.

Nem um rumor de passaros palpita
E a roccirinha, adormecendo o filho,
Canta lá dentro uma canção bonita.

ZALINA ROLIM DE TOLEDO



DURA LEX

Lei fatal! Dura lei, que a materia condemna
Ao eterno morrer — cyclo eterno da vida! —
E sempre transformada, e sempre refundida,
Sem mudar o scenario e sem mudar as scenas !

Com essa crueldade impassivel das hyenas,
Prenhas a alma subtil á forma corrompida,
E da anterior jornada, uma vez percorrida,
Não nos deixas guardar uma lembrança apenas.

Odiosa lei fatal que, na eterna retorta,
Dilue e recompõe a natureza morta
Sem desvendar jamais teu segredo alchimista...

Ninguém sabe até quando teu poder vigora,
Se has de ser amanhã, como hoje e como outr'ora,
Sem haver fé que escape ou sciencia que resista.

CORREIA DE AZEVEDO

Barão de Penedo

Deu-se no Rio, a 1.º do corrente, o fallecimento deste illustre brasileiro. O Barão de Penedo, Francisco Ignacio de Carvalho Moreira, nasceu a 25 de dezembro de 1815, na então villa de Penedo, Alagoas.

Bacharelou-se em Direito nesta capital, em 1837, e voltou para sua terra natal, em visita á sua familia. Regressando a S. Paulo, em 1839, aqui contrahiu casamento com a exma. sra. d. Carlota Emilia de Aguiar de Andrada, pertencente a uma das principaes e mais antigas familias de Santos.

Depois abriu banca de advogado no Rio de Janeiro, onde em pouco tempo se tornou saliente, ao lado de Teixeira de Freitas, Josino e Caetano Alberto.

Vencido o movimento revolucionario de 1842, em Minas e São Paulo, o dr. Carvalho Moreira foi convidado para defender o brigadeiro Tobias de Aguiar, perante o conselho de guerra, conseguindo demonstrar a incompetencia da jurisdicção militar para processar os revoltosos vencidos.

Com Teixeira de Freitas, Josino, Caetano Alberto, Montesuma, Luiz Fortunato, Souza Pinto e Aquino, creou a 7 de agosto de 1843 o Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros, de que foi eleito presidente, em successão a Montesuma.

Foi deputado á assemblea geral legislativa e os seus vastos conhecimentos juridicos e illustração litteraria indicaram-no para varios trabalhos e incumbencias, de que se desempenhou brilhantemente.

O decreto n. 737, de 25 de novembro de 1850, que regulou o processo commercial, e que ainda hoje é considerado um modelo de clareza, simplicidade e senso juridico, foi em grande parte obra sua. Devo-se-lhe tambem o regulamento do corpo diplomatico, em 1851.

Em 1851 foi nomeado enviado extraordinario e ministro plenipotenciario do Brasil em Washington e em 1854 transferido na mesma qualidade para Londres.

Em 1858 foi encarregado de uma missão especial a Roma, para tratar da instituição dos casamentos mixtos e da reforma dos conventos.

Em 1860 foi incumbido da organização dos caminhos de ferro brasileiros em Londres.

Em 1862 deu-se a questão Christie e o consequente rompimento de nossas relações com a Inglaterra, pelo que o Barão de Penedo se retirou para Paris. Reatadas as relações, voltou para Londres e obteve então a mais alta distincção que um estrangeiro pôde obter na Inglaterra: foi graduado em Oxford com o titulo de doutor, recebendo o grau em grande solemnidade, conjuntamente com lord Palmerston.

Em 1865 desempenhou outra missão especial na França, para obter o levantamento do embargo opposto ao couçado brasileiro *Brasil*, que se construiu em estalcoiros francezes e o governo francez não queria deixar sahir, por estarmos em guerra declarada com o Paraguay. Foi em conferencia especial com o Imperador Napoleão III que o Barão de Penedo obteve que se esquecessem por um momento as leis de neutralidade em favor do Brasil, deixando sahir o nosso navio de guerra.

Demitido pelo Ministerio Zacharias, em 1876, foi reintegrado pelo Ministerio Rio Branco, em 1881.

Foi exonerado pelo governo provisório, por decreto de 7 de dezembro de 1889, por haver declarado não querer continuar a servir, e afinal aposentado no governo do marechal Floriano.

Era gran-cruz das ordens da Rosa, do Brasil, Christo, de Portugal, Francisco I, de Napoles, Gregorio Magno, do Papa, Medjié de primeira classe, da Turquia, Duplo Dragão, da China, e Ernestina de Saxe Coburgo Gotha, e grande dignitario da Legião de Honra.

PEREGRINA

Zagaes do monte, que um lindo
Rebanho estais a guardar,
Essa empós da qual vou indo,
Não na vistes vós passar?

Fonte entre seixos filtrada,
Não veiu ella aqui beber?
Florinhas que orlais a estrada,
Não vos veiu ella colher?

E vós, peregrino bando
De andorinhas, a emigrar,
Essa em cujo encaicho eu ando,
Não na vistes vós passar?

Sem responderem, lá se iam
As andorinhas pelo ar...
E as florinhas não sabiam
Resposta nenhuma dar;

E... a agua corrente da fonte
Corria sem responder...
E os pobres zagaes do monte
Nada sabiam dizer.

Mas, no fim da estrada, havia
Uma pedra tumular:
Esta, ai! sim, responderia,
Caso pudesse falar.

RAYMUNDO CORREIA

A menina

Dizem que não existe arte mais difficil do que a de governar os povos, no meio da lucta dos partidos, da ambição dos correligionarios, dos botes da opposição, providenciando sobre tudo, desenvolvendo grande somma de actividade e energia.

Pois existe uma arte ainda mais difficil: é governar uma casa de numerosa familia.

Eis aqui o que vi e ouvi, espreitando pelo buraco da fechadura, durante doze minutos de relógio, no lar domestico de uma senhora do meu conhecimento, a qual foi mimoseada pela natureza com uma penca de filhos.

Registro fielmente as minhas observações, como um phonogramma.

— Vá pôr o pente no toucador, menino!

— Mãe — grita lá de dentro uma vozinha esganicada — seu Gustavinho está-me dando beliscão...

Pelo corredor ouve-se uma matinação infernal e o ruido de um caixão arrastado.

Dentro do caixão está o Frederico, que os outros puxam.

O Frederico, entusiasmado, toma a scrio o seu papel de cocheiro e applica devéras o chicote nos *burros*, os quaes se revoltaram e lhe despedem coices.

Forma-se o rôlo. D. Ermelinda — assim se chama a mãe da tropa — os debanda a cascudos.

A cozinheira vem participar que falta lenha.

— Pois já gastaste tres feixes, Maria? A lenha vale ouro. Onde irá isto parar, Santo Deus?

A Maria, muito respondona, faz beijo e vira o rosto.

Emquanto D. Ermelinda vai buscar o dinheiro, chega o homem do leite; todas as crianças disparam a galope para tomar a garrafa, atropelam-se, caem e uma dellas parte os beijos.

Grande berreiro.
A mãe accorre a acalantal-a a palmadas; mas com o barulho desperta chorando o bebé de seis mezes, que estava no rosto.

Emquanto isto, o Carlinhos jaz a um canto da sala, cmbocerrado e choramigas, a pedir *biscoito*.

De passagem, a mãe dá-lhe um *co-coreote* (tome biscoito!), chamando-lhe pastrana.

O Carlinhos esperneia, dá soccos na parede, abre o chôro e continúa a pedir *biscoito*.

A cozinheira põe-se a resmonear em voz grossa, dizendo que tambem falta cebola.

— Cebola? Pois se hoje veiu uma restea?

— Desappareceu da prateleira.

A restea de cebolas foi encontrada na sala de visitas, para onde a carregára o Pedrinho (de anno e meio). O Adolpho, ensinado a não fazer más creações senão no logar proprio, pensando que a escaradeira tambem servia para aquelle fim, e... etc.

Nisto, ouve-se o baque de alguma cousa de vidro.

Foi o Jojoca, que quebrou a garrafa do leite, procurando desarrolhal-a com os dentes.

D. Ermelinda, tendo nos braços o bebé a gritar, por se lhe ter escapado da boquinha o bico do seio, corre furiosa atraz do Jojoca, o qual foge para a cozinha.

Ella alcança-o e pespega-lhe um beliscão *torcido*, de tirar couro e cabelo.

Mas, vendo duas gallinhas nas prateleiras, a debicar o milho da lata, enxota-as, ellas esvoaçam, derrubam uma porção de cousas, e a farinha se alastra pelo chão.

Maria! — exclama a pobre senhora, approximando-se do fogão — você queimou o arroz, Maria!

— Mãe — berra o Gustavinho da sala de jantar — seu Carlinhos está furtando queijo!

— Já te vou puxar as orelhas, menino sem vergonha!

Quando ella vem vindo pelo corredor, encontra o Adolpho atracado com a Alice, a disputar a posse de uma bonca sem cabeça.

Os dous brigam da manhã á noite, porém são muito amiguinhos.

A mãe os destroça a cachações e vai acudir ao queijo furtado pelo Carlinhos, quando chegam do collegio o Arthur e a Nicota, muito vermelhos do sol, com fome canina e requisitando urgentemente pão com manteiga e asucar.

Mas o bebé, que mama furiosamente, dá inequívocos signaes de que precisa realizar alguma operação séria. D. Ermelinda, atarantada, não lhe presta attenção, de sorte que dahi a pouco... zás!

Ella corre para a alcova e ajuda-o a consumir o acto.

Emquanto muda de roupa, rogando pragas ao destino, parte da pequena-

da vai para a porta da rua e outra metade foge para o quintal, afim de fazer judiaria com um cabritinho, filho de uma cabra que está amarrada e berra desesperadamente.

Entretanto, a Maria sai para buscar lenha, demora-se duas horas, volta regularmente bebada, depois de haver dito cobras e lagartos dos patrões por todas as tavernas da redondeza.

URBANO DUARTE

O nosso archivo

O infatigavel escriptor Arthur Goulart publicou em elegante folheto, ornado do seu retrato, a conferencia litteraria que sobre *As crianças* realisoou em Tremembé, no dia 1.º de janeiro ultimo.

O trabalho material recommenda a typographia Andrade & Mello, e, quanto á conferencia, é uma das melhores produções, que conhecemos, do apreciado e fecundo escriptor.

Arthur Goulart, num estylo simples, de quem naturalmente palestra numa roda de amigos, discorreu, sob uma fórma correcta e agradável, a respeito das crianças, revelando muita leitura e falando não só na qualidade de litterato, mas tambem como paç, que bem conhece os encantos de um lar povoado desses cherubins, cuja alma, no dizer do poeta, « é uma gotta de leite com um raio de luz », e paç, tambem, que já passou pelo transe de perder uma filhinha. Sua conferencia é, porisso, em grande parte, fructo de um coração que fala aos corações que sabem amar as criancinhas.

Agradecemos-lhe o exemplar com que nos distinguio.

— O revmo. padre Moysés Nóra, digno vigario de Porto Ferreira, offereceu-nos um exemplar do *Relatorio* daquella freguezia, contendo sua historia, movimento ecclesiastico-religioso, agricola, commercial e topographico.

Abrem este trabalho bons retratos e respectivas biographias dos srs. Bispo Conde de S. Paulo, conego Antonio Percira Reimão, vigario geral do Bispado, e Procopio de Araujo Carvalho, fazendciro em Porto Ferreira, e catholico que tem prestado grandes serviços áquella parochia.

No texto do relatorio propriamente dito, vêm photographias da Matriz daquella villa e da residencia parochial, uma vista da imagem de N. S. de Lourdes e Bernardcote, *fac-simile* d' *A Folha* e o retrato do auctor.

O relatorio é o mais minucioso possível e constitue prova eloquente do interesse que o zeloso vigario dispensa á parochia.

— Do mesmo revmo. padre Moysés Nóra recebemos o seu livro *Recordações da Patria*.

Vamos lel-o com vagar, limitandonos, por hoje, a agradecer a offerta.

FALLECIMENTO

Deu-se nesta capital, a 1.º do corrente o fallecimento do antigo magistrado dr. José Manoel Portugal, sogro do sr. Rufus K. Lane, vice-director da Escola Americana, e tio da exma. esposa do dr. Brasílio Machado.

O illustre finado era sobrinho do dr. Marcos Portugal, celebre na historia da arte nacional, e que entreteve intimas relações com o brigadeiro Raphael Tobias.

Nossos pezames á exma. familia enlutada.

★ ★ ★ PAGINAS ESCOLHIDAS ★ ★ ★

* Excerpto de um romance *



A tarde, ao escurecer, depois da revista, o coronel mandou chamar Joaquim Cambinda.

O medonho negro veio arrastando os pés, escorando-se em um bordão, a rojar pelo solo a immunda coberta parda, de que sempre usava.

Chegou, entrou na ante-sala, largou o bordão a um canto.

O cadáver de Maria Bugra ahi estava, sobre a marquezia, inteirado, coberto por um lençol fino, que lhe desenhava as fôrmas duras, angulosas. Quatro velas de cêra allumiavam-no lugubrememente, casando os seus clarões aos ultimos clarões do dia.

Por entre o cheiro acre de vinagre ferrado e o cheiro enjoativo de aliam-sema fetido, um fortum de carne podre, de decomposição cadaverica.

Joaquim Cambinda entrou, olhou com indifferença para a defunta. dirigiu-se ao coronel que, junto com Barbosa, ahi o esperava.

— Vá sãoos cristo, sinhô. Sinhô mandou chamar negro velho, negro velho está aqui, disse na sua algaravia barbara, horripilante, impossivel de reproduzir.

— Sabe quem está alli morta, Joaquim ?

— Sei, é Maria Bugra.
— De que morreu, não sabe ?
— De suas molestias della.
— Que molestias ?
— Eu não sei, eu não sou doutor.
— Então você não sabe, não é doutor ? Não sabe tambem de que morreu a Maria Bahiana, o Antonio Mulato, o Carlos, o Chico carreiro ?
— Como quer sinhô que eu saiba ?

— Se você não confessar tudo o que tem feito, aqui, direitinho, mando-o acabar de bacalhau, só feiticairo do diabo !

— Ah ! sinhô ! Feiticairo, negro velho, que não tarda a ir dar contas a Deus do feijão que comeu !

— Deixe-se de historias, de mamparras, vamos ! Com que matou você a Maria Bugra ?

— Não matei com cousa nenhuma, sinhô. Como hei de eu confessar uma cousa que eu não fiz ?

— Se fez ou se não fez é o que vamos já saber. Pedro, João, venham cá, agarrem-me este patife.

A porta, a negrada acotovellava-se curiosa, extendendo uns o pescoço por sobre os hombros dos outros.

Os dous pretos chamados abriram caminho, empurrando os companheiros, entraram na ante-sala.

— Segurem-me este tratante, conduzam-no á casa do tronco. Eu já lá vou. Levem o bacalhau e uma salmoura forte.

— Que é que sinhô vai fazer comigo ? inqueriu rapido Joaquim Cambinda.

— Você vai ver.
— Sinhô, Joaquim Cambinda nunca apanhou de bacalhau...

— Vai apanhar agora ; será então a primeira vez.

Operou-se uma revolução medonha em Joaquim Cambinda. Atirou elle para longe de si a coberta esfarrapada, endireitou o busto derreado, ergueu a cabeça, cerrou os punhos e encarou o coronel. Scintillavam-lhe os olhos, os beiços atreçados deixavam ver os dentes.

— Ah ! você quer saber, eu digo : fui eu mesmo que matei Maria Bugra.

— E porque a matou você ?

— Porque ella comia o meu dinheiro e me enganava com a crioulada nova.

— E os outros, o Carlos, a Maria Bahiana, o Chico carreiro, o Antonio Mulato ?

— Fui eu mesmo que matei a todos.

— E porque ?

— Maria Bahiana pelo mesmo motivo que me fez matar Maria Bugra. Os outros para fazer mal a sinhô.

— Para me fazer mal ? Porque ? Pois você não é o mesmo que forro ? Exijo eu algum serviço de você ? Não lhe dou moradia, roupa, comida ? Porque me quer mal ?

— Já que principiei a falar, irci até o fim. Sinhô é bom para mim, e verdade, mas sinhô é branco, e obrigação de preto é fazer mal a branco sempre que pôde.

— Matar-me cinco escravos !

— Cinco ! Só crioulinhos mandei eu embora dezeseite. Negro grande, nem se fala : Manuel Pedreiro, Thomaz, Simão, Liberato, Gervasio, Chico Carapina, José grande, José pequeno, Quiteria, Jacintha, Margarida, de que é que morreram ? Fui eu que matei a todos.

Ergueu-se grande sussurro de entre o grupo de negros. Ouviam-se gritos, imprecações.

— Agora tambem: você está mentindo : José pequeno morreu picado de cobra.

— Qual cobra ! A cobra que o picou não tinha veneno. Elle morreu mas foi dá beberagem que eu lhe dei para o curar.

— Mas todos esses pobres diabos eram pretos como você : para que os matou ?

— Para sinhô ficar pobre : eu queria ver sinhô se servir por suas mãos.

— E a mim nunca pretendeu você matar ?

— Matar, não ; fazer penar só.

— Então sempre me queria fazer alguma cousa ?

— Queria fazer ! eu fiz mesmo.

— Fez ? ! Que é que me fez você ?

— Esse seu rhuematismo, sinhô, então que é ? Entroamento de sinhô velha donde vem ?

E o negro deu uma gargalhada feroz.

O coronel ficou aterrado.

— Levem, levem daqui esta serpente ! gritou Barbosa. Mettam-no no tronco, não quero mais vel-o. Vai para a villa amanhã.

Os negros apoderaram-se de Joaquim Cambinda, que não offereceu resistencia, rodaram-no, levaram-no a empurrões para o meio do terreiro.

— Então foi você que matou meu pae ! dizia um.

— Minha mãe ! bradava outro.

Meus tres filhinhos tão bonitos, que entraram a inchar de repente, na cabeça e na barriga, a amarellar, e morreram com as perninhas finas como pernas de rã ! lamuriou uma negra e,

tomando do chão um caco de telha, bateu com elle na cara do feiticairo. Foi como que um signal.

Os negros todos achegaram-se a Joaquim Cambinda, uns davam-lhe punhadadas, outros escarravam-lhe, outros atiravam-lhe areia nos olhos.

— Peste do diabo ! Cousa ruim !

— Feiticairo do inferno !

— Enforque-se já este demonio !

— O melhor é queimar !

— Que se queime, que se queime !

E numa confusão horrorosa foram arrastando o desgraçado.

Ao pé do paiol estava um montão de sapé secco, e junto delle uma mesa velha de carro, com uma roda só, desconjunctada, meio podre. Em um momento amarraram o misero sobre essa mesa de carro, apesar da resistencia louca que elle então procurou fazer, a ponta-pés, a couces, a dentadas.

Trouxeram sapé, aos feixes, encheram com elle o vão que ficava por baixo da mesa.

— Kerosene ! gritou uma voz, tragam kerosene !

Um moleque correu ao engenho ; e de lá voltou com uma lata quasi cheia.

Um preto tomou-lha, subiu á mesa do carro, começou a despejar petroleo sobre Joaquim Cambinda : o liquido corria em fio farto, claro, transparente, com reflexos azulados, resaltava do peito piloso do negro, da sua calva lustrosa, embebia-se-lhe nas roupas immundas, misturado, confundido, com o suor que manava em camarinhas : Os olhos do miseravel revolviavam-se sangrentos, seus dentes rangiam, elle bufava.

— Phosphoros ! phosphoros ! quem tem phosphoros ? perguntou o preto, depois que esvasiou a lata, e que fez desaparecer Joaquim Cambinda sob um montão de sapé.

— Eu ! acudiu a negra que dera principio ao motim, e extendeu-lhe uma caixa de phosphoros.

O preto saltou a baixo, tomou-a, abaixou-se, riscou um phosphoro, protegou-lhe a chamma com a mão em fôrma de concha, encostou-o ao sapé, junto do chão.

Ergueu-se uma fumarada espessa, azul-claro por cima, cor de ferrugem por baixo ; a chamma scintillou em compridas linguas gulosas, lambou, rodeou a mesa de carro, chegou ao sapé de cima e ao corpo do negro.

As roupas deste, embebidas em petroleo, inflammaram-se repentinamente. Elle soltou um mugido rouco, suffocado, retorceu-se phrenetico...

Tudo desapareceu num turbilhão crepitante de fogo e de fumo.

As faúlas voavam longe, o vento carregava a distancias enormes as moinhas carbonisadas.

Sentia-se um cheiro acre, nauseabundo de chammusco, de gorduras fritas, de carnes sapecadas.



CURIOSIDADES

EPIGRAMMAS

Um antigo empregado da Alfândega do Rio de Janeiro, no tempo dos vice-reis, chamado F. Pinto, soffria investidas dos empregados daquelle repartição, que por moia accrescentavam um *r* ao appellido *Pinto* nos bilhetes que elle assignava, de sorte que se lia — *Pintor*.

Na porta dos aposentos do reitor do seminário de S. José está escripta a palavra *Reitor*. Quando tomou posse desse cargo o padre Joaquim da Sociedade Pereira, que tinha um olho de menos, ajuntaram os estudantes duas letras ao distincto, allusivas ao deicito do mesmo reitor, e, assim, lia-se — *Reitorito*.

No brigue carregado de virtualhas, que o governador de Pernambuco, Cactano Pinto de Miranda Montenegro, mandou ao encontro do rei em viagem para o Rio de Janeiro, foi Antonio de Moraes e Silva, auctor do *Diccionario Portuguez*; vendo as fivelas de ouro que elle trazia nos sapatos, perguntou-lhe um fidalgo, escarncendo:

— Quanto pesam estas fivelas?
— Mais que a vossa cabeça, accrescentou Moraes, com um riso ironico.

Na obra de Antonio Bernardino Pereira do Lago, intitulada *Cinco annos de emigração na Inglaterra, na Belgica e na Franca*, lê-se o seguinte:

« Certo desembargador no Rio de Janeiro, sendo informante de uma provisão de privilegio de introdução de novo invento que requeria um individuo e se offercia illuminar a cidade por meio de gaz, o juiz informou contra, taxando o requerente de impostor, por dizer que era *luz sem torcida*.
« Mal pensava o sr. desembargador que sem torcida se illumina a Inglaterra inteira », e hoje todo o mundo civilizado, accrescentamos nós.

Um presidente da provincia de Matto Grosso, escrevendo ao secretario do governo, disse-lhe o seguinte:

« Sr. Espirito Santo, será bom que v. faça publicar no jornal desta provincia alguns documentos interessantes que encontrar na Secretaria do governo, afim de os salvar da *carconida* traça. »

Tratando da maneira por que se fizera a abertura da estrada de S. Paulo, disse esse presidente:

« Desenganem-se; esse trabalho foi feito com os pés dos burros; que o diga eu, por experiencia propria. »

O padre Dyonísio Leal, antigo capellão da Chacara da Mitra, no Rio Comprido, foi visitado por um amigo, que o achou muito afflicto, e, perguntando-lhe o motivo, respondeu o padre:
— Vejo-me entusiasmado com este gado do sr. Bispo, porque deu na maxima de saltar as cercas, para comer o capim.

Viram-no um dia com umas hervas medicinaes e perguntaram-lhe:

— Que hervas são essas, sr. padre?
— São hervas cardeaes, para rubricar o ventre, accrescentou o reverendo.

Dizia que nunca quiz ser vigário por causa da *recompensabilidade* e para não se internar por essas terras inconquistaveis.

Estando a revestir-se, para celebrar missa, voltou-se para um sujeito, que estava presente, e disse-lhe:

— Eram escusados tantosapparelhos; e, ao collocar o cingulo, accrescentou:

— Esta é a cilha mestra.

DR. MOREIRA DE AZEVEDO



Abrigo Santa Maria

No dia 6 do corrente, entrou no quinto anno de existencia o *Abrigo Santa Maria*, fundado pelo benemerito cavalleiro sr. Simas Pimenta e sua exma. esposa.

Instituição de caridade que vive quasi exclusivamente á custa dos corações bem-formados, porque por enquanto ha sido modesto o auxilio que lhe prestam os poderes publicos, — convém assignalar que ao sr. Simas Pimenta e á sua senhora muito deve aquella instituição, abrigo de uma centena de pobres crianças desamparadas, que alli se vêem a coberto das necessidades e sob o amparo affectuoso de verdadeiros paes.

Com os dignos directores do *Abrigo* nos congratulamos por essa data e pedimos a Deus que nunca os corações bem-formados desamparem tão util instituição.

Um punhado de benemeritos
(Impressões e saudades)

Batcu á porta do nosso escriptorio o n. 7 do lindo *Album Imperial*. De accurada parte graphica; aquedado ao sul vivificante de buriladas pennas, como as do dr. Couto de Magalhães e M. Bittencourt Junior, e amperada por mentalidades de 1.^a grandeza — é o que se pôde dizer uma revista elegante, moderna e bem feita.

Combate pela Monarchia.
Não queremos saber d'isso para nada. Somos da opinião do immortal Leão XIII: — para nós, todas as fórmulas de governo são boas. O segredo do bom regimen dos destinos de uma nação está todo em... saber-se governar! »

Ha 16 annos e 5 mezes que desethronaram D. Pedro II. Mctido precipitadamente a bordo do *Alagoas*, lá foi elle em direcção a Lisboa, maldizendo os homens, bemdizendo o seu Brasil, com o coração retalhado pela dôr e pela saudade — como o levavam sua Companheira, o Anjo da bondade, — e sua filha, o Anjo dos escravos.

Portugal recebeu a noticia como um estalido enorme das grandes derrocadas. Tinha motivos para isso. Quando em casa de nossos amigos ha lagrimas, não sobra razão para cantarmos...

Notificado o atracamento ao Tejo do vapor imperial, todo o Portugal se collocou em ebulição, para receber hospedes tão qualificados. Do Minho ao Algarve, da Beira Alta ás margens de Buarcos e Figueira da Foz, por toda parte, um movimento enorme, descom-

munal, uma ancidade febricitante em compartilhar das agruras do desterro, que então tanto afeleavam e acabru-nhavam um dos soes fulgurantes da Casa de Bragança.

Com a nossa formosa Coimbra o centro, o fóco da sciencia portugueza! preparámos aos imperiaes viajantes uma recepção estrepitosa. Universidade, exercito, Bispo-Conde, Seminario, Lyceu e todos os institutos scientificos e de beneficencia, tudo, tudo foi ao seu encontro.

Cursava eu então o ultimo anno theologico e fui designado pelo meu distinctissimo e invidiavel amigo e mestre conselheiro Antonio José da Silva, vice-reitor, para fazer parte da commissão academica destinada a ir esperar o comboio.

Era numa tarde invernosa, tarde de dezembro. O sol, despontando a custo o seu brilho desconsolido e triste, parecia querer commungar num festival ao mesmo tempo grandioso e agro, sentimental e profligante.

A's duas horas da tarde lembra-nos como se fóra hoje! — já o largo fronteiro á estação nova de Coimbra, bem como toda a esplanada do Caes do Mondego, tudo estava coalhado de milhares de pessoas, que se encarpitavam pelas cancellas, para melhor verem passar o trem. Apareceu alli tudo o que ha de mais distincto no clero, sciencia, letras, artes, commercio e exercito conimbricenses.

O saudoso reitor da Universidade — dr. Antonio Augusto da Costa Simões — esse bacteriologista consummado, essa fulgurante capacidade medica, que assombrou o mundo com os primores do seu talento e das suas obras mestras! — acompanhado do venerando Bispo-Conde e da academia, todos fomos á estação velha.

Chegou o comboio, um trem de luxo, um verdadeiro e esmerado comboio real! Quatro bandas de musica tocavam, e a policia era impotente para conter os curiosos, que se esmagavam, disputando a primasia de cravar os olhos no Imperador.

Quando nos coube a sorte, entrámos no carruagem-salão. Tudo trajava o grande uniforme das grandes solemnidades.

Lá, ao fundo, rodeados da comitiva e de admiradores, que offegantemente lhes beijavam as mãos, lobbriámos dous velhinhos a chorar... a chorar... elle de barba comprida, branca como a neve, e vestido com todos os desprendimentos de pedantismo mundano; — ella, uma santa velhinha, vestida de luto, alquebrada de annos, de rosto muito enghado... ás portas da morte... coitadita!

A elle apenas se ouvia, de longe em longe, soluçante:

« O meu Brasil... amava-o tanto... adorava-o tanto!... »

A ella, nem palavra sequer! As lagrimas, cahindo-lhe aos punhados, como camarinhas de crystal, abafavam-na...

Com o coração partido pela dôr, não me pude conter, que exclamava, voltando-me para o sr. Bispo e conselheiro Silva:

« São aquelles os imperadores do Brasil? Então porque não deixaram primeiro morrer os *pobres* velhinhos, para depois proclamarer: a Republica? »

E nesta pergunta sem resposta nos ficámos, para continuarmos na recepção dos Imperadores e comitiva, a qual foi tão affectuosa, tão admiravel, tão suggestiva e grandiloqua, que, cer-

tamente, serviu de incentivo a minorar as agruras horripilantes que assoberbavam tão fidalgos hospedes no seu Calvario nostalgico.

Fugiu-nos ha mezes o *Ypiranga*, surgindo-nos logo o *Album Imperial* — ambos relembrando-nos acontecimento de tanta magnitude. Bastava isto para despertar em nós a admiração e sympathia, se não fóra ainda a pleiade de summidades intellectuaes que bafçaram aquella e agora amparam esta promettedora empreza.

Já dissemos que não pretendemos profligar este ou aquelle governo, porque não queremos nem devemos metter foice em seára alheia. Deixemos lá isso para os nativos.

Para nós, como para Leão XIII, são bons todos os governos que governarem bem. A nossa politica é outra — é a politica do Evangelho, e a politica das almas, é a politica da Cruz.

Porém é justo reconhecermos que não é só no campo da guerra, expondo o peito ás balas e derrubando inimigos, que os homens se immortalisam.

Para nós são tambem immortaes, são igualmente benemeritos, os que supportam resignadamente, duramente, cruamente, as tempestades de um desterro, que podiam evitar, só para não lobbriarem as calçadas do Rio de Janeiro manchiadas com sangue, a escaldar, de seus irmãos na Patria adorada.

Ninguém o contestará! — D. Pedro II e sua familia formaram e formam ainda uma parte culminante da honrosa phalange desses assignalados benemeritos. (Do n. 863 do *Jornal de Cantanhede*).

PADRE MOYSÉS NORA

LIVROS NOVOS

Das officinas da Casa Editora Mofreita, desta capital, acaba de sahir, em volume de cerca de quinhentas paginas, o novo romance de Antonio de Oliveira, *Raça de portuguezes*.

Vamos lê-lo com o interesse que nos merecem todos os trabalhos do festejado escriptor, limitando-nos por hoje a agradecer ao auctor o exemplar que offereceu a esta redacção.

— O nosso illustre collaborador dr. Joaquim José de Carvalho, clinico residente no Avaré, distinguio-nos com a remessa de um exemplar do seu ultimo trabalho, *A Vida e Dissertatio circa animae naturam*.

Em noticia especial, occupar-nos-emos depois deste livro, que veiu enriquecer o nosso archivo.

Bibliotheca do Estado

De um communicado que o director da Bibliotheca do Estado dirigiu á redacção de uma folha da tarde, deprehende-se que aquelle funcionario conhecia apenas os tres primeiros volumes do *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, de Sacramento Blake, quando daquella obra estão publicados sete volumes, dos quaes o ultimo traz a data de 1902.

Prova isto que os visitantes da Bibliotheca não poderão consultar alli os quatro ultimos volumes da obra mais completa que possuímos no genero bibliographia e prova tambem que o respectivo director anda muito atrazado em cousas do seu officio.

Tivesse s. s., antes de escrever ao jornal da tarde, visitado qualquer livraria de S. Paulo, e não teria affirmado o que affirmou em relação ao importante e conhecido trabalho de Sacramento Blake.

ANNO I

S. PAULO, 5 de maio de 1906

NUM. 9

ALBUM IMPERIAL

QUINZENARIO POLITICO E LITERARIO

Director: Couto de Magalhães

Secretario: M. Bittencourt J.^{or}



PRINCIPE D. ANTONIO



O Príncipe D. Antonio

Presentemente acompanha seu irmão em uma viagem ao Egypto e Jerusalém.

A REDACÇÃO



UA Alteza o Príncipe D. Antonio Gastão Felipe Francisco de Assis Maria Miguel Gabriel Raphael Gonzaga, — filho mais moço de SS. AA. II. o Sr. Conde e a Sra. Condessa d'Eu, — nasceu em Paris, a 9 de agosto de 1881, vindo para o Brasil em novembro desse mesmo anno.

Acompanhou seus paes e irmãos na viagem ás provincias do Sul do Imperio, em 1884-85.

Cursou os mesmos collegios frequentados por D. PEDRO e D. LUIZ e fez sua primeira communhão no Collegio Stanislos, a 2 de maio de 1893, sendo celebrante o conhecido escriptor e orador sagrado monsenhor d'Hulst.

Bacharelou-se em sciencias mathematicas em 1901.

Em seguida, entrou, como seus irmãos, por permissão especial do Imperador da Austria, para a Academia Militar de Wiener-Neustadt, completando o curso de tres annos com os exercicios taticos e topographicos e uma viagem de instrucção pelo Tyrol e Carinthia, feita em parte a pé.

Em 1903, foi nomeado alferes de cavallaria, sendo classificado no Regimento de Hussares n. 6, denominado *de Guilherme II*, rei de Württemberg, de guarnição em Klagenfurt.

Partilhando do gosto de seus irmãos pelas excursões alpestres, acompanhou-os em algumas dellas.

Em outubro de 1904, foi companheiro de D. Luiz na viagem aos Estados-Unidos.



Descobrimto do Brasil



BRASIL foi descoberto a 22 de abril, como quer a generalidade dos historiadores, ou a 3 de maio de 1500, como quer a Republica, que consagra esse dia áquella commemoração?

O infatigavel sr. Rocha Pombo, na excellente *Historia do Brasil* que está publicando em fasciculos, diz que « parece não valer mais a pena de insistir nessa questão em um trabalho de historia. A data do descobrimto, sem logar algum para controversia, é o dia 22 de abril de 1500. A 1.º de maio celebrou-se o acto solemne e official da posse. A 3 de maio já estava no alto mar, proseguindo para as Indias, a frota de Cabral, pois havia partido de Vera-Cruz na vespera, 2 de maio. A que vem, portanto, o inscrever-se o 3 de maio como data do descobrimto? »

Como, porém, a Republica persiste no erro, conservando o dia 3 de maio como data anniversaria do descobrimto, entendemos que não é fóra de proposito insistir no assumpto, e fal-o-emos hoje com as palavras que em 1900 proferiu sobre o assumpto, no Instituto Historico e Geographico Brasileiro, o seu illustrado presidente sr. conselheiro Aquino e Castro:

« Cumprc, de passagem, notar que sobre a verdadeira data do descobrimto do Brasil, — se 22, 24, 25, 27 de abril, ou 3 de maio, segundo alguns affirmam — como sobre o logar em que foi effectuado o primeiro desembarque de Cabral — se no actual Porto Seguro, ou na bahia de Santa Cruz, depois chamada enseada da *Coroa Vermelha*; e ainda sobre o acaso, plano ou deliberado proposito a que foi devido o festejado acontecimento, — levantaram-se duvidas, que foram larga e proficientemente discutidas na imprensa e no Instituto, entre outros, pelos illustrados Varnhagem, Beaurepaire, Perdigão Malheiro, Gonçalves Dias, Machado de Oliveira e Joaquim Norberto.

« A incerteza, a extranha contradicção que se nota nos trabalhos historicos que tratam deste e de outros assumptos que tão de perto nos interessam, a ponto de haver quem tenha escripto que o Brasil fóra descoberto, não a 3, mas a 8 de maio; não em maio, mas a 21 de julho; não em 1500, mas em 1501, quando já estava Cabral de volta de sua viagem á India, deve convencer-nos da indispensavel necessidade de, por todos os modos, promover e aperfeicoar o estudo methodico, criterioso e completo da historia, a mais vasta e profunda das sciencias sociaes, porque abrange a hu-

manidade inteira, tem por objecto a narração da vida dos povos, a analyse dos acontecimentos, suas causas e efeitos, a apreciação das idéas e dos tempos, modelada pelas severas normas da justiça e tendo por fim unico a verdade.

« Nenhuma prová mais convincente poderá ser apresentada do que a que nos fornece o relatório ou carta que Pero Vaz de Caminha, escrivão da armada, ou, como alguns querem, da feitoria nomeada para a Índia, dirigiu a El-Rei D. Manoel, dando parte do feliz acontecimento.

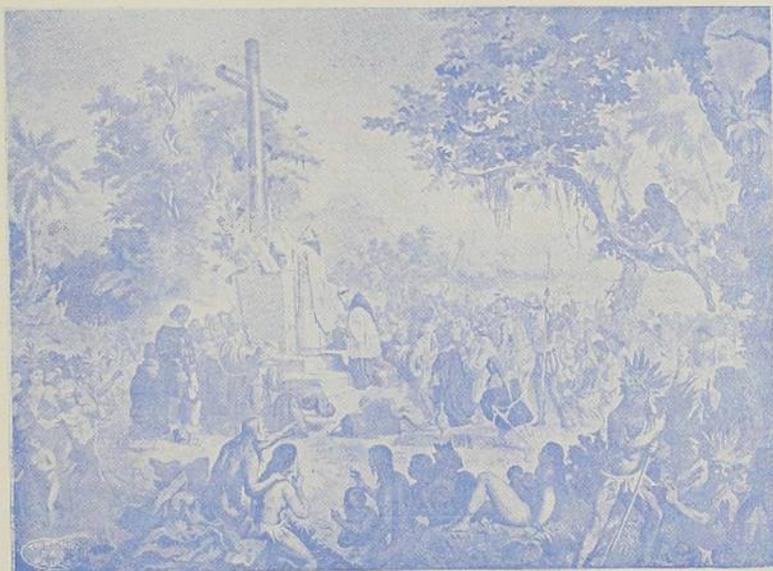
« Essa carta, escripta em Porto Seguro, da *Ilha de Vera-Cruz*, porque então se ignorava se a terra descoberta era ilha ou continente, datada de 1.º de maio e conservada no archivo real da Torre do Tombo, é, no conceito de Ferd. Denis, Varnhagem e Beaurepaire, pacientes investigadores da verdade, a chroni-

cópia, concordando no dia e em tudo quanto mais refere Caminha, desde a sahida do Tejo até que de Porto Seguro seguiram para a Índia.

« Do mesmo modo pensa Aires de Casal, Azevedo Pizarro, Ferd. Denis, Fr. Francisco de S. Luiz, Abreu Lima, Bellegarde, Salvador Albuquerque, Mello Moraes e muitos outros conceituados escriptores.

« Póde-se, pois, ter como certo que o descobrimento do Brasil foi a 22 de abril de 1500, data rigorosamente historica, que deve prevalecer sobre a de 3 de maio, só devida á differença de calendarios, sem que possa a reforma de 82 annos mais tarde retroagir, alterando a verdade dos factos consummados.

« E tanto é assim, que, pela provisão do rei de Portugal Felipe II, datada de 20 de setembro de aquelle anno, e constante do Registro das Ordens Régias do Senado da Camara, tendo-se mandado cumprir o



Quadro de Victor Meirelles

SEGUNDA MISSA NO BRASIL

ca mais minuciosa e authentica que possuímos do descobrimento e, ao mesmo tempo, o documento mais precioso da historia patria, no que respeita a esse facto.

« Ah! se diz que foi no dia 22; e, notavel coincidência hoje lembrada! cai o dia 22 de abril de 1900, como o 22 de abril de 1500, na mesma semana em que a egreja celebra a festa do oitavario da Paschoa, a que o calendario dá o nome de *Paschoela*.

« Comquanto na noticia da navegação, escripta em julho de 1501 por um piloto da Armada, tambem testemunha presencial das occurrencias da viagem e, como Vaz de Caminha, digno de fé, se declare que foi o descobrimento a 24, no fundo estão as irrecusaveis narrações ambas de accôrdo, quando affirmam que foi na quarta-feira do oitavario da Paschoa e, portanto, 22. Errou o piloto no algarismo, se não houve erro de

Calendario Gregoriano, então publicado, expressamente ahí se declarou: « que seguia-se ao dia 4 do mez de outubro *desse anno*, não o dia 5, mas o dia 15, sendo o immediato 16, e assim por diante, continuando-se com os mais dias até 31, não tendo o mesmo mez mais que 21 dias *neste anno presente*... esta diminuição de dias é *sómente logar no dito mez de outubro deste anno de 1582...* e, porque haverá promessas, contractos e obrigações feitas antes da publicação desta lei, mando que as justicias dêem mais dez dias em logar dos que foram diminuidos... e o mesmo se guardará em casos semelhantes... como S. Santidade o tem declarado.

« Conclue-se daqui que não se pretendeu dar effecto retroativo á nova disposição, contrariando o passado, mas sómente regular a contagem do tempo em relação ao futuro.

« De outro modo, dar-se-ia, em prejuizo da verdade, completa inversão na ordem das datas de antigos factos historicos até hoje, e por nós mesmos commemorados com attenção ao dia em que realmente occorrem; exemplo: o descobrimento da America, a 12 de outubro de 1492, ou o do caminho maritimo das Indias, a 20 de maio de 1498. »



Os nossos " clichés "

PRINCIPE D. ANTONIO

O magnifico *cliché* da nossa primeira pagina é reproducção da ultima photographia do Principe D. Antonio, a qual nos foi remetida de Paris pelo nosso correspondente naquella capital.

Foi o *cliché* executado nas acreditadas officinas do sr. Theodoro Wendt, á rua Libero Badaró, 31, incontestavelmente as melhores officinas de gravura desta capital.

SEGUNDA MISSA NO BRASIL

Reproduzimos hoje o celebre quadro de Victor Meirelles *Segunda missa no Brasil*, mais conhecido por *Primeira missa no Brasil*.

Mas esta ultima denominação é impropria, porque o pintor brasileiro procurou reproduzir, não a primeira, mas sim a segunda missa celebrada no Brasil.

Com effeito; a primeira missa foi rezada no dia 26 de abril, domingo da Paschoela, numa ilha, junto á entrada do porto, ou, como diz Caminha, *em huã ilheo grande que na baya esta*.

A segunda missa, a que tambem se refere o escriptão-historiador da frota de Cabral, foi celebrada, já em terra firme, no dia 1.º de maio, por occasião da cerimonia do levantamento da cruz.

« Foi esta missa — escreve Carlos de Laet — no continente e não no ilheo, a representada no celebre quadro do sr. Victor Meirelles, que muito bem a preferiu, por ter sido a mais solemne e a que immediatamente precedeu a tomada do posse. »

A ELEVAÇÃO DA CRUZ EM PORTO SEGURO

O quadro de Pedro Peres representa a elevação da cruz em Porto Seguro, como testemunho da posse que da nova terra tomavam em nome d'El-Rei D. Manoel, cerimonia que precedeu a celebração da segunda missa no Brasil e que vem descripta na carta de Caminha. (Vide a carta de Pero Vaz de Caminha no livro *As duas Americas*, de Candido Costa (Lisbõa — 1900), pags. 275 — 292).

CARTAS DE FRANÇA

A morte e os funeraes de D. Pedro II

PARIS, 12 de dezembro de 1891

(Continuação)

Vejamos alguns trechos dos artigos que publicaram as nossas principaes folhas politicas. Não appareceram nesses artigos exaggerações que pudessem explicar as injurias e injurias acima citadas.

Journal des Debats (republicano-conservador; director, G. Patinot). Numero de 5 de dezembro:

« D. Pedro inaugurou uma era de prosperidade desconhecida antes delle... Exilado, infeliz, segundo dizem, pobre, recusára accitar a pensão que lhe fóra offerecida, e veiu encontrar em Cannes a hospitalidade que havia recebido entre nós em dias melhores. Não havia quem deixasse de testemunhar-lhe a mais profunda deferencia. Voltára aos seus habitos modestos e laboriosos... »

La République Française (jornal fundado por Gambetta e dirigido por J. Reinach e Eugène Spuller.) Editorial de 6 de dezembro, assignado por Maurice Ordinaire:

« Foi com respeitosa sympathia que os parisienses, esses revolucionarios de nascimento que tantas vezes fizeram tremcr a Europa monarchica, receberam hontem a noticia da morte do velho Imperador D. Pedro.

« Na Europa, em França sobretudo, esta patria intellectual dos Latinos da America, o velho Imperador tinha creado pouco a pouco uma sorte de popularidade nada commum aos monarchas. Passava por um imperador philosopho, uma especie de Marco Aurelio americano, apaixonado das sciencias e das cousas do espirito, para quem uma poltrona nas grandes academias do nosso velho mundo tinha mais encantos que o throno em sua rude e positiva patria. A nobre figura do soberano, emoldurada na bella barba branca dos sabios da antiguidade, auxiliava a lenda. O Imperador prolongava as suas visitas a Paris. Tinha vindo no postridio da Communa, quando os reis, mesmo os exilados, afastavam-se das ruinas fumegantes das Tuherias. Mostrava gosto accentuado pela companhia dos sabios e dos poetas, e contava-se a miúdo que elle collocava publicamente a realza intellectual de Victor Hugo ao nivel da sua realza temporal.

« Convém destruir a lenda? Não seria, parece-nos, nem o momento, nem o logar; nem certamente seria de justiça tental-o. Não se recebe com a corõa, — e D. Pedro de Alcantara a recebeu na idade em que o commum dos homens aprende a escrever, — não se recebe com a corõa o diploma de doutor em sciencias ou de adjunto de philosophia, e a vida das côrtes deixa raras vezes aos soberanos o tempo preciso para conquistar taes pergaminhos. A sciencia do Imperador do Brasil era talvez um pouco mundana. Os sabios e os literatos que D. Pedro frequentava consideraram sempre, e com razão, que o soberano prestava á sciencia uma homenagem gloriosa e tocante, e esta reflexõ lhes bastava.

« Seu longo reinado não tinha sido sem gloria! E ha de ser contado, certamente, como um dos periodos mais pacificos, mais prosperos e mais felizes da historia brasileira... »



«... Se o Imperador D. Pedro pagou com a perda da corôa o seu gosto tão declarado pelas cousas do espirito, esta paixão generosa foi, depois do desthronamento, a sua consolação e a sua alegria. Esse tinha muito desapego ao poder para não soffrer muito com a sua perda, e seguramente não obedecia a um sentimento vulgar de ambição, quando, ha dias, enfraquecido e enfermo, offerrecia-se de novo para pacificar a sua patria, agora entregue ás revoluções militares. Emfim, o exilio em Paris, no meio da actividade intellectual que o encantava, não era para elle um exilio. Sua morte foi suave, como a sua vida tinha sido calma e serena.»

La Petite République Française (republicano independente; redactor-chefe, Jean Albiott). Editorial de 7 de dezembro, assignado por Gustave Hu: «A historia do seu reinado está cheia de factos que o honram. A emancipação dos escravos por si só constitue um titulo ao reconhecimento da humanidade...»

L'Événement (republicano; redactor-chefe, o senador Magnier). Editorial de 7 de dezembro, assignado «Un Bourgeois de Paris», pseudonymo de Passorieu: «... Imperador de um grande Estado, foi bom sem banalidade e amou a sua patria com um affecto que a revolução de que foi victima ha dous annos não pode diminuir... Sou dos que com respeitosa sympathia se descobrem á passagem do prestito que leva para longe de Paris cscsc hospede — homem de coração e homem de espirito.»

Le Gaulois (monarchista; redactor-chefe, Arthur Meyer). — Numero de 6 de dezembro: — «... Este Imperador philosopho tinha um coração de patriota... Foi com profunda dôr que elle recebeu a noticia de que o Rio-Grande do Sul ia separar-se do Brasil. Homem de estudo, na noite em que a morte o collicu, ainda mandou que lhe lessem algumas paginas...»

La Paix (republicano; redactor-chefe, Coffinon). — Numero de 7 de dezembro: — «No seu reinado mostrou prudência, moderação, largueza de vistas. Combatu mesmo na America do Sul pela liberdade das republicas vizinhas... A sua iniciativa pessoal deveu-se a abolição da escravidão...»

Le Soleil (monarchista). Editorial de 6 de dezembro, assignado por Edouard Hervé, do Instituto, redactor-chefe: — «Um grande homem: de bem appareceu deste mundo. D. Pedro, segundo do nome, Imperador Constitucional do Brasil, derrubado do throno e expulso do seu paiz pela mais iniqua e mais tola das revoluções, morreu esta noite em Paris. Virtudes privadas a que os proprios adversarios do monarcha prestavam homenagem, faculdades politicas que foram poderosas outr'ora e que só se enfraqueceram ha alguns annos, quando a molestia a que acabava de succumbir começava o seu trabalho de destruição, um reinado de mais de cincoenta annos, assignado por esplendidos serviços prestados ao Brasil, não contiveram os ambiciosos sem escrupulo que por surpresa se apoderaram do poder e precipitaram a sua patria em uma crise que não se acaba. Do alto grau de prosperidade a que tinha chegado sob o governo de D. Pedro II, o Brasil desceu á humilhante e triste situação em que se acha a maior parte das republicas sul-americanas, suas vizinhas. A queda é profunda e o contraste terrivel...»

Le Figaro (independente). Artigo de 5 de dezembro, assignado por Gaston Calmette: — «... As tristezas do exilio tornam esta magestade duplamente sagrada para nós... Sua vida inteira passou-se no estudo de reformas e no amor de sua patria...»

Le Jour (republicano; redactor-chefe, Charles Laurent). Editorial de 6 de dezembro, assignado com as iniciaes de Paul Bluysen: — «O ex-Imperador do Brasil, que hontem morreu no exilio entre nós, era quasi, aos nossos olhos, um cidadão francez. Pela assiduidade em seguir as sessões dos nossos grandes gremios literarios e scientificos, pelos grandes testemunhos de favor que prodigalisava aos nossos scienistas e homens de letras, pela bonhomia e simplicidade do trato, D. Pedro tinha conquistado real popularidade em França. Sua morte será lamentada mesmo nos mais profundos recantos das nossas provincias, como se elle tivesse sido um dos bemfeitores da França. E' um sentimento de admiração, de affecto, que parecerá talvez exaggerado, pois, comquanto assistisse ás sessões do Instituto e se interessasse pelas sciencias physicas e naturaes, D. Pedro não era um sabio e nunca poude manifestar a sua sympathia pela França senão de modo platónico. Mas o nosso povo ama essas figuras de soberanos que se applicam mais ás letras e ás artes do que á reforma dos effectivos da guerra; demais, D. Pedro tinha sabido escolher o momento de uma de suas viagens em França com tanta generosidade, que isso só teria bastado para que se lhe desse o diploma de civismo francez: elle foi o primeiro soberano que em 1871 honrou visitarnos depois de nossos revizes. A França nunca esqueceu isso. Do papel de D. Pedro em sua patria, pouco temos a dizer que não seja conhecido... Em resumo: mais que um soberano, foi um philosopho, bom e doce, que, como um burguez, deixa saudades sinceras.»

La Liberté (liberal-conservador). Editorial de 6 de dezembro: — «O Imperador D. Pedro morreu hontem. Este principe era tão conhecido em França, e sobretudo em Paris, que nada ha a accrescentar ao que tem sido dito sobre a sua vida. A imprensa o popularizou desde muito tempo, e a sua bonhomia, que não deixava de ter certo sabor de altivez, conquistou-lhe a amizade de Victor Hugo, justamente na época em que o grande poeta se entregava a exaggerações de opinião, que é desnecessario lembrar. D. Pedro era um homem instruido, versado nos estudos philosophicos e iniciado nos theoremas scientificos, mostrando uns laivos muito pronunciados de mysticismo e quasi de theorphismo... Deixou excellentes recordações em seu paiz, onde foi o mais benigno e o mais constitucional dos soberanos...»

Le National (republicano-liberal; fundado por Thiers; redactor-chefe, J. B. Gérin). Editorial de 6 de dezembro: — «O Imperador do Brasil morreu no exilio, depois de cincoenta annos de reinado. Os francezes não deixaram de tributar respeito á sua memoria, e saberemos em suas exquias honrar o soberano que no throno se mostrou homem e philosopho. Não derogamos lei alguma do republicanismo, prestando homenagem a esses mans...»

L'Écho de Paris (republicano; redactor-chefe, Valentin Simon), artigo de Edouard Lepelletier: — «... D. Pedro era um Imperador philosopho, um Marco Aurelio na Europa, um Trajano no Brasil... Um dia, assistindo a uma prelecção de Pasteur, foi reconhecido, designado pelo sabio professor, e ao retirar-se recebeu uma ovação dos estudantes. A revolução que o forçou a tornar á França deixou-o na apparencia impassivel e sereno. Mas os monarchas mais philosophos perdem um pouco da sua philosophia, quando a corôa lhes escapa. Desde a sua deposição, D. Pedro soffria, e a molestia que o arrebata ainda na força dos annos tem certamente por causa principal os desgostos, as desillusões, a amargura do exilio. Sua morte em nada

modificará os destinos do Brasil. Os francezes acompanharam com sentimentos de sympathia esse Imperador desthronado, que para elles era, sobretudo, um hospede amavel e um academico livre ».

Le Petit Journal (republicano-liberal; director politico, Marinoni). Numero de 5 de dezembro: — «... Se na esphera puramente politica elle procurou seguir escrupulosamente a maxima — o rei reina e não governa — D. Pedro quiz sempre estar na primeira linha desde que se tratava de progresso e reformas sociaes. Póde-se dizer que elle foi alma desse movimento, que tudo quanto se fez de generoso no Brasil, nos cincoenta annos do seu governo, foi inspirado por elle. Apesar de tantos serviços prestados ao Brasil, D. Pedro devia ser victima da revolução. No dia 15 de novembro de 1889, rompeu uma rebellião militar no Rio de Janeiro e o soberano foi forçado a abdicar... »

La France (republicano). Artigo de Henry Girard, no numero de 6 de dezembro: — «... D. Pedro podia servir de exemplo a muitos republicanos. Abandonou uma corôa imperial mais facilmente do que outros deixam o poder. Reinou sobre um vasto imperio, sem augmentar a sua fortuna pessoal. Tinha apenas cem mil francos de renda e recusou a pensão de oitocentos mil que lhe offerreceu o governo republicano... Para elle a corôa não era uma honra, mas um encargo. Os republicanos francezes enviaram a este morto a expressão dos seus pezaros e da sua sympathia ».

La Souverainete Nationale (republicano). Editorial de 6 de dezembro, assignado pelo redactor-chefe, Paul Lerglé: — «... O seu espirito philosophico e o seu liberalismo deram-lhe uma moderação e uma largueza de idéas a que os seus proprios adversarios por vezes prestaram homenagem e a que se deve attribuir a tranquillidade relativa de um reinado que durou cincoenta annos. Elle foi, na realidade, um presidente de republica parlamentar... »

La Lanterne (republicano radical; redactor-chefe, Eug. Meyer). Numero de 6 de dezembro (15 Frimario, anno 100): — «... D. Pedro era uma physionomia muito parisiense, para que seja necessario dar longos pormenores sobre a sua vida... Consolidou o governo constitucional no Brasil e marcou o seu reinado com um complexo de medidas que trouxeram a suppressão da escravidão. Foi um soberano esclarecido e liberal, tanto quanto póde ser o um soberano... »

L'Intransigent (radical; redactor, Henri de Rochefort). — «... Em summa, D. Pedro era um rei supportavel (passable) ».

Bastam estas citações para mostrar o sentimento geral da nossa imprensa.

No dia 5, o conde d'Ormesson, chefe do protocollo no ministerio dos negocios estrangeiros e introductor dos embaixadores, tinha ido ao hotel Bedford apresentar á Princesza D. Isabel as condolencias do sr. Ribot, ministro dos negocios estrangeiros, e por essa occasião declarou ao barão de Muritiba que o governo francez desejava tomar parte nos funeraes, prestando a D. Pedro II as honras imperiaes.

A este respeito lê-se no *Temps* do dia 7 (do dia 6, porque os jornaes da tarde, em Paris, apparecem com a data do dia seguinte):

« O governo francez, estando disposto a fazer honras imperiaes a D. Pedro, o conde d'Ormesson declarou que estava encarregado pelo ministro dos negocios estrangeiros de pôr-se á disposição da Condessa d'Eu, no caso em que a familia do defuncto acceitasse essa participação do governo nos funeraes do Imperador do Brasil.

Antes de se retirar, o conde d'Ormesson manifestou

o desejo de ver o Imperador morto. Foi então introduzido na camara mortuaria ».

Todas as folhas semi-officiaes, como o *Temps*, drcam nesses termos a noticia e declararam que « o exercito de Paris tomara parte na cerimonia ».

Na tarde de 8, porém, o governador militar expediu contra-ordem á maior parte dos regimentos que deviam comparecer, e ficou assentado que se seguiria em tudo o cerimonial observado em 1878 por occasião das exequias do ex-rei de Hannover, Jorge V.

O *Temps*, *O National* e outros jornaes declararam no dia 9 que as honras prestadas a D. Pedro II foram as que, segundo os estylos, são prestadas, « não a um soberano morto no throno, mas aos membros das familias soberanas estrangeiras, aos grandes dignitarios da Legião de Honra e aos membros do Instituto ».

A primeira parte da declaração é exacta; a segunda, não. No funeral dos grã-cruzes da Legião de Honra e dos membros do Instituto, as honras militares são prestadas por uma divisão das tres armas, *mas somente deante da casa mortuaria*. As tropas dispersam-se em seguida e não acompanham o enterro.

Hontem mesmo houve um exemplo no funeral do celebre sr. Alphand, grã-cruz da Legião e membro do Instituto. Quasi todos os jornaes da vespera publicaram esta declaração: « Par derogation aux usages, le ministre de la guerre a decidè que les troupes iront jusqu'au cimetière ». Mas, apesar da annunciada modificação do cerimonial, apenas um esquadrão de cavallaria e um destacamento do corpo de bombeiros acompanharam o carro funebre até a igreja e ao cemiterio. Nisso consistiu toda a excepção feita em homenagem ao sr. Alphand, que tanto contribuiu para o alformoseamento de Paris.

Se D. Pedro II tivesse morrido no throno, ao seu funeral concorreriam *personalmente* o presidente da Republica e todos os ministros, as grandes corporações do Estado (senado, camara dos deputados, tribunacs, conselho de Estado, etc.), o conselho municipal de Paris, todo o corpo do exercito de Paris e de Versailles, e estariam accesos os lampões de gaz deante das repartições publicas e nas ruas e praças por onde passasse o prestito.

No procedimento que agora teve o governo francez, não houve, seguramente, a menor offensa á Republica Brasileira, e supponho que de republicanismo e de cortezia internacional a França entende alguma cousa. O governo e o povo francez honraram em D. Pedro II um principe por muitos titulos illustre, nosso amigo, e que durante meio seculo foi o principe e mais alto representante da nação brasileira. Foram-lhe tributadas as mesmas honras imperiaes ou reaes que prestámos a outro venerando exilado, Jorge V, do Hannover, sem que a poderosa Alemanha se offendesse com essas manifestações de respeito ao rei que ella desthronára.

Ao funeral de Jorge V, no dia 18 de junho de 1878 (sete annos depois dos nossos revezes), compareceram os representantes do presidente da Republica e do ministerio, o corpo diplomatico e uma divisão commandada pelo general barão Aymard, composta de um batalhão de cada um dos regimentos de infantaria ns. 101, 102 e 103, de uma companhia de infantaria da guarda republicana, um esquadrão de cavallaria da mesma guarda, um do 13.º de dragões e uma bateria do 12.º regimento de artilharia. (*Temps* de 19 de junho de 1878, n. 6, 269).

Objectarão talvez que no carro funebre havia a corôa imperial e a antiga bandeira brasileira. A isto responderci que, se morrer aqui amanhã um principe

da antiga familia real franceza, terá no seu carro uma corôa real, sem: que a França fique sendo menos republica do que é. A bandeira e as armas que estiveram na egreja e no coche funebre foram repudiadas pelo novo regimen no Brasil, e, portanto, são hoje simples emblemas do passado: de caracter puramente historico, são distinctivos da familia de D. Pedro. Nos nossos monumentos publicos, do tempo dos antigos reis e do imperio, todo o mundo pôde ver ainda hoje as armas e as corôas reaes e imperiaes. Tambem no enterro do ex-rei Jorge V houve corôas reaes, escudo de armas e a antiga bandeira do extinto reino.

E, para terminar estas explicações, lembrarei que a nossa terceira republica não é republica de jacobinos. Tivemos uma primeira, em que o jacobinismo deu leis, e essa acabou na dictadura militar do Napoleão I. Tivemos uma segunda, republica de ideologos, de philosophos e poetas. Dello resultou a longa dictadura de Napoleão III. A republica que agora temos é muito differente das duas primeiras: é a republica de Thiers e de Gambetta. Esta é a que tem durado e ha de ficar para sempre. Conhecemos nós, republicanos, perfeitamente, a distancia que, no respeito publico e na opinião da gente sensata, deve separar os reis constitucionaes, como Pedro II e Leopoldo da Belgica, dos dictadores tyrannetes da ordem dos Rosas e dos Lopez.

— Os convites para as exequias de D. Pedro II tinham no alto as armas imperiaes e eram deste teor:

« Le mercredi, 9 décembre 1891, seront célébrés, à midi très-précis, en l'Eglise Sainte-Madeleine, les obsèques solennelles de Sa Majesté l'Empereur du Brésil, Dom Pedro II.

« Vous êtes prié d'y assister. — *Le conte d'Aljezur*, chambellan de la Cour Impériale.

« Cette carte servira d'entrée ».

Seguia-se a indicação da entrada. Havia cartas verdes, brancas, amarellas e côr de rosa, segundo a entrada e collocação dos convidados. Todas as questões de etiqueta ficaram reguladas entre o barão de Muritiba e o conde d'Ormesson, que se encarregou de expedir uns quatrocentos desses cartões, distribuindo-os pelo corpo diplomatico e por personagens do mundo official francez.

E' bom recordar aqui os termos dos convites feitos por occasião do funeral do ex-rei de Hannover. Estavam redigidos assim:

« Obsèques de S. M. George V, par la Grace de Dieu, Roi de Hannover, prince royal de la Grande Bretagne et d'Irlande, duc de Cumberland, duc de Brunswick et de Lunenburg, etc., né à Berlin le 27 mai 1891, décédé à Paris le 12 juin 1879.

Eglise de la Redemption, rue Chauchat, mardi, 18 juin 1878. Départ de la maison mortuaire, 7, rue Presbourg, à midi très-précis ».

— O dia 9 (quarta-feira) amanheceu encoberto e chuvoso; mas, apesar do mau tempo, desde as 8 horas immenso povo occupava as immedições da egreja da Magdalena, esperando o começo da cerimonia. As janellas dos cafés e restaurantes alugavam-se por preços fabulosos.

O chefe de policia municipal, M. Gaillot, dirigiu o serviço de ordem na rua, á frente de algumas centenas de guardas da paz.

Todos os leitores do *Jornal do Brasil*, mesmo os que não visitaram Paris, conhecem, por certo, a egreja da Magdalena, uma das mais grandiosas da nossa capital. A gravura e a photographia popularisaram bastante esse bello monumento. Exteriormente, é elle um verdadeiro templo grego, periptero. A colum-

nata, corinthia, é dupla na frontaria principal e tem quinze metros de altura, assentando sobre um baseamento de sete metros acima do nivel da praça. Nesse peristyllo, a que se chega por vinte e oito degraus, estão o grande portal de bronze, modelado por Triqueti, e o celebre frontão, cujo tympano, esculpido por Lemaitre, representa o Juizo Final. Do alto da escadaria vê-se, atravez da rua Royale, que lhe é perpendicular, o obelisco da praça da Concordia, e, em maior distancia, o portico da camara dos deputados, do outro lado do Sena. Interiormente, a egreja tem a fórma basilical e, portanto, uma só nave. As paredes lateraes são divididas por columnas e arcadas, em tres vãos (*traves*), simplesmente decorativas; depois, abre-se em hemicyclo o santuario. Os tectos são formados por tres cupulas e uma meia-cupula com claraboias, unica aberturas por onde penetra a luz. No interior, a altura até ás cupulas é de mais de trinta metros.

Para as exequias, o grande portal foi ornado com dous immensos reposteiros de luto, bordados de prata e apanhados por embraces. No centro da sanefa estavam as letras P. II., e no alto, o escudo das armas imperiaes.

O effeito da decoração interior do templo era verdadeiramente imponente. As paredes e as columnas estavam revestidas de pannos pretos, com ornamentos prateados, de desenho grego, como os da camara ardente já descripta. Numerosos escudos imperiaes, coloridos, ornavam os pannos da nave. No hemicyclo do santuario destacava-se, sobre fundo negro, o bello grupo de Marochetti, no altar-mór, em marmore branco. No centro da nave, cercado de numerosos e magníficos tocheiros e lampadarios, cujas luzes se misturavam com as chammas verdes de uns doze fogareos, erguia-se o catafalco, de nove metros de altura, e sobre este o cenotaphio, sustentado por quatro cariátides de prata, e apresentando em remate uma almofada com a corôa imperial. Todo o monumento teria obra de quinze metros de altura e era dominado por um docel, especie de zimbório suspenso, preso por comprido e forte trançado de prata á claraboia da cupula central.

Quatro immensos pannos de velludo preto, semeados de estrellas e orlados de arminho, cahiam desse docel, e, formando curva, iam prender como flamulas antigas, de quatro barras de prata, ligadas pelas extremidades, e por cordões, aos quatro saimeis das duas archivoltas lateraes. No cenotaphio, e do lado da entrada principal do templo, estava applicado, como uma colcha, contrastando com todo esse apparato de luto, um esplêndido estandarte, verde-amarello, de velludo, com franjas de ouro e o escudo imperial bordado a fio de seda, prata e ouro, enriquecido de pedras de côres. Esse estandarte figurou na ultima exposição universal e, segundo me disseram, foi trabalhado em Pernambuco.

Muitas corôas de flôres ornavam o monumento e outras muitas estavam dispostas em dous immensos carros especiaes, postados na praça da Magdalena.

Às 11 horas, o vigario, monsenhor Le Rebours, acompanhado de todo o numerozo clero que ia tomar parte nas exequias, transferiu o caixão da capella ardente, em que estava, no baseamento, para o catafalco. Só os parentes mais proximos e alguns amigos assistiram a este acto.

As tropas, que foram chegando pouco antes das 11 horas, traziam laços de croce nas bandeiras e tinham os tambores forrados de luto. Eram 6.500 homens, formando uma divisão, sob o commando do general Pallone de Saint-Mars, que tinha ás suas ordens os generaes de brigada Madelon e de Saint-Julien. Com-

punham-na oito batalhões de infantaria de linha, tirados dos regimentos 31, 36, 39, 76, 115, 117, 124 e 130, com os seus coronéis, bandeiras regimentaes, bandas de musica, de cornetas e baterias de tambores; quatro esquadrões (cento e trinta homens cada um) dos regimentos de couraceiros ns. 3 e 6, com os seus estandartes e uma banda de musica e de clarins; um esquadrão da guarda republicana e duas baterias dos regimentos de artilharia a cavallo, n.ºs. 22 e 31, precedidos de uma banda de musica.

As bandeiras militares francezas trazem, desde 1889, cantonados em letras de ouro, os nomes dos quatro principaes feitos d'armas em que o regimento se illustrou. O redactor-chefe da *Revue du Cercle Militaire*, nosso collaborador no *Jornal do Brasil*, teve a bondade de dar-me os nomes inscriptos nas bandeiras dos regimentos de infantaria que estiveram representados no funeral de D. Pedro II. Transcrevo a relação:

* 31º de infantaria — Valmy, 1792. — Biberach, 1798. — Saint-Domingue, 1802. — Colla, 1843.

* 36º dito — Jemmapes, 1792. — Zurich, 1794. — Austerlitz, 1805. — Iena, 1806.

* 39º dito — Areole, 1796. — Ulm, 1805. — Friedland, 1807. — Sebastopol, 1854.

* 76º dito — Ulm, 1805. — Iena, 1806. — Friedland, 1807. — Solferino, 1859.

* 115º dito — Saragosse, 1809. — Lérida, 1810. — Tarragone, 1811. — Toulouse, 1813.

* 117º dito — Tudela, 1808. — Saragosse, 1809. — Lérida, 1809. — Saragosse, 1811.

* 124º dito — Berezina, 1812. — Lutzen, 1813. — Dautin, 1813.

* 130º dito — Loano, 1795. — Burgos, 1812. — Montmirail, 1814. — Arcis-sur-Aube, 1814.

As tropas arrumaram-se nos quatro lados da praça da Magdalena, em volta da igreja, e tambem nas extremidades dos boulevards da Magdalena e Malesherbes; a infantaria, em columnas de companhias, os

couraceiros em pelotões nos angulos da igreja e a artilharia do lado da rua Tronchet.

Do alto da escadaria o espectáculo era verdadeiramente grandioso. Uma multidão immensa e compacta, contida por fileiras de policiaes e soldados, extendia-se pela praça, pelo começo dos dous boulevards, pelos dous lados da rua Royale e praça da Concordia, até aonde a vista podia alcançar. Todas as janellas e mansardas (as casas em Paris têm, de ordinario, sete andares) estavam apinhadas, e em muitas viam-se bandeiras francezas e brasileiras enlaçadas de crepe.

A's 11 1/2 horas chegou o coche funebre e collocou-se dentro do adro. Essa carruagem, destinada ao enterro dos grandes dignitarios do Estado, só tinha servido tres vezes: nos funeraes do cardeal Morlot, do duque de Morny e de Thiers. E' um rico baldaguino, sustentado por quatro anjos de prata, guarnecido de pennachos nos angulos e encimado por um zimbório polygonal, que remata em quatro pequenos genios de prata cercando um canopo. Na parte superior deste foi collocada sobre uma almofada de velludo a corôa imperial, e, dos lados, escudos de armas. O coche era puxado por oito cavallos, inteiramente revestidos de caparações estrellados, com pennachos nas cabeçadas e guiados por oito moços de ostriaria. Tanto este coche, como as outras carruagens de luto, em numero de vinte, atrelladas de quatro ou de dous cavallos, tinham nas mantas das almofadas dos cocheiros o escudo das armas imperiaes.

Ao meio-dia em ponto, a Princeza D. Izabel, o Conde d'Eu e seus filhos chegaram, acompanhados de alguns camaristas e damas da antiga côrte imperial.

A nave, o côro e as tribunas regorgitavam de gente, tendo sido, entretanto, impossivel enviar convites a todas as pessoas que se inscreveram no hotel, porque o não permittia a lotação da igreja, aliás uma das maiores de Paris.

FERDINAND HEX

(Continúa)



Quadro de Pedro Peres

A ELEVAÇÃO DA CRUZ EM PORTO SEGURO



Supplemento do "Album Imperial"

ANNO I

CHRONICAS E NOTICIAS

NUMERO 9

Album Imperial



O **Album Imperial** publica-se regularmente nos dias 5 e 20 de cada mez, trazendo no minimo **dezesseis paginas** de texto.

01.º numero do "ALBUM" NOVA EDIÇÃO

Está exgotada a edição do 1.º numero do **Album Imperial**.

Para attendermos a pedidos que nos chegam de toda parte, de cavalheiros que desejam colleccionar a nossa revista, bem assim de novos assignantes, resolvemos mandar imprimir segunda edição do 1.º numero do **Album Imperial**, a qual acaba de ser concluida nas acreditadas officinas dos srs. Hennes Irmãos.

Resolvemos, nessa 2.ª edição, imprimir em supplemento a materia editorial que, na 1.ª, sahiu nas paginas interiores da capa: e fizemol-o, para facilitar a encadernação, no fim do anno, da collecção do **Album Imperial**.

Os srs. assignantes que estiverem quites com esta Empreza e que desejarem colleccionar a revista têm direito, **gratuitamente**, a um exemplar dessa 2.ª edição do 1.º numero do **Album Imperial**: — basta que o reclamem no escriptorio da redacção, — Avenida Angelica, 3.

A remessa do **Album Imperial** tem sido feita regularmente nos dias 4 e 19 de cada mez, affim de que os srs. assignantes da capital recebam a revista no dia seguinte, pela manhã.

Sabemos, porém, que em alguns districtos tem sido feita irregularmente a entrega da revista. Aos srs. assignantes da capital que não receberam o **Album Imperial** nos dias 5 e 20 de cada mez pedimos que nos apresentem sua reclamação, para, por nosso turno, apresentarmol-a ao digno administrador dos Correios, na certeza de que o zeloso funcionario providenciará no sentido de sanar qualquer irregularidade na distribuição do **Album Imperial**.

RABISCOS

O feriado instituido pela Republica em commemoração da morte de Tiradentes passou, como em outros annos, despercebido em S. Paulo.

No Jardim da Infancia e em algumas escolas publicas, é certo que se realisaram sessões literarias em homenagem á memoria do inconfidente mineiro, mas essas sessões são geralmente tão mal organisadas e os oradores tão infelizes nas chapas de rhetorica que reeditam sobre o caso, que não merecem as levemos a scio. Cumpre notar que as sessões nas escolas foram celebradas na vespera de 21 de abril, e isto foi uma excellenté idéa em proveito dos alumnos, que, assim, abiscotaram um sueto que escapou ao legislador do calendario.

Para essas festas não faltam nunca oradores; é só a gente pedir por bôcca, para tel-os á mão; e quando o assumpto sobre que vão discorrer é o Tiradentes, ouvir a um é ouvir a todos: — as mesmas sedicças imagens, as mesmas flores bolorentas sobre Liberdade e, não raro, a mesma lamentavel ignorancia do facto historico.

Se não me engano, um jornalista do Jahú, ha poucos annos, glorificando em longo artigo a memoria de Silva Xavier, terminou por pedir que a maldicção dos céus cahisse sobre D. Pedro I, «auctor do martyrio de Tiradentes...»

Como esse Rochefort do nosso sertão, quantos por ahi não saberão da

Inconfidencia Mineira apenas que um homem, chamado não sei o que Xavier, por alcunha o Tiradentes, foi enforcado no Rio, por haver «sonhado com a liberdade da patria...» como disse, ainda neste ultimo 21 de abril, um sujeito muito meu conhecido!

* * *

Outro feriado, — e nenhum mais justificado do que esse: — o anniversario do descobrimento do Brasil.

Quem leu ou ouviu em menino lições de historia patria, aprendeu que o Brasil foi descoberto por Pedro Alvares Cabral, a 22 de abril de 1500; a Republica, porém, mudou aquella data para 3 de maio, naturalmente para não dar dous feriados juntos. — 21 e 22 de abril.

E como essa mudança tem força de lei, no dia 3 houve nas escolas novos discursos, dessa vez com menos rhetorica e menos ignorancia.

E a proposito: — sei de um professor, republicano até á raiz dos cabelos, que todos os annos arruma nos discipulos um discurso sobre o descobrimento, principiando assim:

«A Republica dos Estados-Unidos do Brasil foi descoberta por Pedro Alvares Cabral...»

Este professor é mais ou menos da força do legislador que mudou o 22 de abril para 3 de maio...

FABRICIO PIERROT



Foi nomeado vigario de Pirassununga o digno sacerdote rvm. padre Moysés Nôra, que exercia eguaes funções em Porto Ferreira, onde contava mercedadamente muitas sympathias.

Dando parabens a Pirassununga, sentimos ao mesmo tempo, com a população de Porto Ferreira, a retirada do seu zeloso parochó.

* * *

O nosso distincto collaborador dr. Alfredo de Toledo foi eleito redactor da *Revista* do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, na vaga do dr. Theodoro Sampaio.

* * *

Na sala do throno do Palacio Episcopal, foi inaugurado, no dia 21 do mez proximo findo, um esplendido retrato a oleo de D. Antonio Candido de Alvarenga, que figurará na galeria dos Bispos desta diocese.

O trabalho é do pintor De Servi.

* * *

Tiradentes

Nas passadas éras, quando eram suaves os costumes brasileiros, quando a nossa proverbial indole pacifica e sentimental resolvia com flores e lagrimas de emoção os mais importantes problemas sociaes, a memoria do Tiradentes era lembrada com affecto e com saudade pelo povo; os moços faziam poesias e recitavam discursos commoventes em torno desse nome, que era uma lenda de amor, de abnegação e de martyrio. Com o estabelecimento da Republica mudaram tambem a indole, os doces costumes populares; hoje não se fala mais de flores nas orações patrioticas, mas de punhaes; não se regam mais com lagrimas de sentimentalismo as datas nacionaes, mas com o rubro sangue dos vencidos; não se entoam mais lóas á paz, á concórdia da familia brasileira, mas estimulam-se as gerações novas a jurar no cemiterio de Maruhy e no tumulto dos patriotas o odio civil, a vingança fraternal. Estamos copiando paginas execraveis da época do terror da Revolução franceza. Havia em Paris, na rua Saint Honoré, um innocente convento, que tinha o nome de convento dos Jacobinos; o club dos deputados da Bretanha mudou para lá a sua séde, e o caracter demagogico, intolerante e sanguinario que revestiram mais tarde as suas deliberações, fez que esse vocabulo innocuo passasse á posteridade com todo o odioso que hoje o cobre, desaparecendo da memoria de todos a sua primitiva significação. Vai succeder o mesmo com o Tiradentes; estão fazendo do seu nome a bandeira dos odios, o emblema dos clubs secretos, a senha das perturbações da ordem publica, o signal de ferozes ameaças de terror; esse nome, que evocava na alma brasileira as mais ternas emoções, faz hoje na consciencia publica o effeito que na imaginação das crianças produzem o terrivel Anhanguera e o hirsuto Capôra.

Com o correr dos tempos, a legenda primitiva desaparecerá, para ser substituida pela significação actual, e então o nome querido da mocidade irá juntar-se na historia aos dos vul-

tos terríveis, sanguinarios e corrompidos que têm dividido, ensanguentado e arruinado a patria.

Tem sido infeliz esta Republica. Ella encontrou o Brasil respeitado e engrandecido no exterior, e o tem reduzido á triste situação do Egypto e da Turquia; recebeu o paiz unido pelos mais fortes laços politicos, patrioticos e fraternaes, e tem occasionado, com a sua intolerancia e com a sua mal comprehendida federação e odio entre os cidadãos, a rivalidade e quasi a inimizade entre os Estados; achou o thesouro publico regorgitando de ouro, o credito nacional exuberante em todos os mercados e a abundancia e a riqueza coroando o trabalho individual; e converteu a riqueza publica em quasi banca-rotta, fez desaparecer completamente o credito nacional e levou a penuria e a miseria ao seio das familias. Não contente em ter tudo esbanjado e destruido, levanta ainda mãos sacrilegas contra o patrimonio sagrado das tradições da patria.

Infeliz Republica, o seu destino é este mesmo. Ella que nasceu da ingratidão e da deslealdade, da traição e da perfidia, não pôde ter outra sorte: ha de ser isto mesmo até ao fim.

S. Paulo, 1896

EDUARDO PRADO



Campanha do Paraguay

No proximo numero daremos um artigo do nosso distincto collaborador tenente Leite Sobrinho sobre a batalha de Tuyuty, com o seguinte sumario:

Avançada de 20 de maio de 1866—Acampamento em Tuyuty—Batalha de 24 de maio—Heroismo dos Voluntarios Paulistas, dos batalhões 7.º e 12.º.

Foi nomeado vigario da parochia da Consolação, na vaga do rmo. conego Eugenio Dias Leite, o illustrado e virtuoso parcho de Espirito Santo do Pinal, padre dr. Virgilio Morato Gentil de Andrade.

O novo vigario da Consolação, que fez o curso no Seminario de S. Sulpicio, de Paris, é, por seu saber e virtudes, um ornamento do clero paulista.

A Camara da villa de Leme approvou unanimemente uma indicação do vereador sr. Pedro da Silveira Prado, para que aquella Municipalidade se dirija ao sr. presidente do Estado e solicite os seus bons officios perante o sr. presidente da Republica, afim de que sejam trasladados para o Brasil os despojos mortaes de D. Pedro II e da sua augusta esposa D. Thereza Christina.

* CHRONICA *

O Congresso do Estado de S. Paulo, convocado em sessão extraordinaria pelo sr. Jorge Tibiriçá, acaba de installar com as solemnidades do estylo as suas sessões, no decurso das quaes vai discutir, analysar e resolver um dos mais graves e difficultosos problemas de que depende o futuro economico do Estado: — a valorisação do café.

E, antes que os nossos lycurguinhos delibere(m) sobre o momento assumpto, é justa a curiosidade que o respeitavel publico alimenta relativamente ás sabias leis que vão ser votadas e ás acertadas providencias que o poder legislativo vai decretar.

Que idéa farão os nobres deputados dessa debatida e intrincada questão da valorisação do café? Qual será a opinião dos eleitos da Comissão Central a respeito do convenio de Taubaté? Que pensarão elles, intimamente, ácerca da fixação do cambio e da quebra do padrão monetario?

Se estivessemos nos bons tempos em que as eleições eram eleições de verdade, em que os partidos tinham programmas e por elles se batiam, em que os candidatos expunham aos respectivos eleitores o seu modo de pensar a respeito das questões que se agitavam na occasião, poderiamos estar certos de que os que fossem eleitos haviam de trazer para os debates legislativos as idéas e desejos das respectivas circumscrições eleitoraes, fossem ou não fossem taes idéas as mais acertadas ou as mais opportunas.

Hoje, porém, tendo desaparecido por completo os pleitos eleitoraes, não havendo partidos com programmas definidos e conhecidos, não passando as eleições de meras e indocoras designações feitas pelo grupo que domina, ninguém poderá conjecturar quaes sejam as idéas que vão ser expendidas nas reuniões do Congresso e das quaes surgirão as leis que nos devem reger.

Com effeito, é publico e notorio, que a Comissão Central, unico e verdadeiro poder que domina o Estado, ha muito tempo deixou de consultar os directorios locais sobre a indicação de candidatos aos cargos de eleição popular, abandonando assim as antigas e salutareas praticas do tempo da propaganda republicana; e os directorios locais, na aviltante ancia de se conservarem agarrados ao poder, curvaram-se submissamente e tragem em silencio tamanha desconsideração.

Assim, a Comissão Central, livre de peias incommodas e de indiscretas insinuações partidarias, adquiriu o habito de designar aos suffragios de seus correligionarios nomes absolutamente extranhos ao corpo eleitoral, nomes de verdadeiros illustres desconhecidos, um dos quaes, por uma curiosa ironia da sorte, conseguiu derrotar o sr. Fernando Prestes, na ultima eleição de deputados federaes.

Nos ultimos e calamitosos tempos que atravessamos, as eleições para deputados e senadores não passam de ficções convencionaes, nas quaes não toma parte senão como espectador indifferente o unico interessado no assumpto: — o povo.

As eleições, na verdade, são feitas na sala da rua Quinze de Novembro em que funciona a Comissão Central, e os quatro ou cinco membros chronicos dessa corporação são de

facto os grandes cleitores do poder legislativo do Estado.

Dahi, o que succede ordinariamente é que, com raras excepções, os cargos de deputados e senadores são doados a amigos e afilhados, muitos dos quaes não conhecem sequer o interior do Estado, nem as aspirações e tendencias do eleitorado, e nunca prestaram outros serviços senão o engrossamento na rua Quinze aos magnatas da situação.

Os directorios locais, compostos na maior parte de homens sem crenças politicas e cujo unico intuito consiste em se conservarem eternamente no poder, votam sem hesitações nos nomes desconhecidos que lhes são designados, e, assim, os eleitos em luctas eleitoraes puramente imaginarias vêm desempenhar no Congresso um mandato que de facto lhes é conferido pela Comissão Central.

Que idéas virão defender esses representantes? Que noções terão elles a respeito das necessidades da lavoura e dos problemas que se apresentam em torno do projecto da valorisação do café?

Póde-se afirmar, *a priori*, que, no fundo, a grande maioria dos representantes do povo não tem idéa alguma a respeito do importante assumpto, e que, no exame e discussão do convenio de Taubaté, limitar-se-ão a approuvar e sancionar tudo quanto for lembrado pelo governo.

Felizmente para a lavoura, um dos mais esforçados paladinos da valorisação do café é o sr. Tibiriçá, e, como o sr. Tibiriçá é governo, o seu projecto será approvedo *in totum*, tal qual foi concebido e redigido.

De resto, a opinião média dos representantes do povo no Congresso actual não pôde resumir-se nesta profunda resposta de um illustre deputado, interpellado sobre o assumpto:

— Para mim a cousa é clara... Você não leu nos jornaes um telegramma no qual se dizia que o Rotschild offerreceu ao governo os capitães necessarios para a valorisação do café? O Rotschild é macaco velho; elle que offerrece o cobre é porque acha bom o negocio... Eu, por consequencia, sou pela valorisação do café, haja o que houver!

PANTALEÃO BERNUDES

Na fazenda S. Martinho, deste Estado, realisou-se a 15 do mez proximo findo, com grande brilho, a festa inaugural do *Club Eduardo Prado*.

POETAS PORTUGUEZES

O MONSTRO E AS ESTRELLAS

Um monstro onsur erguer para as estrellas os seus olhos vermelhos de chorar, e, de rastos, trepou, p'ra poder vê-las, a uma rocha suspensa sobre o mar.

E olhou, olhou... E nas pupillas dellas longo tempo embebeu o triste olhar. Depois quedou-se o monstro a meditar e sonhou que o subia p'ras estrellas...

Mas quanto mais no espaço se elevava, quanto mais perto se julgava dellas, mais e mais das estrellas se afastava...

Lançou-se então ao mar, julgando vel-as... E á medida que o monstro se afogava a sua alma subia p'ras estrellas...

EDUARDO PACHECO

A proposito de um acrostico

Pel'O *Estado de Minas*, folha de Bello Horizonte, os srs. Affonso de Guimarães, C. Brito e Horacio Guimarães desfizeram energicamente a auctoria de um acrostico satyrico publicado no *Anuario* do sr. Nelson de Senna e attribuido ao glorioso Bernardo Guimarães contra o saudoso professor Affonso de Brito.

Do artigo do sr. Horacio Guimarães, escriptor que ha tempos militou com brilho na imprensa desta capital, subscrevendo n'O *Commercio de São Paulo* primoras chronicas com o pseudonymo de *Mambriño*, destacamos estes trechos:

« Affonso de Brito, amigo que sempre foi de meu paiz, não poderia (a não ser que, em vez da alma crystallina que meu pae tinha, lhe habitasse o corpo o espirito de um monstro) ser tão infamemente satyrisado por um homem com quem sempre conviveu na mais grata amizade.

Demais, a illustração de Affonso de Brito, como pedagogo e professor de humanidades tão conhecido de todos, é a prova mais exuberante da apocryphidade da tal satyra, que bem poderia ter sido escripta por qualquer Pelayo mais ou menos serrano, mas nunca por um poeta a quem Deus fadara para os grandes surtos.

O sr. dr. Nelson de Senna, estampando no seu *Anuario* o tal acrostico satyrico, desrespeitou deshumanamente duas memorias illustres; acção de tamanha perversidade é esta que não merece commentarios.

Muito ao envez de lembrar-se das iniciaes de meu paiz, digno sem duvida de mais acatamento e respeito, bem poderia s. s. ter-se lembrado das iniciaes de um de seus amigos: B. E. (Bento Ernesto), F. Y. (Fide Yor.), etc., etc.

Venho á imprensa tão sómente para afirmar que entre meu paiz e o professor Affonso de Brito sempre existiu a maior cordialidade: nunca lhe passaria pela idéa menoscabar um amigo a quem a estima.

De resto, a linguagem da satyra, a sua metrificação e falta de cunho artistico patenteiam uma musa soez: que os entendidos digam se meu pae descreria a tanto.

O nosso archivo

O dr. André Werneck, nosso illustrado collaborador e advogado na villa de Santa Thereza, Estado do Rio, offerceu-nos um exemplar do discurso que pronunciou, na assembléa legislativa fluminense, a 8 de outubro de 1900, sobre *A autonomia municipal*, e um folheto contendo os seus discursos na mesma Camara sobre *O imposto territorial* e *Os novos impostos de exportação*.

Recebemos os volumes *Phrases e palavras*, de Alfredo de Carvalho, da Academia Pernambucana, *Oasis*, versos de Honorio Jovino, e *Sylphos*, versos de Raymundo Porto.

Occupar-nos-emos destes tres livros em noticia especial.

NO PROXIMO NUMERO

Marquez de Mont' Alegre

Barão de Rezende

POETAS BRASILEIROS



A MÃE

Tinha uma graça infinda... uma estranheza
Na côr do rosto fina e desmaiada;
Um toque d'oiro na immortal belleza...
E a noite—enfim—dos olhos estrelada!
Uma gorda criança pendurada
A mama chupa em langue morbideza,
E entre a opala e o rubor de aurora accessa
Sác-lhe o bico da bocca entrecortada.
Uma das mãos já tumida e vermelha
Suspende e abraça o filho; a outra sinelha
Na brancura, que um leve azul tempera,
Obra d'arte, que um chim pintasse em louça,
Emquanto dentro em cada olhar da moça—
Canta, ri, nada em luz uma Chimera.

LUIZ DELFINO



ILLUSÕES

Vélas fugindo pelo mar em fóra...
Vélas... pontos—depois... depois, vasia,
A curva azul do mar, onde, sonora,
Canta do vento a triste psalmodia...
Partem, pandas e brancas... Vem a aurora
E vem a noite após, muda e sombria...
E, se em porto distante a frota ancôra,
E' p'ra partir de novo em outro dia...
Assim as illusões. Chegam, garbosas,
Palpitam sonhos, desbrocham rosas
Na esteira azul das peregrinas frotas...
Chegam... Ancoram na alma um só momento...
Logo, as vélas abrindo, amplas, ao vento,
Fogem pr'a longes solidões remotas...

MEDEIROS E ALBUQUERQUE



O LEITO

(José Maria de Heredia)

Que seja de brocado ou sarja a sua umbella,
Triste como uma tumba; ou ninho prazenteiro,
E' nelle que o homem nasce e descança o arno inteiro,
Criança, esposo, ancião, avó, mãe ou donzella.

Funéreo ou nupcial, quando o hyssope o pincéla
Sob o ramo bendito ou o negro cruzeiro,
Tudo nelle começa e tem seu paradeiro,
Do primeiro arrebol á luz da ultima vela.

Pobre, tosco, cerrado, ou, do laquear, vaidoso,
Triumphalmente dourado ou de rubro glorioso,
Que seja de harto roble,—cypreste ou acer brando;

Ditosos quantos dormem e em tempo algum temeram
No leito paternal, macisso e venerando,
Onde todos os seus nasceram e morreram.

MANUEL VIOTTI



A ESTATUA

Aquella estatua esplendida e formosa,
Magistral, imponente e deslumbrante,
De uma heroína antiga e triumphante
Tem a fórma divina e graciosa!

Mas essa estatua bella e fascinante,
Que arrebatada e se ostenta magestosa,
Foi talhada na phase venturosa
Em que o artista, a sorrir, se fez amante.

Por isso é que essa estatua enregelada,
Que não tem alma e que não tem calor,
Sendo incapaz de amar ou ser amada,

Nos parece sentir com louco ardor
Pois cuida vê-la e ouvil-a, apaixonada,
Arfante o seio, suspirar de amor!

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS

Manual do monarchista

A constituição monarchica

X (8)

A MONARCHIA POPULAR

A Monarchia jamais esquecerá que seu primeiro dever é proteger o fraco contra todas as oppressões.

DUQUE DE ORLEANS

Que significa a expressão "Monarchia popular"?

— Quer dizer que a Monarchia é a protectora natural dos interesses do povo, e por isso se deve entender todos os cidadãos, todos os filhos da mesma patria, seja qual for a sua condição social.

A Monarchia deve ser popular?

— Nem pôde absolutamente deixar de ser.

Mas será necessario que o povo se limite simplesmente ás affirmativas dos monarchistas?

— Não; é evidente que os partidos não se declaram sempre que o unico cuidado do regimen de sua escolha é pugnar pelos interesses populares.

Então, que é que garante ao povo que a Monarchia é popular?

— A propria constituição monarchica, isto é, o conjunto das instituições que lhe são inseparáveis e sem as quaes a Monarchia deixaria de existir. Essas instituições, que se chamam municipios livres, provincias quasi autonomas, magistratura independente, imprensa livre, etc., são os guardas da independencia dos cidadãos. A Monarchia suicidar-se-ia, se os destruísse. O seu mais instantâneo interesse leva-a a mantel-os e protegê-los. Os interesses populares são, assim, sempre protegidos.

XI

O MAU IMPERADOR

Cidadãos: tem se dito que os nossos reis foram monstros; e certo que, entre elles, houve homens fracos, pouco intelligentes, alguns mediocres, outros libertinos e dous ou tres, perversos. Verdaderamente notaveis, houve poucos; a maior parte foram homens de intelligencia mediana, mas conscienciosos. Vede a sua obra: é a França.

FREDERICO AMOURETTI

E' fora de duvida que os interesses populares são protegidos sob um bom imperador; mas se o caso da hereditariedade collocar no throno um homem mau, não correção perigo aquelles interesses?

— Não; em uma Monarchia normalmente constituida, um Imperador pessoalmente mau não tornará porisso a Monarchia má.

Como assim?

— Por muitas razoes: um mau imperador será obrigado a procurar, seja onde for, meios de realizar seus desejos. Ora, esses meios elle não os encontra senão procurando os interesses populares, pois que o destino do homem-imperador (não sendo possível separar o homem do monarcha) está ligado á prosperidade nacional. Qualquer negligencia de sua parte acarretaria, infallivelmente, uma diminuição de seus proprios recursos.

E nisto consiste o merito engenheiro da organisação monarchica. Mesmo os maus imperadores não são incapazes, de todo, de promover o bem publico, e podem fazê-lo por meios indirectos. Para isso, não seguem o mesmo caminho dos bons imperadores:

praticando suas virtudes, estes fazem a felicidade do povo, e aquelles a conseguem tambem, instigados pelos seus proprios vicios. Mas a politica não indaga da natureza dos motivos determinantes e só se preoccupa com os resultados.

Em apoio do que acabamos de dizer, basta citar o exemplo de Luiz XI, que alguns historiadores consideram como mau rei e que, entretanto, fez pela França e pelo povo mais talvez do que S. Luiz e Henrique IV.

(Continúa)

PAROCHIA DO BRAZ

No dia 22 do mez proximo findo, tomou posse do cargo de vigario do Braz o revmo. padre dr. José Antonio Gonçalves de Rezende.

Por essa occasião, foi distribuida aos fieis a seguinte lembrança do exmo. monsenhor Homem de Mello, que deixou naquella dia o cargo de vigario da parochia:

«Despedida do vigario do Braz aos seus parochianos.—Depois de um parochiato de dezoito annos no meio de vós, devo deixá-vos. A vontade de Deus, que me collocou aqui, agora arranca-me para outro destino bem longe. Submisso a esta santa vontade, superando os doçes affectos que me prendem á minha familia, ao povo e á terra do meu nascimento, irei, mas sem esquecer-vos, familia, povo e torrão natal.

Como pae espirital de vossas almas, no momento da despedida, eu querria renovar todos os meus conselhos e exhortações e falar a cada um de vós, mas não é possível! Repetirei somente as palavras do Apostolo S. Paulo aos fieis de Corintho: Vigiaes, estae firmes na fé, portae-vos varonilmente e fortalecei-vos. Todas as vossas obras sejam feitas em caridade, sede perfeitos, tende paz, e o Deus da paz e do amor será convosco. O meu amor é por vós todos em Jesus Christo. A graça do Nosso Senhor Jesus Christo e a caridade de Deus e a communicação do Espirito Santo sejam com todos vós. Orac por mim. Adeus. S. Paulo, Matriz do Bom Jesus do Braz, 22 de abril de 1906.—Monsenhor José Marcondes Homem de Mello, bispo eleito de Belém do Pará.»



LE 13 MAI 1888

Rio Janeiro—Mai—1888

A' S. A. I. Régente

(AFFONSO CELSO)

Princesse! Dans ta main, dans ta main noble et fine,
Comme en ton âme ouverte aux rayons les plus chauds,
Réside la valeur des plus vaillants héros
Devant qui chaque jour l'Humanité s'incline...

O' main bénie, ó toi qu'une autre main, divine,
Vint guider pour défaire en un jour les complots
Des méchants, arrachant, d'un seul trait, en deux mots,
Toute une race esclave aux crocs de la rapine!

A' l'horizon tout noir des jours bien ténébreux,
Princesse, en ce moment s'annoncent à mes yeux...
Le sceptre est-il bien sûr dans ta main redemptrice?...

Mais tous les rachetés ensemble couvriront
D'un baiser éternel ta main libératrice,
Et la Postérité couronnera ton front!

S. Paul—Janvier—1906

HIPPOLYTE PUJOL

"Jesus-Christo"

Destacamos da secção «Jornacs e revistas» a noticia do apparecimento da *Jesus-Christo*, porque esta publicação merece, por muitos titulos, que lhe dediquemos um lugar especial nas nossas columnas.

Foi a 21 de abril do anno passado que um grupo de catholicos de Uberaba, a convite do dr. João Teixeira Alvares, resolveu fundar a revista *Jesus-Christo* — polyanthêa a Jesus Redemptor e a Maria Co-redemptora e glorificação á sua Sagrada Paixão e Morte, a qual será publicada uma vez por anno, na Sexta-feira da Paixão, ás 3 horas da tarde, hora em que se deu a morte do Salvador.

A sede da redacção é aquella importante cidade mineira e a revista conta a collaboração de todos os bispos, prelados, parochos e literatos do Brazil e do mundo civilizado, principalmente dos paizes da America latina.

A publicação é, pois, internacional e feita nas linguas portugueza e franceza. Fiel ao programma, appareceu este anno, no dia designado, o primeiro numero da *Jesus-Christo*, constituindo uma revista verdadeiramente notavel, não só pela brilhante collaboração, como tambem pelo lado artistico da factura material, pelas gravuras e pelo consideravel numero de paginas em grande formato.

Abre a revista a carta que o dr. João Teixeira Alvares dirigiu ao Santo Padre, communicando a fundação da polyanthêa, seguindo-se-lhe, em autographo, a carta com a benção de S. S. o Papa Pio X. Vêm depois um substancioso artigo do dr. João Teixeira, a acta da fundação da revista e a approvação dos exmos. bispos de Goyaz, de S. Paulo, de Pouso-Alegre, de Marianna e do Espirito-Santo e do arcebispo da Bahia.

Na collaboração nacional, figuram trabalhos dos srs. A. Batalha, padre Julio Maria, Fagundes Varolla, Brasílio Machado, Affonso Celso, padre Lopes Cançado, Antonio Borges Sampaio, Couto de Magalhães, D. Joaquim, bispo de Diamantina, padre Pedro Ribeiro da Silva, fr. Sebastião Thomas, padre Pedro Pezzuti, Manfred Leite, Duarte de Azevedo, mons.

Nery, Francisco Itagyba, Estevam Leão Bourroul e dr. João Teixeira, — notando-se, ainda, em autographos, a collaboração de S. A. Imperial D. Izabel Condessa d'Eu, do exmo. Visconde de Ouro-Preto e do exmo. D. Julio Tonti, nuncio apostolico, e a musica *Ego sum panis vivus* (texto liturgico), expressamente composta pelo revmo. padre Pedro Sinzig.

Nota-se tambem nesta parte o immortal soneto de Santa Theresza de Jesus.

Na collaboração estrangeira: — *La bonne souffrance*, bella pagina em que François Coppée narra a sua conversão, e versos de Louise Rostand, irmã de Edmond Rostand.

Segue-se o drama sacro em 3 actos *O cego e a leprosa* ou *Um quadro da vida de Jesus*, original do dr. João Teixeira Alvares, com retratos dos personagens, quando representado no theatro de Uberaba. Um soneto de Arlindo Costa, inspirado pela representação desse drama, fecha esta parte da revista. Na ultima parte, vem um album, com innumeradas e finas autotypias, representando templos e paizagens da Terra Santa.

A revista *Jesus-Christo* está ainda enriquecida com a reprodução, em nitidos clichés, de quadros celebres, como *Jesus Redemptor*, de Velasquez; *Descida da cruz*, de Rubens; *Enterro de Jesus*, de Ciscri; *Santo Antonio com o menino Jesus e Maria Co-redemptora*, de Murillo; e retratos de Pio X, D. Julio Tonti e D. Eduardo, bispo de Goyaz, merecendo tambem menção a autotypia do quadro *Jesus no horto*, pintado em Uberaba pelo professor Joaquim Gasparino.

O trabalho typographico e de impressão foi confiado á casa Rothschild & Comp., desta capital, e tanto basta para que elle nada deixe a desejar: — desde a capa, impressa a cores, com um bello desenho allegorico de Gasparino, até ás paginas do texto.

Com estas linhas, que dão uma idéa muito pallida da revista *Jesus-Christo*, agradecemos o exemplar offerecido a esta redacção e damos parabens ao dr. João Teixeira Alvares, nosso illustre collaborador, pelo brilhantismo com que organisou a revista — um verdadeiro mimo que todas as familias catholicas devem adquirir.

E tal tem sido o successo da publicação, que a edição está quasi exgotada.



Jornacs e revistas

Iniciou sua publicação em Araraquara, a 21 do mez proximo findo, o *Jornal de Noticias*, sob a direcção do sr. Irineu Correia.

E' folha noticiosa, completamente alheia á politica local.

— O n. 416 da *Rua do Ouvidor*, do Rio, vem muito interessante; traz na primeira pagina o retrato do cav. Ernesto Colli e nas outras, texto escolhido e variado.

— Visitou-nos a revista *Doze de Outubro*, desta capital, já no n. 6. E' seu director o sr. Gustavo P. de Andrade.

Abre o presente numero uma gravura, representando o quadro de Brema *A primeira carta de amor*. No texto, boa collaboração, em prosa e em verso.



PAGINAS ESCOLHIDAS



Canção nativa

Abre-me, ó céu de eternas primaveras do meu Brasil, a tua riquíssima umbella de azul e branco, quando não é de purpura e ouro, nos occasos flamejantes de nossos climas... Deixa que eu fite o estendal infinito de tuas nuvens enroladas como chlamydes, em dobras de matizes opulentos! O campo intermino desse firmamento do Cruzeiro não nos lembra as relvas doces do céu indú, com as esferas sonóras feitas de limpido crystal, que, girando, entornam, nos reservatórios de Uranus, a agua santa de Bhrama, para descedentar as vaccas mugidoras, de que falam os livros sagrados dos Devas?

Como devem ser cheios de encantos e alegrias os páramos mysteriosos desse Azul sem fim e sem limites do céu brasileiro!

Lá, por entre columnas de esmeraldas e violetas, dos nardos e rosmaninhos de uma outra flóra dos céus, com mais ricas e aromaticas flóres que as dos jardins da Terra do Brasil...

Que jardins maravilhosos por lá se devem admirar, rescendendo os perennes perfumes da branca azaar, das malvas e violetas, dos nardos e rosmaninhos de uma outra flóra dos céus, com mais ricas e aromaticas flóres que as dos jardins da Terra do Brasil...

Valles amenos de meu doce paiz do Brasil, como vos recordo, nesta pagina de uma bucolica sadia e amavel! Campinas esmaltadas de mil flóres, com alfombras macias e delicadas de musgos verdes e de trevos cheirosos: porque não vindes me afagar a vista nostalgica, nas paragens deste exilio, que é o Tedio na longinqua terra negra da Desventura?

Ah! eu bem vos sinto, ó odores nativos dos laranjaes e pitangueiras em flór, onde os insectos de ouro das colmeias vão, zumbindo como aquellas abelhinhas do Hymeto ou de Syrce, sugar o mel e os aromas para o fabrico dos favos adocicados...

Nem vós, ó celebrado loureiro de Apollo, ó parras traidoras de Dyonisus, ó murta cheirosa de Venus, podereis nunca competir com os cedros copados, com as jaboticabeiras pejudas de fructos divinos, ou mesmo com as olentas trepadciras e orchideas selvagens de minha terra do Brasil! Quanto vales mais, ó baunilha tumida e embriagadora das florestas virgens do Amazonas, do que os tomillos de Hybea, as açucenas de Granada, as flóres apreciadas de Nessari, as rescendentes violetas de Parma!...

E dizer que poucos te cantam as bellezas, ó meu Brasil amado, que tuas opulencias e gaias, para serem queridas e notadas, devem antes perder a origem, o sabor e o nome patrios, para terem o carimbo e rotulos de extranhas terras!...

Cantem outros engenhos fecundos as grandezas de extranhos lares, que eu, de insulso, apoucado estylo, quero celebrar os mimos e primores e louçanias do meu Brasil.

Que bosques da Floresta Negra e parques de Inglaterra e pomares de Hollanda equalam as umbras florestas virgens de altas frondes escuras, de magestosas palmeiras verdes e vivos cactus sulferinos, dos nossos valles amazonico e platino? Ahi vemos, desde o secular jequitibá copado ao angico oloroso e esguio, enfestoados de lichens delicados e de parasitas raras, distillando resinas e olcos mais aromaticos que as vorbenas do Oriente, a myrrã da Arabia, as resinas de Bcnarés. E as rutilas pedrarias do nosso riquissimo sólo? Os diamantes de Minas fulgem mais do que os de Gollconda e do Cabo; os topazios de Ouro Preto valem bem as opalas da Silesia; e as esmeraldas da Birmania, os rubis da India, não scintillam mais que as turmalinas verdes e as granadas sanguineas do Rio Doce.

Quantas riquezas mais pôdes apresentar, ó portentoso Brasil! E tantas são, que a memoria mais bem fadada custosamente as enumeraria. No entanto, vives a te despojar, como um nababo, de tuas joias mais preciosas,

de tuas mais exquisitas opulencias, em beneficio de gentes de outras plagas...

De ti só amam ellas os lucros auferidos e não a formosura de teus mares, a rutilancia de teu sol, o azul cterno de teu céu, o canóro bando alacre de tuas aves, o heroismo de teus filhos, a candura e belleza de tuas mulheres morenas... Vem, ó patricio gaúcho dos pampas, ó amigo mestiço do Norte, lá donde rebenta o macaréu do pororóca bravia: vem celebrar, num hymno de amor ao Brasil, o encanto sem par de nossa terra natal...

NELSON DE SENNA



DONO DE NUVENS

(Paraphrase)

Conheci um velho lenhador, que conseguira ser acreditado de seus concidadãos como tendo sido feito por uma fada, que lhe queria muito bem quando elle era criança, senhor de todas as nuvens que passam pelos céus. E elle as vendia, as nuvens, não sei a que preço, conforme se pequenas e mais altas ou se carregadas d'agua e baixas. E seus concidadãos, quando tinham necessidade de chuva ou de bom tempo, o iam procurar no meio da encosta, entre os tortuosos bosques de u'a montanha umbrosa, para onde elle se havia retirado e onde vivia numa choupana, á pequena distancia da qual, da parte do oriente, em face do mar, que aos pés da encosta se extendia azul, elle estudava o subir e cair dos astros. Aquelle homem por certos signaes conhecia o tempo, de modo que a venda de sua aérica mercadoria bastas vezes tinha sido util aos compradores, e, mesmo se enganando, elle não perdia nunca sua reputação, porque explicava que era senhor das nuvens e não do vento, que pôde levar-as para além do lo-

gar onde elle queria descarregassem suas águas.

Assim tambem os sinceros desejos de venturas e os ardentes votos de felicidades; que deponhem a teus pés, ó minha amada, partem de minh'alma e delles sou senhor; mas, infelizmente, não sou senhor dos destinos para fazer que meus desejos e meus votos se coróem da mais esplendida realidade e sejas a mais feliz de entre todas as mulheres.

S. Paulo, 1906

ALFREDO DE TOLEDO



O ensino da Historia

CONFERENCIA QUE NO COLLEGIO DIOCESANO DE S. JOSÉ, DO RIO, EFFECTUOU O DR. CARLOS DE LAET.

(Continuação)

Outro systema, a reprehensão, e não raro com voz em grita. Duplo erro, porque em geral o orador se desmoraliza, quando vozeia irritado. Imaginae que, daqui onde estou, eu descobrisse um ouvinte a cochilar, ou a ler uma gazeta... Que figura faria eu vociferando contra a sua desatencção! Dir-me-eis que este auditorio não é uma aula; mas eu vos contestarei que em toda a aula cumpre reconhecer um auditorio. Os antigos, sempre tão conceituosos em sua iconologia, pintavam-nos o deus da eloquencia tendo, a cahirem-lhe da bocca, cadeias de ouro, que o ligavam aos ouvintes. Não as forjics de ferro, essas cadeias da eloquencia pedagogica. Com estas prenderieis o corpo do alumno, mas nunca o seu espirito, a incoercível Psyché, que prestes fugiria para bom longe de vós e das vossas historias.

Um dos recursos de que melhormente se pôde lançar mão para conciliar a attenção dos freguezes distraídos, é interromper o professor a sua exposição e interpellar o delinquente. Certo que, apanhado de improviso, nada poderá responder, mas tambem é verdade que nunca deixará de attender á reptição que então se faça.

Outro defeito, muito habitual entre nós os que ensinamos, está no encarecer a difficuldade da materia leccionada. O pavor que assim logram inspirar alguns mestres, aliás respeitaveis, chega a ser verdadeiramente comico. Lembro-me que certa vez, assistindo á lição inaugural de um curso de portuguez, ouvi dizer ao cathedratico: «— Senhores, a lingua de Camões e Vieira depara tantas e taes difficuldades, que ha bons trinta annos a estudo, e ainda não logrei mancal-a bem!» Com effeito, nada mais desanimador: todo idioma não passa de um instrumento, e, se o in-

strumento é tal que trinta annos não bastam para se obter um, que tempo não levará para arranjar os outros, e fazer a obra?!

Muito ao envez disto, ao iniciar as minhas lições de grego neste collegio ou no vizinho seminario, longe de aterrar os pobres neophytos, logo trato de os tranquilizar sobre as facilidades relativas do ensino que vão encetar. «— Não vos atemorize a differença de alphabeto, vou-lhes dizendo: porque, se uma criancinha aprende o *abc* em quinze dias, quanto mais vós, já semi-bacharéis... Demais, não se trata de falar o grego antigo, mas apenas de lhe estudar a grammatica e interpretar os melhores auctores. O grego antigo (pondero, finalizando) não é mais difficil do que o moderno, e todavia não ha em Athenas criancinha de tres annos que não o fale soffrivelmente!» Este ultimo argumento, confesso, nunca deixa de produzir sorrisos, mas em pedagogia, como em politica, o fazer rir é preterível sempre ao fazer chorar.

E os livros, senhores! Tanto quanto for possivel, é preciso que o professor de historia seja o livro da aula, apoiando-se apenas em algum pequeno manual, para alliviar a memoria do alumno. Com effeito, ha livros tão volumosos, que mettem medo, e que, se m'os tiveram mostrado antes de eu saber alguma cousa, teriam de mim feito o mais indocil dos ignorantes. Proscrivam-se todos esses cahimachos, e que por lá se fiquem nas bibliothecas, para os consultants já sabedores do essencial. Quando o Marquez de Pombal, infamissimo despota que um falso liberalismo ainda tenta endeusar, fez suppliciar na praça publica a inditosa familia dos Tavoras, antes do supplicio mostrou o algóz ás victimas os instrumentos de tortura e longamente lhes explicou o uso delles. Outro, senhores, não é o systema do professor que ao seu alumno mostra um desses livros enormes e tediosos... Muito em boa hora ha para escapar ao livro facilissimos expedientes que não logravam exito com o verdugo de Lisboa. Ha somnos reparadores e beneficos que subtraem a mocidade aos trechos de certos compendios.

Em certa aula de alta literatura, a da Escola Normal desta cidade, o professor, coronel Hemeterio—e não compreendo por que se estejam a rir os meus ouvintes—o sr. professor Hemeterio mandou que as suas alumnas se munissem do tratado de Wolf e dos immensos volumes da *Litteratura* do sr. Sylvio Romero. São obras carissimas e de substancial leitura para professores. As pobres alumnas quasi que ficam doidas! De toda essa leitura quer o sr. Hemeterio que ellas façam um transumpto, resumindo e condensando, isto é, fazendo um verdadeiro compendio... Mas, senhores, quando um alumno pôde fazer isto, elle já não precisa de Hemeterios.

A historia, mórmente nas escolas primarias, muito ao contrario de ser impessoal, como a deseja o sr. Medeiros e Albuquerque, muito lucrará sendo *biographica*. O que o menino não percebe na vida da nação, apanha perfeitamente na vida do homem. Mas—objectar-me-eis— a biographia, no fim das contas, não é bem historia. Sim, mas já principia a ser, e habilita para a grande, para a verdadeira historia. Além do que, senhores, não esqueçamos que entre os notaveis escriptores de historia, mais

influencia exerce um biographo. Plutarcho, do que innumerables historiadores de primeira plana. «Eis o meu homem!» — exclama Montaigne, que certamente tinha voto na materia, e a sua razão elle logo a dá:— «por mais gostar dos que antes discorrem sobre os intentos do que sobre os successos, e antes se occupam com o que parte de dentro, do que com o que ocorre por fóra. Foi, aliás, nas paginas de Plutarcho que a heroica Mme. de Roland aprendeu a amar a liberdade; e que Kleber bebeu as masculas doutrinas que o erigiram em verdadeiro heróe da epopeia napoleonica.

Demais, senhores, não arranquemos ás crianças a fórma biographica, quando ella hoje entre nós constitue uma das occupações predilectas de bons espiritos. Ainda não possuímos uma boa historia da historia da Republica, mas raro será o procre que já não tenha sido biographado. Todos os ministros possuem hoje, como os antigos mouarchas, habilissimos chronistas

«que sabem pôr as cousas em memoria que merecerem ter eterna gloria.»

Felizes os biographados que, mais previdentes que os reis do Egypto, assistem vivos ao julgamento de seus feitos e discretamente se propiciam a sentença:

(Continua)



LIVROS NOVOS

GENEALOGIA DO SR. DR. MANOEL FERREZ DE CAMPOS SALLES

O sr. Leoncio A. Gurgel, nosso distincto collaborador e operoso investigador: de factos da historia patria, acaba de publicar, em elegante volume, um trabalho sobre a *Genealogia* do sr. Campos Salles.

O talentoso moço é irreductivel monarchista; adversario politico do presidente da Republica, ninguém poderá de boa-fé ver no seu livro uma homenagem menos digna de sua parte ao sr. Campos Salles, tanto mais que o seu nobre character o impediria de assim proceder. Longe disso, trata-se de uma homenagem sincera, leal e espontanea, prestada por um estudioso a um brasileiro honesto.

O sr. Leoncio Gurgel, um pouco levado pela curiosidade e outro pouco pelo amor a esse genero de estudos, procedeu ao exame da genealogia do sr. Campos Salles e, depois de pacientes investigações, conseguiu entroncar a descendencia do illustre paulista em Meroveu, 3.º chefe dos Francos, no anno 411 da era christã.

Dá o talentoso moço, de cada um dos nobres ascendentes, ligeiros traços biographicos, fechando o volume a parte propriamente dedicada ao sr. Campos Salles e á sua terra natal, com uma gravura representando a casa em que s. cxa. nasceu em Campinas; um estudo historico desta cidade, pelo saudoso Quirino dos Santos; dados bio-biographicos do eminente paulista e o mappa genealogico organiado pelo auctor.

Traz ainda o volume um bom retrato do sr. Campos Salles e o brazão de armas da cidade de Campinas.

Não entramos na apreciação do trabalho do sr. Leoncio Gurgel, nem procuramos indagar se, de facto, o sr. Campos Salles descende, em linha recta, de reis de França, tanto mais que, em questões de genealogia, en-

tendemos que nós todos somos descendentes de... Adão e Eva.

O nosso distincto collaborador teve occasião, nesse trabalho, de revelar mais uma vez seu amor ao estudo da historia, com solido cabedal de conhecimentos.

O trabalho typographicco é primoroso e faz honra á casa editora:— Typographia Americana, de Anesio Azambuja & Comp., á rua José Bonifacio, 28-B.

PHRASES E PALAVRAS

E' como se intitula o livro que o sr. Alfredo de Carvalho nos offereceu.

O auctor é da Academia Pernambucana e um dos escriptores mais em evidencia na actualidade litteraria do Recife.

No volume enfeixou pequenos artigos, nos quaes procura, pela historia e pela etymologia, explicar a origem de muitas *phrases* e *palavras* correntes entre nós. Dahi o titulo do livro, que não deixa de ser interessante e é escripto em estylo leve e correcto.

Algumas dessas palavras e phrases são desconhecidas em S. Paulo e, ao que parece, só no norte do Brasil são correntes na linguagem do vulgo, como, entre outras, *caju*, na significação de aino: «Fulano colheu mais um *caju* na arvore da sua preciosa existencia»; «Fulano tem muitos *cajus*»; as interjeções *Vôte! Tibi!*, significativas de protesto ou reprovação, surpresa ou admiração, peculiares aos *matutos* pernambucanos etc.

Agradecemos ao sr. Alfredo de Carvalho o exemplar que dedicou a esta redacção.

IRONIAS DE OIRO

Não atinamos com a razão que levou o sr. Paulino de Almeida a dar este titulo ao seu recente livro de versos,— titulo que, além de improprio, tem algo de pretencioso.

E' uma collecção de sonetos, alguns bonitos, de bellos versos inspirados, como os que se intitulam *Honra, Separação e Partindo...* Ao lado, porém, destes, figuram alguns que destoam do conjunto:— *O cão do abade, Marquez e No gallinheiro*, verdadeiras extravagancias poeticas, proprias para secção humoristica de jornaes, mas nunca de um livro de arte.

O nome do delicado poeta d'*A Pastora*— cremos— se não perdeu, tambem não ganhou com a publicação deste livro. O sr. Paulino de Almeida, que ainda é moço, tem merecimento bastante para nos dar trabalho de mais valor. E esperamos que o fará.



OS MUNICIPIOS

Taubaté

Amigo como somos do intelligente e activo intendente municipal desta cidade, julgamos de nosso dever dar-lhe um aviso salutar— ouvir de quando em vez a voz da opinião publica e seguir-a toda vez que isso seja possivel.

No nosso longo tirocinio jornalístico, nesta cidade e na capital do Estado, sempre temos, uniformemente, nos manifestado contrario a destruições.

Não achamos cousa apreciavel ser architecto de ruinas.

Sabemos que o operoso intendente está orientado por bons desejos, que são as melhores possiveis suas intenções, mas é sempre conveniente ouvir-se o parecer daquelles que tambem amam a cidade commum, daquelles que querem o seu embelezamento, a par da sua grandeza e, principalmente, a par do possivel.

Durante sua intendencia interina, que tão cheia de beneficios foi para alguns locaes desta cidade, já o sr. intendente manifestou sua idéa de destruir, mandando derrubar todas as arvores do largo do Rosario e as do largo do Mercado.

E' certo que s. s. logo tratou de plantar novas nesses logares, porém até que estas cresçam e frondem, lá se vão alguns annos, e até então fica a população privada da sombra benefica que as derrubadas ministravam, e se, no primeiro largo, não é importante a sua falta, não se dá o arvore do largo do Mercado, onde, em falta de edificio capaz e decente, para acomodar todos os productores e negociantes que acodem á feira domingueira, utilissima, indispensavel até, era a sombra das estrapéas alli existentes.

Esse mal já estava feito; conhecedor das excellentes intenções do sr. intendente, limitamo-nos a falar-lhe particularmente e dar-lhe parabens e pezamos; aquelles, pela réforma que operou no largo do Mercado com seu apedregulhamento; estes, pela derrubada que fez das utcis e necessarias arvores, que davam sombra aos pobres quitandeiros.

Agora, porém, que s. s. é intendente effectivo, e que, para modernizar o largo da Matriz e dar escoamento ás aguas pluvias, que alli escorrem a proporções assustadoras, em dias de enxurrada, tambem mandou alçar o machado da destruição sobre as pacificas arvores que o ensombravam, resolvemos vir, por esta tribuna imparcial da imprensa, dizer-lhe: basta; não mais destruir; edificar, crear, sim; destruir, não.

Não pare no seu espirito, sequer por sombra, a idéa de opposição a seus esforços; somos o primeiro a reconhecê-los, a apreciar-los, a louval-os mesmo, mas tenha piedade das pobres arvores, que não fazem mal a quem quer que seja.

Se s. s. deseja modernizar a arborisação da cidade, faça-o plantando novas arvores, porém deixando as antigas, até que as novas preencham o fim a que são destinadas, e então poderá deixar que os machados destruidores façam seu officio.

Lembramo-nos de escrever estas linhas, não só como um lamento pela derrubada das duas bellas amendoieiras do largo da Matriz, que não foram poupadas ao exterminio, mas principalmente por termos ouvido dizer que s. s. planeja destruir as magnificas palmeiras da rua da Estação.

Não pense cm tal; não queira destruir a unica belleza que nos resta e que attraí tão vivamente a impressão de quem aqui chega pela primeira vez.

Longe daqui, no Rio, em S. Paulo, e em outras cidades, temos ouvido dizer, por diversas vezes, que é o que Taubaté tem de mais bello, de mais suggestivo, de mais attraente!

Não procure immortalisar seu nome pela destruição do que Taubaté tem de mais bello; suspenda o machado destruidor!

Terminando, desejamos que s. s. leia, nestas nossas expressões, apenas a

sinceridade de nosso sentimento e uma prova de amizade, procurando livrar-o das recriminações publicas.

Santos

Deixou de ser representante do *Album Imperial* nesta cidade o sr. Joseph A. Taylor.

Continuam como agentes desta revista, para venda avulsa, os srs. Magalhães & C.; para assignaturas e annuncios, é nosso representante o sr. O. de Vasconcellos Junior, á rua de Santo Antonio, 5 (sobrado).

Campinas

Em companhia de sua exma. familia e de seu digno sogro sr. João de Souza Campos, seguiu para a Europa o dr. Ezequiel Candido de Souza Brito, conceituado clinico nesta cidade e presidente do Centro de Sciencias, Letras e Artes.

— Transferiu sua residencia para o Rio de Janeiro o procvecto advogado dr. Carlos Edmundo Amalio da Silva

— Escrevem-nos:

«A requerimento da companhia Huntley Manufacturing, o dr. juiz federal expediu mandado para apprehensão de machinismos para beneficiar café, denominados *Ideal*, da Companhia Mac Hardy, sob fundamento de que esses machinismos são contrafacção do separador privilegiado *Monitor*, da companhia requerente.

A diligencia foi levada a effeito com grande apparato e não menor violencia.

A Companhia Mac Hardy traz em juizo uma acção de nullidade do privilegio concedido á Huntley Manufacturing e, como iniciada essa acção ficam suspensos, até final decisão, os effeitos da concessão de privilegio e uso da invenção. — parece claro que, á vista disto, o juiz exorbitou de suas funções e commetteu uma violencia, que terá certamente nos tribunales superiores do paiz a necessaria reparação.»

Casa Branca

A *Evolução* diz estarem suas officinas ameaçadas de empastellamento e, na edição de 25 do mez proximo findo, dá em *consta* os nomes das pessoas que pretendem assalariar campangas para levar a effeito o attentado.

S. Manoel

Deixaram esta cidade, por estarem ameaçados e sem garantias, os srs. Godofredo Wiltrem, redactor do *Movimento*, e Antonio Martins, socio da importante firma Antonio Martins & C.

Não é de hoje que S. Manoel se tornou theatro de conflictos e de attentados de toda sorte, á vida e á propriedade: — a desordem e o desrespeito á lei datam desde o tempo em que o sr. Jaguaribe Filho foi reconhecido chefe do partido politico dominante.

Sabe-se que os situacionistas de S. Manoel do Paraiso contam, mais do que outros quaesquer amigos do governo, com a protecção da actual chefia de policia, dadas as relações intimas que prendem o sr. Meirelles ao sr. Jaguaribe, e dahi a ousadia com que os partidarios deste afrontam a lei, em criminosa perseguição aos adversarios, que até hoje têm soffrido com evangelica paciencia todas as aggressões de que têm sido victimas.

Garante-nos pessoa alheia completamente ás luctas locais que, não fóra a attitudde pacifica dos opposicionistas, aconselhada pela prudencia, que é necessaria em casos taes, e S. Manoel

do Paraiso já teria sido scenario das mais graves occorrencias e dos mais hediondos crimes. Provoações não têm faltado, por parte da gente do sr. Jaguaribe e de seus capangas.

Aguardamos as providencias que o governo promette dar, para pôr termo á situação. Voltaremos depois ao assumpto.



PLAGIOS

O *Commercio de S. Paulo*, de 28 do mez proximo findo, denunciou aos seus leitores um escandaloso plagio de illustre professor da nossa Escola Normal. Trata-se do sr. Oscar de Sá Campello, que, tendo orado naquella Escola, em solemnidade promovida pelos alumnos a 21 de abril, surripio para o seu discurso, e impingiu como obra sua, longos trechos da *Historia da Conjuracão Mineira*, de Joaquim Norberto de Souza e Silva.

A peça oratoria do sr. Campello foi publicada na integra pelo *Correio Paulistano*.

Sentimos que a falta de espaço nos não permita a reproducção do artigo em que o *Commercio* denunciou o plagio. Mas, para que os leitores tenham d'elle uma pequena idéa, basta transcrever o seguinte:

O sr. Sá Campello.
(Vide *Correio Paulistano* 21-4-06).

«A mocidade brasileira se não contentava com a instrucção que lhe offerencia a mãe patria na sua unica universidade.

Coimbra perdera o pomposo nome de Athenas, apesar da reforma por que passára e dos abalisados mestres que lhe deram. Portugal não resumia mais em si, ou em suas producções, o universo. As outras nações da Europa tomavam-lhe a vanguarda e atrahiam as nossas vistas. A Inglaterra e a França, com suas instituições livres, conquistavam as sympathias de nossos jovens.

O sr. J. Norberto de Souza e Silva.

(Vide *Historia da Conjuracão Mineira*).

Já a mocidade brasileira se não contentava com a instrucção que lhe offerencia a mãe-patria na sua unica universidade. Tinha Coimbra perdido para ella esse pomposo nome de nova Athenas, apesar da reforma por que passara e dos abalisados mestres que lhe deram. Portugal não resumia mais em si, ou em suas producções, o universo. Após elle, se haviam levantado nobre e valentemente as nações da Europa a lhe tomar a vanguarda na senda da civilisação e assim atrahiam as nossas vistas. A Inglaterra e a França, com instituições livres e populares, conquistavam a sympathia de nossos jovens.

E assim por deante, até terminar o discurso e... até terminar a *Historia* de Joaquim Norberto.

Tinhamos acabado de ler o artigo do *Commercio*, quando nos chegou ás mãos um livro do sr. Adherbal de Carvalho, *Esboços literarios*, edição de 1902, da casa Garnier.

Esse sr. Adherbal é, se não nos enganamos, auctor de um pavoroso romance, *A Noiva*, e, apesar de escriptor de contrabando, encontra, neste paiz tão pobre de editores, quem imprima seus livros.

Convidamos o leitor a abrir os *Esboços literarios*, a pags. 17, e *As modernas idens na literatura portugueza*, de Theophilo Braga, a pags. 338.

Abra, leia e compare:

O sr. Adherbal de Carvalho.
(*Esboços literarios*, pags. 17).

Cada romance de Balzac é uma these moral, um problema social proposto ou resolvido. Elle não escreve sem saber onde irá dar; os seus personagens agrupam-se, falam, agitam-se, mostram-se influenciados pelo meio em que vivem, são de uma logica absoluta em tudo o que fazem. A acção desdobra-se lenta, sem peripecias convencionaes, sem situações intempestivas para produzirem emoções ou prenderem a curiosidade; tem um desfecho natural, que ás vezes fica suspenso, como que incompleto.

Theophilo Braga.
(*As modernas idens na literatura portugueza*, pags. 338).

Cada romance de Balzac é uma these moral, um problema social proposto ou resolvido. Não escreve á ventura; os personagens agrupam-se, falam, agitam-se, mostram-se influenciados pelo meio em que vivem, são de uma logica inflexivel em tudo o que fazem; a acção desdobra-se lenta, sem peripecias convencionaes, sem situações abruptas para produzirem emoções ou prenderem a curiosidade; tem o desfecho natural, que ás vezes fica suspenso, como que incompleto.

E é assim que se escrevem livros e se encontram editores...

D. PEDRO II E FLAMMARION

Na vespera da visita do Imperador do Brasil a Flammarion, no observatorio de Juvaiy, o grande astrónomo havia narrado, em algumas palavras, a nobre existencia de D. Pedro e feito conhecer um amigo da França, um bello caracter affavel, generoso, modesto e benevolo para todos. Era, além disto, um sabio que vinha dar a outro sabio uma prova de sympathia.

Este pensamento foi comprehendido tão bem, que, logo ao apear-se do trem, o Imperador foi recebido com aclamações e acompanhado até ao observatorio pelas saudações do povo. Um operario socialista, impressionado pela simplicidade do soberano, exclamou ingenuamente: «Para imperador, tem mesmo cara de boa pessoa!» O Imperador ouviu e pôz-se a sorrir.

Demorou-se algumas horas no observatorio, que visitou minuciosamente. Como entrasse em uma alameda onde se acha um cedro gigantesco, Flammarion, notando que o Imperador admirava muito, teve a idéa de pedir a S. M. que, em lembrança de sua visita, plantasse uma arvore que o ficasse perpetuamente recordando.

O Imperador accedeu graciosamente, mas, a um signal que Flammarion fizera, o Imperador, vendo que os jardineiros se preparavam a abrir uma cova na terra. «Não, não! — exclamou com vivacidade — tenho empenho em cavar eu proprio e em abrir uma cova onde será plantada a minha arvore!»

E, com ardor, pôz-se a cavar e abriu uma cova muito profunda.

Entregando a enxada a Flammarion, ao passo que limpava o suor que lhe escorria da testa, o Imperador disse-lhe, rindo: «Já vê que, se me fosse preciso, saberia como qualquer outro ganhar a minha vida.»

Entre as pessoas presentes, os jardineiros, sobretudo, estavam pasmados. «Cousa assim nunca se viu: murmuravam elles — um imperador a cavar a terra!» E ainda falam disso agora.

A arvore medrou, vigorosa e soberba; o Imperador D. Pedro já não existe, mas a memoria de um homem de bem permanece viva no coração de quantos o conheceram.



CHRISTO NO JURY

Occupando-se da reposição do Christo no Jury, escreveu no *Jornal do Brasil* o nosso illustre correligionario Carlos de Laet:

«O jury, pois, entre nós desmedra e baixa ao nivel em que sossobram as instituições. Desmedra e baixa desde que perdeu idéas e sentimento religioso.

Acaso lh'o poderá lembrar a augusta effigie do que morreu salvando e com a misericórdia sabe temperar a justiça. Não convem, pois, aos philosophantes aquella figura que é uma consolação para os crentes, um remorso para o apostata, uma esperanza para o réu, um juiz para os juizes e uma lição para todos. A constituição (a sabia constituição de 1891) oppõe-se a esta ordem de idéas... Difficuldades se erguem para a reposição do Crucifixo. E' provavel que mais uma vez recuem os catholicos... São as minorias que governam neste paiz bestializado.»

CURIOSIDADES

EPICRAMMAS

Existiu em tempos idos, no Rio, um medico muito conceituado, chamado Estacio Goulart.

Tendo sido convidado para tratar da condessa de Rezende, mulher do vice-rei conde de Rezende, na occasião de tomar o pulso á doente, cobriu esta o braço com o lençol, pelo que o medico Goulart, pegando da aba da casaca, examinou o pulso da condessa, dizendo:

— Pulso de lençol, mão de casaca.

Estacio Goulart era corcunda e residia na rua de Santo Antonio, onde tambem habitava José Joaquim de Freitas, official-maior da Secretaria de Estado dos Negocios do Reino, o qual era aleijado, como o medico.

Indo um pretendente procurar o official-maior, dirigiu-se por engano á casa de Estacio Goulart e perguntou-lhe pelo despacho do requerimento, julgando falar a José Joaquim de Freitas, e em resposta ouviu o seguinte:

— O senhor vem enganado; o official-maior, a quem procura, mora alli defronte; elle e quem despacha esses requerimentos, que eu só despacho para o outro mundo.

Houve, no tempo do vice-rei conde de Rezende, um cirurgião chamado F. Gomes, que era de acanhada e mesquinha intelligencia.

Desejando o lugar de cirurgião-mór, foi pedil-o ao vice-rei, que lhe respondeu:

— Mór lhe posso fazer, porém cirurgião, só Deus.

O coronel do regimento de Bragança, João de Barros Pereira do Lago Soares de Figueiredo Sarmento, fez o seguinte epigramma a um alfaiate:

Valentim, Deus me valhas,
E's o rei dos mandriões,
Que p'ra pregaros uns botões
Sete semannas trabalhas.

A uns musicos presos, disse elle:

Seja assim ou seja assado,
Eu quero por esta vez
Deitar fora do xadrez
Estes musicos do fado.

Quando se assignava, punha esse coronel ponto e vírgula entre Lago e Soares.

Nos ultimos dias do lucta que sustentou o general Madeira, na Bahia, contra as tropas brasileiras, appareceu nas esquinas das ruas o seguinte pasquim:

O Madeira assentou
Que a Bahia era sua;
Chegou o Coelheiro,
Poz-lhe os quartos na rua.

João Sabino Bulhões Castello Branco, secretario do Conselho da Fazenda no tempo de D. Pedro I, lavrou um despacho em um requerimento que ninguem entendeu; esperaram que elle viesse ao tribunal, depois de ter sahido de semana no Paço, afim de dar a explicação. No primeiro dia de sessão do Conselho, mostraram-lhe o despacho; tomou elle os oculos, olhou para o que havia escripto e exclamou: — Ora esta é boa! Querem que eu entenda um despacho que escrevi ha quinze dias!

No dia 1.º de março de 1870, em que foi morto pela lança do Chico

Diabo o sanguinario despota do Paraguay, deu-se a coincidência de publicar o *Diario de Noticias*, folha de Lisboa, por occasião do Carnaval, o seguinte:

«O feroz Lopez do Paraguay foi engulido por uma serpente e desapareceu cá deste mundo.»

DR. MOREIRA DE AZEVEDO



FALLECIMENTO

O dr. Julio de Mesquita, nosso illustre collega do *Estado*, soffreu o doloroso golpe de perder, na ilha da Madeira, onde se achava em tratamento, sua extremecida filha senhorita Ruth, que contava apenas 17 annos de idade.

Acompanhamos os desolados paes na dôr que os alanceia, apresentando-lhes os nossos pezames.



VIDA SOCIAL

Anniversarios

Fizeram annos:

No dia 20 do mez proximo findo, o menino Paulo, filho do dr. Evaristo Bacellar, estimado clinico.

— No dia 24, o exmo. Bispo de S. Paulo, Conde D. José de Camargo Barros, tendo passado nesse dia, tambem, o anniversario da posse de s. exa., da cadeira episcopal desta Diocese.

— Fazem annos:

No dia 17, o sr. Antonio Vieira Bittencourt, applicado moço, graduado de pharmacia;

No dia 18, o dr. Estevam Leão Bourroul, nosso illustre collaborador.

— Passou horitom o anniversario do casamento do talentoso advogado e escriptor dr. Alfredo de Toledo com a exma. sra. d. Aurora Ferreira Alves de Toledo.

Casamento

Realisou-se no dia 26 do mez proximo findo o casamento do sr. Domiciano de Campos com a senhorita Paula, filha da exma. Baroneza de Souza Queiroz Barros.

Ao distincto par desejamos muitas felicidades.

Faculdade de Direito

Foram approvados nas cadeiras em que se habilitaram, no 2.º anno juridico, os srs. Antonio Paulino de Almeida, apreciado poeta das *Ironias de ouro* e *d'A Pastora*, e Paulo de Assumpção, applicado academico.

— O sr. Alvaro Assumpção foi approvado plehamente nas duas cadeiras do 1.º anno.

— Matriculou-se no 3.º anno o nosso companheiro M. Bittencourt Junior, redactor-secretario do *Album Imperial*.

COELHO NETTO

Coelho Netto solicitou e obteve exoneracao de lence de Literatura do Gymnasio de Campinas.

O brilhante estylista, despedindo-se daquella cidade, dirigiu a seguinte carta ao redactor-chefe do *Commercio de Campinas*:

«Meu caro Barcellos.

Dê-me v. um logar na sua folha de onde eu possa, tirando dalma as palavras, dizer a Campinas o adeus! de minha despedida.

Adeus! é uma folha solta da arvore que se chama a Saudade, que, em mim, terá vida emquanto existir o canteiro em que viça, que é o meu coração.

Sou grato á cidade que me foi tão propicia e aos seus habitantes, que tão acolhedoramente me afagaram durante o tempo — que, por mui feliz, tão ligeiro passou — da minha residencia ahi.

Mudando-me para o Rio, não me afasto, senão em corpo, da linda cidade — a lembrança é uma imagem que se reflecte na memoria e eu guardarei a lembrança de Campinas como as aguas conservam a imagem do arvoredo que, sobre ellas, pendem.

Que importa que os dias se renovem? Tambem os rios correm, mas sempre no mesmo sitio em que se inclinam os ramos, as aguas passageiras os retratam, e o sitio do meu coração em que Campinas demora é justamente o remanso em que reside minha alma.

Este é o meu adeus saudoso á terra e á gente que eu sempre trarei na saudade — *Coelho Netto*»

13 DE MAIO

Passa no dia 13 do corrente o anniversario da lei que extinguiu a escravidão no Brasil.

O *Album Imperial* beija, reverente, a mão da Excel'sa Princesa que insereveu na Historia do Brasil a sua data mais gloriosa.

COLLECTANEAS

A MULHER DE NIEBUHR

As mulheres são as nossas melhores inspiradoras, são as nossas mais zelosas conselheiras, são as amigas das nossas glorias e as que muitas vezes nos instigam para o trabalho. Não fossem ellas, e não existiriam muitos volumes, que lizeram a reputação dos seus auctores! Amelia, esposa do celebre historiador allemão Niebuhr, estava quasi moribunda. Seu marido, inconsolavel, perguntou-lhe o que desejava ella que elle lhe fizesse:

— Ou viva ou morta (respondeu-lhe), promette-me que has de acabar a tua Historia Romana.

Niebuhr cumpriu a promessa e a Historia Romana, que estava posta de lado, elle a continuou, entre as saudades da esposa que perdéra.

O arrependimento é o unico proveito que o homem tira de suas faltas. — *Dumas Filho*.

A verdade é como os grandes horizontes da natureza. Cada embarço com que o sophisma forceja por lhe empecer o descortino, obriga-nos a escalar mais uma subida pelas escarpas da razão, para respirar mais livre; e

cada cimo, na jornada ascendente, ves descobre um lance inesperado. — *Ruy Barbosa*.

LUIZ XIV E MARIA MANCINI

Um dos factos mais interessantes da historia intima de Luiz XIV são os seus amores pela joven e formosa Maria Mancini, sobrinha do cardeal Mazarino.

Conta-se que o rei estava cego a tal ponto, que pensou em desposal-a. Parece que os conselhos, senão ordens, de Anna d'Austria, sua mãe, obrigaram Luiz XIV a desistir do seu proposito.

Maria Mancini era bella, agradável e viva, — tres predicados que inebriam os sentidos! Era vê-la e amal-a! Não se podia resistir áquelle poder. Tambem ella amava o rei extremosamente.

Voltaire, narando esta ancdocta, diz que o modo por que o moço rei de França venceu a sua paixão descobriu que elle nascera com grande alma.

Querem muitos que a paixão seja desvario. O apaixonado é então um louco! E o não scrá muitas vezes?

Os homens que sabem dominar ou reffrear as suas paixões são, por força, grandes. E' uma verdade incontestavel.

Brito Aranha

Perguntando uma dama ao espirituoso marquez de Boufflers por que não era da Academia, respondeu-lhe este:

Je vois l'Académie ou vous êtes présente, Si je vous plait, mon sort est assez beau: Nous aurons à nous deux de l'esprit [pour quarante, Vous comme quatre et moi comme zéro.

PREÇOS ANTIGOS

No seculo XVI, em Lisboa, valia:

Um alquirc de trigo . . .	28 réis
» de cevada . . .	20 »
Um almude de vinho . . .	40 »
De vinho do Ribatejo . . .	50 »
De azeite . . .	75 »
Um alquirc de legumes . . .	28 »
Dous frangos . . .	22 »
Um pato . . .	30 »
Um cabrito . . .	30 »

Consta de um documento do tempo de D. Manoel.

Francisco I, rei de França, foi, como se sabe, vencido e feito prisioneiro de Carlos V, na batalha de Pavia. Um dia, pouco tempo depois da sua prisão em Madrid, encontrando uma senhora, que abusava do direito que muitas têm de ser feias, perguntou-lhe quando tinha chegado do paiz da belleza.

Cheguei no dia em que Vossa Magestade voltou de Madrid, respondeu-lhe ella.

Certo sujeito, grande jogador, mas muito avaro, exclamou um dia, depois de haver perdido boa quantia:

— Ao menos, perdi sem proferir uma unica palavra.

— E' porque as grandes dôres são mudas, respondeu-lhe uma senhora.

Observava um amador os *sete sacramentos* pintados pelo celebre Pousin e, ao concentrar mais a attenção sobre o quadro que representava o sacramento do matrimonio, abanava a cabeça.

— Que achais, não é magnifico? perguntou-lhe um amigo.

— Acho, respondeu-lhe, que não ha nada mais difficil do que fazer um bom *casamento*, mesmo em pintura.

ANNO I

S. PAULO, 20 de maio de 1906

NUM. 10

ALBUM IMPERIAL

QUINZENARIO POLITICO E LITERARIO

Director: Couto de Magalhães

Secretario: M. Bittencourt J.^{or}



MARQUEZ DE MONT'ALEGRE



MARQUEZ DE MONT'ALEGRE

« A biographia dos estadistas e politicos
é a historia do paiz ».



JOSE da Costa Carvalho (Marquez de Mont'Alegre), filho legitimo de José da Costa Carvalho e de D. Ignez Maria da Piedade Costa, nasceu na Bahia, em 7 de fevenciro de 1796; formou-se em leis na Universidade de Coimbra em 1819, e em 1821 foi nomeado juiz de fóra da cidade de S. Paulo. Desde maio de 1822 a sua vida politica sobrepuja a magistratura; estavamos nos dias preliminares da nossa Independencia.

Constituido o Governo Provisorio de S. Paulo a 23 de junho de 1821, foram acclamados: presidente, João Carlos Augusto de Oeynhauscn; vice-presidente, o conselheiro José Bonifácio; secretario do Interior e Fazenda, o coronel Martin Francisco, e os secretarios da Guerra e Marinha, e entre os deputados pelo ecclesiastico, pelas armas, Agricultura, Instrucção Publica, notavam-se: pelo Commercio, o coronel Francisco Ignacio de Souza Queiroz e o brigadeiro Manoel Rodrigues Jordão; á administração assim eleita se deu logo posse e juramento ás bases da Constituição decretadas pelas Côrtes geraes, extraordinarias e constituintes de Lisboa, obediencia a S. M. o Sr. D. João VI, rei constitucional do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, á exacta e prompta execução das leis existentes, promovendo todo o bem desta provincia em particular e da nação em geral. Em seguida, reunidos os membros em sessão, fizeram a participação a S. A. R. o Principe Regente do Reino Unido e ás Côrtes, esperando da Bondade e Magnanimidade de S. A. R. que deixasse livre á Junta Provisoria a disposição e economia do governo intimo da provincia, em conformidade do que já em partes se havia concedido aos governadores e capitães-generaes, e outrosim o direito de representat os inconvenientes que pudessem ter quaesquer leis ou decretos de S. A., vistas as localidades e circumstancias das provincias. A organização do Governo Provisorio faliava-se, como consta de um Bando que elle fizera publicar, ao decreto de 18 de abril, pelo qual as Côrtes faziam certa a legitimidade dos governos que se organisassem nas provincias, como um meio de prendel-as ás Côrtes, descentralizando-as da auctoridade do Principe, illudindo-se ellas neste ponto quanto ás provincias do Sul, especialmente São Paulo e Minas, sendo que nesta a Junta Provisional motivou a viagem que fizera o Principe, para

fazer valer a sua auctoridade e cimentar a sua união com o Rio e São Paulo.

Desde o começo, houve perfeita harmonia entre o Governo Provisorio de S. Paulo e o Principe Regente; esta harmonia se dava igualmente entre os proprios membros do Governo, não havendo discussões e menos dissensões politicas relativamente aos interesses do paiz ou á sua Independencia, da qual aliás não se tratava.

Eram então: — José da Costa Carvalho, juiz de fóra, e D. Nuno Eugenio de Locio e Seiblz, ouvidor de São Paulo.

A 2 de julho, declarou-se o Governo em sessão permanente, para darem-se as providencias necessarias para occorrer e terminar a desordem em Santos, por se haver insurgido o 1.º batalhão do regimento de caçadores que guarnecia aquella villa: — desta insurreição resultou serem os tidos como cabeças condemnados á pena ultima, e a 17 de setembro (1821) mandou o Governo ao desembargador D. Nuno, como ouvidor, que tomasse conta dos réus Francisco Chagas (Chaguinhas) e José Cotendiba, e os transferisse logo para o Oratorio, passando ordem ao juiz de fóra para fazer executar a sentença, o que se realisou, pois que, a 24 desse mez, em sessão, resolveu o Governo suspender D. Nuno do exercicio do lugar de ouvidor, assignando-lhe o prazo de oito dias para despejar a provincia, seguindo embarcado para o Rio, com prohibição de viajar por terra, e o motivo de tanto rigor fóra ter dito o mesmo D. Nuno que o Governo era composto de pessoas ignorantes e mais dignas da força do que os facinorosos que acabavam de ser justicados em razão do motim! Na mesma sessão foi chamado José da Costa Carvalho para tomar conta da vara de ouvidor da comarca, passando a sua ao juiz da Ordenação, e fóra elle encarregado da intendencia de policia da cidade e comarca, devendo fazer subir á presença do Governo as suas medidas a respeito e deprecar ao official commandante da praça, sempre que precisasse de auxilio militar. Desde julho, isto é, pouco depois de installado o Governo, fóra nomeado o coronel Francisco Ignacio commandante de toda a força armada que formava a guarnição da cidade e da miliciana disponivel meia legua em circuito; comprehendem-se, pois, as relações que não podiam deixar de existir entre estes dous cidadãos, — um, intendente de

policia, e outro, commandante da força armada, o que não importava qualquer influencia politica de um sobre o outro.

Sendo tão latas as attribuições que se arrogavam os Governos Provisorios, e que já vinham dos capitães-generaes e governadores, era continua a sua ingerencia nos negocios da Justiça e actos dos magistrados; daqui, os inevitaveis attritos entre o governo e o então ouvidor interino; era isto habitual, mas não importava divisão dos seus membros em partidos; as determinações e resoluções eram acceitas por todos, especialmente as relativas aos interesses do paiz ou do Principe.

Em sessão de 21 de dezembro, referindo-se o Governo Provisorio á *Gazeta do Rio*, que publicára o decreto das Côrtes de 1.º de outubro, que mandava retirar S. A. R., para viajar incognito pelas Côrtes da Europa, e o relativo á nova fórma dos Governos Provisorios, ficou resolvido unanimemente que se escrevesse a S. A. o Regente que suspendesse a sua execução emquanto não chegassem á Côrte os deputados que o Governo mandaria, e sendo convocada a Camara da cidade, e ouvida sobre o mesmo objecto, respondeu: que, em sessão de 19, ella tinha já tomado o accôrdo que ora tomava o Governo, e que nomeava, para levar as suas representações a S. A., os dous deputados (José Bonifacio e coronel Gama Lobo), a elles unindo um terceiro, o marcehal José Aroucho; na representação da Camara vem assignado José da Costa Carvalho, presente como ouvidor interino.

Seguiu José Bonifacio para o Rio, e a 16 de janeiro fora nomeado ministro do imperio, com Joaquim de Oliveira Alves, na pasta da Guerra, e Cactano Pinto de Miranda Montenegro, na da Fazenda; constituiram o primeiro Ministerio brasileiro, tendo D. Pedro demittido o anterior, por não se mostrar propenso aos interesses brasileiros.

Em harmonia viviam os membros do Governo Provisorio, e ainda a 11 de maio de 1822 congratulava-se elle com o Principe Regente, pelos resultados que obtivera com a sua viagem á provincia de Minas, tendo feito entrar em seus deveres o Governo dessa provincia que não reconhecia no Principe o chefe do Poder Executivo no Brasil, e unico centro da sua união e força, e mandado installar novo Governo, a contento dos povos; mas a 23 desse mez, em sessão extraordinaria, entre as portarias que se leram, foram os seus membros surpreendidos com a de 10 de maio, expedida por José Bonifacio, chamando ao Rio João Carlos, para objecto de serviço do Estado; em cumprimento, foram dadas as ordens communicando a real resolução ás autoridades constituídas na provincia, e as precisas para a jornada de s. exa., continuando, emquanto não sahisse da provincia, a lhe serem entregues todos os officios e partes: — oppondo-se o povo e tropa á im-

mediata execução da portaria, emquanto representavam ao Principe a sua inconveniencia e prejuizo que dahi viria á provincia, deu-se o movimento denominado — *a bernarda de Francisco Ignacio*; foram obrigados a retirar-se do Governo Martim Francisco e Rodrigues Jordão.

A 21 do mesmo mez e, portanto, antes da *bernarda*, expediu José Bonifacio novas portarias, chamando, uma, o ouvidor José da Costa Carvalho e a outra o coronel Francisco Ignacio de Souza Queiroz, ambos sob o pretexto de conveniencia do serviço nacional e real. A representação dirigida ao Principe respondeu a Carta Régia de 25 de junho, exigindo a partida do conselheiro João Carlos e Costa Carvalho, por assim o exigir o socoço publico (?) da provincia.

Costa Carvalho, em cumprimento, partiu para o Rio de Janeiro a 20 de julho, tendo tres dias antes (17) realiado o seu casamento com D. Genebra de Barros Leite, viuva do brigadeiro Luiz Antonio de Souza, fallecido em 1819; fôra deportado como um dos protagônistas da *bernarda*, mas a verdade é que elle nada influiu para esse movimento.

Convocada a Constituinte, em 1823, Costa Carvalho foi eleito deputado pela sua provincia natal e, dissolvida ella, retirou-se para S. Paulo, desgostoso talvez desse golpe de Estado, a que foi obrigado D. Pedro, já então imperador, sendo esse acto muito applaudido por uns e censurado por outros; a Camara de S. Paulo foi a primeira a agradecer publicamente ao imperador; nas provincias do Norte, porém, foi mal recebido o facto.

Nas legislaturas 1.ª, 2.ª e 4.ª, foi eleito por S. Paulo; pelas suas idéas, viveu estreitamente ligado com Paula e Souza, Feijó, Vergueiro, em opposição ao governo de Pedro I.

Fundou em 1827 o *Farel Paulistano*, organ de idéas liberaes exaltadas. Parece que fôra Costa Carvalho quem mandara para S. Paulo, em 1828, João Baptista Libero Badaró, a titulo de grande medico, mas que logo se desacreditou e então fundou e dirigiu o *Observador Constitucional*, dedicado ás idéas exaltadas, mas verdadeiro pasquim, com seus ataques ás auctoridades, mesmo ecclesiasticas, e correspondencias de intrigas, que tiveram como consequencia o seu assassinato, attribuido ao ouvidor cr. Candido Ladislau Japiassú, posteriormente despronunciado; ora a um official do exercito; procurava-se a causa, não na provocação das diatribes do jornalista de estylo *mordaz e ás vezes desabrido*, como disse um insuspeito, mas na opposição systematica ao governo, ás auctoridades e aos militares.

Por occasião da Abdicação, achava-se Costa Carvalho em S. Paulo; voltando ao Parlamento a 17 de julho, foi eleito membro da Regencia, com o general Francisco de Lima e Silva e João Bráulio Muniz; vingaram então contra a anarchia e o republicanismo os

sentimentos monarchicos e de moderação e ordem defendidos pelos Moderados e Evaristo Ferreira da Veiga na sua *Aurora Fluminense*, tendo-se formado, com o pessoal do reinado anterior, no dizer de um historiador, « essa egregia phalange de senadores que, incarçaveis, oppuzeram sua energia ás invasões da demagogia, e que assim, embora o Senado então, por falta de apoio na opinião, não exercesse força activa, todavia salvava o paiz de muitas calamidades, oppondo as forças da inercia aos impulsos desregrados, ás exigencias demagogicas da quadra. » Era sobretudo com o Conde de Valença e o Marquez de Barbacena, membros do Senado, e pela sua influencia, que se entencia o regente Costa Carvalho, nos maus dias da Regencia: em uma das vezes (28 de julho de 1832), dizia elle ao primeiro: « Agora vejo o caso peor do que nunca. O meu collega, o sr. Braulio, sabendo que se não pôde organizar Ministerio com Vergueiro e Barroso, está resolvido a pedir a sua demissão, e eu, posto que conheça toda a extensão dos males que se vão seguir, não posso tambem continuar. Um Ministerio de facção que nos dilacera não está em meu caracter nem em meus principios chamal-o. Um Ministerio obscuro não faria senão, por poucos dias, retardar o desmornamento de tudo isto, dando tempo ás facções para regularisarem-se e concertarem seus planos... Nestas circumstancias, entre dous tão grandes males, estou resolvido a acompanhar o sr. Braulio, fazendo aquillo que, se não fôra a causa publica, já teria feito, pois a isso me chama o meu interesse particular e a intima convicção em: que estou de que não sou o homem proprio para semelhante epocha... »

Occupava a pasta da Justiça Diogo Antonio Feijó, que se exacerbara com a attitude do Senado rejeitando logo em 1.^a discussão a exoneração do tutor da Familia Imperial (José Bonifácio) e absolvera unanimemente José Clemente Pereira, accusado por haver ordenado quando ministro, recrutamento sem auctorisação de lei, e encomendado dez mil espingardas para o exercito, não havendo no orçamento verba para este serviço, constituído o mesmo Senado em tribunal, na fórma da Constituição; annunciando-se fraco para reprimir os partidos anarchicos dês a sua demissão, os outros ministros solicitaram egualmente exoneração dos seus cargos. Communicou a Regencia á Camara a constante recusa da parte dos cidadãos de maior confiança, e com os quaes contava; assim, offereceu a sua demissão, que afinal retirou, formando o Gabinete de 3 de agosto de 1832, com Pedro de Araujo Lima, Hollanda Cavalcanti e Bento Barroso, entrando, mais tarde, Vergueiro, Honorio Hermeto Carneiro Leão, Joaquim José Rodrigues Torres e Candido de Araujo Vianna.

Retirou-se Braulio Muniz da Regencia em julho de 1833; imitando Costa Carvalho, partiu para S. Paulo, desgostoso da marcha dos negocios.

Em 1835 e 36, foi director da Faculdade de Direito de S. Paulo.

A 16 de janeiro de 1835, escrevia a *Aurora Fluminense*:

« Agora, subjugadas as facções, tranquillo o povo e livre dos sustos de uma retrogradação vergonhosa, o partido Moderado (diz-se) fraccionou-se em pedaços. As facções contrarias tinham-se como que aniquilado ante a sua moderação, e do seu mesmo seio surgiu então a guerra, que é talvez uma necessidade dos governos representativos »

No pécito para regente, segundo o Acto Adicional (1835), notou-se a grande divergencia entre os politicos; diversas candidaturas foram levantadas, com grande opposição á de Feijó, defendida pela *Aurora Fluminense* e afinal vencedora.

Com a morte de Pedro I, em 1834, desapareceram os restauradores e começou a debandada pessoal dos partidos existentes; a natural reacção politica tornou-se uma realidade, proclamou o seu programma — o aviscircular de 20 de setembro de 1837, assignado pelo chefe do Gabinete, Bernardo Pereira de Vasconcellos. Cerradas as fileiras, José da Costa Carvalho fôra encontrado entre os que constituíam o partido Conservador; seus antigos companheiros do Moderado — Vasconcellos, Honorio Hermeto (Marquez de Paraná), Rodrigues Torres (Visconde de Labrador) etc., e constituíram o partido Liberal outros companheiros do mesmo Moderado — Feijó, Vergueiro e os restauradores Andradas.

Em 1839 foi escolhido senador por Sergipe. Em 1841, 43 e 54, o Imperador agradeceu-o com os titulos de Barão, Visconde e Marquez de Mont'Alegre.

Em 1842, foi presidente de S. Paulo, succedendo ao chefe de esquadra Miguel de Souza Mello e Alvim; e muito lhe valeu, nos melindrosos dias da revolta, o prestigio que desde outros tempos tivera sobre alguns influentes para desarmar os animos exaltados.

Em 1843, presidente do Senado, assistiu como testemunha ao casamento da Princeza D. Francisca com o Principe de Joinville, sendo por isso condecorado com a grã-cruz da Legião de Honra pelo rei Luiz Felippe.

Diz um biographo:

« Senador, conselheiro de Estado e Marquez, todos o achavam accessivel, simples, modesto, bom, benefico, tal qual tinha sido em seus tempos de exaltado democrata. Mudara-lhe a opinião politica, sem que soffresse nelle mudança o coração... »

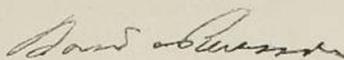
Não houve mudança de opinião, mas arrefecimento nos sentimentos e a experiencia dos homens e das cousas.

No Parlamento não se distinguira como orador; de palavra timida e pouco fluente, era homem de estudo e de gabinete; foi potente influencia liberal sob o rei-

nado de Pedro I e eminente chefe conservador sob D. Pedro II.

Tendo fallecido sua primeira mulher, D. Genebra, em Lisboa, em 1837, lá se casou com D. Maria Izabel de Souza Alvim.

Falleceu em S. Paulo, a 18 de setembro de 1860. Piracicaba, abril de 1906.



GLORIAS BRASILEIRAS

CAMPANHA DO PARAGUAY

AVANÇADA DE 20 DE MAIO DE 1866 — ACAMPAMENTO EM TUYUTY — BATALHA DE 24 DE MAIO
HEROISMO DOS «VOLUNTARIOS PAULISTAS» DOS BATALHÕES NS. 7.º E 42.º



GRANDE exercito alliado, superior a 40.000 homens, 12.000 cavallos e 130 canhões, formado em tres columnas de ataque, — a da vanguarda, de 6.500 combatentes, commandada pelo valente general D. Venancio Flôres, as do centro e esquerda, de 24.000, pelo legendario general Osorio, e a da extrema direita (argentina), de 10.000, pelo generalissimo D. Bartholomeu Mitre, — rompeu a marcha para a frente, na manhã de 20 de maio de 1866. Os paraguayos, tendo construido algumas fracas trincheiras para além do Estero Bellaco, romperam vigoroso fogo de artilharia, apoiado por viva fuzilaria dos seus atiradores da vanguarda; o general Flôres, avançando sempre, contestou o fogo inimigo, obrigando este a bater em retirada para os lados dos capões do Potréro Pires, Passo Cidra e Estéro Rójas; no Passo Cidra, porém, o combate foi reñhido, sendo necessario um assalto formal na tomada do entrincheiramento inimigo. Nossas perdas elevaram-se a pouco mais de trezentos homens mortos, feridos e extraviados, tendo o inimigo maior numero de baixas.

Nos dias 21, 22 e 23, o exercito alliado formou o seu vasto acampamento, occupando uma zona superior a tres leguas quadradas, com as seguintes disposições estrategicas: — vanguarda, commandada pelo general Flôres, composta das brigadas brasileiras Kelly, Sallustiano dos Reis e Evaristo da Silva, todas da 6.ª divisão do general Victorino Monteiro; 1.º regimento de artilharia montada e da bateria oriental do Major lancee, ao todo 32 canhões, e o pequeno, mas heroico, exercito oriental (1.300 homens mais ou menos); ao todo, 6.500 combatentes. Occupava esta vanguarda o centro da frente da linha, e dali, extendendo-se para a direita, acampava o exercito argentino, com 10.000 combatentes e 26 canhões, composto da 1.ª e 2.ª columnas commandadas pelos generaes Emilio Mitre, Rivas e Wencesláo Paunero. Formando a ala esquerda, extendia-se uma columna brasileira, composta dos regimentos 1.º e 3.º de artilharia a pé, com 12 canhões, apoiados pelas divisões de infantaria de Menna Barretto e Guilherme; commandava-a o general Andréa Formando a reserva, acampava, a 600 metros, mais ou menos, daquellas forças, o grosso do exercito brasileiro, composto dos restos das divisões de Victorino Monteiro e Guilherme, das divisões de Argollo, Gomes de Freitas Sampaio e Gurjão, dos corpos de transportes e artilha-

ria e do commando em chefe brasileiro, constituindo a nossa rectaguarda os corpos desmontados da briosa cavallaria rio-grandense e algumas centenas de cavalleiros, sob o commando do destemido general Netto; pouco mais ou menos 20.000 homens. Era esta a verdadeira posição do exercito alliado: vanguarda e seu centro (orientaes e brasileiros), ala direita (argentinos), ala esquerda (brasileiros), reserva e rectaguarda (brasileiros), — ao todo, 40.000 combatentes, com 130 canhões.

A' nossa esquerda, viam-se os dous boqueirões do Sáuco e as sombrias matas do Potréro Pires; á frente da vanguarda, extensos banhados e pequenos capões de matto; á direita, vastos e inextricaveis palmeiracs; á rectaguarda, o leito sinuoso do arroio Estéro Bellaco e a vasta planicie do Passo da Patria, que ia morrer nas margens do soberbo Paraná. Este formava extensa enseada, desde a ponta do Itapiru até á ilha de Santa Anna, vendo-se nella balouçarem os cascos da gloriosa esquadra brasileira, cuja mastreação como se assemelhava a uma floresta de arvores desfolhadas

Voltemos agora nossas vistas para as forças paraguayas que pelejaram no dia 24: segundo informações veridicas, quasi officiaes, eram as seguintes:

1.ª divisão (Resquin) — 6.000 homens de cavallaria, divididos em duas columnas, sob o commando do coronel Avefino Cabral; 4.000 de infantaria, commandados pelo tenente-coronel Pereira, alguma artilharia e estativas de foguetões á Congrère; esta columna teve a seu cargo atacar a nossa ala direita (argentinos) e parte da vanguarda e cortar-nos, com alguma cavallaria, a retirada para o Passo da Patria.

2.ª divisão (Barrios) — 10.000 homens de infantaria, divididos em duas columnas, commandadas pelo coronel Luiz Gonzalés, e uma brigada de cavallaria, com 2.000 guerreiros, pelo major Delgado. Devia contornar a nossa ala esquerda, atacando-a primeiramente de frente e cortando a nossa rectaguarda; unir-se depois á 1.ª divisão, impedindo, assim, a nossa provavel retirada para o Passo da Patria.

3.ª divisão (Diaz) — 4.800 homens de infantaria, divididos em duas brigadas, commandados pelo major Gimenez, e a 2.ª, 500 cavalleiros, pelo tenente-coronel Valiente, e mais um regimento de artilharia e respectivos canhões. Devia atacar parte da nossa vanguarda e apoiar a 2.ª divisão no ataque á ala esquerda.

4.ª divisão (Hilario Marcó) — 3.500 homens de infantaria e 3.000 de cavallaria, sob as ordens dos

majores Aquino e Aguillar. Devia constituir as reservas de Dias e Barrios e, a um signal dado, consummar a derrota da nossa vanguarda e acutilar com a sua cavallaria os soldados dispersos.

5.^a *divisão* (general Brugnez) — Occupará o Passo Gomez, constando de 5.000 homens de infantaria; o resto da artilharia formava a reserva geral, que devia entrar na acção para decidir a victoria.

Foi o general Brugnez quem deu o signal de ataque geral, quando Barrios o avisou de que já havia completado o movimento convergente sobre o nosso flanco esquerdo.

O marechal Lopez em pessoa, com o resto das suas tropas e o seu brilhante estado-maior, achava-se no Passo Pucú, a pouco mais de quatro kilometros de distancia do local onde se deveria ferir a maior batalha campal que até hoje registram os annos guerreiros da America do Sul.

Segundo as versões mais correntes e bem informadas, foram essas as forças paraguayas que pelejaram em 24 de maio, superiores, por consequente, a 40.000 homens e 14.000 cavallos, dispostos de numerosos canhões e estativas de foguetões á Congreve.

Amalheçára o dia 24 de maio de 1866. Manhã fria e nebulosa. As nossas avançadas nada tinham observado que revelasse a intenção do inimigo; apenas, durante a noite, notaram que nos diversos acampamentos paraguayos as bandas marciais tinham tocado até horas adelantadas, no meio de vivas e grande gritaria da soldadesca.

A's 9 da manhã, tocou «descançar», tratando então os nossos bravos de acender fogueiras para o succulento churrasco, que foi distribuido nas rações costumadas; apenas as forças da vanguarda estavam vigilantes. A's 11 horas e 20 minutos, levantou-se grossa columna de fumaça branca para os lados do Passo Gomez, retumbando pelo espaço o echo formidavel dum tiro de canhão de grande calibre, seguido de mais dous, que dos boqueirões do Sáuce se fizeram ouvir.

Imediatamente, como se fossem movidas por uma móla de aço, avançam com a rapidez do raio as diversas columnas inimigas. Em toda a extensão da vanguarda, no centro, na direita e na esquerda — rompe-se terrível fogo de fuzilaria, seguido logo pelo troar pavoroso e lugubre dos canhões!

Já o quartel-general brasileiro dera o signal de «Sentido!» e, logo após, o de *Inimigo das tres armas ataca todos os flancos!* A cavallaria paraguaya, a todo o galope, ataca a ala direita argentina, que fraquicia, abandonada pela cavallaria correntina e entrerriana dos generaes Hornos e Cáceres, que, *devidos, sem duvida, ao inesperado ataque*, se retira precipitadamente para o Passo da Patria.

O general Paurêro tenta debalde suster o impeto do inimigo e vê os batalhões 3.^o e 5.^o do seu exercito cahirem esmagados, apesar de uma resistencia heroica; os artilheiros do coronel Vedia são acutilados junto dos seus canhões. Estabelece-se desde logo horrorosa confusão.

No centro, a nossa vanguarda, ao mando do intrepido e valoroso Flores, sustenta galhardamente a posição, apesar da tremenda carga de cavallaria de Resquin; os batalhões orientaes «Independencia» e «Libertad» são derrotados e acutilados barbaramente, a despeito da temeraria resistencia que oppuzeram; o regimento de cavallaria argentino «San Martin», que cobria a reducta guarda desses batalhões, tambem se retira em desordem ante a carga dos cavalleiros paraguayos; o 6.^o de «Voluntarios brasileiros» cobre-se de gloria, operando

rapida e firme retirada e sustentando vigoroso e ininterrupto fogo rolante por grandes divisões. Flores vê o perigo de mais perto, concentra o resto de suas forças e, apoiado pelo fogo terrível dos canhões de Maillet, sustenta com firmeza heroica a sua arriscada posição.

O fogo dos nossos 34 canhões da vanguarda é devastador; a metralha cõada e a lanterneta crivam os regimentos inimigos, que, dominados pela mais fanatica bravura, combatem como feras bravias. Na extrema esquerda, as divisões de Barrios, Diaz e Marco investem furiosamente; ahi o combate é medonho, os batalhões brasileiros formam-se em quadrados e repellem á ponta de baioneta as cargas da cavallaria paraguaya; as nossas baterias, ac mando dos capitães Moura, Hermes da Fonseca, José Clarindo, Pereira, Pimcentel e outros, sustentam vigoroso e tremendo fogo de metralha e combatem junto das linhas de infantaria, cerrando seus mortíferos tiros nos esquadriões inimigos.

O legendario Osorio, a cavallo, acode a galope a todos os pontos; leva o conforto da sua presença heroica aos disseminados batalhões; ordena o reforço dos nossos postos mais fracos com as forças da reserva; vê cahirem mortos ou feridos todos os officiaes do seu estado maior; torna-se o vulto grandioso e soberbo, para o qual convergem as esperanças da victoria. O proprio general em chefe de todas as forças submete-se ao mando imperioso do legendario militar.

O velho general Sampaio, commandante da 3.^a divisão, cognominada «encouraçada», obedecendo ás ordens de Osorio, acode ao centro da vanguarda e, extendendo as suas forças para a esquerda, sustenta valorosamente a tremenda carga do exercito de Diaz, e, sem recuar um passo, manda carregar á baioneta; nesse momento, porém, cai mortalmente ferido e, já moribundo, aponta com a espada para a frente, gritando aos seus soldados: «Avançe! Cumprí o vosso dever! Viva a Nação Brasileira! Viva o Imperador!»

O bravo Osorio vê a ala direita dos argentinos desbaratada, enquanto os clavineiros da cavallaria paraguaya perseguem a galope a cavallaria correntina e entrerriana, que foge para o Passo da Patria; todo o acampamento argentino está em chamas; as divisões de infantaria de Paurêro, de Rivas e de Emilio Mitre pedem o apoio dos brasileiros; Osorio avança em seu soccorro; á frente da brigada, Baithazar da Silveira acode á direita e sustenta terrível fogo com as forças de Resquin, obrigando este general a estacar na sua marcha audaciosa; os nossos alliados argentinos, vendo deante delles o vulto legendario de Osorio, tomados de entusiasmo, avançam resolutamente, dando vivas a Osorio e «a los leones del Brasil!» (facto historico), recuperam as posições perdidas e retomam os seus canhões.

E' na extrema esquerda onde se combate com maior encarnicamento; os mais bravos generaes paraguayos, com as suas melhores tropas, alli estão: o horror da peleja é tal, que faz tremer os mais ousados.

Osorio volta para a sua ala esquerda, assumindo a chefia das divisões brasileiras que alli combatem; faz avançar as divisões de Argollo, de Guilherme e de Monna Barreto, e, atacando de frente as forças de Barrios, Marco e Diaz, leva-as de rojo e a ferro-frio até aos boqueirões do Sáuce e do Potrêro Pires.

Os legionarios da brigada da cavallaria do invicto general Netto atacam á lança e espada e acutilam horivelmente as tropas paraguayas, que fogem desbaratadas.

A's 4 e meias horas da tarde, começa a derrota dos paraguayos, e a sua retirada opera-se em desordenada fuga, abandonando canhões, estativas, bandeiras, armas, mortos e feridos!

As perdas são calculadas em mais de 13.000 homens, que juncam o campo de batalha.

As brasileiras são superiores a 3.500 homens; as dos orientacs, a mais de 300; e as dos argentinos, a mais de 1.000.

Por faltar cavallaria, deixou o genera! Osorio de tirar todo o fructo desta colossal victoria, visto ficar impedido de perseguir o inimigo desbaratado; nem mesmo poudo avançar no dia seguinte, porque tinha perdido todos os meios de mobilidade do exercito, ficando até sem animaes para os serviços da artilharia e transporte.

Na bocanha do Potréro Pires, deram-se talvez os episodios mais heroicos deste grande dia. Ahi se achavam postados na vanguarda os batalhões 7.º e 42.º de «Voluntarios Paulistas», o primeiro, commandado pelo distincto official, então major, Joaquim Antonio Dias (depois coronel honorario); foi justamente nesse ponto que irromperam as forças disciplinadas do bravo general paraguayoy Diaz. Então o 7.º, obedecendo á voz do seu heroico commandante, destaca para a frente as 5.ª e 7.ª companhias, commandadas pelo capitão Pedro Marquez (hoje fallecido), tenente Manoel J. de Lima Vicira (depois tenente-coronel honorario) e capitão Fortunato de Campos Freire (depois major honorario), os quaes rompem vigoroso fogo sobre o inimigo, mas, reconhecendo ser grande a força que avançava, recuam em boa ordem, até se reunirem ao batalhão, que incontinenti forma quadrado e se encosta á matta do Petréro Pires, dando a sua esquerda ao 42.º e resistindo heroicamente ás furiosas cargas do inimigo. Numa dessas cargas e aprisionado, por um official inimigo, o alferes Fabiano, porta-bandeira do 7.º, que, vencido-se perdido, arroja o pavilhão para o meio dos soldados, salvando assim de ser presa dos paraguayos essa reliquia sagrada da nossa querida patria, a qual lhe foi restituída coberta de honras e glorias e condecorada com a Ordem Imperial do Cruzeiro, embora despedaçada pelas balas inimigas. Jaz hoje esquecida e solitaria, ao lado do altar-mór da Sé de S. Paulo, sob a guarda da nossa Santa Religião.

Nesse dia tambem foi mortalmente ferido o distincto voluntario da patria capitão Diogo de Barros, que durante toda a campanha serviu sem receber o saldo a que tinha direito, sendo subvencionado pelos seus parentes que aqui ficaram. O 42.º de «Voluntarios», cobrindo a esquerda e rectaguarda do 7.º, resiste temerariamente, durante mais da meia hora, ao ataque dos soldados de Barros, só recuando quando já quasi aniquilado, reduzido a um punhaço de bravos; rodeado de inimigos de todos os lados, mal podia defender-se; ainda assim, os soldados restantes, rodeando a sua bandeira e entrincheirados por detraz dos cadaveres, resistiam sempre á furia paraguayay; e, então, que se destaca ahi, nesse quadro horroroso, a figura homérica do negro Jesus, ultimo cernicea vivo que restava, o qual, mesmo gravemente ferido, apertando com a mão esquerda o golpe mortal do peito, empunha com a direita a corneta para o tremendo signal: «42.º, fogo!».

O general Sampaio, chegando nesse momento com a sua divisão, salva os destroços desta gloriosa phalange.

Eis ahi, mal descriptos, os feitos dos soldados brasileiros daquelles tempos, na sua maioria «Voluntarios da Patria», nessa tragedia gloriosissima que se desenrolou nos campos da infeliz nação paraguayay, em 24 de maio de 1866.

Nós, os soldados daquelles tempos, sabíamos vencer ou morrer em defesa da honra, da liberdade e da integridade de nossa querida Patria.

Respeitavamos as vidas e propriedades do inimigo vencido e nunca manchamos as nossas victorias, com actos de crueldade.

Terminando, saúdo os sobreviventes daquella grande jornada e curvo-me reverente ante a memoria dos que morreram!

JOSÉ LEITE DA COSTA SOBRINHO
Tenente de Voluntarios da Patria



CARTAS DE FRANÇA

A morte e os iuncreas de D. Pedro II

PARIS, 12 de dezembro de 1891

(Continuação)

A' esquerda, no sanctuario, estava Sua Eminencia o cardeal Richard, arcebispo de Paris. Em frente da mesa da communhão: — á direita, a Princesa D. Izabel e a Princesa de Joinville; á esquerda, o general Bruyère e os officiaes da casa militar da presidencia, representando o presidente da Republica Franceza (capitão de mar e guerra Jauréguiberry, tenentes-coronéis Chamadin e Dalstein, commandantes Pistor e Courtes). A' direita da Princesa D. Izabel ficavam a baroneza de Muritiba, a condessa de Carapébús e as damas das rajhas e princezas presentes.

Nas tres primeiras ordens de paltronas direitas ao côro, os principes: Conde d'Eu, D. Pedro de Alcantara, principe do Grão-Pará, D. Luiz, D. Antonio, duque Augusto de Saxo (genro do imperador), D. Pedro Augusto de Saxo, conde de Aquila, D. Luiz de Bourbon, D. Felipe de Bourbon, principe de Joinville, duque de Penthièvre, duque de Chartres, conde de Bari, infante D. Antonio d'Orléans, duque de Nemours e duque d'Aumale; Suas Magestades o duque de Castro (ex-rei Francisco II, das Duas Sicilias) e o rei D. Francisco de Assis, de Hespanha. Depois, o sr. Emygdio Navarro, ministro de Portugal, representando o rei D. Carlos I; o marquez de Beauvoir e o senador Bocher, representando o conde de Paris; o conde de Grenaud de Saint-Christophe e o barão de Ebach, representando o principe reinante da Bulgaria, e o duque reinante de Saxe-Cobourg e Gotha.

Nas tribunas estavam Suas Altezas Reaes a duqueza de Chartres e a princeza Margarida d'Orléans, Suas Magestades a rainha D. Izabel II de Hespanha e a duqueza de Castro (ex-rainha das Duas Sicilias), Sua Alteza Imperial e Real a condessa de Trapani, Suas Altezas Reaes a infanta D. Eulalia d'Orléans e a princeza Blanche de Orléans e Suas Altezas Serenissimas o principe e princeza de Monaco.

Nas primeiras cadeiras da esquerda do côro via-se o corpo diplomatico, de grande uniforme, faltando apenas os embaixadores da Russia (enfermo), da Alemanha (ausente), e da Inglaterra (fallecido ha dias), e as legações do Brasil, de Venezuela e Mexico. Estavam presentes, com todo o pessoal das suas embaixadas e legações: o Nuncio, monsenhor Ferrata, o embaixador de Hespanha, duque de Mandas, e a duqueza, o de Italia, general conde de Menabrea, e a marquezza de Valdora, sua mulher; o da Austria-Hungria, conde Hoyos, e a condessa; o da Turquia, Essad Pachá;



os ministros plenipotenciarios e os encarregados de negocios dos Estados-Unidos da America (Whitelaw Reid), da Inglaterra, Russia, Allemanha, Belgica (barão Beyens), Hollanda, Dinamarca, Suecia, Portugal, Suisa, Baviera, Grecia, Roumania, Servia, Monaco, S. Marinho, Costa Rica, Guatemala, Nicaragua, S. Domingos, Haity, Colombia, Peru, Bolivia, Chile, Republica Argentina, Uruguay, China, Japão, Persia e Republica Sul-Africana.

Desse mesmo lado ficavam o general Brault, representando o presidente do conselho, ministro da guerra; os srs. Bourgeois e Develle, ministro da instrucção publica e da agricultura; o conde d'Ormesson, representando o ministro dos negocios estrangeiros, o almirante Vigné, pelo ministro da marinha, e os representantes de outros membros do gabinete; o general Rousseau, representando o grande chanceler da Legião de Honra; o representante do governador militar de Paris, general Saussier; varios senadores e deputados; o prefeito do Sena, o de policia (Lozé) e muitos membros do Instituto. Cerca de 60 desses academicos traziam o uniforme e palmas verdes. Entre os muitos presentes, citarei estes:

Da Academia Franceza: Leconte de Lisle, Edouard Hervé, François Coppée, Joseph Bertrand, Victorien Sardou, Ludovic Halévy, L. Pasteur, conde de Haussonville, Jules Claretie, almirante Jurien de la Gravière, Grad, Alexandre Dumas, filho, Camille Doucet, Gastao Boisser, Xavier Marmier, Ernest Legouvé e duque de Broglie.

Da Academia de Sciencias: Doubrée, Berthelot, de Quatrefages, Faye, Charcot, almirante Mouchez, Hermite, Janssen, Tisserand, Gaudry, Grandidier, Gringey, Bouchard, Henri Becquerel, Hamy, Alfred Cornu e Bouquet de la Grye.

Da de Sciencias Moracs e Politicas: Paul Leroy-Beaulieu, Emile Levasseur, G. Himiy, Ernest Glasson, Frederic Passy e Lefèvre-Portalis.

Da de Inscripções e Bellas-Letras: Jules Oppert, Wallon, Léon Gauthier, Boislisle e Foucart.

Da de Bellas-Artes: os pintores Jérôme Bouguereau, Honner e E. Detaille, os esculptores Barrias, Falguière e Mercié, os maestros Ambroise Thomas e Gounod e o barão A. de Rothschild.

Nunca foram vistos em um funeral tantos membros do Instituto, disseram-me dous desses immortaes. Mui poucos faltaram, e os que deixaram de comparecer ou estavam longe de Paris, como Maxime du Camp e Guillaume, ou enfermos, como Jules Simon e Cuchartre.

Entre os outros francezes e estrangeiros de distincção, mencionarei o duque de La Rochefoucault-Doudeauville, os generaes Hartung, de Rochebouet, Boissier, Desoy, Rousseau e Beziat; os vice-almirantes barão Duperré, Coupvent-des-Bois, Charles Duperré, Perigot e Grassot; os srs. Eugène Dufeuille, conde Albert de Mun, marquez de Bouillé, visconde de Chazelles, Guillaume Guizot, L. N. Bonaparte-Wyse, marquiza de Beauvoir, princeza Aurelia Zurlo, coronel conde de Plazanct, condes de Laupesbin e de Lesmaison, Antonin Proust, Mme. Charles Heine, Mmc. Octave Feuillet, visconde de Courcy Sissen, marquez de Fiers, conde de Talleyrand Perigord, monsenhor Tisac, barão Tristan Lambert, conde de Rianccy e Mlle. de Rianccy, barão de Saint-Prest, conde de Sartiges, barão Gustavo de Rothschild, duqueza de Valencias, principe e princeza Constantino Radzwill, Mme. Appelt, Louise Abbe-ma, E. Lockroy, Mme. Daudet filho (Jeanne Hugo), Aristarchi-Bey, barão Hely d'Oissel, barão Larrey, Léon Noel, principe de Lucinge, Napoleon Ney, Camille Flammarion, duqueza Decazes, viuva, conde de Marcuil, conde de Barral, duqueza de Hajar, principe de Wagram, marquez de Villasegura, deputado Louis Passy, barão e baroneza Edmond de Bussière, Bertolini, conde e condessa Auguste de Pourtates, J. Cornely, conde de Béarn, dr. Guenaud de Moussy, marquez de Nadaillac, condessa de Naidallac, barão e baroneza de Soubouyan, conde de Laugier de Villars, duque e duqueza de Fozensac, duque de Valombrosa, Charles Buloz, barão Victor Taunay, de Blowitz, barão Mesnard, commandante Georges de Marchand, Hugues Le Roux, Max. Leclerc, Camp-bell Clark, R. Crawford, Bowes, marquez e marquiza de Persan, E. Pector, E. Lourdelot, C. Pra. Amédée Prince e conde de la Tour.

FERDINAND HEX

(Continua)



(Da Semana Illustrada)

O INCENDIO NA PRAHNA (RIO), EM 1863

★ ★ ★ PAGINAS ESCOLHIDAS ★ ★ ★

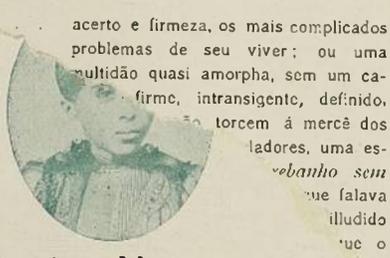


SYLVIO ROMERO

BRASIL SOCIAL

to de ethno-psychologia

(EXCERPTO DO PREFACIO)



Regina Martyrum

Lyrio do céu, sagrada creatura,
Mãe das creanças e dos peccadores;
Alma divina como a luz e as flores,
Das virgens castas a mais casta e pura...

Do azul immenso, dessa immensa altura,
Para onde voam nossas grandes dores,
Desce os teus olhos cheios de fulgores
Sobre os meus olhos cheios de amargura!

Na dôr sem termo, na mais negra estrada,
Vou caminhando, a sós, desatinada.
— Ai, pobre cega! — sem amparo ou guia...

Sê tu a mão que me conduza ao porto.
Oh doce Mãe da luz e do conforto,
Illumina o terror desta agonia!

AUTA DE SOUZA

stituição dos Estados-Unidos por alguns rhetoricos que andavam sempre a confundir phrases e palavreados com idéas; sua *loucura financeira* por occasião do famoso encilhamento; suas *revoltas* da armada, do Rio Grande, de Canudos e outras e outras, acarretando tremendas despesas ao Thesouro e dando logar ás mais repugnantes scenas de cruel ferocidade; seus cambios sempre baixos, revelando a extraordinaria depreciação da moeda; sua bancarrota, que trouxe a moratoria do *funding-loan*; seus pesadissimos *impostos* de todo o genero a vexarem os povos; o despotismo das oligarchias estaduacs opprimindo todas as classes; a desorganisação de todos os serviços administrativos; as roubalheiras nas repartições fiscaes, denunciadas quasi diariamente pela imprensa; todas estas chagas visiveis a olhos nus, que andam a afeiur o corpo da Republica, levantaram um tão formidavel côro de imprecações, como se não tinha ouvido outro equal em toda a existencia da nação.

Por cima de tudo isto, — a queda completa do credito agricola, o retrahimento do capital, a desordem economica de todas as classes, aggravada na dos agricultores de café — peia hyperprodução e subsequente *baixa dos preços* desse principal ramo de nossa exportação, tem levado o paiz ás bordas do desespero.

As maldições echoam por todos os lados e, para aggravar ainda mais a afflicção geral, as populações de cinco Estados do Norte ainda ha pouco morriam á mingua ou expatriavam-se, acoçadas por uma das mais terribes *sêccas* que em quatro seculos têm agitado aquella desventurada zona.

SYLVIO ROMERO

ensino da Historia

QUE NO COLLEGIO DIOCE-
SÓSE, DO RIO, EFFECTUOU
DE LAET.
C
POR

D'aphias, que
Pai' eu acon-
Morta' ventude
vez que

Qual se, de ta cs
De resfolegos
Lhe viesse fer' medi-

chietas, os Nobregas e seus successores, verdadeiros operarios do progresso no Brasil colonial; depois o rei patriarcha, João VI. ignobilmente detrahido pela chalaça quasi literaria do botequim, mas que foi o verdadeiro cabeça do movimento que do Brasil-colonia fez o Brasil-nação; e por fim aquella gloriosa e severa figura do segundo imperio que encheu o mais brilhante meio-seculo da nossa patria, e que em S. Vicente de Fora aguarda definitiva a gratidão dos posteros... Assim aprenderia o menino que em nossa patria o elogio não é só para o vencedor, para o poderoso, e que no culto do passado ha logar para todas as grandezas nacionaes...

Uma das objecções do nobre ministro da instrucção — e este, senhores, é o verdadeiro ponto doloroso do ensino historico, nem por outra razão o reservei para terminar, pois muito ha que abuso de vossas bençvolas atenções — é o que se arrecia do espectáculo das injustiças triumphantes sobre a moral e o direito. Mas, senhores, isto não constitue difficuldade insuperavel para a doutrina christã, nem mesmo já o era para o paganismo, comquanto apenas de raro em raro bem esclarecido pela luz da razão natural.

Já Plutarcho, « por uma especie de presentimento do dogma da solidariedade christã (diz Eugenio Talbot, prefaciando a sua traducção do biographo grego), emprehendera explicar as tardanças que na punição dos culpados pôe ás vezes a justiça divina, e esse tratado, que mereceu ser vertido por José de Maistre, é um dos livros mais curiosos da antiguidade. » (*Les Vies des hommes illustres*, tr. E. Talbot, Paris, 1880, t. I, pag. XIII.)

E por melhor explicar a materia, tão corrente para os catholicos que conhecem a sua doutrina, eu me não socorrerei, senhores, a nenhum auctor ecclesiastico, se não a dous escriptores profanos e bem pouco orthodoxos, Jean Jacques Rousseau e Camillo Castello Branco.

« Dir-se-lia, pondera o primeiro, ao escutarmos as murmurações dos mortacs impacientes, que antes do merito Deus lhes deve a recompensa, e que está obrigado a lhes pagar adeantadamente a virtude. Oh! sejamos bons primeiro, e depois seremos felizes. Não cxijamos o premio antes da victoria, nem o salario antes do trabalho. Não é no estadio, dizia um antigo, que os vencedores do nossos jogos são coroados, mas depois de o terem percorrido.

« Se a alma é immaterial (continúa o philosopho), pôde sobreviver o corpo; e se lhe sobrevive, justificada se acha a Providencia. Quando outra prova eu não tivera da immaterialidade da alma, se não o triumpho dos maus e a oppressão do justo neste mundo, isto só me impedira de duvidar. Uma tão manifesta contradicção, uma tão disparatada dissonancia na harmonia universal, me induziria a resolver-a, e então commigo mesmo eu dissera: « Tudo para nós não se acaba com a vida; tudo entra em ordem com a morte. » (*Continua*)

os ministros plenipotenciarios e os encarregados de negocios dos Estados-Unidos da America (Whitelaw Reid), da Inglaterra, Russia, Alemanha, Belgica (barão Beyens), Hollanda, Dinamarca, Suecia, Portugal, Suisa, Baviera, Grecia, Roumania, Servia, Monaco, S. Marinho, Costa Rica, Guatemala, Nicaragua, S. Domingos, Haity, Colombia, Perú, Bolivia, Chile, Republica Argentina, Uruguay, China, Japão, Persia e Republica Sul-Africana.

Desse mesmo lado ficavam o general Brault, representando o presidente do conselho, ministro da guerra; os srs. Bourgeois e Develle, ministro da instrucção publica e da agricultura; o conde d'Ormesson, representando o ministro dos negocios estrangeiros, o almirante Vignés, pelo ministro da marinha, e os representantes de outros membros do gabinete; o general Rousseau, representando o grande chanceller da Legião de Honra; o representante do governador militar de Paris, general rSaussier; varios senadores e deputados; o prefeito do Sena, o de policia (Lozé) e muitos membros do Instituto. Cerca de 60 desses academicos trajavam o uniforme e palmas verdes. Entre os muitos presentes, citarei estes:

Da Academia Fanceza: Leconte de Lisle, Edouard Hervé, François Coppée, Joseph Bertrand, Victorien Sardou, Ludovic Halévy, L. Pasteur, conde de Haussenville, Jules Claretie, almirante Jurien de la Gravière, Gréard, Alexandre Dumas, filho, Camille Doucet, Gastão Boissier, Xavier Marmier, Ernest Legouvé e duque de Broglie.

Da Academia de Sciencias: Doubrée, Berthelot, de Quatrefages, Faye, Charcot, almirante Mouchez, Hermite, Janssen, Tisserand, Gaudry, Grandidier, Gringey, Bouchard, Henri Becquerel, Hamy, Alfred Cornu e Bouquet de la Grye.

Da de Sciencias Moraes e Politicas: Paul Leroy-Beaulieu, Emile Levasscur, G. Himly, Ernest Glasson, Frederic Passy e Lefèvre-Pontalis.

Da de Inscripções e Bellas-Letras: Jules Oppert, Wallon, Léon Gauthier, Boislisle e Foucart.

Da de Bellas-Artes: os pintores Jerome, Bouguereau, Henner e E. Detaille, os esculptores Barrias, Falguière e Mercié, os maestros Ambroise Thomas e Gounod e o barão A. de Rothschild.

Nunca foram vistos em um funeral tantos membros do Instituto, disseram-me dous desses immortaes. Mui poucos faltaram, e os que deixaram de comparecer ou estavam longe de Paris, como Maxime du Camp e Guillaume, ou enfermos, como Jules Simon e Cuchartre.

Entre os outros francezes e estrangeiros de distincção, mencionarei o duque de La Rochefoucauld-Doudeauville, os generaes Hartung, de Rochebouet, Boissier, Desoy, Rousseau e Beziar; os vice-almirantes barão Duperré, Coupvent-des-Bois, Charles Duperré, Perigot e Grasset; os srs. Eugène Dufoille, conde Albert de Mun, marquez de Bouillé, visconde de Chazelles, Guillaume Guizot, L. N. Bonaparte-Wyse, marquez de Beauvoir, princeza Aurelia Zurlo, coronel conde de Plazanet, cordes de Laupesbin e de Lesmaison, Antonin Proust, Mme. Charles Heine, Mme. Octave Feuillet, visconde de Courcy Sissen, marquez de Flers, conde de Talleyrand Perigord, monsenhor Tisac, barão Tristan Lambert, conde de Riancy e Mlle. de Riancy, barão de Saint-Prost, conde de Sartiges, barão Gustavo de Rothschild, duqueza de Valencias, principe e princeza Constantino Radzwill, Mme. Appert, Louise Abbe-ma, E. Lockroy, Mme. Daudet, filho (Jeanne Hugo), Aristarchi-Bey, barão Holy d'Oissel, barão Larroy, Léon Noel, principe de Lucinge, Napoleon Ney, Camille Flammarion, duqueza Decazes, viuva, conde de Marcuil, conde de Barral, duqueza de Hajar, principe de Wagram, marquez de Villasegura, deputado Louis Passy, barão e baroneza Edmond de Bussièrc, Bertolini, conde e condessa Auguste de Pourtates, J. Cornily, conde de Bcarn, dr. Guenaud de Moussy, marquez de Nadaillac, condessa de Naidallac, barão e baroneza de Soubeyran, conde de Laugier de Villars, duque e duqueza de Fozensac, duque de Valombrosa, Charles Buloz, barão Victor Tauxay, de Blowitz, barão Mesnard, commandante Georges de Marchand, Hugues Le Roux, Max. Leclerc, Camp-bell Clark, R. Crawford, Bowes, marquez e marqueza de Persan, E. Pector, E. Lourdelet, C. Pra, Amédée Prince e conde de la Tour.

(Continua)

FERDINAND HEX — que o poder imperial destruir a liberdade de qualquer cidadão, immediatamente se levantando, de um lado, forças collectivas para proteger a victimia, e, de outro lado, uma magistratura independente, que não é instrumento de ninguém. Mas o poder imperial não attentará contra a liberdade, nem do cidadão, nem das collectividades. Seu constante interesse o levará a exercer exclusivamente sua função, essa função soberana que, em todos os Estados modernos, se tem tornado cada vez mais absorvente e complicada.

XII

A MONARCHIA TEM INTERESSE EM ORGANISAR

Que succederia se, a despeito das difficuldades praticas de tal empresa, o Imperador puzesse em perigo a existencia dos organismos sociais?

— A Monarchia ficaria dissolvida de facto, visto não poder ser concebida nem functionar sem a existencia dos organismos sociais.

A Monarchia, então, tem interesse em organizar?

— Certamente; e é justamente isto que a distingue da Republica, que, longe de organizar, tem interesse em destruir todas as associações.

(Continua)

(Da Semana Illustrada)



ENAZINA DE BATTENBERG

marcado para o dia 3 do mez o casamento de Alfonso XIII princeza Ena de Battenberg, na do rei da Inglaterra.

☆☆☆ PAGINAS ESCOLHIDAS ☆☆☆



SYLVIO ROMERO

O BRASIL SOCIAL

Estudo de ethno-psychologia

(EXCERPTO DO PREFACIO)

A nação tinha adormecido monarchica e na bella manhã de 15 de novembro de 1889 acordou republicana!

Era muito rapido para ser serio, era unico em todo o mundo para não inspirar desconfianças ao observador dos factos sociaes.

A *bestialisação*, na phrase graphica do mais sincero dos republicanos brasileiros, porque tinha a sinceridade da loucura, a *bestialisação* foi geral.

Ninguém se moveu, ninguém luctou, ninguém se batou por uma instituição que era a irmã gêmea de nossa independencia, que tinha tantos annos de vida quantos temos nós de povo livre! Setenta annos de regimen autonomo em quatrocentos de tutela, desde os primeiros passos que demos no caminho do destino que conduz os povos... desfizeram-se como a nevoa rapida nas manhãs estivadas, ou a leve poeira cedo apagada de sob os pés lo viandante ignorado do sertão.

Um tal phenomeno, singularmente estranho aos olhos do historiador, demandando para o explicar, ou um povo em tão alto grau de cultura que conscientemente resolva, com seguramça

acerto e firmeza, os mais complicados problemas de seu viver; ou uma multidão quasi amorpha, sem um caracter firme, intransigente, definido, desses que não torcem á mercê dos caprichos dos especuladores, uma especie daquelle *povo rebanho sem aprisco e sem pastor*, de que falava o poeta, facil de ser guiado e illudido pelos grupos de *politicians* que o devoram.

Conta-se, e Deus queira que não tenha sido verdade, que, quando foi do 15 de novembro de 1889, um official chileno, do navio de guerra daquelle nação surto naquella data no porto do Rio de Janeiro, dissera, ao assistir á indifferença da população deante do que se passava e da facilidade com que se depuzera a Monarchia: *não é um povo; é uma horda!* Palavras duras que encerram mais verdade do que á interessada cegueira dos vivedores da *politica alimentaria* mantida no Brasil pôde parecer.

Como quer que seja, a Republica é agora, e por enquanto, a ultima desillusão do pobre povo brasileiro. Sua *constituição* espuria, copiada da con-

stituição dos Estados-Unidos por alguns rhetoricos que andavam sempre a confundir phrases e palavreados com ideas; sua *loucura financeira* por occasião do famoso encilhamento; suas *revoltas* da armada, do Rio Grande, de Canudos e outras e outras, acarretando tremendas despesas ao Thesouro e dando logar ás mais repugnantes scenas de cruel ferocidade; seus cambios sempre baixos, revelando a extraordinaria depreciação da moeda; sua bancarota, que trouxe a moratoria do *funding-loan*; seus pesadissimos *impostos* de todo o genero a vexarem os povos; o despotismo das oligarchias estaduaes opprimindo todas as classes; a desorganisação de todos os serviços administrativos; as roubalheiras nas repartições fiscaes, denunciadas quasi diariamente pela imprensa; todas estas chagas visiveis a olhos nus, que andam a afeiar o corpo da Republica, levantaram um tão formidavel coro de imprecações, como se não tinha ouvido outro equal em toda a existencia da nação.

Por cima de tudo isto, — a queda completa do credito agricola, o retrahimento do capital, a desordem economica de todas as classes, agravada na dos agricultores de café — pela hyperprodução e subsequente *baixa dos preços* desse principal ramo de nossa exportação, tem levado o paiz ás bordas do desespero.

As maldicções echoam por todos os lados e, para agravar ainda mais a afflicção geral, as populações de cinco Estados do Norte ainda ha pouco morriam á mingua ou expatriavam-se, acossadas por uma das mais terriveis *séccas* que em quatro seculos têm agitado aquella desventurada zona.

SYLVIO ROMERO



O ensino da Historia

CONFERENCIA QUE NO COLLEGIO DIOCESANO DE S. JOSÉ, DO RIO, EFFECTUOU O DR. CARLOS DE LAET.

(Continuação)

NÃO com estas biographias, que seu tanto têm do epinício, eu aconselharia que se nutrisse a juventude escolar do meu paiz; e, uma vez que é já estylo levar de cambulhada os pequerruchos ás festas anniversarias dos *morubixabas*, eu tambem pediria que de vez em quando os conduzissem numa piedosa romaria ás fontes de nossa historia, e que se lhes ensinasse, em verdade e consciencia, a venerar os heroicos desbravadores do gentilismo sul-americano, os An-

chietas, os Nobregas e seus successores, verdadeiros operarios do progresso no Brasil colonial; depois o rei patriarcha, João VI, ignobilmente detrahido pela chalaça quasi literaria do botequim, mas que foi o verdadeiro cabeça do movimento que do Brasil-colonia fez o Brasil-nação; e por fim aquella gloriosa e severa figura do segundo imperio que encheu o mais brilhante meio-seculo da nossa patria, e que em S. Vicente de Fóra aguarda definitiva a gratidão dos posteros... Assim aprenderia o menino que em nossa patria o elogio não é só para o vencedor, para o poderoso, e que no culto do passado ha logar para todas as grandezas nacionaes...

Uma das objecções do nobre ministro da instrucção — e este, senhores, é o verdadeiro ponto doloroso do ensino historico, nem por outra razão o reservei para terminar, pois muito ha que abuso de vossas benevolas attentões — é o que se arreceia do espectáculo das injustiças triumphantes sobre a moral e o direito. Mas, senhores, isto não constitue difficuldade insuperavel para a doutrina christã, nem mesmo já o era para o paganismo, comquanto apenas de raro em raro bem esclarecido pela luz da razão natural.

Já Plutarcho, « por uma especie de presentimento do dogma da solidariedade christã (diz Eugenio Talbot, prefaciando a sua traducção do biographo grego), emprehendera explicar as tardanças que na punição dos culpados pôe ás vezes a justiça divina, e esse tratado, que mereceu ser vertido por José de Maistre, é um dos livros mais curiosos da antiguidade. » (*Les Vies des hommes illustres*, tr. E. Talbot, Paris, 1880, t. I, pag. XIII.)

E por melhor explicar a materia, tão corrente para os catholicos que conhecem a sua doutrina, eu me não socorrerei, senhores, a nenhum auctor ecclesiastico, se não a dous escriptores profanos e bem pouco orthodoxos, Jean Jacques Rousseau e Camillo Castello Branco.

« Dir-se-ia, pondera o primeiro, ao acutarmos as murmurações dos mortaes impacientes, que antes do merito Deus lhes deve a recompensa, e que está obrigado a lhes pagar adequadamente a virtude. Oh! sejamos bons primeiro, e depois seremos felizes. Não exijamos o premio antes da victoria, nem o salario antes do trabalho. Não é no estadio, dizia um antigo, que os vencedores do nossos jogos são coroados, mas depois de o terem percorrido.

« Se a alma é immaterial (continua o philosopho), pôde sobreviver o corpo; e, se lhe sobrevive, justificada se acha a Providencia. Quando outra prova eu não tivera da immaterialidade da alma, se não o triumpho dos maus e a oppressão do justo neste mundo, isto só me impediria de duvidar. Uma tão manifesta contradicção, uma tão disparatada dissonancia na harmonia universal, me induziria a resolver-a, e então commigo mesmo eu dissera: « Tudo para nós não se acaba com a vida; tudo entra em ordem com a morte. » (Continua)

LIVROS NOVOS

OASIS — versos — 1905 — por Honorio Jovino — Typographia Emiliano Scacchetti — Taubaté.

Chega-nos de Taubaté esta edição *mignonme*, contendo trinta poesias, que nos não trazem novidades nem de fundo, nem de forma.

Não ha effectivamente no seu pensamento originalidades que o realcem, nem sua forma vence difficuldades que mereçam notadas.

O A., apesar de moço, como se estampa no seu retrato, sente-se um descrente, um desalentado, ferido no amago da vida, de semblante cahido, de maguas reconditas que lhe ralam o peito.

Assim o traduz a sua produção inicial, estroepitypada numa impressão dolorosa e desconfortavel de sua alma, sensibilizada pela tortura cruel da impotencia humana ante o ideal inacessivel, só realisavel para aquelles que, como o poeta, encontram abrigo no seu *Oasis* :

Da arte sublime, neste oasis venho
Alargo procurar. No mundo todo
Que percorri, aos hombros tendo o lenho
Da vida, hei visto em toda a parte o lenho,

O mesmo lodo negro e verminoso,
De crimes e umbigos de toda a casta,
Em que fruido um momentaneo gozo —
O homem se atasca e se acaharrada e [arrasta.

O mundo hoje não é mais que um deserto
Do carinho e affeições das outras eras.
Onde era outr'ora o amor hoje está aberto
Um antro cheio de medonhas feras.

Poucas literaturas são tão ferreis
em productos de falsa tristeza, de
sentimentalismo affectado e piegas,
como a brasileira.

A poesia não deve ser uma sombra
misanthropica, sem alegrias, sem esperanças.

As idéas hoje mostram uma altitude
mais segura, uma altivez mais nobre
e mais fortalcedora e a poesia não
deve furtar-se a esta feição.

Entretanto, nem sempre as suas
produções trazem a nota da melancolia
e do desalento.

Certo é que ha raios de luz e pedaços
de céu no meio daquelle crepusculo.

A descrença que lhe resumbra
na alma tem intercadencias de enthusiasmos.

Este soneto, intitulado *Quando
passas...*, parece-me documento frisan-
te deste juizo :

Quando passas, senhora, quando passas,
Toda de branco, trescalando a rosas,
Formosa entre as mulheres mais formosas,
Como rainha de infinitas graças,

Pela rua em que vais, como que traças
Phantasticas esteiras luminosas,
Quando de branco, trescalando a rosas,
Formosamente encantadora passas...

Sigo-te o passo e encanto-me no loiro
Eden terreal do teu cabelo flavello,
Mais rico que um riquissimo thesoiro.

Quantos me invejam — almas rancorosas!
E bebem de cume o amargo trazo,
Quando tu passas, trescalando a rosas.

O sr. H. Jovino não é um poeta
de inspiração forte e rica, mas um
cantor espontaneo, de emoção facil,
correcta e fluente, pela abundancia de
paixão amorosa.

Como estes versos, ha muitos alli
ainda mais bellos e expressivos. Não
os citamos, por brevidade.

Podem ser lidos com prazer a *Gov-*

dola azul, Alma liberta, Metamorphose, o Riso e a vida.

Vejam, por ultimo, este soneto
cheio de lyrismo pessoal e amoroso :

PRECE

Vejo que passas toda a tarde, apenas
Olives do sino o festival chamado.
E o livro de orações entre as pequenas
E delicadas mãos vejo levado.

Entras no templo. Ao pé das açucenas
E das rosas do altar, teu vulto amado
Mas parece uma flor, entre as centenas
De flores aromaes, que tens ao lado.

Abres o livro de orações. Folheas
Celestemente as paginas, enquanto
Avegludado o olhar me relanceas,

E houve quem, reparando, me dissesse
Que para mim, bem mais que para o santo,
Elevas o diriges tua prece.

Ha nesta composição um tom de
naturalidade que encantar.

Fechamos esta noticia, fazendo vo-
tos por que o A. presiga na cultura
das letras e nos dê novos e mais
succulentos fructos de sua inspiração.

J. V.

Jornaes e revistas

Está distribuido o n. 6 da *Iris*, bella
revista mensal de Alvaro Guerra. Como
sempre, appareceu pontualmente, com-
pletando com a presente edição seu
1.º semestre.

Quem sabe como nós com quantos
sacrificios lucha uma revista séria em
S. Paulo, onde pullulam infelizmente
falsas publicações com aquelle titulo,
deve avaliar a série de difficuldades
que asseberbaram o brilhante escriptor,
para vencer galhardamente, como ven-
ceu, esses seis mezes de publicação
da *Iris*. Esses seis volumes da revista
representam não pequeno sacrificio.
Não pouca dôce de energia, boa-
vontade e perseverança, e por isso não
regateamos applausos ao Alvaro Guerra,
fazendo votos por que, na mesma
trilha que vem gloriosamente seguindo,
complete ainda a *Iris* muitos semes-
tres como esse que acaba de festejar.

Recebemos o n. 9 da *Revista*
trimesnal do Centro de Sciencias, Let-
tras e Artes, de Campinas, com o se-
guente summario :

- I — Directoria e Comissões.
- II — Programma de Centro.
- III — Geographia botanica do Estado
de São Paulo. — *Jose de Cam-
pos Novas*.
- IV — A Cidade de S. Paulo. Segun-
da Parte. — *Francisco d'Assis
Vieira Bueno*.
- V — O Problema Naval Brasileiro. —
Abilio Alvaro Miller.
- VI — O Japão e seus differentes as-
pectos. — *Leopoldo de Freitas*.
- VII — Plantas do Japão. — *Yushun-
Kudo*.
- VIII — A concepção actual do ensino da
geographia. — *Gustavo Enge*.
- IX — Actas das Sessões de junho
de 1903 a fevereiro de 1904.

- X — Bibliographia.
- XI — Noticiario social.
- XII — Lista dos donativos.

— A magnifica revista de Arthur
Goulart e Francisco Gaspar, *A Nova
Cruz*, completou o seu primeiro anno
de existencia, publicando uma primo-
rosa edição, com a capa impressa
artisticamente a cores e com escolhi-
da collaboração em prosa e em verso.

Na 1.ª pagina rende homenagem ao
inditito poeta Saturnino de Meirelles

publicando o seu retrato, accompanha-
do de um artigo de Arthur Goulart ;
estampa ainda o retrato e produções
de Luiz Edmund, Jayme Guimarães,
Guimarães Passos, Silvestre de Lima
e Laudelino Freire.

Nada deixa a desejar este numero
d' *A Nova Cruz* e nossos votos sin-
ceros são por sua crescente prospe-
ridade.

POETAS PORTUGUEZES

AQUELLA QUE VEIU TARDE ..

Corpo d'arminho, alma d'arminho,
O teu perfil espiritual
Lembra uma santa illuminada em perga-
[minho
Num livro d' Horas medieval

De rendas finas como pennas
Feitas a um mystico tear,
As tuas mãos parecem duas açucenas
Desabrochadas ao luar.

Branco de neve e luar coalhado
Sobre magnolias a entreabrir,
Teu lacteo seio é como um ninho immacu-
[lado
Gudo os meus sonhos vão dormir ..

Accorde mystico e divino,
Murmurio languido de prece,
E' como um som azul e branco, harpa e
[vioiño,
A tua voz que me adormeece.

O olhar azul, o olhar celeste,
Tem tal doçura e tal ceneção,
Que d'uma aure-la seraphica te veste
Como o esplendor d'uma Assumpção.

E o teu cabelo, ouro tostado,
Tão lizo e louro sobre a testa,
Traz o teu rosto de madona emoldurando
Num byzantino halo de festa.

Que direi eu que mais exalte
Essa figura espiritual,
Oh minha santa illuminada a ouro e es-
[malte
Num livro d' Horas medieval ?

Avé-Maria ! E' este o grito
Em que os meus versos se condensam,
Quando te vejo e o teu olhar, sempre
[bendito,
Cui sobre mim como uma bençãam ..

ANTONIO FELLÓ

O nosso archivo

Recebemos um folheto com as razões
de apellação apresentadas ao Tribu-
nal de Justiça, por parte do appellante,
major Feliciano Luiz de Oliveira Cesar,
na acção em que este contend, no
fôro e comarca de Pirassununga, com
Monteiro de Barros & C.

Firmam-nas os advogados desta
capital, drs. João Fleury, Couto do
Magalhães e Carlos de Camargo To-
lomy.

— Tambem recebemos as razões de
primeira instancia por parte de Artilio
Campi, na acção que propoz contra a
Camara Municipal de Santa Rita do
Passa Quatro, apresentadas por seu
advogado sr. Carlos de Queiroz, que
nesse trabalho revela vastos conheci-
mentos de Direito.

— Deu entrada no nosso archivo o
livro de versos *Trevas e Crystaes*,
do sr. José do Amaral.

Vamos lê-lo, limitando-nos por hoje
a agradecer a seu auctor o exemplar
que nos offereceu.

— Temos sobre a mesa um elegante
folheto, com varios discursos proferi-
dos pelo dr. Velloso de Castro, antigo
magistrado e actualmente com escripto-
rio de advocacia em Cajúru.

No proximo numero falaremos delle.

OS MUNICIPIOS

Santo s

O sr. Joseph A. Taylor deixou de
ser representante do *Album Imperial*
nesta cidade e ainda não prestou suas
contas, apesar dos nossos reiterados
pedidos. Como esse cavalheiro não
nos forneceu até hoje a lista dos as-
signantes que angariou, pedimos as
pessoas que lhe pagaram a importan-
cia da assignatura que nos mandem
dizel-o, afim de lhes ser feita regular-
mente a remessa da revista.

Campinas

Falleceu no dia 12, inesperadamente,
a exma. sra. d. Ercilia Soares, espo-
sa do sr. Favorino Soares e cunhada
dos srs. drs. Araujo Mascarenhas, Al-
varo Miller, Raul Bicudo e Azurem
da Costa.

Partencia a finada a respeitavel fa-
milia campineira e, senhora de grandes
virtudes, sua morte foi gcalmente
sentida.

Apresentamos nossas condolencias
á exma. familia enlutada.

S. Manoel

Já estava na machina o nosso ulti-
mo numero, quando subemos do de-
creto mettendo o delegado de policia
de S. Manoel. Mas nem por isso, ao
que parece, melhoraram as cousas
nesta cidade : — dias depois, um tele-
gramma expedido á imprensa noticiava
que o destacamento local havia atirado
e morto um individuo.

Dividem-se as opiniões : — dizem
uns que a victima era typo perigoso
e havia resistido, armado, á ordem de
prisão ; outros, ao contrario, affirmam
que a policia, para consummar o cri-
me, preparara contra a victima uma
verdadeira cilada.

Seja como for, a verdade é que a
força policial commetteu um assassi-
nato ; só em processo regular é que
poderão ser apuradas devidamente as
responsabilidades e só o Jury é que
poderá apreciar os motivos determi-
nantes do crime, para condemnar ou
absolver os implicados.

Farão isto as auctoridades ?
Provavelmente, não ; não ser nem
sequer instaurado inquerito e mais um
homicidio legal será inscripto nas
paginas negras da nossa policia.

Desgraçadamente, não é de hoje o
precedente. Todos nos lembramos ain-
da das caçadas que se fizeram nos
sertões, dos criminosos mortos pelas
escoltas policiaes, sem que as aucto-
ridades e as praças da força publica
responderdessem a processo.

Com o caso de S. Manoel vai dar-
se, provavelmente, a mesma cousa.

XV Sorte Grande

A Loteria da Esperança vendeu neste
Estado mais uma sorte grande de.....
25:000\$000 no dia 12, que coube ao
bilhete n. 61.510, e foi vendido em
Campinas pelos srs. A. Ribeiro & C.a,
bem como toda a dezena, completando
com esta a decima quinta sorte gran-
de que a Loteria da Esperança distri-
buiu em S. Paulo em dous mezes, na
importancia approximada de 600:000\$.

Chamamos a attenção dos leitores
para a grande loteria de São João,
cujá extracção será feita em quatro
sorteios, na importancia de 145:000\$.
Convém ler o annuncio da nossa ulti-
ma pagina.

Supplemento do "Album Imperial"

ANNO I

CHRONICAS E NOTICIAS

NUMERO 10

Album Imperial



O *Album Imperial* publica-se regularmente nos dias 5 e 20 de cada mez, trazendo no minimo **dezesseis paginas** de texto.

REFORMAS MELHORAMENTOS

Secção de Modas. — *Album de autographos.* — Para respondermos á grande acceitação que em toda parte vai tendo o *Album Imperial*, — a ponto de se exgotar completamente a edição do 1.º numero e restarem poucos exemplares dos numeros subsequentes, — resolvemos melhorar consideravelmente a nossa revista, tanto na parte propriamente do texto, como no *Supplemento*.

Já no presente numero inauguramos uma secção, *Pelo Extrangeiro*, ornada de finas autotypias; do proximo numero em diante, o *Album Imperial* trará uma secção de modas femininas e masculinas, enriquecidas de gravuras, para a qual o respectivo redactor aproveitará das revistas estrangeiras o que for mais interessante. Inauguraremos tambem uma secção que — estamos certos — vai despertar grande interesse no nosso meio literario: — *Album de autographos*, na qual reproduziremos autographos dos mais festejados escriptores brasileiros e estrangeiros, acompanhados do retrato dos respectivos auctores. Inauguraremos o *Album de autographos* com uma carta dirigida por Machado de Assis ao nosso director, e a seguir daremos autographos de todos os membros da Academia Brasileira de Letras.

Com o retrato de S. A. o Principe D. Antonio, o *Album* terminou, no ultimo numero, a publicação dos retratos da Familia Imperial do Brasil, reservando para a primeira oportunidade a homenagem que dedicará a outros illustres descendentes do Imperador Sr. D. Pedro II.

Com o retrato de José da Costa Carvalho, Marquez de Mont'Algre, inaugura hoje a nossa revista a numerosa e brilhante galeria dos homens illustres do Brasil, que se distinguiram na politica, nas letras, nas sciencias, nas artes, nas luctas intellectuaes e nos campos de batalha, dando honra e brilho ao seu e ao nome da patria.

Não seguirá o *Album*, nesse trabalho, ordem chronologica, nem outra qualquer classificação methodica; antes, procurará variar quanto possivel a galeria desses varões illustres, ora publicando o retrato de um orador da corte de D. João VI ou de um estadista do primeiro Imperio, ora de um politico do segundo Imperio, o de um poeta, o de um escriptor, o de um militar. Contando com a collaboração dos mais festejados escriptores brasileiros, espera o *Album* cumprir o seu programma.

* * *

O nosso respeitavel correligionario dr. Estevam Ribeiro de Souza Rezende, Barão de Rezende, escreve hoje no *Album* sobre o Marquez de Mont'Algre e prometeu honrar-nos com a sua valiosa collaboração effectiva.

O sr. Barão de Rezende ha muito está arredado da politica; no Imperio foi varias vezes representante da provincia de S. Paulo em sua assembléa, bem como na camara temporaria na 16.ª legislatura, dissolvida em 1878. Desde estudante de Direito, tem se applicado ao estudo da historia politica do Brasil e ainda não ha muito tempo, sob as iniciaes *E. R.*, empenhou-se em brilhante polemica, na imprensa desta capital, com o saudoso dr. Antonio Piza, a proposito da *bernarda* de Francisco Ignacio.

O sr. Barão de Rezende é auctor de apreciaveis trabalhos historico-politicos, como, entre outros, os estudos que publicou em 1862 sobre o partido conservador (volume de 160 paginas

in-8.º); e sobre a revolução de 1842 em S. Paulo, publicados em 1868 (volume de 110 pags. in-8.º). Escreveu tambem a obra em seis volumes (1879-80) *Estudos historico-politicos*, occupando-se, nos tres primeiros, d'*As reformas constitucionaes*; no 4.º, dos *Preliminares da nossa independencia politica*; no 5.º, da *Acclamação do Sr. D. Pedro I, imperador do Brasil, o Ministerio de 1822-1823 e a politica dos Andradas*; no 6.º, finalmente, d'*Os Andradas*. Ainda escreveu, sob o titulo — *Questão constitucional* — um opusculo sobre a camara reformadora e o senado, e é auctor, tambem, de uma *Memoria* relativa á via de communicação entre a provincia de Matto-Grosso e o littoral, além de outros trabalhos.

RABISCOS

O meu carissimo amigo Leoncio Gurgel publicou uma *Genealogia* do sr. Campos Salles que vai levantando grande ceilema na imprensa indigena, no vasto arraial dos nossos criticos.

Referindo-se a esse trabalho, tem se dividido a imprensa em tres campos diversos, que poderei classificar assim: 1.º — O dos jornalistas que, em assumpto bibliographico, se limitam ao vulgarissimo «Recebemos e agradecemos» dos noticiarios;

2.º — O dos amigos e admiradores do sr. Campos Salles, os quaes applaudem sem reservas a obra, orgulhosos por o illustre paulista descender, em linha recta, de Meroveu;

3.º — O dos que, ao contrario, inimigos ou simples desaffectos do gorducho lavrador do Banharão, entendem que o livro é trabalho de mera phantasia e que o sr. Campos Salles está longe de ser, genealogicamente falando, representante de reis de França.

Nem tanto á terra, nem tanto ao mar.

O trabalho do carissimo Leoncio tem, pelo menos, o merito de ser o resultado de um esforço intellectual não pequeno, e num meio como o nosso, em que pouco se estuda e em que pouco se lê, livros como esse

merecem alguma cousa mais do que o banalissimo «Recebemos e agradecemos» da nossa imprensa.

A *Genealogia*, na parte propriamente biographica dos reis de França, tem aqui e alli seus tantos erros, até certo ponto desculpaveis em um trabalho em que o auctor não pretende ensinar historia a ninguém; a existencia do tronco illustre a que o Leoncio pretende ligar o sr. Campos Salles é tão remota na historia geral, que muita gente ainda hoje a põe em duvida: — terá existido mesmo esse sr. Meroveu, no anno 400 e tantos da era christã?

Na incerteza em que se acham, nesse ponto, os srs. historiadores, — porque não tratam de deslindar o caso, como preliminar da critica ao trabalho do Leoncio?

Longe disso, os Saint Beuve da nossa imprensa, como os do *Correio da Manhã*, do Rio, referindo-se á *Genealogia*, citaram em falso o pouco que leram do trabalho do talentoso moço e disseram que o seu auctor é membro de «umas tantas sociedades scientificas».

O Leoncio é socio correspondente da Sociedade de Geographia de Lisboa e um dos membros mais distinctos do nosso Instituto Historico e Geographico, — titulos a que faz incontestavelmente jus, pelo seu merecimento: — a respeitavel sociedade scientifica de Portugal abriu-lhe as portas, á vista do seu magnifico estudo sobre João Ramalho e do seu interessante artigo sobre a guarda de honra de D. Pedro I no 7 de setembro, e na *Revista* do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo seu nome figura mais de uma vez com brilho, subscrivendo trabalhos de valor.

Amigo do Leoncio e seu humilde admirador, não posso, entretanto, perfi-lhar, cá por certas cousas, sua opinião sobre a *Genealogia* do sr. Campos Salles. Mas nem por isso deixo de reconhecer o seu merecimento, mais uma vez revelado nessa obra, que, digam o que disserem, é fructo de muito estudo.

FABRICIO PIERROT



SUA EXCELLENCIA

(IMPRESSÕES DA PROVINCIA)

NAQUELLE sabbado, o Cantidiano tinha que sair dos seus hábitos.

Fazia annos o director da secretaria do governo, onde elle exercia as funções de amanuense. Sua senhoria convidara-o para tomar chá. Elle, que era, não só o mais calvo, como tambem o mais acanhado, o mais submisso, o mais respeitoso dos funcionarios subalternos, de modo algum poderia faltar a tão honroso convite.

Portanto, calçou as botinas de polimento, enfiou as calças brancas irreprehensivelmente engommadas, desengavetou, escovou e vestiu a sobre-casaca dos dias solemnes, poz o chapéu alto — que só a custo lhe entrou na cabeça, por ter estado muito tempo fóra de serviço —, e quando o sineiro do Carmo bateu a primeira badalada das oito, sahiu de casa e lá foi, a passos graves e medidos, agitando entre os dedos a bengalinha de junco.

Ao entrar em casa do seu chefe, o Cantidiano encontrou sua senhoria no corredor, a ralhár com uns moleques da vizinhança que tinham sido altrahidos até á sala de jantar pelo aspecto festivo da residência.

Ao ver o seu superior hierarchico, o amanuense tirou o chapéu, que lhe deixou na testa um vinco enorme, e curvou-se reverentemente, depois da classica mesura.

Seja bem apparecido, sr. Cantidiano. Agradeço-lhe não ter faltado. E o director accrescentou com ar mysterioso:

— Já sabe da grande novidade? O amanuense arqueou os labios, num sorriso interrogativo.

— O sr. presidente quiz causar-me uma surpresa: dignou-se vir tomar chá conmigo!...

— Sua excellencia o sr. presidente está ahí?...

— Está; soube que hoje era o dia do meu anniversario natalicio e quiz honrar a minha casa com a sua presença.

— Nesse caso vossa senhoria ha de permitir que me retire...

— Porque, sr. Cantidiano? — Sou um simples amanuense... não posso hombrar com o presidente da provincia...

— Não, senhor! isso não! Ora essa! Não se approxime de sua excellencia, não lhe dirija a palavra, guarde a distancia conveniente para a boa moralidade da administração, mas fique. Fique e divirta-se.

— Então acha vossa senhoria que não incorrerei no desagrado de sua excellencia?

— Ora essa, sr. Cantidiano! O senhor está em minha casa e o sr. presidente é muito boa pessoa.

O Cantidiano entrou e, como o presidente, um homem alegre, solteiro, ainda moço, se achasse na sala de visitas, conversando com as senhoras, elle deixou-se ficar na varanda, sentado a um canto, fumando tranquilamente, depois de obter do dono da casa a necessaria licença para accender um cigarro.

O presidente aventou a idea de dançar-se, mas não havia piano em casa e era muito difficil áquella hora improvisar uma orchestra. E verdade que sua excellencia podia mandar buscar, se quizesse, a musica do 5.º batalhão de infantaria; mas para que proporcionar ao *Conservador*

materia para mais um artigo de opposição?

Uma das moças lembrou que se jogasse o *Padre Cura*. A idea foi entusiasticamente acolhida. O presidente da provincia que decididamente era muito dado, muito despido de ceremonias e etiquetas — foi o primeiro que se manifestou:

— Apoiado! Apoiado! E permitam, minhas senhoras, que eu, como primeira auctoridade da provincia, nomeie padre cura alli áquelle senhor.

— Bravo! Bravo!

A filha do dono da casa, uma rapariga de quinze annos, observou timidamente:

— Papac, porque vocemecê não chama aquelle moço que ficou lá na varanda?

— Que moço? perguntaram diversas vozes.

— É o Cantidiano, respondeu o director, voltando-se para sua excellencia; um empregado da secretaria... Ficou lá dentro, porque... sim, como vossa excellencia está presente... e elle é muito acanhado...

— Essa agora! disse num impeto o delegado do governo imperial. Então eu sou algum desmancha-prazeres?...

E sua excellencia foi em pessoa á varanda:

— Oh! sr. Cantidiano! Sr. Cantidiano! Quem é aqui o sr. Cantidiano?

E reparou numa calva reluzente que ia quasi ao chão, graças á curvatura que o seu dono dera á respectiva espinha dorsal.

— É o senhor? Ora faça o obscquio! E, agarrando na mão tremula e fria do Cantidiano, levou-o até á saia de visitas.

— Aqui está o Cantidiano reclamado, minhas senhoras! Vamos ao jogo de prendas!

E reparando que o amanuense tremia que nem varas verdes:

— Meu caro senhor, ponha-se á vontade! O presidente ficou lá em palacio; aqui só está o amigo.

O pobre diabo suave por todos os poros.

— Vamos! Distribuam-se os nomes!

— Eu sou a rosa.

— Eu, o cravo.

— Eu, a angelica.

— Eu, a sempre-viva.

— Dona Filina, a senhora é a madressilva; sabe porque?

— Sei, e a senhora é o amor-perfeito... entende?

— Não! o amor-perfeito tinha eu escolhido.

Finalmente, depois de grande discussão, os nomes foram todos combinados.

O Cantidiano ficou sendo a papoula. Principiou o jogo:

— Indo o padre-cura passear, em casa do jasmim foi descançar.

— Mentos tu, respondeu o presidente, que era o jasmim.

— Onde estavas tu?

Sua excellencia olhou para o Cantidiano e, só de máu, respondeu: — Em casa da papoula.

O Cantidiano remexeu-se na cadeira em que estava sentado.

— Responda!

— Responda ou pague prenda!

— Vamos, sr. Cantidiano! disse a meia voz, muito serio, o director. Responda: Mentos tu.

O Cantidiano levantou-se, sorriu, dobrou a espinha numa mesura e disse:

— Vossa excellencia faltou á verdade...

Soneto do Imperador

O ultimo soneto do sr. D. Pedro II, escripto no Brasil, tão bello em seus alevantados conceitos e de feição e envergadura positivamente camoneanas, foi, não traduzido, mas paraphraseado por distincto poeta francez, literato bem conhecido em Paris.

Darcmos o original e a paraphrase:

«Não maldigo o rigor da iniqua sorte,
Por mais atroz que seja e sem piedade,
Arrancando-me o throno e a magestade,
Quando a dous passos só estou da morte.

Do jogo das paixões minha alma forte
Conhece bem a triste realidade,
Pois se agora não dá felicidade
Amanhã tira o bem, que nos conforto.

Mas a dor que exerceria o que maltrata,
A dor cruel que o animo deplora,
Que fere o coração e quasi o mata,

E vér da mão fugir, á extrema hora,
A mesma bocca li ouzreja e ingrata
Que tantos beijos nella pôz outr'ora.»

Eis a paraphrase:

«Je ne vous maudis pas, rigneurs d'un
destin sombre,
Malgré votre injustice et votre impiété,
Vous m'arrachez du trône et de sa majesté,
Au déclin de mes jours dont la mort sait
le nombre!»

Depuis longtemps, hélas! devant mes
yeux s'encombrent
L'amas des passions, pauvre réalité,
Des éternels serments, de fidélité
D'aujourd'hui, car demain sur eux s'étend
l'ombre!

Mais il est un tourment, semblable à l'agonie
Qui brise, alarme, etreint une âme, cruelle,
Et dans mon sein réside une affreuse
rancœur,

C'est de voir se hâter, fuyant la tyrannie
D'hier, le courtisan — suprême félonie!
Qui embrassait mes mains, les pressait
sur son cœur.»



FALLECIMENTOS

Deu-se nesta capital, a 6 do corrente, o passamento do dr. Ignacio Pereira da Rocha, conceituado clinico e senador estadual.

Filho de Emilio José Fernandes e de d. Escolastica Josephina Pereira, nasceu a 1.º de novembro de 1853, em Jacarhy, e, concluidos os preparatorios, seguiu para a Europa, matriculando-se na Universidade de Bruxellas, onde se diplomou em sciencias e lettras, em pharmacia e, finalmente, em medicina, em 1882. Distinguiu-se tanto nos estudos, que lhe foi conferido o premio de viagem e pratica nos hospitaes, — honra que pela primeira vez a Universidade concedia a um estrangeiro.

Regressando ao Brasil, fixou residencia em Sorocaba e, depois de habilitar-se perante a Faculdade de Medicina do Rio, abriu consultorio naquella cidade e alli se casou, em 1885, com a exma. sra. d. Maria Alice Braga da Rocha, filha do dr. Ferreira Braga, tendo, desse consorcio, sete filhos.

Transferiu-se em 1894 para esta capital, onde desde logo se distinguio como illustrado clinico e habil cirurgião. Occupou varios cargos de representação popular e ultimamente tinha assento no Senado de S. Paulo.

A exma. viuva e filhos e ao seu digno genro dr. Gabriel Lessa apresentamos nossas condolencias.

Em Campinas falleceu no dia 5

do corrente a exma. sra. d. Gertrudes Egydio Pompeu do Amaral, viuva do sr. Francisco Pompeu do Amaral, filha do sr. Francisco Egydio de Souza Aranha e de d. Maria Luiza de Souza Aranha, mais tarde Viscondessa de Campinas, e irmã do fallecido Marquez de Tres Rios, Martim Egydio, Baroneza de Itapira e Francisco Egydio.

A veneranda senhora, a quem exornavam preciosas qualidades de espirito e de coração, deixou os seguintes filhos: srs. Eduardo Pompeu do Amaral, dr. Abelardo Pompeu do Amaral, Anesio Pompeu do Amaral, Raul Pompeu do Amaral e as exmas. sras. dd. Etelvina Pompeu do Amaral, Thereza Pompeu do Amaral e Paulina Pompeu do Amaral e os seguintes genros: srs. Luciano de Camargo, casado com a exma. sra. d. Paulina Pompeu do Amaral, e Alfredo Franco, viuvo da exma. sra. d. Maria P. do Amaral.

Nossas condolencias á exma. familia enlutada.

Falleceu em Mocóca o sr. capitão Joaquim Gonçalves dos Santos Figueiredo, formado em pharmacia em Ouro Preto, vereador da Camara e um dos directores do Banco Regional de Mocóca. Era neto do Barão de Monte Santo, portencia á numerosa familia Figueiredo e era cunhado do dr. Rogério Daunre, estimado capitalista em Mocóca e importante commissario na praça de Santos.

Nossos pezames.

Falleceu nesta capital a exma. sra. d. Izabel Pinto, veneranda sogra do dr. Capote Valente, proecto advogado do nosso fóro.

Tambem nesta capital, falleceu, no dia 4 do corrente, o intelligente e applicado preparatorio sr. Procopio de Araujo Carvalho, filho do sr. coronel Cornelio Procopio de Carvalho e sobrinho dos srs. coronel João Procopio de Araujo Carvalho e Procopio de Araujo Carvalho e cunhado do distincto advogado deste fóro dr. Gabriel Ribeiro dos Santos.

Nossas condolencias.



Ouvimos dizer que, creado o Bispaado de Botucatu, será para elle nomeado o rvmo. conego Reimão, actualmente na Europa.

Consta-nos que para o Bispaado de Campinas, que será creado proxima-mente, será nomeado o rvmo. monsenhor Benedicto de Souza, actual viuario de Santa Cecilia, desta capital.

O exmo. sr. Bispo Condé D. José nomeou governadores do Bispaado, na sua ausencia, as tres primeiras dignidades do Cabido:—o rvmo. arceidiago dr. Francisco de Paula Rodrigues, em primeiro logar; o rvmo. arcepreste conego Ezechias Galvão da Pontoura, em segundo, e o rvmo. chantre monsenhor Manoel Vicente da Silva.

Este ultimo ficou com procuração especial para representar o exmo. sr. Bispo na questão com a Provincia Carmelitana Fluminense.

A gravura que reproduzimos hoje sobre *O incendio na Praia* e o trecho das *Paginas escolhidas* do presente numero são do *Seculo XX*, excellente revista fluminense.

VIDA SOCIAL

Anniversarios

Fizeram annos:

No dia 3, o sr. José Carlos Machado de Oliveira, conceituado negociante desta praça;

No dia 4, a senhorita Cecilia Fleury, filha do dr. João Fleury, proveccto advogado do nosso fôro;

No dia 6, o sr. capitão Martim Ernesto da França Leite, estimado capitalista residente na Franca;

No dia 7, a exma. sra. d. Flavia Delamare, esposa do sr. Lamartine Delamare Nogueira da Gama, antigo educador e actual director do Gymnasio Nogueira da Gama, de Jacarehy;

No dia 8, a distincta senhorita Maria das Dóres Leite, um dos ornamentos da sociedade francana, filha do sr. capitão Martim E. da França Leite; e a exma. sra. d. Elisa de Toledo, virtuosa esposa do dr. José de Campos Toledo, juiz de direito de Ytú;

No dia 13, o sr. Rozendo Galvão, professor do Gymnasio Anglo-Brasileiro;

No dia 15, a senhorita Maria Cecilia de Quadros, filha do sr. Gaudencio de Quadros;

No dia 18, o nosso illustre collaborador e intransigente correligionario dr. Estevam Leão Bourroul.

— Fazem annos:

No dia 25, o intelligente menino Alfredo, filho do dr. Alfredo de Toledo e alumno da escola modelo Caetano de Campos;

No dia 28, o sr. major Arthur Whittaker Junior, 1.º tabellião de Santa Rita do Passa-Quatro;

No dia 29, a exma. sra. d. Flavia de Magalhães Rodrigues, esposa do engenheiro sr. Adolpho Rodrigues.

Contracto de casamento

O nosso collega de imprensa e apreciado literato Heracito Viotti contractou casamento, em Caxambu, com a distincta senhorita Emilia Brotero Abranches, filha do saudoso dr. Frederico Abranches.

Enferma

Está gravemente enferma a galante menina Beatriz, filha do dr. Arnaldo Cintra.

Desejamos scu breve e completo restabelecimento.

Para a Europa

Em carro reservado ligado ao expresso das 7.20, seguiram para Santos, a 6 do corrente, e alli embarcaram no vapor *Savoia*, com destino á Europa, os exmos. srs. Conde D. José de Camargo Barros, bispo diocesano de S. Paulo, que vai a Roma em visita *ad limina apostolorum*, e D. José Marcondes Homem de Mello, que vai scr sagrado bispo de Belém do Pará.

Innumeradas pessoas compareceram na estação da Luz, entre as quaes representantes do clero, de irmandades e associações catholicas e da imprensa, alumnos e corpo docente do Seminario Episcopal, representante da presidencia de S. Paulo e exmas. familias, que foram levar suas despedidas ao illustre Conde D. José.

Na estação do Braz embarcou no carro especial o exmo. Bispo eleito

do Pará, sendo que alli tambem se agglomeravam na gare innumeradas cavalheiros e exmas. senhoras, que, á partida do trem, ergueram vivas aos illustres viajantes, á Igreja e á Religião Catholica.

Seguiram até Santos, com suas exas., os srs. exmo. monsenhor Benedicto de Souza, vigario de Santa Cecilia, rymo. padre Cantalupi, coadjutor da parochia do Braz, padre Manoel Vinheta, que embarcou tambem para Roma, como secretario do exmo. Conde D. José, dr. Claro Marcondes Homem de Mello, dr. Francisco Marcondes Homem de Mello, Juvenal Pestana e exma. senhora, Santos Silva, representante da Ordem Carmelitana, Saul Silva, representante da União Catholica Santo Agostinho, Antonio de Medeiros, representante da Legião de São Pedro, representantes do *São Paulo* e dr. Couto de Magalhães, director desta revista.

Na estação de Santos foram os illustres viajantes alvo de imponente recepção, tocando por essa occasião a banda de musica do Corpo de Bombeiros.

Os exmos. Bispos de S. Paulo e Pará com a comitiva seguiram a pé, da estação á Matriz, onde fizeram oração; em seguida, o exmo. Conde D. José dirigiu-se á casa do exmo. monsenhor Victor Soledade, vigario da parochia, com quem s. cxa. almoçou, alli recebendo, cepois, a visita das principaes auctoridades locais e de crecido numero de amigos. O exmo. Bispo do Pará almoçou com o seu afilhado rymo. padre Gastão de Moraes, na aprazivel residencia dos paes deste, á avenida Conselheiro Nebias, 110.

O *Savoia* só entrou no porto de Santos ás 4 horas da tarde e zarpu para a Europa, com escala pelo Rio de Janeiro, ás 9.30 da noite.

A bordo do *Chili*, seguiram para a Europa o sr. Guilherme Villares com sua exma. familia e o sr. coronel José Paulino Nogueira.

No Rio de Janeiro

O «Album Imperial», é encontrado á venda na LIVRARIA BITTENCOURT, á avenida Passos, n. 11, onde tambem se recebem annuncios e assignaturas.

A Princesa D. Izabel enviou o seguinte telegramma á commissão da estatua a José do Patrocinio no Rio de Janeiro:

«Agradecendo as congratulações pelo anniversario do Treze de Maio, faço votos pela prosperidade do amado Brasil.

A memoria santa do egregio Patrocinio está perpetuada no coração de todos os brasileiros.»

NO PROXIMO NUMERO

Visconde de Bom Retiro

Joaquim José de Carvalho

Aimer, aimer toujours

(ALBERTO DE OLIVEIRA)

Suspendu dans les airs, sous la voûte infinie,
Vois-tu ce pont immense? Au delà, c'est le Ciel;
En deçà, c'est la Terre, après séjour mortel.
Veux-tu savoir son nom? On l'appelle la Vie.

Pont d'énorme hauteur, d'une horreur qui défie
L'imagination, jeté par l'Eternel!
— Où donc termine-t-il? Au but sempiternel
Où, dans la nuit, tout meurt et tout se vivifie...

— Et bien loin, au delà, ces fantômes mouvants?
— Des ombres. — Et ces cris, et ces longs hurlements?
— Des douleurs. — Et, plus haut, ces clartés éternelles?

— C'est le Ciel. — Que faut-il pour enfin arriver
À ce Ciel si lointain, aux gloires immortelles?
— Aimer, aimer encor... toujours, toujours aimer!

S. Paul — avril 1906.

HIPPOLYTE PUJOL

General H. Caldas

Falleceu no Rio, no dia 9 do corrente, victimado por uma arterio-sclerose, o general de brigada reformado Honorato Candido Ferreira Caldas, um dos bravos da guerra do Paraguay.

Natural do Estado do Maranhão, onde nasceu a 28 de outubro de 1842, Honorato Caldas assentou praça do exercito, sendo reconhecido cadete em 1859. Depois de ter estudado na Escola Militar, foi promovido a alferes em 30 de dezembro de 1863. Em 1865, como tenente em commissão, partiu para Montevideo, afim de incorporar-se ao exercito em operações no Paraguay.

Durante a campanha, entrou em quasi todos os combates e foi successivamente subindo de posto, tendo tambem desempenhado ariscadas commissões.

A sua fé de officio é das mais brilhantes e cheia de louvoros á sua bravura, intelligencia e lealdade.

Era um jornalista e polemista vigoroso e collaborou em muitos jornaes e revistas, tendo tambem publicado varios livros.

O general Caldas, que tinha o curso de infantaria, possuia todas as medalhas da campanha do Paraguay.

CURIOSIDADES

EPIGRAMMAS

Lê-se na *Gazeta de Lisboa*, de 4 de janeiro de 1782, o seguinte:

«J. A. C. Branco, desembargador da India, oito annos chancelier do Rio de Janeiro, havendo perdido todos os dentes, tendo de idade 72 para 75 annos, sem fazer remedio algum, lhe nasceram outros novos, dos quaes 15 são já palpaveis e visiveis, 10 no queixo superior e 5 no inferior.»

O desembargador João Alberto Castello Branco foi membro do governo provisório que se organisou no Rio de Janeiro, depois da morte do conde de Bobadella; terminado o tempo de chancelier, embarcou para Lisboa na nau de guerra *S. Sebastião* e entrou para o conselho ultramarino.

Quando apparecia algum motim popular na cidade do Rio de Janeiro, o marochal reformado Pereira da Cunha expunha á janella a sua farda, afim de evitar, dizia elle, qualquer insulto.

Dizia o espirituoso poeta nacional Laurindo Rabello:

— Ha muita gente que conhece a grammatica, só porque nella vê escripta a palavra *gramma*.

Vindo em viagem da Bahia para o Rio de Janeiro, notou um sujeito que só tinha um dente na frente, o qual, depois de ter falado mal de todo mundo, perguntou-lhe:

— Então, que me diz o doutor? Promptamente lhe respondeu o poeta neste improviso:

Mette nojo, inspira pena,
Até mesmo causa dó,
Ver morder em tanta gente
Um homem de um dente só

Dedicou o conhecido poeta Gregorio de Mattos, em Pernambuco, uma satyra ao clero e religiões, mas não incluiu nella um padre, por lhe não occorrer e viver este fóra da cidade. Dirigiu-se este ingenuo sacerdote á casa do poeta, afim de agradecer-lhe não o ter mettido na satyra. Perguntou-lhe Gregorio de Mattos o nome e onde residia e depois acrescentou:

— Reparou vossa reverendissima na poesia num *multitudo cavalorum* que lá vem?

— Sim, sr., disse o padre.
— Pois alli está vossa reverendissima comprehendido, retorquiu o poeta.

Fez o marquez de Paranaguá a um commendantado o seguinte epigramma:

No dictionario francez,
Como no teu peito assim,
Crachat se traduz oscarro,
Placard se traduz pasquim.

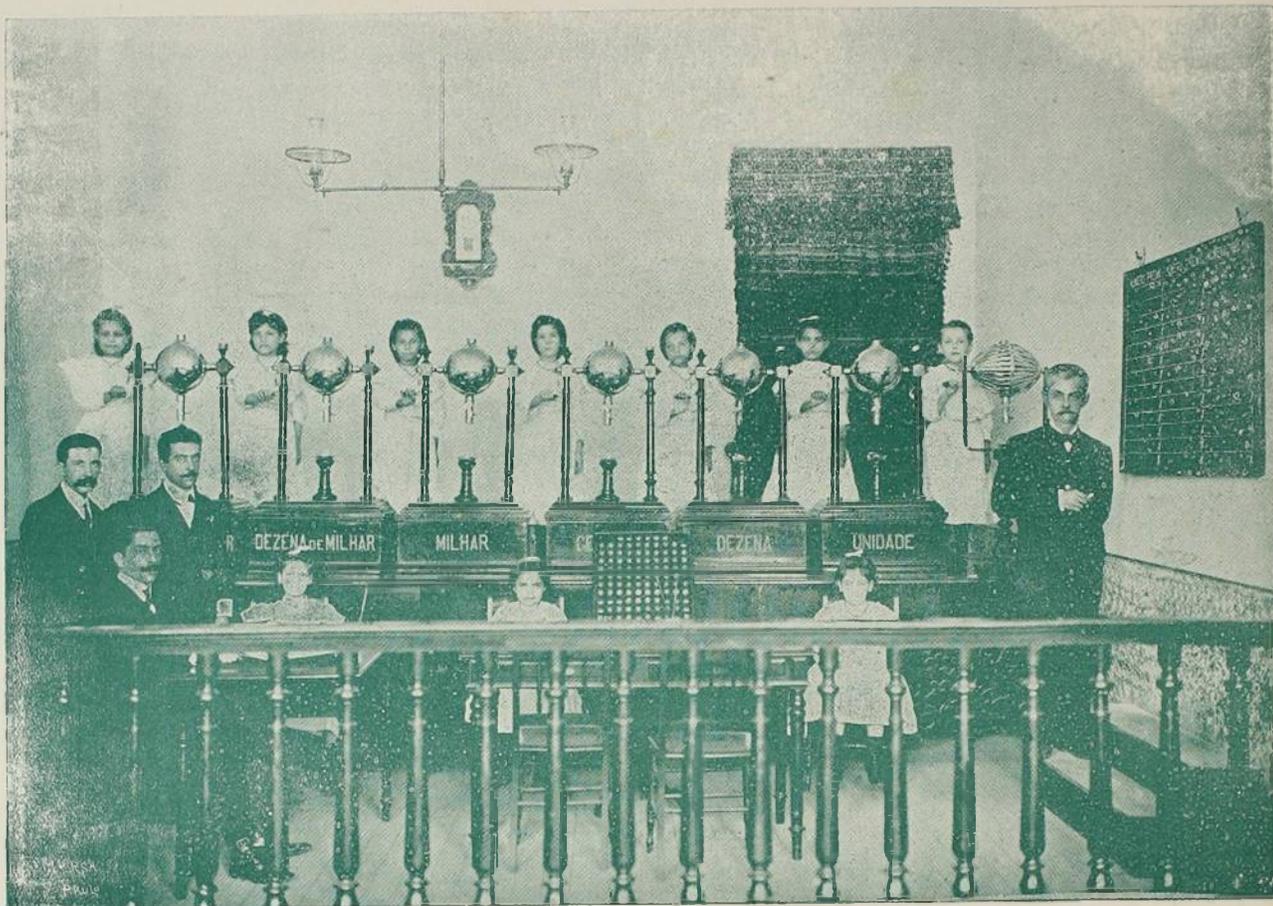
DR. MOREIRA DE AZEVEDO

A nossa revista

A affluencia de materia obrigou-nos, á ultima hora, a retirar da paginação diversos artigos de collaboração e noticias.

LOTERIA ESPERANÇA

Estado do Rio de Janeiro



SALA DAS EXTRACÇÕES DA LOTERIA ESPERANÇA EM NICHTEROY — RUA MARECHAL DEODORO, N. 29

Todos devem dar preferencia a esta Loteria, que se extrai diariamente em Nictheroy, unica que se effectua pelo systema de espheras e urnas moveis. Todos os seus premios são pagos pelos agentes geraes neste Estado, sem desconto algum. E' a que melhores vantagens offerece ao publico.

60 MIL CONTOS têm sido pagos em premios pela Loteria Esperança, sem dever nada a ninguem.

Chamamos a attenção para os magnificos planos das loterias diarias e para os proximos e importantes planos seguintes :

LOTERIA ESPERANÇA PARA S. JOÃO

145:000\$000 em quatro sorteios, sendo :

1.º sorteio em 12 de Junho, premio maior 40:000\$ * 2.º sorteio em 13 de Junho, premio maior 25:000\$
3.º sorteio em 15 de Junho, premio maior 30:000\$ * 4.º sorteio em 16 de Junho, premio maior 50:000\$

Preço do bilhete com direito aos 4 sorteios : inteiro 4\$000, meio 2\$000, quarto 1\$000

Brevemente publicaremos os planos dos quatro sorteios, pelos quaes facil é veriicar-se que nunca no Brasil se extrahiua loteria alguma que offereça as vantagens proporcionadas por esta.

Os bilhetes acham-se á venda em todas as casas, kiosques e cambistas de loterias.

Toda a correspondencia deve ser dirigida aos agentes geraes e representantes da

☆ ☆ ☆ ☆ ☆ ☆ ☆ ☆ COMPANHIA NACIONAL LOTERIAS DOS ESTADOS ☆ ☆ ☆

Amancio Rodrigues dos Santos & C.^{ia}

2 - Rua do Rosario - 2

Caixa postal, 166 - Telephone, 1094 - S. PAULO - Endereço telegr.: AMANCIO

ANNO I

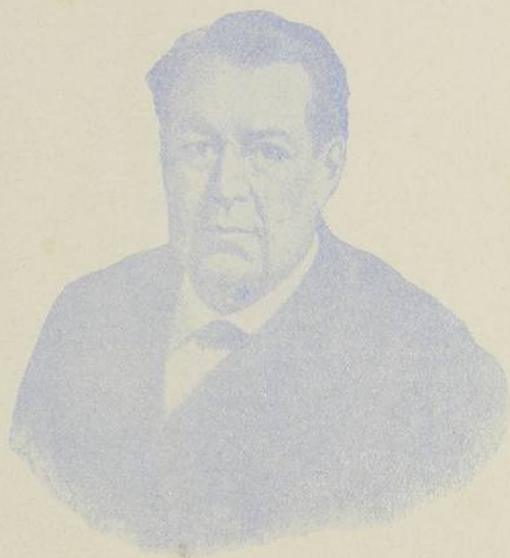
S. PAULO, 5 de junho de 1906

NUM. 11

ALBUM IMPERIAL

QUINZENARIO POLITICO E LITERARIO

Director: Couto de Magalhães



VISCONDE DE BOM RETIRO



LUIZ PEDREIRA DO COUTO FERRAZ

VISCONDE DE BOM RETIRO



ENTRE os proeminentes e dos mais sympathicos vultos, quem mais seja ou fosse-o não conheço, do scenario politico do segundo reinado, destaca-se em alto relevo a individualidade do Conselheiro Luiz Pedreira do Couto Ferraz.

Em sociedade, qual é a nossa, em que a desenvolta maledicencia a ninguém, a nada respeita e poupa, ao ponto de piaziasar para referir, dir-se-á bem só pelo perfido prazer de nivelar no vilipendio, quanto é grato relembra um dos rarissimos nomes, que se insularam em inquebrantavel prestigio na vida e guardam-se em venerador silencio depois da morte!...

Desde bem joven, o sr. Luiz Pedreira sempre extremou-se pelos talentos, pela indefessa applicação ao estudo, pela extraordinaria facilidade com que se abastecia de copiosos conhecimentos.

Por graça, que obteve seu bemcuisto pae, o desembargador Pedreira, sem ter a idade regulamentar matriculou-se nos Cursos Juridicos de S. Paulo, onde se bacharelou em 1838, onde se doutorou por defesa de theses em 1839, assentando-se na Congregação de seus Lentes em 1858.

Muito cedo subiu aos Conselhos da Corôa, como ministro do Imperio, no famoso Gabinete do illustre Visconde, depois Marquez de Paraná; foi o mais joven dos ministros que teve o Imperio, foi inspector-geral da Caixa da Amortisação, foi presidente da provincia do Rio de Janeiro, foi conselheiro d'Estado, senador e Grande do Imperio, Barão e Visconde de Bom Retiro.

Condecorações a ornarem-lhe o peito, nacionaes e estrangeiras, teve-as muitas; e de varios institutos scientificos, tambem nacionaes e extrangeiros, foi distinguido com o diploma de Membro Honorario. O sr. D. Pedro II e o sr. Luiz Pedreira foram, nesse ponto particular, os brasileiros mais assignalados pelas sabias associações européas. Basta dizer que duas paginas de livro impresso em oitavo, com quarenta linhas de composição, não dariam espaço para enumeração de todos os decoramentos scientificos que enalteciam o nome desse varão, illustre por todos os titulos.

A pasta do imperio era a pasta politica por excellencia na grande centralisação do Monarchismo; ella tinha: a magistratura toda do Brasil, a Guarda Nacional, a nomeação de todas as funções e cargos da administração publica, desde presidente de provincia até inspector de quarteirão, a superintendencia municipal, a Policia toda do Imperio, a Instrução Publica, desde a escola elementar até o Magisterio Academico e Superior, a Hygiene terrestre e maritima e muitos mais serviços que, só tarde depois, affectos ficaram ao creado Ministerio da Agricultura, Commercio e Obras Publicas.

A actividade rarissima e phenomnal do Conselheiro Luiz Pedreira a tudo acudia, sem deixar surgirem tropeços ou delongas nos varios departamentos de seu complexo Ministerio, antes tendo sempre em dia todos

os serviços e todos os papeis dependentes de sua attenção, ao ponto de só deixar as pastas todas vasias, sem um papel em transitio, quando houve de entregar a pasta a seu successor, depois de demorada permanencia no Gabinete!

E, gerindo por tanto tempo tão extensa e tão complicada pasta, ainda lhe sobrava tempo para benevolamente acolher intellectuaes e artistas, reunir e ouvir literatos, organizar concertos em sua residencia, frequentar associações sem a uma faltar; e por tai fórma se houve em tudo, que a mais leve murmuração não o attingiu jámais, ninguém lhe increpou injustica, perseguição, má vontade, qualquer sentimento pequeno e feio!...

As gazetas da opposição, os periodicos caricaturistas, nunca tiveram com que melindral-o; e tudo quanto a pesquisa miuda poude descobrir, para envolver-o no roldão da critica, foi chamar-lhe — *homem das presilhas*, — *Conselheiro dos bandos*!...

Nem um epitheto, nem um adjectivo, além disso, que demais era a expressão da verdade.

"*Homem das presilhas*"... sim, que, desde moço até morrer, o Visconde invariavelmente usou presilhas nas calças, com todo e qualquer vestuario, inda no caseiro traj-, como jámais deixou a calça, sobrecasaca e collete de mericó preto e sapatos de panno-couro.

"*Conselheiro dos bandos*"... sim, inda que mal chamado fosse, porque outra cousa é o *bando*, visto como o Visconde, tambem desde moço até morrer, nunca deixou de caracolar o cabello, do occipicio sobre as temporas.

Com tantas condecorações, com varias grans-cruzes, o Visconde de Bom Retiro rarissimamente as usou, e só com o fardão de primeira gala, em solemnidade a que não logrou furtar-se, pois era avesso ás ostentações e não comparecia a cortejos. Foi e era, entretanto, o maior frequentador talvez dos aposentos intimos do Imperador, que o chamava de continuo, para inspirar-se em sua experiencia e seguir a sabedoria de seus bons conselhos.

Retirando-se do Ministerio, protestou o sr. conselheiro Pedreira nunca mais tomar assento nos Conselhos do Governo; e, coherente com seu protesto, recusou muitas pastas que lhe foram offerecidas com insistencia e negou-se a organizar Gabinetes, vaidosa aspiração dos grandes politicos.

Ao proprio Imperador que, uma vez ao menos por mim sabida, procurou persuadi-lo a accellar uma Presidencia de Conselho, respondeu elle: "*Sou dedicado e sincero amigo de V. M., que de mim dispõe para tudo quanto e ou for de seu serviço e agrado; só lhe peço não lembrar-se de mim para tal mister, pois, na collisão, eu preferiria perder sua amizade a tomar ainda uma pasta de Ministro!*"

E tantos a queriam, mesmo com o preço de humilhações, processo por que muitos a alcançaram.

O Visconde era um patriota sincero e devotadissimo amigo pessoal do Imperador, a quem nunca explo-

rou para si ou para os seus, elle que tudo podia, para quem tudo facil seria conseguir.

Familias houve no Imperio com dotações enormissimas, em irritante evidencia, para as quaes pequeno e insatisfactorio era sempre o bolo, não obstante recebessem do Thesouro Nacional mensacs fortunas; não as declinarei eu.

O sr. de Bom Retiro, porém, nunca teve filhos para accommodar e dotar. Eram seus parentes proximos:

- 1.º — O irmão dr. João Pedreira do Couto Ferraz, que nunca passou de secretario do Supremo Tribunal de Justiça, cargo que serve ainda;
- 2.º — O cunhado Pedro Augusto Pires de Figueiredo, official de marinha reformado em baixa patente, que morreu com um emprego subalterno da Alfandega;
- 3.º — O cunhado conselheiro José Antonio de Magalhães Castro, magistrado, que subiu lentamente, esperando a vez, depois de peregrinar pelos sertões;
- 4.º — O cunhado dr. Francisco Ignacio Ferreira, que morreu como official da Secretaria da Agricultura;
- 5.º — O cunhado dr. Manuel Jesuino Ferreira, que morreu como director de uma das secções da Secretaria do Imperio, onde galgou posto a posto.

Nenhum desses homens era condecorado, nenhum foi presidente de provincia, nenhum teve propinas, nenhum foi sequer deputado geral!...

E o que para elles não conseguiria o Visconde, se tal pretendesse ou quizesse?...

Não tendo filhos, nem legitimos, que morreu solteiro, nem naturacs, que foi de uma vida transparente, o Visconde, por ser Grande do Imperio, requereu, como de seu direito era, o fóro de moços fidalgos para seus sobrinhos Pedro Netto Pedreira Pires de Figueiredo, Francisco Maria Pedreira Ferreira, José Antonio Pedreira de Magalhães Castro, João Pedreira do Couto Ferraz Junior, José Luiz de Bulhões Pedreira e João Gonçalves Pedreira Ferreira, o que foi, que não podia deixar de ser concedido.

Publicado que foi o decreto, o sr. José Antonio Pedreira de Magalhães Castro, sem consultar sequer a seus paes, em um csto da mocidade, lançou pelo *Journal do Commercio* um pequeno artigo, que se lia:

« UMA CARTA DE FIDALGO

« Fui surpreendido com a inclusão de meu nome em uma lista de agraciados com o fóro de fidalgo. Não pedi e não acceto, por ser essa distincção incompativel com os meus sentimentos republicanos. »

O meu amigo e antigo discipulo Magalhães Castro era então bem joven.

Ao lermos esse artigo, meu pac, que era seu padrinho, sentindo-se melindrado em sua disciplina militar e enrranhado monarchismo, mandou immediatamente chamal-o, e exprovara-lhe esse altanado proceder, quando entrou o Visconde, que era de maior assiduidade (sem um dia sequer de falha) em nossa casa; e, vendo o *republicano* sobrinho, abraçou-o, dizendo-lhe, como ficilmente conservei até hoje e aqui re-produzo:

« Muito bem, Zézé. Li seu artigo e apreciei muito a sua coherencia. Eu não podia excluil-o, sendo você meu sobrinho como os outros. Em politica, isto é assim mesmo ». E meu pac ficou desarmado, sem poder proseguir na catilinaria com que estava doutrinando o afilhado.

Magalhães Castro vive; é possivel que leia este escripto; é provavel mesmo, que me darei solicitude em remetter-lh'o; e elle certo folgará com tal remissencia.

O sr. de Bom Retiro era da maior tolerancia e honhomia; e na vida domestica chegava mesmo a todas as fraquezas da bondade. Cuidava em sua chacara do Bom Retiro (sua mais frequente residencia), no Engenho Novo, sua irmã viuva a exma. sra. D. Josephina; e o Visconde tinha umas escravas velhas, umas creoulinhas e o preto Gervasio, seu cocheiro. A's creoulinhas o Visconde mandara baptisar, dando-lhes nomes de filôres: uma era *Margarida*, outra *Sempreviva*, outra *Camelia*, etc.; e todas ellas frequentavam a escola publica da freguezia. Isto posto, por uma feita o sr. Visconde de Jaguary foi á residencia do sr. de Bom Retiro procural-o para momentoso assumpto, não o encontrando, infelizmente, como lh'o annunciou uma dessas espevitadas creoulinhas. O Visconde de Jaguary, deixando recado e querendo deixal-o seguro, disse á creoulinha: *Como se chama Você, que eu quero dizer ao Visconde com quem falei?...* ao que de prompto respondeu a negrinha: *"Sou uma das flores do jardim do Conselheiro Pedreira!..."*

Quem conheceu o dr. Souza Ramos, Visconde de Jaguary, que era então presidente do Senado, e pode bem apreciar a sisudez e gravidade daquelle grande caracter, sentirá a decepção por que então passou o eminente estadista.

O incidente só provocou um riso franco e jovial no bondoso sr. de Bom Retiro.

Foi certamente o Conselheiro Pedreira o homem que mais atropelado viveu por pretendentes, pedintes, candidatos e requerentes. Todos queriam o seu patrocínio; e, centenas de vezes, testemunha eu fui presencial da romaria que o deixava fatigado e suarento. E elle a ninguem dizia *não*; como, porém, nem todos pudessem ficar servidos na pretensão, os não attendidos não raro se convertiam em ingratos e diziam que o generoso protector *mentira* na promessa. Refalsaca ingratição!

Contarei um caso, para mais vivo depintar o altruismo, o genio agazalhante do meu grande Amigo, ao qual, entretanto, nunca em proveito meu occupei, como a nenhum outro dos tantos que com sua nobre amizade me hão distinguido.

Cursavamos o segundo anno de Medicina João Martins Teixeira (hoje laureado lente dessa Faculdade) e eu, e, pobres ambos, ambos empregavamos no magisterio o tempo sobrance dos estudos. Eu já tinha meu titulo de professor; e Martins Teixeira ensinava sem elle, contra a prescripção regulamentar. Querendo habilitar-se, independente de exame (a que aliás se prestaria com decidida vantagem), Martins Teixeira pediu-me o empenho nesse tempo do Barão de Bom Retiro. Dei-lh'o por uma cartinha a lapis, escripta mesmo nos bancos da escola. Por esse tempo, ainda não havia linha de bondes para Engenho Novo, só funcionando umas velhas gondolas até Portão Vermelho; e Martins Teixeira, que já era obeso, teve de seguir *calcaute pede* desde Portão Vermelho até á chacara Bom Retiro, tres bons quartos de legua. Aprentando ao sr. Conselheiro Pedreira o seu requerimento, com attestados valiosos, disse-lhe o meu eminente Amigo: « hei de exprobar a seu collega o incommodo inutil que lhe deu; elle podia amanhã entregar-me seus papeis, e o senhor seria, como será, attendido, sem ter feito esta desagradavel caminhada. » Effectivamente, no dia seguinte, fui censurado pelo

meu grande Amigo, que tres ou quatro dias depois me entregou o título de professor de mathematicas elementares, que tanto desejava o meu caro collega Martins Teixeira.

O sr. de Bom Retiro escondia-se, ora no Museu, ora em nossa casa, para poder trabalhar nos pareceres, que lhe cumpria dar como Conselheiro de Estado, nas respostas ás muitas consultas que recebia do Ministerio da Agricultura. A's vezes, refugiava-se mesmo em uma casinha tosca de um velho pescador na Copacabana, então extensissima e deserta praia, o que fez por muito tempo, até de lá mesmo varrerem-n'o os carecedores de seu prestigioso empenho.

O sr. de Bom Retiro era um dos *estomagos imperiaes*. Dava-lhe o Imperador para lêr e annctar muitas das obras, que lhe eram offerecidas, nacionaes e estrangeiras, algumas das quaes tive eu o prazer e a honra de lêr tambem, por extrema delicadeza de meu grande Amigo. O Imperador tambem, com desusada frequencia, apparecia de visita na chácara de Bom Retiro, ora pela manhã, ora á tarde, ahi almoçava ou jantava; e com o sr. Pedreira demorava-se em intimas palestras, nunca divulgadas ou sabidas.

Para provar o decidido prestigio politico do Visconde e o grande peso que dava o Imperador a seus conselhos e pedidos, lembrarei o que passo a referir, completamente insabido até hoje.

Do Ministerio 16 de julho, sob a presidencia do sr. Marquez de Itaboraí, fizera parte o sr. Conselheiro Joaquim Antão Fernandes Leão, encarregado da pasta da Agricultura. O sr. Antão não foi feliz na gerencia da sua pasta, desde o dia da entrada para o Governo. Ao apresentar-se o Ministerio á Camara dos Senhores Deputados, o edificio da Camara e o proprio recinto parlamentar foram literalmente invadidos por compacta massa popular, ávida por ouvir a encantadora palavra de José Bonifácio, que ia responder ao discurso-programma, justificando a attitudo da grande maioria liberal decahida, que rompia em opposição, com a situação a que a arrastou a queda de 3 de agosto do sr. senador Zacharias.

Não podia respirar-se no recinto; todos suavam copiosamente no atropelado aperto em que alli se achavam. O Ministro da Agricultura, homem sanguineo e de hábitos patriarchaes, sentindo-se opprimido bastante pelo fardão, pelo calor e pelo abafamento, fez signal a um dos bedeis e disse-lhe: "*traga-me um bom copo d'agua, logo, com assucar.*" O bedel ouviu mal, entendeu *grogue com assucar*, e trouxe essa beberagem, mesmo bastante carregada de *cognac*; e o Ministro, urgido pela sede, bebeu-a em tres goles, só o percebendo depois de esvasiado o copo. Dou disso presencial testemunho, porque me achava por detraz da cadeira do sr. Antão, a quem sempre acompanhí como amigo.

Como era natural e de prever, mórmente em homem de grande temperança no referente a bebidas, o Ministro dentro em pouco sentiu-se incommodado, e ate retirou-se do recinto para a sala reservada aos Ministros.

A *Semana Illustrada*, aproveitando o incidente, em seu numero immediato, deu um quadro, em que se via a caricatura do sr. Antão, cahido sob uma mesa, em mangas de camisa, procurando amarrar um gato pelo poscoço, e com a legenda seguinte:

« De chapéu e durandana,
Calças azues e sapato,
O Ministro do fomento
Amarra bem o seu gato.»

E dahi por diante não houve quem não repetisse a alevosia de ser o sr. Antão dado ao incontínente uso dos alcoolicos.

O sr. Antão tinha um irmão, — José Torquato Fernandes Leão —, typo esguio, feio e ridiculo, maniaço que atropelava a todos com o seu decantado invento — *Vapor amphibio* — para viajar por mar e por terra; e queria privilegio, queria premios, queria que o Governo lhe desse tudo; e para isso incommodava a sociedade toda.

E, para não muito alongar-me, direi em synthese que a desastrada compra das Aguas do Andarahy e a questão com o sr. Capanema, dos telegraphos, que pela imprensa desacatou cruelmente o Ministro, todos esses factos muito abalaram o valimento moral do sr. Antão, a quem no Senado atrozmente zurziu o impiedoso sr. Zacharias.

Retirando-se do Ministerio quando pleiteava sua eleição senatorial por Minas, em lista sextupla, o sr. Antão viu-se desamparado pelo Governo, que, com as devidas cautelas, se interessaria pela escolha de outro. Em resumo, o sr. Antão não seria escolhido senador. Sendo, porém, elle compadre de meu paç, e agitando-se nesse momento a possibilidade de meu casamento nessa familia, os de nossa casa pedimos a intervenção do eminente sr. de Bom Retiro, que tudo obteve do Imperador.

Vive ainda o sr. general Fernandes Leão, filho do finado senador mineiro, que dará, se necessario, seu testemunho ao referido.

Outro facto importante que me occorre referir é o das increpações feitas ca tribuna do Sena pelo vehemente sr. Zacharias, contra a administração militar do nobre Duque de Caxias, na guerra do Paraguay. Essa discussão tornou-se incandescente e escabrosa; e, no seu periodo intensivo, interveiu o sr. de Bom Retiro, que não era frequentador da tribuna, dando o golpe final á questão, depois de um succulento discurso de tres horas excedidas.

Não frequentava a tribuna, disse eu, cumprindo acrescentar: tendo comtudo para ella todas as aptidões e todos os requisitos. Não era, nunca foi um orador fogoso; era sim um verdadeiro orador parlamentar, calmo, reflectido, grave, de palavra facil e fluente, que elle manejava com segurança, sem jámais dar praça aos devancios da estafada rhetorica.

Emquanto viveu o sr. Pedreira, nunca o Imperador o dispensou em suas viagens.

Circunstancia por certo bem pouco conhecida é a que ora reveio — de dever-se á intervenção, solicitada ou espontanea, do sr. Pedreira a solução pacifica de muitas das nossas accidentadas crises politicas. Grande e sincero patriota era esse homem, que nunca fez politica extremada, nem para si, nem para os seus, nem para seu proprio partido. Garanto que o vi muitas vezes trabalhando em procvito dos Liberaes, sendo elle Conservador; isso até mesmo no tocante á obtenção de empregos. Por traz do reposteiro, junto ao Imperador, estava sempre a influencia benéfica e patriótica desse nobre e immenso coração brasileiro, á beira de cujo leito mortuario eu vi o Imperador debruçar-se em pranto e em soluços, depois de beijar-lhe a fronte e muito afagar-lhe as gélidas mãos.

Na nossa Legislação dous monumentos ha que atravessaram os tempos como assíduos testemunhos de todos os progredimentos, sem que os ferisse o prurido de remodelar: o decreto n. 737, do sr. Eusebio de Queiroz, e o decreto n. 1331-A, do sr. Luiz Pedreira; aquelle para a Justiça, e este para a Instrucção.

Muitas e valiosissimas obras, de publica utilidade, não de perpetuamente rememorar o nome do illustre brasileiro, que tem a gloria impolluta de não figurar em acontecimento algum de triste evocação.

Podem sobre o seu nome pretender fazer espirito de máu gosto; ninguém, porém, eu desafio, delle dirá um facto, um acto, uma phrase que denote sequer um coração irado, um momento de má vontade, uma vacillação em praticar só o bem, um desfalecimento de patriotismo, direi até — uma politiquice!

O Sr. D. Pedro II, ao vê-lo morto, exclamou com voz magoada: — ERA UM PURO! ; e, de facto, o Visconde de Bom Retiro foi um puro.

Levando-se o seu nome ás paginas de honra do *Album Imperial*, oxalá vejamo-lo dahi reflectir por

todo o Brasil, como vibrante proclamação a todos quantos amam esta patria, a todos quantos têm o honroso encargo de servil-la, embora, ao emigrarem da vida, não deixem por inventario, como Luiz Pedreira do Couto Ferraz, uma pesada pobreza, para deixarem como elle um nome que enche de lustre e fulgor um grande periodo da nossa historia politica.

Avaré — maio de 1906.

Joaquim José de Carvalho

Luiz Pedreira do Couto Ferraz

VISCONDE DE BOM RETIRO

Do *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, de Sacramento Blake.



FILHO do desembargador Luiz Pedreira do Couto Ferraz e d. Guilhermina Amélia Correia Pedreira, nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 7 de maio de 1818 e falleceu a 12 de agosto de 1886, sendo gentil-homem da imperial camara, doutor em Direito pela Faculdade de S. Paulo, professor jubilado da mesma Faculdade, desembargador honorario, senador pela provincia de Rio de Janeiro, do conselho do Imperador, conselheiro de Estado, commissario do governo imperial junto ao Instituto dos Meninos Cegos, presidente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro e do Instituto Fluminense de Agricultura, vice-presidente da Associação Protectora da Infancia Desvalida, membro de varias associações nacionaes e estrangeiras, official da ordem da Rosa e da do Cruzeiro, grã-cruz da ordem de Christo do Brasil e da de Portugal, grã-cruz da ordem portugueza de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, da ordem franceza da Legião de Honra, da ordem austriaca de Leopoldo, da ordem italiana de S. Mauricio e S. Lazaro e da ordem dinamarqueza do Danebrog. Aos treze annos, prompto de todos os preparatorios para o curso juridico, não podendo matricular-se nesse curso, por lhe faltar a idade legal, estudou varias materias que não eram exigidas e, apenas doutorado, foi nomeado, na idade de 21 annos e depois do respectivo concurso, lente substituto da Faculdade, apresentando-se a esse concurso por convite de varios mestres. Elcito deputado á assemblea da provincia do Rio de Janeiro em 1845, foi nesse anno presidir a do Espirito-Santo, que o elegeu seu representante na 9.ª e 11.ª legislaturas e depois senador do Imperio. Fez parte do gabinete de 6 de setembro de 1853, occupando a pasta do Imperio até 1856. Exerceu ainda outros cargos, como o de inspector-geral da Caixa de Amortisação, em que se aposentou em 1877; acompanhou SS. MM. II, ao norte do Imperio, em 1858, e á Europa, em 1871, como veador da Imperatriz, e aos Estados-Unidos, em 1876, como camarista do Imperador. Foi elle quem assignou o contracto da primeira via-ferrea que se construiu no Brasil e celebrou depois os contractos das estradas

de ferro da Bahia, de Pernambuco e de S. Paulo, e nos cargos de administração prestou serviços ao paiz que o collocam entre os primeiros benemeritos da patria. O Imperador, que lhe era sinceramente affeiçãoado, foi visital-o no seu leito de agonia, demorando junto a elle quatro horas, e, ao retirar-se, disse com lagrimas: «é a consciencia mais pura que tenho conhecido.»

Delle só conheço, além de varios relatorios, os seguintes trabalhos:

Relatorio apresentando á assemblea geral legislativa na segunda sessão da nona legislatura pelo ministro e secretario de Estado dos Negocios do Imperio etc. Rio de Janeiro, 1854, in-folio.

Relatorio apresentado ao ministro e secretario de Estado dos Negocios do Imperio pelo encarregado do governo imperial de inspecção as colonias da provincia de Santa Catharina. Rio de Janeiro, 1859, in-folio.

O Imperio do Brasil na Exposição de 1867 em Paris. Rio de Janeiro, 1867, in-8.º Precede ao catalogo dos objectos enviados para essa Exposição uma noticia sobre o Brasil, acompanhada da nova carta chorographica do Imperio do Brasil, redigida pelo bacharel P. T. Xavier de Brito. Esta obra foi traduzida e publicada em inglez, em allemão e em francez, sendo a traducção feita por S. Alteza o Conde d'Eu, e consta que o Imperador collaborou tambem, ao menos na revisão da obra.

O Imperio do Brasil na Exposição Universal de Vienna d'Austria, em 1874. Rio de Janeiro, 1874, in-8.º

Relatorio sobre a pretendida exortia da canna de assucar, apresentado por uma commissão nomeada pelo Imperial Instituto Fluminense de Agricultura. Rio de Janeiro, 1876, 25 pags. in-4.º — E' escripto com o dr. Nicolau Joaquim Moreira e dr. Carlos Glas, em commissão do Imperial Instituto de Agricultura.

Discussão do voto de graças: discurso que pronunciou no Senado, na sessão de 2 de agosto de 1869. Rio de Janeiro, 1869, 65 pags. in-8.º — Teve nova edição em 1871, 75 pags. in-8.º

Reforma eleitoral: discurso pronunciado no Senado, na sessão de 22 de outubro de 1880. Rio de Janeiro, 1880, in-8.º

CARTAS DE FRANÇA

A morte e os funeraes de D. Pedro II

PARIS, 12 de dezembro de 1891

(Conclusão)

De brasileiros foram-me dados estes nomes, com a prevenção de que não era possível organizar uma lista completa: — conde de Aljezur, visconde e viscondessa de Cavalcanti, Mlle. Cavalcanti, conselheiro Gaspar Silveira Martins, sua senhora e filha, conselheiro Couto de Magalhães, marechal visconde da Penha, viscondessa da Penha e D. Eugenia da Penha, conde e condessa de Carapêbus, conde e condessa de Motta Maia, barão e baroneza de Penedo, barão e baroneza de Muritiba, conde e condessa de Nova-Friburgo, conde de Villeneuve, conde de Nioac, visconde de Torres, Mme. e Mlle. Lima e Silva, barão e baroneza da Estrella, barão de Albuquerque, Eduardo Prado, F. Picot, João de Souza Dantas e sua senhora, condessa de Monteiro de Barros, Hermano Ramos, sua senhora e filhas, viscondessa de Araguaya, Mme. de Barrantarian (da familia Cavalcanti de Albuquerque), baroneza de Theresopolis, Mlles. Teixeira Leite, viuva Silva Coutinho, visconde e viscondessa de Santa-Victoria, D. Alzira Amorim, Padua Fleury, barão de Guamã e familia, baroneza de Villa Bella, A. de Sequeira, senhora e filhos, Godofredo de Escraignolle Taunay, A. C. da Silva Telles, sua senhora e cunhada, Carlos Silviera Martins, J. L. Cansansão de Sinimbú, Silva Coutinho, Sebastião Pinto Bandeira Guimarães e senhora, Paulo Prado, Alfredo Rocha e senhora, Fernando Cavalcanti de Albuquerque, Candido Guimarães, Pandiá Calogeras e senhora, Carlos de Almeida, major Gama Costa, de grande uniforme (um brasileiro informou-me que este official servira em um batalhão de voluntarios durante a guerra do Paraguay, e fora ha mezes deportado do Pará, por motivos politicos), Eduardo Ferreira Cardoso e senhora, Theotonio de Brito, Mme. Pereira da Silva, barão e baroneza de S. Joaquim, Mme. Sizenando Nabuco, Argollo Ferrão (redactor do *Brazil*), barão e baroneza de Maia Monteiro, Dr. Marques de Sá, D. Maria Antonia de Bulhões Ribeiro, barão e baroneza de Itajubá, D. Maria Julia Marques de Sá, Mme. Andrade Pinto, Mme. C. A. de Miranda Jordão, baroneza de Inohan, visconde de Benevento, baroneza de Guanabara, Eugenio Tourinho, visconde e viscondessa de Saboia, Leopoldo de Lima e Silva, Pedro Chermont de Miranda, D. Izabel Porciuncula, A. Klingchöfer e familia, barão e baroneza de Nioac, Alberto Fialho, Domicio da Gama, engenheiro Augusto Teixeira, D. Laura Faro de Araujo, Alfredo de Amorim, engenheiro Antonio C. Saraiva, R. da Silva Paranhos, João da Conceição Rocha e senhora, João Luiz Tavares Guerra e familia, Mme. Gonçalves da Cunha, Mme. Braga Guimarães, Luiz de Souza Aranha, Mme. Arthur Napoleão, Eduardo Valim, Francisco Aivares da Silva Campos, Dr. Paula (mestre dos filhas da Princeza D. Izabel), capitão-tenente Napoleão Level, Luciano Valeni, Franco de Sá, I. o tenente Francisco Topin e senhora, Diogo Campbell, Dr. Silvio de Sá Valle, conde de Araguaya, Francisco Alves Leite, J. J. Gonçalves, José Vicente de Souza, Cesario Porto, José Joaquim Moreira e outros.

A colonia portugueza de Paris esteve representada por muitos dos seus mais distinctos membros, entre os

quaes indicaram-me os srs. Eça de Queiroz, conde e condessa de Tovar, o dr. Figueiredo Magalhães, o visconde de Azevedo Ferreira, Camillo de Moraes e Gaspar da Silva. Muitos estrangeiros de outras nacionalidades, que residiram no Brasil, como o sr. Alexandre Wagner, estiveram presentes.

Os reporters que empreguei informaram-me tambem que varias corporações e sociedades no Brasil telegrapharam, fazendo-se representar nos funeraes, mas que alguns desses telegrammas chegaram na vespera, quando não havia tempo para dar aviso e reunir os membros das commissões nomeadas. Sei que o visconde de Cavalcanti foi um dos representantes da Associação Commercial do Rio de Janeiro, que o Instituto Historico e Geographico do Brasil nomeou uma commissão, composta do barão de Penedo, conde de Motta Maia e barão do Rio Branco, e que os advogados do Rio de Janeiro mandaram depositar uma corôa no tumulo do grande brasileiro que «foi garantia da liberdade civil na patria e symbolo de grandeza moral no seculo». Sei mais que o *Journal do Commercio*, do Rio de Janeiro, se fez representar pelos srs. Eduardo Prado e F. Picot, que a redacção do *Brazil* teve representantes seus e que os do *Journal do Brasil* foram os srs. João Dantas e Hugues Le Roux.

Apenas a Princeza Imperial D. Izabel chegou e tomou assento, teve começo a cerimonia religiosa.

Monsenhor Le Rebours, assistido de numeroso clero, celebrou então a missa cantada, e, concluida esta, Sua Eminencia o Cardeal Richard, arcebispo de Paris, descendo do sôllo, deu as absolvições finzes e a ultima bençam.

Os excellentes cantores e musicos da Magdalena, dirigidos pelo mestre de capella Gabriel Faure (a egreja da Magdalena é famosa pela sua musica), tinham sido reforçados com artistas do theatro da Grande Opera. Théodore Dubois, o conhecido compositor e professor de harmonia no Conservatorio, mançou o grande organ, fazendo ouvir duas marchas fúnebres. Os cantores e a orchestra executaram o *Kyrie* de Beethoven, o *Sauctus* de Théodore Dubois, o *Agnus Dei* de Cherubini e o *Libera-me* de Gabriel Faure.

A 1 hora e 25 minutos se concluíram estas solemnes cxequias, cujo começo fóra annunciado ao meio-dia por uma salva dos celebres canhões-trophéas da esplanada dos Invalidos.

O caixão, tirado do catafalco, e precedido por seis mestres de cerimonia, com calções de seda, capas, fiorete e chapéus armados, foi levado ao coche fúnebre.

Apenas assomou no portico monumental da Magdalena, ouviu-se um toque de clarim, e logo as vozes de —*portez armes*— e —*présentes armes*.

Os tambores e cornetas fizeram ouvir a *marcha lenta*, e, logo depois, uma das bandas de musica executou a *Marcha fúnebre* de Chopin. Emquanto as tropas apresentavam armas, as bandeiras, como era de rigor, conservaram-se abatidas.

A 1 1/2 o prestito poz-se em movimento. A chuva tinha de todo cessado, mas o céu continuava encoberto e o sombrio e invernosso do dia augmentava a profunda tristeza desses funeraes na terra do exilio.

Seguraram nos cordões do esquite, até á ponte da Concordia, os ex-conselheiros de Estado visconde de Cavalcanti, Gaspar Silviera Martins, Dr. José da Silva Costa e general Couto de Magalhães, os camaristas marechal visconde da Penha, conde de Nioac, conde de Carapêbus, barão de Penedo, barão de Muritiba, conde de Nova-Friburgo, barão da Estrella, conde de Motta Maia, dedicado medico e amigo do Imperador, e o conde de Villeneuve.

Da ponte da Concordia em deante, por decisão da Princeza, os cordões foram confiados a todos os brasileiros que acompanhavam a pé o feretro, e que até á estação se foram revezando do caminho de ferro de Orléans.

O prestito seguiu pela rua Royale, praça e ponte da Concordia, boulevard Saint-Germain, caes Saint-Bernard, praça Walhubert e caes d'Austerlitz, na seguinte ordem:

Um esquadrão da guarda republicana, precedido de batedores que traziam em punho os seus revólvers;

Uma companhia de guardas da paz (antigamente «Sergents de ville»);

Um esquadrão do 3.º regimento de couraceiros (coronel Poulot);

Uma companhia do 36.º regimento de infantaria (coronel de Pellieux), com a bandeira desse regimento.

As bandas de cornetas, tambores e musicas desses regimentos;

O general de brigada de Saint Julien, com o seu estado-maior;

Um batalhão do 39.º regimento de infantaria de linha (coronel Bourelly);

Um batalhão do 76.º de infantaria (coronel Delbos);

Um esquadrão de 3.º regimento de couraceiros;

O general de brigada Madelor, com o seu estado-maior; um batalhão do 36.º de infantaria, com as armas em funeral, marchando a um de fundo, e formando assim duas compridas alas e dentro das quaes ficavam todas as carruagens de luto.

Dentro dessas alas de infantaria:

Um mestre de cerimoniaes, acompanhado dos seus auxiliares, todos de capa e calções;

Dous coches de luto, puxados por quatro cavallos, conduzindo o vigário da Magdalena e outros sacerdotes;

Um mestre de cerimoniaes e auxiliares;

Dous grandes carros, que seguiam emparelhados e eram duas montanhas de flores, cada um cilles puxados por seis cavallos caparazonados e conduzidos por outros tantos laçaios a pé;

O «Ordonnateur de la ville» (commissario superior da municipalidade, que preside aos grandes funeraes) e o seu sequito;

O coche funebre acima descripto (o caixão ia coberto pela antiga bandeira do Brasil e sobre elle via-se apenas uma corôa de pepetas, que Mr. Egerton, encarregado dos negocios da Inglaterra, depositára por ordem da rainha Victoria);

Tres mestres de cerimoniaes seguidos de varios officiaes de capa, levando sobre coxins de velludo as decorações do morto;

A deputação do Instituto de França, outra dos professores do Museu de Historia Natural e um grupo de brasileiros que iam revezar-se na guarda dos cordões do esquife, (alguns carregadores levavam dous immensos ramos de uma palmeira do Brasil, aos quaes estava presa larga fita roxa com as palavras «Le Museum d'histoire Naturelle»);

Dous coches de luto puxados por quatro cavallos, conduzindo a princeza D. Izabel, o conde d'Eu, seus filhos e o Príncipe D. Pedro Augusto;

A carruagem do presidente da Republica Franceza, com o general Brugère e tres officiaes da casa militar do presidente;

Logo atraz, muitas pessoas a pé, homens e senhoras;

Uns vinte coches de luto, a dous cavallos, conduzindo principes parentes, cavalheiros e damas do sequito do Imperador e dos Principes; numerosas car-

ruagens de ministros de estado ou seus representantes, do corpo diplomatico e de muitos dos convidados;

O general de divisão Palloué de Saint-Mars, com o seu estado-maior;

Um batalhão do 31.º regimento de infantaria de linha (coronel Gact);

Outro do 117.º de linha (coronel Chaumont);

Outro do 115.º de linha (coronel Godarde);

Um do 124.º de linha (coronel Guasco);

Um do 130.º de linha (coronel Goulon);

Duas baterias do 22.º e do 31.º regimentos de artillaria a cavallo;

Dous esquadrões do 6.º regimento de couraceiros (coronel Marquez Thibaut de la Rochethulon);

Um esquadrão de guardas de paz.

No grupo que seguia a pé, logo atraz do coche funebre, attrahira todos os olhares um preto de cabellos inteiramente brancos, correctamente vestido de casaca, e que caminhava isolado na frente da primeira linha. Disseram-me que reside em Paris e que em sua mocidade fóra criado do Imperador. Tambem chamavam muito a attenção o brilhante capacete do Principe Orloff, addido militar russo, os uniformes de dous officiaes cossacos e os alamares e medalhas de campanha do major brasileiro Gama Costa, antigo voluntario do Paraguay. Eram esses os unicos officiaes estrangeiros que acompanhavam a pé. Os outros addidos militares, assim como os embaixadores, ministros e secretarios, tinham tomado as suas carruagens.

Os bordados verdes dos uniformes do Instituto appareciam a cada passo no numerozo sequito.

Na rua Royale, alguns populares, reconhecendo o uniforme do Principe Orloff e dos cossacos, soltaram o grito da moda — Vive la Russie! — Mas foi esse o unico incidente em todo o longo trajecto de quasi seis kilometros, sendo sumamente respeitosa e sympathica a attitude dos trezentos mil, ou mais, parisienses e estrangeiros que formaram alas e se descobriram á passagem do grande brasileiro.

O photographo Paul Nadar tomou a vista da praça da Concordia no momento em que o coche funebre passava, mas o local não foi bem escolhido, porque a objectiva apenas podia apanhar pequeno espaço. Melhor posição teria sido o peristilo da camara dos deputados, donde a vista domina a ponte e praça da Concordia e toda a rua Royale até á Magdalena.

Em todo o percurso estavam as janellas e os largos passeios das ruas apinhados de povo. Todas as elevações eram aproveitadas. Via-se immensa gente nos terraços do jardim das Tulherias, nos bordos dos tanques da praça da Concordia, nas muralhas dos caes, nos bancos de ferro e nas arvores do boulevard Saint-Germain, em escadas de mão encostadas ás paredes, nas almofadas dos carros de praça e nos tejadilhos dos omnibus. Em Paris não é permitido atravessar um prestito funebre, e este, com as tropas que o precediam e seguiam, occupava quasi todo o comprimento do boulevard Saint-Germain, que tem mais de tres kilometros. Ficaram, por isso, retidos innumeros vehiculos nos pontos de encontro das ruas transversaes de mais transito, como as do Bac, Saint-Pères, Bonaparte, Rennes, Tournon e boulevard Saint-Michel. O correspondente do *Daily Telegraph* disse com razão que a affluencia de povo parecia tão grande como nos funeraes de Victor Hugo.

A escadaria monumental da camara dos deputados estava coberta de espectadores, pela maior parte deputados que haviam deixado a sala das sessões; e foi impressivo e solenne o aspecto desse amphitheatre de quinhentos ou seiscentos homens, cujos chapéus se

abaixaram ao mesmo tempo. Pelas vizinhanças do boulevard Saint-Michel até a praça Maubert, era a mocidade das escolas que preponderava na multidão. Dahi em diante, até ao Jardim das Plantas e á estação de Orléans, o publico compunha-se principalmente de pequenos negociantes e operarios.

O coche funebre deteve-se na esquina da rua Sauvage, junto á entrada do grande pateo das Messageries, na estação de Orléans, e os membros da familia, os representantes do presidente Carnot, dos ministros e do Instituto de França, os membros do corpo diplomatico e muitos dos convidados agruparam-se nesse logar. para esperar as ultimas continencias militares.

A Princeza D. Izabel collocou-se na frente, tendo a seu lado o Conde d'Eu e o Principe D. Pedro de Alcântara, seu filho mais velho.

As tropas que haviam precedido o feretro já tinham tomado posição em frente ao boulevard de la Gare. As outras atravessaram a ponte de Austerlitz, seguiram o cães de la Rapce e voltaram: á margem esquerda pela ponte de Bercy, reunindo-se ás da vanguarda.

Até então tinham caminhado lentamente, como é de estylo aqui, nos funeraes. Agora desfilavam em marcha accelerada, quasi ao passo de carga, com todo o garbo militar, ao som das musicas marciaes e do ruir dos tambores, misturado aos toques das cornetas e dos clarins. Passaram primeiro os oito batalhões de infantaria, depois a artilharia, e por ultimo a cavallaria da guarda republicana e os couraceiros. Os generaes e os coroneis dirigiam com as espadas a ultima saudação ao morto, as bandeiras abatiam-se ao passar, e cada vez que passava uma bandeira, todas as cabeças se descobriam.

O general Pollone de Saint-Mars tinha-se collocado a pequena distancia do coche funebre, junto á muralha do cães. Quando, ás 4 horas e um quarto, terminou a marcha em continencia de todas as tropas que commandava, aproximou-se elle do feretro, com o seu estado-maior. Iez com a espada o cumprimento militar ao morto e fei fazelo á Princeza, antes de ir de novo pôr-se á frente da divisão, que pouco antes dispersou, mandando que cada corpo voltasse aos seus quartéis.

O coche funebre penetrou então no pateo das Messageries, onde um vagão estava armado em capella ardente. O caixão foi ali collocado, e, depois das preces, feitas por monsenhor Le Rebours e pelo padre Pams, as pessoas presentes apresentaram os seus respeito á Princeza e aos Principes.

A Princeza pediu ao general Bruzire que dissesse ao presidente Carnot quanto ella ficava penhorada pelas demonstrações publicas de apreço a seu pae e pelos testemunhos de apreço que ella recebera do governo. Essas declarações foram repetidas no dia seguinte ao ministro dos negocios extrangeiros pelo barão de Penedo, que recebeu da Princeza esse encargo, e o *Temps* e outras folhas ministeriaes publicaram a seguinte noticia:

« A Condessa d'Eu fez apresentar ao governo francez a expressão dos seus agradecimentos pelo brilho

de que elle cercou as exequias do Imperador do Brasil ».

Os representantes do presidente Carnot e dos ministros estiveram na estação até ao ultimo momento, assim como o ministro portuguez, conselheiro Emygdio Navarro.

O sr. Daubrée, do Instituto, tinha escripto um discurso, mas a Princeza pediu-lhe que não o lesse, porque outras pessoas poderiam querer falar e ella não desejava manifestações. O discurso será lido na proxima sessão da Academia das Sciencias.

Esqueci dizer em seu logar que, no dia 7, essa Academia levantou a sessão em signal de pesar, se bem que não costumasse fazelo por occasião da morte dos seus membros extrangeiros. O presidente, Duchartre, pronunciou então palavras muito sentidas.

A's 7 1/2 da noite o trem especial que devia conduzir a Lisboa o corpo de D. Pedro II estava alinhado no cães da saída. Compunha-se de varios vagões-leitos, de tres salões, um vagão-capella, dous furgões de flores e outros de bagagem.

A essa hora ainda chegavam corças de flores.

O Conde d'Eu agradeceu ao sr. Heurteau, director da Companhia de Orléans, e aos membros do conselho de administração as excellentes disposições que tinham tomado.

Achavam-se na estação, além da Princeza de Joinville e do velho duque de Nemours, uns trezentos brasileiros e francezes.

A's 8 em ponto, partiu o comboio, seguindo nelle a Princeza D. Izabel, o Conde d'Eu, os Principes D. Pedro de Alcântara, do Grão-Pará e D. Pedro Augusto de Saxo, a baroneza de Muritiba, d. Eugenia da Fonseca (filha do marechal visconde da Penha), o visconde de Cavalcanti, o conselheiro Silva Costa, os condes de Aljezur e de Motta Maia, os barões de Muritiba e de Estrella, o secretario da legação portugueza em Paris (conde de Azevedo da Silva) e os srs. dr. José Paranaguá, sr. João de Souza Dantas dr. Cede-fredo de Esparagnolle Taunzy, dr. Paulo Prado, dr. Cansansão de Sinimbu, Sebastião Guimarães, Alfredo Rocha, barão de Nioac, Pandiá Calogeras, barão de Maia Monteiro, barão de S. Joaquim, quatro padres e o director da empresa funeraria Borril, com o pessoal necessario.

O principe Albercht da Prussia, seguido de numeroso sequito, passou por Paris no dia 10, para ir representar seu irmão, o imperador da Allemanha, nos funeraes em Lisboa.

Na manhã de 10, o trem imperial entrou no territorio hespanhol; no dia 11 chegou a Madrid e hoje a Lisboa, sendo recolhido o corpo do grande Imperador á egreja de S. Vicente de Fóra, em que descansam os restos dos seus antepassados e os da Imperatriz D. Thereza Christina.

Por toda parte, segundo os telegrammas, recebeu o illustre brasileiro as mesmas honras officiaes e demonstrações publicas de respeito que lhe foram tributadas em França.

FERDINAND HEX

Supplemento do "Album Imperial"

ANNO I

CHRONICAS E NOTICIAS

NUMERO 11

Album Imperial



O **Album Imperial** publica-se regularmente nos dias 5 e 20 de cada mez, trazendo no minimo **dezeséis paginas** de texto.

O presente numero do **Album Imperial** contém **vinte paginas**.

Deixou a redacção desta revista o sr. M. Bittencourt Junior, terceirannista de Direito, que desde o primeiro numero nos prestou o concurso de sua intelligencia e dedicação, como redactor-secretario do **Album Imperial**.

O nosso prezado ex-compañheiro retirou-se no dia 24 do proximo mez findo para Bello Horizonte, em cuja Academia vai proseguir nos estudos.

Desejamos-lhe todas as felicidades.

Esta revista, como de costume, foi publicada pontualmente no dia 20 do mez proximo findo.

Em consequencia, porém, da grêve dos operarios da Paulista e Mogyana, o ultimo numero não foi remettido com a habitual pontualidade aos assignantes das localidades servidas por aquellas estradas de ferro.

Conforme prometteramos, inauguramos hoje o **Album de autographos**, com o *fac-simile* de uma carta de Machado de Assis e o retrato do illustre presidente da Academia Brasileira de Letras.

Quanto á annunciada secção de modas, não tendo ficado

promptos a tempo os *clichés* que a devem illustrar, deixamos de dal-a no presente numero.

Este numero do *Album Imperial* é dedicado á memoria do Visconde de Bom Retiro, cujo retrato estampa na pagina de honra, reproduzido da *Revista* do Instituto Historico e Geographico Brasileiro (supplemento ao tomo LI).

O respectivo artigo biographico é da penna do dr. Joaquim José de Carvalho, conceituado clinico em Avaré e particular amigo do Visconde de Bom Retiro. A ninguem melhor do que elle podiamos, pois, commetter a incumbencia de escrever sobre o illustre brasileiro.

Não é, nem pôde ser um nome desconhecido o do nosso festejado collaborador.

O dr. Joaquim José de Carvalho nasceu no Rio de Janeiro, a 23 de março de 1850, e doutorou-se alli em medicina. Quando ainda estudante, prestou relevantes serviços á população fluminense, por occasião da epidemia de febre amarella de 1870, e, logo depois de formado, embarcou para Buenos-Aires, onde então reinava essa epidemia, e alli foi um dos medicos que mais trabalharam na debellação do mal. Regressando ao Brasil, clinico em Minas-Geraes, de 1872 a 1874, e, voltando neste ultimo anno para o Rio, dedicou-se ao magisterio, já em diversos collegios, já como professor publico de grammatica portugueza. Em 1883, fundou um collegio no Rio de Janeiro e actualmente reside na cidade do Avaré, neste Estado, onde clinica e onde vive cercado de grande consideração e estima. Escripitor de variada e profunda erudição, é auctor de muitas obras apreciaveis, que vêm enumeradas no *Diccionario* de Sacramento Blake, vol. IV, pag. 161. Collaborou muito tempo na imprensa fluminense e ainda hoje, quando sua trabalhosa clinica lhe deixa algumas horas, aproveita-as no estudo e na composição principalmente de trabalhos philosophicos, dos quaes ainda ha pouco tivemos uma brilhante prova no livro *A Vida e Dissertatio circa animam naturam*.

RABISCOS

A REPUBLICA aboliu as condecorações que havia no Imperio,— as do Cruzeiro, de Aviz, de Christo, da Rosa e outras com que na Monarchia se galardoavam os serviços prestados á patria.

Aboliu-as, por serem contrarias á egualdade propria do regimen politico inaugurado em 89, e, para provar que aquella palavra não é uma palavra van, instituiu o termo *cidadão* na sua accopção mais ampla, para tratamento geral entre os individuos, qualquer que seja a condição social destes.

Por isso, logo depois do 15 de novembro, o meu sapateiro chamava-me « Cidadão Fabricio » e eu me vingava dizendo ao *salvador* das nossas finanças: « Cidadão Campos Salles ».

Em França, nos dias terriveis da Revolução, os criados eram *domesticos*; mas, passada a onda jacobina, voltaram a ser simples e humildes *garçons*, da mesma fórma que no Brasil já devem estar convencidos os senhores republicanos de que não é possível chamar indistinctamente *cidadão* a um ministro e a um engraxate.

Quanto ás condecorações, que a Constituição republicana aboliu no Brasil, é ocioso lembrar que a França, apontada como modelo de democracia, as mantém ainda hoje, sob todas as formas e feitios, desde as palmas da Academia até á Legião de Honra, que, como toda gente sabe, foi instituida por Napoleão I.

Mas no Brasil a Republica aboliu os *crachás* só na letra expressa do seu pacto fundamental:— não ha a ordem de Aviz, não ha a do Cruzeiro, mas existe a das medalhas militares creadas pelo sr. Campos Salles, que dessa vez, como de outras muitas, deu um salto mortal por cima da Constituição.

E o mais engraçado de tudo é que, depois dessas medalhas para o exercito e para a armada, o governo cogita na creação de outra série de medalhas... para a Guarda Nacional.

Parece pilheria, mas não é:— o governo vai condecorar doravante a Guarda Nacional. Mas dessa milicia o que conhecemos são apenas officiaes,

na maior parte coronéis commandantes de batalhões que não existem. Que serviços têm prestado ou poderão prestar esses senhores, na qualidade de guardas-nacionaes e de ordem a justificar a distincção? Debalde o perguntaremos. Nem se allegue que, na revolta de 93, officiaes dessa milicia empunharam armas em defesa da Legalidade. Voluntarios academicos e outros patriotas fizeram-no tambem e ninguem se lembrou de crear para elles medalhas honorificas.

E' melhor que o governo reforme de uma vez a Constituição e, em logar dessa patacoada de medalhas, restaure as condecorações.

FABRICIO PIERROT



O nosso archivo

Deu entrada no nosso archivo o *Anuario de Minas-Geraes*, para 1906, organiado pelo incançavel escriptor Nelson de Senna.

E' um livro volumoso, cuidadosamente impresso e muito interessante em todas as secções do texto:— estatistica, chorographia, finanças, variedades, biographias e literatura.

Quanto aos *clichés*, deixam muito a desejar e não recommendam, nem o artista que os fez, nem o impressor que os imprimiu.

O *Anuario* occupa-se desenvolvidamente do vizinho Estado, tratando do seu commercio, da sua lavoura, das suas industrias, das suas riquezas, enfim, e pôde por isso prestar bons serviços de propaganda do opulento Estado brasileiro.

Que o seu distincto organisador não esmoreça no louvavel emprehendimento que tomou sobre os hombros, proseguindo na publicação do *Anuario*.



Jornaes e revistas

Iniciou seu 5.^o anno de existencia o *Clarim*, que nos deu uma edição magnifica, com os retratos de Francisco Romero, seu director, Dutra Nogueira, redactor, Paulino de Almeida, critico, Ferreira de Carvalho, Andreino Assis, Julio dos Santos Junior, Bento Botelho Caldas e Raphael Mazza, collaboradores.

Na *Musa andia*, de Bittencourt Junior, sahi errado o 2.^o verso da ultima quadra, que—parece—deve ser lido assim:

De moivado é uma tolice

Desejamos que o *Clarim*, que incontestavelmente é um bom periodico literario, festeje ainda muitos anniversarios.

Uma aia da Imperatriz

Da *Gazeta de Notícias*:

«A boa velhinha agora em novembro vai completar oitenta annos.

E' uma figura alta, alva, de uns olhos castanhos pensativos, cabellos brancos, rosto enrugado e um doce sorriso que faz bem á gente.

Alguem que a conhecia nol-a mostrou. Vimol-a uma vez na igreja da Candelaria, pela Quaresma.

Aquella foi aia da Imperatriz.

Nesse momento ella ia toda de preto, sahindo, muito curvada, por entre as columnas da igreja. Encontramol-a depois, numa casa á rua do Cattete. A boa velhinha chama-se Joanna Maria de Alcantara, a d. Joanninha, como todo o mundo a conhece.

Todas as manhãs, apesar de seus oitenta annos, sai com a sua irmã pouco mais moça para ouvir a missa e só voltam, sempre as duas, mais tarde, para fazer o almoço.

D. Joanninha é de descendencia moura. O seu pae nasceu em Argel. D. João VI fel-o baptisar com o nome de João Pedro de Alcantara e trouxe-o para cá em 1806. Aqui casou e teve prole. D. Joanninha é a filha mais velha. Nasceu aqui, no largo da Carioca, numa casa que portencia á Ordem da Penitencia.

No seu quarto, á rua do Cattete, a pobre velha recebeu-nos com aquelle seu bom sorriso, muito amavel, boa velhinha.

Não tem a memoria bem segura, disse-nos: — as datas fogem-lhe e falham, a recordação do passado já não tem a mesma nitidez de outros tempos. Ella vive fechada na sua saudade, na sua velhice, procurando esquecer o passado. Não vale a pena recordal-o. — elle foi tão bom, tão feliz, tão cheio de alegrias, e agora a vida está tão dura e tão triste...

— Eu até procuro esquecer...

Quando lhe perguntamos se era muito amiga da Imperatriz, ella teve um clarão na docura dos olhos:

— Eu? Muito. Fui até quem botou a vela na mão, á hora da morte.

— Trabalhou muito tempo com a Princesa?

— Trabalhei ao lado della vinte e nove annos. Fui aia vinte e nove annos. Foi á época mais feliz da minha vida...

Duas lagrimas encheram-lhe os olhos, ficou alguns minutos calada, de cabeça baixa, e depois ergueu a fronte, murmurando:

— Era uma santa. A Imperatriz era uma santa. Passei vinte e nove annos a seu lado e nunca tive uma queixa, nunca me disse uma cousinha assim.

E começou a contar scenas da Quinta da Boa Vista, a vida intima dos monarchas, a serena vida burguezia das magestades brasileiras. A Imperatriz levantava-se pela manhã, ás 7. As suas duas aias, d. Joanninha e Leoninha Esponzel, vinham pental-a e vestil-a. A *toilette* da Imperatriz pôde-se dizer que era ella propria quem fazia. As aias só serviam para lhe trazer esta ou aquella peça de roupa. A Imperatriz vestia-se.

— Nunca, nunca ella nos entregou o pé para calçar. Nós a penteavamos, agitavamos as roupas, pregavamos um ou outro alfinete..., nada mais. A Imperatriz era tão boa, que tinha vergonha de ter criados.

As 10 horas almoçava-se. A primeira mesa era do Imperador e da Imperatriz. Havia, porém, mais duas

talheres sobresalcentes. Esses talheres eram para a Princesa Izabel e para o Conde d'Eu, que de um momento para o outro entravam para almoçar. Depois do almoço, a Imperatriz vinha trabalhar. Sentava-se e começava a cozer, fazer *crochet* e bordados.

— Foi com ella, disse, que eu aprendi a bordar. A Imperatriz ensinava-me como se eu fosse sua filha. E que paciencia!...

Quasi sempre quando a Imperatriz estava a trabalhar, D. Pedro II apparecia. Sentava-se e punha-se a conversar. Trazia quasi sempre um livro e lia alto para a mulher ouvir.

As 4 horas da tarde jantava-se. Havia tres mesas: a do Imperador e da Imperatriz, a dos semanarios e a dos particulares.

O chá era infallivelmente á noite. Para a Imperatriz vinha o chá numa grande bandeja de prata. Ella tomava e mandava depois para as aias.

Nesse tempo nós viviamos felizes. Eu morava em quatro aposentos enormes, passando bem. Mesmo porque lá nunca se maltratou pessoa alguma. Elles eram tão delicados, tão bons, que até para os criados o Imperador, quando queria alguma cousa, dizia *faz favor*.

A Imperatriz, quando não fazia trabalhos de agulha, desenhava ou escrevia cartas para a Europa, para as suas parentas.

— Era uma santa mulher. No dia de seus annos, 14 de março, ella distribuía presentes por todos nós. Fazia tambem presentes no dia dos annos do Imperador e na quarta-feira de Trevas.

Emfim, os presentes eram todos os dias. As vezes vinham da Europa peças riquissimas de roupas para D. Thereza Christina. Ella, na sua simplicidade, detestava o luxo. E, fazia pena, distribuía grande parte de sua roupa pela criaçagem.

A phrase era sempre a mesma, a phrase da Imperatriz quando dava algum presente a uma das aias:

— Isto é para você nunca se esquecer de mim.

Uma santa, exclamou, com os olhos molhados. Nós, na Boa Vista, viviamos num paraíso. Eramos aia no nome. Estavamos como em casa de uma mãe. Dizia-se até que nós viviamos como princezas.

D. Joanninha conta factos, ás vezes truncando as datas. Já não se lembra mais. A memoria já vai fallhando.

Com a Imperatriz fez cinco viagens na Europa. A ultima foi pela proclamação da Republica, e só voltou de Portugal quando D. Thereza Christina fechou os olhos.

— E ella sentiu muito a Republica? perguntámos.

— Ella? Coitada! Sofreu mais que todo o mundo. Foi uma magoa que nunca mais lhe sahio do coração.

Da proclamação da Republica lembra-se ainda. Estavam: ouvindo a missa na matriz de Petropolis, quando souberam. Recordar-se bem. A Imperatriz levantou-se e bateu-lhe nos hombros:

— Vamo-nos embora.

Aqui, no Paço, no dia da queda do throno, enquanto D. Maria Thereza chorava, o Imperador passeava mudamente, lento, pelo salão, pensando, pensando como se um mundo tivesse desabado.

— Era tambem um santo homem, coitado! Na viagem daqui para a Europa...

Na viagem daqui para a Europa, a bordo do *Alagoas*, D. Pedro pouco

falou. Passava os dias a passear pelo navio, silencioso, de cabeça baixa. Até as suas barbas parece que ficaram mais brancas.

D. Joanninha cita nomes. Fala, com grande saudade e estima, de D. Josephina Fonseca Costa, dama de honra da Imperatriz.

— Uma boa senhora, com um genio tão manso. Ah, tempo!

D. Joanninha está hoje pauperri-ma. Com a sua irmã vive naquelle pequeno quartinho da casa á rua do Cattete, e a sua velhice não lhe deixa mais trabalhar. A irmã tambem está velha. Ambas soffrem necessidades. Vivem pela grande commiseração de gente monarchista. Um dá uma cousinha, outro dá outra. A Princesa Izabel todos os mezes dá uma pequena pensão e é com esse pouco de um esse pouco de outro que ella vai girando pela vida a sua velhice illuminada de saudade.

Está doce, pouco enxerga. E, na immensa docura daquelles pensativos olhos de oitenta annos, ha a grande tristeza do passado feliz, a infinita saudade de um tempo bom que se foi, o lampejo de uma gratidão que não se apaga.

A boa velhinha sorri.

— Ah! como aquelle tempo era bom!

E baixa o olhar, embaçado de lagrimas.

— E como a Imperatriz era uma santa!



Batalha de Riachuelo

Opinião de duas importantes folhas estrangeiras sobre aquella celebre batalha naval de 1865:

«A esquadra brasileira mostrou quanto pôde a bravura alliada á sciencia e á disciplina, e o modo por que manobramos as canhoneiras collocou a esquadra do Brasil e a sua officialidade de par com as marinhas europeas...» (*Moniteur Universel*.)

«O Brasil justificou a sua pretensão a ser considerado a primeira nação da America do Sul e o direito de ser do futuro inscripto entre as grandes potencias.» (*Morning Herald*.)

O ensino da Historia

CONFERENCIA QUE NO COLLEGIO DIOCESANO DE S. JOSÉ, DO RIO, EFFECTUOU O DR. CARLOS DE LAET.

(Conclusão)

ESTES, senhores, como o deista e revolucionario do seculo XVIII de antemão responde ao ministro sceptico, seu filho, no seculo XX; e, ainda, perdida no *mare magnum* de suas ficções romanescas, ha em uma das obras de Camillo Castello Branco uma pagina, em que o mesmo e mais resumidamente se nos doutrina.

«Tenho conhecido (faz o romancista dizer a uma de suas personagens) muito máus afortunados e muitas almas nobres passadas de angustias. Se eu escrevesse as historias que sci, teria de me abster de moralisar por conta da Providencia, — que importaria o mesmo pôl-a em duvida... Se inferno e gloria fossem neste mundo, a que vinha a superfluidade do outro, em que se promettem premios

e castigos?!» (*A filha do Doutor Negro*, ed. Antonio Maria Pereira. — Lisboa, 1904, pag. 265.)

Tranquillizem-se, pois, os que por ventura tremem do ensino da historia, porque nem sempre nos mostra a virtude feliz. Nós, os catholicos, temos para isto a unica solução satisfactoria, porque é a verdadeira.

Senhores, sinto a necessidade de terminar esta conferencia, que não terá sido completamente improficua, porque em boas auctoridades se firmaram as minhas pobres observações; e ao concluir eu vos concito a redobrar de esforços para, desde o curso preliminar, lançar as bases do ensino da historia, o qual no secundario encontrará devida continuacão.

Prepara, limac, recitae em cada aula o vosso poema, que outra cousa não é, e logo em seus incios, uma boa lição... Nem sou eu quem o diz, mas algum de mór competencia, Brouard, inspector geral do ensino primario em França, numa conferencia por occasião da Exposição Universal de Paris em 1878. Palavras suas:

«A lição de historia já na escola primaria, apesar de suas apparencias de extraordinaria simplicidade, em verdade e um poema! Ella tem a sua personagem ou o seu facto principal, os seus personagens e factos secundarios, e até mesmo os seus episodios. Tudo isto se deve fundir no espirito da criança, como no vosso, em uma unidade maravilhosa, que é a propria lição, o poema, já que pronunciei esta palavra.» (*Conférences pédagogiques faites aux instituteurs primaires délégués à l'Exposition Universelle de 1878*. — Paris, 1881 — Pag. 92.)

E logo mais adiante:

«Fala, pois, aos vossos alumnos, senhores; fala-lhes muito, fala-lhes sempre. Contae e recontee os grandes factos da nossa historia nacional. E, se o souberdes fazer com geito, vossos pequenos ouvintes, todos olhos e ouvidos, avidamente vos beberão as palavras; dellas se impregnarão as suas almas juvenis, e na memoria lhes ficará a lembrança. Os pormenores poderão apagar-se; mas tudo o que houver essencial, capital, e sobretudo bello, grande, nobre, accessivel á sua intelligencia e á sua imitação, aquillo em que, por consequente, houverdes insistido, isso permanecerá intacto para inspirar generosos sentimentos e, o que mais vale, generosas acções.»

Faço minhas, senhores, estas elevadas considerações do pedagogista francez.

Catholicos nas crenças, herdeiros literarios da cultura greco-romana, filhos de Portugal e cidadãos do Brasil, nós temos muito que contar a nossos filhos e netos. Tracemos, com a Biblia, o portentoso quadro que do *Finis* do Creator vem até á fundação do christianismo; reconstruamos em suas partes mais formosas o edificio hellenico e latino; contemos, com justo orgulho, as façanhas dos heroicos navegadores que de Sagres levaram o Evangelho até ao mais remoto Oriente; recapitulemos, já em nosso Brasil, as epopeas da guerra contra os hollandozes e as mais recentes no Prata e no Paraguay.

Conhecendo quanto valiam seus maiores, cs nossos estudantes aprenderão a ser homens; e, quando verdadeiramente o saibam, não mais receiem a tyrannia, porque, no dizer de um arabe, não ha domador de feras que possa albardar locies.

POETAS BRASILEIROS



MÃE

Embora a magoa e o desconsolo a opprima,
O seu amor, como celestes esmola,
E' um perfume subtil que se lhe evola
Do peito e sóbe deste mundo acima.

Com que ternura a sua voz me anima,
Quando pelo meu rosto o pranto rola!
Ninguem como ella a minha dôr consola,
Ninguem como ella o meu pezar lastima.

Julgo-me só e chamo-a... Ella não tarda!
Volta, acóde-me alegre; e num momento,
Desfaz a dôr que o coração me enluta.

Ella é a mais fiel, a mais constante guarda
Que no meio da noite, o ouvido attento,
O meu suspiro entrecortado escuta...

FRANCISCA JULIA DA SILVA



Contraste

Talvez esta hora em que a chorar suspiro,
lembrando-me de ti saudosa e afflicta,
bem junto estejas da mulher bonita
que te escravisa o coração que aspiro.

Emquanto eu soffro aqui no meu retiro
o ciúme atroz que no meu peito excita,
cada vez mais essa paixão maldita,
e de raiva e de dôr quasi deliro;

em paragem risonha, enflorescida,
talvez tua alma esteja num transporte,
toda inteira em sua alma transfundida!

Bem diversa da tua é minha sorte:
no seio de outra encontras tu a vida,
e eu na tua inconstancia encontro a morte!

AUREA PIRES



MONGE

E' forçoso que por um louco tomem
Quem de perfeito juizo se mostrava?
Louco, dizieis vós! mas onde estava
A apregoada loucura daquella homem?

Quem pôde ver as dôres que se somem
Dentro no peito e ver a ignota lava?
Loucos sois vós que as pustulas consomem
E tendes a alma ás paixões escrava!

Louco o dizeis, porque deixara o mundo
Pelo abysmo do claustro horrído e fundo!
Insensatos, sabed! para a alegria

E' talvez pouca luz a luz do dia,
Mas a quem fore do infortunio o açoite
Essa noite do claustro é pouca noite.

JOÃO RIBEIRO



Captivo feliz

Com a mão mimosa e branca abrindo a porta
Da gaiola, diz ella ao passarinho
Encarcerado: — « Vac! volta ao teu ninho.
Tenho pena de ti: es livre. Corta

De novo o immenso azul! » Em vão o exhorta
A' fuga a linda moça: em um cantinho
Do carcere, encolhido, o pobresinho
Parece em seu olhar dizer: — « Que importa

A minha liberdade, ó carcereira,
Se es tão bôa, tao meiga, tão fagueira,
E é mais doce que o Céu esta prisão?

Só sendo teu captivo apraz-me a vida...
A donzella, bem vês, és tu, querida,
E o captivo feliz — meu coração.

HEITOR DE MORAES

ALBUM DE AUTOGRAPHOS

DOS «IMMORTAES» DA ACADEMIA BRASILEIRA

Rio de Janeiro, 9 Setembro 1901

Exmo. Sr. Bento de Magalhães,

Meo Tenho o maior prazer em escrever algumas linhas para o numero especial que o Commissario de J. Paulo Sara no dia 29 de corrente consagra a memoria do Sr. Edualdo Prado Antunes. Momento nao poderia fazer em copia e veder correções de vultes ao grande escripto que o Sr. Antes quer dar, mas uma lembrança de vultes para me escrever-me outra

o que o primar em vida e se nao constarem da morte.

Com toda a consideração,

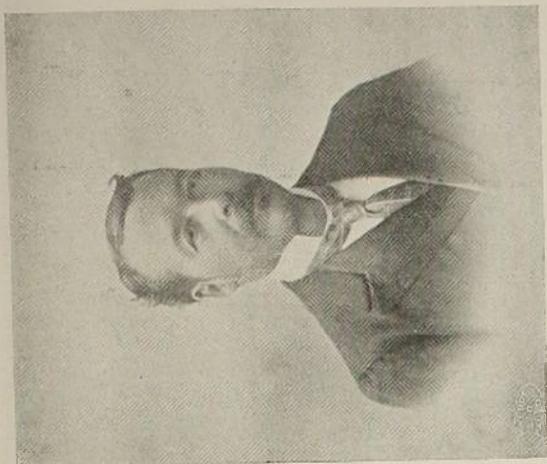
de V. S.

Am. e af. e etc.

Machado de Azevedo



A revista annual "Jesus-Christo",



DR. JOÃO TEIXEIRA ALVARES
Fundador e proprietário da revista *Jesus-Christo*

DUPLA homenagem rendemos nesta pagina: — á revista *Jesus-Christo*, a que já nos referimos em minuciosa noticia, e ao seu infatigavel organisador, dr. João Teixeira Alvares, nosso distincto collaborador e intransigente correlligionario, residente em Uberaba.

Da revista reproduzimos um dos artigos em autographo — o do illustre brasileiro e nosso eminente chefe sr. Visconde de Ouro Preto.

Dando o retrato do dr. João Teixeira Alvares, queremos restenunar ao conceituado clinico e brilhante escriptor a estima em que o temos e a nossa admiração ao esforçado catholico e irreductivel monarchista, que tantos serviços ha prestado á Religião e ao Throno.

Promoveu o Governo suffragios do Imp.
a catholica pelas victimas da cada tribuna
de faccosecanga. E a elles officia a lumen de
amistio, nas pessãoas de seus mais altos re-
presentantes.
Ainda bem!
Comecam os poderes publicos a re-
nheer o enorme erro de proclamação de
a theiorem do Estado, que há de lorumamente
offender a consciencia nacional.
Pens os illumine, para que proximo
na obra das reparação, tem arguas suas
ha talvaco. possível para a Patria impetu-
Visconde de Ouro Preto.

Autographo publicado no 1.º numero da revista *Jesus-Christo*



ANTONIO DE GODOY
Visconde de Ouro Preto
em 29 de abril de 1905

Um soneto de Antonio de Godoy

Em t'p'la. Tu agi sobre esta arena
talvaco rebelle na canga verde cuna,
Garrul e murmur, canta e gongola
de mudo estylo e resposos de una?

Quem te saculpa o corpo de serena?
Que antieta mostan esta oia penna,
talvaco rebelle eja coga subra
Ella de nicho, duramente e oguna?

Quem luy, dá-me sonda, dá-me arona,
Tajada os ramos sobre um, gongalla
Ella de nicho e luyvaco cuna...

Brucado os ten' canle e gongalla
Ella de nicho na vida na batalha
Ella de nicho ali rotar na mudi

A. G.

GENEALOGIA

DO
SR. DR. MANUEL FERRAZ DE CAMPOS SALLESPOR
LEONCIO GURGEL

Da Sociedade de Geographia de Lisboa e do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo

Avaré, 15—5—906, ás 11 da noite. — Neste voluntario e remoto retiro, em que, lentamente e com relativa placidez, sinto escoarem-se-me os dias da pesarosa velhice, move-me um ancio quotidiano, que traduz imperiosa exigencia de meu espirito e de minha alma: é o momento da chegada do trem, portador das malas postaes.

Chefe e centro de familia numerosa e mui ramificada, com attentões e affectos simultaneamente solicitados para pontos diversos e extensamente afastados, excita-se-me o sentimento em febril e legitima curiosidade, na perspectiva de noticias, boas ou más, que o correio, cega e indifferentemente, transporta; e os cuidados que amigos ausentes despertam tambem; e tudo quanto é previsivel e razoavel em quem, longe dos centros intellectuaes, por qualquer forma acompanha e tem o dever de acompanhar o progredir do entendimento e da sciencia, e a marcha dos patrios eventos; taes são em mim os fundamentos da rclorida imperiosa exigencia, que meu espirito e minh'alma experimentam todos os dias, á hora em que a tarde vai entrando pela noite, e o trem de ferro vem de corrida por estas paragens.

A minha correspondencia é, pois, um pedaço da minha vida, que se revolta, se completa ou se gasta todos os dias, facto que me leva até ao café das maximas contrariedades e aos dissabores da maior impaciencia, se e quando por força maior não se realisa no momento ansiosamente esperado.

Algumas das sensações várias, que se produziram em mim com a leitura, que a est' hora termino, do que me trouxe a mala de hoje, é quanto pretendo exprimir nas linhas que vou tracejando:

Li, com vivo interesse, o opusculo ultimo de meu confrade e amigo, o sr. Leoncio A. Gurgel, versante sobre a — "*Genealogia do sr. dr. Campos Salles*"; um bello folheto, nitidamente impresso a tintas differentes, apresentando digno trabalho typographico, cuidadosamente composto, paginado e revisado, com mappa e estampas; folheto esse que me chegou com gentil e manuscrita dedicatória de seu operoso auctor.

Leoncio Gurgel, que em pessoa conheci, ha precisamente um anno, em casa de nosso commum amigo — o sr. dr. Estevam Leão Bourroul — em São Paulo, é um caracter distincto, de finissima tempera, de mui repolidas maneiras, de delicadeza extrema, de actividade muita; e, sem ser doutorado ou bacharelado por forma alguma, é mais douto, mais estudioso, tem mais criterio scientifico e mais dôcencia do que tantos e tantos que, por ahi além, com inexpressivos e invalidos pergeminhos se enfaçam.

É um industrial de profissão e um intellectual de vocação. Que eu saiba, publicou: "E tempo!" — um brado de paixão patriótica, clamando pela trasladação dos despojos de D. Pedro II;

A justificação de "*João Ramalho perante a Historia*"; e agora — "*Genealogia do sr. dr. Campos Salles*".

Sei outrosim que elle tem, talvez em adunguificação, a entrar em prelo, a colleção inteira dos sonetos do mallogrado sr. D. Pedro II, que naturalmente virão acompanhados de referente estudo psychico.

O Instituto Historico e Geographico de S. Paulo distinguiu-lhe a applicação e amor ao estudo, nomeando-o seu membro effectivo por unanime consenso; com equal distincção deccrou-o tambem, e por ultimo, a velha e respeitabilissima Sociedade de Geographia de Lisboa.

Taes titulos elle os mereceu bastante, e, de mais para mais, saberá honral-os. De minha correspondencia de hoje li tambem o artigo "*Fidalguia republicana*", que o sr. dr. Carlos de Laet deu á estampa em a primeira pagina, primeiras columnas do "*Jornal do Brasil*", anno XVI, n. 130, edição de 10 de maio; e li, por fim, um artigo dos "*Apellidos*" do "*Jornal do Comercio*" de hontem, 14 de maio, inserto ao alto da 4.ª columna da 4.ª pagina, com o titulo — "*Genealogias e o sr. de Laet*", assignado por Nemo.

Isto posto, louvando e admirando mesmo no estudioso sr. Leoncio Gurgel a paciente investigação que, tão perfeitamente, soube levar a termo; e só julgando-o credor de encomios por seu patriótico interesse, indo excavar em tão longe passado as raizes de uma illustre familia brasileira, cujo chefe já passou pelas mais salientes arestas da representação nacional; confesso vêr-me entristecido com a critica acerba e mofadora, opposta pelo sr. dr. Carlos de Laet ao livro, ao delicadissimo auctor deste, ao glorioso patriota que no livro se estuda, e, no intenco accesso de escarnecer de tudo e de todos, até ao futuro presidente da Republica, que não tem ligação alguma com o caso.

Nutro decidido respeito pelos talentos muitos e crudição copiosa do sr. dr. Carlos de Laet; e é precisamente por isso que não posso desculpar-lhe esse modo de fazer a critica, a todos tratando com indelicado pouco caso, tão nas orlas se não dentro mesmo das aggressões pelo ridiculo, que e sempre provocador e não deixa realçar os justos meritos do aggressor.

Não tenho eu de que me queixar — nunca tal soffri do eminente professor e publicista: e, por isso mesmo, falo com isenção de paixões quaesquer.

Ora, o sr. dr. C. de Laet é monarchista, e tem direito de exigir que acreditem todos na sinceridade de sua fé politica, muito embora a sua vida politica só começasse a iniciar-se na vespera da queda da Monarchia, para revelar-se com actividade nos dias da Republica. Repito, porém, a ninguem é licito duvidar da sinceridade dessa sua fé. E porque tanto escandalisa o douto literato as crenças alheias?

O sr. dr. C. de Laet, que não conhece Leoncio Gurgel, que certamente não procurou delle colher precisas informações, tomou-o por um bajulador, por

um engrossador qualquer, suppól-o um republicano de fancia ou dos do emplasto adhesivo (de sua espirituosa phrase de tanta propriedade) e escreveu: "*Da conclusão da obra assás se deprehende que Gurgel com mão diligente a traçava quando por mui provavel era tida a successão de Campos Salles a Rodrigues Alves, etc., etc.*"

O sr. dr. Laet equivocou-se muito, e nem sequer leu a carta estampada nas primeiras paginas do folheto, pois, se lesse, ficaria sabendo que Leoncio Gurgel nem pessoalmente conhece o sr. dr. Campos Salles, nem é republicano, sendo sim tão monarchista, pelo menos, como o proprio sr. dr. Laet; e, se procurasse boas informações, saberia que o mesmo Leoncio Gurgel é já um independente por sua honrada fortuna, é um industrial, não precisa de empregos e não os procura.

Dispondo das mais bem fundadas sympathias pessoas nas melhores camadas da nobre sociedade paulistana; dispondo de largas relações commerciaes, com capital e credito; e já conhecido entre os do mundo intellectual de São Paulo, em nada inferior ao de qualquer dos Estados da União Brasileira, inclusive o Rio de Janeiro; Leoncio Gurgel ha muito estaria bem accommodado em qualquer emprego, que pretendesse, sem ser-lhe necessario esperar a reelleição do sr. Campos Salles.

Por tudo isso, o sr. Leoncio escreveu e pôde affaitamente dizer: — "*não tenho dependencias, quer politicas, quer particulares.*"

E, pergunto ainda: fosse mesmo o sr. Leoncio Gurgel um candidato a emprego pendente da influencia politica do sr. dr. Campos Salles, se reelleito este, é porventura generoso ou cabivel dizel-o em artigo de critica a trabalho literario, sobretudo historico, escripto por esse figurado pretendente?...

Eu repelliria por injusto quem ousasse dizer-me que o sr. dr. Laet defende os membros restantes da nobre familia imperial, quando vê provavel o exito de uma revolução de que possa resahir a restauração dos destronados. E repelliria convencido de só fazer justiça ao sr. dr. C. de Laet; como sempre reprovei e reproverei sempre as injurias assacadas ao seu caracter, ainda que, muitas, motivadas tenham sido pelas descortezias e picantes facecias de seu criticar.

Exclusivamente dentro do seu saber, que é de tão dilatados horizontes, o sr. dr. C. de Laet tem meios sobejantes para a analyse e critica de qualquer producto literario ou artistico; não lhe é mister, antes destoa de seu alto merito, recorrer ás armas dos fracos e dos desvalidos, que são o ridiculo e o insulto.

Deixo por isso de considerar phrases, que dou por não lidas e não escriptas, tanto nos periodos pilhericos e picantes do sr. dr. Laet, como no artigo de Nemo, que, ousou affirmar-o, foi tambem desaprovado por Leoncio Gurgel, se este o leu.

Foi, pois, de falsa apreciação o sr. dr. Laet, quando pretendeu dar feição politica a um escripto de méra investigação historica.

E mais consideremos: Nega o sr. dr. Laet a existencia de Meroveu; e penso que tal negação assim peremptoria dá caso para embargos.

O sr. dr. Laet citou a "*Histoire de France*, de Guizot, Paris, 1887, I, pag. 125, onde se lê, que transcrevo:

"*Alguns chronistas mencionam Meroveu como o rei dos Francos estabelecidos na Belgica, perto de Tongres, e que faziam parte do exercito de Aécio. Até mesmo lhe attribuem uma brilhante investida, na ante-vespera da batalha (dos Campos Catalunicos), contra os Gépidas, alliados dos Hunos, e na qual teriam succumbido dizem uns que noventa mil homens, e outros que só quinze mil. Os numeros são imaginarios e o facto permanece incerto.*"

Não ha, certamente, quem melhor saiba analisar do que o sr. dr. Laet; mas, nesse trecho, por elle citado e aqui reproduzido, far-me-ia gosto com elle aprender onde está a phrase que nega a existencia de Meroveu.

Guizot declarou imaginarios os numeros 90.000 e 15.000 dos succumbidos na acção contra os Gépidas; e que permanece incerto o facto. Deixando a questão dos algarismos, e só considerando a do facto, pergunto: — que é que permanece incerto?

Será a batalha contra os Gépidas?... Será o commando de Aécio?... Será sr. Meroveu o rei dos Francos estabelecidos na Belgica, etc.?...

Seja a, b ou c; em qualquer caso, não é da existencia de Meroveu que se faz questão ahi.

O sr. dr. Laet cita tambem Jornandes, que, "*muito por miudo referindo-se a esta batalha travada em 451* (aqui e não ahi, e lá vem um quinquado com a galhofa de ser membro do Instituto Historico), na minuciosa narrativa não cita Meroveu."

Como o sr. dr. Laet inmerecidamente zomba dos conhecimentos do delicado e modesto Leoncio Gurgel, que por forma alguma os apregoa, que nunca se propoz a ensinar historia ou sobre ella preleccionar, que estuda ou escreve sómente para ornar seu bello espirito, nos lazeres de sua trabalhosa vida industrial, ou, como no caso vertente, para tambem homenagear algum prestante cidadão de indiscutida eminencia, o que tudo é só para louvar-se e não para vituperar-se, ardeu-me a curiosidade de certificar-me bem da auctoridade, dessa grande auctoridade de Jornandes, que o illustrado sr. dr. Laet arremessa sobre o modesto Leoncio, como um calhau enorme para esmagalo.

Lembrava-me eu do tal Jornandes, tambem incluído na "*Colleção dos Auctores Latinos*" por Nisard; e para taes livros dirigi-me, desanimando logo depois de abril-os, por, confesso, faltar-me no momento a precisa paciencia para rellêr tanto latim. Depois de algum hesitar e reflectir, atri-me ao "*Grand Dictionnaire Universel*" de Larousse, esse desapesta-fraças de tanta gente; e pequeno não foi meu desapontamento quando, no vol. 9, pag. 1.016, 3.ª columna, encontrando o nome de JORNANDES, que Larousse julga ser antes JORDANES, bispo e historiador godo do seculo VI, de linhas 25 a 28, li:

"*Son livre est une compilation assez indigeste et pleine d'erreurs, mais très précieuse par les témoignages qu'elle contient, et qu'on ne saurait trouver ailleurs.*"

Temos, pois, que Jornandes ou Jordanes, que, nos ensina o "*Grand*

Dictionnaire, foi também notário, protestante, catholico convertido, frade, bispo; que fez sciencia facilmente, á custa alheia, com tesoura e grude; que compilou taes e taes (em Larousse estão citadas); só produziu obra *indigesta e alargada de erros*, tendo apenas de precioso os *testemunhos* colligidos, que alhures não se encontram.

Não é consequentemente um auctor para suplantar quem quer que estude conscienciosamente; não é um nome de prestigio para abroquelar-se com elle o indiscutivelmente erudito sr. dr. C. de Laet. Para homens da elevação intellectual do professor brasileiro as auctoridades de sua parceria só muito outras podem ser.

Mas, dê-se que o tal Jornandes seja mesmo um sabio notavel, onde está na citada passagem a negação da existencia de Meroveu?...

Com todas as suas minuzias, não podia o *compilador* tê-lo esquecido?... E deixar de citar ou negar mesmo a presença de um rei em tal ou tal batalha, importa negar a existencia desse rei?...

Assim como bem certo é que o finado sr. D. Pedro II (que esteve presente em Uruguayana) não se achou na grande batalha de 24 de maio, em que, fóra de duvida, jogou-se a sorte do Imperio do Brasil, como não se achou também no em tudo igualmente notavel combate de Riachuelo, pela mesma logica chegaríamos a negar a existencia do extinto e grande monarcha brasileiro. Não vou com esse processo de argumentar.

E já que falei do Larousse, seja-me licito dizer que, tanto este, no vol. II, pag. 92, 3.^a columna in alto, como o Bouillet, *Dictionnaire d'Historie et de Geographie*, nova edição refundida sob a direcção de Courraigne, Paris, 1893, pag. 1.239, 1.^a columna, sendo os dois auctoridades acceitas e de collocação obrigada nas estantes dos doutos, como fontes seguras para primeiro recurso ao menos, ambos assignalava a existencia e a realza de Meroveu, já como personagem singular, já como designação appellativa dada a uma casta de chefes.

Se Meroveu não houve, como reconhecem todos os historiadores, *nemine discrepanti*, a *dynastia merovingia*?...

A *numismatica*, que é também um dos ramos ou dos processos da chronologia historica, faz outrosim grande cabedal das moedas *merovingias*; e, agora mesmo, passa-me aqui por sob os olhos a interessante obra, em tres grandes e ricos volumes, do visconde de Ponton d'Amécourt, publicada por A. de Belfort (Paris, 1892), intitulada «*Description Générale des Monnaies Mérovingiennes*», obra que carinhosamente conservo, talvez menos pelo seu valor, que é muito sendo também ella rarissima, e que pela grata recordação do amigo que com ella tão distinctamente me brindou.

O sr. dr. C. de Laet ainda cita (é o terceiro e o ultimo dos por elle citados) Cantù, *Storia Universale*, Napoli, 1861, IV, pag. 538.

Forçoso é aqui entrar em importantes e indispensaveis considerações, que nos levam á imprestabilidade dessa citação.

1.^a Com a *Storia Universale* de Cesare Cantù passou-se o mesmo que sóe dar-se com todos os productos de primeira qualidade, votados a grande celebridade e recebidos desde logo com extraordinaria procura: ella foi *falsificada* muitas vezes e por editores diversos, chegando mesmo a vestir-se ao sabor de traductores e contrafactores. Ha *Cantù* catholico; ha *Cantù* protestante; ha *Cantù* de todos os feitios, de todos os tamanhos e com todas as idéias.

A edição por que leu o illustrado sr. dr. C. de Laet é uma das contrafeitas; e o eminent e doutissimo professor brasileiro não tem o direito de servir-se de *bullas falsas*.

2.^a Cesare Cantù, com ser indiscutivelmente um historiador singularissimo no merito, o primeiro que deu á Historia a elevada feição moderna, tirando-a das estreitezdas da chronica para os horizontes largos da critica philosophica, não logrou comtudo forrar-se de disparates até descommunes, não sendo por certo o maior esse em que descreve a grande capital brasileira, o nosso Rio de Janeiro, qual pequena *cidade fluvial*!...

E de quantas nobilissimas Sociedades e de quantos sabios Institutos foi membro o illustre Cesare Cantù!...

O sr. dr. C. de Laet, entretanto, pretence cobrir de ridiculo o modesto e estudioso sr. Leoncio Gurgel, por este, *que é do Instituto Historico de S. Paulo*, referir apenas a personalidade de Meroveu, que o sapiente professor pôe agora em duvida ter existido!

3.^a O sr. dr. C. de Laet é (e muita honra, sómente honra lhe vá por isso) catholico apostolico romano; apresenta-se de intransigente, de indefectivel orthodoxia; dá preleções publicas dogmaticas; prega a excellencia de todas as exterioridades do culto com a mais perfeita obediencia; e, com tudo

isso, com tantas e tantas virtudes, que dão tamanho lustre a seu caracter de homem de pura fé, eu quizera duvidar e duvidaria se elle proprio não o dissesse... LE O CANTU?!...

O sapiente professor brasileiro não tem o direito, não, de ignorar que a *Storia Universale* de Cesare Cantù foi, em 1859, interdicta pela Congregação do Indice!

E', pois, com uma edição *falsificada* de um livro *condemnado* que o prohibido e catholico orthodoxo sr. dr. C. de Laet se apresenta armado para bater, *pelo ridiculo*, o despretencioso trabalho de um modesto estudioso cavalleiro, que não exerce profissão litteraria!...

Ha vicio e injustiça, dôc-me dizelo, nesse proceder.

4.^a E não é tudo. Eu, que não me sinto, nem me apresento com as qualidades que exornam a pessoa do illustre sr. dr. C. de Laet, a quem sempre consagrei respeito e as distincções todas devidas aos que, por seus altos meritos, exorbitam dos planos communs, sou também catholico, e, *escondidamente*, entro também com frequencia pelo Cantù, em busca de carecidas noções. Vendo-o assim citado pelo nobre professor, atirei-me ainda uma vez a elle, alli pelo vol. 7, liv. 8.^o, cap. IV, pag. 79 da edição reformada, accrescentada e traduzida por Antonio Ennes; e confesso que vi antes *affirmada mihi claramente* a existencia de Meroveu; e mais, ali, nessa citada pagina, na 5.^a linha da nota, em copioso indicador bibliographico, ou não vi citada a obra de Jornandes, ou é ella que está referida como de *auctor incerto*. Rogo notar-se que não affirmo o segundo termo desta phrase alternada.

Habitudo a ler com insimulado interesse tudo quanto produz a fecunda penna do notavel publicista sr. dr. C. de Laet, ainda que, e só raramente, com idéas oppostas; habitudo, de longos annos, a vel-o correcto e elevado em phrases e em pensamentos, no que escreve, com o que tanta instrução e deleite tanto tem diffundido; hoje, que os annos, em boa carga, até já vão tornando-o venerando (e mais velho sou eu, graças a Deus), sem chegar aos pesados conceitos de *Vemo*, naquello já referido artigo do *Jornal*, de 14 do andante, observo, com desprazer bastante, que aquelle seu nobre estylo de outr'ora se desmantela com frequencia em phrases que eu não sei como elle repelliria, se alguém ousasse dirigir-l'has.

Porque não de assim exemplar os nossos mais doutos mestres?

Dá para temer-se uma approximação dessas, que fóra só para desejar-se, pelo muito que é licito della esperar em ensinamentos uteis e edificantes, quando no sereno e augusto papel de mestre ou critico, sem as asperezas e injustiças de um adversario enfezado.

Homens como o sr. dr. C. de Laet nunca precisam deprimir para verem-se elevados; é o seu proprio e indiscutivel merito que os eleva, sobretudo quando esse merecimento é calorosamente apregoado entre francos louvores e grato reconhecimento.

Que fez José Agostinho de Macedo com *«Os Burros»*, insultando injustamente a tanta gente, muita que não lhe era inferior?

Que têm produzido as satyras mordazes?...

Quem hoje accéita ou tolra nas escolas a fêrula, que tão triste celebridade deu ao finado iracundo dr. Victorio, da rua dos Latceiros?

Não!... Não pôde e não deve ser assim o illustre sr. dr. Carlos de Laet, cujo nome carece de ser acerdado por todas as bemquerenças, quanto mais assignalado tornar-se o seu espirito pela variedade e profundidade do saber.

Muito se tem repetido que o divino Nazareno com frequencia inqueria — *quem me esse dicunt homines* —; e essa sublime lição de philosophia moral serve também para instruir-nos e edificar-nos na verdade de que—o amor de uma boa reputação é a ultima fraqueza das almas fortes.

Critique-se, sim, que é um direito para quem o exerce—e um beneficio para quem o recebe—; mas não se ridicularise nem se inclindre, porque isso pôde também ser um côarde defeito, sendo sempre um proceder illicito, incorrecto e bigume.

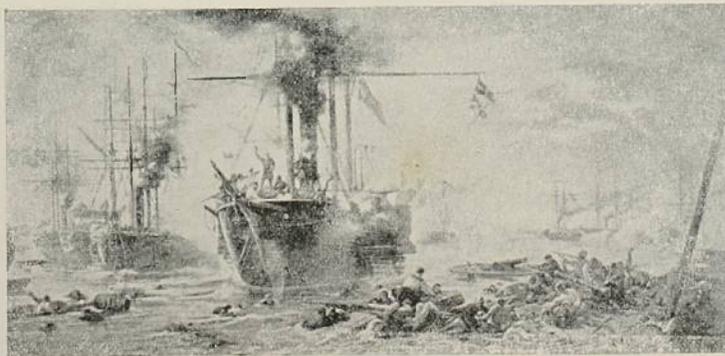
Não!...

O livro, o bello livro do modesto e copioso sr. Leoncio Gurgel não tem erro algum dos apontados pelo illustrado professor sr. dr. C. de Laet; e tem merecimentos, todos os necessarios, para alcançar distincta collocação na estante dos que amam os estudos historicos e em cujo peito aninha-se o patriotismo sincero, sem preconcebimentos apaixonados.

Ao digno confrade dou aqui as minhas felicitações, de par com o agradecimento, que lhe devo, pelo exemplar tão gentilmente a mim offerecido.

Avaré — alta madrugada de 16 — 5 — 906.

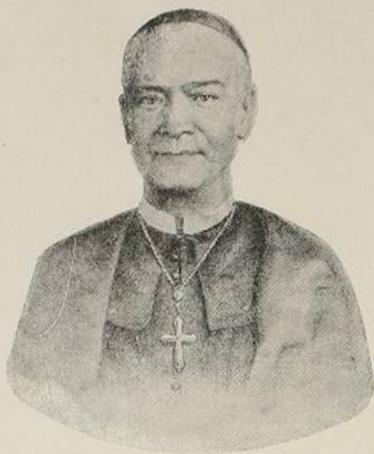
DR. JOAQUIM JOSÉ DE CARVALHO



Querra de Victor Melrilles

COMBATE DE RIACHUELO

(1 de junho de 1855)



D. José Antonio dos Reis

BISPO DE CUYABÁ

Ao caro amigo e illustre confrade sr. Estevam de Mendonça

E JUSTO que o *Album Imperial* preste homenagem, rápida embora, a D. José Antonio dos Reis, segundo Bispo de Cuyabá, que deixou na sua Diocese o mesmo odor de santidade que se desprende da memoria do venerando Concílio de Conceição, D. Antonio Ferreira Viçoso, 7.º Bispo de Marianna. Varão insigne pela Virtude, pelo Character e pelo Talento, não o foi menos pelo acrisolado amor ás Instituições Jurdas e pela dedicação illimitada ao Throno Nacional.

Nesta capital nasceu D. José em 10 de julho de 1798; e foi baptisado na Sé Cathedral sete dias depois. Seus paes Francisco Mendes de Oliveira e Anna Maria Franca eram pessoas pobres, humildes e de côr.

Orphan muito cedo, sem protecção e sem amparo, a sua mocidade correu difficil e penosa, lutando com os maiores embaraços para prosseguir os estudos que encetára.

Em 1818 foi nomeado professor substituto das cadeiras de Theologia Dogmatica e Moral, em cujo exercicio demorou-se até 1821. Neste ultimo anno recebeu a ordem de Presbytero, e no dia da Paschoa celebrou a sua primeira missa. Ordenou-se, pois, no mesmo periodo em que começavam a fulgir aquelles ornamentos do Clero Paulistano, que tamanho realce deram á geração da Independencia. Ninguém ignora a parte preponderante que ao Clero coube nos successos que precederam e seguiram a nossa emancipação politica.

Além do ministerio sacerdotal, exerceu empregos publicos. Em 1823 seguiu para a cidade de Pouso-Alegre, em Minas-Geraes, afim de ensinar Philosophia, regressando a S. Paulo em 1825 a chamado do Presidente desta Provincia, que o convidára com instancias para organisar a Bibliotheca Publica. Foi fiscal da Camara Municipal. — O fiscal vencia a gratificação annual de 350\$000; e desse cargo teve o padre José Antonio dos Reis de se exonerar, « sobrecarregado com as obrigações de duas aulas do curso juridico, nas quaes se achava

matriculado no seu segundo anno » (1829). A Camara, aceitando a demissão que pediu, á vista das razões allegadas, « resolveu que se agradecesse mui particularmente o zelo e a actividade que prestou em todo o tempo que serviu a bem deste municipio. »

Exercou, ao mesmo tempo, os cargos de vereador, juiz de paz, capellão e director das freiras do Recolhimento de Santa Thereza.

O padre Reis matriculára-se na Faculdade de Direito em 1828 e bacharelou-se a 23 de outubro de 1832. Quando estudante do 4.º anno, fôra eleito Bispo de Cuyabá pela Regencia Trina, a 27 de agosto de 1831.

Com elle receberam o grau de bacharel mais 34 companheiros, dos quaes 10 naturaes de São Paulo:

Emilio Paulo de Carvalho
Francisco Antonio da Costa Machado
Joaquim Firmino Pereira Jorge
José Antonio Pimenta Bueno
José Antonio dos Reis (Bispo eleito)
Manuel Alves Alvim
Manuel Dias de Toledo
Manuel Joaquim do Amaral Gurgel (Padre)

Marcellino Ferreira Bueno (Padre)
Vicente Pires da Motta (Padre)

Destes 10, foram directores da Academia os padres Manuel Joaquim (Padre *Cuyabá*) e Vicente Pires, politicos influentes e lentes de Direito; lente e deputado, Manuel Dias; Pimenta Bueno foi o Marquez de São Vicente; o padre Marcellino, Cura da Sé; Pereira Jorge, desembargador e deputado.

Formaram-se tambem em 1832 Manuel de Jesus Valdetar, José Ignacio Vaz Vieira, João Lopes da Silva Couto, D. Francisco Balthazar da Silveira, depois Conselheiros; Luiz Fortunato de Brito Abreu Souza e Menezes, Quintiliano José da Silva, Desembargadores.

Confirmado pelo Summo Pontifice Gregorio XVI, por Bulla de 2 de julho de 1832, foi sagrado nesta capital pelo Bispo Diocesano D. Manuel Joaquim Gonçalves de Andrade, a 8 de dezembro, na mesma igreja em que

fôra baptisado e celebrára sua primeira missa.

Foi membro do Conselho Geral e seu Presidente; Deputado Geral por S. Paulo nas 3.ª e 4.ª Legislaturas (1834-37 e 1838-41) e Vice-Presidente da Camara Temporaria. Foram seus collegas de deputação os seguintes Paulistas, cujos nomes ficaram assignalados na politica do tempo:

Brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar
Dr. José Corcê Pacheco e Silva
Capitão-mór Lourenço Pinto de Sá Ribas

Coronel Joaquim Floriano de Toledo
Dr. Manuel Dias de Toledo

Cirurgião-mór Francisco Alvares Machado e Vasconcellos

Padre Valerio de Alvarenga Ferreira
Padre Lourenço Marcondes de Sá

Padre Manuel Joaquim do Amaral Gurgel.

Dr. José da Costa Carvalho (depois Marquez de Montalegre)

Dr. Carlos Carneiro de Campos (depois Visconde de Caravellas)

Coronel Martim Francisco Ribeiro de Andrada

Dr. Rodrigo Antonio Monteiro de Barros

Desembargador Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva

Desembargador José Joaquim Pacheco
Desembargador José da Costa Aguiar de Andrada.

Fallecendo D. Francisco de Assis Mascarenhas, Conde de Palma, senador por S. Paulo, a 6 de março de 1843, houve forte corrente de sympathia em prô da apresentação do nome de D. José Antonio dos Reis. Este, porém, recusou formalmente semelhante honra, allegando não poder ausentar-se seguidamente da séde de seu Bispado, onde ainda não estavam apagadas a memoria nem as consequências ca matança dos portuguezes e dos cruéis acontecimentos de maio de 1834.

D. José tomou posse do seu cargo, por procurador, a 2 de junho de 1833, e chegou á Diocese a 27 de novembro do mesmo anno. Pouco depois Cuyabá era theatro de verdadeira *Saint-Barthelemy*, tramada com todo o sigillo, apesar de enormes distancias, e executada simultaneamente e com o mais diabolico calculo em quasi todas as localidades daquella provincia.

« Com effeito, em Cuyabá, nas trévas da noite e á primeira badalada das doze horas dada pelos sinos ao findar o dia 30 de maio de 1834, levantou-se possessa de inexplicavel furia parte da população e, aos brados de *mata bicho*, começou a trucidar sem dó nem piedade infelizes e imbelles portuguezes, excitada pelos boatos de que por elles fôra chamado D. Pedro I e de que em todos os pontos do Imperio se procedia a igual morticínio!

« Foi cheie desse hediondo movimento um certo Manso (1), a quem depois e mui justificadamente deram a alcunha de *Tigre de Cuyabá*. Com razão diz o sr. Ferreira Moutinho que hoje todo o filho de Matto-Grosso fala nessa carnificina com vexame e osquivança, tendo-se dado sumiço

(1) Antonio Luiz Patrio da Silva Manso, « estabelecido em Cuyabá como medico e gosando ali de grande influencia ». Foi deputado por Matto-Grosso á 3.ª legislatura (1834-37). — Patrio Manso falleceu em Campinas.

quasi total aos documentos e inqueritos que a ella se referem, o que é de sentir, pois ainda não foi estudada, nem poderá sê-lo devidamente, tão singular e sangrenta conspiração contra inermes e confiantes co-habitantes dessa longinqua região »

O dr. Indalecio Raulolpho Figueira de Aguiar descortina alguns dos horrores que se praticaram e quaes as estultissimas razões com que os agitadores perturbaram o bom-senso e a natural cordura do povo.

« Temia-se », diz elle, que o nobre e immortal fundador do Imperio viesse atacar o Brasil por Matto-Grosso. Os partidos estavam assanhados, e os portuguezes, com razão ou sem ella, eram tidos em conta de amigos e de apatiguados de D. Pedro I, de restauradores emfim. . .

« Felizmente o tempo já tem varrido da memoria todos os actos de feroz loucura, todas as façanhas de cruel perfidia, todos os excessos do mais impudente carnibalismo, em que se requintou a plebe para exterminar os pacificos e laboriosos filhos de Portugal.

« Debaide, em Cuyabá, o venerando Bispo, com o crucifixo nas mãos, percorrendo as ruas da cidade, obsecrava os insanos e intercedia pela vida dos infelizes; debalde com doces persuasões e palavras santas porfiava em: lhes apagar a sanha! debalde! que cegos e allucinados como os judeus e quasi que lhes repetindo os brados *legem habemus, crucifigite eum*, clamavam: « Temos ordem da Regencia, e preciso exterminar! » e

« Se encarnicava fervidos e irosos. No futuro castigo (3) não cuitosos. »

Desses attentados diz o sr. Ferreira Moutinho:

« A pagina em que se escrever a historia de tal exterminio, será uma nodoa de sangue nos annaes da provincia, e jámais o tempo poderá apagá-la. Não tentaremos descobri-la: apesar de portuguez, queimámos muitos documentos relativos aos negocios de 1834 » (4).

O que não se pode apagar, nem se poderá jámais riscar das paginas da Historia, e a attitudo heroica e sublime de D. José Antonio dos Reis na maior furia da horrorosa carnificina. . .

Por Breve de 17 de novembro de 1841, o papa Gregorio XVI nomeou-o

(2) Visconde do Taunay, *A Cidade de Matto-Grosso*, cap. XVI, p. pags. 87-88.

(3) Pretendem Ferreira Moutinho e Indalecio de Aguiar que o castigo da Providencia, embora moroso, foi terrivel, tendo sido Matto-Grosso assolado, trinta e quatro annos depois, pelas paratytyos e pela epidemia de bexigas. Dessa terrivel peste em 1867 fallecer mais da metade da população do Cuyabá. « Estão já expiados os crimes e peccados, exclama Indalecio; pelos criminosos e peccadores pagaram os filhos o innocentes ». — Nota do Visconde do Taunay.

(4) Ferreira Moutinho, *Noticia sobre a provincia de Matto-Grosso*.

« . . . e afinal, como salvadora inspiração e recurso ultimo, buscou a residencia do bispo D. José Antonio dos Reis a imperial-ella que interveio em pessoa naquella horrorosa conjunctura. E, de facto, logo saluu o venerando Prelado, com um grande crucifixo na mão, rodando de padres de tochas em punho, a impetrar todos compaixão e misericordia para as desgraçadas victimas e a darem vivas á Lei, á Religião e ao Sr. D. Pedro II. . . Que scenã dramatica! Que terríveis instantes!

Era tarde! . . . pois dentro em pouco se consummára a nefanda obra, ficando mortos, seguindo uns, 400 portuguezes, senão mais, segundo outros de 200 a 300, em todo o caso acima de 100. . . »

seu Prelado Domestico, Assistente ao Sólido Pontificio e Conde Palatino.

Nesse mesmo anno, por concessão da Coroação de S. M. o Senhor D. Pedro II, D. José fôra condecorado com a Commenda da Ordem de Christo, por ter sido um dos setc bispos que assistiram e officiarão naquella sollemnidade nacional.

Espirito eminentemente culto, o Bispo de Cuyabá era — socio correspondente do Instituto Historico e Geographico do Brasil, membro honorario da Academia de Bellas Artes, presidente honorario do Instituto d'Africa, de Paris, membro da Real Sociedade dos Antiquarios do Norte, de Copenhague, socio correspondente da Academia Real de Historia, Antiquidades e Bellas Letras de Stockolmo e de outras sociedades scientificas.

Ao concluir o seu curso juridico em S. Paulo, fôra premiado com uma medalha de ouro, pelo brillantismo de seus exames finais.

Em Matto-Grosso, exerceu o cargo de vice-presidente da Provincia e o mandato de deputado provincial e outras funcções, as quaes desempenhou com a habitual modestia e illustração que distinguem a sua pessoa e que o tornaram bemquisto de toda a população matto-grossense (5).

Em seu bello caracter, diz Azevedo Marques, predominavam notavelmente a mansidão e a bondade.

«Durante a cruel epidemia de variola, que se manifestou em Cuyabá pelos annos 1867 e assolou aquella Provincia, o digno Prelado não se afastou do fóco pestilento, e, com sua palavra consoladora e bolsa caridosa, correu em soccorro dos seus diocesanos.» (6)

Diz o dr. Indalecio que os seus sermoes publicados lhe tornariam o nome immortal. — O Visconde de Taunay, ao narrar os tragicos acontecimentos de 1834, que ensanguentaram aquella uberrima e formosa terra, crê que ha exaggéro nesta asseveração. Mas o dr. Indalecio lá residiu, privou com o Bispo e conhecia bem o seu valor real, alem de não ser prodigo de elogios e entender perfeitamente do letras e eloquencia sacra. (7)

De seu zelo pastoral dá eloquento testemunho a sua Portaria de 11 de março de 1834, um dos primeiros actos de sua administração, e porventura em cumprimento do Aviso do Ministerio da Justiça, de 12 de março de 1832, dirigido a todos os Prelados do Imperio por Diogo Antonio Feijó, Aviso cuja desusada energia hoje causa pasmo, em que o grande Paulista condemnou, em nome da Religião Catholica e da Constituição do Imperio, cer-

tas praticas e abusos dignos de censura e repressão.

O conflicto episcopo-maçonico, que convulsionou o paiz e lançou a mais profunda perturbação nas consciencias dos fieis, não encontrou êcho em aquella longinqua Diocese e, na melindrosa questão, que desde 1872 se tem agitado no Brasil, o Bispo D. José Antonio dos Reis conservou-se sempre na verdadeira posição de successor dos Apostolos, pae do povo e seu protector constante.

O Episcopado de D. José Antonio dos Reis contou 43 annos, 10 mezes e 3 dias. «Muito respeitado de todos e tido até por Santo pelo povo», falleceu com 78 annos de idade a 11 de outubro de 1875.

O Palacio Episcopal não podia conter a onda de povo que se agglomerava para vê-lo seguir a derradeira viagem. No dia 12, o seu cadaver, que não pôde ser embalsamado, foi levado por um acompanhamento de mais de 5.000 pessoas e sepultado na Cathedral.

«Foi nesse momento que vozes se ergueram unisonas, exprimindo o pensamento, que será guardado como reliquia do illustre morto: *Assim se pôde morrer!*»

Como subsidio para a historia daquella grande terra, a excellente revista salesiana de Cuyabá, Matto-Grosso, recordando o 29.º anniversario de sua morte, reproduz, — e nós a transcrevemos como homenagem á memoria do Santo Prelado — a poesia a que se refere o jornal cuyabano *A Situação*, recitada na occasião em que baixava, ao tumulo o corpo inanimado do inesquecivel Bispo-Conde Palatino por um alto representante do Poder Judiciario.

MOTE

ASSIM SE PÔDE MORRER

Glosa

1.º

«Tu, José, o povo amaste,
Pelo povo foste amado,
Do Brasil o Episcopado
Sempre, sempre, tu honraste.
Tantas virtudes mostraste,
Foi tão Santo o teu viver,
Que o povo vendo descer
O teu corpo á lousa fria,
Entre lagrimas dizia:
Assim se pôde morrer.»

2.º

«Foste, sim, um bom pastor!
Jamais scrás esquecido;
Do teu rebanho querido
Alcançaste todo amor:
Elle, transido de dôr,
Dôr justa por te perder,
Não cessou de bemdizer
Teu coração virtuoso,
Que foi de um pae extremo:
Assim se pôde morrer.»

Retiro, maio de 1906.

E. L. BOURROUL

No presente numero, como succedeu na edição anterior, deixamos de dar a apreciada chronica de Pantaleão Bermudes, que tem estado enfermo.

Esperamos, porém, vel-o restabelecido dentro de poucos dias, e provavelmente no proximo numero reaparecerá nas columnas do *Album* o nosso distincto collaborador.

LIVROS NOVOS

SYLPHOS, *poesias de Raymundo Porto* — Typ. Maré & Monti — Rua do Caixa d'Agua, 1-E — S. Paulo.

Temos sobre a mesa de trabalho mais um livrinho de versos: um opusculo de estreante, com vacillações e defeitos de quem começa a escrever.

Abre-o um prefacio do dr. Tullio de Campos, que, ao apadrinhar o seu nepote literario, devia ao menos pedir para os seus carmes o que Banville solicitava das musas modernas: — inspirações e perfumes — *odor arvi*.

Mas o auctor verseja ainda sobre sentimentalidades, num estylo temperado dos poetas de 1830, que nutriam amores platonicamente castos e um saudavel medo dos equívocos suspeitos...

Nesta maneira de poetar, pensamos como o velho solitario de S. Miguel de Seide: «a poesia sentimental acabou, porque poetas que exercitem a arte por amor da arte já não ha nenhum, nem tão pouco ha mulheres que sintam no peito o vacuo dos sonetos.»

Com franqueza, não se pôde dizer que seja uma preciosa collecção de poesias que venha collocar o auctor entre os mais notaveis no genero. Os seus artefactos não são cuidados e não primam por uma emoção delicada e subtil como a alma vaporosa dos *Sylphos*...

A poesia no Brasil tem sido a *anima vilis* das experiencias da immensa multidão de fazedores de versos, que pullulam á guisa de gaíanhotos na farta messe das letras.

E quanto mais se multiplicam, mais cantigas brotam de todos os lados, mais escolas borbulham por toda parte, observa profundo pensador patrio, — mais o desventurado Brasil manquéja...

Sylvio Romero, numa admiravel synthese, explica satisfactoriamente o phenomeno: «A geral indolencia nacional não supporta os trabalhos estudos das sciencias, especialmente em sua feição pratica. E até nos que se denominam sociaes, a maioria, a grande maioria dos jovens estudantes evita as arduas pesquisas da historia, as penosas indagações da erudição do manejo de documentos, o difficil traquejar da linguistica, da philologia, do Direito historico e comparado, da critica religiosa, de toda indagação, em summa, que demande annos e annos de aturada applicação. Atiram-se os que se suppõem mais habéis aos devaneios da bella literatura. No periodo academico, é a *poesia* que mais ostenta, por ser a mais facil e illusoria das bagatellas. Todos os versos possiveis, até os mais bellos, dizia Proudhon, já estão feitos, formou-os a lingua quasi naturalmente, pela simples atracção sonora das palavras. — É uma fascinação para todos os espiritos agitados e incapazes de esforço serio.»

O auctor dos *Sylphos* nos perdoará a rude franqueza: não constitue por sem duvida uma excepção a esta regra; é, antes, uma caracteristica e flagrante amostra desta *perallice* intellectual.

Examinemos mais de perto a obra do sr. Porto.

No seu livro não ha effectivamente galas, nem effusões lyricas; o tom é monotono, pesado, a metrica indisciplinada. Fallece-lhe por completo a musica e melodia da palavra, producto do rythmo e da rima, faltam-lhe as ondulações de um estylo mimoso e suggestionante.

A sua linguagem é por vezes incorrecta; a syntaxe, imprecisa; vocabulario, pauperrimo.

Vejamos as provas: os seus alexandrimos a pags. 2, 10, 28, estão evidentemente errados, faltam-lhes as cesuras indispensaveis á cadencia dos hemistichios. Não existe nos versos intercalação, nem uniformidade de estrophes em versos agudos, o que constitue macula indesculpavel para os cultores da arte de versificar.

Usa de uma adjectivação demasido excessiva e por vezes impropria, dando em resultado haver muitas *cuñhas*, — as *chevilles* — dos francezes, ou de *supplementa numerorum*, como diria Cicero.

Dir-se-ia ter o poeta a obsessão das rimas em *aulo*; das trinta e tantas poesias do seu livro, ha trinta e tantos *ideus*.

Deparam-se nos expressões improprias, como estas: *uma canção, lambendo a raiz do arvoredo*, pag. 33; *tarde tristorosa*, pag. 35; *estrada airosa*, etc.

Notam-se a cada passo dissonancias, cacophonias, collisões e outros defeitos contra a harmonia.

Usa e abusa das elisões, «mascara lustrosa, com que se pretende encobrir um defeito real». Não mais se permite tambem hoje rimar *arvore* com *marmore*, pag. 8; *aquellas* com *estrellas*, pag. 22, e outras quejandas impropriedades, que já não são mais possiveis num poeta. Não ha perdoar-lhe mais as rimas feitas entre vocabulos da mesma categoria gramatical.

Emprega immoderadamente a particula *que* e colloca mal os pronomes.

A poesia só é verdadeiramente atrahente, quando, além da profundidade da emoção, se engalana numa fórma artisticamente cinzelada.

Fundo e forma devem adjectivar-se em intima equipolencia, em equação ajustada e inconfundivel.

Os poetas que praticam a poesia actual, que todos mais ou menos derivam do parnasianismo, precisam não esquecer que a impecabilidade e distincção de fórma são as primeiras qualidades da escola.

Fallecem ao auctor dos *Sylphos* estas qualidades preciepas e intrinsecas; um verdadeiro poeta é a resultante destas duas forças.

Mas é um trabalho superfluo querer demonstrar que o sol não é frio, ou que as produções do sr. Porto não têm aquelle calor indispensavel para atravessar uma *estação* literaria.

Como o celebre Lassale, opinamos que a critica não deve proceder num trabalho de cultura intellectual, como Penelcpe com a sua téa, desmanchando de noite o que fez de dia; mas tambem não comprehendemos o que seja a critica bonachona, polida e cavalheirosa, no sentido de guardar reservas e condescendencias, em honra de pessoas e prejuizo da verdade.

Juramos como o sr. Porto concordará conosco.

VERSOS — segunda edição melhorada — *Trevos e Crystaes* — por José Amarel. Typ. Ideal. Flli. Canton — 1906.

Para todos quantos estudam a phisica, é conhecido um phenomeno de luz, que apresentam certos mineraes, deixando ver na sua massa uma estrella luminosa.

Dir-se-ia que o mesmo phenomeno se observa nas composições do sr.

(5) Estevam de Mondonça, *Matto-Grosso*, anno 11, n. 10, de pags. 255 a 257.

(6) Manuel Eufrosio de Azevedo Marques, *Apontamentos Historicos de S. Paulo*.

(7) O dr. Indalecio escreveu a Introduçáo á *Noticia sobre a Provincia de Matto-Grosso* de Ferreira Moutinho em 1869. — Natural de S. Paulo, formou-se em 1847, e falleceu a 23 de abril de 1891. Era Advogado profissional, Conservador por indole e principios firmes, Catholico fervoroso e exemplar chefe de familia. Exerceu em Matto-Grosso o cargo de Inpector da Thesouraria Geral.

Foi Presidente da primeira Sociedade de S. Vicente de Paulo que se constituiu em S. Paulo em 1874, ou 75; e um dos proceres mais entusiastas do Partido Catholico em 1890.

Esteve 6 annos em Cuyabá, cidade a que teve grandes elogios, exaltando a sua hospitalidade e doçura de costumes. Quem ha, exclama, que, tendo ali residido, não ame aquella terra, não se alegre, não se reanime ao falar em cousas della!

Amaral, deixando entrever nos seus *Crystaes* a estrella luminosa da poesia, a alindar a redolente folhagem da sua coroa de *Trevo*.

Se, pela natureza essencialmente sensualista e romanesca do poeta, houvessemos de traçar os rasgos principaes do seu esboço psychologico, dir-se-ia podermos assentar como plausivel que logo nos primeiros verdores da juventude o amor lhe foi o paraíso e o inferno ao mesmo tempo.

O torpor dos membros locomotores foi talvez o acerbo e durissimo castigo ás venialidades amorosas do canoro barão.

Vasam-se os olhos aos rouxinões, para que doidamente cantem: assim tambem fere o destino de settas herdadas o coração do poeta, para que melhor e mais sentido deslira a sua lyra.

O soffrimento constituiu sempre a suprema inspiração.

Os philtros deleterios desse amor que lhe amolltara os membros não lograram arrefecer a sua fogosa imaginativa: todos os seus versos palpitam de amor, sensualismo e voluptuosidades carnaes, a que tantas vezes o convida o que hoje chamariamos *realismo* erotico da sua penna. Por ella todo se abraza e se consome no seu fogo e se repasta de si mesmo, na ausencia e na saudade dos seus livres movimentos.

A sua paixão amativa degenerou para logo numa nevrose, que comprometteu profundamente a equilibrio do cerebro numa exaltação escaldante, produzindo um desses effeitos pathologicos: o extase da contemplação ou da posse, a furia sensual ou a melancolia erotica.

Apaixonado cultor da formosura, essa havia de seduzil-o pelo que possui de mais poderoso e empolgante em suggestões e mysterios.

Não canta uma mulher; canta a mulher com todos os seus encantos, desde a grega desnuda e lasciva, de fórmias eternisadas no marmore de Paros, até a *Camponeza* e a *Castellã* simples e honesta.

Que o céu nos dê mais gentil creança
Que o céu nos dê mais linda e sol na laira
[frança.]

A sua indole morbidamente amorosa manifestava-se em muitos lances.

Disto temos um especimen frisante no soneto *Corpo*, no qual o nosso vate, nos seus surtos imaginosos, não dedilha no psalterio os louvores ao Senhor, mas os da mulher que o apaixonou; não é David a psalmodiar os hymnos do seu arrependimento, mas o que devêra ser o amante de Bethsábé a desprender o seu canto de amor.

Como as aguas tomam a coloração do terreno por onde correm, assim os seus productos revestem as côres do ambiente espirital em que se formaram.

Sua poesia é a flor d'alma, como as flores são a poesia da terra; prende, encanta, captiva, arrebatada, ao som de uma melodia vibrante como *Crystaes*...

Tudo no seu certamen conduz ao fim: metro rico e variado, rima hilariante e rubra, lingua plastica emblecada por uma imagem de cinzelura vaporosa.

Como Banville, tem o poeta « o sentimento das palavras. » E' por essa idolatria á plastica do verso, por esse rythmo accentuadamente parnasiano, que o considero um dos epigonos do festejado auctor das *Panoplias* e da *Via Lactea*.

No seu livro nota-se a preocupação infatigavel, o esforço constante desta tendencia imitativa, frequentemente victoriosa, afirmando-se em fragmentos de requintada perfeição.

Este soneto inicial constitue affirmação categorica do nosso sentir:

XENOKRATES

Xenokrates medita. Impura e semmã,
Para o sabio tentar, Laís á porta assoma;
Acesso em fogo, o olhar voluptuoso está,
E o ilanco eburneo, e rijo, e o seio e a
[negra coma.]

O philosopho scisma; o pensamento doma
Todo o carnal desejo. A cortezan ruela;
E avança e a fronte nobre e gelida lhe toma
Nas mãos e a beija e diz: — Portenço-te,
[sou tua!]

Porém do sabio a carne ao marmore pa-
[rece.]
— Homem não és, oh! não que o sangue
[não aquece]
Teu corpo junto ao meu, num desejo
[ardente!]

E elle murmura então, em voz tremula e
[doce:]
— «Póde o espirito mais!» — E «em estado
[quedou-se.]
Em profundo scisma, tranquillo, indiffe-
[rente.]

A imaginação do poeta num cascatear de *vivos Crystaes*, desfero o vôo do enthusiasmo esthetico em muitos outros productos, para os quaes não haveria espaço nos moldes de uma simples noticia.

Convido o leitor a tomar do volume e repassar tão bellos versos.

Conhecedores, como os ha, da arte divina de Horacio, saberão na fonte deleitar-se com a pureza da lympha.

J. V.

POETAS PORTUGUEZES

Uma deliciosa traducção de José Ignacio de Araujo, de uma não menos deliciosa quadra, escripta em francez por Santos Valente:

Le cœur ne dort jamais, si parfois il som-
[m]e ille,
Ne vous y fiez pas, il va bondir plus fort;
Plus nous le croyons vieux, plus jeune il
[se reveille]
Et n'est que plus vivant quand nous le
[croyons mort.]
SANTOS VALENTE

Não dorme o coração, se por vezes dormita,
Nisso não confieis, que vai ganhar cou-
[rto];
Quando velho o julgaes, mais forte elle
[palpita],
Mais vida sente em si quando o julga-
[mos morto.]
J. I. DE ARAUJO

Visconde de Barbacena

No dia 28 do mez proximo findo, falleceu no Rio, na avançada idade de 104 annos, o illustre brasileiro dr. Felisberto Caldeira Brant, Visconde de Barbacena.

Não cabe nas ligeiras linhas de uma noticia a biographia de quem tanto viveu e de quem tanto trabalho em serviço da patria, e como pretendemos dedicar á memoria do Visconde de Barbacena paginas especiaes do *Album Imperial*, limitamo-nos, por hoje, a registrar a triste nova, lamentando o desaparecimento do eminente brasileiro, que era a encarnação mais viva do nosso glorioso passado.

ENFIN!

(Alberto de Oliveira)

Enfin... Gentils oiseaux, sur vos flexibles branches,
Oiseaux du ciel, chantez! E'panouissez-vous,
Violettes et lys, jasmins aux robes blanches,
Embeaumez les airs de vos parfums les plus doux!

Oiseaux, fleurs, écoutez! Fleurs, bosquets, aubépines,
Aubépines, ruisscaux, aube, étoiles du Ciel,
Esprits ailés soufflant aux heures matutines,
Nature éblouissante, amour universel,

Ecoutez... sachez-le... Que les cieux et la terre
L'entendent de ma bouche: Enfin, tout doucement
Sa main... O' papillons imprégnés de lumière,
Autour de moi pourquoi si fol empressement?

Souffles de l'air, silence! Enfin, hier, d'Hélène
La main, la blanche main, loin d'un oeil indiscret,
A pu, mais frémissante, a pu presser la mienne...
Volez, oiseaux du ciel! Emportez mon secret...

S. Paul 1906

HIPPOLYTE PUJOL

O PRIMEIRO BEIJO

(LUIZ R. VEGA)

Atraz de um beija-flôr que fôge do horto,
Clara, que ora tem quinze primaveras,
Corre, e sómente encontra em meio ás heras
A quem de amor por ella estava morto.

Do sol que morre o resplendor incerto
Entre as ramagens cõa as derradeiras
Serpentinas de luz, e nas parvoiras
As aves fazem musical concerto.

— Elle lhe diz, vencido, palpitante,
Não sei que ardentes phrases sonorasas
E um beijo lhe supplica... e nesse instante,

Ao ajuntarem-se as boccas amorosas,
Da candida menina no semblante
O jardim derramou todas as rosas!

S. Paulo — 1906.

FRANCISCO GASPAR

PLAGIOS

Já nos referimos, ligeiramente, a um plagio denunciado ha pouco tempo pela *Tribuna de Cajuru*.

Trata-se de um soneto — *Ao coração* — da lavra do sr. Arnaldo Velloso, que o publicou, pela primeira vez, em 1903, na *Cidade de Cajuru*. Um anno depois, o mesmo soneto, com pequenas modificações, appareceu na *Vida Paulista*, desta capital, com a assignatura de YOLANDA.

A' primeira vista, podia a gente suppôr que se tratava de um pseudonymo do proprio poeta, mas o sr. Arlindo Leal, nosso prezado collega, director daquelle antigo semanario, declarou ha pouco tempo que YOLANDA não era pseudonymo do sr. Arnaldo Velloso, mas sim da distincta poetisa exma. sra. D. Zizinha Borja de Almeida Gomes.

Damos abaixo os dous sonetos, para que os leitores comparem um com outro:

AO CORAÇÃO

Penetra nas veredas silenciosas
Em busca desse affecto fementido,
Campos e serras, serras nemorosas
Sentirão, viajor, o teu gemido...

Vae, coração: as illusões ditosas
Desse amor que na vida tens nutrido,
Suspira, geme em notas melodiosas
E claras, de soffrer entristecido.

Ao despontar da noite constellada,
Surgirá o logar que tu procuras...
Quantas lagrimas tu terás chorado?!

Vae, coração, procura a bem amada;
Basta afinal de tantas amarguras,
E' cruel um soffrer tão prolongado!

ARNALDO VELLOSO

AO CORAÇÃO

Vae, Parte, coração, mas de mansinho,
Em busca desse affecto fementido:
Campos, serras, emfim todo o caminho,
Sentirão, viajor, o teu gemido...

Parte, Penetra as illusões ditosas,
Suspira, geme e chora entristecido...
Vem segredar-me as queixas amorosas
Desse amor que na vida tens nutrido...

Ao despontar do céu todo estrellado,
Surgirá o logar que tu procuras...
Mas, que lagrimas, tu, terás chorado?!

Vae, coração, procura o bem amado!
Basta, afinal, de tantas amarguras...
E' cruel um soffrer tão prolongado!

YOLANDA

CRITIQUE LITTÉRAIRE

AS CREAÇÕES.—*Conferencia literaria realizada em Tremembe, (S. Paulo), por Arthur Goulart, em janeiro de 1906.*

Tel est le titre d'une jolie petite brochure dont l'auteur vient de nous offrir un exemplaire.

Mr. A. Goulart, de réputation bien acquise comme publiciste consciencieux, directeur du « 3º Grupo Escolar do Braz », est un piocheur, un infatigable; auteur de diverses revues, de contes, de romans, de livres pour l'enfance, et qui dirige actuellement, de collaboration avec son vaillant confrère, Mr. Francisco Gaspar, une revue littéraire — A Nova Cruz — qui va chaque jour s'imposant à l'attention et à la sympathie des amis de bonne littérature.

La conférence « Les enfants » a été publiée sous la forme d'une brochure élégante, qui pourrait fournir matière à un livre, telle est l'étendue du thème, dont les éléments superabondent; c'est un petit écrit qui suggère de tendres sentiments remuant l'âme, sentiments qui sont la poésie des mères...

Tous ceux qui éprouvent de la sympathie pour l'enfance (et qui n'est point dans ce cas ?) trouveront, à lire ces 35 pages, le même plaisir que nous avons senti. Ce thème est vraiment matière à succès, devant un public sentimental.

Le travail de Mr. Goulart comprend les diverses périodes de la vie des enfants: la naissance, les maladies, la mort prématurée, la période scolaire, l'éducation religieuse par la mère, les vocations, l'humorisme enfantin, les jardins de l'enfance; tout cela imprimé d'une confiance toute intime et présentée sous une synthèse substantielle; tableau réel de la vie enfantine, auquel toutefois il manque un seul aspect: Les enfants terribles, dont « L'âge est sans pitié! »

Les enfants constituent un petit poème mêlé de rires et de larmes, où l'auteur parvient à réveiller les cordes sonores de la lyre du cœur maternel, et le tout est écrit dans un style clair, correct, sans prétention, comme il doit être, du reste, une conférence de ce genre. Là, point d'imagination avec ses heurieux mensonges. Tout y est cœur... Or, on n'est grand que par le cœur.

L'illustre conférencier se montre dans ces quelques pages si délicieuses et si sincères, peu soucieux du scintillement d'esprit...

A l'article « Génies Précoces », Mr. Goulart, nous semble-t-il, a trop de foi dans ces petits génies, quoiqu'il cite avec raison quelques exemples de merveilleuse précocité: Victor Hugo, João Caetano, Pascal, etc... Ceux-là, il est vrai, n'ont point démenti leurs promesses. Il nous semble pourtant que tous les enfants ont, en quelque sorte, du génie quand ils sont petits; mais la société le leur gâte ou annihile.

Les enfants-génies, nous dit quelque part Ruy Barbosa, sont des météores rares, et rarement ce sont des fruits spontanés de la nature: le plus souvent c'est la patience, c'est la persévérance des parents qui les prépare. Bien, bien d'enfants d'une étonnante précocité disent des choses qui dépassent leur âge, et sont présentés comme de petits phénomènes; et cependant dans leur maturité ils ne sont que des gens fort ordinaires, des intelligences banales vite usées par leur précocité même.

Pour terminer: à tant de belles choses que, dans un langage si plein d'âme, nous dit l'illustre conférencier, qu'il nous soit permis d'ajouter les paroles d'Anatole France:

« Lorsque l'enfant rit, tout rit, tout est sérénité, joie. Lorsque je porte mon enfant, c'est lui qui me porte: je lui donnai la naissance: il me la rend... »

HIPPOLYTE PUJOL



Escolas christãs

Nunca será demasiado insistir na necessidade das escolas christãs.

Não são muitos os que têm uma exacta e completa compreensão do que ellas sejam; não são muitos os que se convencem da grandeza e alcance de semelhantes instituições.

Trata-se de uma obra de salvação social, obra que se impõe, mais do que qualquer outra, à preocupação dos catholicos.

O homem é o fructo da escola. Esta lhe deprava ou corrige a natureza; eleva ou deprime o seu caracter; fecunda ou esteriliza o coração; illumina ou obscurece a intelligencia; decide emfim do destino inteiro, destino puramente humano, destino sobrenatural.

A escola é, pois, uma continuação da familia; como o mestre é o prolongamento do pae.

Serão baldados os cuidados, em que toda a familia se empenha e cança, para encaminhar e desenvolver no sentido do bem e da virtude o coração e a intelligencia dos filhos, se, uma vez transposto o limiar da escola, essas crianças forem deparar com uma atmosphera moral e intellectual, diferente, senão contraria e hostil daquelle em que principiaram a sentir os primeiros assomos dos sentimentos bons e os primeiros raios da verdadeira instrucção.

A natureza humana, propensa ao mal, irrequieta dentro do circulo em que os deveres a subjugam, necessita de uma pressão que a contenha e reprima as revoltas das paixões.

O ambiente puro da familia christã como que impede a germinação do mal; mas se dessa esphera se transporta a criança para envolver-a em outra, a da escola, ha perigo de que se estiole e definhie a educação recebida.

Quantas vezes o mestre, longe de corresponder à confiança da familia, longe de continuar a acção benéfica da familia, intenta, profanando o santuario do coração infantil, arrancar a semente dos bons sentimentos alli implantados, para ir espalhando a má semente de um ensino que, dispensando a moral divina, por isso mesmo planta a herva daninha que viceja no campo das escolas leigas!

De que serve defender a pureza do rio em sua fonte, se logo adeante a agua, levada pelo declive, atravessa os charcos que a enlodam, ou encontra animaes impuros que a conspurcam?

De que vale regar a sementeira, se, ao crescer a planta, não se arrancam os espinhos que a abafam, ou os vermes que a praguemam?

BRASILIO MACHADO



O prestigio das notas

Quando Gastão aportou ao Rio, possuia ao todo duzentos mil réis.

Não encontrando logo emprego que lhe quadrasse, resolveu abraçar uma carreira elegante e difficil, que requer muito engenho e outros dotes naturaes: a ociosidade.

Comprou uma fatiota de viajante, uma bonita mala onde pregou diversas etiquetas dizendo: Petropolis, Theresopolis, Nova-Friburgo, Caxambú e outros pontos de veranistas mais ou menos elegantes.

Depois tomou um tilbury e fez-se conduzir a um hotel de primo cartello. Alugou um luxuoso aposento da frente e no dia da chegada distribuiu, em gorgetas aos criados, vinte mil réis.

Estes deduziram logo ser elle o filho unico de um riquissimo fazendeiro paulista. A noticia espalhou-se, e o dono do hotel o scudava quebrando o corpo em dous pedaços, nos lábios o seu melhor sorriso aculatrio.

De fronte havia um alfaiate *fashionable*. Gastão mandou-o chamar, e commendeu-lhe quatro vestuarios diferentes, smoking, casaca para baile.

Dous dias depois, na ausencia do Gastão, o corcior entregou no hotel um cartão postal, com as seguintes palavras: « O barão fica com a sua fazenda pelos 240 contos. Apareça hoje no meu escriptorio.

A. MIRANDA. »

Mais tarde chegou outro cartão, com letra diversa:

GASTÃO

O banco desconta a tua letra de 20 contos, sem exigir endossante.

Do teu O. P.

O hoteleiro conciuu que essas iniciaes significavam Otto P-tersen, o actual rei das nossas finanças.

Quando Gastão regressou, á tarde, elle lhe entregou os bilhetes, tratando-o por v. exc. e tendo impetos de se lhe rojar aos pés como tapete.

* * *

Firmados os creditos, Gastão entrou em casa do alfaiate.

— Emprésteme um conto de réis. Restituir-lhe-ei ás 5 horas. Poupare-me-á o trabalho de ir ao banco.

O industrial não poudo dissimular uma ligeira pallidez. Mas reflectiu rapidamente que a recusa equivaleria a pôr em duvida a quitzação da encommenda. Abriu o cofre e entregou duas notas de quinhentos.

Gastão passou pelo hotel e pediu ao proprietario para lhe trocar o conto de réis em cedulas menores.

Meia hora depois, entrou, como por acaso, na loja do seu fornecedor de calçado. Após pequena palestra:

— E' verdade, veja se me arranja duas de quinhentos em troca dessa miuçalha que me atravanca os bolsos.

O negociante, sorrindo baixamente, o satisfez.

Passados alguns momentos, dá um pulo ao estabelecimento do seu fornecedor de roupas brancas. Conversou um pouco sobre politica, e, machinalmente, abrindo a carteira:

— Podia dar-me cinco de duzentos por estas duas de quinhentos?

— Pois não!

A's cinco menos um quarto restituiu o conto de réis ao alfaiate, o qual, palpitando de alegria, resmungava com voz desfallecida:

— Não havia tanta pressa...

Com essa manobra o credito do Gastão se consolidou por tal fórma, que até hoje, já lá vão dous mezes, ninguem lhe falou em dinheiro nem teve coragem de lhe apresentar conta alguma.

URRANO DUARTE



Banalidades e paradoxos

Na mulher admitto todas as vaidades, assim como todas as superstições religiosas.

No homem, não.

Devemos preoccupar-nos sempre com o juizo e as opiniões da sociedade em que vivemos.

Mas não liguemos maior importancia ás opiniões isoladas de Manuel, Antonio ou Joaquim. Estes pensam e sentem através das suas paixões individuais, dos seus interesses e conveniencias, ao passo que a communição social, no conjuncto, é sempre imparcial, justa e soberana em seus julgamentos.

O todo não se parece com as partes, do mesmo modo que na chimica, onde o composto adquire propriedades inteiramente diversas das dos corpos componentes. A agua, *verbi-gratia*, não apresenta analogia alguma com o hydrogenio nem com o oxigenio, isoladamente considerados. Foram necessarios seculos para se descobrir que esses dous gazes entravam na sua composição.

Da mesma fórma, uma assembléa deliberante é muito diferente de cada unidade humana que della faz parte.

Qualquer grande acontecimento da Historia robra a verdade supra.

A Revolução Franceza de 1789, por exemplo.

Quem considerar á parte os odiosos factores que se chamam Marat, Couthon, Carrier, Fouquier-Tinville, Robespierre, Saint-Just, será levado a pensar que uma revolução feita por taes sujeitos deverá ser: uma cousa ruim, injusta, absurda.

Entretanto, a Revolução produziu os resultados mais justos, sensatos, salutaes e bons, constituindo o marco milliar de onde partiram a liberdade e o progresso, apanagió dos povos modernos.

A razão é que os Marat, os Carrier, os Robespierre não passaram de factores incidentes de meros episodios do grande drama social, cujo auctor foi, realmente, o Povo Francez, ou, antes, a Humanidade.

J. GUERRA



VIDA SOCIAL

Anniversarios

Fez annos no dia 23 do mez proximo findo o galante Alfredo, filho do illustrado professor sr. Alfredo Ferreira Paulino.

No dia 2, o dr. Lamartine Delamare, proecto educador que actualmentemente dirige em Jacarehy o Gymnasio Nogueira da Gama.

Faz annos no dia 11 o dr. João Augusto de Souza Fleury, antigo magistrado e illustre advogado deste fóro.

Contracto de casamento

O sr. Carlos Alves da Costa, distincto graduando de odontologia, contractou casamento com a gentil senhora Maria Sampaio Mallet, filha do habil cirurgião-dentista sr. Emilio Mallet.

Que os noivos desfructem largos annos de ventura, são os nossos sinceros votos.

CURIOSIDADES

PESSOAS DA FAMILIA DE BRAGAÇA FALLECIDAS NO RIO DE JANEIRO

Pereceu em 26 de maio de 1812, contando 25 annos de idade, o infante de Hespanha D. Pedro Carlos, almirante-general das forças navaes dos reinos de Portugal, Brasil e Algarves, casado com a princeza da Beira D. Maria Thereza.

Acham-se encerrados seus ossos em um tumulo de mármore collocado na capella de Nossa Senhora da Conceição, no convento dos Franciscanos, do Rio.

Falleceu em 16 de maio de 1813, na idade de pouco mais de 76 annos, a infanta D. Marianna, tia do rei D. João VI, e foi depositado o cadaver no côro inferior da igreja das religiosas de Nossa Senhora da Ajuda.

Falleceu a rainha D. Maria I em 19 de março de 1816, com 81 annos de idade, e depositou-se o cadaver no mesmo lugar em que jazia o de sua irmã a infanta D. Marianna.

Em 25 de abril de 1821, foram os despojos mortaes da rainha e da infanta remetidos para bordo, por ordem do rei D. João VI, que os conduziu para Portugal.

Morreu em 4 de fevereiro de 1822, na idade de onze mezes, o principe da Beira D. João Carlos, filho primogenito de D. Pedro I, e está depositado o cadaver na capella do *Ecce Homo*, no claustro do convento dos Franciscanos, do Rio.

A imperatriz D. Maria Leopoldina Josepha Carolina, archiduquesa d'Austria, mãe do Imperador D. Pedro II, morreu em 11 de dezembro de 1826, com 29 annos de idade, e teve jazigo no côro inferior da igreja das religiosas da Senhora da Ajuda.

Falleceu em 16 de janeiro de 1833, tendo vivido nove annos e onze mezes, a princeza D. Paula Marianna, filha de D. Pedro I, e foi sepultada no mesmo lugar em que teve jazigo a sua mãe.

Expirou em 11 de julho de 1847 o principe imperial D. Afonso, filho pri-

mogenito do Imperador D. Pedro II, o qual nascera em 23 de fevereiro de 1845.

Expirou em 10 de janeiro de 1850 o principe imperial D. Pedro Afonso, filho do mesmo monarcha, nascido em 19 de julho de 1848.

Estão os tumulos destes dous principes na capella do *Ecce Homo*, no claustro do convento de Santo Antonio, do Rio.

DR. MOREIRA DE AZEVEDO

Manual do monarchista

A constituição monarchica

XIII

À REPUBLICA TEM INTERESSE EM NÃO ORGANISAR

A Republica é cosmopolita em seu principio, em seu pessoal e até mesmo nas formas economicas que lhe dão alento.

HENRIQUE VAZQUEZ

Porque a Republica tem interesse em destruir as liberdades publicas?

Porque, sendo o governo de um partido, isto é, de uma só fracção do povo, deve, para se manter, destruir todos os agrupamentos e associações que possam disputar o poder ao partido dominante. Ella impede, dessa forma, a organização dos cidadãos, bem como a associação destes, sob o pretexto de que não ha interesses communs fóra dos interesses mais geraes submettidos aos regulamentos mais uniformes.

Se, por acaso, se vota alguma lei em favor das associações, lá vêm os regulamentos interpretativos, que tudo annullam. Bem disse Saint Just, quando, definindo a Republica, exclamou: — « O que constitue a Republica é a destruição completa de tudo quanto lhe é contrario. »

Porque se diz então que a Republica é a cousa publica?

Se cousa publica significa a pilhagem dos interesses publicos em proveito das facções e das olygarchias, nada ha mais verdadeiro.

Os republicanos trabalham, não para o povo todo, mas para seu partido, para si mesmos, isto é, em ultima analyse, para a anarchia cosmopolita, para o Extranjeiro.

A Monarchia, ao contrario, serve os interesses populares, por ser de seu interesse fazel-o.

As olygarchias republicanas exploram, á custa dos interesses do povo, suas paixões e seus caprichos, por terem interesses em exploral-os em seu proveito particular: só nessa condição é que podem conservar-se no poder.

(Continúa)

NO PROXIMO NUMERO

MONTE ALVERNE

Mons. Manoel Vicente

No Rio de Janeiro
O « Album Imperial », é encontrado á venda na LIVRARIA BITTENCOURT, á avenida Passos, n. 11, onde tambem se recebem annuncios e assignaturas.

FALLECIMENTOS

Na madrugada de 23 do mez proximo findo, deu-se nesta capital o passamento da exma. sra. d. Elisa A. M. do Nascimento Aranha, veneranda mãe do dr. José Aranha, illustre cathedatico da Academia de Direito e nosso dedicado correligionario.

Apresentamos á exma. familia enlutada as expressões do nosso pesar.

— Falleceu no dia 21 do mez ultimo o sr. João José de Araujo Faria, sogro do dr. João Dente, distincto advogado do nosso fóro.

Pezaines.

COLLECTANEAS

IN VINO VERITAS

Diz Platão, philosopho e legislador grego, que no seu tempo se não bebia vinho antes dos 18 annos; que dali até aos 40 se bebia com agua; e que só depois dos 40 o bebiam puro e mais largamente.

Conhecia o philosopho que o uso moderado desta bebida não era prejudicial, nem á saúde, nem aos costumes, e por isso o permitiu nas suas leis. Fez mais: sabendo que os homens, no estado de embriaguez, se mostram taes quaes são e mal podem dissimular, ordenou que em certas occasiões se lhes desse vinho além do que razoavelmente deviam beber, a fim de que a justiça se esclarecesse, entrando no conhecimento das suas intenções.

O meio nem é aconselhado pela moral, nem e dos de que a justiça deva lançar mão para derramar a luz nos seus processos investigatorios; entretanto, é preferivel ás turturas e que os juizes da Edade Média, e ainda depois, se serviam para descobrir a verdade.

Annibal, entrelando-se um dia com Scipião acerca dos maiores cabos de guerra até ahi conhecidos, nomeou Alexandre, depois Pyrrho e collocou-se a si em terceiro lugar.

— Onde vos collocaricis se me houvesseis vencido? perguntou-lhe Scipião, rindo.

— Seria então o primeiro de todos, respondeu-lhe Annibal.

RAPIDEZ COMPARADA

O homem, caminhando a passo ordinario, percorre um metro e 33 centimetros por segundo. O som no mesmo tempo percorre 350 metros.

O vento percorre oito kilometros por hora. O som, no ar, na temperatura de 16 graus, — 12,24 kilometros por hora. A luz percorre 70. mil leguas por segundo, ou mais de 4 milhões de leguas por minuto. A luz do sol em: menos de oito minutos chega até nós, percorrendo 35 milhões de leguas.

OS GENROS

Quem encontra um bom genro, ganha um filho; quem encontra um mau, perde uma filha.

Piron fez uso deste proverbio de origem oriental nos versos seguintes da sua comedia *O amante mysterioso*:

Quand on choisit un genre, il faut lo
[choisir bien
E ce choix-lá n'est pas un affaire de rien:
S'il est bon, vous gagnez un fils à la
[famille,
Et quand il est mauvais vous perdez une
[fille.

EPIGRAMMA

Em 1836, o governo portuguez concedeu a commenda da Ordem de Christo a um sujeito de origem judaica, — factio que Antonio Feliciano de Castilho celebrou no seguinte epigramma:

Valla-me Jesus Christo,
Valla-me Christo Jesus!
Não vão pôr a Cruz de Christo
Em quem poz Christo na Cruz!

Para ser feliz, dizia Fontenelle, é preciso occupar um pequeno espaço e mudar pouco de lugar. Tanto Milton conhecia a primeira destas verdades, que collocou o *Inferno* num campo incommensuravel e o *Paraiso* numa planicie pouco extensa. E' que, com effeito, os grandes espaços começam por nos inspirar tedio e acabam por nos roubar o socego.

RASGOS CARACTERISTICOS DE CESAR

Vendo na sua primeira mocidade a estatua de Alexandre, exclamou:

— Na minha edade já Alexandre tinha conquistado o mundo, e eu nada fiz ainda de memoravel!

Quando soube que no senado se conspirava contra elle, poz a mão nos copos da espada, dizendo:

— Esta me concederá o que injustamente me negam.

Dirigindo-se a combater um exercito a cuja frente estava Pompeu, disse que «ia combater tropas sem general, para depois combater um general sem tropas».

Começou e terminou no mesmo dia a guerra do Egypto, o que deu origem áquelle famoso: — *Veni, vidi vici* (cheguei, vi, venci).

A ausencia diminue as medianas paixões e augmenta as grandes. E' como o vento, que apaga as velas e accende o fogo.

Uma triste verdade: — escrevem-se na areia os favores e gravam-se no metal as offensas.

Tres cousas perdem o homem: muito falar e pouco saber; muito gastar e pouco ter; muito presumir e pouco valer.

A zombaria e o gracejo dão muitas vezes armas para si-mesmos se ferirem. Gracejava um parvo, tomando para thema das suas chufas as orelhas um pouco grandes de certo individuo.

— E' verdade, respondeu-lhe este, tenho as orelhas um pouco grandes para homem; mas tambem haveis de convir que as vossas para asno são pequenas de mais.



ANNO I

S. PAULO, 20 de junho de 1906

NUM. 12

ALBUM IMPERIAL

QUINZENARIO POLITICO E LITERARIO

Director: Couto de Magalhães



Sr. Francisco do Monte e Alberniz.



Frei Francisco de Monte Alverne

L'éloquence c'est l'âme même; l'éloquence c'est l'âme rompant toutes les diques de la chair, quittant le sein qui la porte et se jetant à corps perdu dans l'âme d'autrui.

A eloquência é a própria alma; a eloquência é a alma rompendo todos os diques da carne, deixando o seio que a contém e lançando-se de corpo inteiro na alma de outrem.

LACORDAIRE

À por certo uma grande e bellissima instituição, escreve o cardeal Maury, ter reunido os homens em um templo para instruí-los a respeito de seus deveres; ter estabelecido cursos publicos de profundos entretenimentos entre a religião e a consciencia; ter contrabalanzado a impunidade do presente peia justiça do futuro; ter armado os oradores sagrados com todo o poder da palavra para combater os vicios, despertar a fé, mover o coração, abalar a imaginação, subjugar a vontade e agrilhoar todas as paixões sob o jugo da lei pelos laços mais intimos dos interesses eternos; ter chamado cada arauto do Evangelho a tão elevada missão, dizendo-lhe: Vem occupar no sanctuario o logar do proprio Deus; todas as verdades moraes te pertencem: todos os homens não são em tua presença mais do que peccadores e mortaes; e os depositarios do poder não se distinguem aos teus olhos senão por suas maiores obrigações, por seus mais tremendos perigos e pela perspectiva de um juizo mais severo. Descobre a teus ouvidos o tribunal supremo da justiça, os asylos da humanidade soffredora, as palhoças, os tumulos, os abysmos da eternidade; arranca dahi lições uteis á terra, forçando o homem a tornar-se accusador de si-mesmo e seu proprio juiz no segredo de seus pensamentos e na solidão de seus remorsos.

Tal é o quadro que apresenta o ministerio evangelico.

A eloquencia do pulpito tem-se evolido atravez das edades. Desde o começo do seculo passado, tem soffrido profunda modificação, que se vai cada vez mais accentuando.

A causa disto é o declinio da Fé. As populações catholicas não têm mais a firmeza simples e sincera das velhas crenças de out'ora. Os grandes do mundo já raramente offerecem exemplos edificantes na pratica dos preceitos religiosos. O espirito positivista, não a doutrina, invadiu todas as classes sociais. A medida que o povoamento do globo torna mais difficil a vida pelo augmento de consumidores, a preocupação de possuir muito, para garantir-se de futuras eventualidades e melhor gosar das commodidades, brilho e prazeres da existencia, vai crescendo em todos os animos, em todas as mentes. Quanto mais civilizada se torna a

sociedade, tanto mais impera o goso voluptuoso e menor influxo exerce a crença na vida sobrenatural.

Ha homens illustrados que defendem a religião, que sustentam, com argumentos de grande valor, a necessidade de um freio moral aos instinctos da plebe, que confessam mesmo o destino além-tumulo da alma humana, que se aterram com o progresso da incredulidade, e que, entretanto, mostram, pelos actos de sua vida, estarem emancipados de todo o liame de uma religião positiva. Mui raramente tomam parte em actos do culto publico, e, a não ser por sua palavra falada, ou escripta, ninguem pôde affirmar que elles sejam christãos.

A ignorancia religiosa é filha da falta de fé. Se os paes possuissem crença vivaz e intensa, dariam suprema importancia ás cousas religiosas, teriam o maximo empenho em instruir, ou fazer instruir, seus filhos, nas verdades do dogma e da moral christã; se os homens cressem sincera, profunda e convictamente, nada os avassalaria tanto como o pensamento religioso...

Conseguir a felicidade eterna é o mais grave, é o maximo negocio, é o supremo interesse — *unum est necessarium*, disse Jesus-Christo.

Reinam infelizmente a duvida nas melhores almas e a descrença na quasi totalidade dos intellectuaes. No seio mesmo do clero predomina a tendencia de trabalhar pouco e de ganhar muito. Apparentar zelo, lançar aos ventos da publicidade projectos grandiosos, programmas bellos e abundantes, avultar os labores do cargo, fazer valer toda a actividade, que o dever impõe — eis para muitos o segredo de sua elevação na hierarchia. Com raras excepções, não são o talento, a cultura e a virtude que sobem ás culminancias. A lisonja para com a vaidade dos grandes foi sempre o caminho para as alturas.

Tem-se procurado, além das causas apontadas, relegar para o dominio do sentimentalismo e da phantasia tudo quanto traz em si uma significação theologica.

O monscabo infligido á Igreja pelo Estado não concorre pouco para o enfraquecimento no respeito devido á divindade. A religião, dizem todos os estadistas republicanos, é uma questão da consciencia individual. O juiz das crenças é o proprio individuo. Ora, as paixões subornam esse juiz; e este, uma vez peitado, elimina as verdades da Fé, condemnando o que lhe não convém.

O constante vozear de alguns scientistas, que *a priori* negam o sobrenatural e que, peremptoriamente, o declaram destituído de provas historicas e contradictorio com os dados das sciencias humanas, não tem concorrido pouco para essa deserção do seio da Igreja. O protestantismo não se depauperou com esses ataques da pseudo-sciencia; porque o protestantismo abraça todas as descrenças parciais; sujeita á discussão todos os dogmas e repelle, sem sahir de sua natureza, nem contrarial-a, verdades fundamentaes da revelação christã: por exemplo — a divindade de Jesus-Christo, a auctoridade, a unidade e a infallibilidade da Igreja e

até o valor da Biblia, como repositório da verdade religiosa.

Na pregação, na oratoria catholica, o ponto doutrinal não muda; porém os meios oratorios não podem ser sempre os mesmos — *non nova, sed nove*.

Quem percorre os volumes de sermões de Frei Francisco de Monte Alverne, se persuade para logo de que elles não mais correspondem ás necessidades espirituas dos nossos tempos. Elle falava a um auditorio de crentes, que só desejavam ouvir os louvores da Religião, admirar as grandezas da Igreja e sentir as consolações da esperança na vida futura.

Para formar um conceito justo a respeito deste assombroso filho do humilde seraphim de Assis, é necessario ouvir a elle mesmo e a seus contemporaneos. E' o que vamos emprender. Ouçamos a Antonio Feliciano de Castilho, um dos seus mais intimos amigos e de seus mais competentes admiradores.

« Havia detractores e havia entusiastas de Monte Alverne; os entusiastas, numerosos e crescentes; mas os detractores, com serem poucos em numero e condemnados a decrescerem e a extinguirem-se, impotunos e acerrimos; é em toda parte a historia constante dos talentos que predominam, que *acabranham os menos bem dotados, a quem offuscam pelo seu fulgor; só depois de mortos merecem justiça* —

*Urit enim fulgore suo, qui prægravat artes
Infra se positus; extinctus amabitur idem.*

Bem pintou Voltaire a natureza humana, quando de si confessou: *os que me louvam parecem-me pigmeus, gigantes os que me invecivam.*

Aos encomios occorrem promptas as suspeições: tantas e tão diversas causas os podem originar! a corteza, a dependencia, a esperança da reciprocidade, o amor á paz, a generosidade, a caridade, e enfim a inhabilidade mesma para criticar. Mas o detractor, que nada lucra pessoalmente com a detracção, apresenta-se á phantasia como um juiz rigoroso, que emmudeceu o coração para deixar falar a justiça; que por isso mesmo que ousa desamar, devo ser o interprete da verdade, e cujas sentenças têm de ser confirmadas pelos vindóiros imparciaes.

Accresce, para mal, que as vozes que poderiam animar no trabalho do homem, muitas vezes duvidoso de suas forças, são pelo commum quasi tacitas; não acordam echos; ao mesmo passo que os pregões da deshonra se lhe multiplicam em roda; lhe enchem os ouvidos, para que nada mais perceba; abaia-lhe dentro, a uma e uma, todas as convicções animadoras, e momentos ha em que delirado o levam quasi a desprezar-se e a abhorrecer-se.

Era esta, se me não engano, a situação moral deste nosso Sansão religioso; religioso sem duvida, mas homem tambem; e por isso com as pequenezes juntas ás grandezas e as excellencias ás pusillanidades.

Quem tivesse animo para se imaginar, meia hora que fosse, no jogar e com todas as condições e circumstancias d'elle, bateria o peito com a pedra, que houvesse tomado para o apedrejar. Renunciou tudo pelos deleitos do espirito; envolheceu na penitencia, no estudo, na meditação, para honra da Ordem e gloria de Deus; lançou do alto do seu ermo para os quatro ventos, com as suas palavras de fogo, os seus pensamentos magníficos, os seus affectos generosos; cegou; emmudeceu; ficou pasmado no seu cubiculo, sobranceiro aos sussurros da cidade sem os entender, em face do Oceano e debaixo do céu, os dois grandes espelhos em que a sua alma ha pouco se mirava e se media,

sem que já o firmamento o console com sóes e estrelas, nem os mares lhe dêem a ler, na sua pagina esplendida de azul e oiro, a vastidão do globo, por onde o nome de um homem pôde ser diffundido pela fama. Por traz delle, a recuar e decrescer... um louro, ou o espectro de um louro; em derredor, zumbidos e ferroadas de insectos venenosos; para deante, a escuridão e nenhum caminho; debaixo dos pés, a sepultura sem epitaphio. E' dos lances em que, se não sobrevivesse a tudo accessa a fé santa e robusta, que lhe prendeu na cinta a mortalha com a corda, pouco admiraria que, indignado, a deslaçasse dalli, a cingisse ao collo, a suspendesse ao alto da grade negra e muda, e se precipitasse, tremendo, na eternidade, com a phrase de Job no estertor: *paululum melis gustavi et ecce morior* (saboreei um pouquinho de mel, e eis que morro).

Falando deste pesado e longo praso da sua existencia, diz um engenho seu conterraneo: « Quando o viam cego e curvado, caminhando pela mão de um conductor amigo, os velhos o mostravam com orgulho, ostentando os prodigios do seu tempo; o povo apontava para elle e dizia: — é o sabio! e a mocidade das Academias, a mocidade estudiosa, os professores que tinham sido seus discipulos, os homens de letras, enfim, descobriam-se instinctivamente deante d'elle e diziam: — é o mestre! »

E' verdade, mas elle não o sabia. Menos ditoso que os phantasmas do Elyseu virgiliano, nem essas vanglorias, essas vãs sombras de glorias (para lhe acertarmos o nome) lhe era dado presenciar. Eram para elle como se não foram; eram como pôde ser a ardencia, que a náu deixa por minutos no esteiro, para o piloto que adormeceu com a cabeça cançada sobre a canna do leme, e vai talvez sonhando que o engole o mar. »

Nos primeiros annos de meu sacerdocio, travei relações de amizade com um dos meus comprovincianos, que gosou da invejavel ventura de ouvir a Monte Alverne no celebre sermão de S. Pedro de Alcantara. Contendo-me as impressões, que sua memoria guardava, a voz de Joaquim Candido Correia, administrador da Mesa de Rendas de Antonina, se tornava tremula e seus olhos se marejavam de lagrimas.

Ningum melhor pôde fazer a descripção daquelle acontecimento do que outra testemunha presencial, que foi o eminente pintor e escriptor brasileiro Araújo Porto-Alegre, citado por Feliciano de Castilho.

« Um numeroso e intelligente auditorio se premava em todo o ambito da Capella Imperial; uma corte luzida pautava as alas do templo; os corredores, as escadas e todo o acro externo se povoavam de espectadores desinsoltridos, de homens, de mulheres, que vinham assistir a essa resurreição, a essa nova vida da palavra sagrada! Os velhos choravam o como que remoçavam aos assaltos de suas reminiscencias, e os moços tambem choravam á vista daquelle sublime representante de tantas glorias, daquelle antigo proprietario de tantas ovações, e do apparecimento de um homem, cujo nome vogava entre nós como a sombra de um gigante.

Parecia que tantos annos de soffrimento, de morte social e de... perseguições atrozés por aquelles mesmos que o deviam sagrar como o laurel prestigioso da sua Ordem, como o representante de tantas glorias e de um passado edificante, o deveriam vergar e fraquear atravez dessa vida cahotica e silenciosa, dessa ausencia dos livros e sobretudo do laboratorio das idéas; porém a sua natureza privilegiada, a sua grande individualidade, rutilaram atravez da noite em que vivia; e o homem do passado, conculcando a concha da balança do tempo, venceu os annos, as molestias e as

dôres, e rehouve, em uma hora, dezoito annos de silencio e de retiro.

Pulpito, templo e elle formavam uma só massa, uma só figura, um gigante, que, elevado a uma esphera superior, dominando todas as intelligencias, que o escutavam, parecia desprender dos seus labios uma aurora de harmonias, um lume ainda não admirado. A geração que o escutava, na immobilidade de sua admiração, como que se achava aniquilada deante daquellas procepções gigantescas, daquella voz radiante, exhumada da obscuridade do claustro e offerecida ao sol da intelligencia como um primor de Phidias recuperado, como outr'ora Laocoon, deante do qual a multidão de artistas do seculo de Leão X parecia desanimada!

Donde veio, pois, este homem que, com sua palavra somente, nos amesquinha, nos atrophia e nos faz ser uma familia de pygmus? Onde foi elle buscar o segredo de tantos prodigios? Em si mesmo, na fonte inexgotavel da inspiração, na força da sua fé, na pratica de suas virtudes!

O seu gesto era a estatua do pensamento, que o animava, as suas mãos falavam e escreviam, a sua voz concutia em todos os corações!

E porque este homem extraordinario, esta força civilisadora, esta palavra viva, este cego, acenava com tanto acerto, com tanta propriedade, com tanta graça, com tanta firmeza, como se a luz lhe abrisse o grande scenario que o rodeava, e o fizesse saborear os louros dessa nova conquista?

Porque nas alturas a que se elevára ninguém o viu vacillar, titubear e antes conculcar o chão do pulpito com aquella firmeza do sagittario, com a dextreza do gladiador e com o denodo do athleta?

«Porque elle via com os olhos de Homero».

Vibrante como a da araponga era a voz de Monte Alverne, diz o conego Fernandes Pinheiro, natural e gracioso seu accionado; communicando ainda alguma cousa de solemne ao seu magestoso porte o burcl de S. Francisco. Era de estatura alta, fronte espaçosa, olhos grandes, magro e de movimentos rápidos. Seu aspecto venerando, seu ar inspirado, assemelhava-se ao do infeliz Savanarola, em quem, diz Michelct, residia o espirito dos prophetas. Affavel e cortez em seu trato familiar, discutia, raras vezes, com calma e frequentemente com paixão.

Quando falava, nunca precisou pedir attenção: impunha-a.

João Antonio da Silveira, natural da ilha do Pico, era seu pae e sua mãe d. Anna Francisca da Conceição, natural do Rio de Janeiro. Nasceu Frei Francisco de Monte Alverne, que no seculo se chamava Francisco José de Carvalho, nessa mesma cidade, a 9 de agosto de 1784. Recebeu o habito da Ordem Franciscana a 28 de junho de 1801. Falleceu a 3 de dezembro de 1858.

Dos setenta e quatro annos de sua vida consagrou cincoenta e sete ao recolhimento do claustro, onde o collocou *vocação ardente e sincera*, na phrase de Fernandes Pinheiro.

Nenhum centro é mais propicio para o desenvolvimento das nobres faculdades do espirito humano do que esses conventos, olhados, com terror e odio, pelos mundanos carnaes e descrentes. Ali a pobreza voluntaria desembaraça a imaginação dos cuidados do futuro e a riqueza ou os recursos da Ordem garantem a subsistencia do presente. A existencia do Religioso distribue-se entre o estudo que illustra, a oração que eleva e o trabalho do zelo que santifica. São o falquejar e o polir constantes das faces elevadas da alma humana. O religioso não cogita do pão quotidiano, nem dos

interesses dos parentes: vive para sua Ordem, que vive para a Igreja, que vive para Deus.

Desses conventos, escreve o dr. Joaquim Manuel de Macedo, desses conventos, que se destacavam, no meio de vastos desertos, como oasis de paz e de piedade, ou no centro de cidades ruidosas, como asylos de sabedoria e retiros de contemplação religiosa, desses conventos e mosteiros começaram a sahir, quaes flammæ celestes, oradores aiadados, que honrariam o pulpito dos paizes cultos da velha Europa.

Já no seculo XVII, os Bezerra, Antonio de Sá, Eusebio de Mattos, Botelho do Rosario, Frei Antonio da Piedade, Frei Manuel do Desterro e tantos outros haviam desprendido sua voz eloquente nos templos do Novo Mundo.

Já no seculo XVIII, os Frei Antonio de Santa Maria, Caetano Villas-Bôas, Correia de Lacerda, João Alvares de Santa Maria e ainda outros tinham protestado com a sua palavra arrojada e potente contra a decadencia da tribuna sagrada na Europa, que ainda não tinha os Lacordaire, Ventura e outros para encher o vacuo deixado pelos Bossuet e Massillon.

Mas foi precisamente no fim desse seculo, e precisamente no Rio de Janeiro, que nasceram os grandes homens, que formaram essa pleiade immortal de ministros e dispensadores da palavra de Deus, de embaixadores que o soberano Senhor envia á terra para manifestar sua vontade e guiar a humanidade ao fim para que a creou.

Foi então que nasceram Antonio Pereira de Souza Caldas, em 1762; Frei Francisco de S. Carlos, em 1763; Frei Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio, em 1778; Januario da Cunha Barbosa, em 1785; e um anno antes, em 1784, Frei Francisco de Monte Alverne.

O seculo XVIII levava ao seu successor essas intelligencias robustas e admiraveis, esses oradores de verdadeira inspiração, que começaram com o grande Caldas e vieram acabar no não menos grande Frei Francisco de Monte Alverne.

No principio do seculo XIX, o principe, depois rei D. João VI, chega ao Rio de Janeiro, e elle proprio e a corte que o seguira se surprehendem encontrando em tão elevada altura a tribuna sagrada no Brasil.

Fale aqui o proprio e illustre Monte Alverne.

«No Brasil, diz elle, tudo é prodigio, tudo é maravilha. Este sol, que fecunda nossos campos e perpetua nossa primavera, esculda a imaginação de seus filhos e realisa estes portentos de intelligencia, que fazem dos brasileiros um objecto de admiração e espanto. Os portuquezes, descendo, em 1808, a margem austral da bahia de Nictheroy, foram tomados de pasmo, encontrando no Rio de Janeiro uma mocidade brilhante e ávida de saber, que só aguardava os meios de elevar-se á altura que lhe promettiam seus talentos.

A corte viu com assombro homens eminentes nas sciencias ecclesiasticas que, sem ter sahido do seu paiz, sem os recursos das universidades e as vantagens que offerecem os lyceus e as escolas bem organisadas, não receavam mostrar-se e falar com distincção, e mesmo com superioridade, deante dos doutores e dos homens que tinham obtido pergaminhos, com que testificavam sua alta illustração. Nós estamos ainda muito perto dos acontecimentos; nós possuímos ainda um grande numero de pessoas, que viram esses dias tão memoraveis e tão ricos de esperanças. Elles testemunharam o fulgor que envolvia estes conventos tão fer-teis de illustrações scientificas. Elles se lembrarão com orgulho deste clero secular tão distincto por suas luzes e tão fecundo em virtudes: era o clero instruido

e educado pelo sr. D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco, que sem duvida seria digno de ser comparado com os bispos dos primeiros seculos da Igreja, se elle não fosse bispo na sua patria.

Um dos primeiros cuidados do principe regente, chegando ao Rio de Janeiro, foi realçar o esplendor e a magestade do culto. Habil politico, o principe sabia que só a religião é dado sustentar os imperios e fortificar as instituições. A fundação da Capella Real do Rio de Janeiro, monumento immortal da piedade do Senhor D. João VI, foi a arena onde se mostrou em toda sua pompa o genio brasileiro. Oradores acostumados aos triumphos do pulpito eram rivalizados por jovens prégadores, que animados com as suas primeiras victorias ardião por ganhar novas corôas. Era então a epocha dos grandes acontecimentos, e os successos, que se reproduziam dentro e fóra do paiz, offerciam amplos materiaes á eloquencia do pulpito. »

Póde-se affirmar, continúa o dr. Macedo, com todo o orgulho da verdade, que nenhum prégador transatlantico excedeu os oradores brasileiros. A riqueza da dicção reunia-se á pureza do estylo e á força da argumentação: e para que não faltasse uma só belleza, a doçura e amenidade da expressão augmentavam os encantos e a magia da acção. Assim verificou-se este pensamento de um escriptor francez: que a lingua de Camões pronunciada por um brasileiro devia realisar todos os prodigios e todas as seducções da harmonia.

D. João VI costumava dizer que elle possuia no Rio de Janeiro uma selecção de prégadores, que não lhe permittia lembrar os que deixara em Portugal. Quando algum escriptor quizer um dia descrever os factos mais notaveis, que assignalaram aquella epocha, poderá dizer, parediendo o velho Chactas, no sublime episodio de Atalá, ao falar de sua viagem á França no reinado de Luiz XIV, que elle assistiu ás festas da corte do Rio de Janeiro e ás orações funebres de Frei Francisco de Sampaio.

E' tambem nesta epocha, tão elegantemente descripta por Monte Alverne, que se deve ir enconral-o, colhendo palmas e triumphos e voando, em arroubos de inspiração, á immortalidade, que dá a verdadeira gloria.

Aos 32 annos de idade, sua reputação de orador sagrado já estava de tal modo firmada, que foi nomeado *prégador regio* a 17 de outubro de 1816. Por mais de vinte annos ininterruptamente, perlustrou todas as fórmulas do discurso. « A litteratura sagrada lhe era tão familiar como a profana; da natureza recebêra a eloquencia que a arte apenas aperfeiçoara; na philosophia mostrou-se sempre tão profundo como o póde ser um grande mestre. » Deixemol-o falar a seu proprio respeito. Varões sisudos e graves reprehendem ao frade, diz Castilho, soberbias de todo o ponto alheias do burel, da corda e das sandalias, uma jactancia pueril, uma idolatria de si mesmo, que a philosophia, que os instinctos da decencia, que as praticas acceitas e consagradas não toleram.

A um insigne medico, seu discipulo, que achara muito orgulhoso o prologo de seus sermões, Monte Alverne respondeu ingenuamente: « Eu não fiz mais que historiar o meu passado. »

« O paiz tem altamente declarado que eu fui uma destas glorias, de que elle ainda se ufana. Lançado na grande carreira da eloquencia, em 1816, como prégador regio, oito annos depois que nella entraram S. Carlos e S. Paio, monseñhor Netto e o conego Januario da Cunha Barbosa, tive de luctar com esses gigantes da oratoria, que tantos louros tinham ganhado, e que forcejavam por levar de vencida todos os seus dignos rivales. »

« O paiz sabe quaes foram meus successos neste combate desigual; elle appreciou meus esforços e designou o logar a que eu tinha direito entre os meus contemporaneos; pertence á posteridade sancionar este juizo. Arrastado por a energia do meu caracter, desejando cingir todas as corôas, abandonei-me com equal ardor á eloquencia, á philosophia e á theologia, cujas cadeiras professei, algumas vezes simultaneamente, nos principaes conventos da minha Ordem e no seminario de S. José desta corte. »

« O resultado de tantas fadigas foi a extenuação do meu cerebro e a perda irreparavel da minha vista. No fim de 1836, terminavam todos os meus exercicios litterarios; e eu achava-me impossibilitado para emprehender o mais insignificante trabalho. Não é dado a homem algum avaliar as agonias do meu coração nesta horrivel peripezia de minha vida. Deus chegou aos meus labios a taça da tribulação; suas fezes talvez não estejam ainda exgotadas... A vontade do Senhor seja feita. »

Em presença da enorme desgraça que feriu a Monte Alverne, sente-se vontade de perdoar-lhe seus arrancos de immodestia, os surtos da vaidade que não soube reprimir. Grande genio da cratoria, eis-te de mãos dadas, através dos seculos, com o genio da poesia, que tambem foi cego. Este não poudes mais extasiar-se na contemplação das bellezas do archipelago hellenico, e tu não mais pudeste gosar dos encantos da *Guanabara*, nem accender tua imaginação aos raios deste sol, quente e radioso, da tua terra natal.

Este homem não era um vaidoso, escreve Antonio Feiticão, nem pelas bitolas communs o havemos de medir.

Que amor alimentava pela Ordem a que pertencia! Que amor pela grãceza de sua patria! Estes dous amores uniam-se e fecundavam-se no seu coração.

« Não é a companhias de aventureiros, ávidos de se enriquecerem; não é a colonias mal recrutadas, mal concordes, mal avindas com um clima extranho e por isso ephemeras; não é, enfim, a theorias legislativas que está reservada a gloria de converter as aldeas selvagens em focos de cultura e industria, e de dar começo, na profundeza das florestas, a cidades estrondosas. O tigre e a serpente não se fugir deante da enxada pacifica do fradinho descalço. Onde, em vez do susurro das arvores milanarias, se chegar a ouvir um sino de oração, ahí baixarão os anjos do trabalho, da fecundidade, da união e da força. O céo confirmará as bençams da terra. Em redor dos votados á pobreza, á obediencia, á castidade, pullulará a abundancia, a dignidade humana, e gerações incalculaveis, que os amem e que os bendigam, até ao dia em que já delles não precisem. »

O que fóra Orpheu com o seu canto na Grecia barbara, sel-o-á com o Evangelho o cenobita em nossa America. Nas regiões dos semi-homens, nós, insociaes, ferinos, um amortalhado haverá feito penetrar a vida e o seculo, a historia e o porvir, as artes e as sciencias, as heroicidades e as virtudes. Admirar-se-á levantado ao seu throno infinito, por ora vago, o rei da criação, sob as caricias do mais esplendido firmamento.

São numerosos os estadistas impróvidos, que trazem na lista de suas proscripções o frade, o servo de Deus; mas o Altissimo ha de recusar-lhes força para despedaçarem o frade, enquanto este fór util á causa do bem.

A minha vida está por pouco; o meu sol já se poz ha muito tempo; não verei as novas éras que se preparam a este paiz; morro, porém, consolado na minha fé. Se á hora da partida me dissessem: « Appres-

sa-te em sahir do mundo, que mandam fechar o teu conventinho; apressa-te se queres ainda ser enterrado onde oraste, amaste e esperaste tantos annos», cu diria na minha derradeira oração: « Senhor! muito embora a tempestade disperse este ninho, velae as aves que a si se não podem valer; concedei a meus irmãos, como graças para elles e mercê para o imperio, — o desterro! Que nos importa haver, ou não, uma vivenda para nós nas cidades e na côrte! Atirem connosco para os sertões, para onde mundanos não sabem, não ousam, não podem ir; e os vossos scrvos lá se vingarão, orando, perdendo e creando novas cidades para os seus desterradores.

Um exordio de sermão fez a gloria de Bridaine. Não ha compendio de *Eloquencia sagrada* em que elle não venha reproduzido. O mesmo se dá com o sermão de S. Pedro de Alcantara, prégado por Monte Alverne depois de cego.

« Dezoito annos havia que Monte Alverne agonisava entre seus auctores mudos, mudo como elles; dezoito annos de inercia depois de suas ultimas victorias; dezoito annos de invisivel para um mundo versatil e esquecidiço, que se vinga de ter aclamado, olvidando depressa. O seu monumento literario achava-se levantado. Os annos de vida, que o religioso contava, eram nada menos de setenta.

Bate-se á porta da cella! E' uma embaixada do throno ao pé? Não: é um convite de uma magestade a outra magestade: é o imperador D. Pedro II, que, para a festa de seu padroeiro, manda rogar o frade Monte Alverne como orador. A côrte, a cidade, o chefe do imperio, desejam experimentar os poderes daquelle eloquencia de outr'ora, de que tão notaveis triumphos se referem.

O proprio imperador deu a mão ao glorioso e venerando cego e o conduziu ao pulpito...

Eis o exordio: « Não, não poderei terminar o quadro que acabei de bosquejar; compellido por uma força irresistivel a encetar de novo a carreira que percorri vinte e seis annos, quando a imaginação está extincta, quando a robustez da intelligencia está enfraquecida por tantos esforços, quando não vejo as galas do santuario e eu mesmo pareço extranho áquelles que me escutam, como desempenhar esse passado tão fértil de reminiscencias? como reproduzir esses transportes, esse enlevo com que realcei as festas da religião e da patria? *E' tarde!... E' muito tarde!*...

Seria impossivel reconhecer um carro de triumpho neste pulpito, que, ha dezoito annos, é para mim um pensamento sinistro, uma recordação afflictiva, um phantasma inofenso e importuno, a pyra em que arderam meus olhos, e cujos degraus descí só e silencioso, para esconder-me no retiro do claustro. Os bardos do Thabor, os cantores do Hermon e do Sinai, batidos da tribulação, devorados dos pesares, não ouvindo mais os echos reptirem as estrophes de seus cantos nas quebradas de suas montanhas pittorescas, não escutando a voz do deserto, que levava ao longe a melodia de seus hymnos, penduravam seus alaúdes nos salgueiros, que bordavam o rio da escravidão; e quando os homens que apreciavam suas composições, quando aquellos que se delectavam com o perfume de seu estylo e a belleza de suas imagens vinham pedir-lhes a repetição dessas epopéas, em que perpetuavam a memoria de seus antepassados e as maravilhas do Todo-Poderoso, elles

cobriam suas faces humedecidas de pranto e abandonavam as cordas frouxas e desafinadas de seus instrumentos musicos ao vento das tempestades.

« Religião divina, mysteriosa e encantadora! Tu que dirigiste meus passos na vereda escabrosa da eloquencia, tu a quem devo todas as minhas inspirações, tu, minha estrella, minha consolação, meu unico refugio, toma esta corôa... se dos espinhos, que a cercam, rebentar alguma flôr; se das silvas, que a enlaçam, reverdecerem algumas folhas; se um enfeite, se um adorno renascer destas vergonteadas já sêccas; deposita-o nas mãos do imperador, para que o suspenda como um trophéu sobre o altar do grande homem, a quem elle deve seu nome e o Brasil a mais decidida protecção. »

No dia 4 de outubro de 1855, o imperador e a imperatriz foram pessoalmente á cella do illustre franciscano agradecer o favor inestimavel do immortal sermão e offercer-lhe a cadeira, que pertencera a Anchieta, *reliquia historica do valor de um throno*, segundo a apreciação de Antonio Feliciano de Castilho.

Monte Alverne ainda prégou mais um sermão e fez eloquentissima allocução num benéfico asylo de meninas em Nictheroy; foi o ultimo lampejo daquelle grande lampada do Sanctuario; foi, escreveu um dos ouvintes, uma chuva improvisa de amores perfeitos e perolas sobre um viveiro de aves do paraizo.

Monte Alverne não foi arrebatado aos vivos por subitanea morte, « fôra-se desatando do mundo pouco a pouco: primeiro, com a profissão religiosa; depois, com a velhice; depois, com as malevolencias da inveja; depois, com as trevas; depois, com a primeira imposição de mãos do anjo do chamamento; depois, com a surdez; faltava já tão pouco ao fio adçoçado, para que a pomba pudesse voar da pyra e sumir-se nos céos...

« O amortalhado de 57 annos e edoso de 74 baqueia-se para nunca mais se levantar. » Foi em Nictheroy, em casa de um amigo. Do convento de S. Domingos, em Nictheroy, foi o corpo embarcado em uma das galeotas imperiaes, que o transportou até ao caes Pharoux, no Rio de Janeiro.

O imperador determinou que lhe fizessem o sahimento e as ultimas exequias como a official-mór da Casa Imperial. Desde o desembarque até á ladeira do conventinho franciscano, o povo occupava todo o espaço. Dalli foi o feretro levado á mão por entre as lagrimas e as orações da Communidade, orfanada de sua maior gloria, até ao jazigo na capella do claustro, contigua á essa outra onde jazem os dous principes imperiaes.

Homenagens semelhantes nunca mais serão tribuadas a humildes frades, embora venham a ser herdeiros dos talentos e das virtudes de Monte Alverne. Muita opposição se fez aos actos de respeito de que Deodoro cercou o corpo do inclyto Macedo Costa.

A grandeza do Padre e do Frade é a da sua missão. *De toutes les places, ou un homme peut monter, la plus haute, pour un homme de genie, est incontestablement une chaire sacrée.*

De todos os logares a que um homem pôde subir o mais elevado, para um homem de genio, é incontestavelmente uma cadeira sagrada, um pulpito, escreveu Lamartine.

Monte Alverne foi um desses homens de genio, que derramou os fulgores de seu espirito das alturas em que Deus fala aos homens pelos labios de seus ministros.

Manoel de Almeida

FREI FRANCISCO DE MONTE ALVERNE

Apontamentos biographicos

CHAMAVA-SE no seculo Francisco José de Carvalho e nasceu na cidade do Rio de Janeiro, a 7 (outros dizem a 9) de agosto de 1784, tendo por seus progenitores João Antonio de Oliveira, de profissão ourives, e Anna Francisca da Conceição. Professou a regra franciscana no convento de Santo Antonio da sua patria, a 3 de outubro de 1802, e, applicando-se aos estudos de theologia, philosophia e rhetorica, passou em poucos annos de discipulo a mestre, sendo nomeado passante e oppositor em 1810.

Lente de philosophia no convento de S. Paulo, em 1813, e honrado com o titulo de pregador régio em 1816. Lançado na carreira da oratoria sagrada, e tendo por competidores, nomes tão illustres como os de Fr. Francisco de S. Carlos, Fr. Francisco de Sampaio e o padre Januario da Cunha Barbosa, cada vez que subia ao pulpito era para elle um novo triumpho. Tornou-se o orador predilecto do publico e chegou a ser considerado como o principe da eloquencia sagrada no Brasil. Foi tambem por muitos annos professor de philosophia, tanto nos conventos da sua Ordem, como no Semenario Episcopal de S. José, onde leccionou até 1836. Atacado nesse anno de amaurosis, molestia, como é sabido, incuravel, deu por terminados todos os seus exercicios literarios e escolares, recolhendo-se ao silencio do claustro, donde, ao fim de dezoito annos, veiu tiral-o ainda uma vez o convite do imperador, para orar na festividade solemne de S. Pedro de Alcantara, na Capella Imperial, em 19 de outubro de 1854. Ahi mostrou, perante um luzidissimo concurso, que a cegueira, molestias e retiro de tantos annos não tinham conseguido apagar nelle a robustez da intelligencia e o fogo da imaginação, recitando um magnifico discurso, julgado não inferior aos que pronunciára nos tempos do apogeu da sua gloria. Era o canto final do cysne. Passados quatro annos, veiu a morte cerrar-lhe os olhos e pôr termo ás suas agonias, fallecendo em Nichthoroy, de congestão cerebral, a 3 de dezembro de 1858. Foi embalsamado o seu cadaver e fizeram-se-lhe as honras funebres, taes como eram devidas ao homem tido geralmente como uma das maiores illustrações do seu paiz.

O retrato e biographia de Monte Alverne, escripta pelo dr. Thomaz Alves Junior, vêm no tomo I da *Galleria dos brasileiros illustres*. Outra biographia, tambem acompanhada de retrato, por Antonio Feliciano de Castilho, na *Revista contemporanea de Portugal e Brasil*, tomo II, ns. 9 e seguintes. Outro, finalmente, pelo conego dr. Fernandes Pinheiro, na *Revista trimestral* do Instituto, tomo XXXIII, parte I (1870), de paginas 143 a 156. Veja-se tambem o *Pequeno panorama do Rio de Janeiro*, pelo dr. Moreira de Azevedo, tomo I, paginas 66 a 69; uma noticia historica, prece-dida do retrato, por Antonio da Silva Tulio, no *Arquivo pittoresco*, vol. III; e elogio historico pronunciado em sessão magna do Instituto pelo dr. Joaquim Manoel de Macedo, publicado primeiro no *Jornal do Commercio* do Rio, de 7 de março de 1859, e depois inserto no tomo XXI, paginas 560 a 564, da *Revista trimestral*; os artigos do conego monsenhor Joaquim Pinto de

Campos, no *Correio Mercantil*, de 26 de junho de 1854, e do dr. Cardoso de Menezes, no mesmo periodico, n. 232, de 12 de agosto de 1855.

Fr. Francisco de Monte Alverne logrou ainda em vida todas as provas da maior consideração que podem prodigalizar-se ao talento. Era lente jubilado de philosophia e foi na sua Ordem custodio, provincial e leitor de prima em theologia dogmatica, examinador da Mesa da Consciencia e Ordens; theologo da Nunciatura Apostolica; examinador synodal do bispado do Rio de Janeiro; pregador da Capella Imperial; presidente perpetuo da Sociedade Emulação Philosophica; socio correspondente do Instituto Historico de Paris; membro honorario do Instituto Historico e Geographico do Brasil; etc., etc.

Escreveu: *Obras oratorias do P. M. Fr. Francisco de Monte Alverne* Rio de Janeiro, editores E. & H. Laemmert, impressas na sua Typ. 1853, 8º gr. — divididas em quatro volumes. O tomo I, contendo *Sermões quaresmaes e de mysterios*, de XXII - 347 pags. e indice, com o retrato do auctor. O tomo II, *Sermões de mysterios e panegyricos de Christo e da Virgem*, de 288 pag. e indices. Tem este no frontespicio a cata de 1854. O tomo III, *Panegyricos de Santos*, de 305 pags. e indice. O tomo IV, *Panegyricos de Santos, discursos e orações funebres*, de 299 pags. — Ao todo, 83 discursos.

Publicaram-se depois em separado, para serem annexados ao tomo IV, sem folha de rosto e continuada a numeração de pags. 291 a 326. *Ultimos panegyricos*. Compreendem os ns. LXXXII e LXXXIII, dirigidos aos louvores de S. Pedro de Alcantara e N. S. da Gloria.

Publicações posthumas: *Compendio de philosophia*, publicado pelo editor Francisco Luiz Pinto, Rio de Janeiro, Typ. Nacional, 1859, 8º gr., de 311 pags.

Trabalhos oratorios e literarios colligidos por Camara Bittencourt (Raymundo), Rio de Janeiro, editores E. & H. Laemmert e impresso da sua Typ. 1863, 8º gr. de 90 pag., com uma noticia biographica acerca do auctor. Anda tambem este opusculo reunido ao quarto volume das *Obras oratorias*.

A grande acção e applausos que estas obras mereceram em Portugal, bem como a carestia dos exemplares da edição do Rio, que se vendiam a réis 8\$000, levaram um livreiro portuguez a emprender dellas uma *contrafacção*, que pôz á venda a réis 2\$500 (tudo moeda forte). No titulo diz: *Obras oratorias do P. M. Fr. Francisco de Monte Alverne, etc. Precedidas da biographia e juizo critico do sr. Antonio Feliciano de Castilho, e dedicadas a. s. exa. revma. sr. Bispo do Porto*. Porto, Typ. da Livraria Nacional, 1867, 8º gr., 4 tomos com LXX — 255 pags., 211, 228 pags. e 288 pags. — E' em tudo conforme a edição brasileira e tem igualmente appensos, no fim do tomo IV, de pags. 222 em deante, os *Trabalhos literarios*.

(Do *Diccionario Bibliographico Portuguez*, de Innocencio Francisco da Silva, tomo IX, MDCCCLXX, pags. 347 a 349).



OS FUNERAES DE D. PEDRO II

I
O FUNERAL

COMEÇA hoje a penultima jornada. Os restos mortaes do grande Brasileiro vão ser transportados da Magdalena, em Paris, a S. Vicente de Fóra, em Lisboa, com toda a pompa de um sahimento regio. Desse grandioso espectaculo, como nenhum outro proprio para ferir a imaginação dos que acompanham com maior interesse do que as machinações humanas os designios da Providencia, é impossivel dizer qual elemento é mais dramático e mais imponente.

Tudo se reune nessa demonstração unica para dar-lhe o cunho de uma grandeza original e suggestiva. O primeiro caracter: desse luto é ser universal. O mundo inteiro toma parte nelle, sentindo que não faz senão elevar a propria humanidade, rendendo esse tributo a um dos seus vultos supremos, e é a França, o cerebro e o coração da raça latina, que se faz o organ da veneração unanime dos Dous Mundos, o conductor dessa epopéa funebre.

A scena em Paris apresenta-se de uma grandiosidade indizível ao coração brasileiro. A guarnição, sob o commando do general Saussier, prestará honras militares ao homem que durante cinco annos foi a alma do nosso exercito e de nossa armada, o chefe a quem morreram fieis os Caxias, os Hervacs, os Porto-Alegres, os Amazonas e a multidão enorme das fileiras.

A guarnição de Paris só por si é um grande exercito, e a formação della em honra de um exilado pode servir de exemplo, ainda mais do que á magnificencia, á elevação e ao desinteresse da hospitalidade franceza. Na nave da Magdalena o cortejo funebre tomará as feições de um congresso do Espirito Humano.

Pela primeira vez se apresentam aos olhos da Europa, conduzindo os funeraes da realeza, as sciencias e as letras. São ellas que elle preferia a tudo na admiravel cultura de que Paris é o centro, e são os seus confrades do Instituto que se elle pudesse apontaria para estarem mais perto delle, com precedencia aos herdeiros de titulos antigos ou aos occupantes de posições sociaes. Tambem nunca as sciencias e as letras ter-se-ão incorporado ao cortejo de um imperante com tanta consciencia de que acompanhavam um collega ao seu descanço final. Nem a representação das grandes vocações especulativas se limitará, na Magdalena, é licito presumir, ao genio da França. Se não em pessoa, pelo espirito tomaram parte na demonstração os vultos intellectuaes dos outros paizes, porque de muitos delles D. Pedro fôra um correspondente e amigo, e de todos um apreciador intelligente. Mas, se primeiras alli pela distincção e escolha do illustre morto, as sciencias e as letras não occupam, socialmente falando, senão uma categoria modesta, porque em humilde e restricta comparação se pôde dizer que tambem o seu reino não era ainda deste mundo. Os primeiros aos olhos da multidão naquelle sequito innumeravel serão os altos representantes da Europa monarchica e da França republicana, reunidos para prestar as ultimas honras ao chefe exilado da monarchia extincta da America. A cerimonia só por si dá perfeita idéa do progresso realiado nas ideas politicas do proprio povo parisiense. Paris não é mais o ninho, que foi por vezes um instante, de um jacobinismo pervertido pela sensualidade que só encontra satisfação no crime e goso no sangue. A Republica Franceza não é hoje a imposição de uma insignificante minoria fanatica e auctoritaria ás massas timoratas do

paiz; funda-se na opinião e não na força, legitima a sua existencia, não um dogma politico de seita, mas pela preferencia expressa e conhecida do suffragio universal. Por isso ella, democracia culta, assim como não commette o erro grosseiro de confundir com as instituições democraticas o militarismo sul-americano, tambem reconhece na monarchia constitucional, systema que D. Pedro II tão admiravelmente representou por meio sculo, um regimen de liberdade parlamentar do mesmo genero, ainda que não, pela fórma exterior somente, da mesma especie, que os governos republicanos mais adeantados. E' a largueza desse ponto de vista que faz a Republica Franceza, — e nesse pensamento, pelas homenagens da sua imprensa se vê, os Estados-Unidos a acompanham duas vezes, como democracia verdadeira e como primeira nação americana, — prestar o elevado tributo do seu respeito ao representante que foi na historia da America do Sul, sob a bandeira da monarchia constitucional, de uma extensa calma e continua excepção a favor da lei, da liberdade e do bem publico.

A Nação Brasileira sente-se neste momento para com a França sob o peso de uma divida immensa. Se no paiz, a que elle dedicou a sua vida toda, cogitações muito diversas e provenicentes do desmantelo causado na ordem moral e na ordem politica pela inadequada substituição de regimen, desviam no dia de hoje de seu passamento a reflexão de tão grande parte do nosso povo, dia virá em que, sem distincção de partidos, todo elle se coadune no sentimento de que foi a França quem generosamente se encarregou de cumprir para com o fallecido Imperador os deveres que por todas as leis naturaes incumbiam á Nação Brasileira. Não faltam, entretanto, e são innumerados, brasileiros cujo pensamento no dia de hoje esteja inteiramente voltado para a primeira e lutuosa parada do cortejo funebre que a Princeza Imperial, como filha extremosa, vai ter a dôr e o privilegio de conduzir através da França e da Peninsula.

Os francezes têm o genio das artes e em nada elle é mais distincto e brilha melhor do que na organização das suas grandes solemnidades publicas. Paris só por si é um scenario esplendido e sempre prompto para as glorificações populares. Accrescente-se a incomparavel perspectiva da estrada que o cortejo tem de percorrer, margeada de multidões de povo, entre alas continuas de soldados, o imponente prestito funebre, e quem viu Paris em uma dessas occasiões, em que a cidade parece fazer appello a todos os seus recursos para manter a sua incontestavel preeminencia, pôde representar-se pela imaginação o quadro que alli se desenrolará hoje na apothose de D. Pedro II. Mais do que tudo isso, infinitamente, elle preferiria ser enterrado entre nós, e por certo que o tocante symbolismo de fazerem o seu corpo descançar no ataúde sobre uma camada de terra do Brasil interpreta o seu mais ardente desejo.

Ao brilhante cortejo da Magdalena elle teria preferido, em falta de tantos que reputára seus amigos, o modesto acompanhamento dos mais obscuros de seus patrios, e daria bem a presença de um dos primeiros exercitos do mundo em troca de alguns soldados e marinheiros que lhe recordassem as gloriosas campanhas nas quaes o seu coração se enchêra de todas as emoções nacionaes.

Mas foi a sua sorte morrer longe da patria, e é uma consolação para todos os brasileiros que veneram o seu nome vêr que elle na sua posição de banido recebeu ainda da gloriosa Nação Franceza as supremas honras que ella pôde tributar. No dia de hoje, o coração brasileiro pulsa no peito da França.

JOAQUIM NABUCCO

Supplemento do "Album Imperial"

ANNO I

CHRONICAS E NOTICIAS

NUMERO 12

Album Imperial



O **Album Imperial** publica-se regularmente nos dias 5 e 20 de cada mez, trazendo no minimo **dezeseis paginas** de texto.

O presente numero contém **dezoito paginas** de texto.

Com o presente numero completa o **Album Imperial** seu primeiro semestre; se, na vida propriamente jornalística, um anno de luctas é sempre registado como uma victoria, na vida de uma revista, a metade daquelle caminho andado significa tambem um grande esforço, dada a indifferença, entre nós, por esse genero de publicação, que difficilmente consegue vingar em S. Paulo.

Mas — mercê de Deus — ao **Album Imperial** tem favorecido a acceitação sempre crescente do publico e, apesar dos agoiros dos que não lhe davam nem sequer trinta dias de existencia, elle completa hoje o seu primeiro semestre, tendo publicado regularmente e com rigorosa pontualidade os doze numeros correspondentes a esse periodo.

Cumpre-nos agradecer a todos quantos nos têm auxiliado nesta empresa: — os assignantes, os agentes, os colaboradores, os collegas de imprensa e todas as pessoas que receberam com sympathias o **Album Imperial**.

D. PEDRO II

Ganha terreno e dia a dia se avigora a idéa ha pouco aventada por um dos periodicos da imprensa fluminense — de se erigir, na capital do paiz, em uma de suas praças, um monumento que perpetue a memoria de D. Pedro de Alcantara — o ultimo imperador do Brasil.

Se ha reparo a fazer a semelhante idéa, outro não tem cabida que não seja a tardança com que ella se apresenta a reclamar dos sentimentos de justiça do povo brasileiro immediata e condigna realisação.

Nem outra significação, traduz o vivo empenho com que tem sido por toda a parte recebida a noticia do alevantado tentamen.

Obra de reparação e justiça, a estatua de D. Pedro II, erigida em solo patrio, será para os posteros de grande ensinamento, encerrará na incorruptibilidade do bronze, ou na velha nobreza do marmore de sua estrutura, a fecunda lição do facto irreparavel...

Nascido neste paiz, em berço quasi despido dos europeus da realza, D. Pedro II recebeu, encerrado no seu palacio de S. Christovam, toda essa aprimorada educação que, depois, nos grandes centros, lhe conquistou mais admiração e respeito que as prerogativas majestaticas de sua augusta pessoa.

Cultivou o espirito e educou o coração. Sabia pensar e sabia sentir.

Num largo tracto de annos, conviveu com os mais eminentes homens do Imperio e a não poucos destes rendeu a homenagem de sua admiração e entusiasmo, quando sentia que no modesto servidor da patria se ajustavam, em intimo consorcio, a supremacia do talento e as mais cicvadas virtudes civicas.

E não foram raros os que, tocados dessa scintella divina e ennobrecidos na pratica dessas virtudes, sentaram-se nos conselhos da Corôa, collaborando com acerto e abnegação na grande obra da reconstrução social.

Sim. A Regencia fôra um periodo de grandes commoções intestinas.

A paixão politica mal soffreada ensanguentara o paiz em luctas fratricidas. Imperava o terror.

O bacamarte constituiu-se a *ultima ratio* na peleja dos partidos, e mais de um chefe teve de pagar com seu sangue generoso a grande culpa de sua proeminencia nas provincias.

Ardia o paiz na labareda dos odios inflammados...

O empolgante prestigio de Vergueiro; a auctoridade coerciva de Lima e Silva; o senso pratico de Braulio Muniz; o saber de Costa Carvalho; o esforço herculco de Feijó, cuja energia desenvolvida nesse periodo é talvez o mais

virente florão de quantos lhe exalçam a memoria; tudo isso e ainda a reconhecida capacidade de Araujo Lima não conseguiram, em um longo periodo de nove annos, conduzir a nação á paz e á prosperidade...

Foi então que o Parlamento declarou a maioridade do Imperador, que, cedendo ás instancias do povo, tomou as rédeas do governo e iniciou essa phase de prosperidades, a mais fulgente da nossa historia.

Diga o que quizer o iconoclasta imperitente. Não se rasga facilmente uma pagina da Historia, nem se lhe adultera o juizo, que não pôde estar á mercê das vis paixões...

D. Pedro II, durante seu glorioso reinado, restabeleceu a paz interna, assegurando a confraternisação dos brasileiros; dotou o paiz de grandes melhoramentos materiaes e, na esphera intellectual, deu notavel impulso ás sciencias, letas e artes.

Nenhuma decidida vocação artistica ou litteraria esterilizou-se por lhe faltar a emulação do generoso monarcha, que, a dispêndio proprio, custeou as despesas de quantos, na Europa, despercibidos de meios, tiveram de receber a lição de afamados mestres.

As grandes reformas sociaes foram levadas a effeito precedidas dos profundos estudos e das esclarecidas discussões do corpo legislativo, onde, com uma ou outra excepção, tiveram assento as mais potentes mentalidades do paiz.

Progredia a nação a passo firme. Reformas ultra-liberaes estavam admitidas no programma dos partidos, que se preparavam para levá-las á execução.

No mundo financeiro atingiramos á meta dos nossos desejos; falava-se na proxima conversão do papel-moeda, aproveitando o grande credito que alcançaramos no estrangeiro.

No entanto, tudo mudou... A catastrophe, como os grandes cataclysmos, não precisou de muitas horas para se operar — bastou-lhe o rapido decurso de uma fresca madrugada...

Banida a familia imperial, expulsa da patria por fórma destoante dos sentimentos de veneração que lhe votava o povo brasileiro, morreu D. Pedro II em terra extranha...

Só agora, volvidos tantos annos, começa a obra de reparação.

Dóe muito a injustiça a quem lhe recebe os effeitos crueis; mais torturante, porém, é o desasocego moral de quem, consciente da maldade que praticou, se reconhece deante do facto irremediavel impotente para annullar-lhe as funestas consequencias...

Vamos. Levante-se na praça publica a estatua do infortunado soberano que, ao cabo de uma longa vida consagrada á grandeza do seu povo, teve, como recompensa de seus altos meritos, os tristes dias do exilio...

Nada lhe falta para sua gloria. Que venha, entretanto, essa estatua. E como essa outra de que nos fala a lenda, na suave poesia das cousas encantadas, ella não gerará, por noites constelladas, mas affirmará na sua mudez solenne a grandeza passada de um povo que não é ingrato, senão infeliz.

CRUZ ABREU



BATALHA DE RIACHUELO

Em alguns exemplares do ultimo numero do *Album Imperial*, devido a erro typographico, sahiu a data de — *1 de junho de 1865* — sob o clichê do quadro de Victor Meirelles, quando a batalha de Riachuelo, como é sabido, se deu a — *11 de junho*.



Jornaes e revistas

O ultimo numero do *XI de Agosto*, organ do Centro Academico Onze de Agosto, traz, além de escolhida collaboração, os retratos dos pranteados estudantes Manoel de Aguiar de Almeida Vallim e José de Barros Franco.

— Recebemos os ns. 3 e 4 d'*A Internacional*, desta capital, propriedade de A. Fratinni & C. e direcção de A. Franklin Cardoso.

De quinzenario passou a revista a semanario. Estes numeros estão bem feitos, com variada collaboração e desenvolvido noticiosario.

Muito promette *A Imprensa Academica*, que acaba de iniciar sua publicação nesta capital. Basta dizer que á frente de sua redacção se acham os nomes festejados de Ricardo Gonçalves, Villalva Junior e Adriano Marrey. O 1.º numero, que temos sobre a mesa, traz pouca, mas magnifica materia.

— Apresentamos nossas saudações ao illustre collega *Correio Catholico*, de Uberaba, por haver iniciado seu undecimo anno de existencia, até hoje consagrada ao serviço da Igreja e em beneficio tambem do opulento municipio mineiro em que se publica.

NO PROXIMO NUMERO

Visconde de Araguaya

Silvio de Almeida

COLLECTANEAS

Um dito de Guerra Junqueiro:
Quando sahio a *Morte de D. João*,
um barbeiro, entusiasmado com o suc-
cesso obtido pelo poema, começou a
fazer versos.

— Fiz hontem cincoenta alexandri-
nos, todos moldados pelos do Junquei-
ro. E' o meu mestre.

Um dia foram contar o caso a Guer-
ra Junqueiro.

— Este bandido mente! Meu mes-
tre é elle, que me faz todos os dias
a barba.

QUANTO CUSTA ESTE FRASCO?

Depois de cheiral-o bem,
Um fabricante opinou:
— Não ha no mundo ninguém,
Depois de cheiral-o bem,
Que affirmo existir algum
Que vença nisto o Pinaud!...
Depois de cheiral-o Loubin,
Um fabricante — o Pinaud!

FONTOURA XAVIER

Num baile:
Um dos convidados passeia em um
dos corredores, fumando, muito *amo-
lado*, enquanto se dança animadamen-
te nos salões.

‡ No mesmo corredor passeia outro
sujeito, velhusco, que tambem não tem
cara de divertido.

— Que aborrecimento, não acha?

— Acho.

— Nuca vi uma *soirée* tão *cacete*,
tão semsaborona.

— Nem eu.

— Nada; eu vou-me embora; não
posso mais. Não quer vir tambem?

— Ah, não posso; sou o dono da
casa.

A' MINHA NOIVA

«Tu és flôr: as tuas petalas
Orvalho lubrico molha;
Eu sou flôr que se destólha
No verde chão do jardim.»
Têm por moda agora os lyricos
Versos fazer neste estylo...
— Tu és isto, eu sou aquillo...
— Tu és assado, eu assim...

A's negações deste genero,
Carlottinha, não resisto;
Vou dizer que tu és isto;
Que aquillo sou vou dizer:
Tu és um pé de camelia,
Eu sou triste pé de alfaca;
Tu és aurora que nasce,
Eu sou fogueira a morrer.

Tu és a vaga pacifica,
Eu sou onda encrespada,
Tu és tudo, eu não sou nada,
Nem por descuido, doutor.
Tu és de Deus uma lagrima,
Eu sou de suor um pingo,
Eu sou no amor o Gardingo,
Tu és Hermengarda no amor.

Os factos restabeleçam-se,
O' dona dos pés pequenos:
Eu sou homem, — nada menos:
Tu és mulher, — nada mais:
Eu sou empregado publico;
Tu minha esposa bem cedo;
Eu sou Arthur Azevedo;
Tu és Carlota Moraes.

ARTHUR AZEVEDO

ALBUM DE
DOS IMMORTAES DA



Puxado amigo do Couto de Bagatari

*Recubi as suas ordens, e hei de
obediencia mandando-lhe algumas linhas a respeito
do nosso querido Eduardo Prado. Ainda
me achou sob a impressão do fatal successo.
Na noite feita, antes á sua parte de,
estruamos juntos e tivemos chá em casa de
Teresa Barra, d'uma do Tracão. Chegou
a pé, polythone, até ao largo da Lapa, onde
o argei de que tinha poyado a porta do
seu hotel. Quis acompanhá-lo mais tempo —
diz elle, — e veio connigo até á rua Barreto
de Vaga, onde começa a ladeira de S. Theresa.
Depois de ser uma vez, de passagem, no dia
da partida. Tance que se viu ao Rio*

AUTOGRAPHOS

ACADEMIA BRASILEIRA

para despedir-se dos amigos! Eu não tenho
a honra de conhecer os Srs. Trás e viúva
de Eduardo, mas, si elle as conhece pessoaf-
mente, diga-lhes, eu l'ho feito, que entre
os corações maguados por esta morte está
tambem o meu.

Adieu - Affectionadamente man-
davi o que deseja.

De l'ho m^{to} am.^o e Criado

Carlos de Saes J.

S. C. 5 - out - 906.

Instituto Historico

Na sessão de 5 do corrente, do In-
stituto Historico e Geographico de S.
Paulo, foi lido o parecer sobre o re-
cente trabalho do nosso talentoso col-
laborador Leoncio Gurgel.

E' este o parecer:

« A' commissão nomeada para dar
parecer sobre o trabalho do sr. Leon-
cio A. Gurgel e que se intitula — *Ge-
nealogia do sr. dr. Manuel Ferraz
de Campos Salles*, foi presente o re-
ferido estudo.

Nelle o sr. Leoncio A. Gurgel rela-
ta a ascendencia do illustre paulista e
ex-presidente da Republica dos Esta-
dos Unidos do Brasil, não só referindo
seus progenitores brasileiros até Fran-
cisco de Arruda e Sá, natural da vil-
la de Ribeira Grande, ilha de S. Mi-
guel, e residente em S. Paulo desde
1654, e seus avoengos europeus em
Portugal, Italia e França até o tercei-
ro chefe dos Francos Salios, anno 411,
como ainda narrando succintamente, em
relação a cada uma das gerações lem-
bradas, os acontecimentos em que to-
maram parte.

A ascendencia brasileira foi referida
de accôrdo, salvo pequenas modifica-
ções, com o que escreveram um dos
membros da commissão nos volumes
4.^o e 8.^o da *Genealogia Paulistana*,
Pedro Taques em sua *Nobiltarchia*,
publicada pelo Instituto Historico Bra-
sileiro, e Azevedo Marqués em seus
Apointamentos, e a ascendencia euro-
péa, de conformidade com os *Apon-
tamentos Genealogicos* do dr. L. P.
Moretzsohn de Castro e outras fontes
indicadas na bibliographia com que o
auctor encerra seu livro.

A narração historica pela qual é il-
lustrada a referencia de cada uma das
gerações, ou tem como garantia de seu
asserlo os escriptores mencionados na
citada bibliographia, ou diz respeito a
factos hodiernos e, neste caso, as luzes
e probidade do auctor lhe servem de
plintho.

O livro com que o sr. Leoncio A.
Gurgel acaba de brindar as letras pa-
trias é assim uma valiosa contribuição
para o ramo de conhecimento de que
em São Paulo foram cultores abalisa-
dos Pedro Taques de Almeida Paes
Leme, o padre mestre José de Mascarenhas,
João Mendes de Almeida, José
de Almeida Prado, o dr. Ricardo
Gumbleton Dauntre e, na actualidade,
alguns outros.

A commissão, assim pensando, de-
pois de examinar o trabalho submet-
tido a seu estudo, julga-o digno do
apreço do Instituto.

Sala das sessões do Instituto His-
torico e Geographico de S. Paulo, 5
de junho de 1906. — Luiz Gonzaga
da Silva Leme, Alfredo de Toledo.»

POETAS PORTUGUEZES

A PRECE

Filha, não chores! Se na vida achaste
O soffrimento que nos desfalca,
Deixa pender os sonhos que sonhaste...
Tambem se inclina ao vento a loura messe.

Alma gemoa da minha, se tombaste
No negro abysmo onde a virtude esquece,
Tens um perdão... Prende a tua alma á
[haste

Religiosa e santa de uma prece.

Nella acharás o placido conforto
Que ha de em teu coração, já quasi morto,
Rasgar as sombras desse negro véo.

Reza, que a Virgem te ouvirá piedosa...
Desferê o canto dessa voz saudosa,
Que lá te escutam teus irmãos, no céu!

ALBERTO BRAMÃO

O drama do quartel da Luz



ALFERES MAGALHÃES, assassinado no quartel da Luz, e sua família



TENENTE-CORONEL RAUL NEGREL.
em 14 de junho de 1906



O ASSASSINO

No dia 11 do corrente, no quartel da Luz, desta capital, às 2 ¹/₂ da tarde, os officiaes francezes tenente-coronel Raul Negrel e tenente Labrousse assistiam as evoluções da força policial, quando de repente se ouviu um tiro e viu-se o primeiro daquelles militares cambalear, attingido por uma bala de carabina. Segundo tiro foi desfechado e desta vez attingiu o alferes Manoel de Moraes Magalhães, que, atrallido pelo estampido do primeiro, sahira da sala de arrecadação. A esse tempo, o criminoso era subjugado por diversos soldados, que o desarmaram.

O alferes Magalhães expirou minutos depois; o tenente-coronel Raul Negrel, attingido na nuca, foi removido em estado grave para o Hospital Militar, e, sobrevivendo-lhe uma

meningite traumática, veiu a fallecer na madrugada de 14 do corrente.

O tenente-coronel Raul Negrel pertencia á missão franceza chefiada pelo coronel Bagny e ultimamente contractada pelo governo do Estado, para instruir a força publica: aqui chegara em principios de março.

O cadaver foi autopsiado e vai ser transportado para a França, tendo-lhe feito o governo imponentes funeraes no dia 15, por occasião de ser o corpo trasladado do Hospital Militar para a egreja do Carmo, onde está depositado.

O assassino chama-se Augusto José de Mello e é sargento; confessou o crime, allegando que o praticou em consequencia de maus tratos que recebia do tenente-coronel Raul Negrel.



POETAS BRASILEIROS



Camões e os «Lusiadas»

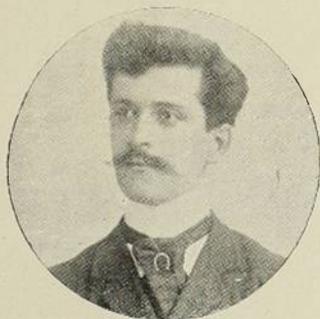
Voga a nau; vai nella o vate
Que á deusa das éras idas
Dera glorias mais subidas
Que olympos que o tempo abate.

Venus, bella, a deusa amante,
Ouve o canto, offega, aneia...
E encantada — ella, a sereia —
Segue o bardo triumphante.

Ardendo em zelos, ignara,
A onda envolve o corvez,
Canto e cantor... Porém pára...

Chorava a deusa... e tal fez,
Que o mar, que Venus gorára,
Deu vida ao bello outra vez.

FERREIRA DE ARAUJO



Noite de inverno

Fibra por fibra o frio os membros me enregela!
Enregela-me frio intenso a pobre argilla!
Noite tristonha e má! Pelo céu uma estrella
Sequer, tímida, entreabre a rutila pupilla!

O olhar baço, doentio, moroso volvo pela
Alcova; fora, chove; o vento sul sibila;
E o vento e a chuva contra os vidros da janella,
Numa fúria tenaz, parecem destruil-a!

Scismo... Em scimas a mente exul, mesto e austero,
De meu perdido aiago a lembrar ciumento
O dorido traspasse, avido e só, pondero:

— Quão diferente se commigo Ella estivesse!
Que bem me importa o frio, a chuva, o vento...
Ou que, além, pelo céu nenhuma estrella houvesse?!

ARTHUR DE CASTRO



Platonismo

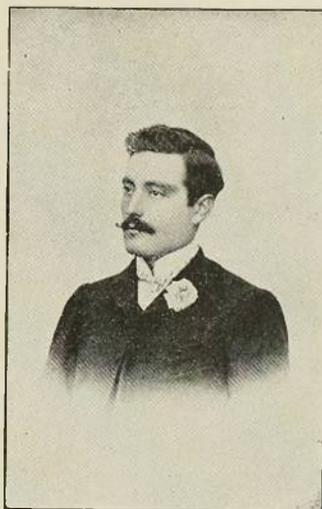
Amar-te assim e assim ver-te distante
de mim, tão perto estando, é tão penoso,
que eu preferiria a este ingrato goso
a mágoa de não ver-te um só instante...

Pois se uma phrase provocar não ousou,
que a meus ouvidos ternamente cante,
tentas-me tu, ingenua e petulante,
com: teu riso innocente e carinhoso...

Isso é forte demais para a virtude,
— essa expansão de um coração amigo,
cheio de affecto e de solicitude...

Isso — as almas mais rígidas quebranta,
assim — cruel! quizera-te commigo,
porque te quero castamente santa!...

FRUTA PESSOA



Evocando o passado

Eu tambem fui feliz, tive meus claros dias
De sol, tive tambem as minhas primaveras;
Alvoradas do amor, cantantes, fugidias,
Sonhos que vi sumir como tantas chimeras...

E se eu amei, tambem fui amado. Estas frias
Evocações que a dor faz das passadas éras
Põem-me no peito aberto umas rubras estrias,
Dilaceram-me todo — as sanguinarias féras.

Sinto que já não posso fugir dos seus braços.
Nunca me deixará esta sombra que segue
Dia a dia, minuto a minuto, os meus passos.

Oh, Saudade cruel! dá-me allivio e conforto!
No invencivel poder dos teus braços entregue
Queo, enfim, reviver todo o passado morto.

HONÓRIO JOVINO

O drama passional da Tijuca

ACABA de ser pronunciado o dr. Luiz de Faria Lacerda, como auctor do assassinato do dr. João Ferreira de Moraes, crime que, como noticiou a imprensa, se deu a 26 de abril ultimo na Tijuca.

Acceptou o patrocínio da causa do réu e produzirá sua defesa perante o Jury o sr. Conde de Affonso Celso.

Eis o que a um nosso collega da imprensa fluminense declarou o proprio protagonista:

«Os nossos amores — disse o dr. Faria de Lacerda, contorcendo-se em horribeis cores no leito de um aposento particular da Santa Casa do Rio — ...os nossos amores datam de ha 5 ou 6 annos, um anno depois da viuvez de *Baby* — este é o seu appellido de familia. Ah! eu custei, custei muito a entregar-me a este amor, a esta paixão...

Era pobre, estudante, sem uma posição social ainda, e ella era quem era...

Assim pensei eu muito tempo, depois de tel-a conhecido na ilha de Paquetá, onde as nossas familias começaram a frequentar-se.

Recebi, entretanto, taes inequivocas provas do seu affecto, que me esqueci desta contingencia e deixei-me levar pela esperanza de que viesse a desposar-a um dia.

Cartas, encontros, protestos, tudo quanto em amor constitue prova, tudo, eu tive para me convencer.

Fez uma viagem ao Chile, demorou-se, e, ao voltar, ainda me testemunhava a mesma affeição.

Ah! enganou-me! Trahiu-me!

Até este anno recebi cartas suas!

Cheguei de Petropolis, ha quatro dias. Soube logo da traição, quiz verificá-la...

Foi, então, rapido o que se fez.

Já conhecia o dr. Moraes, encontrei-o ahi a elle e mostrei-lhe uma carta de *Baby*, dizendo-lhe:

— O sr. é noivo de *Baby*?

Respondeu-me affirmativamente.

Saquei do revólver e fiz fogo...

Commettido este delicto, tive uma rapida volta a mim mesmo.

Pensei: sou um assassino, matei um homem, estou perdido irremediavelmente.

Nova idéa me assaltou.

Carreguei de novo o revólver e ia fazer voar os miolos, quando a vi, que se aproximava, acompanhada de una sobrinha.

Num relance, passaram-me pelo espirito as expansões carinhosas das cartas, as suas juras, a firmeza de crença no seu amor, que conseguíu implantar-me no coração a sua tremenda paixão.

«Não tive mão em mim. Corri para ella e gritei-lhe:

— Então? Trahiste-me!

Ella ensaiou uma negativa, que não lhe dei tempo de concluir. Fiz novamente fogo...

Atacaram-me então e quasi me mataram.

Ah! que amor! que paixão!»

Nestas exclamações não havia fogo, enthusiasmo, eloquencia.

Aquelles nervos, evidentemente cançados, não sabiam mais vibrar.

Havia uma tremenda desordem, que abalára nos seus alicerces aquelle temperamento de homem calmo e bondoso.

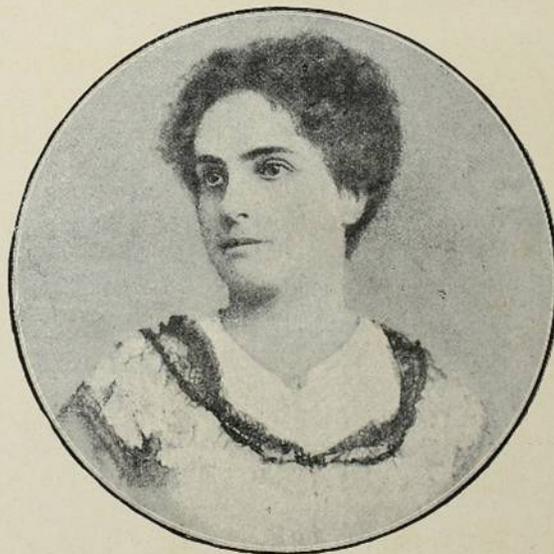
Falava sem brilho, detendo-se ás vezes á procura de alguma palavra que lhe escapara.



Dr. LUIZ DE FARIA LACERDA
(O homicida)

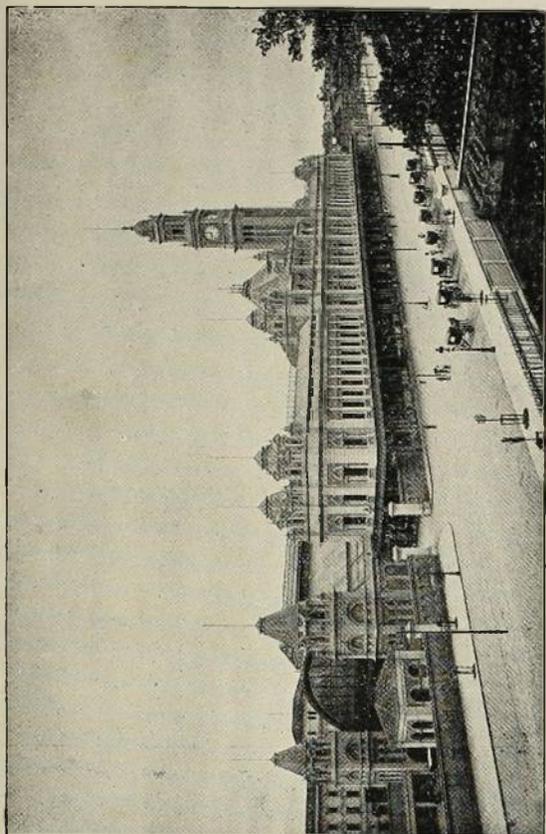


Dr. JOÃO FERREIRA DE MORAES
(A victima)

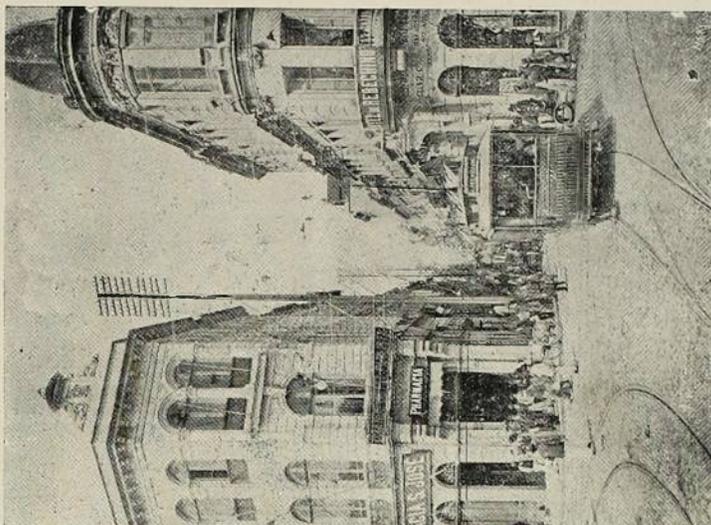


D. CLIMENE BENZANILLA
(A causadora do crime)

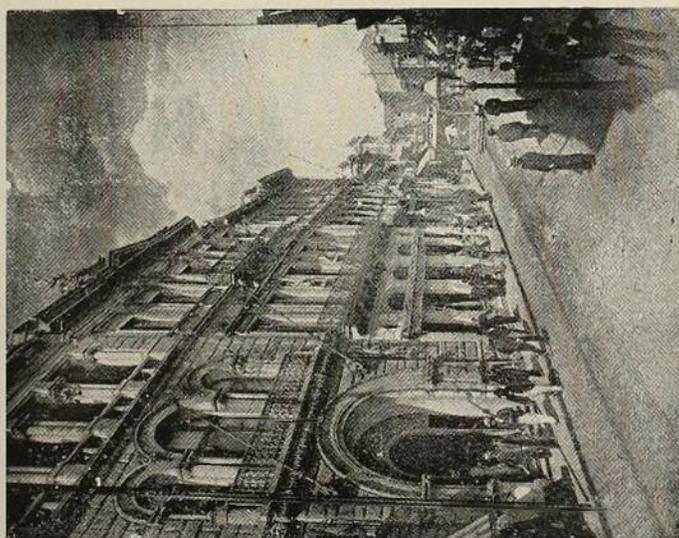
❧ A capital de S. Paulo ❧



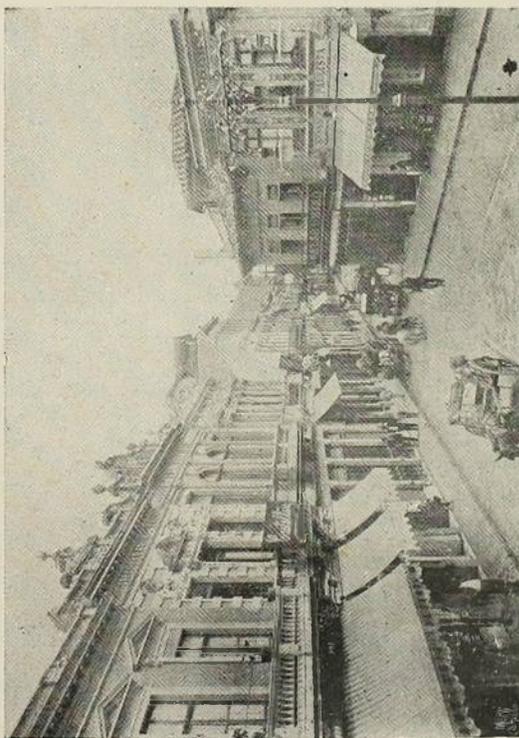
Estação da Luz



Largo de São Bento



Rua 15 de Novembro



Largo do Rosário (hoje Praça Dr. Antonio Prado)

VIDA SOCIAL

Anniversarios

Fizeram annos :

No dia 8, a galante menina Bêbê, filha do dr. Luiz Arthur Varella; a exma. sra. d. Elisa de Moraes Mendes, esposa do dr. Octavio Mendes.

— No dia 10, a graciosa Margarida, filha do nosso prezado collega e festejado escriptor Alvaro Guerra: o intelligente menino Henrique, filho do sr. Henrique Bastos.

— Passou no dia 10 o 1.º anniversario de casamento do sr. Aristides de Oliveira, antigo e correcto funcionario da Junta Commercial, para quem aquella data foi duplamente festiva, pois sua exma. esposa, d. Esther de Mendonça Oliveira, completou nesse dia mais um anniversario.

— Fazem annos :

No dia 24, a exma. sra. d. Helena Whitacker, esposa do sr. major Whitacker Junior, 1.º tabelião de Santa Rita do Passa Quatro.

— No dia 25, a distincta e graciosa senhorita Zizinha Fleury, filha do dr. João Fleury, illustre advogado deste fóro.

Collegio Patrocinio

Seguiram para Ytú, onde se matricularam no Collegio Patrocinio, as galantes meninas Baby e Nair, filhas do sr. José Antonio de Camargo, habil guarda-livros desta praça.

Em convalescenca

Entrou felizmente em franca convalescenca da grave enfermidade que a atacara a senhorita Cecília Fleury, filha do dr. João Fleury e applicada alumna do Collegio Bom Conselho, de Taubaté, a qual veiu convalescer em S. Paulo.

Contractos de casamento

Com a gentil senhorita Noemia Ribeiro, filha do sr. Carlos Ribeiro, de distincta familia de Santa Rita do Passa Quatro, contractou casamento o sr. Benedicto Sampaio, talentoso professor do Collegio Silva Lima, daquella cidade.

— O estimavel moço sr. Manoel Pereira Guimarães, digno auxiliar da casa Baruel, contractou casamento com a distincta senhorita Herminia Peres Mendes, dilecta filha da exma. sra. d. Maria Peres da Fonseca.

Aos ditos noivos auguramos todas as venturas de que são merecedores, fazendo votos por sua perenne lua de mel.

Ibrantina Cardona

Acha-se nesta capital, a passeio, a inspirada poetisa dos *Plectros* e nossa illustre collaboradora sra. d. Ibrantina Cardona, esposa do sr. Francisco Cardona, jornalista e nosso collega da *1.ª Comarca*, de Mogy-mirim.



Imprensa má

Os catholicos, que bem comprehendem a extensão e a responsabilidade de seus deveres, não podem, directa ou indirectamente, auxiliar a propagação da imprensa impia, que é a imprensa má.

SONNET (*)

(D. PEDRO DE ALCANTARA)

Loin de moi de maudire, en ce jour déplorable,
La rigueur de mon sort et son iniquité
M'arrachant le trône et foulant la majesté,
Quand je suis à deux pas de l'heur inexorable !

Du joug des passions mon âme inébranlable
Dès longtemps éprouva trop la réalité :
Car le sort, en retour de la félicité,
Nous frapperà demain d'un coup impitoyable ...

Mais la douleur, reflet de toutes les douleurs,
L'ineffable tourment qui déchire les cœurs,
Qui révolte à jamais une âme délicate,

C'est de voir s'éloigner, dans le sort inconstant,
Des mains qu'elle baisa jadis, la bouche ingrate
Du flatteur qui toujours fut un vil courtisan !

S. Paul — Mai — 1906

(*) Ce sonnet, écrit en original portugais, fut trouvé par hasard sous la table où écrivait l'Empereur D. Pedro, la veille du jour où, forcé par la révolte militaire triomphante, ce grand citoyen devait s'acheminer vers l'exil ...

H. P.

Acoroçar, com o apoio de uma recomendação, com auxilios pecuniarios, por mais diminutos que sejam estes, uma folha que, hypocrita ou descaradamente, serve de continuo vehiculo à impiedade, será talvez perante Deus maior crime do que o crime do proprio e directo auctor da impiedade. Este, se de antemão não contasse com a complicitade de outrem, com os auxilios de outrem, com a protecção de outrem, não se abalançaria a sua empresa de destruição. Assim, o catholico que apoia a divulgação das folhas impias, não só participa da mesma impiedade, como atraiçoa a santidade de seus deveres, fornecendo ao mal elementos com que este se dissemine e se revigore.

Que vemos no mundo das luctas politicas? Por ventura, os partidarios de um credo politico acodem a auxiliar o partido que lhes é antagonico?

Ainda, na ordem dos sentimentos religiosos, o protestante vem cooperar para a propagação das obras catholicas? — o catholico se dispõe a concorrer para a divulgação das seitas dissidentes?

Não! cada qual, na sinceridade de seus sentimentos, procura defender e resguardar as suas crenças, tolerando, sim, as crenças alheias, nunca, porém, prestando a estas o seu apoio, a sua adhesão.

A Igreja não permite que, á custa do dinheiro dos catholicos, com a mercê dos auxilios mesmo indirectos de seus fieis, se levante, viva, cresça e triumphe a imprensa impia. Não se pôde servir ao mesmo tempo a dois senhores. Ou o catholicismo é a religião da verdade, do bem e da virtude, e nesse caso tudo quanto a ella se oppõe, sendo erro, mal e vicio, deve ser expurgado; ou a nossa religião não é boa, nem verdadeira, nem santa, e nesse caso abandonemol-a, para nos filiar á religião contraria, que deve ser a boa, a verdadeira, a santa religião.

Pertencer aos dois campos, permanecer neutro deante dos embates da fé e da incredulidade, fazer com uma das mãos o signal da Cruz e com a outra saudar a Satanaz, — quando não fóra um dos crimes mais offensivos á santidade de Deus, seria pelo menos deprimente do caracter humano. Se, nas relações humanas, a hypocrisia e a

duplidade são expellidas, como vicios repugnantes que são ao convívio social, na ordem das relações sobrenaturaes, Deus não conhece o homem de duas faces, a alma de duas consciencias, o christão de duas crenças oppostas.

Um dos argumentos mais barateados na bocca dos estadistas do estado leigo, dos educacionistas da educação leiga, tem sido este: — evitar que cidadãos de uma crença sejam coagidos a concorrer para a manutenção de um culto a que não pertencem, ou de uma escola em cujas doutrinas religiosas não confiam. Se esse motivo procede, o catholico por igual não pôde empenhar o seu apoio em bem de uma imprensa que combate os seus dogmas, em bem de uma escola que contraria a sua fé.

Será preciso ainda accentuar o perigo da imprensa má que, na sua desenvoltura, se tornou um dos corrosivos, mais energicos da verdade e do bem? Será mister lembrar que em muitos lares o jornal mau, o livro mau entram como um assaltante ao pudor das familias? Será necessario assignalar que os espectaculos de feira devem muitas vezes corar, deante da depravação moral de certa imprensa?

E' contra essa imprensa, que perdeu toda noção do bem e da virtude, todo escrupulo do respeito pela honestidade das familias, toda cortezia para com a verdade, é contra essa imprensa que a Igreja se levanta, com a fulminação energica de suas penas.

A liberdade pôde, deve ser livre; mas a liberdade não consiste no mal.

BRASILIO MACHADO



Gilliatt e o habitante da caverna

Acima do nivel da agua, ao alcançe da mão, notou Gilliatt uma fenda horizontal no granito. Provavelmente ahi estava o caranguejo. Gilliatt mergulhou o punho o mais que pôde e poz-se a apalpar nesse buraco de trevas.

De repente sentiu-se prender pelo braço.

O que elle nesse momento experimentou foi o horror indescriptivel.

Uma cousa qualquer que era delgada, aspera, chata, gelada, grudenta e viva acabava de enroscar-se na sombra em torno do seu braço n.º. Isso lhe subia para o peito. Era a pressão de uma correia e o avançar de uma verruma. Em menos de um segundo não se sabe que espiral lhe invadira o punho e o cotovello e lhe tocava o hombro. A ponta escarafunchava-lhe o sovaco.

Gilliatt atirou-se para trás, porém mal pôde mover-se. Estava como que pregado. Com a mão esquerda, livre, pegou na faca que trazia presa nos dentes, e com essa mão, segurando a faca, escorou-se ao rochedo, fazendo desesperado esforço para retirar o braço. Só conseguiu inquietar um pouco a ligadura, que apertou mais. Era ella flexivel como o couro, solida como o aço, fria como a noite.

Um segundo latego, estreito e agudo, sahio da lura da rocha. Era como uma lingua para fóra de uma guela. Lambeu espantosamente o torso n.º de Gilliatt e, de repente, alongandose desmesurada e fina, applicou-se-lhe á pelle e enrolou-se-lhe no corpo inteiro. Ao mesmo tempo, um soffrimento inaudito, comparavel a cousa nenhuma, alteava os musculos crispados de Gilliatt. Elle sentia na pelle afundamentos redondos, horriveis. Parecia que boccas innumeravcis, colladas á sua carne, procuravam sugar-lhe o sangue.

Um terceiro latego undeou fóra do rochedo, apalpou Gilliatt, açoitou-lhe as costellas como uma corda. Fixou-se.

A angustia em seu paroxismo é muda. Gilliatt não soltava um grito. Havia luz bastante para que elle pudesse ver as fórmias repellentes que lhe estavam applicadas ao corpo. Uma quarta ligadura, e esta rapida como uma seta, saltou-lhe ao redor do ventre e nelle enrodiou-se.

Impossivel cortar, ou arrancar, essas correias viscosas que adheriam estreitamente ao corpo de Gilliatt, e por quantidade de pontos. Cada um desses pontos era um fóco de medonha e extravagante dôr. Era o que experimentaria quem se sentisse engulido a um só tempo por uma multidão de boccas por demais pequeninas.

Um quinto alongamento pulou do buraco. Superpoz-se aos outros e veiu enroscar-se sobre o diaphragma de Gilliatt. A compressão ajuntava-se á anciedade: Gilliatt mal podia respirar.

Essas correias, pontudas na extremidade, iam-se alargando como laminas de espada se alargam para o punho. Todas cinco pertenciam evidentemente ao mesmo centro. Ellas caminhavam, rastejavam por sobre Gilliatt. Elle sentia deslocarem-se essas pressões obscuras, que lhe pareciam boccas.

Bruscamente uma larga viscosidade redonda e chata sahio debaixo da rocha. Era o centro: os cinco lategos prendiam-se a elle, como os raios de uma roda se prendem ao eixo. Distingua-se do lado opposto desse disco immundo o começo de tres outros tentaculos que tinham ficado na profundidade do rochedo. No meio dessa viscosidade havia dous olhos que olhavam.

Esses olhos fitavam Gilliatt.

Gilliatt reconheceu — o polvo.

(LES TRAVAILLEURS DE LA MER, Livre quatrième, 1.)

JULIO RIBEIRO

RABISCOS

P., chronista da *Gazeta*, escreveu a proposito do que tenho dito a respeito das medalhas militares.

Mas, afinal de contas, bom pesadas as cousas, está de accôrdo commigo e, sem talvez o querer, reconhece que as medalhas ultimamente creadas para a guarda nacional são condecorações, como quaesquer outras.

Simplez questão de nome, como já disse, pois não ficava bem á Republica chamar *condecoração* ao novo *crachá*, ou *cracachá*, como escreve *P.*, instituído pelo governo para ornar o peito dos officiaes da briosa milicia.

Mas *P.*, que não perdôa á Monarchia a ingratição de não lhe ter enfeitado a lapella do casaco com uma fitinha, diz que no Imperio se abiscotavam ás vezes condecorações a peso de ouro, o que me auctorisa a dizer tambem que esse negocio de guarda-nacional, composta só de officiaes e na maior parte tenentes-coronéis, tem sido para a Republica uma fonte magnifica de renda.

E P. é tão mau, que aliude á *fitinha roxa* que, só para moer, eu trago diariamente na lapella, chova ou faça sol; imito, aliás, um seu illustre collega de milicia, que de vez em quando orna o paletó com a roseta de Christo.

P. faz pouco dos meus deveres de cidadão brasileiro, cuja qualidade diz elle que perdi, embora até hoje esteja á espera da intimação da sentença que me privou dos meus direitos políticos; é em que boa companhia de patricios condecorados eu estaria, se o governo fizesse respeitar a Constituição! Para citar só dous, e dous republicanos: — Oliveira Lima e Sylvio Romero, que por signal foram agraciados na mesma ordem a que pertencio.

Pelas instituições, é claro que não pegarei nunca em armas; muito pelo contrario. Pela patria, sim, eu o farei de bom grado, apesar de não ser um dos *seiscentos* bravos. Confesso, porém, que, antes de arriscar a vida ou, quando menos, a pelle, em defesa do Brasil, pedirci por prudencia umas lições a *P.*, que já teve o baptismo de sangue nos campos de batalha e que, por occasião da Revolta, tão heroicamente expôs o corpo ás balas inimigas.

FABRICIO PIERROT

CURIOSIDADES

DESEMBARQUE DA FAMILIA DE BRAGANÇA NO RIO DE JANEIRO

Na acta da sessão do senado da camara, celebrada em 23 de março de 1808, vêm descriptos fiel e succintamente a chegada e desembarque das pessoas reaes no Rio de Janeiro; e, como ainda se não publicou esse documento, julgamos curioso dar noticia dos factos, como alli estão referidos.

Adcantara-se da esquadra portugueza a nau *Rainha de Portugal*, em que vinham embarcadas as infantas D. Maria Francisca e D. Izabel Maria, filhas do principe Regente D. João; D. Maria Francisca Benedicta, princeza do Brasil, viuva, e D. Mari nna, tias do mesmo principe, as quaes, chegando ao Rio em 17 de janeiro de 1808, correu a bordo o senado da camara, acompanhado dos juizes e almotacés e de muitos cidadãos, para saudarem a essas pessoas da real familia.

No dia seguinte, annunciou o senado em editaes a chegada de suas altezas e determinou houvesse luminarias por tres dias.

Diversas vezes repetiu o senado o cortejo a bordo e pediu ao cabido fizesse celebrar preces pela feliz chegada do principe regente; e houve preces nove dias e a todas assistiu o senado.

Em 7 de março, ancorou no porto a nau *Principe Real*, em que estavam o principe regente e a rainha D. Maria I, e nesse mesmo dia, ás 7 horas da tarde, dirigiu-se a bordo o senado, acompanhado dos juizes almotacés, alheres da bandeira e muitos cidadãos, e, obti a permissão, beijaram todos a mão do principe, a quem, em um breve discurso, significou o presidente do senado o seu respeito e vassalagem; alcançando licença, foram saudar á rainha e suas filhas, sustentando aquella, em seus braços, sua filha Maria de Assumpção.

Ás 4 horas da tarde do dia seguinte, desembarcaram o principe regente e a familia real, excepto a rainha, em consequencia do seu estado valetudinario. Salvaram nessa occasião os navios e as fortalezas, e o povo gritou: — *Viva o nosso principe! Viva o nosso soberano! Viva o nosso imperador!*

Junto ao caes do largo do Paço, erguera-se um altar, onde estavam o chantre da Sé, paramentado com as vestes sacerdotaes, e mais dous conegos, como presbyteros assistentes.

Chegado á rampa do caes, foi o principe recebido pelo senado, clero, nobreza e povo, approxinou-se do altar, beijou o Santo Lenho, cortejou o cabido e foi caminhando a pé até á Cathedral, acompanhado do povo e sacerdotes, que entoavam psalms e louvor a Deus pela chegada do soberano.

Ao entrar no templo, principiou o *Te-Deum* e, lindo que foi, regressaram as pessoas reaes para o Paço; e nesse largo, no lado oriental, viam-se cinco ou seis mil luzes, collocadas em um parapeto triumphal, sustentando em arcos e ao meio dos quaes apparecia o retrato do principe, com o seguinte distico em redor: *religião, justiça, prudencia, fortaleza, magnanimidade*. Levantava-se de um lado a figura da America, absorta, cahido o cocar de pennas, ofertando ao principe ouro e diamantes e sahindo-lhe da bocca estas palavras: «mais que tudo, o coração». Do lado opposto, a Asia e a Africa, personificadas pelo camello e o elephant, traziam ao principe dadas, tributos e provas de vassalagem.

A parte superior do monumento representava o céu sereno, symbolisando a felicidade e paz que a vinda do rei derramava na America, lendo-se alli as seguintes quadras do poeta nacional Manoel Ignacio da Silva Alvarenga:

Negras nuvens longe exhaem
Morte, estrago, horror, veneno,
E entre nós sempre sereno
Seja o céu, a terra, o mar.

Doce paz, candida astrá,
Vinde honrar a idade d'ouro,
Pois é nosso este thesouro,
Que ninguém pôde roubar.

No alto da fachada, ostentavam-se as armas reaes e logo abaixo estavam esculpidos alguns versos de Virgilio. Duraram nove noites as luminarias e assim a musica, em um coreto construído no largo.

No nono dia foi o principe á Cathedral assistir á missa e *Te-Deum*; havia na egreja dous corchos e houve á noite beija-mão.

DR. MOREIRA DE AZEVEDO

O segundo reinado

SEGUNDO reinado encerra-se em um parentheses revolucionario.

Circumstancias identicas ás que lhe arrancaram o sceptro a 15 de novembro de 1889, antecipando-se de poucos annos á solução pacifica pela morte, deram a 7 de abril de 31 o throno de D. Pedro II.

As revoluções têm destas impacencias; e a segunda, tão soffrega quanto a primeira, descontou no fim do segundo imperio o que a outra tinha adeantado.

Nascido a 2 de dezembro de 1825, no paço da Boa-Vista, este imperador de cinco annos herdava um imperio immenso e responsabilidades quasi tão grandes.

A nação estava constituida, mas ainda não pacificada. As rivalidades entre brasileiros natos e brasileiros adoptivos, as luctas apaixonadas dos partidos, exaltadas até certo ponto por D. Pedro I, que tinha em coragem impetuosa o que lhe faltava em vontade tenaz; e o descontentamento que lavrava nas provincias, fóra do alcance de providencias immediatas, a carencia de verdadeiro espirito publico, de tradições administrativas, de educação politica, creavam uma situação difficilissima para o governo que se iniciava sob o nome dessa criança, ao peso de uma coroa que a sedeição arrancara da cabeça de seu pae.

D. Pedro I, já a bordo, quasi a partir, ouviu ainda o rumor das acclamações ao segundo imperio.

Mais que o oceano, separavam o pae do filho as vicissitudes politicas e o exilio que já começara para o primeiro imperador, então, pôde-se dizer, em terra extranha, porque pisava as taboas de um navio inglez.

Apeado do throno pela revolução, ia continuar na sua patria a agitação que encontrou no Novo Mundo; a viagem foi um intervallo ao vae-vem e ás tempestades politicas.

•O infortunio é fecundo em ensinamentos; e a chamma de uma lucta civil illumina mais do que a claridade tranquilla de muitos annos de paz; então os acontecimentos assumem feição nova; forças ainda intactas, caracteres ignorados, energias anonymas até á vespera, paixões invisíveis, sentimentos que actuavam surdamente, perdidos na multidão de outros mais apreciaveis, embora muito menos poderosos, revelam-se subitamente aos olhos do espectador; e quando se tem a calma e a força necessarias para desprender da emoção que estes acontecimentos despertam a lição e o exemplo que oferecem, não ha experiencia, por mais longa, que valha esta lição de cousas politicas, aprendidas no curto espaço de uma convulsão social.

Foi esta a escola primaria de D. Pedro II.

Não tirou logo, é certo, daquelles acontecimentos a sua philosophia. Ainda era cedo para isto.

Mas as impressões que então se gravaram na sua memoria, fecundadas mais tarde por este exame retrospectivo da intelligencia, voltando ao passado em busca de reflexões e de lembranças, foram para elle, incontestavelmente, mais uteis que as suggestões dos seus conselheiros ou as reflexões de suas leituras.

Começando sob tão graves auspícios o seu reinado, D. Pedro II tinha, entretanto, um ponto de apoio que faltou a seu pae: o sentimento genuinamente nacional.

O paiz, retalhado por sérias rivalidades entre brasileiros e portuguezes que adheriram á causa da Independencia, via então, com grande jubilo, á frente dos negocios publicos, um principe nascido no Brasil.

Uma das causas que mais decisivamente influíram sobre os insuccessos do primeiro imperio foi incontestavelmente a duvidade de D. Pedro I, entre os seus contreraneos e os seus subditos, tentando conciliar interesses oppostos, procurando, para assegurar as sympathias populares, contentar o sentimento brasileiro, sem desapegar-se, contudo, das sympathias que se originavam do berço.

Os seus adversarios exploravam esta tendencia com todos os exaggeros da furia partidaria, e não havia circumstancia que deixassem de aproveitar para fazer sentir ao povo a preferencia da Monarchia pelos portuguezes.

Basta recordar a agitação com que foi recebida no Rio a noticia da aggressão que soffreu no largo da Cariaca David Pamplona, vergastado por um soldado portuguez que lhe attribuiu um artigo publicado na *Sentinelilla*, sob o pseudonymo *Brasileiro resoluto*.

O facto foi acaloradamente discutido na Constituinte, e a opposição responsabilizou o Monarcha por esta aggressão feita aos brasileiros, na pessoa... de um portuguez. David Pamplona era natural dos Açores, mas nem por isto, naquella agitação, o facto perdeu, assim rectificado, a significação que a principio lhe deram.

D. Pedro II subiu ao throno sem o peso desta suspeita; era um rei brasileiro. Não lhe faltaram, apesar disto, grandes difficuldades no começo do seu reinado.

Installado o governo provisório regencial, composto do marquez de Caravellas, Francisco de Lima e Silva e Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, foram chamados para occupar de novo as suas pastas os ministros que D. Pedro I demittira.

Esta resolução prudente tranquillizou o espirito publico. O ministerio cuidou desveladamente da ordem.

Dispensando do exercito os extrangeiros, entregando as presidencias de provincias e os commandos das armas a homens que inspiravam confiança e, sobretudo, amistiando os presos politicos, o governo deu as providencias mais acertadas e urgentes que as circumstancias aconselhavam.

(Continua)

ACADEMICO QUE INSULTA

A proposito da "Genealogia" de Leoncio Gurgel

O INTELLIGENTE e estudioso sr. Leoncio Gurgel, publicando o seu ultimo trabalho, forneceu pretexto para que um illustre academico e jornalista e professor do Rio sobre elle, sobre o sr. Campos Salles, sobre o sr. Afonso Penna, sobre meio mundo, enfim, despejasse liberdades, phrases do ridiculo, periodos pesados e offensivos, que lhe são de uso e vezo, e que tanto lhe afeiam a intelligencia e o saber, nunca postos em duvida.

Esse homem, esse douto fundador da Academia de Letras do Brasil, com merecimento sobejante para a função de critico, não sabe e não pôde, entretanto, dirigir-se a qualquer dos que vivem fóra do circulo daquelles de que elle é *servical*, sem mostrar até com desabrimto.

Se alguém objecta, por mais polida que seja a linguagem de que se utilize, mais elle se enfurece, e descobre *irritação* onde só houve polidez.

Esse adjectivo *servical*, que lhe restituimos com a significação de — prestadio, obsequiador, — foi elle quem nos forneceu com pensamento, que certamente não foi esse, sendo por qualquer fórma uma — *pequice* ou uma — *cincada*, pelo menos (este palavriado é tambem gentileza do illustre fundador da Academia), pois quem firma este escripto nunca sequer trocou uma palavra com o sr. dr. Campos Salles, nunca lhe deu um voto (visto não ser eleitor) e nunca procurou approximar-se do illustre estadista.

O sr. dr. Campos Salles e eu nem nos conhecemos pessoalmente. Em qualquer situação da vida, podendo eu, ser-lhe-ia certamente *servical* (prestadio, obsequiador), que muito o merece o notavel brasileiro; pelas razões expendidas, porém, nunca o fui, havendo, pois, *pequice* ou *cincada* em por tal appellidar-se-me, entre outros maus intuitos, com o de depreciar o que escrevi.

Em meu escripto anterior, que, longe de ser *irritado*, só foi comprido em boas manciaras, unicas acceteiaveis entre homens cultos e educados, embora (e com maior força de razão por isso mesmo) em divergencia de opiniões, propositalmente deixei de considerar periodos asperos da critica feita ao livro do sr. Leoncio Gurgel pelo escriptor do *Jornal do Brasil*; e os motivos que tai proceder determinaram, subsistem ainda, que são os de respeito a quem me lê, de decoro proprio.

Não toquei em Basina, e della não tratarei por mais que me provoque a fazel-o o sabio fundador da Academia de Letras, que, talvez por tan-anha e tão merecida honra, leva a ridiculo os «historiadores de São Paulo», que ficam em calma de consciencia, por não sentirem pruridos de discutir pornographia.

Em meu anterior escripto, fitei apenas a questão de Meroveu, cuja existencia foi negada, com argumentos que não julguei valiosos e demonstrei não serem convincentes.

O illustrado critico do *Jornal do Brasil*, para negar categoricamente a existencia daquelle rei ou chefe franco, em seu artigo lançou mão de tres autoridades: Guizot, Jornandes e Cantú. Vejamos o que houve.

1.º — No que citou e transcreveu de Guizot, nisso mesmo que reproduzi fielmente, declarei não ver negação alguma do caso; e, com sincera doçidade e respeito, pedi uma lição de analyse.

O critico não tocou mais nesse ponto, quando agora voltou com a segunda aggressão, o que parece dar uma solução a meu favor.

2.º — Recusei reconhecer auctoridade em Jornandes, que, pelo que li e citei, não passou de um plagiario, de um *compilador indigesto e alargado de erros*.

O illustrado critico volta e escreve: «*Jornandes não é, decerto, um brilhante estylista, etc. Sua obra, alias, é resumo de outra maior, infelizmente perdida, e cujo auctor houteira sido Magno Aurelio Cassiodoro, famoso por sua copiosa erudição, etc.*»

Aqui, com referencia á minha segunda contestação, fica de pé o que eu disse que o sabio critico do "*Jornal do Brasil*", confirma pela fórma por que deixo transcripto.

Em meu primico artigo, escripto todo elle (criticado por longo) em horas tardas da noite, deante do que me trouxera o correio e com o empenho de aproveitar a volta da maã, disse eu que, «a taes horas desanimara no proposito de ler o latim de Jornandes, na minha collecção Nisard»; e, disso aproveitando, manda-me o illustrado critico ler a traducção, que alli se vê abaixo nas paginas. Para que e porque?

Não li Jornandes então, por julgar dispensavel fazel-o, mais me interessando no momento tirar a limpo a sua auctoridade como historiador. Não li a traducção, porque não preciso, porque posso ler em latim, de que aprendi bastante e sei um pouco, quanto chegue para dispensar o socorro dos *burros*, como chamam os estudantes ás traducções que dão a *cola*.

Tenho a collecção Nisard, como tenho tambem traducções portuguezas (Barrete Feio, Odorico Mendes, etc., etc.) por bibliographia, por dar apreço aos livros, por tel-os adquirido em dadas occasiões a preço commodo.

Não são só os fundadores da Academia de Letras que têm o direito de saber (e saberão todos elles?...) traduzir latim. Alguns *historiadores de S. Paulo* (pouco valor dando a esse insulso ridiculo) nunca precisarão de recorrer á indiscutida competencia desses omniscientes de má vontade, que mais parece serem *xingadores* de profissão.

3.º — A terceira auctoridade foi a de Csare Cantú, que reconhecemos effectivamente ser notavel e brilhante historiador, a despeito das grosseiras descachidas em que tambem se deixou colher. Não foi, porém, a auctoridade de Cantú o que contestámos.

O que nos mereceu reparo foi ver um escriptor, que faz praça de catholico apostolico romano, que produz conferencias, que zurze impiedosamente os adversarios de sua fé (e só muita honra lhe vá por isso), servir-se de uma edição *contrafeita de auctor condemnado pela Igreja*.

Revertendo, o illustre critico nos mimoseou com o termo *cincada*, em que declarou termos cahido. Pois a *cincada* é sua, delle só.

A edição que o fundador da Academia citou é *contrafeita*, affirmo, affirmo ainda, insisto em affirmal-o. Cantú nunca contractou a edição de sua *Historia Universal* com livreiro algum de Napoles; e o proprio critico, muito illustrado fundador da Academia de Letras do Brasil, no seu segundo artigo, diz:

«Os editores, com *maxima fidelidade*, respeitaram o texto do auctor, *reservando-se, como bons catholicos que eram, o direito de apostillar com sensatas notas, etc.*»

Ahi está uma prova cabal de minha asseveração; ha mais, porém: esses editores napolitanos *corrigiram* Cantú, que já estava condemnado, *para tornal-o mais vendavel*.

Se o douto critico e academico confrontar as duas edições, certificar-se-á de que a edição napolitana, essa de que serviu-se e que citou, só é de *maxima infidelidade*.

O Cantú «*não está no Indice publicado em 1901 por Leão XIII*», disse o sabio academico e critico; e declarou-me em *aleive*. Elle é que é aleivoso em assim dizer de mim, que bem sei que Csarc Cantú se penitenciou de suas heresias, *mas depois de ver seu livro condemnado desde 1859*.

Esta é a verdade; e, negando-a pela fórma por que o fez, o illustradissimo academico e critico *tampouco não demonstrou habilidade de sophista*.

Tenha paciencia; e não maltrate a quem contesta sem desconsideral-o, sem occultar e só evidenciando quanto o illustradissimo critico e academico tem de talentos muitos e de saber copioso. E' precisamente por isso que elle merece attenção aos *historiadores de São Paulo*. Se, além de asperismo que é, fosse um «chócho», deixal-o-iamos falar até que a lingua se lhe seccasse.

Não poderemos, comtudo, acompanhál-o, por fortes razões, muito outras: é que elle pôde melindrar a todos, satisfazendo a seu genio e a seus caprichos, sem incommodo algum, pois ainda ganha pelo que escreve; e nós precisamos de gastar para retrucar-lhe. E' bem de ver que nenhum prazer poderemos sentir, não ha satisfação que compense o trabalho de tratar com delicadeza *a nossa custa* a quem só põe empenho em *offender-nos á custa alheia*.

Fique consequentemente nisto o que tínhamos a dizer.

Outra desigualdade de condições devemos pôr em saliencia: nós, eu principalmente, que vivo em remota cidade do sertão, luctamos com o que temos na memoria ou nas nossas proprias estantes, e o livro é a mercadoria mais cara que ha; os illustres e sabios academicos vivem lá no Rio, no seio das Academias, ao lado das melhores e mais completas livrarias e bibliothecas, podendo fazer sciencia para o momento com facilidade, com rapidez, mesmo sem dispendio!

Estas considerações não seriam levadas em conta, quiçá mesmo teriamos grande gosto em gastar, adquirindo muitos mais livros e raros e caros, se a troca de tudo não colhessemos phrases de incabido debique, de immerecida indelicadeza, que as *corporações sabias de São Paulo* não ensinam a retaliar, nem as apreciam em jogu.

Ha poucos dias escreveu-me um amigo: «com o C. de L., a não ser com armas bem eguaes, nada de contendas». E o meu experiente amigo, vejo-o e sinto-o, tem completa razão, o que é para lastimar-se, porque com tal academico muito se poderia aprender em boa e alevantada discussão.

Basta! ..

Avaré, 8—6—1906.

DR. JOAQUIM JOSÉ DE CARVALHO

LIVROS NOVOS

Cardeal brasileiro

Das officinas Hennies Irmãos acaba de sahir um folheto, *O general Couto de Magalhães e a proclamação da Republica*, em que o director desta revista, sobrinho daquelle eminente brasileiro, responde ao artigo do sr. coronel Henrique Macedo, publicado no ultimo volume da *Revista* do Instituto Historico de S. Paulo.

— Entrou para o prelo a *Carteira de um jornalista*, tambem do dr. Couto de Magalhães.

— *O Positivo* é o titulo de um folheto, em que o sr. J. M. Farias, de S. José dos Campos, enfcixou diversos artigos e poesias de sua lavra.

Cratos, pelo exemplar.

— *O rio Tiete perante a historia e a legenda* é como se intitula um trabalho do nosso illustre collaborador dr. Estevam Leão Bourroul, que o escreveu especialmente para auxiliar as obras da nova Matriz do Braz.

Foi proposto para socio do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o cymo. arcebispo do Pará, D. José Marcondes Homem de Mello.

No dia 27 do corrente, S. Paulo vai ter a honra de receber a visita de sua eminencia o cardeal D. Joaquim Arcoverde, arcebispo do Rio de Janeiro.

Sua eminencia, depois de pequena permanencia nesta capital, seguirá para Itú, onde vai assistir ás festas em honra de S. Luiz, no respectivo Collegio.

Tanto nesta capital, como em Itú, preparam-se grandes festas em homenagem ao illustre cardeal brasileiro, a quem o *Album Imperial* antecipa seus respeitosos cumprimentos de boas-vindas.

Foram elevados a arcebispados os bispados do Pará e Marianna, sendo nomeados, respectivamente, arcebispos ss. exas. rvmas. D. José Marcondes Homem de Mello e D. Silverio Piementa.

O arcebispo do Pará será sagrado em Roma, no proximo dia 24.

ANNO I

S. PAULO, 5 de julho de 1906

NUM. 13

ALBUM IMPERIAL

QUINZENARIO POLITICO E LITERARIO

Director: Couto de Magalhães



D. J. G. de Magalhães.

DOMINGOS JOSÉ GONÇALVES DE MAGALHÃES

Visconde de Araguaya



É FACIL não é discorrer sobre quem teve, numa larga vida de septuagenario, os louvores de amigos, de par com a detracção de rivaes: — Gonçalves de Magalhães empunhou por algum tempo o sceptro das nossas letras, e, como já conceituava, em 1705, Manoel Botelho de Oliveira, não ha rei sem corôa, nem corôa sem espinhos. . .

A proeminencia de sua figura resultou, em grande parte, da admiração e do carinho de D. Pedro II por aquelle que foi um dos primeiros arautos do romantismo no Brasil; mas o sol dessa gloria teve um breve declinar, e hoje o Visconde de Araguaya preoccupa os eruditos apenas como — representativo medalhão de um periodo da nossa historia literaria.

O publico legente mal conserva delle a poesia do *Waterloo*, escurecendo-lhe o nome José de Alencar e Gonçalves Dias, que souberam captar as sympathias populares.

Por conta do Monarcha foi tirada a edição *princeps* da *Confederação dos Tamoyos*, pois D. Pedro II nunca negou aos bons talentos a generosa mão de um novo Augusto. De seu bolso particular sahiem os auxilios a escriptores e artistas, ao passo que actualmente as subvenções, nem sempre bem applicadas, correm pelo thesouro dos Estados cu da União. E sabemos quantas dezenas de contos annualmente se escôam na aquisição de infames livros de leitura escolar, ora mal escriptos, ora feitos a tesoura e grude. . . Desta sorte, num paiz como o nosso, onde nenhum manejador da penna della pôde viver, por mais merecimento de que seja portador, observa-se o extranho caso de ganharem de sobra os nullos escrevedores de historias infantis, que conseguem impingir ao governo edições inteiras de milhares e milhares de volumes. E. . . roubado fica o contribuinte para o triste fim de animar a industria pedagogica de fancaria.

Quando ao Imperador outros titulos de benemerencia não coubessem, bastaria a consideração e estimulo que dispensou aos homens illustres de sua época, geralmente reunidos então no *Instituto Historico*. O *Instituto* foi uma especie de *Academia* do segundo reinado, — mais aristocratica e menos esteril do que a fundada na Republica.

A' mesa do Monarcha sentavam-se os luminares da época. Gonçalves de Magalhães, que lhe consagrou seu poema epico, recebeu delle o titulo de Visconde de Araguaya; como Manoel de Araujo Porto-Alegre, o de Barão de Santo Angelo. E este dedicou tambem ao chefe da nação os quarenta cantos do *Colombo*, estragado pela diffusa erudição, mas onde se nos deparam bellezas e ouro de superior quilate. Com semelhante apreciação do livro, mais não fazemos que repetir os dizeres de uma carta que D. Pedro II escreveu ao Visconde de Sapucahy, Candido José de Araujo Vianna, de quem, modestamente, *discipulo e amigo* se confessava. Outro cultor das letras a quem o Im-

perador igualmente muito prezou foi Cactano Lopes de Moura, seu pensionado na Europa. Dessa alta roda ainda fazia parte Joaquim Norberto de Souza e Silva, e mais Francisco de Salles Torres Homem, que, de *Timandro*, do *Libello do povo*, passára a *Visconde de Inhumirim*.

Tacs informações se tornam interessantes para quem projecta a reconstrucção historica de um certo *meio*, que é sempre a moldura necessaria ao destaque de qualquer figura.

* * *

Gonçalves de Magalhães teve uma educação francamente clerical, havendo, como o Barão de S. Felix e outras notabilidades, cursado as aulas de philosophia do franciscano Francisco de Montalverne, cuja biographia escreveu depois com os entusiasmos de um discipulo reconhecido. Desde então, a metaphysica grudou-se-lhe, para todo o sempre, ás idéas, sem que a pudesse diluir nem mesmo a lavagem, accentuadamente acida, do curso medico. Das tendencias ontologicas de quem, talvez por causa dellas, foi nomeado professor de philosophia, logo que, em 1838, se converteu o antigo Seminario de S. Joaquim no *Imperial Collegio de D. Pedro II*, são os *Factos do Espirito Humano* o mais expressivo monumento. Publicados em 1858, constituem o primeiro trabalho philosophico escripto por um brasileiro na lingua portugueza, e ainda mal accomodada a esse genero de estudos. Pertencem á mesma esphera *A Alma e o Cerebro* e depois *Commentarios e Pensamentos*, edição romana de 1890, e derradeira locubração do auctor, dedicada ao filho, que elle procurava afastar das theorias positivistas, cuja propaganda por esse tempo ia começando no Brasil.

Tão diversa é hoje a orientação geral das intelligencias, que fóra a analyse de tacs obras um cansaço esteril para o critico e seus leitores. Nenhuma lição util se pudera extrahir desses estudos, que a tantas gerações inutilmente preoccupou. Os problemas de causas e origens — a unica solução que ainda admittem é a da te ingenua e viva.

* * *

O melhor titulo com que Magalhães figura na historia literaria da nossa terra é o de ter sido aqui o iniciador *systematico* do romantismo. Competiu-lhe, para nós, um papel correspondente ao de Garrett no velho reino; mas esse mesmo simile só serve para fazer resaltar a superioridade do lusitano sobre o brasileiro.

Como quasi todos os chefes romanticos nos demais paizes, Magalhães tambem fez o pregão ou manifesto da nova escola; que assim podemos considerar seu discurso de 1836 na revista *Nictheyay*, sobre a *Historia da Literatura do Brasil*. Estava o escriptor na inexperiencia dos vinte e cinco annos; mas

ahi já delineava o roteiro de sua existencia, que, verdade seja, conseguiu levar até ao fim.

Iniciador foi elle, repetimol-o; e, « como todos os iniciadores, chefe; ao menos por um momento », até que outros lhe tomaram o bastão do commando.

Para maior conhecimento do nosso escriptor, reproduziremos as idéas essenciaes que elle emittiu naquelle discurso; e não será sem agrado que se leiam, mais uma vez, as conhecidas palavras do seu exordio, onde se percebe a gravidade da arte classica, de que o Visconde de Araguaya, apesar de todos os esforços, como Castilho, jámais conseguiu libertar-se:

« A literatura de um povo é o desenvolvimento do que elle tem de mais sublime nas idéas, de mais philosophico no pensamento, de mais heroico na moral, e de mais bello na natureza; é o quadro animado de suas virtudes e de suas paixões, o despertador de sua gloria e o reflexo progressivo de sua intelligencia; e quando esse povo, ou essa geração, desaparece da superficie da terra com todas as suas instituições, crenças e costumes, escapa a literatura aos rigores do tempo para annunciar ás gerações futuras qual fora o caracter e a importância do povo, do qual é ella o unico representante na posteridade. Sua voz como um echo immortal repercute por toda a parte e diz: em tal época, debaixo de tal constellação, e sobre tal ponto do globo, existia um povo, cuja gloria só eu a conservo, cujos heróes só eu os conheço; vós, porém, se pretendis tambem conhecê-lo, consultae-me, porque eu sou o espirito desse povo e uma sombra viva do que elle foi ».

Assenta depois o auctor este principio, que foi uma das bases do romantismo:

« Cada povo tem sua literatura propria, como cada homem seu caracter particular, cada arvore seu fructo especifico. » Mas a nacionalisação literaria não se realisou logo para nós, porque « o Brasil jazeu tres seculos esmagado debaixo da cadeira de ferro em que se recostava um governador colonial, com todo o peso de sua insufficiencia e de seu orgulho »; e « as sciencias, a poesia, as bellas artes, filhas da liberdade, não são partilhas do escravo: irmãos da gloria, fogem do paiz amaldiçoado onde a escravidão rasteja ».

Já então lhe despontava, como aos brasileiros contemporaneos do 7 de setembro, a antipathia pela ex-metropole, levando-os á rehabilitação do selvagem, de que se adoptaram muitos nomes proprios; e temos disso um bom exemplo no Visconde de Jequitinhonha, que, chamado primeiro Francisco Gomes Brandão Montesuma, *chrisinou-se*, depois de proclamada a Independencia, em Francisco Gê Acaiaaba de Montesuma. Essa moda denotava, nas relações particulares e praticas, uma corrente indianista, que mais tarde tambem se revelou nas letras.

Dizia Gonçalves de Magalhães: « Não se pôde li-sonjar muito o Brasil de dever a Portugal sua primeira educação; tão mesquinha foi ella, que bem parece ter sido dada por mãos avaras e pobres ».

O ataque ao classicismo dahí a pouco se formula, categorico e formal:

« Vieram todos os deuses do paganismo, espalhar-se pelo Brasil, e dos céus, e das florestas e dos rios se apoderaram ». « Em poesia requer-se, mais que tudo, invenção, genio e novidade ». Verbera, pois, os que, por imitação, « tomam por um rouxinol o sabiá que gorgeia entre os galhos da laranjeira ». Foi, portanto, Magalhães quem fez primeiro do *sabiá* um symbolo de nacionalidade, e o contrapoz ao rouxinol... portuguez. Depois, voltando os olhos para os nossos

autochtones, intentou a sua glorificação no trabalho « Os indigenas do Brasil perante a historia », de 1859.

Creança por occasião das luctas da Independencia, tornou-se injusto nativista; catholico pela educação, abeberado, ainda, de Lamartine e Chateaubriand, pro-screveu das letras as imagens pagans. Tacs são as influencias que explicam satisfactoriamente a sua individualidade, aliás muito complicada.

Se a effervescencia do 7 de setembro nos consolidou o sentimento da patria, esse sentimento já tinha patentemente germinado, um seculo depois de Cabral, entre os netos dos primeiros colonisadores, sob o forte estimulo da resistencia á cubiça estrangeira.

Data dahí a reacção contra os *emboabas*, *masca-tes* ou *forasteiros*; e, dentro em pouco, Manoel Botelho de Oliveira inicia, com a escola bahiana, o *nativismo descriptivo* de que nos fala Sylvio Romero. Continuam-no Fr. Itaparica, Durão e Fr. Francisco de S. Carlos. O mesmo Durão, no *Caramuru*, e mais Basilio da Gama, no *Uruguay*, representam, por outro lado, o *indianismo* classico, de que trata José Verissimo. Por conseguinte, a Magalhães cabe apenas o titulo de haver sido o *theorista* de uma corrente já avolumada, mesmo dentro do paiz.

Para Innocencio Francisco da Silva, os meritos do Visconde de Araguaya, de si grandes, foram realçados por uma circumstancia mais que muito atendivel — a da *prioridade*; visto haver sido o joven poeta o primeiro adepto brasileiro convertido á nova fé literaria. « Como a Garrett, concorreu para esse facto a sua migração de 1833, pois dirigiu-se para Italia e França, ávido de maior instrucção, e fugindo ás commoções politicas que durante alguns annos agitaram as nossas plagas, e arriscaram por vezes a integridade da nascente soberania, base ou condição essencial de sua futura grandeza ». E, exaggerando tal prioridade, continúa Innocencio: « Anteriormente a 1823, o Brasil pôde em verdade ufanar-se de contar entre os seus filhos escriptores benemcritos; porém esses... nasceram e morreram portuguezes e disso se presaram... O desenvolvimento literario do Brasil, por todo aquelle tempo, não podia ser senão o reflexo do de Portugal... »

Na época em que o ascendente da escola romantica e os elementos da nascente nacionalidade se deram as mãos, cumpre fixar o periodo inicial da literatura brasileira. E é sob este aspecto que ao sr. Magalhães pertence... o brazão e prerogativa de primeiro poeta da sua nação. »

O certo é que a 1836 remonta a publicação dos *Suspiros poeticos*, obra capital do lyrismo do novo cantor, que foi saudado por Torres Homem na *Revista Brasiliense*, daquelle mesmo anno; da qual extrahimos as seguintes palavras: « Desde os principios do seculo actual, uma grande reacção começou a abalar os antigos fundamentos do reino mysterioso das Musas. O vago das lembranças do berço da civilisação moderna, os sublimes pensamentos do Christianismo, a simplicidade das scenas da natureza, que tão tocantes relações offerecem com as miserias do nosso coração, pareceram uma fonte de emoções mais delicadas e verdadeiras que os engenhosos sonhos da antiguidade ». E o critico não se enganou quando disse: « Esta producção de um novo genero é destinada a abrir uma nova era á poesia brasileira. »

Lendo agora as decantadas composições, encontramos ahi frequentes quadros estrangeiros (o vate andava longe de sua terra) e uma insupportavel preoccupação *moralizante*, mais propria de pregador sagrado...

Maior interesse, ou sympathia, nos desperta o

lyrismo de Magalhães na intimidade, como o dos *Mysterios*, cantico funebre a tres filhos, e o de *Urania* (anagramma de *Januaria*), preito a una esposa idolatrada.

Discipulo de Montalverne, que, poucos dias antes do 7 de abril, pelo anniversario da velha Constituição, previa e como que justificava, solememente, do pulpito, a rebellião imminente, Magalhães, como outros tantos clericos, deixou-se tambem imbuir do espirito liberal que andava nas correntes de sua época. E assim se revelou na tragedia *O Poeta e a Inquisição*, representada no Rio de Janeiro, a 13 de março de 1838, desempenhando o papel de protagonista o celebre actor João Cactano dos Santos.

Para Sylvio Romero, ella não passa de um desconcerto perpetuo, trabalho incolor, sem vida, sem acção, sem um só typo verdadeiramente accentuado. Conserveu-se deste trabalho apenas a maxima: « Nasce de cima a corrupção dos povos ». Não sabemos se este grito da mocidade seria mais tarde repetido pelo Visconde de Araguaya, nem pelo de Inhomirim, que tambem o desafogou no *Libello do povo*.

Como nota Sylvio Romero, es romanticos haviam banido a tragedia, e o poeta, abandonando por ella o drama, mostrou-se ainda influenciado por uns restos de espirito classico.

Foi esse archaismo inconsciente que empurrou ainda Gonçalves de Magalhães para a epopéa, na *Confederação dos Tamoyos* (1856). « O romantismo, como poesia das sociedades novas, deixara de alimentar o poema epico, só admissivel na civilização occidental até ao seculo XVI », e, desde então, substituido pelo romance, idealização da vida domestica, que a antiguidade desconhecera.

O assumpto do Visconde de Araguaya foi habilmente escolhido na época da conquista, quando as tribus indigenas pelejavam ainda com ancia pela conservação da propria independencia. Ell-o magistralmente exposto por Carlos de Laet:

« Aos francezes, que tentavam estabelecer-se nesta nossa bahia de Guanabára, colligaram-se os Tamoyos Conciliados pela habilidade do recente invasor, os indigenas constituam um perigo formidavel para os portuguezes. De uma e de outra parte faziam-se temerosos aprestos. O sangue humano ia correr a jorros. Ora, foi nestas conjuncturas que o *frade estrangeiro* José de Anchieta se offereceu para desarmar com a palavra o indio offendido e vingativo. Southey, o historiador insuspeito, porque era protestante, opina que « de mais perigosa embaixada nunca ninguem se encarregára ».

Anchieta parte em um navio do genovez Francisco Adorno. Veleja para Ubatuba, que naquelle tempo se dizia Iperoig. Quando o barco se approximava da costa, estava ella coalhada de gente feroz e embravecida... Tomam os indios canoas e dispõem-se a aggreir o navio de Anchieta. O *frade estrangeiro* aparta-se dos seus e apresenta-se sósinho. Como arma unica, eleva bem alto o Crucifixo, a imagem do sacrificio resignado, ensinando aos homens todas as resignações no sacrificio. Deante desse homem, tão sereno em sua fraqueza corporea, hesitam as coleras mais impetuosas. Consentem-se em ouvi-lo, o que já

era meia victoria para a causa da boa razão. Ouvem-no. Celebra-se o armisticio. Confiado na lealdade daquelles filhos da natureza, o padre deixa-se levar por elles, e entre elles permanecce como refem. Tamanha coragem subjugou, conquista a admiração dos bravos; tamanha doçura angaria a afeição dos mais desconfiados. Celebra-se finalmente o pacto... Estava frustrada a machinação dos novos invasores, estava salva a incipiente America Portugueza ».

Apesar do prestadio do assumpto, o Brasil ainda não podia ter uma epopéa, que, segundo Gaston Paris, suppõe em um povo uma faculdade poetica notavel e o sentimento vivo do concreto, o que lhe dá o poder de *personificar suas aspirações*; ella necessita de apoiar-se em uma nacionalidade fortemente enraizada e não se desenvolve senão em circunstancias historicas particulares, *exigindo tradições e cantos conservados na memoria popular*. Em resumo, « a epopéa mais não é do que a poesia nacional desenvolvida e centralisada (como em Camões). Toma a esta a inspiração, os herões e as narrações, coordenando tudo em um vasto conjuncto ».

A luz scientifica deste criterio assentado pela maior auctoridade no genero, ninguem dirá que Magalhães fez ou pudera fazer uma verdadeira epopéa.

Suscitou a *Confederação dos Tamoyos* a critica acerba de José de Alencar em uma série de cartas que inseriu no *Diario do Rio de Janeiro*, assignadas por *Ig*. Respondeu-lhe *Um amigo do poeta*, em artigos publicados no *Jornal do Commercio*, sob o titulo *Reflexões*, e que se afirma traçados pela régia mão.

O apreço que D. Pedro li dava a essa obra se manifesta em outro facto. Foi ella um dos poemas que o Imperador expoz na festa do Instituto Historico, a 31 de outubro de 1889, em homenagem á nação chilena; e estava luxuosamente encadernada.

Larga base tinha a reciproca amizade de um e de outro; mas, deixando de parte quizesquer motivos de ordem pessoal, recordarmos os serviços que Magalhães prestou ao Imperio na difficil occasião que, como nosso ministro, serviu junto á Santa Sé, resolvendo com a Curia romana as questões suscitadas pelo processo e prisão dos bispos.

No romance, a infeliz tentativa da novella *Amanha* (1844) seria indigna de figurar mesmo como trabalho que fosse de um principiante.

Apesar das posições que occupou e dos meics em que viveu, o Visconde de Araguaya nunca passou de uma intelligencia, ora mais, ora menos, prosaica. Quiz ser altiloquo, ainda nos menores assumptos, e desprezou a rima, como em geral os poetas de sua geração. Segundo a justa expressão de Sylvio Romero, o *Napoleão em Waterloo* resultou de um momento psychologico unico na vida do seu auctor. Tem jaças; mas é um diamante, solitario na corôa daquelle que por algum tempo foi o principe das nossas letras...

Sylvio de Almeida.

Domingos José Gonçalves de Magalhães

VISCONDE DE ARAGUAYA

FILHO de Pedro Gonçalves de Magalhães Chaves e nascido na cidade do Rio de Janeiro a 13 de agosto de 1811, falleceu em Roma a 10 de julho de 1882, sendo enviado extraordinario e ministro plenipotenciario do Brasil junto a esta corte; grande do Imperio; do conselho do Imperador; cavalleiro da ordem do Cruzeiro, commendador da ordem da Rosa e da de Christo; da ordem napolitana de Francisco I e da do Merito; socio do Instituto Historico e Geographico brasileiro e de outras associações de lettras. Graduado em medicina pela antiga faculdade do Rio de Janeiro, em 1832, fez em 1834 uma viagem a Europa, como addido a legação brasileira em Paris.

De volta a patria, serviu no Maranhão o cargo de secretario do governo e depois o mesmo cargo no Rio Grande do Sul, então em convulsões politicas, sendo, depois de pacificada esta provincia, eleito seu representante na legislatura de 1845 a 1848 e antes de ahi servir nomeado lente de philosophia do collegio de Pedro II. Dedicando-se desde 1847 a carreira diplomatica, foi encarregado de negocios nas côrtes de Turim e Napoles; depois ministro residente em Vienna d'Austria; da-hi passou em 1867, como enviado extraordinario e ministro plenipotenciario, aos Estados-Unidos da America do Norte; em 1871 foi em missão especial a Buenos-Aires; em 1873, em igual missão ao Paraguay, para celebrar os tratados com o general Mitre; finalmente, serviu como ministro junto a Santa Sé, resolvendo as questões pendentes entre o Imperio e a curia romana, por occasião da questão religiosa.

Foi um dos mais notáveis poetas do Brasil, o chefe de nossa escola poetica, como alguns o designaram, e escreveu:

— *Poesias*. Rio de Janeiro, 1832, in-8.º — São suas primeiras composições dos tempos de estudante.

— *Episodio da infernal comedia, ou viagem ao inferno*. Inferno na rua do Fogo, canto da do Sábão, 1836. — Sabe-se que esta obra viu a luz em Paris. É uma satyra escripta por Magalhães, quando esteve addido a legação de Paris, depois de desgostos que teve com o chefe da legação brasileira. Ha neste escripto umas notas em prosa que são attribuidas, assim como o prefacio, a Manuel de Araujo Porto-Alegre, amigo intimo do auctor.

— *Suspiros poeticos e saudades*. Paris, 1836, in-8.º. Segunda edição mais correcta e augmentada com quatro cantos. Paris, 1859. A maxima parte destas poesias foram escriptas na Italia, e o autographo dos *Suspiros poeticos*, encontrado na Bahia, foi com outros escriptos remetido pelo presidente da provincia para a exposição de historia patria, effectuada na bibliotheca publica da corte. Neste interessante livro, em que o poeta se inspirou na sublime majestade do christianismo, reúnem-se, segundo a expressão do conego Fernandes Pinheiro, o sentimentalismo de Lamartine, a suave melancolia de Chateaubriand, a vigorosa imaginação de Byron ou Victor Hugo, as graves meditações de Schiller e de Goethe.

— *Nictitery*: revista brasileira, Sciencias, lettras e artes. Paris, 1836, in-8.º. De collaboração com F. de Salles Torres Homem, M. de A. Porto-Alegre e E. Monglar. Desta revista citei os dous seguintes trabalhos seus:

— *Ensaio sobre a historia da literatura do Brasil* 2.º — no tomo 1.º, pag. 132 a 159.

— *Philosophia da religião e sua relação com a moral* — no tomo 2.º, pag. 7 a 38.

— *Antonio José* ou o poeta e a inquisição: tragedia. Rio de Janeiro, 1839, 118 pags. in-8.º. Esta tragedia, cujo assumpto é o horroroso assassinato catholico-juridico do desditoso poeta, é o primeiro drama, se me não engano, de assumpto brasileiro e de penna brasileira. No original acha-se a seguinte declaração do auctor: «Acabei este drama em 31 de dezembro de 1836, às 11 da noite, em Bruxellas.»

— *Olgina*: tragedia em cinco actos. Rio de Janeiro, 1841, 128 pags. in-8.º. Foi levada a scena pela primeira vez a 7 de setembro de 1839, na restauração do theatro de S. Pedro de Alcantara.

— *Othelo* ou o mouro de Veneza: tragedia de Ducis. Tradução. Rio de Janeiro, 1842, in-8.º

— *Anancia*: romance — Vem na «Minerva Brasileira», ns. 9 e 10 do 1.º vol., 1844.

— *Ode á Sua Majestade o Sr. D. Pedro II*, imperador do Brasil, na visita que se dignou fazer á provincia do Rio Grande do Sul, etc. Porto-Alegre, 1845, in-4.º

— *Os mysterios*: cantico funebre á memoria de meus filhos. Paris, 1858, in-8.º. *Os mysterios* foram escriptos por occasião da morte de tres filhos do auctor. Dividem-se em oito cantos: A morte; Lamentações; Recordações dolorosas; O lethargo; A visão; A consciencia; A duvida; A fé. Seguem-se tres epitaphios, que foram gravados sobre a pedra sepulcral dos tres meninos.

— *Confederação dos Tamoyos*; poema. Rio de Janeiro, 1857, in-4.º. Contem dez cantos e a edição, nitidamente feita a expensas do Imperador, traz na frente o retrato do auctor.

Após a publicação, appareceu no *Diario do Rio de Janeiro* uma critica severa numa serie de cartas, depois publicadas em opusculo, assignado por Ig (pseudonymo de José Martiniano de Alencar); mas não menos de tres admiradores do auctor sahiram a campo em defesa do seu livro, no *Jornal do Commercio* e no *Correio da Tarde*, sendo um destes Frei Francisco de Monte Alverne. A critica, portanto, não abalou a reputação de poeta, nem offuscou o merito do livro, que teve duas versões para o italiano, feitas pelo coronel Ricardo Cerani e pelo dr. S. V. de Simoni, e uma nova edição em Coimbra, em 1864, feita pelo dr. Rodrigo Veloso. Diz Monte Alverne que «o poema em geral contem uma idea nobre e um pensamento altamente patriótico; está orvalhado de immensas bellezas; revela estudos profundos e traços de uma imaginação brilhante e fecunda. Suas comparações em geral são verdadeiras e bem apropriadas; o fogo e a energia d'alma aquecem todo o poema; o coração do auctor acha-se em toda sua obra; a patria está sempre deante dos olhos...» Vejam-se Frei Francisco de Monte Alverne e José Martiniano de Alencar. *A Confederação dos Tamoyos* foi um dos poemas brasileiros que o Imperador expoz na festa do Instituto Historico, a 31 de outubro de 1889, em homenagem á nação chilena, ricamente encadernados,

endo na folha anterior as bandeiras do Brasil e do Chile, com suas côres distinctivas.

— *Memoria historica* e documentada da revolução da provincia do Maranhão, desde 1838 até 1840 — Sahiu na *Revista* do Instituto, tomo 10.º, de pag. 263 a 362. Esta memoria, dividida em 36 capitulos, começa por uma noticia dos usos e costumes do Maranhão e do estado da provincia antes da revolução, e foi premiada pelo mesmo Instituto.

O auctor a escreveu quando servia o lugar de secretario do governo da provincia.

— *Os indigenas* do Brasil perante a historia: memoria offercida ao Instituto Historico e Geographico em 1859 — Sahiu na mesma *Revista*, tomo 23.º, de pag. 3 a 66, e, se me não engano, foi tambem publicada em avulso em 1860.

— *Urania*: poesias. Vienna, 1862 — Este volume consta de poesias lyricas, pelo auctor dedicadas á sua esposa.

— *Factos do espirito humano*. Paris, 1858, in-8.º Segunda edição, Paris, 1865. Apenas publicada pela primeira vez, foi esta obra traduzida em francez e dada á estampa em Paris por N. P. Shansselle, em 1859. Delia occupou-se o dr. Sylvio Romero em sua «Philosophia no Brasil».

— *Obras completas*. Vienna, 1864-1865, 8 vols: — a saber:

— 1.º *Poesias avulsas*, 368 pags. Consta das que compõem o volume publicado em 1832 e de outras, posteriormente escriptas.

— 2.º *Suspiros poeticos e saudades*. 361 pags. preccididos de um artigo publicado em Paris, em 1836, de F. de S. Torres Homem.

— 3.º *Tragedias*: Oligiatio; Antonio José; Othello. 363 pags.

— 4.º *Urania*: 344 pags.

— 5.º *Confederação dos Tamoyos*: 354 pags.

— 6.º *Canticos funebres*: Os mysterios; O louco no cemiterio; A morte de Socrates, poema traduzido de Lamartine, 348 pags.

— 7.º *Factos do espirito humano*, philosophia; 401 pags.

— 8.º *Opusculos historicos e literarios*: Memoria historica da revolução da provincia do Maranhão; Os indigenas do Brasil perante a historia; Discurso sobre a literatura no Brasil; Biographia de Frei Francisco de Monte Alverne; Amancia, romance, etc. 397 pags.

— *A alma e o cerebro*: estudos de psychologia. Roma, 1876, 436 pags. in-8.º Sobre este livro diversas criticas appareceram, sendo mais severa a do dr. Sylvio Romero, em sua «Philosophia no Brasil».

— *Commentarios e pensamentos* sobre varias questões philosophicas que dedica a seu filho. Roma, 1880, in-8.º E' seu ultimo escripto. Nolle combate o auctor as novas doutrinas positivistas, de que procura arredar seu filho. Este livro teve nova edição no Rio de Janeiro, 1888, 164 pags. in-8.º Aham-se em varias revistas alguns dos escriptos de Magalhães, quer em prosa, quer em verso, como:

— *Ode pindarica* ao segundo anniversario do glorioso dia sete de abril, recitada na Defensora — Vem no *Independente*, n. 162, de abril de 1833, pag. 24 a 29.

— *O poeta infeliz*: poesia — Na *Revista Universal Brasileira*, Rio de Janeiro, 1847-1848, pag. 53 a 55. Magalhães collaborou na *Minerva Brasileira* e fez parte da redacção do *Jornal dos Debates* politicos e literarios. Rio de Janeiro, 1837-1838, in-fol. (Veja-se Francisco de Salles Torres Homem).

(Do Dic. Bibliographico Brasileiro, de Sacramento Blake)

Napoleão em Waterloo

Sylvio Romero (*Historia da literatura brasileira*, v. II, pag. 704) classifica a ode *Napoleão em Waterloo*, de Magalhães, «uma das produções mais clovadas da lingua portugueza». Eis os seus trechos principaes:

Waterloo!... Waterloo! Lição sublime
Este nome revela á Humanidade!
Um oceano de pó, de fogo e fumo
Aqui varreu o exercito invencivel,
Como a explosão outr'ora do Vesuvio
Até seus tectos inundou Pompa...

O pastor que apascenta seu rebanho,
O cervo que sanguineo pasto busca,
Sobre o lção de granito csvoaçando;
O echo da floresta e o peregrino
Que indagador visita estes logarcs:
Waterloo!... Waterloo!... dizendo passam...

Sim, aqui stava o genio das victorias,
Medindo o campo com seus olhos de agua!
O infernal retintim do embate d'armas,
Os trovões dos canhões que ribombavam,
O sibilo das balas que gemiam,
O horror, a confusão, gritos, suspiros,
Eram como uma orchestra a seus ouvidos!
Nada o turbava! Abobadas de balas,
Pelo inimigo aos centos disparadas,
A seus pcs se curvavam respeitosas,
Quaes submissos leões; e, nem ousando
Tocal-o, ao seu ginete os pcs lambiam...

Oh! porque não venceu? O Anjo da gloria
O hymno da victoria ouviu tres vezes;
E tres vezes bradou: E' cedo ainda!
A espada lhe gemia na bainha
E inquieto relinchava o audaz ginete,
Que soia escutar o horror da guerra
E o fumo respirar de mil bombas.
Na pugna os esquadrones se encarnicavam;
Roncavam pelos ares os pelouros;
Mil vermelhos fuisis se emmaranhavam;
Encruzadas, espadas e as baionetas
E as lanças faiscavam retinindo.
Elle só impassivel como a rocha,
Ou de ferro fundido estatua equestre,
Que invisivel poder magico anima,
Via seus batalhões cahir feridos,
Como muros de bronze, por cem raios;
E no céu seu destino decifrava...

Grouchy, Grouchy, a nós, eia, ligeiro,
Ah! não deixes teus bravos companheiros
Contra a cnchente luctar, que mal vencida
Uma após outra em turbilhões se cleva,
Como vagas do oceano encapellado,
Que furibundas se alçam, luctam, batem
Contra o pnedo, e como em pó recuam,
E de novo no pleito se arremessam...

Eil-o sentado em cima do rochedo,
Ouvindo o echo funebre das ondas,
Que murmuram seus canticos de morte ;
Braços cruzados sobre o largo peito,
Qual naufrago escapado da tormenta,
Que as vagas sobre o escolho rejeitaram ;
Ou qual marmorea estatua sobre um tumulo,
Que grande idéa occupa e turbilhona
Naquelle alma tão grande como o mundo ?



Os funeraes de D. Pedro II

O prestito funebre

II

NÃO podemos infelizmente fazer senão uma idéa geral da solemnidade que a população de Paris hontem presenciou. Dos seus innumerados detalhes não nos chegamos senão os que mais devem ter commovido os nossos correspondentes, todos brasileiros pela patria ou pelo coração, isto é — o lado moral da grandiosa manifestação, feita, digamos logo a verdade, em honra do Brasil. Naquelle momento elles não tinham olhos para observar o conjunto de um espectáculo que, entretanto, deve ter sido da ordem desses que nunca mais pôde esquecer quem os viu. Para elles a scena revestia um caracter de grandeza antithetica; elles acompanhavam-na antes com a imaginação posta em todos os seus profundos contrastes do que com a admiração a que a vista mal poderia furtar-se. Por fortuna nossa, houve ainda conselheiros do estado, servidores da antiga casa imperial e altos funcionarios da Monarchia em numero bastante para tomarem os cordões do feretro, fazendo assim crer ao mundo que o abandono do soberano desthronado pelas creaturas de que elle se havia mais de perto cercado não fóra tão completo quanto se podia imaginar. Ainda sem elles o funeral teria assumido a feição de uma demonstração nacional, porque, os telegrammas nos referem, não faltaram no Hotel Bedford brasileiros de todas as classes para assumir a responsabilidade do luto publico pelo Imperador, mas é consolador ver que os representantes da nossa nacionalidade no prestito que hontem atravessou Paris foram tirados do numero dos servidores a quem essa honra teria tocado se elle tivesse morrido no fastigio do throno. Dentre elles, pela sua posição politica, todos destacaram aquelle mesmo que na ultima hora, quando ainda se desconheciam as intenções e o alcance do pronunciamento da manhã, elle accitára para seu ministro Gaspar da Silveira Martins. O telegrapho nos representava hontem a tempera de ferro do tribuno rio-grandense estalando em lagrimas de dôr perante os rostos inanimados do seu companheiro de exilio. Ninguém melhor do que elle, actor e espectador a um tempo, poderá contar aos seus patrios as emoções de um coração profundamente brasileiro durante a jornada de hontem. Dias antes, se não houvesse terminado a revolução de sua varonil provincia, que tantas horas de anciedade lhe deve ter causado no estrangeiro, o seu espirito formado em Plutarcho teria associado instinctivamente áquelle acontecimento a lembrança dos funeraes de Alexandre. Passado, porém, o eclipse da unidade nacional, só elle nos poderá

dizer se prevalecia no seu pensamento durante a triste marcha a esperança de um futuro consolidado ou o irresistivel presentimento de uma desaggregação fatal. Postas de lado, porém, todas as contingencias reservadas ao nosso paiz, a recordação do passado devia no meio de todo aquelle panorama extranho inspirar aos leaes servidores da Monarchia proscripta os mesmos sentimentos retrospectivos.

Para a massa incalculavel dos assistentes aquelle funeral era apenas um grandioso espectáculo. O morto Imperador não era um personagem que roubasse com o seu desaparecimento, como Thiers, um grande elemento pessoal de força a um partido politico, nem que privasse do seu melhor guia um reinado aventureoso, como o duque de Morny, ambos conduzidos naquelle mesmo coche.

Em torno dos seus despojos mortaes não havia, pois, a desolação de uma opinião nacional, nem a lucta de sentimentos oppostos; havia sómente unanimidade da cstituição e da veneração. Paris viu desfilar esse prestito, pôde-se dizer, com essa especie de emoção impessoal que produz uma grande pagina da historia, quasi uma fórma da arte. O velho soberano não era conhecido daquellas multidões senão por sua legenda, a mais bella que a realza moderna conseguiu produzir. A glorificação mesma era de tal ordem, que substituiu no pensamento de todos a idéa da morte, que é triste, pela da immortalidade, que é radiante.

Para os brasileiros, porém, a serena apothese exterior convertia-se em uma tragedia nacional. O que então lhes occupava o espirito não podia ser o espectáculo que se desenrolava aos olhos de Paris, nem mesmo a sublimidade do cortejo, que o genio poderia reduzir a um drama shaksperiano. Grande por certo devia ser a impressão dos brasileiros vendo a Princesa Imperial concuzindo em pessoa o luto de seu paiz, em procira, para o seu descanso final, da terra européa que mais se parece com a da patria. Mas, apesár do ludo, o pensamento dos que acompanhavam com alma brasileira, ao longo da via triumphal do Sena, o ultimo prestito imperial, devia concentrar-se na relação ainda mysteriosa e desconhecida entre o desaparecimento do grande morto e a sobrevivencia da sua obra abalada. Aquella manifestação era uma cerradeira conquistada para o nome e a gloria do Brasil. Foi a Nação Brasileira que se viu glorificada no representante de sua civilisação, de sua liberdade, do seu acaentamento.

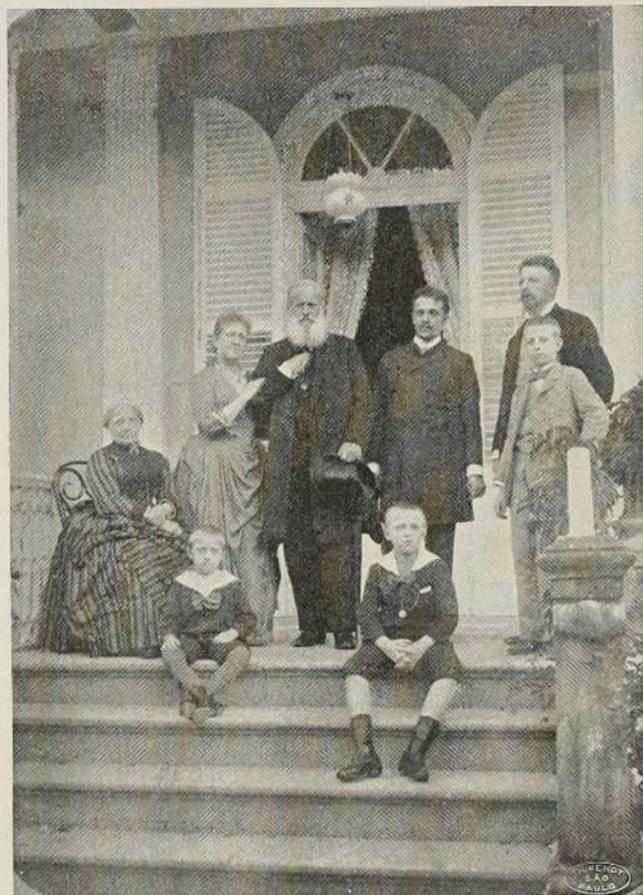
JOAQUIM NABUCCO



Cardeal Arcoverde

O *Album Imperial*, associando-se ás manifestações com que São Paulo recebe a honrosa visita de sua eminencia o cardeal Arcoverde, publica hoje, no *Supplemento* deste numero, o retrato, em trichromia, do eminente prelado brasileiro e primeiro cardeal sul-americano.

A Família Imperial do Brasil



Photographia tirada em Petropolis, mezes antes da proclamação da Republica



Supplemento do "Album Imperial"

ANNO I

CHRONICAS E NOTICIAS

NUMERO 13

Album Imperial



O Album Imperial publicase regularmente nos dias 5 e 20 de cada mez, trazendo no minimo dezeseis paginas de texto.

Os srs. assignantes que estiverem quites com esta empresa e que desejarem colleccionar em volume o Album Imperial tem direito, gratuitamente, á 2.^a edição do n. 1. Basta que a solicitem da redacção, para serem promptamente attendidos.

Seguiu para o Rio de Janeiro, a serviço desta revista, o nosso representante sr. Alfredo Nogueira.

* CHRONICA *

BARBARO e vergonhoso attentado de que foi victima o desventurado tenente Raul Negrel, estupidamente assassinado por um sargento de policia, abalou profundamente a opinião e os poderes publicos, e deu ensejo a que se evidenciassem na policia paulista vicios e defeitos graves, quer quanto á organisação da força publica, quer quanto ao sentimento de disciplina que nella devera existir.

E tanto mais funda se tornou essa impressão geral de pesar e de sincera consternação, quanto é certo que a victima do odioso crime era um distincto official estrangeiro, filho de uma nação gloriosa do velho continente, á qual nos prendem velhos laços de grande e legitima sympathia.

Por outro lado, é certo que o assassinato do inditoso official francez vai aggravar e até certo ponto confirmar as croneas e affrontosas noticias que a nosso respeito correm em certos paizes da Europa, para os quaes nós somos um povo semi-selvagem, que traz ainda para a vida social hábitos e costumes adquiridos no convívio dos escravos.

Finalmente, para tornar ainda mais pungentes as circumstancias do bar-

baro homicidio, plaina sobre o espirito publico a deshonrosa suspeita de que o sargento Mello não agira por inspiração propria e que se deixára suggestionar pela pesada e ameaçadora atmosphera de ciúmes e de prevenções que, nos quartéis e entre os proprios officiaes de policia, se formára contra os membros da Missão Franceza.

Seja como fór, sejam quaes forem as dolorosas decepções que nos prepara o summario de culpa a que se está procedendo, uma triste verdade deve, desde já, ser posta em evidencia, — é que a nossa policia de ha muito está habituada a agir por processos extra-legaes e inadmissivis num paiz civilisado.

Sob o ponto de vista exclusivamente juridico, abstrahindo-se de considerações essenciaes ao facto, não ha maior criminalidade no soldado que assassina o seu superior do que na alta autoridade policial que, rasgando a lei e postergando as garantias constitucionaes, supprime o direito de locomoção e impede que tres advogados prestem seus serviços profissionais a quem os solicita. E, entretanto, é certo que o chefe de policia de São Paulo, em pleno regimen constitucional, mandou impedir o embarque de advogados que se dirigiam a Jundiahy para prestar serviços profissionais aos operarios da Paulista em greve.

Não ha muitos annos, para recriar um insignificante movimento popular que se verificára num ponto longinquo do Estado e ao qual se dá o presumpçoso qualificativo de — *revolucionario*, o chefe de policia de então não trepidou em telegraphar ás autoridades do interior esta ordem assassina: — *não poupen balas nem dinheiro*, como se para conter os seus concidações, mesmo revolucionarios, o chefe da policia paulista não conhecesse outro meio senão a morte, a eliminação immediata, sem julgamento prévio e sem sentença condemnatoria!

Toda gente sabe como habitualmente se fazem as prisões entre nós. A policia, destinada a garantir a tranquillidade publica e paz das familias, suppõe-se superior ao povo que a constituiu e não admite opposição aos seus modos de agir. Todo individuo que, por qualquer motivo, se achar em poder da policia, deve considerar-se sob a imminencia de violencias physicas.

Ainda ha pouco tempo havia, em plena cidade de S. Paulo, o posto policial da rua Barão de Iguape, que era tido e havido como um lugar onde se infligiam torturas e soffrimentos aos presos, com absoluto desprezo pelos sentimentos de humanidade e flagrante violação das nossas leis.

Pois bem; apesar dos vehementes

protestos da imprensa, apesar dos gritos e imprecações das victimas, a auctoridade a cuja responsabilidade se attribuiam as scenas degradantes do posto da rua Barão de Iguape, só deixou o seu cargo quando, num desvairamento, quiz submeter a tão condemnaveis tratos o empregado de poderosa companhia, cujo nome se pronuncia em lingua que relembra armas, couraçados e canhões: — *The Light, Power and Traction Company*...

Quando se trata da prisão de verdadeiros delinquentes, de criminosos que andam homisizados ou fogem á acção da Justiça, então os processos da nossa policia tocam ás raias do delirio furioso... Arma-se uma escolta que segue em perseguição do criminoso, e, logo que este é encontrado, não se cogita absolutamente de prendel-o e entregal-o á auctoridade judiciaria competente: — uma, duas, varias descargas de carabinas fazem justiça prompta e summaria... E não raro, como um trophéu, a orelha do criminoso é trazida, embullhada num papel.

Assim, pois, não é de admirar que alguns dos nossos soldados de policia, educados por este systema primitivo, não conheçam outro meio de reclamar senão o recurso á força bruta.

O sargento Mello, immediatamente depois de disparar o tiro fatal que victimou o tenente Raul Negrel, deu vivas ao exercito brasileiro... Não considerou o desvairado sargento que qualquer solidariedade é impossivel entre o soldado que empunha uma arma para a defesa da patria e o que della faz uso para assassinar quem quer que seja: — alveje um brilhante official superior, ou vise apenas o mais obscuro dos entes humanos.

Reformem-se os costumes da nossa policia, eduquem-se por outro systema os nossos soldados, e poderemos então confiar em que se não repitam factos tão dolorosos e deprimentes como o assassinato do desventurado Negrel.

PANTALEÃO BERMUDEZ



Na sessão de 20 de junho ultimo, do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, o nosso director leu o seu trabalho, já impresso em folheto, sobre "O general Couto de Magalhães e a proclamação da Republica".

Ao trabalho acompanham, em Annexos, as duas cartas que o ultimo presidente da provincia de S. Paulo dirigiu ao sr. conselheiro Leoncio de Carvalho, respondendo ao convite que este lhe fizera para ir a palacio cumprir o governo provisório.

LIVROS NOVOS

Está no prelo o *Almanack Popular Brasileiro*, para 1907, editado no Rio Grande do Sul pelos srs. Echenique Irmãos & C. Trará os retratos e biographias do Ferreira Vianna, padre Correia de Almeida, Titio Livio de Castro, Carlos de Carvalho e outros brasileiros illustres.

O escriptor mineiro sr. Augusto Franco offereceu-nos um exemplar do seu ultimo livro *Estudos e escriptos*, que vamos ler com vagar. Dedicar-lhe-emos, depois, noticia minuciosa. Agradecemos.

O sr. Athayde Marcondes tem no prelo um interessante trabalho sobre Pindamonhangaba. Vimos-lhe as primeiras paginas impressas e, pelo rapido exame que dellas fizemos, podemos affirmar que se trata de uma obra de valor, producto de aturadas pesquisas historicas, que o auctor fez paciente e intelligentemente em archivos.

A bella cidade paulista, que tantos homens illustres tem dado ao Brasil, é estudada pelo sr. Athayde Marcondes atravez de sua historia, de sua estatistica, de suas riquezas naturaes e, principalmente, da biographia dos seus filhos distinctos nas diversas manifestações do espirito e nas varias esferas de actividade. O livro será valorisado ainda por innumerables retratos.

Jornaes e revistas

Acaba de ser impressa a 2.^a edição do n. 6 da *Iris*, o que prova a crescente accettazione da bella revista de Alvaro Guerra.

Deve ser agora distribuido o n. 7, correspondente a este mez, afim de terminar em dezembro a serie annual da apreciada publicação.

Entrou para a redacção d'*A Internacional* o nosso correligionario sr. Alberto Gentil de Castro.

Visitou-nos o n. 5 da *Illustração do Brasil*, correspondente ao mez de maio ultimo. Não desmerece em nada dos anteriores, estampando muitos e nitidos *clichés* e trazendo variada collaboração literaria.

Temos recebido a visita d'*O Debate*, valente folha monarchista que se publica no Rio, sob a competente direcção do nosso incaçante correligionario e vibrante jornalista Gama Junior.

Distinguu-nos o collega com a transcripção do artigo *Um soneto do Imperador*, do nosso illustre collaborador dr. Joaquim José de Carvalho.

EVASIVAS

E' sedição ouvir de homens, que aliás não estão ainda embrutecidos pelo materialismo do dia:

Para que servem escolas catholicas? Não ha, por ahí, tantas escolas publicas?

Esses que assim julgam dão prompta cópia de sua ignorancia, em materia de instrução e educação.

Educar e instruir estão longe dessas noções, por vezes vagas e inúteis, se não erroneas e perigosas, que formam o thema do commum do ensino em nossas escolas publicas. E quando a instrução fosse devidamente, effizantemente ministrada, em escolas sem Deus não ha educação solida, porque não ha linha de deveres, conjunto de preceitos de moral, fóra da religião.

A educação é o cultivo, exercicio, expansão, polimento das faculdades humanas, faculdades physicas, intellectuales, moraes, religiosas. A educação dá plenitude de poder e acção ao homem. Portanto, educar o homem é cultivar e desenvolver todas as suas faculdades. Não ha educação completa sem que, uma a uma, as faculdades recebam a acção educativa, que as equilibra.

Pois bem, nas escolas em que o nome de Deus, por imposição de uma lei estulta, é cuidadosamente evitado, é possível cultivar, já não diremos as faculdades moraes, as faculdades religiosas?

Sem duvida, que não.

Logo, a educação, que o estado atheu faculta, não satisfaz; mutila, não equilibra as faculdades. E' uma instrução sem a orientação da virtude: educação manca, imperfeita, prejudicial. Falta-lhe a pedra angular, o nome de Deus.

E, como energicamente se exprime um publicista contemporaneo:

... on peut blasphémer Dieu; on ne s'en passe pas. On peut omettre ce qu'on doit à Dieu; on ne détruit pas le devoir. On peut nier la Providence; on n'efface pas son action.

E se das escolas antigas, onde ao menos rudimentos de religião eram, parcamente embora, distribuidos, sahia a geração contemporanea, que não prima pela observancia dos mandamentos da egreja, — que geração perigosa não será essa que nas escolas actuaes se *deforma* no espirito e no coração, fóra da lei da verdade religiosa, fóra dos preceitos da moral christan?!

BRASÍLIO MACHADO



A nossa revista

Somos muito gratos a todos os collegas que se têm reierido com palavras de sympathia ao *Album Imperial*. Na impossibilidade, por nos fallecer espaço, de reproduzir as referencias que nos tem dispensado a imprensa, tanto do Brasil, como de Portugal, limitamo-nos a registrar os nossos agradecimentos a todos esses collegas.

A Voz do Povo, de Uruguaya, dispensou-nos fidalgo acolhimento, referindo-se ao *Album Imperial* em longa noticia e transcrevendo o artigo *Um punhado de benemeritos*, do nosso apreciado collaborador rymo. padre Moysés Nora.

Sete de Setembro

(Resumo respigado nos mais conscienciosos auctores da Historia Patria.)

A' SOCIEDADE DAS ESCOLAS BRASILEIRAS

O Brasil rememora hoje a data magnificente da sua entrada para o convívio das nações livres.

Ha oitenta e tres annos, num dos arredores da actual e opulenta cidade de S. Paulo, nas campinas do Ypiranga, ás margens do riacho desse nome, e ao lado dessa mesma estrada de rodagem, outr'ora a unica via de comunicação entre as villas de *Piratinga*, *Santo André da Bor-da do Campo* e o littoral do *Engaguacu*, desferia o Príncipe Regente, em seguida Pedro I do Brasil e mais tarde Pedro IV de Portugal, o brado significativo de *Independencia ou Morte!* — accrescido destas memoraveis palavras: *E' tempo... Estamos separados de Portugal.*

Antes, porém, desse brado, sello que valorizou o pacto solemnisimo pro-manado dos desejos irreprimivcis dos nossos compatriotas daquellas cras, já tinha sido lançada em nossa Patria, cento e tantos annos atraz, a primeira pedra para a construcção do edificio majestoso da sua independencia.

A aclamação de Amador Bueno para rei de S. Paulo, embora abafada pela prudencia daquillo, ou pela propria fidelidade dos paulistas, que quizeram ver nesse acto uma cavillosa machinação dos hespanhões, como vindicta á restauração de Portugal em 1640, segundo a versão de varios historiadores, — foi em todo o caso o echo que acordou de novo o sentimento da emancipação entre nós, embora tantos annos depois...

Villa Rica, capital de Minas Geraes, então a mais intellectual e a mais prospera Capitania entre as suas irmãs, foi o quartel general desses bravos guerrilheiros das liberdades patrias e delineadores do audacioso plano da mallograda conspiração de 1789, conchavada entre José Joaquim da Maia, o sympathico e infortunado emulo de Guilherme Tell no Brasil, Alvares Maciel, Claudio Manoel da Costa, Thomaz Gonzaga, Silva Xavier, o *Tiradentes*, e outros desventurados patriotas, que sonhavam a grandeza moral de nossa terra, todos victimados pela delação ignobil de Silverio dos Reis, o judas dessa primeira e heroica tentativa de liberdade.

Em seguida ao mallogro da Inconfidencia, estacionaram, mas não morreram, os ideaes em pró da independencia, os quaes foram de novo aviventados em 1808 pelo proprio D. João VI, que assim se pronunciára em manifesto, quando a corte portugueza se transferira para o Rio de Janeiro, por motivo da invasão napoleonica: — *ergo a vos no seio do novo imperio que venho fundar...*

Estava dado por essa forma o passo decisivo, revelando-se D. João VI tão acoorado pela libertação da terra de Santa Cruz, quanto os rebellados de Villa Rica.

Em 7 de setembro de 1822, o cavalheirismo, a coragem, a franqueza e a actividade de D. Pedro I, no dizer judicioso de notavel historiador nacional, incumbiram-se de fazer o resto, isto é: — separar o Brasil de Portugal.

O desejo de desmembrar o Brasil da Metropole vinha já de mui longa data, como dissemos; era uma aspiração natural a que serviram de pretexto varios factos, alguns occorridos entre nós, outros passados em terras extranhas, todos constituindo fortes aculeos e precipitando os acontecimentos...

A Metropole revelava-se simplesmente imprevidente despachando pr'aqui certos representantes, que mantinham em continua irritação o animo dos brasileiros, os quaes não lhes podiam tolcer a espirito de auctoritarismo e de corrupção, alliado á mais completa ignorancia, degenerando tudo isso na mais ferrenha e revoltante das tyranrias.

O plano habillissimo de reconciliação, posto em pratica pelo espirito atilado de Sebastião José de Carvalho e Mello, esse extraordinario estadista, que foi conde de Oeiras e falleceu marquez de Pombal, adoptando a politica de aqui prover os brasileiros nos cargos publicos, fóra desastrosamente abandonado pelos seus successores...

Não possuíam elles a invejavel subtilidade de espirito de Pombal e ignoravam que o favoritismo aos interesses metropolitanos, em detrimento das possessões, traz a perda desses dominios, segundo lhes aconteceu comnosco, conforme pondera com tanto acerto W. Pessoa Allen, no seu recentissimo e valioso estudo referente ás possessões portuguezas em Africa e intitulado *«O Imperio Portuguez, ou a Alliança Anglo-Lusa.»*

Não possuíam tambem, esses ridiculos reformadores dos soberbos projectos do grande Pombal, o criterio dos directores da Companhia das Indias, que dirigiam, ainda em dezembro de 1854, ao governo britannico, as seguintes e frisantes palavras, transcriptas no citado estudo de Pessoa Allen:

«Não é favorecendo a ambição official, mas reprimindo os crimes, garantindo a propriedade, incutindo a confiança, assegurando á industria o fructo do seu trabalho, protegendo todos os individuos no pleno uso dos seus direitos, e no livre exercicio das suas faculdades, que o governo melhor ministra ao publico riqueza e felicidade. Effectivamente, o livre accesso aos cargos officiaes é principalmente valioso, quando elle é apenas *uma parte* da liberdade geral.»

Realmente... o segredo do poderio da Inglaterra é oriundo precisamente desse facto: ouvir e praticar tão sensatos quão liberaes conselhos dos seus representantes.

Entre nós, entretanto, fazia-se tudo ao contrario, ao ponto do grande Antonio Vieira dirigir-se ao rei D. Pedro II, pedindo-lhe que nomeasse para os empregos do Brasil as pessoas da terra e não de Elvas, nem de Flandres...

Porque este estado, tendo tantas leguas de costa e de ilhas e de rios abertos, não se ha de defender, nem pôde, com fortalezas, nem com exercitos, senão com assaltos, com canoas, e principalmente com indios; e esta guerra só o sabem fazer os moradores que conquistaram isto, e não os que vêm de Portugal. E bem se viu por experiencia que um governador, que veio de Portugal, perdeu o Maranhão, e um capitão-mór, Antonio Teixeira, que cá se elegu, o restaurou, e isto sem soccorro do reino. Aqui ha homens de boa qualidade, que podem governar com mais justiça e tambem com mais temor; e, ainda

que tratem do seu interesse, sempre scrá com muito maior moderação, e tudo o que grangearem ficará na terra com que ella se irá augmentando; e se destruetem as herdades, será como donos e não como rendeiros, que é o que fazem os que vêm de Portugal.»

Acirrando ainda mais a tendencia de emancipação dos brasileiros, surtiu o brado insurreccional de Boston, que deu em resultado a independencia da America do Norte, facto este amplamente divulgado e entusiasticamente commentado no Brasil por varios dos seus filhos que regressavam então da Europa, onde tinham ido lapidar a intelligencia nessas grandes officinas do saber humano: as Universidades e as Academias, que aqui ainda não existiam.

A idéa sublime e santa, não obstante, dos conjurados, fóra abafada pela oppressão dos encarceramentos e por ultimo ensopada no sangue generoso de *Tiradentes!*...

Mas, doutrina Ancillon, o famoso historiographo e publicista prussiano: — Succede com o pensamento o mesmo que com a terra; a guerra pôde destruir as searas e paralyzar por algum tempo os trabalhos da cultura; mas a natureza e alma conservam a fecundidade, e sempre tornam a reproduzir...

Em 7 de setembro de 1822, transformou D. Pedro I em realidade o sonho doirado dos patriotas de 1789, bem assim o acoimento de D. João VI, que afinal constabanciam a aspiração continua dos filhos deste paiz maravilhoso.

Entretanto, releva notar, para orgulho do velho e heroico Portugal, que este paiz nenhuma opposição odiosa fez contra a independencia do Brasil, reconhecendo antes a legitimidade dos seus direitos.

A independencia fez-se devido a uma lei fatal a que se não pode furtar Portugal, como não se puderam furtar a Hespanha, em relação ás suas colonias da America, e a Inglaterra, em relação aos Estados Unidos.

Cabe á sempre sublimada Lusitania a gloria de ter sido a Metropole a mais conscienciosa e liberal em face das suas colonias, apesar dos desvios de alguns dos seus representantes, verdade essa reconhecida pelo Brasil, que sempre e muito venerou a sua Mae Patria, á qual, além do mais, se sente gostosamente preso pelos laços indestructiveis da bella linguagem em que falou Camões e do mesmo sangue que correu nas veias dos Viriato, dos Albuquerque, dos Castro Forte, dos Nun' Alvares, dos Gama, dos Pedr' Alvares Cabral e tantissimos outros, a quem *Neptuno e Marte obedeceram e em quem poder não teve a morte!*

LUCIANO ESTEVES JUNIOR

Limeira, aos 7 de setembro de 1905

FALLECIMENTO

Na madrugada de 25 do mez proximo findo, deu-se nesta capital, repentinamente o passamento do sr. Mario Arruda, filho do dr. Marcos Arruda e cunhado do dr. Clementino de Souza e Castro, integro juiz da 2.^a vara de orphans e ausentes.

Era moço muito estimado, pelas qualidades que o exornavam, tendo sua morte causado dolorosa surpresa a todos quantos o conheciam.

Nossas expressões de pesar á exma. familia enlutada.

POETAS BRASILEIROS



O vaso quebrado

(Sully Prudhomme)

O vaso onde se morre está verbena
Por um golpe de leque foi partido;
Foi tão leve a pancada, tão pequena,
Que se não percebeu um estalido.

Porém o leve estrago, a tenue aberta,
No fender o crystal dia por dia,
Em marcha imponderavel, marcha certa,
Do vaso inteiro as fórmãs abrangia.

A agua fresca sahiu em gottas feita,
Vai-se o succo das flôres exgottado;
Ninguem inda de tal mesmo suspeita,
No vaso não toqueis: está quebrado.

Assim tambem a mão que a gente adora,
Roçando o coração, calca e magôa;
E o coração se parte sem demora,
A flôr de tanto amor lhe mingua atôa.

Intacto sempre aos olhos do que é mundo
Baixinho a soluçar sente augmentado
O seu golpe, o seu doer, fino e profundo,
Não lhe toqueis comtudo: está quebrado.

ESCRAGNOLLE DORIA



NEVE

A dois jovens, que se amam com transporte,
E' bella a natureza e a vida leve...
Que importa o frio, o inverno aspero e forte?
Mais fogo sentem quando cai mais neve.

Mas quando o amor se extingue na alma exangue,
Que importa o estio e a abrazadora calma?
Tirita o coração, gela-se o sangue...
Cai neve, muita neve, dentro d'alma.

VALENTIM MAGALHÃES



POETAS

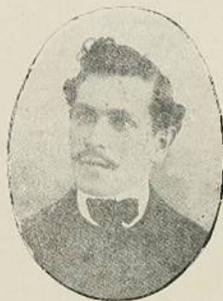
São os poetas como os passarinhos:
Cantam, vão pelo azul azas librando...
Uns do sonho no azul maguas cantando,
Outros cantando á beira dos caminhos.

Se de uns o bando vai, sem que os espinhos
Sinta, da terra, amores procurando;
D'outros, quando o crepuscuo chega, o bando
Chega, buscando o doce amor dos ninhos.

Vivem sempre a cantar. Da vida a estrada
Trilha-a, e canta o poeta, ao longe, enquanto
De aves gorgeia a cétere revoada...

E a alma, escutando a musica dilecta
De ambos, nem sabe qual melhor—se o canto
Da ave, se o doce canto do poeta.

PEDRO RABELLO



SONETO

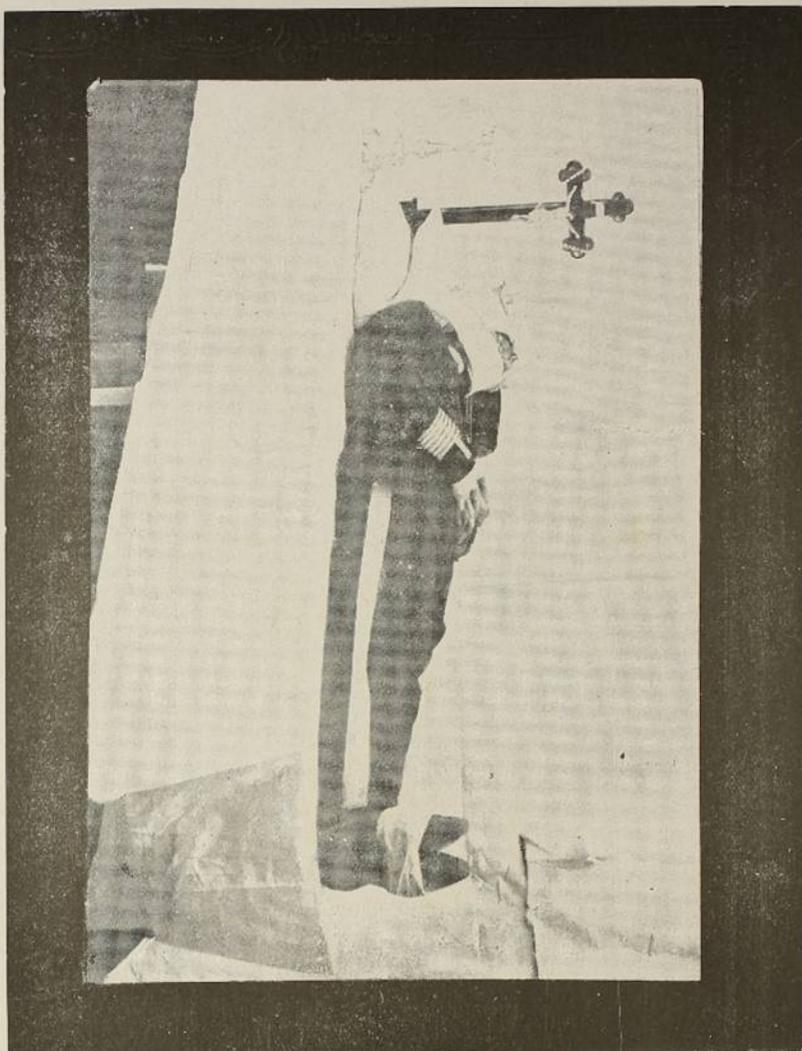
Gondoleiros do Amor, que nessa rosea idade
Partis cantarolando, á branca luz do luar,
Tenho pena de vós, que em plena mocidade
Ides no mar-da-vida as maguas procurar...

Tambem eu fui contente e agora, com saudade,
Relembro esse bom tempo, em que deixei meu lar...
Sim, eu fui como vós, cantando, em liberdade,
Desconhecendo o mundo, o immenso lupanar...

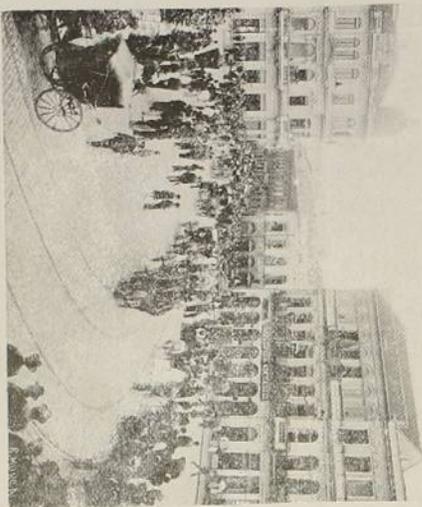
Era moço, ao partir, mas no entretanto, agora,
Como um velho regresso e a soluçar maldigo
Esse nefando dia, essa manhã de outr'ora...

As andorinhas vêm... já se aproxima o outomno...
E eu volto soluçando, em busca de um abrigo,
Onde possa dormir meu derradeiro somno...

PAULINO DE ALMEIDA



O CORPO NO HOSPITAL MILITAR

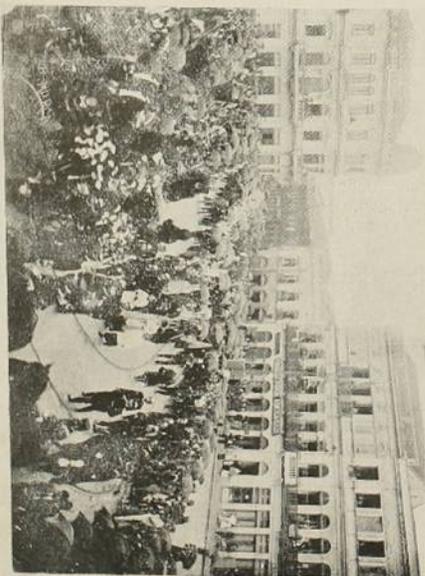


O PRESTITO FUNEBRE NO LARGO DA SÉ - I

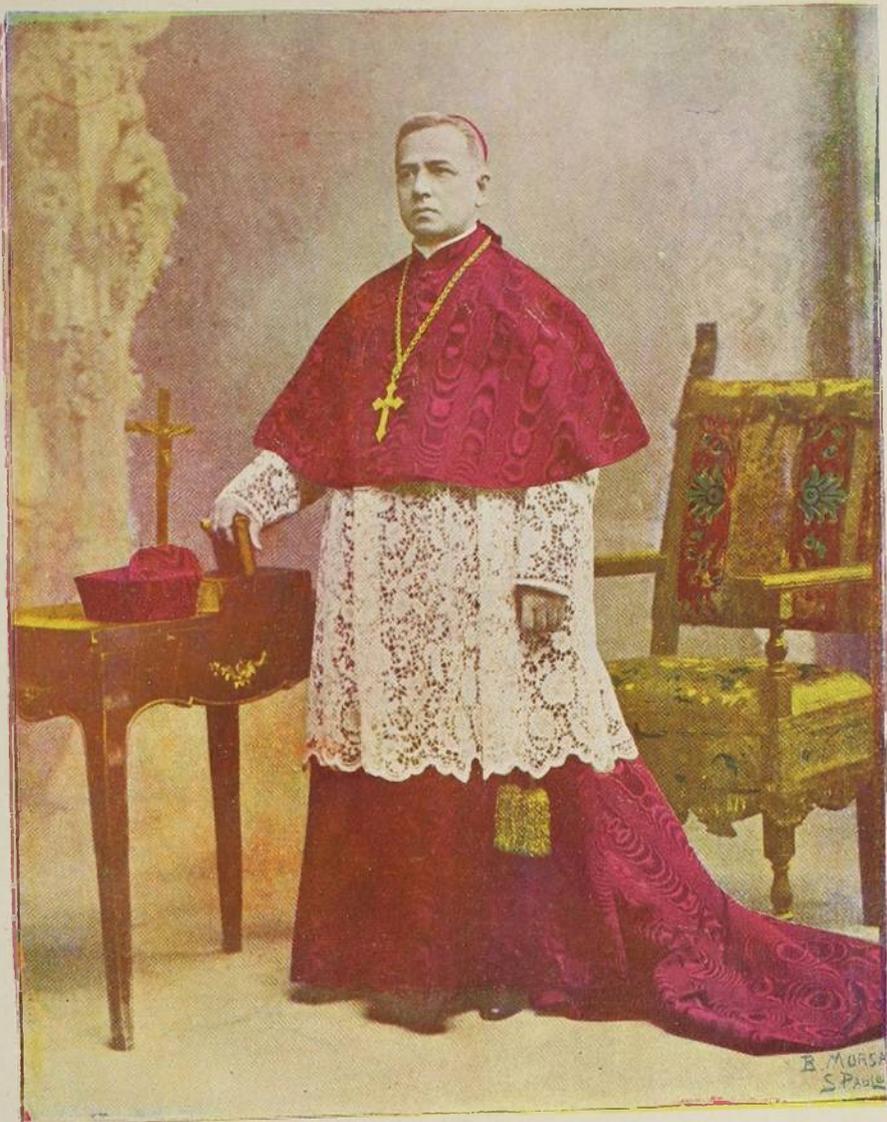
OS FUNERAES
DO
TENENTE-CORONEL RAOUL NEGRELL



O PRESTITO FUNEBRE NA RUA QUINZE DE NOVENBRO



O PRESTITO FUNEBRE NO LARGO DA SÉ - II

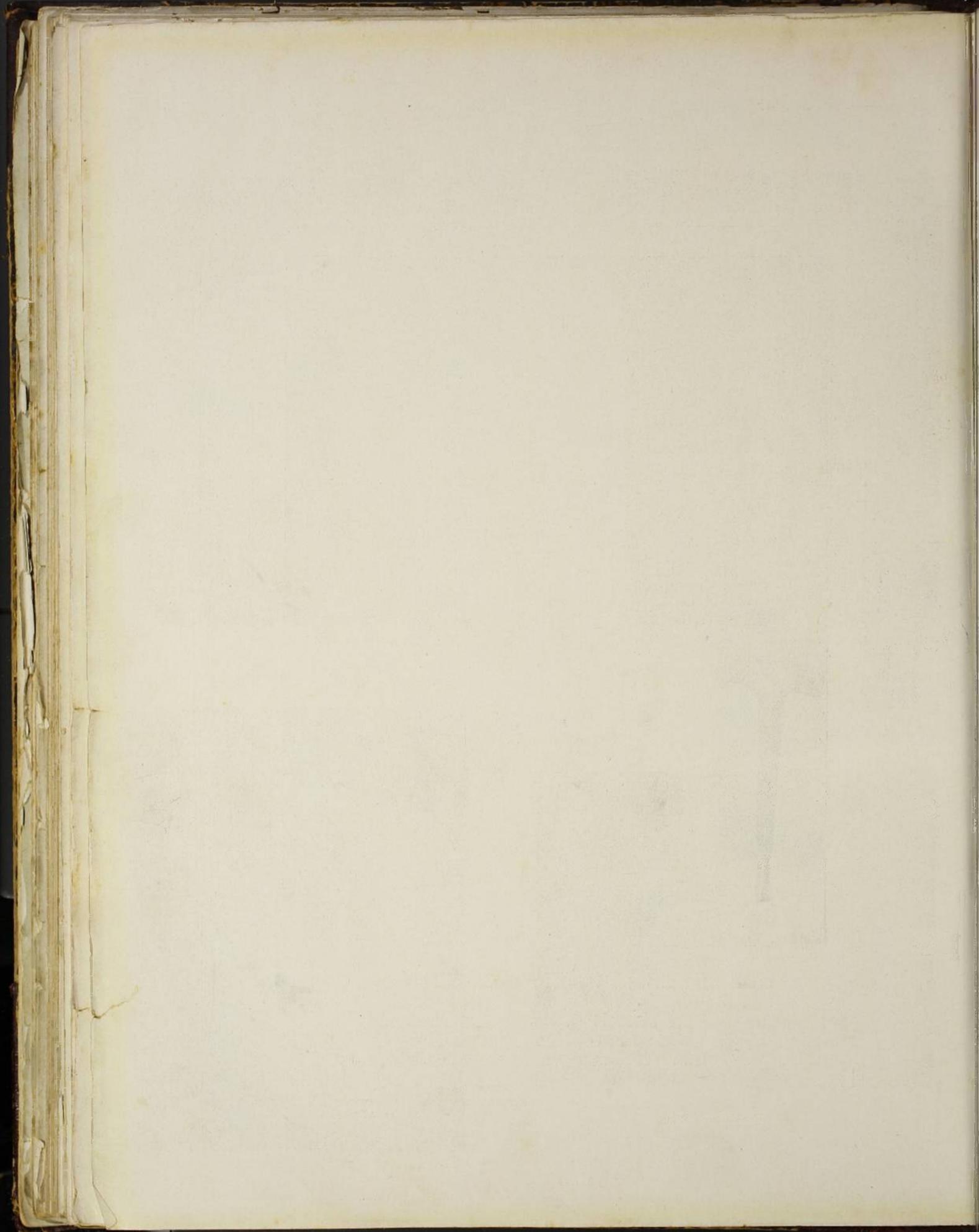


БОНЕНАГЕМ ДО «АВВУМ ІМПЕРІАЛЪ»

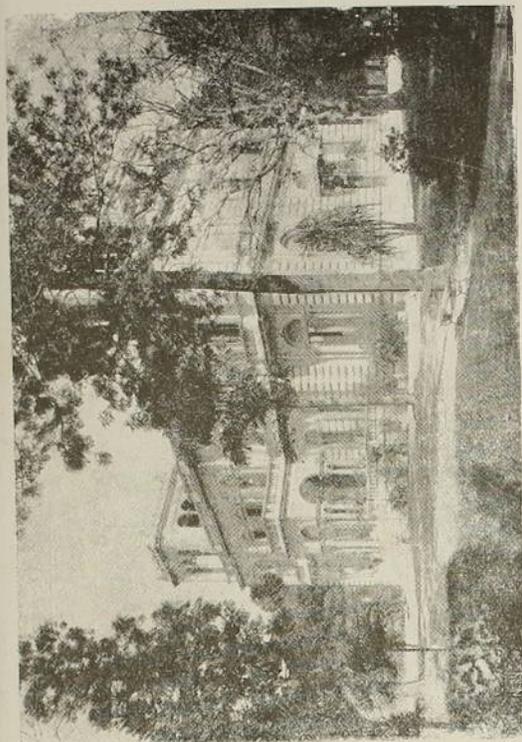
а
Sua Eminencia D. Joaquim Arcoverde

Creado Cardeal da S. R. E. a 21 - XII - 05

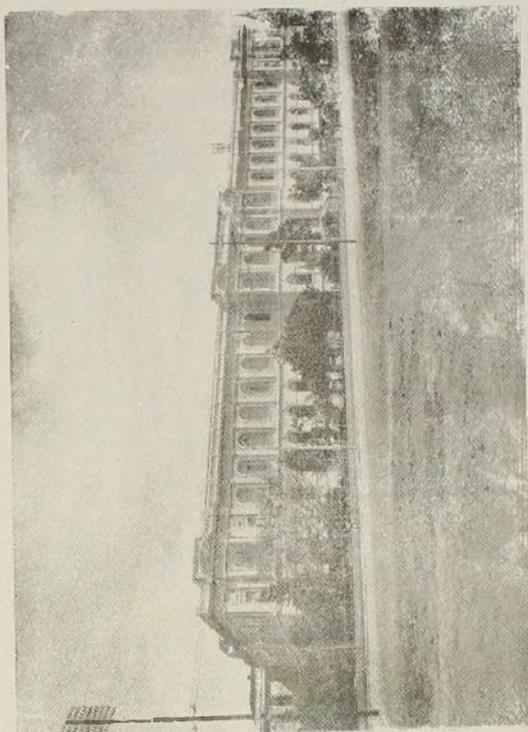
Nasc. 17 de Jan. 1850; Sac. 4 de Abril 1875; Bispo, 26 de Out. 1890; Arceeb. do Rio, 24 de Março 1898



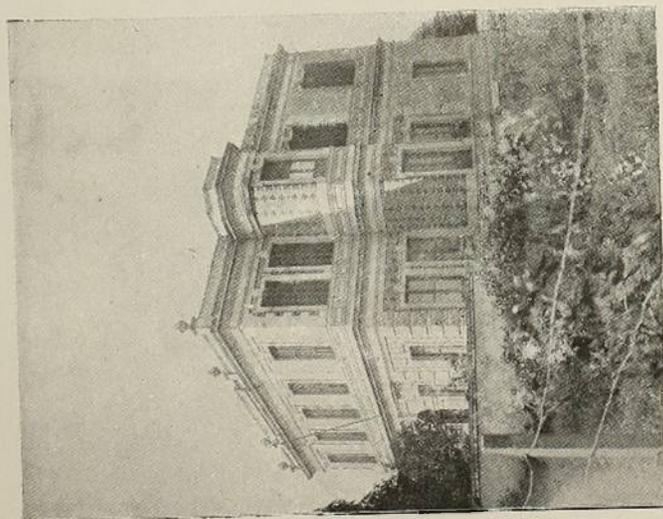
❧ A capital de S. Paulo ❧



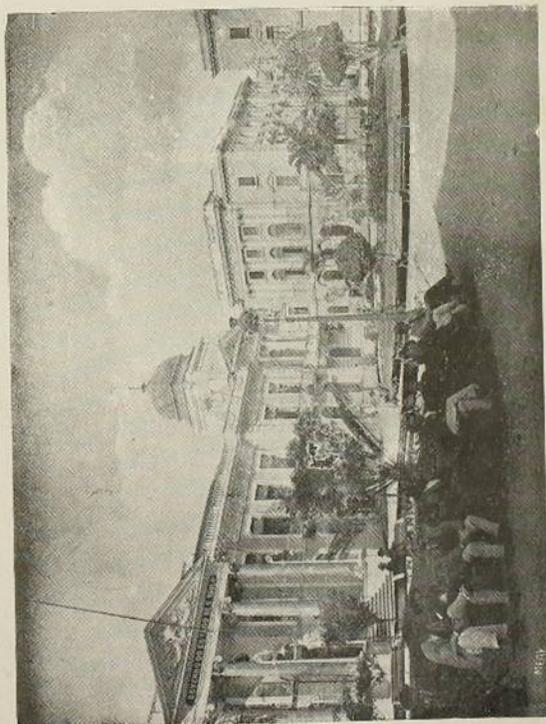
PALACETE DO DR. ANTONIO PRADO



ESCOLA NORMAL

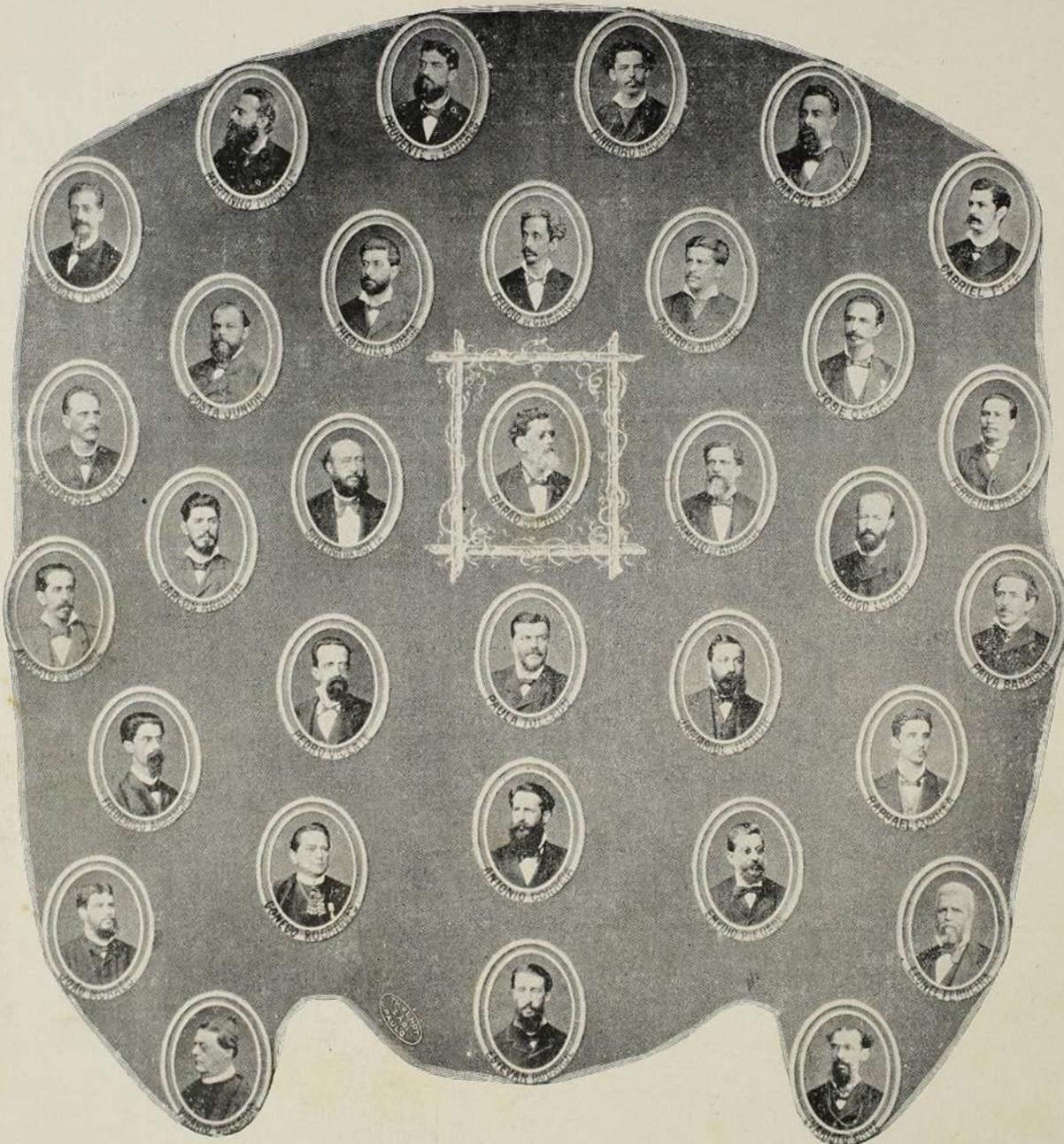


INSTITUTO PASTEUR



PALACIO DO GOVERNO

1.^a Assembléa provincial de S. Paulo



Depois da reforma eleitoral de 9 de janeiro de 1881

Manual do monarchista

A constituição monarchica ⁽¹¹⁾

XIV

SÓ HA RESPONSABILIDADE EFFECTIVA NA MONARCHIA

Os culpados (do Panamá) e os responsáveis estavam em seus postos; havia muito que eram apontados claramente nos corredores do Parlamento; mas o plano consistia precisamente em innocentar a corporação, desviando della a attenção publica.

QUESNAY DE BEAUREPAIRE
(O Panamá e a Republica)

Quaes as garantias de responsabilidade que offerece a Republica?

Relativamente á nação, nenhuma. A Republica é o interesse nacional entregue á pilhagem de um partido. Os eleitos são responsáveis apenas para com o seu partido; desde que advenha disso, para o mesmo partido, qualquer beneficio, elles têm liberdade de praticar trapaças á custa dos negocios publicos e particularmente dos dinheiros publicos.

Mas o receio de não ser reeleito não obrigará o eleito a manter-se escriptuloso?

Não, porque sabe que, tendo o poder á sua disposição, lhe é facil evitar as sancções penaes ou eleitoraes.

Além disso, no caso de não reeleição, é preciso convir que a simples privação das funcções legislativas é castigo suave para o culpado. E, afinal de contas, ganhará com isso a nação, unica interessada na questão? Para aquella, o resultado estará abaixo de zero, porque o successor do candidato devotado, longe de procurar reparar as faltas deste, se esforçará por lhes exaggerar o alcance, no intuito de attenuar e desculpar as proprias faltas. Explora em seu proveito a situação: «lancem a culpa ao meu antecessor; eu é que não sou responsável por um estado de cousas que não creei».

A Monarchia offerece melhores garantias de responsabilidade?

Com certeza; ao contrario do chefe eleito, obrigado a servir unicamente os interesses do seu partido, em prejuizo dos do publico, o monarcha hereditario empenha-se em consultar o bem publico, porque este é o seu proprio bem. Escripuloso no cumprimento do dever em primeiro logar, porque o sentimento poderoso do interesse pessoal assim o aconselha, em segundo logar pelo temor das punições, que fatalmente seriam a consequencia da má administração dos negocios publicos: queda da dynastia e, sob o ponto de vista moral, deshonra deante dos seus e perante a Historia.

Accresce que o successor hereditario tem interesse em reparar os erros de seu predecessor, instigando-o naturalmente a isso, já o amor filial, já o zelo dos proprios interesses.

A Monarchia será o unico regimen em que as responsabilidades se tornam effectivas?

Sim, a Monarchia é o unico governo responsável de facto, ao passo que os governos republicanos só o são theoreticamente, jámais na pratica.

FIM

ALBUM DE AUTOGRAPHOS

Dos «immortaes» da Academia Brasileira



Meu amigo

Carissimo,

Recorda que me referiste aos exequias que vão ser celebradas no 7º dia do fallecimento do amado e illustre Eduardo

Seu

Colho Netto

Campesina, 5-IX-1901

Messagers aériens

(ALBERTO DE OLIVEIRA)

Qu'un amant moins fougueux à l'objet de la flamme se plaise à diriger sa complainte d'amour, ses vœux, ses désirs et ses craintes tour-à-tour sur l'aile de la brise où s'envole son âme...

Mais moi, pour messenger à ma charmante Dame, je ne puis appeler Zéphyr à mon secours, car cet enfant d'Eole est trop faible, et trop lourd le poids de mes regrets, et trop vive ma flamme.

— «A moi, vents tout puissants qui régnés dans le ciel! Accourez à ma voix, légers, à mon appel... Sur les monts et les mers volez sans prendre haleine!»

Et les voilà déjà, déchaînés, s'élançant dans les airs ébranlés, avec eux emportant baisers, vœux et désirs pour mon ingrate Hélène!

S. Paul - 1901

HIPPOLYTE PUJOL

NOSTALGIA

De furta verde e azul, ondulando a ampla tela que se lhe estende ao dorso, arfante, o mar pompeia; e tumido, moroso, as vagas desenleia, e de listrões de espuma ás praias acareila.

Na liquefeita róta, inflada a branca vela, ao matinal assôpro, ao sol que a luz franqueia, zarpa a arvorada náu, e de um sulco golpeia o espelho em que se mira a luminosa umbella.

E mar fóra, quebrando a cadencia que entona a monotona fólla, em busca de outra zona, baixa a quilha e se arruma á erma travessia...

Vai-sc... Da gavea, á terra o marinheiro espia, e, em lagrimas, expande a dôr da nostalgia, dando o ultimo adeus á patria que abandona.

IBRANTINA CARDONA

O segundo reinado ⁽¹²⁾

Mas não podia levar a pacificação aos espiritos nem acalmar os odios entre brasileiros e portuguezes, suscitados de partidarios de D. Pedro I. Durou pouco tempo a serenidade com que foi acolhido o novo governo.

As rivalidades entre brasileiros natos e brasileiros adoptivos ensanguentaram dentro em pouco a capital e as provincias, principalmente a da Bahia e a do Pará.

A este infortunio junte-se a calamidade da guerra civil, e tremos em resumo a historia deste periodo, o mais sanguinolento de toda a nossa vida politica.

O movimento de 7 de abril ainda se continuava sob o novo governo.

Aquella convulsão abalára os fundamentos da nação nova, ainda palpitante das luctas da Independencia.

A revolução se effectuára pela pressão da opinião publica sobre a força armada.

O primeiro imperio cahiu pela acção combinada da tropa e do povo; mas o triumpho desmoralizou a tropa pela indisciplina e desorientou o povo pela anarchia.

A revolução substituiu-se á ordem, tanto nos quartéis quanto na praça publica. Desde então, por qualquer motivo, mesmo o mais injustificavel e o mais insignificante, um batalhão se revoltava ou a multidão se insurgia.

As deposições e as insurreições se succediam. Os officiaes viam quebrados os laços que os prendiam aos seus subordinados, e factos dos mais significativos, como, por exemplo, o assassinato do general Felisberto Caldeira, na Bahia, demonstram quanto foi nefasta a influencia das idéas revolucionarias sobre o exercito.

A Regencia foi a anarchia em todo o imperio.

Entretanto, não faltaram aos homens que dirigiam o paiz naquella época a coragem e a decisão, a energia e a firmeza.

Do fundo deste quadro sombrio avultam notavelmente a figura de Evaristo da Veiga, que encarnava a um tempo as mais puras aspirações liberaes e o mais notavel espirito de moderação, e o perfil heroico do padre Feijó, que representava o sentimento conservador, a tenacidade patriótica e a mais forte organização de homem de governo que o paiz talvez tenha tido até hoje.

Evaristo foi, no jornalismo, o mais intransigente adversario do primeiro imperio. Não era, entretanto, um revolucionario, agitado pelo furor da demolição e pela intransigencia do odio.

Consummada a obra de 7 de abril, a sua palavra foi — moderação, e neste sentido collaborou nobremente com o governo, resistindo á maré da reacção insensata.

Diogo Antonio Feijó foi um homem talhado para as circumstancias. O momento exigia mais vigor de vontade do que alto descortino intellectual.

A desgraça do paiz vinha da desordem. Carecia-sc antes de um braço robusto, do que de um cerebro poderoso. Feijó foi esse braço.

Ao assumir a pasta da Justiça, a mais espinhosa naquella época, exigiu dos seus collegas do governo a mais ampla liberdade e a mais absoluta confiança nos seus meios de acção.

Este homem forte e inquebrantavel valeu por exercitos. Quanto mais assustadores eram os perigos, mais viril se

mostrava a sua energia. Conteve o povo com a tropa, e, quando a tropa subleou-se nos dias 13 e 14 de julho de 31, encontrou o ministro no povo o apoio e a força precisos para combatel-a.

São incalculaveis os serviços que deve a patria a este jornalista e a este ministro, os mais nobres e corajosos defensores da ordem, naquello periodo agitado.

O contagio da revolução ganhou, no emtanto, as provincias do Ceará, da Bahia, de Pernambuco, Pará, Maranhão, Minas-Geraes, Matto-Grosso e Rio Grande do Sul.

A desgraça mais temerosa de todas, naquelle tempo, foi a desmembração do imperio; e esta possibilidade mais de uma vez afigurou-se inevitavel.

A bandeira da federação protegia esses intuitos de desordem, egoismo, vinganças partidarias, rivalidades possessas; o partido liberal moderado, que então governava o paiz, fez as possíveis concessões a esta agitação, sem diminuir-lhe, no emtanto, as exigencias.

O insucesso da primeira Regencia fez com que fosse substituida por um regente só, o que podia trazer assim ao governo unidade de vistas politicas.

O padre Feijó, que já se immortalisára como ministro da Justiça, occupou este cargo em 12 de outubro de 1835.

A morte de D. Pedro I, em 1834, anniquilou o partido da restauração, mas não supprimiu as forças que quiz dispanha e que foram mais proficuamente utilizadas nas fileiras dos liberaes moderados.

Feijó, como regente, prestou ainda grandes serviços ao paiz, como, por exemplo, a pacificação do Pará, pelo general Andréa, militar digno deste nome, porque significava a coragem subordinada ao dever, o valor pessoal ao serviço da disciplina.

Da opposição parlamentar surgiu o partido conservador, sob a direcção de Bernardo de Vasconcellos e Araujo Lima.

A victoria deste partido, em 36, pelas urnas, a opposição bem dirigida que fazia ao governo, deram-lhe o poder.

Araujo Lima, succedendo, em 37, ao padre Feijó, no posto de regente, mostrou-se tambem energico e conseguiu suffocar a revolução que rebentou na Bahia, em 37.

Esta revolução já estava desde muito planejada pelos liberaes exaltados e pelos moderados, unidos contra o padre Feijó.

A mudança de regente desfalcou as forças revolucionarias. Os liberaes moderados, que se organisaram em partido distincto, abandonaram os seus companheiros logo que Araujo subiu ao poder.

A revolução da Bahia, a Sabinada, a do Rio Grande do Sul, que continuava, e a guerra civil do Maranhão puzeram em prova a energia do novo regente.

A convicção de que o paiz tinha, na

phrase de um politico de nota. «feito a experiencia dos governos electivos», a esperanca de que só um poder superior ás contingencias dos partidos poderia pacificar os espiritos, fizeram com que no parlamento liberaes e conservadores, homens prudentes e patrioticos, tomassem a iniciativa de confiar ao imperador o exercicio do poder que, pela Constituição, só lhe devia ser entregue dahi a tres annos.

D. Pedro accedeu ao pedido que lhe foi feito; e, a 23 de julho de 1840, a camara e o senado, reunidos em assemblea geral, declararam-no maior.

A 18 de julho de 41 celebrou-se a cerimonia da sagração e coroação, no meio das maiores demonstrações do regosijo nacional.

(Continúa)

VIDA SOCIAL

Anniversarios

Fez annos no dia 22 o rvm. conego Antonio Pereira Reimão, digno secretario do Bispado, actualmente na Europa.

No dia 26, a exma. sra. d. Zulmira Couto de Magalhães, mãe do director do *Album Imperial*.

No dia 29, o dr. Pedro Sanches de Lemos, illustre facultativo e medico da Companhia Thermal de Poços de Caldas; o sr. Bueno Monteiro, festejado poeta e nosso collega do *Commercio de Campinas*.

Faz annos no dia 8 do corrente o dr. Luciano Esteves Junior, distincto advogado em Limeira e nosso intrasigente correligionario.

No dia 12, a exma. sra. d. Brasilvia Andrade Couto de Magalhães, virtuosa esposa do sr. Leopoldo Couto de Magalhães Junior.

Na capital e em viagem

Esteve na capital, a passeio, o dr. Raphael Ferraz de Sampaio, proecto advogado e fazendeiro em Botucatu.

Tambem estiveram na capital os srs. Thomaz Vita e Thomaz Martino, negociantes em Santa Rita do Passa Quatro.

Seguiu para a sua fazenda em Santa Rita do Passa Quatro o sr. Adolpho Melchert Junior, distincto cavalheiro e importante lavrador naquelle municipio.

Tivemos a agradavel visita do nosso prezado correligionario e collaborador dr. Arnaldo Cintra, residente em Belém do Descalvado.

POETAS PORTUGUEZES

NADA

Luz de meus olhos, quando se esbrugarem
Estes ossos na terra, por desgraça,
Has de ir ver por que estado a gente passa,
Se os teus nervos doentes te deixarem.

Não darás tempo aos olhos de chorarem,
Que meu craneo de ti só quer a graça
De ness'hora de lagrimas escassa
Teus dedos d'outro nelle repousarem:

Dentro dessa caveira desgraçada
Por teus olhos verás, em cinza escura,
A vida do meu cerebro tornada:

Terá vivido aqui minha amargura;
Lê-me depois, e vê que pó, que nada,
Toda esta dor, toda esta desventura!

JULIO DANTAS

Foi approvedo no 1.º anno do curso civil da nossa Escola Polytechnica o sr. José Rios Rebouças.

Que o taíntoso moço prosiga sempre com applicação nos seus estudos, para honra da engenharia brasileira, que na familia Rebouças já produziu duas glorias: o saudoso dr. André Rebouças e o dr. José Pereira Rebouças, pae do joven estudante.

O *Album Imperial* foi distinguido pelo dr. Elias Marcondes Homem de Mello, esforçado intendente de Pindamonhangaba, com delicado convite para assistir á 2.ª exposição regional naquella cidade.

Infelizmente, a nossa revista não se pode fazer representar no bello certamen.

Registramos o nosso agradecimento ao dr. Homem de Mello, a cujos esforços e incançavel dedicação se deve em grande parte o brilhantismo da exposição.

O rvm. arcediago dr. Francisco de Paula Rodrigues foi muito cumprimentado, no dia 20 do mez proximo findo, pelo 12.º anniversario de sua ordenação sacerdotal.

O Instituto Historico de S. Paulo, por proposta do nosso distincto collaborador e correligionario Leoncio Gurgel, dirigiu por esse motivo a s. cxa. um officio de saudações.

No dia 24 de junho ultimo, passou o 12.º anniversario da sagração do exmo. bispo diocesano, Conde D. José de Camargo Barros.

Tendo sido impedido aquelle dia -- domingo, -- foi celebrada na Sé, segunda-feira, uma missa solemne por intenção de s. cxa.

NO PROXIMO NUMERO
D. VITAL

Arcebispo Ezequias G. da Ponteira

LOTERIA ESPERANÇA

A agencia da conhecida e acreditada Loteria Esperança -- que diariamente distribue premios aos seus frequentes -- está agora installada no novo predio da praça Antonio Prado, 5.

O rvm. conego Lessa benzeu a nova installação, que foi inaugurada com uma deliciosa festa, oferecida pelos srs. Amancio Rodrigues dos Santos & C aos representantes da imprensa e outros convidados.

A cstes foi servida delicada mesa de doces, sendo, ao espoucar do champagne, muito brindados os agentes da Loteria Esperança.

Na presença dos convidados, foram pagos 25 contos de reis aos felizes portadores de bilhetes premiados na vespera, -- prova de que os srs. Amancio Rodrigues dos Santos & C. vendem e pagam pontualmente sortes grandes.

COLLECTANEAS

TRABALHO E FORTUNA

Maury, aos 19 annos, pobre, sahio um dia da sua provincia, para tentar fortuna em Paris. Conta-se que no caminho se encontrara com outros dois mancebos nas mesmas circunstancias e com os mesmos intentos.

Sabeis o que foi feito d'elles? Maury, o grande prégador, morreu cardeal. Os peregrinos encontrados, um era Treillard; o outro, Portal. O primeiro foi o grande juriconsulto redactor doCodigo Civil: o segundo veio a ser medico do rei.

Que exemplo, para não desanimarmos!

A MULHER

Um escriptor descreveu assim a mulher:

«Ora anjo de bondade, ora demonio de malicia; doce, aspera; casta, impudica; fiel, inconstante; cheia de amor, ou de aversão; de boa-fé, ou de maldade; de grandza d'alma, ou de fraqueza; madrastra, ou mãe heroica; modelo de virtudes, ou de vicios; de belleza, ou de fealdade; encanto, ou flagello dos que vivem com ella; dando a vida, ou a morte; Izabel, ou Antígona; Messalina, ou Cernelia; Corday, ou Dubarry; composto, emfim, de tudo o que a natureza tem produzido de grande e de sublime, de enfadonho e de monstruoso, tal é a mulher.»

As mesmas cousas, com pouca differença, se podem dizer do homem.

PETRARCA

Este celebre poeta, pelo amor que uma mulher lhe soube inspirar, viu essa mulher, Laura de Neves, em Avinhão, pela primeira vez, a 6 de abril de 1327, na egreja de Santa Clara, pelas 6 horas da manhã. Perdeu-a para sempre em Avinhão, em 1348, no mesmo dia 6 de abril, e á mesma hora, 6 da manhã.

Foi Petrarca quem nos deixou este apontamento de vida intimo, escripto numa pagina do seu Virgilio.

Lei Saraiva - No proximo numero, o **ALBUM IMPERIAL** reproduzirá, em magnifico "cliché", o quadro dos ministros do Gabinete Saraiva, que reformou a legislação eleitoral do Imperio, a 9 de janeiro de 1881.

ANNO I

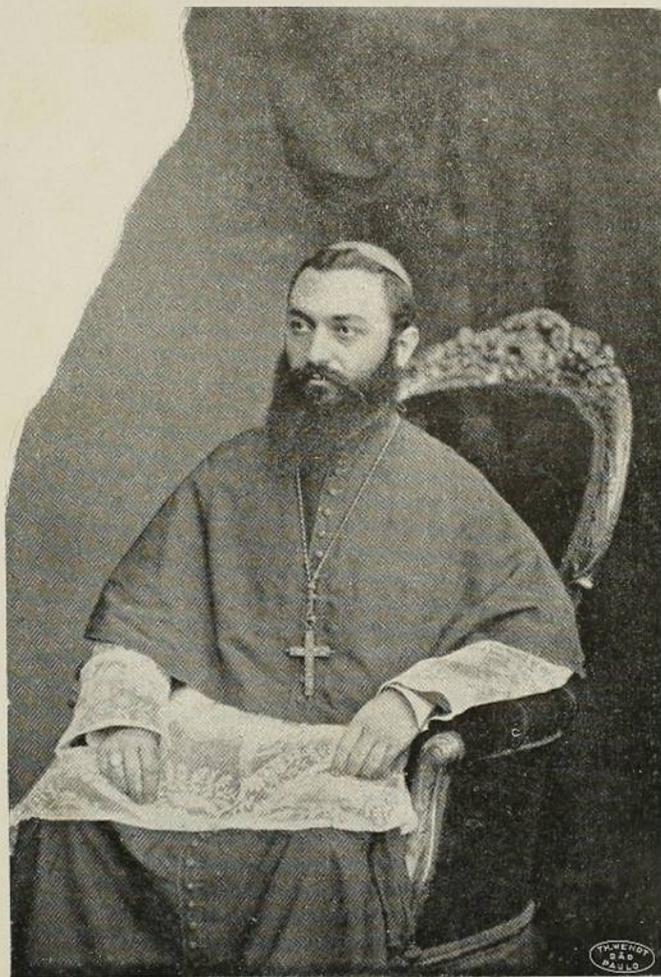
S. PAULO, 20 de julho de 1906

NUM. 14

ALBUM IMPERIAL

QUINZENARIO POLITICO E LITERARIO

Director: Couto de Magalhães



D. VITAL



D. VITAL



OM Fr. Vital Maria Gonçalves de Oliveira é um dos vultos mais salientes da historia da Igreja brasileira.

Em breve tempo, consummou elle uma longa carreira, deixando traços luminosos de sua rapida passagem pelo solio da Cathedral Olindense.

A grandeza moral de D. Vital foi excepcional, especialmente em sua heroica administração diocesana.

Em um simples artigo de uma revista não é possível escrever-se a biographia de um cidadão, de um sacerdote, de um bispo da tempera de D. Vital; elle foi o prototypo do homem de caracter.

Dotado de uma intelligencia lucida, profunda e firme, de vontade enérgica e de coração bondoso e caritativo, D. Vital foi justamente admirado pelos homens mais notáveis do Brasil e do estrangeiro, que tiveram a felicidade de conhecê-lo intimamente.

Sua vida sacerdotal, na Ordem Religiosa dos Capuchinhos, foi curta e repleta de sofrimentos, pelo estado precario de sua saúde. Pouco tempo leccionou no Seminario Episcopal de S. Paulo, em companhia de seus irmãos de habito.

Achava-se elle na cidade de Ytú, servindo de Cappellão do Collegio de N. Senhora do Patrocinio, quando, em maio de 1871, foi surpreendido com o decreto imperial de sua nomeação para Bispo da importantissima Diocese de Olinda.

Tendo apenas 26 annos de idade, elle julgou-se, como o Propheta Jeremias, uma criança para assumir sob seus hombros ainda frageis tão pesado encargo.

Como o mesmo Propheta, exclamou, ao receber essa inesperada noticia: *A, a, a, Domine Deus, nescio loqui, quia puer ego sum.*

Foi tal a sua impressão, que, ao receber uma esplendida e entusiastica manifestação na legendaria cidade de Ytú, banhado em lagrimas, pediu a seu Superior Diocesano Fr. Eugenio de Rumely que fosse o interprete de sua profunda commoção perante aquelle numeroso e illustrado auditorio.

Filho da obediencia, elle submetteu-se humildemente á vontade de seu legitimo Superior, aceitando o formidavel peso do episcopado.

Desde o dia de sua nomeação até ao de sua sa-gração na Cathedral de S. Paulo pelo virtuoso e illustado Bispo do Rio de Janeiro, D. Pedro Maria de Lacerda, a 17 de março de 1872, elle passou no mais profundo recolhimento, pensando na gravissima responsabilidade do cargo, que lhe era imposto pelas mãos da Divina Providencia.

Já em sua pastoral de saudação a seus queridos diocesanos, dirigida desta capital, elle revelou a grandeza de sua intelligencia e a nobreza de seu caracter.

Desde o inicio de seu fecundissimo episcopado, elle estava sciente das enormes difficuldades de sua futura administração diocesana. D. Vital não era um desconhecido em sua terra natal, que brevemente seria o theatro de grandes acontecimentos na ordem religiosa.

Seu passado correcto como sacerdote distincto não desmentia seu futuro brilhante, como Bispo cumpridor

fiel e heroico de seus arduos deveres. Elle entrou na arena do combate criticosamente, aguardando com inabalavel firmeza seus gratuitos e encarniçados inimigos. Com admiravel prudencia, elle esperou o momento da lucta, envidando todos os esforços para vital-a sem sacrificios de seus deveres episcopaes. Não foi um temerario nesse formidavel conflicto travado entre o governo imperial e a Igreja brasileira.

O homem inimigo, de que nos fala o Evangelho, tinha-se apoderado dos proceres da administração publica, para invadir a Igreja brasileira. Nessa emergencia, era impossivel o silencio nos arraiaes de Israel. Ao Bispo mais moço do Brasil, a uma criança, na expressão de sua primeira pastoral, estava reservado dar o grito de alarma, acordando as sentinellas das Dioceses da nossa estremecida patria. A voz desse joven Prelado repercutiu no Brasil, em toda a America, na Europa e nos paizes civilizados da Asia e da Africa. O proprio Vaticano escutou essa palavra proferida em uma prisão longinqua e desposou a causa desse prisioneiro excepcional.

O processo, a que se sujeitou D. Vital no exacto cumprimento de suas obrigações episcopaes, é uma sombra negra nos annaes da magistratura brasileira. O espirito das trevas se apossou daquelles que deviam ser os representantes do direito, os defensores do innocente injustamente accusado. Não foram observadas as normas as mais triviaes de um processo criminal.

Quando leio as peças desse descommunal processo, transporto-me em espirito ao pretorio de Pilatos, onde o justo por excellencia é opprimido e condemnado.

Desde sua prisão no Palacio da Soledade, novo jardim das Oliveiras, até sua condemnação a quatro annos de prisão com trabalho em uma casa de correção, D. Vital foi o prototypo do homem justo injustamente condemnado.

A *iniquidade mentiu-se a si mesma*, na phrase enérgica do Propheta-Rei.

O governo imperial reconheceu a impossibilidade do cumprimento da pena decretada pelo mais alto tribunal da nação.

A immediata commutação dessa pena infamante foi sem demora promulgada. A nação brasileira sentiu-se profundamente abalada em seus sentimentos religiosos. Um Principe da Igreja, notavel por seu zelo apostolico, por seu caracter ilibado, por suas virtudes heroicas e profunda illustração, é arrancado de sua Diocese, do meio de seu querido rebanho, e atirado em um carcere, como um criminoso vulgar!!

As horrorosas consequencias dessa sentença iniqua aterrorisaram os mais altos representantes do poder e o primeiro Magistrado da nação brasileira. A commutação da pena foi o unico recurso de momento lembrado para suavisar os horrores dessa sentença.

Com razão, o eminente Prelado, conhecedor das consequencias desse conflicto, escreveu anteriormente ao Conselheiro João Alfredo, ministro do Imperio, as seguintes phrases: « Muito me custa a crêr, Exmo. Sr., que o mesmo punho que ha tão pouco tempo

assignou o decreto de minha nomeação, lavre agora a sentença de minha desautoração. Todavia, se tal acontecer, rogo encarecidamente a V. Exc., como bom amigo, lavre antes o meu decreto de prisão e de ostracismo, porque o apoio prestado á maçonaria pelo Governo Imperial, não me fazendo de modo algum ceder, dará infallivelmente occasião a conflictos lamentáveis. Comprehenda V. Exc. que esta questão é de vida ou de morte para a Igreja Brasileira; cumpre-me antes arcar com os maiores sacrificios, que affrouxar. Procederei sempre com muita calma, prudencia e vagar; porém ceder, ou não ir avante, é impossivel. Não vejo meio termo.

Esta carta foi recebida pelo Ministro do Imperio, antes da iniciação do famoso processo. O resultado foi o enorme embaraço do governo para dar fiel cumprimento á sentença decretada.

Realisou-se a prophacia de D. Vital — o conflicto chegou ás ultimas consequências.

O grande Bispo, o cidadão honrado, o Principe da Igreja, o Pontífice de Christo, foi condemnado a ter a cabeça raspada e a ficar quatro annos preso na casa de correção, fazendo os trabalhos dos galés, se fosse pontualmente executada a sentença proferida pelo Supremo Tribunal de nosso paiz.

Entretanto, na phrase do não menos heroico D. Antonio de Macedo Costa, «D. Vital não é um espirito vulgar, é um espirito superior, é um varão de alta piedade, é um homem de Deus! Oh, sim, todos os que crucificavam D. Vital, hoje devem bater nos peitos, dizendo: Em verdade, era um grande Bispo!

Oh! sim, elle tinha uma alma pura e recta, um caracter nobilissimo e de rija tempera, um coração vasado pelo modelo dos santos, cheio de amor de Deus, cheio de caridade para com o proximo; era um Bispo de levantada estatura, talhado para iniciar a obra colossal da reforma da Igreja brasileira; e iniciou-a com valentia heroica. Quiz fazer um grande bem, tendeu para elle com energia athletica; esmagaram-no. Estalou de magua, vendo-se desamparado e sem forças.

Vencido, porém, ficou com a victoria — a verdadeira victoria que põe o mundo inteiro debaixo de nossos pés, a victoria da fé!

No meio da apagada e vil tristeza destes tempos, ante o espectáculo vergonhoso que ahi dão fasto arrogante, a baixaza, a corrupção, o geral servilismo, surge aquella nobre e altiva virtude e resplandece aos olhos de seus proprios adversarios, vingando a honra da Igreja. Eis ahi desenhado em rapido esboço o majestoso vulto de D. Vital ».

Ao mesmo tempo que se desenrolavam estas lamentáveis e horrorosos acontecimentos em nossa extremecida patria, é enviado a Roma, em missão especial, o sr. Barão de Penedo.

Tratando profissionalmente dessa desastrada missão, o invicto D. Macedo Costa a profliga do seguinte modo: «O sr. Barão de Penedo, proclamando-o *um réu*, coberto de não sei quantos crimes, fazendo-o passar em Roma por um moço desatinado e sem prudencia, cheio de orgulho e de protervia, capaz de descer á vileza da manha e da mentira, fez a um dos mais estrenuos e preclaros caracteres de nossa nação uma injustiça flagrante. Agora que soou a hora das reparações; agora que o luctador de Deus dorme o somno da paz, depois de ter perdoado a seus inimigos; agora que suas cinzas veneradas no estrangeiro repousam em terra da patria, no meio das homenagens reverentes e saudosas do povo que elle tanto amou; agora que sua alma, como esperamos, está

glorificada no seio da eterna Misericordia e da eterna Justiça, queremos crer que o nobre Barão de Penedo, reconhecendo o seu engano, fará tambem o acto de desagravo, inclinando-se deante desta grande memoria. Em todo caso, ha de reconhecer que foi infeliz, infelicissima, sua missão, na escolha dos meios que empregou para lograr o resultado ».

Longo caminho eu teria a percorrer para examinar detidamente a famosa missão Penedo. Em sua obra monumental — *A questão religiosa perante a Santa Se*, — o illustrado D. Antonio de Macedo Costa prova exuberantemente que — a missão Penedo foi infeliz na escolha de seus meios — foi confundida nas gravissimas accusações feitas aos Prelados — deu informações inexactas sobre os factos do conflicto — foi injusta na apreciação do character do Sr. D. Vital — foi nulla quanto a seu resultado naufragou no porto pela prudencia e constancia do Bispo de Olinda — foi condemnada pelo Papa e pelo Cardeal Antonelli — defendeu-se tristemente, sendo essa missão completamente aniquilada pelas mais terminantes declarações da Santa Se Apostolica.

Todas estas proposições foram peremptoriamente provadas pelo eminente escriptor com documentos authenticos, uns já publicados e outros até então inditos.

D. Vital sahia triumphante nessa lucta travada primeiramente pela maçonaria e ultimamente pelo Governo Imperial, que assumia toda a responsabilidade do conflicto encetado pelas confrarias infectadas do *virus* maçonico.

Os dous invictos Prelados não accitaram o perdão offerecido pelo governo. O perdão suppõe um crime. Correctamente procederam essas victimas innocentes, recusando o perdão offerecido.

Sous nomes, até então gloriosos, seriam estigmatizados com essa infamia. Seus longos e atrozos sofrimentos seriam baldados em face da Igreja e do mundo civilisado.

Felizmente, o Governo Imperial entrou no santuario de uma consciencia esclarecida e lançou mão do unico alvitre racional e justo — *A amnistia*.

Para realizar este luminoso projecto, foi organizado o gabinete 25 de junho, sendo o Duque de Caxias presidente do Conselho, e Ministro dos Estrangeiros e interino da Fazenda, o Barão de Cotegipe.

Este, depois de declarar no Senado que o governo fizera da amnistia *questão sua*, depois de reivindicar para o gabinete a iniciativa e a responsabilidade desse acto da Corôa, disse: «A medida (da amnistia) não foi censurada no corpo legislativo; não temos, portanto, necessidade de justifical-a. Se fosse mister justificação, ella se acharia *na situação do paiz que exigia a adopção desta medida sem mais detença*».

No dia seguinte, o Ministro da Justiça assim respondeu a uma interpegação: «Senhores, observando a marcha do conflicto suscitado em consequencia dos interdictos postos á algumas irmandades das dioceses de Olinda e do Pará, encontramos responsabilizados, presos e condemnados, ou em via de sê-lo, não só os respectivos Bispos, mas tambem os Governadores por elles nomeados, cuja auctoridade fóra a principio reconhecida pelo Governo Imperial, mas que a seu turno recusavam levantar os interdictos.

Dahi resultara ficar a Diocese do Pará sem regimen regular; porquanto, condemnado o seu Governador e *deliberrado o Governo Imperial não reconhecer mais a auctoridade de prepostos nomeados pelos Bispos*, ordcnara que o Cabido elegesse Vigario Capitular.

Ora, essa ordem não foi cumprida, entretanto que o Governador, apesar de preso, continuava a exercer a jurisdição espiritual...

A Camara sabe que as missões diplomaticas enviadas a Roma, solicitando a intervenção da Santa Sé para resolver o conflicto, FORAM MALLOGRADAS. O encarceramento dos Prelados era o motivo sempre allegado contra as tentativas de uma solução horrosa.

Tal era a situação. A anarchia dos negocios ecclesiasticos, ao extremecimento das relações entre a Igreja e o Estado, ao desassocego das consciencias profundamente perturbadas, ao scisma a ensaiar-se, accresciam acontecimentos de outra ordem... Em tal estado de cousas, attentas as circumstancias succintamente esboçadas, entendeu o gabinete a que me honro de pertencer que era conveniente e opportuno propôr á Corôa a amnistia e em boa hora a obteve...

Organizado o gabinete, occupámo-nos logo deste assumpto, e foi por deliberação conscienciosa e livre que solicitámos da Corôa essa medida altamente politica, como uma das que mais careciamos para continuar com a responsabilidade do governo.

Esperamos que este acto produza as mais salutares consequencias e, arrefecidas as paixões, apaziguados os espiritos, venha o restabelecimento da paz entre a Igreja e o Estado ».

Esses topicos do discurso do emirante Barão de Cotegipe, Ministro dos Extrangeiros e interinamente da Fazenda, e do Ministro da Justiça o deputado Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque demonstram evidentemente o correcto procedimento dos dous distinctos Prelados.

A Monarchia brasileira por esse acto de amnistia passou uma esponja sobre esse monstruoso processo, reconhecendo o longo caminho errado até então percorrido, desde o inicio desse malhadado conflicto.

O catholico povo brasileiro encheu-se de alegria, por tão jubiloso acontecimento.

Nas capitães das Provincias, nas cidades e nas mais remotas ireguezias entoaram-se hymnos de acção de graças pela liberdade dos Bispos e dos Governadores das Dioceses.

O Governo Imperial, dignamente representado, foi felicitado por todos que almejavam a paz e a harmonia entre a Igreja e o Estado.

Livre da prisão pelo decreto de amnistia, D. Vital seguiu para Roma, para ahi pessoalmente explicar todos os seus actos em relação a esse lamentavel conflicto.

O Santo Padre Pio IX recebeu o grande Bispo, como um pae recebe o seu filho extremecido.

« Mio caro Olinda! Mio caro Olinda! » exclamava Pio IX, fitando seus olhos arrasados de lagrimas no joven confessor da fé.

Ao descrever essa scena tocante, o seu denodado companheiro de luctas assim se exprime: « Causou a todos maravilha o sahir assim o Papa de todos os estylos nesta extraordinaria manifestação do vivo affecto e singular estimação em que tinha o apostolico Prelado.

Além disso, mandou Monsenhor Jacobini, acompa-

nhado de um official da Congregação dos Negocios Ecclesiasticos Extraordinarios, fazer em seu nome uma visita ao digno Prelado, oferecendo-lhe duas grandes medalhas, uma de ouro, outra de prata. O Summo Pontifice fez-lhe ainda um rico presente e outros graciosos mimos. Todos os dias era D. Vital admittido á insigne honra de acompanhar o Papa em suas diversões pelos jardins do Vaticano... »

A monumental Encyclica *Exorto in ista ditone*, do Santo Padre Pio IX, promulgada em Roma a 29 de abril de 1876, e depois publicada em todas as Dioceses do Brasil, pelos seus respectivos Prelados, terminou o memoravel conflicto religioso na nação brasileira.

D. Vital regressou á sua querida Diocese, tendo brilhante recepção em sua chegada ao Recife. No meio das mais pomposas festividades, entrou nessa populosa capital, proferindo na Igreja de S. Pedro um eloquente e commovente discurso.

Depois desta grande victoria alcançada perante os mais altos poderes da nação e perante a Santa Sé Apostolica, a missão deste denodado campeão da religião catholica parecia terminada gloriosamente. Seus incommodos phisicos se aggravaram e o grande Bispo viu-se forçado a ir a Paris tratar de gravissima enfermidade contrahida nos aposentos do Palacio da Soledade.

Todos os recursos da medicina foram baldados. Em 1878, no Convento dos Capuchinhos em Paris, rodeado de seus irmãos de habito, essa alma candida, devidamente confortada com os ultimos sacramentos, deixou o envolvero da materia, para apresentar-se deante do Supremo Tribunal Divino, onde se esculam a justiça e a misericordia.

O grande morto foi sepultado com as honras devidas á sua alta hierarchia ecclesiastica.

Por essa occasião, proferiu uma tocante e substancial oração funebre o eminente escriptor Monsenhor Segur, Bispo titular.

A memoria de D. Vital é indelevel na patria brasileira.

O governo imperial reconheceu o seu erro.

D. Vital é aclamado por toda parte, como o prototypo do cidadão honrado, do humilde Religioso, do sacerdote illustrado e zeloso e do Bispo verdadeiramente apostolico.

Sua intervenção constante na patria celeste pela Igreja brasileira animará seus companheiros de episcopado nas luctas diversas da actualidade. Os mortos dirigem os vivos. D. Vital jámais se ovidará desta patria, que elle tanto amou e pela qual se sacrificou heroicamente.

Suas beneficicas preces hão de orvalhar esta terra ainda, transformando-a em Paraiso.

O *Album Imperial*, prestando homenagem a D. Vital, mostra-se imparcial e correcto em escrever a historia da Monarchia Brasileira, que, por longo tempo, felicitou a nossa extremecida patria.

Henrique da Costa



D. Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira

19.º BISPO DE OLINDA



FILHO de Antonio Gonçalves de Oliveira e dona Antonia Albina de Albuquerque, e chamado no seculo Antonio Gonçalves de Oliveira Junior, nasceu na freguezia de Pedras de Fogo, em Pernambuco, a 27 de novembro de 1814, e falleceu no convento dos capuchinhos de Paris, a 4 de julho de 1878. No convento dos capuchinhos de Versailles, já com o primeiro anno do curso de theologia, feito em Olinda, e com a prima tonsura, recebeu o habito de S. Francisco de Assis, a 15 de agosto de 1863, e professou um anno depois com o nome de fr. Vital Maria de Pernambuco. Passando ao convento de Tolosa, concluiu seus estudos e recebeu ordens sacras em outubro de 1868. Vindo para o Brasil, estabeleceu-se na provincia de S. Paulo, em cujo seminario leu theologia e foi capellão do Collegio de N. S. do Patrocinio. Foi nomeado Bispo a 21 de maio 1871, preconisado em consistorio de Roma a 22 de dezembro, com dispensa da idade canonica, sagrado na capital paulista a 17 de março do anno seguinte, empossado no cargo por seu procurador, o conego vigario capitular João Chrysostomo de Paiva Torres, a 2 de abril, e fez a 24 de maio sua entrada solemne na Diocese, onde foi entusiastica e jubilosamente recebido. Bem cedo, porém, cerca de cinco mezes decorridos, considerando contrarias ás doutrinas do catholicismo idéas emitidas nos periodicos *A Familia Universal* e *A Verdade*, teve de abrir lucta com a maçonaria, fulminando-a numa pastoral, e dahi a triste e celebre questão religiosa que abalou todo o Brasil e a que seguiu-se sua prisão e processo e de seu erudito e virtuoso collega o Bispo do Pará. Seu governo pouca duração teve, porque, sahindo logo da Diocese, só a ella voltou em outubro de 1876, para retirar-se de novo para a França, em abril do anno seguinte, e não tornar mais á patria. Póde-se consultar a seu respeito e sobre a questão religiosa o livro « O Bispo de Olinda, D. Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira, perante a historia », pelo dr. A. M. dos Reis, e mesmo « A questão religiosa perante a Santa Sé », pelo Bispo do Pará. Escreveu:

Mez do sagrado coração de Jesus, traduzido, etc., com o methodo de ouvir missa pelo auctor do Anno Eucharistico. Rio de Janeiro, 1875, 75 pags. in-12" — Segunda edição, correcta e augmentada com a Novena do Espirito-Santo do padre Manoel Consciencia. Rio de Janeiro, 1888.

— *Carta pastoral*, saudando seus diocesanos depois de sua sagração. S. Paulo, 1872, 15 pags. in-8º — Segunda edição. Recife, 1875, 23 pags. in-8º.

— *Carta pastoral* ao clero da Diocese, exhortando-o a que prolifique os erros da imprensa impia. Recife, 1872, in-8º — Segunda edição, idem, 1873, 8 pags. in-8º.

— *Carta pastoral* premunindo seus diocesanos contra as ciladas e machinações da maçonaria. Recife, 1873, 45 pags. in-8º.

— *Carta pastoral* aos seus diocesanos sobre os

desacatos do dia 14 de maio. Recife, 1873, 16 pags. in-8º — Segunda edição, idem, 1875, 15 pags. in-8º.

— *Carta pastoral*, publicando o breve de S. S. o Papa Pio IX, de 29 de maio de 1873. Recife, 1873, 20 pags. in-8º. — Segunda edição, 1875, 20 pags. in-8º.

— *Carta pastoral*, dirigida do carcere da fortaleza de S. João aos seus diocesanos, em 25 de março de 1874. Recife, 1874, 29 pags. in-8º. — Foi tambem publicada na Campanha, 1874, in-4º.

— *Carta pastoral* mandando do carcere da fortaleza de S. João, consagrar a sua Diocese ao Sagrado Coração de Jesus. Recife, 1874, 32 pags. in-8º.

A maçonaria e os jesuitas. Instrução pastoral aos seus diocesanos. Rio de Janeiro, 1875, 205 pags. in-8º; teve 2.ª edição no Recife, no mesmo anno, 200 pags. in-8º; 3.ª em Guimarães (Portugal), 1876; 4.ª no livro do dr. A. M. dos Reis, pags. 566 a 705, sendo ainda reproduzida em varias revistas catholicas do Brasil e da Europa.

— *Carta pastoral* annunciando aos seus diocesanos o termo de sua reclusão e sua proxima viagem *ad limina Apostolorum*. Recife, 1875, 40 pags. in-8º.

— O auctor foi o primeiro Bispo brasileiro que, como tal, foi a Roma *ad limina Apostolorum*. Voltou elle em outubro de 1876.

— *O Bispo de Olinda* e os seus accusadores no tribunal do bom senso, ou exame do aviso de 27 de setembro e da denuncia de 10 de outubro, e reflexões acerca das relações entre a Igreja e o Estado. Recife, 1873, 146 pags. in-8º.

— *Resposta do Bispo de Olinda* ao aviso de 12 de junho e reflexões sobre a resolução do conselho de Estado, relativamente ao recurso interposto pela Irmandade do Santissimo Sacramento da matriz do bairro de Santo Antonio da cidade do Recife, por causa do interdicto que lhe foi lançado. Recife, 1873, 47 pags. in-8º. — Foi ainda publicada na Bahia, 1875, 38 pags. in-8º.

— *Carta* ao exmo. e revmo. sr. d. Frederico Azeiros, Arcebispo de Buenos-Aires. Recife, 1874, 17 pags. in-8º.

— *Oração* que no dia 24 de maio pronunciou no solio, na igreja cathedra, por occasião de sua entrada na cidade episcopal. Recife, 1872, in-8º. — 2.ª edição, idem, 1875, 14 pags. in-8º. — Acha-se tambem no mencionado livro.

— *Discurso* pronunciado na igreja de S. Pedro a 6 de outubro de 1876, dia de seu desembarque. Recife, 1876, 28 pags. in-8º. — Trata-se do desembarque, voltando de Roma.

Resumo historico da questão religiosa do Brasil, para tornar bem conhecida a verdadeira historia desta desgraçada questão, desde sua origem até ao presente. — Foi escripta em Roma, em dezembro de 1875, traduzida e publicada no livro do dr. Reis, pag. 728 a 766.

(Do *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, de Sacramento Blake).



O EMBAIXADOR

I

Não tarda o Embaixador. No paço azafamado
 Já para o receber se apresta engalanado
 O mundo official; e a trefega milicia
 Que nos jornaes esbarga o osso da noticia,
 Rebrunido os chavões, prepara varias petas,
 Com que tem de pejar o ventre das gazetas.
 Não tarda o Embaixador. Vem do centro altaneiro
 Em que tudo se arranja á força de dinheiro,
 Onde o repubblicano, armando o lynchamento,
 No direito penal faz questão do pigmento,
 E á truncada Escriptura arrancando um verseto
 Tem uma lei p'ra o branco e outra para o preto.
 Não tarda o Embaixador. Vem soberbo, radioso
 Da proeza final, pois com tino assombroso
 Dez tomos escreveu, citou cem relatorios,
 O Larousse, o Alkorão, revistas, farellorios,
 E a golpes de loquella e de phrases pimpneas
 Deixou que entrasse o inglez no valle do Amazonas.
 Sobre tantos laureis do triumpho hypothetico
 Inda a c'rôa ajustou de um gran concurso esthetico:
 — *Dos homens o mais bello!* — assim por telegramma
 Consta que o proclamou uma excentrica dama...
 Não tarda o Embaixador... E o paço galas traja,
 Concertam-se festins... Dinheiro, Barão haja!

*

Mas antes que o foquete e o champagne e o discurso
 Ao vezo adulator engrossem farto curso,
 Quero erguer meu protesto em nome da coherencia,
 Em nome do pudor, em nome da decencia,
 E bem alto elevar, sobre esta palhaçada,
 A formidanda voz da moral ultrajada.

II

A vós primeiro falo, a vós republicanos,
 Que odiáveis sem causa o escol dos soberanos
 E agora enthronisacs no solio envilecido
 Os serventes anões do Imperador banido;
 Que onde encontrastes Deus puzestes Beelzebuth,
 E onde Pedro, o Gigante, — Afonso Liliput;
 Que andáveis a sonhar, na caça da utopia,
 E hoje vos rebolcaes na lama desta orgia...
 Palae, e justa acaso esta honraria publica
 Ao que tanto cuspiu nas faces da republica?
 O transfuga que a vós, com armas e bagagem,
 Tão de fresco passou, merece esta homenagem?
 Que fariéis então aos velhos legionarios
 Que outr'ora em vosso pról arcavam temerarios,
 Quando este, em nosso altar, cantava a mesma loa
 Que ao vosso manipanso agora humilde entoa?
 Apraz-vos a traição? Premiaes o venal?
 Esta a lei que seguis? Mas é torpe e immoral!

*

Vós outros, capitães da phalange impolluta
 Que da vida através na penosa labuta
 Têm conservado a crença, o ideal, o decoro
 E co'a ponta do pé repellis a offerta de ouro,
 Respondei-me tambem: chegando o renegado,
 Como o irclei receber, ao desertor culpado?
 Se a dextra lhe extendeis com semblante propicio,
 Condemnaes a virtude, a honra, o sacrificio.
 Se elle um dia acertou, se o transigir é licito,
 Asnos os outros são, e tornaes isto explicito.
 Do escombrado alcaçar que foi a Monarchia.

Arrie-se a bandeira, a cruz que a protegia,
 E alli se arvore um trapo, uma cousa, um letreiro,
 Que por vergonha nossa explique ao mundo inteiro:
 « Tudo cede ao poder! Somos uns desfibrados...
 Monarchistas não ha... 'São todos empregados ».

*

Volvo-me após ao povo, ás multidões obscuras,
 Que Jesus doutrinava usando de figuras,
 E um paralelo faço. Em casebre sombrio
 Padce uma mulher a fome, a sede, o frio,
 Não tem roupa nem pão... De noite, baixa á rua,
 Vagucia allucinada, e por desdita sua
 E' moça ainda, é bella, é desgraçada, é credula,
 E encontra o tentador, que a trôco de uma cedula
 A deshonra propõe. Ella acceita e, vendida,
 De carro lá se vai p'ra ceia prometida...
 Moralista burguez, campeão da virtude,
 Para a pobre infliz tu tens a phrasc rude;
 Se ella ostenta á janella a fanada belicza,
 Reclama da policia a bestial cruexa;
 O seu quinhão de sol recusas á mesquinha;
 E emtanto eu te verei, curvada a molle espinha,
 Descoberta a cabeça, alvar, engrossador,
 Measureiro e servil perante o Embaixador!
 Farás nisto justiça? Engano. Ambos são réus,
 Porém o crime delic é maior: brada aos céus.
 Abra-se á meretriz o asylo, a prece, o ensino:
 Mas para o Embaixador — o horvado alexandrino!

*

Que foi crime negaes? Sómente ao militar
 E' defeso o fugir? vergonha o desertar?
 Pois foi o que elle fez. Transfugio do ideal;
 Bradou á tradição: Vae-te embora, és um mal!
 As esporas tirou de errante cavalleiro
 E alistou-se hístrião nos circos do estrangeiro;
 Deixou na mesa santa a luz que lhe esplendia,
 P'ra receber no escuro o pret da apostasia;
 E affronta sobre affronta! a corruptora esmola
 Vinha daquella mão do Meroveu pachola
 Que o direito assaltara, e em tetrico momento
 O decreto assignou do infame banimento...

*

E agora que te lembro o crime e o seu horror,
 Vae correndo, ó burguez, saudar o Embaixador!

III

Mas o que mais me dóc é ver no lago impuro
 A flôr da mocidade, o germen do futuro.
 Moços da minha terra! ó nobres corações!
 Não vades, por quem sois, glorificar traições!
 Do vosso enthusiasmo excita-se a nevrose
 Por leve-la, inconsciente, á negra apothese.
 Deixae esse papel aos vates alugados,
 Jornalistas a soldo, eunucos desbriados.
 Se no peito guardaes o amor da Monarchia,
 Não podeis applaudir o heróe desta folia;
 Se a republica amaes, dae-lhe ao gasto organismo
 Medula de leões, não restos do adhesismo.
 Repelli suggestões, não toméis parte em farças:
 Sede embora revéis, mas não sejaes comparsas!

E agora póde vir... Sobre esta palhaçada
 Vinguei no meu protesto a moral ultrajada.

CARLOS DE LAET

OS FUNERAES DE D. PEDRO II

III

Em S. Vicente de Fóra

A TRASLADAÇÃO dos restos mortaes do Sr. D. Pedro II ficou ultimada com as imponentes cerimoniaes hontem descriptas pelo nosso correspondente especial, e ha dous dias que elles descansam ao lado do tumulo da Imperatriz. Não é mais sobre Paris que a esta hora se concentra a attenção com que o nosso povo tem acompanhado os despojos do seu grande soberano. A Magdalena, despida de suas ricas armações, não offerece mais a ondas de visitantes a vista do soberbo catafalco. Ao passo lento e grave do prestito nas ruas de Paris, demorado por vezes para receber algumas dessas tocantes homenagens com que a França, mesmo na hospitalidade e no luto, mostra não abdicar o privilegio da imaginação, succedera a marcha vertiginosa do expresso devorando noite e dia a distancia entre a capella ardente improvisada na *gare* de Orleans e o jazigo da casa de Bragança. As noticias nos chegam de que por toda parte foram rendidas ao fallecido Imperador as honras, — ainda que não todas as honras que cile teria outrora recebido, — devidas á sua alta gerarchia e, melhor do que isto, tributos de veneração e respeito, em parte prestados ao caracter do soberano e em parte á dignidade do exilado. Como já o eramos para com a França, somos hoje devedores á nação hespanhola e á portuguezza por essas demonstrações, que são o commentario do mundo á benignidade do reinado.

A monarchia hespanhola resente-se neste momento de uma fraqueza de que, entretanto, a qualidade caracteristica da raça tem feito a sua força. Republicanos mesmo cedem á extranha fascinação que não é outra cousa senão a combinação dos dous prestijos, da maternidade e do infortunio, e assignam tréguas racionaes com a joven rainha que defende sómente com a sua fraqueza a corda de seu filho. Lamartine em 1848 sentiu na camara dos deputados o poder dessa emoção e um instante pensou em proteger com a sua palavra victoriosa a joven duqueza de Orleans. Lafayette teve essa mesma fragilidade dos corações fortes ao apresentar ao povo o Delphin nos braços de Maria Antonietta. Conhecia as profundas correntes do sentimento popular o ministro de Luiz Philippe, que pensou em anniquilar com a boa fama do duque de Berry as esperanças futuras de Henrique V. Mesmo Napoleão imaginou que a infancia do «rei de Roma» teria maior poder sobre o povo francez e a Europa do que a sua infinita trajectoria de gloria. Se, em vez de passar com a rapidez da locomotiva, o prestito atravessasse a península com a lentidão dos antigos cortejos mortuarios, creando na imaginação quadros como esse que inspirou a tela de Pradilla, o povo hespanhol divisaria no segundo plano desses funeraes da realza um grupo em profundo contraste de fortuna com o que elle se deleita em contemplar no luxuoso desfilar do Prado ou nas sombrias alamedas de Aranjuez.

Em Portugal, os elementos para a formação do sentimento de respeito de D. Pedro II são diversos dos que possuem os outros paizes; em mais de um sentido, são os mesmos que entre nós. A divisão dos portuguezes em dous campos, o monarchico e o republicano, terá introduzido nas homenagens prestadas ao fallecido Imperador o fermento da dissensão partidaria? E' de pre-

sumir que os proprios republicanos portuguezes tiveram a sagacidade de reconhecer que a massa dos seus patriotas, antigos residentes no Brasil, levaram a convicção de que o finado Imperador tinha direito ás mais elevadas provas de respeito que lhe pudessem tributar. Nem o capital politico que o partido republicano por acaso pensasse em extrahir de uma situação passageira seria nunca tão consideravel que pudesse compararse á hypotheca perpetua que Portugal ficará tendo sobre a nossa gratidão, pelo facto de ter acolhido os restos e de guardar a sepultura de D. Pedro II. A Republica no Brasil deu um momento grande impulso ao republicanismo portuguez, mas se este não tiver forças proprias e se vir reduzido, para crescer e triumphar, a contar sómente com a propaganda feita em Portugal pelo exemplo das nossas instituições, o militarismo, os golpes de estado, o estado de sitio, e ainda agora as expedições para trancar as Constituições dos Estados recalcitrantes, lhe tiraram tudo quanto a victoria facil e inesperada da revolução lhe possa ter dado em novembro de 1889, sem fallar do proselytismo que a desorientação do cambio opera em sentido contrario. E' assim natural que o movimento republicano não tenha querido confundir a sua causa com a dos que se suppoem politicamente lesados pela glorificação do Marco-Aurelio americano. E' licito anticipar que os elementos todos da opinião portugueza se manifestaram com a espontanea e sympathica unanimidade com que o fizeram sempre em todas as graves contingencias a que o scritimento nacional brasileiro se tem achado exposto e que o têm profundamente abalado.

Se o fallecido Imperador pudesse ter consciencia da mudança de scena, sentiria que está no meio dos seus. Por certo Portugal não é ainda o Brasil, os seus invernos são ás vezes rigorosos, a sua vegetação não é a dos tropicos, e o paiz não suggerer de fórma alguma a lomboza do immenso territorio com o qual elle se havia identificado. Mas por outro lado Portugal e o Brasil tiveram até certa época a mesma historia, terão sempre a mesma literatura e a mesma lingua e d'ora em diante o tumulo de Pedro II será uma força de atracção entre elles mais poderosa talvez do que todas as outras. E' cedo ainda para prever sob que fórma se accentuará o novo culto luso-brasileiro de que S. Vicente de Fóra vai ser o santuario, mas desde já se pôde ter certeza de que as reliquias entregues á nação portugueza receberão della perpetuamente todos os officios da devoção e do respeito que os povos de alma e coração sabem prestar aos grandes manes de que são depositarios.

Teremos muitas occasiões para proclamar no decurso da nossa vida a divida em que ficamos para com Portugal e não ha duvida que a permanencia dos restos do Imperador em S. Vicente de Fóra tem que dar lugar a constantes episodios de sympathia, em nossas relações com a antiga metropole, até que um dia, extinctas as paixões, apagados os preconceitos e destruidos os obstaculos, outra geração que comprehenda melhor o patriotismo e offereça mais seguro abrigo á piedade nacional, se encarregue de ir buscar através do Atlantico os restos do homem que, no mais elevado sentido da expressão, foi o fundador da nossa patria.



Com a França, porém, pôde-se considerar fechada a conta da nossa dívida, e por isto c-nos grato reconhecer-a. Fez-se uma tentativa, mas sem resultado, para transportar para o campo das animosidades políticas o acto de deferencia da França á alta gerarchia do seu hospede, em uma cerimonia excepcionalmente privilegiada por todas as leis humanas, como é a dos fune-

raes. Nenhuma outra bandeira podia cobrir o atáude do Sr. D. Pedro II senão a antiga bandeira nacional, e seria exigir muito de uma nação soberana impôr-lhe que arrancasse de sobre um feretro o emblema da gloria e da personalidade do morto.

JOAQUIM NABUCCO

BILHETES POSTAES

PARIS. 8 de junho de 906

O IMPERADOR

E' AINDA de Portugal e não de Paris, onde cheguei ha tres dias, que lhes quero falar.

A minha visita ao Pantheon dos reis portuguezes, em S. Vicente de Fóra, realisou-se numa tarde calida de maio. O meu intuito capital era ver o corpo embalsamado do Sr. D. Pedro II, que alli dorme o eterno somno, deitado tranquillamente no seu sarcophago, longe do bulicio do mundo e livre da intriga que lavra por toda a parte. Na minha qualidade de brasileiro e de republicano, que não teve jámais relações de especie alguma com o velho monarcha que, por uma necessidade imperiosa, o governo provisório exilou e baniu, desde que desembarquei em Lisboa senti o desejo aguilhoante de me approximar delle, que para mim, nesse momento, representava a patria, a patria distante e amada, que eu havia deixado.

Na piedosa intenção de o ver, atravessei a pequena porta que do claustro do Mosteiro conduz ao Pantheon e penetrei numa sala alta, fria e quasi escura, toda forrada de pedra lioz. Uma mulher, a esposa do guarda, varria o chão e uma nuvem de poeira asphyxiante toldava o ar e ainda roubava um pouco da escassa luz que alli penetra através de vitraes polychromos e estreitos.

Tirei respeitosa e o meu chapéu e approximei-me do sarcophago onde dorme o ultimo Imperador do Brasil.

Elle está collocado sobre uma banquetta de pedra bastante alta e coberto por uma bandeira brasileira de seda, na qual se acha bordada a corôa imperial. Muitas grinaldas o cobrem, grinaldas de flores naturaes murchas, de velludo e de seda desbotada, de *biscuit* maculado pelo pó, algumas com inscrições nas fitas, outras mudas.

O guarda trouxe uma pequena escada de uão e

collocou-a junto ao sarcophago. Subi por ella e, depois de retiradas as corôas e a bandeira, inclinei-me sobre o tampo do esquite, que é de vidro, e procurei ver o corpo do monarcha.

Magro, mumificado, com o peito encovado, as mãos liirts e esqueleticas enluvadas de branco, a barba alva, muito reduzida, a descer-lhe por sobre a farda *faucé*, as pernas envoltas num cobertor ordinario, os olhos semicerrados e fundos, parecendo-me o corpo de uma estatura muito menor do que a que tinha em vida, esse despojo infundiu-me uma grande impressão de piedade e de respeito.

Eis ao que estava reduzido o homem que durante longos annos havia presidido aos destinos de uma grande nação, que havia sido amado pelo seu povo e que, ao terminar o seu reinado, velho, alquebrado, minado pela enfermidade, teve de perder a corôa e de ser banido da patria!

A physionomia ainda conserva alguns dos traços predominantes que a caracterisavam em vida, mas está manchada de bolôr em muitos pontos.

O corpo decompõe-se e essa decomposição manifesta-se pelo cheiro repugnante que o sarcophago exhala.

Mais alguns annos, mais alguns mezes talvez, e do corpo do ultimo Imperador do Brasil nada mais restará do que a ossada nua.

Penso, como brasileiro e como republicano, que era um dever nosso mandar buscar esse corpo e dar-lhe agasalho na terra onde nasceu, na patria que elle tanto amou, procurando conserval-o como uma reliquia.

Já é tempo de o fazer. Que pôde a Republica receber dessa trasladação, agora que as instituições estão consolidadas, que já desappareceu a grande effervescencia politica dos primeiros tempos?

Parece que restituir esse brasileiro á patria, dando-lhe o descanso eterno onde elle eternamente descejou descansar, é mais do que uma homenagem, é um dever.

GARCIA REDONDO

Supplemento do "Album Imperial"

ANNO I

CHRONICAS E NOTICIAS

NUMERO 14

Album Imperial



O *Album Imperial* publica-se regularmente nos dias 5 e 20 de cada mez, trazendo no minimo dezeseis paginas de texto.

O presente numero contém **dezoito paginas**.

Rogamos aos srs. assignantes do interior do Estado, que ainda não pagaram a importancia de sua assignatura, que nol-a remetam pelo correio, em vale postal, descontando a despesa do porte e registro.

Cardeal Arcoverde

Acha-se á venda no nosso escriptorio o retrato, em trichromia, do Cardeal Arcoverde, igual ao que acompanha o n. 13 do *Album Imperial*.

Preço, quinhentos réis cada um, fazendo-se grande abatimento aos revendedores.

Despojos queridos

O projecto apresentado á camara federal pelo deputado bahiano Garcia Pires, auctorisando o governo a trasladar para o Brasil os restos mortaes de D. Pedro II e D. Theresza Christina, agitou a imprensa de todo o paiz num movimento sympathico a essa piedosa homenagem á memoria dos saudosos imperadores do Brasil.

No concerto de vozes que reclamam a restituição, ao solo da patria, dos despojos queridos, não houve ainda uma nota dissonante; e brasileiros de todos os credos politicos, inclusivé os impiedosos e ingratos que amarguraram os ultimos dias da vida dos imperadores, banindo-os na velhice para muito longe da terra

que tanto engrandeceram e amaram.— todos pedem agora, arrependidos muitos delles da obra negregada do 15 de novembro, penitenciando-se tardiamente do grande crime que nos deu a Republica, que desancem no Brasil os corpos venerandos que dormem ha muito em Portugal o derradeiro somno.

Foi a nação irmã da nossa que abriu o generoso seio para receber no Pantheon de S. Vicente de Fóra os despojos queridos, e por isso o seu nome ha de avultar cada vez mais na nossa gratidão. E alli têm sido tão piedosamente guardados os corpos dos imperadores, tão venerados na meia penumbra em que repousam outros reis da casa de Bragança, que estamos quasi a pedir ao governo — se nossa voz puder chegar até ás alturas do Cattete — que não cumpra esse desejo serodio dos que os baniram ingratamente a 15 de novembro e deixe que continuem em paz, á beira do Tejo, D. Pedro e a Imperatriz.

A Republica que glorifica o crime e apothéosa tyrannos não tem lugar proprio onde possa, como Portugal, velar pelos despojos dos bons e dos justos. Deixae em paz os corpos queridos, que o Brasil ha de trazer para a terra da patria, quando a Monarchia restaurada tiver restaurado tambem, neste paiz, o regimen da paz e da liberdade.

29 de julho

A S. A. Imperial D. Izabel,
a Redemptora

Beija reverentemente a mão, pelo seu 60.º anniversario, o

Album Imperial

Conservatorio Dramatico

No presente numero do *Album Imperial*, Wenceslau de Queiroz occupa-se do *Conservatorio Dramatico e Musical de S. Paulo*.

Do artigo acompanham dous « cli-dés ».



Cardoso Junior

Victima do cruel enfermidade, succumbiu a 21 de junho, na capital federal, o inditoso poeta e jornalista Cardoso Junior.

Quanta aspezeza e quanta tortura nestas simples linhas de uma noticia! E' que nós conheciamos muito bem aquelle que acaba de partir para a Eternidade!

Cardoso Junior deixa um grande vacuo em o meio literario fluminense, onde seu talento tanto fulgurou, onde mercadamente tantas sympathias conquistou.

Quando viciu a S. Paulo, esteve em nossa casa, em uma reunião intima. Ahi muito palestrámos; fizemos litteratura e musica. Quantas saudades dessa noite!

O meigo poeta das *Larvas*, modesto mas sem exaggero, quando, a pedido de uma joven que fazia parte de nossa festa, recitava umas quadrinhas encantadoras, não se recordando de todas as estrophes, com um gesto cheio de naturalidade e graça, erguendo a dextra, disse com certa ingenuidade: — Fugiu-me o verso...

Quantas vezes nos recordamos dessa passagem!

Cardoso Junior gostava extraordinariamente de nossa Paulicéa. Prometteu voltar, mas... a mão traíçocira da Morte embargou-lhe o passo, roubando-nos tão cedo o sympathico e querido rapaz, aquella admiravel organização artistica, que exhalou o ultimo suspiro em a noite de 21 do mcz passado!

« Cardoso Junior nasceu na capital federal, entrando cedo para o commercio, onde a sua intelligencia, a sua actividade e a sympathia que sabia inspirar, facilmente lhe rasgaram um caminho brilhante. Cedo tambem deixou

esse caminho, movido pelo temperamento literario que o dominava e o atirou á collaboração graciosa do *Republica*, para mais tarde o collocar na *Imprensa*, de Ruy Barbosa, e na *Cidade do Rio*, de José do Patrocínio — tres jornaes em que o novel escriptor mostrou a malleabilidade do seu talento. »

Fundou ha tempo, com Luiz Edmundo, a *Revista Contemporanea*, uma das melhores revistas litterarias que se têm publicado no Brasil.

Entrando para o escriptorio do *Correio da Manhã*, Cardoso Junior passou logo a ser um de seus redactores, iniciando a secção — *Pingos e Respingos*.

Era um fino humorista e como tal publicou umas celebres *charges*, que fizeram época no Rio.

Escreveu ainda, além de um bello poemeto — *Pedro Alvares Cabral* — para solemnisar o 4.º centenario do descobrimento do Brasil, as *Larvas*, inspirado livro de versos.

Cardoso Junior era, emfim, um bom amigo, um coração de ouro, um espirito forte. Paz á sua alma!

Antes de terminar estas linhas, pallida homenagem do *Album*, reproduzimos abaixo um de seus bellos sonetos, onde, se não ha grandeza de imaginação, brilha, entretanto, a sua *bella alma cheia de perfumes*:

Em caminho

Da que deixei, immaculada e linda,
A alma inda cheia de perfumes trago.
E trago aos labios, ora mudos, inda
Toda a doçura do final afago.

Quero, no entanto, abreviar a vinda;
Quero voltar á plácidez do lago
Que essa a quem voto esta paixão infinda
Possue no olhar tão docemente vago!

E apresso os passos pela estrada inculta
Onde chilream passaros despertos...
Mas uma extranha força os difficulta!

E' que nos ramos do arvoredo, incertos,
Julgo estar vendo — que illusão estulta! —
Seus doces braços para mim abertos!...

S. Paulo — 1906.

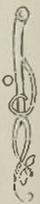
JOSÉ VELHO

Na sessão de 5 do corrente, do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, o dr. Alfredo de Toledo leu o seu trabalho sobre o *Juizado de fora de Ytu*.

Aquelle nosso distincto collaborador tem quasi concluida uma interessante obra a respeito da Justiça em S. Paulo, constituindo o trabalho que leu no Instituto um dos seus capitulos.



ALBUM DE AUTOGRAPHOS



Dos «Immortaes» da Academia Brasileira

VIA P. REITER - PETROPOLIS - 12 - I - 1906

Prezado amigo, confado, com a
 vossa e collega Sr. Sr. Korte de
 Agathas,

Muito parabens pelo 1º numero
 do Album Imperial. E' ta-
 o excellent, anim na forma
 artistica com non idios que
 agrade. A imprensa do Rio
 acciden - com grande e mesu-
 da gada. Leontina; - foi impres-
 da Lembrança a dema publicacoõ.
 Agradeço - etc, de carasso, ja' o

exemplar em me me dignar,
 ja' os grandes reparos ja' o
 e me nome.

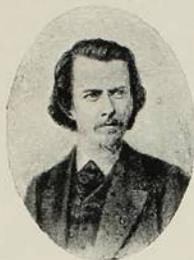
Agradeço o offencamento

Muito seu

Lo de H. M. S. S. S.



POETAS BRASILEIROS



Harmonicordio

O homem fala e a mulher cochicha,
O papagaio palra, o corvo grasna,
Cacareja a gallinha, a rã ccaxa,
Gorgeia o sabiá, chilra a cigarra,
Late o cão, mia o gato e grunho o porco,
A raposa regouga, o touro muge,
Arrulha a linda pomba, zurra o asno,
Assobia o macaco e berra a cabra
Ruge o leão, mas o corcel relincha,
Silva a serpente e o fradilhão se esguela,
Compõe o mestre bellas harmonias,
— Só o poeta as comprehende e canta!

FAGUNDES VARELLA



Cruz e Souza

Dentro do sonho astral em que vivia
A tua alma febril de allucinado,
Nesse bemdito carcere dourado,
Onde nos prende a doce Poesia,
Foste um sublime, um grande rebellado!
— Idólatra do Bello, a melodia
Purissima do verso te sabia
Como de uma harpa um som avelludado!

E o teu viver foi rapido, foi pouco
O teu sonhar esplendido de louco!
— Se o ter talento chama-se loucura!

E foste um Puro, um Bom... Tua alma franca
Era uma ave real, canora e branca,
Morta, cantando, cheia de doçura...

FERES JUNIOR



Supplica

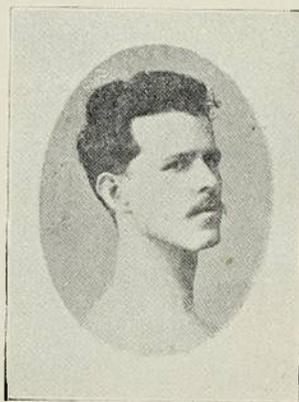
Trago ainda nos labios o teu beijo,
Rapido, ás pressas, com ternura dado!
E percorre-me os nervos o desejo
De duplical-o, mesmo assim roubado...

Tremias, casta flôr, de susto e pejo,
Ao ver teus labios pelo meu tocado,
Com que volupia agora inda o revejo,
Sequioso, enfim, por ser por mim beijado.

Dá que me seja dado, ó minha Santa,
Com a loucura deste amor faminto
Sorver a vida que em teus labios canta!...

Dá-me os teus beijos mais! Que esta Alma louca
Quer sepultar-se, co'a paixão que sinto,
No tumulto floral da tua bocca!...

NAZARETH MENEZES



Ultimas palavras

A terra em flôr, o céu azul, o sol fulgindo!
Tudo amando e vivendo em esplendor de festa!
Que loucura de amor, que loucura sorrindo
Desde o campo virente á pomposa floresta!

E eu só, alma gelada, alma sem sonho, mesta
Vendo o mundo tão meigo e tão grande e tão lindo?
Da illusão côr de rosa apenas vêr que resta
Este longo abandono, este supplicio infindo?

Não amar? Não amar, sendo moço e vivendo
Com sorrisos na bocca e nos olhos retendo
A terra em flôr, o céu azul, o sol fulgindo?

Oh! da vida formosa, Amor, meu ledo Engano:
Adeus! Levo de ti as caricias de um anno
E os mil beijos febris que me deste mentindo!

BUENO MONTEIRO

ESCOLA DE PHARMACIA

§ *Album Imperial*, rendendo homenagem a tudo quanto diz respeito ao progresso de S. Paulo, estampa hoje o *cliché* representando o edificio da Escola de Pharmacia, á rua Tres Rios, e o retrato do seu saudoso fundador.

A Escola de Pharmacia foi fundada a 12 de outubro de 1898, por distintos apostolos da sciencia, a cuja frente se alistou o dr. Braulio Gomes, tão cedo arrebatado á sociedade, que o prezava muito.

A principio, funcionou no predio da rua Brigadeiro Tobias, n. 1, onde está hoje instalado o Conservatorio Dramatico Musical; mais tarde, porém, graças aos esforços do seu actual director, dr. Amancio de Carvalho, que sempre trabalhou com afinco para dar á Escola um edificio proprio, foi esta transferida para o bairro da Luz, onde, a 12 de outubro do anno passado, sete annos após a sua fundação, era o novo predio solemnemente inaugurado.

A actual instalação da Escola de Pharmacia, em predio proprio, é devida ao dr. Amancio de Carvalho e aos seus dignos collegas de Congregação.

Foi equiparada, em 29 de agosto de 1905, ás suas congeneres de Ouro Preto, Rio e Bahia, muito lhe valendo para isso, no Congresso Federal, a dedicação dos srs. coronel Fernando Prestes, dr. Alfredo Ellis e dr. Antonio Candido Rodrigues.

Desde a sua fundação até hoje, têm-se matriculado alli 1.721 alumnos, dos quaes 309 do sexo feminino.



DR. BRAULIO GOMES
Fundador da Escola de Pharmacia

Conta actualmente, nos diversos cursos, 361 alumnos, dos quaes 70 do sexo feminino.

O curso pharmaceutico é feito em tres annos, comprehendendo cada anno tres cadeiras, além do quarto, que é o de bacharelato e comprehende duas cadeiras.

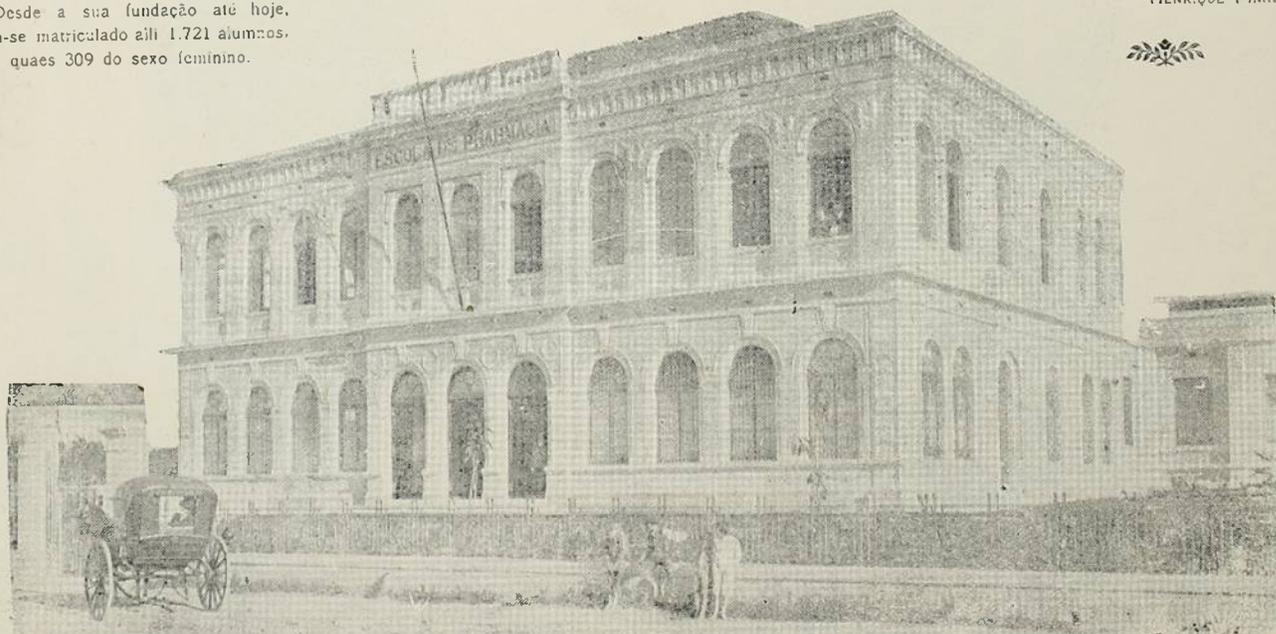
O de odontologia é de dous annos (duas cadeiras em cada um) e o de obstetricia, tambem de dous annos, comprehende uma cadeira em cada anno.

Tem sido incançavel secretario da Escola o bacharel Luiz Pereira Corsino e zeloso porteiro o sr. Carlos Silva.

Em homenagem ao fundador da Escola e como estímulo aos alumnos, o dr. Emilio Ribas, digno director do Serviço Sanitario e fiscal do governo federal junto áquelle estabelecimento, instituiu, com o producto dos seus vencimentos, o premio *Braulio Gomes*, consistente numa medalha de ouro e na quantia de 2:200\$000, destinado ao alumno que mais se distinguir no curso pharmaceutico.

O corpo docente perdeu até hoje dous de seus membros: — o dr. Braulio Gomes, abnegado fundador da Escola, e o dr. Bonilha de Toledo, illustre professor do curso de odontologia. Sobre a campa dos pranteados mestres depositamos um ramilhete de saudades.

HENRIQUE PINHEIRO



EDIFICIO DA ESCOLA DE PHARMACIA

O Ministerio Saraiva, que reformou a legislação eleitoral



VIDA SOCIAL

Anniversarios

Fizeram annos:

No dia 2, a exma. sra. d. Guiomar Monteiro Fleury, esposa do sr. capitão José Fleury, fazendeiro em Botucatu; o dr. Ernesto Pedrosa, provector advogado do noso fóro; o dr. Francisco Martiniano da Costa Carvalho, deputado estadual.

— No dia 3, o rvmo. arceediago dr. Francisco de Paula Rodrigues, illustre governador do Bispado.

— No dia 9, o nosso talentoso collega d'*A Gazeta*, sr. Alvaro Filho.

— Fazem annos:

Amanhã, o sr. Carlos Cyrillo, venerando pae do dr. Carlos Cyrillo Junior, advogado no nosso fóro.

— No dia 13, a galante menina Maria Umbelina de Toledo, filha do dr. Alfredo de Toledo.

— No dia 16, o sr. major Carlos Boucault, veterano de guerra do Paraguay e director da Hospedaria de Immigrantes, desta capital.

— No dia 19, o estimado joven Mario Ferreira Alves.

— No dia 21, o cr. Lamartine Ferreira Alves, intelligente advogado em Mogy das Cruzes.

— No dia 22, a gentil e prendada senhorita Francisca Ferreira Alves, filha do illustre advogado e jurisconsulto conselheiro J. A. Ferreira Alves; a exma. sra. d. Alice Dutra, esposa do sr. Arthur Dutra, director d'*O Santa Ritaense*, de Santa Rita do Passa Quatro; a exma. sra. d. Minotta Pirajá, esposa do estimado clinico dr. Eduardo Pirajá.

Nascimentos

O dr. Alfredo de Toledo, distincto advogado e escriptor, está pae de um robusto menino, que vai receber o nome do avô paterno, Francisco Antonio Torquato de Toledo.

— Helena é o nome com que vai ser baptisada uma linda menina, filha do dr. Mario Bulcão, inspector geral do ensino.

— O sr. Carlos de Queiroz, provector advogado e jornalista em Santa Rita do Passa Quatro, participa-nos o nascimento de sua filha Cesarina, a quem desejamos as mais completas felicidades.

Na Capital e em viagem

Esteve na capital o sr. Albino José Barbosa de Oliveira, abastado lavrador em Campinas e distincto cavalheiro, que nos honrou com sua captivante visita.

— Acha-se em S. Paulo, a negocio, o sr. capitão José Fleury, fazendeiro em Botucatu.

— Voltou no dia 8 para Taubaté, a frequentar o Collegio Bom Conselho, a applicada senhorita Cecilia Fleury.

— Depois de tres mezes de permanencia em Petropolis, regressou a esta capital, com sua exma. familia, o dr. Paula Lima, conceituado clinico em S. Paulo.

TEMPESTADE

Chove. Na convulsão do rispido pampeiro a saraivada cai; e, ao rijo lategaço, a brenha se contorce e esfolha-se, ao raiçavo do elemento revolto. Escacha-se o madeiro,

ao solo rue, no ludro enxurro do aguaceiro. Pororocando, o rio, em continuo rechasso, as aguas lança á riba, onde, ao forte fracasso, investe, e ao dorso arrasta a choupana e o pardiêiro.

A' ruina do covil, susta a féra o regougo, e fog, apavorada, ao deflúvio da comba, que espeinha do fusil os listrões furta-fogo.

E o ronco do trovão, indomito, ribomba, e do electrico abalo, expulso em desafogo, fragoroso e sinistro, á terra o raio tomba.

IBRANTINA CARDONA



MANTEAU ROYAL

(Alberto de Oliveira)

De la blonde Cérés tu n'as point la féconde
Couleur de ses cheveux, qui dore les épis
Des blés de nos sillons... mais tout bas je le dis :
Je t'aime mieux ainsi, brune plutót que blonde.

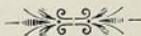
Tes longs cheveux bouclés, qui flottent comme l'onde
Ainsi que des serpents en tortueux replis,
Je les sens, je les hume... et mes sens, tout ravis
De volupté sans nom, m'emportent de ce monde...

Je les presse et les baise, ondoyante toison ;
J'en dénoue les noeuds et j'en couvre mon front,
Contemplant ton visage au travers de ce voile :

Et, sous le demi-jour de tes cheveux flottants,
Il me semble, Anais, voir les feux d'une étoile.
En contemplant l'éclat de tes yeux ravissants...

S. Paul — Juin 1906.

HIPPOLYTE PUJOL



CURIOSIDADES

A PRIMEIRA SESSÃO DO JURY NO RIO DE JANEIRO

Francisco Alberto Teixeira de Aragão foi nomeado intendente geral da policia da córte e imperio do Brasil, em 14 de outubro de 1824.

Apparecendo uma carta impressa distribuida com o *Diario Fluminense* de 25 de abril de 1825, assignada com as letras iniciaes R. P. B., contendo factos criminosos e injurias contra aquelle intendente geral da policia, requereu o offendido, em virtude da lei da liberdade de imprensa de 2 de outubro de 1823, mandada observar por decreto de 22 de novembro do mesmo anno, ao corregedor do crime da córte e casa, a execução do artigo 11 da sobredita lei; e em virtude desse artigo reuniu-se o primeiro conselho de jurados no Rio de Janeiro, para julgar um crime de abuso de liberdade da imprensa.

Em 20 de junho de 1825, no edificio do senado da camara, achando-se presentes o conselheiro juiz de direito Antonio Garcez Pinto de Madureira, o desembargador promotor da justiça João José da Veiga e o intendente geral da policia, como denunciante, extrahiram-se da urna as nove cedulas que continham os nomes dos juizes

de facto para formar o primeiro conselho e sahiram apurados o conego Januario da Cunha Barbosa, Francisco José Fernandes Barbosa, Francisco José da Rocha, capitão João Carneiro de Almeida, coronel Manoel Cactano Pinto, João Alvares Carneiro, desembargador João Gomes de Campos, conego Manoel Antonio Netto e Florencio Alves Macedo.

Fez-se por edital a publicação destes nomes e a convocação para se reunirem no dia 27 do mesmo mez. Organizou-se no dia determinado o primeiro conselho dos juizes de facto acima declarados, havendo nas salas do edificio do senado da camara mais de duzentos espectadores.

Presidiu a sessão o conselheiro Antonio Garcez Pinto de Madureira, corregedor do crime da córte e casa; serviu de escriptivo Joaquim José de Gouvêa e de tachigraphos João Cactano de Almeida e seu companheiro Pedro Affonso de Carvalho.

Apresentou o intendente geral o plano da collocação dos logares do juiz, jurados, accusador, accusado e povo no tribunal, declarando que merecera esse risco a aprovação do imperador, e, de feito, appareceu em 2 de julho de 1825 a portaria approvando a planta destinada á sala da celebração do conselho dos jurados.

Usando da palavra, expoz o intendente o objecto da accusação, de-

struindo-a com muitos documentos exhibidos em seu abono.

Receberam os jurados todos os papeis que o orador entregára na mesa, e recolhidos a uma sala interior, ás 11 e meia horas, regressaram um quarto depois, tendo o conego Januario o julgamento do tribunal, que decidiu haver criminalidade no impresso.

Lavrou o juiz a sentença de accusação, e em conformidade da lei ellegeu-se o segundo conselho de jurados em 13 de julho; e, como não comparecesse o accusado, requereu o accusador que se nomeasse á revelia do réu um advogado, que foi o dr. Joaquim Gaspar de Almeida.

No dia 22, deu-se a segunda sessão do jury, e depois de lido o processo das allegações do intendente geral, e de produzida a defesa do advogado, resumiu o juiz os debates, formulou os quesitos e, voltando os jurados da sala secreta com a affirmativa do delicto, lavrou o juiz a sentença condemnando o réu a seis mezes de prisão, na quantia de quatrocentos mil réis, na suppressão de todos os exemplares do impresso denunciado e nas custas.

Francisco Alberto Teixeira de Aragão foi o primeiro cidadão que escreveu e publicou no Brasil uma obra sobre a instituição do jury, intitulada — *A Instituição do Jury Criminal* — e foi o primeiro que concorreu para a reunião desse tribunal no paiz.

DR. MOREIRA DE AZEVEDO



POETAS PORTUGUEZES

VILLANCETE

Lastimacs não ser eu vosso ;
Mas olhao : que graça tinha
Ser de vós, se não sois minha ?

VOITA

Ou minha sois ou não sois,
Senhora, que me mataes ;
Algun de nós é demais
Ou somos demais os dois :
Se heis de ser minha ao depois,
Dizei-me que mal vos vinha
De virdes já a ser minha ?

JOÃO DANTAS

O sr. Viriato Correia publicou na *Gazeta de Noticias* um artigo a respeito da viuva do poeta brasileiro Laurindo Rabello, a qual vive no Rio na mais negra miseria, tendo apenas o meio soldo do marido, ultimamente reduzido a 11\$!

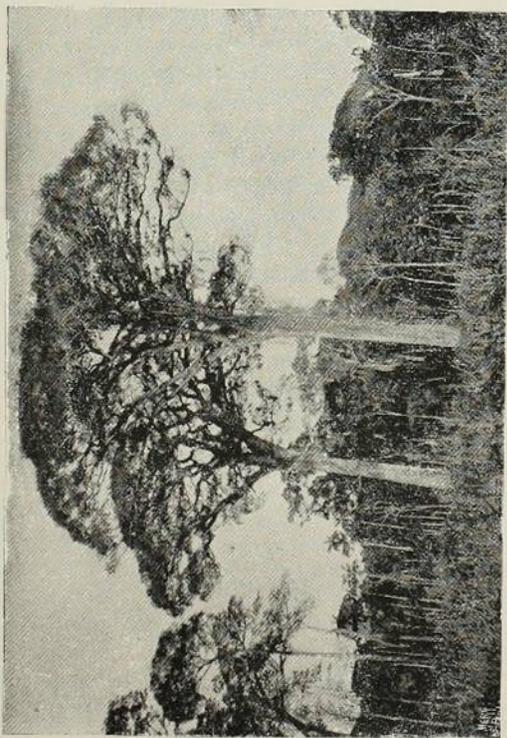
Diz o articulista que alguns deputados prometteram arranjar uma pensão para a pobre senhora, mas nada fizeram até agora.

Para comprar uma machina de costura, teve a infeliz viuva de recorrer á Princeza Izabel, que, sempre generosa, lhe mandou 200\$000.

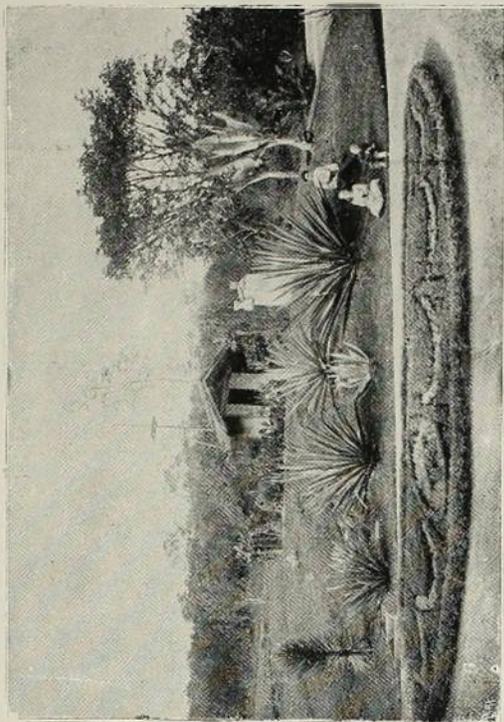
O conhecido professor Manoel Antonio de Jesus, diplomado pela Escola Academica de Lisboa, abriu nesta capital um curso mixto nocturno, para ensino de varias materias e destinado principalmente a operarios e empregados no commercio.

O curso funciona á rua Marechal Deodoro, 40, sala n. 7.

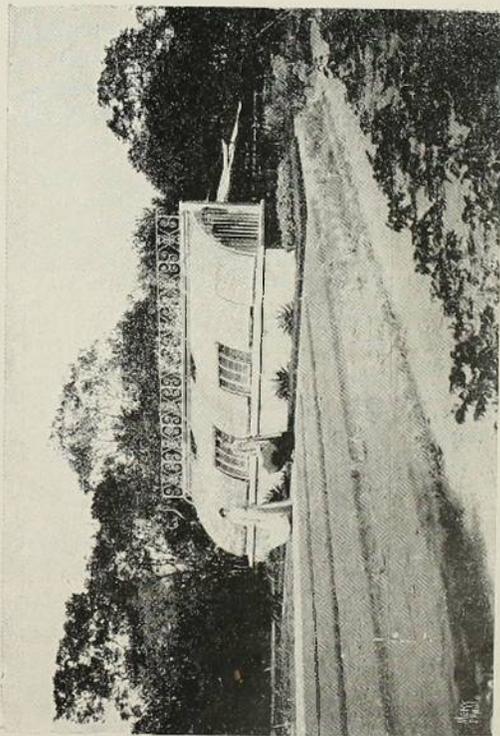
A Capital de São Paulo



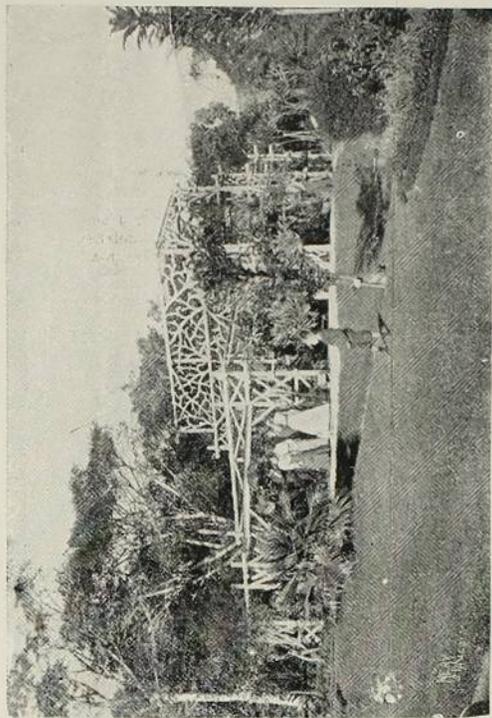
Horto Botânico — Escola de pomologia



Horto Botânico — Posto meteorológico



Horto Botânico — Estufa de vidro



Horto Botânico — Casa das orquídeas

O segundo reinado ⁽³⁾

A obra que mais urgentemente se impunha ao segundo imperio era a da pacificação do paiz, agitado até ao fundo por dez annos de regencia, depois de um movimento como o de 7 de abril.

De um momento para o outro não podia o governo do imperador conseguir este resultado; conseguiu-o, entretanto, em um prazo relativamente curto.

Em 1841 pacificou-se a provincia do Maranhão.

As revoluções de S. Paulo e Minas-Geraes, em 1842, tambem foram sufocadas.

O duque de Caxias avulta neste periodo da nossa historia: foi o vencedor dos insurgidos do Maranhão, Minas-Geraes e Rio Grande do Sul.

A revolução de 48, em Pernambuco, terminada em fevereiro do anno seguinte, fechou o periodo das revoluções.

O imperio foi a paz.

O seu primeiro ministerio compunha-se de liberaes: Hollanda Cavalcante, Aureliano de Souza, depois visconde de Sepeliba, Antonio Carlos e Martim Francisco.

Aos liberaes succederam, em 41, os conservadores, com o gabinete de Vilela Barbosa, marquez de Paranaguá.

Seguiu-se o ministerio do marquez de Paraná, organisado em janeiro de 1843; o do visconde de Macahé (liberal), em 44; o do visconde de Albuquerque, em 46; o do visconde de Cavallias, em 47; o do visconde de Macahé, em 8 de março de 48; o de Paula e Souza, em 31 de maio deste mesmo anno; o do marquez de Olinda (conservador), em 29 de setembro de 48.

Em 6 de outubro de 49, retirou-se do governo o marquez de Olinda, que foi substituido pelo de Mont'Algre. Este ministerio demittiu-se em 1852, por fazer parte do senado a maioria dos seus membros, depois de ter reprimido o trafico africano e garantido a independencia do Uruguay e do Paraguay, trucidados pela caudilhagem.

Em menos de dez annos, o paiz entrou na ordem, e o que eleva extraordinariamente, na gratidão nacional, o nome de D. Pedro II, é que conseguiu este enorme resultado sem repressões violentas, sem perseguições cruéis; vencia as revoluções e perdoava aos revoltosos, completando a obra da justiça com a collaboração da sua magnanimidade.

Muitos destes homens, a quem a sedição armou o braço, representaram depois, no imperio, papel importante.

Consequendo a pacificação no interior, o Brasil teve que intervir á mão armada nos negocios do Rio da Prata.

A Confederação Argentina gemia sob o despotismo de Rosas, um dos que mais genuinamente encarnaram o espirito da dictadura militar na America.

Rosas aspirava ao dominio da Republica Argentina, do Uruguay e do Paraguay, e preparava-se, depois de conseguido o que visava no Prata, para fazer a guerra ao Brasil.

Em 1844, D. Pedro II encarregou o marquez de Abrantes de entender-se com a França e a Inglaterra sobre a necessidade de garantir a independencia do Uruguay.

A Inglaterra e a França, reconhecendo a vantagem de uma intervenção,

agiram neste sentido, dispensando, porém, o concurso do Brasil.

A consequencia foi que, com suas esquadras, não oblitaram grande cousa: deixaram o Prata nas garras de Rosas, retirando-se a esquadra ingleza em 1847 e a franceza em 1848.

Desde 1.º de julho de 1850, o governo brasileiro começou a fornecer ao governo de Montevideo as sommas necessarias para a continuação da resistencia.

A 23 de setembro d'esse anno, o ministro argentino no Rio de Janeiro pediu o seu passaporte, e pouco depois deixava o Brasil.

Tres mezes depois, o Brasil assignava um tratado de aliança com o Paraguay, contra Rosas.

No anno seguinte, o governo publicava a resolução, que tomou, de defender o governo de Montevideo contra as forças de Oribe, e a 22 de maio assignava-se o tratado entre o Brasil, o Uruguay e o estado d'Entre-Rios.

Oribe capitulou em 19 de outubro; e a 21 do mez seguinte assignava-se contra Rosas outro tratado entre o Brasil, o Uruguay, Entre-Rios e Corrientes.

A passagem de Tonelero e a batalha de Mont-Caseros terminaram a campanha pela victoria dos alliados. Rosas fugiu, e a entrada dos alliados em Buenos-Aires foi celebrada com enthusiasmo extraordinario. Os brasileiros receberam por esta occasião as mais ruidosas demonstrações de reconhecimento, que deviam ter sido sinceras.

Assegurada a paz interna e externa, conjurados os receios de desaggregação da patria, D. Pedro II encaminhou a sua actividade para o desenvolvimento moral e material do paiz.

Já o anno de 1850 assigna-se por dous factos de alta relevancia: a abolição do trafico africano e a inauguração da primeira linha de paquetes entre o Brasil e a Europa.

Poucos annos depois, o paiz tinha já caminhos de ferro, linhas telegraphicas e linhas de navegação fluvial, ao mesmo tempo que se desenvolviam a immigração e a instrução publica.

Em menos de vinte annos, a nação era outra. Poucos lustros de politica moderada e sábia bastaram para a consequença desses resultados extraordinarios.

O intuito de utilizar sómente em vantagem do paiz actividades que se consumiam, em grande parte, na lucta, por vezes ingloria, da politica, determinou em 1853 a politica chamada de conciliação; o partido conservador e o liberal fundiram-se, e a união traduziu-se no governo pelo gabinete de 6 de setembro, composto de membros dos dous partidos, presidido pelo marquez de Paraná.

A conciliação durou quasi cinco annos.

Fossem quaes fossem as vantagens dessa fusão dos partidos, não podia absolutamente ser duradoura, e, caso prolongada, traria os mais serios embaraços á pratica do systema constitucional.

Mantendo cada metade deste todo o seu programma particular, a sua feição propria, teriamos um hybridismo sem nome.

Fundindo-se num programma accommodatio ás divergencias de idéas, por meio de reciprocas concessões, ou prevalecendo uma das bandeiras antigas, com a suppressão da outra, ter-se-ia em rigor um partido, e em bre-

ve outro se organisaria com os antigos descontentes e com os novos espiritos que não pudessem encerrar as suas idéas nos moldes da politica então vigente.

(Continua)

COLLECTANEAS

LUIZ XVI E O N. 21

A 21 de abril de 1780, celebrou-se em Vienna o casamento de Luiz XVI.

A 21 de junho do mesmo anno, celebraram-se as festas por este casamento.

A 21 de janeiro de 1782, celebrou-se no *Hotel de Ville* a festa pelo nascimento do deliim.

A 21 de julho de 1791, fugiu para Varennes. Começara a infelicidade.

A 21 de janeiro de 1793, morreu no cadafalso.

Ha quem diga que Luiz XVI nunca consentiu que no seu palacio se jogasse o *vinte e um*. Seria presencioso? Advinharia elle que este numero lhe seria fatal? Ninguem o pôde asseverar, mas é certo que da chamada Commissão dos 21 foi que veio o maior mal ao infeliz monarcha.

Shakespeare casou e abandonou a mulher.

Milton casou tres vezes e foi abandonado pela primeira mulher.

Byron casou e deixou a mulher pouco tempo depois.

De quem seria a culpa: dellas ou dellas?

MAIS INGRATO DO QUE POETA

João Baptista Rousseau, um dos melhores lyricos francezes do seculo XVI, era filho de um sapateiro, que, para lhe não faltar educação, o mandou estudar no melhor collegio de Paris. Estes sacrificios nunca foram avaliados pelo filho, que, depois de se aristocratizar pelas letras, se envergonhava de dever a existencia a um sapateiro, que teve a nobreza de lhe dar uma educação.

Quando Rousseau fez subir á scena a sua comedia *Le Flatteur*, o resultado que obteve foi tal, que de todas as partes lhe dirigiam felicitações. O pobre pae, não cabendo em si de contentamento, corre tambem a abraçar o filho, porém este, repellindo-o, e dizendo-lhe que o não conhecia, fez com que se retirasse trespassado de dor.

Deste proceder, que o rebaixou na opinião de quantos tinham alma para sentir as doccs emoções de familia, o accusou La Motte nas duas seguintes estancias:

On ne choisit point son père :
Par un reproche populaire
Le sage n'est point abattu :
Oui, quoi que le vulgaire pense.
Rousseau, la plus vile naissance
Donne du lustre à la vertu.
Que j'aime à voir le sage Horace
Satisfait, content de sa race,
Quique du sang des affranchis !
Mais je ne voit qu'avec colere
Ce fils tremblant au nom d'un père
Qui n'a de tache que ce fils.

A censura mereceu-a, posto que pungente.

O homem esquecia-se de que o filho de um sapateiro de Cahors subiu á cadeira do pontificado, chamando-se João XXII.

NAPOLEÃO E O PORTADOR DE DESPACHOS

Um caçador a cavallo foi encarregado de levar de Milão a Montebello despachos mui urgentes; á sua chegada, achou Bonaparte prestes a partir para a caça, entregou-lhe o maço e esperou a resposta. Bonaparte, dando-lh'a logo: Vai, disse-lhe — e sobretudo vai depressa.

— General, irei o mais depressa que fôr possível, mas não tenho cavallo; arrebentei o meu, por ter vindo a toda a brida.

— Não te falta mais do que um cavallo? Toma o meu.

O caçador poz difficuldade em aceitar-o.

— Achal-o muito bello e ricamente ajaezado, não é verdade? Vae, meu camarada, não ha nada que seja demais para um guerreiro francez.

O caçador saltou sobre o cavallo de Bonaparte e voltou a Milão, abençoando o general, sempre generoso quando se tratava de recompensar os defensores da patria.

O CLASSICO E O ROMANTICO

O classico rabugento é um velho teimoso, de cabelleira e polvilhos, que cmbirra em ser taful e cuida que morrem por elle as meninas.

O romantico desvaído é um peralvilho ridiculo que dança o galope pelas ruas e toma por sorrisos de namorada o supercilioso olhar da senhora honesta, que se riu de pasmo de o ver tão doido, e tão presumido, mas tão semsabor.

GARRETT (Prologo do *Catão*)

M... possuidor de um possante nariz, consegue conversar em um baile com uma dama muito gentil, a quem persegue ha muito tempo.

Elle — E' um pouco extenso o que tenno a dizer a v. exa.

Elle — Já sei: vai falar-me do seu nariz.

EPIGRAMMA

O' enxundia! deixa a poetica,
Que tens a musa rachitica!
E' melhor mudar de tactica;
Lança-te antes á politica,
Segue a vida diplomatica...

JOÃO DE DEUS



«O Embaixador»

Reproduzimos hoje os vibrantes alexandrinos com que o nosso eminente correlligionario dr. Carlos de Laet alveja o dr. Joaquim Nabuco, que presta serviços á Republica como seu embaixador na America do Norte.

O eminente escriptor publicou-os no *Jornal do Brasil* ha poucos dias, por occasião de ser organisado no Rio o programma das festas de recepção daquelle diplomata.

NO PROXIMO NUMERO

G. al Couto de Magalhães

CONDE DE AFFONSO CELSO

Conservatorio Dramatico e Musical de S. Paulo



DR. GOMES CARDIM

E' de ver com que amoroso enleio Cardim contempla esses dous sonhos seus, argamassados numa inilluível realidade de pedras e de tijolos!

Mas quanto não custou a Gomes Cardim para chegar a ver no mundo objectivo o que não passava de uma idéa, de um sonho, de uma phantasia?

Desde 1896 que elle resolveu entrar em combate franco e sem ambages, apresentando na Camara Municipal o projecto da construcção de um theatro. O projecto foi approvedo e chamaram-se concorrentes para a construcção. Infelizmente, porém, não appareceu concorrente algum, visto que a Camara só offerecia vantagens no tocante a impostos, mas não dava terreno. Decorreu, depois disso, algum tempo e não mais se falava no Theatro Municipal. Seria que a idéa houvesse arrefecido no cerebro do seu promotor?

Não. Gomes Cardim habilmente, vol-

dr. Getulio Monteiro, distincto presidente da Camara Municipal, e com a boa vontade dos drs. Firmiano Pinto e Bento Bueno, então dignos secretarios de Estado, e do dr. Antonio Prado, illustre prefeito municipal, conseguiu que o governo transferisse á Camara um terreno comprado para edificacção do theatro. Formulou então Gomes Cardim o projecto que auctorisava essa transferencia e o apresentou na Camara Municipal, vendo-o logo convertido em lei. Iniciaram-se, pouco depois, as obras.

Eis porque hoje se levanta aquella soberba construcção, a que já me referi, sob as vistas do insigne engenheiro architecto dr. Ramos de Azevedo, construcção eminentemente artistica, seja dito de relance, que vai ser um dos mais notaveis ornamentos da cidade de S. Paulo, no que toca á sua parte architectural.

Mas, iniciado que foi o edificio para

do novo instituto de arte. Pelo numero de assignaturas, pareceu logo que a idéa do Conservatorio sahiria triumphante de nossa Edilidade. Puro engano! O combate foi empenhado, então, com mais ardor. Dos signatarios do projecto, muitos recuaram, por ter surgido uma incoercível má vontade por banda de altas influencias.

Até que chegou o dia do combate decisivo.

Gomes Cardim nesse dia apresentou-se, na Camara Municipal, jovial como sempre; mas quem reparasse bem no seu rosto veria uma ou outra contracção muscular, que denotava uma vaga apprehensão de espirito.

O projecto é posto em discussão. Um vencedor levanta-se e apresenta projecto substitutivo, estabelecendo apenas uma subvenção. Gomes Cardim pede a palavra e pronuncia um eloquente discurso, em que declara accetar o substitutivo. Pasmos geral. E' que se julgou que o luctador faria questão do seu primitivo projecto e armaria, por isso, uma ceulema tal, que daria em resultado a morte deste e do substitutivo, que, afinal, tinha sido elaborado de accordo com elle proprio. Esse discurso de Gomes Cardim é um trabalho oratorio de valor, já pela tactica nelle empregada, já pela fórma, já pelas idéas geraes. O substitutivo passa, murchê do ultimo cartucho de habilidade queimado pelo creador do Conservatorio.

Depois dessa memoravel sessão da Camara Municipal, Gomes Cardim entregou-se ao trabalho de organisação do Conservatorio.

Os embaraços surgem-lhe a cada passo; a nuvem escura da má vontade ainda continúa pairando sobre a sua cabeça. Mas Gomes Cardim não conhece tropeços; vai direito, firme e seguro, para exteriorisação do seu ideal.

Constitue uma commissão criteriosamente escolhida, organisa regulamento, aluga uma casa, compra moveis, reúne um corpo docente de primeira ordem, que não vexaria qualquer estabelecimento congenere europeu, e installa, por fim, o Conservatorio, com grande espanto de todos.

Não se acredita ainda no facto; e logo se boqueja que aquillo é phantasmagoria de comediographo.

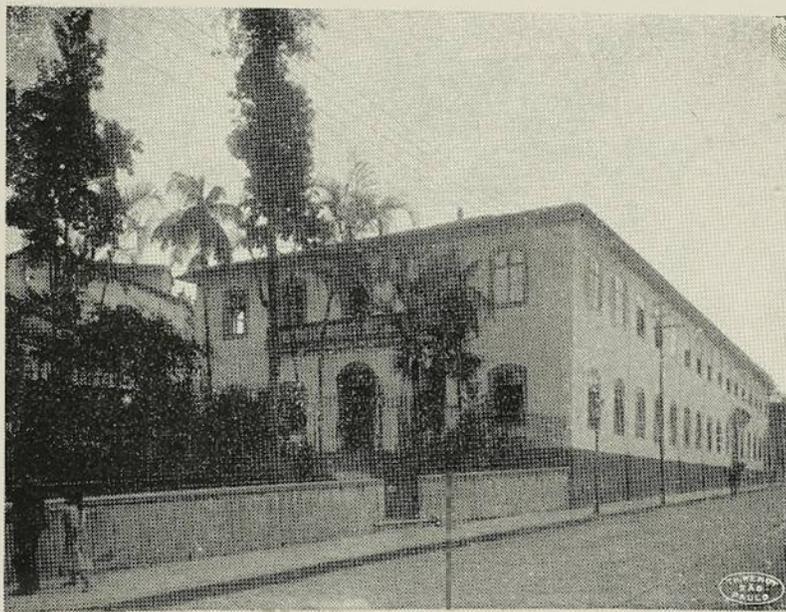
Dá-se a inauguração solemne do edificio, com a presença do sr. presidente do Estado, do presidente da Camara Municipal, secretarios de Estado, de vereadores, de deputados e senadores e de muitas pessoas gradas desta capital.

E ainda, depois disso, propala-se o boato de que aquillo é para *inglês ver* e que o seu funcionamento não se daria.

Começam as aulas com toda a regularidade. O prefeito nomeia o fiscal para inspecção do novo instituto. Só foi então que todos se convenceram da realidade do Conservatorio.

Com cerca de 160 alumnos, iniciou-se o seu funcionamento. Basta isto para patentear a sua necessidade na *capital artistica* do Brasil.

De sorte que quasi toda a actividade de Gomes Cardim se concentra, hoje em dia, no Conservatorio Dra-



EDIFICIO DO CONSERVATORIO

QUEM falar no Conservatorio — uma bella e auspiciosa instituição ha pouco fundada nesta capital — não pôde deixar de falar em Gomes Cardim: aquelle é seu filho legitimo e reconhecido como tal por todos os que sabem a historia da sua fundação, pois foi elle quem, depois de o ter concebido, ainda o sustentou no baptismo de fogo de um combate sem tréguas, contra os que o malsinavam de inviavel em rosso meio artistico.

Não ha em S. Paulo quem não honheça o dr. Gomes Cardim: estatura regular, cheio de corpo, hombros herculeos e biceps de aço, physionomia sympathica, posto que tocada de um tom severo, devido isso a um par de oculos pretos que não o larga.

Comediographo e poeta de valor, Gomes Cardim dispõe de uma bagagem litteraria que lhe dá credenciaes para ser acatado no mundo das letras.

Não poucas são as suas comedias, algumas inéditas e outras já representadas com successo aqui e na capital federal. Como auctor de monologos, tem elle adquirido notabilidade. Haja vista a bella *plaque* intitulada *Monologos*, em que foram publicados os de nomes *Zanigas de um avô* e *Quem disse...*

Cardim possui a tempera de um combatente. Desde os bancos academicos assim se revelou: foi abolicionista e republicano *sans peur et sans reproche*, ainda quando se evangelizavam esses ideaes livres, a despeito da fortissima opposição que se lhes fazia.

Na lucta pela vida, como se vê, Gomes Cardim nunca deixou de ser um pertinaz combatente. Gomes Cardim, hoje, é um victorioso: sua *idea mater* objectivou-se por completo nas duas partes de que ella se compunha — o Theatro Municipal e o Conservatorio Dramatico e Musical. Este alli está, entre a rua Brigadeiro Tobias e a ladeira de Santa Iphigenia, imponente e significativo, attrahindo os olhares dos transeuntes por um largo létreiro que se destaca de sua fachada; aquelle domina, por sua bellissima construcção incipiente, todo o troço de terreno que fica entre as ruas Conselheiro Christipiniano e Itapetininga, a alguns passos do Viaducto.

tou-se para o governo estadual e conseguiu, secundado por José Piza, que o dr. Frederico Abranches apresentasse no Senado Paulista um novo projecto sobre edificacção do theatro, o qual foi em seguida convertido em lei. Era uma esperança radiante, não ha duvida; mas, como quasi tudo neste mundo, a esperança por algum tempo phosphoreceu, luzindo, mas apagou-se, porquã to a tal lei começou a dormir um sono que parecia o da morte. E de facto fossilizou-se a lei a tal ponto, que já não mais se ouvia falar nella.

Depois desta investida, que ainda fallou, julgará o leitor que Gomes Cardim perdesse de todo a coragem para levar a cabo o seu desideratum? Se assim pensa, engana-se. O luctador atirou-se á grande arena da imprensa e á propaganda pessoal de grupo em grupo, de amigo em amigo e, ajudado por companheiros que soube escolher, continuou a pugna a favor de sua idéa, até que, auxiliado pelo

o theatro, Gomes Cardim encetou o complemento de sua campanha — o da fundação do Conservatorio Dramatico e Musical de São Paulo. Novas luctas, novos esforços, novos e muito maiores trabalhos! Não houve pessoa que não o dessuadisse de semelhante *utopia*. A linguagem de quasi todos era mais ou menos deste jaz: São Paulo não tem elementos artisticos para um Conservatorio e sua manutenção será impossivel; a capital federal é um espelho em que se deve mirar no que respeta á sua pretencção.

A palavras ócas, ouvidos mocos, ensina a philosophia popular.

Pois foi o que fez Gomes Cardim: cerrou os ouvidos a tudo que fosse contrario á sua idéa e tratou de apresentar na Camara Municipal um projecto, instituindo nesta capital o Conservatorio Dramatico e Musical de S. Paulo, com a assignatura de 11 vereadores, além da sua. Esse projecto vinha acompanhado de um annexo, em que regulamentava o funcionamento

mático e Musical de S. Paulo, onde se aboletou com armas e bagagens, como se estivesse dentro de uma fortaleza, porque elle sabe que d'alli é que poderá partir a legião para a conquista da plena florescência da arte na terra de Carlos Gomes e de Alvares de Azevedo.

E nessa grande obra, justo é dizer, collaboraram dous homens de excepcional valor — os srs. senador Lacerda Franco e dr. Carlos de Campos, que fazem parte, com o dr. Gomes Cardim, da directoria do Conservatorio.

A' vista disso, não será nada demais prever que ao Conservatorio está reservado um papel importante nos destinos da Arte em S. Paulo.

WENCESLAU DE QUEIROZ



Mana Minduca

VOLTO, afinal... Espera-me; iréi hoje... Mana Minduca sorriu. De pé, ao lado, o moleque esperava. Era em 80, na velha casa da rua do Riachuelo, ao canto da rua dos Invalidos. «Volto, afinal...» Mana Minduca fitava attentamente os olhos no papel; soffria acaso da duvida de que aquella não fosse a sua letra... E mirava o talhe delgado da escripta. Verdade é que não parecia a mesma. Um pouco mais firme... Dahi, em doze annos a gente muda de letra. Valha-lhe Nossa Senhora! O moleque esperava, tímido, amarrutando o chapéu entre as mãos.

Bemdita carta! E Mana Minduca mirava o talhe delgado da escripta. Agora já lhe parecia que era delle; o corte daquelle *I*, os *ll*... «Volto, afinal...» Era. Mana Minduca sorria; o sorriso derramou-se-lhe por todo o rosto, appareceu brilhando nos olhos. Nem havia mais duvidas, era delle; Nossa Senhora trazia-o allim. E Mana Minduca olhou em roda. Pareceu-lhe que se alegrava a sala. A mesa redonda, ao centro, coberta de poeira e de livros, era justamente agora tocada de um raio de sol.

Esses que ha doze annos lhe falam do rosto pallido, das lagrimas e da voluntaria clausura, vissem-na agora! Mana Minduca sorria; nem se lembrava mais do moleque. Se alguém houvesse, que fosse passando pela rua, que surpresa não haveria de ter quando visse que ella abria as janelas. Abriu-as todas; não um bocadinho, como o fazia ha doze annos, não como aquella por onde entrou o raio de sol; abriu-as de par em par. Debruçou-se bem para fóra, cartaroiando. Voltou-se, sentou-se. O moleque esperava, olhos fitos no chão, amarrutando o chapéu. Levantou a cabeça, olhou timidamente. Mana Minduca relia a carta. Por certo que era delle... Milagrosa Nossa Senhora das Dóres!

— Tá intréque?
O amo que fosse ficaria para alli, sem resposta, como o moleque. Mana Minduca estava que não cabia em si de contente «Volto, afinal...» E aquelle «afinal» dizia bem. Doze annos ha que o espera. Viram-se no fogo da Lapa. Que festa! Povo assim... Mana Minduca deixava-se levar á toa. Chegou a pensar que aquillo já se ia demorando muito. Mas, de subito, o coração extremeceu-lhe; quasi parou, até... Corou muito. Que tinha? Nada. Não deu mais um passo que se não voltasse para trás; os olhos della

achavam sempre um par de olhos que iam em sua procura.

Doces, bemaventurados olhos! Não unicamente os della; os de ambos. Os d'elle então, foi tamanha a impressão que lhe fizeram, a ella, que ainda agora se lhe destaca a scena da primeira noite em que os viu. Attenta bem no modo por que ella a faz reviver agora, á simples leitura daquella carta. Parece-lhe que lá vai outra vez pelo meio do largo. Povo assim... O dono dos olhos lá está, apoiado a um lampeão, quasi juntinho do corcoto. Doze annos passaram já sobre tudo isto, e ella ainda os revê, aquellos olhos. Que festa! Mana Minduca demorava o passo. «Anda mais depressa...» — recomendaram. Era o pae. Ella disse que sim: — «Sim, senhor.» E voltou a cabeça para o lado do lampeão. Dahi por deante andou ainda mais devagar.

— Tá intréque?
— Ah! diga que está entregue... Olhe... Diabo de moleque! Diga que venha cedo, ouviu? A's 6 horas. Passe pela porta, que eu estou na janella. Que venha cedo, ouviu?

O moleque batia longe. Deitava a correr pela rua do Riachuelo acima. Em pouco já se não o avistava. Mana Minduca ficou á janella; os olhos vagavam-lhe ao longe. Se elle não viesse... Mas havia de vir. E fechava os olhos, para revel-o bem. Que figura teria elle agora? Ha doze annos era magrinho, com um pequeno buço, mas em doze annos a gente muda. Deve estar gordo; dizem que em S. Paulo se engorda, por causa do frio. E elle volta de lá — bacharel em direito.

Levou doze annos a fazer o curso. E' muito tempo, mas ha tanta contrariedade, annos perdidos, molestias, um horror! Outros se demoraram mais tempo, e vieram de lá sem diploma. Um visinho, para mostra — o Quincas, neto de conselheiro Domingues. Levou dezoito annos em S. Paulo, e veio com o curso ainda por acabar. Concluiu-o em Pernambuco. Bacharel em direito! Dr. Eduardo de Campos Lustosa. Os olhos viam-lhe já o nome do marido, á entrada da casa, num quadro, assim

Campos Lustosa Advogado

Campos Lustosa é um nome que fica bem á porta, numa chapa escura, com letras pintadas a ouro. Que depressa que ia o sonho de Mana Minduca! «O dr. Eduardo Lustosa e d. Carminda de Barros Lustosa participam a V. S. o seu casamento...»

Pensamentos de Mana Minduca, detende-vos! Coisas ha em que toda a precipitação é perigosa. Mas vão lá deter o pensamento de uma moça que esperou doze annos pelo noivo e tem-n'o agora á mão. Vejam com: que delicia ella lhe repete o nome, e como o espirito se lhe não afasta das participações de casamento. Dr. Campos Lustosa... «O dr. Eduardo de Campos Lustosa e d. Carminda de Barros...» Ahi a difficuldade do nome futuro. Carminda de Barros ou Carminda Vianna Lustosa? O pae é Francisco Vianna de Barros; Chico Vianna, conferente da alfandega. Vianna talvez ficasse melhor, ou Vianna de Barros. E elle a que sonha já com os seus cartões de visita — lilaz, doirado nas extremidades, com uma pontinha dobrada e o nome, em corpo minúsculo — «Carminda Vianna de Barros Lustosa...»

Volta, afinal! Doida era ella que se não preparava para receber-o. E Mana Minduca correu para o quarto. Abria gavetas, fechava gavetas. Tres vezes sahio prompta. O espelho, porém, gritava-lhe que já se não sabia vestir. E Mana Minduca voltou. Destrançou os cabellos, soltou-os, trançou-os de novo. Davam cinco e meia. Valha-lhe Nossa Senhora! Mana Minduca veio para a janella.

Veiu para a janella. Santa de que ella é devota, poupa-lhe a dôr de ficar alli eternamente a esperal-o... Fóra, á cahindo a noite. Mana Minduca debruçou-se quasi toda para as trévas; interrogava o fim da rua, longe. Ninguém; a noite apenas. Mana Minduca mergulhava bem os olhos na escuridão da noite. Um homem passou, lépido, correndo de um pará outro lado. Atrás delle iam ficando accessos os lampeões de gaz... O frio augmentava sempre; frio de junho, que penetra a alma.

Valha-lhe Nossa Senhora! Mana Minduca distinguio alguém, longe. Não lhe via bem o rosto, via-lhe apenas o vulto. Vulto de homem. Debruçou-se mais da janella. O homem apoiára-se a um lampeão; alguém, perto, dizia-lhe qualquer cousa. Agora eil-o que mettia a mão no bolso, tirou um objecto, deu-o. O outro desappareceu, a correr. Em pouco já se não o avistava. E o homem approximou-se. Talvez fosse o Lustosa... Não era. Era um sujeito baixo, gordo. A barba inteira cobria-lhe o rosto antipathico. Mana Minduca teve vontade de sahir da janella. Antes sahisse! Mas ficou.

O homem approximava-se. Quem quer que fosse com certeza que andava á procura de alguém. Demorou-se um bocadinho ao canto da rua dos invalidos. Depois, veio, devagarinho. Mana Minduca viu-o passar, olhando-a muito. Parecia que o homem tinha vontade de lhe dizer o que quer que era. Ella propria julgava que já o vira. Mas onde? Não sabia. O homem foi até mais adeante, e vultou.

Agora, vinha resolutamente. Deteve-se á porta, tirou o chapéu. Que diabo queria elle? O homem murmurava alguma cousa. Mana Minduca debruçou-se mais, para ouvi-lo.

— O sr. Vianna de Barros?
— E' papae; mora aqui mesmo.
O homem levantou a cabeça, fitou-lhe bem o rosto magro. Que olhar curioso! E agora o rosto delle tomava uma expressão de piedade:

— E... E uma sua filha solteira?
Mana Minduca não respondia. O homem não lhe tirava os olhos do rosto:

— E uma sua filha solteira?
— Minduca? Sou eu.

— Ah! E' a senhora?
E o homem levou a mão ao chapéu. Santa de que Mana Minduca é devota, dizel-lhe que esse que ahi está é o mesmo que ella espera ha doze annos. Mas o homem levou a mão ao chapéu:

— Ah! é a senhora! Pois, minha senhora, queira desculpar...

E seguiu. Que bem verdade é que doze annos de lagrimas envelhecem a gente. Nessa que ahi ficou á janella, quem ha que possa reconhecer a moça do fogo da Lapa? O tempo encheu-lhe a face de rugas. Perfido tempo! A elle a culpa de que esses dois namorados já se não reconheçam ao cabo de doze annos. Vejam como o Lustosa lá vai, a toda pressa, á procura do bond. Esse não volta nunca mais. E Mana Minduca ficou á janella. Não sabe quem elle é, não comprehende

nada. Espere sempre, como na vespera, como ha doze annos. E a noite augmenta, o frio cresce com ella; Mana Minduca mergulha bem os olhos na escuridão da noite...

PEDRO RABELLO

O nosso archivo

Recebemos da Fortaleza um folheto em que o dr. José Lino da Justa, sob o titulo *D. Pedro II e o Ceará*, applaude a idéa de ser levantado naquella capital um monumento á memoria do saudoso Imperador do Brasil.

Com a devida vénia, reproduziremos no proximo numero o vibrante artigo daquelle escriptor.

— O dr. Antonio Augusto de Carvalho envicuo-nos de Uruguayana (Rio Grande do Sul) o seu trabalho sobre o *Exame na Alfandega*.

E' um folheto de 40 paginas, em que reuniu seus artigos editoriais d'*A Nação*, analysando minuciosamente e com logica irresponsivel o acto dr. Vossio Brígido que ordenou injustificadamente um exame rigoroso na Alfandega daquella cidade.

Jornaes e revistas

Revista da Escola de Pharmacia é como se intitula um novo quinzenario que, a 1.º de julho, appareceu nesta capital, sob a direcção do sr. Henrique Pinheiro, applicado estudante daquelle Escola.

Visa estreitar quanto possivel as relações entre os mestres e alumnos, e certamente o conseguirá, dispondo para isso dos melhores elementos.

Nitidamente impressa e com escolhida collaboração, a *Revista* foi muito bem acolhida na Escola de Pharmacia e na imprensa. Auguramos-lhe muitas prosperidades.

— Está distribuído c. n. 1, 2.º semestre, da *Iris*, de Alvaro Guerra; como os anteriores, traz variada e interessante collaboração.

— O *Jornal de Limeira* dedicou sua edição de 8 do corrente ao nosso distincto correligionario e irreductivel monarchista sr. dr. Luciano Esteves Junior, de quem estampa o retrato, publicando tambem uma gravura representando o talentoso advogado em seu gabinete de trabalho. Mercida homenagem, associamo-nos de coração a ella.

— No dia 30 de junho findo, o *Messenger de São Paulo* testejou o seu anniversario, com uma magnifica edição, tendo na primeira pagina impressas as cores francezas.

O *Minarete*, brilhante folha dirigida em Pindamonhangaba pelo dr. Benjamim Pinheiro, e *A Comarca*, de Moggy-mirim, em dois periodicos mais bem feitos de São Paulo, commemoraram igualmente o anniversario de sua fundação.

Nossas effusivas saudações.

— *A Platera*, o popular diario de Araujo Guerra, completou tambem mais um anno de existencia. Dia a dia se impõe mais á estima publica o distincto collega, ao qual saudamos na pessoa do seu director e dos seus redactores Pinheiro da Cunha e Alfredo Silva, não esquecendo o estimavel Manduca, que é incontestavelmente o Senna da nossa imprensa diaria.

ANNO I

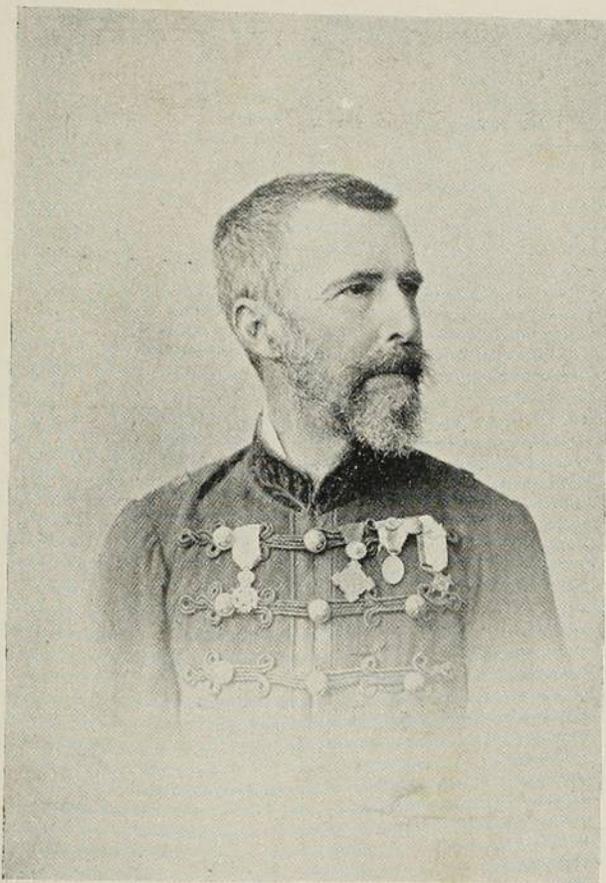
S. PAULO, 5 de agosto de 1906

NUM. 15

ALBUM IMPERIAL

QUINZENARIO POLITICO E LITERARIO

Director: Couto de Magalhães



GENERAL COUTO DE MAGALHÃES



JOSE VIEIRA COUTO DE MAGALHÃES

(Subsídios para uma biographia)

I

TRAÇOS GERAES



A individualidade deste eminente brasileiro ha multiplos e differentes aspectos, cada um dos quacs forneceria materia para desenvoldido estudo. Salientou-se elle em espheras heterogeneas, revelando grande complexidade espiritual.

Teve uma vida variada e cheia.

Nos sessenta e um annos incompletos que passou na terra, — edade considerada como pouco avançada em outros paizes, — não perdeu tempo, — antes o utilizou de muitas maneiras e em numerosas regiões da actividade social. Só isto bastaria a pô-lo em raro destaque no Brasil.

De facto, Couto de Magalhães distinguio-se como administrador, viajante, explorador, industrial, militar, escriptor, sabio, patriota, homem de coração.

Ao lado destas manifestações superiores da sua personalidade, outras se accusaram, dignas de nota igualmente, porém menos cultivadas. Assim, foi: engenheiro, havendo cursado algum tempo a antiga Escola Militar; jurista, bacharelando-se e doutorando-se na Faculdade de S. Paulo; orador, dotado de admiravel fluencia, concisão e clareza; jornalista dos de mais adestrada penna.

Era, em summa, uma organização fóra do commum, opulenta de aptidões, capaz de attrahir a attenção em qualquer gremio esclarecido. Deixou marcado o seu percurso por extensos e duradouros signaes. Seu nome será longamente repetido no futuro.

Em quantos o conheceram de perto produziu impressões profundas. Evocar-lhe a imagem é suscitar intensa saudade. Ninguém conversava cinco minutos com elle sem lhe dedicar logo sympathia, respeito e admiração. Que prosa erudita, graciosa, pittoresca, sempre interessante!

Couto de Magalhães pertencia á raça dos finos, dos selectos, dos excepçionaes, dos que fazem honra a uma geração e a um povo.

Vamos, nr. rapido apanhado, confirmar estes asertos.

II

O ADMINISTRADOR

Presidiu a quatro provincias do Imperio: Goyaz, Pará, Matto-Grosso e S. Paulo. Foi nomeado presidente de Minas, onde occupara o cargo de secretario do governo, mas não acceptou. O Marquez de Olinda offereceu-lhe a presidencia do Rio de Janeiro. O Visconde de Ouro Preto convidou-o para a pasta da Agricultura ou para a da Guerra, ao constituir o ministerio de 7 de junho de 1889. Fel-o, por fim, conselheiro de Estado.

As suas administrações não foram curtas; atravessaram periodos agitados, ferrenhas luctas eleitoraes.

Nunca soffreu impugnação a sua idoneidade para tão altos postos. A imprensa partidaria, desbragada e injusta de ordinario, sempre acatou-lhe a probidade. No Pará, sustentou ardente contenda com o illustre prelado D. Antonio de Macedo Costa. Duas das provincias que governou o elegeram deputado á Assembléa Geral, apesar de não ter nascido nellas: — Matto-Grosso e Goyaz. — a mesma que derrotou em 1882 o ministro da Agricultura do gabinete Paranaguá, conselheiro Padua Fleury. Sua reputação sahio illesa de tudo. Não se lhe acoima um desses actos impensados ou infelizes que estigmatizam a carreira de um estadista. Em toda parte, deu mostras de justiça, energia, iniciativa, tenacidade, economia, amor ao trabalho.

Formulou projectos de alcance, adoptou ou suggeriu acerladas medidas, melhoramentos materiaes e moraes, abriu estradas, fundou colonias, como as da Cachoeirinha, Barreiro e Itacayú.

Aos antigos presidentes da provincia não se depavava largo campo de acção, já porque lh'o impedia a instabilidade de suas funções, já porque os tolhia a centralisação administrativa, util em certa quadra, mas que, por se haver tornado inconveniente, o ministerio Ouro Preto ia corrigir. Sem embargo, Couto de Magalhães demonstrou praticamente quanta cousa naquelle regimen podia realizar por si só um presidente de intelligencia e boa vontade.

Procurava sobretudo conhecer pessoalmente as necessidades da zona que regia, não se poupando a fadigas. Transmittia as ordens e ia observar-lhes a execução, providenciando de momento, como cumpria. E not-se que, á excepção da ultima presidencia, a de São Paulo, exerceu as mais quando ainda não ultrapassara 31 annos de edade. Para a primeira, a de Goyaz, foi despachado aos 24. Desde começo, revelou predicados de experimentado homem de governo.

Dirigia São Paulo por occasião do 15 de novembro. Viu-se coagido a ceder o logar á junta provisoria designada pela sedição triumphante. Portou-se na conjunctura com a maior dignidade e sobrançeria, não resistindo, por lhe faltarem os elementos (*).

No renhido pleito eleitoral travado pouco antes haviam sido completamente batidos os republicanos. Era natural guardassem resentimento contra Couto de Magalhães.

Pois retirou-se este do palacio acompanhado dos seus mais prestigiosos contrarios radicaes, que se esmeraram em o tratar com a maxima deferencia.

Por occasião da sua morte, propoz um deputado por São Paulo á Camara Federal que se lançasse na acta um voto de pesar. Requereu outro se levantasse a sessão. No Senado da União, o tambem representante de São Paulo, Moraes Barros, irmão do presidente da Republica, apresentou igualmente uma

(*) Nota da redacção: — A proposito da attitudo do general Couto de Magalhães, por occasião de ser proclamada a Republica, o seu sobrinho, dr. Couto de Magalhães, publicou um folheto, em resposta ás inverdades que a esse respeito escrevêra o sr. coronel Araujo Macedo, no volume X da Revista do Instituto Historico de São Paulo.

moção de luto, justificando-a com palavras nimiamente honrosas para o finado.

Nada mais significativo de que a sua administração em São Paulo não se assignalou por erros ou abusos. O certo é que, como as anteriores, agradou aos correligionarios e impoz-se ao acatamento dos adversos.

III

O VIAJANTE

Ninguem entre os contemporaneos viajou tanto como elle pelo Brasil. A sua primeira grande viagem effectuou-se em 1862, quando foi tomar posse da presidencia de Goyaz. Seguiu do Rio para Diamantina; e, partindo dahi, atravessando Gouveia, Curvello, o sertão do S. Francisco, Patrocinio, Bagagem, o rio Paranahyba, Catalão (onde encontrou Bernardo Guimarães, como juiz municipal, ganhando 50\$000 por mez), Bomfim, Curralinho, chegou á capital daquela provincia, após um percurso de 400 leguas a cavallo, transpondo importantes cursos d'agua em canoa ou a vão. Dous annos mais tarde, vindo da presidencia do Pará, chegava ainda a Goyaz, com oitocentas leguas de caminho, seguiu para Cuyabá e dalli para Corumbá, como presidente de Matto-Grosso e commandante em chefe das forças que expelliram os paraguayos do sólo brasileiro.

Percorreu então innumeradas vezes, como elle proprio narra, as immensas solidões dessa região, ora a cavallo, ora em vapor, ora em escaler, ora na ligeira canoa do indio guató, para poder andar em logares mais invios e menos expostos ás balas ou á vigilancia do inimigo.

Por isso, elle affirmava que as suas excursões pelo interior do Brasil não eram inferiores ás do Anhangüera, e descobridor de Goyaz e de Matto-Grosso. Tacs viagens resumia-as, a traços largos, no seguinte: — diversas vezes, sahindo do Rio, seguindo por Minas até Goyaz e dalli, descendo os rios Vermelho, Araguaya e Tocantins, chegou á capital do Pará; outras vezes, sahindo do Rio, atravessando S. Paulo, Minas, Goyaz, Matto-Grosso, a republica do Paraguay, a Argentina e a do Uruguay, regressou ao mesmo Rio.

Juntem-se a isto varias viagens á Europa, onde, de uma feita, residiu 4 annos em Londres. Na Africa, conheceu Argel, donde, em 1892, convalescente de triste enfermidade, mandou curiosas cartas descriptivas para o *Journal du Commerce*.

Dos homens vivos no seu tempo, — escreveu elle com razão, — nacionaes ou estrangeiros, foi o que mais viajou a nossa terra e um dos que mais viram a humanidade na paz e na guerra, na fome e na peste, na lucta mais apertada pela vida.

«Desde o indio nu e antropophago do Araguaya, desde o soldado enfurecido com o sangue dos combates até á sociedade mais aristocratica e culta do west-end de Londres, quantas e quantas milhares de situações e caracteres não tem sido postos deante de meus olhos?»

Viajava lentamente, colhendo factos e observações, adquirindo conhecimentos scientificos e praticos sobre todos os assumptos. Levava a vida de perfeito sertanejo, adoptando, para melhor assimilar-os, os costumes dos vaqueiros, pescando, caçando, mettido em pantanos ou florestas alagadas, affrontando animaes ferozes e os terribes mosquitos do baixo Paraguay. Muitos de seus companheiros nessas excursões morreram de febres e desastres.

Quando presidente do Pará, subiu o rio Tocantins em vapor que adrede mandara construir, e, explorando um canal denominado *Inferno*, naufragou, perecendo afogados varios tripulantes.

Salvou-se Couto a nado, depois de lutar tres horas entre a vida e a morte. As folhas da época referiram minuciosamente o successo, do qual, numa pedra da cachoeira, gravou-se, por ordem d'elle, succinta noticia.

As noções e os dados assim colligidos estampou-os em valiosos escriptos e transbordavam da sua encantadora conversação. Entre os escriptos, cumpre mencionar o intitulado:

«Primeira viagem ao Araguaya, contendo a descripção pittoresca desse rio, precedida de considerações administrativas e economicas acerca do futuro de sua navegação, seguida de noticias sobre os rios Caipo Grande, Caiposinho, rio Claro, rio Vermelho; de um roteiro para os Araés e noticia de uma expedição feita em 1852 ao rio das Mortes; de um estudo sobre os meios mais proprios para desenvolver a navegação; seguida de todos os roteiros que existem manuscritos na secretaria do governo de Matto-Grosso, publicados agora pela primeira vez.»

A primeira edição desse trabalho, dada a lume em 1863, exgotou-se depressa.

Reproduziu-o augmentado o *Federalista*, de São Paulo, em 1889. (*)

Viajante emerito, a Couto de Magalhães cabe a fama dos Levingstone e dos Stanley, sufficiente para perpetuar o seu nome.

IV

O EXPLORADOR

Devo-se a elle a primeira exploração do rio Araguaya, feita por profissional, missão que, como presidente de Goyaz, em 1863, confiou ao engenheiro Vallée, o qual a desempenhou de modo satisfactorio, apresentando a planta daquelle rio e a do Tocantins.

Estabelecer facil caminho fluvial entre Matto-Grosso, Goyaz e Pará; communicar a bacia do Prata com a do Amazonas, realisando um pensamento do Marquez do Pombal, completando tentativas dos jesuitas, — constituiu pertinaz projecto de Couto, que, após seis annos de esforços, vencendo fortes resistencias de todo genero, conseguiu o seu fim.

Formaria um volume a historia detalhada do empreendimento.

Couto de Magalhães rivalisa ahi com o mais arrojado *yankee* na tenacidade, decisão, iniciativa, coragem, fertilidade de recursos.

Em 1866, no Pará, obteve a custo do governo geral credito para mandar descobrir as cachoeiras do Araguaya; encomendou da Inglaterra um navio proprio para quebrar rochedos abaixo do nivel d'agua; mandou rasgar canaes; preparou com paciencia o material necessario para suprar cachoeiras; instruiu o pessoal destinado a guarnecer as embarcações exploradoras; decretou, mediante auctorisação solicitada da assembleia provincial, premios para fomentar a pequena navegação; discutiu proficentemente a exequibilidade de seus planos, ora em memorias ao parlamento, pedindo subvenção, ora em officios á praça de commer-

(*) *Nota da redacção*: — Em 1902, foi publicada nesta capital a edição definitiva, revista pelos srs. José Couto de Magalhães e dr. Couto de Magalhães, filho e sobrinho do general Couto de Magalhães.

cio de Belém, documentos (constante o ultimo do *Diario Officiel*, de 29 de outubro de 1866) em que expõe a materia de fórma notavel, com preciosa abundancia de informações geographicas, financeiras e commerciaes.

Por fim, apromptou dous vapores consagrados a navegar o Tocantins e o Araguaya; e, como a sua presença seria vantajosa à direcção e animação dos trabalhos preparatorios da transposição das corredeiras, alcançou permissão de embarcar no navio iniciador. Era um tentamen perigosissimo. O vapor estava arriscado a quebrar as machinas, abalroar em pedras occultas, sossobrar a cada minuto. Couto de Magalhães tudo previra, ordenando que só se ultimasse o preparo de um dos navios, afim de que, em caso de catastrophe, restasse o outro. Providenciou até para que, se as cachoeiras estorvassem inteiramente a passagem, o barco fosse desmontado, conduzido assim por terra e montado de novo mais acima.

O relatório da Agricultura de 1867 rende homenagem ás extraordinarias facultades de acção que elle então patenteou. No officio com que, antes de partir para a exploração, transferiu a presidencia ao vice-presidente, consignou estas levantadas phrases:

"Vou tentar a passagem do vapor através das cachoeiras do Tocantins e Araguaya, se agora estiverem em ponto que me pareça isto possível. Para o bom exito desta experiencia tem-se preparado largamente tudo quanto é possível preparar com os meios de que se dispõe; infelizmente, porém, a providencia humana não é sufficiente para garantir o successo dessa causa e só Deus, a quem a confio, pôde fazer com que ella seja propicia."

Não permittiu Deus que dessa vez lograsse resultado o commettimento. Só em 1868, presidindo Matto-Grosso, deu Couto definitivamente o primeiro e mais consideravel passo para unir pelo interior a foz do Amazonas á do Rio da Prata.

Teve para isso de arcar com obices peiores que os dos seis annos anteriores, desajudado da imprensa nacional, que qualificava o projecto de loucura e utopia.

Basta dizer que comprou, mandou desarmar e levar por terra até ao Araguaya um vapor que se achava no rio Paraguay.

O transporte effectuou-se em 16 carros, que conduziam em caixas, além do vapor desmanchado, tornos, forjas, todo o material de uma officina para arrumar e fazer o funcionar regularmente, ferramenta adequada a reparar-o, fundir ferro e bronze das peças da machina que se deteriorassem. — objectos enviados não só de Cuyabá, como do Pará e Goyaz, de cujas administrações Couto os requisitara. Imagine-se a somma de trabalho que isto importou!

A viagem dos carros foi de 100 leguas através de bravo sertão, desprovido de tudo. Eram elles escoltados por 20 praças, com machados e enxadas, a abrirem picadas, construirem pontilhões á medida que avançavam. Varios ficaram pelo caminho, prostrados de fadiga ou victimas das sezões. Houve desintelligencias entre os chefes, mallogrando-se quasi a expedição. Não cessavam os jornaes de vaticinar que os restos do infeliz vapor seriam afinal abandonados e se perderiam no deserto intransitavel.

Couto sobrepujou todas as contrariedades com serenidade e firmeza. Merecem attenta leitura, como exemplos do quanto alcança a força de vontade, os officios, contendo importantes dados historicos, geographicos e estatísticos, nos quaes elle participa ao ministerio da Marinha e ao da Agricultura o que havia realisado. Trazem a data de 25 e 29 de maio de 1868,

redigido este ultimo no pouso defronte da foz do rio Vermelho, e constam do relatório da Agricultura, bem como do *Jornal do Commercio*, de 14 de agosto do mesmo anno.

Installou-se a officina em pleno sertão, armou-se o vapor, — calcule-se com que labor. Couto lá foi em pessoa inaugurar a navegação do Araguaya. Nos citados officios, descreve elle com eloquencia o seu enthusiasmo e satisfação ao ver aquelle primeiro agente da industria e do commercio acordando o gigantesco rio e as magnificas regiões visinhas do somno em que as trazia o deserto.

A 28 de maio, depois da benção do navio, effectuou-se a inauguração solemne, em presença do presidente de Goyaz e outros altos funcionarios. Couto mandou gravar num rochedo da grande cachoeira ahi existente e em lingua tupi, a falada pelos canociros, a seguinte inscripção:

"— Sob os auspícios do Sr. D. Pedro II, passou um vapor da bacia do Prata para a do Amazonas, e vein chamar á civilisação e ao commercio os esplendidos sertões do Araguaya, com mais de 20 tribus selvagens, no anno de 1868."

Percorreu o vapor 35 leguas do rio. Tencionava Couto explorar por si proprio todo o Araguaya e seus principaes afluentes. Não lh'o consentiram os trabalhos da guerra paraguaya, a que, simultaneamente com estes, se applicava. Seu principal objectivo, promovendo então a navegação do Araguaya e do Tocantins, fôra mandar vir do Pará, por via fluvial, as municiões que o inimigo impedia subissem pelo rio Paraguay. Cogitou até o governo em enviar dessa maneira monitores que, desmontados no trajecto por terra, atacassem inopinadamente as forças de Lopes pelas costas.

Vai em seguida a acta do acontecimento, extrahida do livro *Navegação Interior do Brasil*, do general Eduardo José de Moraes.

E' fôra de duvida que a Couto de Magalhães compete a honrosa primazia de ter iniciado a navegação a vapor no plateau central da America do Sul.

"— Acto da inauguração da navegação a vapor do rio Araguaya.

Aos 28 dias do mez de maio do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1868, 47.º da independencia e do imperio, á margem esquerda do rio Araguaya e a 30 leguas da capital de Goyaz, reuniram-se o Ex.º Sr. D.º José Vieira Couto de Magalhães, presidente que foi desta provincia e por ella eleito deputado á assemblea geral legislativa, actualmente presidente da provincia de Matto Grosso, e o Ex.º Sr. desembargador D.º João Bonifacio Gomes de Siqueira, 1.º vice-presidente da de Goyaz em exercicio, com muitos funcionarios publicos e grande numero de outros cidadãos que concorreram para o fim de assistirem á cerimonia religiosa da benção do vapor "Araguay-nerú-assú", e á inauguração a vapor no rio Araguaya, em consequencia de o haver communicado o mesmo Ex.º Sr. presidente da provincia de Matto-Grosso ao desta provincia, que dirigiu convites e fez publico este facto da mais subida importancia para engrandecimento e prosperidade da provincia de Goyaz. E achando-se surto no porto, em frente á foz do rio Vermelho, o mencionado vapor, de que é commandante o capitão de fragata commendador Balduino José Ferreira de Aguiar, recolheram-se a bordo os Ex.ºs S.ºs presidentes das

provincias de Matto-Grosso e de Goyaz, acompanhados dos Srs D.^s Theodoro Rodrigues de Moraes, 3.^o vice-presidente; D.^s Frederico Dabney de Avellar Brotero, chefe de policia da provincia; D.^s João Luiz de Araujo Oliveira Lobo, inspector geral dos presidios; Antonio Honorio Ferreira, inspector da thesouraria de fazenda de Goyaz; D.^s Joaquim Rodrigues de Moraes Jardim, engenheiro; capitão Luiz Gonçalves de Lima, engenheiro-constructor; D.^s João Thomaz de Carvalhaes, 1.^o cirurgião do exercito; muitos outros funcionarios publicos e pessoas importantes. Em seguida, precedendo os necessarios exames e reconhecimentos, teve lugar a cerimonia religiosa do vapor, até então chamado "Araguay-neri-assu," officindo o Rev. B. da Costa e Oliveira, capellão do presidio Leopoldina, tendo-se antes assentado em mudar-se o nome do mesmo vapor, que passou-se a chamar-se — "Araguaya." Terminado o acto religioso, ergueram-se vivas á religião do Estado, a Sua Magestade o Imperador, ao governo imperial, aos Ex.^{mos} Srs ministro da Marinha, conselheiro Affonso Celso de Assis Figueiredo, e ministro da Agricultura, conselheiro Manuel Pinto de Souza Dantas, e finalmente ao progresso da navegação a vapor no interior do Imperio. Logo depois o vapor suspendeu o ferro, largou do porto em direitura á margem opposta, atravessou o rio Araguaya, cruzou em diferentes direcções, ao som do hymno nacional, subiu o rio Vermelho e, voltando ao ancoradouro, foi solennemente proclamado achar-se installada a navegação a vapor no rio Araguaya, acto este que foi saudado entusiasmaticamente por todas as pessoas que assistiam de bordo e das praias. Então o Ex.^{mo} Sr desembargador João Bonifacio Gomes de Siqueira levantou vivas ao Ex.^{mo} S.^r D.^s José Vieira Couto de Magalhães, a quem se deve a reanimação da navegação do Araguaya e seus affluentes, a iniciativa da navegação a vapor que sustentou com tanta constancia e sacrificios, e acabava-se de ver realisada, a despeito de todos os obstaculos e contrariedades a que sempre se mostrou superior. O Ex.^{mo} S.^r D.^s Couto foi saudado e cumprimentado por todos, por tão alto feito, recebendo as mais vivas demonstrações de gratidão e reconhecimento. Assim terminou-se a cerimonia da inauguração da navegação a vapor no rio Araguaya; e de tudo para memoria se lavrou o presente auto, que vai por todos assignado e de que se extrahiram 6 copias, para serem remetidas, a saber: duas aos Ex.^{mos} Srs. Conselheiros ministros da Marinha e Agricultura, duas para a secretaria do governo da provincia de Matto-Grosso e a camara municipal da capital da mesma e finalmente duas para as mesmas repartições de Goyaz. — Eu, Antonio Honorio Ferreira, o escrevi. — D.^s José Vieira Couto de Magalhães. — D.^s João Bonifacio Gomes de Siqueira — Theodoro Rodrigues de Moraes. — Frederico Dabney de Avellar Brotero. — D.^s João Luiz de Araujo Oliveira Lobo. — Antonio Honorio Ferreira. — Joaquim Rodrigues de Moraes Jardim. — Luiz Gonçalves de Lima. — João Thomaz Carvalhaes. — CONFERE, Antonio Honorio Ferreira ».

V

O INDUSTRIAL

Adquiriu avultada fortuna em empreendimentos industriaes. Ao lado da iniciativa ousada, possuia dotes magistraes do sereno homem de negocios.

Dirigiu largo prazo, no caracter de commanditario ou no de preposto do governo, a navegação do Araguaya. Organizou a companhia deste nome, depois de aturada campanha, por meio de artigos na imprensa e conferencias populares, no intuito de conseguir, como conseguiu, subvenção geral e provincial. A margem do Araguaya, fundou uma escola de machinistas, onde teve indigenas como alumnos, para os quaes escreveu um compendio. Foi socio do dr. Joaquim José de Assis na empresa da navegação de Marajó. Fez os estudos e obteve a concessão (associado no começo ao Visconde de Mauá) da estrada de ferro Rio e Minas, com 170 kilometros de extensão, e em que se entroncam outras. Promoveu a constituição em Londres, após 4 annos de eslorços, da Minas and Rio Railway Company, limited, que levou a effeito a concessão, construindo, de 881 a 1884, a linha em trafego entre Cruzeiro (S. Paulo) e Tres Corações (Minas), linha que presta inestimaveis serviços á immensa o futura região. Da estada de Couto em Londres proveu o derramamento de avulta os capitães estrangeiros no Brasil. Teve de sustentar uma demanda perante os triounzes inglezes. O capital da Minas and Rio foi tomado por subscrição publica. Era a primeira vez que o facto se dava com relação a uma empresa brasileira. De tal confiança gosava naquella época o credito da nossa patria, que a somma pedida foi coberta tres vezes.

Na febre de especulações de bolsa de 1890 a 1891, conservou, como mui raros, o sangue frio e a lucidez, não cmpenhando seus cabedades nas centenas de bancos e companhias dessa quadra funesta, onde tantos de seus amigos se comprometteram.

Ao morrer, occupava um logar na directoria do acreditado Banco de S. Paulo.

Comprara, não muito antes, as cachoeiras do Salto de Ytú, para aproveitar-lhes a força motriz numa grande fabrica prestes a funcionar. Era meticuloso em questões de dinheiro; cavalheiro, quando oportuno, mas seguro, prudente, calculador, sabendo gastar, como proveccto negociante.

« Tenho especial antipathia, — escreveu certa occasião, — a tudo quanto é manifestação de entusiasmo, creio que depois de residir annos em Londres e depois de ter visto que quanto os inglezes conseguem é a custa de tenacidade e constancia, virtudes estas antinomicas ao entusiasmo, que, por sua natureza é sempre rapido e passageiro. »

VI

O MILITAR

Deixou a presidencia do Pará quando a guerra do Paraguay entrava na phase de maior animação.

Havia mais de anno que Lopes rompera cavilosamente relações com o Brazil, apresando a falsa fecho de Assumpção o paquete Marquez de Olinda, que seguia para Matto-Grosso, levando a bordo o presidente nomeado para aquella provincia, coronel Frederico Carneiro de Campos. Depois de valorosa resistencia, fôra o forte de Coimbra evacuado pelos nossos e occupado pelo inimigo, que invadira todo o baixo Paraguay brasileiro, apossando-se da parte que communica com a Bolivia. Nesta republica, Melgarejo exercia auctoridade sem limites, tendo empolgado o mando supremo mediante o processo commum na America do Sul e alli quasi normal — a sedição militar. Constava que o dictador do Paraguay offerecra a Melgarejo a região matto-grossense conquistada, a

trôco de auxilio boliviano. A cousa era possível e dahi decorriam consideraveis complicações. Resolveu o Brasil evitar o golpe e activar as operações contra Lopes, por todos os meios.

Investiu o então Marquez de Caxias do commando em chefe do exercito; acreditou como ministro em La Paz o habil diplomata Lopes Netto; e, em lugar de um militar experimentado, enviou para a presidencia de Matto-Grosso a Couto de Magalhães, com a missão de desalojar os paraguayos e impedir que por via da Bolivia viessem socorros a Lopes.

Couto não completara ainda 30 annos. Antes d'elle, em seguida ao aprisionamento de Carneiro de Campos, haviam sido nomeados presidentes de Matto-Grosso: o general Visconde de Camamú, que morreu em caminho; o coronel Drago, que não passou de Uberaba; e o general Galvão, tambem fallecido durante a viagem.

A indicação de Couto, dada a gravidade das circumstancias e os precedentes, prova a confiança que na sua idoneidade e dedicação á patria depositava o governo.

Couto não hesitou em acceitar a tremenda incumbencia. Partiu. Após dous mezes de jornada, installou-se em Cuyabá; menos de um anno mais tarde, expellia os invasores, derrotando-os em Corumbá e em Alegre, e impossibilitava o projectado concurso de Melgarejo. Para isso angariou as boas graças do governador de Santa Cruz de la Sierra, a quem fez, de seu bolso, magnificos presentes.

Na libertação do territorio nacional, revclavam-se de repente as eminentes faculdades de Couto como organisador e chefe militar.

Data dahi o seu amor á farda e a tudo quanto dizia respeito á força armada, assumpto de que se tornou conhecedor como se fôra abalizado profissional. Preferia as distincções militares a quaesquer outras.

Vestir o uniforme constituia o seu orgulho, o seu garbo, o seu prazer. Doutor em Direito conselheiro de Estado, só queria que lhe chamassem general, titulo (out'ora não barateado) com que o governo galardoadora seus serviços bellicos, outorgando-lhes as honras de brigadeiro.

De como Couto organisou a expedição de Corumbá e expulsou os paraguayos dá noticia o relatório do ministerio da Guerra, de 1868. Transcrevamos alguns trechos, nos quaes, através da sécca linguagem official, transparece a magnitude da façanha:

« Quasi ao mesmo tempo em que a força expedicionaria no sul da provincia de Matto-Grosso se celebrava com feitos tão heroicos, esplendidos triumphos coroavam os esforços da expedição organisaada com grande difficuldade na capital da provincia pelo distincto presidente, com o nobre intento de fazel-a operar activamente no rio Paraguay, retomar as nossas posições occupadas pelo inimigo e salvar as familias brasileiras que, ainda em poder do mesmo inimigo, soffriam duro captiveiro. Com effeito, de Cuyabá, embarcado em canoas, seguiu aquella expedição, tendo á sua testa o proprio presidente da provincia, que, dos Dourados, onde acampou, expedito logo o primeiro batalhão provisório, servindo de vanguarda, e commandado pelo major Antonio Maria Coelho, para assallar e tomar Corumbá ».

Não comporta o plano deste modesto esboço a minuciosa relação do praticado pelo 1.º batalhão provisório. Persiste, de resto, certamente, na memoria e no reconhecimento publicos o modo extraordinario como

essa tropa improvisada desembarcou nas proximidades de Corumbá, fortificado pelo inimigo, atacou-o, travando combate corpo a corpo, alcançando afinal victoria completa. Perceceram na peleja o commandante contrario e a maioria da guarnição.

Tomaram os vencedores bandeiras e munições; livraram 500 brasileiros, prisioneiros desde a invasão; hostilizaram os navios surtos no porto, obrigando-os a fugir; desalfrentaram, em summa, os brios ultrajados da provincia, vingando as barbaridades perpetradas pelo aggressor.

« Assim que nos Dourados, — continúa o relatório, — soube do brilhante resultado do plano que concebera, o presidente da provincia tomou as necessarias providencias para seguir rio abaixo, na noite de 21 de junho, com uma força de 1.000 homens e artilharia ».

Narra depois o relatório como os paraguayos abandonaram todos os pontos occupados.

De posse de Corumbá, soube Couto que não mais podia contar com as forças expedicionarias do sul da provincia e que a variola assolava aquella circumscripção. Era de recocar que, se as tropas triumphantes permanecessem em Corumbá, se desenvolvesse o flagello entre as praças, no geral não vaccinadas. Acutelada a cidade contra nova investida, deliberou retirar-se, conduzindo consigo grande cópia de armamento, bocas de fogo e o archivo da localidade.

Essa marcha de retrocesso, commandada por Couto, é simplesmente épica. Corumbá dista de Cuyabá 150 leguas. As forças caminharam a principio por terra, no meio de pantanos, pois o inimigo ainda dominava o rio. Apareceu a variola, com seu cortejo de horrores, matando centenas de soldados. Escassejaram os mantimentos.

Os paraguayos atacaram mais de uma vez. Couto lutou, ao mesmo tempo, com a peste, a fome e a guerra, dobcllando-as per meio de coragem, energia e perseverança, dignas da celebração de um Xenophonte.

Afinal, ganhando o S. Lourenço, regressou á capital, após tres mezes de campanha, fadigas e perigos sem nome.

Em Cuyabá grassara geralmente com intensidade a variola, não poupando nem os vaccinados. Houve milhares de victimas. Couto, em vez de descarçar, emprehendeu outra terrivel lucta.

« — O distincto presidente dr. Couto de Magalhães, — prosegue o relatório, — foi incommensuravel nas providencias tomadas para tornar menos funestos os effeitos do mal que enlutou a capital da provincia confiada á sua sollicitude ».

Mostrou-se, na verdade, de um zelo, de uma previdencia, de uma intrepidez acima de todo elogio, expondo-se a cada instante, isolando os não vaccinados, estabelecendo cordões sanitarios, propagando em larga escala a vaccina, submettendo a população refractaria ao preservativo.

Graças ao criterio e promptidão de suas medidas, a epidemia não assumiu proporções assombrosas. circumscriveu-se e, enfim, extinguiu-se.

Foi mais um importante serviço, — conclue o relatório, — prestado por tão distincto funcionario, que já havia bem merecido do país, conseguindo superar innumeradas difficuldades na organisação da força de 2.000 homens e de uma flotilha de 5 navios, a cuja frente se collocou, alcançando por suas acertadas combinações e incançavel actividade assinalados triumphos. E é ainda a seus esforços que se deve achar-se hoje a capital da provincia em condições de resistir a qualquer aggressão do

inimigo e de haver alli, prompta a marchar ao primeiro aviso, uma força disciplinada de cerca de 3.000 homens.

Não são muitos os soldados, ainda entre os aclamados pela gloria universal, em cuja fé de officio ru-tilem notas desta ordem.

E foi esse mesmo homem quem, no mesmo posto, e quasi na mesma occasião, levou a cabo a navegação do Araguaya!

VII

O ESCRIPTOR

Era-o, e de raça. Desde estudante de Direito, distinguio-se na imprensa, collaborando nos jornaes academicos. Compoz nessa quadra o romance historico — *Os Guayanas, ou a fundação de São Paulo*, onde ha muito que louvar quanto ao fundo e á fórma. (*)

Tem mais ou menos a mesma data o estudo — *Revolta de Philippe dos Santos em 1720* —, que lhe abriu as portas do Instituto Historico, em cuja Revista figuram valiosas monographias de sua lavra.

Na *Actualidade*, de Flavio Farnesc, publicou uma analyse critica da lei de 3 de dezembro de 1841.

Suas outras obras são: os já mencionados compendio para machinistas e *Viagem ao Araguaya*; o *Selvagem*, de que trataremos especialmente; *Anchieta e as linguas indigenas*, curiosa conferencia realisada em S. Paulo, em 1897.

Preparava, ao fallecer, uma nova edição do *Selvagem*, refundida e augmentada com o vocabulario tupi do padre Anchieta, e uma *Grammatica da lingua geral*, com o respectivo vocabulario.

Em innumeros jornaes estampou artigos sobre variadas materias, que, reunidos, constituiriam mais de um volume.

Seu estylo é vibrante, correcto, claro, pittoresco, abundante em factos, sem cessar attrahente e instructivo. Não ha pagina sua que não desperte interesse e que, lida, não deixe agradável impressão. Nas descrições das scenas da nossa natureza, attinge não raro ao grandioso, verdadeiro e simples. Relatando os costumes sertanejos, tem graça tocante.

Sabia ser erudito, sem pedantismo; profundo, sem obscuridade. Sua maneira de escrever era, sobretudo, muito delle, retratando-lhe a original e forte personalidade.

Comquanto se declarasse inimigo do enthusiasmo, exprimta-se não raro com calorosa e nobre eloquencia.

Exemplo — este bello fêcho de um capitulo do *Selvagem*:

« Nosso futuro por este lado (o literario) é cheio de esperanças; não o perturbemos com guerras. A geologia nos ensina que no mundo physico a acção do fogo foi sempre perturbadora; produziu essas grandes serras de granito que encantam a vista, mas que são tão estereis como a gloria das armas o são no mundo moral; os campos fertéis, as regiões privilegiadas foram filhas dos tempos de paz em que as aguas laboraram lentamente os continentes. Tomemos nós brasileiros essa lição da natureza; e já que somos a maior região physica da America, procuremos ser tambem a maior nação moral, não pela acção do fogo, mas pelos lentos e methodicos trabalhos das artes, da economia e das sciencias, que são absolutamente incompat-

veis com as estereis glorias das armas, quer se alcancem em paizes estrangeiros, quer venham lidas com o sangue dos nossos patriotas.

Costumava escrever, — elle proprio o diz, — em viagem, depois de extensa jornada, sentado no chão, tendo por mesa uma canastra, no camarim estreito do barco, ou então debaixo de uma arvore, á beira de um corrego, largando ás vezes a penna para tomar a arma de fogo ou a faca, afim de atirar a uma caça ou se defender contra uma fera.

VIII

O SABIO

Falava francez, inglez, allenão, italiano, hespanhol, tupi e outros dialectos indigenas. Em 1885, dedicou-se profundamente á philosophia, fazendo um curso, do qual foi ouvinte o sr. Prudente de Moraes.

Em 1862, consagrou-se á physica e á mecanica, procedendo a experiencias, adquirindo instrumentos de preço. Quando em Londres, entregou-se ao estudo da medicina e da astronomia.

Montou, mais tarde, importante observatorio em S. Paulo, offerecendo-o, por fim, á Escola Polytechnica dessa capital. As suas obras patenteam não vulgares conhecimentos de mineralogia, geologia, botanica, zoologia, anthropologia.

O que, porém, conquistou para Couto de Magalhães fóros de sabio foi o seu livro *O Selvagem*, que, não obstante defeitos sensiveis, mormente falta de methodo, é hoje classico, compulsado e citado por quantos se occupam da materia aqui e na Europa, onde o traduziram mais de uma vez.

O Selvagem foi composto por ordem do sr. D. Pedro II para figurar na bibliotheca americana da exposição universal realisada em Philadelphia, em 1876.

Durante suas longas viagens e explorações do Araguaya, andara Couto metido entre indios cerca de 12 annos, estudara-lhes as linguas e os habitos, colligira-lhes as lendas e tradições, traduzindo-as para o portuguez. O Duque de Caxias puzê-a á disposição delle, para que completasse essas investigações, as praças de origem indigena existentes no exercito.

Resultou dahi *O Selvagem*, precioso repositório de informações de toda casta, attestadoras de amplo e multiplo saber.

« Só poderá salvar meu nome do olvido, exclamava Couto dias antes de expirar, o que fiz ácerca dos indios ».

O titulo — *O Selvagem* — apparece na primitiva edição, feita na typographia da *Reforma*, em 1876, subordinado a esta epigrapha: *Trabalho preparatorio para aproveitamento do selvagem e do solo por elle occupado no Brasil.*

Compõe-se propriamente de dous livros distinctos: — 1.º — Curso da lingua geral, segundo Olendorff, comprehendendo o texto original das lendas tupis; 2.º — Origem, costumes, região do selvagem, methodo a empregar para amansal-o, por intermedio das colonias militares e do interprete militar.

Nesta segunda parte, debatcm-se elevados problemas, quaes — o apparecimento do homem na terra; período em que surge na America o tronco vermelho; cruzamentos pre-historicos com os brancos; avaliação de qual era o estado das industrias selvagens, pelo uso do fogo; período em que se deu a primeira emigração humana para o Brasil; classificação das tribus pelas linguas; classificação morphologica e conforme a estrutura interna das linguas americanas; raças

(*) *Nota da reedição:* — A edição definitiva deste romance foi publicada nesta capital, em 1901.

selvagens; plano de catechese; familia e thegonia selvagem, etc.

Nem sempre são accetaveis as conclusões, mas brilha em todas a lucidez e palpita a força de um espirito superior.

São inolvidaveis os serviços de Couto quanto á catechese.

Depois da morte d'elle, o illustre bispo do Amazonas, D. José Lourenço da Costa Aguiar, publicou um resumo da doutrina christã em tupi, destinado ao ensino dos indios domesticados de sua diocese. Dedicou-o á memoria do — *« preclaro general Couto de Magalhães, em homenagem ao perfeito conhecedor do nhĩngatu, a lingua falada em vastas regiões do Amazonas, principalmente nos valles do Rio-Negro e Alto Solimões »*.

IX

O PATRIOTA

Ninguem mais do que elle amou a natureza e as cousas da patria, procurando conhecel-as, tornal-as conhecidas e amadas. Tinha levantada ufania de ser brasileiro; não admittia que nenhum outro paiz houvesse jús á supremacia sobre o nosso. Da Europa só apreciava algum tanto a Inglaterra, detestando os francezes, que qualificava de frivolos, palavrosos e superficials. O seu patriotismo chegava ao excesso de pretender se restaurassem os nomes indigenas das nossas localidades e objectos, e que nas nossas festas se dançasse o *caeterelé*, da mesma fórma que se dança na Escocia o tradicional *scotish-gig*.

Queria que o brasileiro competisse em orgulho nacional com o *yankee*. Sustentava que o caboclo, de quem se constituiu advogado constante, o caipira de S. Paulo, o caboré de Goyaz, o gaúcho do Rio-Grande, formam uma raça extraordinaria, robusta e intelligente, como as melhores do mundo, chamada a glorioso porvir.

Com o correr dos annos, longe de arrefecer, ganharam incremento essas idéas e sentimentos.

Publicou, dias antes de morrer, dous brilhantes artigos no *Jornal do Commercio*, no primeiro dos quaes examinava a questão do Amapá, sujeita ao arbitramento da Suissa, dando conselhos e subsidios para que a solução nos fosse favoravel. Discutia no segundo a celebração do quarto centenário do descobrimento do Brasil, esforçando-se para que a commemoração se revestisse de cunho propriamente brasileiro.

Seu ultimo escripto, datado de 8 de setembro de 1898, menos de uma semana antes do obito, é uma carta para servir de prefacio ao livro do alferes Henrique Silva sobre caçadas. Nessa carta sobreleva a viva preocupação de brasileiroismo. Couto fóra insigne caçador, nadador e pescador. Presidia o club de *Caça e Pesca*, de S. Paulo.

A's commodidades e distracções da vida de cidade preferia os habitos da roça. Mesmo nas capitães, parecia a sua casa uma barraca de acampamento, com utensilios e moveis primitivos. Seu maior prazer consistia em scismar embalando-se numa rede, enquanto camaradas tocavam viola e entoavam cantigas sertanejas. Elle proprio era perfeito tocador de viola e violão e cantador de lundus e modinhas. Sentia-se melhor no rancho do tropeiro que no palacio dos potentados.

Collocava a idéa da patria acima de qualquer consideração partidaria. Retirado do scenario politico, nunca se mostrou indifferente ao interesse geral. Fazia ouvir a sua palavra sempre que ella podia aconselhar ou esclarecer. Era um brasileiro, na maior extensão da palavra, um grande brasileiro.

X

O HOMEM DE CORAÇÃO

Nenhuma sociedade o comprazia como a dos simples e humildes. Vivia rodeado de gente do povo. Quando presidente de provincia, findo o expediente official, sahia a passear sózinho, modestamente trajado, como obscuro particular. Tinha o espirito fundamentalmente liberal e lhano, sem fingimentos e hypocrisia.

Um caso, entre muitos: Adoeceu um continuo de sua secretaria e requereu licença para tratar-se, governando elle o Pará. Foi visitar o enfermo e, encontrando-o devéras prostrado, baldo de recursos, em miseravel casebre, disse-lhe que solicitasse adeantamento de ordenados. O homem assim fez, endereçando a petição ao presidente, que a deferiu, mandando de prompto entregar o dinheiro. Restabelecido, quiz o continuo saldar o debito de medico e botica. Estava tudo pago.

Indo ao Thesouro regularizar suas contas, recebeu integralmente todos os vencimentos atrasados. Naça constava naquella repartição quanto ao adeantamento. Só a custo veiu a saber o pobre funcionario quem dest'arte o soccorrera: — fóra o presidente.

Actos caritativos semelhantes a este abundam em sua existencia. Exercia a caridade conforme o Evangelho, ás occultas, ignorando a mão esquerda o que praticava a direita.

Erigiu um monumento funebre a uma das victimas do naufragio na cachoeira do *Inferno*, pagando uma contribuição para que mantivessem em bom estado esse monumento. Auxiliou sempre com uma pensão a familia do morto.

Votava á amizade verdadeiro culto, conservando affectuosas relações com todos os velhos companheiros de collegio e academia. Almoçava e jantava patriarchalmente ao lado de seus numerosos empregados e servidores, em mesa sem toalha, onde se collocavam as proprias panellas fumegantes.

No seu testamento, deixou legados a esses servidores, declarando que os estimava como irmãos e recommendando aos herdeiros que os protegessem, bem como os respectivos filhos.

De ninguem falava mal. Sempre alegre e affavel, julgava os mais com extrema benignidade. Protegia os parentes necessitados. Não se eximia a despesas e sacrificios exigidos peio seu partido. Apesar de convidado com empenho, não adheriu á Republica.

Em carta estampada nos jornaes de S. Paulo, logo após o 15 de novembro, carta que, segundo correu, quasi lhe occasionou a deportação, significou que, ainda quando seus sentimentos não permanecessem monarchistas, impedia-lhe qualquer approximação do novo regimen o facto de haver occupado altos cargos de confiança no Imperio.

Preso, durante o estado de sitio proveniente da revolta naval, procedeu com a maxima galhardia e dignidade, apesar de mal convalescente de terrivel enfermidade, na qual recahiu, em consequencia da prisão.

Não incriminava, antes desculpava os seus tyrannos.

Já proximo á agonia, foi inquirido por um dos assistentes se queria alguma cousa.

— Sim, — respondeu, — quizerá ver aqui o menino.

Referia-se ao seu unico filho, então em S. Paulo.

Perguntou-lhe ainda o assistente se consentia em que se chamasse um padre para o confessar e administrar-lhe os sacramentos da igreja.

— De bom grado, — retorquiu; — eu nunca fui materialista.

Mas quando o sacerdote chegou, já havia expirado serenamente.

(Continua no Supplemento)

Supplemento do "Album Imperial"

ANNO I

CHRONICAS E NOTICIAS

NUMERO 15

XI

NOTAS DIVERSAS E DADOS CHRONOLOGICOS

Correm sobre elle anecdotas sem conta, oriundas do seu temperamento original e espirito não muito equilibrado, como, em geral, os fóra do commum. Com o passar dos annos, tornar-se-á legendario na imaginação popular.

Enunciava na conversação vastos projectos de trabalhos a emprender. Nasceria em novembro de 1837 na cidade de Diamantina, Minas-Geraes. Era filho do negociante de brilhantes e proprietario de lavras Antonio Carlos de Magalhães, portuguez, e de D. Thereza de Magalhães, celebre por sua formosura, e filha do notavel mineralogista José Vieira Couto.

Em 1847, entrou para o seminario de Marianna com dous irmãos. Um delles foi o coronel Antonio Carlos de Magalhães, morto em combate no Paraguay, onde tornou-se famoso pela sua religiosidade e frio denodo. Bacharelou-se perante a Faculdade de Direito de S. Paulo em 1859; defendeu theses, doutorando-se nesse mesmo anno. Foi secretario do governo de Minas, de 1860 a 1861, sendo presidente o conselheiro Vicente Pires da Motta; presidente de Goyaz, de 1861 a 1864; presidente do Pará, de 1865 a 1866; de Matto-Grosso, até 1868; de S. Paulo, de junho a novembro de 1889. Ao proclamar-se a Republica, achava-se incluído numa lista triplice de senador por Matto-Grosso.

Commendador da ordem de Christo, official da do Cruzeiro e da da Rosa, condecorado com as medalhas da campanha do Paraguay e com a de ouro concedida ás forças que libertaram Matto-Grosso, pertencia ás mais illustres associações scientificas e literarias.

Physicamente, era de regular estatura, esbelto, barba em ponta, olhar franco e vivo, ampla fronte, ar decidido e marcial, irrequeto, voz placida e de tons velados, extremamente sympathico e insinuante.

Succumbiu a um accesso pernicioso, no hotel Vista Alegre, do Rio de Janeiro, a 14 de setembro de 1898.

XII

O SCHELLO SUPREMO

Nem faltou a esta bella, prestante, bem preenchida existencia aquillo que confere genuina grandeza ao destino humano: — o soffrimento, a perseguição.

Em consequencia de graves achaques e desgostos, Couto de Magalhães, como Augusto Comte e Nietzsche, soffreu total eclipse das faculdades mentaes.

Succedeu-lhe tal desgraça duas vezes.

Da primeira foi julgado incuravel, nomearam-lhe curador, metteram-no numa casa de doidos, onde muito padceu.

Curou-se rapidamente de ambos os accessos, mediante tratamento adequado na Europa.

A recordação desses infortunios, o receio de que voltassem, a desconfiança de que alguém o supuzesse não de todo são, o torturavam de continuo.

Conforme já foi dito, prenderam-no em S. Paulo, por occasião da dictadura do marechal Floriano. Conduziram-no escoltado para o Rio de Janeiro, c. ahi, sem interrogatorio, sem sombra de processo, sem se dignarem de informar ao menos qual o crime que lhe imputavam, encarceraram-no longos dias num dos cubiculos da Casa de Correção, destinado ao cumprimento de pena inflingida a assassinos e ladrões.

General Couto de Magalhães



GENERAL Couto de Magalhães nasceu na cidade de Diamantina, Estado de Minas-Geraes.

Na capital do antigo Districto Diamantino, no velho e encantado Tijuco, da Demarcação, que as lendas dos garimpeiros e a pompa dos «contractadores» immortalisaram, a familia Vieira Couto representa uma gloriosa tradição de soffrimentos pela patria e de civismo provado nas mais duras circumstancias.

No reinado de D. José I, de Portugal, Vieira Couto, um dos ascendentes dessa illustre familia, foi accusado perante o marquez de Pombal de alimentar idéas de independencia do Brasil.

Mais tarde, um descendente deste, o dr. José Vieira Couto, publicou para o principe regente, depois D. Pedro I, a excellente monographia sobre Minas, que traz a data de 1799.

O general Couto de Magalhães trazia no sangue essa dedicação indefessa pelas cousas patrias, que o distinguiu sobremodo entre seus concidadãos.

Formado em Direito pela Faculdade de São Paulo, o Governo Imperial do Brasil distinguiu o seu talento e reconheceu suas aptidões, nomeando-o successivamente presidente do Pará e de Matto-Grosso.

Foi durante sua presidencia no Matto-Grosso que se deu a invasão paraguaya, o primeiro movimento inimigo ao romper as hostilidades.

Pois bem. Esse presidente civil, esse homem de sciencia, revolveu nessa circumstancia difficil o tino de um general.

Organizou a resistencia contra o estrangeiro invasor e soube prestar serviços de tal modo relevantes, que o Governo Imperial os recompensou, dando ao presidente de Matto-Grosso a patente de brigadeiro honorario do exercito nacional, no tempo em que não havia generalatos de papelão.

E não foram sómente estes os assignalados serviços que prestou á patria o general Couto de Magalhães.

Estudou com affincio a lingua e a ethnologia do selvagem, estudou os costumes brasileiros, compendiou lendas indigenas, colleccionou trovas populares, auscultou a alma do povo brasileiro, vivendo no meio delle, dormindo em suas choças varridas pelos ventos dos escampados, compartilhando a pobre pitaça dos homens do deserto.

O *Selvagem*, livro que o general Couto nos legou a respeito dos nossos indigenas, é uma prova do que acima dissémos.

Ahi nós encontramos verdidas para o portuguez muitas das lendas, assim como encontramos, trasladados para o indigena, actos publicos e documentos officiaes do Brasil.

O general Couto desceu o Tocantins até á sua foz, e nessa viagem, além das importantes observações que colheu, começou a amadurecer o projecto da navegação do Araguaya e Tocantins, a cuja realisação havia de dedicar-se depois.

Como presidente do Pará, o general Couto continuou a prestar a seu paiz serviços eguaes aos que deviam notabilisar mais tarde o presidente de Matto-Grosso.

O notavel naturalista americano Agassis teve occasião de tratar com o nosso illustre patriota e nas obras daquelle encontra-se uma correspondencia trocada entre o sabio americano e o

presidente brasileiro, em quem Agassis reconheceu superior capacidade.

Esse amor pelas lendas e as cousas de sua terra, o general Couto revelou desde cedo.

Nas columnas d' *O Commercio de São Paulo* foi publicado um romance da lavra do eminente brasileiro, escripto em 1859, por elle mesmo qualificado como conto historico sobre a fundação de São Paulo — *Os Guayandés*.

Além da aptidão scientifica, de que deu sobejas provas no dominio da linguistica, da ethnologia, da botanica, o general Couto demonstrou grande tino e coragem para os emprehndimentos industriais.

Alóra a navegação do Araguaya, para a qual elle tanto trabalhou, embora não visse taes esforços coroados de victoria, temos a Estrada de Ferro Minas e Rio, cuja concessão foi por elle obtida e cujos capitaes, graças á sua iniciativa, foram incorporados em Londres por uma companhia ingleza que ficou senhora da concessão. Tendo transferido sua residencia para São Paulo, o general Couto cercou-se aqui do respeito e do acatamento que inspiravam a todos as suas qualidades eminentes.

Quando subiu a situação liberal com o ministerio Ouro Preto, em 7 de junho de 1889, foi o general Couto escolhido para desempenhar o importantissimo cargo de presidente de São Paulo. Neste posto o encontrou a Republica.

Todos se lembram ainda daquelle dia em que o notavel servidor da Monarchia desceu as escadas do palacio, no meio de alas de povo, cheio de religioso respeito para o ultimo representante de S. M. o Imperador do Brasil na presidencia de São Paulo.

Nesta circumstancia difficil, o general Couto pertou-se com a correção de um homem de brio e de um brasileiro conscio dos deveres de patriota.

Dahi para cá, o ex-presidente de São Paulo manteve-se fiel ás crenças monarchicas, a cuja propaganda prestou sempre grandes e valiosos serviços.

Membro que fóra do antigo partido liberal, amigo dedicado e affectuoso do glorioso estadista visconde de Ouro Preto, as amarguras do exilio e as perseguições do republicanismo trevaivado não fizeram senão solidificar essa intimidade de corações e de crenças.

No periodo negro da dictadura sanguinaria, o velho servidor da patria, apesar de alquebrado, quasi invalido, não foi poupado pela policia secreta: o general Couto figurou tambem entre os presos, ou, melhor, entre as victimas da sanha jacobina.

Como todos os homens superiores, o general Couto era um tanto excentrico. Apesar de possuir fortuna avultada, vivia com extrema simplicidade e amava apaixonadamente a vida rustica. Sentia-se bem, quando, ao lado dos caipiras, vagava descalço pelos campos, embrenhava-se nas mattas, ou passava horas pescando á beira dos rios.

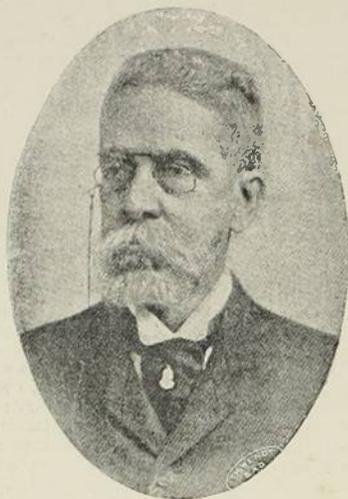
Entre os homens rudes do sertão, recostado á rede, ouvindo os descantes á viola, ninguém o distinguiria, nem pelo trajó, nem pelo modo, dos demais sertanejos.

Quando, porém, se encetava a conversação sobre um ponto de sciencia, de politica, ou de historia, transfigurava-se o sertanejo e apparecia o homem superior, o sabio arguto, o polygrapho eminente, o patriota de rara dedicação.

AFONSO ARINOS

de Affonso Arinos.

POETAS BRASILEIROS



Circulo vicioso

Bailando no ar, gemia inquieto vagalume:
 — «Quem me dera que fosse aquella loura estrella,
 Que arce no eterno azul como uma eterna vela!
 Mas a estrella, fitando a lua, com ciume:
 — «Pudesse eu copiar-te o transparente lume,
 Que da grega columna á gothica janella
 Contemplou, suspirosa, a fronte amada e bella!»
 Mas a lua, fitando o sol, com azedume:
 — «Misera! tivesse eu aquella enorme, aquella
 Claridade immortal, que toda a luz resume!»
 Mas o sol, inclinando a rutila capella:
 — «Pesa-me esta brilhante aureola de nune,
 Enfára-me esta azul e desmedida umbella...
 Porque não nasci eu um simples vagalume?..»
 MACHADO DE ASSIS



Caridade

Tu, que soluças opprimido, quando
 vês soluçar! tu, que opprimido tremes,
 vendo soffrer, gemidos escutando,
 porque soffres tambem, e tambem gemes.
 Se a propria dôr, ó coração humano,
 da alheia dôr te ensina a ter piedade,
 esta tambem te aponta o soberano
 e vasto seio azul da Caridade.
 Na união para o Bem, hão de cahindo
 as moedas de cobre que lançares
 mudar-se todas em moedas de ouro.
 E sonoras e lucidas, fulgindo,
 hão de abafar os echos dos pesares,
 hão de aos que choram suffocar o choro!

THEOPHILO DIAS



Flôr rara

(Sully-Prudhomme)

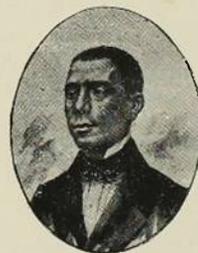
Sei de um louco que embalde, incessante, á porfia,
 Busca uma flôr que vira um dia na Allemanha,
 Flôr mais rara e ideal que a *Edelweiss* da montanha,
 De um perfume subtil e vago que inebria.

Existe acaso a flôr? ou foi na phantasia
 Do louco que surgiu essa chimera extranha?
 Não sei, sei que um encanto excentrico acompanha
 Essa flôr que elle viu pela Allemanha um dia.

Diz elle que ao beijar-se a encantada corolla
 Outro mundo, outro céu no perfume se evola
 E sente-se na flôr uma alma que suspira.

E o louco em vão procura a flôr que um orbe expande!
 Mas a flôr é tão rara, a Allemanha é tão grande...
 E elle definha e morre enquanto em sonho a aspira.

FONTOURA XAVIER



Tive por certa menina
 Uma paixão sem igual,
 Que escapou de dar commigo
 Dos doudos no hospital.

Amei com pontos e virgulas,
 Divisões e reticencias...
 Tiradas as consequencias,
 Tudo era artificial!

O qu'ella por mim fazia,
 Fazia a outros tambem;
 Não ter amor a ninguem
 E' seu timbre natural.

Porém agora
 Meu coração
 Poz na oração
 Ponto final.

PAULA BRITO

Album Imperial

O Album Imperial publica-se regularmente nos dias 5 e 20 de cada mez, trazendo no minimo dezeseis paginas de texto.

Rogamos aos srs. assignantes do interior do Estado, que ainda não pagaram a importancia de sua assignatura, que nol-a remetam pelo correio, em vale postal, descontando a despesa do porte e registro.

Cardeal Arcoverde

Acha-se á venda no nosso escriptorio o retrato, em trichromia, do Cardeal Arcoverde, egual ao que acompanha o n. 13 do Album Imperial.

Preço, quinhentos reis cada um, fazendo-se grande abatimento aos revendedores.

**PARA PRESIDENTE DA REPUBLICA
D. IZABEL**

Na apuração da eleição presidencial feita pelo Congresso, foram contados seis votos dados á princeza D. Izabel.

(Dos jornes)

Explicando o caso, diz X. collaborador do *Correio da Manhã*:

« Ora vamos a ver que dizem os seis cidadãos que a 1.º de março votaram na sra. D. Izabel para presidente da Republica. — como acaba de verificar o Congresso na apuração a que tão cuidadosa e demoradamente procedeu.

Diz o primeiro:

Chamam-me para votar em alguém para presidente da Republica. Votei em D. Izabel. Foi engano. Mas a explicação é facil: é que ella e D. Pedro II sempre me pareceram presidentes de Republica, ao passo que certos presidentes de Republica nunca me pareceram outra cousa senão uns reis pequenos. Depois que sahi da secção eleitoral é que me lembrei que o governo, que findou a 15 de novembro, era a Monarchia e que o que temos depois disso é Republica. Deixem estar que em um homem não andando muito attento...

Diz o segundo:

— Se a escolha do chefe do Estado não é feita pelo eleitor, mas quando o chamam para votar, o candidato já está eleito; se o chefe do Estado tem de ser chefe, independente da vontade do eleitorado, para que dar a este a massada de ir ás urnas de quatro em quatro annos? O melhor é pôr no governo quem nelle fique por uma vez. Eis o que com a minha cedula quiz declarar. Os politicos começaram por dispensar o delles.

Diz o terceiro:

— Tenho ouvido centenas de vezes que a Republica, do modo por que vai, vai por agua abaixo. Convinco-me disso. Tratei então de não perder tempo. O meu voto é adcantado.

Diz o quarto:

— Admiram-se do apparecimento do meu voto? Tambem eu, tambem eu... Em geral, no Brasil, os votos que são dados aos candidatos officiaes não apparecem...

Diz o quinto:

— Votei numa senhora. De certo! Pois se ha falta de homens.

Diz o sexto:

— Votei em D. Izabel. O meu voto foi mais significativo do que supõem. Não sou monarchista, — tanto assim que não votei em D. Izabel

QUANTUM MUTATUS!...

De ore tuo te judico
Luc., XIX, 22

Um *Jacobino*: — Bons dias, Nabuco. Eis-te de novo em terras do Brasil, e por isto te dou sincero parabem. Pelo que dizem, deves ter tomado juizo, e já não tanto acreditas em caraminholas de restauração.

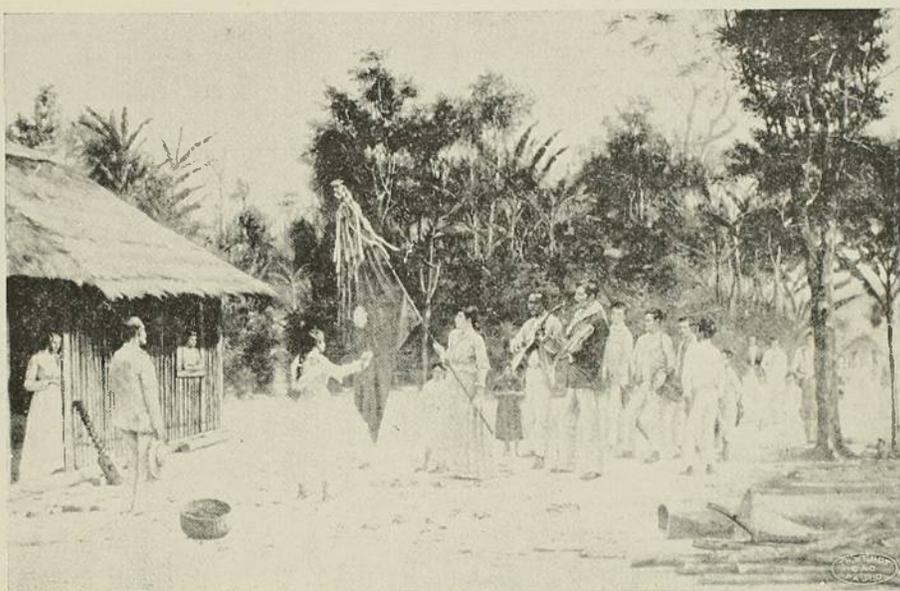
Nabuco: — Estás enganado; se eu vos dissesse que os acontecimentos de que temos sido espectadores desde 15 de novembro me converteram á Republica, dar-vos-ia o direito de duvidar da minha sinceridade no passado, e portanto no presente. » (*Resposta ás mensagens do Recife e Nazareth*, pag. 18.)

Jacobino: — Entretanto, forçoso é confessar que, nos intervallos das nossas revoltas, alguma cousa temos aprendido no tocante á liberdade.

Nabuco: — Pura illusão... A liberdade, uma vez confiscada, não

Jacobino: — Formosas palavras; porém, mais praticamente, não julgas crime de leso-patriotismo a systematica abstenção dos monarchistas irreductiveis, dos velhos como João Alfredo, Andrade Figueira, Ouro Preto, Lafayette, Candido de Oliveira, dos mais moços como Alfonso Celso e Candido Mendes?

Nabuco: — Antes a approvo... « O dever dos monarchistas sinceros, quando mesmo a Monarchia estivesse morta, seria morrer politicamente com ella. Não creio que a adhesão de mais alguns homens da Monarchia pudesse servir de freio no plano inclinado ao trem que já adquiriu tamanha velocidade. Que influencia real têm tido na direcção da Republica os monarchistas que se passaram? Nenhuma, pôde-se dizer. A influencia que os que restam podem exercer, é outra, é toda moral: é guardarem fidelidade aos seus principios e ao seu passado; e mostrarem tolerancia e benevolencia, coherencia e desinteresse; é não accitarem a responsabi-



FESTA DO DIVINO ESPIRITO SANTO NA ROÇA

Quadro de Benedicto Calisto

para imperatriz, mas para presidente da Republica. Votei nella, porque não podia votar no pae, já fallecido. O meu voto foi como um dedo amigo apontando para o passado, já que nesta Republica o presente é triste e ninguém quer olhar para o futuro. Votando em D. Izabel, não votei nella, votei em quem fosse capaz de se inspirar num passado cheio de glorias, do modo a evitar-nos um futuro cheio de miserias. Em contraste com os blóquinhos em que o Brasil se divide, quiz lembrar o grande blóco que era o Brasil de outrora, unido, forte e prospero. Ah! A Republica tem de olhar um pouco para trás, para evitar os perigos que se lhe accumulam á frente. Precisamos restaurar a Republica, ou melhor: precisamos restaurar o Brasil, para que ninguém pense em restaurar o Imperio.

póde mais ser restituída integra, ainda mesmo que a augmentem; ficará sempre o medo de que ella seja supprimida outra vez e com maior facilidade. A noção da legalidade continua recebeu um golpe de que esta geração não perderá a consciencia, e nesse estado de panico expectante quanto maiores e mais brilhantes reformas o governo fizer, mais augmentará a incerteza. » (*Ibid.*, pag. 23.)

Jacobino: — Então não te achas, como por ahi se propala, disposto a collaborar na consolidação da Republica? Acaço de todo te desinteressaste da causa nacional?

Nabuco: — Não... « Não é preciso ser republicano sob a Republica, como não era preciso sob a Monarchia ser monarchista, para cumprir os deveres de um bom brasileiro. Basta ter clara a noção de que nunca se tem o direito de prejudicar a patria para prejudicar o governo. » (*Ibid.*, pag. 27.)

dade de erros e de crimes.» (*O dever dos monarchistas*, carta ao almirante Jaceguay, pags. 34 e 35.)

Jacobino: — Isso era, talvez, verdade ha poucos annos; mas não agora, que entre nós se acham arraigadas as instituições, e pedindo o concurso de todos os seus filhos.

Nabuco: — Arraigadas?! « Em certo sentido pôde-se dizer que nada tem raizes entre nós, no sentido que tudo pôde ser derribado sem resistencia... Em taes condições, imaginar que só a Republica tem raizes, ou que ella as lançou em uma camada mais profunda do que a Monarchia, do que a religião, do que a familia, do que a propriedade, parece a inversão de toda a sciencia social. » (*Ibid.*, pags. 15 a 17.)

Jacobino: — Os moços, em todo o caso, são por ella e vivamente a suffragam.

Nabuco: — Pouco disto se me dá. Nós somos a unica sociedade exis-

tente no mundo a que se possa dar o nome de *neocracia*, em todos os sentidos: não só no de sermos governados de preferencia pelas novas idéas, mas especialmente no de sermos governados pelas novas gerações, em opposição ao governo dos mais antigos, que se encontra no começo de todas as civilisações quasi. Já antes dos quarenta annos, o brasileiro começa a inclinar a sua opinião deante dos jovens de quinze a vinte e cinco. A abdicção dos paes nos filhos, da cidade madura na adolescencia, é um phenomeno exclusivamente nosso. Imagine-se a França entregue inteiramente como grande potencia européa á direcção do Quartier Latin! Em menor escala, esse é o nosso caso. O resultado é uma prematuridade abortiva em todo o campo da intelligencia. » (*Ibid.*, pag. 18 a 19.)

Jacobino: — Não é possível resistir á influencia do meio. Toda a America é republicana.

Nabuco: — « E que tem isso? Chegará por acaso a America a exigir que o Brasil committa todas as baixezas do despotismo, passe pela bancarrota e viva em guerra civil, sómente para não quebrar a chamada *unidade republicana do Novo Mundo*? Exigirá ella que sejamos muitas republicas para não sermos uma só Monarchia? » (*Agradecimento aos pernambucanos*, pag. 9.)

Jacobino: — Mas, quando outros se calem, os Estados-Unidos...

Nabuco: — « Os Estados-Unidos com o seu senso pratico proclamariam amanhã a Monarchia, se tivessem o mais leve receio de que a corrupção republicana os reduziria ao typo de qualquer outra Republica do continente. Para pôr termo ao escandaloso desgoverno da America Latina, seria preciso uma liga dos povos, da America liberal e honesta, contra a sua anarchia governante, e para essa liga é que nós entrariamos restaurando a fórma monarchica, isto é, o nosso governo representativo e civil.

« O argumento da — excepção na America — é méro sentimentalismo, mas sentimentalismo de imaginação, e que se poderia chamar pelo nome que o sr. Romero deu a uma escola de poetas — *condorismo* politico. A esse falso sentimentalismo literario, a esse plágio americano, devemos oppôr outro sentimentalismo natural, vivo, verdadeiro: o Brasileirismo. » (*Ibid.*, pag. 9.)

Jacobino: — Entretanto, muitos compatriotas de grande valor têm adherido á Republica. Ella está coalhada de *adhesistas*.

Nabuco: — Fazem mal. « E' um crime toda obra feita em proveito de ingratos, como li em um escriptor christão. » (*Resposta ás mensagens*, pag. 6.)

Jacobino: — Sectario da abstenção e da intransigencia, não acreditás então que tempo ainda possa vir no qual a Republica se reforme e melhore?

Nabuco: — Não; não o acredito. « A experiencia da historia serviu ao dr. Doellinger para formular a lei de que as republicas não têm o poder de reformar-se. Vale a pena repetir a observação que elle faz, porque não será esquecida por nenhum espirito reflectido. Quando a corrupção da Republica Romana tocou ao seu ultimo limite (diz elle), todos os juizes

intelligentes reconheceram a incapacidade da Republica para se corrigir por si mesma, e a necessidade inevitavel da Monarchia. Assim aconteceu com a Republica Polaca e assim tambem com a Republica Franceza sob o Directorio. » (*Ibid.*, pag. 7.)

Jacobino: — E' preciso ter fé na força curativa dos ideaes.

Nabuco: — « Eu espero ver primeiro alguma Republica da America do Sul livre da sua gangrena, para então começar a ter esperança na virtude curativa do ideal republicano. O que me parece é que esse ideal é o primeiro a soffrer a acção delictoria do ambiente, em vez de purificá-lo. Não creio que haja muito ideal republicano, de character pratico e activo, reformador, nas republicas sul-americanas; o que impera na consciencia de quasi todos esses doentes graves da superstição republicana é uma especie de fatalismo imbecil, a adaptação lethargica do povo ao regimen. » (*Ibid.*, pag. 7.)

Jacobino: — Como és implacavel contra o regimen! Respeita contudo as boas intenções dos que o dirigem, ou pelo menos a sua honorabilidade.

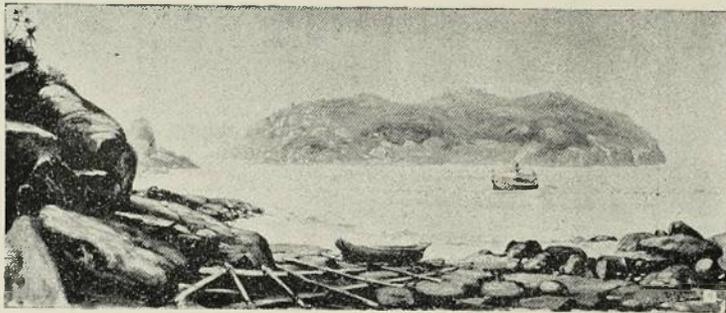
Nabuco: — Que sei eu? « Na fórma republicana, como a podemos ter, o Estado, o governo, figura-se-me uma dessas companhias em que os accionistas, depois que o grosso das

Jacobino: — Bem ou mal nascida, a Republica logo se afirmou como uma grande força. Não houve resistir-lhe.

Nabuco: — Força applicada ao mal. « Tinhamos uma tradição de humanidade a mais bella da America: de abolição sem guerra civil, de guerras exteriores sem conquista, de revoluções sem vinganças; e hoje? Onde está Lorena? Onde estão os filhos de Trajano de Carvalho? Onde está o marechal Batovy? Onde está o barão de Serro Azul com os seus companheiros de vagon? Onde está Saldanha da Gama? » (*Ibid.*, pag. 28.)

Jacobino: — Não evoques temerosos espectros... A revolta de 93 foi uma fatalidade; della, porém, sahio resplendente o nosso milindre nacional... As pretensões do estrangeiro foram repellidos á bala.

Nabuco: — Ainda uma illusão... « Não pôde haver nada mais erroneo do que pretender-se que a revolta foi suffocada pelo entusiasmo republicano... A victoria de 13 de março foi originaria e principalmente devida á inutilisação do poder aggressivo da esquadra no porto do Rio de Janeiro, de setembro a janeiro, o que quer dizer foi devida á intervenção estrangeira. O effeito dessa intervenção não pôde ser apagado. » (*A intervenção estrangeira durante a revolta*, pag. 110 e 111.)



PRAIA DE S. VICENTE

Quadro de Benedito Calisto

entradas foi consumido pelos incorporadores, vêm os restos do seu capital administrados para o unico fim de pagar a directoria e prolongar a existencia de uma sociedade em que elles deixaram de ter interesse. » (*O dever dos monarchistas*, pag. 23.)

Jacobino: — Nós hoje com pesar já vemos que grandes roubalheiras têm aviltado o regimen. Esta, evidentemente, não é a Republica que sonhávamos... Mas commigo reconhece a elevação e generosidade com que a iniciámos.

Nabuco: — Absolutamente não. « Nenhuma das grandes correntes que se juntaram para abrir o leito da Republica nasceu de um sentimento tão elevado nem tão generoso, como as que nos doram a Monarchia. Quer se olhe para o Esclavagismo, quer para o Militarismo, quer para o Positivismo, quer para o Panyankeeismo, e ahi estão os principaes elementos da synthese de 15 de novembro — a aspiração republicana pura, extreme de qualquer daquellas bases, fórma uma quantidade inconsideravel para o calculo — não ha um só delles que pareça liberal, progressivo, largo de vistas. » (*Ibid.*, pag. 28.)

D. Pedro II e o Ceará

Agita-se presentemente no seio da população cearense a feliz lembrança de erigir-se uma estatua a D. Pedro II, — o ultimo imperador do Brasil.

Esta tentativa é um culto que deve exaltar as almas patrioticas e os caracteres nobres.

Esta idéa é uma especie de justiça posthuma vingando, talvez, a ingratição de hontem.

Nunca é tarde demais para resgatar dividas sagradas, nunca é vagarosa a viagem da Historia através da poeira dos tempos, para chegar sempre á hora dos epinicios da victoria.

As reivindicações produzem sempre os effeitos dos grandes banhos repara dores.

E' tempo já de evocarmos essa memoria excelsa, essa consciencia illibada, esse character honestissimo.

Todas as classes, honesta distincção de bandeira politica, devem reunir-se em torno deste pensamento digno e elevado: o povo cearense, que levantou o primeiro dardo contra o reducto da escravidão, deve ser tambem o mesmo a levantar no Brasil o primeiro monumento á memoria de Pedro II.

O Ceará jámais foi esquecido por D. Pedro, que tinha uma estima carinhosa aos filhos desta terra excepcional, açoitada sempre pelos vendavaes do destino.

Muito lhe devemos: a commissão scientifica de Capanema e Gonçalves Dias, o inicio das nossas estradas de ferro e o emprehendimento de Revy na solução do problema das grandes irrigações.

Mas de todos os factos, um se destaca, unico e eloquente, porque se deu numa occasião especial quando a antiga provincia, no auge da prosperidade e com um milhão de habitantes, se viu surpreendida por uma calamidade espantosa.

Corria a éra de 77.

Recordar este passado é trazer á mente a visão sinistra de um verdadeiro *pandemonio*. Noite de tres longos annos que pesou sobre o Ceará inteiro, numa agonía atroz e desesperadora.

Noite mais sombria do que a de Pompéa, de onde seus habitantes fugiam para a salvação, ao passo que no Ceará se fugia para a morte, na infecção dos abarracamentos ou transportando os mares para cahir além, no pantano da floresta invia e lethal.

Era a *sécca*, diziam todos os rumores, que se levantavam da terra desolada e candente.

As fontes desappareceram e os ninhos calaram-se nos galhos mirrados das matas semi-mortas. A grama dos vorgeis deixou de refrescar os vales e as encostas dos serros despiram-se de suas alfombras frondosas, deixando a nú as arestas agudas e cortantes dos descalvados agrestes. O pó dos campos redemoinhava nas clareiras cinzentas dos descampados e o sol causticante envolvia a terra cearense num sudario morno, extenuante e triste. Os sertões despojavam-se e a vida extinguia-se aos milheiros, como succede nos ultimos dias de um assedio prolongado.

A população, numa inquietação de naufrago, deslucou-se rapida, em busca do littoral.

Era a *sécca*! repetiam écos desconhecidos, como vozes do Apocalypse,

CARLOS DE LAET

e as caravanas espavoridas desciam cambaleantes em rumo das praias distantes.

Eu era bem criança ainda, mas já tinha entendimento bastante para avaliar e avultar em minha imaginação toda a grandeza daquella colossal derrocada.

Um abysmo hiante escancarou-se num verdadeiro sorvedouro de miserias inauditas e, como as fauces do Molock da legenda carthagineza, trouxe quasi um terço da população cearense.

Houve um momento, em que o povo do Ceará extremou num calafrio intenso, como o das grandes batalhas indecisas, quando a noite se aproxima.

Este sobresalto percorreu o vasto acampamento da fome, onde o soffrimento e a lagrima haviam nivelado, numa confusão inconcebível, milhares de familias.

Os soccorros publicos seriam suspensos e o phenomeno climaterico deveria terminar por um decreto dos homens e não por um designio da Providencia, ou por uma lei natural da fatalidade das cousas.

Nem tudo, porém, estava ainda perdido, porque á frente dos destinos da nação permanecia um homem que merecia mais do que a corôa que lhe pousava sobre a cabeça.

E num momento de rapida resolução, pousando a mão sobre o seu diadema de rei generoso e bom, disse: "...venda-se o ultimo brilhante desta corôa, contando que não morra um cearense de fome!"

E assim foi. A peste dizimou dezenas de milhares e a emigração extraviou ainda mais; não se mediu dinheiro, não se contaram despesas, porém não morreu mais um cearense de fome...

E desde este dia gravou-se em meu espirito a figura daquelle monarcha, como se fosse um desses grandes genios bemfazejos de que nos falam os contos lendarios do Oriente.

E quando num futuro remotissimo forem invocadas as nossas glorias passadas, aquelle acto magnanimo de D. Pedro se erguerá das profundezas da Historia, como uma cumiada de luz offuscando as vulgaridades.

Depois, seguiu-se a marcha fatal dos acontecimentos.

A evolução das idéas tem sua logica inexoravel. Os povos mudam e se transformam com os tempos. Após a effervescencia dos espiritos, explodiu a revolução. Nasceu, pois, para o Brasil a nova era cheia de promissoras esperanças, scintillante de seiva e irrequieta de progresso. O edito da Republica triumphante havia sido proclamado. O ambiente era irrespiravel para a Monarchia.

Era necessario partir. E a calma daquella retirada teve uma significação immensa...

Era já noite alta. E o *Algoas* singrava as placidas aguas da formosa bahia de Guanabara e depois mergulhava nas sombras do Atlantico, deixando atrás uma esteira espumante e pallida, que se extendia até á orla alcantilada do continente.

Era o ultimo reflexo do crepusculo de um throno...

Das bandas do largo mar passavam sobre o navio rumores de seres invisiveis e iam na direcção da terra ecoar nas faldas distantes da cordilheira dos Organs.

De pé, no tombadilho, permanecia uma figura espectral, banhada naquelle instante pela constellação do Cruzeiro, que parecia descer suave e lenta, lá, deste recanto sideral e inacessivel das nebulosas.

Era o perfil do Imperador deposto, que mais parecia alli uma sombra arrebatada do *Paraíso*, de Milton, do que um ser verdadeiramente humano...

Phantasma de Imperador, que sentia pela vez primeira, no fim de um longo reinado de paz e de conforto, as rajadas do infortunio a esfusiar pela sua longa barba de patriarcha.

O assombro da violencia que acabava de soffrer com o decreto irrevogavel da Revolução que o arrastava da Patria aquella hora, como que o petrificava alli, sem fazel-o perder a consciencia de si.

Poderia, pois, interrogar o infinito e dizer, como Byron, pela voz de *Child Harold*:

«Oh! vós estrellas, que sois a poesia dos céus, se pudessemos ler em vossas folhas brilhantes o destino dos homens e o destino dos imperios?!...»

...E o navio, já em pleno oceano, fugia veloz, levando aquelle symbolo de virtudes raras, como as lufadas Iriás do Norte conduzindo pelas grimpas dos penedos uma sombra do rei da Scandinavia...

Pelas cans venerandas daquelle velho, que demandava o desterro, passavam as brisas salitrosas do mar e deslizando para os lados da terra iam lá, na solidão da floresta americana, contar talvez os segredos que tinham ouvido daquelles cabellos brancos.

Aquella fronte, rasgada a todas as tempestades do bem, naquelle supremo momento de nostalgia amargurada, como a Sphynge do deserto, tinha sonoridades quando o vento humido da noite por ella perpassava.

E ninguem poderia dizer o que seria maior, se a majestade melancolica do mar, a genero além uma litanía, ou a solemne majestade daquelle vulto, silencioso e calmo, sobre o tombadilho do navio.

Que trabalho insano não teve aquelle cerebro na sua primeira noite de exilio...

A meditação daquelle homem, com o olhar sempre num ponto do horizonte, que cada vez ficava mais distante, tinha a impotencia das grandes dôres ignotas.

Seus labios não murmuravam uma queixa, assim como seu coração não apertava um resentimento.

Se o vissem assim, naquella attitudede serena, poderia dizer-se que aquella calma era de um indifferente; mas não; elle não estava alli sózinho, porque, debruçado atrás das estrellas, algum espreitava aquella consciencia e apalpava aquelle coração. Este alguém era Deus, com seu olhar immenso a devarrar a infinidade do Universo.

...E lá, fóra da Patria que extremecia com amor inexcédível, a vida foise-lhe extinguindo aos poucos, como um crepusculo que morre numa tarde sombria de inverno.

Se elle foi grande no seu longo reinado de paz e de bom senso, foi ainda maior no seu exilio, que se pôde comparar á grandeza resignada de Job.

E quando, curvado ao pensamento da eternidade, elle — o velho Imperador — inclinou a cabeça para o tumulo, os seus labios beijaram pela ultima vez aquelle punhado de terra brasileira,

que daqui levará na noite memoravel da Revolução, e nelle como que va-

sara toda sua alma de helleno, sempre forte e incorruptivel.

E' justo, pois, cearenses, que immortalisemos no bronze, como uma reivindicacão da historia e da verdade

— a memoria do primeiro brasileiro do seu tempo.

Ceará, 13 — maio — 1906

DR. JOSÉ LINO DA JUSTA

PAGINAS ESCOLHIDAS



A prosa conversada

PAUL Leconte, no seu curioso livro *L'art de converser et écrire chez la femme*, faz notar que, — se a França é a terra classica do espirito, é também, por excellencia, o paiz da conversação». E a tal ponto chega, neste assumpto, o enthusiasmo do erudito escriptor, que elle, mui convencidamente, affirma: — «O conversar é o prazer da vida social, assim como o meditar é o prazer da solidão...»

Deve ser isso mesmo; mas, aqui, á puridade, confesso que me não apraz conversar com toda gente... A entreter-me com frioleiras ou com insulsas chocarrices, prefiro estar calado. Por essa razão, ás vezes, nalguma roda, quando de todo não consigo esquivar-me ao supplicio de ouvir maçadoras trivialidades, o melhor partido que tomo é este: ficar p'ra alli, a um canto, como simples observador, ou... como carta fóra do baralho. Assim, apenas observando, mantenho-me num prudente meio-termo da definição de Leconte: entre o conversar e o meditar...

Nesta capital, numa população verdadeiramente cosmopolita, tenho eu verificado a justeza de alguns reparos do sabio professor de litteratura do Collegio Stanislas, de Paris. Deveras, os allemães não conversam: argumentam. Também os inglezes não costumam conversar, no sentido especialissimo em que eu, com Leconte, aqui emprego tal vocabulo.

O que nestes se chama conversação é um silencio syncopado por monosyllabos e, de quarto em quarto de hora, interrompido, não direi (segundo a phrase do escriptor parisiense) «pelo ruído da agua que se escapa do bule de chá», mas, quasi sempre, pelo tinir de novos pratinhos de chopp, que se vão sobrepondo a outros, já empilhados em pyramide...

No instructivo capitulo sobre a historia da conversação na França, depois de excluir varios povos, mais ou menos civilizados, conclue Leconte:

«Só os francezes sabem conversar; só elles sabem fazer dessas festas da intelligencia, desses jogos da palavra

facil e divertida, em que cada um, conforme a indole do seu espirito e de accôrdo com o seu «humor», solta uma piada, um epigramma, uma boa phrase...

* * *

Quizera eu que o circumspecto escriptor parisiense conhecesse, não já o nosso paiz, mas a nossa lingua, e que, na Paulicéia, tomasse parte numas deliciosas rodinhas de literatos, em que divertidamente se mette a tesoura na casaca do proximo. Ahi, com certeza, encontraria elle, quasi sempre, a conversação *comme il faut*...

Ha, porém, aqui mesmo, em nosso meio, entre rapazes menos francezes, a «boa prosa» a que algures se referia Philarète Chastes, com aquella admiravel dose de bom-senso, tão bem equilibrada com o brilhantismo do seu peregrino espirito. Nesses grupos, não se fala da vida alheia: commentam-se factos do dia, referem-se anedotas innocentes, discutem-se idéas... litterarias. Tudo isto, porém, de um modo leve, despretencioso, tão insinuante, que a gente, encantada, até perde a noção do tempo e não sente passarem as horas.

Uma palestra assim, convenhamos, é um prazer. Effectivamente, se num circulo numeroso, de homens graves e importantes, a conversação sobre assumptos serios é um supplicio pela circumspecção que nos obriga a manter. — aquella conversação quasi intima, entre espiritos que se prezam, é um verdadeiro gozo.

* * *

Ao traçar estas linhas, lembro-me de que Valentim Magalhães, o talentoso chronista tão mercedosamente pranteado por toda a nossa imprensa, escrevera (creio que em 1888), na extincta *Tribuna Liberal*, do Rio, um artigo interessantissimo sobre os literatos brasileiros que melhor conversavam. Entre outros, citava elle Machado de Assis, Carlos de Lact, Arthur Azevedo, França Junior, Urbano Duarte e Ferreira de Araujo. Este ultimo, até, chegou a crear o genero, ainda não cultivado entre nós, da «prosa conversada», — genero a que, ha tempos, na *Gazeta de Notícias*, alludiu o fino psychologo do D. Casmurro, numa polyanthéa dedicada á memoria do inolvidavel chronista das *Balas de estalo* e dos *Macaquinhos no solam*.

Valentim, naquella occasião, ao escrever o seu bello artigo, com certeza ainda não conhecia o general Couto de Magalhães, ou delle se não recordava. Pois, segundo me informam, o auctor de *Os Guayanás* era um adorado conversador. Espirito vastamente culto, conhecedor de regiões longinquas do nosso paiz e esclarecido observador da vida social, ninguem como elle sabia entreter, durante horas, com interessantissimas narrações, a attenção dos seus ouvintes. A palavra vinha-lhe facilmente aos labios, quando

elle, por exemplo, contava o que vira lá por longc, nas suas extraordinarias viagens. Tacs narrações, porém, não prendiam só pelo que nellas havia de interessante, ou surpreendente: agradavam, deliciavam, encantavam, sobretudo, pela manciã pinteoresca de contar, sempre captivante de singelozca e naturalidade.

O seu delicioso livro *Viagem no Araguaya* é todo escripto no estylo, por vezes um tanto desalinhado, mas sempre espontaneo, vivaz e empolgante, em que elle, segundo creio, fazia as suas narrações admiraveis. Ao ler essas paginas intensas, em que de um modo a bem dizer prestigioso e como que sob um véu tenuissimo de lenda, se nos revelam costumes originaes do nosso povo e regiões remotas do nosso paiz, — tive eu a impressão de estar ouvindo e vendo o illustre general contar-me cousas esquecidas, despretenciosamente sentado na sua rêde, a fumar, com a imperurbavel pachorra de um philosopho...

E que mais, meus amigos, poderemos exigir de um livro quando assim, de um modo tão suggestivo, ou insinuante, nos proporciona a illusão de estarmos em amistosa palestra com o proprio auctor, já emmudecido para sempre na paz do tumulo?

O philosopho hespanhol D. Jayme Balmes, no seu livro *O Criterio*, mercedamente encomiado por Camillo Castello Branco, tratando de certas narrações de viagens, faz reparos assás judiciosos. Refere-se elle á pressa com que alguns viajantes percorrem logares celebres, demorando-se somente dias nos pontos mais notaveis, por economia de tempo, de dinheiro e... de enfado.

Com a precipitação vertiginosa com que vai atravessando campos e cidades, valles e montes, canaes e rios, não tem o itinerante o tempo indispensavel para admirar, como observador, uma linda paizagem, ou, mesmo, para contemplar, como artista, as margens sorridentes do rio em que navega... Portanto, que viu elle, para contar-nos, dos costumes, leis, religião, caracter physico e moral dos homens? Quasi nada. Na sua rapida passagem, apenas conseguiria formar uma idéa vaga do aspecto das terras e ver, de relance, algumas paizagens fugitivas...

Eis ahi porque, no sentir de Balmes, não devemos ter em bom conceito umas tantas noticias, muito circumstanciadas, sobre extensos paizes visitados de tal modo. De feito, que valem ligeiras visitas a palacios, monumentos, theatros, museus, etc., cuja lista se encontra no *Guia dos viajantes*?... Poderemos acreditar em tudo o que nos relatam esses apressados excursionistas nas suas phantasiosas e, por vezes, disparatadas narrações? Não, por certo.

O general Couto, que viu e observou de perto todos ou quasi todos os factos, scenas e paizagens por elle narrados ou descriptos, mettia á bulha, com espirito, «essas viagens modernas, que não dão tempo para cousa alguma» e que, «com toda a sua aristocracia e luxo, têm menos graça, muito menos do que o burrinho, a chocateira de café, ao chegar ao pouso, as tres varas com o gancho de pau de goyabeira, de onde pendia o caldeirão de feijão», e do que, em noite serena, as cantigas nostalgicas

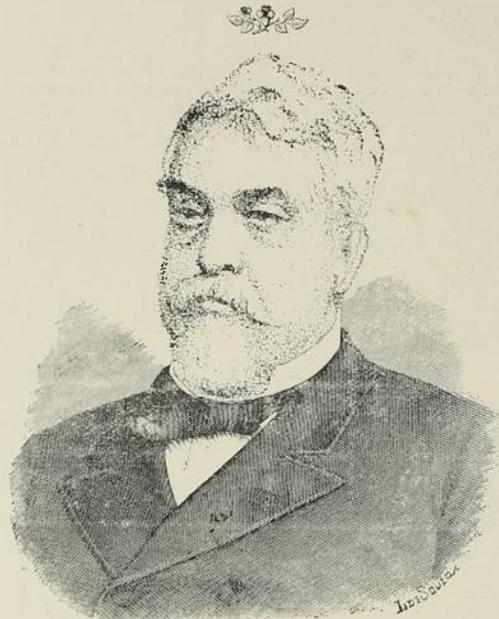
dos camaradas, ao som gemente da viola.

Pois é tambem assim, meus amigos, pachorrontamente, sem muita pressa, que devemos percorrer as paginas dessa admiravel *Viagem no Araguaya*, toda escripta «na prosa conversada», de que nos fala Machado de Assis. Sim: é mesmo de vagar, e não de alogadielho, que merecem ser lidas essas narrativas prodigiosas, uma vez que não nos é dada a gloria de, através de perigos inauditos, quasi inacreditaveis, realisarmos uma viagem heroica, como essa.

Se, consoante preceitua Leconte, devemos sempre «ceder a palavra aos que já atravessaram uma grande parte da vida e que, tendo experimentado a boa e a má fortuna, têm muito que dizer, porque viram muito»; se o primeiro requisito, na conversação, é «saber calar»; se assim é, — deixemos, já agora, através dessas paginas immorredouras, falar tão sómente o general.

Em que pese ao espiritismo, é este o melhor meio de conversar com os mortos.

ALVARO GUERRA



CONSELHEIRO MARTIM FRANCISCO

Notas sobre o poeta

distincto e saudoso brasileiro conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada, a cuja memoria veneranda presta o *Album* homenagem, estampando o seu retrato, foi, além de estadista de alto valor e consideração, um poeta de raros predicados artisticos, mantendo assim a tradição gloriosa que aureolou brilhantemente os nomes dos legendarios Andradas. E é sob este ponto de vista que, ao traçar estas linhas, vamos tratar do cultor das musas.

Poetas de mercimento real muitas vezes desaparecem, para se transformarem em politicos. É a politica mata o artista.

Martim Francisco, o conselheiro do Estado, o parlamentar, o orador verboso e independente, foi — bem poucos o sabem — um poeta, e um poeta na verdadeira accepção da palavra.

Em 1853, existia em Santos um moço modesto, empregado numa casa commercial. Chamava-se Dranmor. Talento formosissimo, contista e poeta distincto, teve por companheiro de lides espirituaes a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, então entusiasta pela cultura das bellas-lettas.

Este escreveu um drama, que fez successo na epocha, *Januario Garcia*. Foi representado com grandes applausos nos theatros de Santos e São Paulo.

Dranmor, impressionado ante a representação da suggestiva peça theatral, inspirou-se e produziu aquella notavel novella, que lhe deu um nome illustre entre os romancistas brasileiros daquelle tempo.

Martim Francisco escrevia muito e das suas locubrações litterarias existem ainda traducções de Lamartine e Musset, seus poetas favoritos. A vida de Martim Francisco foi tão digna de ser imitada, que não nos furtamos ao desejo de, nesta simples apreciação sobre os seus meritos de homem espiritual, transcrever da *Capital Paulista*, numero de julho de 1901, alguns dados biographicos a seu respeito:

« Nasceu em Mussidan (França), a 10 de junho de 1825, quando seu paiz estava no exilio, em consequencia da dissolução da assemblea constituinte de 1823.

Vindo para S. Paulo, matriculou-se na Faculdade de Direito, recebendo a carta de bacharel em 1845. Em 1850 defendeu theses, doutorando-se. Em 1851 foi nomeado lente da mesma Faculdade, e, em 1880, jubilou-se.

Em 1850 tomou assento na camara dos deputados, como supplente, pela então provincia de S. Paulo. Depois foi deputado geral pela mesma provincia, nas legislaturas successivas de 1860 a 1868 e nas de 1877 a 1886. Na camara foi por varias vezes relator

da commissão de resposta á fala do throno, e em 1881 foi presidente da camara.

Em 1879 foi nomeado conselheiro de Estado. Recusou varias presidencias de provincia, excepto a de Pernambuco, em 1866, que aliás não poude administrar, porque a 3 de agosto desse mesmo anno foi nomeado ministro e secretario de Estado dos negocios estrangeiros, passando, a 27 de outubro, ainda desse anno, para a pasta da justiça, onde se conservou até 16 de julho de 1886, data em que cahiu o ministerio liberal de que era presidente o conselheiro Zacharias de Goes e Vasconcellos.

Tendo ficado orpham de pac em 1844, luctou com grandes difficuldades para abrir caminho. Dotado, porém, de uma espantosa actividade e de bella intelligencia, e dispondo de dotes oratorios e de bastante instrucção litteraria, conseguiu, não só completar o seu curso academico, mas tambem chegar ás mais eminentes posições.

Em 1842, durante a revolução, foi agente do velho chefe Raphael Tobias; e quando os chefes já se achavam desanimados, tentava ainda o joven paulista sublevar os cadetes da guarnição.

Em 1844, quando ainda cursava o 4o anno de Direito, foi o primeiro advogado que se ariscou a accusar contrabandistas de escravos em tribunal brasileiro.

Pouco tempo occupou o conselheiro Martim Francisco a pasta dos estrangeiros; o paiz estava a braços com uma guerra externa, e a sua energia pouco se coadunava ás exigencias diplomaticas da occasião. Ainda assim, não foi um inactivo: datam da sua estada nessa secretaria as ultimas providencias para a abertura do Amazonas ao commercio estrangeiro e, ainda, a resposta dada á mensagem da Junta Francaza da Emancipação, na qual o governo do Brasil se comprometia a tratar da emancipação dos escravos, logo que diminuisssem as difficuldades que a guerra do Paraguay impunha ao paiz.

Da sua altivez e energia ficaram copiosas provas na memoria publica e nos annaes do parlamento.

A sobranccria juntava Martim Francisco extrema bondade e inexcedivel pureza de caracter. Em quarenta annos de vida politica, nunca promoveu a demissão de um adversario, nunca se vingou de uma offensa, nunca foi sequer suspeitado de um acto de desonestidade.

Falleceu em S. Paulo, a 2 de marco de 1886.

Os versos deixados pelo illustre brasileiro, esparsos pelas gazetas, são hoje quasi desconhecidos.

Um dos seus melhores sonetos, um quadro da *saudade*, pintado com tintas finamente temperadas, é o que se vai ler. É uma legitima *perola occulta*:

DOIS TEMPOS

No deserto da vida, o caminhar
Encontra dois oasis de bonança,
— Um tem as lédas cores da esperanca,
Outro lhe mostra o poiso derradeiro...

Um lho deixa encontrar no amor primeiro
Todo o supremo bem que não se alcanca;
Outro lhe mostra o porto onde descanca
Do vaiven da existencia o marlinheiro.

Feliz quem pôde á luz da phantasia
Demorado escutar toda a harmonia
Do poema feliz da Mocidade...

Prefero-te, porém, ultimo abrigo,
Espelho do passado — poiso amigo —
Velhice, companheira da Saudade.

Este soneto define, certamente, a alma de um inspirado poeta.

Julho — 906.

ARTHUR GOULART

UMA OPERA PAULISTA



“FOSCARINA”

MUSICA do maestro João Gomes Junior

LIBRETTO do academico João de Queiroz Filho

Foscarina
Romanza de Soprano J. Gomes Junior

lento

...a mar... fu... ma... mon... tam... net... te... bu... na... Il... re... gio... dar...

gen... to... de... Bianca... lu... ma... di... hon... ca... lu...

ma... Sen... tel... la... e... rom... pe... il... te... me... ho... so... ve... lo... Co... si... la...

OVIMOS ha poucos dias, executado no *Fasoli*, um trecho da opera *Foscarina*, do joven e talentoso compositor paulista João Gomes Junior. Para o proximo numero do *Album Imperial* prometemos um artigo, em que distincto collaborador desta revista se occupará, tanto da musica, como do libretto da nova opera. Limitamo-nos hoje a dar o resumo do enredo da *Foscarina*:

«D. Fernando, fidalgo hespanhol e pae de Foscarina, é um dos mais conceituados habitantes de Coimbra, lugar onde contrahiu nupcias com uma formosa portuense, que mais tarde veio a ser mãe de Foscarina, sem todavia chegar a conhecê-la, porquanto fallocera, deixando-a apenas com alguns mezes de existencia. Altino, namorado de Foscarina, é alumno da Universidade de Coimbra, tendo tido como tutor o Visconde de Loureiro, que durante 21 annos regêu alguns bens pertencentes a elle, legado mys-

terioso, porque Altino não conheceu os seus paes, nem nunca delles ouviu falar. Em 1805, na noite de Natal desse anno, achando-se o palacete de D. Fernando em festa, Foscarina, tendo recebido de Altino uma carta convidando-a para fugirem e depois realisarem o enlacc a que D. Fernando tanto se oppunha, aborrecida vem ao jardim de sua propriedade e, ao pé de uma cruz, genuflexa e pede ao céu que Altino não venha á meia-noite, como lhe havia escripto. Neste interim, seu pae D. Fernando, notando a ausencia de Foscarina e indo procural-a na sua alcova, inesperadamente acha a carta, que Altino enviara á sua filha, convidando-a para a fuga. Estupefacto diante de semelhante carta, e encontrando sua filha orando junto á cruz, pergunta-lhe o que alli faz a sós, rezando. Foscarina trata de convencer seu pae de que rezava pela sua felicidade, quando D. Fernando, colerico e nervoso, mostra a Foscarina a carta que achara. Foscarina, cheia de

terror deante da attitude do pae, pede-lhe perdão e D. Fernando só o concede depois que sua filha, deante da cruz, jurá ao seu pae que se esquecerá de Altino. D. Fernando concede o perdão e Foscarina convidado para a ceia.

D. Fernando aceita o convite e acompanha a filha até á escada; vendo-se completamente a sós, espreita para todos os lados e, rezando deante da mesma cruz onde sua filha rezára, conta ás brisas que passam a sua mocidade e os amores que tivera com Fosca, que mais tarde ficou sendo a mãe de um seu filho, que é Altino! Apparece novamente Foscarina e D. Fernando, querendo dissimular o que acabara de contar ao silencio da noite, mostra a Foscarina que no céu os astros brilham. Neste momento o legendario sino da *Cabra*, do alto da torre da Universidade, são doze badaladas merencoreas e, logo em seguida, ouve-se ao longe uma serenata dos estudantes que passam

vogando pelo rio Mondego. D. Fernando sente-se commovido, e muito mais ainda se sente ao ouvir a voz sonora de Altino, cantando de longe para avisar a Foscarina que a hora da fuga se approxima.

Foscarina, notando que seu pae se mostra nervoso e apprehensivo, interroga-o. D. Fernando disfarça a principio e termina dizendo que tem necessidade de retirar-se immediatamente, a fim de evitar uma torpe e ignobil vingança, consentindo que assassinem Altino. Foscarina, cheia de surpresa e dô, pede ao seu pae que não consinta nessa vingança e que vá immediatamente sustar o mandato que elle déra contra a vida do pobre moço. D. Fernando retira-se pelo fundo da sua propriedade, para suspender as ordens que déra aos seus servos, e Foscarina entra para o palacete. Altino, que havia mandado dizer que á meia-noite a viria raptar, galga o muro e, dentro do jardim, canta, chamando pela sua namorada.

Ouve-se um rumor na porta do palacio; Altino esconde-se e Foscarina vem apagar a lampada que allumiava a cruz; Altino, reconhecendo-a, deixa o esconderijo e apaixonadamente convida Foscarina para fugirem, ao que ella se recusa. Altino insiste e termina pedindo que pela ultima vez lhe diga que o ama. Foscarina concede no pedido de Altino e ambos se beijam.

O joven estudante, tresloucado de amor, ao sentir o quente fogo do beijo de Foscarina, sobraçando-a, á viva força quer fugir daquelle lugar. Mas Foscarina, lembrando-se do seu pae, chama-o, pedindo soccorro... Surgem dous servos. Altino deixa Foscarina e avança de punhal para um delles, enquanto o outro epunhala o infeliz moço, que cai moribundo e esvahido em sangue. Deante de tal tragedia, como que allucinada, grita por seu pae, que apparece pallido e abatido, terminando por confessar á sua filha que era duas vezes criminoso, porque Altino era seu filho.

Foscarina, admirada, corre ao corpo de Altino, chamando-lhe irmão. D. Fernando soluça e levanta o corpo. Altino apenas move os labios e seu corpo, ao cahir, produz um baque surdo, despertando no coração de D. Fernando e de sua filha este terrivel grito de afflicção: — MORTO!

Jornaes e revistas

Está distribuido o n. 1, anno II, de *A Nova Cruz*, a bella revista de Arthur Goulart, Francisco Gaspar e Francisco Teixeira. Cada vez mais interessante, com escolhida collaboração.

— Completou 12 annos de existencia o *Journal de Taubaté*, dirigido pelo talentoso jornalista e inspirado poeta Honorio Jovino. As muitas saudações que tem recebido juntamos as nossas.

— Da Fortaleza recebemos o tomo X da *Revista* da Academia Cearense, publicada sob a direcção dos drs. Pedro de Queiroz, barão de Stuart e Rodrigues de Carvalho, e o tomo XX da *Revista* trimestral do Instituto do Ceará, sob a direcção do barão de Stuart.

Como sempre, essas interessantes publicações se recommendam pela importancia da collaboração.

VIDA SOCIAL POETAS PORTUGUEZES

Anniversarios

Passou no dia 17 do mez findo o anniversario natalicio do dr. José Pereira Rebouças, illustre inspector do trafego da Mogyana, a quem a importante companhia deve inquestionavelmente a sua prosperidade. Apesar de tarde, apresentamos a s. exa. as nossas effusivas saudações, com os votos que fazemos por que se prolongue por longos e dilatados annos tão preciosa existencia.

— Fez annos no dia 18 o estimado industrial desta praça sr. Constantino Cabral.

— No dia 21, a galante menina Baby, filha do sr. José Antonio de Camargo e alumna do Collegio Patrocinio, de Ytú.

— No dia 30, a interessante menina Nena Messias, filha do dr. Alfredo de Toledo.

— Ante-hontem, a gentil senhorita Mathilde Bourroul, filha do nosso intransigente correligionario e illustre collaborador dr. Estevam Leão Bourroul.

— Fazem annos :

No dia 9, a graciosa Guiomar, filha do dr. João Fleury e alumna do Collegio Bom Conselho, de Taubaté.

— No dia 15, a exma. sra. d. Maria da Gloria Couto de Magalhães, esposa do dr. Couto de Magalhães, director do *Album Imperial*, e o sr. Diogo Alves da Costa, guarda-livros da importante Serraria Passos, do Rio.

— No dia 16, o intelligente menino Alpheu, filho do sr. Pio Severiano da Silva, abastado fazendeiro na Franca.

— No dia 18, o revmo. conego dr. Joaquim Mamede da Silva Leite, virtuoso e illustrado reitor do Seminario Episcopal e Collegio Diocesano de Pouso Alegre.

Nascimento

O nosso distincto collaborador dr. Arnaldo Cintra tem o seu lar enriquecido de mais uma galante criança, nascida a 17 do mez proximo findo e que vai receber o nome de Antonio.

Na capital

Esteve na capital e deu-nos o prazer de sua visita o dr. Cruz Abreu, nosso dedicado correligionario e illustre clinico em Belém do Descalvado.

O dr. Cruz Abreu, que é tambem escriptor festejado, prometteu collaborar assiduamente para o *Album Imperial*.

NO PROXIMO NUMERO

Saldanha da Gama

Luciano Esteves Junior

PENSANDO EM TI...

Tenho pensado em ti desde esse dia
Em que tu viste com que amor te olhava...
No céu de minha larga plantasia,
Já eras tu esse pharol que eu via.
Muito antes de saber que te adorava.

Tenho por ti um religioso culto
Que me liberta deste mundo amargo...
Guardo-o na alma doce e oculo...
Mas ante a graça do teu santo vulto,
Desprendo-o alegre num suspiro largo.

Desprendo-o para ti, fonte de amores,
Como no mar vai desprender-se o rio...
— Sombra tornada em resplendentes cores! —
Em ti reboita a minha vida em flores,
Como as campinas no calor do estio!

Ha no teu peito a luz que se irradiava
A' torre ardente em que a minha alma é presa...
Clarões sagrados de um celeste dia,
Que me trazem as beugam da alegria,
Que dissipam as nevas da tristeza.

Tu és talvez o beijo estremeado
Que algum genio do Bem lançou no mundo...
Ideal celeste em jaspas convertido...
Inspiração do céu, fructo nascido
Na planta etherea dum amor fecundo!

Por isso, ó filha, é que eu te adoro tanto!
Abriste-me num sonho a ideal miragem,
E depuzeste, em delirado encanto,
No caliz da minha vida um fructo santo,
No altar da minha vida a tua imagem.

Lanceste em mim a terra inoção da creença
E disseste-me: — Vai, busca a ventura... —
Ouviu-se então uma harmonia inmensa...
Brillou a esperança na minha alma densa,
Como um clarão rasgando a noite escura.

Ergueu-se logo na amplidão celeste
A voz ideal da eterna symphonia...
Tornou-se em jasmimero asarça agreste...
Florin em mim a beugam que me deste,
Como uma estrella numa noite fria.

Bem dita sejas tu, ó ave implume,
Que vens falar-me dos ethereo valles...
Filha da luz que o céu em si resume...
Mulher tornada em candido perfume,
Alma tornada em florescente calix!

Bem dita sejas tu eternamente!
Possas, em teus labios, que o frescor colora,
Existir sempre esse sorriso ardente,
Essa alegria da tua alma crente,
Essa iriação celestial da aurora!

ALBERTO BRAMÃO



Ministerio Saraiva

Estampámos em o ultimo numero o quadro representando o Ministerio Saraiva, que reformou a legislação eleitoral, mas deixámos de dar os nomes dos brasileiros illustres que alli figuram. São elles:

No centro, S. M. o Imperador do Brasil D. Pedro II.

No alto, José Antonio Saraiva, presidente do gabinete de 29 de março de 1880 e ministro da Fazenda.

Descendo á esquerda:
Pedro Luiz Pereira de Souza, ministro de Extrangeiros.

Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello (barão Homem de Mello), ministro do Imperio.

José Rodrigues de Lima Duarte, ministro da Marinha.

Descendo á direita:
Manoel Buarque de Macedo, ministro da Agricultura.

Manoel Pinto de Souza Dantas, ministro da Justiça.

José Antonio Correia da Camara (visconde de Pelotas), ministro da Guerra.

A nossa revista

O accumulo de materia obriga-nos a adiar para o outro numero muita materia de collaboração, que retirámos á ultima hora das paginas. Assim, entre outros trabalhos, daremos no proximo numero do *Album*:

GARCIA REDONDO (autographo e retrato).

O NOSSO ARCHIVO (*Excursão á ilha dos Buzios*, por Antonio de Godoy e Alberto Souza; *Manhãs e Dias*, versos de Bruno Viotti; *O Brasil de hoje*, por H. de M.)

A OPERA FOSCARINA.

VERSOS de Hippolyte Pujol.

COLLECTANEA.

CURIOSIDADES.

“Album Imperial”

Brilhante collaborador d'*A Comarca*, de Mogy-mirim, distinguuiu-nos com estas linhas:

«Numero 14, de 20 de julho de 1906.— Vai de vento em pópa a magnifica revista do nosso estimavel collega e distincto amigo, sr. dr. J. V. Couto de Magalhães.

Este numero é digno de leitura e aproço; recommenda-se pelas bellas gravuras e pela impressão, de irreprehensivel nitidez.

O *leader*-artigo, consagrado ao portertoso frade que occupou heroicamente o Sólito Episcopal de Olinda, é da penna erudita e criteriosa do revmo. arcepreoste conego Ezechias Galvão da Fontoura. O illustrado historiador de D. Antonio Joaquim de Mello nos traça um bello e tocante perfil do inculto brasileiro que foi D. frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira.

O *Embaixador* — tremendo libello politico, em versos correctos e harmoniosos, de Carlos de Laet, em *homagem* a Joaquim Nabuco. E' um «documento» destes tempos desorientados.

No Supplemento Literario, avulta o quadro do Gabinete Saraiva, de 28 de março de 1880, que fez a eleição directa, lei de 9 de janeiro de 1881. Divisam-se nelle S. M. o Imperador, o sr. conselheiro José Antonio Saraiva, presidente do Conselho e ministro da Fazenda, o conselheiro Pedro Luiz Pereira de Souza, ministro de Extrangeiro, o conselheiro Manuel Buarque de Macedo, ministro da Agricultura, o conselheiro Manoel Pinto de Souza Dantas, ministro da Justiça, o conselheiro Barão Homem de Mello, ministro do Imperio, o conselheiro José Rodrigues de Lima Duarte, ministro da Marinha, e tenente-general Visconde de Pelotas, ministro da Guerra.

Na farta Parte Poeta, um soneto *Tempestade* — mais um *specimen* brilhante do estro da inspirada poetisa patria, a laureada d. Ibrantina Cardona.

Vistas da capital de S. Paulo, da Escola de Pharmacia, do edificio do Conservatorio e bem acabados retratos de Cardoso Junior, Fagundes Varella, Nazareth Menezes, Peres Junior, Bueno Monteiro, dr. Braulio Gomes e Gomes Cardim completam este numero excepcional pela fórma e pelo fundo.

Novas e sinceras felicitações a Couto de Magalhães.»

O segundo reinado (4)

Separados os partidos, o conservador ficou occupando o poder até 1862. Seguiram-se os liberaes até 1868.

A 16 de julho deste anno abriu-se para os seus adversarios uma situação de dez annos.

Os liberaes occuparam de novo o posto por sete annos, até 20 de agosto de 1885, e reconquistaram-no a 7 de junho de 1889, perdendo-o a 15 de novembro, pelo movimento militar que fez a Republica.

O Brasil não tem necessidade de ser uma potencia militar.

Entretanto, mais de uma vez, as circumstancias levaram-no a pedir ás armas — ou o desagravo do seu brio ou a liberdade de seus visinhos.

As circumstancias impuzeram-lhe esta necessidade para assegurar a independencia do Paraguay e para garantir o direito e a justiça na Republica Argentina e no Uruguay.

Em 1851 a guerra contra Rosas e Oribe, em 1864 a guerra contra Solano Lopez. Mas, num e no outro caso, não era luta com os povos visinhos, mas com o despotismo que os esmagava. E se nestes dous casos conquistamos triumphos, elles conquistaram o que tinham perdido: a liberdade.

Na luta contra Rosas tinhamos do nosso lado o espirito liberal do mundo, sem exceptuar mesmo a aliança de todos os compatriotas do tyranno, que amavam a patria e a liberdade.

Lopez, á semelhança de Rosas, tinha a ambição da conquista e o phrenesi da guerra.

D. Pedro II representava o espirito da liberdade contra a tyrannia dos dous chefes de Estado; e os mais intransigentes democrates, isto é — os que prezam a liberdade verdadeira, e não esse embuste traçociero, esse disfarce de carnaval com que se mascara a tyrannia para engodo dos imbecis, não hesitariam de certo em responder que a civilização e a dignidade humana não estavam nesta pugna com a Republica daquelles scarios, mas com a Monarchia deste rei liberal e magnanimo.

As victorias que o Brasil obteve então avultam na historia, pelo seu alcance civilizador e pela sua influencia, a mais fecunda, mais alta e mais nobre sobre a confraternidade americana, porque não consentiu no cortezanismo que frisa a cobardia ou a ingenuidade, na candura de quem se deixa roubar, ou na humilhação de quem adula; mas na preocupação nobilissima de servir o ideal da humanidade, sem sacrificar-lhe o sentimento, igualmente sagrado, da patria.

Das nossas campanhas no Prata que resultou? A independencia das nações flagelladas, a liberdade da navegação para todos os pavilhões, dos rios Uruguay, Paraná e Paraguay, a libertação dos escravos no Paraguay.

A calumnia que o não poupou, nem no throno, nem no exilio, tão sereno quanto a morte, e que ao menos não o deixará tranquillo no tumulo, descobriu na intervenção do Monarcha, na politica do Prata, desejos de conquista.

E' inutil, hoje, destruir este aleive, assim como será desnecessario, daqui ha alguns annos, inutilisar a ballela de que D. Pedro II estava disposto a ceder parte do territorio nacional.

(Continua)

ANNO I

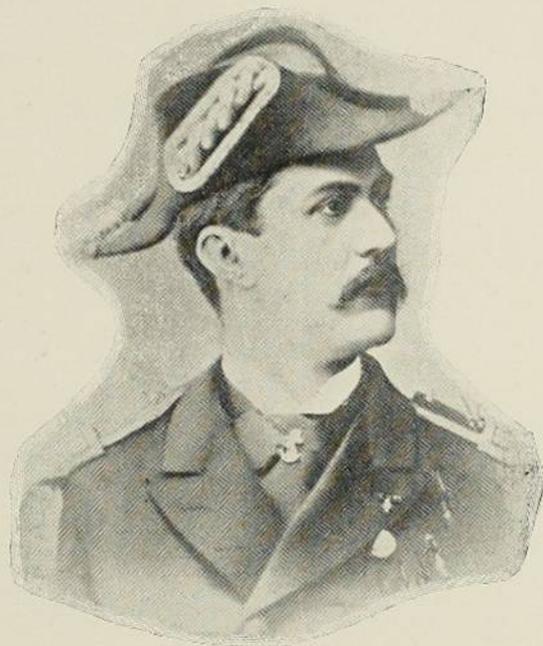
S. PAULO, 20 de agosto de 1906

NUM. 16

ALBUM IMPERIAL

QUINZENARIO POLITICO E LITERARIO

Director: Couto de Magalhães



SALDANHA DA GAMA



Contra-almirante Luiz Felipe de Saldanha da Gama



CONTRA-ALMIRANTE Luiz Felipe de Saldanha da Gama, da Marinha de Guerra Brasileira, nascido no Rio de Janeiro, aos 7 de abril de 1846, era por certo uma das mais eminentes individualidades do seu tempo.

Dotado de um physico cujas linhas obedeciam as exigencias rigorosas da esthetica, senhor de uma intelligencia vibrante, profundamente illustrado, intrepido e generoso, facil lhe foi conquistar, naturalmente, a estima, o respeito e os applausos dos contemporaneos, não só dos que tiveram a ventura de conhecê-lo pessoalmente, mas ainda de quantos lhe admiravam a refulgente tradição dos feitos, sempre distinctos, sempre cavalheirescos.

Militar propriamente dito ou homem de sociedade, antes perfeito diplomata, representou sempre de modo altamente condigno o nome do Brasil, notadamente quando desempenhou as variadissimas commissões que lhe foram commettidas.

E aonde elle chegava atrahia desde logo sobre si as atenções de todos: — scientistas, literatos, jornalistas, militares, industriaes, politicos, artistas, todos disputavam a honra de trocar idéas com esse homem superior, coberto sempre das mais espontaneas e ruidosas aclamações, victorioso sempre, caminhando firme pela estrada ampla da gloria, arrastando após si uma brilhante legião de admiradores, quasi fanaticos pela sua individualidade singularmente insinuante!

O seu merito era tamanho, que arrancava conceitos taes e tão espontaneos em seu favor, como este do grande e desventurado internacionalista chileno D. Lastarria:

« *Caramba!* Neste D. Luiz Felipe está o homem mais completo que o céu cobre: elle é polyglotta; elle toca; elle dança; elle canta; elle é bravo; elle é bello; elle é um soldado ás direitas, um *gentleman*, um sabio, um companheiro, um demonio.

Bastaria ao Brasil mandar um producto social como Saldanha, para dar a maior prova de seu desenvolvimento e ganhar a palma em qualquer exposição. »

Saldanha da Gama encarnava, pois, dados os requisitos que em si reunia, sem o minimo exaggero, o verdadeiro typo do super-homem!

Alma luminosa, coração bonissimo, clarividencia perfeita, as suas maneiras e as suas idéas revestiam-se sempre de uma feição attrahente e original, finalmente delicada, ainda quando ostentando suas insignias militares e empunhando a espada de commando.

Era o correcto e legendario typo do cavalheiro medieval, conforme a bella e douta apreciação que delle fez o Conde de Afonso Celso.

Confirma a nossa asserção o seguinte episodio de sua vida, que a penna soberba de José do Patrocínio recordou pelas columnas da *Cidade do Rio*, logo após o desastre de Campo Osorio:

« Vim-o, montado garbosamente num ginete, atravessar estas ruas, aclamado delirantemente.

Desdobrava-se a procissão civica em commemoração do 13 de maio.

Rompia o prestito o batalhão de Imperiacs Marinheiros, commandado por Saldanha da Gama.

Visto de longe, aquelle corpo lembrava uma grande onda coberta de espumrada em flôr.

Mas o que atrahia não era o garbo, não era a correcção dos marinheiros, era uma nota profundamente humana e civilisadora que o seu commandante dera áquelle corpo.

O exercito, representado por alguns batalhões, fazia reluzir triumphalmente as suas baionetas caladas nas carabinas que não ameaçavam; ao contrario, dividiam o sol em myriades de sóes, como se fosse uma constellação ambulante.

Os marinheiros, porém, haviam substituído as baionetas por pequenos ramalhotos, como se quizessem assim dizer que só com flôres se devia dahi em deante conquistar a liberdade em nossa patria. »

Pois bem: — foi esse o homem que teve o mais desditoso, o mais terrivel epilogo de vida, epilogo tal que até hoje se nos afigura um doloroso sonho. . .

O occaso da sua vida teve inicio a 7 de dezembro de 1893, por occasião da revolta da Armada, quando elle, confiando na sua bella estrella, declarava no seu manifesto de adhesão á causa dos revoltosos o seguinte:

« Offereço a minha vida em holocausto no altar da patria. Espero poder cumprir o meu dever: de brasileiro até ao sacrificio! »

Dahi por deante, rompida a neutralidade em que se conservára perante as scenas que se desenrolavam na bahia de Guanabara e no seu littoral, portou-se com aquelle denodo com que se conduzira na guerra que sustentámos com o Paraguay, onde já elle se tinha salientado, demonstrando a sua inquebrantavel envergadura de luctador!

Vencida que foi a revolta pela esquadra legal, houve quem acoisasse ao brioso marinheiro de pusilanime, porque não soubera ou não quizera lutar e morrer com honra, de accôrdo com os preceitos impostos especialmente aos militares. . .

Entretanto, nenhuma poltroneria houvera da parte de Saldanha; antes, tinha elle praticado assignalado acto de benemerencia.

Estavam por essa occasião confiados á sua guarda e direcção centenares de moços, aspirantes e guardas-marinha, que não quizeram absolutamente abandonar o seu mestre e chefe, os quaes não deviam ser ingloriamente sacrificados numa lucta desigual. . .

Saldanha da Gama, desprovido então de elementos regulares de combate, baldo já dos recursos imprescindiveis para uma acção efficaz, entendeu mui criteriosamente que praticaria um crime nefando perante Deus, perante a sua consciencia e perante os progenitores desses jovens, se consentisse em atiral-os contra a esquadra legal, sufficientemente apparelhada e apta para esmagal-os com toda a segurança e rapidez. . .

Dahi, o seu pedido de auxilio aos navios estrangeiros então ancorados no Rio de Janeiro, onde contava certo receber asylo com os seus, pedido que deu azo ao grande almirante portuguez Augusto de Castilho de provar ainda uma vez ao mundo a grandiosidade



dade do coração lusitano, sempre o mesmo e profundo repositório dos mais apurados sentimentos de humanidade!

Não foi poltrão e nem o poderia ter sido quem, como Saldanha da Gama, já havia provado de sobejo o seu valor na lucta com o Paraguay, no tremendo combate de 9 de fevereiro na « Armação » e, finalmente, em 24 de junho de 1895, no Campo Osorio!

Vejamos a parte sobre o combate de Campo Osorio, que ainda uma vez põe em destaque a intrepidez de Saldanha.

Eil-a, em resumo:

« A's 11 horas da manhã de 24 de junho de 1895, a 2.^a e 4.^a brigadas e o corpo de exploradores da divisão do commando do general Hippolyto Ribeiro, sob os ordens do coronel Candido de Azambuja e tenente-coronel João Francisco Pereira de Souza, no Campo Osorio, rincão de Artigas, á margem direita do Quaralim, atacaram as forças revolucionarias commandadas por Saldanha da Gama, que estava com o batalhão de marinheiros e uma pequena força de cavallaria, sob os ordens de Vasco Martins, tendo-se afastado com as forças de seu commando os chefes revolucionarios Reverbel, Chiquinote, Barros e Ribeirão.

O combate foi sustentado de ambas as partes com inexcédível heroismo.

Os revolucionarios, depois de repellirem diversas vezes os assaltantes, cederam a uma furiosa carga da gente de João Francisco, retirando-se em direcção ao arccio da Invernada, conseguindo poucos transpô-lo, pois estava muito cheio.

Na retirada foi Saldanha da Gama lanceado pelo major Salvador Lourenço de Senna, mais conhecido por Salvador Tambor.

Houve grande mortandade dos revolucionarios, contando-se entre elles não poucos officiaes.

Ahi está a ultima pagina fulgentissima e ao mesmo tempo terrivel da vida do fidalgo marinheiro!

Quantos dos seus detractores seriam capazes de sustentar com a mesma impavidez um combate igual?

A fé de officio de Saldanha é uma das mais nobres e honrarias ao mais tactico e destemido dos generaes.

O governo de D. Pedro de Alcantara, reconhecendo os seus grandes meritos, concedeu-lhe as seguintes condecorações:

Cavalleiro das Ordens de S. Bento de Aviz e do Cruzeiro, commendador das de Nosso Senhor Jesus Christo e da Rosa, medalha dada ao Exercito e Armada em operações na guerra do Paraguay, a de Paysandú e a commemorativa do rendimento da Divisão Paraguaya, que occupou a villa de Uruguayana.

Em que pese ao merito real da actual officialidade da nossa Marinha de Guerra, não foi ainda preenchido

em suas fileiras o grande claro aberto com a morte do contra-almirante Luiz Felipe de Saldanha da Gama, cujo nome será impercível em nossa terra e fora della, onde a sua memoria conta a mais carinhosa veneração.

Ao terminarmos estas breves notas sobre a extraordinaria individualidade do bizarro marinheiro, cuja perda o nosso caro Brasil não cessa de deplorar profundamente, não devemos fazel-o sem que transcreivamos para aqui a seguinte honrosa e pungentissima carta a nós endereçada pelo dr. José de Saldanha da Gama, quando nos encontravamos ainda sob as arcadas do tradicional convento de S. Francisco, e, interpretando os sentimentos de não poucos collegas, lhe enviavamos as nossas mais profundas condolencias pela perda do irmão bem amado, a qual ainda hoje, como sempre, todos lamentamos:

« Rio de Janeiro, 15 de julho de 1895. — Illms. Srs. Luciano Esteves dos Santos Junior e seus dignos collegas os academicos da Faculdade de Direito de S. Paulo.

No denso nevoeiro de minhas profundas magoas, humedecido pelas lagrimas de copioso pranto, recebi um raio de luz de conforto, partido do coração nobre e patriótico da mocidade academica de S. Paulo.

Por mim, e pelos meus filhos, esposa, genros, netos e irmãos, agradeço, com a maior expansão dos sentimentos, os sinceros pesames que vv. ss. se dignaram de dirigir-nos pelo infausto, mas glorioso passamento do bravo e heroico contra-almirante Luiz Felipe de Saldanha da Gama. Foi um rude golpe para os amigos, familia e Patria! Mas a dôr nacional em todos os semblantes, a expressão de tristezza nas phrases que nos dedicam por tão lutooso acontecimento, e a expansão generosa e consoladora da mocidade de S. Paulo, viva esperanza para o futuro do Brasil, deram-nos alento á dôr profunda, um altar de gratidão em nossa alma.

Quiciram aceitar, senhores e illustres estudantes da Faculdade de Direito de S. Paulo, as seguranças da mais alta estima do velho lente de botanica e director da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro. — De vv. ss. patricio, crd.^o amigo e obrg.^o — José de Saldanha da Gama. »

A Luiz Felipe de Saldanha da Gama, esse esforcado marujo a quem Neptuno e Marte obedeceram, bem se applica a conhecida sentença do *Ecclesiastes*: — SUA MEMORIA NÃO DESAPPARECERÁ E SEU NOME SUBSISTIRÁ ENTRE NÓS!

Luciano Esteves Junior

Luiz Felipe de Saldanha da Gama



Filho de d. José de Saldanha da Gama e dona Maria Carolina Barroso de Saldanha da Gama, e irmão de José de Saldanha da Gama, como seu pae, nasceu em Campos, Rio de Janeiro, a 7 de abril de 1846 e falleceu em Campo Osorio, campanha do Rio Grande do Sul, a 24

de junho de 1895, sendo bacharel em letras pelo Collegio Pedro II, contra-almirante da Armada, director da Escola Naval, cavalleiro da Ordem de S. Bento de Aviz, commendador das de Christo e da Rosa, condecorado com a ordem do Duplo Dragão da China e com as medalhas da campanha oriental de 1865, da campanha do Paraguay, da rendição de Uruguayana e de merito, membro do Instituto Polytechnico Brasileiro e de outras associações de letras. Foi á Europa em 1870.



e em outras épocas depois, como instructor dos guardas-marinha, e atravessou longinuos mares e visitou varias regiões, honrando o nome do Brasil em todas, em todas recebendo provas de apreço e de admiração. Representou o paiz na exposição de Vienna d'Austria de 1873, na exposição internacional de Philadelphia de 1876 e na exposição continental de Buenos-Aires de 1882. Em 1879, foi secretario da commissão especial á China, ahi permanecendo como addido militar até 1881. Em 1882 foi a Punta Arenas com a commissão encarregada de observar a passagem de Venus. E em 1889 foi o delegado do Brasil no Congresso Internacional de Washington, encarregado de examinar as condições da marinha dos Estados-Unidos da America do Norte. Respeitador da disciplina, cumpridor do dever, não querendo concorrer para o derramamento do sangue de sua classe, recusou-se a entrar no movimento de 6 de setembro de 1893, declarando-se neutro; mas, agredido, calumniado, até insultado, decidiu-se por fim pela revolução e deu-lhe a precisa direcção. Faltando-lhe, porém, os recursos promettidos e querendo salvar os seus companheiros, deixou o Rio de Janeiro, abrigando-se com estes nos vasos da marinha portugueza. Chamaram-lhe então cobarde, e a esse insulto, preparando os elementos, reorganizando a revolução rio-grandense, poz-se á frente della, dirigindo-a. Não o cegou a cobiça; nada lhe faltava para ser o primeiro vulto da marinha brasileira; bateu-se pelas ideas sãs ou erroneas que o animavam e morreu como um heróe, em combate desigual, tres vezes superior em numero; morreu como um heróe, fitando a liberdade da patria, que amou com extremo, serviu com lealdade e honrou com gloria. « Poudo fugir — disse a *Prensa*, de Buenos-Aires — mas preferiu morrer... Era o orgulho da raça em toda a sua força; era essa funesta determinação que leva os marinheiros a submergirem-se com o seu navio. Saldanha não podia esquecer nem a sua illustre linhagem, nem a profissão que havia dedicado toda a sua vida.» Bravo até ao heroismo da loucura, escreveu uma hábil penna, na acção do combate, era muito humano, caridoso após a victoria. « Para os inimigos, que succumbiam na lucta, tinha sempre o respeito sagrado que a religião dedica aos mortos; para os feridos tinha a humanidade, que esquece o inimigo para pensar um ferimento, curar um enfermo, salvar uma vida; para os vencidos, palavras de animação e conforto, abraçando-os depois como irmãos... A muitas familias restituiu o socego e tranquillidade, ás mães entregando filhos, a filhos pacs, a mulheres os maridos.» Era o official mais correcto e disciplinador de nossa marinha e tinha o dom de inculcar aos seus subordinados o exacto cumprimento do dever. Disse o eminente e illustrado dr. Ruy Barbosa, referendo-se ao aniquilamento da marinha e á necessidade de sua reorganisação: « A ingrata fortuna das armas roubou-lhe, em Saldanha da Gama, o heróe dos heroes, o seu reorganizador possivel, o *homem mais completo e o caracter mais extraordinario* que já-mais conheci nesta terra.» Animo esforcado, era tão intrepido na lucta com os elementos em borrasca, como em combate com o inimigo armado; educação finissima, era na vida social do mais delicado trato, o mais perfeito *gentleman*; intelligencia cultivadissima, falava correctamente o italiano, o francez, o allemão, o inglez e o hespanhol. Escreveu:

— *Memoria* sobre as novas fórmãs a dar aos cascos dos navios e suas respectivas vantagens, segundo o systema de Trajano Augusto da Carvalho, constructor da marinha brasileira. Vienna, 1873, in-8.^o Este livro foi pelo auctor publicado neste mesmo

anno em Vienna, tanto em francez, como em inglez. São, portanto, tres edições.

— *Memoria* sobre as agulhas de marear e reflexões, etc. Rio de Janeiro, 1874, in-8.^o

— *Os torpedos* na guerra do Paraguay; memoria apresentada ao Instituto Polytechnico Brasileiro em outubro de 1869. Rio de Janeiro, 1873, in-4.^o — Esta memoria foi publicada na *Revista* do mesmo instituto, tomo 3.^o, parte 2.^a, 1874.

— *O canhão, o ariete e o torpedo*. Manobras e principios de tactica, apropriados ás batalhas navaes da actualidade; influencia dos navios modernos, arietes e torpedos e outras armas em relação á tactica dos combates travados em pleno mar. Ensaio premiado, escripto pelo Commander Gerard H. U. Noel, R. N.; traduzido, etc. Rio de Janeiro, 1875, 176 pags. in-8.^o

— *Relatorio* sobre a exposição universal de Vienna, apresentado, etc. Rio de Janeiro, 1875, XXIII-143 pags. in-4.^o com estampas, representando 103 figuras — (refere-se a assumptos de marinha e é escripto em desempenho de commissão).

— *Relatorio* sobre a escola naval de Annapolis. Academia militar de West-point, Escola de torpedos de New-port e instituição dos aprendizes marinheiros dos Estados-Unidos. Rio de Janeiro, 1877, 160 pags. in-4.^o

— *Philadelphia International Exhibition, 1876*. Brazilian section. Machinery Hall. Notice on the models of ships exhibited by the Rio de Janeiro Navy Yard. Philadelphia, 1876, in-4.^o

— *Catalogue* of the Brazilian section. Philadelphia International Exhibition. Philadelphia, 1876, in-4.^o, com uma planta.

— *Estudo* sobre a conservação de madeiras, feito nos Estados-Unidos. Rio de Janeiro, 1879, in-4.^o — Foi tambem publicado na *Revista de Engenharia*, tomo 2.^o, em varios numeros.

— *A geographia physica* do Brasil, refundida (edição condensada). Collaboração dos srs. capitão de fragata Luiz de Saldanha da Gama, dr. Orville A. Derby, Barão Homem de Mello, dr. Pimenta Bueno, etc. Rio de Janeiro, 1884, in-8.^o

— *Catalogo methodico* dos livros existentes na Bibliotheca da Marinha, organizado segundo o systema de Mr. Brunet. Rio de Janeiro, 1879, XX-363 pags. in-8.^o

— *Notas de viagem*, tomadas ao correr da penna durante a commissão da corveta *Parnahyba* ao estreito de Magalhães e costa da Patagonia, por occasião da passagem de Venus pelo disco solar, a 6 de dezembro de 1882. Rio de Janeiro, 1887, 387 pags. in-4.^o Este trabalho foi tambem publicado nos *Anuaes do Imperial Observatorio do Rio de Janeiro*, tomo 3.^o E' escripto com toda a elegancia e torna-se notavel este livro pela amenidade do estylo com que Saldanha da Gama expõe e descreve as suas impressões sob o ponto de vista physico e politico na viagem que o navio por elle commandado levou a effeito á colonia de Magalhães, conquistada pela Republica do Chile aos antigos dominios dos patagões. E sobre esta viagem tambem escreveu esse official de nossa armada, na *Revista Maritima Brasileira*.

— *Planos* das phases da guerra do Paraguay (1.^a, 2.^a e 3.^a phases.) Rio de Janeiro. — São quatro mappaes com um resumo historico, indicações e convenções á margem. O da 2.^a phase, que tenho á vista, é datado de 14 de março de 1869, 0m,474×0m,877. O da 3.^a phase, 0m,793×0m,494, não tem data.

— *Discursos proferidos* no Congresso Internacional de Washington. — Nos tres grossos volumes das Conferencias deste Congresso. São muitos estes dis-



...cursos, uns em inglez, outros em francez. Neste Congresso, composto de almirantes e contra-almirantes de todas as marinhas do mundo, Saldanha da Gama, o unico simples capitão de fragata, foi o interposto de seus collegas e fez parte da commissão encarregada de tomar conhecimento e dar parecer sobre todas as indicações apresentadas ácerca dos numerosos e com-

plicados assumptos trazidos á tela da discussão. Em revistas tambem ha trabalhos seus, como :

— *As Marinhas* militares do mundo — Na *Revista Maritima Brasileira*, anno 1.º, 1881, n. 2.

(Do *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, de Sacramento Blake.)

SALDANHA DA GAMA



ONHECI-O durante a exposição continental de Buenos-Aires, em 1882.

Era então capitão de fragata e commandava a *Parnahyba*.

Verdadeiro brinco, só a direcção delle, esse vaso de guerra, — cuja officialidade e marinhegem haviam sido adrede escolhidas para figurar naquelle certamen industrial!

Saldanha produziu vivíssima impressão nos argentinos.

Tornou-se a personalidade culminante da exposição, a que haviam accorrido representantes illustres da mór parte das republicas americanas.

Não o largavam os *reporters*. Voava de bocca em bocca o seu nome. Banquetes, *tertulias*, sessões literarias, scientificas e artisticas disputavam a sua presença. Acolhiam-no em toda parte sorrisos e acclamações.

Magnificas festas se effectuaram na *Parnahyba*, onde reinavam ordem e disciplina exemplares.

Na camara do commandante, adereçada de *bibélots* magnificos, trazidos por elle da China e do Japão, reunia-se a fina flôr da sociedade portenha.

E Saldanha a todos deslumbrava, pela extensão e variedade de seus conhecimentos, pela sua *verve*, pela fidelguia das manciaras, pela facilidade com que falava varios idiomas, pela cortez energia com que se impunha aos seus commandados, pela suprema correcção e superioridade, em summa, do porte, do procedimento, dos menores gestos.

Os estrangeiros sentiam-se possuidos por elle de respeito e inveja. Nós, brasileiros, de ufania.

D. Demetrio Lastarria, plenipotenciario chileno, o arguto e excellente D. Demetrio (collado! mais tarde foi uma das victimas da tyrannia balmacedista), o meu caro e saudoso D. Demetrio exclamava, convencido:

— *Caramba!* Neste D. Luiz Felipe está o homem mais completo que o céu cobre: elle é polyglotta; elle toca; elle dança; elle canta; elle é bravo; elle é bello; elle é um soldado ás direitas, um *gentleman*, um sabio, um companheiro, um demonio. Bastaria ao Brasil mandar um producto social como Saldanha, para dar a maior prova de seu desenvolvimento e ganhar a palma em qualquer exposição.

D. Demetrio traduzia sentimento unanime. Não eivava a sua apreciação o exaggero castelhanos. Saldanha honrava e glorificava o nome brasileiro.

* * *

Vi-o, pela ultima vez, annos depois, conduzindo o *cotillon* num baile do *Club de Regatas Guanabarensis*.

No centro do salão, trajando casaca, em vez de farda, luvas claras, pespontadas de escuro, empunhando garbosamente o *claque*, elle marcava os passos choreographicos com elegantissima distincção. Resplandecia a sua aristocratica cabeça loura. As suas ordens, breves e peremptorias, partiam os pares, valseando ou polkando, em torno delle. E no meio da reunião selecta, opulenta de belleza, mocidade e luxo, o insigne marinheiro dava a nota mais alta de requintado apuro, fôco de attensões, num destaque vibrante de inconcussa predominancia, não só alli, como em tudo.

* * *

Evocando estas reminiscencias, repugna-me acreditar que o inclito commandante da *Parnahyba* em Buenos-Aires e o donoso mestre-sala de Botafogo seja o mesmo que as noticias do Sul apresentam varado por lanças fraticidas, em crudelissimo prelio, degollado e mutilado talvez, e sobre cujo cadáver tripudiam temulentas hordas, rojando-lhe na lama os despojos sanguesjantes, numa ignobil caricatura de Achilles (elles, vulneraveis em todos os pontos do physico e do moral!...) — quando arrastou tres vezes, amarrado ao carro de triumpho, o corpo de Heitor em roda dos muros de Ilion!

Oh! o principe daranio, que, enquanto vivo, sustentou o imperio de Priamo, resistindo aos ataques e á astucia da collisão grega, recuando de dez annos, por meio de bizarras façanhas, a ruina de Troia, decretada pelos deuses, — oh! o preclaro e infeliz Heitor, — eis a imagem que instinctivamente me occorre ao relembrar Saldanha, mas Heitor qual Canova o fixou no marmore no momento em que se aprestava para combater Ajax, — a chlamyde perdente do hombro, ostentando as fórmas ageis e robustas, numa postura de nobre altivez, a physionomia acerçada de mascula segurança e de impeterrita coragem, envolto, entretanto, nos fluidos indiziveis da fatalidade!

* * *

Não é, porém, propriamente aos rudes heróes homericos que Saldanha se assemelha.

Filia-se, de preferencia, nos cavalleiros medievaes tantos dos quaes fulguram na epopéa de Tasso, e Chateaubriand rememora, prototypos de franqueza, desinteresse e lealdade, cheios de fé, delicados, infatigaveis, clementes, intrepidos, trovadorescos, tão arrojados quanto magnanimos, expressando-se sempre com colorida e bellica eloquencia, defendendo, através do mundo, a orphandade e a vivuez, paladinos da verdade, do bello e do bem.



Sim! elle era brilhante como Renaud; generoso como Tancredo, o siciliano; zelador da sua palavra como Nérestan; tomrario como Coucy; irreprensivel como Bayard; preocupado, como o joven, valoroso e galante Bouillon, em meio de proezas inauditas, sob as muralhas de Solyra, com o que delle pensariam as damas formosas da cõite de França...

* * *

— Offereço a minha vida em holocausto no altar da Patria. Espero poder cumprir o meu dever de brasileiro até ao sacrificio, — declarou elle no seu malsinado manifesto de 7 de dezembro, precioso documento de probidade politica.

E o holocausto realizou-se; e o sacrificio, no desempenho de tremenda tarefa, teve logar. Succumbiu bellamente, como Machabeu, assoberbado pelo numero, olhos fitos no seu ideal patriotico...

* * *

Mais que barbaras, — estupidas, as guerras civis!

Não falta quem aponte a Saldanha como um criminoso, quando o seu crime não diversifica dos de Deodoro, de Benjamin Constant, de Floriano Peixoto (este, com aggravantes que hão de desafiar a maxima severidade dos posteros), de Custodio de Mello, a 23 de novembro, do de quantos, levados por aspiração, interesse, ambição, despeito, sonho, idéa, rebellam-se contra os poderes constituídos, no intento de mudar a ordem de cousas de seu paiz.

No bom exito da empresa consiste o criterio do julgamento. Se triumpham, — a benemerencia, a apothecose; se caem esmagados, — a ignominia, a geral animadversão!

Não! esse criterio é falsissimo. Nada importa que

Ernesto Renan asseverasse não passar a historia do serie ininterrupta de immoralidades e injustiças. Gloria aos subjogados por cega força, aos immolados pelo despotismo ou por obtusas leis! Em Christo se encontra a sua sublime concreção!

* * *

Desfalcou-se enormemente o patrimonio nacional com o desaparecimento de Saldanha.

Quantos annos, quantos esforços para formar quem o substitua, quem accumule a experiencia, a acção dominadora, o prestigio, os raros predicados que nelle se reuniam, tão necessarios á causa publica!

Profundamente estupidas, repitamos, as luctas civis!

Gomes Carneiro, Batovy, Silva Telles, Lorena, Gumericindo Saraiva e, sobretudo, Saldanha, que preciosos recursos, que inestimaveis forças e elementos de um e outro lado, esterilmente destruidos, — elementos utilissimos, senão imprescindiveis, á honra e á estabilidade nacionaes em conflictos, porventura proximos, com audaz estrangeiro!...

Bramem e espumejem embora desvairados facciosos. Está na consciencia collectiva que a attitude da Patria, ante a morte de Saldanha da Gama, é a que o genio de Miguel Angelo immortalisou no seu grupo a *Pietà*.

Ampara sobre os joelhos o corpo inerte e sangrento do filho idolatrado, contemplando-lhe as feridas, por onde se lhe esvai o alento, em tragica mudez.

Silenciosa e immovel, parece, comtudo, indagar dos transeuntes se pôde haver dôr comparavel áquella dôr.

E a alma da pobre mãe desesperada se arremessa ao infinito, em pungentissima supplica: — Senhor, Deus dos exercitos, como te chamava o povo eleito, vê esta immensa perda que eu soffro! Paz! Basta de provações... Tem pena de mim!

AFFONSO CELSO



Floriano Peixoto e Saldanha da Gama

(PARALLELO)



odos os perigos que podem ainda ser fataes á Republica foram augmentados em escala extraordinaria pelo marechal Floriano; nem um só foi eliminado ou diminuido por elle. O perigo da banca-rotta, da carestia, da miseria publica, elle o aggravou com a prodigalidade financeira que chegou a reivindicar para si e os seus agentes, com a cifra phantastica da guerra civil, com a desorganisação que introduziu no Thesouro e em todos os serviços. O perigo da tyrannia, que torna odiosas as instituições, pôde-se dizer que foi elle quem o creou. O perigo do militarismo e ao mesmo tempo o perigo do esphacelamento militar, ao qual se seguiria o esphacelamento nacional, — aquelles perigos não são antitheticos, porque o militarismo pôde existir sob a fórma pretoriana da anarchia, tanto quanto sob a fórma da união e da disciplina, — o perigo militar sob todas as suas faces cresceu consideravelmente com os precedentes e a lição viva do que se pôde chamar o *Florianismo*. Por ultimo: o perigo revolucionario, augmentado pelo predomínio e

ascendente de um elemento que se chama a si mesmo *Jacobino*, e o perigo estrangeiro, tornado palpitante pela abdicação temporaria do principio de soberania (intervenção da esquadra estrangeira, appellos repetidos á protecção norte-americana) e pelo sacrificio completo de todas as defesas do paiz: a sua fronteira aberta e anarchisada, a sua marinha de guerra destruida, as suas finanças arruinadas, a sua união abalada, a sua altivez humilhada pela sensação da tyrannia.

Eu não contesto que o marechal Floriano tivesse o direito de defender a sua auctoridade; não tinha, porém, o direito de appellar para o estrangeiro; nem de recorrer ao terror e á tyrannia; nem de executar, ou deixar executar, os seus inimigos, clandestinamente, sem que ficasse vestigio, como se o Brasil no seculo XIX tivesse retrogradado ao estado de Roma no reinado dos Borgias. A Republica Brasileira devia defender-se como a Republica Norte-Americana, pelos meios de que dispõem usualmente os governos livres, respeitando a civilisação e a humanidade do paiz.

Parece uma ironia da parte do presidente em cuja administração se victimaram nas prisões de Santa Catharina o chefe do governo provisório, capitão de mar



e guerra Lorena, officiaes do *Aquidaban*, como os irmãos Carvalhos, e de quem se diz que fez executar nas ilhas da bahia marinheiros deixados por Saldanha, esta lamentação da sua mensagem ao Congresso: « Contristou-me vêr naquelle dia officiaes da minha patria irem assim, envergonhados e supplices, pedir protecção a uma bandeira de outra nacionalidade nas proprias aguas do seu paiz e, o que é mais triste, abandonando infelizes marinheiros, instrumentos inconscientes de seus desmandos, de suas ambições. Não faz honra ao ajudante-general do Visconde de Ouro-Preto, ao general que se mostrava dedicado ao imperador a ponto de pedir para ser o guarda da sua pessoa (carta ao conselheiro Basson, em Affonso Celso, *O Imperador no exilio*), dizer na mensagem: « *O que sobrelevava em ignominia a tudo era o pensamento perverso de fazer a patria voltar ao jugo monarchico de que se havia libertado em 15 de novembro de 1889.* » O chefe do Estado que solicitou a intervenção extrangeira, que applaudiu a acção do almirante Benham conduzindo os seus cruzadores para metter a pique em nossa bahia a esquadra revoltosa, devia poupar ao Congresso, desde que as não podia precisar, as queixas que externou contra « *pretenções indebitas e exigencias exorbitantes que o poder publico encontrou na sua acção.* »

Ao lado da legenda do marechal Floriano ha de crescer em nossa historia a legenda do almirante Saldanha da Gama, e perguntar qual das duas ha de matar a outra, é perguntar qual os brasileiros hão de admirar mais: se a força desituida de todos os attributos de humanidade, se o valor revestido de todos elles. Nada separará nunca da tradição do marechal Floriano a lembrança dos morticínios de Santa Catharina, do Paraná e do Rio de Janeiro, ao passo que nenhum procedimento, não digo de deshumanidade, mas de indiferença peia condição dos seus adversarios prisioneiros, foi sequer imputado a Saldanha. O marechal não traz á imaginação um chefe de Estado moderno defendendo a sua auctoridade apoiado nas leis e na opinião, não lembra Abraham Lincoln nem o padre Feijó. Mysterosamente encerrado no Itamaraty, desconfiando, com razão, de quasi todos, da traição de uns, da sensibilidade de outros, enchendo as prisões pelas listas dos delatores, desencadeando sobre a sociedade apavorada um partido, imitação da Revolução Franceza, chamado *Jacobino*, elle traz ao pensamento uma combinação de Robespierre e do dr. Francia.

Não é um grande general que elle recorda, é um grande carcereiro, um grande inquisidor. Ninguém mencionará entre os seus grandes traços os de Cesar: magnanimidade para com os adversarios; desejo de

cercar-se dos mais elevados talentos de sua época; deferencia pela opinião dos melhores homens. (Cicero' carta a Aulus Caecina.)

O almirante, pelo contrario, apparece á frente da marinha revoltada, sempre no ponto mais perigoso, tão natural e tão fidalgo na maneira e na distincção, como poderia apparecer o chefe o mais bravo, mais generoso e mais humano da mais adelantada nação do mundo. Nada importa que Saldanha pareça ter tido a morte de um Larochejaquelein, elle que podia aspirar a morrer em um Trafalgar. A fé monarchica, que foi obrigado a confessar como resalva da sua consciencia e da sua sinceridade, quando teve que acompanhar a Custodio de Mello, vencido pelo amor da sua classe, — mais ainda pelo seu amor a ella, — e convencido pela tyrannia, foi uma circumstancia accidental da sua morte. O que o inspira, o alenta e o arebata, é a honra, e o nome da marinha brasileira, de cujo brio e brilho elle fazia com razão depender em grande parte a união, a integridade nacional, e nos quaes via uma protecção contra as mais baixas formas de militarismo que o futuro ainda nos reserva, tudo que a aspiração militar tem de nobre, elevado, legitimo, nacional, em uma phase creada pelo exercito, elle o representava; todas as responsabilidades militares, elle as comprehendia e sentia com a lucidez do seu patriotismo: — o que repellia era, sim, a aliança do sentimento e do dever das classes armadas com o espirito jacobino de tyrannia e com o espirito positivista de seita. Em tudo em que a aspiração da marinha é uniforme com a do exercito, elle foi o partidario da união das duas classes, união que teve mais do que nenhum outro a peito, porque sabia ser essencial, vital para a defesa e a liberdade do paiz. Dessa união, pela qual fez o maior de todos os sacrificios, a sua chamada *neutralidade* ficará sendo a mais elevada e corajosa de todas as affirmações.

A sujeição da sua individualidade ao dever militar em uma época revolucionaria, quando se pensa no que aquella individualidade podia, foi uma esplendida victoria sobre si mesmo. Se o cavalheirismo, na mais alta accepção da palavra, naquella de que Bayard é o modelo, é a qualidade por excellencia, é em Saldanha da Gama que o Brasil pôde apontar nesta época o seu mais nobre typo. Os vis sangradores de Campo Osoeiro fizeram mais do que profanar o cadaver de um grande marinheiro. O corpo mutilado de Saldanha quer dizer a fôrma quebrada da anti-a marinha de guerra; nada pôde haver mais difficil do que reunir os fragmentos dispersos e fundir nella outro que seja seu igual.

JOAQUIM NABUCO

Proclamação de Saldanha da Gama, pronunciando-se pela revolta de 6 de setembro de 1893

Aos meus concidadãos

A VESSE por principio e por instincto a toda a idéa de revolta, jámais entrei em conluio de qualquer especie.

Hoje, porém, no doloroso momento historico que atravessa a patria brasileira e o proprio governo, são as mesmas circumstancias do paiz que me impellem para a lucta.

Ac eitando esta situação, que me é imposta pelo patriotismo, reúno-me, sem prévios conchavos, em pleno dia e pesando a responsabilidade que tomo, aos meus irmãos que ha um anno, nas campanhas do Rio Grande do Sul, e ha tres mezes, na bahia desta capital, pugnam valorosamente pela libertação da patria brasileira do militarismo, aggravado pela contubernia do sectarismo e do mais infrene jacobinismo.

Official da armada, vou combater com a espada o militarismo, que sempre condemnei toda a minha vida. Brasileiro, é meu interesse concorrer com os meus esforços para pôr termo a este terrível período, em que lançaram a pátria na anarchia, no descrédito, na asphyxia de todas as suas liberdades.

A logica, assim como a justiça dos factos, auctoritaria que se procurasse a força das armas repór o governo do Brasil onde estava a 15 de novembro de 1889, quando, num momento de surpresa e estupefacção nacional, elle foi conquistado por uma sedição militar, de que o actual governo não é senão uma continuação.

O respeito, porém, que se deve á vontade nacional livremente manifestada aconselha que ella mesma escolha solememente e sob sua responsabilidade a forma de instituições sob que deseja envolver os seus gloriosos destinos.

Offereço minha vida com a de meus companheiros de luctas, em holocausto no altar da patria.

O exercito, que se está batendo com a sua proverbial bravura, não pôde mais persistir na defesa de um governo que perdeu o apoio moral da nação e o credito no extrangeiro. A sua obstinação nesse papel inglorio, ainda quando bem succedida, acabaria por transformar-o de força nacional, que é, numa hoste pretoriana de baixa republica.

O orado de nossa redempção politica, levantado nas fronteiras meridionaes, e que passou por Santa Catharina, Paraná, S. Paulo até esta capital, já echoou no extremo norte.

Brasileiros ! Para apressar a victoria, que é certa, cumpre que lhc ponhaes o sello, trazendo á lucta o concurso de vossa influencia moral. Já é notorio que a causa nacional em cuja defesa armada vou entrar tem por si o apoio de todas as classes conservadoras da sociedade brasileira, daquelles que trabalham e produzem e que, aliás, reluctam ás sedições, motins e desordens.

E' urgente que sua vontade imperc e é, pois, imprescindivel que a sua sympathia se manifeste clara e positivamente sobre a sua resolução de lançar fóra esse jugo abominavel de escravidão, em que o militarismo de 1889 nos quer reter.

Compatriotas ! Os povos que abdicam do seu direito não podem queixar-se dos seus oppressores.

O Brasil, cujo passado é curto, mas honroso, tem grande futuro deante de si ; só poderá cumpri-lo, arrancando-se de um despotismo que o degrada deante de si : mesmo e do mundo civilisado.

Mostrae que não somos um povo conquistado, mas um povo livre e conscio dos seus destinos.

Eis a situação.

Espero poder cumprir o meu dever de brasileiro até ao sacrificio.

Cumpri o vosso !

Ilha das Cobras, 7 de dezembro de 1893.

LUIZ FELIPPE DE SALDANHA DA GAMA

Contra-almirante da armada nacional

O segundo reinado

(5)

HONTEM accusavam-no de querer augmentar o Brasil, despojando os vizinhos; agora accusam-no de ter pretendido diminuir a patria, para augmentar a dos argentinos.

As duas falsidades se valem; a pretendida conquista tem a mesma seriedade da imaginaria cessão. A historia não confundirá os factos.

Ainda não terminara a lucta que o Imperio abriu com o governo de Montevideo, porque este desattendera justas reclamações do gabinete brasileiro, e ja o Brasil estava a braços com o Paraguay.

E' conhecida a historia de Solano Lopez, mais cruel e mais ridiculo do que Rosas.

A viagem que fez á Europa exaltou-lhe extraordinariamente a ambição. Deslumbrado pelo luxo da corte do segundo imperio, quiz reproduzir na America a epopéa napoleonica. Sonhou transformar a republica em um imperio, augmentado pela conquista, e pretendeu parodiar Bonaparte; mas se acaso ha em sua vida cousa que se assemelhe a Waterloo, não ha nada que se pareça com Marengo ou Austerlitz.

A invasão de Paysandú e a rendição de Montevideo liquidaram a nossa pendencia no Uruguay, com exito igual ao que conseguimos em Tonelero e Montecaseros.

A 12 de novembro de 1864, Lopez aprisionava o vapor brasileiro *Marquez de Olinda*, que levava para Matto-Grosso o coronel Carneiro de Campos, deputado geral, que ia assumir o governo daquela provincia e,

se não nos falha a memoria, um dos que não acreditavam nos intuitos hostis de Solano.

O nosso compatriota e todos os seus companheiros de viagem, assim como o pessoal do vapor, ficaram prisioneiros.

Pouco depois, 9.500 soldados paraguayos invadiam aquella provincia, que então tinha apenas uma guarnição de 800 homens, dispersa em destacamentos.

A necessidade de abrir logo e logo a guerra impoz ao paiz duras contingencias.

Lopez, dominado pela ambição de conquista, quando era apenas ministro do dictador seu pae, organisára cuidadosamente a força armada: tinha boa marinha e um exercito de oitenta mil homens.

O Brasil tinha apenas quinze mil.

Lopez contava com a obediencia passiva dos seus compatriotas. Neste ponto a influencia dos jesuitas aplainara o caminho á dictadura e esta já encontrou o povo meio bestializado, o que sempre acontece quando a tyrannia impera.

Mas, se os paraguayos iam a combater com a cegueira de escravos, nós estavamos dispostos a resistir com a altivez de homens livres que eramos.

(Continúa)

Saldanha da Gama

No proximo numero, occupar-nos-emos ainda de Saldanha da Gama.



Supplemento do "Album Imperial"

ANNO I

CHRONICAS E NOTICIAS

NUMERO 16

Album Imperial



O **Album Imperial** publica-se regularmente nos dias 5 e 20 de cada mez, trazendo no minimo dezeseis paginas de texto.

Rogamos aos srs. assignantes do interior ao Estado, que ainda não pagaram a importancia de sua assignatura, que nol-a remetam pelo correio, em vale postal, descontando a despesa do porte e registro.

Cardeal Arcoverde

Acha-se á venda no nosso escriptorio o retrato, em trichromia, do Cardeal Arcoverde, igual ao que acompanhava o n. 13 do **Album Imperial**.

Preço, quinhentos réis cada um, fazendo-se grande abatimento aos revendedores.

OS FELIZES...

Era em 1891.

Num pequeno quarto contiguo á sala de recepção, no segundo andar do hotel Bedford, em Paris, serenamente se finava um homem que durante meio seculo governara e fizera prosperar a mais bella parte da America do Sul. Pedro II agonisava.

Rodeiavam-n'o, com olhos rasos d'agua, alguns bem poucos fieis amigos.

Tudo lhe tirara a sorte adversa, áquelle exemplar de soberanos. Tinham-n'o deposto os militares que o deveriam ter defendido. Entre os conspiradores figuravam allucinados a quem com larga mão dispensara favores. Na hora suprema, não tinha havido uma espada que em defesa delle se tirasse da bainha. Os intellectuaes, acompanhando a victoria da força e da violencia, tinham, como no drama eschyano, juntado suas vozes para injuriar o vencido. Poucos dias após a catastrophe, havia-lhe morrido a esposa, sobre coração que estalou com o choque do immercedo banimento...

Assim, dentro de poucos dias, este novo Job, ferido pelo espirito das procellas e desgraças, tudo havia perdido; e, como o biblico heroe, elle bem podia, no augo da pobreza e da afflicção, oferecer ao Senhor o holocausto de

suas humilhações e ao mundo a lição sublime da resignação na desgraça.

Em soccorro do moribundo acudiu, com as suas supremas e ineffaveis consolações, a religião que elle professava. Ungiram-n'o e, desde então, no augusto semblante se lhe debuxou a calma dos justos, que antevêm o premio. Havia no aposento a imagem do Crucificado, abrindo os braços como para receber misericordioso a grande alma prestes a voar-se.

Poucos minutos após a meia noite de 4 de dezembro, entrecortada se tornou a tenue respiração do enfermo; cahiu-lhe a cabeça sobre o hombro esquerdo...

Cessara de viver D. Pedro II.

Acreditaes que tenha sido um infeliz, mesmo nesses instantes de exilio, desnudez e abandono?

Não o penseis.

Se alguma cousa surprehendente podia mais pôr em relevo o merito extraordinario dessa longa vida, toda consagrada á nossa patria, certo que foi esse epilogo do martyrio com que lhe coroaram os serviços.

O banimento do Imperador será na historia o mais notavel dos contrastes com as estatuas e apotheoses que complacentes se propiciam os obscuros tyrannetes da America republicana.

Feliz, o Imperador justo e banido!

Foi em 1895.

Saldanha da Gama tinha acampado no local a que chamam Pontas do Quaral, distante cêrca de umas trinta quadras do rio desse nome.

Ao romper d'alva de 24 de junho, o piquete, que, como de costume, sempre sahia para descobrir o inimigo, assignalou a presença de outra força exploradora e para recebê-la se estendeu em linha de atradores, rompendo logo o fogo.

Tendo, com o binoculo, avistado os contrarios, mandou Saldanha que se desse o signal de *montar* e *marchar*, com o que muito se accendeu o enthusiasmo no puggilo de bravos que até áquellas paragens tinham acompanhado o seu almirante.

Eram ao todo uns 370 homens, incluidos os officiaes do estado-maior e da fileira. Em 1.200, nunca menos, se contavam os do inimigo, que já se achava a meio kilometro de distancia e avançava impetuoso e quasi certo da victoria.

Travou-se o combate, renhido e implacavel. Saldanha percorria a linha, montado em um cavallo escuro, animando os companheiros e soberbamente impassivel deante das balas que o azejavam.

Momento houve em que, cedendo ao numero, foram os federalistas envolvidos pela cavallaria adversa, que sobre elles cahiu de sabre em punho.

Dos poucos sobreviventes dirigiram-se uns para a esquerda, outros para a direita, mas ainda na retirada respondendo aos tiros dos perseguidores. No meio daquella derrota, o mais vagaroso era Saldanha, como que a sorver lentamente toda a lã do seu caliz de amargura Soffreava o cavallo, apesar de pedirem que o soltasse a galope. Um sargento de marinha, heroe desconhecido, foi visto a correr junto de almirante, e só parando para descarregar a carabina sobre os lanceiros que lhes vinham no encaicho.

Rodeado, enfim, por um grupo de inimigos, Saldanha apeou-se e fez-lhes frente, empunhando o revólver... Lancaram-n'o: primeiro na perna, e cahiu; depois no peito, finalmente na cabeça...

Morreu: — e achais que assim tenha sido infeliz?

Que mais bella morte, para o soldado, do que essa á luz do sol, em uma bella manhã, batendo-se pela sua causa e sabendo morrer com ella?

Saldanha, fallecendo em um palacio, ministro ou presidente de republica, não teria a aureola que ora o cinge e que o impõe á veneração dos mais cruentos algozes.

Riscaram-n'o como desertor dos quadros da marinha, mas não houve meios de o delirem do coração dos moços.

Ainda hoje é seu nome uma legenda e um grito de guerra.

Oh! não digais que foi infeliz!

Estamco em 1897.

Arde em furor a jacobinada no Rio de Janeiro, e aos monarchistas perversamente se attribue o desbarato das forças enviadas para em sangue suffocar a insurreição de Canudos.

Com a boçal irreflexão do fanatismo politico, não faltou quem julgasse provavel a conexão entre esse movimento sertanço e a luta que na imprensa então sustentavam os monarchistas, propugnando seus ideaes e demonstrando a todas as luzes o desconcerto e a improbidade das administrações republicanas.

A policia da capital (dirigida pelo varão de nome André Cavalcanti), sabendo que por um grupo de malfiteiros fora assaltada uma typographia e redacção, primeiro tentamen em que os aggreddos se defenderam, logo providenciou, não no sentido de capturar os salteadores, mas no de confiscar as armas aos aggreddos, e assim facilitar a consummação do attentado que dias depois se perpetrou.

A 8 de março, já estavam destruidas as officinas da *Liberdade*, da *Gazeta da Tarde* e do *Apostolo*. Um dos proprietarios das duas primeiras folhas, Gentil de Castro, cuja casa particular tambem fora invadida e saqueada, pacificamente se dispunha a regressar a Petropolis, e tinha tomado o trem que

com destino a esta cidade sai de São Francisco Xavier.

Inopinada o aggride uma alcatêa de bandidos, vinte, trinta contra um... A republica é sempre o regimen das maiorias... menos em eleições.

Receioso dos effeitos de um tirotoico que infallivel poria em perigo a existencia de inermes e idolatrados amigos, Gentil, o bravo, que nunca se negara á luta, descança o revólver e aguarda sereno a partida do trem. Não lh'o consente, porém, a sanha dos assassinos. Ferem-n'o pelas costas. Apunhalam-n'o covarde, infamemente. Crivam-n'o de golpes. Cada qual quer ter a sua parte de sangue naquello ignobil attentado.

— Que infelicidade! direis talvez.

Mas não penseis bem. A morte de Gentil tambem foi uma lição, um exemplo. Morreu pela sua idéa, pela sua causa, pelos seus amigos.

Pouco importa que por sobre seu tumulo ainda não haja as flores que exornam os grandes martyrios... Ellas vicejarão um dia, quando, após esta noite da moral, bruxolearem os clarões da justiça publica.

Feliz a morte de Gentil, o martyr da imprensa monarchista!

Demos agora a palavra a um confrade no jornalismo, o *Pharol*, de Juiz de Fóra, em sua edição de 27 do corrente:

« Foi em janeiro de 1899.

« Um coche funebre, que mais parecia um jardim ambulante, seguido de 140 carros, demandava o cemiterio de S. João Baptista, em Botafogo.

« A' beira do carneiro, quando alli repousava o caixão, um homem alto, tendo no semblante algo de dôr e preocupação, pronunciou um discurso, onde falou a seguinte phrase:

— Adeus, bom e leal companheiro Taunay! Dormes o somno tranquillo da morte, deixando o mundo com o exemplo heroico da abnegação pela coherencia das tuas ideias monarchicas!... Sim, em tua memoria buscarei sempre conforto para sustentarme sempre firme nos mesmos ideaes!

« Dahi a doze dias, este orador accitava o encargo de arbitro pelo governo republicano na questão da Guyana Ingloza, e logo depois o de embaixador na America do Norte... São passados sete annos e o embaixador, embriagado com a posse real das suas phantasias, produz o celebre discurso do Cassino!»

Até aqui o confrade mineiro. Mas de suas palavras tiremos a conclusão deste artigo.

Taunay foi a coherencia, a dignidade, a fidelidade aos principios. Morreu pauperissimo, arcando com a penuria na sua forma mais pungente — a pobreza dos que não sabem e não querem pedir.

Dedicacão ignorada, mas por isto mesmo ainda mais sublime.

Felizes os que assim no proprio character acham forças para resistir até á morte!

Quanto aos outros...

Oh! não a procureis, a felicidade nobre e digna, entre luminarias e vivos, fardões luxuosos e pingues venimentos.

Tudo isto seria bom, se não houvesse uma cousa que se chama consciencia.

Rio, julho, 1906.

CARLOS DE LAET



O ANNIVERSARIO da Princesa D. Izabel

Com a devida vénia, transcrevemos do *Lavoura e Commercio*, de Uberaba:

«O directorio do partido monarchista desta cidade, querendo commemorar o 60.º anniversario da veneravel brasileira exma. sra. Princesa Izabel, a redemptora da raça negra na terra de Santa Cruz, fez celebrar, ás 7 1/2 da manhã, do dia 29 do transacto, na igreja de S. Domingos, uma missa, que foi bastante concorrida, e ás 7 1/2 horas da noite, em o palacete de residencia do illustrado medico sr. dr. João Teixeira Alvares, inaugurou, com a assistencia de um auditorio composto de numerosos cidadãos da nossa elite social, uma rica tola, pintada habilmente e inspiradamente pelo pincel artistico de J. Gasparino.

O acto inaugural foi o mais modesto possivel: — o distincto clinico dr. João Teixeira, depois de expor numa ligeira mas entusiastica allocução o motivo daquella festa altamente significativa, convidou o revmo. monsenhor Ignacio Xavier, nosso vigario geral, a descobrir a tela, que estava velada por uma bandeira nacional do antigo regimen.

Feito isso, os olhos dos convidados foram deleitados pela composicão admiravel de J. Gasparino, enquanto a *União Uberabense* executava com brio o hymno nacional.

Abafada a ultima nota do hymno, o sr. dr. João Teixeira fez a descripção da tela, descobrindo aos ouvintes toda a robustez da fecunda imaginacão do pintor que Uberaba não tem sabido comprehender.

As 8 1/2 horas, os cavalheiros que enchiam o salão de honra do illustrado clinico começaram a despedir-se, levando no intimo uma agradável impressão.

As 9 horas estava terminada a festa em homenagem á mais bondosa das mulheres, daquella que trocou o throno pela liberdade de uma raça.

* * *

Agora que terminámos a noticia dessa festa sympathica a todo e qualquer credo politico, queremos dedicar algumas desautorizadas linhas a J. Gasparino.

E' com enthusiasmo e orgulho de o ter como conterraneo que o fazemos, porque a isto faz jus o seu merito de artista, revelado, já não dizemos nessa tela que honra o berço seu natal, mas naquelle Crucificado que orna o salão de honra do sr. dr. João Teixeira, ao qual o seu pincel emprestou toda a verdade da dôr, lida na angustia de seu semblante ensanguentado; toda a malvezade pharisiaca, denunciada nas

fundas chagas esverdinhadas; toda a anatomia das fôrmas, delineadas, desde os traços suaves, doces do semblante cheio de mciguice, até á rijeza dos musculos contrahidos pelo peso do corpo supplicado.

Não é só esse Christo, que é uma creacão sua e sufficiente para lhe conferir os fôros de artista, que impõe á nossa admiracão o merito de Gasparino; no salão do sr. dr. João Teixeira ha uma galeria de retratos pintados pelo nosso conterraneo, digna de ser apreciada pelos mais artisticamente educados espiritos.

Entre elles destacamos o de Torres Homem e de Ouro Preto, que são de real merecimento, pela sua naturalidade, pintados a oleo, e um *crayon* do dr. Virgilio de Rezende, que é um verdadeiro primor.

A tela allegorica á lei aurea, que elle acaba de pintar, representa um seu verdadeiro triumpho (*).

J. Gasparino precisava de reunir nella tudo que se prende á razão da *lei muller* e o conseguiu de um modo feliz, como passamos a noticiar.

A tela, que é de grande tamanho, representa uma bandeira imperial sobre a qual está collocado o medalhão da Princesa, cercado de fôrmas delicadas e de folhas agrestes, representando a nossa flora no que ella tem de mais delicado; um arco, flecha e tacape, armas dos habitantes primitivos deste paiz, symbolisam a nossa raça; um primoroso ramo de palmeira, em cuja extremidade um sabiá está poitado, na attitude de desferir o canto, representa a nossa poesia.

E' mister abriremos aqui um ligeiro parenthesis para dizer que até hoje nenhum pintor nacional teve a lembrança de tão poeticamente representar a nossa poesia, como acaba de fazer o nosso conterraneo: o sabiá é de facto o poeta de nossas selvas, e a sua como que lyra predilecta é o gallo da verde palmeira onde elle se balança, gargateando saudades.

Um mimoso ninho, que fica do lado esquerdo do medalhão, no qual se vêm dois passarinhos, um de plumagem branca e o outro de preta, symbolisa o nivelamento das duas raças — a negra e a branca; ligada ás armas indigenas, uma branca saudade como que evoca o passado; do poste da bandeira caem dois grilhões partidos, em um dos quaes está enfiada uma penna de ave, aparada, representando a quebra do captivo por uma simples assignatura; no regaço da bandeira, onde ellas tanto floresceram, vêm-se os symbolos das artes, sciencias, letras e religião; em baixo, em segundo plano, numa ligeira silhueta, destaca-se uma fazenda, onde se desenrola uma revoltante scena da escravidão; um preto, amarrado a um pelourinho, geme sob o azorrague de um feitor; do outro lado do mesmo plano, separada por um abysmo, está uma força, emblema do despotismo, enastada por uma trepadeira enfiada e cuja base está coberta de fôrmas, patecendo a queda do absolutismo e distanciando, pelo abysmo, o presente do passado; ao pé da força, descança uma ancora, symbolo da esperança; de um lado da mesma, uma enxada e um alvião, representando o trabalho escravo e o livre confraternisados; ao fundo, finalmente, de uma soberba perspectiva, levanta-se o sol de Treze de Maio, numa apothose de luz, como que illu-

minando todo esse conjuncto harmonico e artistico que a intelligencia privilegiada de Gasparino creara.

Eis detalhadamente a tela de um artista sem escola que vive esquecido na penumbra imposta pelo indifferntismo de seus patricios.

E' necessario que o povo desta terra auxilie ao conterraneo que até aqui só tem feito uma cousa: procurar elevar, engrandecer o nome de seu berço natal com o seu talento modesto, porém sempre esquecido, sempre olvidado por quem devia, mais do que auxilia-o — admiral-o.

Parabens, Gasparino, pelo teu triumpho: — trabalha sempre e tem fé no futuro. »

CONS. AQUINO E CASTRO

O conselheiro dr. Olegario Herculano de Aquino e Castro, que falleceu no Rio a 10 do corrente, na culminancia de presidente do Supremo Tribunal Federal, era filho do sr. Thomaz de Aquino e Castro e nasceu nesta capital a 30 de março de 1828.

Bacharel e depois doutor em Direito pela nossa Academia, abraçou a magistratura, iniciando a carreira como promotor publico, em 1849, e chegando a ministro do mais alto tribunal judiciario do paiz, para onde entrou em 1886, e em cuja presidencia acaba de fallecer, depois de ter sido seu vice-presidente.

No Imperio, o conselheiro Aquino e Castro representou a então provincia de S. Paulo na assembleia geral, em duas legislaturas, e foi presidente de Minas Gerais. Agraciado com o titulo de conselheiro do imperador d. Pedro II, foi conselheiro de Estado extraordinario, veador da imperatriz e gentil-homem da imperial camara.

Era gran-cruz da Ordem de Christo do Brasil e da de N. S. da Conceição de Villa Viçosa, de Portugal, socio benemerito e presidente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, membro da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, do Atheneu de Lima, do Instituto Geographico Argentino e de outras associações.

O conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, além de diversas obras apreciaveis, deixa muitos trabalhos juridicos e literarios esparcos na revista *O Direito*, de cuja redacção fez parte desde 1873, na *Gazeta Juridica* e *Revista* trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, além de artigos sobre politica, administração, etc., em diversos jornaes.

Magistrado que a vasta erudição allia a absoluta inteireza de character, constituindo legitimo ornamento da nobre classe a que pertencia, a noticia de sua morte causou viva consternação em todos quantos o conheciam.

A Familia Imperial

SS. AA. Imperiaes o Conde e a Condessa d'Eu estão, desde junho, em seu castello d'Eu, que adquiriram do Duque de Orléans.

SS. AA. recebem constantemente numerosas pessoas das circumvizinhanças e mesmo de Paris, entre as quaes se contam muitos brasileiros.

O *Album Imperial* acaba de receber duas photographias do castello d'Eu, as quaes vai reproduzir em *clichés*.

Jornaes e revistas

O nosso illustre correligionario e collaborador dr. João Teixeira Alvares, clinico em Uberaba, já está organisando o 2.º numero da revista *Jesus-Christo*, para 1907.

Está em viagem de propagação da excellente publicação o dr. Hildebrando Pontes.

O proximo numero da *Jesus-Christo* será sob todos os aspectos superior ao 1.º, cuja edição se exgottou completamente em menos de um mez, — tal o successo que causou a magnifica revista.

— Visitai-nos o n. 2, anno II, d' *A Nova Cruz*, a apreciada revista litteraria de Arthur Goulart, Francisco Gaspar e Francisco Teixeira.

Arthur Goulart dedica ao nosso director uns bellos alexandrinios; a revista traz, como sempre, escolhida collaboração e dá os *clichés* de Luiz Murat, Fontoura Xavier e Lafayette Silva.

— Em Sant'Anna do Livramento, appareceu, em 28 do mez de junho ultimo, uma nova folha monarchista. Intitula-se *D. Pedro II* e é propriedade dos srs. J. Costa & Barros.

— O ultimo numero d' *A Illustração do Brasil*, desta capital, dedica uma pagina á memoria de D. Pedro II, a proposito da trasladação dos corpos dos imperadores do Brasil.

— Temos sobre a mesa mais um numero da *Revista* do Centro de Sciencias, Letras e Artes, de Campinas, valorizado por excellente collaboração.

“Balladas tristes“

Victruvio Marcondes, o inspirado poeta da *Musa Selvagem*, tem no prelo mais um livro de versos, *Balladas tristes*.

Retirando-se por estes dias para o Rio, o talentoso moço teve a gentileza de vir trazer-nos as suas despedidas, oferecendo-nos por essa occasião o seu retrato, com gentil dedicatória, e os seguintes versos inéditos:

ORAÇÃO DE AMOR

Eu parto agora, gentil amado...
Nossa ventura ligeira passa,
Bem como o canto da contristada
Lyra que á tarde soe e brada:
— Ave, Maria, eheia de graça!

Apaixonado, sinto deixar-te,
Deixando o goso da nossa vida...
Irei dizendo, com crencça e arte,
Dizendo crente por toda parte:
— Nossa Senhora d'Apparecida!

Tudo que é santo, não pôde ainda
Falar, sublime, com doce voz
Desse amor nosso que nunca finda,
Porque diremos, com alma linda,
— Santa Maria, roga por nós!

Quero que rezes aos santos bons,
A Deus, á Virgem, a quem quizeres...
Deus ouve as preces que vibram sons
Religiosos, de moigos tons...
— Tu es benedicta dentro as mulheres.

Carmen formoss! sem os teus olhos
Não tenho vida, não tenho luz!
A nossa ausencia, campo de abrochos,
E' mais que dura quo a dôr e escolhos
Que padecera nosso Jesus!

De ti bem longe, quanta amargura,
Quanta tristeza, quanta saudade!
Talvez, (quem sabe da desventura?)
Deus me arremesse na sepultura...
— Pois seja feita sua vontade!

Adeus, eu parto, minha querida,
Sentindo o pranto do mundo tósc...
Nunca abandones, arrependida,
Nossa Senhora d'Apparecida...
— O Senhor nosso, vive conosco!

No proximo numero
Augusto de Souza Queiroz
Horacio Guimarães

(*) No proximo numero, reproduziremos em *cliché* o bello quadro de Gasparino.

POETAS BRASILEIROS



NIETZSCHE

Elle surgiu nas plagas da Allemanha,
Espargindo grandiosos pensamentos,
Cheios de luz, de masculos accents,
Novo Christo prégando na montanha.

Brotou-lhe aos labios a doutrina extranha,
Feita de sóes, delirios e tormentos,
Inimitavel em deslumbramentos,
Que o mundo das idéas todo banha.

Cegou-o tanta luz! perdeu o brilho
A intelligencia audaz do rebelião,
Entrando da loucura o curvo trilho...

E o grande atheu nas noites tormentosas
De seu delirio atroz, inominado,
O Christo via em linhas fulgurosas!

ISAIAS DE OLIVEIRA



CONDOR VELHO

Este já teve em todo o espaço imperio;
Sobre terras sem fim e sobre o oceano,
Pairou; e soube, arcano por arcano,
O mundo inteiro de um a outro hemispherio!

Viu o homem, seu maior, no ultimo plano,
Invejoso a fitar o assombro aéreo,
Seus musculos levou ao reino ethéreo,
Quasi onde chega o pensamento humano...

E agora scisma: que mentira é a força!
Um throno vale uma aza: a gloria é um mytho;
Deus fez do mesmo barro o leão e a corça...

E ancia e saudade no horizonte postas,
Vibra no olhar a gula de infinito,
Azas inuteis carregando ás costas.

JAYME GUIMARÃES



SONETO

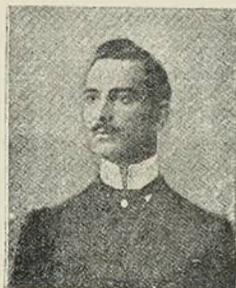
Alvo do meu amor acrysolado e santo
Que floriu, constellando, o meu viver passado;
Deusa do negro olhar que fôra o meu encanto,
Deusa do mago olhar trevoso e emperolado:

— Adeus, para o jámais! o funerario manto
Do teu desprezo enluta o coração maguado!
O goivo da saudade e a musica do pranto:
Eis o que me ficou do triste amor fanado...

— Não mais do labio em fogo o beijo redolente,
Não mais do negro olhar o calmo irisamento,
Não mais a doce voz em garrulas canções!

Adeus, para o jámais! O cerebro demente
Canta, como um consolo ao tredo isolamento,
O *requiem* funeral das mortas illusões!...

RAUL PEDERNEIRAS



ARVORE ANTIGA

Vêde esta arvore antiga: — Que tristeza,
Se aos açoites do vento se debruça!
Parece que alli chora a Natureza
E em cada galho um coração soluça!

A arvore tem uma alma, com certeza,
Que na folhagem viride se embuça,
Porque palpita e se lamenta, presa
Das rajadas cruéis que o vento aguça.

Tem uma alma, porque, se a não tivera,
Seria indiferente á madrugada,
A's caricias da luz e á primavera.

E a arvore, no seio da floresta,
Protege o amor da multidão alada
Que enche a terra de cantos e de festa!...

SIMÕES PINTO



ALBUM DE AUTOGRAPHOS



Dos «importantes» da Academia Brasileira

J. Paulo, da data de 1901

Seu Confinde deus Dr. Carlos de
Miguelles.

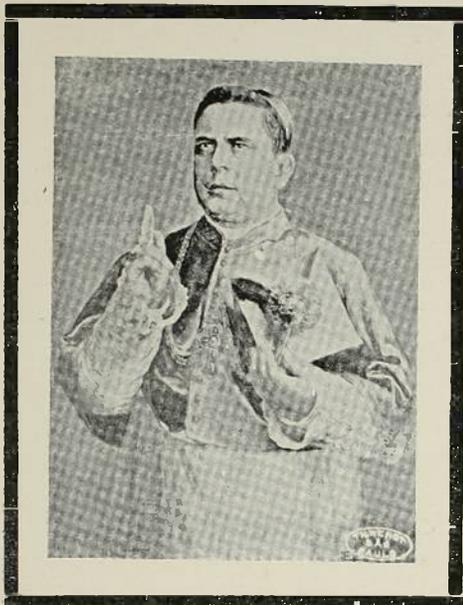
Eu regreite ao seu prezado
jornal de boateim, e abo-me
dizer - Elle que com o seu
puzer concorre com me
trabalho para o numero
especial de Convenções
Nacionais a glorificação
do nome indistincto congrada
e Am. Servando Pass.
Quem digir-me alle' que
da deus cuoris os capi-
meses, a pira de me que
para em tempo e não
neceder o puzer.
Sempre au seu dejetor e
prato pela indistincta com
que me honra, sou

Com elevada consideração
e estima

de V. Ex.
Com o Sr. de
Joaquim Pedro



Naufragio do vapor "Sirio" == O cabo Palos == Morte do Bispo de S. Paulo



† D. JOSÉ DE CAMARGO BARROS

BISPO DE S. PAULO
VICTIMA DO SINISTRO

NO dia 4 do corrente, precisamente quando aqui chegava o sr. Elihu Root, ministro dos estrangeiros dos Estados-Unidos, foi a população desta capital subitamente alarmada por uma noticia sinistral que violentamente a abalou, enchendo-a da mais profunda consternação.

A hecatombe do *Sirio*, desenrolada em paragens longinquas, nas costas da romantica e cavalheiresca Hespanha, não deixa de ser, por si só, uma tragedia horripilante; mas em nenhuma parte, como em S. Paulo, repercutiu tão intensamente a noticia da horrorosa catastrophe, por se achar nella envolvida a vida preciosa de um prelado illustre, justamente venerado na sua diocese, por seus meritos exceptionaes e acrisoladas virtudes.

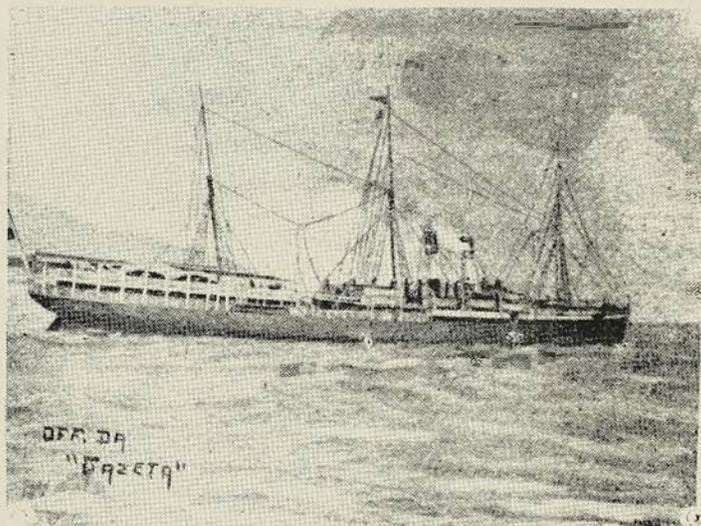
Os telegrammas, affixados ás portas dos jornaes, á proporção que iam chegando, e avidamente procurados pelo povo, davam como certa a morte de D. José de Camargo Barros, Bispo de S. Paulo. Tanto bastou para que

se mudasse logo o aspecto festivo das ruas mais centraes, substituidas as manifestações de regosijo ao hospede que chegava por plangentes dores a linados.

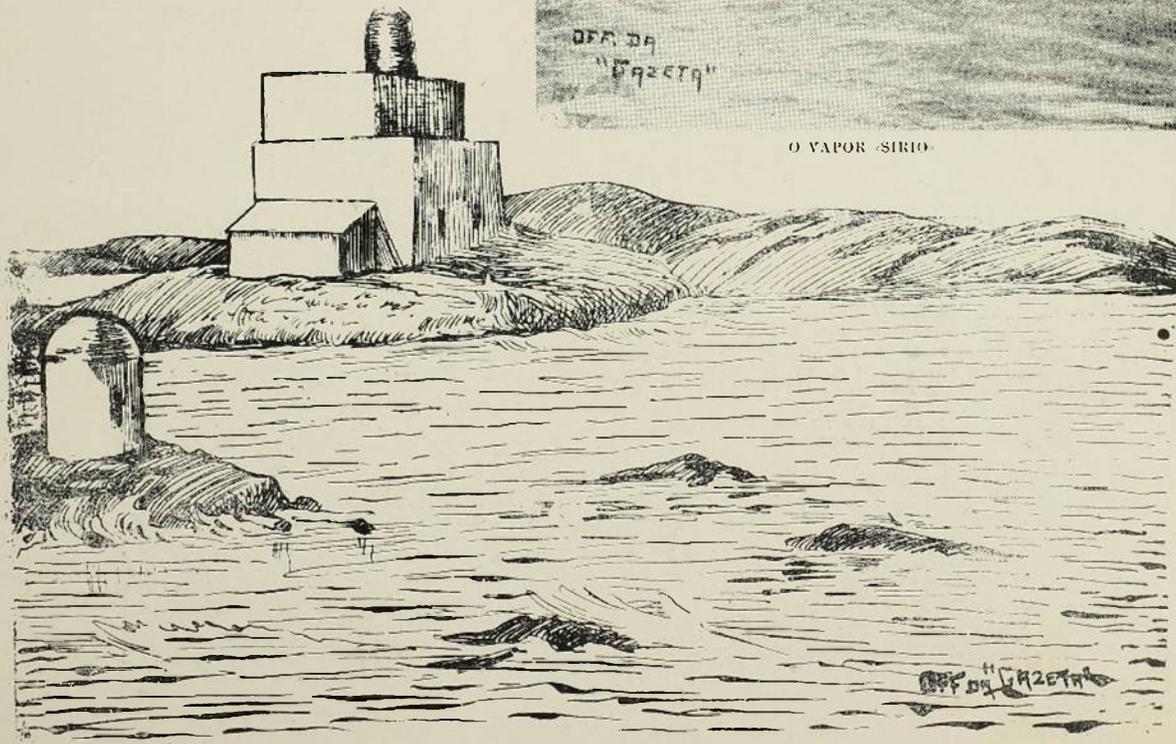
Nada, entretanto, de preciso se sabia ainda sobre a sorte do inditoso prelado, pois telegrammas posteriores, affixados pela *Tribuna Italiana* e pela *Gazeta*, deixavam, na indecisão com que eram redigidos, entrever alguma esperança de que estivesse salvo D. José de Camargo Barros, sendo talvez recolhido em alguma barca ou a bordo de algum vapor que por aquellas alturas cruzasse no momento do desastre.

Essa esperança, de resto, pouco durou: — infelizmente, está hoje confirmada a tragica noticia e privada esta diocese do seu piedoso Bispo.

O *Album*, associando-se á dor geral, rende respeitosa homenagem á memoria de D. José de Camargo Barros, Bispo da diocese de S. Paulo, victima do naufragio do *Sirio*.



O VAPOR "SIRIO"



O CABO PALOS, ONDE SE DEU O NAUFRAGIO

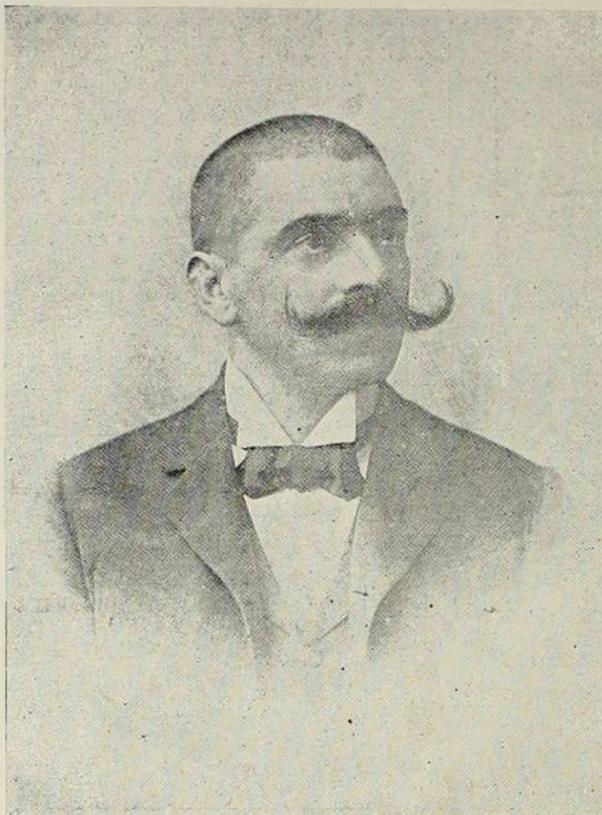
Um operador notavel—Homenagem do “Jornal de Limeira” e do “Album Imperial”

POUCAS homenagens são tão merecidas como a que o *Jornal de Limeira* acaba de prestar ao dr. Antonio Candido de Camargo, por occasião de seu anniversario, a 6 do corrente.

Traduz essa manifestação os sentimentos de toda aquella cidade e quiçá de todo o Estado para com o cirurgião illustre, que já é uma gloria da medicina brasileira e cuja fama tem sido legitimamente formada pelas bençãos de milhares de doentes que a pericia do grande operador conseguiu salvar.

A nimia gentileza daquelle nosso collega e do nosso dedicado agente em Limeira, sr. Mario Sampaio, pôde o *Album Imperial* associar-se a essa homenagem, estampando o retrato do dr. Camargo, bem assim mais dous clichés: — o da Santa Casa de Misericordia, em cujo hospital inumeros triumphos tem alcançado o illustre operador, e o que representa os medicos da Misericordia de São Paulo, por occasião da visita que fizeram ha pouco tempo áquella cidade e particularmente ao manifestado, em quem os seus collegas da capital reconhecem e admiram rara competencia profissional.

O dr. Antonio Candido de Camargo é conhecido no Estado de São Paulo; a popularidade que acompanha o seu nome, longe de ser o fructo de reclames encomendadas, é consequencia de um merecimento in-



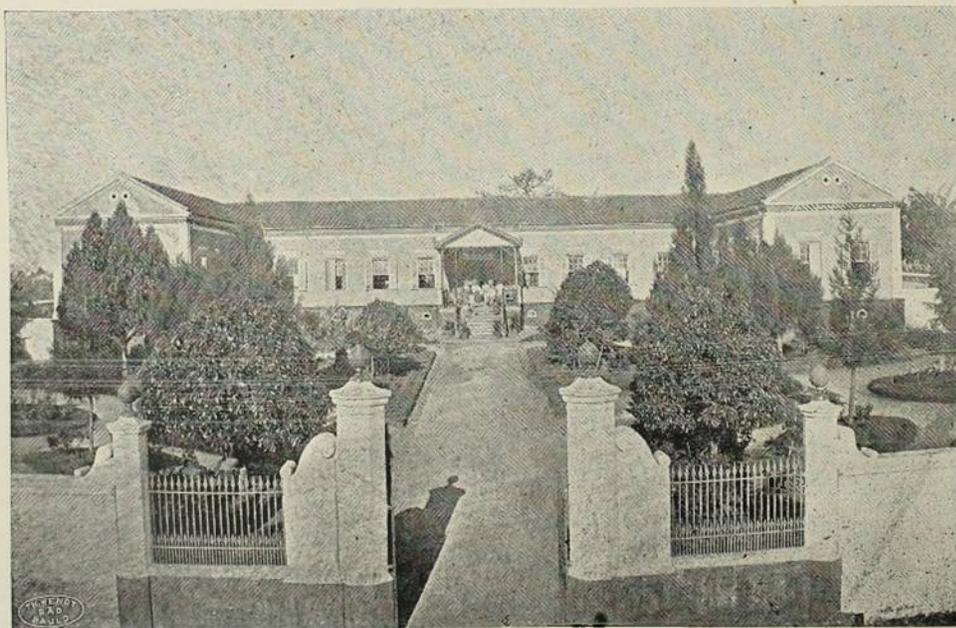
DR. ANTONIO CANDIDO DE CAMARGO

contestavel que se impõe por si mesmo a todos quantos delle se approximam e a todos quantos elle captiva com seu modo lhano, com a affabilidade proverbial do seu trato, e, em summa, com os peregrinos dotes de seu espirito e coração.

O bisturi do operador enregela, no commum das vezes, a alma dos que o manejam; o aço que recorta a carne acaba sempre por empcedernir o coração do medico que por amor á sciencia estuda o corpo humano. Mas no dr. Camargo ha duas naturezas distinctas, — a do medico calmo, frio, impassivel deante da operação cirurgica, e a do homem cujo coração está perennemente aberto a todas as dôres, prompto sempre a consolar os que soffrem e a minorar a desgraça dos que padecem.

Maneja o bisturi com a certeza do diagnostico e a firmeza do golpe; o operador é, na maioria dos casos, o salvador. Quantos não lhe devem a vida? Quantos não lhe abençoam o nome?

E como, além de cirurgião notavel, digno por certo de um scenario maior do que aquelle em que dia a dia avultam os seus triumphos, o dr. Camargo é tambem caritativo por excellencia e cavalheiro por muitos titulos merecedor da sympathia e da estima da população limeirense, esta se associou em peso á homenagem do *Jornal*, da qual participamos tambem com toda a sinceridade.



SANTA CASA DE MISERICORDIA DE LIMEIRA



(Photographia tirada em Limeira, á porta da Santa Casa)

Médicos do hospital da Misericórdia de S. Paulo, em visita ao dr. Antonio Candido de Camargo

PAGINAS ESCOLHIDAS



OLHOS VERDES...

DAMA formosa, quando te encontrei hontem na rua, não trazias nos olhos as grandes pupillas negras que eu amo e pelas quaes me bato espantosamente... Não, meu senhor, a dama formosa hontem trazia os olhos verdes.

Verdes e humidos. Duas esmeraldas banhadas nas aguas do mar. O seu olhar fitava o movimento da rua populosa, mas certamente nada via dessa azafama brutal e sem graça das cidades. Em que pensaria? Mansamente se moviam as suas pupillas verdes, como duas ondas socegadas que se espraíam franjadas de espuma. Só de quando em quando, como uma concha que vem luzindo no dorso da vaga, passava por entre ellas o clarão de um pensamento indecifrável, brusco e tremulo como um relampago... Arrufos de amor, talvez.

Estava sósinha e esperava o borde. Ao passar por ella, demorei os passos, mas abaixei instinctivamente os olhos, sentindo-me dizer devota e humildemente — *Non sum dignus, non sum dignus...*

E fui seguindo vagarosamente, triste e medroso... Ah! pudosse eu acender nos meus olhos pasmados a lampada maravilhosa de Aladino, para descer á caverna daquelles olhos verdes! Pudosse eu dizer áquelle olhar indecifrável o *Sezamo, abre-te*, e pudesse ter a fascinação irresistível que fala o conto de Sindbad... Ah! dama das *Mil e uma noites*, perdida nesta rua a esperar um bonde...

E fui seguindo, sem coragem de erguer os olhos... Na igreja, no sacrificio da missa, quando o sacerdote levanta a hostia e toda gente se curva batendo no peito, só um sacrilego ousado teria a coragem de levantar os olhos para o sagrado symbolo... Eu não tinha coragem de voltar-me para te vêr.

Quizera ser um mendigo andrajoso e soffredor, para poder parar em frente a ti, saudar-te com um gesto largo do meu chapéu roto, pedir-te alguma cousa e ficar a fitar-te muito, emquanto procurasses a esmola na carteirainha perfumada. Pudera então dizer-te tanta cousa bonita, desejar-te, nesse tom lamuriendo dos que pedem, tantas venturas e tanta sorte, que me sorriras divertida e sonhando, como quem vê no velhinho santo e muito sujo Nosso Senhor Jesus Christo, que anda no seu disfarce por esse mundo afóra... Quizera ser um mendigo, com uma cara de muita unção e soffrimento, olhos pisados de tanto chorar

e onde fosse cair o balsamo verde dos teus olhares, mão enrugada e trêmula onde tocasse de leve a tua mão tamanina largando a esmola... Quizera ser um pobresinho, na mais extrema idade, tão velho e soffrendo tanto, que arrancasse uma lagrima pura dos teus olhos, para me lavar de cem annos de peccado...

Olhos verdes desaparecidos na corrida veloz de um bonde electrico, adeus para sempre, olhos de phantasia...

JOSÉ VICENTE SOBRINHO



Poetas portuguezes

boucura santa

Nós, loucos? e porque? Ah! porventura Este desejo immenso que no peito Abrazador sentimos e que estreito Nos fez o mundo vêr será loucura?

Por querermos dar luz á terra escura, Sobre a injustiça erguemos o direito, Amarmos sobre tudo o que é perfeito, Preferirmos a estrada mais segura.

Por guia e norte temos a verdade, E por fim só o bem da humanidade, Será de louco o nosso olhar profundo?

Pois sim, sejamos loucos! o que importa? A luz da intelligencia não é morta; Colombo, um pobre louco, achou um mundo!

TEIXEIRA BASTOS

VIDA SOCIAL

Anniversarios

Fez annos no dia 16 o sr. major Marianno de Mello, estimavel cavalheiro e dedicado gerente da casa commissaria desta praça Fleury, Vita & C.

Fazem annos:

No dia 24, o dr. Eurico Doria de Araujo Góes, distincto advogado e talentoso escriptor, residente em Santos;

No dia 30, a gentil senhorita Helena, filha do nosso illustre correlligionario e collaborador dr. Estevam Leão Bourroul;

No dia 3 de setembro, o intelligente menino Lulu, filho do dr. João Fleury.

Na capital

De Bello Horizonte veiu fixar-se novamente nesta capital o nosso antigo collega de imprensa Horacio Guimarães, o apreciado Mambrino que redigia n' *O Commercio de São Paulo* o «Atravez da imprensa».

Horacio Guimarães, filho do glorioso Bernardo Guimarães, entrou a fazer parte d' *A Gazeta*.

«Album Imperial»

Ainda hoje, por accumulo de materia, somos obrigados a adiar a publicação de diversos artigos e noticias

D. Izabel

Os monarchistas da Bahia fizeram celebrar no dia 29 do mez proximo findo, na igreja do Bomfim, uma missa em acção de graças pelo 60.º anniversario da Princeza D. Izabel.

— Os nossos correlligionarios de Uberaba commemoraram tambem o anniversario natalicio de S. Alteza Imperial, conforme noticiamos em outro logar.

O predestinado

Fortaleza, 21 de junho de 1906

Seguiu rumo do norte, em visita triumphal por entre as multidões que desconhece, o predestinado da Republica, porventura a hostia do novo sacrificio nas aras do desengano.

As turbas o aclamam como um Christo entrando ás portas de Jerusalém e lhe passam pela frente agitando ramos virentes na esperança dos tempos que se approximam, e a cantar as glorias, que vão perpetuar o seu nome no livro de ouro da historia nacional.

Elle tudo mereço, e cada qual se apressa em ungi-lo com o seu balsamo; todos lhe invejam a fortuna e se extasiam ante a sua grandeza!

Nós somente nos mergulhamos em profunda tristeza, e sentimos medo dessa confiança, que lhe faz calcar o solo, e suppô-lo tão firme, quando está movido como as areias do deserto, joguetes do vendaval, ardoendo ao influxo de um sol em chamas.

Todos vêem passar o predestinado, e a nós somente assoma a idéa triste de estar transitando um martyr, que vai tomar a sua cruz, já em meio caminho do Golgotha.

Não se é mais feliz nos nossos tempos; que a razão nacional desvaire. Estamos em prosequente revolta dos espiritos, em noite escura, que desceu do polo e envolve toda a nação, como um negro sudário! Corre ainda o período das expiações de uma falta, senão de um crime, que começou em 15 de novembro de 1889.

Homens e cousas, nomes e idéas, aspirações nobres, e más intenções, tudo se precipita no mesmo golpão; o dia de amanhã traz as fauces hiantes da vespera.

Honras e glorias, dôres e desenganos, tudo se tritura e pulverisa, para um amalgama desconhecido, que será esse dia de amanhã.

Ha crises para cada um, pois ainda estrebucha o monstro a que chamam — revolução!

Quem já foi mais feliz entre quantos ouviram da fortuna fallar o *toti et ambula?*

Deodoro succumbiu á sua tristeza, renegando as honras com que o secundaram; Floriano, que era um homem de excepção, maior que todos, vergou ao sópro da tempestade, e foi como o cedro do Libano, que se partiu; Prudente de Moraes, o velho sonhador, acordou no meio dos escombros; Campos Salles, a vaidade petulante, sangrou de humilhações tristissimas; e Rodrigues Alves, o homem de grande saber, resta convencido de que nada sabia que bastasse para solver os enigmas desta quadra.

Todos se lançaram na lucta, cahindo para traz, e foram em pragas que se devolveram os hymnos da alvorada!

Bem quizeramos que os illudidos fossemos nós, que nos abandonamos a estes pesares, vendo passar novo carro, que se dirige para o Capitolio, ouvindo tantas boccas, que se distendem, gritando *hosannas*, para, no fim da semana, brodarem — o *crucifige eum*.

Vivem de mais os sentidos, onde a razão menos se aclara.

O sr. Affonso Penna, que ora singra os tempos, deve, talvez mui cedo, cavalgar as tempestades, porque a revolução de 15 de novembro ainda não completou o seu giro, mas está no estadio do maior perigo — a anarchia

das mentes, traduzida em instituições politicas e no quasi desespero de encontrar-se, no labyrintho, o fio para a sahida.

A sua missão unica, capaz de assegurar gloria para o seu nome, e ser um dia a salvacão para sua patria, não deve passar de um tentamen de pleno *regresso*.

Precisamos voltar ao ponto de partida e enveredar-nos no outro rumo, em que iamos, unidos e fortes, para conjurar os perigos de uma imminente desmembracão polonica.

A patria de 1889 já não existe e aviva-se cada vez mais a saudade do nome brasileiro.

Deodoro foi soldado só; Floriano, uma teima contra os deuses; Prudente de Moraes, a philosophia bisonha; Campos Salles, o americanismo através de uma lente que mentia; Rodrigues Alves, o egoismo cruel, tudo por si, nada por alguém.

O lemma do sr. Affonso Penna, depois de 1889 e após o desmembramento visivel do Brasil em pachariatos, só pôde ser hoje o *regresso*, scja embora dubio o successo, e mais dependente de melhor fortuna.

O paiz está em retalhos, cada Estado com o seu regulête, feroz e muitas vezes ladrão.

Se não é possível apanhar a todos elles no desfiladeiro, para trucidal-os, sem escapar algum, como logrou Mahomet-Ali, ao menos poderá s. exa. salvar a sua responsabilidade, tentando, como Bernardo Pereira de Vasconcellos, a politica do *regresso* com que elle, depois de 1831, salvou a unidade nacional.

Tudo prenuncia amarguras mil, para s. exa.; a obra, entretanto, é digna de um brasileiro e vale a pena de ser martyr de uma causa tão noble e não cahir no olvido e na vulgaridade de seus antecessores, vivendo da benevolencia dos que converteram em patrimonio de suas familias as provincias, que se aninhavam sob uma só bandeira — a brasileira.

Tudo que não fór isto, será coisa já muito vista, sem nenhum direito á gratidão nacional, menos propria de tamanhos sacrificios.

J. BRIGIDO

SALDANHA DA GAMA

Conta-se que Odilon Barrot, depois de haver tramado por todos os meios a queda do ultimo ministerio de Luiz Felipe, vendo que de envolta com os ministros, que violentamente combatia, baqueava a realza, cuja abolição não tinha entrado em seus planos, em meio do fogo nutrido de um dos quarteiros revoltados de Paris, clamara do alto de uma barricada: « *Mes amis, ne tuez plus, je suis ministre*. »

Era tarde. Não mais se podiam contar os ambiciosos amigos do novo ministro, e a realza e Odilon Barrot cahiram ao mesmo tempo.

E' essa a justa punição que a logica inexoravel dos factos sociaes reserva sempre aos politicos sem escrupulos.

Tambem em nosso paiz, depois de terem solicitado e acariciado, sem escolhas de meios e attentos unicamente aos fins, a indisciplina e a revolta das classes armadas, recuaram, ingenuamente surpreendidos deante das inevitaveis consequencias da propria obra, os nossos politicos liliputianos.

Que muito é que a todo momento se apavorem os governos ante o espe-

ctro de imaginarias conspirações? Não foram as classes ora dirigentes que insufflaram a indisciplina e inauguraram o regimen dos pronunciamentos?

As revoltas são hoje tão fataes como a conclusão de um syllogismo.

Um só dos militares que se têm rebellado libertou-se do estigma do crimc, e por seu caracter tranquillizava a nação sobre a conducta que teria após a victoria.

Saldanha da Gama sublevoou-se quando a revolução era um dever.

Todas as liberdades supprimidas, todos os direitos conspurcados, amodada e prostituida a imprensa, delapidado o thesouro publico pela ineptia em estreita camaradagem com a ganancia e a fraude, o povo a extorcer-se na mais angustiosa crise economica, sem que um só phenomeno natural, — uma sêcca, uma epidemia, uma diminuição dos productos agricolas, concorresse para tão dclorosa e vexatoria situação, só imputavel aos erros e aos delictos dos homens, o nome brasileiro votado ao desprezo, condemnado ao escarneio entre as nações européas, taes os motivos que propulsaram seu patriotismo.

Revoltar-se assim, quando philosophos dos mais graves e auctoritarios, como Ventura de Raulica e Jayme Balmes, justificam a revolução, e bem cumprir o seu dever.

Nem importa que os representantes de todos os abusos que elle oppugnou venham hoje profanar-lhe a memoria gloriosa, elles que, cbrios de sangue, lhe mutilaram os despojos terrenos!

Repouse em sua pura gloria immarcescível o noble campeão do direito jugulado.

Seu nome permanecerá sempre na historia patria como o mais relucente symbolo do patriotismo, da abnegação e da coragem civica.

Assim como as ondas do oceano, que podem tragar tudo o que se aventura sobre seu dorso indomavel, não logram ultrapassar a imperceptivel linha divisoria que em todos os continentes lhes refreia os transbordamentos e os furores, assim a grossa espumaçada de injurias que estua, rug e esbraveja, em torno da campá desconhecida e incerta que guarda as cinzas do bravo marinheiro, por mais que referva e enfureça, galgando as maiores alturas, não transporá jámais os imperceptiveis limites que separam a consciencia nacional, onde Saldanha da Gama tem seu culto, da orla de vasa em que se agitam aquellos que tentam conspurcal-o.

Ah! se as apotheoses partidarias e as profanações postumas fossem o criterio da historia...

Quão sabia é a sentença do poeta do Oriente: « Cai a perola em um tremedal, e nem por isso perde o seu valor; sóbe a poeira até aos céus, e nem por isso deixa de ser uma cousa vil. »

DR. PEDRO LESSA

LIVROS NOVOS

MANHÃS E DIAS. — *Versos de Bruno Viotti*. — Typ. *Maré & Monti* — Rua da Caixa d'Agua, 1-A.

O sr. Bruno Viotti não é um estrepante. Já são conhecidas do publico varias produções literarias suas em prosa e em verso, taes como *Alvoradas* (poesias); *Illusões de outr'ora* (contos e phantasias), etc.

O livro que temos entre mãos constitue valiosa collectanea de sonetos

lyricos e parnasianos, além de outras poesias de metrica e assumptos variados.

E' um livro cuja leitura nos faz conceber bem fundas esperanças a respeito do auctor.

Não é que no seu recente trabalho se encontre a perfeição; nelle figura antes grande numero de versos desleixados e destoantes dos rigorosos processos da moderna arte de versificar. Não é que o auctor nos tenha dado grandes e novas aspirações, grandes e novas idéas sobre o que mais interessa a humanidade; pelo contrario, digamos a verdade, as suas vistas não alcançam além do individual.

Pena é que o novel poeta não tenha querido face á face encarar a natureza e pedir-lhe inspirações. Nos grandes poetas modernos e sobretudo o sentimento do infinito que transborda em suspiros harmoniosos ou em gritos estertorantes.

« Ser poeta hoje, escreve notavel jurista e poeta patrio, é mais alguma cousa do que andar com *os seios tumidos, o cráneo em brasa*, fingindo magoas que não se sentem ou prazeres que não se gosam... »

Se, apesar dos senões e fraquezas do livro, possui elle alguma cousa de menos trivial que o commum dos seus congeneres vindos á luz ultimamente, deve-o justamente á inspiração immediata do que a poesia brasileira tem de mais significativo o nosso *lyrismo*, que não passa no fundo da expressão mais completa do genio *romantico*.

O que desde logo se nos depara no seu poctar é a ternura, mas ternura contida por uma delicada preoccupação de decoro e de bom gosto, ternura que se não quer fazer publica, nem dar em pabulo a curiosidade do vulgo.

E' essa amenidade ternamente sentimental que folgamos de encontrar mais ou menos expressa nos seus versos, vasados num lyrismo sobrio e elegante.

O poeta canta o amor com o exaltamento facil da paixão, — predicado aliás inherente á nossa raça, radicalmente affectiva e doce.

A' guisa de Anacreonte, o vate das *Manhãs e Dias* exalta sempre a mulher, que synthetisa o ideal de sua existencia, dir-se-ia ave a gorgear incessante no beirado do palacio de seus sonhos!

Escutem-no em *Teus olhos... Teus olhos*:

A mácula doçura de teus olhos, janella de tua alma aberta em flor, ás vezes me desvia do abrolhos, mas, outras vezes, me conduz á dor!

Como um erento fiel, suspira e chora meu coração, o seu leal vassallo... Se teu olhar nem sempre o revigora, é porque teu olhar deixa de alhar-o.

Deante de ti eu quero orar de giolhos, eu quero ouvir de ti os teus cantares... Não! eu só quero a luz desses teus olhos, eu quero o pallio desses teus olhares...

E' esse mixto de amor e galanteio que, a nosso sentir, espiritualisa até certo ponto o lyrismo amativo do nosso poeta.

De resto, para consolidar a sua reputação bastariam os seguintes versos: *Madrigal, Hymno escolar, Maio e A grande data*. Ha nelles effectivamente um conjunto de bellezas: mimo de imagens, melodia de phrase e delicadeza de sentimento.

J. V.

Foi equiparado ao Gymnasio Nacional o Instituto de Sciencias e Letras, antigo e conceituado estabelecimento de ensino dirigido nesta capital pelo dr. Luiz Antonio dos Santos.

ANNO I

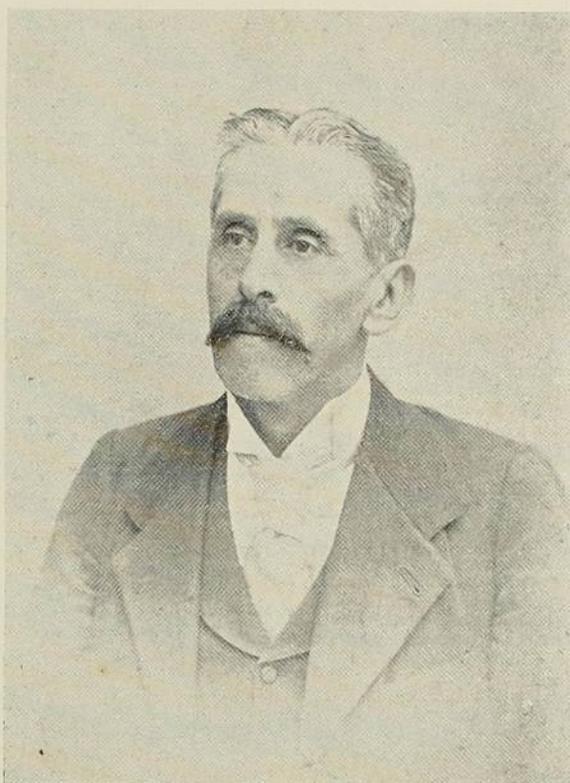
S. PAULO, 5 de setembro de 1906

NUM. 17

ALBUM IMPERIAL

QUINZENARIO POLITICO E LITERARIO

Director: Couto de Magalhães



AUGUSTO QUEIROZ



DR. AUGUSTO DE SOUZA QUEIROZ



Ol em 1898, se me não falha a memoria, na redacção d'*O Commercio de São Paulo*, a que eu pertencia e que era nesse tempo na ladeira João Alfredo, que tive a ventura e a honra de conhecer o dr. Augusto de Souza Queiroz, já então bastante alquebrado pela insidiosa molestia que dous annos depois devia arrebatá-lo á sua familia e aos seus amigos.

Foi ahí que pela primeira e por infelicidade ultima vez apertei a mão que tantos beneficios espalhou.

Os rapidos momentos do nosso encontro foram bastante para que jámais esquecesse esse nobre perfil que figura na galeria dos paulistas illustres, em superior destaque.

O dr. Augusto Queiroz guardou sem esforços, até á morte, na sympathia dos contemporaneos, o seu insinuante e nobre *cliché* de *vir probus et bonus*, palavras que, na expressão, que endossamos, de um dos seus biographos, resumem toda a sua activa e fecunda existencia.

Nasceu nesta capital, a 28 de novembro de 1845, e era filho do senador Francisco Antonio de Souza Queiroz e de d. Antonia de Vergueiro Queiroz; por seu paé, era neto do brigadeiro Luiz Antonio de Souza, official general do exercito portuguez e fidalgo da Casa Real, casado que foi com d. Genebra de Barros Leite, filha legitima de Antonio de Barros Penteado e d. Maria Paula Machado, e irmão do 1.º Barão de Piracicaba; por sua mãe, era neto de Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, senador por Minas Geraes e regente do Imperio do Brasil, na minoridade de D. Pedro II.

Oriundo de uma nobre familia, tradicional pelo character, pelo papel saliente que representou sempre no meio social paulista e pela acção que exerceu no scenario politico e economico da então provincia, por um conjuncto, enfim, de predicados raros, que se tornaram proverbias, o dr. Augusto Queiroz, cuja vida foi um modelo de pureza e elevação moral, continuou dignamente as tradições ancestraes, como um dos mais completos e perfectos exemplares humanos, mixto de austeridade e de bondade, alma apaixonada pelo Bem, que praticou sempre espontanea e indistinctamente.

Muitas das nossas instituições de caridade agradecem ao illustre morto os grandes auxilios que lhes prestou, — a bolsa constantemente aberta para socorrer a todos os necessitados e para amparar a todos os estabelecimentos philanthropicos que recorriam á sua generosidade.

A sua educação intellectual, formada parte na Allemanha, parte na Suissa, em Zurich, e concluída em 1872, no Brasil, na Faculdade de Direito de S. Paulo, onde se bacharelou, era solida e variada, robustecida por diversas viagens aos paizes da Europa, de preferência á Allemanha, onde, — diz um chronista da epoca — morreu «em meio dessa robusta e nobre raça que elle amava e em cujo seio, segundo a tradição da

familia, fôra educado e vivêra, nessa quadra feliz da juventude, que grava fundo na alma impressões para sempre inapagaveis.»

De todos os seus dignos irmãos, todos como elle illustres e benemeritos, era o dr. Augusto Queiroz quem possuia, em mais alto grau, a fibra de combatividade politica, que o levou a tomar parte activa em pleitos elictoraes que se tornaram celebres.

Amigos e adversarios admiravam a lealdade com que o prestigioso chefe liberal do 1.º districto entrava nesses prélios, sempre renhidos, mas em que não campeava a fraude desassombradamente como em nossos dias.

Coube-lhe sempre a victoria nas eleições que disputou. Eleito em 1879 vereador da Camara desta capital, quando o partido conservador dominava, e mais tarde deputado á assembléa da sua provincia dramendr. Augusto Queiroz correspondeu sempre galhantatal, o te á expectativa dos correligionarios e amigos.

O problema da immigração e da localisação do serviço escravo, como corollario, de certo, da libertação, que queria gradual e sem abalos, do elemento servil, attrahiu de preferencia a sua attenção.

Já desde 1874 vinha defendendo essas idcas na imprensa, e em questões de tal magnitude, que affectavam o progresso e a riqueza do Estado, elle punha sempre de lado o partidario, só tendo em mira o interesse publico.

Como todos os partidarios apaixonados, era um eterno batalhador, e, não lhe bastando a tribuna para as renhidas campanhas que sustentou então com tanto brilho, fundou diversos jornaes, que marcaram epoca na imprensa paulista e de que ainda hoje muita gente se recorda, com retrospectivo entusiasmo e saudade.

Durante quatro biennios, occupou uma cadeira na antiga assembléa provincial, cujos annaes registram brilhantes discursos seus, elucidando as questões mais palpitantes de então.

Discutiú frequentemente, com elevado criterio, multipias e variadas questões economicas, financeiras e politicas, agitadas nessa quadra, uma das mais fecundas e activas da vida paulista.

Em 1889, conferia-lhe o eleitorado do 1.º districto, após renhida lueta em que tinha por competidores dois candidatos conservadores dissidentes e um republicano, uma victoria estrondosa, devida ao seu proprio prestigio e á grande popularidade de que gosava.

Em 1888, o partido liberal paulista convocou uma reunião de representantes de todos os districtos, de que deviam sahir as bases de um novo programma, em que se adoptavam mediças as mais avançadas, tendentes á federação, á abolição do Senado vitalicio, do Conselho de Estado, etc.

Esse documento, cujas conclusões reflectiam bem as tendencias ultra-liberaes da epoca, era assignado pelos principaes vultos do partido liberal em S. Paulo. O dr. Augusto Queiroz foi um dos que mais se salien-



taram no ardor da discussão, pelo liberalismo dos seus princípios.

Essas idéas tiveram repercussão em todo o paiz e, em princípios de 1889, foram abraçadas com entusiasmo pelo conselheiro Ruy Barbosa, Nabuco e outros, principalmente quanto á autonomia das provincias, que constituiriam, sob o governo monarchico, verdadeiros Estados livres federados.

Quanto á immigração, o venerando paulista propendia mais para o elemento germanico, consequencia talvez da sua longa estada na Allemanha, onde poudo observar os costumes desse povo trabalhador e pacifico.

Em 1883, fundava elle o *Diario de S. Paulo*, onde encetou nova campanha em prol da abolição dos escravos, que, a principio, queria gradual, mas que depois, deante da attitudo da lavoura perante a questão abolicionista, quiz fosse immediata e incondicional.

A Republica veio encontrar-o á frente d'*O Federalista*, jornal que desapareceu em consequencia da revolução.

Proclamada a Republica, convencido da inconveniencia e inefficacia de qualquer tentativa hostil ao movimento victorioso, o illustre extinto, recusando aceitar qualquer posição official no novo regimen, julgou, entretanto, desde logo, « mais patriótico não só não crear embaraços á nova organização, como até collaborar nella ». Data desta epoca a reunião dos partidos do antigo regimen no theatro *São José*, a que allude o saudoso morto num artigo publicado no *Commercio de São Paulo*, de 10 de junho de 1896, e que para aqui trasladamos na integra :

« UM PONTO HISTORICO »

Não tenho julgado opportuno oppôr contestação aos concitos menos exactos que se têm emitido sobre o procedimento politico de outros monarchistas que julgaram do seu dever collaborar na organização deste Estado, depois da proclamação da Republica.

Não posso, porém, deixar sem reparo alguns topicos do editorial de hoje, assignado pelo nosso illustre amigo dr. Ferreira de Castilho.

Se é verdade que os antigos partidos se afastaram da scena politica depois do 15 de novembro, deixando o campo livre aos republicanos historicos, não ha negar que — convencidos da inconveniencia e inefficacia de qualquer tentativa contra o movimento victorioso — julgaram desde logo mais patriótico, não só não crear embaraços á nova organização, como, mesmo, collaborar nella, *principalmente* em bem do Estado de S. Paulo.

Neste intuito, foi feita a primeira reunião dos representantes dos outros partidos no theatro *São José*, nesta capital, cujas deliberações se tornaram bastante conhecidas e foram geralmente acceitas.

Depois desta, outras reuniões foram feitas, todas no mesmo pensamento, e entre ellas aquella a que se refere o illustre correligionario, na qual tanto mais accentuado se tornou o pensamento de uma politica de collaboração dos antigos partidos com os republicanos, pela presença do illustre dr. José Alves de Cerqueira Cesar, representante insuspeito do partido republicano historico.

Esta posição evidenciou-se ainda mais, quando foi nomeado governador de S. Paulo o dr. Americo Brasiliense, por convite e indicação de politicos antigos, que nesse respeito haviam sido consultados pelo governo federal.

Contesto, portanto, que os dous partidos se houvessem proposto arrancar o governo do poder dos republicanos; os seus intuitos foram sempre auxiliar a politica republicana, com toda a lealdade, sem ambições pessoais e sem preocupações partidarias.

Dahi resultou esse conjunto de matizes differentes, que formou o Congresso Constituinte de São Paulo, e em que todos, honrosamente, cumpriram os seus deveres, sem o repudio de suas convicções pessoais.

Como outros, confesso que transigi lealmente com as instituições resultantes do golpe de 15 de novembro, na esperança de que, sob o influxo do espirito moderado dos adeptos da Monarchia, pudessem ellas nos dar uma boa fórma de governo, com as amplas reformas liberaes que já eram programma nosso na Monarchia.

Afastei-me, afinal, desilludido com a inefficacia da nossa interferencia: por um lado, os nossos conselhos eram recebidos com suspeição, mesmo por aquelles a quem mais auxiliavamos; por outro lado, nos sentiamos impotentes para lutar contra a indisciplina de origem na Republica, instrumento dos odios, ambições e tyrannia dos seus adeptos.

Está feita a experiencia da forma republicana entre nós; o patriotismo impõe-nos hoje o dever de pugarmos pela restauração da Monarchia, como a unica esperança de liberdade, engrandecimento e integridade do Brasil.

Com estas minhas ligeiras ponderações, tenho o intuito de resalvar a posição assumida pelos adeptos do antigo regimen neste Estado, e, ao mesmo tempo, apoiar o apello patriótico contido no final do vosso editorial de hoje.

Recolheu-se então o eminente paulista á vida privada, onde manteve, sem quebra, o seu compromisso: apesar das insistentes solicitações do sr. Campos Salles, ministro da Justiça, e de outros chefes republicanos, não acceitou a inclusão do seu nome na chapa official de candidatos ao Congresso Constituinte.

O dr. Augusto Queiroz repelliu, com hombridade e desprendimento, todas as propostas nesse sentido, entendendo que só aos republicanos da propaganda, responsaveis pela revolução, competia organizar a Constituição da Republica.

Julgava desairoso acceitar e disputar essas posições, embora offerrecidas pelos pro-homens de então.

Semelhante attitudo, tão natural, de resto, num homem da enfiatura moral do dr. Augusto Queiroz, contrasta singularmente com a conducta dos politicos do antigo regimen que, salvo honrosas exceções, correram pressurosos ao primeiro aceno do governo republicano.

No numero desses abyssinios de nova especie, que voltavam as costas para o sol que descambava no occaso e saudavam de rastros o sol que emergia, não estava o dr. Augusto Queiroz, pois seus sentimentos nobres de coherencia e de brio não abdicavam deante das posições lucrativas e nem a sua lealdade admittia tão vergonhosa deserção.

Nunca o pudor e a dignidade andaram tão de rastros como nesses dias, em que assistimos, com uma sensação que oscillava entre a piedade e o nojo, ao desmoronamento de tantos caracteres escravizados á ambição e aos mais inconfessaveis interesses.

Quando mais tarde, em virtude de modificação politica operada aqui, como nos outros Estados, facto que, recente ainda, deve estar na memoria de todos, assumiu o governo de S. Paulo o dr. Americo Brasi-



liense, o dr. Augusto Queiroz, vivamente instado por elle, entendeu que não havia mal em transgír um pouco com as suas convicções monarchicas, prestando franco e leal apoio ao seu governo. Foi eleito senador estadual e neste posto se houve sempre com o criterio que o distinguira outr'ora na assembléa provincial, tomando parte activa nos debates e fazendo parte de varias commissões.

Bem cedo, porém, desgostoso e desilludido da Republica e dos que a dirigiam, teve de retrahir-se de novo á vida particular, declarando-se francamente monarchista, convicção que manteve até á morte.

« Acreditava — escreveu o *Estado* — sinceramente na restauração e não occultava a ninguém o enthusiasmo com que a acolheria. »

Logo depois de ter resignado o poder o marechal Deodoro, no inicio do governo reaccionario do marechal Floriano, foi, como se sabe, arbitrariamente dissolvido o Congresso Paulista. Então, em vista de certos factos que presenciara e que não estavam de accordo com a sua indole leal e honesta, resolveu romper a sua curta alliança com os republicanos, tornando-se mais firme ainda nas suas crenças monarchicas.

Durante o agitado periodo da revolta de 6 de setembro, esteve elle na Europa, onde fora descançar das fadigas de uma vida toda de actividade e porventura retemperar no Velho Mundo o seu organismo combatido por tantas luctas.

Data do seu regresso o periodo de sua maior actividade politica. Tratou da fundação de um partido francamente monarchista que concorresse ás urnas, luctando, dentro da lei, pela imprensa, pela propaganda activa, pela tribuna, nos comicios e nos congressos legislativos.

A primeira reunião desse partido, effectuada na residencia do dr. Augusto Queiroz, foi violentamente dissolvida por ordem do então presidente do Estado, sr. Campos Salles.

Por essa mesma época, era empastellada e comple-

tamente destruida a typographia d'*O Commercio de São Paulo*, organo do partido monarchista nesta capital, por uma horda de selvagens, tomando parte nesse acto de vandalismo, consummado ás barbas do governo e da policia de S. Paulo, officiaes e praças da força publica.

E a população da capital assistiu assim, attonita, a dois grandes attentados á liberdade do pensamento: — á dissolução, *manu militari*, de uma assembléa pacifica e á destruição de um jornal, — tudo isto feito com o consentimento ostensivo do governo do Estado.

O dr. Augusto Queiroz contribuiu sempre com um grande contingente, não só de esforços, como pecuniariamente, para a manutenção da imprensa monarchista no Estado.

Foi, com o dr. Eduardo Prado e alguns outros, a alma d'*O Commercio de São Paulo*, que (diz o dr. Miranda de Azevedo, num magistral estudo sobre a individualidade do grande morto, que me tem servido de guia nestas linhas) — « na sua ultima phase politica, se não lhe deve de todo a existencia, com certeza recebeu dellic e dos seus a parte principal, conforme testemunho de seus correligionarios. »

Sentindo-se cada vez mais alquebrado, partiu de novo para essa douda Allemanha, em cujo meio culto se fez a formação do seu espirito e do seu caracter.

Alli a sua molestia se aggravou cada vez mais e a 25 de fevereiro de 1900 vinha-nos de Francfort a noticia de sua morte, que commovidamente o relembramos — abriu no coração dos seus amigos o fundo sulco de dor e de lucto que sempre nos deixam as grandes perdas irremediaveis.

S. Paulo, agosto de 1906.

Honorio Guimarães

Opinião de Joaquim Nabuco sobre Saldanha da Gama

Da entrevista que o dr. Luiz de Castro, redactor da *Gazeta de Noticias*, teve com o sr. Joaquim Nabuco sobre Saldanha da Gama, extrahimos este trecho:

— Qual a sua opinião sobre os meritos de Saldanha como homem de guerra?

— Não posso emitir juizo competente sobre a capacidade militar de Saldanha da Gama, mas a opinião corrente na marinha é que elle era o mais brilhante dos nossos officiaes superiores, o que mais qualidades de primeira ordem reunia para o commando. O que me parece é que elle não era um homem á moda do general Gordon, — cuja morte lembra a dellic, — capaz de tirar o maximo partido de quaesquer tropas que lhe

desscm; era um homem feito para commandar tropas disciplinadas; era um general para uma especie de guerra, a guerra estrangeira. A sua bravura e o seu cavalheirismo, a elegancia e gentileza da sua maneira e a suavidade do seu caracter, o desprendimento de todos os seus motivos de conducta e a rectidão e altivez de sua attitudo, a sua lealdade á classe de que era ornamento, a cloquencia que lhe era natural, a alta cultura do seu espirito, o apuro europeu de sua correção militar, tudo o predestinava a um grande papel em nossa marinha, quando passasse o seu actual eclipse.

Combate de Campo Osorio

DA carta intima de um official de marinha, dirigida a seu pae residente no Rio, e cuja leitura foi obsequiosamente confiada á *Gazeta de Noticias*, extrahiu esta os seguintes topicos, com relação ao combate de Campo Osorio e á morte de Saldanha:

« ... Achava-se este (Saldanha), com uma força de

400 homens, acampado no *Rincão de Artigas, Campos dos Osorios*, quando o piquete de guarda veiu communicar a presença do inimigo, forte de 1.000 homens.

Como sempre, o valoroso mestre, consciente do seu valor e da dedicação dos seus commandados, resolveu



aceitar o combate, embora a desproporção nos fosse muí contraria, e para logo as precauções necessarias foram tomadas com aquella habilidade costumada e com o golpe de vista de aguia, que sempre caracterisava a nossa santa reliquia.

A acção começou ás 10 horas da manhã, estando a infantaria, composta do batalhão de marinha, entrincheirada, protegida pelo batalhão de franco-atiradores, tambem de marinha, ficando nos flancos direito e esquerdo os lanceiros, protegidos por esquadrons de carabinieri. O fogo vivo, sustentado de lado a lado, durante mais de duas horas, já tinha causado innumeras baixas no inimigo, que, em formatura de quadrado, offercia alvo grande, estando a nossa força livre de ver correr o sangue dos companheiros.

O entusiasmo era grande; a victoria já pendia para o nosso lado, e em toda parte se via a figura majestosa do mestre idolatrado, que providenciava sobre as menores cousas, com uma calma assombrosa, quando a agitação enorme faz desprender, sem ordem, um grupo de 14 destemidos lanceiros, para atropellarem a massa compacta da infantaria contraria; o resultado não se fez esperar: os lanceiros foram repellidos e na retirada, em lugar de emprehenderem a para os flancos, o fizeram sobre a linha de atiradores, mas já de envolta com os lanceiros inimigos.

Então, trava-se a lucta corpo a corpo dentro das

trincheiras; o numero sobrepuja o valor e a confusão, reinando em nossas fileiras, nos traz a derrota. A nossa cavallaria resiste ainda por momentos, contém o primeiro impeto, mas logo depois cede e retira-se em pouca ordem, ficando o querido mestre luctando só com a força de marinha.

A lucta era desigual, o numero seis vezes superior ao heroico contingente da extinguida marinha esmaga a bravura e faz perecer a fina flôr do elemento mais puro do militarismo. Ninguem foge e todos á porfia disputam a morte! O caro mestre é ferido primeiramente de bala, cambaleia no cavallo, lucta ainda, é lanceado, cai do cavallo, saca o revólver e lucta ainda, até morrer de baixo de uma espaldeirada enorme, e com elle ficam tambem 12 officiaes, seus discipulos, e todo ou quasi todo o pessoal marinheiro! Eis como deixou de existir a figura mais sympathica da actualidade politica da nossa desgraçada patria, meu inolvidavel e carissimo mestre, generoso amigo e abnegado protector!

Meu estimado pae, amo muito aos meus, mas dava como bem empregado o ter tambem ficado lá ao lado do mestre, servindo de pasto aos corvos. Póde ser fanatismo, seja tudo o que quizerem, mas perdi o meu segundo pae, e a dôr que sinto dilacera-me a alma.

Pobre mestre! a patria não merecia, neste momento, tão grande sacrificio. Oxalá produza esse sangue nobre a paz que elle tanto desejou.»

O ALMIRANTE SALDANHA



O almirante Saldanha da Gama disse *O País*: « Foi sempre um bravo; um inimigo com qualidades nobres de coraçaõ e virtudes notaveis de guerreiro. » Ainda ha bem pouco tempo, o almirante era para esse jornal um covarde, um fujão e outras cousas igualmente insultuosas que a nossa pena se envergonha de reproduzir nestas columnas. São sempre assim os orgãos exclusivistas, as opiniões apaixonadas, que, esquecendo a função que o jornalismo deve representar numa nação civilisada, se desentranham em accusações aleivosas, songam as virtudes mais raras e mais puras, para ferirem os grandes homens, na sua honra, no seu prestigio, na sua força e na sua bravura.

Digam o que disserem, pensem como pensarem, o almirante Saldanha da Gama era o espirito mais culto, a intelligencia mais seductora, a educação mais fina, mais lapidada, mais artistica da nossa marinha. Reunia a graça da phrase á elevação da idéa, o burilamento da palavra á verve, a solfa mais deliciosamente harmoniosa que já ouvimos em labios de homem.

Com que precisão, com que naturalidade, o illustre almirante se remontava aos assumptos de philosophia e de arte e descrevia as suas viagens, as suas impressões recebidas em todas as partes do mundo, já pela observação directa dos factos, provocada pela natureza especifica e particular a cada civilisação, já pela leitura dos livros notaveis dos poetas mais apreciados, dos historiadores mais profundos, dos sociologistas mais universalmente conhecidos, como Spencer, como Stuart Mill, como Roberty, como Letourneau, como Lefevre. Defluia daquelle espirito como para um largo estuario a eloquencia mais arrebatadora que temos conhecido. O *causeur* delicadissimo, na mais expressiva significa-

ção desse vocabulo, não coloria, como elle, de imagens vivas, quentes e humanas, a sua palavra, que tomava todos os tons, segundo o assumpto, o idioma, o povo, a raça. Era uma combinação auroral de nuvens e raios, de orvalhada de estio e de trinadoes de aves o estylo encantador daquelle erudito, daquelle grande homem que o Brasil acaba de perder para sempre.

Delle disse José do Patrocínio: « Era um typo como os contemporaneos de Benevenuto Cellini, tão seductores no salão como intrepidos na lucta, tão namorados da vida elegante como dos louros do combate. »

Era uma figura realmente da Renascença, com todos os enthusiasmos do gentil-homem e todas as prosapias cavalleirescas de quem se julgava orgulhoso e heroico rebento de Vasco da Gama. O almirante Saldanha podia exclamar, no momento em que numerosos inimigos lhe crivavam o corpo de lanças, como o intrepido e lendário guerreiro hespanhol, com o mesmo enthusiasmo e o mesmo heroismo:

Que je meure au combat, ou meure de tristesse, je rendrai mon sang pur comme je le reçus.

Se um dia fomos arrastados aos azarcs de uma guerra com o estrangeiro, então todos os brasileiros, os que o insultaram hontem e profanaram o seu cadaver hoje; que achincalharam da sua memoria e desrespeitaram a sua gloriosa farda; os que o veneram, que amam a sua tradição de valor e de patriotismo; que collocam o seu nome á altura do dos maiores homens do Brasil e que o cercam de uma apothese de respeito, de amor e de gratidão; todos, sem exceptuar um só dos jacobinos da actualidade, verão como foi grande a perda que soffremos e impreconchivel o espaço que a morte deste illustre almirante deixou na marinha brasileira.



No dia 9 de novembro, fomos apresentados, por carta, ao almirante Saldanha pelo almirante Custodio de Mello. Este desejava que nos collocassemos ao lado do governo revolucionario de Santa Catharina e guiassemos o seu chefe, que já naquelle momento iniciava uma politica que contrastava singularmente com o pensamento politico do chefe da revolução.

Para que pudessemos embarcar para Buenos-Aires e dahi para o Desterro, era mister que o almirante Saldanha nos fornecesse os meios de embarque.

Depois da leitura da carta do almirante Custodio de Mello, o almirante Saldanha da Gama acolheu-nos com as maiores sympathias, com todo o cavalheirismo, emfim, de que a sua fina educação era capaz, tanto mais quanto o nosso nome não lhe era desconhecido.

S. exa. não nos deixou partir para bordo do *Aquidaban* nesse dia.

Conversámos largamente, desde as 4 horas da tarde até ás 11 ^{1/2}, na noite, quando a attenção de s. exa. foi solicitada por um tiroteio travado em um dos pontos da bahia do Rio de Janeiro.

Faz-se necessario um esclarecimento. O almirante dormia muito pouco, e, ao menor movimento, levantava-se e ia em pessoa examinar as posições do inimigo, transmitir as suas ordens e acautelar os navios surtos na bahia. Ainda não vimos tanta actividade, tanta calma e tanta bravura. Notem que isto tudo se passava quando ainda permanecia no Rio de Janeiro o almirante Custodio de Mello, isto é, durante o periodo da neutralidade. Quando s. exa. assumia francamente o commando em chefe da esquadra em operações na bahia, já estavamos em Buenos-Aires á espera de um paquete que nos transportasse para Santa Catharina.

Durante o jantar, questionámo-lo sobre varios assumptos literarios, artisticos, philosophicos e sobre o que lhe era mais familiar — a historia da marinha de todas as nações, desde o seu periodo rudimentar até ao alto desenvolvimento a que attingiu, com os progressos da sciencia neste seculo.

Surprehendeu-nos profundamente a eloquencia do almirante, a variada illustração de que dispunha e, sobretudo, a perieita orientação a que obedecia o seu espirito, em materia de literatura. Conhecia todos os poetas antigos, citava Shakespeare e Dante, a cada passo, com toda a oportunidade, na lingua em que foram escriptas essas obras primas do espirito humano. Não havia um só dos poetas contemporaneos da França, da Inglaterra, da Allemanha ou da Russia, da Italia ou da Hespanha, de Portugal ou do Brasil que s. exa. não houvesse lido e não sublinhasse com uma palavra de critica, fosse ella de enthusiasmo ou de desabono para o escriptor.

Dizendo-lhe eu que estava assombrado realmente de tanta erudição litteraria, s. exa. retorquiu:

— Os homens do mar, illustre doutor, amam, de quando em quando, surprehender o surto ás aguias, nessas regiões altissimas, onde se esvaece a imaginação dos fracos e se opulenta a grandeza dos genios.

E sobre a imaginação affirmou, com enthusiasmo: — A imaginação é propria dos homens de uma fina educação e de algum saber. Sem ella os monumentos que admiramos e os progressos que o mundo se orgulha de haver conquistado atravez dos seculos seriam um sonho vago e mysterioso, perdido nos meandros do nosso espirito ou nos desalentos da nossa razão impotente.

LUIZ MURAT

O CADAVER DO ALMIRANTE SALDANHA

DO *Canabarro*, de Rivera:

« Confirmada a noticia do ataque do dia 24 e consequentemente a da morte do bravo almirante Luiz Felipe de Saldanha da Gama, circulou ainda o boato de que seu cadaver seria transportado para Sant'Anna do Livramento, onde pretendiam enterralo os representantes do governo castilhistas.

Esta medida, adoptada por individuos que acabavam de festejar com as mais revoltantes manifestações de regosio official a morte de um dos mais eminentes brasileiros, despertou entre os correligionarios do illustre morto a idéa da requisição de seus sagrados despojos, para que a inhumação tivesse logar aqui em Rivera, na presença de todos aquelles que não tripudiarão, que não beberam pelo desapparecimento daquelle homem excepcional, typo cavalheiresco e honra da patria.

Um requerimento que neste sentido foi enviado ao sr. tenente-coronel Francisco de Paula Castro, commandante da guarnição de Sant'Anna, pelo sr. Mario Saldanha, sobrinho do almirante fallecido, foi o primeiro passo que se deu para a realisação desse objectivo tão humano quanto ardentemente desejado pelos que, revoltados pelo procedimento inqualificavel da guarnição militar do Livramento, temiam ver profanados os restos mortaes do immortal almirante, chefe dos revolucionarios rio-grandenses.

O intendente municipal de Sant'Anna, dr. Moysés Vianna, *dignou-se* vir a Rivera e declarar que estava prompto para satisfazer aos justos desejos do sr. Mario Saldanha: que o general Hyppolito mandára *enterrar o almirante Saldanha da Gama com todas as honras militares*, mas que para o transporte do cadaver seria agora necessario um caixão de zinco.

Mais tarde appareceu tambem em Rivera o sr. tenente-coronel Paula Castro, declarando que o corpo do almirante ESTAVA INSEPULTO e que, conforme as ordens que já havia recebido, achava-se disposto para auxiliar em que lhe fosse possivel o transporte e entrega do corpo requerido. O sr. tenente-coronel Paula Castro pediu nesta occasião ao sobrinho do almirante que em seu nome respondesse a um telegramma do sr. dr. Sebastião da Gama, pois elle não tivera ainda tempo de o fazer... s. s. havia passado a noite bailando em sua residencia, onde se festejou, com a mais alegre e deshumana desenvoltura, o passamento universalmente sentido do intrepido militar.

Coincidiam com esses primeiros passos caminhados no sentido de rehavermos os despojos do nosso heroico chefe, as mais terriveis versões sobre o destino que lhes deu o general Hyppolito, por insinuações do intendente Moysés; coincidiam tambem com o aviso que recebeu o sr. Mario Saldanha para que cessasse sua generosa intervenção neste assumpto, que passava desde então para a competencia de uma commissão organizada em Montevideo, com o fim de encarregar-se de todos os serviços necessarios para que lhe fosse entreguo o cadaver do almirante e remettido para a capital da Republica Brasileira, para cujo effeito já recebera a precisa auctorisação do governo central.

Os membros desta commissão, srs. Ramon Silveira, Lourenço de Carvalho, Francisco Secco e dr. Carlos Laudares, acompanhados de muitos officiaes de marinha, actualmente residentes em Montevideo, chegaram a Rivera no dia 29, á tarde, em trem expresso, conduzindo o caixão de zinco que devia receber, tal como ainda



se achasse, o corpo, que já sabíamos estar horrivelmente mutilado, do digno almirante Saldanha da Gama.

A comissão seguiu immediatamente para Sant'Anna do Livramento, onde apresentou aos srs. Moysés Vianna e Paula Castro os documentos que a acreditavam como delegados do dr. Sebastião da Gama; ficando apenas resolvido nesta ocasião que, para se effectuar a entrega solicitada, o sr. Moysés entender-se-ia directamente com o general Hyppolito Ribeiro, *porque s. s. não delegaria nem em seu proprio pae os poderes que tinha para tornar effectiva a ordem que recebera nesse sentido e que por preço nenhum iria ao logar do combate.*

No dia seguinte, o referido dr. Moysés Vianna mandou uma carta ao presidente da comissão, declarando que havia mandado uma outra ao general Hyppolito Ribeiro, na qual podia que fizesse ou mandasse fazer entrega do cadaver do almirante Saldanha da Gama e *quatro ou seis horas depois* remetia pelo cidadão Antonio Carlos Martins ao mesmo presidente uma nova carta assignando pelo general Hyppolito, como contestação da que lhe fóra enviada e na qual lhe dizia que, por falta de cavallos, não podia despende forças em cumprimento daquella ordem, mas que sempre mandaria um piquete ao sitio do ataque effectuar á comissão a entrega do corpo que solicitava.

No dia 1.º, a comissão conferenciou de novo com o intendente Moysés, pedindo-lhe que designasse dia e hora para que no logar dos successos pudesse ella receber os despojos que viera buscar para serem restituídos á familia e á patria. A' noite, o intendente designou o dia seguinte, ao meio-dia! Uma cousa quasi impossivel e que revelava a má vontade e a má fé com que se desenvolvia neste assumpto o chefe dos castilhistas em Sant'Anna do Livramento. Mas os dignos e benemeritos membros da comissão, no cumprimento dos deveres sagrados de que estavam investidos, não desanimaram e nesta mesma noite seguiram pelo Estado Oriental para o sinistro Rincão de Artigas, posto dos Osorios, onde eclipsou-se para sempre o astro mais brilhante da marinha de guerra do Brasil.

No dia 2, ás 11 horas da manhã, uma hora antes do momento assignado pelo já citado intendente, achavam-se no campo do combate do dia 24 aquelles infatigaveis companheiros, que tão acertadamente foram honrados com a confiança da familia do immortal almirante.

A comissão não encontrou absolutamente ninguém com quem tratar; estava em presença de cadaveres insepultos, covardemente mutilados, horrivelmente expostos á voracidade dos corvos negros e famintos, que num adejar ruidoso receberam irados os perturbadores de seu nefando festim.

Foram examinados todos os corpos alli existentes: a putrefacção dos cadaveres, o cheiro insupportavel que dellos se desprendia, não impediu que a comissão procurasse minuciosamente descobrir entre todos elles aquelle que fóra alli buscar, convencida já de que não havia de encontrá-lo, como effectivamente não encontrou, mas fazendo levantar uma acta de todas as investigações que foram realisadas no sinistro local.

O cadaver do almirante Saldanha da Gama não foi encontrado; as ordens do governo central da Republica foram burladas pelos seus delegados, no Livramento, o que faz acreditar que são verdadeiras as noticias da mutilação do cadaver e da fogueira que o consumiu.

Procuraremos, citando nomes, dar uma idéa das varias noticias que tivemos áquelle respeito, enumerando os factos que parecem levar-nos á consequencia evi-

dente de que foram reduzidos a cinzas os restos materiaes do immortal almirante, afim de evitar-se que, tal como fóra abandonado pelo infame João Francisco, apparecesse aos olhos da comissão encarregada de recebê-lo, o que scria mostral-o ao mundo inteiro como o mais irrecusavel testemunho do modo deshumano com que nos faz a guerra o tyranno Julio de Castilhos.

Na noite de 26, chegou em Sant'Anna do Livramento, conduzindo os feridos governistas, o *tenente* Barnabé Ramos, a quem o sr. Moysés Vianna interrogou sobre o cadaver do almirante.

O tenente respondeu-lhe que onde se achavam não era logar proprio para se falar nessas cousas.

O dr. Moysés Vianna declarou ao sr. Mario Saldanha que o *corpo tinha sido enterrado com todas as honras militares* e o sr. Paula Castro diz ao mesmo sr. Mario que o *corpo estava insepulto*. O sr. Moysés pede um caixão de zinco para o transporte do cadaver e ao mesmo tempo pede cavallos gordos ao cidadão Antonio Tomazzi para mandar apressadamente ao acampamento do general Hyppolito...

De tudo isto e das outras revelações que já publicamos, se deduz que o dr. Moysés mentia como um vilão, que s. s. procedia com má fé e que seus intentos era ganhar tempo para que fossem cumpridas suas ordens no sentido de fazer desapparecer para sempre os despojos que se buscavam.

O capitão medico da guarnição do Sant'Anna, dr. Irineu Catão Mazza, declarou aqui em Rivera que viu o *cadaver do almirante, ferido debaixo do queixo*, ferimento que lhe deu a morte; o coronel medico chefe do corpo de saúde da divisão do general Hyppolito, dr. Agostinho da Silva Campos, declarou tambem na cidade do Livramento que o *cadaver estava em logar tão feio, que elle não se animava a pôr lá os pés*. Este mesmo doutor conta que dos bolsos das calças do almirante tirou uma medida metrica com a qual lhe mediou o corpo, que tinha 1 metro e 60 centimetros.

Ninguém mais duvida: o almirante Saldanha da Gama morreu heroicamente, mas os seus implacaveis inimigos degollaram-no, castraram-no, furaram-lhe os olhos, cortaram-lhe as orelhas, cmbeberam com vezes as lanças e as espadas no cadaver do almirante, que oi, afinal, queimado e reduzido a cinzas!

Era demasiadamente nobre e glorioso para occupar um logar na terra onde impera a vontade despótica de Julio de Castilhos.

SALDANHA DA GAMA

Ultraje á civilização

ERA previsto, desgraçadamente previsto. O nosso correspondente de Montevidéo, transmitindo-nos a opinião corrente naquella civilizada capital, annunciara que o corpo do contra-almirante Saldanha da Gama « não seria encontrado », euphemismo que, na sua apparencia decente, denunciava o acto selvatico da sequestração do cadaver á sepultura que a sociedade não recusa aos justicados. O facto está agora confirmado.

Ficou insepulto, pasto dos carneiros, o corpo de um brasileiro que, mesmo no seu erro, não esquecerá



os sentimentos e a nobreza da alma e as virtudes que o haviam na vida anterior tornado benemerente á patria. Os seus restos não terão para cobri-los, no descanso eterno, a terra da patria que elle tanto servira e nem a piedade dos seus foi licito dar-lhe o derradeiro jazigo.

A ordem do sr. presidente da Republica não pôde ser cumprida, porque os seus subordinados legaes, que têm a responsabilidade do mando das forças federacs, instrumentos da lei, são desobedecidos pela auctoridade dos chefes de bandos que só obedecem ao presidente do Rio Grande do Sul.

A auctoridade do primeiro magistrado da União não chegou áquelles bandos que, por antithese affrontosa, alli são denominados -- patriotas.

Não retaliamos; em vão procuraríamos retaliar contra os factos que ahí estão em todo o peso de toda sua hediondez.

Não é o sentimento da indignação pela justiça ultrajada, pela lei conculcada, pela humanidade desrespeitada que inspira estas linhas; não é um protesto pelo insulto á patria; temos assistido á impunidade de tantos crimes, temos ouvido tanto clamar benemerencia por attentados horriveis, que a indignação, out'ora vibrante por factos somenos, se nos vai embotando. E' o nosso patriotismo que se confrange ainda no estertor do derradeiro aviltamento, que nos angustia, no aniquillamento da nossa civilisação. Tem-se-nos levado os bens, tem-se malbaratado a fortuna nacional em explorações sem conta e sem pudor, expiamos grandes erros nas amarguras do nosso credito nacional, out'ora tão estimado, mas parecia-nos poder esperar que a civilisação do povo brasileiro se mantivesse immaculada em tantos infortunios, Nem isso. Fizeram-nos descer na escala da civilisação, pois no Rio Grande do Sul já não se conhece aquelle decoro que distingue o homem do bruto, o civilisado do selvagem.

Os prepostos do sr. dr. Julio de Castilhos, illudindo, escarnecendo da ordem: do sr. presidente da Republica, recusaram sepultura humana ao corpo de um dos brasileiros que pereceram no combate de Campo Osorio, mutilaram, despedaçaram um cadaver na fúria daquellas vinganças que só viram os nossos campos e as nossas florestas, quando nellas dominavam as tribus selvagens. Os cannibacs ceavam-se nos corpos dos inimigos cahidos sob as suas armas; a gente civilisada respeita-os.

Ficamos em sentimentos humanitarios abaixo dos africanos barbaros. Os zulús entregaram o corpo do principe Napoleão á piedade materna; os bandos do presidente do Rio-Grande do Sul recusaram sepultura ao cadaver de um brasileiro, de um seu concidadão, ainda que adversario politico.

Que patriotismo é esse, gerador de odios que não param no tumulto? Que causa é essa que impõe a profanação dos despojos humanos do vencido e os manda devarar na vingança selvatica do incola?

Aquella gloriosa terra rio-grandense, berço de tantos heróes, teria sido por tal fórma subvertida, que perdesse os ultimos vestigios da civilisação, que a engrandecia e de que se ufanavam os seus valentes filhos?!

Não é em nossa terra nem em nosso seculo que encontraremos o « simile » do estado bestial da barbaria que se apascenta de cadaveres e nem na Grecia barbara achamos outro exemplo que não seja o de Achilles entregando o corpo de Heitor ao pae doloroso. E' sómente nas neग्रuras estriadas de sangue das historias das gentes as mais barbaras, que lobrigamos vandalo feroz espalhando cadaveres em roda das muralhas de

Hipponc, para forçar os defensores da civilisação a renderem-se pela infecção da podridão humana.

No Rio-Grande do Sul querem os guerreiros do presidente positivista a rendição dos contrarios por esse methodo vandálico. Alli os corpos dos vencidos, depois de mutilados, devem ser pasto dos vencedores e trophéos justificativos dos seus soldados. Os bandos do presidente do Rio Grande levam aos campos de batalha o offacto de Vitellio. Não sentem o que os outros homens sentem.

E são brasileiros os vencidos e são brasileiros os vencedores que sequestram cadaveres, quando não vão desenterral-os para insultar os despojos do adversario subido á justiça do seu Creator.

Não é um brado de indignação, não é um grito de revolta; a força abafou-os todos; é um gemido de dôr que brasileiros soltamos ante essa humilhação da nossa nacionalidade. Puzeram-nos abaixo dos zulús no respeito á morte.

Seja esta a derradeira provação daquella guerra selvatica, sejam as victimas do combate do Campo Osorio as ultimas que de um e outro lado expiem os seus e os nossos erros, e que a energia e o grande patriotismo do sr. presidente da Republica ponham quanto antes termo a essa guerra que nos afironta com taes horrores, restabelecendo a tranquillidade do infeliz Estado do Rio-Grande do Sul.

E' preciso que esse Estado volte á civilisação do que os seus pretensos chefes o fizeram sahir.

(Do *Jornal do Commercio*)



A situação do Sul

Ainda o combate de Campo Osorio — Os salvos e os mortos — Misérias e generosidades — Scenas tristissimas — As forças em acção — As exequias de Saldanha no Salto — João Francisco e os seus — Os actos sanguinolentos dos federalistas — O que havia nos bolsos de Saldanha.

Escreve ao *Jornal do Brasil* o seu correspondente especial da fronteira do Sul:

1

SALTO, 2 de julho. — A's noticias que lhes tenho mandado, pouco mais tenho a acrescentar em relação ao combate.

Hoje chegaram aqui os seguintes officiaes, que amanhã seguem para Montevideo, uns, o Buenos-Aires, outros:

Augusto Carlos de Souza e Silva, Roque Ribeiro, Augusto Monteiro de Barros, que vem enfermo da garganta e que segue para a Europa; guarda-marinha commissario Barreto, Muniz da Silva, Antonio Lamare, ferido em um pé, Octacilio Lima, Oscar Campos, Nunes de Souza, Conrado Heck, piloto Marques, machinista Augusto Ribeiro Junior, ferido em um braço, e Francisco José de Araujo Gomes.

Vêm todos rotos, miseravelmente vestidos, sem recursos de qualidade alguma. Para os dois feridos, eu mesmo fui pedir ao pharmaceutico Duclos os necessarios medicamentos e este cavalheiro, generosamente, sem a menor retribuição, forneceu o necessario. Nenhum delles havia recebido ainda curativo algum.

(Continúa)



Supplemento do "Album Imperial"

ANNO I

CHRONICAS E NOTICIAS

NUMERO 17

Album Imperial



O *Album Imperial* publica-se regularmente nos dias 5 e 20 de cada mez, trazendo no minimo dezeseis paginas de texto.

Rogamos aos srs. assignantes do interior ao Estado, que ainda não pagaram a importancia de sua assignatura, que nol-a remetam pelo correio, em vale postal, descontando a despesa do porte e registro.

Cardeal Arcoverde

Acha-se á venda no nosso escriptorio o retrato, em trichromia, do Cardeal Arcoverde, egual ao que acompanha o n. 13 do *Album Imperial*.

Preço, quinhentos réis cada um, fazendo-se grande abatimento aos revendedores.

Um artigo do sr. Rodrigues Alves

O PRESIDENTE DA REPUBLICA EM 1870

A TITULO de curiosidade, reproduzimos o artigo que o então quinto anista de Direito, Francisco de Paula Rodrigues Alves, publicou na *Opinião Conservadora*, de 7 de setembro de 1870:

SETE DE SETEMBRO

E' hoje o dia das grandes expansões dos corações patriotas. Enlevada nos doces anceios de uma bella recordação historica, traja a nação galas esplendidas.

Ha quasi meio sculo, entregue as incertezas de uma vida de sujeição, levantou o Brasil o seu brado de independencia e sacudiu o jugo que o prendia á metropole.

Recebendo o baptismo de nação, a colonia, ennobrecida pelo entusiasmo ardente do povo, ergueu-se a uma altura immensa e mostrou ao mundo o que vale a consciencia de uma multidão que tem sonhos de grandezas, como amor ao solo em que nasceu.

Sete de setembro de 1822 é o orgulhoso vestibulo que protege o soberbo templo de Cabral. Ahi se encontra a primeira pagina de nossa existencia politica.

E que pagina sublime! Nas luctas de independencia, raro é que o espirito de paz supplante o ardor e a vehemencia dos opprimidos, raro é que nas energicas manifestações do espirito de independencia não appareça o rastro do sangue para manchar o esplendor da victoria.

A nossa independencia, graças ás bençams do céu, não tem sangue nem lagrimas que lhe embaciem os fulgores; é uma grande felicidade que nos acalentou no berço, pronunciao seguro de uma paz duradora no futuro.

Correm os tempos; e, bendizendo os feitos dos nossos maiores, não deixaremos de falar a linguagem que sempre nos anima.

Carlos de Laet

Os amigos monarchistas do dr. Carlos de Laet prezaram-lhe, para 6 de outubro, dia do seu anniversario natalicio, uma manifestação de apreço, pelos serviços prestados pelo illustre escriptor á causa do partido.

POETAS PORTUGUEZES

São do distincto poeta Sebastião Pereira da Cunha estas duas formosas quadras, sob o titulo:

CAMÕES E JOÃO DE DEUS

Contraste singular: Camões agonizante,
Ao vêr que a nossa gloria ao longe se
Fita Aleacer Kibir e exclama neste instante:
Morro no menos contigo, oh! patria, oh!
[patria minha!]

Agora João do Deus, seu successor e
herdeiro,
Ao vêr a nossa gloria em Africa implantada,
Bem podia dizer no instante derradeiro:
Tu vives quando eu morro, oh! patria, oh!
[oh! patria amada!]

Entrou para o prelo o *Almanach d'Oeste*, para 1907, organizado pelo sr. Guilherme Votta, residente em Jaticabal.

A util publicação já está no 4.º anno de existencia.

Feliz a nação que tem como a nossa tão bellos titulos de grandeza, tão seductores elementos de prosperidade futura!

Sete de setembro, collocando o Brasil no soberbo pedestal das nacionalidades independentes e livres, interpretou com sabedoria os mais nobres sentimentos da nação, plantando neste paiz o festejado regimen da monarchia democratica.

E o dizemos com orgulho: a nossa educação, os nossos habitos, o genio do povo não toleravam, nem toleram, outra forma de governo, que não seja a sagrada no Ypiranga, aos gritos entusiastas da nossa independencia.

A Monarchia no Brasil, equilibrada pelo elemento democratico, como é dogma do nosso Pacto Fundamental, — é não só o ideal dos espiritos sensatos, como a mais bella realidade nos tempos actuaes.

Os rumores republicanos tentam apagar as crenças tradicionais do povo, e o povo sorri ás tentativas illusorias desse grupo e conserva no mais religioso respeito a grande idéa inaugurada ha 48 annos pelo illustre fundador do nosso Imperio.

Saudar o grande dia de nossa independencia, é erguer saudações á idéa monarchica, bellamente realisada nesta porção da America: é saudar, em santos extremecimentos de um patriotismo puro, as bellas instituições livres que regem esta vasta nação.

Em que pese aos devaneios de espiritos inflamados na idéa radical, é sob essa face que saudamos o dia de nossa independencia: e o fazemos com toda a força e energia de nossas crenças, inspiradas nas lições da historia e nos modernos exemplos das nações cultas.

E' á sombra destas idéas, destas instituições que nos regem — que o Brasil tem avançado tanto em grandeza e prosperidade — e ha de caminhar a um futuro, que se desenha com as côres mais pronunciadas de um engrandecimento soberbo.

E' livre e grande um paiz que tem em suas leis fundamentaes a maior liberdade possivel e a maior garantia para essa liberdade — e o que é mais — o espirito do povo affeito a esse regimen de ordem e liberdade, compenetra-se da belleza das nossas instituições e nellas enxerga o poderoso garante de um futuro de grandezas.

Salve a nossa independencia! e as livres instituições de nossa terra! Orgulho dos nossos antepassados, não de ser ellas o orgulho dos nossos vindouros.

E hoje que o Brasil caminha sob a direcção de um partido que quer o respeito o mais ardente á Constituição, — é com o mais intenso jubilo que saudamos o dia de nossa independencia.

Quando se têm boas leis fundamentaes, dominadas pelo espirito moderado de liberdade e democracia — é preciso dobrar esforços para mantel-as, a despeito de todas as exaggeradas pretensões republicanas, que não têm, nem hão de ter a mais ligeira sombra de realidade neste paiz.

E o dia da nossa independencia foi a vespera do apparecimento do nosso Pacto Fundamental, que veio satisfazer as ardentes aspirações de nossa patria.

Depois... tem ella caminhado de progresso em progresso, e tendo á sua frente nos dias actuaes o grande partido constitucional, hão de desaparecer os males da situação que morreu, na abundancia dos beneficios da politica conservadora.

Salve o dia 7 de setembro! Com a alma cheia de nobres e arrojadas esperanças, saudamos as nossas glorias passadas, garantias de nossa felicidade de futuro.

Nem os écos desconcertados dos dissidentes radicaes ousarão perturbar a harmonia desta saudação.

Salve o dia de nossa independencia!

Dissolveu-se em Santos a firma commercial Magalhães & C., com a retirada do socio dr. Bernardino Pinto de Magalhães.

Sucedeu á firma o outro socio, sr.

José de Paiva Magalhães, que continua alli com a agencia de jornaes, á rua Santo Antonio, n. 86, onde se encontra á venda o *Album Imperial*.

Album de autographos

Dos "immortales" da Academia Brasileira



Rio, 28 de setembro de 1901

Ex.^{ma} Amigo e Coll.^a Sr. Dr. Couto de Albuquerque,

Com todo o gosto cumprio a sua determinação, constante da sua estimada carta de 4 d'este mez, enviando-lhe hoje, pela mala do trem nocturno da estrada de ferro de S. Paulo, algumas linhas que, ás pressas, escrevi á cerca do nosso querido amigo e Compatriota Dr. Eduardo Prado.

Pucira me relevar a mesquinhez do trabalho, que, na occasião, não pude fazer melhor. Espero que elle chegue a tempo de ser impresso no "Commercio de S. Paulo."

A sua Ex.^{ma} Senhora e a V. Ex. apresento os attenciosos cumprimentos de minha mulher e os meus. Sempre.

De V. Ex.
Ann.^o e cr.^o obr.
Parão de Lins.

MIRAMAR

(De CARDUCCI)

O' Miramar, ás tuas brancas torres
Chegam as nuvens pelo céo chuvoso,
Cheias de tédio e fuscas, com um voo
De aves sinistras.

O' Miramar, de encontro aos teus granitos,
Surgindo pardas de um turvado pégo,
E com reproches de almas iracundas,
Batem as ondas.

Tristos, á sombra dessas nuvens uniram-se
Nos golphos as turriferas cidades
Muggia e Pizano e Egida e Parenzo,
Gemmas do mar.

E o mar arroja as iras mugidoras
Todas sobre esse bastião de escolhos,
De onde encuras duas vistas de Adria,
Rocha de Hapsburgo.

E o céo tropeja em Nabresina, ao longo
Da costa ferruginea; e lá no fundo
Ergue triste dentro o nimbo a fronte
Relampejante.

Ah! como era sorrisos toda a doce
Manha de abril, em que sahia o louro
Imperador com sua bella esposa
A navegar!

No rosto dello placida raiava
A força varonil do imperio; e os olhos
Ceruleos e soberbos da consorte
No mar andavam.

Adens, castello, p'ra felizes dias
Ninho de amor de balde construido!
Já outra brisa sobre o ermo oceano
Leva os esposos.

Com esperanza ardente, deixam salas
Historiadas de lauréis, gravadas
De sapiencia; em vão falam ao Cesar
O Dante e Goethe

Das animosas mesas: uma esphinge
O attrai com vista mobil sobre as ondas;
Elle cede, e entreaberto deixa o livro
Do romanceiro.

Oh! não ha de acolhel-o um venturoso
Canto de amor, nem toque de guitarras,
Lá nessa Hespanha dos Azteques! Ouves
A longa nenia,

Que vem da triste ponta do Salvore
Os ares, entre um rouco pranto de ondas;
Cantam os mortos vénetos, ou velhas
Fadas istrianas?

Ai! mal sôbes ahi, nesse mar nosso,
Filho do Hapsburgo, á fatal Novara,
Vai contigo a sombria Erinnya e solta
A véla ao ventos.

Vê como a esphinge muda de semblante
Deante de ti, perfida, recuando!
E' contra tua esposa o rosto branco
De Joanna, a louca.

E' a cabeça cortada efzombeteira
De Antonieta. E' com podres olhos
Fixos em ti, hirta, amarella, a cara
De Montezuma.

Entrefos agâves dos immanes bosques,
Que já não mais agita aura benigna,
Eil-o em sua pyramide, em que ardem
Lividas chammãs.

Nas trevas tropicaes esse deus féro,
Heritz'loptli, que o sangue te fareja
E navegando o pelago co'a vista
Ulula: vem!

Queflha muito espero! A feridade branca
Mentreino destruiu, quebrou meus templos;
Vem, ó votada victima, vem, neto,
De Carlos Quinto

Eu não quiz teus avós infames, tábidos,
Ou por furores regios consumidos;
Querias a ti, e colho-te, rebento
Da flor de Hapsburgo,

E aos mones desse grão Guatimozlno,
Que sob o pavilhão do sol reinára,
Te sacrifico, ó puro, ó forte, ó bello
Maximiliano!

ALMENO BAHIENSE

POETAS BRASILEIROS



A PARTIDA

Tenho-a presente, como agora, aquella
Dura noite da triste despedida;
A aragem levemente arrefecida
Da lancha enfuna a desfraldada véla.

Distante, como em fundo de aquarella,
Sóme-se a mansa villa, adormecida.
E a branda luz dos astros reflectida
No rio as aguas límpidas cstrélla.

Scena viva que a mente me descreve,
Dos amigos em grupos pelo cáes
Vozes perpassam num sussurro leve:

Trocam-se as doces expressões finaes...
E, enquanto os labios dizem: até breve,
Os corações murmuram: nunca mais!

SILVA RAMOS



IDA E VOLTA

Quando, saudosa, partiste,
No dorso do mar bravio, —
Sobre a tolda do navio
Vi-te, dolente, a scismar...
No occaso o sol se escondia;
Gemia o mar nos abrolhos,
Chorava a dôr nos teus olhos,
Tudo chorava no lar!...

Era do céu a tristeza,
Era a tristeza do mar,
Vendo o pranto no teu rosto,
Vendo a dôr no teu olhar!

Hoje, — que voltas, contente,
Ao teu sorrir innocente, —
De luz doura-se o arrebol;
Hontem — partias, chorando;
Hoje — sorrindo e cantando,
Beijam-te as fiôres e o sol.

PELINO GUEDES



Bondade materna

Minha mãe! minha mãe! quanta doçura
ha nos teus olhos, cheios de bondade!
Delles flue toda a angelica piedade,
vem delles toda a magica ternura.

Que palavra encontrar mais doce e pura
do que esta que reúne a suavidade
á pureza do amor, e que me invade
o coração, repleto de amargura.

Que divinos conselhos que me davas,
quando, junto de ti, me punha attento,
a ouvir as orações que me ensinavas!

Foram-se, mãe, as minhas alegrias!
No peito só ficou-me o desalento,
na alma a saudade dos primeiros dias!

ANNIBAL AMORIM



Cabellos brancos

Eu preciso crear cabellos brancos,
Romper com as illusões, descreer de tudo...
Falar ao verso, o mais valente escudo,
Que me tomaram na batalha os flancos!

Terçando as armas, fui vencido aos trancos.
Exilado do Amor... do Amor sanhudo!
Não precisa viver — quem vive mudo,
Quem vive mudo — sem cabellos brancos.

Parti. E a véla, sacudindo os mastros:
— Não ha, meu Deus, quem tenha amado tanto!
Responde o Christo pela voz dos astros:

Amei Magdala, percorrendo escombros,
E ao vel-a triste, no Calvario, em pranto,
Cabellos brancos... carreguei nos hombros!

JAYME LESSA

Brasil e França

NO CASTELLO D'EU

Tradução para o «Album Imperial»

JÁ o anno passado, pela mesma época, tive a honra de ser convidado pelo sr. Conde d'Eu para visitar o castello historico que, nesse tempo, estava entregue a numerozo pessoal, occupado em reparal-o. Percorrendo-o em todos os sentidos, acompanhando o Príncipe, imaginava, então, que essa obra de restauração, tão longa e laboriosa, tão cedo não teria fim.

Que mudança, porém, em doze mezes sómente! Já não ha mais vestígios do terrivel incendio de 1902, pelo menos na parte de fóra. As paredes que ficaram de pé, agora rejuvenescidas, parece sorrirem sob os grandes tectos reconstruidos. As tres fiores de lys, talhadas na pedra e encimadas pelo alambel, foram occupar o logar do relógio destruido pelo fogo, e, pelo lado do mar, as armas de Orléans, entrelaçadas com as do Brasil, indicam quaes sejam, agora, os proprietarios do castello.

Em logar das alamedas invadidas pelo malto, o parque desenhado no estylo de Lenôtre ostenta-se em todo o esplendor. As roseiras plantadas pela sra. Condessa de Paris estão em flôr; os repuxos elevam-se a grande altura, os cysnes e patos delectam-se nas duas bacias.

O sr. Conde e a sra. Condessa d'Eu permittem-me percorrer, de carro, a volta tradicional do Grande Parque, onde as cabras montezes fogem ao avistarnos. Passamos por deante da quinta-modelo, para subirmos ao terraço Victoria, baptisado assim por occasião da visita que a joven rainha de Inglaterra fez ao rei Luiz Felipe, em 1843.

«Vamos seguir, disse-me a Condessa d'Eu, os mesmos caminhos que Guizot, na sua carta á princeza de Liéven, chama quebra-pescoço e, ainda que não se prestem para automovel, esse passeio é hoje muito mais commodo que ha sessenta annos atraz.»

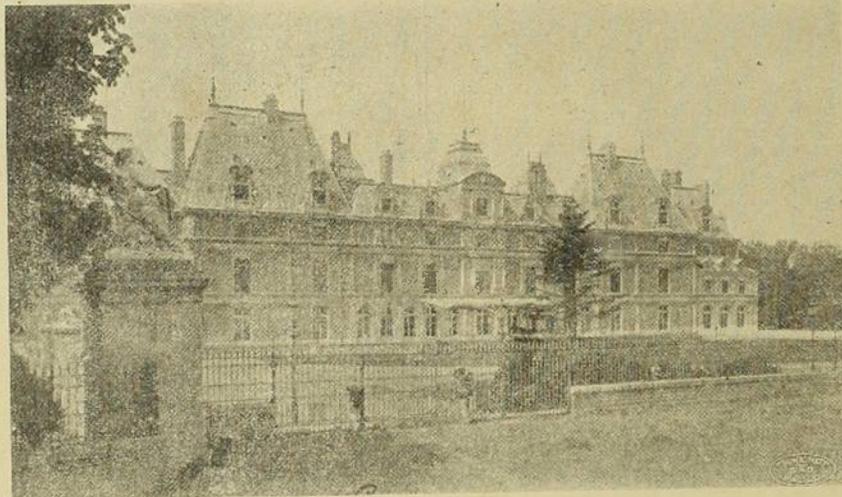
De facto, subimos sem difficuldade ao mais alto que se póde subir para gosar de uma vista de conjuncto admiravel, tendo o castell d'Eu e a floresta á direita, o mar e o infinito á esquerda. Da extremidade do dominio do cruzeiro do Tréport fincado sobre a rocha á beira-mar não tem mais que poucos passos! Depois, para terminar essa interessante volta, fomos ter á herdade Santa-Cruz, onde está guardada a carruagem de familia do rei Luiz Felipe, com o grande *break* de banquettas que as nossas exigencias modernas não admittem mais. E' tambem ahi que existe a bonita capellinha de Santa-Cruz, no mesmo sitio em que Roberto, Conde d'Eu, ouvindo vozes do céu, quando levava para a abbadia de Tréport os despojos mortaes de sua joven mulher, fez promessa de construir esse santuario.

Por muito bello que fosse o parque, eu tinha pressa de voltar ao castello, onde me restavam muitas cousas que descobrir.

Chegando á Torre Joanna d'Arc, que é forrada de hera e encostada ao pavilhão dos Ministros, o meu augusto guia, que é eximio professor de historia, introduz-me num pequeno oratorio restaurado por elle. Uma bonita estatua da heroína lorrêna amarrada sobre a fogueira ahi está sobre um pedestal, e a placa que ainda não foi embutida na parede recorda o nome e o objecto do monumento.

A veneravel Joanna d'Arc, trazida prisioneira pelos inglezes, de Crotoy para Ruão, foi, como nol-o affirma uma tradição constante, detida em 22 de dezembro de 1430, na prisão chamada Fossa dos Leões, no sitio em que se eleva esta torre reconstruida sobre os alicerces primitivos ainda existentes do antigo castello. Restaurado e convertido em capella no anno de 1905, este local foi consagrado á memoria da libertadora da França por Luiz Felipe Gastão de Orléans, Conde d'Eu, e Izabel Condessa d'Eu, que, mandaram affixar esta placa no anno de 1906.»

Entramos, agora, na ala do castel-



EU (França)—O castello d'Eu

lo em que se acham as vastas accommodações occupadas outrora pelos ministros do rei Luiz Felipe. Comquanto nada tenham de historico as caldeiras do fogão economico instalado pela sra. Condessa de Paris, faço empenho em passar pela cozinha, onde a sra. Condessa d'Eu preside, duas vezes por semana, á distribuição de sopas e de rações aos indigentes que aqui vêm ter.

A Princeza não tem só o genio da caridade; é tambem a inspiradora de tudo que por aqui se faz desde a sua chegada Privada pela revolução do Brasil, em 1889, do Imperio a que tinha direito por nascimento, a filha de D. Pedro II dedicou-se aos melhoramentos do bello dominio, em que faz maravilhas. Nenhum detalhe escapa á sua vigilancia; soube mesmo tirar partido dos accidentes do terreno mamelonado, abrindo, por entre as arvores, amplas e variadas perspectivas. No fundo dos massios de verdura, a sra. Condessa d'Eu mandou dispôr aberturas, que permittem avistar os barcos de pesca que estacionam em Mers, no Tréport; o ocono parece ficar a dois passos.

No interior do castello, os commodos do rei, da rainha, a galeria dos Guises estão por acabar; a capella já está bem adeantada, mas a metade do castello, já occupada actualmente, é mais que confortavel.

O que me impressionou nessa accumulção de objectos de arte, de pinturas, marmores, bronzes, velhas gravuras, foi reconhecer a contra-pancada das revoluções, vindo perturbar a paz dos povos e mudar o destino dos principes!

Um grande numero de retratos de expatriados de Portugal com o rei D. João VI, fundador da dynastia imperial do Brasil, acompanhou a D. Pedro II, em França. Os salões do rez do chão, os corredores, o primeiro andar estão cheios de quadros que me fazem scismar.

Com uma paciencia igual á sua memoria, o Príncipe não se cança de referir-me a historia de cada um de seus antepassados. Seria preciso um catalogo para de tudo dar conta, tão numerosos são os retratos guardados

Admiro ainda D. Pedro II em trajo de campo; a Imperatriz D. Thereza, a Princeza Izabel, menina; o busto da sra. Duqueza de Nemours, reprodução do da galeria de Windsor; emfim, o de D. Pedro e suas duas espadas cravejadas de diamantes enormes e de punhos cinzelados e esmaltados. Finalmente, mil outras recordações mais intimas, entre as quaes uma aquarella do principe de Joinville, dedicada a *meu sobrinho Gastão*, mostra o Conde d'Eu em Tetuan, quando tinha apenas 18 annos, era tenente no exercito hespanhol e se cobriu de gloria contra os marroquinos. Uma velha planta do dominio d'Eu, levantada pela Duqueza de Guise, viuva do Balafre; os retratos de todos os principes filhos desta bella linhagem; de Luiz Felipe; a primeira Imperatriz do Brasil, descendo de carro no Rio, rodeada de sua corte em trajes desse tempo; uma photographia da festa da abolição da escravatura, presidida por aquelles que dahi a pouco se havia de renegar.

Os pensamentos graves sobre a fragilidade dos thronos, as vicissitudes das coisas humanas despertam-se naturalmente no espirito do observador, ao contemplar esse conjuncto commovente de tantas recordações que se não podem esquecer.

O que mais me impressiona é a serenidade dos augustos e novos senhores que a fortuna caprichosa deu ao castello d'Eu. Sente-se que a resignação christã eleva as suas almas ao mesmo nivel da sua classe. O sr. d'Huist intuiu a sua noticia sobre o Conde de Paris: *Uma alma real*.

E é essa a mesma palavra que me sobe do coração aos labios, quando lanço um ultimo olhar para o castello d'Eu, onde revive o que ha de melhor na alma da França e do Brasil.

H. DE GRANDVILLE



«ALBUM IMPERIAL»

O n. 2

Como succedeu ao 1.º, exgottou-se a edição do n. 2 do *Album Imperial*.

Os nossos assignantes não ficarão com isso prejudicados, porque já providenciámos para a reimpressão de aquelle numero.



Visitou-nos o n. 2 da *Revista d'Oeste*, mensario illustrado, literario scientifico e noticioso de S. Carlos do Pinhal, dirigido pelo sr. Eduardo Araujo.

Nitidamente impresso, o presente numero traz magnificos *clichés* e variada collaboração.

No proximo numero
Marquez de Sapucahy
Cruz Abreu

O segundo reinado ⁽⁶⁾

Então notou-se no paiz um movimento de opinião, tão forte como não tivemos mais scção uma vez, na questão abolicionista.

A paixão da guerra, ou, antes, a paixão da dignidade fez o milagre das multiplicações dos soldados.

Todos sentiram que é mais facil improvisar-se um heróe do que um cidadão, e que, se somos capazes de soffrer os mais dolorosos ultrajes aos nossos direitos civicos, não soffreríamos, sem protesto, a minima hostilidade do inimigo externo.

O voluntariado creou o exercito. De todas as provincias vinham levas e levas de soldados, sahidos de todas as classes, da officina dos operarios, do commercio, da industria, das academias.

O governo teve que conter esta onda, e dizer—*basta* ao patriotismo que attrahia, como uma fascinação irresistivel, o povo para o sul. A situação liberal, que começava, estava á altura das emergencias.

O paiz inteiro ajudou-a nesta grande empresa, mas cabe ao governo a gloria de ter utilizado proficuamente o enthusiasmo nacional, provendo rapidamente ás exigencias da guerra.

Quando o partido conservador subiu ao poder, em 16 de junho de 1868, só teve que seguir a orientação dos antecessores.

A influencia do imperador foi notavel nesta epoca: cedeu para as despesas da guerra a quarta parte da sua lista civil. A sua actividade proverbial augmentou-se ainda mais: visitava os arsenaes, administrava o serviço; a sua solicitude não teve limites; o seu ardor em animar os que partiam dava ás suas palavras a emoção da voz da patria. A animação com que exaltava mais, se é possível, o patriotismo dos soldados, seguiu-se, mais tarde, o zelo com que procurava recompensar os serviços de guerra.

Ninguem mais do que elle presou os combatentes de 64 a 70.

Não sabia só a historia da guerra: conhecia tambem a biographia do soldado; e o seu grande coração foi sempre tão fiel quanto a sua extraordinaria memoria.

A maior garantia de quem lhe pedia favor ou justiça era a allegação de que fora voluntario.

Para estes estabeleceu certos e determinados empregos; e, nestes casos, a melhor carta de recommendação era a fé de officio; a cicatriz, o mais valioso empenho.

Desmintam esta verdade os politicos, a quem tamanha fidelidade aos compromissos descontentou muitas vezes, ou os voluntarios que deveram a segurança da subsistencia e a tranquillidade no trabalho ao monarcha que só se esquecia quando a sua memoria prejudicava a magnanimidade do seu character.

A guerra do Paraguay foi, para o Brasil, uma série de victorias.

O combate do Riachuelo abriu-nos o caminho triumphal.

Em 18 de setembro de 65 rendiam-se os paraguayos em Uruguayana, triumpho a que assistiu o imperador.

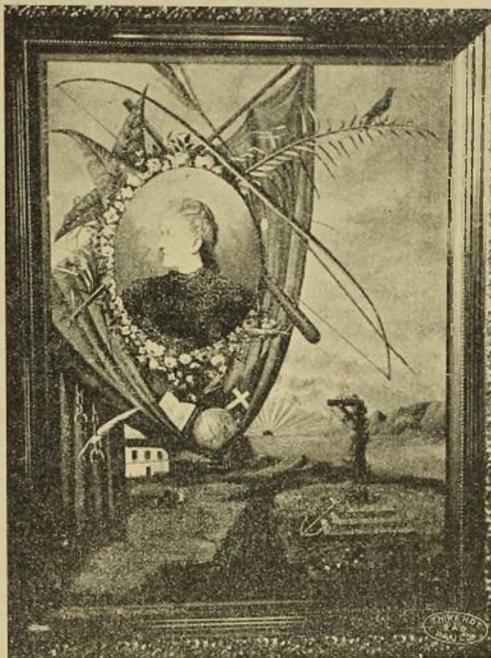
E' a historia de hontem: quem não a conhece?

(Continua)

O anniversario da Princeza Izabel

NA capital do Ceará foi tambem commemorado o anniversario natalicio de S. A. Imperial D. Izabel, Condessa d'Eu.

No dia 29 de julho ultimo, em acção de graças, foi celebrada missa na egreja do Rosario pelo revmo. padre José Barbosa de Jesus, tendo assistido ao acto innumeras familias e cavalheiros da melhor sociedade cearense.



Quadro allegorico da Lei Aurea, do pintor J. Gasparino, inaugurado por occasião do 60.º anniversario da Princeza D. Izabel, no salão nobre do palacete do dr. João Teixeira Alvares, em Uberaba.

(Vide o supplemento do *Album Imperial*, n. 16)



No tumulto de um suicida

Ao Exmo. Conde de Affonso Celso

Sob o livor fúral desta cinerea lousa
(Bem mais leve, talvez, que a cruz de um desengano!)
O grande ccação de um sonhador repousa
— Nau que o oceano arrojou á praia de outro oceano!

Em derredor de um sonho errou, anno por anno,
Como em torno da chamma incauta mariposa
— Sonho que o fez cair, num desespero insano.
Neste antro onde sómente o mólcho negro poussa.

Foi-lhe a vida um deserto immenso, accidentado,
Onde uivavam chacaes num aulido agoureiro,
Como um sino a planger num dobre desolado.

Deu-lhe descanso, enfim, a enxada de um coveiro...
Cyprestes — proteggi seu tumulto gelado!
Aragens — embalae seu somno derradeiro!

S. Paulo, 10—VIII—906.

FRANCISCO GASPAR

Barão de Rezende

A 19 do mez proximo findo, completou 66 annos de existencia o nosso illustre collaborador e correligionario dr. Estevam Ribeiro de Souza Rezende, Barão de Rezende.

Fazemos nossas as palavras que então d'rigiu a s. exa., pel'*A Comarca*, de Mogy-mirim, distincto escriptor, que mal se occulta sob a inicial B.:

A 19 de agosto de 1840, nasce no Rio de Janeiro o dr. Estevam Ribeiro de Souza Rezende, BARÃO DE REZENDE.

E' o 7.º filho do dr. Estevam Ribeiro de Rezende, MARQUEZ DE VALENÇA: conselheiro d'Estado, senador do Imperio, que foi deputado e magistrado, etc., e cuja vida escrevi e offereci ao commendador Geraldo Ribeiro de Souza Rezende, BARÃO GERALDO DE REZENDE, outro digno filho do glorioso estadista e amigo fiel do sr. D. Pedro I.—O Marquez de Valença falleceu em 1856 e foi casado com d. Illidia Mafalda de Souza Queiroz, 2.ª filha do brigadeiro Luiz Antonio de Souza, fidalgo com brazão d'armas, e d. Genebra de Barros Leite.

O Barão de Rezende é um dos brasileiros que mais têm honrado,— pelo seu trabalho, pelo seu talento, pelo seu character e pelo seu patriotismo,— a terra paulista.

Bacharelou-se em Direito em 1863; e na Academia de S. Paulo muito se distinguio como estudante exemplar e escriptor politico. Em seu 4.º anno publicou um estudo sobre o partido conservador, ao qual se filiara; e foi um dos redactores d'*O Constitucional*, jornal que fez epoca em 1861.

Subindo ao poder o Gabinete Itaborahy, em 1868, foi nomeado delegado de policia de Piracicaba, onde fixára residencia e constituirá familia.

Foi eleito deputado á assemblea provincial em 3 legislaturas; e presidiu essa corporação, na qual tinham assento os vultos mais considerados da politica da provincia.

Os Annaes assignam em muitas de suas paginas os variados e assignalados serviços prestados pelo dr. Estevam de Rezende. Não me extendo sobre o papel conspicuo de s. cxa. no seio da assemblea provincial e no da camara temporaria, porque o muito que tem feito em prol do progresso material, moral e intellectual de S. Paulo consta de diversos capitulos de meus *Annaes Paulistas*, a não poucos dos quaes já dei publicidade na imprensa da Franca do Imperador, de Uberaba e da Côte. E si bem *bis repetita placent*, não quero abusar do espaço que me é aqui generosamente concedido.

Em 1876 foi eleito deputado geral; e o seu nome, sympathico a ambas as parcialidades em que se dividiu o partido conservador, reuniu grande votação.

Se a obra parlamentar do dr. Estevam de Rezende é consideravel, não o é menos a sua obra como publicista e historiador. Os seus *Estudos Historicos-Políticos* ficarão como um subsidio muito valioso para a boa e san comprehensão dos acontecimentos em quadra convulsivada.

Ha poucos annos, sustentou interessante e erudita polemica com o saudoso dr. Antonio de Toledo Piza acerca da *Bernarda de Francisco Ignacio*; e os seus artigos esclare-

cem cabalmente uma questão assás debatida e confusa.

Foi director da *Companhia Ytuana* e fundador da *Companhia Fluvial Paulista* e do *Engenho Central de Piracicaba*. A todas essas importantes empresas devotou os seus melhores esforços, e á sua administração criteriosa, activa e intelligente devem ellas o grau de prosperidade a que lograram attingir.

A elle se deve ainda a construcção do *Theatro Santo Estevam*, em Piracicaba, do qual fez doação á Santa Casa da Misericordia.

Foi tambem um dos directores da primitiva *Sociedade de Imigração e Colonisação*, em 1871.

O Barão de Rezende, monarchista sincero e esclarecido patriota, não adheriu á Republica.

Elcito senador á Constituinte Paulista em 30 de abril de 1891, não tomou assento. Nesse tempo viajou pela Europa.

Foi presidente do Directorio do Partido Catholico, organizado em 1890; e é hoje ainda presidente do directorio local do Partido Monarchista e vereador em Piracicaba.

E' casado com uma distincta filha do commendador Francisco José da Conceição e dona Gertrudes do Amaral Rocha, fallecidos Barões de Serra Negra, de veneranda memoria.

Teve a honra subida de hospedar S. M. o Sr. D. Pedro II e S. S. A. A. a Serenissima Princeza Imperial e o sr. Marechal Conde d'Eu em 1886; e desde a installação do novo regimen tem-se conservado afastado das agitações politicas, limitando-se, como bom paulista, que sempre o foi de coração, a prestar serviços ao municipio de sua residencia, como membro da Camara Municipal.

O Barão de Rezende é um bello

exemplo de civismo e abnegação patriótica.

O seu elogio pôde-se resumir em poucas palavras:

E' o digno filho e herdeiro dignissimo do nome e da gloria do grande brasileiro — o Marquez de Valença.

Quando o Brasil redimido fizer apello a seu patriotismo e á sua intelligencia, o Barão de Rezende prestará á nossa terra querida os serviços que ella está no direito de exigir de um de seus mais illustres filhos.

Jornaes e revistas

Festejou mais um anniversario o *Commercio de Campinas*, o brilhante diario de Henrique de Barcellos, um dos jornalistas mais completos da imprensa de S. Paulo.

O *Commercio* é sem contestação a melhor folha da vizinha cidade, já pela criteriosa orientação que lhe tem emprestado seu provector director, já pelo seu minucioso serviço de informações.

Propugnador dos interesses do municipio e advogado do povo, são relevantes os serviços que já lhe deve Campinas, e Henrique de Barcellos dá-se por bem pago dos seus esforços, pela extraordinaria acceitação do jornal e, o que é mais, pela consideração que cerca o nome do *Commercio*, como diario altamente criterioso e independente.

Juntamos as saudações do *Album Imperial* ás muitas que tem recebido Henrique de Barcellos.

— Outro collega que sem duvida merece a acceitação que lhe tem dispensado o publico é a *Tribuna da Franca*, dirigida pelo distincto jornalista Francisco Cunha.

Folha bem redigida e dispondo de brilhante corpo de colaboradores, iniciou, com o numero de 25 de agosto ultimo, seu 7.º anno de existencia.

Nossos votos sinceros por sua crescente prosperidade.

— Temos sobre a mesa os seis primeiros numeros da *Revista do*

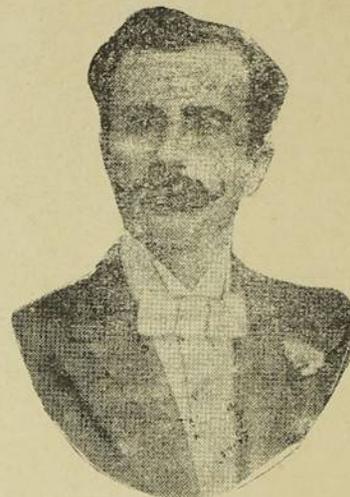
Brasil, da Bahia, redigida pelo dr. José Alves Requião e sob a direcção artistica do sr. Raymundo de Oliveira.

Tem por modelo *O Malho*, do Rio, com o qual rivalisa tanto no texto, como nas illustrações. Os numeros que nos chegaram ás mãos vêm muito interessantes.

Prosperidades.



Os successos de Sergipe



O deputado Fausto Cardoso, morto em Aracajú, a 28 do mez proximo findo.

DE ADOLPHO ARAUJO

Cavalheiro

Mandaes, emfim, senhora, que eu prometta
Ser cavalheiro fino, lesto e brando;
Seguir-vos-ei, captivo ao vosso mando,
Como um planeta segue outro planeta.

E, se a etiqueta impõe, preceituando
Andar de luvas e casaca preta,
Eu sou, senhora, escravo da etiqueta:
De luvas pretas e casaca eu ando.

Serei modelo puro na calçada,
Mais brando, puro, lesto e prazenteiro
Que um cavalheiro nobre de embaixada;

E, em vos saudando de manhã, primeiro
Oscularei a vossa mão nevada,
Como compete a um nobre cavalheiro.

Alma gemea

Seja fidalga ou simplesmente seja
Plebéa vil; purissima ou devassa,
A sua sombra lubrica me beija,
Seu espirito candido me abraça.

Louco sigo-a nos arcs sem que a veja,
E vejo-a, sem que a siga, quando passa
Num ruflo de azas de veloz narceja,
Cheia de timidez, cheia de graça.

Se é creatura nobre, creatura
Nobre serei, pois quero ser, como ella,
De altiva raça, de ascendencia pura;

Mas, se em logar de aristocrata e nobre,
E' pobre e simples, sendo assim tão bella,
Eu quero ser tambem simples e pobre.

Memento

Vesti por tua causa o gelido biôco
De ermitão penitente e antistite da Magua;
E errei de bosque em bosque e errei de fragua em fragua,
Tacteando a solidão, tresvariado e louco.

A dôr affleou-me os olhos rasos d'agua;
A tristeza exhauriu-me o alento pouco a pouco;
Mas ainda no meu peito estarrecido e rouco
A tua imagem vejo, acaricio-a e affago-a.

Morri para esta vida e para os gosos deste
Mundo lodoso e mau, desde que tu morreste
Para o meu coração, sempre á tu'alma junto;

E é só por um castigo atroz que eu me sujicito
A viver carregando um coração no peito,
Bem como quem carrega o esquife de um defunto.

Alma nova

Voltas de novo com teu gesto amigo,
Desaffogando as nevoas de minh'alma;
E a alacridade, o goso, o riso, a calma
Voltam de novo par a par comtigo.

Bemdito sejas, astro que eu bemdigo;
Pois me trazes do amor a mesma palma
E o mesmo puro affecto, que se espalma
Dentro em meu peito, de teu nome abrigo.

Bem dita sejas, Luz astral do riso,
Immortal projecção do paraíso,
Que transformas minh'alma em céu aberto;

Que, como a flôr na neve desabrocha,
Mettes um ninho dentro de uma rocha
E rasgas um jardim sobre um deserto.

Os nossos collaboradores -- Dr. Luciano Esteves Junior

○ dr. Luciano Esteves Junior, que escreveu para o *Album Imperial* o artigo sobre Saldanha da Gama, é filho do respeitavel fazendeiro do municipio de Limeira, sr. coronel Luciano Esteves dos Santos.

Diplomado em Direito, distinguise, quando estudante, na imprensa academica, ao lado de Angelo Mendes de Almeida, Asdrubal de Lemos, Baptista Pereira e outros moços de talento, redigindo *A Auctoridade*, organ da mocidade monarchista.

Depois de bacharel, fixou residencia em Limeira; alli constituiu familia e abriu sua banca de advogado.

Intelligente, activo, trabalhador, tem occupado naquella cidade cargos de eleição popular, sem nunca transigir com suas crenças politicas.

E' estimadissimo na sociedade limeirense, da qual é legitimo ornamento, pelas qualidades de character e coração que o exornam.

A prova do quanto o consideram, tivemos-a ainda ultimamente, por occasião de seu anniversario, a 8 de julho: — numa polyanthêa e num numero especial do *Jornal de Limei-*



DR. LUCIANO ESTEVES JUNIOR

ra, seus amigos e admiradores teceram-lhe os mais justos louvores, como advogado distincto, cidadão prestimoso e exemplar chefe de familia.

Além de advogado, é jornalista e escriptor de merecimento; dedica-se de preferencia a estudos historicos, mas na qualidade de orientador da opinião publica não esquece os problemas de mais palpitante actualidade, relativos ao interesse geral. Ainda ha pouco, a proposito da valorisação do calê, obteve importante entrevista do dr. Augusto Ramos, a qual, publicada na integra pelo *Jornal de Limeira*, foi reproduzida pelos jornaes de S. Paulo e do Rio. Nessa entrevista, conseguiu, com largueza de vistas e rara habilidade, condensar tudo quanto diz respeito ao magno problema, de cuja solução prompta depende talvez a salvação da principal lavoura do nosso Estado.

Muito moço ainda, tem o dr. Luciano deante de si um largo futuro, que desejamos sinceramente corresponda ao merecimento do distincto moço, que o *Album Imperial* conta no numero dos seus collaboradores.



O DR. LUCIANO NO SEU GABINETE DE TRABALHO

NUMERO DO NATAL.

O *Album Imperial* está desde já organisando um numero extraordinario para o proximo Natal, contendo pelo menos *cem paginas* e do qual se fará uma tiragem nunca inferior a *dez mil exemplares*. Esse numero especial, primeira tentativa que se faz nesse genero em S. Paulo, será valorizado por innumerables *cliches* de autotypia, gravuras coloridas e variadissima collaboração litteraria dos mais festejados escriptores nacionaes.

O *Album Imperial* dedicará secções especiaes á lavoura, ao commercio e ás industrias dos Estados, publicando *cliches* de propriedades agricolas, casas de commercio e fabricas, acompanhadas da respectiva noticia descriptiva.

O numero do Natal constituirá, emfim, um valioso brinde a todos os leitores do *Album Imperial* e deve por isso merecer a preferéncia dos srs. *annunciantes*, que poderão nelle figurar mediante modica contribuição, conforme as seguintes condições:

AOS SRS. ANNUNCIANTES

O *Album Imperial* manda executar e publicar *gratuitamente* com o annuncio um nitido *cliché* em autotypia, uma vez, que o annunciante lhe forneça a photographia.

O annunciante terá direito a tantos *cliches* quantas forem as paginas de annuncios.

O annunciante terá direito *gratuitamente* a um exemplar da revista e gosará do abatimento de 20% sobre o preço dos exemplares que quizer adquirir.

O pagamento só é exigivel *depois de publicado o annuncio*.

TABELLA DE PREÇOS

Uma pagina (com direito a <i>cliché</i>)	50\$000
Meia pagina	25\$000
1/3 de pagina	15\$000
1/4 de pagina	8\$000

A GUARDA DE HONRA do PRINCIPE D. PEDRO

Nomes dos guardas naturaes de Pindamonhangaba

(LIDO PERANTE O INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DE SÃO PAULO)

Segundo o historiador Pedro Taques (1), a villa de Nossa Senhora do Bom Successo de Pindamonhangaba (2) (elevada á categoria de cidade em 1849) era uma capella onde os moradores dos arredores ouviam missa, em fins do seculo XVII.

Esses moradores, «os mais opulentos e principaes em nobreza, com o tratamento a ella competentes», eram o alcaide-mór Braz Esteves Leme, seu irmão Antonio Bicudo Leme, seu

filho Manuel da Costa Leme, seus dois genros João Correia de Magalhães e Pedro da Fonseca Magalhães, da nobre casa de Manuel Pereira de Vasconcellos, senhor e morgado da villa de Sinfaens (3), e outros mais paulistas notaveis, os quaes, não querendo estar sujeitos á jurisdicção da villa de Taubaté, se congregaram, solidarios, para hospedar ao desembargador João Saraiva de Carvalho, segundo ouvidor geral e corregedor da comarca de S. Paulo, que por ordem régia seguia para o Rio de Janeiro, mas, chegando á capella de Pindamonhangaba, deixou-se corromper, recebendo valiosos donativos que lhe deram os moradores do logar.

Assim, pois, esse desembargador, no limitado espaço de uma noite, creou juizes e officiaes para a camara, levantou pelourinho e, emfim, tudo preparou, de fórma que, ao amanhecer do dia seguinte, estava a camara de Pindamonhangaba elevada a villa, continuando João Saraiva de Carvalho sua jornada em direcção á serra de Paraty.

Contra este acto do desembargador queixaram-se a sua majestade os moradores da villa de Taubaté, porém os da nova villa de Pindamonhangaba recorreram ao mesmo rei, que, afinal, perdoou aos culpados e houve a dita villa por aclamada, como se vê na carta régia de 10 de julho de 1705, registrada no livro primeiro do registro das ordens reais da ouvidoria de S. Paulo.

O dr. João de Azevedo Carneiro Maia (4), narrando este facto, precede-o das seguintes palavras:

«Todavia, muitos foram entre nós os municipios que se crearam sem a intervenção do poder central. Por si mesmo o povo se emancipava, elegendo as suas camaras, que por fim assumiam certo caracter de legalidade, umas vezes por homologação tacita do governo, outras por alvarás posteriores que vinham confirmal-as. Este acto do poder era a consagração de um acontecimento que a politica daquelles tempos já reconhecia a necessidade de sancionar, senão por amor da liberdade, ao menos pelo interesse da ordem e da publica segurança.

«Nem era tão facil, a despeito do absolutismo da época, soffocar a expansão popular que mais de uma vez se constituiu em revolta permanente por amor da independéncia local, ou da propria dignidade, quando repellia o capricho de certos donatarios poderosos e dos seus apañiguados.»

Sendo, pois, os moradores de Pindamonhangaba opulentos e nobres, isso em fins do seculo XVIII, convem notarmos que, cento e tantos annos mais tarde, os descendentes desses moradores ainda eram pessoas distinctas e illustres, como cabalmente demonstra o facto significativo delles representarem a maioria (4-A) na Guarda de Honra (5) do principe regente d. Pedro, mais tarde Pedro I, fundador do imperio brasileiro.

Pois bem; como um dos elevados fins do *Instituto Historico e Geographico de S. Paulo* é esclarecer e estudar minuciosamente tudo quanto se refere á historia de nossa patria, especializando a deste Estado, offerecemos a esta egregia associação, como um pequeno subsidio para a historia, a lista completa dos filhos da villa de Pindamonhangaba que fizeram parte da guarda de honra do principe regente.

Já num artigo commemorativo, assignado pelo dr. Paulo Antonio do Valle, o jornal o *Ipiranga*, de 7 de setembro de 1853, publicou somente os nomes dos guardas de honra (de diversas cidades ou villas) que assistiram á proclamação da independéncia do Brasil, a 7 de setembro de 1822 (6).

A interessante lista dos nomes desses guardas foi transcripta por alguns illustres historiadores, entre os quaes—o brigadeiro Machado de Oliveira (7), Azevedo Marques (8), dr. João Mendes de Almeida (9), barão do Rio Branco (10), dr. Antonio Piza (11), José Jacintho

de Honra, compondo-se de tres esquadrones de cavallaria: um de São Paulo, outro de Minas Geraes e outro do Rio de Janeiro.

Os topicos mais interessantes do referido decreto são os seguintes: «O commandante da guarda de honra será um official general e estará immediatamente sujeito á minha imperial pessoa. Os commandantes do esquadron terão a graduação de coronel.»

«Para esta guarda se escolherão os homens mais capazes, afim de ser respeitada e tornar-se digna das honrosas funcções a que é destinada. Em concorréncia serão sempre preferidos os naturaes do Imperio, mais abastados e patriotas, e só o merecimento dará direito a accessos.»

«Gosario de todas as honras, privilegios, isenções e franquézas concedidas aos officiaes da primeira linha, além dos que eu houver por bem conceder-lhes.»

«Todos os officiaes da guarda de honra poderão entrar na sala do throno.»

«A guarda de honra terá precedéncia sobre todos os corpos do exercito, quando entrar com elles em grande parada; e tomará a direita da linha, ficando, porém, entendido que nunca irá senão quando eu commandar em chefe.»

«A guarda de honra não fará continéncia senão á minha imperial pessoa, á imperatriz minha muito amada e presada esposa e á minha augusta familia imperial.»

Vide *Legislação Brasileira*, colligida pelo conselheiro José Paulo de Figueiredo Nabuco de Araujo, tomo III, pagina 357.

(6) Encontramos no excellente jornal *O Americano*, publicado em Pindamonhangaba, numero de 16 de novembro de 1872, esta interessante noticia: — *Monumento do Ipiranga*. Lê-se no *Diario de S. Paulo*: Em uma exploração feita na collina do Ipiranga, pelo engenheiro Carlos Rath, foi descoberta, no centro de uns alicerces alli encontrados, e destinados, ao que parece, á erecção do monumento commemorativo da independéncia do imperio, a respectiva pedra fundamental, collocada sobre uma tosca lage, tendo a fórma de uma caixinha oblonga de granito, com uma saliência de 112 centimetros ao redor, 25 de extensão, 12 de altura e outro tanto de largura, com uma pega-mão de latão na face superior, e em uma outra a seguinte inscripção, em letras douradas:

INDEPENDENCIA

P. I.

7 DE SETEMBRO DE 1822

(7) Vide *Quadro Historico da Provincia de S. Paulo*, primeira edição, 1864, pag. 329; e segunda edição, 1897, pag. 328.

(8) *Apontamentos Historicos*, 1879, vol. primeiro, pag. 134.

(9) *Notas Genealogicas*, 1866, pag. 131. Referindo-se ao guarda Benedicto Corrêa Salgado, o dr. João Mendes chamou-o de *Bento Corrêa Salgado*.

(10) *Éphemérides Brasileiras*, 1892, dia 7 de setembro, pag. 311 e 312.

(11) Vide a importante memoria *Considerações sobre o logar onde, nos campos do Ipiranga, D. Pedro proclamou a independéncia a 7 de setembro de 1822*, na *Rev. do Inst. Hist. e Geog. de S. Paulo*, 1902, vol. VII, pag. 458.

Ribeiro (12), e, ultimamente, pelo dr. Pires de Almeida, num substancial artigo publicado no *Jornal do Commercio* (13).

Em todas essas transcripções, porém, apenas figuram, entre os guardas de honra de outros logares, os nove guardas, filhos de Pindamonhangaba, que assistiram á proclamação da independéncia. Tendo havido, entretanto, mais dois guardas, dessa mesma localidade, que por motivos ignorados não puderam estar presentes quando se realisou esse importantissimo episodio de nossa historia, damos abaixo os nomes dos onze, addicionando a guns commentarios a respeito dos mesmos (14).

(12) *Chronologia Paulista*, 1904, 2.º vol., pag. 445.

(13) Vide no *Jornal do Commercio*, do Rio, de 22 de setembro de 1903, o artigo: *A Escola Byroniana no Brasil*.

(14) Escrevemos baseados em informações que nos forneceu uma pessoa respeitavel e digna de todo o credito e que nasceu na então villa de Pindamonhangaba, em março de 1833, sendo, pois, contemporaneo e contemporaneo dos 11 guardas de honra, aos quaes conheceu pessoalmente.

(Continúa)

VIDA SOCIAL

Anniversarios

Fizeram annos:

No dia 24 de agosto, o pharmaceutico capitão José Libero, proprietario da *Pharmacia e Drogaria S. Miguel*, desta capital.

No dia 28, o prorecto educador dr. Silvio de Almeida, director do Instituto Silvio de Almeida e nosso illustre collaborador.

No dia 29, a exma. sra. d. Regina de Toledo, irmã do dr. Alfredo de Toledo.

No dia 30, o sr. capitão José Fleury, estimado fazendeiro em Botucatu.

No dia 1.º do corrente, a galante menina lida de Toledo, alumna da escola-modelo *Cactano de Campos* e filha do dr. Alfredo de Toledo.

No dia 3, o intelligente menina Lúlu, filho do dr. João Fleury.

Fazem annos:

No dia 7, a exma. sra. d. Theolina Palma Travassos, virtuosa esposa do dr. Cesario Travassos, illustre clinico em Santa Rita do Passa-Quatro, e o conselheiro dr. Joaquim Augusto Ferreira Alves, eminente advogado da nossa fóro.

No dia 14, o bacharelado de Direito e distincto literato Nicolau Asprino Junior.

No dia 16, o apreciado jornalista sr. Francisco Cardona, director d' *A Comarca*, de Mogy-mirim.

ANNO I

S. PAULO, 20 de setembro de 1906

NUM. 18

ALBUM IMPERIAL

QUINZENARIO POLITICO E LITERARIO

Director: Couto de Magalhães



MARQUEZ DE SAPUCAHY



MARQUEZ DE SAPUCAHY



A vasta galeria dos velhos servidores do Estado que, por seu saber e peregrinas virtudes, mais contribuíram para a obra meritoria da organização de nossa nacionalidade, destaca-se com intenso brilho o vulto de Candido José de Araujo Vianna, Marquez de Sapucahy.

Outra deverá ser a penna que lhe traçasse aqui o perfil biographico, pondo em relevo as potentes faculdades daquelle grande espirito que, de par com a admiração postuma, suggere á mente trabalhada dos contemporaneos ensinamentos de alto valor. Outra deverá ser, não esta que ora desliza sobre o papel, acanhada na convicção de sua reconhecida inopia. Mas, se brilho falta ao escriptor, nem por isso vai esta pagina ficar em sombras: illumina-a a grandeza moral do egregio patricio, cuja memoria é um estimulo para os moços que ainda não descreeram da reabilitação do meio social, profundamente combalido ao influxo das idéas infelizmente dominantes.

A estes cabe a guarda do *fogo sagrado*, que os outros, os que nos antecederam, levados pela morte, desaparecidos nos mysterios insondaveis do tumulo, apenas nos enviam, como astros extintos, o clarão que não se apaga na tradição de uma nobreza moral hoje inconfundivel. . . E guiados por esta luz, abrasados no amor da patria e ennobrecidos no cultivo das sãs virtudes, serão os moços de hoje os redemptores de amanhã, em cujas mãos tremulará de novo esse estandarte, ora abandonado, *que a luz do sol encerra e as divinas promessas da esperança*. . .

Esta, a fé que nos alenta deante dos desconcertos frequentes que desconsolam a alma nacional em um periodo que já vai longo.

E aos que lá não chegarem — levitas da grande idéa — honra lhes seja ainda pela excepção gloriosa que se constituíram, offerecendo ás solicitações incoerciveis de um meio dessorado pelas vis paixões a fortaleza de animo e a incorruptibilidade de sentimentos que fazem o apanagio dos verdadeiramente fortes. Destes recolherá a posteridade a legendaria historia, mostrando ao mundo que da raça austera de Spartacus rebentos houve em terras do Brasil.

Na freguezia de Congonhas de Sabará, na provincia de Minas-Geraes, nasceu a 15 de setembro de 1793 Candido José de Araujo Vianna, filho do capitão-mór Manoel de Araujo Cunha e d. Marianna Clara da Cunha.

Luctando com as deficiencias do acanhado meio que habitava, estudou as disciplinas preparatorias exigidas a esse tempo para a matricula nos cursos superiores, tendo por mestre o dr. José Teixeira da Fonseca Vasconcellos, depois Visconde de Caethé, um dos

cincoenta senadores do Imperio com que se installou o Senado em 1826, e o padre Joaquim Machado Ribeiro, grande pregador, poeta e latinista.

Não escapou á perspicacia de taes mestres o brilhante futuro que aguardava o joven discípulo, cuja intelligencia corria parelhas com sua extraordinaria modestia.

Aos 22 annos. exercou o cargo de ajudante das ordenanças do termo de Sabará, para o qual fôra nomeado por despacho de D. João VI, e no anno seguinte, em 1816, partiu para Coimbra, em cuja Universidade se matriculou no curso juridico.

Alli se viu reunida por esse tempo uma phalange distincta de jovens brasieiros que, no vasto scenario da politica de seu paiz, conspicuo papel vieram a representar, enriquecendo a patria com o ouro fulgido, do mais puro quilate, do seu solido saber e as projecções de um talento que se perpetua através das gerações nessas leis que nos legaram de organização administrativa, judiciaria e politica.

Era Araujo Vianna dessa pleiade, ao lado de Alves Branco, Odorico Mendes, Pedro de Araujo Lima, Costa Carvalho, Calmon e outros. Nem todo o tempo era consumido pelo joven estudante na investigação dos principios do Direito, no grave estudo das Pandectas.

A saudade do paiz natal, actuando-lhe no espirito eminentemente patriótico, levou-o a atirar-se com ardor a variados estudos; era assim que elle julgava melhor servir á patria, cuja independencia previa deante dos attritos constantes com a Metropole.

Estudou o grego, o latim, os classicos portuguezes, frequentou as aulas de sciencias medicas e litteratura, de que adquiriu dilatados conhecimentos.

A 21 de junho de 1821 foi-lhe conferido o gráu de bacharel em Direito, havendo merecido em todo o curso uma nota unica — a de distincção.

Regressando ao Brasil, foi, a 17 de novembro de 1821, nomeado promotor de capellas e residuos do termo e comarca de Sabará, cargo do qual não chegou a tomar posse, por haver sido aproveitado para juiz de fôra de Marianna, por decreto de 18 de dezembro do mesmo anno.

A 17 de maio de 1827, teve a nomeação de desembargador da Relação de Pernambuco e nesse cargo manteve-se até dezembro de 1832, quando foi removido para a Relação da Bahia e desta para a do Rio de Janeiro. Da Relação do Rio, ascendeu á culminancia da magistratura, sendo nomeado ministro do Supremo Tribunal de Justiça.

Em cerca de 40 annos percorreu com lustre penrenne para o seu nome todos os estadios da magistratura de seu tempo e, ao despir a toga que lhe viera tirar dos hombros já cançados a merecida aposentadoria, em dezembro de 1860, os arminhos que a guarneciam eram, na alvura immaculada e no brilho que ostentavam, o reflexo daquella consciencia pura e ho-

nesta que nunca encontrára difficuldades na boa distribuição da justiça, na reivindicação do direito conculcado.

Quem uma vez já teve deante dos olhos as admiráveis paginas em que a penna incomparavel de Plutarcho eternizou a memoria dos *Varões illustres* sente-se tomado do ineffavel prazer de reconhecer que esta malfadada patria, tão angustiada na hora presente, filios teve outr'ora que, como aquelles, na vida publica, esquecidos de si, a serviram com devotamento, hombridade, lealdade e elevação jámais excedidos.

Araujo Vianna, como magistrado, lembra o typo de Aristides, o grego, para quem se voltava o povo de Athenas, quando, no theatro, na representação de uma peça de Eschylo, recitava o actor os conhecidos versos em louvor de Amphiaraius.

Pela politica, não menos brilhante foi sua longa trajectoria.

Durante 52 annos fez parte do corpo legislativo, primeiramente na Camara dos Deputados, depois no Senado, onde occupou uma cadeira pelo espaço de quasi 35 annos.

Minas, sua terra natal, não o esquecia.

Araujo Vianna era sempre lembrado para os altos cargos de representação social e politica e os grandes postos que alcançou foram conquistados pelo seu grande saber e por suas reconhecidas virtudes civicas.

Em 1823 (tinha apenas 30 annos), sua provincia natal elegeu-o deputado á Constituinte brasileira e nesta assembléa de conspícuos membros coube ao joven mineiro a tarefa de redigir o *Diario*.

Na 1.^a legislatura do Imperio teve sua cadeira na Camara dos Deputados e o mandato lhe foi renovado na 2.^a, 3.^a e 4.^a legislaturas. Em 1838 presidiu aos trabalhos da Camara, e, entrando seu nome em lista senatorial por Minas, coube-lhe a escolha. Era a 7.^a vaga que se dava na representação vitalicia da provincia. A 1.^a occorrêra a 2 de julho de 1827, com o fallecimento do Marquez de Sabará, João Gomes da Silveira Mendonça, substituído por Nicolau Pereira de Campos Vergueiro; a 2.^a, a 20 de janeiro de 1834, assignala a morte de Jacintho Furtado de Mendonça, substituído pelo padre José Bento Leite Ferrreira de Mello; a 3.^a vaga deu-se por morte do dr. Antonio Gonçalves Gomide, a 26 de fevereiro de 1835, e foi preenchida com a escolha do padre José Custodio Dias; a morte de Manoel Ferreira da Camara Bittencourt e Sá determinou a 4.^a vaga, a 13 de dezembro de 1835, para a qual foi escolhido o Barão de Pontal, Manoel Ignacio de Mello e Souza. A 7 de janeiro de 1838 fallece o padre José Custodio Dias e no mez seguinte — a 10 de fevereiro — o Visconde de Caethé, que, como ficou dito, guisara Araujo Vianna em seus estudos preliminares.

Procede-se á eleição e Minas envia ao governo a seguinte lista sextupla;

- 1.^o Bernardo Pereira de Vasconcellos — Ministro da Justiça — 641 votos.
- 2.^o Candido José de Araujo Vianna — Marquez de Sapucahy — mag. — 621 votos.
- 3.^o José Cesario de Miranda Ribeiro — Visconde de Uberaba — mag. — 598 votos.
- 4.^o Antonio Paulino Limpo de Abreu — Visconde de Abaethé — mag. — 476 votos.

5.^o Antonio Augusto Monteiro de Barros — mag. — 446 votos.

6.^o José Joaquim Fernandes Torres — mag. — 426 vts.

Era a primeira vez que Araujo Vianna entrava em lista senatorial.

Foram escolhidos por C. I. de 29 de setembro de 1839 Bernardo de Vasconcellos, para a vaga do Visconde de Caethé, e Antonio Augusto Monteiro de Barros, para a vaga do padre José Custodio Dias. Ambos tomaram assento a 3 de outubro do mesmo anno. A 11 de junho de 1839, occorre a morte de Sebastião Luiz Tinoco da Silva.

Da eleição a que se procedeu resultou a lista triplíce seguinte:

1.^o Candido José de Araujo Vianna — Marquez de Sapucahy — mag. 794 votos.

2.^o Antonio Paulino Limpo de Abreu — Visconde de Abaethé — mag. — 675 votos.

3.^o José Cesario de Miranda Ribeiro — Visconde de Uberaba — mag. — 633 votos.

Foi escolhido Sapucahy, por C. I. de 29 de outubro de 1840.

Esteve no Senado até 1875 e na mais alta corporação representativa do seu paiz gosou entre seus pares do mais elevado conceito. Nunca foi orador, nunca conseguiu dominar a timidez que lhe embargava a voz quando, por força das circunstancias, era preciso occupar a tribuna. Pallido, tremulo, externava seus pensamentos com singeleza, tirando ás suas palavras a feição que pudessem ter de um discurso. Ninguém, porém, era mais profundo nos conceitos, ninguém melhor que elle sabia, de um golpe, comprehender a latitude de um termo ou de uma locução no texto de um projecto ou de uma lei a regulamentar.

Araujo Vianna não falava, diziam, mas no seio das commissões e na palestra das ante-salas corriam seus collegas a ouvir-lhe as opiniões sobre os differentes assumptos que se debatiam na tela da discussão. *Livro de consulta*, chamaram-lhe. *fonte de sabedoria*, *monumento de sciencia escondido em immenso abysmo de modestia*.

De 1851 a 1853, exerceu a presidencia do Senado, cargo de que se dispensou por vontade propria.

Presidiu a duas provincias: Alagoas, em 1826, e Maranhão, em 1828.

Assim escreve um biographo sobre esse periodo de sua vida publica:

— « Suas ligações eram todas com os liberaes deputados de sua provincia; em 1826, porém, a opposição liberal apenas se indicara como que sem nexo e sem combinações parlamentares, experimentando a pratica tolerada de seus direitos de exame e de censura, e, além disso, Araujo Vianna, muito moderado doutrinario, não podia pertencer á escola de opposição que, depois, se formou, tomando por principio negar-se a tomar parte no governo.

Em poucos mezes de presidencia nas Alagoas, Araujo Vianna arrefeceu a exaltação politica dos animos e, se não conseguiu harmonisar os partidos, o que era impossivel, dominou-os pela justiça e sabedoria de sua administração.

Nomeado presidente do Maranhão a 17 de setembro de 1828, tomou posse desse cargo a 13 de janeiro do anno seguinte: foi achar essa provincia em lamentavel desordem administrativa e em perigosa e ameaçadora effervescencia politica: o governo se mostrara

alli anti-liberal, oppressor e violento, a opposição liberal em viva irritação e furente contra os delegados do poder executivo ou, como geralmente se dizia, do imperador.

Araujo Vianna, no fim de poucos dias que aproveitára habilmente em actos de generosa e justa satisfação a offensas a direitos constitucionaes de cidadãos opprimidos e em medidas tendentes a regenerar e moralisar a administração, apagou as flammas de resistencia, firmou a sua auctoridade na confiança dos governados, e era applaudido com o nome de regenerador da administração e de presidente fiel observador dos preceitos constitucionaes, quando chegou ao Maranhão a noticia do pronunciamento do povo e da tropa a 6 de abril e da abdicação do Imperador D. Pedro I, na madrugada do dia seguinte, na capital do Imperio.

O exaltamento dos liberaes subiu de ponto, e em impetos de reacção contra o partido opposto e contra os portuguezes que intrusa e provocadoramente se tinham envolvido na politica do paiz, patriotas menos reflectidos pronunciaram-se em ameaçadora revolta, tendo em seu favor a força militar: coube, então, a Araujo Vianna a gloria de restabelecer a ordem e de firmar o imperio das leis sem conflictos, nem luctas, sómente com o emprego de meios brandos, com algumas concessões indeclinaveis nas circumstancias e com o poder de sua influencia suave, conseguindo de pois abater e obstar nova conspiração.

Em 29 de novembro de 1831, entregou a presidencia da provincia ao seu successor, deixando no Maranhão nome abençoado geralmente. »

Duas vezes occupou Araujo Vianna as altas regiões do poder, como ministro de Estado: a primeira, durante a Regencia, em 1832, dirigindo a pasta da Fazenda e interinamente a da Justiça, em substituição a Honorio Hermeto; a segunda, no reinado de D. Pedro II, em 1841, no Ministerio que succedeu ao dos Andradas, também chamado da *Maioridade*, e que era assim composto:

Imperio — Candido José de Araujo Vianna.

Fazenda — Miguel Calmon du Pin e Almeida.

Justiça — Paulino José Soares de Souza.

Extrangeiros — Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho.

Marinha — Francisco Villela Barbosa — Marquez de Paranáguá.

Guerra — José Clemente Pereira.

Grave era a situação do paiz. A guerra civil lavrava intensamente no Rio Grande do Sul, transformando a provincia em theatro de scenas deploraveis, deprimentes de sua civilisação e quiçá ameaçadoras da integridade do Imperio. Por toda parte clamores se levantavam, oriundos das medidas violentas e reaccionarias do ministerio passado.

Empossados os ministros, determinaram adoptar politica menos ardorosa, conservaram nas provincias todos os presidentes e chefes de policia nomeados pelos demissionarios, determinaram dia para a cerimonia da sagração de S. M. o Imperador e dedicaram-se aos trabalhos de exclusiva administração, esperando calmamente que se abrissem as Camaras.

Aberto o Parlamento a 3 de maio, foi o gabinete

recebido com hostilidades pelos liberaes dominantes. Na Camara, Antonio Carlos, Martim Francisco, Limpo de Abreu, Theophilo Ottoni e o conego Marinho; no Senado, Vergueiro, Paula Souza e Hollanda Cavalcante dirigiram ataques vehementes á nova organisação ministerial, valentemente defendida por Honorio Hermeto, na Camara, e Bernardo de Vasconcellos, no Senado. Recursos extraordinarios foram postos em pratica para difficultar o governo ao novo Ministerio, que a custo alcançou as leis de meios, a approvação do projecto que commettia ao governo a nomeação dos vice-presidentes de provincia, attribuição até então dos antigos conselhos, a approvação do projecto que creava o Conselho de Estado e a do que alterava disposições do Codigo Criminal.

Fôra longo enumerar todos os actos da mais alta relevancia praticados pelo Ministerio 23 de março. Tão criticas se tornaram as circumstancias, que o gabinete teve de lançar mão das medidas extraordinarias de suspensão de garantias constitucionaes, dissolução da Camara dos Deputados e outras, que concorreram grandemente para o restabelecimento da ordem em Minas e S. Paulo; no Rio Grande só posteriormente foi conseguida a paz.

Dissenções pessoaes no seio do gabinete determinaram sua dissolução em janeiro de 1843.

Araujo Vianna entrou para o Conselho de Estado como membro extraordinario, em 1850, e como effectivo em 1859. Pertencia á secção dos negocios do Imperio e Agricultura, Commercio e Obras Publicas.

Em dezembro de 1854, foi agraciado com o titulo de Visconde de Sapucahy e elevado a Marquez em outubro de 1871.

Attesta sua alta competencia o facto de ter sido escolhido, em 1839, para leccionar literatura e sciencias positivas ao Imperador e suas augustas Irmãs; e tal homenagem rendia ao saber do velho mestre o augusto discipulo, que o escolheu para mestre de suas filhas, as princzas D. Izabel e D. Leopoldina. Ainda uma significativa prova da muita estima que lhe tributava deu-lhe D. Pedro, escolhendo-o para paranympo na cerimonia do casamento da Princeza D. Leopoldina com o Duque de Saxe.

Desde 12 de agosto de 1847 até fallecer, o Marquez de Sapucahy foi presidente perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, do qual é considerado com justiça um dos precursors, como bem ponderou Moreira de Azevedo, por occasião do 50.º anniversario daquella respeitavel associação.

Presa havia muito de pertinaz lesão, falleceu o Marquez de Sapucahy a 23 de janeiro de 1875.

Homem de raro saber, de intelligencia intensamente cultivada, occupando as mais altas posições na sociedade, vivendo na intimidade das mais graduadas personagens na esphera politica e intellectual do seu paiz, não desdenhava o Marquez de Sapucahy de attender a quantos o procuravam: de maneiras singelas, captivava pela bondade, que era joia preciosa do thesouro de su'alma. Da grandeza dos seus sentimentos affectivos uma pallida amostra se offerece nos seguintes versos, dedicados á memoria da filha, escriptos com as tintas do coração, quando, já morta aquella, encontrou florido, no pequeno jardim, o canteiro a que ella em vida dispensara seus cuidados:



SAUDADES DE MINHA FILHA

Da planta que mais presavas,
Que era, filha, os teus amores,
Venho de prantos orvalhadas
Trazer-te as primeiras flores...

Em vez de affagar-te o seio,
D'oufeitar-te as lindas tranças,
Perfumarão esta lousa
Do jazigo em que descanças.

Já lhes falta aquelle vico
Que o teu desvelo lhes dava...
Gelou-se a mão protectora
Que tão fagueira as regava.

Desgraçadas violetas,
A fim prematuro correm...
Pobres flores!... também sentem
Tambem de saudades morrem!

Belém do Descalvado, setembro de 1906.

Dr. Cruz Alves

Almirante Saldanha da Gama

AS CARTAS (*)

NO dia 27, de fevereiro de 1867, Saldanha chegou á esquadra fundeada em frente de Curuzú, apresentando-se na bombardeira *Forle de Coimbra* e pouco depois passou a servir a bordo do encouraçado *Mariz e Barros*.

Do archivo do almirante foram arrecadados dois maços de cartas particulares que Saldanha escreveu do Paraguay a seu pae, nos annos de 1867-1868. Dom José de Saldanha da Gama falleceu no Rio de Janeiro, em 1875, na ausencia do filho, que ao regressar destacou dos papéis do morto as cartas que lhe crevêra e dispol-as com methodo, em dois cadernos capeados e com o distincto «*correspondencia particular - cartas dirigidas a meu Pae, do Paraguay, em 1867*» sendo que a data e 1868 no segundo pacote.

A primeira carta archivada é de 4 de maio de 1867 e, portanto, de dois mezes depois de sua chegada. Não é a primeira escripta do Paraguay, como se percebe facilmente de sua leitura. Deste anno de 67 ha mais 24 cartas; no mez de maio escreveu cinco, todas de bordo do *Mariz e Barros*.

A primeira de junho vem datada do *Brasil*, sendo, ao todo, tres as cartas deste mez. Em julho manda quatro e tres em agosto. Setembro e outubro, tres em cada mez e duas em novembro e dezembro. Ao todo, vinte e cinco cartas de 1867. No anno seguinte manda vinte e tres: janeiro, duas e fevereiro, tres, sendo que uma sem o dia do mez assignalado e outra com *croquis* e desenhos annexos (passagem de Curupaity). Em março, quatro e tres, em abril. Duas em maio e em junho. Julho, uma, e duas em agosto. Em setembro e outubro perdeu-se provavelmente a correspondencia, porque ha referencias que indicam que Saldanha escreveu nesses mezes. Duas cartas em novembro e em dezembro. Ao todo, vinte e tres.

Saldanha conserva-se a bordo do *Brasil* durante todo o seu tempo de campanha, voltando ao nosso paiz em meados de janeiro e chegando á Corte em 14 de fevereiro de 1869. Das quarenta e oito cartas con-

servadas, apenas uma não tem grande interesse: é a em que apresenta um colloca ao pae e neste motivo resume o seu conteúdo. Todas as mais são uma re- senha detalhada dos acontecimentos da guerra e uma critica sempre interessante, ainda que não poucas vezes injusta e rigorosa, das nossas operações e manobras. Durante os dois annos de correspondencia, conserva o mesmo papel: uma folha larga, azul desmaiado e de pautas cerradas. A letra nesse periodo de tempo é rigorosamente regular e invariavel. As cartas são lan- çadas ao correr, sem emendas nem rasuras. A data e o local donde são escriptas, no alto, com methodo, e a dedicatória é sempre a mesma: «*Meu muito Pre- zado Pae*». O fecho varia em pequenos detalhes, mas conserva nas suas linhas geraes um traço unifor- me. Folheado-se a correspondencia, sente-se a regula- ridade, a calma d'animo do auctor e a inspiração de ordem e disciplina. Difficilmente se poderá encontrar, durante dois annos a seguir e numa cidade de oscilla- ções bruscas, evolução e transformação, documentos mais frisantes de regularidade; não sómente o estylo, a maneira, o cunho pessoal da exposição das idéas são constantes na correspondencia, como tambem são constantes as suas caracteristicas materiaes: papel, letra e methodo de factura. Percorrendo-se os cader- nos de cartas, a sensação que se tem é de um trabalho feito de um jacto e com meditada harmonia. A cohe- rencia, que salta á vista na primeira leitura e que prende os conceitos da primeira carta, através de uma orbita desesforçada e racional, até á ultima, é o fecho definitivo da forma saliente da correspondencia e que é a unidade e o acabamento do espirito que a delincoou. As cartas são em geral muito longas e trabalhadas á maneira de um diario. Nos intervallos de dias que mediavam entre a partida de um «*transporte*» a ou- tro, Saldanha preparava aos poucos as suas folhas. O que ia escrevendo era atirado ao lance da penna, sem lavor e sem arranjo; parece que tinha o proposi- to de offerecer ao pae a obra ainda cadente e rispida, para que a forma tivesse ainda melhor o cunho do pensamento: «*Vai me perdoar, porem, estas minhas digressões; ellas nascem da espontaneidade com que escrevo todas as cartas que lhe dirijo e que são escriptas ao primeiro lance do pensamento e ao primeiro correr da penna. Eu quero que Papae aprecie as minhas idéas em toda a sua pureza, sem contornos, sem affectação, afim de eu mesmo*

(*) Fragmentos de um livro em preparo.

conservat-as ou abandonat-as, conforme mereçam ou não a vossa alta approvação... (*)

Este proposito subtil de se deixar melhor surprehender, para que mais intimas possam ser as proprias idéas e os proprios pensamentos, está ainda melhor definido em um outro trecho de carta de maio: *«Estes são os meus sentimentos espontaneos e sem a menor modulação; nunca faço copia das cartas que tenho escripto; o que nasce espontaneamente do fundo d'alma, o que brota ao primeiro impulso do coração é o que escrevo sem emendar e o que chega ás vossas mãos.»*

O maior valor documental da «correspondencia» está assentado nesses trechos, que encorram um programma. Escrever assim de um jacto *«o que nasce espontaneamente do fundo d'alma»* é aos 21 annos revelar o temperamento e desnudar o caracter, porque nessa mocidade ardente e impulsiva *«o primeiro lance do pensamento»*, atirado ao papel, devassa as ultimas fibras do coração.

Esta maneira delicada e passional de offercer ao pae *«o que brota ao primeiro impulso do coração»*, admirará talvez como um requinte de graça, mais feminil, mais adolescente, denunciando mais fragilidade do que se devera esperar de um espirito que nas mesmas cartas se affirma amadurecido e varonil. Mas é preciso remontar ás causas e nesses trechos, que similham apenas um doce affecto, ha ainda mais a contingencia de um grave problema sentimental, cuja solução difficil estaria quasi totalmente no humor de Dom José.

Saldanha está casado e para este casamento recebeu a approvação contrariada que se dá aos factos consummados. Uma longa ausencia e as primeiras sombras da infelicidade são os preparativos de um periodo de reacção.

Quando começa a correspondencia, Saldanha recommença a approximar-se do pae e a desigualdade de seu casamento ainda melhor accentúa a necessidade que tem para viver, já não sómente da intensa affeição de Dom José, como da sombra da casa paterna. Temos, porém, que não é simplesmente, como no filho prodigo, chegar á soleira e dizer: Aqui estou.

O casamento impõe uma singular campanha, que Saldanha emprehende sobre o coração do pae, para conquistal-o, já não sómente para si, mas para a *outra*. Ahi se revela a feição mais intensa do seu espirito, que é a habilidade tenaz de conduzir os homens, de conquistar dedicacões, de reduzir e de dominar.

Este poder persuasivo, tino de buscar o veio sensível e correr por elle, Saldanha revelou profundamente desde essa idade e teve-o enriquecido com o tempo e com o accrescimento dos dotes pessoais de seducção, marcando as mais intensas phases de sua vida com as dedicacões cegas dos que não sabiam, se o que havia em seu espirito era bondade ou cortezia, nota sincera ou sonora. O que foi, por uma causa ou outra, o effeito era a fascinação invencível que sabia exercer. Nas cartas, a tentação está voltada contra Dom José.

(*) Carta de 19 de julho de 1867.

Saldanha conhece mais que ninguem o espirito do pae e, para prevenir a sobranceira, toma elle proprio um logar submisso e manda dizer *«O que vai não é definitivo... diga o que pensa, que hei de eu pensar assim...»*

Para se acobertar das discordancias, insiste *«o que está escripto vai ao primeiro lance do coração.»*

Depois de encolhido e impessoal, Saldanha desenrola mais um fio que vai tecer: aquellas cartas laboriosas, extensas, pejudas de noticias, de observacões, de inquiritos, de mappas, são um esforço acabrunhador e pesado... menos para agradar ao pae, que logo as penas se transformam em delicias. Ha ainda uma nota que não esquece e é talvez a mais grata e mais util entre todas: a saudade, a persistente saudade.

A falta de noticias é para Saldanha uma tortura: *«Por todas as malas, espero ansioso qualquer carta, porém a mala chega, abre-se e sempre a mesma horrivel e dolorosa decepção! Não sei, na verdade, a que possa attribuir tão profundo silencio...»* (*)

Horrivel e dolorosa decepção. Porque? Já se conhece o aspecto do seu lar e ninguem dirá que justifique uma expressão tão funda de sentimentos.

E' verdade que Dom José dev occupar um grande espaço no coração e no espirito do filho. Porém já eram tres annos de separação e o internato da Academia de Marinha como preparativo, e, portanto, já havia tempo de sobra para resfriar aquella magua invencível.

A affectividade de Saldanha estava em extremo sensível com a separação do Itaqui, porém mesmo com esses descontos não é possível esconder o alvo, a intenção dessas phrases de effeito accomodadas no seu estylo sobrio e severo.

O grande valor desta correspondencia, mesmo no caracter documental da psychologia do auctor, não está na directriz principal que ella segue e que se surprehende; o seu maior valor está na revelação do tecido intimo do espirito que se vai desenvolver depois desta origem, que é o fim da puberdade e o inicio da idade viril.

Os annos de 67 e 68 são para Saldanha os de maiores ensinamentos de toda a sua vida, excepto os ultimos, que se não pode dizer fossem de ensinamento, porém de desabamento e morte.

Depois da adolescencia, de cuja puerilidade e leveza elle vai acordar em Itaqui envolto nas tramas de um problema muito superior ás suas forças e ao estado de seu espirito, Saldanha se vai encontrar no rio Paraguay quasi só, isolado dos intimos e daquelles com quacs pudesse repartir maguas e tormentos e se vê mergulhado nas desoladas tristezas e sombras de si mesmo.

O que foram esses mezes de consciencia, ahi está lavrado nas primeiras cartas de 67 e na repercussão que vai por todas as outras até ao ultimo espraiair de ondas, no final arrefecido de 1868.

(*) Carta de 22 de maio de 1867.



A urgencia de ter noticias, de ter cartas, de que a correspondencia se accelere, a saudade, a separação sentida de todos e de tudo e o appello que faz como ultima esperanza á chegada de um amigo da familia a quem vem contar tudo e desabafar — tudo isto é mais que o tédio, o horror da solidão e o desespero da consciencia.

Esse casamento impensado, que é para Saldanha a origem e a causa de tão grandes desvios em sua vida, está refulvando em cachoes nos dois annos de correspondencia.

Com o implacavel senso de compostura que não o abandonou nunca, nem mesmo nas terrivcis horas da campanha do Rio Grande, é muito provavel que estas cartas intimas fiquem sendo os unicos documentos em que transparecem fibras humanas de sentimento e de dôr em toda a vida do Almirante.

Assim, através da sinceridade de um periodo de confusão e de desespero, se poderá surprehender traços da psychologia mais fina, mais complicada e mais resguardada, pelo culto da exterioridade, que jámais se exaltou em nossa raça. O conservantismo ecletico de Saldanha tem as suas raizes nessa hora em que, armado da philosophia da historia da humanidade, elle escapella a quadra culminante da historia politica e social da America do Sul; o conhecimento dos homens afasta-o da politica interna, como o conhecimento dos povos e das nações o approxima da politica externa.

O seu commentario da guerra tem ainda o reflexo do scepticismo dos que se julgam em força diante do espectaculo da fraqueza. O culto do escolhido, da selecção, a intuição esthetica das instituições politicas e sociaes, a propria nobreza e quiçá o seu ardente patriotismo que revela sempre, fazem-n'o bordar de passagem arestos e julgados contra as democracias e republicas do Rio da Prata. Falando de Mitre e dos «presidentes», elle emprega por vezes a expressão «cacique» e do chefe da confederação argentina elle diz algures: «esse republicano implumado», com um fabuloso orgulho de superioridade de raça e de civilização. O fundo religioso e crente de que faz praça é um symptoma rigoroso da feição que toma o seu espirito nessa quadra dos 22 annos de natural petulancia e revolta. A sua petulancia e a sua revolta estavam no conservantismo.

Tambem o estylo de Saldanha, sobrio e rigoroso como elle o manejou até á morte, accresce a esse evidente empenho de applicar os principios da escola conservadora, que são o molde de formação do seu espirito.

Em todas as cartas, da primeira á ultima, o que não ha nunca é uma paizagem.

Um rasgo de emoção, de poesia e de belleza não

se encontra a não ser n'alguma expressão sonora de devotamento e patriotismo. Porém essas expressões não commovem e nem a elle mesmo teriam talvez commovido.

Elas fazem parte das cartas como decoração, provavelmente ainda melhor — como concessão á atmosphera exacerbada de patriotismo romantico que pesava sobre a Côte durante a guerra e que se respira nas cartas de Dom José.

Nas largas folhas que Saldanha cerra com uma letra miúda e igual, não ha senão critica amarga, factos, previsões e um desalento perdido deante dos homens e das coisas. Apenas a passagem de Humaytá, com o seu terror de 500 canhões em fogo, tem a magia de uma phrase de enthusiasmo; tudo mais que é a belleza da natureza lindissima do rio, que é a sua propria paixão e saudade, tudo mais não merece uma allusão sequer nas cartas escriptas nos 22 annos menos lyricos, menos romanticos e menos phantasistas que é possivel.

Por tudo isto elle quebrava na sua geração, aparando habitos e convicções por uma linha que vai ser soitaria na intelligencia de nossa raça, porque os pares que teve em cultura e civilização, Eduardo Prado e Nabuco, não se lhe podem approximar — o primeiro, porque não teve a largueza de sua erudição, e o segundo, porque se não poudo conservar no orgulho de suas convicções e desceu á planicie dos pequenos interesses.

Saldanha aos 22 annos era catholico, conservador, monarchista. Admirador de Napoleão III, devoto dos Pitt e da sua politica na Inglaterra, desconfiado do grande imperador dos francezes, detestando Fox, horrorisando Lord Scheridan, apaixonado das grandes convulsões da Europa civado do tédio das republicas platinas, cerrando o estylo, escoimando o enthusiasmo e a vibração das cartas intimas, com receio de se mostrar demasiado ardente, a mais da compostura e dos rigores do proprio espirito, eis como se define Saldanha aos 22 annos e como vai ser mais requintado, mais illustre e mais harmonico até ao fim, em Campo Osorio.

Para um outro ponto de vista a correspondencia é ainda subsidio valioso — e é para a comprehensão e informação da guerra do Paraguay, seu estudo e sua historia

João Eduardo de Saldanha

A SITUAÇÃO DO SUL

Ainda o combate de Campo Osorio — Os salvos e os mortos — Misérias e generosidades — Scenas tristissimas — As forças em acção — As exequias de Saldanha no Salto — João Francisco e os seus — Os actos sanguinolentos dos federalistas — O que havia nos bolsos de Saldanha.

(CONTINUAÇÃO)

Por toda parte a generosidade do povo uruguayo

se faz sentir, pois muitos dos desditosos emigrados têm recebido roupas e algum dinheiro para passagens.

Passo a descrever-lhes algumas das scenas da horrivel tragedia:

Durval Alves Moraes, que foi um dos degollados, ao chegar á picada dos Aipos, foi alcançado pela cavallaria inimiga e levou um lançaço, que lhe quebrou duas costellas, alcançando a lança o coração.



Quatro dias depois, foi encontrado pelo coronel Ulysses Reverbel, que piedosamente o enterrou.

Em vão foi nessa occasião procurado o cadaver do inditito almirante. Ninguém poudo encontrá-lo. No campo da batalha não havia senão os corpos nus e saqueados dos officiaes e praças, todos degollados, á excepção de dois, os de nomes Alberto Sá Peixoto e Fernando Pinto Ribeiro, que foram os unicos que escaparam á sanha degolladora dos vencedores.

E os degollados mettiam horror.

Alguns corpos estavam horrivelmente mutilados, como os dos infelizes Thimoteo da Rosa e Pinto Ribeiro.

Frederico Adrião Chaves, que era noivo de uma filha do dr. S. Saldanha, levou um tiro de revólver no peito e em seguida foi degollado. Comsigo conservava o inieliz moço as cartas de sua noiva.

Na noite de 24, depois da victoria, as forças castilhistas atearam fogo ao matto, fazendo uma enorme fogueira. No dia 25, depois de algumas descargas sobre uma casa situada na margem oriental, levantaram acampamento, seguindo rumo de Sant'Anna. Antes, porém, enterraram os cadáveres de um official das forças de Ulysses e o de Horacio Machado, pondo-lhe sobre a cova um pedaço de casca de arvore, com uma inscripção a lapis.

Pela natureza do sólo, que é calcareo, e pela perda do sangue produzida pela degollação, os cadáveres achavam-se bastante conservados.

O corpo do almirante Saldanha não foi até hoje encontrado! É muito possivel que o não seja, pois consta que foi horrorosamente degollado e mutilado e a sua apresentação seria um corpo de delicto.

Vai em seguida a organização das forças do almirante Saldanha no dia do combate e também, junto, as listas dos officiaes mortos e dos que escaparam da terrivel hecatombe.

ORGANIZAÇÃO DAS FORÇAS

General em chefe, Luiz Felipe de Saldanha da Gama; estado-maior, Augusto Monteiro de Barros, Silvio Pellico Belchior, Conrado Heck e capitão Padilha; medico, dr. Gouveia; franco-atiradores: commandante, Honorio de Barros; fiscal, Antonio Lamare; officiaes, H. Ludder, Frederico Adrião Chaves, Alberto Sá Peixoto, Candido de Andrade Dortas, Francisco José de Araujo Gomes, Schoelling, Ignacio Ribeiro, Alexandre Messeder Barreto, Sarti, Julio Martins, Octacilio Lima, Oscar Campos Nunes de Souza, Marques e alferes Ulysses.

BRIGADA DA MARINHA

Commandante, Antonio da Costa; commandante do corpo de marinha, L. Thimoteo Pereira da Rosa; fiscal, Fernando Pinto Ribeiro; commandantes de companhia: Augusto Carlos de Souza e Silva, Ribeiro Junior, Antonio Candido de Carvalho e Arthur Torres.

Officiaes: Antonio Canuto, Borges José da Silva Guimarães, Peregrino Ulysses Azevedo, tenente Ezequiel e 64 praças.

FORÇAS DE ULYSSES REVERBEL — Commandante, Ulysses Reverbel; secretario, Durval Alves de Moraes; fiscal, Processo de Andrade.

Officiaes: Horacio de Andrade, Ortiz e outros, e mais 140 praças de cavallaria e infantaria.

FORÇAS DE VASCO MARTINS — Commandante, Vasco Martins; secretarios: Muniz da Silva e Roque Ribeiro, diversos officiaes e 100 homens de infantaria e cavallaria.

Havia mais:

O coronel Ribeirinho, com 14 homens, e o coronel Ramon, com 40, os dois incorporados ás forças de Vasco Martins.

LISTA DOS MORTOS — Henrique Ludder, Antonio Candido de Carvalho, Frederico Adrião Chaves, Arthur Torres, Antonio Canuto, alferes Borges, José da Silva Guimarães, Antonio Alvarenga, Luiz Thimoteo Pereira da Rosa, Fernando Pinto Ribeiro, Durval Alves de Moraes, Horacio Machado, alferes Peregrino, Ulysses Azevedo, Tranquilino de Alcantara Diogo, capitão Larré, Alberto Sá Peixoto e tenente Ezequiel.

LISTA DOS SALVOS — Augusto Carlos de Souza e Silva, Roque Ribeiro, Alexandre Messeder, Augusto Monteiro de Barros, Silvio Pellico Belchior, Antonio da Costa Mendes, Honorio de Barros Barreto, Muniz da Silva, Sarti, dr. Couveia, Antonio Lamare, Octacilio Lima, Oscar Campos, Nunes de Souza, Conrado Heck, Julio Martins, piloto Marques, machinista Augusto, alferes Ulysses, Ribeiro Junior (ferido), Candido de Andrade Dortas, Francisco José de Araujo Gomes e Shoelling.

Pelo proximo correio enviar-lhes-hei a descripção das imponentes exequias mandadas celebrar hontem pela colonia brasileira do Salto, por alma do almirante Saldanha da Gama e de seus companheiros.

11

SALTO, 4. — No dia 1.º do corrente, celebraram-se na matriz desta cidade solemnes exequias por alma do almirante Saldanha da Gama e seus companheiros, mortos no combate de 24 de junho.

A colonia brasileira desta cidade foi quem tomou a iniciativa destas exequias e para isso constituiu uma commissão, da qual fizeram parte os srs. Antonio de Mattos, Napoleão Reverbel e Manuel Salgado.

A igreja estava toda coberta de preto. No centro, proximo ao altar-mór, erguia-se um grande catafalco rodeado de tocheiros.

As 9 horas da manhã, a igreja já estava repleta de senhoras e cavalheiros lançavam seus nomes. Esse livro, hoje em meu poder, contém mais de cem assignaturas. O sr. dr. Manoel J. Devincenzi, juiz letrado deste departamento, não tendo podido comparecer: á missa, dirigiu á commissão o seguinte cartão:

«Manoel J. Devincenzi saúda os srs. organisadores das ceremonias funebres em honra do illustre contra-almirante Luiz Felipe de Saldanha da Gama e cumpre com o dever de manifestar-lhes sua adhesão á justa dôr que experimenta a sociedade brasileira, pela perda de tão distincto cidadão.»

Os convites para estas exequias foram feitos de modo a abstrahir-se toda a idéa politica destas ceremonias, razão porque foram extraordinariamente concorridas, pois o almirante Saldanha, na sua curta estadia nesta cidade, soube angariar verdadeiros amigos e admiradores.

Todos os jornaes se fizeram representar pelos directores e o *Jornal do Brasil* também esteve representado pelo seu enviado especial á Republica do Uruguay e á fronteira do Brasil.

(Continúa)

Supplemento do "Album Imperial"

ANNO I

CHRONICAS E NOTICIAS

NUMERO 18

Album Imperial



O *Album Imperial* publica-se regularmente nos dias 5 e 20 de cada mez, trazendo no minimo dezeseis paginas de texto.

Rogamos aos srs. assignantes do interior ao Estado, que ainda não pagaram a importancia de sua assignatura, que nol-a remetam pelo correio, em vale postal, descontando a despesa do porte e registro.

Cardeal Arcoverde

Acha-se á venda no nosso escriptorio o retrato, em trichromia, do Cardeal Arcoverde, egual ao que acompanha o n. 13 do *Album Imperial*.

Preço, quinhentos réis cada um, fazendo-se grande abatimento aos revendedores.

No Instituto Historico

O sr. coronel Araujo Macedo occupou a tribuna do Instituto Historico, na sessão de 5 do corrente, para ler, afinal, o seu annunciado trabalho em réplica ao que escrevi respondendo ao seu estudo sobre o 15 de novembro em S. Paulo.

Havia muitos dias que o bravo sr. coronel ameaçava o Instituto com uns encardidos linguados de almaço que trazia no bolso e cuja leitura o Instituto custou muito a ouvir, porque propositalmente, deante da ameaça de s. s., adiava, sempre as sessões.

Mas dessa vez o Instituto não teve outro remedio senão

ouvir o mavortico orador. Não havia numero para sessão. Apenas seis ou sete socios. Mas o sr. coronel tanto fez, tanto gritou, tanto ameaçou do alto de suas commendas, que o sr. conselheiro Duarte de Azevedo, presidente da sociedade, lhe deu a palavra.

Não estive presente, mas soube do que se passou. O sr. coronel sacou do bolso as tiras de papel, leu-as, falou de sua indiscutivel bravura no Paraguay e mais uma vez mostrou aos assistentes as condecorações que traz sempre ao peito, chova ou faça sol. Mas ninguem lhe applaudiu a arenga, ouvida durante tres quartos de hora entre irreverentes bocejos.

O sr. coronel não discutiu os pontos historicos em debate: — descompoz-me. E que s. s. maneja a lingua mais habilmente do que a espada, prova-o o facto de ter o dr. Jaguaribe requerido á mesa a supressão, no discurso, de phrases desrespeitosas, sendo que o sr. conselheiro Duarte de Azevedo lamentou, em plena sessão, não ter posto algodão nos ouvidos.

Basta isso para dar idéa da nova diatribe do bilioso excommandante de Permanentes. Claro é que não poderei nunca, em semelhante terreno, terçar armas com s. s., que levaria toda a vantagem.

S. s. limitou-se a descompor-me. E' o ultimo recurso dos que não têm razão.

COUTO DE MAGALHÃES



POETAS PORTUGUEZES

VILLANCETE

Não ha mal que sempre dure.
Mas accrescenta quem sabe:
Nem ha bem que não acabe.

VOLTAS

Meu bem, que és hoje o meu mal,
Se por bem já me não queres,
Por mal não quero mulheres,
Que Deus me livre de tal.
Se é proverbio, é natural
Que não queiras que eu me gabe
De haver bem que não acabe.

Vae-te embora, vae, meu bem,
Foge de mim, que ando triste;
Quantas lagrimas me viste
Forças de laços não têm.
Não fazes mal a ninguem,
Que eu digo, como quem sabe:
Não ha mal que não acabe.

D. JOÃO DA CAMARA

Trasladação

Fortaleza, 6 de julho de 1906.

Tem tido muita voga no Rio de Janeiro, cidade a mais nervosa do mundo, a idéa de fazer-se trasladar para alli os restos mortaes do finado imperador, a quem muita gente ainda proclama grande como um Marco Aurelio.

O governo olha com grande desconfiança o preito cogitado á memoria desse príncipe, que deixou tão grata impressão nos homens de bem do Brasil, e julgará mesmo sediciosa essa manifestação de affecto, já tendo acautelado os perigos della com registramento na policia dos nomes de quantos falem em tributar-se tamanha honra á victima de quasi meio seculo de serviços ao paiz.

Póde bem ser que dos rebeldes alguns retratos já estejam no bolso dos agentes de segurança, que colaboram na grande obra da consolidação das liberdades patrias.

Desse stygma, felizmente, o nosso modo de vêr nos terá preservado.

Achamos que é profanar as cinzas do grande príncipe, tiral-as de S. Vicente de Fora para a terra que elle tanto amou, e na qual por fim não encontrou quem um *pater* lhe rezasse.

Naquelles despojos sagrados não devem tocar mãos brasileiras. Se o heroe americano, sablo como Lincoln, o não disse, a elle coubera dizer, como o exímio servidor de Roma: — *Terra ingrata, não possuirás os meus ossos.*

E o governo brasileiro nem está na altura de vêr, sem escandalo, prestar-se uma homenagem a quem tanto merecia aquella phrase de reconhecimento proferida por Magalhães — *Nós lhe devemos o bem, que gosámos.*

Já mui pouco nos resta do que deixou o seu reinado, e disto podemos ainda ter ufania.

Os demolidores, que surgiram do *nosso* 89, são creaturas que não se deixam vencer por nenhum exemplo de generosidade humana. Dos primeiros actos de Luiz Felipe, depois de 1830, foi reclamar da Inglaterra os ossos de Napoleão e mandal-os vir para *Les Invalides*, por seu proprio filho, desde o rochedo de Santa Helena.

Nenhum medo lhe causou essa restituição postuma, á França, dos despojos do inimigo tão implacavel da sua familia, que chegára a arcabuzar com violação de todas as leis humanas o duque de Enghien, do sangue dos Condés, e trouxera toda ella banida da sua patria, por todo o tempo em que elle foi o assombro do mundo.

Menos actuou no animo do grande rei o temor, porventura, de reviver a coragem abatida de tantos amigos da causa que ficára symbolizada no vencido de Waterloo.

Toda a França teve a satisfação de descobrir-se ao tocarem as suas plagas aquelles restos de soldado, que, com a sua espada, havia traçado as raias na carta da Europa.

Eram outros, porém, os homens que os recebiam; homens, que vinham de outras origens.

No Brasil, pouca gente póde supportar, sem cravar os olhos no chão, a presença do feretro que chegue de S. Vicente de Fora!

O sr. Rodrigues Alves, por exemplo, não teria essa coragem d'alma, e quasi toda a sua côrte, que grande parte tinha sido do morto egrejo.

Não: não haverá quem nos prenda, por assentimento que prestemos, como millesima partícula do corpo social, ao peccado civico que se vai manifestando no Rio de Janeiro.

Para cortar nos terrores de tantos homens benemeritos da Republica, não entrariamos jámais nos intuitos sediciosos, e tanto menos, quando sentimos que ninguem melhor que Pedro II, a não ser a sua mansidão de Jesus, teria o direito de dizer expirando: *Non possidebis ossa mea.*

Descance em paz o nosso amigo no seu tumulo de S. Vicente; que elle foi o primeiro na régia estirpe que deu ao mundo o nosso instituidor civil—D. Manoel, o Venturoso.

Na sua nevrose de cada dia, fique o povo do Rio de Janeiro na liberdade de encher praças e ruas de monumentos, provocando a admiração dos vindouros para uma centena de heróes que a revolução nos deu, e nem esqueça aquelle cavallo glorioso que o sr. Bocayuva montava em 15 de novembro.

(D'O Unitario)

SALDANHA DA GAMA

UM ESTUDO SOBRE O ILLUSTRE ALMIRANTE BRASILEIRO. — O 2.º TENENTE DA ARMADA JOSÉ EDUARDO DE MACEDO SOARES. — VALIOSA COLLABORAÇÃO PARA O «ALBUM IMPERIAL».

AOS leitores da nossa revista damos hoje um verdadeiro brinde, publicando um fragmento inédito do importante estudo sobre Saldanha da Gama está elaborando o distincto moço paulista José Eduardo de Macedo Soares, 2.º tenente da armada.

Cabe ao *Album Imperial* a honra de ter as primicias desse interessantissimo trabalho, cujo primeiro volume está a entrar para o prelo, formando a obra, ao todo, tres grossos tomos.

O excerpto que offerecemos hoje pertence ao primeiro volume, no qual o seu auctor estuda a individualidade e a epocha do almirante Saldanha, desde 1846 até 1868, sob os pontos de vista psychologico, sociologico e politico. Além do capitulo que publicamos na presente edição, obtivemos para o *Album* uma das cartas inéditas do heróe de Campo Osorio, escripta do Paraguay em 1867 e convenientemente annotada pelo talentoso official de marinha. Dal-a-emos no proximo numero e julgamos escusado chamar para ella a attenção dos leitores, visto o natural interesse com que os brasileiros acompanham tudo quanto diz respeito ao glorioso almirante.

O 2.º tenente Macedo Soares, que tem a seu cargo o archivo de Saldanha da Gama, já concluiu o primeiro volume da obra e, para que se avalie da sua importancia, aqui publicamos o seu summário:

PROLOGO.

I LIVRO: FORMAÇÃO:

- a) Luiz Phelippe de Saldanha da Gama
- b) Ascendencia — Herança e atavismo
- c) Nascimento e primeira infancia.

1846:

- a) O Brasil social em 1846
- b) Situação politica em 1846
- c) Educação nacional.

ADOLESCENCIA:

- a) D. José de Saldanha da Gama
- b) Collegio Pedro II e instrução secundaria
- c) A familia e a adolescencia.

1860:

- a) O paiz em 1860
- b) A marinha em 1860
- c) A Academia de Marinha.

II LIVRO: GUERRAS DO URUGUAY E DO PARAGUAY.

POLITICA EXTERNA DO 2.º REINADO:

- a) Diplomacia no Rio da Prata
- b) Missão Saráiva
- c) As represalias contra o Uruguay
- d) Convenio de 20 de fevereiro.

INTERVENÇÃO PARAGUAYA:

- a) Partida para a guerra — Paysandú
- b) Intervenção paraguaya — Uruguayana
- c) Tratado de Alliança — Politica da Alliança.

OSTRACISMO MILITAR:

- a) Buenos-Aires e Alto Uruguay
- b) Ostracismo militar — Casamento — 1866.

CARTAS DO PARAGUAY:

- a) As cartas
- b) O estylo.

OS DIRECTORES DA GUERRA:

- a) Caxias
- b) Mitre

minente na moderna geração literaria do paiz, e, não obstante o verdor da idade, já é senhor de um estylo fluente, em que a corrección da phrase anda a par da clareza da exposição. Methodico, imparcial na apreciação dos factos,

leitores do *Album* o distincto moço paulista, cujo retrato lhes offerecemos tambem, numa autotypia que difficilmente conseguimos obter á ultima hora:

José Eduardo de Macedo Soares é portador do mesmo nome de seu venerando pae, o illustrado professor desta capital dr. José Eduardo de Macedo Soares, director do conhecido e acreditado estabelecimento de instrução «Gymnasio Macedo Soares». Sua mãe é a respeitavel sra. d. Candida Alvares de Azevedo Sodré, senhora de grandes virtudes, modelo de esposa e de mãe de familia.

Nasceu nesta capital a 4 de setembro de 1882, descende de uma das mais antigas familias do Brasil e sua genealogia se entronca a brasileiros illustres do seculo XVI. Em Portugal, na Hespanha e na Escossia estão os braços dos seus ascendentes remotos, da mais nobre linhagem desses reinos.

No Brasil, os Alvares de Azevedo, os Macedo, Azeredo Coutinho, Ribeiro de Almeida, Duque Estrada, Sá Freire, Sodrés e Abreus são, como as suas numerosas e illustres collateraes, familias de proprietarios ruraes, magistrados, poetas e publicistas.

O joven Macedo Soares educou-se nesta capital, onde frequentou diversos estabelecimentos de instrução; matriculou-se depois na Escola Naval, cujos estudos concluiu em 1903, sendo então promovido a guarda-marinha e um anno depois a 2.º tenente.

Muito joven ainda, e no inicio da carreira que promette ser brilhantissima, o 2.º tenente Macedo Soares já conseguiu, pelo seu unico esforço e merecimento, uma posição saliente dentro os moços de sua geração. Intelligente, sympathico, insinuante, estudioso, nada lhe falta para a conquista de eminente posto na nossa marinha. Dedica-se especialmente a estudos de Direito Internacional e de historia geral e conhece, como poucos da sua idade, factos e homens do Brasil e a nossa historia politica, que estuda ainda com afincio, nos seus menores detalhes. Acompanha de perto o movimento da politica estrangeira e tem estudos especiaes de diplomacia. Na obra sobre a vida e a epocha do almirante Saldanha da Gama, tem occasião de revelar a variedade e a solidez dos seus conhecimentos.

Em assembléa de officiaes do Club Naval, foi o 2.º tenente Macedo Soares eleito, ha pouco tempo, membro da comissão Barroso-Saldanha, que tem por missão repatriar os despojos dos dois gloriosos almirantes. Mais tarde, foi escolhido para secretario da Associação Protectora dos Homens do Mar.

Tacs são, em poucas linhas, os traços biographicos do distincto official de marinha que tomou a si a nobre tarefa de estudar em livro, através de documentos inéditos e á luz da historia, a figura extraordinaria de Luiz Phelippe de Saldanha da Gama.



c) Inhaúma.

CORRESPONDENCIA DA GUERRA (Inédita e annotada).

A correspondencia consta de 53 longas cartas, que constituem uma interessantissima historia da guerra, escripta por Saldanha da Gama.

Prevemos ruidoso successo ao trabalho do 2.º tenente Macedo Soares e não exaggeramos afirmando desde já que na literatura brasileira occupará logar distincto, por mais de um titulo.

O joven official de marinha se nos revela nessas paginas um escriptor com predicados a uma posição proe-

firme e independente nos conceitos, e, alliando a todas essas qualidades perfeito conhecimento do assumpto, o distincto official de marinha está aparelhado como poucos para estudar essa figura extraordinaria, essa individualidade complexa, esse vulto a muitos respeitos illustre, a que estava ligada a grandeza da nossa marinha de guerra e cujo nome é, ainda hoje, na armada brasileira, todo um programma de ordem, de disciplina, de bravura e de patriotismo.

Em rapidos traços, rematando esta noticia, damos agora a conhecer aos



PAGINAS ESCOLHIDAS



RIACHUELO

(EXCERPTO)

Alvorecêra brilhante o dia 11 de junho de 1865, domingo da Santíssima Trindade.

Duas leguas abaixo da cidade de Corrientes, na extensa curva que faz o rio Paraná, entre a ponta daquelle nome e a de Santa Catalina, ao sul, viam-se em linha de combate, mas com os ferros no fundo e fogos abafados, nove canhoneiras a vapor, em cujos penões tremulava a bandeira brasileira.

Eram a segunda e terceira divisões da esquadra, que, depois de juntar ás glorias de Tonelero, as de Paysandú e Corrientes, bloqueavam, sob as ordens do capitão de mar e guerra Barroso da Silva, o littoral occupado pelo inimigo.

Testa de columna a *Behnonte*, do commando de Abreu, e fechando a retaguarda a *Araguary*, de Hoonholtz, no centro arvorava a insignia do chefe o *Amazonas*, commandado por Brito. Occupavam os intervallos a *Mearim*, commandante Eliziario Barbosa, a *Beberibe*, commandante Bonifacio, a *Ipyranga*, commandante Alvaro, e a *Jequitinhonha*, commandante Pinto, içando a flâmula do chefe Gomenoro; a *Paranhya*, commandante Garçindo, e por ultimo a *Iguatemy*, commandante Coimbra.

O céu irradiava cores esplendidas e as aguas do rio, correndo rapidamente em uma largura de trezentas braças, por entre as ilhas de Palomera e bancos adjacentes, faziam luzir nos cretões e tortuosos canaes palhetas de ouro e prata, que iam quebrar-se em franjas de alva espuma, duas leguas além, na ponta de Santa Catalina.

Na margem esquerda, coberta de basto e corpulento arvoredado, projectavam-se ainda algumas sombras, em formoso contraste com a da direita, onde a natureza virgem do Chaco ostentava todos os esplendores da sua selvagem belleza, á luz do astro nascente.

Se o olhar experimentado do nauta pudesse, aos primeiros alcores da manhã, descortinar, por entre as arvores gigantescas e emmaranhadas silvas da margem correntina, o que se alli passava, não reinaria tanta calma nos des-cuidosos vasos, e prompto soaria em todos elles o toque de alarma, porque um grande perigo os ameaçava!

E' que, ao longo do littoral, na parte baixa da curva em que vem desaguar o *Riachuelo*, desdobrava-se extensa fila de abarracamentos, erguidos no silencio e escuridão da noite.

Dois mil infantes inimigos, cosendo-se com a terra, e tendo ao lado as mortíferas armas, espreitavam o combinado ensejo para atirarem certos sobre uma presa, que reputavam segura, por estar desprevenida.

Mais longe, no extremo da ponta, sobre as desigualdades do terreno e mascaradas pela matta, collocára o coronel Briguez formidaveis baterias de foguetes a congrêve e 22 canhões, cujas pontarias firmava sobre todos os estreitos passos, que deveriam descer e subir, transpor e cruzar as canhoneiras brasileiras, afim de destruil-as com seus fogos.

Tudo fôra planejado pela sagaz perfidia do guarany, que não confia só da superioridade numerica das forças o exito dos combates, senão principalmente dos embustes imprevisos e dos lances de surpresa.

A sorte dos navios brasileiros, porém, estava bem protegida pela santidade da causa que defendiam e indomável coragem de seus imperterritos tripulantes.

Concluida a faina da baldeação, parte das guarnições vogára para a terra, em busca de lenha com que supprir a escassez de carvão, e o resto descansava, á excepção das vigias, que estavam alerta nos cestos de gavela, dos homens necessarios á guarda da tolda.

Os sinos de bordo soaram 9 horas da manhã.

Repentinamente, por sobre a ponta de Corrientes, a enfrentar com a ilha de Mera, levantou-se ligeira nuvem de fumo, e, após essa, outra e mais outras, e quasi ao mesmo tempo ouviu-se cair do tope de vante este grito: — *Navio á proa!* e logo este outro: — *Esquadra inimiga á vista!* Içou de prompto a *Mearim* o correspondente signal.

Rufam os tambores e trillam os apitos em todos os navios das divisões; o *Amazonas* destralda aos ventos o terrífico signal — *Preparar para combate!*

Um estremecimento electrico corre pelas veias dos valentes officiaes, marinheiros e soldados; todos acodem pressurosos e contentes aos seus postos, porque é finalmente chegado o momento de dar um dia de gloria á patria querida e de infligir o primeiro castigo pelas atrocidades commettidas em Matto-Grosso contra populações inermes, delicadas mulheres e innocentes crianças!

Já os fogos estão despertos, já as amarras são largadas sobre boias, as peças e rodizios acham-se em bateria, abrem-se os paíões, as balas e as metralhas empilham-se no convez, as gavelas guarnecem-se de atiradores, e os contingentes do exercito emfileiram-se nas bordas. Pairando sobre as pás e de morrões accessos, só esperam os navios o signal de fogo!

VISCONDE DE OURO PRETO

O ALBUM IMPERIAL é o unico quinzenario de S. Paulo que se publica regularmente, em dias certos.



No Maranhão

Quando eu tinha treze annos, lá na provincia, uma das familias que mais intimamente se davam com a minha era a do velho Cunha, um bom homem, já afastado do commercio a retalho, onde fizera o seu peculio, e casado com uma senhora brasileira, d. Marianna.

Tinham um casal de filhos: Luiz e Rosa, ou Rosinha, como lhe chamavamos. Luiz era mais velho que a irmã apenas um anno e mais moço do que eu apenas mezes.

Fomos por bem dizer criados juntos, porque, quando não era eu que ia visitá-los, eram elles dois que vinham passar o dia commigo.

Moravam na praia de Santo Antonio, num grande e bello sobrado, cujos fundos, como o de todas as casas do littoral da ilha do Maranhão, davam directamente para o mar.

O Cunha, além desta casa, que era de sua propriedade, tinha um sitio, onde ia frequentemente pássear com a familia.

Quasi sempre levavam-me tambem. O sitio chamava-se «Boa-Vinda» e ficava á margem do rio Anil, para além de Vinhaes. Embarcava-se no proprio quintal da casa.

Estes passeios a Boa-Vinda constituam um dos maiores encantos da minha infancia. Creado á beira mar na minha ilha, eu adorava a agua; aos doze annos, era já valente nadador, sabia governar um escalor ou uma canoá, amainar com destreza a vela num temporal, e meu remo não se deixava bater facilmente pelo remo de pá de qualquer jacumahuba pescador de piabas.

Sahiamos quasi sempre no segredo da primeira madrugada e chegavamos ao sitio ao repontrar do sol.

Ah! que deliciosos passeios! Que bellas manhãs frescas, deslidasas por entre os mangaes, sentindo-se rescender forte o odor salgado das marezias! E depois, lá no sitio, installados na varanda de telha vã, que prazer não era devorar o almoço, assentados todos em bancos de pau, em volta de uma mesa coberta de linho claro, a beber-se o vinho novo do cajú por grandes canecas de terra vermelha! E depois—toca a brincar! toca a correr por ahi afóra, em pleno matto, cabellos ao vento, corpo e coração á larga!

E, á tarde, depois do jantar, quando á natureza principiava a cair nos

desfallecimentos chorosos do crepusculo, vinhamos todos assentar-nos na eira, defronte da casa, ouvindo o pio mavioso e plangente das sururinas, que se acoitavam para dormir nas mattas proximas. Então, Luiz ia buscar a sua flauta, Rosinha o seu violão, e eu, acompanhado por elles, punha-me a cantar as modas mais bonitas de minha terra.

D. Marianna e o Cunha gostavam de ouvir-me cantar. Nesse tempo a minha voz tinha ainda, como minha alma, toda a frescura da innocencia.

A' noite, emfim, metiam-se de novo no balaio as vasilhas do farnel, carregava-se com tudo para bordo da canoá, extendia-se por cima uma vela de lona, em que nos assentavamos os tres, Luiz, a irmã e eu; o Cunha tomava conta do leme, com a mulher ao lado; tres escravos encarregavamos dos remos; e rebatiamos para a cidade.

Tanto era risonha e viva a ida pela manhã, quanto era arrastada e quasi triste a volta pela noite. D. Marianna começava a cabecear de somno; o Cunha punha-se a falar commosco sobre as nossas obrigações de aula no dia seguinte; Luiz em geral deitava-se com a cabeça no regaço da irmã; e eu esticava-me sobre a lona, de rosto para o céu, a olhar as estrellas.

Uma noite voltavamos do sitio nessas condições. Mas havia luar.

E que luar! Desse que parece feito para quem anda embarcado; desse que vai espalhando pelo caminho adeante brancos phantasmas que soluçam, correndo pelas aguas, surgindo e desaparecendo com as suas mortalhas de prata, numa agonia de morte, como se fossem as almas afflictas dos afogados.

Tinhamos já passado Vinhaes havia muito e iamos agora deixando atraz de nós, uma por uma, todas as velhas quintas do Caminho-Grande, que dão um lado para o Anil. D. Marianna toscanejava como de costume, recostada numa almofada, o rosto pousado na palma da mão; Rosinha, com um braço fóra da canoá, brincava, pensativa, com as pontas dos dedos na orla phosphorescente que se fazia nas aguas a cada rumorosa braccagem dos remos; Luiz cantarolava distrahido; e o velho Cunha, vergado sobre o braço do leme, com o seu grande chapéo de carnaúba derrocado para a nuca, a camisa e o casaco de brim pardo abertos sobre o peito, fitava as praias que iamos percorrendo, como se a belleza daquelle noite do Norte e a scilidão daquelle formoso rio azul lhe enleassem traiçoeiramente o espirito burguez, fazendo o milagre de arrebatá-lo para um devaneio contemplativo e poetico.

Qual! No fim de longo recolhimento, quando passavamos em certa altura do rio, disse-me elle, com um suspiro de lastima:

— Que desperdicio de dinheiro e quanta incuria vai por aqui!... Vês aquellas ruinas cobertas de mattos? aquillo foi principiado ha bem quarenta annos para um grande armazem de alfandega... nunca passou do começo! Teve a mesma sorte do caes da Sa-gração e do dique das Mercês! Que gente!

E eu puz-me a considerar as ruínas, que pareciam crescer á luz do luar; e o Cunha, possuído de uma febre de censura, continuava a derramar pelas tristes águas do Anil a sua cançada indignação contra os malditos presidentes de provincia, que tão mal cuidavam da nossa pobre e querida capital.

E, á marcha monotona e vagarosa da canção, ia-se desdobrando lentamente ao lado de nós todo o flanco alcançado da cidade.

Surgiu á distancia o largo dos Remedios, elevando-se da praia como um velho baluarte dos tempos guerreiros. Ouvia-se já um rumor tristonho de casuarinas.

— Está alli! exclamou o Cunha, extendendo o braço para o lado de terra. Para que esbanjar dinheiro com uma estatua daquella ordem, quando ha por ahí tanta cousa de necessitada séria de que se não cuida?...

Olhei na direcção que o Cunha indicava e vi a estatua de Gonçalves Dias, erguida no meio do largo dos Remedios, toda branca, muito alta, triste ao luar como a solitaria columna de um túmulo.

Não achei animo nem palavras para protestar contra o que dizia o velho Cunha. De Gonçalves Dias sabia apenas que fóra um poeta infeliz e nada mais.

— E! rosou o pobre homem. Para o luxo de encarapar aquelle grande boneco no tope daquelle immenso canudo de marmore—houve dinheiro! E dinheiro grosso! Todo o povo do Maranhão concorreu! Ao passo que para concluir o trapiche de Campos Mello, que é uma necessidade reclamada todos os dias pelo commercio, não appareceu ainda quem se mexesse! Sucia de doidos! Isto é uma coisa tão revoltante, que eu, confesso, chego quasi a arrepende-me de me ter naturalisado!

Tornei a olhar para a estatua e, não sci porque, as palavras do velho Cunha não me produziram desta vez a impressão de respeito que costumavam exercer sobre o meu espirito de criança. Pungia-me aquillo até, como uma blasphemia cuspidá sobre uma imagem sagrada. Lá em casa da minha familia todos veneravam a memoria do nosso poeta, e na escola onde eu aprendia a escrever a lingua portugueza o meu proprio mestre lhe chamava a elle mestre.

No cmtanto, não oppuz uma palavra de defesa; mas, fitando agora de mais perto a branca figura de pedra, que na sua mudez gloriosa encara aquelle mesmo mar que serviu de sepultura ao cantor das palmeiras de minha terra, achei-lhe o ar tão tranquillo, tão superior, tão distante de mim e do Cunha, que balucei para este, tímida-mente:

— Mas, seu Cunha, se o povo lhe fez aquella estatua, é porque elle naturalmente a mereceu, coitado!

— Mercceu?! Porque?! O que foi que elle fez?... «Minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá. As aves que aqui gorgeiam não gorgeiam como lá?! Está ahí o que elle fez! Fez versos!

E o Cunha, no auge da sua indignação, redobrou de furia contra a loucura dos homens, que levantavam estatuas a poetas, em vez de cuidar dos trapiches que o commercio a retalho reclamava.

Nesse instante a canção deslizada justamente por defronte do largo dos Remedios.

A lua, perdida e só no meio do céu luminoso, banhava no seu mysterioso effluvio a immovel e branca figura de marmore.

E Rosinha, que não prestava attenção á nossa conversa, abriu a cantar, com a sua voz crystallina de donzella, uma das cantigas mais populares do Brasil:

«Se queres saber os meios
Porque ás vezes mo arrebatá
Nas azas do pensamento
A poesia tão grata;
Porque vejo nos meus sonhos
Tantos anjinhos dos céus,
Vem conmigo, ó doce amada!
Que eu te tirei os camilhos
Donde se enxergam anjinhos,
Donde se trata com Deus.»

E aquella menina, na sua virginal singeleza, estava desafrontando Gonçalves Dias, porque são delle os versos que ella ia cantando aos pés da sua estatua, innocentemente; rendendo, sem saber, emquanto o pae o amaldiçoava, o maior preito que se pôde render a um poeta: repetir-lhe os versos, sem indagar quem os fez.

Não sou supersticioso, nem o era nesse tempo, apesar dos meus treze annos, mas quiz parecer-me que naquelle momento a estatua sorriu.

Effeitos do luar, naturalmente.

ALUIZIO AZEVEDO



À andorinha

Ah! que conte não me peças,
Choravas se eu te contasse...
Não quero as marcas impressas
Da tristeza em tua face.

Vês tu aquella andorinha,
Que vóa de um a outro lado?
Ha muito tempo se aninha
No beiral do meu telhado.

Na solidão em que vivo
Tem-me sido companheira:
Se estou alegre, expansivo,
Ella ri-se prazenteira;

Gira, volteia incessante,
Chilreando doidamente,
E vem pousar sobre a estante,
Encarando-me de frente.

Mas, se o prazer me deixando,
Chóro, triste e desolada,
Começa então pipilando,
Como quem chora... coitada!

A' minha existencia insana
E' um ente familiar;
Para ser uma alma humana,
Falta-lhe apenas falar!

Ora, deu-se que o outro dia
O telhado concertaram,
E o ninho (que cobardia!)
Em minha ausencia arrancaram.

Soube o que havia occorrido
Logo que em casa me achei.
O passarinho sentido
Pensou que eu fui que mandei.

Mas quando mudo e sombrio
Sentar-me á mesa de estudo
Suspirando a ave me viu,
Comprehendeu então tudo.

E olhou-me com tal tristeza,
Que eu tambem puz-me a chorar...
Tinha filhos com certeza:
— Só de mãe aquelle olhar!

Mas deixemos a andorinha,
Enxuga o pranto da face:
— Não disse que tu, louquinha,
Choravas, se eu te contasse?

AUGUSTO DE LIMA

Independencia do Brasil

(Trecho de uma carta escripta em 1892 ao dr. Alfredo de Toledo)

«A que capitania ou provincia cabe a prioridade do movimento em prol da independencia do Brasil? a que individuo?»

— A nenhuma e a nenhum.

Nem a nacionalisação, nem mesmo a independencia de qualquer agrupamento humano—são ilhas no oceano dos acontecimentos. Só poderão pensar diversamente os idealistas piegas, os românticos trapalhões, que estudam a philosophia da historia pelos pontos de exame colleccionados nas repartições de nossa hypothetica instrucção publica, e ainda acreditam que Romulo fundou Roma e Lycurgo reformou, em poucas semanas, a indole dos spartanos.

Com *parti-pris*, com crença á priori, fóra facil até filiar o plano da independencia do Brasil ás poesias de Gregorio de Mattos!

Deu-se em nosso paiz o que se deu nas colonias persas do norte da Africa cinco seculos antes da era christã, na Cisplatina, na Belgica, na Grecia moderna e ultimamente em varios territorios turcos, hoje estados independentes. Quixias, movimentos locais, conjunctamento de interesses contra um poder central, reacções, luctas, enfraquecimento dos dominadores; independencia, emfim—eis o que houve, eis o que não podia deixar de haver.

A idéa nitida, determinada, franca, essa só appareceu no ultimo acto. Quaes, porém, o primeiro acto de autonomia, e o ultimo, que se traduziu em independencia organisada?

Resposta sabida: primeiro e ultimo actos foram representados em S. Paulo.

Um appello á memoria fornecer-me-á disso prova perfeita e indiscutivel. Eis a serie de agitações em prol da autonomia brasileira:

I—15 de agosto de 1611—movimento popular em S. Paulo, contra os jesuitas, e dirigido por Jorge de Barros Fajardo.

II—10 de julho de 1612—novo movimento contra os jesuitas, já então protegidissimos pelo governo da Metropole.

III—13 de agosto de 1640—movimento generalizado na capitania de S. Vicente. Expulsão dos jesuitas.

IV—1707 1710—Guerra dos emboabas.—Acclamação de *Amador Bueno da Veiga*.—Acclamação e organisação de um governo autonomo nas Minas: predominio de Manuel Nunes Vianna.

V—1710—Agitação pernambucana; movimento mais pronunciado do que os acima referidos; superior aos outros, pelo numero de victimas, porém de resultados menos praticos do que a lucta entre paulistas e emboabas.

VI—1720—Movimento republicano em prol da independencia de Minas Geraes, chefia de Sebastião da Veiga Cabral, a segunda figura dos tempos colonias (a primeira foi incontestavelmente João Fernandes Vieira); o defensor da colonia do Sacramento em 1705; o martyr que falleceu na prisão em Lisboa. Esquartejamento de Felipe dos Santos em Villa Rica, em 21 de julho de 1720 (ou 16 de julho? tenho minhas duvidas, pois as cartas do governador Conde de Assumar, quando tratam do *homem mais endiabrado que se deve imaginar*, prestam-se á adopção de ambas as datas).

VII—Inconfidencia.

VIII—Revolução de 1817, no norte.

IX—Ypiranga.

— Apprehenda, coordene o collega, com o invejavel talento de que dispõe, o desenvolvimento da autonomia brasileira nas nove agitações que consignei, e verá que não devem ter direito de cidade, em espiritos scientificamente democratas, essas reivindicaciones de character disfarçadamente pessoal e que, distanciadas do mestre Draper, tentam estudar as causas e effeitos dos acontecimentos passados, subordinando-as ás idéas, aos alvitres, ás zangas e ás modalidades do presente.

Da lista que inseri não consta a acclamação de Amador Bueno de Ribeira em 1640, em S. Paulo. Fil-o propositalmente: não concheco até agora prova cabal da veracidade de tal acontecimento.

Na *Revista* do Instituto Historico (1849, tomo 25), em Manuel da Fonseca, «Vida do padre Belchior de Pontes», em Pedro Taques, em Balthazar Lisboa, no Almanack Mineiro de 1864 e 1865, mesmo em Rocha Pitta, Porto Seguro e Roberto Southey, o collega encontrará a confirmação de quasi tudo o que lhe escrevo.»

MARTIM FRANCISCO

Alba et Umbra

Inedito para o *Album*

Nascia o sol tranquillamente,
Pombos, aos pares, voavam rente
Do teu jardim, dona Celeste...
(De nuvens d'oiro a alma recamo...)
Ah! foi então que me disseste:
—Como eu te amo, como eu te amo!

Brilhava o sol tranquillamente,
Pombos, aos pares, voavam rente
Do teu jardim, dona Celeste...
(Ah! como a alma se me parte...)
Ah! foi então que me disseste:
—Sinto que vou agora odiar-te!

Morria o sol tranquillamente,
Pombos, aos pares, voavam rente
Do teu jardim, dona Celeste...
Depois... (depois a noite veiu...)
Ah! foi então que me disseste:
—Como eu te odeio, como eu te odeio!

HORACIO GUIMARÃES

A NOSSA REVISTA

O brilhante organ carioca *Gazeta de Noticias*, a proposito de um artigo do actual presidente da Republica publicado a 7 de setembro de 1870, na *Opinião Conservadora*, e reeditado no ultimo numero do *Album*, fez a esta revista referencias honrosissimas que sobremodo nos penhoram,—gentileza que muito agradecemos.

No proximo numero

Francisco Octaviano

Estevam de Almeida

POETAS BRASILEIROS

Olhar de santa

A' SENHORITA ANGELINA

« Olhos tristes! eu sei vossa historia sombria
E sei quanto chorais, cheios de nostalgia,
O sonho que passu e que não volta mais... »

LUIZ EDMUNDO

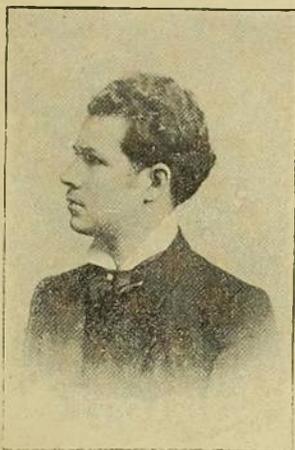
Olhar de santa! qual virgem tem esse olhar
Doloroso e gentil, que mostra occulta a dôr,
Que faz nascer saudade e reviver amor
Em um coração que na vida anda a vagar...

Olhar de santa! quem vive só para amar
Neste mundo fallaz, marchetado de flôr,
Sem este olhar, não ama a vida com ardor;
Ah! por elle no mundo ando sempre a chorar...

Olhar de santa, sois o da Virgem Maria,
Só quando, aos pés da cruz, chorava tristemente
Ao vêr o Nazarezo em horas de agonia...

Eu sei porque tão meigo andais eternamente,
Quanto santificais, cheio de nostalgia,
Aquelle louco amor que morreu suavemente...

J. CAMARGO PENTEADO



A esmola

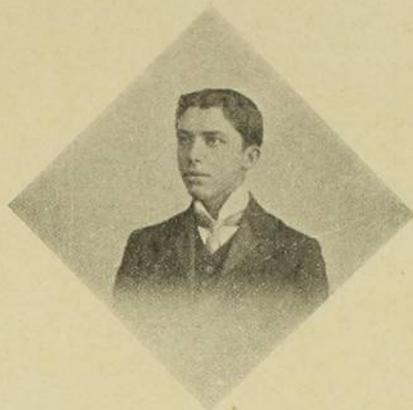
Na minha profissão de pobre vate,
Os livros meus vendendo na cidade,
Fragil já me sentia, ante o combate
Das letras que só vêem perversidade.

Sem sondares em mim pungente embate,
Tu, louca, por phantastica vaidade,
Disseste: «Pega este dinheiro e bate
Noutra porta de menos caridade.»

E, olhando-te formosa e acerba, a esmola
Eu desprezei-a com orgulho austero,
E altivo na missão que me consola!

Pelos teus olhos preso, allucinado,
Sei que nobre, rustico e severo,
Desprezando-te assim tão desgraçado!

VICTRUVIO MARCONDES



EU

(FECHANDO O MEU LIVRO «HORAS DE FEBRE»)

Os que meus versos leem (versos maguados,
cheios de dôr e de pesar tristonho),
querem saber porque é que eu os componho
de tristeza profunda repassados.

Dizem que eu sou feliz; porém não sabe
a gente que me vê tão satisfeito
as maguas que contengo no meu peito,
o soffrimento que em minh'alma cabe!

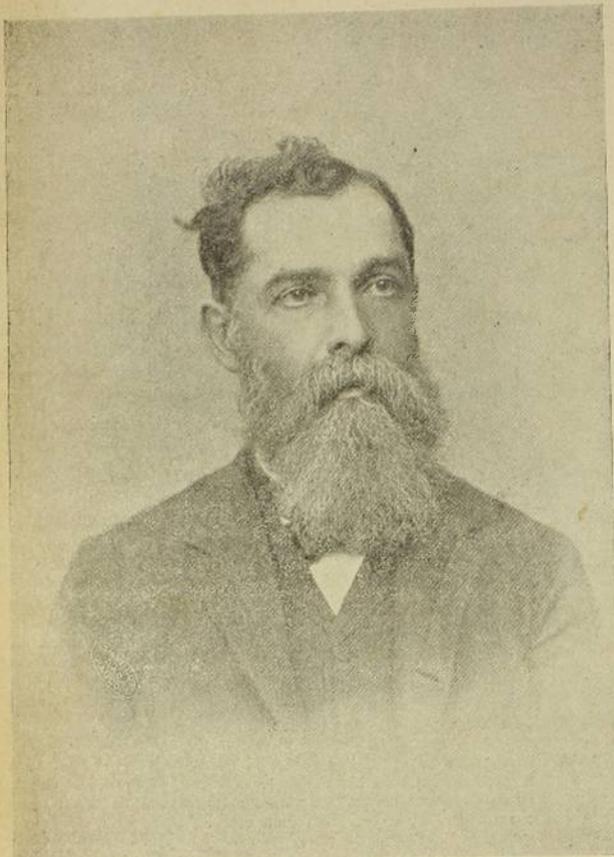
Se do meu coração vissem o fundo
(um coração que é como um grande cofre),
saberiam, então, o quanto soffre
meu ser, e a causa desse mal profundo.

Mas desconhecem todos o motivo
por que versos tristissimos componho;
pensam que sou feliz, vêem-me risonho,
quando soffrendo acerbamente vivo!

ELYSIO DE CARVALHO



Os nossos collaboradores -- Barão de Rezende



Barão de Rezende

NO ultimo numero, o *Album Imperial*, saudando o Barão de Rezende pelo seu anniversario, publicou as notas biographicas do illustre brasileiro; hoje, completa a homenagem ao esforçado presidente do Directorio Monarchista de Piracicaba, estampando o retrato de s. exa.

O Barão de Rezende escreveu expressamente para o *Album Imperial* o artigo que acompanhou o retrato do MARQUEZ DE MONT'ALEGRE e prometeu-nos, para breve, um estudo sobre FRANCISCO BELISARIO e outro sobre o MARQUEZ DE VALENÇA.

Conde de Porto Alegre

Cavalheiro que se occulta sob as iniciaes B. L. enviou-nos de Porto Alegre, com captivante dedicatória, um opusculo contendo discursos, artigos e poesias dedicados ao Conde de Porto Alegre, por occasião de inaugurar-se a sua estatua, em 1885, naquella cidade.

O *Album Imperial*, obediante ao seu programma de glorificação dos grandes vultos da patria, dedicará opportunamente um numero á memoria do Conde de Porto Alegre, e uma das mais gloriosas tradições militares do Imperio, considerado no seu tempo, pelos seus irmãos d'armas, o Bayard do nosso exercito.

O *Echo*, de Pitangueiras, distinguio-nos com a transcripção da phantasia *Olhos Verdes*, de José Vicente Sobrinho, e *Dono de nuvens*, de Alfredo de Toledo.

Arcebispo do Pará

A 25 do corrente, é esperado em Santos, de regresso de sua viagem á Roma, o exmo. monsenhor D. José Marcondes Homem de Mello, illustre arcebispo do Pará e um dos sobreviventes do naufragio do *Sirio*.

Poesias

A festejada poetisa d. Presciliana Duarte de Almeida vai dentro em breve brindar-nos com outro livro de versos, que está a cntrar para o prelo, em artistica edição.

Sabemos que a nova collecção de poesias de d. Presciliana é prefaciada pelo nosso eminente collaborador sr. Conde de Alfonso Celso, que escreveu o prologo do livro em delicados versos.

NÃO!

SÃO PAULO hospeda duas illustres personalidades: Joaquim Nabuco, grande pelo nome laureado que tem, grande por seu grande descortino intellectual e pelos serviços prestados á Patria Brasileira; e Assis Brasil, portador de uma intelligencia que se tem revelado robusta e pratica nos diversos departamentos do saber.

Admirador de Nabuco, assisti hontem á manifestação que a mocidade academica fez a este illustre patricio; e entendo que, numa festa como essa, tudo deveria correr amistosamente, sem allusões que desagradassem, sem referencias que ferissem as convicções de algumas pessoas presentes, pois o povo que, debaixo das scaccadas da *Rôtisserie*, acclamava aquelle ministro na sua totalidade não era republicano...

Entretanto, assim não succedeu, pois o sr. Assis Brasil, no seu discurso, sahio-se com esta tirada, sómente admissivel, se fosse pronunciada por s. s. ao despontrar risonho dos seus vinte annos, no tempo da propaganda: (*)

Foi abolicionista, porque entendia que a redempção dos captivos devia ser a pedra angular sobre que se baseasse a Republica, porque a *Monarchia só podia viver com a escravidão*. (Vide *Estado*, de hoje, 14 de setembro de 1906.)

Porque a Monarchia só podia viver com a escravidão?

S. s. não explicou, nem explicará de uma maneira decente para os antigos senhores de escravos...

Todo o mundo sabe que a lei 13 de maio foi a cupola estupenda que veio coroar diversas conquistas liberaes feitas na Monarchia, por homens da Monarchia e tendo á frente delles o maior monarcha de seu tempo: — D. Pedro II.

Ninguém ignora que D. Izabel — a Redemptora —, querendo de um golpe só botar abaixo a escravidão, não attendeu aos conselhos do Barão de Cotegipe e escolheu muito de proposito o Ministerio João Alfredo, com o qual ella podia realizar, como de facto realiso, o seu sublime ideal, com plena approvação de seu Augusto Paes, então ausente.

João Alfredo em 1888 — diz Joaquim Nabuco, no seu monumental trabalho *Um estadista do Imperio*, vol. 3.º, pag. 558 — aproveita a ausencia do Imperador para fazer a abolição immediata, mas se o Imperador estivesse no Imperio elle teria egualmente sido chamado para resolver o problema, ainda que de outra forma...

D. Pedro II, que a 13 de maio de 1888 se achava na cidade de Milão, doente, desenganado, quasi agonisante, ao saber que fora assignada a Lei Aurea, pôde-se dizer que resuscitou, brandando no seu leito de dôres — *Grande povo! Grande povo!*

(*) Como rethorica do tempo da propaganda, já o padre João Manuel disse a mesma coisa, em melhores termos e em tempo mais opportuno: « Abolida a escravidão, que nos envergonhava, é preciso abolir-se o poder que nos opprime e esmaga, esterilizando todas as forças vivas da nação. Uma coisa é consequencia natural da outra ».

Anos depois de proclamada a Republica, esse tribuno, descrente dos homens, dizia noutro diapasão, referindo-se ao Imperador: « Um gigante de estatura colossal, prostrernado por verdadeiros gigantes, que moralmente não podiam sequer roçar e lumber a sola de seus sapatos! »

Mais tarde, banido e despresado, ainda elle repetia a sua patriotica exclamação, neste bello soneto:

Desallecido, errante, forasteiro,
Já das sombras da morte circundado,
Subito ouvi: « Resurge! que extirpado
Foi no Brasil p'ra sempre o captivo! »

Presto a fugir, o alento derradeiro
Volveu-me ao coração quasi parado:
« Grande Povo! exclamei, « povo adorado!
Entre os demais da terra és o primeiro! »

Traguei depois meu calix d'amarguras;
Mas da verdade a lei não ha quem mude:
Grande povo! eu dissera antes torturas.

Grande povo no brio e na virtude!
Sê feliz, goza em paz as mil venturas
Que deparar-te quiz e que não pude!

Na occasião de D. Izabel assignar a Lei Aurea, José do Patrocínio, republicano e abolicionista, enthusiasmando deante desse acto tão grandioso, tentou beijar-lhe os pés, e, de joelhos, chorando de commoção, pronunciou um discurso vibrante e monumental de sentimento, de gratidão e amor.

Conta Coelho Netto que, no theatro Lucinda, no Rio, o temerario propagandista Silva Jardim, num violento discurso, atacou José do Patrocínio « captivo de um beijo com que a Princesa ameigára o filho... », porém o tribuno defendeu-se brilhantemente. « O povo ergueu-se e as mesmas vozes que, minutos antes, o haviam apupado acclamaram-no com delirio. A derrota mudou-se em triumpho e foi por entre alas que atroavam applausos, através de uma ovação stupenda, que Patrocínio deixou o theatro. »

Se o throno dos Braganças cahiu, por terem os illustres membros dessa familia sempre trabalhado pela redempção dos captivos, então é o caso de abençoar-se essa queda, porque, em troca da perda de um throno neste mundo de miserias, levantou-se um outro, muito mais firme, mais bello, mais glorioso, cimentado num milhão de peitos escravos, cujas bençams por certo subiram e subirão ainda até á Grande Morada onde não ha fórmias de governo e sim — Deus!

Assim, porém, não aconteceu, pois pela historia tão recente desses factos sabe-se que a Republica podia, talvez, ser proclamada mais tarde, mas a sua victoria na madrugada de 15 de novembro de 1889 foi obra de um méro acaso, pois o general Deodoro, velho servidor e protegido de D. Pedro II, visava apenas a queda do gabinete chefiado pelo preclaro sr. Visconde de Ouro-Preto. Este illustre parlamentar, narrando o seu encontro com o general revoltoso, na celebre madrugada (Vide *Dictadura militar no Brasil*, pag. 69), diz: « Declarou (Deodoro) que o Ministerio estava deposto e que se organisaria outro, de accordo com as indicações que iria levar ao Imperador. »

O Brasil, no tempo do Imperio, foi justamente denominado *democracia coroadada*, e uma democracia parece que pôde viver perfeitamente sem a escravidão...

D. Pedro II possuía uma grande alma, temperada na pratica do bem e da virtude, e por isso o seu governo não podia ser baseado na escravidão.

Diz ainda Joaquim Nabuco (obra e vol. cit., pag. 567):

« No fundo, D. Pedro II tem pelo throno o mesmo desprendimento que D. Pedro I: nem um nem outro se manteria no poder, derramando sangue; são imperadores, emquanto assim agradar ao paiz, emquanto todos quizerem; não ajustam contas com

elle: um não apura o sacrificio que fez em 13 de maio de 1822, renunciando implicitamente, por amor do Brasil, a Corôa da Metropole; o outro não apurará os cincoenta annos de abnegação e sacrificios que fez por elle: deposto, seguirá para o exilio, levando sómente dividas, — que nada eram comparadas ás esmolas feitas á custa da sua dotação, — pagal-as-á, caso talvez, solitario nos vaivens da realeza, com o leilão publico da mobilia e alfaias do seu palacio, deixando ao Estado a sua bibliotheca, sua riqueza unica (exceptuado o fóro e o laudêmio de Petropolis), sem disputar sequer as beneficencias de S. Christovam ».

Não, sr. Assis Brasil!
A Monarchia não era incompativel com a liberdade dos escravos. Pelo contrario, neste pedaço bellissimo da America do Sul todas as liberdades sempre acharam guarida. E uma prova eloquente e viva do que affirmo ahi está, a seu lado, na pessoa illustre de Nabuco, que foi um dos mais esforçados paladinos da abolição.

Da Monarchia vieram os grandes homens de hoje, Nabuco tambem veiu de lá.

Estude-se, pois, critique-se, elucidese, mas não se insulte o passado; de lá viemos e lá viveram nossos paes. Este Brasil immenso e uno foi a obra cyclopica desse grande passa-

do, e nós, por nossa vez, devemos amal-o, conserval-o e engrandecel-o ainda mais, para que os nossos filhos não digam futuramente que não soubemos ser dignos da brilhante herança que recebemos.

LEONCIO A. GURCEL

S Paulo, 24 de setembro de 1906.



D. Ibrantina Cardona

Regressou para Mogy-mirim a inspirada poetisa dos *Plectros* e nossa distincta collaboradora.



O digno vigario de Pirassununga, revmo. padre Moysés Nora, em lembrança das exequias que promoveu na Matriz daquela cidade por alma do saudoso bispo de S. Paulo, publicou artistico folheto, com o retrato de d. José de Camargo Barros e eloquente elogio do illustre morto.

Penhoradissimos, pelo exemplar remittido ao *Album Imperial*.

E' convidado o sr. Alfredo Nogueira, representante do ALBUM IMPERIAL, a comparecer com urgencia no nosso escriptorio.

Fallecimentos

BARONEZA DE ITAHYPE

Deu-se no Rio, a 5 do corrente, o passamento da exma. Baroneza de Itahype, sogra do nosso eminente collaborador exmo. sr. Conde de Affonso Celso.

Senhora distinctissima, justamente venerada pelos seus dotes de coração, foi immenso o pesar que a dolorosa noticia causou a todas as pessoas de suas relações.

A exma. sra. Baroneza de Itahype era esposa do titular do mesmo nome.

Associamo-nos de todo o coração á dôr do exmo. sr. Conde de Affonso Celso e de sua exma. esposa, pela irreparavel perda que acabam de soffrer.

MAJOR ELIAS CARRIJO

Em Dôres de Santa Juliana, Estado de Minas-Geraes, aonde fôra revigorar a sua saúde, ha tempos abalada, falleceu no dia 28 do mez passado o major Elias Carrijo, advogado no fóro de Uberaba e alli muito estimado, pelos seus grandes dotes de coração e de espirito. Além de habil advogado, era o extincto dotado de outras qualidades apreciaveis: tocava habilmente violino e outros instrumentos de corda, prestando sempre com solicitude o seu concurso musical ás solemnidades religiosas realisadas nas igrejas locais. Com o seu distincto cunhado

e nosso illustre collaborador, dr. João Teixeira, redigia a bella revista *Jesus Christo*.

A sua desolada irmã exma. sra. d. Amelia Teixeira e a toda a familia do pranteado morto, o *Album* apresenta sentidas condolencias.

VIDA SOCIAL

Anniversarios

Fizeram annos:

No dia 2, o dr. Nelson Libero, diplomado em sciencias e letras pelo Gymnasio do Estado e quinto annista da Faculdade de Medicina do Rio;

No dia 8, a exma. sra. d. Maria Libero Pereira, extremosa esposa do sr. Henrique Pereira, habil guarda-livros da *Loja do Japão*; e o sr. Galileu Couto de Magalhães, segundo annista da Escola de Pharmacia;

No dia 10, o importante negociante desta praça e dedicado vereador municipal, sr. Francisco Nicolau Baruel, chefe da casa Baruel & Comp.;

No dia 13, o exmo. monsenhor d. José Marcondes Homem de Mello, illustre arcebispo do Pará.

Fazem annos hoje o sr. João Candido Martins, lente da Academia de Commercio e digno presidente da Junta Commercial, e a galante menina Eurydice, filha do dr. Lamartine Ferreira Alves.

ESCOLA DE PHARMACIA



Alumnos do 2.º anno do curso pharmaceutico e o lente de botanica descriptiva sr. Ignacio Puiggari

A GUARDA DE HONRA do PRINCIPE D. PEDRO

Nomes dos guardas naturaes de Pindamonhangaba

(LIDO PERANTE O INSTITUTO HISTORICO
E GEOGRAPHICO DE SÃO PAULO)

(Conclusão)

Presumimos que até hoje não foi publicada uma lista dos guardas de honra do príncipe regente, que não estiveram presentes ao acto grandioso da proclamação da independência; quanto aos de Pindamonhangaba, porém, a lacuna fica preenchida (15).

I

Manuel Marcondes de Oliveira Mello, segundo commandante da guarda de honra. Foi capitão-mór e, depois, primeiro barão de Pindamonhangaba. Casado, mas não deixou descendência. Era irmão de monsenhor Ignacio Marcondes de Oliveira Cabral, que representou papel notável na politica do Norte de S. Paulo. Desde capitão-mór, conta-se que a primazia de ter dado o primeiro — *Viva El-Rei do Brasil!* — foi disputada por muito tempo entre elle e o padre Ildefonso Xavier, trazendo-os em constantes atritos. Havendo, porém, nesse sentido, opiniões de chronicistas a favor de um ou de outro, parece-nos que a unica solução ao caso é attribuir a ambos esses illustres paulistas os primeiros — *Vivas El-Rei do Brasil!* — . . .

II

Domingos Marcondes de Andrade, sargento-mór. Casado e deixou descendência.

III

Francisco Bueno Garcia Leme, tenente. Casado e deixou descendência. Deste Leme conta-se que, por ser um cavalheiro muito bem parecido, alto, esbelto e elegante, mandaram para Portugal, entre outros, o seu retrato, afim de d. Maria I fazer uma idéa de alguns brasileiros importantes. Também se conta que, possuindo rara illustração para aquelle tempo, numa occasião certo estudante que mais tarde, na Monarchia, representou papel saliente na politica, vendo-o velho, achacado e doente, modestamente trajado, pretendia ridicularisá-lo. Garcia Leme, então, erguendo a fronte altivamente, exclamou: «Menino! Não me conheces: tenho vinte annos de aula e quarenta de pratica!»

IV

Miguel de Godoy Moreira e Costa. Casado e deixou descendência. Era tio do dr. Miguel de Godoy Moreira e Costa, antigo e illustrado ministro do Tribunal de Justiça, pae dos drs. Antonio de Godoy, saudoso chefe de policia de S. Paulo, e Plinio de Godoy, illustre deputado estadual.

V

Adriano Gomes Vieira de Almeida. Casado e deixou duas filhas, que

(15) Convém registarmos que o príncipe D. Pedro, em 1822, quando vinha do Rio para S. Paulo, na sua passagem por Pindamonhangaba, esteve hospedado no actual prédio do largo do Theatro, onde actualmente reside o sr. barão de Taubaté.

Esse prédio foi completamente reformado em 1837, data que figura em cima do seu portão principal.

morreram solteiras, em avançada idade.

Eis um facto interessante, a proposito desse guarda:

O príncipe d. Pedro, devido á sua pouca idade, era de um genio um tanto afoito.

Quando elle, acompanhado de sua guarda de honra, se dirigia do Rio de Janeiro para S. Paulo, antes do celebre dia 7 de setembro, ao chegar junto ao rio Parahyba, nas immediações de Jacarehy, encontrou uma barca competentemente enfeitada e atapetada, que estava á sua espera, para o transportar ao outro lado do rio. D. Pedro, porém, impacientemente esporeou o seu cavallo, que atravessou o rio a nado. Chegando o príncipe á outra margem, com os calções completamente molhados, o guarda Adriano Gomes de Almeida, que na estatura, corpo, etc., equalava com d. Pedro, emprestou-lhe seus calções, ficando com os do príncipe.

VI

Manuel de Godoy Moreira. Casado e deixou descendência. Entre seus filhos, distingue-se o prestante e distincto cidadão major José dos Santos Moreira, residente em Pindamonhangaba.

VII

Manuel Ribeiro do Amaral. Casado e deixou descendência illustre, entre a qual seus filhos dr. João Ribeiro Marcondes Machado, formado em Direito, antigo deputado provincial; e dr. Manoel Ribeiro Marcondes Machado, medico distincto.

VIII

Antonio Marcondes Homem de Mello. Casado, mas não deixou descendência. Era irmão do visconde de Pindamonhangaba, pae do nosso venerando consocio e illustre historiador sr. barão Homem de Mello.

IX

Benedicto Correa Salgado. Casado e deixou numerosa descendência. Era irmão do finado visconde da Palmeira e tio do fallecido barão de Itapéva e da sra. viscondessa da Parahybuna, que reside em Pindamonhangaba.

X

João Monteiro do Amaral, coronel. Casado e deixou numerosa prole. Este guarda de honra é um dos que os historiadores não mencionam, porque não esteve no Ypiranga no memoravel dia 7 de setembro.

XI

José Romeiro de Oliveira Godoy, sargento-mór. Casado e deixou numerosa e illustre descendência. Teve os seguintes filhos: barão de Romeiro, fazendeiro abastado, já fallecido; dr. José Vicente M. de Moura Romeiro, magistrado, depois fazendeiro, já fallecido; commendador Ignacio Marcondes Romeiro, fazendeiro, fallecido; coronel José Moreira Marcondes Romeiro, fazendeiro importante, solteiro; Antonio Marcondes Romeiro, fazendeiro, fallecido; dr. Matheus Marcondes de Moura Romeiro, fazendeiro, foi magistrado alguns annos; dr. João Marcondes de Moura Romeiro, antigo deputado provincial, magistrado em disponibilidade e advogado actualmente; dr. Francisco Marcondes Romeiro, medico abalisado, é deputado ao Congresso Federal. O sargento-mór José Romeiro teve mais tres filhas e muitos netos, que se formaram em Direito, medicina, etc.

Tambem este guarda de honra não esteve no Ypiranga, e, portanto, seu

nome não é mencionado pelos historiadores que se occuparam da guarda de honra de d. Pedro.

Concluindo este ligeiro trabalho, resta-nos dizer que os habitantes de Pindamonhangaba sempre se destacaram, nos diversos departamentos da actividade e do saber humano, honrando a terra onde nasceram.

No seu inicio, quando era uma simples capella, em fins do seculo XVII e começo do seculo XVIII, já os seus moradores eram os *mais opulentos e principaes em nobreza*, segundo Pedro Taques; mais tarde, em principios do seculo XIX, tambem seus filhos eram notaveis e abastados, representando a maioria na guarda de honra do príncipe d. Pedro; e ainda em nossos dias, essa localidade se salientou, possuindo dez titulares (16), todos cavalheiros opulentos, de fortuna. E, caso raro, até hoje essa cidade já produziu mais de 150 diplomados em medicina, Direito, engenharia, sacerdocio, etc., muitos dos quaes occuparam e occupam lugar saliente na politica, na magistratura e em outros cargos importantes.

Em 1860 escrevia Emilio Zalar (17) estas palavras a respeito de Pindamonhangaba:

«Distante sessenta leguas da capital do Imperio, e mais de trinta da capital da provincia, encontram-se os costumes, a illustração, a amabilidade e o bom gosto das brilhantes reuniões do Rio de Janeiro, no seio dessa população escolhida e fina, e crer-vos-cis transportado por encanto aos ruidosos salões do Cattete ou ás vivendas deliciosas de Botafogo e Andarahy. E' este sem duvida o ponto mais animado de todo o norte da provincia.»

E termina: «esta mimosa filha do Parahyba é tambem um dos centros mais brilhantes da civilização da provincia.»

LEONCIO GURGEL

(16) Referimo-nos aos exmos. srs. barão de Pindamonhangaba, fallecido; visconde de Pindamonhangaba, fallecido; visconde de Palmeira, fallecido; barão de Parahybuna, fallecido; barão de Itapéva, fallecido; barão de Romeiro, fallecido; barão de Taubaté, barão Homem de Mello, viscondessa de Parahybuna, barão de Lessa.

(17) *Peregrinação pela provincia de S. Paulo*, pags. 142 e 145.

28 de setembro

A DATA de 28 de setembro relembra uma das gloriosas ephemerides nacionaes — pois assignala o primeiro passo para a abolição da escravatura no Brasil.

A lei de 28 de setembro de 1871, promulgada graças aos esforços ingentes do eminente estadista José Maria da Silva Paranhos e mais conhecida pelo nome de Lei do ventre livre, visava a extincção gradual do elemento servil. Estavamos então no periodo agudo do escravagismo, tornando-se impossivel, devido á falta de organização do trabalho livre e a attitude hostil da lavoura, qualquer reiorna radical que tendesse a abolir de um só golpe o elemento servil. Era então uma medida inopportuna sob todos os pontos de vista, pois não poderia ser feita sem grandes abalos e a desorganização do trabalho agricola, perturbando por completo a normalidade e a vida economica da Nação. Veiu depois a lei Dantas, pela qual era considerado livre todo o escravo que attingia os sessenta

annos. Estavam assim o berço e a invalidez á sombra abrigadora dessas duas leis. Foram os primeiros passos para a solução do problema do elemento servil. A abolição immediata e incondicional era então impossivel.

Só mais tarde deveria ser satisfeita essa aspiração nacional e a mão fidalga (que pedimos venia para respeitosa beijação) de uma Princesa excelsa estava destinada a assignar a aurea lei que extinguiu, por completo, a escravidão no Brasil.

O Visconde do Rio Branco (José Maria da Silva Paranhos) nasceu na cidade da Bahia, terra privilegiada de estadistas e poetas, — a 16 de março de 1819. Foram seus paes Agostinho da Silva Paranhos e d. Josepha Emerenciana Barreiro Paranhos. A casa em que nasceu, na gloriosa cidade do Norte, o eminente estadista, está assignalada com as datas do seu nascimento e obito. Entre as muitas homenagens que á sua memoria prestou a gratidão bahiana, destaca-se a de um quadro, na igreja do Bomfim, em que é elle representado em frente a uma imagem de Christo, tendo na mão direita a lei de 28 de setembro, que aperta ao coração, ao passo que a esquerda afoga uma escrava que, entre outras, lhe apresenta os filhos livres de captivicio.

Paranhos fez os seus estudos na antiga Escola Central, onde devia ser mais tarde professor de mathematicas. Foi membro de varias associações scientificas e literarias nacionaes e estrangeiras. Era dignitario de varias ordens e era consideravel o numero de condecorações que possuia.

Impossivel enumerar todas as posições que occupou, sempre com brilho inextinguivel. O magisterio, a diplomacia, a politica — nada lhe foi extranho, tudo isso absorveu a sua actividade multipla, verdadeiramente assombrosa. Foi, em 1851, secretario do Marquez de Paraná, encarregado então de uma missão especial ao Rio da Prata, e de tal sorte se houve elle nessa espinhosa missão, que o Marquez, ao organizar mais tarde o seu gabinete, convidou-o para seu ministro da Marinha.

Ministro da Fazenda, ministro dos Estrangeiros, são conhecidos os serviços relevantes que prestou ao Brasil como titular de todas essas pastas e chefe de varios gabinetes.

Plenipotenciario e enviado extraordinario nas republicas Argentina, do Uruguay e do Paraguay, á sua energia e ao seu talento se deve a solução de varias pendencias importantissimas. Como ministro de Estrangeiros, coube-lhe a gloria de protestar contra actos de violencia praticados por um cruzeiro-inglez, salvando então a honra e o brio nacionaes achincalhados pelo governo britannico, protesto que, pela forma e energia com que foi redigido, lhe valeu referencias as mais entusiasticas de varios membros da Camara dos Lords, entre os quaes o grande lord Malmesbury.

Não vem de molde aqui fazer um estudo sequer ligeiro sobre essa individualidade, que se nos apresenta sob tão multiplos aspectos. Rememoramos, apenas, a data da sabia lei de 28 de setembro, sem duvida o maior padrão de gloria do genial estadista — por julgarmos que não devia passar despercebida tão gloriosa ephemeride.

RAUL DO VALLE

ANNO I

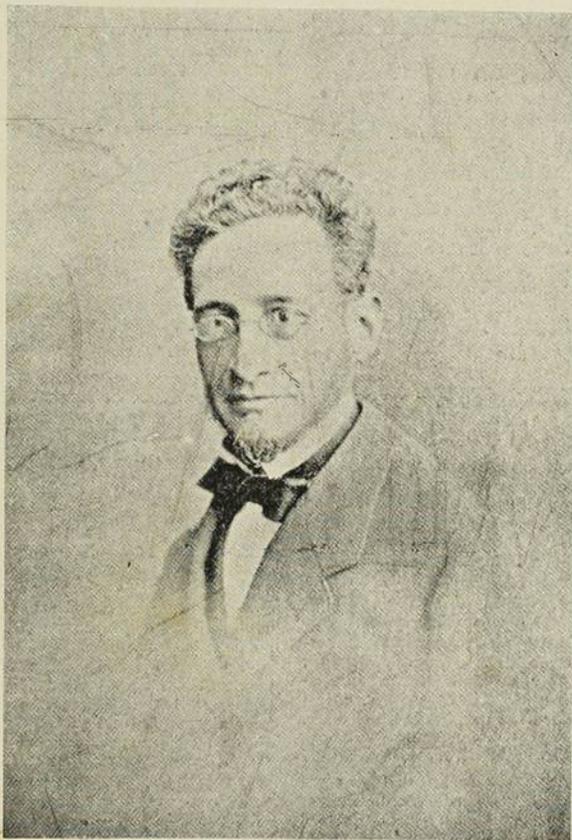
S. PAULO, 5 de outubro de 1906

NUM. 19

ALBUM IMPERIAL

QUINZENARIO POLITICO E LITERARIO

Director: Couto de Magalhães



FRANCISCO OCTAVIANO



Francisco Octaviano de Almeida Rosa



LUMINENSE, nascido a 26 de junho de 1825, formava-se em sciencias juridicas e sociaes, aos vinte annos de idade. Nas folhas literarias desse meio tempo, as primicias de seu notavel talento poetico.

Estréa de jornalista, teve-a, auspiciosa, na *Gazeta Official*, a seus esforços transmudada, a curto trecho, em publicação duplamente util. Em 1861, assim encomiava Reinaldo Carlos (1) a nova phase da folha: « Não eram mais artigos de interesse pessoal que exclusivamente preenchião suas columnas; todos os grandes interesses sociaes cram allí contemplados. Havia paginas para o expediente governativo, mas tambem para a instrução publica. »

Acolhido, em seguida, no *Jornal do Commercio*, escrevendo a *Semana* e traçando artigos doutrinaris sobre instrução publica, estatistica e administração em geral, funda no paiz o verdadeiro folhetim » e, ao mesmo passo, revcla-se aparelhado para os grandes commettimentos da imprensa e do parlamento.

Preito ao merito, os comicios populares abrem-lhe as portas da Camara dos Deputados, ao mesmo tempo que o Instituto de Advogados clege-o seu secretario.

Coincidia com essa ascensão de Francisco Octaviano ao galarim uma tal ou qual evolução de vida nacional, tanto na ordem economica, como na politica, ao sopro vigoroso do Marquez do Paraná, chefe de um gabinete em que eram vogaes Abacté, Nabuco e Silva Paranhos. Era a natureza americana — exclama o publicista já uma vez citado — rica de idéas vastas, personificada em um grande homem, que reagia contra a indole latina, de acção exclusiva do Estado, sem commudo perder seus vestigios de origem, pois a iniciativa partia ainda do proprio governo.

O Ministerio Paraná poz peito a systematisar a politica da conciliação, para obter o arrefecimento do excessivo ardor, esterilizante, das refregas politicas, na imprensa e no parlamento, e, em consequencia, a realisação de melhoramentos necessarios. De feito, logrou para logo inaugurar a primeira linha ferrea e promulgou uma lei eleitoral, ao parecer bastante garantidora do voto, tanto que os diferentes matizes conquistaram cadeiras na representação nacional.

Os politicos logicamente derivaram então dos corrilhos para a arremimentação em partidos de idéas: aqui, os conservadores, partidarios da centralisação administrativa e da tutela do Estado; allí, os liberaes, preconisadores da descentralisação e da iniciativa particular.

Francisco Octaviano perfila-se nesta phalange, que era a da mocidade, e cmboca o clarim. Na tribuna e na imprensa, pejeja pela liberdade industrial, a organisação das industrias fóra da acção directa do Estado, como pela liberdade parlamentar, o governo do paiz por suas legitimas influencias, aferidas pelo voto da nação.

São de Joaquim Nabuco estas palavras, dictadas pelo estudo dos monumentos que teve de esquadriñar

para escrever, em tres alentados volumes, (2) bóa parte da historia do Imperio: « Quem tinha nessa época a penna de ouro, em nossa imprensa, era Francisco Octaviano, então em toda a facilidade e já na madureza de seu brilhante talento de jornalista. » O *Correio Mercantil* era o seu proscenio.

Eil-o a incutir a necessidade de arremimentação aos conservadores, lançando-lhes em rosto a indolencia: « Ah! estão os chefes conservadores, que apenas se conservaram a si proprios, ah! estão sem programma, sem enrgia, sem bandeira, contentando-se com alguma escaramuça ingloria ou com alguma palestra á hora do chá. Reunem-se, não para fortalecerem as crenças de seu partido, não para pedirem á actualidade e ás circumstancias novos elementos de vida real, não para se collocarem á frente das idéas do tempo, combinadas com os principios cardeaes de seus dogmas; — reúnem-se para mostrarem os seus carros com braços nobiliarios, para soltarem algum epigramma chistoso e decidirem que o partido conservador não deve fazer opposição a priori a um Gabinete organisado por um dos mais notaveis creadores do mesmo partido! »

Eil-o a patentear a necessidade da discriminação politica, pelo perigo de, na sua falta, virem ao governo *entidades microscopicas*: « Os partidos, em geral, acautclam-se contra o Poder Executivo, mas não se acautclam contra os interesses individuaes, contra as paixões mesquinhas, contra as allianças forjadas no mysterio pela intriga, pela mediocridade invejosa, pela vaidade sem titulo. No emtanto, o mal pode vir das regiões elevadas, como das regiões mais humildes. E se houve quadra em que as entidades microscopicas ameaçassem a sociedade, é seguramente aquella em que nos achamos, quadra de fadiga dos partidos, quadra sem luctas, em que os homens se vão substituindo ás idéas.

Já tivemos dous grandes partidos fortemente constituídos, com principios estabelecidos, com chefes reconhecidos, com bandeira desdobrada, como os partidos de Inglaterra. Se a esses partidos succederem patrulhas sem bandeiras, sem chefes e sem principios, que se escaramucem ou cheguem a mesquinhos compromissos, entre as ambições sociaes e os interesses particulares, o paiz terá perdido já nestes cinco annos de tregua do que perdeu nos longos annos de lucta: porque, se outr'ora derramou o seu sangue, nesta nova phase commetteria a sua honra. »

Eil-o ainda a doutrinar a necessidade de jornaes politicos: « Cada dia nos convencemos de que os partidos precisam essencialmente de orgams legitimos na imprensa. Outr'ora, quando homens dedicados e de subida intelligencia escreviam uma folha eminentemente conservadora, o partido Saquarema tinha a coragem de suas idéas, porque esses homens se punham á frente da opinião e não viviam, como os chefes politicos que estão em posições elevadas, sempre timidos, sempre concentrados, soltando um ou outro oraculo sybillino e adiando todas as questões para a ultima hora. Hoje, porém, aquelles escriptores onde estão? O que fazem que não vêm emprestar suas idéas: que não vêm tomar a responsabilidade de uma opinião franca perante o paiz? »

(1) *Revista Contemporanea.*

(2) *Um Estadista do Imperio.*

Dous artigos primicias lançou Octaviano a 5 e 8 de dezembro de 1858, pedindo para os moços a maior parte no governo. Joaquim Nabuco transcreve-os na íntegra e os define — o grito da consciencia de uma geração que se sente inutilizada, por ser chamada tarde, fóra do tempo, á responsabilidade da direcção politica.

São paginas que merecem encorporadas á historia da época — continúa Nabuco —, como documentos muito suggestivos, e que fazem conhecer a fluidez, a vivacidade, a elegancia, a leveza dessa maneira que ficou inimitavel em nossa imprensa e á qual foi tantas vezes dado o nome de *atticismo*.

Alongariamos por demais este perfil biographico, se para aqui os trouxéssemos; mas não ha resistir ao impulso de proporcionar a leitura de alguns excerptos.

Do artigo de 15 de dezembro: «Ningum repelle o concurso da experiencia; ninguém repelle o concurso da illustração. O que não se quer é a experiencia que nada fructificou e a illustração que só illustra os interesses proprios. A reacção que se opera na sociedade brasileira não é directamente contra os ministros actuaes; ataca-os accidentalmente, porque os encontra de face. Se na roldana politica se tornarem a içar os figurantes antigos, nada lucrará o paiz com os successores. É melhor que continuemos a repetir a saudação da velha de Syracusa.

Dizem os interessados e repetem os que por indolencia ou fraqueza não querem gastar o tempo em pensar nos negocios publicos, — dizem que os cargos elevados precisam de *nomes de prestigio*..... Mas o que é o prestigio de que tanto se nos fala, a nós filhos de duas revoluções de hontem, que em 1822 nos fizemos livres da dominação estrangeira e que em 1831 conquistámos a liberdade politica? Será o prestigio que elevou ao Ministerio Limpo de Abreu, Rodrigues Torres, Alves Branco, Honório, Vasconcellos e tantos outros, *moços*, sem tradições, sem pergaminhos de chancellaria e sem outra recommendação mais do que seus talentos e vontade do bem servir? E em que época! Nas épocas mais graves da sociedade brasileira? Será o prestigio que elevou aos 35 annos Costa Carvalho á Regencia do Imperio?

Não; o prestigio de que nos falamos é outro; não se querem mais hoje os improvisos que partem da imaginação feliz e prompta; querem-se memorias academicas, carcomidas pela traça, mas com encadernação de luxo e de broche vistoso.»

Do artigo de 8 de dezembro: «O *Correio da Tarde* é o campeão da velhice. — não dessa velhice sympathica e veneravel que sorri aos ensaios do moço, que os anima sem inveja, que os applaude com convicção; já são raros os velhos assim! A velhice que merece os hymnos da tarde no *Correio* desse nome quer, como o avarento, que seus filhos a enterrem primeiro, para depois repartirem a herança. Exhala imprecações de raiva e acredita-se energica; arrasta-se vacillante e suppõe que caminha; ufana-se de saber e repete as prelecções do tempo em que a sciencia constava do que hoje se aprende como rudimento; substitue a acção pela contorsão; e quer, com os emplastos que applica nos tumores do seu corpo, curar as enfermidades de um Imperio majestoso! Esses velhos fazem lembrar o de Horacio: trabalham o marmore na vespera da morte; edificam palacios, quando deviam cuidar do tumulo.

Mas a velhice não é só a idade; nisso concordamos com o illustre arauto do passado: ha moços que, na decrepitude do espirito, semelham essas manhãs dos dias de inverno que são mais feias do que a

tarde. O que invocamos, o que queremos, é a força da intelligencia e a energia da vontade. Os homens novos — eis ahí principalmente o nosso credo; eis ahí a nossa fé. A mocidade symbolisa esses homens novos na sua maioria, mas não em sua totalidade.»

E a quem tinha a enfrentar o grande lidador! A um Justiniano da Rocha, a um Silva Paranhos, a um Salles Torres Homem... Basta mencioná-los, para se fazer idéa de um fulgor immenso a illuminar a justa travada.

* * *

Nem só como politico, jornalista ou parlamentar, serviu á patria Francisco Octaviano. Admiremo-lo tambem, como diplomata, nas mais intrincadas aperturas.

Em 1864, succedendo a Silva Paranhos, na representação do Imperio em Buenos-Aires, coube-lhe desempenhar papel conspicuo na lucta que se ia ferir entre o ideal civilizador do Brasil e a barbaria feroz do Paraguay.

O *Tratado da Triplice Alliança*, de 1.º de maio de 1865, é obra do plenipotenciario brasileiro, seu primeiro signatario. E é esse, para Ouro-Preto (3), o facto culminante do periodo.

Se teve censores, o preclaro publicista, em cerrada argumentação de longas paginas, põe por manifesto a sua significação, a sua importancia, todo o seu alcance. Tanto fizera a propaganda paraguaya, que ao Imperio, se bem que aliado a duas republicas, contra uma pseudo-republica, embaraços e difficuldades de todo genero se lhe antepararam, no decurso de toda a campanha.

Quantas complicações diplomaticas, qual a qual mais melindrosa, a reclamar toda a pericia, todo o alto descortino, de que era dotado, em boa hora para o Brasil, o seu representante! Ora, é uma mediação inopportuna e a inculcar-se: depois, são exigencias não justificadas de varios governos ou protestos por motivos imaginarios; mais tarde, é uma estranha applicação de leis internacionacs que se aventa....

Incidente diplomatico de monta foi, sem duvida, o occorrido por occasião do bloqueio fluvial do Paraguay, sob a direcção de Tamandaré e Barroso, com a canhoneira ingleza *Doterel*. A delicadeza do caso sobrelevava ainda, pela anormal situação em que estavam o Imperio e a Inglaterra, cortadas as suas relações diplomaticas, em consequencia da *questão Christie*.

A seguir, outro incidente com a corveta franceza *Decidée* e, logo após, mais outro com Washburn, ministro dos Estados-Unidos da America do Norte em Assumpção.

Em todas as emergencias, as notas do diplomata brasileiro, sua a proposito acção, seu empenho esforçado constituem brazões a assignalar a mais alta capacidade a serviço do mais acendrado patriotismo.

E graças a collaboradores taes foi que vingou o Brasil, na phrase de A. H. Leal (4), desopprimir o Paraguay da mais odiosa tyrannia, quebrando aquella espessa crosta secular que lhe interceptava a luz que allumiava a livre America.

* * *

Em 1869, era Octaviano senador e, ao lado de Souza Franco, Zacharias, Chichorro, Furtado, Dias de Carvalho, Paranaquá e Theophilo Ottoni, firma o *Ma-*

(3) *Marinha de Out'ora.*

(4) *Locuções.*



nifsto Liberal, redigido por Nabuco, de tão forte repercussão no Paiz, pelo grande mal que visava conjurar — a revolução.

Dahi a um anno, em 1871, proseguindo em sua rota, empenha-se o Brasil em nova campanha de glórias: « vencer o poder da escravidão; fazer-lhe o bloqueio moral ». Era a lei de 28 de setembro que se pretendia.

O Ministerio Rio Branco, embandeirado com o seu projecto de emancipação, causou dissidência entre os seus legionarios. Acudiu-lhe então em auxilio a hoste liberal, não de rotulo, mas de idéas, e Joaquim Nabuco, o historiador do segundo reinado, escreveu com acerto: « Foi em grande parte a attitudo de Nabuco, Octaviano e Souza Franco que animou Rio Branco a firmarse no terreno que algum tempo lhe tremeu debaixo dos pés ».

Apreciando a discussão da grande lei, eis como o insigne escriptor gradua e qualifica os mais notaveis discursos proferidos no Senado: « O mais eloquente, o mais cinzelado, foi o de Salles Torres Homem, soberba pagina que sobreviverá em nossa litteratura; o mais ousado, o de maior commettimento, o de Souza Franco, que propõe a indemnisação de 600\$000 por escravo a que os senhores derem liberdade immediata; do ponto de vista humanitario, porcm, o mais inspirado, o mais cheio desse sentimento que caracteriza os discursos de Lamartine sobre a escravidão, o de Octaviano ». Em vez de pugnar pela libertação dos nascituros, pleitea a emancipação da escrava nubil, como a medida mais fecunda e moralisadora, e reclama para breve o complemento da obra civilisadora: um plano para a libertação de toda a propriedade servil, com compensação de seus valores, em um prazo dado.

Correm os annos e, em 1887, estava em toda a

sua acuidade a questão militar. Octaviano, já septuagenario, toma ainda parte em sua discussão, com Silveira Martins, Cotegipe e Affonso Celso.

Colheu-o a morte em 1889, mezes antes da subversão do glorioso throno, em que Pedro II, o Grande, devia ser continuado por Izabel, a Redemptora.

* * *

Assim, Francisco Octaviano de Almeida Rosa, em seu longo estadio de homem publico, como jornalista, parlamentar e diplomata, interveiu intensamente para a prosperidade, futuro, gloria e renome da Patria extremecida, salientando-se em uma quadra rica dos mais peregrinos espiritos. Essas, as credenciaes que lhe franquearam honroso adito ás paginas deste periodico, destinado a aquilatar e commemorar a beneemerencia dos grandes servidores da Patria, no regimen decahido.

De intento, temos, neste escorço, omitido em Octaviano o poeta; feição sob a qual, ha pouco, estudou-o o *Seculo XX*. Nesse particular, até o iconoclastismo de Sylvio Romero sente-se tolhido; mas, no vezo de nunca deixar de roer um pouco o bronze dos monumentos, segundo uma phrase consagrada, assoalha sempre: não foi um poeta de fortes ideaes.

S. Paulo, 23 — IX — 906.

Estava de Almeida

FRANCISCO OCTAVIANO



QUE fale do Octaviano? . . . Mas é querer que conte a historia da borboleta de azas verdes e douradas que passou a manhã da vida esvoando nos jardins periumados, e, á tarde, ferida por duros espinhos, cahiu exhausta, mas ainda seductora, no matiz de suas azas.

Que fale dessa perenne mocidade a velhice triste? . . . Que a retina escurecida e a alma ainda mais escura reflecta os raios dos dias luminosos, que se padeça a grande dôr, *maggior dolor*, de, na miseria, recordar os tempos felizes. . . E' cruel, e elle disse que não se devia

« Pedir frio á penedia,
no tronco sêcco uma flôr,
pedir ao triste alegria,
ao gelo pedir calor. »

Mas, dizem-me, trata-se apenas de prestar proito a uma memoria querida. Seja assim: ás custosas grinaldas pôde misturar-se, sem pejo, uma humilde saudade.

Elle sabia encantamentos: diga-se, pois, um conto de fadas.

Era um dia . . . ha muito tempo . . . em outros tempos, quando havia fadas, e crenças, enthusiasmos, lyrismos. . . ha muito tempo . . .

O céu sorria no azul limpido; a terra tambem sorria nas flôres varias. Quando o primeiro raio do sol emergiu no horizonte e beijou a *flôr do valle*, a fada, que nella adormecêra, ergueu-se, rubra de confusão, por ter sido surpreendida, mas risonha e meiga, porque era a fada do Bem. Branda aragem agitou as folhas dos rosas e dos jardins alvos subiram ondas de perfume.

« Eu lhe esentei a voz harmoniosa,
ou vi a flôr do valle em seus verdores. »

E essa voz dizia:

Irmans queridas, vem surgindo o dia feliz: vamos cumprir a grata missão.

Então, dentre os calices, de sob as petalas de todas as flôres, ergueram-se figuras diaphanas de mulheres jovens e bellas: eram as fadas que despertavam.

No fundo azul do céu passaram, apressadas, lindas nuvens brancas e ouvia-se um sussurrar doce, bater de azas dos sylphos, quando segredam confidencias no espaço immenso.

E logo todas as fadas adejaram em torno de um berço modesto, no qual sorria uma criança pallida e debil.

A fada do Bem approximou-se e, solenemente, erguendo a mão direita, como para abençoar, disse:



— Sê bemvindo, tu que resumes nobres almas e santas afeições — a do medico illustre e caridoso cujos louvores entoam os desvalidos e a da esposa fiel, carinhosa, que, ainda muito tempo depois dello, encontrarás a teu lado, forte e solícita, lutando com a sorte ingrata; amarás o bem, não conhecerás a inveja, a perfidia, o odio; conservarás sempre a joia que deponho sobre teu peito.

E sobre as vestes alvas do infante viu-se brilhar um coração de ouro, desse ouro que cai das mãos de Deus em gotas invisíveis.

Adiantou-se então grave, mas não severa, a fada do Talento; collocou sobre o leito palmas verdes e cingiu a fronte da criança com folhas de louro, exclamando:

— Cultivarás com carinho a intelligência: o thesouro scientifico, que adquirires, porás ao serviço da liberdade e da patria e o communicarás aos que, como tu, quizerem saber.

Se a fraqueza humana algum dia te fizer vacillar, lembra-te de que o talento é sagrado, só quando defende o bello e o verdadeiro. Estas palmas hão de conservar-se virentes até que adormeças no sono eterno; dellas hão de lembrar-se muitos homens e por longo tempo.

Apenas ella se afastou, um grupo gentil, estreitamente entrelaçado, com gestos harmonicos e passo cadenciado, se debruçou sobre o berço. Uma do grupo enastrou a coroa de louro com rosas vermelhas e brancas açucenas; outra dispoz os ornatos em curvas elegantes; outra misturou ás flôres pedras scintillantes. Depois a primeira assim falou:

Nós dist: buimos os dons da poesia, da graça e do espirito. Não te dou a tuba epica, canora e belliosa: fôra pesada de mais. Dou-te algumas corças aureas, macias e flexiveis com que formarás tua lyra, tua só, porque só teu coração as fará soar, acordando em outros corações os sentimentos brandos e as doces emoções, e depois ringuem poderá imitar-te. Cantarás, poeta, em versos simples, naturaes, com accento afinado pela formosa lingua de teu paiz, que o culto assíduo te ha de ensinar, o amor e a belleza, a meiguice da mulher e a innocencia da criança. Eu e minhas irmãs, a Graça e o Espirito, seremos sempre contigo, na imprensa, a que darás elegancia, brilho e elevação; na tribuna, em que a phrase concisa e pura revelará a facilidade da comprehensão e a intenção sempre boa; na intimidade, onde, animando, ensinando, gracejando, serás o conversador engenhoso, variado, ameno, por vezes ironico e levemente malicioso, mas discreto sempre, abundante, inexaurivel e inimitavel. Saberás a linguagem a cada um apropriada; ao ancião sizoado, á dama sentimental, á donzella candida, ao menino innocente, e conhecerás tambem a eloquencia do silencio. Dirás um dia:

- Quando no coração, a vez primeira,
- um puro sentimento predomina,
- em silencio de timido respeito,
- adora-se a mulher que nos fascina.

Mas a fascinação será dominada; não profanarás a pureza do sentimento, porque dirás tambem:

- Beijar o nacar, que te accende os labios,
- seriu para mim prazer divino;
- mas eu não quero os risos da ventura,
- que poden profanar o teu destino.

Falará em teus versos a alma ingenua e amorosa, sem atavios nem arrebiques, nos dias limpídos da mocidade, como cantam as aves pela madrugada serena;

virão depois as noites sombrias, tristes e frias; saberás então que

- Quem não sentiu o frio da desgraça,
- quem passou pela vida e não soffreu,
- foi um espectro de homem, não foi homem,
- só passou pela vida, não viveu.

e, se, na dôr da decepção, surgir o phantasma da duvida, ouvindo teus irmãos das terras brumosas, onde o scepticismo tortura o pensamento, repetirás:

- Morrer?... dormir... não mais, termina a vida
- e com ella terminam nossas dôres,

recordar-te-ás tambem da fé ardente, das crenças purissimas aprendidas nos labios maternos e poderás dizer:

- Salve, estrella matutina,
- Mãe celeste e carinhosa,
- Rainha mysteriosa,
- Candida flôr peregrina!
- Casto perfume do céu,
- Mãe do doçura e de amor!
- Dá-me uma ponta do véo,
- Com que escondes do Senhor
- Os desatinos do réo,
- Os erros do peccador.

Digo sómente as canções singelas da tua mocidade, mas bem sei que guardarás sempre no recondito de tua alma minha imagem. Ainda quando a politica quizer afastar-te de mim, voltarás para a poesia olhos saudosos. A constancia desse amor só a revelará em voz baixa, no concheço do lar, quando, embaiando o filho querido, disseres:

- São horas de descanso; vem, innocente anjinho,
- A noite já succede ao dia que se esvae,
- Recalhe as azas brancas e pouso no teu ninho,
- Dorme, meu filho, dorme nos braços de teu pae.

ou, na intimidade dos amigos, quando, querendo apertar os laços de amizade entre povos vizinhos, disseres:

- O majestoso Prata bem claro nos ensina,
- Nessa junção feliz de rios tão distantes,
- Que os sul-americanos, por uma lei divina,
- Devem viver unidos, se querem ser gigantes
- Dos Andes Argentinos, das serras Brasileiras,
- E como dous amigos, unidos peito a peito,
- Abraçam-se no encontro e têm o mesmo leito.

E já em meio caminho da vida, confessarás:

- E eu tambem! eu tambem nasci na Arcadia,
- Na doce veiga da belleza eterna!

«A poesia! a bella poesia! Quem não a amarà, moço ou velho? Quem não a invocou em momento de fagueira illusão ou de felicidade momentanea?... Companhia da imaginação juvenil, ella desce das nuvens do céu, ou rebenta das espumas do mar... Quando o moço desperta dos sonhos, a poesia lhe inspira pensamentos mais elevados: o culto da liberdade ou da justiça. Foi assim que nas jornadas do mundo, se os espinhos me laceraram o manto e os seixos me ensanguentaram os pés, ficou-me sempre o coração amparado e pude conservar-o puro.»

Calou-se. Voltou então sobre o berço uma penna leve e vaprosa: não era de ouro, nem diamantina, mas o valor finissimo, que dir-se-ia de cinzel divino, não permitia indagar da natureza da materia.

Surgiu depois uma fôrma esbelta e vigorosa, illuminada pela chamma do enthusiasmo, fremente a voz:

Venho accender em teu peito o fogo do patriotismo. Amarás a terra em que nasceste e que se desvanecerá de te contar entre seus filhos dilectos; amarás suas tradições honrosas, amando os homens do

passado que a fizerem livre, grande e unida, e aquelle, que breve vai despertar, espirito nobilissimo, liberal, generoso, que conscrvará a patria tranquilla, prospera e respeitada. Nos seus jogos infantis terás parte, chamado como exemplo de quando póde a intelligencia fecundada pelo estudo, mas, felizmente, não o verás com a majestosa cabeça encanecida, curvada pela dôr, seguir o caminho do exilio, no silencio funebre, e na escuridão da noite, menos escura que a ingratição gerada pelo frenesi cruel das paixões politicas. Assim outr'ora o Justo foi expulso da cidade natal... porque era justo.

Quando te parecer que, nas assembléas do povo, a causa da liberdade não houve, passado longo tempo, uma voz que soube defendel-a, vibrante e poderosa, dirás sem inveja, vil sentimento que não conhecerás: «Estrella brilhante do sul, formosa provincia de Minas, porque desmaias no céu de nossa patria, quando ella precisa que scintilles com toda tua pureza antiga?...

Onde estão os teus filhos? A terra em que elles nascem já não tem força para produzir esses gigantes de talento e de animo, que escalarão o Olympo da monarchia absoluta?»

Quando deante do extrangeiro, apprehensivo de phantasiadas conquistas, cioso da natural supremacia, terás a clarividencia do estadista, a comprehensão exacta do momento historico, e com palavra sympathica, o argumento penetrante, a gentileza das maneiras, destruirás infundados preconceitos e firmarás a grande alliança, promovendo a concordia entre os povos vizinhos e zelando a dignidade e os interesses de tua patria.

Já as boas fadas se iam afastando, quando a fada má disse, raivosa: — Será como promettestes, não posso contrariar-vos: elle, porém, não terá a forma airosa, nem a regularidade e mimo das feições; não terá os gosos de riqueza, porque de suas mãos, sempre abertas, sahirá, para beneficio de outros, a recompensa de seus trabalhos; só terá alegrias passageiras, interrompidas por longos soffrimentos, e chorará lagrimas de sangue quando vir morrer, ainda em botão, a timida Violeta que lhe déstes com as outras flôres!

Souo nos arcs um gemido abafado... um echo do futuro: e depois ouviu-se de novo o brando bater de azas dos sylphos e nuvens brancas deslisaram pelo espaço azulado.

Eram as fadas que voltavam a adejar entre a terra e o céu.

Só pretendi falar da alma poetica e boa que conheci e amei. O coração dictou, mas a mão vacillante não soube exprimir o sentimento.

Cultos engenhos dirão delle merecidamente, porque foi real e proveitosa a influencia que exerceu no méio social.

Literato, deixou em composições originaes ou imitadas, em verso e prosa, exemplos que recommendam pela elevação da idéa, atticismo, pureza e corrección da linguagem na apreciação de obras alheias, sem entono de mestre, nem demasias de complacencia. Soube graduar o merito, exaltando as bellezas e apontando os defeitos; celebrou os talentos verdadeiros, animou os tímidos, auxiliou os inexperientes. Estudando a indole e tendencia de nossa literatura, indicou o rumo que convinha seguir e os perigos que convinha evitar; não abriu escolas, não estabeleceu regras, lembrando somente que «a naturalidade no pensamento e na linguagem» era condição essencial para commover e persuadir, e offereceu modelos da propria lavra ou collidos em primores de poetas peregrinos. A maior e a melhor parte desse esforço perdeu-se, porém, na vida ephemera da imprensa diaria.

Homem politico, contribuiu com a penna e com a palavra para a victoria dos principios de liberdade, de justiça, de moderação. Sem ruido, sem ostentação, porque não tinha vaidade, sem odio nem rancor, porque era bom, dirigiu o movimento dos partidos politicos, despertando energias desfallecidas, contendo impaciencias perigosas; teve voz preponderante na composição de Ministerios que prometiam realizar medidas de interesse geral e conseguiu admiradores entre os proprios adversarios.

Foi, em summa, um homem que se destacou em um tempo em que scintillavam espiritos magnificos!

Nas paginas, portanto, da nossa historia politica e literaria o nome de F. Octaviano não poderá deixar de ser lembrado senão com justa e sincera saudade.

Rio, 4 de dezembro de 1905.

JOÃO CARLOS DE SOUZA FERREIRA

(Do *Seculo XX*).

Almirante Saldanha da Gama

AS CARTAS

(FRAGMENTOS DE UM LIVRO EM PREPARO)

Bordo do encouraçado "Mariz e Barros", no rio Paraguay, em 4 de maio de 1867 (1)

MEU MUITO PREZADO PAE

A COMPLETE ignorancia em que se anda aqui na vanguarda da Esquadra sobre o movimento de paquetes e transportes, o habito que agora existe de só avisar as suas partidas horas antes do momento marcado, naturalmente para que as corres-

(1) — Esta é a primeira das cartas de Saldanha dirigidas ao pae, do rio Paraguay, onde estava desde fevereiro; houve outras cartas anteriores, que não foram, entretanto, conservadas.

pondencias não sejam longas e minuciosas (2) e, finalmente, o facto, que ainda ha poucos dias se deu, forçando-me a escrever-lhe uma carta ás pressas e resumida (3) me aconselham de ser hoje preventivo e de

(2) — As queixas que vinham do Sul contra a demora dos movimentos da Esquadra e do Exército davam causa a inconvenientes explorações politicas na imprensa e no parlamento da Corte. Ainda assim, o governo naquella época logo providenciou para regularisar as linhas de transportes. Saldanha, em carta de pouco adiante, elogia os esforços do ministro da Marinha, que era na occasião o illustre sr. Affonso Celso, Visconde de Ouro-Preto, salientando os grandes trabalhos e fartos resultados de sua administração durante o difficil periodo da guerra. Estava no governo o gabinete progressista do sr. Zacharias, chamado em 3 de agosto de 1866; a administração passou em 1868 aos conservadores, com o sr. Visconde de Itaboraay (gabinete de 16 de julho).

(3) — Referencia á carta anterior.

preparar com antecedencia a minha correspondencia, afim de não ser surpreendido pela hora opportuna de remetel-a. Presentemente, o *calculo* ou o desleixo tem interrompido todas as nossas communicações com o Brasil e especialmente com o Rio de Janeiro; a Esquadra em peso se queixa amargamente do embargo posto á sua correspondencia e até mesmo aos jornaes dessa Corte; ninguém tem noticias e eu apenas tenho cartas até 5 de março! Ora, este facto, dando-se agora, quando não ha interrupção de communicações, faz suspeitar, mui legal e justamente, que existe um proposital embargo, com o fim de que são saiam daqui correspondencias que descrevam o estado actual dos nossos negocios e o *statu-quo* inexplicavel em que continuamos a permanecer (4). Felizmente o nosso amigo Salgado (5) é aqui esperado todos os dias e eu tenho fé que por elle receberei cartas e vivas noticias suas e de toda a familia. Não attribuo, pois, nem nunca attribui, que o silencio de cartas, em que me acho, provenha de sua parte e sim ora do descablro dos correios e agora da má vontade de quem quer que seja. Eu, pelo meu lado, continuo também a escrever sempre, aproveitando todos os transportes e tendo fé que alguma mais feliz logrará chegar ás suas mãos. Ainda desta vez não posso fruir do supremo prazer de noticiar que sahimos da crysalida e que novas e sérias operações se acham emprehendidas. Ao contrario, tudo se acha na mesma apathia, o Exército e a Esquadra em suas primitivas e respectivas posições (6) e nem ao menos uma apparente esperanza ou suspeita de mudança de systema. Passou-se tranquillamente o mez de abril e com elle se foram as esperanças que nos haviam sagazmente infundido e inflingido; veiu o mez de março e no dia 1.º repetiu-se a continuada farça de um bombardeamento tão inefficaz quão ridiculo e irrisorio (7). Os nove encouraça-

(4) — Caxias se havia empossado do commando em chefe das forças brasileiras em 18 de novembro e Inhiatima do commando da Esquadra em 22 de dezembro de 1866. Como se sabe, Caxias commandava o Exército Brasileiro, Fiores, o Oriental e Mitre era o chefe de todas as forças da Alliança, excepto a Esquadra, que tinha commando a parte. Mitre retirou-se da campanha em 9 de fevereiro de 67, para acudir a ameaçadoras questões partidarias em sua patria, levando consigo a maior parte do Exército Argentino. Embarcou em Itapirú com 4.000 homens, depois de ter feito marchar a maior parte do Exército Argentino, pretendendo abandonar Curuzú e concentrar o 2.º corpo em Tuyuty, para encetar um movimento offensivo; mas succedeu a epidemia do cholera, que fochou os nossos movimentos. Esta accusação de *inepticavel statu-quo* não é razoavel.

(5) — Joaquim Salgado, depois almirante e Barão de Corumbá. Esperado no Brasil, que commandava, era um intimo amigo da familia de Saldanha e havia sido immediato do navio em que este fez a sua viagem de instrução.

(6) — O 2.º corpo do Exército com o sr. Marquez de Caxias occupava Curuzú, na margem do rio Paraguay e deante do Curupaity; o 3.º corpo do Exército do sr. Porto Alegre estava em Tuyuty. A Esquadra subia das Tres Bocas até Curuzú, donde bombardeava Curupaity.

(7) — Este bombardeio, que durou algumas horas, vem referido na pagina 299 do 3.º volume de Pereira da Costa. Thompson diz o seguinte a respeito dos bombardeamentos: «o bombardeamento foi feito nas sem ezito; da lagoa Firas (está enganado, como observa Rio Branco, e é facil de verificar num plano topographico da região) nada se viu, excepto as servas que rodeavam a posição paraguaya». Referese particularmente aos bombardeamentos de 8 de janeiro e de 2 de fevereiro.

A parte official do almirante diz o seguinte: «as trincheiras inimigas foram arrasadas em todos os pontos que as nossas bombas tocaram, do que resultou desobrirem-se algumas casas, logo abatidas e incendiadas». Verificou-se mais tarde que a opinião de Saldanha sobre os bombardeamentos era razoavel.

dos (8) encostaram-se a uma matta espessa e dahi jogaram centenaes de bombas sobre um alvo que não viam e sobre um acampamento que, no dizer dos *passados* (9), fica deserto todas as vezes que se vê a Esquadra mover-se para tão repetida e improficua acção. Por fim chegou a data de 3 e o dia em que todos esperavam que o sr. Marquez de Caxias (10), conforme o havia promettido (11), com a força de seu prestigio e infallibilidade, annunciasse ao Senado e ao Paiz a conclusão da guerra e o termo de novas fadigas e sacrificios; aproximou-se, decorreu e por fim passou, sem que trocássemos um tiro ou que se alterasse a nossa vergonhosa apathia de quasi um anno (12).

Estou certo de que o Brasil inteiro vai soffrer uma forte commoção quando tiver noticia de que falharam os calculos e promessas do nosso primeiro vulto militar, de que obscuros e bem obscuros se acham os nossos horizontes e, mais ainda, de que novos e pesados sacrificios serão exigidos do paiz inteiro, se quizermos terminar esta malfadada campanha com gloria e prestigio bastante para impormo-nos deante destas republicas que só espiam o momento opportuno e o nosso desprestigio, para dar queda á unica Monarchia que subsiste entre ellas na America do Sul. (13)

(8) — Os nove encouraçados eram: *Silvado, Cabral, Mariz e Barros, Colombo, Herval, Lima Barros, Bahia, Barroso e Tawandaré*; o Brasil estava em vingem para o Paraguay, do Rio de Janeiro, onde estivera em concertos.

(9) — *Passados* eram os desertores paraguayos que vinham para o nosso Exército.

(10) — Saldanha diz quasi sempre Senhor Marquez de Caxias e trata do mesmo modo respectivo todos os generaes da guerra, excepto Osorio, a quem se consente uma expressão de carinho e intimidade, devido naturalmente ao feitiço particular do general rio-grandense.

(11) — Caxias fez esta malsuada promessa em ordem do dia do Exército. Nem um historiador e commentador da guerra faz referencia a esta promessa, que não teve nenhuma importancia. Mitre, num celebre discurso deante do povo de Buenos-Aires que pedia a guerra, fez uma promessa celebre, que lhe resultou em grandes accusações; respondendo a uma dessas, lançada pelo dr. Juan Carlos Gomez, o illustre polemista oriental, disse no *Follethin Diplomatico*: *Nada extraño tendria que hubiesse prometido la victoria en tres meses y no se hubiera realizado en nueve meses, porque el hombre es falible en sus calculos y no puede gobernar a su antojo los acontecimientos. Si no fuese así, el hombre seria Dios y le sucederia como al duclor Gómez, que cree no haber-se equivocado jamás en politica porque ha profetizado siempre lo que algun día ha de suceder*, o que não deixa de ter a sua graça...

(12) — Nada mais injusto do que isto; o total de inação dos aliados foi de 15 mezes, que tantos vão de 20 de maio de 1866 até 21 de julho de 67. Caxias só chegou ao Exército, empossando-se do commando das forças brasileiras, em 18 de novembro de 66; em 9 de fevereiro de 67, Mitre retirou-se. Só então começa a pesar na responsabilidade de Caxias o commando em chefe. O sr. Barão do Rio Branco, desfazendo accusação identica lançada por Thompson, diz o seguinte, que é muito razoavel: *De novembro de 1866 até julho de 1867 vão apenas 8 mezes e nenhum juiz imparcial poderá julgar demasiado longo este prazo, desde que attenda a demora da chegada dos reforços que eram necesarios depois do revoz de Curupaity e o tempo preciso para disciplinar os novos contingentes e adquirir elementos de mobilidade.*

Ainda assim e apesar da retirada de 5.000 argentinos, tentavam o Marechal Caxias abrir as operações em principio de abril, quando surgiu o cholera, cujos estragos fizeram adiar as operações para o mez de julho.

(13) — Saldanha com uma superior perspicacia, ainda mais extraordinaria nos 21 annos que tinha por essa época, já apprehendia qual o maior phantasma das republicas hispano-americanas e o seu constante motivo de pânico deante do Brasil. A questão da forma de governo, a Monarchia ou a república, era a causa unica, no entender dos intellectuaes das republicas, da nossa perniciosa politica no Rio da Prata. O rumor dos pequenos contra o grande transformava-se em terror do Imperio. O dr. Juan Carlos Gomez diz, na sua Polemica contra Mitre, o seguinte, que é a formula desse pensamento: *Yo, como cualquier brasileiro re-*



Não trepido ainda em avançar que o sr. Marquez, quando, sem conhecer a topographia do terreno das operações e o estado geral do nosso exercito, proclamava alto o termo da campanha até o dia 3 do corrente, tinha em mente empregar como em muitas outras occasiões de sua vida os cofres publicos e não balas para cortar o nó gordio que até hoje subsiste. (14)

Aquellas conferencias com o Ministro Americano (15) vêem em muito confirmar as minhas suspeitas e pelo mallogro dellas eu concluo ou que o Lopez foi inabavel ou, quem sabe? absorveu muitas e muitas libras e depois roeu-nos a corda... (16) Não sei na verdade em que ficar...; porém o que é facto é que vejo todos os nossos chefes em estado de abatimento de espirito tão profundo e tão patente, que não podem occultal-o aos olhos de seus subordinados e de entristecel-os tambem. O Exercito occupa a mesma posição que no dia da batalha de 24 de maio do anno passado e o 2.º corpo sempre em Curuzú. (17)

Dizem que a chegada do 3.º corpo, sob o commando do Barão do Herval, vai ser o signal para o ataque decisivo e geral; pode ser, é muito possivel, porém eu não o creio. Vejo as nossas forças grandemente diminuidas pelo terrivel flagello do «cholera-morbus», que talvez nos fosse inflingido como castigo de nossa inercia de um anno...; vejo os espirites dos chefes em estado de prostração e abatimento que até faz dó ouvil-os emitir suas respectivas opiniões sobre a phase em que estamos, tanto ellas são aterradoras e desanimadoras.

Por tanto, repito, não creio em consciencia que tenhamos a mover-nos unicamente a chegada do 3.º corpo; elle é apenas forte de seis mil homens e este numero insufficiente para preencher os vacuos produzidos em nossas fileiras pelo terrivel flagello que nos assola ha dous mezes. (18)

Demais, o sr. Marquez de Caxias chegou a essa idade e posição em que ha tudo a perder e nem um ceutil a ganhar, a não ser as ovações do Paiz e a gloria excelsa de haver concorrido para a salvação de sua Patria, o que augmenta a grande dose de prudencia de que sempre foi dotado (19); o seu coraçào já não ali-

publicano», amo al pueblo del Brasil y detesto a su monarquía, y á los partidarios de esta misma no les hago cargo por haber tenido la habilidad de tomarse la parte del león en los resultados de honra y provecho de la guerra.

(14) — Estas affirmações gratuitas são óheo, naturalmente, da voz dos inimigos de Caxias na Esquadra e no Exercito. Vai-se vêr qual foi o objecto das conferencias com o Ministro Americano. Não consta que o Marquez se houvesse utilisado dos cofres publicos nas suas numerosas campanhas; em cartas subsequentes, Saldanha mesmo se penitencia dessa levandado, fazendo o justo elogio do velho Marcellal.

(15) — As conferencias a que Saldanha se refere são o resultado de uma intervenção americana no sentido de restabelecer a paz. O general Webb, ministro dessa Nação no Rio de Janeiro, fez as suas proposições, que Washburn repetiu em Assumpção. O Governo Imperial respondeu desde logo negativamente, mas Lopez aceitou-as em principio e formulou as bases de um tratado de que o proprio Washburn foi portador em abril para Caxias e que foi communicado pelo Marquez ao nosso governo. O resultado foi nullo, como se sabe: Saldanha, o Exercito e a Esquadra ignoravam isto e faziam supposições no genero da nota 14.

(16) — Lopez, máu grado as suas odiosas qualidades, seria incapaz de semelhante miseria.

(17) — Curuzú era posição fraquissima — muito baixa, sujeita a inundações e exposta ao fogo de Curupity. O demorado acampamento do 2.º corpo nessa posição fez um dos erros graves dessa guerra — mais tarde corrigido por Caxias, que realiso a marcha do flanco com as tropas de Curuzú, deixando o 1.º corpo em Tuyuty, com Porto-Alegre.

(18) — Perdemos cerca de 5.000 homens na epidemia.

(19) — O Marquez de Caxias continuou nesta campanha a dar notaveis provas de prudencia, pois que não conta um unico desastre em sua fé de officio e deu as mais sobejas provas de energia, moedade e arrojo, como vai reconhecer

menta essas justas e ardentes aspirações capazes de produzir o entusiasmo, o arrojo e de originar grandes feitos, mas que morrem com a idade e forças physicas. (20) Já passou da idade e posição em que o homem busca sem cessar o lado vulneravel do inimigo e sobre elle se precipita muitas vezes com todas as probabilidades contra; assim, pois, tenho a mais firme certeza de que s. exa. não arriscará uma acção geral e decisiva emquanto não tiver todas as *com* probabilidades de seu lado e em estado bem patente. (21)

Não quero com estas considerações criticar nem ensinar a sciencia da guerra a tão illustre general (22); lamento unicamente este estado de visivel impotencia em que nos achamos collocados; lamento este systema de contemporisação, por si só mais destruidor e desmoralizador que todos os combates e flagellos; lamento a desgraça de nosso paiz, que gastou toda sua seiva em formar uma Esquadra e Exercito formidaveis, mas que ainda não encontrou um homem assaz forte e assaz capaz para aproveitá-los e dirigil-os. (23)

Tremo com a idea da commoção electrica da crise porque iremos passar, se nossos sacrificios forem exigidos das provincias do Imperio.

Lamento ainda e com profunda dôr que o Brasil seja tão infeliz para não merecer que a Providencia lhe conceda, como tem feito em eguaes crises e circumstancias aos demais paizes da terra, um genio superior, mão assaz forte que contenha a corrente destruidora que nos arrasta e nos ponha em posição de infundir respeito e temor, afim de podermos ter vida tranquilla por alguns annos e reparar o melhor possivel as horriveis chagas abertas em nossas riquezas e recursos. Repetindo que não ousa dar lições ao sr. Marquez sobre a sciencia que lhe deu o prestigio de que hoje gosa, que não intento penetrar o intimo de seus segredos e combinações, eu me permitto comtudo observar e julgar do apparente (24), de sentir a sua contemporisação e de prophetisar que elle, a Esquadra e o Exercito se envergonharão no dia da victoria final, quando virem a conhecer as fortificações que nos trouxeram em suspenso durante um anno. (25)

A prudencia é uma alta e incontestavel virtude militar e sem ella não se pode considerar completo qualquer chefe que se queira arrogar posição de militar eminente; porém, tomada isoladamente e em alta dose de excesso, deixa de ser uma virtude e passa ao rôl de um horrivel defeito, que pôde muitas vezes ser cn-

mais tarde o proprio Saldanha, no periodo de grandes battallas que antecede a tomada de Assumpção e particularmente em Hororó.

(20) — São transparentes nestes conceitos as influencias das leituras das campanhas napoleonicas do começo do seculo; apenas Saldanha esquece as profundas differenças entre os Exercitos da Europa e o nosso e todas as circumstancias de disciplina, instrucção, força, armamento, conhecimento do terreno e qualidades dos campos de acção. Ainda mais, tratava-se no Paraguay de uma guerra de fortalezas, muito diversa de uma campanha raso, como tambem tivemos depois da tomada de Humaytá e marcha pelo Chaco.

(21) — São maneiras de vêr e de agir dependentes dos temperamentos e, como elle proprio diz, da idade. Saldanha volta a isto adiante e com mais tolerancia.

(22) — Caxias era, como é sabido, um dos mais prestigiosos chefes conservadores. Dom José era um seu admirador e partidario intransigente. Portanto...

(23) — Esta falta foi ainda mais sensivel na direcção da politica estrangeira do Imperio durante e na terminação da guerra.

(24) — Realmente, julgava muitas vezes do «apparente», como se tem visto no correr da carta.

(25) — Esta prophécia viu-se realisada em mais de um aspecto, não somente com relação a Curupity, como tambem a Humaytá.

Supplemento do "Album Imperial"

ANNO I

CHRONICAS E NOTICIAS

NUMERO 19

carado através de um prisma mui diferente do da prudência. (26)

Torno a repetir que longe de mim a icéa ouousadia de criticar os passos de tão illustre general (27) ou de querer penetrar no intimo de seus segredos, intenções ou planos estrategicos. (28) Não sou profissional, não tenho ainda a experiencia para, talvez, aquilatar a posição difficil do nosso Exercito; contudo, com a minha curiosidade habitual e com o estudo que sempre fiz de todos os acontecimentos desta campanha, não temo errar avançando que o sr. Marquez faltou á sua mais firme promessa, a de atacar até o dia de hontem, e que, apesar de seus profundos conhecimentos e reconhecida pratica sobre negocios de guerra, até hoje tem seguido em tudo os passos que elle tão alto criticou em seus antecessores... (29)

Mais ainda, que embora se emprehendam neste mez movimentos decisivos, o resultado talvez não seja completo, porque os claros produzidos pelo cholera e outras molestias são taes, que, apesar da chegada dos seis mil homens do sr. Barão do Herval, não creio o Exercito em condições de aproveitar proficuamente do resultado da primeira victoria (30), attentas as enormes perdas que sem duvida soffrerá para poder alcançal-as. Tal é a minha opinião franca e estudiosa e emitida como particular (31); como militar, serci o primeiro a ter um grito de entusiasmo no dia em que se for decidir da honra ou do opprobrio do Brasil.

6 de maio de 1867.

Hontem não pude conseguir um momento de liberdade para escrever; os Paraguayos desde o amanhecer perseguiram o nosso Exercito com repetidas descargas de artilheria e eu, como encarregado da bateria deste encouraçaco, fui obrigado a passar o dia inteiro junto aos canhões, para responder ao fogo desses ousados guaranys (32).

Para fazer comprehender as nossas respectivas posições, já estava preparando um outro mappa (33), porém acabo de receber uma carta do Salgado, escripta de Montevideo, e na qual me annuncia que já remetteu a carta dentro da qual eu cnviei um primeiro esboço. Como já disse mais acima, a Esquadra continúa em suas primitivas posições e representando sempre o mesmo papel passivo. Apenas no dia primeiro do corrente os nove encouraçados empilharam-se detrás da ponta de matto e dahi bombardearam por espaço de uma hora o acampamento inimigo. Eu, como brasileiro e official de marinha, sinto-me corar quando olho para os nossos nove encouraçados e os vejo impotentes e inertes deante de uma bateria inimiga; vejo repetirem-se as mesmas scenas de inacção, como no outro tempo, e duas circumstancias aggravantes: a 1.^a é que a Esquadra ainda não chegou na actualidade até onde a conduziu o V. de Tamandaré; a 2.^a é que o novo Almirante (34), nos prometendo dar dias de Gloria e censurando os actos

(26) — Não é crível que Saldanha insinuasse qualquer coisa com relação á coragem pessoal de Caxias; deve-se tomar esta phrase no bom sentido.

(27 e 28) — Conceitos que se completam e justificam o correspondente...

(29) — Caxias solicitou constantemente, do Governo Imperial, autonomia para o seu commando.

(30) — A critica referente ao acampamento em Curuzú pertence a Mitre e o mais está no terreno das previsões.

(31) — Já vai affirmando o seu espirito militar e já conhece as virtudes exteriores de certos deveres disciplinares.

(32) — A proporção da população guarany e mestiça, proxima no Paraguay, era enorme naquella época.

(33) — Saldanha junta constantemente ás suas cartas mappas e detalhes topographicos que elle mesmo desenhava na campanha. Serviram mais tarde para compor o seu magnifico plano topographico dos terrenos da campanha do Paraguay.

(34) — O leitor deve recordar-se do estudo que fizemos do almirante Inhaúma.

do seu predecessor (35), ainda não fez tanto como elle e, sentindo-se fraco, diz em altas vozes que não e Hercules para suportar o peso da Esquadra e que a vê completamente desanimada (36). Sinto que o nosso Almirante, não se julgando com forças para o cargo que tão pressuroso accellou, não tenha coragem e abnegação para resignar em mãos mais habeis e hombros mais herculeos a tarefa que elle se reconhece incapaz de terminar e que arrastado, não por conhecimento proprio, mas por perfidas mentiras de seu exquisito e mal escolhido estado-maior (37), seja levado a fazer uma tão grave injuria aos seus subordinados, que até hoje não puzeram a menor objecção á menor ordem de avançar.

Tenho com isto uma dôr profunda e lamento que não haja um homem na Esquadra que franca e sinceramente esclareça o nosso chefe sobre o verdadeiro espirito da officialidade e guarnição e o faça conhecer a verdade que o deve tirar do erro profundo em que jaz: *Cognocetis veritatem et veritas liberabit vos.*

A Esquadra, em raras excepções e estas infelizmente nas mais altas esferas onde ha pouco a ganhar (38), aneia por uma occasião de se mostrar mais uma vez como merecedora do renome que tem sabido conquistar. Infelizmente, como já disse, estas excepções são nos altos circulos que, cercando mais de perto o Almirante, incutindo-lhe vãos temores, têm retardado esse momento decisivo tão desejado.

Hoje fui fazer uma visita ao Sr. Visconde de Porto Alegre e elle, abrindo uma carta do theatro das operações, começou a conversar sobre os negocios da guerra.

Emitindo eu tambem as minhas opiniões, chegámos a concordar em dous pontos: em primeiro lugar, que o ataque que vai ser executado pelo Sr. Barão do Herval deve ser acompanhado de um movimento geral das nossas forças; 2.^o — que este corpo (39), que pouco reforçará o primeiro, deve ser deixado nesta posição para simular um ataque sobre Curupaity, para distrahir e disseminar as forças inimigas, ou mesmo executar um assalto, se o bombardeamento da Esquadra obrigar os Paraguayos a abandonar estas fortificações. Terminámos a visita falando sobre o Rio Grande e elle, na occasião da despedida, assegurou-me que neste mez se iam emprehender grandes cousas e, regressando para bordo, encontrei o meu commandante com a mesma noticia dada pelo Almirante. Assim, pois, está, *talvez*, chegado o momento decisivo; solennes são estes momentos que precedem ao embate final.

Tremendo, horrivel e mortifero vai ser este embate, porque dos dous lados comprehende-se claramente que d'elle depende a gloria ou desprestigio, a victoria ou a vergonha. Peço á Providencia que inspire aos nossos chefes e que proteja a nossa causa; faço os mais arduos votos para que, após a victoria, possamos e saibamos aproveitar todas as suas consequencias, para

(35) — A passagem do commando da Esquadra feita por Tamandaré não podia ser mais cordial. Entretanto, é possível que Inhaúma se tivesse manifestado dessa fórma, porque era muito loquaz e pouco prudente.

(36) — Estas phrases em Inhaúma são caracteristicas. Elle tem uma fórma rebuscada e um cacoete «literario», gerados de comparações poeticas e mythologicas em papéis officiaes. As suas expressões são ás vezes surprehendedentes; num obglio do então commandante Elisario Barbosa, por um acto de heroismo em combate, diz: «O bravo e circumspecto Elisario», como se em um specto fosse qualidade de campo de batalha.

(37) — O estado-maior estava composto deste modo: chefe, Elisario dos Santos; secretario geral, capitão de fragata Antonio Alfonso Lima; ajudante de ordens, capitão-tenente Antonio Manoel Fernandes e 1.^o tenente Helvecio de Souza Bixental e ajudante de ordens do chefe do estado maior, o 1.^o tenente Francisco Romano Stepple da Silva.

(38) — Esta guerra foi feita exclusivamente pelos officiaes subalternos.

(39) — O CROU PRETO — *Marinha de Out'ora*.
(39) — E o 3.^o corpo do sr. Visconde de Porto-Alegre, que guardava a nossa base de operações em Tuyuty.

vermos se desse golpe podemos impor a paz ao Lopez e salvar o Paiz da crise por que ha de passar, se a campanha proseguir na mesma morosidade ou se a fortuna nos for adversa. Eu vou, cheio de prazer e de orgulho, concorrer com os meus esforços para o feliz e glorioso exito do nosso ataque; mas, se formos infelizes e se tivermos de succumbir, o meu ultimo voto é para que succumbamos ao menos como uma grande Marinha, um grande Exercito e um grande Povo.

Nada mais posso acrescentar sobre negocios da guerra. Profundo e bem pensado é o segredo do plano das operações e nada se sabe, nada se transpira, mas de tudo lhe darei parte, se por ventura tiver meios de escrever antes do movimento decisivo (40).

Como já communiquei, recebi hoje uma carta do nosso amigo Salgado, escripta de Montevidéo. Aqui o espero todos os dias e por elle conto receber cartas suas e de data posterior a 5 de março, que é a ultima que tenho em meu poder. Conto igualmente embarcar com elle e assistir ao seu lado a acção que em breve se irá emprender. Já sei que elle é portador das minhas novas dragonas e espero recebê-las a tempo de entrar com ellas nesse grande combate

Tôco agora no ponto em que muito o tenho importunado em minhas ultimas cartas — a minha licença — (41). Comprehando o trabalho que terá custado a aquisição della nesta epoca; arrependo-me de havel-a pedido com tanta insistencia. Porém espero não merecer uma reprehensão, porque duplo e poderoso motivo me fazia e faz descejal-a — isto é, vel-o depois de uma tão longa ausencia e entregar aos seus cuidados a sua nova filha e então voltar mais tranquillo para o meu posto de honra (42).

Hoje é tarde já, porque está na minha dignidade o não sahir daqui nas vespéras de uma acção decisiva, porém não é inutil o seu esforço, porque servirá de salvaguarda, afim de não me enviarem para Matto-Grosso ou para não me deixarem aqui, logo que terminem as operações e seja assignada a paz (43). O que posso affirmar é que estou resignado e disposto a assistir até ao fim e espero o Salgado para conversar com elle a este respeito. Aqui fico por hoje e o «transporte» ainda não sahio

(40) — Este momento decisivo esteve adiado até o mez de julho.

(41) — Saldanha pretendia tomar uma licença, aproveitando um interregno de inacção, com o fim principal de levar a mulher da Raqui para o Rio de Janeiro; está se vendo como os ultimos boatos de acção decisiva suspendiam estes projectos.

(42) — A mulher estava com a sua familia e Saldanha não estava tranquillo; é preciso relembrar o capitulo que estuda o chamado ostracismo militar.

(43) — Os perigos de uma paz desastrosa ou que nos fosse imposta pelas circumstancias eram uma de suas constantes preoccupações; durante toda a guerra, viu-se a paz imminente e não somente elle, o Exercito e a Esquadra, como tambem o proprio governo de São Christovam, que chegou a negociar, nessa epoca, um laborioso tratado com a Argentina para o caso de se concluir a guerra proxima-mente. O que nos salvou foi a patriótica attitudo do sr. D. Pedro II, que preferia abdicar, a assignar a paz. E assim a guerra chegou ao seu termo.

Estamos a 9 de maio.

Dizendo que o «transporte» ainda não havia sahido, enganei-me. O «transporte» sahio e, como agora tem acontecido, sem que a Esquadra o soubesse.

Sci por uma carta do Sebastião (44) que o cholera está muito forte no 1.º corpo e que os damnos já são elevados. Portanto, torno a repetir: não creio, apesar da promessa (45) dos chefes, que neste mez se intente alguma cousa e prevojo, na continuação da apathia, tres consequencias horribis: 1.º, perda de confiança do Exercito para com o chefe, que com a sua grande experiencia não devia ter aventurado uma promessa desta ordem, não conhecendo os meios de que ia dispor, o terreno em que ia pisar e não medindo os estragos e molestias que sempre se dão em toda reunião de forças (46); 2.º, a necessidade de se enviar para aqui novos e mais numerosos reforços; 3.º, e peior, — que, se o governo não puder obter estes contingentes das Provincias ou não tiver força para isto, nós seremos obrigados a aceitar a paz ou por muito favor a mediação dos Estados-Unidos. Neste caso, adcus! soberania do Brasil! (47)

Terminando, torno a dizer que não sei se é certo termos alguma operação neste mez e que eu estou sempre prompto a dar a vida pela salvação de nossa Patria.

Recommendações a Mãe e creia, Papae, na firmeza com que

Sei ser seu filho mais obdte e amigo dedicado

Sebastião de Saldanha de Gama

(44) — D. Sebastião de Saldanha da Gama, irmão do almirante, que acompanhou o Exercito como medico; muito mais tarde veio a fazer a revolução de 93. Ainda vive no Rio de Janeiro.

(45) — Promessa muito vaga; ligeira referencia de Porto-Alegre e uma indiscreção de Inhatima. Este pouco vai constituir mais tarde documento para carregar em Caxias; porém comprehende-se o pessimismo de Saldanha no estado de espirito em que se achava.

(46) — As causas apontadas da epidemia do cholera em Curitiba, Caxias procuram remover desde que chegou ao Exercito. Quem commandava em chefe era o sr. Bartolomeu Mitre.

(47) — São muito graves os perigos que para a soberania de duas nações belligerantes traz a intervenção de uma terceira forte potencia. As republicas da America do Sul sempre tiveram magnificas razões para desconfiar das intenções dos Estados-Unidos e estamos acompanhando com muita actualidade os successos de Cuba, para termos duvidas a este respeito (1906), o sr. Eduardo Prado, na *Ilusão Americana*.

José Eduardo de Macedo Soares

Album Imperial



O Album Imperial publica-se regularmente nos dias 5 e 20 de cada mez, trazendo no minimo dezeseis paginas de texto.

Rogamos aos srs. assignantes do interior ao Estado, que ainda não pagaram a importancia de sua assignatura, que nol-a remetam pelo correio, em vale postal, descontando a despesa do porte e registro.

Aos nossos dignos agentes avisamos que o ALBUM IMPERIAL não acceta mais, de hoje em diante, assignaturas para o corrente anno.

Cardeal Arcoverde

Acha-se á venda no nosso escriptorio o retrato, em trichromia, do Cardeal Arcoverde, egual ao que acompanha o n. 13 do Album Imperial.

Preço, quinhentos réis cada um, fazendo-se grande abattimento aos revendedores.

Deixou de ser representante do ALBUM IMPERIAL o sr. Alfredo Nogueira, que é convidado a vir ao nosso escriptorio prestar contas.

Estão exgotados os ns. 2 e 3 do Album Imperial. Já providenciámos para a sua reimpressão, afim de attendermos a innumerous pedidos de assignatura.

Conde de Affonso Celso

Varios jornaes desta capital noticiaram, em telegrammas do Rio, que, com as proximas modificações no corpo diplomatico brasileiro, seria nomeado o exmo. sr. Conde de Affonso Celso para o logar de embaixador da Republica junto á Santa Sé.

Apressamo-nos em desmentir categoricamente a noticia, que não passa de indigna balbela; monarchista irreductivel, cada vez mais divorciado do governo que desde o 15 de novembro infelicitou a nossa patria, o exmo. sr. Conde de Affonso Celso não aceitará nunca, no actual regimen, cargo de representação official.

Nem o incriminem de impatriota, pelo facto de recusar ao governo o concurso do seu brilhante talento, o que s. exa. não poderia fazer, no caso ver-tente, sem quebra de suas convicções politicas, cada vez mais arraigadas.

O exmo. sr. Conde de Affonso Celso não pertence, felizmente, ao numero dos brasileiros que confundem a Patria com a Republica, para sob esse pretexto colonestarem sua adhesão ao regimen que ha dezeseite annos nos opprime.

Do seu acendrado amor ao Brasil nos dá repetidas e eloquentes provas sua fecunda existencia, já durante sua actividade politica no parlamento do Imperio, já, depois da Republica, através dos seus livros,

de suas conferencias, de seus artigos na imprensa e de todos os actos, em summa, de sua vida, pautados rigorosamente pela inteireza de caracter proverbial na sua illustre familia. E' ainda o patriotismo que o traz arredado da politica dominante, para não ser cumplice no crime dos demolidores de 89; ao contrario, todo o seu esforço, todo o seu empenho é trabalhar, dedicadamente como até aqui, para a restauração do Brasil uno, grande, poderoso e respeitado que foi o Brasil Imperio.

A noticia que levanamente os jornaes propalaram de sua nomeação para embaixador da Republica junto á Santa Sé, nós a desmentimos sómente para as pessoas que não conhecem o exmo. sr. Conde de Alfonso Celso, porque para os seus amigos o natural desmentido da indigna ballela é o caracter do illustre brasileiro.

A Bandeira Nacional

(Com ares de conto humorístico)

Ha dous mezes, vendo approximarse o fim do anno e com este a epocha da distribuição de premios aos assignantes do *Album*, entregámo-nos a profundas cogitações sobre a escolha do melhor brinde.

O caso era, realmente, serio; o problema, de difficil solução.

Cartões de visita, estampas, livros, sorteio de premios em dinheiro, tudo estava tão batido, tão explorado pelos jornaes, como chamariz para assignaturas novas, que não atinámos de prompto com uma solução satisfactoria.

Accrescia a circumstancia de pretendermos um brinde original, encomendado especialmente na Europa para esse fim, privilegio exclusivamente nosso... e dos assignantes do *Album*.

Não mentimos se dissermos que dormimos varias noites sobre o caso, a estudar e a reflectir, como se tivéssemos diante de nós um intricado logogrifho do *Almanak de Lembranças*, um theorema de geometria ou a descoberta do motu-continuo.

E tanto pensámos, que quasi corremos o risco da sorte pouco agradável daquelle infeliz que, de pensar, morreu. E não se diga, sabida daqui a pouco a nossa resolução, que da montanha da fabula sahiiu tambem dessta vez um camondongo.

Ora, resolvemos, — e parece que a idéa não podia ser mais feliz, — mimosear os assignantes do *Album* com uma bandeira nacional, não a do lema positivista *Ordem e Progresso*, mas a antiga, a gloriosa, que tremulou

victoriosa em Humaytá, em Tuyuty, em Monte Caseros, em Riachuelo.

Claro é que longe de nós a intenção de dar a cada assignante da revista uma bandeira em ponto grande, para ser hasteada no dia, que não vem longe, da restauração da patria; mas uma bandeira *bijou*, de seda, acondicionada, com a respectiva lanca de aluminio, em uma caixinha artistica.

Estavamos (e estamos ainda) certos de que muita gente, só para abiscoitar o brinde, viria ao nosso escriptorio, no principio do anno, assignar o *Album* ou nos mandaria do interior, em vale postal, a importancia da assignatura.

E que melhor brinde do que esse para os assignantes do *Album Imperial*? E' o emblema da patria forte, unida, respeitada, que nos legou a Monarchia; foi elle que assistiu aos nossos dias de gloria durante o Imperio e tremulou victorioso nos reductos inimigos do Paraguay.

Mas agora começa o conto.

Impossivel, ás nossas fabricas, acceitar a encomenda, pela simples razão de não haver em S. Paulo fabrica de bandeiras.

Recorremos á Europa.

Escrevemos para Hamburgo, a uma casa nas condições de satisfazer o pedido, — uma carta longa, minuciosa, com as mais completas explicações sobre a encomenda; e, para que as bandeiras fossem rigorosamente exactas nas armas e nas cores nacionaes, juntámos á carta o modelo que se encontra no livro de Eduardo Prado.

Ha oito dias, tivemos resposta.

A casa de Hamburgo enviou-nos, com o preço da encomenda, diversas amostras da bandeira... republicana.

E mais estas linhas, explicando: «O sr. pediu que fizéssemos bandeiras imperiaes, mas o sr. deve estar enganado. Ha tres ou quatro annos, foi proclamada nesse paiz a Republica e a bandeira dahi, agora, é outra, conforme as amostras juntas.»

Prova isto que somos cada vez mais conhecidos na Europa.

F. P.

Panem et circenses

TOMA corpo a idéa de fazer vir para o Brasil os ossos do Imperador e da Imperatriz, que foram postos fóra delle, com ingratitude e ferocidade inaudita, quando a conservação de seus dias os obrigava a não deixarem a terra-mãe, que creára aquelle e nutrira a esta quasi meio seculo.

O paiz volta a melhores sentimentos, querendo resgatar a sua culpa por um culto a essas reliquias, que trazudem a passagem da vida?

Ninguem se illuda.

GAZETA RIMADA

Soyons citoyens, mais appellous-nous messieurs...

GABRIETTA

Ora graças a Deus! Teve um fim a mania
De escrever: «Cidadão ministro ou presidente...»
E vai a gente, emfim, ter os nomes que á gente
Deram os paes na pia.

Eu sou eu! Tu és tu! — Depois de baptisada,
Tem o seu nome certo a criança nascida;
E não é nada honroso um homem ser na vida
Cidadão, sem mais nada!

Era um horror! Dizia um cidadão janota:
«Faça-me um iraque assim, cidadão alfaiate!»
Ou então, dando o pé: «Cidadão engraxate,
Engraxe-me esta bota!»

E ora só nos quartéis: «Cidadão commandante!
Cidadão capitão! Cidadão corneteiro!
Cidadão marechal! Cidadão marinheiro!
Cidadão almirante!»

Tudo era cidadão, na sala e na cozinha:
O amo era cidadão, cidadão o criado,
E tudo era ensopado, assado, cozinhado
Na mesma panelinha...

Que inferno! *Cidadã* chamava o mano á mana
E á patroa a criada... Era uma taboa rasa!
Muita vez se dizia: «A noite vou á casa
Da *cidadã* Suzana!»

Hoje, graças a Deus, já ninguem nos consome
A pachorra com isso! Esplendida victoria!
Já podemos dizer: «Cidadão? uma historia!
Cidadão não é nome!»

Quem acaso gostar desse titulo, adopte-o!
Mas tenha cada um seu nome, que demonio!
E chame-se Joaquim, Manuel, José, Antonio,
Polycarpo ou Timotheo...

(Da *Gazeta de Noticias*)

PUCK

A lembrança de uma lei, mandando fazer a transladação dos restos mortaes de D. Pedro II e de D. Christina, não obedece a nenhum sentimento nobre.

O povo, que os quer, é o mesmo que os repelliu, feroz e ingrato naquelle momento, hoje rebaixado até aos extremos do povo romano, quando Juvenal se poz a dizer que elle se contentava, na sua escravidão, com obter *panem et circenses*.

O Rio de Janeiro hoje é uma cidade relativamente de *folhões*, sem mais aspirações á liberdade e dignificação humana; cogita sómente de ganhar e divertir-se.

E' um povo que se acha resignado á sorte do burro da fabula, que só temia ladrões que usassem de duas cangalhas, e que se entrega aos prazeres dos sentidos, tendo estes como os unicos, que lhe possam caber, da generosidade do governo que lhe consente viver.

Procura atordoar-se nos espectaculos, e qualquer lhe basta, seja mesmo no genero lutuoso algumas vezes, para desfastio das musicas atroadoras, esplendor das illuminações e grandes procições triumphaes.

Cada dia, naquella terra, quer-se o espectáculo, e, sedições já os do ritual fluminense, procura-se algum que deslumbre pela majestade do luto.

Não é que este lhes affecte o espirito, fazendo erguer-se aos céos, ou faça descer ao reino dos vermes.

Haverá recepções negras nas aguas do Guanabara, fazendo tomar o crépe a meio-milhão de pessoas; os canhões devem dar signaes atroadores, daquelle volta inutil; hão de desfilar, armas em funeral, cohortes numerosas que haviam marchado a passo de carga, baioneta calada; vozes ullulantes em ritmo plangente devem ecoar nas abobadas dos templos, que não ouviram zumbir um *pater* nos

dias tristes de novembro de 1889; o commercio se fechará; as ruas regorgitarão de povo, e, finalmente, haverá um dia cheio, conduzindo-se ao outro jazigo aquellas cinzas das quaes não renascerá a Phenix.

Eis o intuito da lei que se promulga... e não será só, o espectáculo. Haverá tambem o *panem*, de que falava Juvenal.

Aquelles milhões, que Pedro II, maior, no *Alagoas*, do que Napoleão no *Bellerophon*, desdenhou, não temo sequer com que comprar roupa branca em Lisboa; aquelles milhões, dizemos, serão expandidos pela multidão, cuidando-se de erguer sobre a sua base de lama algum Pantheon, que, recebendo os restos dos dous generosos soberanos, fique recebendo tambem os de quantos *heroes* se impoem na terra do regimen de miseria e deturpações em que ella cahiu.

Agora a folia, a vadiação, á guiza de preito ao grande homem, ... agora festa de *parantius* ao craneo a que esses anthropophagos roeram, ... amanhã, a grande fabrica do templo da immortalidade!

Panem et circenses.

Apesar de já se estar mettendo no forno uma lei, que amanhã devamos obedecer, nós ousamos protestar, segunda vez, contra a idéa que está vencendo.

Os ossos de D. Pedro II, o ultimo principe reinante do Brasil, devem continuar ao lado de D. Manuel, seu primeiro principe reinante.

O começo com o fim... quatro seculos de verdades, de interesses e de votos pela prosperidade do Brasil.

A Republica que começa agora o cyclo das suas grandezas democraticas. Para começar o Pantheon da Republica, venham primeiro os seus heróes.

(D'O Unitario, da Fortaleza)

CARLOS DE LAET



Associando-nos ás manifestações que amanhã o dr. Carlos de Laet receberá de seus innumerables amigos e correligionarios, por seu anniversario natalicio, não podiamos fazel-o melhor do que cedendo o espaço ao nosso illustre collaborador sr. Conde de Afonso Celso:

Acima da superior intelligencia de Carlos de Laet, o que devéras o notabilisa é o seu caracter adamantino, de cuja inamolgabilidade tantas demonstrações já registra a memoria publica.

Bonus miles Christi e sinceramente convencido da superioridade do regimen deposto pelo levante de 15 de novembro, Carlos de Laet nunca transigiu em suas crencas monarchistas e catholicas, antes, sempre que se lhe propiciou ensino, proclamou-as e defendeu-as, arrostando impertinente quaesquer perigos e sacrificios, com extraordinaria bizarria. É um forte, um puro, um inflexivel rectilino. O sebastianismo se desvanecce de contal-o entre seus proceres.

O *sebastianismo*, sim; não se me estranhe a expressão.

Os que nos conservamos ficis á forma de governo que proporcionou ao Brasil mais de sessenta annos de progresso e liberdade, aceitamos de cabeça erguida o epitheto com que os responsaveis pela miseranda actualidade nos tentaram achincalhar. *Gueux* foi o termo desprezivo com que o conde de Barlemon designou os confederados dos Paizes-Baixos revoltados contra o despotismo hespanhol. Os *gueux* adoptaram o nome e o immortalisaram, pelo seu devotamento, pela sua pertinacia e pela victoria final. De *rotos* alcançaram desdenhosamente ainda os hespanhoes os patriotas cilienos que, após mil peripecias heroicas, asseguraram a independencia de seu paiz.

Os vocabulos *tories* e *whigs*, com que se assignalam os conservadores e liberaes inglezes, foram em começo palavras injuriosas, empregadas por derisão. Hoje, indicam as duas largas correntes, qual mais gloriosa, em que se divide a opinão de uma das mais adeantadas nacionalidades coevas. Que significa o sebastianismo no proprio Portugal senão os sentimentos de lealdade e de dedicacão levados ao extremo grau? E alli mesmo não triumphou elle quando, depois de sessenta annos de dominação estrangeira, occupou de novo o solio lusitano um representante da velha dynastia aniquilada em Alcaacer-Kebir?!

Carlos de Laet, digamolo-o, pois, com ufania, — é um excellente *sebastianista*, faz parte desse grupo irreductivel, mais numeroso do que se pensa, que vive exilado no seio da Patria, preferindo os sonhos (que importa?) de uma restauração do direito e da justiça ás tristes realidades de uma republica immoladora da liberdade. A sedicão militar de 15 de novembro encontrou Carlos de Laet em seu posto de combate, — a imprensa. Redigia então a *Tribuna Liberal*; e enquanto choviam adhesões de todos os lados, enquanto o paiz parecia rojar-se humildemente ás plantas da soldadesca vencedora, enquanto antigos conservadores andavam, de sacco em punho, esmolando applausos, que, de resto, affluam espontaneos, para a tyrannia nascente, Carlos de Laet, coadjuvado por Antonio de Medeiros, Luiz Bezamat e outros, lavrava o protesto da dignidade nacional contra o attentado commettido, resistia ás ameaças e seducções, tornava sua folha o baluarte do civismo, no meio do geral abatimento, patenteando á nação desvairada os horrores que lhe estavam reservados, com uma intuição e uma clarividencia plenamente confirmadas pelos successos ulteriores.

A' custa de ingentes esforços, protegido apenas pelo seu merito, Carlos de Laet havia conquistado uma cadeira de lente cathedratico no Imperial Collegio de D. Pedro II.

A torrente de inepta demagogia desencadeada pela sedicão não tolerou que o nome do Imperador se conservasse naquelle instituto, ao qual o magnanimo soberano prodigalisara constantes e paternaes desvelos. Propoz-se a suppressão. A França democratica mantem o Lycee Henri IV, o nome de velhos monarchas em praças, ermas de sua metropole, as flores de liz ou o emblema napoleonico em não poucos edificios publicos. Não se elimina a historia.

Entre nós, pensa-se de modo diverso. A substituição do titulo — «Imperial Collegio de D. Pedro II» pelo de «Gymnasio Nacional» foi decretada.

Carlos de Laet reclamou energicamente, apresentando em congregação uma moção infensa ao acto. O governo provisório respondeu a esse feito de hombridade e gratidão, demittindo o illustre professor do cargo vitalicio que elle obtivera em concurso, mediante brilhantissimas provas. Ferido assim, não desanimou. Continuou, ao contrario, no jornalismo, com redobrado ardor, a santa campanha contra o despotismo. Tão relevantes serviços prestou, travando renhidas batalhas, enfrentando muita vez, sósinho, como Horacio Cocles, um exercito inteiro de assaltantes, que o eleitorado fluminense, a despeito de sua proverbial apathia, o elegeu deputado á Constituinte de 1890.

A fraude e as arlimanhas compressoras do *infame* regulamento Alvim (o adjectivo e de um correligionario do ministro que subscreveu aquelle famoso producto da dictadura) não permitiram que o nome de Laet sahise das urnas.

A consciencia publica, porém, registrou a victoria. Depois disto, onde quer que a boa causa exija o seu esforço, eil-o prompto, afuto, intemerato, desfecendo golpes que, como o da espada de Rolando, abrem fendas no granito das novas instituições. Sim! a sua penna semelha a *durandal* do heróe de Roncevaux. Como o legendario paladino dirigindo-se á sua arma impolluta, Laet pôde exclamar, referindo-se a essa penna:

«Es bella, és agradável, és nitida e aiada, a mais firme de todas, a mais valente: no teu cabo de ouro rutila uma cruz; quem te possui, longe está de ser vencido ou amedrontado; não subsistirá por muito tempo o trespassado por ti; mas viva eu, e, com teu auxilio, ficará limpa a terra das abominações sarracenas e a fé christã exalçada, para felicidade universal e gloria de Deus.»

Carlos de Laet provê á sua subsistencia e á dos seus, ensinando em alguns collegios e em casas particulares. O tempo que lhe sobeja da afanosa labuta, consagra-o á familia e ao estudo. Distingue-o o dom da combatividade. Vale uma legião. Implacavel para com o adversario, ou, antes, para com as theorias deste, revela aos amigos raras e preciosas qualidades de coraçã. Não é mestre apenas de seus discipulos. Toda sua vida fórma um longo ensinamento de coherencia, honestidade, patriotismo, sobrançeria e labor. Formigam as provas do seu desinteresse, do seu civismo, do seu altivo melindre, da sua independencia e hombridade.

Durante dez annos redigiu no *Jornal do Commercio* um folhetim hebdomadario que se tornou celebre sob o titulo de *Microcosmo*. Todos os erros, todas as doutrinas perigosas, todos os factos literarios, scientificos e politicos daquelle largo periodo, analysou-os ou verberou-os C. de L. (assim apparecia subscripto o *Microcosmo*) com energia, erudição e superioridade absolutamente notaveis. Um dia lembrou-se certo director da empreza de indicar no manuscrito de um dos folhetins suppressões de trechos que se lhe afiguravam inconvenientes. Carlos de Laet declarou que não se sujeitava a *cabrestos*. E, como o outro insistisse, o insigne jornalista sahiu para não mais voltar, a despeito de rogos instantes, á folha de que a sua collaboração constituia o preciosissimo dos elementos de prestigio.

Respondendo a Abrahão, que o conjurava a não destruir Sodoma, o Senhor disse: — eu não a arruinarei, se nclla encontrar dez justos.

Em materia politica, o caracter brasileiro, depois da republica, tem-se manifestado de uma fraqueza deplorabilissima.

Mas um meio social que produz organizações moracs como a de Carlos de Laet ninguem pôde condemnal-o em absoluto, nem descrêr de sua regeneração.

de Affonso Celso.

Jornaes e revistas

Está distribuido o n. 2, volume II, da *Iris*, de Alvaro Guerra, a qual se impõe cada vez mais á acceptação dos leitores, pela variada e escolhida collaboração.

O summario não podia ser mais attrahente:

A arte... (artigo da redacção);

Olhos e coração (novella brasileira) — Veiga Miranda;

Recuerdo (soneto) — Basilio de Magalhães;

Em vez de theatro, escolas (palestra scientifica) — dr. Vieira de Mello.

Mariana (soneto) — Freitas Guimarães;

O Anilachias (conto humoristico) — Couto de Magalhães;

Ironia das lagrimas (soneto) — Heraclito Viotti;

A proposito de Castro Alves (artigo commemorativo) — B. Octavio;

Teu nome (soneto) — Simões Pinto;

Annua Garibaldi (chronica literaria) — Olavo Bilac;

Catita (sextilhas) — Ovidio Mello;

Amende honorable... (chronica literaria) — Anastacio Paz;

Insania (soneto) — F. Mendes;

Reparos philologicos (VIII — «*Até*» e «*até a*») — A. G.;

Poesia philosophica (maximas e pensamentos) — Allen;

Cofre de perolas (com uma nota a proposito de Castro Alves e da sua poetica oratoria);

Morrer... vivendo (conto) — Alvaro Guerra;

Notas finaes.

— *O Echo*, de Pitangueiras, commemorando o 2.º anniversario de sua fundação, deu a 1.º do mez proximo

findo uma bella edição de 14 paginas, com variada collaboração e grande numero de nitidos *clichés*.

Entre outros retratos, publicou o do esforçado intendente daquelle prospero municipio, sr. capitão Ubaldo Guimarães Spizola, e os do presidente da camara, vice-presidente e vereadores, srs. Prudencio Walter Porto, major Gabriel Custodio da Silveira, tenente José Soriano de Lima e capitão Ernesto Alves de Carvalho.

— *O Parahybunense*, festejando o seu 2.º anniversario, publicou, a 18 do mez proximo findo, uma edição magnifica, de trinta paginas, impressas a cores e com innumerables *clichés*.

E' de notar a belleza da composicão typographica, o gosto com que foram enquadradas algumas vinhetas, revelando da parte do typographo um habil artista; não fosse a inferior qualidade do papel empregado na maior parte do jornal, e este nada deixaria a desejar. Não vimos ainda, em periodicos do interior do Estado, uma edição mais completa.

Nossas effusivas saudações ao director d'*O Parahybunense*, sr. F. Campos, e aos seus intelligentes auxiliares.

— Sob a competente direcção de Olympio de Lima, reapareceu *O Commercio de São Paulo*, como organ independente e tendo como principal escopo cumprir o programma contido no seu titulo.

Quem conhece como nós o intemerato jornalista d'*A Tribuna*, de Santos, e sabe de quanto é capaz, affirmar sem receio de errar que *O Commercio* agora entrou de novo em phase franca de prosperidade e está fadado a brilhante futuro.

Nossas saudações a Olympio de Lima.

Importante concurso literario

A grande revista sacra e internacional *Jesus-Christo* abriu na sua redacção um importante concurso literario e sobre este assumpto pode-nos que publiquemos as seguintes linhas:

«Desde já abrimos nesta redacção um concurso entre os poetas brasileiros. Aquello que escrever a melhor e mais bella poesia sobre a tragedia do Golgotha verá a sua producção gravada, no proprio autographo, na *Jesus-Christo* e receberá um premio valioso. O poema deve, no minimo, occupar dez tiras de papel commum.

As producções serão enviadas ao dr. João Teixeira, assignadas com um pseudonymo, e junto á producção um envelope lacrado, com o verdadeiro nome do auctor. As poesias serão entregues a uma commissão competente, para julgar-as, e os envelopes lacrados serão entregues ao exmo. sr. Bispo Diocesano, que só os abrirá depois de pronunciado o juizo da commissão.

O envelope lacrado, além do verdadeiro nome do poeta, conterá o local da sua residencia, sua profissão e o Estado em que nasceu. Guardar-se-á inteira reserva acerca dos nomes prejudicados, pois só será aberto o envelope premiado, sendo os outros queimados em presença do exmo. sr. Bispo, sem serem abertos, e as producções não premiadas, mas que tenham merecimento, serão publicadas sob o pseudonymo que tiverem.

As producções não devem ser datadas nem trazer o nome da localidade em que foram escriptas.

As poesias que forem sendo recebidas serão marcadas com um numero igual ao do envelope que contém o nome do auctor.

A commissão julgadora compôr-se-á de tres literatos notavéis do Rio de Janeiro.

O concurso se encerra no dia 30 de novembro proximo.

As producções devem ser enviadas até ao dia 30 de novembro proximo ao dr. João Teixeira, redactor-chefe, residente em Uberaba, Minas.

Aos collegas da imprensa dos diversos Estados do Brasil pedimos a fineza da reproducção da presente noticia.»



JUSTIÇA

Foi apresentado no Senado um projecto ordenando a transladação dos corpos de D. Pedro II e D. Thereza Christina.

(Dos jornaes)

É nobre a idéa. É justo que no seio Da patria venham repousar agora Esses que o grande coração outr'ora De nobre patrio amor tiveram cheio!

Que da justiça a rutilante aurora Venha, de tanta iniquidade em meio, E no torvo horizonte escuro e feio Refulja o sol da paz sem mais demora.

Esses dois grandes velhos no grandioso Torrao natal merecem ter repouso, Scja-lhes dada a honra merecida.

Assim quer o Brasil de sul a norte: Que possam elles descansar na morte Na terra delles tanto amada em vida.

(Do Correio da Manhã)

Album de Autographos

Dos "immortaes" da Academia Brasileira

65



Rio, 25 de set 901

Excmo. Sr. Couto de Magalhães.

Na ingrossa bilitade de fazer sobre
a saudade Edward Teles alguma
tabalho que fosse digno d'elle,
apuz mandado estas simples li-
nhas. Tão somente para vos de-
xin de attender as seu honroso
consulto.

Apresentando-lhe o meu com-
pimentoso subscrisor um
art.º.

Am. cordal

Roberto Artur

lindos olhos

Para o Bittencourt Junior

Lindos olhos! sois tristes como o abysmo:
vosso esplendor engana os corações!
Como do radium as emanações,
vós penetraes tambem nosso organismo!

Lindos olhos, de um terno sensualismo,
que viveis a cantar ternas canções:
sois indomaveis como dois leões,
olhos cruéis de sentimentalismo!

Lindos olhos! sois tristes como o Oceano,
mas tendes um poder mais soberano
do que a prece de um justo quando im-
plora...

Lindos olhos! se o pranto vos invade,
eu penso, em lendo a vossa falsidade:
— assim tambem o crocodilo chora!...

(1906)

OSCAR BRISOLLA



LIVROS NOVOS

O rosso illustrado collaborador dr. Joaquim José de Carvalho, clinico no Avaré, ofereceu-nos um exemplar do seu ultimo trabalho, *O catholicismo na Republica*, editado em Uberaba pelo sr. Aredio de Souza.

Embora não estejamos de accordo com o auctor em muitos pontos desse estudo historico-philosophico, e não possamos subscriver de forma alguma o que diz de Nabuco e dos admiraveis alexandrinos que o eminente Carlos de Lact dedicou ao nosso embaixador em Washington, forçoso é reconhecemos o valor desse trabalho, em que o dr. Carvalho mais uma vez dá largas á sua variada e profunda erudição.

O dr. Alberto Seabra, talentoso clinico nesta capital e um dos espiritos mais cultos da nova geração brasileira, enfeixou em volume seus artigos esparso na imprensa diaria, a proposito da ultima conferencia da paz reunida no Rio de Janeiro.

Estuda com largueza de vistas as varias questões de direito internacional ventiladas naquelle Congresso e justifica brilhantemente sua sympathia pela nota-Drago.

Penhorados, pelo exemplar, que nos offereceu, dos *Ensaio de Pan-Americanismo*.



Estrella!

Eu, que vivo hoje em dia torturado,
Cheio de angustia e cheio de martyrio,
Sentindo o coração despedaçado,
Não sei se isto é amor ou é delirio!

Argonauta do sonho... aquelle Emphyreo,
Um céu de flôres, d'astros recamado,
Trescalando entre rosas doce lirio,
— Como foi cruelmente transmutado!...

Ha no meu peito a nenia de um cypreste
Através da saudade pungitiva
Desse affecto sublime que me deste...

Porque partiste, sangram-me estas fra-
goas!

Ah! meu amor, estrella compassiva,
És a estrella divina destas magoas!

ARNALDO VELLOSO

POETAS BRASILEIROS



Jesus e as criancinhas

(Versos de outra hora)

Baixava a noite. Morria
O astro-rei no occidente,
Em luminosa agonia.

Baixava a noite. E Jesus,
Serenio, meigo, eloquente,
Irradiante de luz,

Na multidão que o cercava
Fitando os olhos azues,
Gravemente assim falava:

— Meu reino, filhos, não é
O deste mundo... — E olhava
Para os Céus. — Oh! tende fé!

E' lá, por sobre as estrellas,
Que o Jesus de Nazareth
Tem o seu throno; ó lá! E ellas,

Os luzeiros immortaes,
As lampadas sempre bellas
Que tanta vez contemples,



ARRULHOS

Talvez temendo o fracassar da fuga,
Pelos velhos olmosdos esombrados,
Mais a mais, em silencio, o passo estuga
O casal de pombinhos namorados.

Mas seus prazeres, tanta vez sonhados,
A esponja negra de um mysterio suga,
E *Elle* treme em receios e cuidados,
E *Ella* do olhar em pranto o pranto enxuga.

Depois, emfim, feridos de cansaço,
Sentam-se á beira dos caminhos, onde
Reina o amor, labio a labio, braço a braço...

E a casta lua, a eterna confidente,
Discreta e envergonhada, a face esconde
Entre um frouxel de nuvens, bruscamente...

EDGARD DE MELLO

Dos *Dituculos*

Os reis de Portugal

A 28 do mez proximo findo, passou
o anniversario natalicio dos soberanos
portuguezes D. Carlos e D. Amelia, e,
se essa data é duplamente grata aos
portuguezes, não o deixa de ser tam-
bem a todos os brasileiros, que vêem
naquelles os melhores e mais dedicados
amigos e seus irmãos na raça, na
lingua e nos costumes.

Registrando a faustosa data, o *Al-
bum Imperial* faz os mais sinceros
votos pela felicidade dos amados reis
e pelo engrandecimento de Portugal.

Vem a proposito desse anniversario
a reprodução de algumas paginas de
um album literario dedicado ha tempos
á rainha D. Amelia:

Sempre que a contemplo, evocam-se-me
no espirito as mais carinhosas recorda-
ções da infancia: eram assim as rainhas
das adoraveis historias que eu ouvia dos
labios da minha mãe. Eram altas e bellas,
dominando pela distincção e pela estatura
as numerosas côrtes que as rodeavam.
Uniam na expressão estes dous extremos
do caracter humano — o orgulho e a bon-
dade, a alicença e a infantilidade. Denun-
ciavam no olhar tão grande capacidade
imperativa, quanto era doce e piedosa a
impressão que derramavam em torno de
si, já captivando os grandes, já consolando
os miseraveis.

Poram assim as rainhas que em ver-
dadeiramente amei e admirei, quando
tive o coração mais puro e sómente rece-
bia noções de direito publico, permutadas
por caricias de mãe. Como não hei de
hoje adorar, na fria quadra da razão, a
que tão singularmente me desperta a
imagem saudosa dos unicos momentos de
inteira felicidade da minha existencia?

ASSIS BRASIL

Uma rainha de Portugal teve do céu
o segredo de transformar em flores as
esmolhas que levava no regaço; outra rainha
nossa tem da prodiga natureza o condão
de duplicar o valor das esmolhas com o
perfume suavissimo das flores que des-
abrocham nos sorrisos.

EMYGDIO NAVARRO

VILLANCETE

(A' SUA MAJESTADE A RAINHA, OFFERE-
CENDO-LHE UM EXEMPLAR DA «CATHA-
RINA D'ATHAYDE».)

Pedis, Senhora, o meu livro,
Mas Vós, pedindo-o, sabeis
Que dais e não recebeis.

Vós tendes o amor, a graça
Carinhos de uma rola,
Quando lançais uma esmola
Sobre a miseria que passa.
Deus paga o bem que se faça,
E Vós, no bem que fazeis,
Se dais, também recebeis.

Senhora, é certo que ás vezes
A sós com Deus supplicais
Rendido aos males geraes,
Que affligem os portuguezes;
Se vos acode aos revezes,
Em face do Rei dos Reis,
Vós não dais, mas recebeis.

Só por gentil e donosa,
Sabendo o pouco que eu valho,
Honrais o esforço, o trabalho
Dos meus sonhos cor de rosa;
Nesta exigencia graciosa,
Senhora, Vós bem sabeis
Que dais e não recebeis!

MACEDO PAPANÇA
(Conde de Monsaraz)

E' pelo esforço de uma ascensão, de
imagem ideal em imagem ideal, que o
meu espirito chega ao modelo real da
Graça, da Bondade e da Belleza.

VISCONDE DE S. BOAVENTURA

LUZ BENEFICA

Sonhei que via um mar de lagrimas,
Um mar immenso, todo em trevas,
Onde gemiam vozes roucas.
Sombras passavam, longas levas,
Em damnações, torcendo as bocas.

Sonhei depois, visão fantastica!
Que no céu turvo e acagipado
Passava um astro, irriando as aguas.
E, nesse instante, vi mudado
Numa saplira o mar das maguas.

D. JOÃO DA CAMARA

RAINHA E BOA

Deus vos guarde, Senhora, em bonan-
cosos trilhos; em bonan-
cosos trilhos; Sois Bondosa e Rainha: eis uma dupla
c'róa; Duplo diadema enflora a vossa fronte em
brilhos; Tendes no vosso olhar, que um grãnde
amor p'voa, A doçura que tem a mãe, que adora os
filhos, E o encanto que possui toda a mulher
que é boa.

LUIZ OSORIO

A' SENHORA D. AMELIA

(DEPOIS DA BATALHA DE FLORES)

Bemlita seja a mão santa,
quer de vilã ou rainha,
que a Job do enxuro levanta
e os orphãosinhos aninha!...

Qual Santa Izabel... que dores
e albergues frios consolas!
Ella fez de esmolhas, flores...
Mas tu das flores, esmolhas!

GOMES LEAL

O LIZ DE FRANÇA

Liz de França, de encanto singular,
Nestes jardins do Sol a refflori!
Não ha graça que exceda o Teu sorriso!
Não ha luz que desmaie o Teu olhar!

Sorrir celestial, que infunde esperanza!
Olar, que sobre nós benigno desce!
Vieste aqui provar quão bem floresece,
Nestes jardins do Sol, um Liz de França!

FERNANDES COSTA

Senhora
Sobre o brazão
Do vosso manto dourado
Devia ser esmaltado
Um coração.

SANTOS TAVARES

BEMDITA

Lá vem a Rainha Santa,
Que Povo e Rei, tudo encanta!
Rainha pela belleza!
Rainha pela virtude!

Traz tambem no seu regaço
Rosas dos jardins do paço
Com que Rei e côrte illude,
Mas com que vale a pobreza,
E aos enfermos dá saude!
Por isso, muita alma afflicta,
Sorrindo na desventura,
Em-na vendo assombrar, grita:
Oh bemdita Formosura!
De corpo e alma!... Bemdita!...

JOÃO DE DEUS

ESTATUA DE D. PEDRO II EM PETROPOLIS

A comissão executiva encarregad
da de levar a effeito o levantamento
de uma estatua a D. Pedro II na ci-
dade de Petropolis, em sua ultima
sessão, resolveu convidar as sociedades
e clubs, com sede naquella cidade, pa-
ruma grande reunião, que deverá ef-
fectuar-se no dia 14 do corrente, afim
de serem discutidas as bases do fes-
tival que a mesma comissão pretende
realisar em dias de dezembro proximo.

Esse festival terá o concurso do
comité, que ha pouco foi alli organi-
sado para dirigir as festas da proxim-
estação estival, que, ao que parec
se revestirá de grande brilhantism
será muito animada.

A situação do Sul

(Conclusão)

III

«SALTO. — Junto lhes envio cópia exacta da planta, mandada tirar por João Francisco, do campo da batalha de 24 de junho, em que morreu o almirante Saldanha da Gama.

Por ella poderão vêr a importante posição que occupavam as forças federalistas, que sem a carga de cavallaria de Vasco Martins e sem a fuga precipitada de toda a outra cavallaria poderia ser sustentada até o anoitecer, dando occasião que se pudessem retirar sem grandes perdas.

Uma grande fatalidade deu causa a este horroroso combate. Algumas horas mais que demorasse o inimigo a apparecer e o almirante Saldanha talvez tivesse evitado a catastrophe.

Um chasque enviado pelo general Tavares trazia ao almirante Saldanha a noticia de que se estava negociando um armistício e que, por consequencia, devia evitar dar combate. O chasque, passando pelo acampamento de Chiquinete, parou a churrusquear e, quando se poz em marcha para o acampamento do almirante, já se tinha travado a lucta.

Está verificado, por confissão do proprio João Francisco, que o almirante Saldanha foi lanceado por Salvador Tambeiro e seu irmão.

Lanceado em uma perna, o almirante saiu do cavallo que montava, levantando-se logo, chamando sua gente á carga; Salvador deo-lhe novo lançaço, que lhe varou o peito, cahindo o almirante, para novamente se levantar, disparando nessa occasião um tiro com o seu pequeno Smith-Wesson.

Dois ou tres golpes de sabre na cabeça prostraram-no morto.

Trabalhou então a faca!

Diz João Francisco que, ao reconhecer o almirante pelos papeis que tinha no bolso, mandou chamar o seu medico, para vêr se ainda lhe restava vida.

Dil-o elle, mas certamente não o fez, pois o corpo do almirante, tres vezes lanceado e tres vezes cortado de espada, além de um golpe de faca no pescoço, já não tinha vida.

E para não acarreterem com a immensa responsabilidade que tal acto de barbarismo acarretaria sobre quem mandava taes assassinos, mutilaram o corpo e queimaram-no ou lançaram-no ao Quarahim.

João Francisco é um homem sympathico, bonito mesmo, muito affavel, com uma voz meiga, falando mansamente. O seu rosto rosado, molidurado por uma barba á Andô, attraí a sympathia de quem o vê. E no emtanto, sob aquelle peito de homem moço, pois tem apenas 29 annos, e valente até ao heroismo, pois não se pôde negar o seu arrojo e a sua bravura, palpita um coração de pedra, que não dá quartel ao vencido, e auctorisca os seus soldados a degollarem os mortos e os prisioneiros.

Disse-o elle agora em Sant'Anna, com a sua voz meiga e doce:

— E' impossivel evitar estas cousas; rapazes enthusiasmam-se na peleja e, coitados, não os posso castigar por isso. Os fedraes fazem o mesmo. As nossas guerras são assim!

Parece impossivel que um homem vá até chegar a estas confissões.

E' verdade que sobre os federalistas pesa o medonho manto de sangue do Rio Negro, onde foram degollados cerca de 200 homens, e se alguma cousa pudesse attenuar essa barbaridade, seria o facto de que as victimas não eram propriamente castilhistas e sim, segundo dizem, salteadores e auctores de grandes atrocidades que provocaram esta represalia. E, demais, foram escolhidos por um dos seus companheiros, que os denunciou como bandidos. Esta horrorosa scena será sempre uma mancha na revolução.

Mas em troca, quantos federalistas não têm sido victimas da gente que acompanha João Francisco?

O vencido tem direito á misericórdia do vencedor e a gente de João Francisco nunca faz prisioneiros. Os que lhe caem nas mãos são barbaramente degollados.

Já lá vão onze dias depois do combate e os cadaveres ainda estão insepultos no campo de batalha, como testemunho da barbaridade dos vencedores.

A commissão de brasileiros que de Montevideo foi a Sant'Anna reclamar o cadaver do almirante Saldanha, não o podendo obter, foi ao campo da batalha, onde teve occasião de ver tudo que venho descrevendo. Cincoenta e um cadaveres lá jaziam degollados. O cadaver do almirante não foi encontrado.

Diz João Francisco que em poder do almirante foram encontradas copias dos telegrammas trocados entre os srs. Julio de Castilhos e generaes Hippolyto e Moura pelas linhas de Rivera e São Eugenio.

Tambem se encontrou uma carta de Ulysses Reverbel, em que dizia ao almirante que havia ordem de internação contra elle, mas que de nada receiasse, pois o commissario Silvano Spar tinha instrucções para escondel-o em lugar seguro.

E' possivel que, aiém destes, outros pappis fossem encontrados, mas os principaes estavam na estancia Menezes, cujo proprietario tem uma carta do almirante Saldanha, recommendando-lhe que, em caso de algum desastre, só os entregasse a seu irmão dr. Saldanha.

Os que estavam no acampamento foram salvos pelos srs. Conrado Heck e Monteiro de Barros.

Os castilhistas, além das roupas e objectos de uso dos vencidos, tomaram alguma cavallada e algumas poucas armas.

A maior parte do armamento esta guardado em lugar seguro e a cavallada tambem está em poder dos federalistas.

Vasco Martins, além de salvar todo o seu abarracamento, salvou tambem os mantimentos.

Corre como certo ter-se pactuado um armistício entre os bell gerantes até 9 do corrente.

O general Galvão interpõe a sua influencia para tratar a paz.

No proximo numero

Senador Paula Pessôa

Dr. João Adolpho R. da Silva

VIDA SOCIAL

Anniversarios

Fizeram annos:

No 23 de setembro, a exma. sra. d. Maria Amalia de Magalhães Fleury, esposa do dr. João Augusto de Souza Fleury;

No dia 30, a senhorita Ancesia da Conceição Bastos, filha do sr. Antonio Julio da Conceição Bastos, digno deputado á Junta Commercial;

No dia 1.º do corrente, a exma. sra. d. Augusta Fleury de Souza Queiroz, esposa do sr. Frederico de Souza Queiroz;

No dia 2 do corrente, o nosso collega da revista *Novo Cruz* e conhecido homem de letras Arthur Goulart; o sr. Arthur Alves Martins, chefe do escriptorio e socio da importante casa Baruel & C., e a galante menina Odila, filha do dr. Arthur Vianna Barbosa;

Hontem, a exma. sra. d. Francisca de Assis Rodrigues, veneranda sogra do dr. Ferreira Alves;

Hoje, o estimado moço sr. Mario Ferraz de Sampaio e o galante menino Eurico, filho do sr. J. Ataliba Nogueira Junior, dedicado representante do *Album Imperial*;

Amanhã, o exmo. sr. d. João Baptista Correia Nery, virtuoso bispo de Pouso Alegre;

No dia 7, o dr. José Marques da Silva Ayrosa, advogado neste fóro e 1.º juiz de paz do districto de Santa Cecilia;

No dia 8, a exma. sra. d. Maria Amalia Cyrillo, esposa do dr. Carlos Cyrillo Junior;

No dia 10, o illustre clinico dr. Augusto Cesar de Miranda Azevedo;

No dia 11, a distincta escriptora e poetisa exma. sra. d. Ibrantina Cardona;

No dia 14, a distincta senhorita Sula de Ataliba Nogueira, dilecta filha do exmo. sr. Barão de Ataliba Nogueira;

No dia 18, o sr. Francisco Gaspar da Silveira Martins, nosso distincto collaborador e um dos directores da revista *Novo Cruz*.

Bodas de prata

No dia 12 do corrente, sclemnizam suas bodas de prata o dr. Honorio Libero, illustre clinico mineiro domiciliado nesta capital, e sua extremecida esposa d. Zerbina de Toledo Libero, distincta senhora paulista.

Ao nobre casal, que tem conquistado a estima e a consideração da sociedade em que vivem, por suas altas virtudes e elevados dotes de coração, as nossas congratulações e os nossos votos de felicidades.

Contracto de casamento

O dr. Jonas Deocleciano Ribeiro, pertencente a uma das mais distinctas familias paulistas e conceituado clinico na Franca, contractou casamento com a gentil senhorita Anna de Lima Guimarães, neta da exma. sra. d. Ponciana Purcina de Lima.

Nascimento

O dr. Alberico Galvão Bueno, estimado advogado do nosso fóro, está pae de mais um galante menino, que vai receber o nome de Vasco.

Baptismo

A 8 do mez proximo findo, foi levado á pia baptismal, na Matriz de Santa Cecilia, o robusto menino Francisco Antonio Torquato de Toledo, que recebeu o nome do seu saudoso avô paterno. A galante criança, filha do dr. Alfredo de Toledo, teve por padrinhos a exma. sra. d. Leonor de Azevedo Oliveira e seu esposo coroney Joaquim Candido de Oliveira, abastado fazendeiro em S. João da Boa Vista e deputado ao Congresso do Estado.

Ministrou o baptismo o illustre e virtuoso sacerdote dr. Maximiano da Silva Leite, reitor do Seminario Episcopal e parente do baptisando.

Casamento

Realizou-se nesta capital, a 8 do mez proximo findo, o casamento do joven e talentoso advogado dr. Carlos Cyrillo Junior com a gentil senhorita Maria Amalia Ferreira Alves, preñada filha do sr. conselheiro dr. Joaquim Augusto Ferreira Alves, notavel e conceituado advogado nos auditorios desta comarca.

O casamento effectuou-se com selecta e numerosa assistencia de parentes e convidados, no vasto palacete dos illustres paes da nubente, á avenida Tiradentes, n. 82, realisando-se as ceremonias civis á uma hora da tarde e as religiosas logo em seguida, sendo aquellas presididas pelo 1.º juiz de paz do districto de S.ª Iphigenia, dr. Luiz Frederico Rangel de Freitas, e estas pelo rmvo. padre Adoniro Alfredo Krauss, digno coadjutor da parochia.

Foram paranyphos do noivo, no acto religioso, o dr. Alfredo de Toledo, distincto homem de letras e advogado, e no civil o dr. Pamphilo de Assumpção, conceituado advogado nesta capital, servindo de paranyphos da noiva, no civil, o dr. José Marques da Silva Ayrosa e no religioso o coronel Estevam João Cyrillo e a distincta senhorita Elvira Cintra, gentilissima filha do nosso correligionario coronel Firmino Cintra, capitalista residente na Franca.

Terminadas as ceremonias, foi servida, no espaçoso salão de refeições do palacete, uma opipara e lauta mesa de doces, profusamente regada de finos e capitosos vinhos, sendo os noivos e seus illustres paes saudados ao *champagne*, em eloquento brinde, pelo dr. Pamphilo de Assumpção e outros oradores.

Os serviços, tanto de *buffet* como de *buvette*, estiveram a cargo de uma das mais importantes confeitarias desta capital e nada deixaram a desejar.

A's 4 horas da tarde, os noivos partiram para o Guarujá, sendo acompanhados até á *gare* da *S. Paulo Railway* por grande numero de senhoras e cavalheiros.

Todos os convidados sahiram penhorados e captivos pelas gentilezas, de que foram alvo por parte da exma. familia da noiva, e guardam as mais gratas recordações da fidalga festa com que foi solemnisado o hymineu dos estimados jovens, aos quaes almejamos uma eterna lua de mel e todas as felicidades.

Os jovens brasileiros Suas tendencias e aspirações

TH. ROOSEVELT, na *Vida Intensa*, dedica todo um capítulo aos jovens americanos, concitando-os a serem verdadeiros *homens americanos*.

Não respigaremos nas considerações deste publicista, por não ser nosso intuito indicar aos jovens brasileiros como se deve *trabalhar firme e fogar firme*, e que "*il ne faut pas qu'on, soit un coward ou un faible, un fanfaron, un cornifleur ou un fat*".

Também não nos preocuparemos com os hábitos da nossa sociedade, que ella não os tem que possam ser particularisados.

Até ao advento da nossa Republica dizia-se que o Brasil era governado por bachareis.

Com effeito, muitos dos nossos jovens iam ás academias de S. Paulo e Pernambuco conquistar diplomas de bachareis, entravam na vida publica para se tornarem os estadistas notáveis que deram á Nação os seus melhores e mais gloriosos dias.

Os que se destinavam á magistratura faziam demorada estapa em todos os postos e só alcançavam os mais elevados, depois de longo tirocinio e solido preparo.

Dada a crise social pelo movimento de 15 de novembro, proclamada a descentralisação, chamados outros factores para a direcção da sociedade, o joven brasileiro ficou completamente barrado.

Elle não pôde ser agricultor, porque a produção da sua lavoura não lhe dá os meios de subsistencia; não pôde ser negociante, não só por não ter capital, nem credito, como também porque o commercio nacional não existe, e as casas estrangeiras o não recebem, ou se o recebem, como assalariado, é com reluctancia e lhe cortando todo o estímulo.

Se tentar a exploração de uma industria, arrisca-se ao naufragio em pouco tempo, pois o similir estrangeiro lhe vem fazer concorrência, aggravaza por impostos de toda sorte.

Só lhe resta, então, mendigar, desde a Capital Federal até á mais remota cidade dos Estados, um emprego publico, onde penetra já *venendo*.

Se ainda os paes dispõem de recursos, mandam o filho em busca de um diploma nas academias officiaes, ou das algumas, chamadas livres, que, depois de 15 de novembro, pullulz no Rio de Janeiro e em quasi todas as capitães dos Estados.

Dahi este enxame de pretendentes eternos, que se apresentam carregados de diplomas, que exprimem tudo, menos o saber, a educação e a consciencia da responsabilidade, salvas as excepções devidas.

Se são aparentados com os politicos do dia, preterem aos bons, os competentes servidores, e de improviso, sem a mais ligeira noção do cargo, são guindados aos primeiros logares.

Se entram para a magistratura, levam uma bagagem onde tudo se aninha, menos o conhecimento do direito e da lei, ou o sentimento do justo.

Assim o quiz e quer a Republica, cujos arautos proclamam que a carreira mais digna de um cidadão ainda é a das armas; e dest'arte se tornam por suggestão bellicosos os nossos jovens, que, aos bandos, vão bater ás portas das escolas militares.

E logo que envergam as blusas rutilantes, *bem arranchados* e despreocupados das asperezas da vida real, tornam-se os paladinos de uma liberdade, que não foi a de seus paes, fazem os mais *adeantados* estudos sobre o systema de governo de Augusto Comte e vão ouvir os hymnos melancolicos entoados no Templo da Humanidade.

Obtido o primeiro posto, o nosso *marchesino*, como os de Roma no tempo papal, já se considera homem completo em todos os conhecimentos e inicia a sua gloriosa carreira, terçando as *armas* do seu talento nas assembleas estaduais, onde tem entrada pela mão do governador, seu companheiro de classe, ou seu parente e protector.

Está feita a estrada brilhante do futuro marechal e senador federal!...

Entretanto, a vida milita: é tão movimentada, que um só dia não dedicado pelo soldado á sua nobre carreira pôde dar logar a um mal irremediavel á sua classe e a um grande perigo á sua patria!

A politica republicana no Brasil tem sido sempre equivocada, procurando naturalmente sustentar-se no rebaixamento do caracter e na desmoralisação. Com os seus senadores marchaes, ella abandona e esquece o soldado nos quartéis até á hora do pronunciamiento votado no Club Militar.

Os nossos officiaes, em geral, avidos de cargos civis, vivem afastados dos seus regimentos e notabilizam-se na imprensa politica, uns pelos exemplos de insubordinação aos poderes publicos; outros, revelando-se economicistas e financeiros *clarissimes et perfectissimes*, perdendo o tempo do estudo da sciencia da guerra na organização de tarifas aduaneiras e nas presencias das reuniões da Praça do Commercio.

H. DE M.

O segundo reinado (7)

(Continuação)

Passo da Patria, Itapirú, Humaytá, Boqueirão, Tuyuty, Curuzú, Curupaity (onde uma victoria apagou um revez), Estabelecimento, Itororó, Avahy, Lomas Valentinas, Angustura, Peribebuy, Campo Grande, — são nomes a cujo poder evocativo surge a lembrança de milagres de resignação e de tenacidade, de feitos de heroismo que ora tocava a loucura, ora tinha a serenidade da firmeza estoica.

E não foram só os feitos d'armas os unicos sacrificios desta guerra.

Seria diminuir muito sensivelmente o valor dos brasileiros esquecer que, tendo contra si um exercito disciplinado e valente, bem provido de material bellico e de meios de subsistencia, dirigido por officiaes europeus de competencia, luctaram ainda contra a resistencia da natureza, num paiz desconhecido quasi totalmente para nós, contra as epidemias, a fome, a sede, a infecção dos pantanos; e que se expuzeram virilmente tanto ás balas dos inimigos quanto ás devastações do cholera; avançaram sempre, quer quando a terra lhes recusava uma gota d'agua para matar a sede, quer quando desenrolava deante delles a extensão dos alagadiços, a dureza das escarpas, o emaranhamento das florestas, as mil traições com que a natureza collaborava nas dos inimigos.

Barroso, Inhaúma, Delphim de Carvalho, Tamandaré, Mariz e Barros, Caxias, Herval, Porto Alegre, Camara e tantos outros, que seria impossivel enumerar, estão para sempre associados ás glorias desta campanha.

O paiz inteiro esteve lá; e tão dignamente se representa na historia pelos generaes em chefe e pelos almirantes, quanto pelos mais humildes: os heróes de quem só se sabe o nome, como Marcilio Dias, os captivos que só tiveram patria quando foi preciso morrer por ella no solo inimigo, recebendo ao mesmo tempo o baptismo de sangue e o da liberdade.

E porque não recordar também os que, não sendo pelo nascimento compatriotas nossos, combateram como brasileiros, desde Augusto Leverguer, que, antes de declarada a guerra, conteve, em distancia, não com os seus dous mil homens, mas com o seu nome, que não era desconhecido a Lopez, os nove mil homens de Barrios e Resquin, que invadiram Matto-Grosso, até o Conde d'Eu, a figura mais saliente da segunda phase da guerra?

Em outras condições não mencionaríamos o seu nome senão na grande lista dos que honraram a larda.

Hoje, não; desde que não lhe que-rem negar a porção de gloria correspondente aos sacrificios, bravura pessoal, sciencia de homem de guerra, tenacidade e sangue frio, qualidades estas que elle revelou em alto grau, n'uma phase das mais criticas da campanha, quando commandando em chefe, depois de Lomas Valentinas, internouse no Paraguay, para soffrer, entre as hostilidades de um sólo ingrato, as hostilidades de um tyranno em desespero.

Não passaram ainda tantos annos, depois desta guerra, que não haja um sobrevivente aos que combateram no sul.

O testemunho dos companheiros d'armas do Conde d'Eu basta para demonstrar que não se pôde escrever a historia da guerra do Paraguay sem lembrar, honrando-o devidamente, seu nome.

Terminada a guerra do Paraguay, a questão abolicionista enche o reinado.

Se quizermos remontar até ás origens mais afastadas, buscaríamos antes, muito antes da Independencia, os primeiros raios precursores do 13 de maio; o negro já se destaca no crepusculo da vida colonial, quer iniciando em Palmares o que a serra de Cubatão ultimou, quer servindo as explorações revolucionarias dos inconfindentes de Minas, como depois tinha de entrar ainda nos calculos dos adversarios do terceiro reinado.

No escrutinio secreto das nossas conspirações entrava sempre a *bola negra* do captivo.

Não deixaria de ser curioso o estudo da utilidade do captivo, não no serviço da lavoura, mas no serviço da politica. Elle teve a noção do muito que fez pela fortuna dos senhores, mas ignora sem duvida qual foi a sua influencia na fortuna dos partidos e dos governos.

Mais curioso ainda seria estudar, nas collecções dos jornaes, nos pamphletos, nos discursos dos centros de lavoura e dos *meetings*, nas discussões parlamentares, as feições vagas da opinião, no tocante ao papel do Imperador nesta grande questão.

Quando a abolição não era uma questão victoriosa, quando se apresentava como uma importuna, de saccolla, supplicando nos theatros, esmolando

nos leilões de prendas, aproveitando o enternecimento das festas intimas para balbuciar uma supplica; quando as cartas de alforria citavam-se com elogiões e surpresa, como provas de magnanimidade, numa verba testamentaria, entre os adereços de um dote rico, como um incidente de um jantar de baptisado, não havia grande empenho em recusar ao Imperador o titulo de abolicionista.

Mais tarde, quando a idéa fazia e desfazia governos, a opposição via no Imperador um abolicionista; tanto que, durante o gabinete 6 de junho, como tinham feito em 71, sob o Ministerio de 7 de março, não cessavam de açular contra o monarcha os resentimentos dos agricultores.

Em 84 não hesitaram até em ameaçal-o com a morte, dizendo-lhe que onde *não chegasse a palavra poderia chegar uma bala*.

Fautor da abolição para uns, inspirando pelo telegrapho o gabinete do Visconde do Rio Branco, ou animando a guerra á propriedade pelo *pacto* com o gabinete Dantas, D. Pedro II era também, para os que conheciam que o nome de abolicionista glorificava mais o rei, o patrocinador do escravismo. Reprimiu e supprimiu o trafego em 50, cedendo á ameaça dos canhões inglezes; deixou que libertassem os nascituros em 71, para se fingir de rei liberal aos olhos da Europa, e dos signatarios da famosa carta em que assignavam, entre outros, o duque e o principe de Broglie, Laboulaye, Guizot e Henri Martin. Aceitou em 84 o projecto de 15 de julho, visando engodar o abolicionismo com as apparencias de uma convicção que desmentia, pelos mil embaraços que creava, a politica do gabinete. (E vem dizer que este Ministerio foi, no dizer de seus adversarios, o mais violento que já se conheceu. E o projecto abolicionista, depois de ser o *projecto-ferra*, antes da abolição, foi considerado depois della feita um projecto atrazado!) Em 88, permittiu que a lei de 13 de maio corraesse a obra do abolicionismo, não só porque a libertação não era uma reforma, sim uma medida de ordem publica, mas também porque convinha attrahir para a Corôa as sympathias da abolição.

Ha visivel erro nestas opiniões extremas. D. Pedro II foi abolicionista tanto quanto pôde ser um rei, competente da sua missão de chefe de Estado, incompativel com a de chefe de partido, por mais sympathico que seja o seu programma.

Mas, por mais fortes que fossem os sentimentos abolicionistas do Imperador, elle não podia esquecer que era rei num paiz em que a fortuna publica assentava na agricultura e a agricultura no captivo.

Se a sabeldoria politica consistisse no radicalismo do bem e da philanthropia, todos poderiam ser estadistas, com excepção dos homens cruéis.

O Imperador, quanto ao abolicionismo, mostrou-se moderado e prudente. Não fosse elle chefe do estado, e talvez não houvesse emancipador mais intransigente do que elle.

(Continúa)

Temos na nossa mesa mais um numero da apreciada revista de Arthur Goulart, Francisco Gaspar e Francisco Teixeira, *A Nova Cruz*. Traz *cliques* de Jayme Guimarães, Bueno Monteiro e d. José de Camargo Barros e variada collaboração literaria.

ANNO I

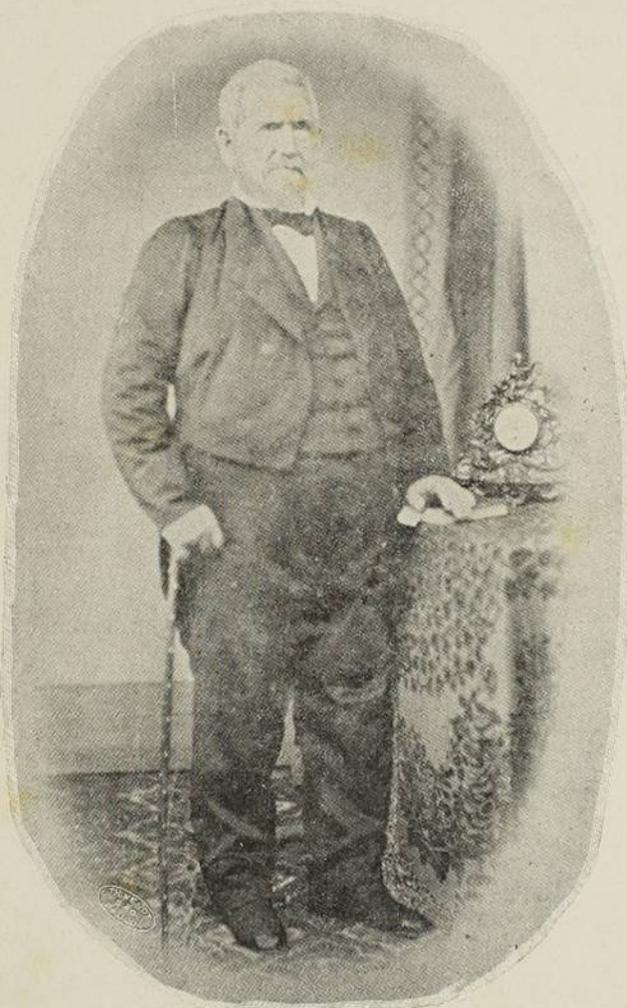
S. PAULO, 20 de outubro de 1906

NUM. 20

ALBUM IMPERIAL

QUINZENARIO POLITICO E LITERARIO

Director: Couto de Magalhães



SENADOR PAULA PESSOA



Senador Francisco de Paula Pessôa



ENTAREMOS escrever a largos traços as memorias da vida de um cidadão que teve nos negocios do Estado posição eminente.

A nós, homens de uma geração mais fraca, que recebemos de nossos maiores uma nacionalidade constituída e uma existencia politica organisada pelos moldes dos paizes livres, cabe o dever de render aos creadores de nossa vida politica o tributo de respeito que reclamam os seus feitos de civismo e a energia de seu patriotismo, nunca desmentido.

1

O senador Francisco de Paula Pessôa nasceu na antiga villa, hoje cidade, da Granja, provincia do Ceará, aos 24 de março de 1795.

Era filho legitimo do capitão-mór Thomaz Antonio Pessôa de Andrade e D. Francisca de Brito Pessôa de Andrade.

Dotado de natural lucidez de comprehensão e de precoce desenvolvimento intellectual, na idade em que as outras existencias se acham ainda totalmente entregues aos descuidos da adolescencia, já elle se animava a assumir uma individualidade propria e a tomar sobre si a responsabilidade de seu futuro.

Aos quinze annos deixou o tecto paterno e abraçou, com os proprios recursos, a carreira commercial; e tal era a coniança que inspirava o seu discernimento, que para esse acto de arrojado committimento obtinha a plena acquiescencia e o auxilio de seu paç.

Os conselhos da experiencia suppria-os elle pela clareza de percepção, pela agudeza de vistas, pelo precoce bom senso com que o seu espirito se apoderava das condições da localidade e se desenvolvia nas relações das praças commerciaes a que estava preso o acanhado commercio da outr'ora villa da Granja.

Na profissão que espontaneamente adoptára, houve-se o joven commerciante com tino e seriedade, que lhe firmaram um credito proprio e solido e lhe granjearam recursos para dar mais elevadas proporções ao seu estabelecimento.

Para logo, porém, conhecendo a estreiteza de meios, que tolhia, na Granja, mais amplo movimento de circulação e dando corpo á legitima ambição de alargar a importancia e operações da sua casa commercial, foi em 1819, contando apenas vinte e quatro annos, estabelecer-se, em grosso, na villa de Sobral, cuja nascente prosperidade e favoravel situação local offerciam um theatro mais importante, pelas relações dos vastos sertões, que della dependiam e facultavam aso a um espirito emprehendedor de alargar as suas transacções; e mais tarde, em 1826, era-lhe outorgado pela Junta do Commercio do Rio de Janeiro, a mais importante do Imperio, o titulo de negociante em grosso trato. (1)

(1) Vid. *in fine* — documento n. 1.

Ao chegar a Sobral, foram desde logo reconhecidas as suas qualidades pessoases, pela sociedade em que ia elle conviver, com elevada consideração, e pouco depois foi ahi nomeado sargento-mór das antigas ordenanças, posto de distincta gradação, que não desdenhavam certamente os naturacs mais notaveis da localidade. (2)

Poucos annos depois, em 1828, ainda em Sobral, foi elle proposto pela Edilidade e acceto pelo Governo para o posto de capitão-mór das mesmas ordenanças, que indicava, em tempos idos, o alto favor da opinião e a maxima importancia nas sociedades locais. (3)

Entretanto, passavam os negocios da provincia por uma crise tremenda e contristadora. A revolução do Equador, ramificada em todo o norte do Imperio, onde creara profundas raizes, avassalára a geral sympathia.

Parecia incompleta a independencia patria perdurando o anel da dynastia portugueza, com que a muitos se afigurava que a metropole queria ainda vincular-nos ao seu dominio, que atrophiára a nossa vitalidade no regimen colonial; e era julgada insufficiente a fórma de governo que nos offerencia uma auctoridade suspeita.

O patriotismo produzia em todos os espiritos eguaes vibrações de enthusiasmo. O indifferentismo, ah! não se tinha ainda apoderado do animo dos filhos da terra do Cruzeiro. Moços e velhos compareciam com o mesmo arrojio aos ajuntamentos municipaes e offerciam no altar da patria as suas utopias, ou os seus conselhos, todos o sacrificio de prazeres, de posição, de fortuna e alguns da propria vida.

O movimento ganhára incremento nos corações cearenses, communicava-se nos colloquios, propagava-se nas reuniões e inspirava a fé com que uma terra juvenil e uma sociedade nascente soem abraçar-se a uma bandeira sagrada divinizada por uma idéa.

Semelhantes acontecimentos produzem-se fóra dos termos das successões ordinarias do tempo, e surgem como consequencias de premissas desconhecidas no passado, como o resultado de uma fatalidade do destino das nações, tomadas de improviso pelo vigor accumulado de muitas gerações, pelas energias das edades preteritas, para se imporem como forças irresistiveis. Suas causas se perdem na logica providencial com que a historia accentúa sobre os seculos a sua acção civilisadora e emanam das leis eternas com que os principios regem o universo. Uma idéa nova lança-se na atmosphera intellectual, uma temperatura de electricidade circula em todas as veias do espirito, em todas as idéas que o pensamento respira. A providencia reveste os impulsos do enthusiasmo para produzir as revoluções e tomar de assalto os factos e as consciencias, as cousas e as instituções.

São conhecidos os intuitos e os actos desse movimento de ardor patriótico, cedo abafado em uma onda de sangue. O pensamento revolucionario teve apenas

(2) Vid. doc. n. 2.

(3) Vid. doc. n. 2.



tempo de apparecer e congregar os espiritos. Antes de passar para o terreno dos factos e dispôr a ordem de cousas que o devesse estabelecer no campo da lucta armada, foi conhecido e abafado pelo poder dominante. Appareceu então a reacção violenta, cruel, sem escrupulos.

Na capital da provincia, um algoz sem entranhas colhia os dados para dar cemeço ao drama de sangue, quiçá imaginado pelo governo central; nas localidades do interior, algozes de ordem inferior, affrontando a execração publica, denunciavam, com diabolica perversidade, os actos que haviam presenciado, sem protesto algum, e offerciam-se para instrumentos da vingança do governo vencedor.

A perseguição, então, appareceu desenfreada, sem misericordia, atroz. A dilação, affagada, ergueu o collo. Começou a caçada dos patriotas com ardor infernal, e os auctores de um pensamento, que não tivera tempo de passar ao dominio dos factos consummados, foram julgados pelo codigo draconiano, que resume no sangue o maximo e minimo preceito contra toda a idéa de infração da ordem estabelecida. Nobres victimas de um patriotismo acrisolado no martyrio entregaram corajosamente a cabeça na praça publica, por haverem sómente desejado um governo differente daquelle que com a dissolução da Constituinte rompera o elo que o prendia á nação e eliminava de si os suffragios da opinião nacional.

Paula Pessoa tivera em sua familia um illustre martyr da causa commum. Seu irmão, o coronel João de Andrade Pessoa, expiou no cadafalso o ardor do puro civismo com que pugnou nos comicios de cidadãos, por uma existencia politica diversa da que nos foi depois outorgada, e cahiu ferido pelas balas dos soldados, ao lado do padre Gonçalo, Ibiapina e outros heroes, todos certamente credores do reconhecimento de nossa geração, victimas augustas que o amor e a crença popular têm revestido das fórmas da legenda.

Elle proprio concedera, com o calor da mocidade, sincera adhesão ao pensamento emancipador que presidira e organisara a cruzada dos espiritos. Era assim de temer que o attingisse a reacção inconsciente, que feria sem discernimento e, quiçá, poderia envolver na causa da Monarchia latentes motivos de resentimento privado. Para evitar os desforços de excessivas paixões mal sopitadas, depois de empregar debalde todos os esforços para salvar o irmão — previamente condemnado pela commissão militar, a cuja frente se achava Conrado Jacob de Niemayer, retirou-se para Pernambuco, levando a idéa de emigrar dahi para Boston, na America do Norte; idéa que não chegou a realisar, porque sobreveiu a publicação do decreto de amnistia, a respeito do movimento revolucionario, que havia sido objecto das mais odiosas perseguições.

No entretanto, a reacção havia passado das pessoas ás cousas. Os suspeitos tinham soffrido diminuição em suas personalidades juridicas e os seus direitos de propriedade estavam sujeitos aos caprichos da auctoridade administrativa e ao bom prazer dos representantes da força armada.

Neste sentido, viu-se Paula Pessoa esbulhado de valores e mercadorias que lhe pertenciam, capturados no porto do Maranhão, de ordem do conde de Dundonald. Para haver a restituição de sua propriedade, foi em 1826 ao Rio de Janeiro; e lá, na sua prolongada estada, teve occasião de entrar em relações com a sociedade fluminense e conheceu os vultos mais eminentes da politica do paiz.

Só depois dessa ultima viagem voltou a Sobral, estando já passada a effervescencia e acalmadas as

paixões que despertara o germen revolucionario do mallogrado movimento de 1824.

Fixou-se então definitivamente naquella cidade e estabeleceu o giro dos seus negocios, paralyzado durante o tempo da sua ausencia.

Ahi casou-se, um anno depois, com D. Francisca M. Carolina, senhora que possuia todos os dons e virtudes que fazem do lar domestico um paraíso.

Era filha do coronel Vicente Alves da Fonseca, abastado fazendeiro da provincia, cidadão de inquestionavel honradez e que tinha no conceito geral da localidade elevada consideração.

A prosperidade da antiga villa de Sobral desenvolver-se rapidamente e a nova cidade adquiria cada dia progressiva preponderancia nos negocios da provincia. Paula Pessoa era daquelles cidadãos que exerciam mais activa influencia sobre as questões de ordem publica. A certeza das suas vistas, o elevado bom senso de suas opiniões, a rectidão de idéas com que encarava as questões que actuavam na sociedade, davam ao seu conceito efficaç e decidida força entre seus concidadãos. Sua fortuna facilitava-lhe o bem-estar e conforto correspondente á posição que occupava no logar de sua residencia.

O suffragio popular o distinguia sempre, designando-o para os cargos de maior importancia da provincia e do municipio.

Por mais de uma vez foi eleito presidente da Camara de Sobral e do elictorado recebeu o mandato de membro dos conselhos geraes; e, quer num, quer noutro destes cargos, houve-se com franqueza e honestidade, que o confirmaram na estima dos seus committentes e alargaram o circulo de sua influencia politica.

Quando se organisou a Guarda Nacional, foi elle nomeado coronel-commandante superior de Sobral (4), posto em que prestou valiosos serviços á ordem publica.

Já antes, como sargento e capitão-mór, o seu concurso fora de importantes resultados para a manutenção da tranquillidade social, por ventura grandemente abalada no norte e no sul do Ceará.

Não é ignorada a existencia de bandos de malfeitores que, em épocas anteriores, devastaram varias comarcas da provincia, fazendo correrias e exercendo actos de vandalismo em provincias vizinhas, e deram a esta famosa e triste celebridade. E' conhecido nas memorias do paiz o movimento organizado em algumas provincias do Norte, sem idéas, sem bandeira, quasi sem chefes, que traduzia a extravasão de fezes da sociedade e tinha por unicos intuitos o assassinato e a pilhagem. Hordas de homens desconhecidos appareceram inesperadamente em campo, perturbando o socego, ameaçando a paz das familias, ameaçando a propriedade e visando a um fim indefinido, que elles proprios ignoravam talvez. O Piauhy e o Maranhão, assaltados de improviso, pediram soccorro ás provincias vizinhas contra a ameaça tremenda desses barbaros, especie de filibusteiros, que demandavam o norte do Ceará. Em todas essas emergencias houve-se Paula Pessoa com o civismo que se devia esperar do cidadão a quem haviam sido confiados postos importantes, cooperando activa e intelligentemente, nos limites de sua auctoridade, para organisar a resistencia legal, combater os inimigos da paz e restabelecer o dominio da ordem.

Serviços transcendentales para a causa social, o reconhecido criterio de suas opiniões, a prudencia de seus actos o fizeram para logo conhecido como um

(4) Vid. docs. III. 3, 4 e 5.

dos cidadãos mais conspicuos e eminentes da provincia; e em consequencia, por varias vezes, foi o seu nome contemplado entre os dois vice-presidentes (5), cargo em que nunca chegou a funcionar, mas que attestava o alto merecimento em que o conceituava a opinião de seus comprouvianos e que o recommendava á nomeação do governo geral, perante o qual soubera elle grangear solida confiança e bem firmado juizo.

Em 1848, foi o seu nome apresentado á Coroa, em uma lista sextupla, eleita pela provincia para preenchimento de duas vagas do Senado, e em novembro do mesmo anno uma carta imperial o nomeava senador do Imperio (6), o que constitue a mais elevada aspiração que pôde animar um cidadão nos paizes regidos pelo systema representativo. Só no fim do anno seguinte (dezembro de 1849) prestou elle juramento e tomou assento no seo da representação vitalicia da nação.

O Senado Brasileiro representou sempre, desde sua instituição, o supremo congresso das luzes do paiz.

Todas as opiniões, todas as illustrações, todas as dedicações ali encontram afinal o corâmento de sua missão e livre espaço para irradiarem.

Tomando logar na cadeira curul, que lhe destinara o suffragio nacional, o senador Paula Pessôa foi recebido pela augusta corporação com o respeito que mereciam o seu provento bom senso, a experiencia e criterio pratico da sua clara intelligencia e as luzes de uma razão sempre animada pelos conselhos da prudencia e sempre prompta, sempre disposta a aferrir, pela faculdade intuitiva, o lado verdadeiro das questões.

Difficil tarefa era esta no anno de 1849 e naquelles que de proximo o succederam. Uma revolução extincta, porém ainda fumegante, deixava em ebulição as paixões exacerbadas. Os odios renasciam do fumo do combate e irrompiam no lar e nas praças publicas. Os vencidos de Pernambuco, vendo conculcados os seus direitos, alçavam ao céu maldições contra os vencedores. A tribuna da camera temporaria fôra quasi sempre trancada aos liberaes, e sómente o vulto potente de Souza Franco conseguira forçar as fileiras cerradas do partido victorioso e tomar aos hombros a missão ingente de transformar-se em legião para reivindicar os direitos de um partido prostrado.

Em ambas as tribunas as discussões do parlamento resentiam-se forçosamente dos movimentos e interesses, que se degladiavam na publica opinião.

Durante todo esse tempo de crise, o senador Paula Pessôa portou-se com inexcedivel discernimento, ao lado dos senadores liberaes, e inclinou-se sempre para o ponto a que assistiam o direito e a razão. E tal foi o seu procedimento até 1864, enquanto poudo comparecer ás sessões do Senado. De 1864 em diante, os seus padecimentos phisicos, aggravados pela idade, o impediram de emprehender uma longa viagem e expôr-se á inconstancia de temperatura do clima da capital do Imperio.

O Instituto dos Advogados da Côrte, em homenagem ao seu reconhecido criterio e qualidades de subido merecimento, conferiu-lhe o diploma de membro honorario. (7)

O senador Paula Pessôa, desde seus vórces annos, militou constantemente nas fileiras liberaes. Patriota de forte tempera, politico de arraigadas convicções, as

suas idéas distinguiam com lucidez os principios que podiam guiar a patria á felicidade commum.

Bem cedo a sua influencia deu-lhe decidida preponderancia nos negocios do antigo segundo circulo eleitoral do Ceará, no qual era elle o chefe incontestado do partido liberal.

Durante os largos annos de sua direcção, occorrem épocas difficis, crises agudas, em que era mister unir a summa prudencia com a maxima energia, dar á marcha do partido uma norma prudente e certa. Sem voltar ao periodo incandescente de 1849, podemos rememorar datas anteriores, nas quaes a politica teve de supportar, na provincia, violentos abalos.

Todo o tempo da Regencia, desde a abdicação do primeiro Imperador, assignalou-se pela ardente excitação de animos e vehemencia das discussões. Ao impulso das idéas democraticas, que haviam conquistado o terreno a 7 de abril e concretisado as suas reformas no *Acto addicional* da Constituição, succedia um partido, que se organisára para a resistencia e enfileirava a reacção contra o espirito publico, que tendia a restabelecer na discussão os principios mais aceantados do liberalismo e da descentralisação.

Na época da maioridade, a crise attingira, na provincia, o gráu culminante.

O partido raccionario, vencido na Côrte, contava no interior do paiz elementos de força para tolher a marcha e crear embaraços ao governo que se formou então. Em pontos dispersos, a demasiada confiança das influencias locais, nutrindo duvidas sobre a boa-fé com que fôra inaugurada a nova situação, acreditava que o regimen militar tinha decisiva competencia para operar uma mudança no governo do Estado, e entendia que uma ordem de cousas cecada por uma batalha parlamentar poderia ser facilmente solvida por um golpe de mão em uma localidade qualquer.

A influencia militar era então vivaz e audaciosa; as relações do paiz, raras e difficis; o espirito publico, nos logares centraes, credulo e pouco esclarecido. As paixões transformavam-se em odios entranhados, o choque dos interesses tomava a feição de uma questão de vida e de morte, e as discussões politicas, chegando a um estado de vertiginosa superexcitação, não duvidavam de appellar para a lucta armada.

Tal era a época: o assassinato politico vinha porventura resolver uma difficuldade, e a bala do sicario era julgada meio decoroso de supprimir uma força adversa, nullificar uma resistencia séria e fortalecer uma situação.

Em semelhante conjuctura, a influencia do senador Paula Pessôa fez-se sempre sentir com inflexivel energia e prudente moderação. Sem deixar jámais periclitár uma idéa, sem ceder nunca ao adversario um palmo de terreno, sem permittir, de modo algum, que a lei fosse conculcada pela arrogancia audaciosa de um cabo militar, elle manteve sempre a questão, com firmeza, no campo da ordem e da civilisação.

Era então chefe liberal do Ceará o senador Alercar, que para com elle mantinha relações de reciproca confiança e apoio e nelle encontrou, durante todo o tempo que dirigiu o partido liberal, sincera e franca cooperação.

Essa época agitada da politica brasileira prolongouse ainda por alguns annos do segundo reinado.

Succedeu-lhe o periodo da conciliação, no qual entraram os animos em uma phase de moderação e de calma.

A parcialidade conservadora, repleta de poder, entendeu chegado o tempo de satisfazer as mais urgentes reclamações dos adversarios e de chamar para os

(5) Docs. ns. 6 e 7.

(6) Doc. n. 8.

(7) Doc. n. 9.



cargos publicos aquelles que, dentre elles, mais houvessem provado vistas de moderação e de ordem, para assim illudir as legitimas aspirações dos liberaes de assumirem, em tempo opportuno e de modo normal, o governo do paiz e de o exercerem em sua plenitude, realisando, por si mesmos e sem nenhum quebramento de principios, as reformas que defendiam, taes como se achavam ellas inscriptas na sua bandeira.

Não é nossa intenção indagar aqui as origens e os effeitos dessa politica ephemera, porventura inaugurada de boa-fé e que encontrou entre brasileiros eminentes francas e calorosas adhesões.

No Ceará, foi ella de mingoados resultados, e a ordem de cousas estabelecida apenas della se resentiu para moderar o ardor de perseguição contra os adversarios. Em todo o caso, a situação era falsa e não provinha, como consequencia logica, de um estado de cousas do paiz, que se impuzesse ao governo. Significava antes a confusão nos altos dominios da politica e denunciava, da parte dos conservadores, a prostração de forças activas e ausencia de idéas proprias, na direcção dos publicos negocios, unicos titulos que em um paiz regularmente constituido poderiam justificar a sua permanencia no governo.

Emquanto durou essa phase de curtas illusões, o senador Paula Pessôa, no Senado, manteve-se no posto que lhe competia, firme nos principios de uma politica certa e radicada nas fontes da opinião nacional, adverso a qualquer pensamento de transacção pessoal, que estabelecesse a confusão nos partidos, e de concessões que pudessem falsear as idéas que estremam os dous arraiaes oppostos.

Entretanto, a situação era delicada, muito melindrosa, e cumpria não reviver a intolerancia de passadas, embora recentes, épocas de effervescencia partidaria, nem ostentar paixões mal cabidas, que tendessem a perturbar a tentativa, generosa ou illusoria, das altas regiões administrativas.

Elle o comprehendu assim, e com o conhecimento que tinha das cousas do paiz, com o tacto que lhe suggeria o senso pratico dos negocios publicos, deixou que a situação se deslizesse por si mesma, sem approvar nenhuma precipitação que pudesse prejudicar a posição do partido a que pertencia e as suas justas ambições de conquistar desembaraçadamente o poder.

Essa attitude de prudente firmeza foi por elle igualmente observada na politica da provincia. A imprensa liberal estava sob a direcção do illustre chefe dr. Pompeu, de sempre saudosa memoria, que se correspondia immediatamente com as influencias locais e imprimia ao pensamento politico a marcha que mais convinha á idéa que soube sempre sustentar e defender com indefectivel actividade e infatigavel constancia.

O senador Paula Pessôa com elle cooperava efficaçamente; fornecia o conselho da experiencia e, na occasião azada, a força que se animava a disputar ao valente lidador alguma emerita influencia, com garantia official e arrhas de benemerencia no campo conservador.

Foi o que succedeu em 1858, quando liberaes de principios faceis sahiram a campo para contestar ao dr. Pompeu o logar de chefe que elle havia conquistado na lucta quotidiana. O senador Paula Pessôa lançou na concha a sua palavra decisiva, e o auctor da cruzada foi procurar entre os conservadores refugio contra o desapontamento da mollograda empresa de chefe.

Em 1862, por occasião da substituição do senador Miguel Fernandes Vieira, a inclusão do nome do dr. Pompeu na lista triplice era para o partido liberal uma questão vital. O senador Paula Pessôa empenhou para

esse fim a sua influencia e desenvolveu actividade, que foi corôada de pleno resultado, dando logar á apresentação do chefe liberal entre os tres eleitos da provincia e á consequente escolha de seu nome para senador do Imperio.

Em 1863, voltou ao poder o partido liberal e os negocios politicos do Ceará tomaram nova feição. Seguiram-se épocas de duvida, situações mal definidas, periodos de descrença, durante os quaes o senador Paula Pessôa se manteve no seu posto — constancia á velha bandeira, dedicação ás idéas que sustentára em todos os tempos. Veiu em seguida o attentado politico de 16 de julho de 1868 e a subversão das normas constitucionaes, em um golpe de Estado sem razão, nem explicação plausivel. Os liberaes voltaram ao ostracismo; os conservadores agarraram o poder com a arrogancia e a sanha de implacaveis despoites e de paixões represadas, accumuladas durante cinco annos.

O senador Paula Pessôa affrontou, com firmeza, a furia da situação que o governo iniciava pelo extermínio dos adversarios; e no decurso della nunca faltou ao seu partido o conselho da prudencia, a energica constancia e a sabia direcção do venerando chefe.

Se as qualidades publicas do senador Paula Pessôa mereciam decidida homenagem da parte dos seus concidadãos, as suas qualidades privadas inspiravam a todos franco respeito e sincero acatamento. Sua probidade inflexivel, seu caracter grave, sua lealdade nas relações particulares estavam fóra de qualquer sombra de duvida. Tendo seguido durante annos a carreira commercial, a sua honra atravessou sem macula esse periodo, e nunca, nem mesmo as paixões da maledicencia, ou os excessos, muitas vezes cegos e inconscientes, de adversos interesses puderam sequer attribuir-lhe um acto que não fosse pautado pela mais rigida honestidade. Possuia a simplicidade de trato e a elevação de maneiras que dão a convicção do proprio mérito e a consciencia do dever cumprido.

Para com os seus amigos guardou em todos os tempos a perfeita solidariedade que impõe a amizade reciproca, a plena sinceridade dos laços cordiaes e a inteira franqueza dos sentimentos que se confessam e se provam á luz do dia. E' que em si e em todas as suas manifestações, elle nunca deixava de ter em vista o decoro da dignidade humana, que é o cunho das almas rijamente temperadas, que só possuem aquelles que as sabem desenvolver em todas as relações.

Possuindo boa fortuna, não lhe servia ella para alhear a importancia de suas qualidades intrinsecas e impôr pela sobranceira um respeito que era devido aos seus merecimentos pessoais. Era por todos reconhecido o cavalheiro de finissimo trato, que fizera da urbanidade um dever e do respeito alheio um preceito de incontrastavel obrigação social.

Os moços encontravam no distincto ancião a affavel benevolencia, que inspira a confiança nas crenças do futuro, a animação sympathica pelas idéas em que se expande a idade das esperanças; e o seu acolhimento juntava á veneração devida ao illustre cidadão a grata cordialidade pelo homem coberto de cans que rejuvenescia em espirito para inspirar á nova geração a fé nas suas proprias forças e robustecel-a com os conselhos e o exemplo de seus annos de vigor.

Não podemos eximir-nos de consagrar aqui a memoria de uma face de sua existencia, aquella em que mais se affirmam a excellencia do coração e a elevação moral da sua alma. A caridade era nelle um sentimento espontaneo e um movimento irrefragavel de humanidade. Na quadra dolorosa que — ha quatro annos — afflige esta infeliz provincia e grande parte do norte



do Brasil, teve o senador Paula Pessôa vasto campo para exercitar essa virtude intima dos corações bem formados. Havia a calamidade patente e escancarada, a miseria publica e hedionda, a fome hiante que tragava seres e seres, sem distincção de sexo e idade; havia o soffrimento mudo e recondito, a carencia modesta e activa, a penuria digna e occulta na sombra, que tinha pudor e abafava nas lagrimas, vertidas a furto, o grito das entranhas. A casa do caridoso ancião era um refugio, que o pobre conhecia, para encontrar o pão e cobrir a nudez dos membros; sua esmola recatada sabia procurar no silencio a miseria envergonhada e estancar o pranto de uma alma prestes a desesperar da Providencia.

A casa de caridade de Sobral, estabelecimento de beneficencia, fundado pelo veneravel padre Ibiapina, que tem correspondido aos intuitos do virtuoso sacerdote, encontrou sempre no senador Paula Pessôa efficaz e essencial protecção; e graças ao seu generoso e indefectivel apoio tem podido atravessar crises difficeis e cumprir a sua missão de humanidade e abnegação. Ainda agora -- em disposição testamentaria -- deixou não pequena quantia ao pio estabelecimento.

Como pae de familia, o senador Paula Pessôa offerecia a todos que o conheciam o mais edificante exemplo de virtudes domesticas.

Tendo perdido sua digna consorte em idade de pleno vigor, no anno de 1851, nunca quiz contrahir segundas nupcias: consagrou os seus cuidados do lar exclusivamente á educação de seus filhos, alguns dos quaes estavam ainda na infancia, e soube desenvolver em todos o innato sentimento da honra e engrandecer os nobres estimulos do amor da patria e da dignidade propria. Jamais se exerceu a providencia paterna com mais proficuos resultados. As virtudes civicas e privadas dos honrados cidadãos, que lhe devem o ser, são os melhores attestados de que o senador Paula Pessôa desempenhou, na terra, a missão humana de que Deus o revestira e comprehendeu o apanagio da alta posição social a que o elevou a patria.

Deixou filhos, que tornam perduraveis as tradições que elle lhes legou, como a mais inaulerivel parte da herança que lhes cabe em partilha. O conselheiro Vicente Alves de Paula Pessôa, presidente do Tribunal da Relação do Pará, magistrado de vasto saber e de rigida integridade; o dr. Leocadio de Andrade Pessôa, juiz de Direito da comarca de Baixo-Mearim, na provincia do Maranhão, que alli honra a toga brasileira; o dr. Thomaz A. de Paula Pessôa, juiz municipal de Sobral, espirito vasto e illustrado, alma cavalheiresca, coração ardente, que pertence, pelas relações de entendimento, pelo amor á verdade absoluta e pelas elações dos sentimentos para o bello ideal, ás grandes edades do genero humano.

Sangra-nos a alma ao escrever aqui o nome do mais joven de seus filhos varões. O dr. Francisco de Paula Pessôa Filho, deputado á Assembléa geral, estava no Rio de Janeiro, com assento na camara temporaria, quando o cabo telegraphico lhe communicou a noticia do passamento de seu pae. Uma affecção de coração, recebida um anno antes, em uma commissão medica, de que elle se incumbira nesta provincia, trazia profundamente abalada a sua saúde e o obrigára a procurar os cuidados da sciencia. O doloroso acontecimento levou-lhe o golpe mortal. Dias depois o dr. Paula Filho deixava a vida e ia reunir-se, fóra dos seculos, áquelle que lá o precedera. Facto duplamente sensivel para a familia e para a patria, ás quaes foi elle prematuramente roubado em plena expansão da existencia, quando a sua intelligencia esclarecida e pro-

vada illustração tinham muito que fructificar nesta terra de seu berço que lhe era tão cara!

Nobre e grande coração, que deixou na sociedade cearense imprenchivel vacuo e entre os seus amigos inextinguivel saudade. Sahi da terra sem levar para a eternidade um odio, uma paixão mesquinha, um pensamento que o desviasse da senda recta que Deus traçou á humanidade. Em uma época tão combatida pelos interesses rancorosos que se chocam, tão travada pelas paixões violentas que se cruzam, é esta, para aquelles que o amam, uma suprema consolação.

Se nomeamos aqui os continuadores immediatos do nome do senador Paula Pessôa, sentimos que as leis da recatada modestia em que se abriga um sexo que foge a toda especie de publicidade não nos permitam fazer o mesmo a respeito de suas filhas, senhoras de notaveis virtudes, alliadas aos distinctos cavalheiros dr. José Antonio de Figueiredo, lente da Faculdade de Direito do Recife, fallecido em 1876, nome querido de todos os filhos daquela instituição de instrucção superior; dr. Antonio Joaquim Rodrigues Junior, deputado á assembléa geral e talento de transcendente merecimento, e dr. João de Albuquerque Rodrigues, juiz de Direito na provincia de Piahy, caracter leal e digno.

O senador Paula Pessôa era pae extremosissimo, e nas affeições da familia encontrára o complemento de sua longa carreira e a corôa de sua velhice.

Seus filhos o rodeavam constantemente com a dedicacão extremada, que dava aos seus ultimos annos o ineffavel encanto das esperanças completas e o repouso feliz e tranquillo da alma que se concentra e dilata-se nos mais suaves affectos, creados para a humanidade.

Succumbiu inesperadamente ao ataque recrudescente de uma cruel e dolorosa enfermidade que, havia longo tempo, lhe arruinára a saúde alquebrada pelos annos, no dia 16 de julho de 1879, ás 4 horas da tarde.

Succumbiu amado por seus filhos, honrado por sua patria e respeitado por seus concidadãos. A Providencia lhe concedeu na terra os favores que sóe repartir áquelles que viveram nobremente, como os varões de que falam as Escripturas, aos quaes a benção de Deus destinava, como apanagio de gloria, uma longa vida e uma numerosa descendencia.

Fortaleza, 1880.

DR. JOÃO ADOLPHO RIBEIRO DA SILVA

DOCUMENTOS

DOCUMENTO N. 1

DOM PEDRO, pela Graça de Deus e Unanime Acclamação dos Povos, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Imperio do Brazil.

Faço saber aos que esta provisão virem: que attendendo ao que Me representou Francisco de Paula Pessôa, da Provincia do Ceará, para ser matriculado Negociante de grosso trato da sobredita provincia do Ceará, e constando-Me pela justificação que produziu perante o Tribunal da Junta do Commercio, Agricultura, Fabricas e Navegação d'este Imperio que se acha estabelecido com credito e fundos proporcionados para o gyro do negocio, tendo alem d'isso instrucção sufficiente do commercio e da escripturação mercantil e os mais requisitos necessarios: Fui servido de o mandar matricular na forma pedida, de que se lavrou o com-

petente termo a folhas duzentos e quarenta e seis do livro primeiro das respectivas matriculas. E n'esta conformidade: Hei por bem que possa gozar de todass as Honras, Graças, Izenções e Privilegios, que se acham concedidos pela Carta de Lei de 30 de Agosto de 1770. E Mando a todas as Justiças e mais pessoas a quem o conhecimento d'esta pertencer a cumpram e guardem como n'ella se contem e declara, e valerá posto que seo effeito haja de durar mais de um anno, sem embargo da Ordenação do Liv. 2.º tit. 40, em contrario. Pagou de novos direitos dous mil e oitocentos réis, que se carregaram ao Thesoureiro d'elles á fls. oitenta e sete verso, do livro 2.º de sua receita, como se vio do conhecimento em forma, registrado a fls. 57 verso, do Livro quinto do registro geral dos Novos Direitos. O Imperador o Mandou pelos Ministros abaixo assignados, Deputados do dito Tribunal. Manuel Cypriano de Freitas a fez no Rio de Janeiro, aos 16 de Setembro de 1826. — Desta tres mil e duzentos réis, e de assignaturas seis mil e quatrocentos réis.

Fez, escreveu e assignam

José Antonio Lisboa.

João Antonio Rodrigues de Carvalho.

N. 2

DOM PEDRO, pela Graça de Deus e Unanime Acclamação dos Povos, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil.

Faço saber aos que esta Minha Carta Patente virem, que tendo consideração a Francisco de Paula Pessoa, achar-se provido pelo Presidente da Provincia do Ceará, no Posto de Capitão-mór das Ordenanças da villa do Sobral, sendo Sargento-mór das mesmas Ordenanças: Hei por bem de confirmar, como por esta o confirmo no dito Posto de Capitão-mór; e gosará de todas as honras, graças, privilegios, liberdades, isempções e franquezas, que direitoamente lhe pertencerem. Pelo que: Mando ao referido Presidente que o deixe servir, e exercitar, de baixo da posse e juramento, que já prestou; e aos officiaes Maiores e mais cabos de guerra o tenham e conheçam por tal, honrem e estimem, e os officiaes e soldados, que lhe forem subordinados, cumpram suas ordens, como devem e são obrigados. Em firmeza do que lhe mandei passar a presente carta, por Mim assignada e sellada com o sello grande das Armas do Imperio. — Dada n'esta cidade do Rio de Janeiro aos 16 dias do mez d'Agosto, anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e vinte sete, sexto da Independencia e do Imperio.

Imperador — etc.

José de Oliveira Barbosa.
Francisco Maria Telles.

etc. etc. etc.

N. 3

O Presidente da Provincia, attendendo ao merecimento, patriotismo, aptidão e mais partes, que concorrem na pessoa de Francisco de Paula Pessoa, ha por bem nomeal-o coronel chefe de Legião de Guardas Nacionaes do Municipio de Sobral. Ordena portanto á respectiva Camara Municipal que por tal o reconheça e faça juramentar, e aos commandantes dos Batalhões, officiaes, officiaes inferiores e mais Guardas dos refe-

ridos batalhões, que lhe prestem a devida obediencia. Dado e passado no Palacio do Governo do Ceará, aos 6 de Julho de 1837.

José Martiniano d'Alencar.

N. 4

O Vice-Presidente da Provincia, havendo respeito aos requisitos e mais qualidades, que concorrem na pessoa do Capitão-mór Francisco de Paula Pessoa, para exercer o Posto de Coronel de Legião de Guardas Nacionaes do Municipio da villa do Sobral, esperando do mesmo Francisco de Paula Pessoa, que em tudo e de que fór encarregado do serviço Nacional e Imperial se haverá bem e como deve ao bom conceito que ora delle se faz, ha por bem, autorisado pelo Dec. de 25 de Outubro de 1832, nomeal-o para exercer o referido Posto de Coronel chefe da mencionada Legião, com o qual gosará de todas as regalias que por Lei lhe competirem. Ordena portanto a todos os officiaes, officiaes inferiores e mais praças da mesma Legião que por tal o reconheção e lhe prestem a devida obediencia, em tudo o que for do serviço publico. — Dada e passada no Palacio do Governo do Ceará, sob o sello das Armas Imperiaes, aos 12 de Setembro de 1840.

João Facundo de Castro Menezes.

N. 5

DOM PEDRO, por Graça de Deus etc. etc.

Faço saber aos que esta carta Patente virem que Hei por bem Nomear a Francisco de Paula Pessoa Commandante Superior da Guarda Nacional da cidade de Sobral, Provincia do Ceará, o qual servirá e gosará todas as honras, privilegios e isempções que direitoamente lhe competirem. Pelo que Mando ao Presidente da referida Provincia que lhe dê posse, depois de prestar o juramento do estylo, e aos officiaes superiores que o tenham e reconheçam como tal, obedecendo-lhe e guardando suas ordens todos aquelles que lhe forem subordinados no que tocar ao serviço Nacional, tão intciramente como devem e são obrigados. Em firmeza do que lhe mandei passar esta carta patente, que sendo por mim assignada e sellada com sello grande das armas do imperio, se cumprirá como n'ella se contem. Dada no Palacio do Rio de Janeiro, em 4 de Julho de 1844, vigesimo 3.º da Independencia e do Imperio.

Imperador — etc.

Manoel Antonio Galvão.

Dec. de 20 de Junho de 1844.

N. 6

Francisco de Paula Pessoa. — Eu, o Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil, vos Envio muito saudar. Tendo consideração aos vossos merecimentos, adhesão á sagrada causa do Imperio e mais qualidades recommendaveis que concorrem na vossa pessoa: Hei por bem Nomear-vos Vice-Presidente da Provincia do Ceará, para servirdes em 2.º lugar na falta, ou impedimento do Presidente d'ella, conservando-se em 1.º lugar Joaquim Mendes da Cruz Guimarães



e passando para o 3.º José Antonio Machado, em lugar de Anselmo Francisco Peretti, cuja nomeação tem caducado, em consequencia de haver este mudado a sua residencia para outra Provincia. E vós, depois de prestardes juramento nos termos da Carta de Lei de 3 de Outubro de 1834, entrareis no exercicio do referido cargo, fazendo manter a religiosa observancia da Lei, para liberdade, segurança e prosperidade dos povos da Provincia. Escripta no Palacio do Rio de Janeiro, em 23 de Agosto de 1844, vigesimo terceiro da Independencia e do Imperio.

Imperador — etc.

José Carlos Pereira d'Almeida Torres.

N. 7

Francisco de Paula Pessôa. — Eu, Imperador Constitucional etc. etc., vos Envio muito saudar, julgando necessario alterar a ordem dos Vice-Presidentes, nomeados para a Provincia do Ceará. Hei por bem que, na falta ou impedimento do respectivo Presidente, possaes servir no primeiro lugar, bem como em seguida Joaquim Mendes da Cruz Guimarães, em terceiro José Antonio Machado, em quarto Frederico Augusto Pamplona e em quinto João Chrysostomo d'Oliveira. E vós, depois de prestardes juramento, nos termos da Carta de Lei de 3 de Outubro de 1834, entrareis no exercicio do referido cargo, fazendo manter a religiosa observancia das Leis, para Liberdade, segurança e prosperidade dos Povos da Provincia. Escripta no Palacio do Rio de Janeiro, em dez de Abril de mil oitocentos quarenta e oito, vigesimo septimo da Independencia e do Imperio.

Imperador — etc.

Visconde de Macahé.

N. 8

Francisco de Paula Pessôa. — Eu, o Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil, vos Envio muito saudar. Attendendo ao distincto merecimento, letras, e mais requisitos necessarios que concorrem na vossa pessoa, e Usando da authoridade que me compete: Hei por bem e Me praz Nomear-vos Senador do Imperio. E com este emprego havereis o subsidio estabelecido e gosareis de todas as honras, prerogativas, authoridades, isenções e franquezas, que como tal vos pertencem. Escripta no Palacio do Rio Janeiro, em vinte e tres de Dezembro de mil oitocentos quarenta e oito, vigesimo setimo da Independencia e do Imperio.

Imperador.

Visconde de Monte-Alegre.

N. 9

Brasiliensium Advocatorum Institutum.
etc. etc. etc.

In hoc Fluminensi Urbi septimo idus Septembris ann. Dom. MDCCCXXXIII. Imperiali Auctoritate et Ap robacione precedente, ut Advocatorum Ordo Jurisprudentiæ studii promovendi gratia, in corpus coalesce-

ret erectum, omnes et singulos, quorum in manus hæc Littera pervenerint, certiores facit, quod volens clarissimo Viro — Francisco de Paula Pessôa — publicum suæ in cum reverentiæ, ab ejus in Republica Litteraria notissimam, ac non immeritam celebritatem in Jurisprudentiæ præsertim doctrines dare testimonium eum in Album suum, sub denominatione Honorarii socii, statuet ad scribere, illum simul iterumque rogans indicato Instituti fini consequendo lucubrationibus suis ac doctrina pro viribus incumbat et pro parte proficiet. In Titulum vero suum, viritatis que in testimonium hoc ille Diploma dari et transmitti generali cætu decrevit.

Datum in hac Civitate Fluminis Januarii magno Instituti signo signatum postri die nonarum Julii ann. Dom. 1850.

O President:

Conselheiro Montesuma.

O Secretario

Francisco Octaviano d'Almeida Rosa.

A

DOM PEDRO, por Graça de Deus e Unanime Acclamação dos Povos, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil, como Grão-Mestre da Ordem da Rosa,

Faço saber aos que esta Minha carta virem Que, Querendo condecorar, e Honrar ao Vice-Presidente da Provincia do Ceará — Francisco de Paula Pessôa: — Hei por bem Nomeal-o official da dita ordem. Pelo que lhe Mandei passar a presente carta, a qual, depois de prestaço o juramento do estylo, será sellada com o sello das Armas Imperiaes. — Pagou de joia sessenta mil réis, como consta do competente conhecimento em fórma. Dada no Palacio do Rio de Janeiro, aos 30 de Janeiro de 1845, vigesimo quarto da Independencia e do Imperio.

O Imperador — etc.

José Carlos Pereira d'Almeida Torres.

Dec. — 2 de Dezembro 1844.

B

Eu, o Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Imperio do Brazil:

Faço saber a vós José Maria Velho da Silva, do Meo Conselho, Veador da Minha Imperial Casa, e que servis de Meo Mordomo-mór: Que Hei por bem, e Me praz Fazer Mercê ao Senador Francisco de Paula Pessôa, de o Tomar no Fôro de Fidalgo Cavalheiro da Minha Imperial Casa. — Pagou os direitos, que foram lançados no Livro de receita respectivo, como consta de um conhecimento em forma. Rio de Janeiro, em tres de Agosto de mil oitocentos e cincoenta, vigesimo nono da Independencia e do Imperio.

Imperador — etc.

José Maria Velho da Silva.

Dec. — 22 Julho 1850.



Supplemento do "Album Imperial"

ANNO I

CHRONICAS E NOTICIAS

NUMERO 20

Album Imperial



O *Album Imperial* publica-se regularmente nos dias 5 e 20 de cada mez, trazendo no minimo dezeseis paginas de texto.

Rogamos aos srs. assignantes do interior do Estado, que ainda não pagaram a importancia de sua assignatura, que nol-a remetam pelo correio, em vale postal, descontando a despesa do porte e registro.

Aos nossos dignos agentes avisamos que o **ALBUM IMPERIAL não aceita mais, de hoje em diante, assignaturas para o corrente anno.**

Cardenal Arcoverde

Acha-se á venda no nosso escriptorio o retrato, em trichromia, do Cardeal Arcoverde, igual ao que acompanha o n. 13 do *Album Imperial*.

Preço, quinhentos réis cada um, fazendo-se grande abatimento aos revendedores.

Deixou de ser representante do **ALBUM IMPERIAL** o sr. Alfredo Nogueira, que é convidado a vir ao nosso escriptorio prestar contas.

DR. JOÃO ADOLPHO RIBEIRO DA SILVA

O DR. JOÃO ADOLPHO RIBEIRO DA SILVA, de cuja penna é o artigo que hoje publicamos sobre a individualidade do saudoso senador Francisco de Paula Pessoa, foi, em seu tempo, um dos intellectuaes de mais destaque do então acanhado meio literario cearense.

Natural de Sobral, berço de tantos brasileiros illustres, revelou cedo decidido pendor pelas letras, e na imprensa e no romance deixou traços inapagaveis do valor de sua intelligen-

cia, que elle aprimorava dia a dia com incessante estudo.

Não o desalentavam, nem as difficuldades que acarretava, naquella época, a publicação de livros, nem a indifferença do publico em recebê-los. O dr. João Adolpho, trabalhador infatigavel, escrevia-os, compunha-os, com a paixão exaltada de verdadeiro artista e os publicava, ainda que lhe custasse isso não pequeno sacrificio pecuniario.

Culheu-o a morte quando ainda não pudera dar o joven escriptor quanto era de esperar dos seus elevados dotes intellectuaes e com elle perdeu o Ceará uma brilhante vocação literaria.

A respeito do dr. João Adolpho lê-se o seguinte no *Diccionario bibliographico cearense*, do illustrado sr. barão de Studart:

« João Adolpho Ribeiro da Silva. — Nasceu em Sobral e falleceu na mesma cidade, a 8 de fevereiro de 1884. Exercia então o cargo de juiz de Direito da comarca de S. Benedicto.

Formado na Academia de S. Paulo, em 1868, foi juiz municipal da comarca de Sobral, secretario da presidencia do Ceará e juiz de Direito da comarca de S. João do Principe.

Publicou:

— *O Jesuitismo em Sobral*. Cartas de Origenes a Abeillard. Fortaleza. Typ. Brasileira, rua Formosa, 23. 1872.

— *Carlos*, romance, Rio de Janeiro, editor A. A. da Cruz Coutinho, rua de S. José, 1874. O auctor, no prologo, que tem o titulo « Duas palavras » e é datado de 7 de setembro de 1873, diz que o livro foi escripto em parte ha 12 annos e concluido pouco depois, quando elle, muito moço então, começava o curso academico.

Esse romance foi publicado em folhetim no *Jornal do Recife*, reproduzido no *Diario de São Paulo* e depois tirado em volume de 228 paginas.

— *Psyche* — Romance ao luar. Fortaleza. Typ. Brasileira — 23, rua Formosa. 1875. Com 124 paginas. Teve começo de publicação em 1879, no jornal *Cearense*.

— *O senador Francisco de Paula Pessoa*. (Traços biographicos, por um amigo). 1880.

Do auctor conhecemos ainda tres artigos, publicados nos jornaes de Pernambuco, por occasião de discutir-se na camara dos representantes brasileiros a pretensão Janrard.

Esses artigos, que têm por titulo *O furor religioso e o sr. Guermes de Mello*, foram tirados em volume, juntamente com os discursos dos deputados Pedro Luiz Pereira de Souza e Joaquim Manuel de Macedo e um artigo de Melchiades Pereira da Silva, com uma introdução por Theodureto C. F. Souto.

Consta-nos que ha delle varios inéditos, em poder de pessoas da familia.

A nossa revista

Referindo-se ao ultimo numero da nossa revista, assim se externou *O Commercio de São Paulo*, com uma gentileza que nos penhora extremamente:

« *Album Imperial* (anno I, n. 19, correspondente a 5 de outubro). — Embora esta secção, pela sua indole especial, deva ser amavel e benevola, sempre que isso fór possível, pois quem agradece não pôde ser muito exigente, — mais á conta de justiça do que á de gentileza se deverá levar tudo quanto de bem aqui dissermos a proposito da primorosa revista paulistana. Prestando justa homenagem a todos os vultos proeminentes do antigo regimen, quer elles se destacassem na politica, quer se distinguissem na litteratura, na sciencia, ou em outros ramos da actividade-humana, o *Album Imperial*, tão habilmente dirigido pelo nosso illustre confrade Couto de Magalhães Sobrinho, longe de se confundir com umas tantas revistas de engrossamento, muito luxuosas, que por ahi se espalham, para explorar o veio sempre inexaurivel da vaidade humana, presta real serviço á historia do nosso paiz, evocando a memoria gloriosa dos patriotas de outros tempos, — tempos decerto mais felizes, em que a bajulação ainda se não havia tornado, como hoje, um torpe meio de vida.

O presente numero do *Album* offerece, em sua pagina de honra, nitidamente impresso, o retrato de Francisco Octaviano, acompanhado de um bom

artigo biographico do sr. dr. Estevam de Almeida. Estampa ainda, no supplemento literario, que é variadissimo e scintillante, os retratos de Carlos de Laet, Rodrigo Octavio, Alvaro Guerra e Edgard Mello.

Como se vê, o bello quinzenario monarchista continúa a fazer jús á acceitação, devéras animadora, que entre gregos e troianos já conquistou. »

Domingos Olympio

No Rio, falleceu a 6 do corrente o illustre escriptor e jornalista cearense dr. Domingos Olympio, redactor-chefe da excellente revista *Os Annaes*.

Advogado erudito e escriptor havia muito consagrado, deixou diversos trabalhos de valor, principalmente os seus ultimos romances *Luzia-Homen* e *O Abirante*, que lhe deram logar distincto nas nossas letras.

Noticiando o seu passamento, escreveu um collega fluminense:

« A tristissima nova causou a maior surpresa. Domingos Olympio era um homem forte e robusto, um homem que parecia vender saúde. Longe de ser um velho, embora fossem brancos ou quasi brancos todos os cabellos da sua cabeça e da sua barba, eile apresentava todas as provas de força e vitalidade. Conversando, andando, movendo-se, era um homem em pleno vigor physico e intellectual. A morte, porém, quiz arrebatá-lo á communhão dos vivos e, não encontrando no seu organismo uma predisposição morbida qualquer, fulminou-o com uma embolia cerebral, uma dessas enfermidades de caracter rapido que tanto podem atirar á sepultura um velho como um moço, um organismo depauperado pela idade, como uma joven creatura em plena florescencia da vida.

Foi, pois, uma surpresa a noticia da sua morte, surpresa que causou profunda consternação, especialmente em o nosso meio literario ».

A' exma. familia do finado o *Album Imperial* leva a expressão do seu pesar.

O brilhante escriptor e nosso eminente correligionario Carlos de Laet dirigiu-nos gentilissima carta de agradecimento, pela justa homenagem que tributámos a s. exc. no ultimo numero do *Album*.

Convém, a proposito, rectificar a data do natalicio do illustre brasileiro. — 3. e não 6 de outubro.

O Imperador do Brasil e o sr. Alexandre Herculano

No dia 17 de junho de 1871, foi o sr. Alexandre Herculano ao lazareto cumprimentar o Imperador do Brasil D. Pedro II, que não accetára a corveta *Estephania*, offerecida pelo seu real sobrinho, o sr. D. Luiz I, para fazer a quarentena de 8 dias, imposta pelas auctoridades do porto e da saúde aos passageiros do vapor *Douro*, que conduzia do Rio de Janeiro a Lisboa os Imperadores do Brasil.

O Imperador escreveu uma carta a el-rei, pedindo-lhe que em nada se alterassem as determinações legais.

Foi sempre um escravo da lei este grande cidadão, como lhe chamou Victor Hugo.

Sua majestade imperial, conhecedor do notavel merecimento do primeiro historiador de Portugal, professava pelo eminentissimo escriptor a mais dedicada consideração e pondeu afinal significar-lha nos termos mais expressivos e iisonjeiros.

Foi demorada a entrevista, na qual o neto de Marco Aurelio combateu forte e energicamente o desalento em que se achava o sr. Alexandre Herculano, fazendo-lhe ver quanto lhe cumpria, para honra sua e da patria, voltar aos seus trabalhos literarios e não se entregar todo e exclusivamente á lavoura.

Desculpou-se o genial ermitão de Valle de Lobos com a sua idade avançada, com os seus achaques e ainda mais com as suas descrenças e desillusões, considerando inutil deixar o arado pela penna e entregar-se novamente aos livros e ao estudo.

O sr. D. Pedro II, na sua longa conversa com o illustre historiador, não esqueceu que elle era também um perfeito cultivador de azeite e por isso lhe pediu uma amostra do producto mais aperfeiçoado da sua colheita.

Sua majestade queixou-se da má qualidade do azeite servido no Lazareto, gostando, aliás, a Imperatriz, muito, de peixe, prático este que não dispensava.

O sr. Alexandre Herculano accedeu gostosamente e logo enviou um homem a Valle de Lobos para dali trazer a amostra.

O grande historiador foi de novo

ao Lazareto, para entregar a bilha de azeite.

E assim um dos mais eruditos sabios modernos offerecia um producto do seu trabalho agricola ao monarcha illustradissimo, que se declarava admirador e respeitador do genio do creador do *Eurico* e do poema sublime da *Harpa do crente!*

Em uma carta do Imperador ao sr. Alexandre Herculano, escripta da Hespanha, trata-o de *meu velho amigo*.

Depois de ter visto a Hespanha, a França, a Italia, a Inglaterra e o Egypto, sendo venerado em toda a parte, regressou sua majestade, com a virtuosissima Imperatriz, a Portugal, no dia 29 de fevereiro de 1872, oito mezes depois da partida.

A 10 de março, o Imperador, acompanhado pelo seu medico, pelo ministro do Imperio do Brasil em Lisboa e pelo sabio Silva Tullio, partiu num comboio expresso para Santarem, donde seguiu para Valle de Lobos, em caruagem descoberta.

O sr. Alexandre Herculano recebeu sua majestade com a franqueza que o caracterisava e sem a ctiqueta, que o Imperador e o logar muito bem dispensavam.

O sr. D. Pedro disse ao grande historiador:

«Soube que estava doente e que por isso não podia ir a Lisboa: vim eu cá. Deus concedeu-me saúde e forças.»

E assim o soberano de um dos mais vastos e mais ricos paizes do mundo satisfiz o desejo de conversar familiarmente com um verdadeiro sabio.

Mais um florão para a immortal coroa de gloria de Alexandre Herculano.

Esta visita não foi só um preito de homenagem conscienciosamente prestado ao mais illustre dos escriptores portuguezes: foi tambem uma entrevista amavel de duas augustas realidades, ambas comprehendendo-se pela magnanimidade dos corações.

Na historia das outras nações não se encontra factos de tão eloquente significação, como o da familiaridade desta notavel visita, que, revelando o espirito justo e illustrado de um monarcha liberal, honrava condignamente um homem superior, que se nobilitou pelos esforços do trabalho e pelo poder de admiravel talento.

Foi um grande exemplo de justiça

e respeito, que todos os monarchas deviam imitar.

O sr. D. Pedro II, pela sua honradez e illustração, era o mais estimado soberano do seculo XIX.

Em Valle de Lobos foi servido um almoço campestre, em que o grande historiador só apresentou iguarias feitas de productos da sua lavra ou de aves apanhadas na sua propriedade, sendo servido á mesa por moços de aldeia, com os seus caracteristicos e pittorescos trajos.

O Imperador conversou com o sr. Alexandre Herculano sobre variados assumptos scientificos e artisticos, mostrando mais uma vez a sua competencia e admirando a erudição do seu magnanimo hospedeiro.

Concluida a visita, o sr. D. Pedro, que desejava demorar-se em Santarem, para ver a igreja da Graça, onde estão fechados num tumulto os restos de Pedro Alvares Cabral, o descobridor do Brasil, agradeceu, commovido, ao sr. Alexandre Herculano a sua generosa e captivante hospitalidade, abraçando-o com lagrimas nos olhos.

Tinha alma este grande monarcha bragantino!

Foi amado por Victor Hugo e Alexandre Herculano!

Lisbõa, 1906.

VISCONDE DE S. BOAVENTURA



Conselheiro José Liberato Barroso

O *Unitario*, da Fortaleza, em sua edição de 2 do corrente, recorda o 21.º anniversario do fallecimento do conselheiro José Liberato Barroso, dedicando á sua memoria sentidas palavras.

O *Album Imperial* dedicará sua edição de 20 de novembro proximo ao saudoso cearense, publicando o seu retrato e um artigo do illustre jornalista J. Brigido, que prometeu collaborar effectivamente para a nossa revista.

POETAS PORTUGUEZES

LAGRIMAS DE CROCODILO

Não chores, Maria: o pranto
Que turba teus olhos lindos
Vai roubar á terra o encanto
Da visão dos céos infindos.

Poupa-me o resto da tarça
Dos teus fingidos amores:
Nem tanto vale uma comparsa
Do côro dos trovadores.

Nessa fronte pensativa,
Nessa pagina tão bella,
Tens impressa a nódoa viva,
Que teus instinctos revela.

E's da raça dos abutres,
E vendo a rôla que parte,
Em teu animo só nutres
O desejo de vingar-te.

Nem tens outro pensamento;
E nesse empenho enlevada,
Finges o choro violento
Duma esposa abandonada.

Mas sãõ debalde os esforços
Que em teu desespero abraças:
Que não creio nos remorsos
Das messalinas devassas.

Nem chores mais: esse pranto,
Que turba teus olhos lindos,
Vai roubar á terra o encanto
Da visão dos céos infindos;

Sólta essas tranças ao vento:
Nem por tão pouco entristeças;
Vê: lá passa um regimento,
O pachá de mil cabeças!

JOÃO PENHA

Em uso de aguas, partiu para Xambú, no dia 10, com sua exma. familia, o sr. Manoel Vieira Martins, estimado capitalista desta praça.

“ALBUM IMPERIAL”

Aos nossos assignantes no interior do Estado que ainda não nos pagaram pedimos mais uma vez que mandem satisfazer a importancia de sua assignatura, remetendo-a, por vale postal, para a Avenida Angelica, 3.

Do padre José Severiano de Rezende

O HIPPOGRYPHO

DOS «MYSTERIOS»

Resfólega o hippogrypho, indomito, batendo
No asphalto as patas d'ouro, e os olhos de aguia adusta
Sobre as nuvens e além dos sóes ovante erguendo,
Já no azul a cabeça em fogo barafusta.

O ether transpõe, afflândo as azas, bello e horrendo,
E haurindo a vida o a graça e a idéa eterna e augusta,
Oh! como eu, nesse arroubo astral, vejo e comprehendo
Que voar, subir, triumphar, isso ao genio não custa.

No solo os aureos pés, no empyreo em gloria a fronte,
Terras, mares e céos, de horizonte a horizonte,
Mede, calcando o pó, e os páramos transcendente.

Brotam fragoas de luz na poeira dos seus rastros,
E nas landas glaciaes e tristes, ermas de astros,
Novas constellações o seu halito accende.

O JARARACUSSU

DOS «PAINEIS ZOOLOGICOS»

No fundo da horta existe, e ha tempos já, visinho
Ao poço e ao capinzal, um jararacussú,
Que ao meio-dia em ponto á cêrca vem, sósinho,
A esgueirar-se por entre uns souts de bambú.

Gente que o viu collear nas moitas, de mansinho,
Diz que elle mora num grosso taquarassú
E sempre vai até á beira do caminho,
Molie, a aquecer ao sol ardente o dorso nú.

Se alguém o assanha, o bicho, hirto e arfante, arma o bote,
Esgargala-se, cresce e parte, num pinote,
Precipite, a investir, rábido, a lingua no ar...

E as mais das vezes, como uma rodoça enorme,
Em bolo, junto á estrada, á canícula dorme,
Largo tempo, tranquillo e manso, a modorrar.

POETAS BRASILEIROS



Partindo

Vais! E contigo as minhas alegrias
Vão-se todas e todas... uma a uma...
Vão meus beijos e abraços; vai, em summa,
Todo o bando de minhas phantasias...

Hei de chorar por ti noites e dias...
— Mas não ha pranto que esta dôr resuma!
Pois no meu peito a magua se avoluma
Como a nevoa envolvendo as pnedias!

Vais! E contigo vai meu pensamento,
Correndo após o trem que te conduz
Por essas plagas onde é frio o vento!

Chorando, espero a tua volta breve...
Fico sem ter de teu olhar a luz...
Chegando lá, ó minha flor, escreve!

DEGLYDES DE CARVALHO



In extremis

Ha quantos dias te não vejo, quantos!
Meu coração a todos tem marcado;
Tudo perdi, perdendo os teus encantos,
Ando sem norte e vivo amargurado.

Tenho a esperança transformada em prantos
E, evocando saudoso o meu passado,
Esqueço as glorias, sinto os teus quebrantos,
Nada compensa o teu olhar amado.

Sorte cruel, oh! minha sorte escura!
Tu de amor me privaste eternamente,
Deixando-me num mar de desventura!...

E a cada anjo do céu, a cada estrella,
Abrindo o coração triste e dolente,
Digo chorando que não posso vê-la!...

ARNALDO VELLOSO



Perdôa!

Fui máu... perdôa! eis-me a teus pés, de joelhos;
de joelhos, implorando compaixão...
Eu nunca li os Santos Evangelhos,
não sei orar, — mas sei: pedir perdôo!

Vê: meus olhos reflectem, como espelhos,
as cicatrizes do meu coração.
Descerra, Amcr, os teus labios vermelhos,
como em signal da minha redempção!

Desprezei teu amor... eu sou culpado!
mas o remorso traz-me torturação:
eis-me a teus pés... tem dó! estou vencido.

Perdôa, pelo muito que hei soffrido!
Perdôa! pois merece ser perdoado
um peccador, como eu, arrependido!

OSCAR BRISOLLA



Um excerpto do "Poema Transcendente",

A Couto de Magalhães

Uma casinha velha á beira de uma estrada,
Com tristezas de poente e de esquecidas dôres,
Dentro, ares de pobreza; ao redor, muitas flores,
E uma nesga de céu vista numa esplanada.

Eis o que por poesia entendem: os doutores
E o povo que se entrega á sorte negregada,
A chorar quando rir devêra... a dôr é nada:
Apregoal-a, que val? Não mata os dissabores!

Poesia, mal, horror, desgraça, desconforto!
Uma restea de luz vista num fundo preto,
Um cortejo de bons, acompanhando um morto!

Eis, Platão! — o ideal vago por excellencia! —
Eu prefiro, porém, o ouro ao amuleto:
Em vez da vil miseria, o fausto da opulencia!

SATURNINO BARBOSA

28 de setembro

A commemoração dessa data, que reflecte como tradição gloriosa em todo o paiz, produz em quem escreve estas linhas saudosa lembrança de um notavel episodio de nossa historia politica.

Adsum, poderia elle dizer do 28 de setembro do anno de 1871. Esteve presente à dorrada de flôres, que se atiraram ao recinto das camaras legislativas, quando se proferiu a ultima palavra sobre o acto inicial, porém decisivo, da libertação dos escravos no Brasil.

Extinguiu-se nesse dia a escravidão no proprio seio da maternidade. De então, de 28 de setembro de 1871, ninguém mais poderia nascer escravo no Brasil.

O que eram então festas e flôres, aclamações ruidosas, congratulações entre os homens politicos, saudações fervorosas à Princesa Regente, que estava à frente do governo, haviam custado aos membros do Ministerio de 7 de março, presidido pelo insigne Visconde do Rio Branco, arduos e penosos trabalhos de gabinete e de parlamento.

Organizado o Gabinete de 7 de março de 1871, que comprehendeu em seu programma o magno problema da emancipação, começaram os ministros a examinar dia por dia, em longas conferencias nocturnas, o projecto de libertação, proposto por alguns conselheiros de Estado.

Mas que lucta, que trabalhos nessas conferencias, que se prolongaram algumas vezes até horas adelantadas da noite!

Sabe-se que as idéas principaes do projecto eram a libertação do ventre da mulher escrava; a formação de um peculio adquirido por doações, herança ou legados, pelo qual o escravo se pudesse libertar; o direito de exigir o escravo a manumissão pelo pagamento de seu valor; e a criação de um fundo de emancipação para a libertação annual dos escravos.

Mas que discussões aceradas no seio do Gabinete! Um dos ministros, espirito acceitadamente conservador, propunha a modificação de quasi todas as disposições do projecto. Como consentir, sem indemnização, dizia elle, na expropriação do fructo do ventre escravo, propriedade garantida pela lei? Como conceder ao escravo o direito de herdar para si, de succeder *ab intestato* ou por testamento, e de constituir um patrimonio à vista, e com paciencia do senhor, para obrigá-lo depois a um acto de manumissão, que poderia ser exigido judicialmente?

Quem mais, acrescentava o ministro dissidente, manterá a disciplina e a ordem nos estabelecimentos agricolas, donde o escravo poderia retirar-se, para contractar os seus serviços em beneficio da liberdade?!

Imagine-se o que foi preciso de insistencia e de vigor para combater essas e muitas outras objecções contra o projecto, que aliás foi apresentado à Camara dos Deputados sem as asperzas da redacção original.

Iniciada a discussão do projecto, o mundo politico do Brasil dividiu-se em dous campos, um a favor e outro contra o projecto, « que se reputava ameaçador da fortuna e da tranquillidade do paiz.»

A Camara dos Deputados sciendi-

se em duas cohortes quasi eguaes em força, sendo de pequeno numero de votos a maioria do governo.

As discussões travaram-se azedas e tumultuosas; era como que uma lucta pessoal, senão braço a braço, voz a voz, discurso a discurso, com o emprego de todos os expedientes de que, em épocas agitadas, as opposições usam para frustrar as propostas governamentais. Talentos, dos maiores da Camara dos Deputados, como eram Paulino de Souza, Belisario, Andrade Figueira, Ferreira Vianna, Alencar, Perdigão Malheiros, Pinto Morcira, Almeida Pereira, Duque Estrada Teixeira e outros muitos, pertenciam à opposição, que o Visconde do Rio Branco enfrentava com aquella figura olympica, com aquella palavra persuasiva e eloquente e com aquelle sorriso diplomatico, que delle fizeram, no dizer de Zacharias, um dos seus emulos mais formidaveis, o typo do orador parlamentar.

O projecto estava justificado pelo proficiente parecer de uma commissão numerosa, de que era relator o monsenhor Pinto de Campos, homem de grandes recursos intellectuaes e de consummada experiencia politica, e foi defendido passo a passo, tenazmente, victoriosamente, pelo chefe de gabinete, que aparava os golpes da opposição, por todos os ministros de Estado e por uma coorte valentissima de oradores, quaes Teixeira Junior, Fernandes da Cunha, Araripe, Junqueira, Araujo Lima, Pinto de Campos, Gomes de Castro, Paranapiacaba, Evangelista Lobato, Cardoso Junior e muitos outros, enquanto João Mendes, em magistraes artigos sob o pseudonymo de *Guarda Constitucional*, acompanhava diariamente na imprensa a marcha da discussão.

Foi uma lucta medonha, a mais renhida que hemos tido em nossos parlamentos, que resvalou algumas vezes para o terreno escabroso das personalidades e que em uma sessão se ia tornando material.

Ninguém faltava ao seu posto de combate. As fileiras da maioria e da dissidencia apresentavam-se sempre compactas. Se algum adoecia, era conduzido em braços à sua cadeira da Camara. As votações dependiam sómente da maioria; a minoria retirava-se sempre que o seu concurso era indispensavel para o numero regimental dos votos.

O patriotismo da maioria, composta de 62 deputados, o numero indispensavel para que a Camara funcionasse, venceu todos os obstaculos, e a 28 de agosto o projecto foi votado em terceira discussão e remetido ao Senado no dia immediato.

Nessa Camara foi rapida a marcha do projecto, que era adoptado por ambos os partidos politicos. Uma commissão, eleita no dia 30, e de que foi relator o Visconde de Souza Franco, deu o seu parecer favoravel ao projecto no dia 31, e em 4 de setembro iniciou-se a discussão.

« *Milhares de mulheres*, disse o eloquente Salles Torres Homem, terminando um discurso monumental, *milhares de mulheres que durante o curso de tres seculos tantas vezes amaldiçoaram a hora da maternidade e blasphemaram da Providencia, vendo os fructos innocentes de suas entranhas condemnados ao perpetuo captivo, como se fora crime o ter nascido, levantarão agora os seus braços e suas preces aos céos, invocando a bençã divina*

para aquellas que lhe deram a posse de si mesmas. Estas expressões de gratidão dos pobres afflictos valem mais do que os anathemas do rico impenitente, mais que os ataques dos poderosos, que não souberam achar meios de prosperidade senão na ignominia e soffrimentos de seus semelhantes. »

Soou, finalmente, na sessão do Senado de 27 de setembro, a hora da redempção do ventre captivo, da ingenuidade dos nascituros, da personalidade juridica do escravo, do direito de exigir a liberdade pelo seu peculio, que lhe ficou sendo um patrimonio legal.

Logo que o venerando Visconde de Abacé, presidente do Senado, annunciou o resultado da votação, os espectadores proromperam em prolongados e estrepitosos vivas e o recinto do Senado ficou juncado de flôres, atradas das galerias.

No dia seguinte, em 28 de setembro de 1871, a Princesa Regente sancionava o projecto de emancipação servil e realisava-se assim a mais importante reforma social que no Brasil se havia feito depois da Independencia e da fundação da nossa nacionalidade politica.

DE ARTE DE AZEVEDO

Estatua de D. Pedro II

Sóbe a 6:816\$200 a subscrição popular para ser levantada na capital do Ceará uma estatua ao saudoso Imperador do Brasil, D. Pedro II.

O «Album» no Ceará

Lemos no *Unitario*, nosso brilhante collega da Fortaleza:

« Tem sido recebida com muito agrado a excellente revista de S. Paulo intitulada *Album Imperial*.

Auguramos que virá a ser uma das leituras mais procuradas, assim se facilitará a distribuição nesta capital.

Felicitemos a empresa. »

Livros novos

O dr. Assis Moura offerceceu-nos um exemplar do seu trabalho *Registro especial de títulos*, comprehendendo a legislação federal e a do Estado e diversas notas elucidativas.

O livro já está na 2.^a edição, o que constitue para elle a melhor recommendação.

— Entrou para o prelo o 1.^o volume da importante obra que sobre Saldanha da Gama está escrevendo o 2.^o tenente da armada sr. José Eduardo de Macedo Soares e da qual o *Album* publicou preciosos excerptos.

A composição vai adelantada e ainda este anno ficará ultimada a impressão do livro, que é esperado com grande e justificavel ansiedade, principalmente na nossa marinha.

— *Carteira de um jornalista* é como se intitula o livro em que Fabricio Pierrot enfeixou seus artigos a respeito de *Jornaes e jornalistas*, publicados ha tempos n' *O Commercio de São Paulo*. Abre o livro um prefacio do dr. Couto de Magalhães.

No Instituto Historico Brasileiro

A PROPOSITO DE D. PEDRO II

Na sessão de 3 de setembro ultimo, do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, o sr. 1.^o secretario procede à leitura de alguns trechos da *Biographia e estudo do Conselheiro Francisco José Furtado*, escripta pelo conselheiro Tito Franco de Almeida, e das copiosas notas que á margem escreveu a lapis o Imperador D. Pedro II.

O sr. Visconde de Ouro Preto declarou que fará algumas revelações, que não serão sem interesse para o Instituto, pois referem-se ao livro, cujos excerptos e notas leu o sr. 1.^o secretario. Esse livro appareceu quando mais accesa se feria a lucta entre os denominados *liberens historicos* e *liberens progressistas*, causando certa impressão.

Entendeu contrapor-lhe refutação o Gabinete de 3 de agosto de 1866, presidido pelo eminente Zacharias de Góes, e do qual faziam parte os nobres actual Marquez de Paranáguá, primeiro na pasta da Justiça e depois na da Guerra, conselheiros Martim Francisco, que da de Extrangeiros passou para a da Justiça, Souza Dantas, na da Agricultura, e quem o está recordando e mal geria a da Marinha.

Ao organisar-se esse Ministerio, ficára com a pasta da Guerra o Barão de Uruguayana, que mezes depois se retirou, sendo substituido pelo senador Sá Albuquerque. Fallecendo este, a vaga foi preenchida pelo illustre sr. conselheiro Silveira de Souza, felizmente ainda vivo. Sobrevivem, pois, tres testemunhas do que vai dizer.

Por designação dos collegas, foram incumbidos de promover a resposta ao livro do sr. Tito Franco de Almeida os ex-ministros da Agricultura e da Marinha, que por sua vez a confiaram ao deputado por Pernambuco, dr. Souza Carvalho, correligionario prestimosissimo e desinteressado. Affirma o, porque em vida e depois de morto foi muito injustamente accusado. Nunca o viu propugnar pretensão propria, mas proteger as de outrem, amigos ou adversarios.

Souza Carvalho encarregou do trabalho ao intelligentissimo dr. Luiz de Carvalho Mello Mattos, que se finou precocemente. O dr. Mello Mattos foi, portanto, quem escreveu as *Paginas da Historia Constitucional*, explicando e combatendo os factos e apreciações expostas na *Biographia do Conselheiro Furtado*. Era um character nobilissimo; trabalhou gratuitamente; e releva acrescentar — tambem a publicação não custou um real aos cofres publicos.

Alguns dos factos alludidos eram antigos, delles não tinha noticia o escriptor, que exigiu informações. Não podiam dar-lhas os ministros, que igualmente mal os conheciam. Resolveram sollicitar-as respeitosaente ao Imperador, que as prestou com a maior benevolencia.

Ocorre-lhe de momento a lembrança de duas. A primeira dizia respeito a palavras attribuidas ao sr. senador Eusebio de Queiroz, quando ministro da Justiça. Assegurava-se que, de uma feita, em despacho, e fechando a pasta, dissera: « Com Vossa Magestade sómente se póde ser ministro uma vez ».

O Imperador, consultado, respondeu simplesmente: « Os senhores conhecem o Eusebio e sabem que a uma alta capacidade junta maneiras tão delicadas

das, que o inibiriam de offender a quem não pôde reagir.

Era uma balella. E' verdade que Eusebio não tornou a ser ministro; mas foi conselheiro de Estado, cargo de igual categoria. Se não accitou a nomeação depois offerecida, foi por motivos de saúde, não por desgosto com o Chefe de Estado. Mais de uma vez o disse a pessoas de sua intimidade, como pôde attestal-o o distincto sr. senador da Republica, dr. Oliveira Figueiredo, que lh'o ouviu. Alludira o sr. Tito Franco de Almeida á demissão do ministro Honorio, depois Marquez do Paraná, porque exigiu a demissão do inspector da Allandega e não a obtivera, por *favoritismo*.

Declarou o Imperador: «Nunca tive favoritos. Recusei, é certo, a demissão do inspector da Allandega desta cidade e concedi a do Ministerio, que disso fizera questão, por dous motivos. Em primeiro lugar, *não me provava* o ministro nenhuma irregularidade no procedimento daquelle funcionario *honestissimo*. Depois, eu era então muito moço; começava a exercer as minhas funções e crederi dever mostrar que tinha vontade e resolução.»

O sr. presidente dá o seguinte aparte: E o Imperador acrescentou: «Hoje não procederia assim.»

O sr. Visconde de Ouro Preto (continua): Exactamente; e mais que: «Tanto Honorio não se magoou comigo, que depois serviu nos mais altos cargos de immediata confiança.»

Rematará estas reminiscencias, que revelam o sentir intimo do finado Imperador, citando caso occorrido com o orador. Um dia, conversando com Sua Magestade sobre cousas politicas, teve a ousadia de dizer-lhe que não pouco contribuíram para desenvolver-se a propaganda republicana a impassividade com que eram combatidas e calumniadas as instituições vigentes e seus representantes, e mais a convicção arraigada de ser caminho seguro para chegar promptamente aos cargos mais elevados a aggressão á dynastia.

Retorquiu-lhe serena e nobremente o sr. D. Pedro II: «Sou sensível ás injustiças e me doem os apódos; mas o meu dever não permite que, por injurias pessoas, prive o paiz dos serviços de brasileiros distinctos. As cousas unicas de que posso dispor livremente, conferindo-as aos que sei não me screm infensos, são os cargos da minha casa, que não dão proventos, nem privilegios.»

Basta o que tem dito para que a geração nova vá conhecendo quem era o grande morto.

Na sessão de 17 do mesmo mez, o 1.º secretario diz que, encontrando-se com o illustrado sr. senador Oliveira Figueiredo e entretendo conversação com elle a respeito do incidente dado como havido entre o senador Eusebio de Queiroz e o Imperador, incidente de que tão brilhantemente se occupou na sessão passada o exmo. sr. Visconde de Ouro Preto, muito digno 3.º vice-presidente, obteve do mesmo senador Oliveira Figueiredo a promessa de sua exposição escripta sobre o assumpto. Insistindo o orador nesse sentido, por carta, recebeu em resposta o que vai ler: «Respondendo á carta de V. S., datada de hoje, em que mostra desejo que eu explique o motivo pelo qual o eminente sr. Visconde de Ouro Preto, em sessão do Instituto Historico, de 3 do corrente, invocou o meu testemunho contra a asserção

que o grande estadista conselheiro Eusebio de Queiroz declarava que com o Imperador um homem de brio não podia ser ministro duas vezes, venho expôr o unico facto que em meu espirito deixou a convicção de não ser esse o modo de proceder daquelle illustre conselheiro.

Em uma tarde de meados do anno de 1859, achava-me eu na residencia do digno Desembargador Francisco de Queiroz Coutinho Mattoso Camara, casa situada numa rua esquinha da do Nuncio, em uma festa de familia d'elle baptizado de uma filha, quando o conselheiro Eusebio de Queiroz, irmão do referido Desembargador, que alli tambem se achava, foi chamado por carta ao Paço de S. Christovam. Voltando dalli cêrca de 10 horas da noite, referiu-nos, no gabinete de seu irmão, em presença deste, do meu inolvidavel amigo e collega dr. Eusebio de Queiroz, filho do conselheiro, e na minha, que o Imperador ao começar sua conferencia com elle lhe expuzera que o Gabinete Abaeté pedira demissão e como elle Imperador estava de accordo com as opiniões politicas emitidas pelo conselheiro em recente discurso no Senado, o encarregava de organisar novo Gabinete; respondeu o conselheiro, manifestando-se muito reconhecido á prova de confiança, mas pedindo dispensa da alta commissão, porque seu estado de saúde, mórmente seu incommodo de olhos, não lhe permittia o trabalho indispensavel do importante cargo de presidente do Conselho. A isso ponderou o Imperador, com algum pesar, se era proposito do conselheiro não servir mais á Nação, como ministro de Estado. Disse-nos então o conselheiro Eusebio que essa observação do Imperador o commoveu muito e contra ella protestou, assegurando ao Imperador que o unico motivo de sua recusa era o máo estado de sua saúde.

O tom com que o conselheiro Eusebio de Queiroz, na intimidade, nos referiu o sentimento que experimentara, com a observação de Sua Magestade, leva-me a crer que elle jámais tivesse dito que com o Imperador não se podia ser ministro duas vezes. Conservo tão alta veneração pela memoria do conselheiro Eusebio de Queiroz, que sinto-me feliz em dar o meu testemunho sobre a completa integridade do seu elevado caracter. Releve-me as lacunas desta exposição, que deve necessariamente se resentir da fraqueza de minha memoria de velho a respeito de um episodio passado ha 47 annos. Sou com toda consideração, etc. — *Carlos Augusto de Oliveira Figueiredo*, Rio, 14 de setembro de 1906.»



Arcebispo do Pará

O *Correio Catholico*, de Uberaba, dedicou sua edição de 14 do corrente ao exmo. d. José Marcondes Homem de Mello, illustre arcebispo do Pará.

A brilhante folha mineira estampou na primeira pagina, em nitida autotypia, o retrato do querido prelado e em sua honra publicou, além de outros, artigos dos srs. Brasílio Machado, Leoncio A. Gurgel, A. Campos, Estevam Leão Bourroul, Estevam Victor Bourroul e Haroldo Amaral.

O segundo reinado (8)

(Continuação)

A lei de 7 de novembro de 31 abollira o trafico; a lei, porém, não foi executada. O governo, nos annos climatericos da regencia, mal dispunha de recursos para reprimir a anarchia: como fazer respeitar uma lei a que fugiam tão facilmente os traficantes de escravos, ajudados por audacia, fortuna e, sobretudo, pela vastissima costa do Brasil, que não podia ser bem vigiada?

O segundo imperio, de 1840 a 1849, foi absorvido pela grande obra de pacificação interna.

A sua marinha, muito limitada então, combatia no norte e no sul do paiz.

Demais, ainda quando pudesse o governo, sem afrouxar a sua lucha contra o espirito de revolta, iniciar tambem uma guerra contra o trafico, poderia naquelle momento commetter esta imprudencia, alienando do throno a classe mais poderosa então, a mais conservadora, a que mais eficazmente collaborava com elle em firmar a ordem ameaçada, e conseguir a paz?

A Sabinada, por exemplo, foi uma revolução localisada na capital da Bahia, e se facilmente conseguiram suffoca-la, deve-se em grande parte o resultado ao auxilio proficuo dos agricultores da provincia, que ajudaram com dinheiro e armas o governo central. Estivesse esta classe conservadora divorciada da regencia, e esta teria contra si, não mais uma cidade, mas a provincia inteira.

O imperio não vingaria se ousasse fazer então guerra de exterminio ao captivo. Quando em 1845 o *bill Aberdeen* entregou os traficantes á vingança das esquadras inglezas, mesmo em aguas do Brasil, o imperio concluiu a sua obra mais inadiavel e mais importante: a da unidade nacional.

O paiz passou então por grandes provocações: não pôdia reagir pelas armas contra as violencias da Inglaterra, e, demais, soffria no interior a pressão dos traficantes, que exploravam a indignação publica, aconselhando que ceder da pirataria era capitular covardemente ante as ameaças do estrangeiro.

A opinião do Imperador não era desconhecida de ninguem: queria effectivamente a abolição do trafico e soffria com a sua patria a humilhação que lhe infligia a Inglaterra.

Mas os seus sentimentos philanthropicos eram contrariados, porque, como dizia o governo em nota diplomatica, «se era difficil convencer os que viviam do captivo da necessidade de abolir o trafico, os obstaculos tornavam-se insuperaveis, porque uma questão de honra complicava o problema, e exigia-se do Brasil, pela força, «uma reforma que elle desejava fazer voluntariamente.»

«Estes excessos, acrescentava ainda o gabinete, referindo-se á intervenção ingleza, diminuem a auctoridade do governo imperial sobre seus agentes administrativos e judiciais e sobre o povo.»

Em 1850, o governo conseguiu então reprimir o contrabando negro, depois do insuccesso dos navios inglezes.

O Gabinete do Marquez de Olinda fez executar com firmeza a lei votada pelo parlamento contra o trafico.

Eusebio de Queiroz, ministro da Justiça neste Gabinete, foi implacavel

contra os negreiros, quer mandando vigiar toda a costa, quer punindo severamente os criminosos.

A escravidão tornou-se, depois destas medidas, um commercio puramente nacional; cessára a importação negra. Isto, entretanto, não bastava.

A lei de 7 de novembro de 31 e a de 4 de setembro de 50 juntou-se a de 28 de setembro de 71. D. Pedro II encontrou no Visconde do Rio Branco um homem digno da confiança que depositára em Eusebio de Queiroz.

Os que attribuem a attitude do Imperador, como emancipador, durante o Gabinete de 7 de março, á carta da Sociedade Franceza em favor da abolição, falseam ou ignoram os factos. A certa e de julho de 1866.

Ora, sem recordar ainda uma vez a attitude do Imperador em 1850, quando, sustentando Eusebio de Queiroz, poz fim ao trafico, temos que D. Pedro II, não cedendo a influencias extranhas, mas obedecendo simplesmente aos seus sentimentos de homem e ás imposições de sua philanthropia, revelou por factos eloquentes que desejava cordalmente a emancipação.

Entretanto, as expansões de seu coração, se se revelassem inteiramente, prejudicariam o seu papel de monarcha; era uma necessidade a abolição do captivo, mas era tambem um dever eliminal-o gradualmente; e a habilidade politica, em face deste temeroso problema, consistia em conciliar as exigencias da humanidade com as exigencias das circumstancias.

A eloquencia dos conferencioes ou a vehemencia dos poetas podiam inflamar-se em aspirações humanitarias as mais radicacs, mas a paixão, que dá o sublime ás odes, pôde emprestar o ridiculo aos decretos. Juvenal recommendou a indignação aos vates, e não aos legisladores.

Rei constitucional e, portanto, devendo nortear-se pela opinião, não podia, perante a lei e as conveniencias politicas, emprehender uma reforma desta natureza sem o concurso do povo.

A agitação abolicionista é de data recente. Até certo tempo não se encarnava em um partido, residia apenas no espirito ou no coração daquelles que, por seu descortino intellectual ou por sua elevação moral, excediam o nivel commum.

O Imperador, entre os primeiros, reconheceu a necessidade de uma reforma emancipadora e não cessou de manifestar os seus desejos, sempre que a occasião o favoreceu.

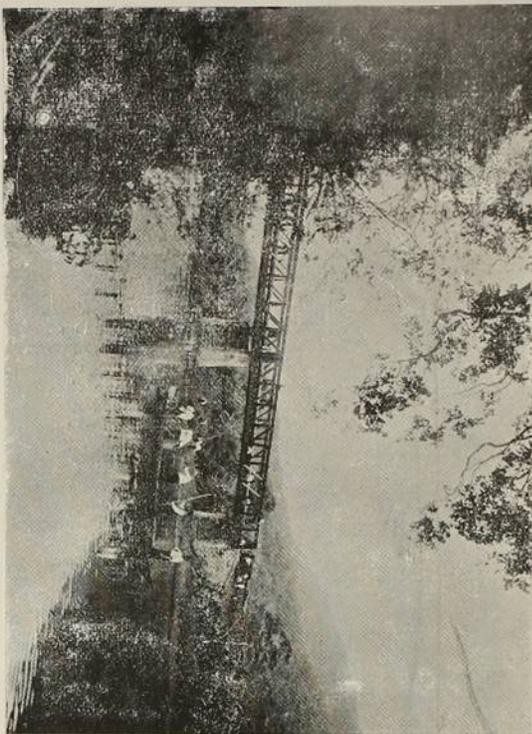
As sociedades abolicionistas ou, antes, emancipadoras que então se formaram, receberam muitas vezes do imperador animação e applausos.

Favoreceu largamente as manumissões, «conferindo recompensas, títulos e condecorações a quem libertava escravos.»

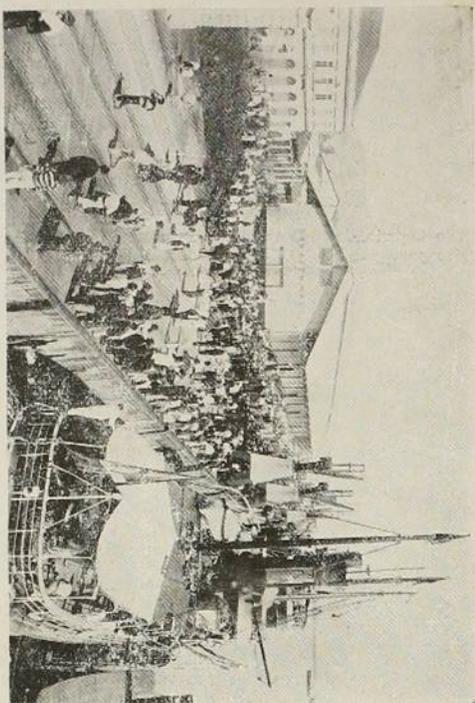
Eis o que diz a este respeito o sr. Mosse, um escriptor bem informado sobre a politica brasileira, no seu excellento estudo sobre o grande monarcha:

«Quando a ordem dos beneditinos, em capitulo geral, no dia 3 de maio de 1866, proclamou a liberdade dos filhos dos escravos que possuia e que elevavam-se a 1.600, o Imperador foi pessoalmente ao mosteiro de S. Bento do Rio felicitar o abade geral, a quem entregou em mão propria um presente.

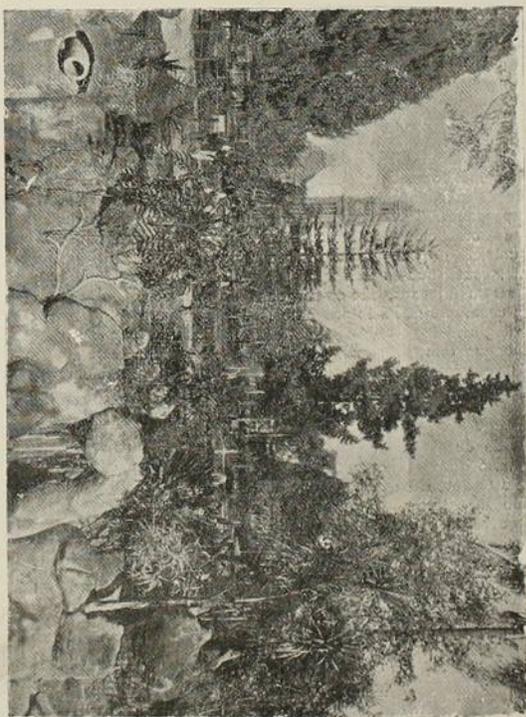
(Continua)



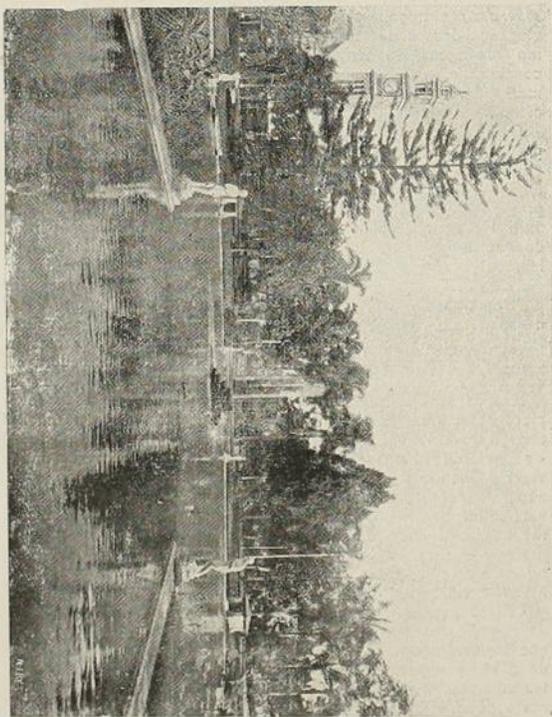
Pilões Ponte da City of Santos Impr. Co. Ltd.



Docas de Santos — Desembarque de passageiros



São Paulo — Jardim Publico



São Paulo — Jardim Publico

A aproximação

Um dos estribilhos em moda é que — depois do Ministerio do sr. Rio Branco, e principalmente graças aos esforços diplomaticos operados pelo sr. Nabuco em Washington, «o Brasil foi chamado ao convívio das nações» e com laços mais apertados se ligou a fraternisação entre a nossa patria e os Estados Unidos da America do Norte.

Isto tem-se dito e repetido em todos os tons, com todas as variantes; e, no seu triste discurso do Cassino, o sr. Joaquim Nabuco não duvidou asseverar que para o resto da sua vida tinha de olhar uma grande tarefa, assás grande para justificar a sua aposta: — a aproximação das duas principaes nações do norte e do sul do continente americano.

Ora tudo isto é falso e fôfo. Não obstante os seus elevados meritos, o sr. Rio Branco, no tocante ás nossas relações com a Norte-America, nada mais tem feito do que continuar as tradições da politica imperial, procurando habilmente destruir, tanto quanto lhe é possível, o desconhecimento que no mundo em geral trouxe ao Brasil a adopção da fórma republicana. E a baillela que nos dá o sr. Nabuco como o creador da *entente cordiale* entre o Brasil e Estados Unidos não mereceria sequer as honras de uma contestação, se por desgraça não viveramos numa terra onde pouco se estuda e onde a caraminhola, proterva e perlinzamente repetida, sempre acaba por tomar fóros de verdade.

As relações entre o Imperio e a União Americana não eram vagamente amistosas; não constituíam apenas um embryão, um protoplasma indefinito que os srs. Rio Branco e Nabuco foram agora chamados a organizar e desenvolver. . . Não, não ha tal. A amizade das duas nações, sem que absolutamente lhe puzesse obices a differença das suas formas de governo, já attingiu um *maximum* tal, que todas as aspirações dos próceres republicanos, ministro e embaixador, difficilmente poderão exceder.

Que é que, com effeito, agora tanta bulha está produzindo? O nosso comparecimento á exposição de S. Luiz; a escolha do Rio de Janeiro para theatro da 3.^a Conferencia Pan-Americana e a honrosa visita que nos está fazendo um distincto secretario de Estado. Ora, vejamos o que a isto se contrapõe nos tempos do Imperio.

Se com effeito obtivemos vantajosa collocação entre as nações que concorrem á feira mundial de S. Luiz, observemos que já em 1876 o tinhamos logrado na exposição de Philadelphia.

Dado o desconto dos tempos, foi uma verdadeira victoria a nossa nesse bello concurso industrial. Ahi figuraram 1.052 expositores e obtiveram 350 medalhas. Estampou-se em varios idiomas e com mão larga se distribuiu um livro, que ainda hoje serve como obra de consulta — *O Brasil na Exposição de Philadelphia*. As folhas do tempo, em toda a parte do mundo, vinham cheias de elogiosas referencias ao Brasil, aos seus homens, ás suas cousas.

Publicava-se naquelle tempo, em Nova-York, um jornal em lingua portuguez, o *Novo Mundo*, cujo redactor-chefe, o sr. dr. José Carlos Rodrigues, systematicamente se mostrava infenso aos governos do Brasil, e á

nossa terra sempre alludia dando-a como estragada pela . . . religião catholica, da qual emigrando se afastara o illustre irmão da Santa Casa de Misericordia. Pois bem! não obstante as suas queixas contra os governos do Brasil e o seu sectarismo anti-catholico, o redactor-chefe do *Novo Mundo* pagou sincera homenagem ao triumpho brasileiro nos Estados Unidos em 1876. Palavras suas:

«E' com o coração transbordado de patriótica alegria e entusiasmo que vemos que o nosso bello Brasil, neste certamen immenso a que foram convidadas todas as nações civilisadas, vai sahir com a fronte engrinaldada pelos louros a que justamente tem direito pelas graças naturaes que lhe doou o Creator e pelos talentos de seu povo.» (*O Novo Mundo*, vol. VI, n. 71, agosto de 1876, pag. 234, 2.^a col.)

Longe de mim a idea de minorar o bom exito de que recentemente, em S. Luiz, foram coroados os patrióticos trabalhos dos expositores e commissarios brasileiros; mas forçoso é concordar que não foram os primeiros a ganhar dessas laureas, e que, feita a differença dos tempos, e tambem do dinheiro, muito economicamente despendido e austeramente fiscalisado durante o Imperio, assás brilhente foi o modo por que então soubemos zelar o renome da nossa patria.

Para oppôr á presença de um homem eminente, dos Estados-Unidos, em terra brasileira, temos a visita do Imperador á União America, — facto que profúncissima impressão causou aos cidadãos dessa Republica, dando-lhes idea exacta do que entre nós era a Monarchia, consorciada á mais correcta observancia dos principios democraticos.

A 10 de maio de 1876 abria-se a exposição. Quando o presidente Grant se ergueu para ler um pequeno discurso inaugural, tinha junto de si dous altos embaixadores da nossa Patria — o Imperador e a Imperatriz do Brasil. Organizando-se o prestito official para percorrer a exposição, Grant dava o braço áquella santa senhora, então cognominada Mãe dos Pobres, e era o imperador quem logo em seguida dava o braço á esposa do presidente. Finda a visita do edificio principal, dirigiu-se o squito para a Casa das Machinas, e ahi Grant convidou Pedro II a conjunctamente com elle dar impulso ás rodas que desprendiam o vapor na grande machina motora de todos os demais mechanismos da exposição.

«Assim (exclamava o *Novo Mundo*) assim a America Septentrional dava as mãos á America Meridional, inaugurando esta grande festa da paz!» (*Op. cit.*, vol. VI, n. 68, maio de 1876, pag. 167, col. 2.^a.)

Não é, pois, de agora que se approximam as duas grandes nações. Rio Branco tem outros louros assás virentes para não precisar desta gloria ficticia. E se Nabuco se bandeou para os republicanos só para tal *aproximação*, realmente escolheu muito mal o seu pretexto!

Mas — objectar-se-á — tudo isso foram exterioridades, cortezias, não seguidas de acto algum que positivamente affirmasse a consideração em que eramos tidos pelos Estados Unidos. . . Não, senhores, não ha tal; e facilitimo se torna demonstral-o.

Logo após a lucta fratricida em que se empenharam os Estados do Norte e do Sul, na União Americana, quando allí se aboliu a escravidão, grave

litigio se armou entre os Estados Unidos e a Inglaterra, litigio que chegou a causar universaes apprehensões no mundo civilisado. Muito em boa hora, os dous pujantes ramos da *English speaking race* deliberaram dirimir o seu pleito mediante arbitragem; e o escolhido pelos litigantes para lhe servir de arbitro na ponderosa questão foi o governo do Brasil. Deste modo assentou-se a nossa patria no tribunal que funcionou em Genebra; e em nome de nossa terra proferiu sentença final o Visconde de Itajubá.

Pouco mais tarde, outra pendencia surgiu entre os Estados Unidos e a Republica Franceza, as duas collectividades humanas mais consideráveis entre as que se regem pela fórma republicana; e o arbitro, unico, lembrado e calorosamente aceito pelas duas republicas, foi o Imperador do Brasil. O tribunal funcionou então em Washington, onde o soberano brasileiro se fez representar pelo barão de Arinos.

Como, pois, se pôde agora levar a estulticia até ao ponto de affirmar que a Rio Branco se deve o ter entrado a nossa patria para o *convívio das nações*? Como pôde um embaixador, em publico festim, dar a medida de sua levandade, propondo-se a consagrar o resto da vida á execução de uma tarefa que já estava consummada quando s. exa. apenas sahia da mininice? Pois assim é que, ou por babiluação ou por luteis effeitos de oratoria, se esquecem e postergam as mais legitimas glorias da diplomacia nacional?!

A republica no seu brazão escreveu uma data: *15 de Novembro de 1889*. Parece que com isto quiz fazer taboara rasa de tudo quanto antes se realisara. . . Mas andou mal menosprezando as nossas melhores tradições, porque o tempo só respeita as obras em que collabora.

Evocando os annaes da diplomacia imperial, eu vejo o Brasil, como egregio magistrado, a decidir pleitos internacionaes, escolhido pela sua poderosa irmã do Norte; mas na feia historia da republica, por mais que o procure esquecer, só posso discernir, entre o fumo e o sangue da revolta naval, o vulto minaz de um Benham, quando por manter a tyrannia humilhava a esquadra brasileira em aguas do Rio de Janeiro.

A amizade fraterna dos Estados Unidos, baseada em reciproca estima e de equal para equal, nós sempre a quizermos, os monarchistas; nós ainda a queremos e presamos. Se a nova *aproximação*, porém, visa isolar-nos da Europa para de todo nos submeter á preponderancia do Americano do Norte, — então certo que a repelle a dignidade nacional, e malditos os que assim nos preparam um futuro de ignominia!

CARLOS DE LAET

VIDA SOCIAL

Anniversarios

O illustrado professor sr. Alfredo Ferreira Paulino teve ante-hontem mais uma occasião de ver quanto sinceramente o estimam seus amigos, que affluiram á sua casa, levando-lhe saudações pelo seu anniversario.

Seus alumnos particulares offereceram por essa occasião ao distincto moço valiosos brindes.

Associamo-nos de coração a essa manifestação de estima e renovamos nossos votos pela felicidade do illustre professor.

— Faz annos no dia 28 o menino Juquinha, filho do dr. Couto de Magalhães.

Nascimento

O lar do sr. Praxedes Esselin está em festas, com o nascimento de mais um galante menino.

NUMERO DO NATAL

O *Album Imperial* está desde já organisando um numero extraordinario para o proximo Natal, contendo pelo menos *com paginas* e do qual se fará uma tiragem nunca inferior a *dez mil exemplares*. Esse numero especial, primeira tentativa que se faz nesse genero em S. Paulo, será valorisado por innumerous *clichés* de autotypia, gravuras coloridas e variadissima collaboração literaria dos mais festejados escriptores nacionaes.

O *Album Imperial* dedicará secções especiaes á lavoura, ao commercio e ás industrias dos Estados, publicando *clichés* de propriedades agricolas, casas de commercio e fabricas, acompanhados da respectiva noticia descriptiva.

O *numero do Natal* constituirá, enfim, um valioso brinde a todos os leitores do *Album Imperial* e deve por isso merecer a preferéncia dos srs. *annunciantes*, que poderão nelle figurar mediante modica contribuição, conforme as seguintes condições:

AOS SRS. ANNUNCIANTES

O *Album Imperial* manda executar e publicar *gratuitamente* com o annuncio um nitido *cliché* em autotypia, uma vez que o annunciante lhe forneça a photographia.

O annunciante terá direito a tantos *clichés* quantos forem as paginas de annuncios.

O annunciante terá direito *gratuitamente* a um exemplar da revista e gosará do abatimento de 20% sobre o preço dos exemplares que quizer adquirir.

O pagamento só é exigivel *depois de publicado o annuncio*.

TABELLA DE PREÇOS

Uma pagina (com direito a <i>cliché</i>)	50\$000
Meia pagina	25\$000
$\frac{1}{4}$ de pagina	15\$000
$\frac{1}{8}$ de pagina	8\$000

No proximo numero

COTEGIPE

Francisco Morato

NABUCO, O OPTIMISTA

« Ecce iterum... Nabucos! »

Brihante como os vidrilhos que pelo engenhoso fabrico deslumbram os trans-euntes nas exhibições da joalheria norte-americana, o não menos popular Embaixador não se cansa de afirmar a sua "adesão" aos principios republicanos e de expôr as sérias razões que o induziram a baixar a cerviz, adorando o que já pisára e agora pisando o que antes adorára.

"Adhesão" — escrevi, e continuo a escrever, sem receio da pécha de "louco", por s. exa. assacada a quem de tal vocabulo, ou de seus cognatos, se costuma servir.

"E' um louco aquelle que se serve da expressão "adherir" em relação ás fórmias que o seu paiz vai tomando no perpassar das épocas" ("Discurso" estampado na "Gazetilha" do "Jornal do Commercio", de 2 do corrente.)

E, para mais clara ainda tornar a lição:

« A nacionalidade — acrescentou s. exa. — implica por si só adhesão ás fórmias de ser da nação a que se pertence. »

Quer isto dizer que, "verbi gratia," quando se proclamou a Republica Franceza, todos os heróis da Vendéa, que de armas em punho a combateram, eram adhesos á fórmula então vigente; e que, outrossim, tambem adheriu á Monarchia napoleonica o velho Hugo, após o lance de 2 de dezembro...

Não ha como ter talento para descobrir taes cousas! E por felizes nos reputamos em gosar dos ensinamentos de homem tão habil assim no discutir as fronteiras da patria, como no limitar os dominios do lexico.

Quando dest'arte "ex-cathedra" definia, foi o preclaro pontífice interrompido (se não houve engano do tachygrapho, ou de s. exa. mesmo) por um estrondar de "prolongadas palmas..." Mas, não obstante o grande respeito que me impõem o tachygrapho, o Embaixador e os applaudidores da sua opinião, peço vénia para lhes oppôr a de um contemporaneo, tambem assás applaudido, e que evidentemente não estava maluco quando na precipitada acção empregou o verbo "adherir" e seus derivados.

"A minha "adesão" á Monarchia (escreveu esse fulguroso letrado em um dos seus numerosos folhetos) teve quatro fortes razões em "phases" historicas successivas."

(O letrado em questão costumava dar sempre razões fortes para as suas "adesões", e tambem tinha como habito dividir em "phases" a sua interessante historia, para lição de coevos e admiração dos posterios.)

Pouco mais adeante, adjectivava o dito escriptor:

"A quarta "phase" da minha "adesão" monarchica data de 13 de maio."

E depois:

"Fui denunciado pelos zelotas da Monarchia, hoje quasi todos "adherentes", etc.

Para que mais? Desde que um luminar literario, orador, poeta em duas linguas, assim varias vezes empregou as malsinadas expressões, não vejo por que descontinuemos de usal-as; e, por não melindrar os doutos que com palmas acolheram a lição vocabular, descabido não será communicar-

lhes que o mestre a cuja auctoridade me socorro é o proprio sr. dr. Joaquim Nabuco, auctor, que foi, da sua "Resposta ás mensagens do Recife do Nazareth", onde ás paginas 4, 5 e 16 se pôdem lêr os trechos supra transcriptos.

Questão de palavras — dir-se-me-á... Mas que foi todo o discurso de s. exa., scñão uma série de sonoridades, a que não corresponde doutrina firmada em logica, ou amparada pela moral?

Realmente, o allegar que deixou de ser monarchista apenas percebeu que — "a finalidade republicana do continente americano absorveria, restauração após restauração, todas as tentativas para o restabelecimento do antigo regimen" — no fim de contas não passa de uma fofice tendente a disfarçar indecentissima theoría.

Para abandonar o navio que se suppõe perdido, não é preciso ser genio. E' a philosophia do rato, que deixa o porão inundado... Mas, acima dos instinctos de roedor, a moral, a dignidade humana, ergue outros e mais levantados principios.

— Como! (exclama ella) pois então só defendeis uma causa quando a julgais com visos de bom exito?! Demonstrastes em vossos escriptos a injustiça, a ingratição, a estulticia, a violencia, a traição do parricidio de 1889, e para os parricidas vos bandeais apenas vos salteia a desceparança da victoria?! Em ultima analyse, a doutrina que prégais aos moços é a da apostasia, é a da deserção... Mas então para quem, nos codigos de todo o mundo, se comminam carcere e arcabuz?!

A allegada evasiva de que entre a fidelidade á dynastia e a fidelidade á Patria s. exa. teria optado pela ultima, sómente pôde captar imbecis.

Tal antinomia nunca existiu.

A fé monarchica, entre nós, brasileiros, não é só uma fidelidade a principes que não nol-a impõem, nem de nós a reclamam; mas, antes, uma firme convicção de que sob o regimen da Monarchia constitucional mais prospera e desassombrosa progredia e progredirá nossa Patria, demandando gloriosos destinos.

Por isso é que, quando tantos aulicos acodadamente adheriram ao crime de 1889, correctos se mantinham em seus postos muitos cidadãos que nunca se acercaram dos imperantes.

O Monarchismo não é, pois, no Brasil um aulicismo, um realismo dynastico, um vago sentimentalismo pessoal; mas uma opinião politica baseada em razão e corroborada pela experiencia.

Se amanhã (*quod Deus avertat!*) se extinguiua o ultimo dos Braganças, como graciosamente imaginou o sr. Embaixador, dignando-se de amortallal-o em purpura, — ainda assim eu continuara acreditando que a fórmula monarchica constitucional mais garantias do que a republicana nos offerece de liberdade e de progresso dentro da ordem.

Como, pois, é que, si nestas idéas commungava o sr. dr. Nabuco, de repente as abandonou, só pela offerta de alto emprego?

Si a republica appellou para os grandes conhecimentos do sr. dr. Nabuco em materia de fronteiras, mas não lhe intimou palinodias e apostasias, muito bem pudera s. exa. disputar ao inglez a nossa Guyana sem que para isto se houvesse de enrolar na mortalha dos Braganças... Na hy-

pothese contraria, porém, o que s. exa. perpetrou deixa de ser philosophicamente defensavel. Não foi evolução, mas simples transacção.

Além disto, assás estreito e mal pensado se me afigura que para servir á Patria só haja o exercicio de cargos publicos...

Eu não vejo porque mais a esteja agora servindo o sr. Nabuco, nas suas viagens de recreio em seus ocios elegantes, com os seus interminaveis "pic-nics" e farfalhantes palanfrorios, do que, "verbi gratia", um Lafayette (pae), a escrever luminosos tratados juridicos; os dous Affonsos Celso (pae e filho), deparando o nobre exemplo da actividade profissional, nem ao mesmo tempo descurando, no livro ou no jornal, a estreua defesa dos seus ideaes; um João Alfredo, que, depois de ter abolido o captivo negro, desdenha cooperar no escravismo dos brancos; um Andrade Figueira, cujo austero perfil politico, documento de hombridade de outros tempos, envergonha e remorde os saltimbancos desta feira...

Absurdamente se illude o scintillante Embaixador se, melhor do que todos esses, pensa haver servido á Patria, cantando as lóas do progenitor e impingindo phrases aos rapazes.

Para arrebanhar o Brasil sob a hegemonia do Norte-Americano, não era preciso a somma de tropos improduttivamente despendida por s. exa. Com menos se houvera contentado o pratico Yankee. No momento angustioso que atravessamos, nós, os da America Latina, não precisamos de linguas bem-falantes, senão de mãos que se extendam ás cordas...

E o mais grotesco é que, emquanto da pura amizade dos Estados-Unidos assim se constitue fiador do nosso perspicaz diplomata — subito desaparece Cuba dentre as nações ha pouco chamadas para o convívio pan-americano!

E viva o Optimismo!

No dia em que, por desdita e opprobrio nosso, perdera o Brasil a sua integridade e autonomia — para nos consolar desta aventura, Nabuco, o Optimista, faria mais um discurso; embulharia a sua coherencia em outra qualquer cousa; aconselhar-nos-ia submissão á finalidade do continente; nem tampouco lhe faltara quem com calor o palmeasse...

CARLOS DE LAET

Jornaes e revistas

O n. 3, volume II, da *Iris* não desmerece das anteriores edições da apreciada revista de Alvaro Guerra. Prova-o o escolhido summario:

- I — *Mãe inverosimil* (artigo da Redacção);
- II — *Olhos e coração* (novella brasileira) — Veiga Miranda;
- III — *Os dois cães* (conto em verso) — Benedicto Octavio;
- IV — *Subsidios literarios* (I — O verbo «rullar») — Alberto Faria;
- V — *Aventura* (soneto traduzido de Stechetti) — Basilio de Magalhães;
- VI — *A louca* (conto) — Arlindo Leal;
- VII — *No album de uma menina* (quadras) — F. Mendes;
- VIII — *Marido e mulher* (chroniqueta) — Arthur Azevedo;
- IX — *Uma bomba* (monologo em

verso, para menino) — Luiz Pistorini;

- X — *Sensação de velhice* (chroniqueta) — Anastacio Paz;
- XI — *Só* (soneto) — Aristeu Seixas;
- XII — *Entre flores* (dialogo em prosa, para meninas) — Alger;
- XIII — *A morta* (soneto) — Ovidio Mello;
- XIV — *Poeira philosophica* (maximas e pensamentos) — Allen;
- XV — *Chronicas de Egas Muniz* (notas bibliographicas) — Redacção;
- XVI — *Alegria reflexa* (conto) — Alvaro Guerra;
- XVII — *Notas finaes.*

— A *Nova Cruz*, de Arthur Goulart, Francisco Gaspar e Francisco Teixeira, já tem seus credits firmados; dispensamo-nos, por isso, de dizer que vai de vento em popa a bella revista, cujo ultimo numero, além de magnifica collaboração, traz os *cliches* de Augusto de Lima e Amadeu Amaral.

— Entraram para o nosso archivo os dous ultimos volumes da *Revista* do Instituto do Ceará, correspondentes aos quatro trimestres do corrente anno.

Dirigida pelo illustrado e infatigavel escriptor sr. Barão de Studart, recommenda-se a *Revista* pela valiosa contribuição que traz regularmente para a historia nacional, particularmente para a do Ceará, onde são innumerous os seus investigadores.

Penhoradíssimos, pela remessa. — Visitou-nos o 1.º numero d'*O Pharol*, que iniciou sua publicação mensal a 3 do corrente, como organ imparcial de um grupo de alumnos da nossa Escola de Commercio.

E' seu redactor-chefe interino o sr. Moacyr Godoy.

De pequeno formato, o novo periodico apresenta-se bem redigido e com variada collaboração.

Auguramos-lhe longa e prospera existencia.

— Enviamos ao *Commercio do Amparo* nossas effusivas saudações, pelo seu anniversario.



Fallecimentos

Falleceu no dia 6 do corrente, no Espirito Santo do Pinhal, o dr. Carolino Ferreira da Silva, importante fazendeiro naquelle municipio, onde gosava de graes sympathias, pelas qualidades de caracter e coração que o exornavam.

Diplomado em medicina pela Faculdade da Bahia, havia muito que abandonara a profissão, para se dedicar á lavoura.

Inumerous e relevantes serviços prestou ao Espirito Santo do Pinhal, onde sua morte, abrindo vacuo imprechnivel, causou enorme consternação.

O finado era genro do sr. Barão de Motta Paes e pae do talento academico de Direito sr. Carolino da Motta e Silva.

A' exma. familia enlutada apresentamos as nossas expressões de sinceras condolencias.

— Deu-se nesta capital, a 6 do corrente, o passamento do menino Lucio, filho do dr. Gabriel Rodrigues dos Santos, distincto advogado do nosso fóro.

Pesames. — Em Bologna (Italia), falleceu o sr. Aristides Bacchi, venerando pae do sr. Alcebiades Bacchi, residente em Limeira, a quem enviamos pesames.

ANNO I

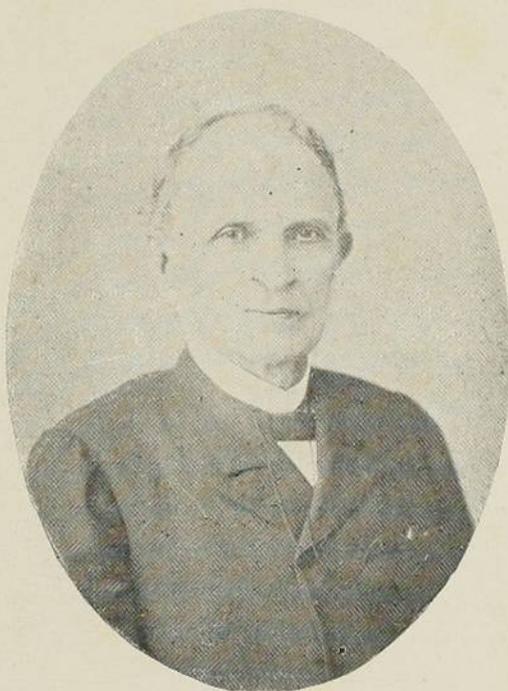
S. PAULO, 5 de novembro de 1906

NUM. 21

ALBUM IMPERIAL

QUINZENARIO POLITICO E LITERARIO

Director: Couto de Magalhães



BARÃO DE COTEGIPE



BARÃO DE COTEGIPE



Ol uma figura de grande relevo, que ha de ser sempre apontada entre os maiores vultos da politica nacional.

Intelligente, sagaz, de maneiras distinctas, timbrando de portar-se em todas as circumstancias com o sorriso nos labios e a alegria na alma, fazendo da politica uma arte de bem servir a patria, probo sem soberba, inimigo das moralidades á Catão, foi um typo acabado de estadista.

Se na governança dos povos a previsão é attributo raro e de incomparavel valor, o Barão de Cotegipe pôde pedir meças aos homens proeminentes que promoveram o engrandecimento do Brasil.

Em verdade, a experiencia que tinha do passado, o conhecimento do presente, o dom de penetração para conjecturar o futuro, com a maior segurança e firmeza, davam-lhe em supremo gráu a virtude da prudencia.

Nascido naquella « fonte de talentos », como costumava appellidar a Bahia o conde d'Arganil, cardeal patriarcha de Lisboa (1), João Mauricio Wanderley, mais tarde Barão de Cotegipe, formou-se em Direito pela Academia de Olinda, no anno de 1837, alirando-se logo ao exercicio da advocacia, que abandonou para occupar successivamente os cargos de juiz municipal e de Direito na cidade de Santo Amaro, em sua provincia natal.

Appareceu no parlamento pela primeira vez na legislatura de 1843, já notavel pela tactica e talento, apri-morados pelo curto estagio que fizera na assembléa de sua provincia.

Entrou em 1855 para o *ministerio da conciliação*, organizado pelo Marquez do Paraná em 6 de setembro de 1853.

A nomeação para a pasta da Marinha realçou-lhe o nascente prestigio e renome, pois ao joven parlamentar se não poderia conferir honra mais insigne do que chamar-o a collaborar com Pedreira, Paranhos, Abacté, Caxias e Nabuco de Araujo, ao lado e sob a egide do maior potentado que perlustrou o periodo resplandesciente do segundo imperio. E trabalhando no meio de um punhado de escolhidos, forçado a não transpor o limite que lhe assignalavam a sombra e vigilancia do presidente do conselho, cuja auctoridade se impunha com a violencia de uma avalanche, creou para logo a fama de ser a gemma do gabinete, o mais brilhante dos ministros, pela frescura e novidade do espirito, pela promptidão e bom senso com que resolvia os assumptos mais intrincados, pela agudeza dos conceitos, pela graça dos discursos, em que os torneios e atavios despontavam de primeira mão, como em primavera.

Certo que um estadista de tantas prendas e tamanho porte havia de fazer, como fez, administração saliente, sem resvalar jámais pelo epigramma com que algum tempo antes zombeteára Ferraz dos ministros da

conciliação, ao romper as investidas do opposicionismo ao poderoso chefe do governo.

Paraná morreu em 3 de setembro de 1856, o Ministerio continuou até 4 de maio do anno seguinte, sob a presidencia de Caxias, passando Cotegipe para a pasta da Fazenda, onde não desmereceu da estima publica e do invejavel conceito em que o tinham os seus pares.

Cahira o Ministerio Zacharias de Góes em 1868, em consequencia de original episodio a que dera azo a campanha do Paraguay. O commandante em chefe das forças brasileiras havia pedido demissão do cargo, attribulada porventura pelas intrigas que o davam por decahido da confiança do governo. Ora, como o general era a esperanza de todos, a principiar pela Corôa, o Imperador convocou seus conselheiros, para saber delles qual dos males consideravam maior — se a demissão do Ministerio, se a demissão de Caxias. Não havia fugir á alternativa; os votos divergiam, mas Zacharias, num impulso nobre de patriotismo, que bastaria por si para redimil-o de enfatuado orgulho de que o accusam alguns biographos, retirou-se com seus collegas.

Organisou-se então o gabinete Itaborahy, de 25 de junho, voltando Cotegipe a occupar a pasta da Marinha, em um momento de serios embarços.

Foi um ministro na altura da difficil situação; seu patriotismo, intelligencia e actividade foram infatigaveis (2), e compensados de sobejo pela ventura que se lhe deparára de assistir, como chefe da Marinha nacional, á terminação da guerra, com a morte do dictador Lopes em Cerro-Corá, a 1.º de março de 1870.

Advogou com enthusiasmo a causa da eleição directa e censitaria. Em 1871, de seu retiro da Bahia, escrevia ao seu amigo e correligionario, presidente do gabinete de 7 de março de 1871, condemnando o que elle chamava *systema expectante* dos constitucionalistas, e aconselhando a reforma eleitoral, pelo voto directo, como remedio de molde a sarar a situação do paiz, que lhe parecia summamente grave.

No emtanto, após a retirada do Ministerio Rio-Branco, entrando para o gabinete de 25 de junho de 1875, presidido de facto por elle e de direito pelo duque de Caxias, propugnou pela lei do *terço* com a eleição indirecta. Um verdadeiro repudio de ideas, que nem se poderia escusar com o haver o espirito clarividente do famoso estadista comprehendido não se achar a nação habilitada a praticar a reforma, pois tanto trabalhou por ella mais tarde, durante o governo de Saraiva, que bem se pôde reputar obra sua a lei de 9 de janeiro de 1881.

Fecunda e proveitosa, sua gestão dos negocios da Fazenda, no gabinete Caxias. «Como se não havia emitido papel-moeda, e desde o Ministerio de 1871 se não continuasse na sua amortisação, conforme planejava e executára Rodrigues Torres, suspendera o cambio seu curso ascendente que quasi havia attingido o padrão monetario. Com os excessivos gastos, porém, do Tne-

(1) TIMON: *Estadistas e Parlamentares*.

(2) *Ibid.*



souro, e seus consideráveis *deficits*, emprehendendo em exaggerada escala obras publicas e de viação, começara já a declinar. Neste terreno firmou Wanderley seus planos economicos, esforçando-se por manter o valor da moeda em circulação, e mesmo eleva-lo, logo que fosse regularizada e equilibrada a situação das finanças publicas. Não se lhe pôde regatear elogios na administração, que conseguiu melhorar paulatina e razoavelmente ». (3)

Sua preponderancia no governo, a qualidade indisputada de chefe do partido dominante, o repudio de ideas em assumptos eleitoraes, por mais que procurasse demonstrar a conveniencia de ensaiar naquella época a representação das minorias com a eleição de dous grãos, fizeram-no alvo directo e preferido dos liberaes, que andavam então amargurados por longo ostracismo e, por isso mesmo, sedentos do poder.

Na sessão do 13 de julho de 1877, o dr. Cesario Alvim, tendo annuciado uma interpegação ao ministro da Fazenda, levantou com emphase e estardalhaço o caso das popelinas. Verrina infeliz, que procurava anniquilar uma probidade nunca duvidada: peça armada a attrahir a popularidade, em que jactancioso declarava o aggressor, ao exordiar a oração, que havia de sahir vencedor ou vencido, e que lhe não desvaneceria o desastre do aggreído,—o discurso do deputado mineiro serviu apenas para dar maior brilho á fama e tradição de inquebrantavel caracter do preclaro chefe conservador. Tratava-se de um supposto contrabando, commettido pela firma commercial G. Masset & C.ª, de que era commanditario o accusado.

A defesa foi clara como a claridade da honra, convincente como o verbo da verdade, altiva como o parlamentar que a declamava. Não era possivel, no dizer do proprio offendido, que o homem que havia occupado as mais eminentes posições do Estado, por cujas mãos tinham passado tantos milhares de contos de réis, sem deixar após si o menor vislumbre de suspeita; que encanecera na causa da patria e no serviço publico, sempre acatado em seu nome e reputação; não era possivel que um homem tal se tivesse mettido em contrabando de contos de mil réis, com o impudor de um *pick-pocket* qualquer.

Terminado que foi o discurso, sentindo-se fatigado o interpellante, quiza atordoado pela defesa, levantou-se Gaspar Martins para, em substituição d'elle, proclamar que ninguem punha em duvida a probidade do honrado Barão; e encorrou-se o incidente, perdurando entre gregos e troyanos a convicção de que da reírega só sahira tosquiado o accusado.

Deixando o poder, que passou para as mãos e presidencia de Sinimbú, teve de sustentar luctas continuas com seu successor na pasta da Fazenda, o sr. Gaspar Martins.

Uma vez comparou certo orgam do jornalismo official ao homem de pouco polimento, que, mettido entre gente civilizada, por mais que se esforce, lá vem uma occasião em que mostra a ponta do *chiripá*. Doeu-se o fogoso rio-grandense do emprego do vocabulo gaúcho e atirou ao leal adversario um chorrilho de apodos e palavras duras. Respondeu-lhe Cotegipe em notavel discurso, na sessão de 30 de junho de 1879, discurso em que primava a delicadeza — a que confessára só ter faltado uma vez na vida, injuriando um collega, que o castigára bastantemente perdooando-lhe a offensa —, a satyra, o profundo conhecimento dos negocios publicos, a faculdade rara de arengar com palavras e con-

ceitos propios, brotados de uma intelligencia que não pedia auxilio extranho.

O Ministerio de 6 de maio de 1885 havia conseguido, por um accôrdo entre liberaes e conservadores, fazer approvar na camara temporaria um projecto de abolição gradual da escravatura, inspirado nas ideas dominantes sobre o grande problema do elemento servil. Comprehendendo que o voto favoravel da camara era devido em grande parte ao apoio dos conservadores, com os quaes não poderia contar nos debates politicos e administrativos, homem de nenhuma ambição e de muita dignidade, julgando indecoroso continuar no poder firmado na benevolencia dos adversarios, o conselheiro Saraiva pediu a demissão collectiva do gabinete, no meio de geral surpresa, antes mesmo de ser apresentado ao estudo e approvação do senado o projecto adoptado pela camara dos deputados.

Passava-se isto a 15 de agosto, e a 20 estava organizado o Ministerio que inaugurava a situação conservadora.

Cotegipe sabia que a camara lhe era hostil; pelo que, ao fazer a apresentação do gabinete e de seu programma, declarou que pelo momento trataria apenas de pedir a votação dos orçamentos e a approvação pelo senado do projecto Saraiva.

Não estiveram por isso os liberaes; considerando pouco provavel a dissolução, eleita recentemente como tinha sido a camara, votaram uma anodyna moção de desconfiança, mal acabára o presidente do conselho de falar.

O experimentado politico que, como costuma dizer, se alistara soldado, sargenteára companhias e commandára regimentos, antes de ser promovido a chefe de partido (4), apanhou de relance a tactica dos adversarios e, dias depois, voltava a annunciar-lhes a proxima dissolução da camara.

Valeu-lhe isso a prorogação do orçamento e a votação, pelo senado, da lei de 28 de setembro de 1885.

O gabinete de 20 de agosto administrou o paiz em um periodo de sérias agitações.

Prégavam-se as ideas subversivas das instituições com a maior liberdade e ostentação; a cohorte republicana engrossava-se mercê das legiões que o despeito abalava da massa dos escravocratas; o abolicionismo levantava toda a sorte de tropeços, fazendo a propaganda por todos os meios, dos quaes os mais temerosos eram o conselho da fuga em leva dos escravizados e a infiltração do espirito de indisciplina e rebeldia nas classes militares; os petroleiros da redepção promoviam disturbios, aconselhando desabridamente o extermínio dos obstinados; a situação financeira era má, o cambio a 17, os *deficits* annuaes oscillando nas proximidades de quarenta mil contos de réis, a divida fundada e fluctuante acima de novecentos mil contos de réis.

Não lhe foi difficil conjurar a crise financeira, graças ao braço forte de Francisco Belisario, seu ministro da Fazenda.

A economia em todos os ramos da administração publica, a suppressão de despesas menos urgentes, um emprestimo externo de seis milhões esterlinos em condições favoraveis, a conversão dos juros das aplices de 6% a 5%, o melhoramento e regularização do systema tributario, foram medidas que produziram auspiciosos resultados. Em 1886, os orçamentos estavam equilibrados e o cambio a 25.

Mas a propaganda subversiva tinha avançado de-

(3) PEREIRA DA SILVA — *Memorias do meu tempo*.

(4) PEREIRA DA SILVA — *Ibid*.



mais para que se lhe detivesse a marcha, sem a decisão e energia de que carecia a Corôa.

A execução leal da lei de 28 de setembro de 1885 não conseguiu sopitar as aspirações ardentes dos abolicionistas e gerar um pouco de calma, empenhado como parecia o Throno em dar arrhas de seu liberalismo e sentimentos democraticos.

As arruaças correram o chefe de policia da Côrte e não seria para admirar, como vaticinara o presidente do Conselho a Princeza Regente, que dentro em breve subissem triumphantes até ao apice do edificio constitucional.

A questão militar, da qual uma feita tinha sahido o gabinete *arranhado* na dignidade, por se lhe haver dado desazadamente o caracter de questão de partido, determinou enfim, como causa apparente, a queda do Ministerio, que já se sentia sem o bafejo imperial de que havia mister para affrontar os elementos que saçudiam a nação em torno da escravaria.

Representou papel saliente na diplomacia.

Sua missão no Rio da Prata — *coup d'état*, como lhe chamou Nabuco — teve um alcance excepcional, tão extraordinario e inesperado, que o proprio governo brasileiro só veio reconhecê-lo mais tarde, após haver tergiversado, prestando ouvidos aos fermitos de fingida indignação da chancellaria argentina.

Partindo para ajustar em companhia dos alliados platinos o tratado de paz com a republica do Paraguay, commissão que o Visconde de Rio-Branco interrompera para formar o Ministerio de 7 de março de 1871, no qual tinha recusado a pasta da Fazenda que lhe offerecera o presidente do Conselho, logrou alcançar, logo ás primeiras conferencias de Assumpção, o intento da Argentina e as disposições em que se achava a nação vencida.

O plenipotenciario argentino, dr. Manoel Quintana, propoz, em fórma de preliminar, que triplice alliança garantisse os limites dos terrenos occupados de facto por seu paiz, independente de qualquer tratado. Assenhoreava-se assim a Argentina do Chaco e da Villa Occidental, disfarçando com a complacencia do Brasil a conquista de grande extensão de territorio paraguay.

A resistencia do diplomata brasileiro a semelhante alicantina foi em tal maneira energica, que o dr. Quintana se viu forçado a interromper as negociações, a principio provisoriamente, sob pretexto de pedir instruções ao seu governo, depois em definitiva, para transferil-as para Buenos-Aires.

Cotegipe assegurou então, sem o prasme e interferencia da astuciosa aliada, o tratado de paz com o Paraguay, bem como os que se impunham pela cessação da guerra, — triumpho esplendido, que alvorçou sobremaneira os animos argentinos.

Este acto do representante brasileiro, a attitude vigilante que manteve no negocio das Missões, a habilidade com que firmou a nossa supremacia, crearam-lhe no Rio da Prata uma popularidade que ha de durar como duram as chagas que as derrotas costumam sangrar no orgulho dos vencidos.

O Ministerio João Alfredo (10 de março de 1888) fez votar açodadamente a lei 13 de maio, que Cotegipe combateu, pronunciando no senado, na sessão de 12, um discurso que se tornou celebre, verdadeira mostra

de coragem civica e clarividencia. Não era a voz do escravocrata misturando-se com as flôres e applausos que enchiam o parlamento: era o brado do monarchista que com serenidade de animo enxergava campeando por sobre o entusiasmo e delirio dos homens, inflada pela indifferença de uns e descontentamento de outros, a imagem da Republica; era o alarma do paladino da justiça que não comprehendia a victoria de uma idéa christã alçada sobre o arrebatamento de uma propriedade reconhecida pelas leis e tributada pelo fisco.

O grande politico não era e nem podia ser partidario da escravidão; suas divergencias respeitavam apenas ao modo por que se resolveu o problema do elemento servil. Inimigo do trafico dos africanos, perseguiu-o com successo na presidencia da Bahia; foi delle a idéa de obrigar os senhores à prestação de alimentos aos alforriados invalidos por velhice ou enfermidade; era delle o pensamento de fazer parar o commercio internacional de escravos, para depois removê-los das cidades para o interior e ligal-os á gleba, — o que teria antecipado a emancipação pela distribuição pelo paiz de todos os impulsos e resistencias (5).

Fiel aos principios de seu partido, não desejando reformas senão pelo desenvolvimento pacifico e acção regular dos direitos em vigor, considerando o respeito da propriedade como indício de civilização, esforçou-se por que o senado approvasse um projecto de indemnisação aos senhores de escravos. A chamada lei aurea afigurava-se-lhe antes de tudo um golpe de Estado, prescrevendo, como prescreveu, com menoscabo das garantias constitucionaes, uma desapropriação sem indemnisação prévia.

Baldados, porém, foram seus esforços; ao envez da indemnisação proposta, deram-nos os acontecimentos isso que ahi vai como organização politico-democratica do paiz.

O Barão de Cotegipe não poudo assistir ao levante de 15 da novembro: a morte colheu-o aos 13 de fevereiro de 1889.

Foi advogado, magistrado, deputado provincial, deputado geral, senador, presidente de provincia, ministro varias vezes, presidente do Thesouro Nacional, diplomata em missão especial, provedor da Santa Casa de Misericórdia do Rio, presidente do Banco do Brasil; teve bens de fortuna; occupou as mais elevadas posições do paiz.

Morreu pobre.

Se tivesse vivido mais alguns annos, seria uma figura votada ao recolhimento; difficilmente soffreria os novos moldes da psychologia republicana.

Poupou-lhe a sorte a afflicção de extinguir-se, vendo confirmados seus tristes presagios, e sua patria presa daquelle interesse « que se tornou o dever dos homens e que tem seu templo no universo e seu sanctuario nas republicas ».

Francisco Morato

Piracicaba, outubro de 1906.

(5) *Um Estadista do Imperio.*



JOÃO MAURICIO WANDERLEY

BARÃO DE COTEGIPE — Filho do abastado proprietário capitão-mór João Mauricio Wanderley e de dona Francisca Antonia Wanderley, senhora de uma das mais nobres famílias das margens do S. Francisco, nasceu a 23 de outubro de 1815 na villa, hoje cidade, da Barra do Rio Grande, provincia da Bahia, e falleceu no Rio de Janeiro a 13 de fevereiro de 1889, bacharel em Direito pela Faculdade de Olinda; senador e grande do Imperio; do conselho do Imperador; presidente do Banco do Brasil; administrador geral da Santa Casa de Misericórdia, em cujo cargo fundou na Corte o Instituto Pasteur e o hospicio de N. S. das Dores em Cascadura, para tratamento dos tuberculosos; dignitario da ordem do Cruzeiro; commendador da ordem da Rosa e da ordem portugueza da Conceição de Villa Viçosa; grã-cruz da ordem belga de Leopoldo, da ordem hespanhola de Izabel a Catholica e da ordem da Coroa da Italia; membro do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, etc. Formado em 1837, serviu naquella villa o cargo de curador geral dos orphãos e de juiz municipal e ainda um logar na administração da recebedoria, depois extincta. Dahi visitou a Corte e, voltando à Bahia, foi eleito deputado provincial em 1841 e logo deputado geral em 1842, até ser eleito senador, em 1856, exercendo nesse interim outros cargos de magistratura, como o de juiz dos feitos da Fazenda. Fez parte do gabinete da Fazenda de 1853, occupando a pasta da Marinha e depois a da Fazenda; do gabinete de 16 de julho de 1868, dirigindo aquella pasta e tambem a de Extranjeiros; occupou esta pasta no Ministerio de 25 de junho de 1875, passando a 15 de fevereiro de 1877 para a da Fazenda; organizou o Ministerio de 25 de fevereiro de 1885, encarregando-se dos negocios Extranjeiros durante toda a ausencia do Imperador, por occasião da sua gravissima enfermidade na Europa, até 10 de março de 1888, e serviu como enviado extraordinario e ministro plenipotenciario em missão especial no Rio da Prata, e no Paraguay, para firmar o tratado de paz depois da guerra com esta republica. Foi um dos primeiros estadistas do Brasil, ou, antes, da America; entre nós nenhum teve carreira mais brilhante. Chefe proeminente do partido, a que se filiou desde estudante, renunciou honras, como a de conselheiro de Estado. Tambem ninguem o excedeu na tribuna, onde esmagava com a logica mais robusta, ás vezes adubada com a satyra pungente, emquanto que elle entrava e sahia do combate, sempre calmo, ameno, com o sorriso nos labios. Deu à patria o que podia dar, morrendo pobre, apesar de ser o herdeiro de paes abastados e da riquissima casa do Conde de Passé, seu sogro. E a patria lhe foi reconhecida, chora-o ainda. Com sua morte, ficou ella como que mutilada; desapareceu uma parte importante della. A nova terrivel da sua morte abateu de subito o moral da nação, que chorou, coberta de crepe, a magua de uma viuvez eterna. De todos os pontos do Brasil e até do extrangeiro, irrompia a dor causada pela perda de um grande espirito. Os que quizerem melhor apreciar o vulto de que se trata podem ver o que publicaram as folhas da occasião. Escreveu muitos relatorios, durante sua longa vida administrativa e parlamentar, dos quaes o primeiro foi a

Fala que recitou o Ex.^{mo} presidente da Bahia, etc. Bahia, 1853, in-4º — e o ultimo

— *Relatorio* apresentado á assembléa geral pelo ministro e secretario de estado dos negocios Extranjeiros, etc., Rio de Janeiro, 1886, in-fol. — Escreveu mais:

— *Les negociations avec le Paraguay et la note du gouvernement argentin* du 27 avril: lettre adressée à mr. Manoel Francisco Corrêa. Rio de Janeiro, 1872, in-4º — No mesmo anno em que se publicava este escripto na typ. Villeneuve & Comp., era tambem publicado, em portuguez, na Bahia, typ. Constitucional, 41 pags. in-4º.

— *Apontamentos* sobre os limites do Brasil e a Republica Argentina. Rio de Janeiro, 1882. 164 pags. in-4º, com appendice.

— *Discursos* pronunciados (no senado) nas sessões de 22 e 25 de julho de 1867. Rio de Janeiro, 1867, in-4º.

— *Discurso* proferido na camara dos srs. deputados em resposta ao sr. conselheiro Alencar. Bahia, 1870, 21 pags. in-4º gr.

— *Discurso* pronunciado (no senado) na sessão de 18 de fevereiro de 1879. Bahia, 1879, 45 pags. in-4º.

— *Relações* internacionaes do Brasil com as Republicas do Prata: discurso proferido na sessão do senado de 23 de julho de 1875. Rio de Janeiro, 1875, in-4º.

— *Discussão do voto de graças*; Tratado de Assumpção; Reforma eleitoral: discursos proferidos no senado. Rio de Janeiro, 1873, in-4º.

— *Emissão do papel-moeda*: discurso proferido no senado, na sessão de 30 de junho de 1879. Rio de Janeiro, typ. Nacional, 1879, in-4º — No mesmo anno publicou-se na Bahia, typ. da *Gazeta de Noticias*, in-4º.

— *Mesa de rendas* allandegadas de Pelotas e tarifa especial do Rio Grande do Sul: discursos pronunciados no senado nas sessões de 18 de setembro e 5 de outubro de 1880. Rio de Janeiro, 1880, in-8º.

— *Reclamação* Waring Brothers: discurso pronunciado em resposta a uma interpeação do deputado Matta Machado. Rio de Janeiro, 1886, in-8º.

— *Fuga de escravos* em Campinas: discursos pronunciados no senado nas sessões de 13, 14, 16, 17, 19 e 23 de setembro de 1887. Rio de Janeiro, 1887, in-8º.

— *Orçamento dos extrangeiros*: discursos pronunciados na camara dos srs. deputados. Rio de Janeiro, 1887, in-8º — São dous discursos que neste mesmo anno tiveram nova edição, incorporados a outros do senador Alfonso Celso, depois Visconde de Ouro Preto.

— *A questão militar*: Discursos pronunciados nas duas casas do parlamento. Rio de Janeiro, 1887 — Foram reimpressos no mesmo anno, com outros do Visconde de Pelotas, do conselheiro Saraiva, do conselheiro Octaviano, do conselheiro Alfonso Celso e do conselheiro Silveira Martins, sendo ambas as edições da Imprensa Nacional.

— *Tribunal arbitral*, estabelecido em Santiago do Chile: discursos pronunciados no senado nas sessões de 8, 12 e 13 de julho de 1887. Rio de Janeiro, 1887.

— *Projecto de indemnisação* aos possuidores de escravos: discursos pronunciados no senado nas sessões de 19 de julho, 10, 12, 14 e 17 de julho de 1888. Rio de Janeiro, 1888.

— *Melhoramento* do fabrico de assucar. Descripção do aparelho de fabricar assucar, assentado no seu en-



genho Jacuacanga, na Bahia — Foi lido pelo auctor no imperial instituto fluminense de agricultura e publicado no *Auxiliador da Industria Nacional*, n. 9, de setembro de 1867, pag. 369 e seguintes.

— *Informações* sobre o estado da lavoura. Rio de Janeiro, 1874, in-fol. — Neste livro ha do Barão de Cotegipe: parecer apresentado; impostos geraes, provinciaes e municipaes e sua influencia sobre a agricultura; parecer da commissão central, tambem da penna do Barão de Cotegipe, seu presidente, de pag. 27 a 72, com varios quadros demonstrativos. — Sei que o Barão de Cotegipe deixou manuscripto, pelo menos, um trabalho sobre a

— *Revolução da Bahia de 1837* — Sei disto pelo que disse o presidente do Instituto Historico e consta da acta da sessão de 1.º de março de 1889: «A me-

moria da revolução bahiana, lida aqui pelo nosso conspicio consocio dr. Sacramento Blake, continha, a seu ver, muitas apreciações inexactas... Protestou, pois, contra as inexactidões e prometeu restabelecer a verdade dos factos. Viu-se por muito tempo o nobre Barão frequentando as nossas bibliothecas e archivos; mas a morte o conteve em tão justa missão, privando esse periodo da historia brasileira de tantas luzes.» Entre os muitos actos de sua vida administrativa, citarei ao acaso o

— *Regulamento* da intendencia da marinha. Decreto n. 4361, de 15 de maio de 1869. Rio de Janeiro, 1869, in-8o.

DICCIONARIO BIBLIOGRAPHICO BRASILEIRO

Sacramento Blake

O SEGUNDO REINADO (9)

(Continuação)

A IMPRENSA inteira deu noticia deste passo do chefe do Estado e applaudiu-o calorosamente.

«Como imperador, D. Pedro II tinha o usufructo de certo numero de escravos, chamados escravos da nação. Considerava-os antes protegidos do que escravos. Recebiam salario do seu trabalho. Ellos ou seus filhos frequentavam as escolas fundadas pelo Imperador e ahi recebiam a instrucção primaria e religiosa.

«Quanto aos escravos de dominio particular, dos quaes podia dispôr livremente, deu-lhes, sem excepção, liberdade.

«Durante a guerra do Paraguay, favoreceu a libertação dos escravos que desejavam entrar no exercito.

«Em sua propriedade de Santa Cruz, perto do Rio de Janeiro, encarregou-se da educação de muitos filhos destes libertos que partiam para a guerra, e libertou á sua custa as mulheres e os filhos destes defensores da patria.»

Estes factos todos nós conhecemos. Mas a verdade, proclamada por um estrangeiro, filho de um paiz republicano, tem um character de insuspeição e de imparcialidade incontestaveis.

Inda ninguem esqueceu, além disto, as palavras do Imperador, quando a camara municipal, não ha muitos annos, festejando o anniversario natalicio da Monarchia, deu, por esta occasião, algumas cartas de liberdade.

Ninguem esqueceu tambem a ultima viagem do Imperador a São Paulo, sob o Ministerio Cotegipe, e as palavras significativas que, por mais de uma vez, pronunciou, manifestando as suas convicções emancipadoras e traduzindo o seu interesse condoido pelos infelizes escravos que encontrava nas cadeias.

Não foi apenas como homem que o sr. D. Pedro II esforçou-se em favor dos captivos.

Desde 1865 fez sentir sempre aos seus ministros a necessidade de cuidarem no grande problema, que devia ser resolvido, com prudencia, pela emancipação gradual.

A sinceridade de sua opinião demonstrou, pelo acohlimento que deu, em janeiro de 1866, aos projectos do conselheiro Pimenta Bueno, que foram logo apresentados ao Marquez de Olinda, então presidente do

Conselho, para serem submettidos ao conselho de Estado.

A opposição do Marquez de Olinda á reforma e a opinião dos conselheiros de Estado Souza Franco e Sapucahy, allegando que, enquanto durasse a guerra do Paraguay, não era conveniente tratar dessa questão, adiaram a solução do problema.

Zacharias de Góes e Vasconcellos, presidente do Gabinete de 3 de agosto de 66, não tinha contra a reforma as prevenções do Marquez de Olinda.

Em 67 os projectos de Pimenta Bueno foram discutidos pelo Conselho de Estado.

Mas a maioria do Conselho de Estado, bem que accceitasse as idéas de Pimenta Bueno, com excepção da emancipação total para 1899, lembrou ainda que, só depois de feita a paz com o Paraguay, o governo deveria apresentar o projecto.

Terminada a guerra, o Ministerio que então governava oppoz-se á reforma.

O Ministerio S. Vicente não pode encaminhar a reforma, que foi feita, como se sabe, pelo Gabinete de 7 de março, presidido pelo Visconde do Rio-Branco, depois de fortissima lucta, em que este homem, defendendo a reforma contra uma opposição grande pelo numero e maior ainda pela tenacidade e pelo talento, revelou-se superior estadista e orador consummado.

O Imperador estava na Alexandria, quando teve a noticia de que fóra votada a lei de 28 de setembro de 71, libertando os filhos das escravas: o seu jubilo foi extraordinario.

Cerceada pela repressão do trafico e pela libertação dos nascituros, a escravidão terminaria pela acção natural do tempo e da morte.

Mas uma legitima e patriótica anciedade não permittiu que entregassemos a estes dous factores cegos da abolição a solução do grande problema.

Em 1879 abriu-se a campanha memoravel do abolicionismo, que só terminou a 13 de maio de 1888.

Em 1880 fundava-se a *Sociedade Brasileira contra a Escravidão*; multiplicaram-se em todos os pontos do Imperio, não só nas capitães, mas no interior das provincias, clubs abolicionistas.

A lucta foi tenaz, porém a propaganda abolicionista manteve-se geralmente moderada, suffocando

muitas vezes as expansões dos mais legítimos sentimentos.

A idéa abolicionista teve no Ministerio de 6 de junho o seu mais legítimo representante no governo.

Organizado em 84, e tendo por presidente do Conselho o sr. Conselheiro Dantas, arvorou em programma o projecto de 15 de julho, apresentado na câmara dos deputados pelo sr. conselheiro Rodolpho Dantas.

A idéa capital do projecto era a libertação dos sexagenários, *sem indemnisação*.

Era o golpe mais forte que no momento um governo podia desfechar em uma instituição que não podia ser eliminada de um traço.

O projecto de 15 de julho tinha este grande alcance: libertando sem indemnisação, desconhecida a legitimidade da propriedade escrava; emancipando os sexagenários, arrancava não só ao captivoiro os que effectivamente tinham atingido esta idade, mas também um grande numero de africanos que, importados clandestinamente depois da abolição do trafico, tiveram na matricula augmento de idade; foi o recurso que a especulação inventou para mascarar a fraude.

Os interessados na perpetuação do captivoiro sentiram a gravidade da situação, e dahi a queda do Ministerio, combatido no atalho de uma moção de desconfiança, a celebre *moção das vaías*, não em batalha campal, no terreno dos principios.

Mas o espirito que animava o Gabinete de 6 de junho impoz aos Ministerios que lhe succederam a necessidade de cuidar da questão, que foi finalmente resolvida pelo Ministerio 10 de março, presidido pelo honrado sr. conselheiro João Alfredo, em grande parte também pelo desanimo dos fazendeiros, que alforriavam em massa, no intuito de prender os libertos ás fazendas pela gratidão; pela fuga dos captivos, animados pelos propagandistas; pela recusa do exercito em obedecer á ordem de tolher o exodo dos escravos; pelo acoutamento exercido em larga escala, com a maior publicidade, como protesto á lei votada; pela abolição da pena de açoites, infringida aos captivos.

A noticia da promulgação da lei de 13 de maio, como a da lei de 71, surpreendeu o Monarcha no estrangeiro; mas esta vez a grata nova ia, pôde-se dizer, encontrar um moribundo. Já os soccorros da religião o tinham preparado para o lance final.

Dir-se-ia que o destino só esperava que soasse o ultimo momento do captivoiro para extinguir a vida do Monarcha. Os que o cercavam hesitavam em communicar-lhe o grande successo.

Temiam que a emoção lhe apressasse a morte e que a vida se desprendesse pelo arranco desse coração sobresaltado pelo jubilo e quebrado pela enfermidade. Mas reflectiram também que seria crueldade verem-no partir da vida ignorando o acontecimento que o encheu de tantas esperanças e de tantas apprehensões. Esta noticia viria (quem sabe?) illuminar as sombras de sua agonia, dar-lhe, antes do sonno que não acaba, a santa alegria de um grande sonho realiado.

Roubavam-lhe talvez algumas horas de vida, se se pôde chamar assim a estes momentos em que se percebe a invasão lenta da morte. Mas quem não trocaria a prolongação desta angustia pelo abalo subito, pelo jubilo fulminante que terminasse tudo isso?

Demais, já envolvido por esse mysterioso crepusculo, sem enxergar talvez os que o cercavam, sem saber que mãos apertavam mais as suas, sem perceber por entre o nevoeiro da morte os olhos que orvalhavam de lagrimas as suas barbas brancas — procurasse em vão a filha e a patria, ambas distantes,

mas ambas voltadas também para esse leito de agonisante, ambas agitadas por emoções contrarias, prevendo que um grande infortunio viria ennovoar um grande triumpho; que a dôr e o regosijo se irmanariam pelos mesmos prantos, sem que se distinguissem os que deviam cahir na cova do captivoiro ou no fereiro do rei.

Era mais consolador e mais humano mostrar-lhe uma e outra, fraternizando pelos mesmos receios, identificadas pelos mesmos enthusiasmos, envoltas no fulgor, que as transfigurava, da mesma idéa.

E se esta surpresa tivesse o prestigio de uma resurreição!

A sua augusta consorte deu-lhe a noticia.

A vida concentrou-se no olhar do moribundo. «Não ha então mais escravos no Brasil?» E tendo a confirmação do grande facto, accrescentou: «Rendamos graças a Deus; enviem a Izabel a minha benção e as minhas felicitações á nação e ao parlamento».

Seguiu-se um silencio e disse: «Oh! grande povo, grande povo!» E as lagrimas sagraram a sinceridade desta emoção.

A historia do reinado de D. Pedro II é a historia do Brasil de 1840 a 1889: tanto se identificavam o coração da patria e do povo, a vontade do rei e a dos seus subditos.

Não ha um acontecimento notavel, neste periodo, a que seja alheia a influencia benéfica do Imperador.

A ordem publica restabelecida, fortalecida a união do Imperio, pacificados os animos mais hostis, suffocados os assomos de rebellião, quer pela energia em combater os rebeldes, quer pela magnanimidade em perdoal-os, após a victoria da legalidade, o Imperador, depois de ser a paz, foi a civilisação.

Entretanto, todas as vzes que o brio nacional offendido reagiu, o Imperador inspirava-se nos mesmos sentimentos de sua patria.

E altamente expressiva a sua attitude durante a guerra do Paraguay, por occasião do *bill* Aberdeen, e da questão Christie.

Personagem notavel na revolução franceza propoz a morte de Luiz XVI, *sem phrases*.

A historia, para glorificar D. Pedro II, pôde adoptar o laconismo de que serviu-se Siéyes.

Em frente ás audacias da industria negreira e aos conselhos dos que lhe lembraram a conveniencia de transigir, por amor á ordem publica, elle soube dizer que *preferia perder a corôa, a consentir na continuação do trafico*.

A mesma firmeza revelou quando lhe aconselharam que tratasse com Solano Lopez, no sentido de terminar a guerra do Paraguay.

A sua energia não era, entretanto, inconciliavel com a extrema bondade.

A caridade e a benevolencia foram duas grandes virtudes deste rei.

O palacio em que residia tinha em certos dias o aspecto desses conventos sitiados pela pobreza. Grande parte dos seus vencimentos consumiam-se em esmolas.

E destas audiencias de caridade ninguem sahia desesperançado.

O lar do rei era tão accessivel aos necessitados, quanto o de qualquer dos seus subditos.

A viuvez, a orphanidade, as familias desamparadas dos servidores do Estado, o talento desprotegido não batiam em vão á sua porta.

Não será difficil nomear os homens de sciencia, os homens de letras, que foram conduzidos por essa mão benéfica.



E quando -- o que succedeu não raras vezes -- o esquecimento destes beneficios era a unica retribuição de tamanha generosidade, uma queixa sequer não partia do protector desinteressado, que tinha o espirito sufficiente para conhecer os homens e o coração muito grande para não desprezal-os. Se o remorso não pungia os ingratos, elles ficavam impunes, porque nem a mais ligeira recriminação lembrava-lhes o favor esquecido.

Subindo ao throno num periodo agitado, amnistiou todos os rebeldes. Não pesa sobre o seu nome, não mancha a sua memoria nenhuma dessas violencias que ás vezes ás circumstancias justificam.

A sua philanthropia corrigiu sempre a dureza do Codigo Penal: a pena de morte, marcada na lei, depois de certa época nunca mais foi auctorisada pelo Monarcha.

Quando, ultimamente, a 16 de julho de 1889, um desvaírado attentou contra a sua existencia, ninguém duvidou sequer da magnanimidade de sua alma e da infallibilidade do seu perdão.

A propaganda republicana contou sempre com a sua tolerancia sem limites. Ninguém apontará um facto sequer que desmintá esta serenidade inalteravel, deante das aggressões mais injustas, que ás vezes indicavam mais o desrespeito por uma auctoridade que, sabiam todos, não toleraria a menor reacção, do que a sinceridade de crenças politicas radicaes.

A imprensa, durante o seu reinado, nunca teve peias. Basta dizer que, no mais acceso da guerra do Paraguay, um jornalista francez na capital do Imperio apoiava Lopez e ridicularisava até pela caricatura generaes brasileiros, sem que a publicação da folha fosse interrompida.

Ha facto que demonstre mais irrecusavelmente a tolerancia superior do seu espirito do que o appello que, mais de uma vez, lhe dirigiram os partidos perse-

guidos pelos adversarios, e que, entretanto, não lhe pouparam censuras e offensas?

As queixas que chegavam até ao seu throno não eram baldamente formuladas.

A sua pasmosa actividade permittia-lhe ouvir os perseguidos que lhe pediam protecção e ler nos jornaes os protestos dos descontentes contra o governo.

De pontos extremos do Imperio, de localidades longinquas vinham foragidos invocar o seu auxilio: os partidos em opposição voltavam-se para elle. As victimas de violencias policiaes, de arbitrariedades de mandões de aldeia, de sentenças iniquas, ou pela imprensa, em artigos sob a conhecida rubrica -- *A Sua Magestade o Imperador*, ou verbalmente, appellavam para a sua justiça, que nunca negou a ninguém.

Esta vigilancia phenomenal, esta solitudine indefinivel com que procurava conhecer até ás mais intimas particularidades os negocios publicos, eram o amparo dos fracos e a confiança dos desanimados.

Não via no povo apenas a massa amorpha, em que as parcelas se confundem e se annullam na somma total.

Além, buscava enxergar no todo o detalhe das physionomias e a vida dos individuos.

Sabia a historia do paiz e a historia de muitos dos seus subditos.

A sua retentiva admiravel era o mais prodigioso dos dictionarios biographicos. E esta sciencia não era uma simples curiosidade, uma bisbilhotice banal. Tinha na memoria o processo do seu tempo e olheava-o com o interesse de um juiz integerrimo.

Conhecia muitos dos seus compatriotas melhor do que os proprios visinhos cu affieçados; e quanto esta miraculosa memoria não prestou de relevantes serviços á moralidade do governo e á dignidade da patria!

(Continua)



1. — Cala-te, amor de mãe! quando o inimigo
Pisa da nossa terra o chão sagrado,
Amor da patria, vivido, elevado,
Só tu na solidão serás conmigo!

3. — És o setimo, o ultimo. Minb'alma
Vai toda ahí, comvosco repartida,
E eu dou-a de olhos secos, fria e calma.

2. — O dever é maior do que o perigo;
Pede-te a patria, cidadão honrado;
Vae, meu filho, e nas lides do soldado
Minha lembrança viverá contigo!

4. — Oh! não te assuste o horror da marcia lida;
Collie no vasto campo a melhor palma;
Ou morte honrada ou gloriosa vida.

MANOEL DEODORO DA FONSECA, SEUS IRMÃOS E SUA PROGENITURA, POR
OCCASÃO DA GUERRA DO PARAGUAY

Desenho de Henrique Fleiuss, publicado em o n. 245 da *Semana Illustrada*, de 20 de agosto de 1865.

UMA FABULA

Ha nas fabulas de La Fontaine uma que sempre me deu que pensar: a 7.ª do livro 8.º, a qual tem por titulo — *Le chien qui porte à son cou le diner de son maître*. Póde ser que entre os leitores haja quem della se não lembre, e por isto peço vènia para aqui reproduzi-la, e em vernaculo, servindo-me da excellent traduçãõ do sr. Barão de Paranapiacaba. Diz assim:

Não temos os olhos á prova das bellas
E as mãos ás do ouro,
Bem poucos demonstram fiel vigilancia
Guardando um thesouro.

Certo cão que do dono á morada
Levava o jantar,
Do paneiro que tudo continha
Fizera um collar.

Reprimindo ante os finos manjares
Fatal tentaçãõ,
Comedido, inda além da vontade,
Mostrava-se o cão.

Nós, tentados dos bens que avistamos,
Gosal-os queremos.
Podem cães aprender temperança
E nós não podemos!

Indo o cão dessa fórma enfeitado,
Encontra um rafeiro,
Este o passo lhe embarga, e pretende
Tomar-lhe o paneiro.

Mas não foi a tarefa tão facil
Qual tinha julgado;
Pois o cão larga o peso que tinha
No collo enfiado.

Já liberto da carga, podia
Melhor defendel-a;
Travam briga e outros cães acudindo
Vêm mais accendel-a.

Esses cães vagabundos das praças,
Que afrontam pancadas,
Vivem só de migalhas e cousas
A' rua lançadas.

Nosso cão triumphar não podia
Do bando inimigo,
E, sabendo que á carne ameaça
Terrivel perigo,

Quer tambem seu quinhão e, com timo,
Assim lhes responde:
« Só desejo tirar o meu naco;
Do resto disponde. »

Assim fala, e primeiro que os outros
Arranca um pedaço;
E aos mastins e á ralé vira-espeto
Após cede o passo.

Cada qual, á porfia, no boló
Com gana tomou
Regabofé completo! O paneiro
Vasio ficou.

Ahi está a narrativa do inimitavel
fabulista. O resto é a moralidade, que
de proposito não transcrevo, pois de-
sejo que por si mesmos a tirem os
leitores, palestrando commigo.

A questãõ que logo se impõe é
esta: Procedeu bem o cão do apolo-
go? Acaso em alguma cousa prejudi-
cou ao dono da comida, que infalli-
velmente estava a ser devorada pelos
vagabundos? Não haveria para o ani-
mal uma especie de *prescripção histo-
rica* que, desobrigando-o de penosa
fidelidade, até certo ponto o autorisa-
va a tambem metter o focinho na ca-
çarola?

La Fontaine, moralizando, não foi
feliz. Elle applica o conto a uma edi-
lidade, o que tanto vale como ames-
quinhar o assumpto, e até deixa de
ser verdadeiro nos paizes onde o ele-
mento municipal já perdeu toda impor-
tancia, passando esta ás mãos de au-
tocratas de nomeaçãõ da tyrannia cen-
tral. Mais geral e proveitosa é a liçãõ
que se póde colher da engenhosa fa-
bula, que abrange todas as deserções
da cobiça, desde que, durante certo
praso, tenha pago homenagem á ine-
luctavel Desgraça.

O problema moral, pois, em toda a
sua generalidade, assim se deve for-
mular: — E' licito a quem defenda
alguma cousa contra indebitas e cri-
minosas investidas, tambem fazer parte
do grupo dos salteantes e com elles
participar do saque, quando perdido
tenha a esperança de a defender com
bom exito? Deve a resistencia apenas
medir-se pelas probabilidades do trium-
pho? E' compativel com a honra, com
a propria dignidade, essa fraternisaçãõ
com os adversarios, não por força de
um convencimento, mas pelo atractivo
do despojo?

Aqui começam as opiniões a divi-
dir-se... Chamiorit acha difficil censurar
o procedimento do cão, simples ani-
mal; mas logo salva os principios,
declarando insustentavel e immoral o
acto desse ladrão, que em desespero
de victoria seguiu o exemplo dos
outros.

A causa desta differença (observa
o traductor brasileiro) provém de que,
não sendo o cão obrigado a mostrar-
se moral, é admirado por seu instincto,
de que faz aqui excellent uso. Quan-
to ao homem, sendo obrigado a pôr
moralidade em todas as suas acções,
cessa de fazer bom uso de sua razão,
quando estas acções não são moraes.»

Eis explicado tudo, e até mesmo
não era preciso explicar, pois só para
o homem e não para os cães se es-
crevem apologos; nem verdadeiramente
ha uma moral humana e outra canina.
Entretanto, e com a lealdade de que
nunca me aparto na exposiçãõ de
pontos literarios e philosophicos, obri-
gado me considero a assignalar quemem
por todos é adoptada a moral humana,
e até mesmo já se me affigura que
em nossa terra e em nossos tempos
muito mais sulfragada é a outra.

Sendo ella toda feita de transigen-
cia, claro está que ha de sorrir aos
espiritos dubios, naturalmente propen-
sos a pactuar com o triumpho, fabri-
cantes de apotheoses e, em contrapo-
siçãõ, assás dispostos ao menor cãbo
das virtudes estoicas e soffreras.

Almas assim conformadas não com-
prehendem a obrigaçãõ de uma vida
inteira junto ás aras de um ideal.
Resistem no começo aguardando soc-
corro; exploram com olhar ansioso os
recantos do horizonte, e um bello dia,
esmorecida a esperança, e anteendo
as angustias porvindouras, cil-as que
inopinadas se bandeiam, tambem re-
clamando um quinhão da cousa pub-
lica:

« Só desejo tirar o meu naco;
Do resto disponde. »

Em primeiro lugar, dos que appro-
vam tal ordem de idéas, consta que
um, e assás importante, é o nobre
presidente eleito da Republica. Segun-
do telegrammas, talvez precipitados e
indiscretos, o illustre itinerante appro-
va muito a *prescripção historica* e,
portanto, a moral do cão de La Fon-
taine. Ora, como pelo exemplo do rei
se compõe o universo, segundo já

disse um latino, incalculavel é o valor
do apoio que a tal maneira de pensar
veiu trazer o telegramma. O sr. dr.
Alfonso Penna, nisto, como no mais,
não é um simples homem, mas uma
philosophia ambulante.

Publicou-se em França, alli por 1815,
um livrinho singular, e cuja idéa eu
não duvidaria aproveitar para a nossa
terra, se não fôra o receio de haver
de fazel-o extremamente volumoso. E'
um *Diccionario das Ventoinhas*, isto
é, dos homens politicos e de letras
que, segundo as occasiões, vão mu-
dando de opinião, para tomarem parte
no publico regabole. Vale a pena citar
por inteiro o titulo dessa obra tão
instructiva: « *Dictionnaire des girou-
ettes*, ou nos contemporains peints
d'après eux-mêmes; ouvrage dans
lequel sont rapportés les discours, pro-
clamations, chansons, extraits d'ouvra-
ges écrits sous les gouvernements qui
ont eu lieu en France, depuis vingti-
cinq ans; et les places, favours et
titres qu'ont obtenu dans les diffé-
rentes circonstances les hommes d'Et-
at, gens de lettres, généraux, artistes,
sénateurs, etc. — Paris, Alexis Eymery,
1815 ».

Cada evolução de um desses figu-
rões é, no diccionario, designada com
uma ventoinha. Os documentos são
concisos, mas eloquentes. No fim de
contas, é um desfile de caninos, mais
ou menos evolucionistas.

O que bem se deveria discutir é o
tempo da prescripção. Sim, porque
afinal grandes perigos offerce a inde-
terminaçãõ em tal ponto. Elle não
póde ficar ao arbitrio e capricho de
cada um. Do contrario, grandes absur-
dos se poderiam seguir, e ao soldado,
por exemplo, no campo da batalha,
não se poderia exprobrar a deserção,
desde que no seu entender tudo esti-
vesse perdido para a causa que até
alli defendera. — Já paguei (diria elle)
o meu tributo á Desgraça, e tempo é
de me passar para o inimigo. Inactivo
e improductivo e que não posso
ficar, com a minha immensa bravura
e a minha inexcedivel pericia...

O praso de dez annos parece, se-
gundo as ultimas noticias, respeitavel-
mente fixado para a evoluçãõ da fide-
lidade politica; mas nem tanto esperou
o illustre presidente eleito, cuja opinião
nesta matrcia tem, além da valia do
seu alto cargo, toda a força dimanante
de uma experiencia bem feita.

Entre os Hebreus, com a solenni-
dade do jubileu, de meio em meio
seculo grandes alterações se effectua-
vam, remetendo-se as dividas, liber-
tando-se os escravos, etc., etc. Alguma
cousa de semelhante entre nós assim
se poderia ajustar, em praso muito
menor, claro está. Realmente, é doloro-
so imaginar-se que, se amanhã viesse a
Monarchia (o que não supponho menos
inverosimil do que o era a proclama-
çãõ da Republica na tarde de 14 de
novembro), se tal succedera, repito,
ainda houvessemos de esperar dez
annos para que certos espiritos de
eleiçãõ e adamantinos caracteres se
resolvessem a consummar a sua evo-
luçãõ, aguardando a prescripção da
historia!

Algumas semanas, entre nós, creio
que bastariam. Rapidos, para merecerem
applausos, cumpre que sejam os
lances da prestidigitaçãõ. Desse modo
brandamente se evitariam as luctas da
consciencia, as exprobrações dos aban-
donados e as evasivas da incoheren-
cia apanhada em flagiante. Cada qual
já saberia que só pudera contar com
os amigos durante tantos dias. Termi-

nado o praso, sobrevinha a prescrip-
ção e estavam rotos os vinculos mo-
raes, por melhor que os houvesse
formado a solidariedade e a boa-fé.

Na vespera desse dia, o do vencimen-
to do praso, estariam todos de
relogio em punho, contando os minu-
tos que faltassem para a extincção de
suas crenças e opiniões. Batia a hora,
e livre ao monarchista ficaria o cami-
nho para a republica, ou *vice-versa*.
Que allivio para os evolucionistas!

No meio de tudo isto, eu só receio
uma opinião valiosa, e muito contra-
ria á moral, ora triumphante, do ca-
chorro da fabula. Quero falar do sr.
dr. Joaquim Nabuco, não o illustre
embaixador, mas outro de equal nome,
e que ha poucos annos preconizava o
monarchismo em termos que não ad-
mittiam transigencias.

Eu lastimo (dizia s. exa.) a atti-
tude suicida da actual geraçãõ, arras-
tada por uma allucinaçãõ verbal — a de
uma palavra — *republica* — desacredi-
tada perante o mundo inteiro, quando
a accompanha o qualificativo *sul-americana*. » (Prefacio do *Agradecimento aos pernambucanos*, pag. 3.)

Este evidentemente não é o mesmo
Nabuco que, a confabular com Affonso
Penna, lhe houvera falado na unifi-
caçãõ republicana da America.

Mas, dado que o mesmo seja, todo
se explica, se não á luz da moral, ao
menos na penumbra do apologo:

« Point de courroux, messieurs, mon lapin
me suffit:
Faites votre profit du reste... »

CARLOS DE LAET



Barão de Cotegipe

O *cliech* que damos hoje na primeira
pagina é reproduçãõ da ultima photo-
graphia do illustre brasileiro.



POETAS PORTUGUEZES

HONESTA!

Foi rude, senhora, o choque.
Foi segura a punhalada!
Nem melhor vibrára o estoque
Um assassino de estrada!

Aborreçera-lhe a farça
Do casto amor das amantes
E partiu, de cõma esparsa,
Na choréa das bacchantes!

Eu já presentira a sorte
De uma vida sem bonança,
E lia, cliecio de morte,
O *lasciate ogni speranza!*

Vira nas dobras da stringe
Da vestal de ethérea chamma
A nodoa, que o vicio tinge
Da cõr impura da lama!

E, nesse penar immenso,
Inda vivia nutante,
Como o naufrago suspenso
Duma palha fluctuante:

Agora, nem vejo os traços
Do temporal desabrido:
Sõmente me fere a espaços
O fíbil som dum gemido.

Foi como a visãõ das plagas,
Que o mar desenha na espuma:
A lucta de imagens vagas
Que se dissolvem na bruma!

JOÃO PENHA

BARÃO DE LORETO

Fomos dolorosamente surprehendidos com a noticia do fallecimento, no Rio, a 28 do mez proximo findo, do illustre brasileiro cujo nome encima estas linhas.

O dr. Franklin Americo de Menezes Doria, Barão de Loreto, era natural da ilha dos Frades, termo da comarca de Itaparica, na Bahia, onde nasceu a 12 de julho de 1836, sendo seus paes o sr. José Ignacio de Menezes Doria e a exma. sra. D. Agueda Clementina de Menezes Doria.

Bacharel em Direito pela Faculdade do Recife; do conselho do Imperador; veador da Casa Imperial; commendador da ordem da Rosa; grã-cruz da real ordem prussiana da Águia Vermelha; professor jubilado do Collegio de Pedro II; membro do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros; da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro; do Instituto Historico e Geographico Brasileiro; da Academia Brasileira de Letras, onde occupava a cadeira *Junqueira Freire*, etc.

Occupou a promotoria publica da comarca da Cachoeira (Bahia), da qual depois foi juiz de direito, e exerceu mais tarde o cargo de chefe de policia de sua provincia.

Presidiu as provincias do Piahy, Maranhão e Pernambuco; fez parte do Gabinete de 28 de março de 1880, occupando a pasta da Guerra, em substituição do Visconde de Pelotas, bem como do ultimo Gabinete da Monarchia (7 de junho de 1889), com a pasta do Imperio.

No Parlamento Brasileiro, representou Piahy na legislatura de 1877 a 1880, dissolvida no segundo anno de sua installação, e nas seguintes.

Prosador festejado e poeta distincto, deixa, entre outros, os seguintes trabalhos: *Endeios* (poesias, 1859); *Estudo sobre Luiz José Junqueira Freire* (Paris, 1868); *Cantico* commemorativo da guerra do Paraguay (Rio, 1870); *Evangelina*, de Longfellow, traducção do original inglez (Rio, 1874); *These de concurso* (1878); *Questões judicarias* (1881); *A instrução a cargo da União e da Municipalidade do Districto Federal* (monographia publicada na *Decada republicana*).

O Barão de Loreto conservou-se sempre fiel ás suas crenças monarchistas e, afastado da vida politica desde o golpe de 1889, consagrava-se ultimamente á advocacia, ao magisterio e ao cultivo das letras. Com sua exma. esposa, acompanhou a Família Imperial na viagem para o exilio.

Intelligencia brilhante e caracter purissimo, tinha o illustre patricio a exornal-o tambem as mais preciosas qualidades de coração, e sua morte, se abre um vacuo imprehenivel no seio de sua familia, deixa, por outro lado, conserndadissimos todos quantos o conheceram.

Lamentando sinceramente o golpe que acaba de ferir a exma. Baroneza de Loreto, associamo-nos á sua immensa dor.

26 de julho

A independencia do Brasil tem uma historia, por assim dizer, de hontem; poucas gerações se succederam depois deste acontecimento glorioso para o povo brasileiro. Mas, como se verifica em todos os tempos e em todos

os paizes, não se escreve immediatamente a historia; então a tradição oral vai transmittindo de uma a outra geração os successos.

E' da natureza da tradição alterar os factos, ou explical-os conforme a inspiração do narrador, ou do sentimento, das idéas e dos interesses do momento.

Quando essa historia for escripta com a critica minuciosa e esclarecida, a verdade fulgirá em sua plenitude.

Acceitemos as narrativas mais ou menos exactas, porque, emfim, ha nellas, se não a verdade historica inteira, ao menos alguns clareões, que illuminem o caminho por onde devemos attingil-as.

O povo brasileiro, tendo por campeão e adherente o Príncipe Regente, proclamou a independencia nacional.

Desde o brado do Ypiranga, o movimento revolucionario não encontrou nenhum obice, nem se travou luta para fazel-o triumphar.

Quem poderia reprimir tal movimento era o Príncipe Regente; ora, elle proprio o promovia e dirigia.

E' por isso que, sem obstaculo, se acclamou o Defensor Perpetuo, o Imperio e o Imperador; decretou-se a convocação da Assembléa Constituinte e Legislativa, que se installou em 3 de maio de 1823.

Mas, em algumas provincias, a proclamação da independencia não se fez com a mesma facilidade que houve no Rio de Janeiro; houve luta pelas armas; houve hesitação; houve mais de uma difficuldade.

Na Bahia, por exemplo, o general Luiz Ignacio Madeira e Mello, que commandava um exercito lusitano, oppoz tenaz resistencia á proclamação da independencia.

A' frente de suas tropas, combateu, durante um anno, em Pirajá, Itacaranha e outros pontos circumvisinhos, os voluntarios brasileiros, em sua maioria bahianos, que pugnavam pela causa sagrada da patria.

Vencida, após renhida luta de um anno, as cohortes lusitans, no dia 2 de julho, o general Madeira, com as reliquias do seu exercito, embarcou em uma esquadra portugueza, fundeada no porto da Bahia, e partiu para o Tejo, conseguindo escapar, não obstante ser perseguido pelos navios brasileiros, sob o commando do almirante Lord Cockrane.

Na provincia do Maranhão, tambem a proclamação da independencia encontrou graves obstaculos; não se fez de improviso, como uma ruidosa e entusiastica manifestação de patriotismo, qual se deu no Rio de Janeiro e em outras provincias, onde o partido portuguez não ponde lutar.

No Maranhão, o povo ardia em enthusiasmo pela independencia; a junta governativa, porém, empregou todos os meios e esforços para mantel-o na obediencia á Metropole portugueza.

O povo maranhense, animado com o exemplo do povo fluminense, incitado pelo da provincia da Parahyba, pelo triumpho glorioso da Bahia na guerra do Madeira e vendo as demonstrações do Ceará e do Piahy, não desaccorçoou, ao contrario, dobrou de audacia.

A junta governativa esperava socorros da Metropole.

No dia 5 de abril mandou prender os patriotas brigadeiro Palmerim, os generacs Paulo da Gama e Antonio Falcão, o commendador Honorio, o procurador Medeiros, o conego Cons-

tantino e outros, que foram enviados para Lisboa, como promotores da independencia.

Os dedicados á causa nacional não recuam. Atacam Itapicuru-mirim, lutam heroicamente. A 19 de junho recebem em suas filicias um dos chefes das forças contrarias.

Esses factos incitaram a junta governativa, que poz a capital sitiada e tomou outras medidas. Toda a provincia se agitava; só Alcantara e Guimarães se conservavam obedientes ao governo portuguez.

O marechal Agostinho de Faria, commandante das tropas portuguezas, manda espingardar o povo.

Inesperadamente chegam ao Maranhão alguns navios da esquadra portugueza de Felix de Campos, que commandava a esquadra da Bahia, a qual transportava o general Madeira.

A junta governativa portugueza cobrara animo com a presença desses navios. Começou a empregar meios de comprimir o movimento dos patriotas brasileiros; eis senão quando surge no porto do Maranhão a não *Pedro I*.

A junta governativa suppuzera auxilio vindo de Portugal, provavelmente porque Lord Cockrane hasteava na não a bandeira portugueza. Esse ardil teve consequencias proveitosas. Lord Cockrane, incitado da impossibilidade de lhe oppor a junta resistencia, dirigiu um officio ao commandante das armas, dizendo que a grande força brasileira sob seu commando lhe assegurava a victoria; apontou o resultado da guerra da Bahia: a retirada do general Madeira. Lord Cockrane ponderava o perigo para os portuguezes, se quizessem lutar com os soldados brasileiros, que vinham desesperados dos combates com as tropas lusitans do general Madeira, na Bahia; concluindo, dizia: « Fica a v. exa. decidir se convem exasperar ainda mais os habitantes desta provincia com uma resistencia que é inutil e prejudicial ao mesmo tempo aos melhores interesses de Portugal. »

A junta governativa accedeu á ponderação do almirante Lord Cockrane, que tomou conta do governo, e o povo maranhense proclamou a independencia: esse feito tem a data de 26 de julho de 1823.

Logo que chegou a noticia ao Rio, o Imperador agraciou o almirante com o titulo de Marquez do Maranhão.

Na Assembléa Constituinte, que então funcionava, proferiram-se varios discursos em honra do almirante, que tão importante serviço acabava de fazer ao Brasil.

Lord Cockrane, que é uma das figuras brilhantes da nossa independencia, nasceu na Inglaterra. Educado por um tio, distincto almirante, tambem serviu na esquadra, onde teve reputação de bravo official. Em 1806 apoderou-se á viva força de uma das fortalezas de Barcelona e em 1809 tomou activa parte na destruição da esquadra franceza.

Foi membro da Camara dos Comuns, Conde de Dundonald. Commandou a marinha do Chile em 1818 e a nossa em 1822, servindo á causa brasileira durante a guerra do Madeira e concorrendo efficazmente para liber-

tar a provincia do Maranhão do jugo lusitano.

O mesmo Lord concorreu para a independencia da Grecia em 1827, em 1832 tornou a entrar na marinha inglesa e em 1851 morreu no posto de almirante.

EUNAPIO DEIRÓ

D. Carlos

De novo se volta a falar na proxima viagem do rei D. Carlos ao Brasil.

Quem trouxe a noticia á circulação foi o *Journal do Brasil*, que a commentou com estas palavras:

Seria para nós brasileiros de extraordinaria satisfação se essa viagem ficasse resolvida e se realisasse no mais curto espaço de tempo. Para a grande colonia portugueza, porém, ella daria motivo a um enthusiasmo delirante, a um contentamento inexpressivel, porque significaria que o monarcha, querido e admirado nos seus dominios, abandonara o seu bem-estar pelos incommodos de uma longa travessia, para attestar aos seus compatriotas, aqui domiciliados, a sua gratidão pelo muito que elles têm feito em beneficio da Mãe Patria. »

A LUZ E AS CORES

A côr da superficie em que a luz se reflecte tem uma grande importancia para a vista. O azul e o verde são bem supportados; o amarello, o côr de laranja e o vermelho são-n'o menos. E' o branco que tem effeitos mais nocivos; os corpos brancos, com effeito, reflectem toda a luz que recebem. E esta reverberação da luz branca é tanto mais prejudicial quanto é mais brusca.

De Dyonisio, o Tyranno, se conta que mandava metter numa casa de paredes caiadas e fortemente illuminaadas presos que haviam estado encerrados, durante muito tempo, em escuras enxovias. Esta rapida transição bastava para os tornar cegos.

A reflexão da luz no gelo produz opthalmias e pôde chegar a causar a amaurose (gota serena).

VIDA SOCIAL

Anniversarios

Fez annos no dia 25 de outubro o sr. Leopoldo Couto de Magalhães Junior.

— No dia 2 do corrente, a gentil senhorita Maria Rodrigues, irmã do sr. Adolpho Rodrigues.

— No dia 3, o dr. Victor Ayrosa, distincto advogado neste fóro.

Fazem annos:

No dia 10, o sr. Aristoteles de Oliveira, talentoso academico de Direito.

No dia 13, o sr. Antonio Carlos Couto de Magalhães, quarto annista de Direito.

— No dia 15, o dr. Leopoldo A. Couto de Magalhães, venerando pae do director do *Album Imperial*.

Para a Europa

Seguiu no dia 30 do mez proximo findo para o Rio e alli embarcou no dia 2 do corrente para a Europa o exmo. sr. Conde Cavalcanti de Albuquerque, que pretende estar de regresso no mez de janeiro proximo.

Da Europa

Regressou da Europa, com sua exma. familia, o dr. Julio de Mesquita, nosso illustre collega do *Estado de S. Paulo*.

Na capital

Está na capital, a passeio, a exma. sra. d. Anna de Camargo Oliveira, fazendeira em Santa Rita do Passa Quatro.

— Regressou de sua longa viagem ao sertão de S. Paulo o estimado moço sr. Praxedes Esselin.

PAGINAS ESCOLHIDAS



A Bahia vista do mar

Glorioso e radiante vinha rompendo o sol dos cimos da montanha, quando o paquete, sulcando as aguas da bahia, demandava o ancoradouro. Contavam-se sem custo os navios que se balouçavam no quadro, ao brando esfusiar do norte.

Diversos escaleres deslisavam em diferentes sentidos, uns em busca do caes, outros de volta de terra ou deste para aquelle navio.

Mais proximo á terra, o mar estava coalhado de saveiros, alguns dos quaes taziavam curtas evoluções á voga surda, enquanto em outros os remeiros sussham os remos em posição horizontal, imitando espadanhas de grandes cetaceos vindos á superficie do oceano. Pesadas alvarengas, com suas cobertas ao feito de tijupares, mergulhavam os bojos negros de alcatrão.

Em certos dias, o observador de bordo que entre a barra de Santo Antonio tem difficuldade, em chegando a certa altura, para avistar todo o panorama da Bahia.

Esse embarço contraria-o, tanto mais quanto, através da maranhã de mastros, vergas, tubos de vapores, cordames e pannos, elle adivinha perspectivas seductoras, trechos de paisagens formosissimas, onde exuberava a mais pujante natureza tropical, variada por uns toques brandos que lhe augmentam a riqueza dos tons e multiplicam os aspectos da tela.

Na manhã a que me refiro, graças á rareza dos navios, ficava quasi completamente descoberta aos olhos do viajante a face encantada da *Princesa das Montanhas*. Os seus dous bairros, a cidade alta e a cidade baixa, destacavam perfeitamente ao longe, separados por uma larga zona de vegetação viçosa.

Esse pedaço de natureza virgem encravado no centro da cultura urbana, como plantas em uma estufa, não e havia então aniquilado em parte para deixar passar triumphante o genio mercantil da actualidade.

A pegada do Progresso, esse heróe que vive á custa de destruições, não espeznhara ainda o braço da Flora exuberante, para substitui-lo por este symbolo das flagellações á natureza — o melhoramento.

EM lugar dos elevadores, planos inclinados, viaductos e novas ruas, com que se corrigiram as asperezas topographicas do terreno, para utilidade dos ahabitantes, jazia intacta a rocha viva e bruta, vestida de continua e basta arvorecencia. E a princeza surgia assim mais bella do seu banho sem fim nas aguas azues e rumore-

jantes, onde Moema sacrificou a vida ao seu selvagem amor de americana.

A manhã ornava-se com todos os attractivos de dezembro; e já alguns raios do sol, illuminando as coras dos montes, dalli se reflectiam nas frontarias e vidraças da casaria branca. Que formosa vista, a desta cidade!

Em baixo estende-se a curva indefinida do solo, servindo de assento a altos edificios quadrangulares de muitos andares, pontes de madeira alongam-se para o mar, estorvando as correntezas com grossas traves e robustos esteios; e para o norte, onde menos densa vai sendo a massa de habitações, concava-se ainda mais a enseada, cuja margem alvejante de areia vai se recortando em franjas de ligeiras rendilhaduras.

Aqui e alli, grandes edificios acaçapados, alfandega, trapiches, armazens de deposito, quartel de cavallaria, arsenal e as velhas construcções bellicas de ameias empinadas em cada angulo. Algumas torres de egrejas dominam a massa compacta, mas confundem-se por vezes com o fundo sombrio de muralhas ou montanhas: são os campanarios de marmore da Conceição da Praia, os da Santissima Trindade, do Pilar e outros templos, por onde a vista armada vai como que tropeçando até alcançar a Boa-Viagem, e por fim o hospicio do Monte-Serrat, que se afigura uma atalaia vistida de religioso, ouvindo eternamente chorarem as ondas no sopé do promontorio.

Encantoadas num esconderijo de pedra, como um tigre de alcatrão prompto para a investida, a fortaleza da Gamboa, collada ás abas de um despenhadeiro, escancara para o mar as boccas temerosas de sua artilharia.

Os fortes da Joquiata, da Lagartixa e do Monte-Serrat tambem mostram suas negras massas muraes; alguns desarmados ficam-se alli, especie de quebra-mars, soffrendo a aggressão dos mariscos, que lhes vão corroendo as bases de granito.

Mas cis que do proprio seio das ondas surge, arredondando a sua massa petrea e esfumada, a fortaleza de S. Marcello.

E o colosso circular, como uma vigia centocula, inilludivel, olha para todos os lados por cima de um parapeto, pelos orificios negros de seus canhões. E as vagas espumantes e alvas andam-lhe em derredor, fazendo incessantes caricias, como se receiassem o explodir das coleras que estão armazenadas naquelle bojo imperscrutavel.

A cidade alta, menos extensa apparentemente, não se impõe ainda pelos signaes de uma architectura arrojada e de classicos estylos. A velha Sé descobre o seu frontão triangular,

muito simples, rematação dos lados por duas agulhas de pedra e no apice por um cruzeiro denegrido, que mal se delinea na profundeza azul do espaço.

Aquem se levanta o perfil do theatro, com o seu oitão crivado de oculos; o mosteiro de S. Bento recurva no ar a sua cupola graciosa; esparsos aqui e alli, mirantes e torres; e para a entrada da barra, o templo alvadio de Santo Antonio, desembaraçando-se de uma quasi floresta verde-negra, apparece no topo do monte, como um phantasma de eremita.

Em certo ponto, parece que os edificios se agacham e amparam uns sobre outros; os telhados, de rubro enegrecido, inclinam-se, sobem, descem, accusando os fortes accidentes topographicos; as muralhas, imitando parapeitos de enormes castellos, formam socalcos, em cujos degraus se accumulam elevados andares; vertiginosas ladeiras cortam obliquamente os flancos da montanha, que de trecho a trecho se arquia despojada de construcções ou coberta por tufos de viridente folhagem.

A cidade figura subir do mar encosta acima, por escalões de terra amparados por muros, que são outros tantos baluartes. Onde a escarpa talhou-se mais a pique, ahí se arrimou ella em uma muralha; onde se poudo lanhar o solo, por ahí sóbe transversalmente, metendo-se pela terra; e assim vai ella vingando temerariamente os alcantis, equilibrando-se em terraplenos, segurando-se com garras de pedra e cal, até vencer as cumidades, donde parece desvanecer-se, vaidosa da sua difficil ascenção. Dizem que Amsterdã e uma conquista dos hollandezes sobre o mar. A Bahia é a defesa ardua do homem, abandonado entre o mar que avança e a costa que se alcantila.

Para a banda do norte, as encostas são menos povoadas, os edificios estão no alto, embutidos em uma enorme esmeralda bruta. A' proporção que se alonga, vai a serra adelgaçando-se, accusando falhas, abatendo e mostrando os cabeços limpos de construcções, até morrer, em suave declive, no extremo do Monte-Serrat. Para alli já se não vê mais do que um verdejar luxuriante, extendendo-se sobre cimos e quebradas.

Apenas neste oceano crespo de vegetação, destacam-se as torres brancas do Bomfim, como dous longos braços de alvenaria, fazendo para o céu um gesto de imploração.

XAVIER MARQUES

Poemeto de Hilde

Ao pae de Hilde

Nestes versos, Hilde, ponho,
Singelos o coração.
O visionario do *Sonho*
Beija-te a mão!

Sê donairoza (Dus me ouça
E a Senhora do Bomfim)
Como era a menina e moça
De Bernardim!

De Hilde o busto é como um beijo,
Como os juncos do sertão,
Vergando ao menor bafejo
Da viração!

Rosa que a aragem sacode
Na haste, Hilde faz-me scismar
Como é que assim, debil, póde
Encher um Lar?

Como, não sei! Mas o certo
E' que — contou-me seu pae —
«A casa fica um deserto
Quando ella sai!»

Volta, e logo rompe o crepe
De Hilde o riso de crystal!
E a casa é como um presepe
Pelo Natal!

Pudesse eu (a minha estrella
Olha-me do alto e me diz:
«Confia!») pudesse eu vê-la
Moça e feliz!

Moça, na quadra fagueira
Da graça e das illusões!
Nympha — a seguil-uma esteira
De corações!

Que um menestrel seja o poeta
De Hilde — da musa louça —
Por que a rima exalte a imagem
Da castellã!

Perpetuem-lhe as balladas
O nome — nos arrabís
Pelos noites estrelladas
Do meu paiz!

Praza aos Céos que a lyra obscura
Do *Sonho* — e dos madrigaes
Não me siga á sepultura
Cedo de mais!

Se tal não se dér, se a Intrusa
Não me surgir, de través,
Terás sempre a minha musa,
Hilde, a teus pés!

† AZEVEDO CRUZ

Impressos

Do dr. André Werneck, provector advogado em Santa Thereza (Rio), recebemos um folheto, contendo as razões do recorrente no recurso eleitoral entre partes Antonio Simões Pires Condeixa e a camara municipal daquela villa.

— Temos tambem sobre a mesa um exemplar dos embargos apresentados pelos importantes negociantes da Fortaleza (Ceará) á execução que lhes move a Fazenda do Estado, para cobrança de impostos de cabotagem, tributados em lei que o Supremo Tribunal Federal já julgou inconstitucional.

A materia de defesa é brilhantemente deduzida pelo patrono dos embargantes, o illustre advogado dr. Paula Pessoa, a quem agradecemos o exemplar offerecido ao *Album*.

«Mez do Rosario,»

AFONSO CELSO (da Academia Brasileira) — Rio de Janeiro — E. Bevilacqua & C., rua do Ouvidor, 151—1906.

O nosso illustre correligionario e eminente escriptor sr. Conde de Affonso Celso brindou-nos com um exemplar do seu ultimo livro, *Mez do Rosario*, edição de E. Bevilacqua & C., do Rio de Janeiro.

É um artistico volume de quasi cem paginas, em que o poeta dedica harmoniosos versos em louvor da Immaculada Mãe de Deus.

Escreve, no prefacio:

« Consagra a Santa Igreja, alóra muitas festividades especiaes, dous mezes inteiros do anno á hyperdulia da Virgem Mãe de Deus. São elles: maio e outubro, o mez de Maria e o mez do Rosario.

Com o titulo — *Mez de Maria* —, avultada cópia de optimas produções se tem publicado. Não tanto a proposito do outro mez. Porque?

Representa a que ahí vai, singela e hesitante, uma tentativa para reparar esa falta. Como o obulo da viuva, vale apenas pela intenção.

O auctor destes pobres versos sonha, entretanto, para elles uma gloria: a de despertarem no coração de quem os ler a mesma ardente bôavontade de glorificar a Immaculada com que foram compostos.

O *Mez do Rosario* é dedicado pelo filho extremoso á Mãe exemplar, exma. sra. Viscondessa de Ouro Preto, e divide-se em seis partes: I *Invocação*; II *Jesus Menino*; III *Predicas de Jesus*; IV *Semina da Paixão*; V *Hyperdulia*; VI *Synthese*.

Duplo é o valor do livro, como trabalho literario e como obra religiosa, que ha de ter logar distincto na estante dos catholicos. Nelle o sr. Conde de Affonso Celso revela-se o mesmo poeta inspirado das *Rimas de out'ora* e o crente que tantas paginas tem cinzelado sob a inspiração da suave religião do Nazareno.

Agradecendo o exemplar que nos foi offerecido, auguramos ao *Mez do Rosario* extraordinaria acceitação.

A MORTE

Primeiro Imperador do Brasil

sr. Visconde de São Boaventura, correspondente do *Estado* em Lisboa, escreveu, em data de 1.º de outubro ultimo.

Commemorando o anniversario da morte de D. Pedro I, do Brasil, e D. Pedro IV, de Portugal, celebraram-se a 24 do mez findo, na Sé Patriarchal de Lisboa e na egreja da Lapa, no Porto, solennes exequias por alma daquelle monarcha.

As honras funebres foram prestadas como é de uso nas ceremonias officiaes desta natureza.

Era imponente o aspecto da Sé Patriarchal.

O sr. D. Carlos vestia o grande uniforme de almirante, com a gran-cruz da Torre e Espada.

Côrte, governo, officiaes superiores do exercito e da marinha, clero, corpo diplomatico estrangeiro, pares do reino, conselheiros de Estado, altos funcionarios, contingentes dos corpos aquartelados na capital, alumnos da Escola

do Exercito e do Collegio Militar enchião o vastissimo templo gothico.

As orquestras da Sé e da Real Camara, reunidas, executaram a missa e *Libera-me* de Augusto de Carvalho, mestre da capella da Cathedral, sob a sua regencia.

As absolvições foram dadas pelo cardeal patriarcha.

As descargas do estylo foram dadas pelo batalhão de caçadores 5, de que o sr. D. Pedro IV foi coronel, e por duas baterias de artilharia 1, postadas no Terreiro do Paço.

Os navios de guerra surtos no Tejo tiveram as vergas desmantilhadas e deram as salvas da ordenança.

A proposito do anniversario da morte do primeiro Imperador do Brasil, o jornal *Novidades* publicou o seguinte sobre a causa desse triste acontecimento:

Qual foi a doença que matou o regente? Os pareceres recolhidos até agora são todos divergentes. Napier diz que fóra victimado por uma tísica; o Marquez de Rezende faz a historia de um resfriamento apanhado numa travessia do Tejo; alguns falam nos destroços do figado, no máu estado dos rins, na reaparição de doenças que viciam o sangue; varios medicos attribuiram-na a impericia no tratamento do dr. Tavares, que, segundo elles, pouco mais valia que um barbeiro setanejo. Como sempre succedia por occasião da morte de pessoas reaes, tambem não escasseavam os que se compraziam em propalar a invariavel lenda de um mysterioso envenenamento. Pareceu, pois, ser chegada a occasião de procurar estabelecer a verdade, recorrendo para isso a homens de comprovada sciencia nesta ordem de estudos. O dr. Ricardo Jorge estava naturalmente indicado. Encarregou-se elle, benevolamente, de ouvir outro dos seus collegas, tambem de indiscutivel auctoridade, o illustre dr. Bello de Moraes.

Para orientar essas investigações, existia, ainda, não só o auto da autopsia, mas algumas informações, complementares, mais tarde publicadas pelo medico da Camara Real. As revelações da autopsia eram estas:

« *Cavidade abdominal*: Nenhum liquido. Epiplon e peritoneo um pouco mais pallido, parecendo por derramamento da bilis mais espesso. Mucosa gastrica, alterada de cor na parte posterior, na visinhança do baço. Hypertrophia do grande lobo do figado, e mesmo alterado de cor para mais escuro. Baço muito amollecido, quasi a desfazer-se.

« *Cavidade thoraxica*: Hydrothorax do sacco pleurítico direito, contendo duas e meia libras de um liquido turvo e sanguinolento. — A pleura esquerda nada continha de liquido; mas adherencia da pleura pulmonar á costal em grande extensão e alterada a sua cor para muito mais escura. — Pulmão esquerdo adherente á pleura costal em grande extensão, de cor denegrida, friavel; cortada, não crepitava, e sem apparencia vesicular quasi toda — apenas uma pequena porção na parte superior era permeavel ao ar, e esta parte nadava, emtanto que o todo afundava-se. — Coração um pouco maior que no estado normal; flaccido e descorado, com alguma adherencia na sua parte posterior; as valvulas examinadas achavam-se em estado natural. A necessidade de conservar inteiro o coração embar-

çava ulterior exame. — Rins alterados para esbranquiçados, e na substancia cortical, que estava em estado de amollecimento. — Encontrou-se um calculo no rim esquerdo. — Na bexiga urinaria, nenhuma alteração. (Assignados). Paulo Martins de Almeida, camarista do serviço. — João Fernandes Tavares, primeiro medico da camara real. — Francisco Elias Rodrigues da Silveira, Francisco Soares Franco, Antonio Joaquim Farto, cirurgião-mór do reino. — Manuel Carlos Teixeira. — Francisco José de Almeida.»

Vão vêr-se agora as conclusões a que chegaram os illustres e modernos professores — que de vez esclarecem um ponto historico, até agora precisado de notas auctorisadamente scientificas:

« A reconstituição scientifica da doença que victimou D. Pedro IV só pôde assentar sobre os escassos elementos fornecidos por um magro protocolo de autopsia e sobre indicações succintas dos padecimentos em vida. São sufficientes esses dados para assegurar um diagnostico posthumo de certa precisão e confiança? Penso que sim.

« Arde-se desde já a maledica hypothese do *envenenamento*, tão crida ao tempo pelo vulgo. Esta balda de dar os reis por impontados a doses de peçonha é do povo de todas as crás; traduz o odio arreado ás camarilhas e o preconceito de que a vida privilegiada dos coroados tambem ha de findar com uma morte excepçional. E elles afinal morrem naturalmente, como o commum da gente, da mais trivial pathologia, nivelada a etiologia morbida com a de qualquer papeteia das enfermarias onde vão varar os mais intimos.

« Lá por fóra os exhumadores destes grandes enfermos historicos têm justicão o prejuizo, que entre nós tambem obcecou as turbas a respeito de D. João II, D. João IV, D. Pedro IV e D. Pedro V.

« Se não morreu de intoxicação o Imperador, nem por isso a suspeita deixou de pesar sobre os seus familiares e nomeadamente sobre o conhecido medico Tavares, que neste lance soffreu todos os precalços da profissão. Os que o absolviam criteriosamente da culpa do venicidio nem por isso o isentavam de ter dado cabo do doente por ignorancia e erro de tratamento; e tamanha foi a perseguição, que o pobre medico teve de recolher a toda a pressa aos seus penates brasileiros. Redimiu-o a justiça historica das duas pechas de que tanto se defendeu; não praticou homicidio, nem sequer profissional. A carga das lesões era tal, e tanta, que, bem ou mal tratado, o doente tinha que succumbir. Garanto a innocencia do disputado e malsinado dr. Tavares, sem que me faça cargo, já se vê, de garantir os quilates do clinico que me quiz parecer assás áquem da sciencia do seu tempo.

« Outra hypothese de diagnostico tem de seguir o caminho daquelle — é a *tuberculose*. Transparece das palavras do almirante Napier: « A molestia do Imperador, que na sua origem fóra uma inflammação, declarou-se em uma hectica formal...» Nem os medicos da camara presumiram tal diagnostico, nem a autopsia o inculca; nenhum laivo de tuberculose se nos depara no rol das lesões visceraes. Explica-se todavia essa supposição de tísica ou hectica; era natural que nella

pensasse um leigo, ao ver a molestia arrastar-se durante muitos mezes com queixa de peito e sangue pela bocca.

« Outra rubrica abaixo — a da *figadeira*. D. Pedro era um *heptico*. Aos 22 annos saltaram-no no Brasil accessos congestivos de figado assás intensos que a miudo reapareceram. Ainda ao tempo de cerco do Porto, o mal repontou com febre, elevação e dôr no hypocondrio direito. » Dil-o o dr. Tavares, que condemna como aggravador a « therapeutica perturbadora e impropria de principio imposta ao agosto doente, consistindo em violentas emborçações frias e excessivo uso do purgante Le Roy. »

« Este decantado Le Roy gosou até aos ultimos 30 ou 40 annos as maximas preeminencias drásticas na pratica luso-brasileira. O archiater pelos modos detestava a purga querida dos seus conterraneos, tal como o Eusebio Macario, do Camillo, que o accusava de relaxar a machina interior. Vai bem nessa invectiva contra a panacea que até nos paços imperava, mas tenho que se engana quando diz entender « que a molestia do figado foi o primeiro anel da cadeia morbida. »

« Não; o estado do figado, que na autopsia appareceu com o « grande lobo » hypertrophiado, é tão sómente um episodio. Quando muito, a fallencia hepatica aggravou o conflicto da defes organica contra as auto-intoxicações do drama final.

« Ora, esse drama final, que desfez a pela morte prematura do Imperador aos trinta e sete annos, tem por protagonista o rim. D. Pedro era um *renal*, um *lithiasico*, um *brighitico* — como tal padeciu e morreu. Tal é o nosso diagnostico — assente tambem independentemente pelo nosso illustre collega e bom amigo Bello de Moraes, que, com a sua auctoridade de semiologista, comosco quiz tomar parte nesta consulta historica ao agonisante do catre de Queluz.

« De muito — desde a infancia, avançada até o Tavares — que sua majestade accusava emissão de urina com areias e algumas vezes com sangue. A partir de 1828, viu-o o assistente « deitar grande copia de areias e alguns calculos »; de vez em quando accommettiam-no *as colicatas nephriticas*, de que soffreu nomeadamente em 1830, por occasião duma viagem á provincia de Minas Geraes. Durante tres mezes, houve « rejeição de sangue, ás vezes quasi puro » na micção, e « lançou tres pequenas pedras ». Depois desta crise, passava melhor, mas sempre com algum incommodo. Quando morreu, concretava ainda um calculo no rim esquerdo. Era, pois, um *lithiasico*.

« Um episodio até agora inedito viria aggravar certamente o estado das vias urinaes. D. Pedro soffreu no cerco ao Porto uma avaria venerea; até nisso foi soldado. Contrahira uma blenorragia, segundo me contou o meu illustre mestre o dr. Pedro Dias, que o ouvira a um amigo do Imperador, o medico João Baptista Ribeiro, da Polytechnica do Porto; e se é certo, segundo reza a chronica, que foi seu unico peccadilho a louceira de Traz dos Clerigos, seria esta amasia a vectora dos gonococos. A varios monarchas gueireiros succederam desses fracassos; de Napoleão II diziam os malignos, no regresso da campanha de Italia, que na sua corô de louros as bagas eram de copahiba — o Frederico, o nobre, syphilisou-se durante a guerra franco-prussiana,

ANNO I

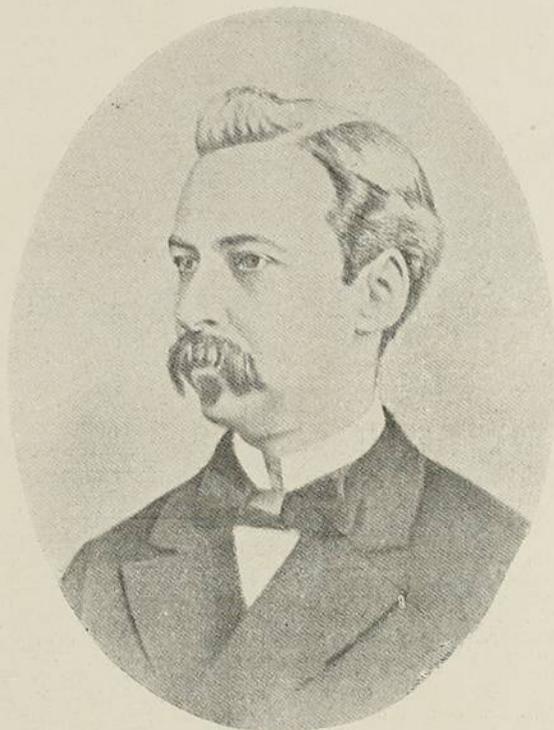
S. PAULO, 20 de novembro de 1906

NUM. 22

ALBUM IMPERIAL

QUINZENARIO POLITICO E LITERARIO

Director: Couto de Magalhães



FRANCISCO BELISARIO



Francisco Belisario Soares de Souza



S nações constituem verdadeira officina de trabalho vivificado por todos que, directa ou indirectamente, concorrem para a existencia da nacionalidade e seu progressivo desenvolvimento, cada um segundo suas forças e aptidões; não é a pratica dos grandes feitos dos organisadores, fundadores ou reformadores, provenientes no geral das vezes de occasião fortuita, ou momento apropriado, que dá maior realce ao homem, sem que maior fosse o seu patriotismo; tão patriota pôde ser o simples artifice, visando só trabalhar para viver e para a sua arte, como o parlamentar ou o ministro que procura scrvir o paiz na tribuna ou no governo.

Já alguém disse: da cadeira parlamentar partem os discursos que illustram o representante politico e o fazem celebridade, mas uma vez ouvidos e lidos, com o tempo são esquecidos, e por sua morte, que resta? Recordações para os que o ouviram e conheceram.

São os actos, sejam do artifice no melhoramento da sua arte e de todos os mais nos seus officios e profissões, dos politicos no que praticaram como governo ou na administração do Estado, que fazem lembrados e queridos os seus nomes; sobretudo estes a Patria não pôde esquecer, pelos beneficios que fizeram e bem mereceram, defendendo os interesses geraes.

Dentre os nossos politicos tem logar saliente o dr. Francisco Belisario Soares de Souza, especialmente pelo tino e capacidade na sciencia financeira. Muitos são os ministros de Fazenda que temos tido, mas poucos os propriamente de distincção; a intelligencia brilhante e a palavra do tribuno arrebataam no momento; só a capacidade, a constancia e a perseverança na execução podem dar todo o merecimento: « foi pensamento constante dos estadistas, que dirigiam as finanças do Brasil, que a superabundancia do papel-moeda era a causa da sua depreciação; que para fazel-a desaparecer era indispensavel restringir as suas emissões, retirando da circulação a parte superabundante, — dizia Belisario, no Senado, em 29 de setembro de 1886, — todos viam os males, todos apontavam o remedio, só uma cousa faltava — a constancia e a perseverança na execução; perseveremos e havemos de conseguir. »

Muito variados eram os seus conhecimentos; mas, na gerencia das finanças, bastavam para o seu tino alguns principios que tomava como aforismos; assim, no lançamento do imposto, entendia que, para tornal-o rendoso e menos odioso, além da justiça e possibilidade de ser supportado, devia ser elle em proporção tão pequena, que mal alterasse o preço do genero, cabendo melhor sobre a mercadoria barata e de consumo geral. Isto dizia tratando do imposto sobre o sal. Relativamente á actual e tão debatida questão monetaria, sendo factu reconhecido, no mundo inteiro, que o valor do ouro tem augmentado, para voltar ao padrão de 27 dinheiros, além da difficuldade de fazer o papel-moeda subir, ainda que se chegasse a leval-o ao par, seria dar-lhe um valor excedente na realidade ao valor fixado na lei de 1846; quando mesmo se entenda que

deva ser alterada a relação do preço do ouro, como moeda e mercadoria, pela produção actual, não fica alterada a natureza do argumento apresentado por Belisario: Se durante certo numero de annos, dizia, o valor da moeda conservar-se como está, se o cambio continuar em 20, ou nas proximidades, o governo não poderá fazer subir a 27; haverá necessidade, posto que *multissimo desagradavel*, de alterar ainda uma vez o padrão legal da moeda, reconhecendo-se como legal o que é real; elle não falava em *immoralidade ou má-fé*, mesmo julgando a fixação de outro padrão equivalente a uma bancarrota parcial, e teria animo de propor ás camaras tal medida, se continuasse a depreciação! Neste assumpto abundavam os seus preceitos: retirar e reduzir o papel-moeda é fazer decrescer o deficit e facilitar a reorganisação das finanças; para esta reorganisação é cardeal o principio, muito simples e indispensavel para as boas finanças — diminuir a despesa e augmentar a receita; ainda dizia — a ideia que predominou até 1846 não foi reerguer o valor do papel-moeda; com as leis de 1833 e 46, procurou-se sustar a depreciação da moeda, de modo que não descesse mais; ninguem queria reerguer o valor, o que é difficil e de sacrificio oneroso; a este respeito, repolia as palavras de judicioso negociante do Brasil: « a queda do valor fez-me muito mal; resta saber se a alta me fará bem! » e tinha razão, dizia Belisario, não ha lucros reaes e duraveis no commercio senão quando cada um não paga e não recebe senão o que deve e o que lhe é devido realmente; toda circumstancia que tende produzir lucros para uns, pela ruina dos outros, não pôde trazer senão desastrosos resultados por fim a todos; ha deslocamento de valores, sem produção de riqueza.

Intransigente em politica, filiado á escola e partido de Eusebio, Itaborahy, Uruguay, sustentada ainda por Cotegipe, Paulino e outros, estava apto a seguir-os natural e merecidamente na chefia. Na administração modificava as suas opiniões segundo necessario; assim, não duvidaria pedir á opposição que auxiliasse o governo no plano de economias, não de simples cortes nas pequenas despesas das repartições, o que não podia competir á opposição, mas a um « grande plano para parar ou retardar as obras publicas, diminuir despesas no exercito, reduzindo o numero de praças, não construir encouraçados, supprimir arsenaes e estações navaes, resgatar estradas de ferro para reorganisar companhias mais economicas, confiar a empresas particulares grandes serviços ora a cargo do Estado, dar outra organisação á magistratura de modo a reduzir o numero das Relações, e mais ainda o das comarcas, etc. » — era um longo programma de governo, amadurecido e pratico.

Ligeiro resumo das opiniões do dr. Belisario, é, entretanto, quanto basta para fazer conhecido o ministro da Fazenda do Ministerio de 20 de agosto de 1885, que teve então a sua *phase decisiva*, no dizer da *Gazeta de Noticias*, de 25 de setembro de 1889, dando a noticia necrológica no dia seguinte ao do seu fallecimento:



« Pouco depois de ministro, fez empréstimo externo vantajosíssimo, algum tempo depois, no dia 1.º de abril, o empréstimo interno de 5%, e no dia 17 do mesmo mez publica o decreto da conversão da dívida fundada em apólices, acto liberal tanto quanto patriótico, e traça o plano completo da organização financeira do Imperio. »

Foi esta a primeira conversão que tivemos no Brasil, sendo reduzido o juro de 6% a 5% das apólices no valor de 381.476:000\$000, realisada a economia de 3.294:789\$000 annuaes.

Ruy Barbosa, no *Diario de Noticias*, escreveu :

« Ao numero desses em quem a patria deposita esperança, pertencia salientemente Francisco Belisario, trabalhador, lidador, constructor, desses cujo numero é exiguo ainda entre os povos onde é menos extensa a superficialidade geral da mediocridade; naquelles como o nosso, onde a immensidade dessa extensão parece crescer dia a dia, e os mortos illustres vão se sumindo sem deixar successão, essas visitas terriveis da morte ás culminancias moraes da nossa vida contemporanea caem como desgraças publicas sobre o coração dos que meditam e prevêm... Francisco Belisario é uma dessas entidades a que a opinião assigna o destino proeminente entre os *acontecimentos indistinctamente desenhados no futuro da patria*, e cuja eliminação instantanea levanta nos espiritos uma interrogação dolorosa e prolongada... »

Não era só o *Diario de Noticias* que assim se manifestava; tambem o *Diario do Commercio*, redactor dr. Fernando Mendes, dizia: « Nesta época do *alvoroco, de fermento de ideas, de evidente transição para um futuro que ainda não se delinha*, é curioso que todas essas aspirações indefinidas, que se esbatem como o esfuminho no horizonte, se voltassem para o estadista morto, como se delle esperassem a palavra de ordem, ou nelle vissem um reorganizador da patria. »

A morte ofuscou-lhe os tristes acontecimentos advindos dahi a quarenta dias; tambem estava finda a sua estação politica, tinha dado á patria tudo quanto em termos delle podia exigir; a outros, os logares até então occupados e servidos; á reforma dos principios e das idéas, quando filhos da convicção e de sentimentos tradicionaes, por assim dizer, correspondem novos serviços, outros servidores para a nova ordem de cousas, e em geral nem outro é o intuito das grandes e radicaes transformações politicas.

Disse a *Tribuna Liberal*:

« No jornalismo, Francisco Belisario revelou talvez melhor do que na tribuna a agudeza do seu engenho, a sua dialectica e o alticismo dos seus gracejos, que, disfarçados sob o envolvero de correctã polidez, mais de uma vez foram comparados á garra felina que se mostra como de envolta em velludo, sem que perca o direito de laccrar. »

« Na tribuna nunca fez discursos calculados para impressionar as multidões: orava como falava, natural e singelamente; mas quando, para lhe replicar, o adversario tomava a palavra, bem sentia que era de aço aquella rede, cujas malhas, á primeira vista, se afiguravam entrelaçadas de fina seda. »

São da *Gazeta de Noticias*, de 25 de setembro, as seguintes notas:

« Ao alvorecer da ultima situação conservadora, toda a gente sabia que Francisco Belisario scria ministro, e ministro da Fazenda. Depois do sr. Lafayette,

que deixou de sua passagem pelo Thesouro o rasto luminoso de um relatório monumental, foi Francisco Belisario quem praticamente deu o primeiro impulso á reorganização financeira de que hoje estamos colhendo os fructos amadurecidos. Tomando conta da sua pasta, esse illustre moço, que o era ainda, sabia já o que ia fazer, tinha idéas assentadas, tinha um programma definido e pôl-o em execução resolutamente. »

Francisco Belisario, nascido em Itaborahy, no Rio de Janeiro, a 9 de novembro de 1839, era filho do desembargador Bernardo Belisario Soares de Souza e D. Mariana Alvares de Azevedo Macedo, tendo aquelle representado a provincia de Minas, na camara dos deputados, durante 30 annos e quatro vezes fez parte de listas apresentadas á Corôa para a escolha de senador; estudou primeiras letras com Albano Cordeiro, mais tarde esteve no Collegio Kopke, de pouco instalado em Petropolis, depois cursou humanidades no Collegio Marinho; matriculou-se em 1857 na Faculdade de Direito de S. Paulo, e em 1861 recebeu o gráu de bacharel em sciencias sociaes e juridicas; durante o curso academico, distinguio-se nas aulas entre os collegas, estreou na imprensa politica tomando parte na redacção do *Conservador*, jornal politico; já então se manifestava dado á politica, filiado ao partido conservador, e tambem muito amigo da literatura, e para esses estudos tinha muito bons companheiros; traz satisfacção lembrar, dentre muitos dos seus afficcionados, que soube conservar até aos ultimos dias, e que guardam de então saudosas recordações, os nomes de Francisco Ignacio de Carvalho Rezende, que primava pela excessiva modestia, mas muito abastado nas letras, e foi deputado por Minas á assemblea geral, cedo roubado á patria, e João Pinto Moreira, mineiro, verdadeira illustração juridica ainda no seu 5.º anno, admirado pela agudeza do espirito, memoria prompta, e que tão distincto papel representou na camara dos deputados, nas celebres discussões do elemento servil, e egualmente fallecido.

Em 1862, foi eleito deputado á assemblea legislativa da provincia do Rio de Janeiro, e reeleito nas legislaturas posteriores; salientou-se tomando parte em todas as discussões importantes, assumindo a posição de chefe, a que se elevou pelo talento, estudo e actividade.

Em 1868, passou para a assemblea geral, sendo eleito pela mesma provincia; a sua estrêa foi notavel discurso que pedia se puzesse termo á guerra do Paraguay, demonstrando a oportunidade e a conveniencia da paz.

Em 1871, combateu na imprensa o Ministerio Rio Branco, escrevendo vibrantes artigos sob o pseudonymo—*Vigilante*.

Em 1872, collaborou no *Diario do Rio de Janeiro*, onde sustentou o systema da eleição directã, em artigos que foram colleccionados em volume e que muito concorreram para a reforma eleitoral.

Em 1873, foi nomeado director do Banco do Brasil, cargo que exerceu com grande criterio, inspirando ao commercio a maior confiança.

Em 1875, foi convidado para o Ministerio Duque de Caxias, escusando-se, pela divergencia sobre o systema eleitoral, não concordando com a eleição indirectã.

Em 1878, não foi eleito; tomou então o pseudonymo *Flamino* e combatu o governo nas columnas do *Jornal do Commercio*, e no mesmo diario, com a assignatura propria, discutiu a lei Saraiva e o empréstimo Paranaçu.

Em 1880, em viagem pela Europa, escreveu o interessante livro—*Notas de um viajante brasileiro*—



onde se manifesta o admiravel criterio com que observou as cousas estrangeiras e as comparou com as nossas; estas *notas* são menos o registro das impressões de um viajante do que um estudo apromorado da civilisação estrangeira na vida politica e industrial e nos arrojados emprehendimentos, comparando-a com o que havia no seu Brasil; quão diverso foi o intuito de outro illustre e patriota brasileiro em 1890, que, " *julgando-se incapaz de applicar ao estudo o espirito sem tranquillidade, só procurava como therapeutica ligeira excursão de touriste na Italia, esperando que, pelo aspecto e contacto de cousas e homens inteiramente novos, fosse restituída ao animo a natural energia, influido tambem beneficemente no physico enfraquecido.*" ; para Belisario os dias corriam serenos, com o espirito apto para o estudo; o outro atravessava quadra inclemente, na qual os acontecimentos abalaram duradoira e duramente toda a sua patria!

Em 1881, voltava Belisario á camara dos deputados, eleito pelo 5.º districto do Rio de Janeiro.

Em 1883, fundou o jornal *Brasil*, do qual foi o principal redactor; nelle muito cooperou para o prestigio do partido conservador.

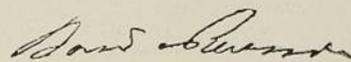
Em 1885, entrou, como ministro da Fazenda, no Mi-

nisterio organizado a 20 de agosto pelo Barão de Cotegipe, que tomou a pasta de Estrangeiros; foram seus collegas Antonio Prado, na pasta da Agricultura; Joaquim Delphino, da Justiça; Mamoré, do Imperio; Junqueira, da Guerra, e Alfredo Chaves, da Marinha; como ministro da Fazenda, entendia-se directamente com os banqueiros de Londres; já referimos os actos principaes que praticára como ministro, sabendo firmar o credito da nação e gerir desembaraçadamente os negocios da sua pasta.

Em 1887, foi eleito e escolhido senador, em vaga aberta pelo fallecimento do Barão do Bom Retiro, e pouco depois nomeado Conselheiro de Estado.

Pouco gosou da elevada posição que tão merecidamente soube conquistar. Foi optimo chefe de familia, amigo dedicado e generoso e correctissimo cavalheiro nas suas relações particulares e sociaes.

S. Paulo, novembro de 1906.



O SEGUNDO REINADO

(Conclusão)

A INSTRUCÇÃO publica foi um dos grandes cuidados do seu reinado.

Não é licito desconhecer os serviços que prestou neste sentido, ora educando, a expensas suas, varios moços, ora animando a multiplicação das escolas, ora suggerindo reformas e melhoramentos de elevado alcance.

« Se não fosse Imperador, desejaria ser mestre-escola », disse uma occasião; e, com effeito, mais de uma vez demonstrou a sinceridade desta phrase, antepondo os interesses do ensino aos interesses de sua posição.

« Que! — replicava aos seus ministros, que lhe lembravam a conveniencia de edificar um palacio imperial — cuidar em palacios, quando não possuímos escolas, nem estabelecimentos de ensino em numero sufficiente! »

« Actualmente precisamos cuidar de vias de communicação, de immigração e de escolas ».

Quando a municipalidade e a população do Imperio, após a noticia da terminação da guerra do Paraguay, quizeram elevar-lhe uma estatua, em reconhecimento á sua firmeza patriótica de não ceder ás apprehensões dos que desanimavam da victoria, elle recusou a offerta do monumento e pediu que o producto da grande subscrição popular, aberta para esse fim, fosse applicado em creação de escolas.

« Uma democracia coroada », eis a definição que deu Gladstone da Monarchia brasileira, sob o governo de D. Pedro II.

A historia dos ultimos cincoenta annos justifica plenamente a asserção do illustre estadista.

O governo do Brasil era uma excepção dos outros paizes da America, não sómente sob o ponto de vista das instituições, mas tambem no tocante ao espirito verdadeiramente liberal que o distinguia.

A Monarchia nunca foi, em nosso paiz, um obstaculo á liberdade, e o Monarcha foi, antes, o mais firme defensor que ella encontrou.

Cercado de republicas, constituido em unidade quanto á fórma de governo, o Brasil soube annullar as desconfianças que porventura desta singularidade se originavam, compensando o privilegio de um sceptro pelo privilegio tambem de um regimen que associava ás qualidades que um governo puramente popular deve ter as condições que geralmente não possui.

O caracter do Monarcha explica em grande parte o caracter da Monarchia.

D. Pedro I e D. Pedro II são duas figuras que se distinguem mais pela dissemelhança das feições do que se approximam pela identidade dos traços.

Nelles as divergencias eram mais caracteristicas do que os pontos de contacto.

D. Pedro I tinha as qualidades precisas á conquista do sceptro; D. Pedro II, as virtudes indispensaveis á sua conservação.

No primeiro a imaginação predominava; no segundo, a reflexão. Aquelle fundou o Imperio e não soube conservá-lo; este consolidou, pela paz e pela tolerancia, o poder que a revolução lhe entregou.

Não sabemos se D. Pedro II daria o grito do Ypiranga; mas podemos afirmar que D. Pedro I não atravessaria tão prudentemente os perigos dos primeiros annos do segundo reinado, nem resolveria com tamanho acerto os arduos problemas de meio seculo de administração.

Arrebatado e apaixonado, energico sem tenacidade e forte sem calma, podendo improvisar soluções felizes, mas incapaz, talvez, de meditar-as longamente; preferindo, nos momentos difficeis, para abrir caminho, arrombar as portas do que dar volta á chave; espirito



transbordante e temperamento inquieto, ora como nos dias que precederam o 7 de abril, parecendo disposto a arrostar tudo, ora, como se viu depois, deixando precipitadamente o throno, o paço e a cidade; amando os exercicios physicos violentos, guiando com maior pericia um carro do que o governo; quanto differente, foi, moral e physicamente, do filho, mais amigo do gabinete de estudo do que da sella do cavallo, rei philosopho e não rei cavalleiro, norteando-se antes por Marco Aurelio do que por Cesar; amando mais nos *Commentarios* os dotes do escriptor do que os feitos do guerreiro; reservado e calmo, mais observador do que apaixonado; cheio desta serenidade que resulta da intelligencia educada na reflexão e do coração santificado pela bondade; sem affectação e sem expansões levianas; tendo, na physionomia, desde os primeiros annos, essa expressão de austeridade que parecia a sombra deixada pela revolução.

Uma solida cultura intellectual preparou-lhe o espirito para o governo; a experiencia fecundou o producto destas leituras.

A sua memoria prodigiosa exerceu-se em todos os ramos do saber humano: as literaturas antigas e modernas, as sciencias physicas e naturaes, o estudo dos problemas politicos e das questões administrativas. As suas viagens eram excursões scientificas. Descançava variando de occupações, sem esquecer, contudo, nesta multiplicidade de trabalhos, os seus deveres de chefe de Estado.

Neste particular a sua actividade era incrível. Lia todos os jornaes da capital e muitos das provincias. Tinha funcionarios incumbidos de extractar e marcar os escriptos que se relacionavam com a administração, principalmente os que lhe eram particularmente dirigidos.

A sua minuciosidade em inquirir de todos os detalhes do governo fez com que dessem o nome de *sabbatina* aos despachos ministeriaes, que geralmente se prolongavam até á madrugada.

Visitou o paiz mais de uma vez, e, se fatigava os seus ministros nos despachos, cançava a sua comitiva nas viagens.

Escolas, cadeias, repartições, quartéis, monumentos, curiosidades naturaes, nada escapava á sua curiosidade.

E não se limitava a percorrer os edificios publicos: interrogava os homens e conversava com as crianças; ouvia os presos, escutava os pretendentes; e quantas vezes a reparação de injustiças, a recompensa de serviços ignorados, a protecção ao infortunio, não resultavam destas conversas tão rapidas, que se succediam e que faziam suppôr aos circumstantes que o espirito do Monarcha esqueceria as palavras que ouvia e que julgavam provocadas apenas por uma curiosidade indifferente.

A popularidade do Imperador não a deveu elle, entretanto, ás suas qualidades de chefe de Estado, sim ás suas virtudes.

O pequeno numero dos que souberam distinguir na obra do desenvolvimento nacional a influencia do Monarcha, estes sómente podem dar testemunho em favor do patriotismo de sua politica.

O povo, em geral, julga por outro processo, que é seguro tambem. Erro seria acreditar que os brasileiros prezavam no Imperador sómente a suprema auctoridade do Estado. Elle amou antes de tudo nelle o homem, e do homem, as virtudes; o concidadão e não o rei. Esta affeição tinha um cunho de ternura filial. E a virtude do Imperador que mais captivou o povo foi a bondade.

Quantas vezes o cidadão perseguido não invocou em vão o auxilio das auctoridades locais? Quantas

vezes o pretendente, certo do seu direito, não viu frustradas as suas tentativas? Quantas vezes não foi recebido com mau humor ou despedido com desprezo?

Entretanto, este homem, repellido pelos seus eguaes, conseguia falar mais facilmente ao Imperador do que a um ministro ou a um chefe de repartição. Recebia d'elle um acolhimento que funcionarios subalternos julgavam indigno de sua posição liberalisar.

O povo via os partidos cavarem entre os cidadãos divergencias infundaveis. Via os membros de um partido negarem aos adversarios justiça e mercemento. Assistia ás crueldades da politica, aos attentados que commettiam em nome della contra a propriedade, a vida, o brio e a lei.

E, entretanto, sabia que o rei corrigia, sempre que era possível, os excessos do partidario.

Os foragidos das localidades assoladas pelas reacções partidarias deveram-lhe muitas vezes a paz e a protecção.

Alem disso, enquanto as inimidades politicas tornavam geralmente os homens irreconciliaveis, o Imperador dava-lhes o exemplo de summa tolerancia e de nobreza, utilizando nos cargos mais elevados o talento e o merito dos que o tinham aggreddido implacavelmente. A nossa historia politica está cheia de exemplos de tão elevado desprezimento. Nem mesmo exceptuava os que, com as armas na mão, tentaram abater-lhe o throno. A viuva de Nunes Machado não encontrou, talvez, protecção nos correligionarios de seu marido, no partido adverso ao throno: teve-a, entretanto, no Imperador, e d'elle recebeu, até morrer, uma pensão.

Não é pequeno o numero dos que assistiram ás devastações do *cholera-morbus* no Rio de Janeiro. Estes não terão esquecido a abnegação, a solicitude, os sacrificios do Imperador e de sua augusta consorte.

A sua caridade inexgotavel absorvia a maior parte do seu dinheiro. Muitos dos seus subditos tinham um tratamento mais fidalgo do que elle. Desaffectado, inimigo do luxo, serviu-se sempre das carruagens do tempo de D. João VI e o seu palacio accusava o desprezo da opulencia.

A sua probidade ninguem ousou negar. Tentaram, no entanto, desfigurar algumas das suas virtudes, porque seria de um impudor sem nome contestal-as.

Mas, ainda assim, as invencionices não parecem menos ineptas.

Não podendo dizer que lhe faltavam bondade e tolerancia, aventuraram que essas virtudes apparentes indicavam o plano machiavelico de enganar as sympathias publicas! O povo, apesar de instruido pela perspicacia destes psychologistas, não ficou presando menos o Monarcha. São os que explicam a probidade pelo medo do codigo e pelo horror á cadeia.

Scr-lhes-ia difficil dar de suas proprias qualidades uma prova extreme de suspeitas analogas.

Desmoralizou os partidos, allegam; e esquecem que assim confessam a fraqueza desses partidos em resistirem ás ambições, á avidez dos interesses.

E como explicariam os desatinos dos partidos no periodo da Regencia, quando o poder do Imperador ainda não se fazia sentir?

A intervenção do Imperante nas luctas da politica foi incontestavelmente benfica e moralisadora.

Corrigiu-lhe os excessos, impediu as reacções desatinadas, velou sem descançar pela moralidade do poder.

Ha quedas ministeriaes de uma significação indubitavel. Não carecemos de alludir a ellas.

Corrompeu até republicanos! isto é — não lhes fe-



chou o caminho da política, o accesso aos cargos publicos. Os republicanos prefeririam que elle se esquecesse delles, para o accusarem de votar ao ostracismo cidadãos uteis, ou que os perseguisse, para lhe chamarem tyranno?

Desvanecia-se da nomeada de que gosava na Europa, e procurava recommendar-se lá como um typo de rei democrata.

Esquecem que prestou um serviço immensuravel á sua patria, tornando-a conhecida e amada no extrangeiro, porque a consideração e respeito de que gosava o Imperador — e a que deveu por mais de uma vez ser escolhido para arbitro em pendencias internaciaes — reflectia-se sobre o Brasil.

Esta celebridade elle não a procurou; conquistou-a pela sua grandeza moral, não na Europa, mas no seu paiz, visitado constantemente por extrangeiros os mais illustres, que observaram o rei governando, que ouviram a opinião dos politicos, que escutaram as conversações do povo.

Aqui mesmo os testemunhos insuspeitos não faltam. Dariam para um grosso volume os depoimentos dos republicanos em favor das virtudes de D. Pedro II.

Não poucos, no mais accesso da propaganda contra o throno, reconheceram o seu alto merecimento.

Outros aguardavam a sua morte para então abrir campanha decisiva.

Quando se deu o attentado contra a sua existencia, associaram-se ás demonstrações de indignação com que receberam todos a nova do crime, e as derogosijo, por verem frustrada a tentativa.

Hoje mesmo os mais intransigentes apontam o seu nome como exemplo, e quando traçam um paralelo entre o que foi e o que existe, não raro a conclusão é desfavoravel ao presente.

Ainda não ha muito o sr. conselheiro Saldanha Maranhão, o chefe do partido republicano, reconhecia, em uma carta que toda a imprensa publicou, as excellencias do grande patriota, a quem confiaria o cargo de presidente da Republica.

Um irmão do ex-presidente, membro do Instituto Historico, propoz que a cadeira em que o exilado se sentava ficasse coberta de um véo.

Os que o baniram deram-lhe do crario publico, que estava á discreção delles, cinco mil contos e asseguraram-lhe uma pensão, que elle recusou nobremente.

A Constituição republicana concedeu-lhe tambem uma pensão.

Exilado por surpresa, partiu sem uma queixa. Guardou no infortunio um silencio digno, que só quebrava para attenuar a severidade com que julgavam a injustiça de que foi victima e os erros do novo regimen.

As amarguras do exilio não turvavam a sua bondade. Não accetou a offerta dos que o depuzeram e deu á patria que o obrigaram a deixar a sua grande bibliotheca e documentos de alto valor historico.

Foi um rei que amou a patria e que muito foi amado por ella.

As suas viagens pelos Estados tiveram a solennidade de marchas triumphaes. Quando, nos ultimos tempos do seu reinado, partiu enfermo para a Europa, a unanimidade do sentimento nacional acompanhou-o, sofrendo todas as incertezas e apprehensões que o seu estado inspirava.

O dia do seu regresso foi um dia de gala nacional. A emoção com que o acolheram assumia antes o tom carinhoso de uma familia que revê o chefe estremecido do que o de uma nação que recebe o sobrano.

E porque escurecel-o? Quando, pela derradeira vez, deixou a patria, não lhe faltaram demonstrações sinceras de saudade e pesar.

Inaugurava-se um regimen. O paiz estava oppresso, assistindo ao que faziam em seu nome; as ambições acotovelavam-se, os pretendentes caminhavam apressados para o poder que surgia; cada qual lidava por mostrar-se mais dedicado e mais sincero.

Mas, acima do alarido das ovações, do tumulto das festas, pairou a dôr do povo inconsolavel.

Muda, embora, a dôr nacional impunha-se ás preoccupações positivas desse momento, a que não quadravam os sentimentos desinteressados. Era occasião propicia á ambição, e não á saudade.

E, contudo, os dominadores sentiram a pressão desta magua, reconheceram-na até, apressando o momento supremo, porque da dedicação dos seus não estavam tão certos quanto da amargura que inspirava a partida dos exilados, e não consentindo que o dia allumiasse a despedida.

Os que cercavam então o governo nascente não viram nada disto e contestaram talvez este surdo movimento da opinião.

Outros, porém, que auscultaram o coração popular, sentiram que nunca talvez o monarcha inspirou emoções mais intensas.

Ha quasi sessenta annos, no largo do Paço, uma multidão acclamava em delirio uma criança de cinco annos, herdeiro de um grande Imperio.

Impossivel lhe seria imaginar que muitos annos depois atravessaria, á noite, a mudez dessa praça, em caminho do exilio.

O Imperador pela revolução tornára-se o banido pela revolta.

O segundo Imperio terminava por um desastre igual ao que victimára o primeiro.

Mas em 31 a patria não chorava o desthronado, e em 89 o mesmo sentimento estreitava o monarcha que partia e o povo que ficava. E a tristeza desta despedida, atravessando dous annos de exilio, chega, palpitante ainda, á borda deste tumulto aberto, fiel, como outr'ora, a este homem superior, tão ausente como dantes, mas talvez ainda mais amado.

UM FOLHETIM (2)

CAPITAL FEDERAL. — SAÚDE E FRATERNIDADE. — VÓS. RECOMMENDO-VOS. — ASSIGNATURA. — CIDADÃO. — ROCHA TARPEIA

Esse officio não foi respondido e o sr. Rio-Branco continuou a regular-se pelo antigo formulario, até que o seu particular amigo sr. dr. Olyntho de Magalhães, em 1899, tornou extensivas ás Missões Espe-

ciaes as regras estabelecidas para a correspondencia das Legações e Consulados. A ordem foi immediatamente cumprida pelos dous ministros que então tinhamos em missão especial no extrangeiro, os srs. Nabuco e Rio-Branco, mas deixou de ser observada em algumas das nossas Legações, sem que o dr. Magalhães, occupado com assumptos mais urgentes, tivesse tido

oportunidade para recusar a Excellencia e os protestos de respeitosa consideração que lhe eram enviados, ou para exigir o emprego da fórmula positivista: « Saúde e fraternidade ».

Agora, para uniformisar a correspondencia official do Ministerio das Relações Exteriores, foram restabelecidas as praticas anteriores a 1893, por meio das seguintes instruções:

1.ª Secção. Circular, Rio de Janeiro, Ministerio das Relações Exteriores, 4 de dezembro de 1902.

« Sr... (Ministro ou Consul).

« Sendo conveniente restabelecer na correspondencia desta Repartição e dos serviços que della dependem as fórmulas de cortezia usadas no estylo de chancellaria de todos os povos cultos, e nomeadamente no de todas as outras Republicas, declaro revogada a circular de 7 de julho de 1893 e peço a V. S. que de ora em diante remate os officios que dirigir a funcionarios publicos brasileiros e a particulares, dizendo que tem a honra de lhes offerecer ou de lhes reiterar, conforme o caso, os protestos mencionados no apontamento annexo a esta circular.

« Quando forem dadas ou transmitidas ordens e instruções, não será necessario ordenar ou recomendar sempre a sua execução: bastará, na generalidade dos casos, pedir ao subordinado que as tenha presentes ou que as execute, devendo este entender que o pedido do seu superior hierarchico ou de qualquer auctoridade competente é necessariamente uma ordem.

« No fêcho das notas e cartas officiaes a auctoridades estrangeiras, as Legações e Consulados Brasileiros deverão continuar a empregar as fórmulas de polidez usadas no estylo official do paiz em que estiverem.

« Tenho a honra de reiterar a V. S. os protestos da minha estima e consideração.

(Assignado) RIO-BRANCO.

Como se acaba de vêr, o que o sr. Ministro das Relações Exteriores fez com a Circular de 4 de dezembro ultimo foi pôr de novo em vigor, na correspondencia da sua Repartição, as regras de cortezia official abolidas em 1893 e que são, resumidamente e com ligeiras variantes, as mesmas que se encontram em um folheto de cincoenta paginas, em cuja capa e folha de rosto se lê o seguinte:

« *Republique Française. Protocole du Ministère des Affaires Étrangères. — 1900.* »

E da pagina 11 em diante: — « Protocole du Ministre ».

Os republicanos da Suissa, dos Estados-Unidos da America e da França, sendo mais antigos, devem entender mais de Republica do que os do Brasil. O nosso Ministerio das Relações Exteriores está seguindo agora, em materia de estylo official, os exemplos que nos dão os republicanos dessas e de todas as outras Republicas.

O sr. Rio-Branco, portanto, não supprimiu fórmulas republicanas, nem obedeceu a pensamento algum politico. O *Salut et Fraternité*, usado em França na época da Grande Revolução, é desde muito fórmula religiosa, e não politica, de que apenas se servem em França e outros paizes os pouco numerosos observantes da doutrina religiosa de Augusto Comte. Não nos parece que se possa com razão considerar « pequice politica » o emprego de alguns poucos minutos em concertar a reforma de 1893. O que com certeza deve ser considerado « pequice politica » e mesmo rematada *carolice* é o acto dos que então impuzeram ao Ministerio das Relações Exteriores uma

fórmula da Religião da Humanidade. Na Republica do Equador, o ultramontano Garcia Moreno não foi tão longe, pois nunca se lembrou de decretar para fêcho dos officios e notas o *Dominus vobiscum*, que seria a fórmula equivalente e mais aceitavel naquelle paiz de carolas.

Os avisos e communicações das outras repartições são documentos do nosso serviço interno, correspondencia trocada entre brasileiros, e que, assim, se passa toda em familia. Não succede o mesmo aos despachos do Ministerio das Relações Exteriores. Não raro são elles communicados por traducção aos governos estrangeiros e isso basta para mostrar que em taes documentos nos não devemos afastar dos estylos observados na correspondencia diplomatica de todos os povos civilisados. O « *Salut et Fraternité* » e o « *Hail and Fraternity* », nas traducções franceza e ingleza do nosso protesto contra a decisão do tribunal arbitral anglo-venezuelano, causaram bastante surpresa aos velhos republicanos de Paris, Berna e Washington e deram motivo a commentarios pouco agradaveis sobre o nosso calorismo republicano.

No Brasil foi decretada a separação da Igreja do Estado e não houve lei alguma impondo ás repartições e aos funcionarios publicos manifestações de adhesão á Religião da Humanidade.

Sabemos que o sr. Rio-Branco admira profundamente os talentos, a illustração, a constancia de propagandistas e a pureza de vida dos seus dignos apóstolos do positivismo no Brasil. Tem por elle e por todas as religiões o maior respeito, mas não pôde esquecer que no Brasil o Estado não tem religião.

O chamaço tratamento de — vós — tambem se não pôde dizer que seja rigorosamente republicano. Nas outras democracias é admittido, cu de rigor em certos casos, o tratamento de Excellencia. Nas de lingua hespanhola, ha este e o de Vossa Senhoria: nunca o de *vós*. Mesmo no Brasil, o de Excellencia é de estylo corrente nas discussões das camaras legislativas. O pronome da segunda pessoa do plural só é, em regra, empregado na lingua portugueza, na hespanhola e na italiana, quando se fala ou escreve a mais de uma pessoa. A índole dessas tres linguas repugna o tratamento de *vós*, e pôde dizer-se que em Portugal elle só era e é empregado nas Cartas Régias e outros documentos expedidos em nome do rei ou, excepcionalmente, quando se fala á Majestade ou a alguma pessoa da maior eminencia. Nos paizes de lingua portugueza tratamo-nos todos por « Senhor ». Como, pois, pretender que o « Vossa Senhoria » offenda o sentimento da equaldade?

E' melhor evitar os erros de conjugação tão frequentes entre nós depois que se introduziu o tratamento de *vós*.

Veja-se, por exemplo, o seguinte curioso trecho de officio ha tempos publicado, escripto por um pretenso positivista que em 1889 mereceu a honra de um retrato, com extensa dedicatoria, do illustre Benjamin Constant:

« ... Já *vós*, pois, que quem se enganou e errou fostes *vós* e não este seu criado, que chamei a attenção dos illustres Ministros. »

Em officios e telegrammas, em vez de *vós*, têm recebido funcionarios brasileiros, ás vezes, o pouco ceremonioso tratamento de *tu*.

O segundo paragrafo da circular teve por fim como o primeiro, acabar com a seccura e dureza do



estilo official observado desde 1893 e que de dia em dia se foram agravando. Abolidas todas as fórmulas de polidez (« Tive a honra de receber »; « Reitero a V. os protestos da minha estima e consideração »; « Queira fazer isto », etc.), a correspondencia entre os funcionarios do serviço exterior e a secretaria deixava a impressão de que o governo estava mal com os seus delegados e de que estes tambem não sabiam tratar com a devida deferencia os seus superiores. As ordens eram dadas com o laconismo e aspeza com que certos sargentos falam aos seus inferiores:

« Recommendo-vos que encarregueis o 1.º Secretario dessa Legação de escrever um relatório minucioso sobre a viticultura nesse paiz. »

« Saúde e Fraternidade. »

A fórmula final soava como um aspero « Passe bem ! »

Não era assim que tratavam os seus subordinados os estadistas que deram renome ao nosso antigo Ministerio dos Negocios Extranjeiros, dentre os quaes bastará citar os Viscondes de Uruguay, de Abaeté, do Rio-Branco, de Maranguape, de Sinimbu e de Caravelas, o Marquez de Abrantes, o Conselheiro Saraiva, o Barão de Cotegipe, e, depois da Republica, Quintino Bocayuva e Carlos de Carvalho.

Homens como Daniel Webster, Guizot, Gambetta, Metternich, Cavour, Palmerston, Derby, Salisbury não desciam da sua dignidade dizendo aos seus subordinados: « O officio que me fizestes a honra de dirigir... » « Peço-vos que communiqueis isto... » « Recebei, senhor, os protestos da minha distincta consideração » (fórmula franceza de cortezia nos despachos dirigidos aos simples Chancelleres de Consulado). Na Inglaterra, o chefe do *Foreign Office*, seja elle embora um Palmerston, termina deste modo os seus despachos officiaes, mesmo quando se dirige a um Vice-Consul: « Tenho a honra de ser, senhor, vosso humilde e obediente servo... »

Entre nós, entenderam alguns jovens ministros que não ficava bem á sua auctoridade respeitar taes usos de chancellaria, posto que observados escrupulosamente por mestres em Republica, como são os suissos, os norte-americanos e os francezes.

Comprehende-se facilmente que na carreira diplomatica, e tambem na consular, o exercicio da polidez deva ser de uso constante. Funcionarios habituados á dureza de fórma ou á falta de fórma, maltratados e inhibidos de observar as mais comensinhas regras de cortezia nas relações com os seus superiores, acabariam por ficar uns grandes malcriados, até mesmo no trato com as auctoridades estrangeiras.

A circular de 4 de dezembro procurou attender á necessidade de evitar esse inconveniente, restaurando praticas que não são só das Monarchias, mas tambem de todas as demais Republicas.

* * *

Outra critica de que tivemos noticia é relativa á assignatura *Rio-Branco*. Essa foi feita por um ex-ministro, em conversa de *bond*, ouvida pelos visinhos. O joven estadista via nesse modo de assignar uma demonstração de sebastianismo.

Responde-se mui facilmente á critica e á suspeita.

O nosso *Diario Official* acaba de publicar uma nota do Conselho Federal Suizo, dirigida ao Ministerio das Relações Exteriores desta Republica. Termina assim o documento:

« Queira accetar, Sr. Ministro, os novos protestos da nossa alta consideração.

Em nome do Conselho Federal Suizo:

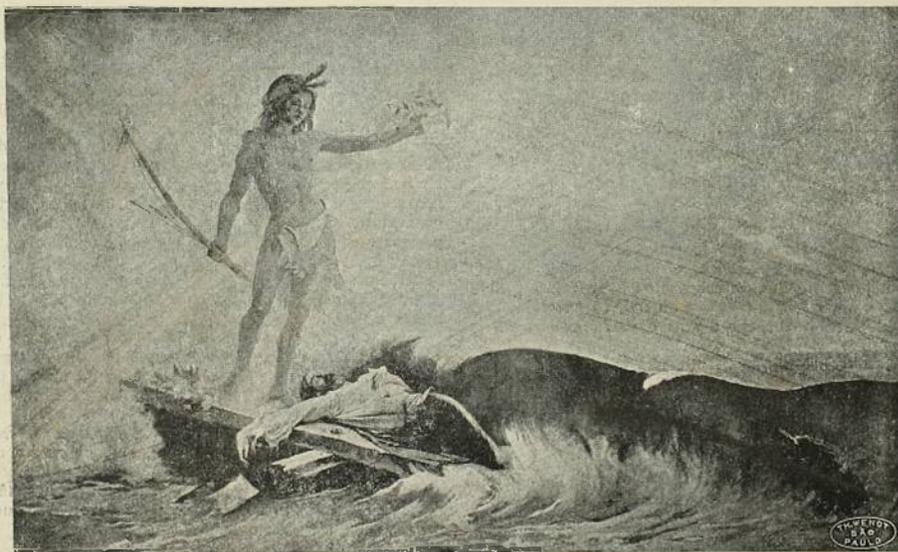
O Presidente da Confederação

(Assignado) ZEMP.

O Chanceller da Confederação

(Assignado) RINGIER. »

(Continúa)



Quadro de Eduardo de Sá

A MORTE DE GONÇALVES DIAS



Supplemento do "Album Imperial"

ANNO I

CHRONICAS E NOTICIAS

NUMERO 22

Album Imperial



O Album Imperial publica-se regularmente nos dias 5 e 20 de cada mez, trazendo no minimo dezeseis paginas de texto.

Deixou de ser representante do ALBUM IMPERIAL o sr. Alfredo Nogueira, que é convidado a vir ao nosso escriptorio prestar contas.

Na proxima edição daremos o summario do nosso numero de Natal.

O Brasil de hoje

PROPAGANDA E REPRESENTAÇÃO EXTERIORES — CORPO DIPLOMATICO E CONSULAR.

Implantado o novo systema de governo, as nossas relações externas sofrerem abalo sensivel.

Hoje, pôde-se afirmar que a confiança no governo da nação não existe mais, não deixando os banqueiros em Londres sahir de suas arcas uma só libra para o Brasil, sem cercar essa saída de todas as solidas garantias que elles sabem exigir para assegurar a sua volta.

Pelo que respeita ao commercio e á industria, o credito de que gosavam e que, mesmo através das maiores difficuldades, sempre honraram, desapareceu por completo.

Perdidos o conceito e a confiança que nos dispensavam nas rodas financeiras, a Republica, causadora do mal, não cuidou nem cuida em remedial-o; antes, parece ter o proposito de agravar-o, esbanjando os recursos do Thesouro em *propagandas negativas*.

Existe em Paris um jornal, subsidiado pelos cofres publicos, que apparece quatro vezes por mez e é destinado a tornar conhecido o Brasil na Europa.

Este pequeno jornal, que só em um kiosque dos grandes boulevards é exposto á venda, e felizmente não é lido, denomina-se *Le Brésil*.

Pois bem; *Le Brésil* nenhuma informação util fornece sobre o nosso paiz. O seu clima, sólo, produção, commercio, industria, sciencia, artes, navegação, etc., nada disto lhe merece sequer uma referencia.

Toda a sua solicitude é absorvida por uma preocupação unica:—divulgar a nossa vida parlamentar, para

que por ella as nações europeas molelem as suas.

E, no consciencioso desempenho dessa tarefa *patriotica* e subvencionada, no seu n. 1022, de 21 de agosto de 1904, dá publicidade, em *artigo de fundo*, ás linhas que em seguida transcrevemos:

«UNE SESSION SCANDALEUSE.—Le projet de budget de 1905 a été présenté au président par le ministre des finances et va être transmis au Congrès. Nous le publierons dans notre prochain courrier. Il est à souhaiter que la mise en débat des lois financières vient arracher la Chambre des députés aux scandaleuses discussions, aux questions personnelles odieuses,

da Republica Argentina, de cujo surprehendente progresso, nas minimas cousas revelado, dá uma amostra nesta interessante nova:

«On vient de créer à Buenos-Aires des tramways spécialement réservés aux dames.

«On a voulu mettre ainsi le sexe faible à l'abri des poussées et des bousculades des voyageurs lorsqu'à certaines heures de la journée les tramways sont pris d'assaut. Malgré toutes les prétentions du féminisme à l'égalité des sexes, c'est là une épreuve encore trop rude pour les *señoras* e *señoritas*.

«On leur donnera donc des véhicules bien à elles, où elles auront plus

to pede qualquer explicação, os nossos dignos consules, visivelmente constrangidos, informam que armarios, vidros, grãos e letreiros estão alli no consulado á disposição e ás ordens de um senhor que elles não conhecem e nunca viram, e que lhes consta ser o *encarregado da propaganda do café*.

Nada mais podem adeantar, porque no arquivo do consulado apenas existe, a respeito, um officio—o que acompanhou a remessa do precioso grão.

Alguns consules, demonstrando vivo interesse pelo nosso paiz, accusaram o recebimento daquelles objectos e communicaram na mesma occasião ao remetente que iam envidar esforços para facilitar-lhe a tarefa e aguardavam a sua presença para combinar os meios de acção.

E, já preparando o terreno, avisaram aos mais importantes negociantes do genero e ás camaras de commercio da proxima vinda do propagandista.

Todos se aprestaram para receber-o, vel-o, apalpal-o, e depois beber o divino café, que faltou a Virgilio e Voltaire adcrava, no dizer do poeta, deleitando-se, ao mesmo tempo, com os arroubos da eloquencia indigena, manifestada em todas as linguas, tão bem faladas como pelos porteiros dos hotéis da Suissa.

Até agora os consules aguardam a chegada desse Messias do café, e qualquer brasileiro desconhecido que se lhes apresenta é recebido com esta pergunta:

— Tenho a honra de falar com o propagandista do café?!

O certo é que o nosso café continua, em Paris, Londres, Berlim, Roma, Napoles, a ser exposto á venda, com letreiros bem visiveis, que o dão como originario de Moka, Java, Guadeloupe, Mexico, e até de *Mont Pellé*!

Em diversas localidades, constatando a falsa designação dada ao nosso café, a pretexão de comprar, pediamos nos servisse genero de procedencia brasileira.

Ninguem o conhecia, e algum negociante que delle tinha noticia não o vendia no seu estabelecimento, porque não era... *bon marche*.

No mostrador de uma loja de Genebra, vi annunciado á venda — Café Santos.

Entrei e pedi—*café brasileiro*. O proprietario da casa respondeu-me que não tinha, nem conhecia essa marca.

— Mas este *Café Santos* de onde procede?

— Ora, da Republica Argentina. E, por mais que me esforçasse, não consegui convencer ao negociante que Santos é uma importante cidade do Brasil e o emporio do commercio de café de S. Paulo.

Elle declarou-me que continuaria a vender aquelle genero como *argentino*; os seus freguezes como tal o consumiam e o seu prejuizo seria certo, se elle dissesse que provinha de

AVISO

Aos nossos assignantes

Suspenderemos a remessa do Album Imperial a todas as pessoas que até 30 do corrente não tiverem pago sua assignatura.

Os assignantes da capital poderão procurar o recibo na Typographia Hennies Irmãos, á rua Riachuelo, n. 14.

Os do interior poderão remetter-nos a importancia da assignatura em vale postal.

qui donnent aux séances de cette assemblée un caractère déplorable.

«Les attaques diffamatoires du député Varela contre certains de ses collègues sont arrivés à un tel degré de violence et de scandale qu'il a du lui-même, à l'occasion d'un récent discours qu'il a prononcé contre le député Hasslocher, prier les dames, qui se trouvaient dans les tribunes, de se retirer, pour n'avoir point à entendre les obscénités qu'il allait étaler devant la Chamber».

E' verdade que, para attenuar o máo effeito da noticia de que as sessões da camara dos deputados cheiram mal, *Le Brésil*, logo em seguida, dá conhecimento da bem cuidada hygiene

facilement accès, où elles n'auront rien à craindre des brutalités du sexe laid et qu'elles pourront transformer tout à leur aise en d'aimables potinières.»

E como os outros que o Thesouro fartamente estipendia no exterior pouco ou nada differem deste habil agente do *Le Brésil*, traccassam sempre as commissões de que são incumbidos.

Exemplo: — o recente insuccesso da *propaganda do café brasileiro*.

Quem entra nos consulados do Brasil, na Europa, depara com um pequeno armario envidraçado, em cujas prateleiras estão arrumados uns quantos vidros de café em grão, com este letreiro: — Productos brasileiros. —

Se o visitante é curioso e a respei-

um paiz habitado por selvagens e negros, e só conhecido pelas suas *épouvantables* serpentes. Desse facto posso produzir testemunhas, pois achava-me acompanhado quando elle occorreu.

Outro: tenho o filho educando-se em um pensionato de Genebra, que, presentes dous condiscipulos seus, de nacionalidade portugueza, relatou-me haver o seu professor de geographia, em aula, explicado o desenvolvimento da Republica Argentina, ahi assignando a cidade de Santos.

Meu filho protestou com toda a energia contra tão grande erro e chamou para elle a attenção de um seu condiscipulo argentino. Este abaixou a cabeça, emquanto o tal geographo continuava a sua *douta* preleção.

Mais: em Evian-les Bains, na alta Saboia, onde, com a familia, achava-me em uso das aguas, um francez de bõa apparencia, ouvindo-nos, á *table d'hôte*, conversar em portuguez, perguntou-nos se eramos russos.

— Somos brasileiros, respondi, e a lingua que falamos é a da velha nação portugueza, da qual temos orgulho em descender.

— Oh! dizem que o Brasil é um bello paiz, mas contém muitas serpentes e selvagens. Tenho alguns fundos brasileiros; são bons?

— Os melhores possiveis, perfeitamente garantidos, e muito superiores aos russos e ottomanos, redargui eu.

— Sim, mas amigos que actualmente habitam em Grenoble e já estiveram no Brasil dizem-me que o paiz, hoje, é *très sauvage*.

Procurei, como brasileiro, esconder os males da minha patria e cumprir o meu dever deante do estrangeiro.

Ainda outro: viajava pelo Nilo, em direcção á 1.ª cataracta, em Luqcor, onde foi a famosa Thebas das cem portas, da qual só existem as ruinas dos templos consagrados á deusa Isis e os tumulos dos Ramsés 19, da 20.ª dynastia, verdadeiros palacios cavados nas rochas das montanhas da Lybia.

Eramos trinta *fouristes*: inglezes e americanos, na maior parte; tres austriacos, uma familia franceza, um conde italiano e dous allemães de Franckfort. Com todo o conforto, installaramonos, para uma viagem de 15 dias, no bello *bateau* «Amasis», da agencia Cook. Eram meus companheiros á mesa a familia franceza e os tres austriacos.

No segundo dia de viagem, quando já se passa além dos ligeiros cumprimentos de cortezia e já se chega até uma conversação mais demorada, communicando-se as impressões recebidas, um dos austriacos se dirigiu a mim e indagou qual a minha nacionalidade.

— Brasileiro, senhor.

— Mas não é brasileiro nato. Exerce, talvez, o commercio no Brasil; é um adoptivo?

— Perdão, respondi, sou brasileiro nato, de paes brasileiros.

E, comprehendendo ao que visava alcançar o interlocutor, disse-lhe que não tinha sangue europeu nas veias, e que por ascendentes tinha os primitivos habitantes das selvas do meu paiz.

— O senhor é um *biagueur*. No Brasil, segundo sabemos, só existem selvagens, refractarios á civilização, que temos visto expostos nas feiras, e serpentes!

Um amigo, que reside no Rio de Janeiro, remette-me cartões postaes,

com bonitas photographias de palmeiras e de negros eguaes aos que temos visto em Assiout. São horrendos esses indigenas do seu paiz; o meu amigo do Rio diz-me que elles são cannibae e que os matam a tiros de revolver dentro da cidade.

E esses senhores communicaram-me o nome da casa commercial do seu amigo, que é bastante conhecida no Rio de Janeiro.

Quando lhes referi que no Brasil havia cêrca de 260 usinas de assucar, e que, depois da do Khediva, a de Quissamã era a maior do mundo, elles, com gesto bem expressivo, deixaram transparecer a sua incredulidade, que ainda se accentuou quando, á vista do francez, lhes disse que o Brasil era 17 vezes maior que a França e que a Austria visse quantas vezes era menor do que esta.

O certo é que uma tarde, passeiando com o conde B., este cavalheiro, correcto e gentil, fez-me ver que a bordo ninguem acreditava que eu fosse brasileiro!

Roguei-lhe que examinasse o meu passaporte, com o *visto* dos consules brasileiro e turco, em Napoles.

Só assim os meus companheiros de excursão talvez se convencessem de que um brasileiro havia entre elles.

Mesmo a bordo dos transatlanticos que demandam os nossos portos, se exerce contra o nosso paiz uma propaganda injusta e cruel.

Conheci, durante a minha ultima estadia em Genebra, em fins de abril, um Mr. Law, cuja mulher dirigia uma casa de pensão, da qual era hospede um sobrinho meu.

Certo dia, Mr. Law procurou-me para dar-me parte que deliberara partir para S. Paulo, a explorar um privilegio relativo á illuminação particular, e tambem alli introduzir diversos artigos de commercio.

Já realisara todos os seus haveres, que montavam em cêrca de 15 mil francos.

Animei-o no seu proposito, dei-lhe as melhores informações sobre o Brasil e especialmente sobre S. Paulo, entregando-lhe alguns cartões e cartas de apresentação para amigos do Rio de Janeiro.

A 13 de maio, Mr. Law tomou passagem, em Bordeaux, para o Rio de Janeiro, e já em fins de junho meu sobrinho me informava da sua volta a Genebra.

Curioso por saber o que determinara tão prompto regresso, procurei encontrar-me com esse cavalheiro.

E elle referiu-me que a bordo, logo nos primeiros dias da viagem, tivera as mais desanimadoras noticias, quer sobre o Brasil, em geral, quer particularmente sobre S. Paulo.

Informaram-n'o de que perderia o tempo e o seu pequeno peculio, e até arriscaria a vida, se permanecesse alg tempo no paiz.

A occasião, disseram-lhe, era de sahir e *não de entrar*: não existiam garantias e a sociedade brasileira estava em decomposição.

Accrescentou ainda que, chegado ao Rio de Janeiro, que tinha um aspecto *épouvantable*, pois só se viam ruinas, todos os seus patricios com quem conversara haviam confirmado as informações colhidas a bordo.

Mr. Law apenas demorou-se no Rio o tempo escoado entre a ida e a volta do paquete a Buenos-Aires.

Foram sempre desse teor as referencias que, em toda parte, ouvi sobre nós e as nossas cousas e que

registrei, para tornal-as conhecidas do povo e tambem dos homens que fazem *governo* e *engenharia*!

Para não revelar o minimo interesse pelas cousas da patria, mantem-se na Europa um numeroso corpo diplomatico, cujos funcionarios têm tanto que fazer como o nosso ministro em Berne. Seria preferivel que, em toda a Europa, apenas conservassemos dous ministros: — um para o continente, outro para a Inglaterra, nosso mercado financeiro.

O Brasil nada perderia, e talvez fosse melhor representado, se, imitando a Suissa, concedesse aos consules algumas attribuições diplomaticas, porque, em geral, como tive occasião de verificar, o pessoal dos consules é trabalhador, dedicado ao serviço da patria e conhecedor das funções dos seus cargos.

H. DE M.

Carteira de um jornalista — (Memorias de Fabricio Pierrot), pelo dr. Couto de Magalhães — A venda no escriptorio do *Album Imperial* e em todas as livrarias. — Preço, 3\$000.

Carteira de um jornalista

Pelo *Paiz*, de 2 do corrente, Arthur Azevedo dedicou a sua apreciada secção *Palestra* áquelle livro:

«Com o titulo *Carteira de um jornalista* o meu distincto confrade da imprensa de S. Paulo, Couto de Magalhães, acaba de publicar um interessante livrinho, escripto pelo seu melhor amigo: Fabricio Pierrot.

E' uma interessante monographia da nossa imprensa vista por dentro, nos bastidores, onde o publico não entra.

Em linguagem desprezenciosa, mas castigada, e por vezes faceta, deixando sentir de quando em quando a ponta, a pontinha, nada mais que a pontinha de um alfinete inoffensivo, o auctor passa em revista os varios serviços de uma tolha diaria e o respectivo pessoal, desde o redactor-chefe até o remesista, classificação que eu, confesso, não conhecia.

São trinta e seis capitulos pequeninos, que se lêem de uma assentada, para descansar o espirito de leituras menos leves, e têm o merecimento de conservar, como um documento photographico, a physionomia actual da nossa imprensa.

E' pena que os jornalistas das gerações passadas — Henrique Muzio, por exemplo — não se tivessem lembrado de descrever os bastidores da imprensa do seu tempo, a qual não se parecia nada com a de hoje, como a de hoje não se parecerá nada com a de 1920.

Ha trinta annos, o crime da rua da Carioca seria noticiado e commentado

em poucas linhas; não se gastariam tantos arrateis de tinta com Roca e Carletto, que aliás nada têm de interessantes.

A «Noticia» levou o seu desejo de informar o publico ao ponto de contar os sonhos que aquelles faccinoras e os seus sequazes tiveram nas enxovias; ainda cá tenho a brincar-me no cerebro um trecho de prosa, aliás muito bõa, intitulado «A noite de Maria Leopoldina».

Naquelle tempo, Maria Leopoldina, pobre comparsa da medonha tragedia, nem ao menos teria as honras de publicação do seu nome.

Ainda hontem, conversando nesta folha, dizia eu que em 1873 o barbaro assassinato de Maria da Conceição, pelo desembargador Pontes Visgueiro, o facto de mais sensação, talvez, entre quantos figuram nos annaes da criminologia brasileira, não custou a vigesima parte da tinta que se gastou agora com o crime da rua da Carioca. Hoje aquelle acontecimento, com todos os seus interessantes e horriveis pormenores, daria materia para encher columnas e columnas dos nossos diarios.

Basta dizer que Pontes Visgueiro, remetido do Maranhão para esta capital, pois só podia ser julgado pelo Supremo Tribunal de Justiça, desembarcou, foi para o quartel de Barbonos, compareceu depois á barra do tribunal, foi julgado, condemnado á prisão perpetua com trabalho, e morreu na Casa de Correção, onde aprendêra, aos setenta annos, o officio de encadernador, sem que jámais cahisse sobre elle o abelhudo olhar de um reporter.

Entretanto, já tinhamos «reporters», dous, pelo menos, o João de Almeida e o Tinoco, a quem a *Carteira de um jornalista* faz uma interessante referencia.

Vou guardar com amor o meu exemplar do livrinho de Fabricio Pierrot. A edição foi apenas de quinhentos, e a obra não tarda a ter fóros de raridade.

«DIARIO POPULAR»

E' com immenso prazer que noticiamos o 23.º anniversario do *Diario Popular*, a 8 do corrente.

Se ha em S. Paulo uma folha que não desmente o seu titulo, essa é o brilhante vespertino fundado por Americo de Campos e pelo velho Lisboa e hoje criteriosamente redigido pelos distinctos filhos do decano do nosso jornalismo.

O *Diario Popular* cada vez mais se impõe á sympathia publica, pelo seu criterio e pelo zelo com que advoga os interesses do publico.

Que a prosperidade mais completa continue a bafejal-o, são os nossos votos sinceros.

POETAS BRASILEIROS



A estatua de Moysés
(NA EGREJA DE SAN PIETRO, IN VINCOLI)

Moysés, que, transportado em extase, medita
Nas palavras que ouviu a Jehovah clemente,
Desce o Monte Sinai, a face refulgente,
Com as taboas da lei pelo Senhor escripta.

Ao povo d'Israel, que deslumbrado o fita,
Majestoso refere a Alliança recente
Feita por Jehovah sobre o Sinai ardente,
E já da lei sem par as grandes regras dicta.

Miguel Angelo assim na phantasia admira
O Chefe hebreu; depois, do marmore lhe tira
As fórmas colossaes o creador cinzel.

E no marmore bello, eis, Moysés redivivo
Dictar parece ainda, imperioso, altivo,
O Decalogo santo ao povo d'Israel.

BARÃO DE LORETO



Baixo relevo

Núa, dos pés subtis á branca espalda,
Sobre o lendario chão da terra grega
Surge a bacchante, e a ella já se chega
A multidão que o roxo vinho escalda.

Frauta e cymbalos sôam... De grinalda
Cingida a fronte; ao corpo se lhe apega
Do fauno ardente o olhar, a que se entrega
A loira coma o vento lhe desfralda.

Eil-a que dança e lubrica palpita,
E ao mesmo tempo os crótalos agita
Nas mãos de neve, em seductor aceno.

Dança... E por fim, purpleada rosa,
Tonta, applaudida, arfante, voluptuosa,
Aos braços cai de um bebedo sileno.

XAVIER MARQUES



Hoje

Meu coração, jardim das minhas esperanças,
Onde o sol de uma fé punha clarões de vida
E se ouvia, em rumor, o voar de pombas mansas,
Na primavera azul de uma estação florida.

Nelle vinhas passear, soltas as tuas tranças,
O' mulher, ó visão, ó fórma extremecida,
Abria-se a teus pés o lirio das bonanças
Para te ver passar risonha e commovida.

Meu pobre coração, meu jardim de chimera,
Como foi que morreu assim, a primavera
E os meus sonhos de amor tão depressa perdi?

No meu seio fatal, hoje esteril e frio,
Onde a dôr paira como um phantasma sombrio,
Quanta crença semeei! Quanta illusão colhi!

LUÍZ EDMUNDO



Arrufos

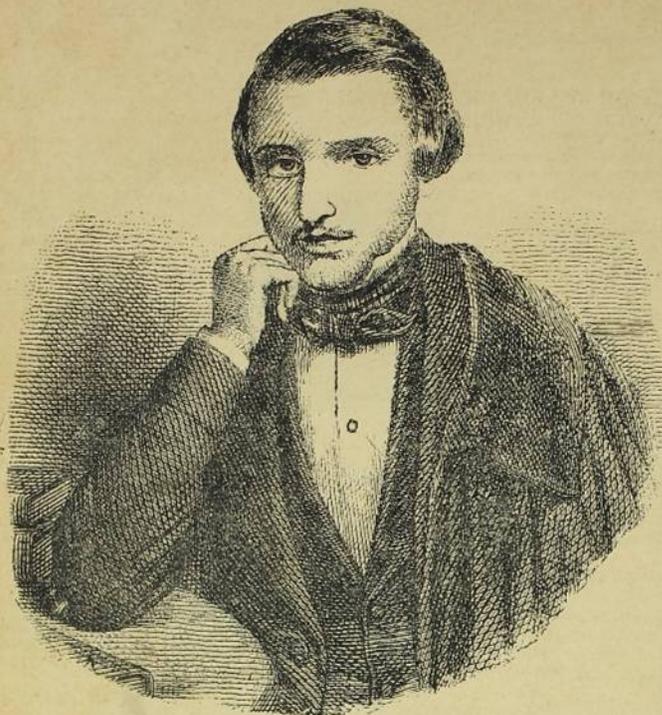
Vi teu rosto sombrio e tempestuoso
E inda ignoro o motivo que tiveste
Para lançar-me n'alma o espinho agreste
Da tristeza e do pasmo doloroso.

Muitas vezes, a cupola celeste
Cançada já de calma e repouso,
Muitas vezes o céu, por caprichoso,
De nuvens côr de chumbo se reveste...

Eu não me espantei, portanto, agora
Vendo em teu rosto, sem poder vencel-o,
O tom tristonho que o despeito arvora...

Se, de um lado — com maguas me arrepió,
De outro — sorriso, pois, minha senhora,
Nublado o céu não deixa de ser bello!

BENEDICTO OCTAVIO



Alvares de Azevedo

A mocidade academica de S. Paulo, bem ins iraca, volta a agitar a idéa de se crigr a Alvares de Azevedo, no Jardim da Luz, um modesto monumento.

Nesse patriótico tentamen, a nossa Academia de Direito segue, na « capital artistica », o edificante exemplo que já nos deu, na capital politica, a Academia de Letras. Esta, para que ao maior poeta brasileiro se pagasse justissimo tributo, fez alli collocar, ainda não ha muito, no remanso virgiliano do Passeio Publico, o busto de Gonçalves

Dias. A esse busto, primorosamente modelado, juntar-se-ão, mais tarde, os de outros poetas e prosadores, senão tão altos, pelo menos tão dignos de homenagem.

Não ha, entretanto, para a nossa Academia de Direito o menor desaire em imitar a Academia de Letras. No seu louvavel empenho, tambem a veneranda pleiade dos nossos *immortales* imitou, não a vetusta e mui circumspccta Academia Franceza, mas o escul da França intellectual...

Como se sabe, graças á iniciativa de insignes literatos, ha muito que no

Luxemburgo, sob a caricia ciciante de velhas arvores e ao cantar embalador de fontes crystalinas, sonham, no seu eterno somno de marmore, entre rosas e jasmims, as fontes scismadoras de Michelet, de Banville, de Gautier e de outros poetas do verso ou da prosa.

O monumento agora projectado, para o qual, ricos e pobres, nobres e plebeus, moços e velhos, devem todos contribuir na medida das suas forças, é, por bem dizer, a justiça dos moços de hoje ao mais moço dos nossos poetas de hontem. E' um nobre tributo da mocidade viva á mocidade morta. E', em synthese, o nosso futuro reverenciando já o nosso passado.

Nem outra cousa, aliás, se deve esperar das almas ainda em flôr, na mais feliz sazão da existencia, quando o olhar do espirito, desennvoado e arguto, tem sempre deante de si horizontes roseos, perspectivas iriantes, toda uma celagem de paz encantado...

Ser moço é ser forte; é ser nobre, generoso e justo; é ter, como Alvares de Azevedo, no cranco vulcanizado pelo genio, já desabrochados, ou apenas em embryão, todos os sonhos do bem e da justiça; é sentir-se que parte vigoroso para, no arduo caminho da vida, avançar serenamente ao encontro da Gloria... E quem melhor do que os moços, com o coração ainda virgem de desenganos, saberia amar a memoria gloriosa dessa esperança brilhantissima das nossas letras, tão precocemente emmurhecida e morta?

O povo helleno — maravilhoso povo de genios! — foi deveras admiravel nas concepções da sua illuminada phantasia. Lemboram-se daquelle mytho de Atlante? E' expressivo.

Logo ao nascer, recebeu Atlante, de Jupiter, o tremendo encargo de supportar sobre os hombros, eternamente, todo o peso do globo celeste. Estudando e formidavel peso! Mas o Tonante, em compensação, com uma solicitude paternal, tivera antes o cuidado de, para o facil cumprimento de tão difficil destino, dar-lhe tambem um corpo de gigante, rijissimo e forte, co-

mo a alterosa montanha em que, mais tarde, veiu Atlante a converter-se.

Com o nosso mallogrado Alvares, porém, não quiz a Natureza ter a mesma previdente solicitude. Deu-lhe, é certo, o destino glorioso de trazer no crebro um talento colossal; mas ai! esqueceu-se de lhe dar tambem, como Jupiter a seu filho Atlante, a ferrea corporatura de um cyclope. E foi por isso que, tão cedo, irrevogavelmente, o esmagou a esphera constellada do seu genio!

Devemos, sim, deplorar que prematuramente se finasse o caprichoso phantasia da *Noite na taberna*. Em compensação, porém, foi elle o unico que, vivendo pouco, viveu muito... Viveu pouco, pela brevissima duração da sua existencia physica; viveu muito, pela vibrante intensidade de sua vida intellectual. Era, realmente, por demais vigoroso aquelle espirito para um corpo tão infermigo e debil! Mas, se ainda existisse, que seria hoje, ao cabo de tantos lustros, o portentoso adolescente? Talvez a maior gloria das nossas letras; talvez um fructo combalido e secco, eivado pelo materialismo da época...

Os que morrem moços — bem o disse, num verso celebre, um dos poetas favoritos de Azevedo... os que morrem moços são os queridos dos deuses.

O mavioso poeta da *Lyra dos vinte annos* foi, sem contradicta, uma das mais genuinas glorias do Brasil literario. Muito bem procedem, pois, os academicos de S. Paulo em render, embora modestamente, o seu preito de admiração e apreço ao maior dos poetas da sua terra.

Esse culto posthumo aos grandes vultos nacionaes, tão eloquentemente preconizado por Carlyle, é o mais bello distinctivo dos povos que se prezam.

(Da Iris)



Numero de Natal

Só aceitaremos publicações para o numero de Natal até 30 do corrente.

Do padre José Severiano de Rezende

FIDES NOSTRA

Per Ipsum, et cum Ipso, et in Ipso...

No vago luar da noite infinda, a lua opaca
Vê desfilar na steppe as almas somnoentas...
Para seguir a Cruz, como a creatura é fraca!
Para galgar o Céu, como as almas são lentas!

Se o triplice inimigo os corações ataca
No grande ermo terreal das trevas turbulentas,
E a vossa Mão serena os ventos não aplaca,
Como, ai de nós! transpôr o Cabo das Tormentas?

Como erguer a alma triste á aurea ascensão superna
E ir-nos perpetuar emfim na luz excelsa e eterna,
Depois do largo e amargo exilio da existencia?

Por Vós, Senhor Jesus, o caminho seguro,
Comvosco a vida inteira e em Vós o almo futuro,
Na veraz radiação triadica da Essencia.

VULNERA... SIDERA

Haurietis aquas in gaudio de fontibus salvatoris...
(Prophécia de Isaias, XIII, 3)

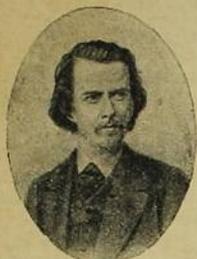
Longe do longo cháos e das stygias vagas,
Da carne vil emfim o espirito evolado,
Recebei-nos, Jesus, nas vossas cinco chagas,
Ou nessa então, Senhor, chaga do vosso Lado.

Ancoradouro idéal das remansosas plagas,
Porto de beatitude a todos nós franqueado,
O' Flanco aberto em luz que os peccados apagas,
Bemditada seja sempre a Lança do soldado!

Braços na cruz, Senhor, intensamente abertos,
Para abraçar o mundo, os mares e os desertos
No amplexo universal do immenso e eterno Amor...

Offégo, aneio e corro... aneio e corro e venho
Oh! para descançar, á sombra desse Lenho,
Nas fontes sideraes das Chagas do Senhor.

PAGINAS ESCOLHIDAS



Immaculada Conceição

Ha muitos, muitos annos — nem posso calcular quantos! — um navio trazendo da Europa a imagem da Santissima Virgem da Conceição, que devia ser entregue em Santos ou Paranaguá, teve de entrar neste porto; e aqui demorar-se alguns dias. Grande tempestade fizera esse fragil barco buscar Angra dos Reis, paragem cuja propria denominação recorda a primeira adoração ao Filho de Deus e sua Mãe Divina.

Quem não se lembra da viagem dos Magos do Oriente, guiados pela Estrella fulgurante que para os lados de Bethlém, fulgida, bella como um diamante engastado no immenso pavilhão do Céu, caminhava? Quem não deixou pender, ainda uma vez na vida, a cabeça sobre os joelhos, pensando nessa romaria sublime e predestinada, feita pelos tres Reis de nações extrangeiras á região dos Hebreus? Quem? . . . Estava o navio necessitado de concerto. Feito este, continuou sua rota. Ao chegar á barra do Sul, violenta borrasca rebentou! Nuvens condensadas, prenches de raios, agglomeravam-se no espaço.

Os trovões rugiram desapiadados, os ventos desencadearam-se furiosos e o barco teve de voltar de novo para Angra dos Reis!

O povo, que vira com pesar afas-

tar-se a gloriosa Imagem, correu ás praias alegre e alvoroçado. Parecia que recuperava um bem perdido. Uma voz secreta lhe dizia que aquella Santa nunca o abandonaria, que o Senhor a tinha enviado para ser a sua Protectora, — que Ella não passaria mais longe.

O piloto, porém, tenaz, como todos os marujos, findo o temporal e reparado o navio, levantou ancora e aprou para o Sul. Era o dia risonho, azul o firmamento, sem uma nuvem que o toldasse. Cardumes de lindas gaiotas ajejavam pelos ares, e, descendo em voltas caprichosas, extendiam as azas sobre as ondas, e deixavam-se embalar por ellas. O povo estava triste, porque a Virgem se ia embora! Porém um occulto presentimento...

Longo, na linha indecisa que separava os mares dos céos, apenas alvejavam as vélas da embarcação. — Boa viagem, Santissima Virgem! Mas, de repente, um ponto apparece no espaço, — cresce, toma as proporções de uma cordilheira immensa de negrumes. De verde-claro, tornam-se as vagas azul escuro, irritam-se. Atiram-se raivosas umas contra as outras, semelhantes a poldros bravios. Listras avermelhadas cruzam-se entre as nuvens. Impetuoso tufão engolfava-se do meridiano e arroja mais uma vez o navio ao porto de Angra dos Reis!...

Salve, Maria, cheia de graça!...

Mais salvadora não era a arca de Noé, salvadora do genero humano, do que esse fragil barco, que volvia aos olhos dos crentes suspirosos. Dir-se-ia que suas orações tinham commovido a Rainha dos Anjos! Dir-se-ia que Ella queria ficar!

Terceira vez tentou o audacioso piloto partir. Terceira vez o sopro infirmito de Deus fez recuar o navio! Tremenda foi essa derradeira tempestade! O homem temerario, que se atrevera a affrontar os decretos da Omnipotencia, duas vezes curvou então a cabeça!...

— Salve, Maria, cheia de graça!... murmurou, ajoelhando-se no convéz e erguendo as mãos para o céu.

Então todo o povo se reuniu. Homens e mulheres, velhos e crianças, pobres e ricos, todos aclamaram, a uma voz: — A Virgem não sahirá d'aqui! Ella se apiedou de nós. Ella será a nossa Padroeira!

E a Virgem ficou.

Entretanto, as tormentas que soffrera tinham desbotado as côres do seu rosto angelico e mareado os bordados da sua tunica cerulea. Parecia que houvera padecido por seus filhos. Que não fóra o mar, porém, as lagrymas que lhe empallideceram o semblante celestial.

Nenhum artista inspirado, nessas cras escuras, havia em Angra dos Reis, que pudesse na formosa Imagem reparar os estragos do tempo. Forçoso foi, pois, enviar-a á cidade de Paraty, onde então existia um piedoso e illustre entendedor, para que este lhe apagasse os vestigios dos temporaes e lhe alindasse os traços e as roupagens. Passado o tempo necessario para esse fim, a Imagem teve de voltar.

Um espectáculo extraordinario teve lugar então: o navio em que vinha a Senhora, desde o porto que deixara até chegar a Angra dos Reis, parecia correr sobre um turbilhão de peixos prateados de diversas fórmats e de diversos tamanhos, que moviam-se, giravam, ora em redemoinhos immensos, ora em complicadas voltas e vastas espiraes, sempre em torno do lenho abençoado.

Pela primeira vez neste porto, uma especie desconhecida appareceu. As canoas dos pescadores encheram-se della todos os dias, e as rédes inundavam as praias de tão abundante pescado. A pobreza encontrou dahi por diante um dos maiores recursos contra a fome.

Ella estava outra vez, a Rainha dos Anjos, em sua cidade predilecta, no meio do seu povo. O jubilo era immenso. A população parecia ebria de

entusiasmo. Por toda a parte só se ouviam canticos festivos, hymnos de alegria, expressões repassadas do mais profundo contentamento.

— Salve, Maria, cheia de graça!

Dizem, porém não affirmo, que, para collocar a veneranda Imagem em seu nicho, foi preciso serrar-lhe a peanha, que mais tarde, para aformoseal-a, raspolu-se-lhe o colorido das faces e dos vestuarios, e que todos aquelles que nesta sacrilega tarefa se empenharam, feneceram, uns cegos, outros atacados de cruentas enfermidades, outros, emfim, no peor estado de degradação e de miseria. Nada sei a este respeito. Nem mesmo presto fé a taes boatos, porque não eram más as intenções dos miseros artistas, nem de tão insolita, quanto cruenta vingança, usaria jámais Aquella que é toda brandura, toda bondade.

Eis o que tenho colhido a respeito da lenda da Santissima Virgem da Conceição, Padroeira da cidade de Angra dos Reis. Agora o que posso affiançar é que a maior parte das familias a tem escolhido para madrinha de seus filhos. — para protectora dos seus lares e sua advogada junto ao throno do Eterno.

— Salve, Maria, cheia de graça!

Angra dos Reis, 8 dezembro 1870.

FAGUNDES VARELLA



S. Alteza Imperial o sr. Conde d'Eu dirigiu um cartão de agradecimento ao sr. J. Brigido, pela remessa do *Unitario*, da Fortaleza, que publicou o seu vibrante artigo *A trasladação*, reproduzido num dos ultimos numeros do *Album Imperial*.

Numero de Natal

Só accitaremos publicações para o numero de Natal até 30 do corrente.

DE AZEVEDO CRUZ

ORGULHO

«L'orgueil... c'est ce qui reste encore d'un peu beau dans la vie».

A. F. DE MUSSET

Devo dizel-o aqui, para que o saibam todos, (Seja-me fluente a phrase, escoimada e castiça!) Nescios, embora, e vãos crivem-me ce odio e apodos, — Sempre algum haverá que me faça Justiça!

Immarcessivel e radiosa sobre os lódos Das paixões, paira innocia a minh'alma insummissa, Nem pôde em mim nenhum dos multiplos engódos Da Inveja e da Ambição, da Usura e da Cobiça!

Sómente — o Orgulho — entendo-o a mais alta Virtude, E (hão de me permittir esta franqueza rude) — O Orgulho é o unico Deus a cujos pés me inclino!

Elle é que me protege, elle é que me resguarda, Que obra de outro não é, senão delle, a bastarda, A espuria raça dos enteados do Destino!...

NO BOULEVARD

Mal a entrevejo e logo o coração transido:
« Desvia o olhar e toma um rumo differente! »
E ouço-lhe dentro a voz, flebil como um gemido:
« Olha que é perigoso encaral-a de frente! »

Clama! Em vão clamarás! É trabalho perdido!
Presentil-a ao passar, alva e resplandecente,
E ouvir-lhe o passo e o farfarhar do seu vestido,
Cego, — quem já soffreu tortura equivalente?

Da Gorgona houvesse ella o malsinado encanto,
E eis-me, a primeira vez que na rua a encontrasse,
Posto em rochedo sob a accção do seu quebranto!

Porque é em vão que me imponho a penosa tortura
— De vél-a e afivelar a mascara na face
— De guardar junto della a linha e a compostura.

A EUCHARISTIA

(APÓS UMA LEITURA)

As *Cartas* de Santa Thereza se ligam ao evangelho de S. João e às epistolas de S. Paulo, por um traço commum:

— O nome de *Jesus* brota de cada linha; vibra em cada palavra esse nome que, para S. Bernardo, tinha as melodias de um canto, a doçura de um favo, a suavidade de um amor.

Santa Thereza fala do seu *Jesus*, com emoção superior á de uma filha amorosa a pronunciar o nome de sua mãe; — á de um amigo (falando com ternura ao seu amigo. *Jesus* é o senhor, o rei, o dominador do Carmelo. *Jesus*... por toda parte... *Jesus*!

No mosteiro carmelitano de Medina, o segundo fundado depois do de S. José de Avila, em 1567, se lêem ainda estes versos expressivos:

Hermano! una de dos:
Ó no entrar, ó hablar de Dios:

Que en la casa de Teresa
Esta ciencia se profesa.

Esse admiravel sentimento de amor, *charitas*, em sua expressão a mais profunda e a mais dignificada, foi nas mãos de Santa Thereza o maior dos instrumentos com que ella alcançou as maravilhas da reforma do Carmelo. Em nome de *Jesus*, conseguiu todos os sacrificios, todas as immolações possíveis, todo esse prodigioso aparelho de virtudes, que transformam a escura subida do Calvario numa ascensão luminosa para o céo...

Ha na terra bemdita do Carmelo um sitio de eleição em que as almas fieis desejariam firmar estancia permanente. Alli, como no Thaber, tudo convida a dobrar a tcnida da vida e entrar no repouso do bem. *Jesus* está presente.

Jesus está presente. Ninguem deve ignorar-o. Entretanto, por um descuido de nossa vida, deixamos entrever que nos esquecemos de *Jesus*. Elle é nosso hospede, vive debaixo de nossos teccos, nos chama, estende-nos os braços, nos abre o coração... e no entanto quantas horas deixamol-o encerrado em seu altar, solitario, ao desamparo, á luz morticia de uma lâmpada, sem que se encontre um olhar que o console, um suspiro que o invoque, uma palavra que responda...

Não assim, no Carmelo. O Carmelo é, sobretudo, um coração. E que é uma visita a *Jesus-Sacramento*, senão um acto de amor, uma questão de coração? Todos os dias, lá vem o instante em que o homem sente necessidade de descançar a fronte sobre um hombro amigo, entornar o coração em outro coração, fortificar o espirito ao contacto daquelle que *Isaias* chamava o *Forté*. Que importa que a aridez, o tedio envolva em seus abatimentos a alma inteira?! Se os labios não sabem murmurar uma prece, bem póde o corpo, como o de *Magdalena*, cahir mudo, silencioso, aos pés de *Jesus*.

Não ha coração de fiel que, atravessando á frente de uma Igreja, não sinta estremecimento, rapido e fugitivo embora, a lembrança de que lá dentro, num sacrario pobre e esquecido talvez, *Deus* existe, *Deus* vive, *Deus* soffre, *Deus* ama.

Amar ou não amar, eis tudo. Amor aos pedaços, amor em fragmentos, não é amor.

A' MINAS

(PRESCILIANA DUARTE DE ALMEIDA)

A' MIMOSA

Laquelle de nous deux pleurera dans ses veilles
Plus de regrets?... Toi, là, de climats en climats,
En pays étrangers, rencontrant sous tes pas
De l'Art et du Progrès mille et mille merveilles?

Ou moi, dans ce recoin de beautés sans pareilles,
Témoin d'une amitié que nous n'oublions pas?
— Tout parle ici de toi: les manguiers tout là-bas,
Le taillis de bambous, nos ébats sous les treilles...

Et le petit ruisseau qui, par un beau matin,
Nous voyait toutes deux et la main dans la main,
Du vieux saule-pleureur goûtant le frais ombrage...

Et notre salon bleu toujours ensoleillé,
Et la large fenêtre où le Ciel étoilé
Nous vit souvent pleurer les soucis du jeune-âge...

S. Paul, le 23 Octobre 1906.

HIPPOLYTE PUJOL

E' a doutrina de Santa Thereza, — doutrina demasiadamente luminosa para o olhar humano, que se habitua ás tenues claridades do crepusculo; mas doutrina verdadeira, porque a alma humana foi creada para a luz, em seu mais intenso esplendor, isto é, para Deus.

Partindo desta sentença commovedora:

— Minha delicia toda se resume em conviver com os filhos do homem —,

Santa Thereza ensina que o logar mais ambicionavel da terra deve ser ao pé do Sanctuario.

Todas as comparações que, a esse proposito, nos dão as Escripturas, todas as palavras com que Deus provoca o amor das creaturas, tudo é posto em jogo pela piedosa carmelita, para prégao de *amor suave*, que é feito de abandono e de humildade, e resumir tudo no amor, exclamando com S. Agostinho:

Ama et fac quod vis.

BRASILIO MACHADO



Estatua de D. Pedro II

A's ultimas datas, era o seguinte o resultado da subscrição aberta na Fortaleza (Ceará), para o levantamento, naquella capital, de uma estatua ao saudoso Imperador do Brasil, D. Pedro II.

O *Album Imperial* receberá qualquer donativo para o mesmo fim.

Quantia publicada	7:912\$000
Agenciada pelo sr. Coronel Vidal Lima, da cidade do Icó	111\$500
Pelo Coronel Antonio Antunes de Alencar, no Acre	400\$000, sendo:
Coronel Antonio Antunes de Alencar	200\$000
Coronel Achilles Peret	50\$000
Coronei R. Carvalho	50\$000
Um acreano	50\$000
Dr. Marcos Madeira	50\$000
	8:423\$500
Coronel Solon da Costa e Silva (Fortaleza)	10\$000
Coronel José Pio de M. Castro	20\$000
	8:453\$500

POETAS PORTUGUEZES

ULTIMO ADEUS

A Eça de Queiros

Não venho, senhora minha,
Ao som dum thrêno choroso,
Lembrar-lhe a historia mesquinha
Dum romance desditoso.

Foi-se o tempo das balladas,
E os Romeus de nossos dias
Não saem das alvoradas,
Nem da voz das cotovias,

O Mouro da tez adusta,
Quebrado o punhal sangrento,
Nem Desdémonas assusta,
Nem solta canções ao vento;

Que o Deus das faces mimosas
A loira criança imberbe,
Vive agora como as rosas
Da poesia de Malherbe.

Eu quiz um sonho mais largo,
E no banquete da vida
Deu-me a sorte um fel amargo
Numa taça corrompida.

E quando, triste e sereno,
Me quiz erguer contra a sorte,
Já tinha na alma o veneno,
No sangue o germen da morte.

Mas, perdão, senhora minha:
Eu não venho em tom choroso
Lembrar-lhe a historia mesquinha
Dum romance desditoso.

Venho, enxutas as pupillas,
E conforme as etiquetas,
Depôr-lhe nas mãos tranquillas
Este ramo de violetas.

Por um beijo, a uma andaluza
O deu em paga um toircero,
E desta origem confusa
Provém-lhe um fim agoireiro.

Que bello na trança linda!
Que bem nessa trança d'oiro!
Mas ha de enfeitar ainda...
As pontas curvas dum toiro!

JOÃO PENHA

VIDA SOCIAL

Anniversarios

Fizeram annos:

No dia 1.º, os srs. Raul Ferreira Alves, Felix da Silva Leite e dr. João Baptista de Moraes; e a veneranda mãe do dr. Domingos Jaguaribe, residente no Ceará;

No dia 2, o dr. Domingos Jaguaribe, distincto clinico, conhecido homem de letras e nosso antigo collega de imprensa;

No dia 6, a intelligente menina Irene, filha do dr. Arlindo de Carvalho Pinto;

No dia 10, o galante menino André Avelino Lamari, filho do sr. Gabriel Lamari, residente em Serra Negra;

No dia 14, o sr. J. Ataliba Nogueira Junior, representante do *Album Imperial* na linha Mogyana;

No dia 15, o travesso Carlinhos, filho do dr. Joaquim Augusto Ferreira Alves.

Nascimento

O sr. Carlos Ribeiro, estimado administrador da fazenda *Monte Alegre*, de Santa Rita do Passa Quatro, tem o seu lar enriquecido com mais um filho, nascido a 30 de outubro proximo findo.

O galante menino receberá na pia baptismal o nome do seu digno progenitor.

Na capital

Tivemos o prazer da visita do nosso amigo sr. Gaetano Noce, estimado negociante em Belém do Descalvado e agente do *Album Imperial* naquella cidade.

O sr. Gaetano Noce esteve nesta capital em visita a seu filho, sr. Salvador Noce, quarto annista de Dircito.

Para o Rio

Peio nocturno de 10 do corrente, regressou ao Rio o sr. 2.º tenente da armada José Eduardo de Macedo Soares, que aqui estivera, em goso de licença, tratando da impressão do primeiro volume da sua obra sobre Saldanha da Gama.

O distincto moço, que prometteu honrar-nos assiduamente com a sua colaboração, teve a gentileza de vir pessoalmente trazer-nos suas despedidas.

Carteira de um jornalista — (Memorias de Fabricio Pierrot), pelo dr. Couto de Magalhães — A' venda no escriptorio do *Album Imperial* e em todas as livrarias. — Preço, 3\$000.

A Voz do Povo, de Uruguayana, reproduziu da nossa revista *Um artigo do sr. Rodrigues Alves*.

O testamento do tio Pedro

A' beira da estrada, batida do sol e da chuva, exposta ao granizo, sem arvores em torno, sem uma horta, sem um jardim, isolada na planície limpa quasi árida, ficava a choupana do tio Pedro.

Ladino, indolente e supersticioso, o velho possuía apenas essa palhoça, uma vacca, que a mulher ordenhava nos felizes tempos de cria, e um cão leproso, que latia muito á lua, mas que não moradia. Nada mais.

De que vivia o casal? De uma chaga que o tio Pedro tinha na perna e que alimentava, mantendo-a sempre aberta, roxa e pustulosa, com o succo irritante de ervas causticas. Quatro farrapos em torno, a perna exposta á porta, mostrando aos transcuentes a nojenta ulcera coberta de pús e de moscas, e eis a fonte de renda que dava a pitaça ao casal. De resto, uma velha carabina auxiliava a caridade publica, fornecendo para os dias de festa pratos saborosos de caça do campo. O podengo mantinha-se á custa do proprio esforço, perseguindo o tatu na planície e mendigando ossos, aqui e alli, pelas herdades da visinhança. Quanto á vacca, tinha sempre na frente do seu estomago a vasta extensão da campina, onde retocava o broto tenro da *barba de bode*.

A chaga do tio Pedro começara pequenina e insignificante. Um dia, ao saltar uma cerca, um espinho entrara-lhe na perna esquerda, um pouco acima do tornozelo. Tio Pedro sentiu a dor, mas não fez caso. No dia seguinte, a perna estava vermelha, bastante quente e inflamada, e todavia no lugar onde entrara o espinho só havia um ponto escuro, um pequenino ponto azulado, que lembrava a picada de um alfinete.

Depois, esse ponto começou a purgar e a engrandecer, mas o calor passara. Volvido um mez, o ponto escuro já tinha o diametro de uma moeda de nickel de 100 réis, mas apresentava indícios de querer cicatrizar. Foi quando a mulher do tio Pedro — uma velhinha encarquilhada, mais ladina ainda do que o marido — attentando no tamanho da chaga, que lembrava o do nickel, teve a idéa luminosa e pratica de extrahir nickeis da ferida. E expoz a sua idéa ao marido, que a achou esplendida. Começaram então os dous na faina ardorosa de impedir a cicatrização da chaga. Ao principio, lembraram-se da ortiga, cujos pellos excretam um liquido urante, que irrita e queima; e applicada a planta á chaga, esta effectivamente augmentou. Mas a ortiga produzia dores, cousa de que o tio Pedro não gostava. Procuraram então outras ervas que, alimentando a chaga, não produzissem dores. Com labor e paciencia, acharam. Estava garantida a subsistencia do casal.

Vagarosamente, maciamente, com a lentidão da lesma, começou essa chaga a lastrar pela perna acima como um lichen; ao fim de alguns mezes, tinha rodeado o tornozelo e, passado um anno, já invadia a região da tibia e do peroneo até meio. Mas não doia e chamava o nickel. Todavia, á medida que a chaga augmentava, tio Pedro diminuía em peso e decolorava; mas, como na choupana não havia balança nem espelho e o appetite era bom, tio Pedro não se apercebia da fuga das cores, nem do desfalecem em kilogrammas. Pelo seu lado, a ardilosa mulher do tio Pedro, que tinha o de-

feito organico de ser myope, tambem não via... senão a ferida, essa amada ulcera, que não fechava nunca e que lhe proporcionava meios de ter o estomago farto e de dormir noites tranquillas.

Demais, a magreza e a pallidez macilenta do velho augmentava o effecto da chaga, armando á compaixão do transeunte, forçando-o a dar com maior liberalidade a esmola.

Nessa exploração feliz, o casal atravessou tres annos sem soffrer privações. A ferida chegava então ao Joelho, começava a dobrar a rotula e ameaçava invadir a coxa mal fornida de carnes. Quasi reduzido á pelle e ao osso, tio Pedro já sentia uma fraqueza que o intimidava. Foi quando elle percebeu que o peso lhe mingouava e que, com a fuga do peso, o alento desaparecia.

Teve então a idéa de impedir a marcha ascendente da ulcera, reduzi-la mesmo, fazendo-a retroceder até ao meio da perna. Assim como assim, tanto vinha o nickel com uma chaga de dous palmos, como uma de quatro pollegadas. Mas, ou porque a ferida já se habituara a subir, ou porque a mulher do tio Pedro não descobrisse a herva que devia fazer a descender, certo é que a chaga lastrou sempre e, depois de galgar o Joelho, invadiu francamente a coxa. E o peor é que, quanto mais mezinhas lhe applicavam para fazel-a scocer e retrahir-se, mais ella purgava, avançando sempre.

No começo do inverno, quando a primeira geada cobriu a planície, crescendo as ervas tenras e devorando assim a provisão da vacca, tio Pedro percebeu que já lhe era difficil sahir da cama e arrastar-se até á porta da choupana para expôr a ulcera. Teve então a primeira suspeita do seu proximo fim e, chamando a mulher, pediu-lhe que procurasse um tabellião e o levasse á choupana.

Um tabellião?... para que?

Teria o tio Pedro uma fortuna oculta, conservada pela sua avareza no fundo de algum buraco, sem que a mulher o soubesse jámais?

O velho nada explicou e a mulher, sempre ladina, alentada pela esperanza de uma riqueza inesperada, que depois da morte do marido viesse supprir a falta da chaga pingue, prestes a desaparecer para sempre, nada inquiriu. Foi ao povoado e de lá trouxe o tabellião.

O que se passou entre o notario e o moribundo, a mulher do tio Pedro só o soube depois que o velho fechou os olhos para sempre.

O finado tinha feito testamento e este testamento era assim redigido:

« Deixo uma vacca, uma espingarda e um cão; á minha mulher deixo o cão, e do producto da venda da vacca e da espingarda mandará ella resar missas pelo descanço da minh'alma.»

Era só isto. Nada de mais conciso, nada de mais providente, nada de mais liberal.

Sorridente e ironico, o tabellião perguntou á viuva se ella, como legataria e testamenteira, estava resolvida a satisfazer as disposições um tanto extravagantes e mesmo illegaes do testamento do seu defuncto marido. E a velha encarquilhada, sem mostrar pesar nem espanto, respondeu serenamente « que sim ».

Oito dias depois, realisava-se a feira mensal no povoado e a mulher do tio Pedro, de espingarda ao hombro, como uma vivandeira, tangendo na sua frente a vacca e acompanhada pelo cão, se-

guiu para a feira e alli procurou logar azado para realizar a venda das cousas que levava.

Um comprador apresentou-se e indagou do preço da vacca.

— Doze vintens, respondeu, muito séria, a mulher do tio Pedro.

— Doze vintens!!... repetiu o camponez, olhando admirado para a velha.

— Sim, senhor, doze vintens, nem mais nem menos, mas tem uma condição, respondeu a velhinha, sem se perturbar com o olhar do camponio.

— E qual é a condição?

— E' esta: quem comprar a vacca ha de comprar tambem a espingarda e o cão.

— Hom'essa!...

— E' como lhe disse; a vacca só será vendida juntamente com o cão e com a espingarda.

— E qual o preço, boa mulher, da espingarda e do cão?

— A espingarda — treze vintens, o cão — trezentos mil réis.

Cada vez mais espantado, sem comprehender o estratagemma da legataria finoria, o camponio pôz as mãos nas ilhargas e desatou a rir, a rir, de tal sorte, que attrahiu a attenção de toda a feira.

E dahi a pouco, toda a gente que alli estava sabia este caso original e extranho: que a viuva do tio Pedro exigia doze vintens pela vacca, treze pelo cão, *sub conditione, sine qua non*, de vender tudo ao mesmo comprador.

Como a vacca era nova, com fama de boa leiteira e valia bem os trezentos mil e quinhentos réis (que era o preço de tudo), o camponez, depois de muito indagar inutilmente pela razão da original exigencia da velha, fechou o negocio, pagando a quantia pedida, e da feira partiu levando a vacca, o cão e a espingarda.

Então, a viuva do tio Pedro, visivelmente satisfeita e com a consciencia tranquilla, foi em demanda da casa do vigario da freguezia e perguntou ao bom padre:

— Senhor vigario, seria V. Rev.ma capaz de dizer, por quinhentos réis, uma missa por alma de meu Pedro, que Deus haja na sua santa guarda?

O vigario, que ignorava o que se passara e que sabia das circumstancias precarias da velha, respondeu logo:

— Com todo o prazer, boa mulher; onde não ha el-rei o perde.

— Pois então, aqui tem os quinhentos réis, senhor vigario, e queira dizer a missa por alma do defuncto Pedro.

Dahi, partiu logo para a casa do tabellião, com o fim de provar perante testemunhas que havia satisfeito as disposições testamentarias do seu finado marido.

E foi assim que a espertalhona viuva do tio Pedro demonstrou que o cão leproso, que o marido lhe deixara, valia quasi tanto como a chaga que ella alimentara durante tres annos, chaga essa que o velho, egoista e avaro sempre, levava para debaixo da terra, talvez com o intuito de explorar com ella, no outro mundo, a caridade das almas imbecis ou demasiado compassivas.

GARCIA REDONDO

Carteira de um jornalista — (Memorias de Fabricio Pierrot), pelo dr. Couto de Magalhães — A' venda no escriptorio do *Album Imperial* e em todas as livrarias. — Preço, 3\$000.

D. Pedro II

Como se sabe, a 3.^a conferencia do Congresso Pan-Americano votou uma moção de pesar pelo fallecimento dos irmãos Reys, dous arrojados colombianos, que fizeram uma longa excursão pela America Meridional.

Foram elles os primeiros viajantes que fizeram a viagem das costas colombianas, no Pacifico, ás costas brasileiras, atravessando os altos cumes dos Andes.

Estiveram no Rio de Janeiro e, entre as suas impressões do nosso paiz, nas suas memorias de viagem, assim descrevem o vulto do saudoso monarcha, o Imperador do Brasil:

« Era D. Pedro II de majestosa e elevada estatura, de physionomia franca e leal, e louro como um allemão. Através de seus grandes olhos azues, liam-se a bondade e a nobreza de sua alma; de espirito grandemente cultivado, era um sabio, no mais completo sentido da palavra.

Falava correctamente varios idiomas e conversámos em francez. Tinha paixão pela geographia e pelas explorações nos immensos territorios do Imperio. Durante uma hora examinámos o mappa, que traçara, da expedição, pela qual manifestou grande interesse. »



A flor do Imperador

Quando ultimamente esteve no Jardim Botânico, no Rio, o coronel L. Kennon, addido militar da embaixada americana, visitou, acompanhado do dr. Barbosa Rodrigues, uma estufa mandada construir ultimamente pelo director no mesmo Jardim.

Entre as plantas raras alli depositadas, notou o visitante uma de cheiro agradável e excitante.

Perguntando ao dr. Barbosa o nome dessa flor, obteve como resposta que era vulgarmente conhecida pelo nome de «Flôr do Imperador», porque Pedro II sempre a trazia na lapella.

O coronel Kennon accitou uma flor colhida pelo dr. Barbosa Rodrigues e disse-lhe que bastava a sua procedencia para conserval-a com carinho, não querendo aceitar outra flor e dizendo que aquella valia todas as outras.

O coronel Kennon era um admirador de D. Pedro II.



O nosso distincto collaborador dr. Estevam Leão Bourroul, em seu e no nome de muitos moradores do Braz, em cujo bairro residiu algum tempo o eminente paulista D. José Antonio dos Reis, bispo de Cuyabá, requereu á Camara Municipal a mudança do nome da rua do Gazometro, ou de outra qualquer daquella bairro, para o de *rua D. José Antonio dos Reis*.

No n. 11 da nossa revista, publicámos o retrato e a biographia do eminente prelado paulista.



Já estava no prelo a nossa secção «*Jornais e revistas*» quando recebemos o n. 5 d'O *Preludio*, organo do Centro Artistico do Conservatorio.

Como os anteriores, está excellente, trazendo escolhida e variada collaboração. Na primeira pagina figura um bom artigo de R. (Raul Valentim de Queiroz), sobre o livro de M. Guyot, *L'ari au point de vue sociologique*.

A nossa revista

Referindo-se ao ultimo numero da nossa revista, escreve o *Commercio de Campinas*:

« Este numero é dedicado ao Barão de Cotegipe, sendo a sua biographia traçada pelo dr. Francisco Morato.

O supplemento literario é variadissimo.

No proximo numero, o sr. Barão de Rezende escreverá sobre Francisco Belisario.

O *Album Imperial*, que tem seguido uma norma immutavel de render homenagem aos grandes vultos da Monarchia, é uma revista que honra o jornalismo paulista, já pelo nome do seu director, já pelo de seus competentes collaboradores. »

A *Comarca*, de Maxambomba (Rio), distinguio-nos com as seguintes linhas:

« O n. 20 do *Album Imperial*, a fidalga *magazine* que se publica na artistica capital paulista, sem duvida alguma uma revista de primeira ordem — o *Kosmos*, da Paulicéa, dirigida pelo dr. Couto de Magalhães e collaborada pelos mais eminentes vultos do nossas letras, estampou, na pagina *Poetas Brasileiros*, um nitido retrato de Deoclydes de Carvalho, acompanhado de um seu soneto inédito, homenagem que muito agradecemos. »

Gonçalves Dias

Fez no dia 3 do corrente quarenta e dous annos que morreu no naufragio do navio *Ville de Boulogne*, á vista das terras maranhenses, nos bancos dos Atins, o grande poeta brasileiro.

Um dos primeiros numeros do *Album Imperial*, no anno proximo, será consagrado á memoria de Gonçalves Dias, tendo tomado o compromisso de escrever o respectivo estudo literario o talentoso e festejado escriptor Alvaro Guerra.

Reservamos para essa occasião homenagem completa á memoria do nosso primeiro poeta e por hoje, recordando a data do terrivel sinistro que sepultou para sempre no oceano o cantor dos *Tymbiras*, reproduzimos em outra pagina o bello quadro de Eduardo de Sá, *A morte de Gonçalves Dias*.

Eduardo de Sá nasceu na cidade do Rio, a 1.º de abril de 1868, e é filho do finado commendador Francisco Augusto de Sá.

Fez seus primeiros estudos de pintura com Victor Meirelles e cursou depois a Academia de Bellas Artes, onde obteve varias medalhas e uma menção honrosa. Em 1888, partiu para a Europa, fixando-se em Paris, onde foi discipulo de Boulanger.

Artista de talento, não são poucas as suas telas de valor, entre as quaes avulta, pela belleza da concepção, *A morte de Gonçalves Dias*.

Jornaes e revistas

Recebemos o volume XIII da *Revista* da Faculdade de Direito desta capital, correspondente a 1905.

E' este o summario:

Conferencia sobre o Jury, dr. Raphael Correia da Silva; *A proposito do Tratado de Medicina legal do dr. Souza Lima*, dr. Amancio de Carvalho; *Prelação das hypothecas anteriores ás dividas fiscaes*, dr. Pedro Lessa; *Afogamento*, dr. Amancio de Carvalho; *Marcas de industrias e de commercio*, dr. J. L. de Almeida Nogueira; *O cadaver*, dr. Amancio de Carvalho; *Reformas e projectos monetarios no Brasil*, dr. João Pedro da Veiga Filho; *O Direito segundo a philosophia theologica*, dr. Pedro Lessa; *O Objecto da Economia Politica*, dr. J. L. de Almeida Nogueira; *Docimasia femuro epiphysearia*, dr. Amancio de Carvalho; *Movimento da Faculdade em 1905*.

— Está distribuido o n. 11 da *Revista* do Centro de Sciencias, Letras e Artes, de Campinas, com o seguinte summario:

Directoria e commissões; Programma do Centro; Coefficientes de trabalho admissiveis para as pontes metallicas, C. Stevenson; *Tratamento da morpheia*, Ernesto Luiz de Oliveira; *Alda*, opera em 4 actos, musica do maestro campineiro Sant'Anna Gomes; *Nova chave para as rhipsalides paulistas*, Alberto Löfgren; *Sobre a destruição das matlas*, Alberto Löfgren; *Antonio José Pereira; Actas das sessões de setembro a novembro de 1904; Noticiario; Lista de donativos*.

— Visitou-nos pela primeira vez a *Revista Escolar*, do Instituto de Humanidades, da Fortaleza.

A revista é na maior parte escripta pelos alumnos daquelle estabelecimento de ensino, e a prova de que alli os jovens estudantes aproveitam bem o tempo, sob a direcção de propectos professores, temol-a nas paginas da bella publicação, nas quaes são reprodizadas as melhores lições escriptas dos alumnos.

No genero, não conhecemos revista que se lhe avanteje, sendo de louvar, além da esthetica da composição e impressão, a revisão cuidadosa de todo o texto.

O *Album Imperial* retribuirá com prazer a visita.

— Temos recebido regularmente o *Unitario*, que se publica na Fortaleza (Ceará), sob a competente direcção politica do nosso illustre collaborador dr. J. Brigido.

Diario politico e noticioso, occupa brilhante posto na imprensa cearense, pelo criterio com que é redigido e pela independencia que ha sabido manter, pugnando pelos interesses do povo, que de tempos a esta parte, naquella glorioso Estado, vai sendo opprimido pela nefasta olygarchia local.

O *Unitario* é, além de tudo, o patrono do commercio cearense, que tem nelle o seu brilhante defensor contra as extorsões e os vexames a que o regimen tributario sujeita a praça da Fortaleza.

Deu-nos immensa satisfação a visita do distincto collega e nossos votos sinceros são por sua crescente prosperidade.

Brindes de Natal

Os srs. Amancio Rodrigues dos Santos & C., propagandistas das loterias da Esperança e Capital Federal, não descansam na sua propaganda de modo a attrahir a attenção e o interesse do publico para o seu estabelecimento.

Muito trabalhadores, de uma actividade sem igual, juntando a esses predicados uma grande probidade commercial, os sympathicos negociantes de loterias lembraram-se agora de beneficiar a sua vasta clientela com um brinde, que é, incontestavelmente, um presente de boas-festas.

As pessoas que se habilitarem na Casa Lotérica, á praça Antonio Prado, 5, terão doravante direito a coupons; de modo que cem darão direito a um bilhete da grande loteria do Natal; cincoenta, a meio bilhete, e vinte e cinco, a um quarto de bilhete da referida loteria.

Chama-se a isto andar a metter a fortuna pelos olhos da freguezia e sem que lhe custe um real.

A lembrança dos srs. Amancio Rodrigues dos Santos & C. deve ser muito grata á sua enorme freguezia.

Numero de Natal

Só accitaremos publicações para o numero de Natal até 30 do corrente.

«Jesus-Christo»

O nosso illustre collaborador dr. João Teixeira Alvares, conceituado clinico em Uberaba, está trabalhando activamente na organização do segundo numero da grande revista internacional *Jesus-Christo*, cujo primeiro numero alcançou extraordinario successo, exgottando-se todos os exemplares da avultada edição.

A *Jesus-Christo* apparecerá agora consideravelmente melhorada, tanto no texto, como nas illustrações, e se já a consideravamos excellente, não sabemos que qualificativo será digno della no proximo numero.

Carteira de um jornalista — (Memorias de Fabricio Pierrot), pelo dr. Couto de Magalhães — A' venda no escriptorio do *Album Imperial* e em todas as livrarias. — Preço, 3\$000.

Catechese de indios

O *Correio Catholico*, de Uberaba, tem recebido boas noticias da catechese de Conceição do Araguaia, sob a direcção, desde a morte de frei Gil, do rmvo. padre frei Domingos Carroterot.

Frei Domingos esteve ha dous ou tres mezes na capital de Goyaz e dalli levou algumas irmãs dominicanas, alim de reforçarem as que se acham em Conceição, dedicando-se com maximo desvelo á catechese e instrução das meninas indias e das christãs.

Numero de Natal

Só accitaremos publicações para o numero de Natal até 30 do corrente.

O SEGUNDO REINADO

Terminamos hoje a publicação do longo e bem lançado artigo sob esta epigraphe, em que o seu auctor, em synthese magistral, passou em revista *O segundo reinado* do Brasil e poz em brilhante relevo a figura do grande Imperador.

O artigo faz parte do volume D, *Pedro II*, edição do *Jornal do Brasil*, e foi publicado por esse diario, quando sob a redacção de Joaquim Nabuco e conselheiro Dantas.

Do mesmo volume é a *Carta de Franca*, que tambem já reproduzimos, a respeito dos funeraes de D. Pedro II e attribuida ao sr. Barão do Rio Branco, que a escreveu sob o pseudonymo de Ferdinand Hex.

Carteira de um jornalista — (Memorias de Fabricio Pierrot), pelo dr. Couto de Magalhães — A' venda no escriptorio do *Album Imperial* e em todas as livrarias. — Preço, 3\$000.

PROVERBIOS BRASILEIROS

Praga de urubú não mata cavallo. A formiga cria azas para se perder. O saqui é que morre de caretas. Soldado velho não se aperta. Papagaio come o milho, periquito leva a fama.

Roceroi na cidade é força de negocio. Não se apanha o rato apertando o rabo do gato.

Capenga não fórma. Encommenda sem dinheiro fica no tinteiro.

A que á tarde come milho é besta de pae a filho.

O carangueijo perdeu a cabeça, por fazer cortezias.

O melhor burro precisa duas esporas. Quem muito corre cai no caminho. Cão não rejeita osso.

Jalapa, quando não mata, rapa. Macaco velho não mette mão em combuca.

Por cima tanta farofa, por dentro mulambo só.

Quem dá papa a menino lambe os dedos.

Quem meu filho beija minha bocca adoça.

Quem não tem cão caça com gato. Quem com porcos se mistura farellos come.

Gato ruivo do que usa disto cuida. Lê com lê, cre com cre.

Em falta de farinha, crueira serve. Tão má como carne da pá.

Não se apanham moscas com vinagre. Não ha sapo sem sua sapa.

Pitangueira não dá mangas.

Tirar a sardinha da braza com a mão do gato.

A gallinha da minha visinha é mais gorda do que a minha.

No proximo numero

Conselheiro José Liberato Barroso

J. Brigido

ANNO I

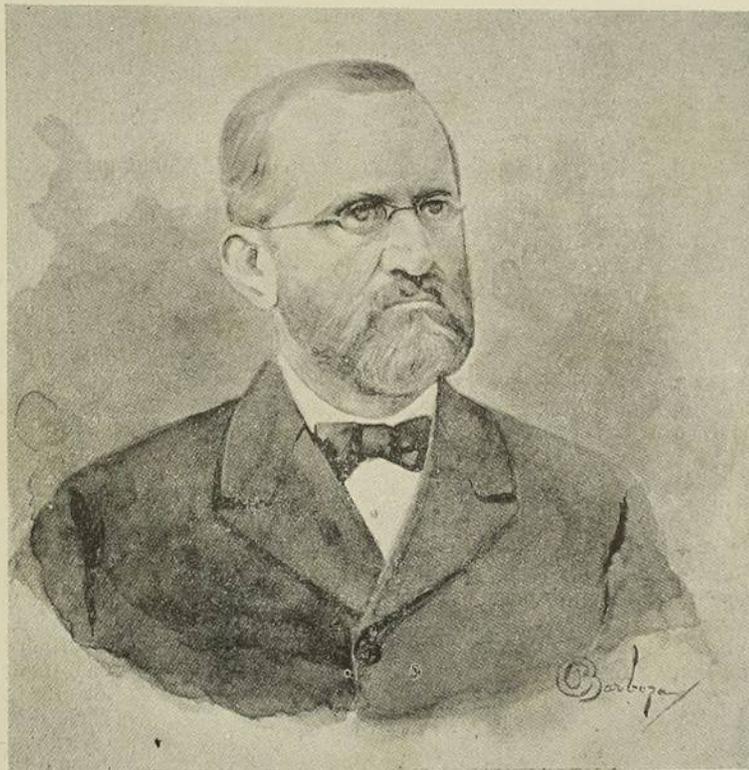
S. PAULO, 5 de dezembro de 1906

NUM. 23

ALBUM IMPERIAL

QUINZENARIO POLITICO E LITERARIO

Director: Couto de Magalhães



JOSÉ LIBERATO BARROSO



Conselheiro José Liberato Barroso



ALLECEU no dia 2 do corrente (*), no Rio de Janeiro, o conselheiro José Liberato Barroso, que foi, por mais de trinta annos, um dos vultos mais notaveis do partido liberal do Imperio e fez parte do directorio que preparou a situação liberal de 1878.

Surgindo na scena politica quando seu partido se erguia de uma longa prostração, devia succumbir quando este voltasse a identica proscricção, senão ao aniquilamento, se é verdade, como indicam os signaes do tempo, que os velhos partidos desapparecerão, pois que se aproxima o *judicare seculum per ignem*.

Num vôo rapido, José Liberato transpоз as maiores distancias.

Dentro de alguns annos, após a sua formatura, recebeu o grau de doutor em Direito, fez-se advogado dos mais notaveis da provincia, exerceu a promotoria da capital, occupou uma cadeira na assembléa da provincia, e conquistou um diploma de mestre na Faculdade do Recife, quasi ao mesmo tempo que uma cadeira na Camara dos Deputados.

No ensino publico, o brilho de José Bonifacio não poude offuscal-o, e na representação nacional competiu com os oradores mais robustos daquella éra de renascença.

Ninguém se impunha mais á escolha do seu partido, e desde logo lhe coube a honra de ser ministro com Francisco José Furtado, uma figura luminosa, que transitara pelo firmamento da patria, rapida como uma esperanza, para a qual os homens se voltavam; fugitiva, como uma miragem, que a vista persegue em vão.

Foram os tempos heroicos do partido liberal aquelles dias agitados e de supremo perigo atravessados pelo Ministerio 31 de agosto; no interior, a crise economica de-

vorando as fortunas e amotinando as populações: no exterior, o barbaro que transpunha a nossa fronteira, de lança em riste, e degollava as nossas sentinellas, quando dormiam á fé dos tratados.

Ministro pela vez primeira, José Liberato era o melhor companheiro do grande estadista, e quando este cahiu, trahido pela oligarchia conservadora, que com olhos de fogo espreitava a marcha de todos os governos, que se inspiravam das idéas do seculo, o illustre cearense seguiu, com elle, o mesmo caminho do ostracismo, rindo-se dos traidores, que tambem houve entre os seus, e contente do infortunio, que o reunia áquelle grande homem.

Não tinham cahido, como Icaro — as azas abrasadas pelo sol das alturas. Tinham gravitado para o seio dos homens de bem, cuja consciencia é uma immensa região de paz e de conforto, onde se abriga a honra e se avigora a intelligencia.

Furtado morreu cedo, porque alli o cerebro e o coração funcionavam além da medida ordinaria; Liberato desviveu largos annos, porque, do seu fluido vital, perdera somma grande no attrito horrivel daquella politica contra os destinos.

O partido liberal é, na cruzada humana, o caminheiro que precede com a cruz: e esta, por secretos designios da Providencia, nem sempre tem sido um symbolo de redempção, mas, frequentemente, um instrumento de supplicio.

Foi em 1878 que o partido liberal do Ceará, sempre fiel ás suas tradições, que se filiam aos patibulos de 1824, reergueu o seu amigo e o sagrou chefe dos romeiros que se punham de novo a caminho.

Eleito deputado, elle voltou á tribuna com o brilho dos primeiros tempos, mas sem aquelle enthusiasmo que a confiança nos homens costuma atear.

A longa experiencia lhe tinha feito conceber uma desconfiança vaga da multidão apinhada em torno dos homens publicos, que só têm por si a intelligencia e a honra, entrando no convivio social, onde o ouro

(*) J. Brígido escreveu estas linhas ao receber a noticia da morte do conselheiro José Liberato e publicou-as a 4 de outubro de 1885, na *Gazeta do Norte*, um dos organs da imprensa cearense nesse tempo.



fulgura como a estrella que guiava á Chanaan, e a fortuna é mais um prestigio do berço do que uma bençã que fructifique.

É era uma inspiração da sacra verdade aquella perpetua suspeita.

Eleito e nomeado senador, outros foram os preferidos, e seus amigos da provincia tiveram que soffrer grandemente da preferéncia pronunciada. Abrigado na consciéncia da superioridade moral que ninguem ousava contestar-lhe, feliz por ser o preferido da opinião, que honra mais do que a occasião, seu espirito não poudé enfrentar outros infortunios, que fere:m no lar e tornam o recesso da familia um mar de angustias.

A perda de sua mulher, que era uma das forças immanentes de sua alma, o lançou numa certa atonia de animo e o tornou descuidoso de si, triste e retrahido; e isto foi ensejo para que os pequenos inimigos, que penetram o segredo das situações moraes das victimas que espreitam, lhe desfechassem golpes mui rudes, a que elle não sobreviveu.

Ferido no coração, por onde morrem os homens que o têm, em começo deste anno o nosso amigo deu signaes evidentes de morte proxima. Só elle os não comprehendia, alimentando a esperança de achar-se, um dia, á frente de seus amigos, partilhando a sorte delles.

No ultimo paquete, ainda escrevia para o Ceará, e era já um nome apenas no quadro infinito dos seres que transitam pela terra, como phosphorescencias fugaces num oceano sem terminos.

Morreu recolhendo-se, na natureza, ao grande principio donde dimana a vida; e, no scio da humanidade, ao grande thesouro de amor, onde se guardam os nomes caros á patria e á familia.

Não o choramos, porque durou bastante para a gloria de seu nome, e porque morte não ha, vida tampouco. Simples manifestação de uma lei immutavel, o homem não tem existencia propria, é um atomo, apenas, do grande ser—o mundo, que não perece.

J. Brígido

José Liberato nasceu em 1830, era filho do coronel Joaquim Liberato Barroso, negociante da praça do Aracaty, de familia assignalada na historia do Ceará.

Seu tio, general Pedro José da Costa Barros, foi grande vulto politico no periodo da nossa nacionalisação: — deputado á Constituinte de Lisboa, ao deixar os bancos de Coimbra; deputado á Constituinte do Rio de Janeiro, presidente do Maranhão e Ceará e ministro de Estado.

Como ministro do Imperio, o illustre cearense referendou o pacto matrimonial de S. A. a Princeza D. Izabel com o sr. Conde d'Eu, e da finada D. Francisca com o sr. Duque de Saxe, sendo, por essa occasião, honrado com um rico presente e uma gran-cruz.

Foi signatario, na dictadura do bem, dos *salus consultos*, mandando liquidar administrativamente o Banco Souto e organizar os corpos de voluntarios, que correram para as nossas fronteiras, como, sobre Valmi, fez Danton expedir as turbas dos campos e cidades.

Um grande infortunio fez morrer em extrema penuria esse brasileiro, que parecia fadado a melhores destinos.

Um amigo desleal lhe roubou um deposito de trinta contos, que elle recebera, como advogado! Sua carta do dia seguinte ao seu amigo coronel João Brígido, escreveu-a elle com letra tremida dum octogenario! De prompto lhe agraciou este um emprestimo de quatorze contos, que, reunidos ao producto das alfaias e livros, salvaram o seu nome e o fizeram apparecer na Côte.

Ao exhibir sua quitação, o Imperador o levantou a toda altura do brio, que o seu servidor sempre professara, dizendo:

— « Não... não... desse documento eu não preciso: mas vá reproduzil-o no *Jornal do Commercio*. »

Queria dizer que elle não tinha escapado á detracção, que já perseguia muito os homens publicos e lhes pesava tanto naquelles tempos, em que elles davam ainda em penhor os cabellos da barba.



DOUS DE DEZEMBRO

Anniversario natalicio de D. Pedro II



O desgosto profundo que lhe abalou a alma, quando, ha oito annos, o expulsou do Brasil o motim dos quartéis; a aggravação consequente de sua saúde de velho, gasta abnegadamente, durante mais de meio seculo, em serviços inolvidaveis á terra da patria; e, mais, a ingratidão com que muitos retribuiram os beneficios de que seu coração fóra sempre prodigo — tudo concorreu para apressar o fim daquella vida por tantos titulos preciosa.

Banido sem piedade, no declinio da existencia, do Imperio que sabiamente governara por tão longos annos, ao ponto de elevar o paiz ao nivél do engrandecimento que o tornava respeitado por todas as nações; não tendo jamais consentido na menor affronta ao nosso brio, nem á nossa honra, e, ao contrario, procurando sempre impôr o nome brasileiro á consideração do mundo civilizado de além oceano — banido, depois de desthronado, pela grandeza do seu coração, que não consentira se derramasse em sua defesa o sangue dos brasileiros; banido, sem a menor resistencia, afim de que não affligisse a situação da patria um periodo, então anormal, de guerra fratricida elle, entretanto, exilado em terra extranha, não teve nunca uma palavra, um gesto sequer de maldição para aquelles que inauguravam na patria um regimen de revoluções, de morticínios, de descredito e de corrupção social.

Não; e se palavras lhe brotaram dos labios augustos em relação ao novo regimen de desgoverno republicano, essas foram apenas de lastima para os dominadores, que mal entreviam no horizonte politico as tempestades que elles proprios preparavam.

Não; e se palavras teve o soberano quando a morte se acercou de seu leito, essas foram para pedir, aos amigos que o rodeavam, um punhado de terra brasileira para nella repousar sempiternamente.

Não fosse o levante militar de oito annos atrás, e hoje o Brasil inteiro festejaria o anniversario natalicio de D. Pedro II.

Ha nove annos, na data de hoje, milhares de galões e de passamanes de ouro reluzentes resplandeciam nos salões do paço da cidade.

No cortejo, curvavam-se muitas cspinhas dorsacs dos mesmos que se emborcaram, mais tarde, nos salões do Itamaraty ou nos do palacete Friburgo. Póde dizer-se até que as curvaturas nos cortejos da Republica são mais profundas, devido, naturalmente, á influencia que o esplendor dos salões do novo regimen, opulentamente mobilados, exerce nos espiritos facilmente arrastaveis pela grandeza e pelo luxo.

Uma differença, porém, se deve notar. Nos velhos salões pobres e quasi nús do paço imperial, palpitava a grandeza do passado. Os olhos, não tendo que occupar-se com a riqueza escandalosa e cantante que a democracia de agora esparramou nos solares presidenciaes, podiam contemplar o aspecto veneravel dos velhos guerreiros, que, como Osorio e Caxias, só dobravam a cspinha ao peso das glorias e cujas espadas tinham nas laminas reluzentes, gravado em caracteres d'ôr de prata, o lemma: — « Viva o Imperador! ».

Este lemma, repetido pelas boccas dos soldados em brados entusiasticos, deu-nos as victorias do Humaytá, de Riachuelo, de Monte Caseros, de Tuyuty, Paysandú, Tonelero e tantas outras. A bandeira que então tremulava serenamente ás auras da victoria, nas ameias dos baluartes inimigos, foi arrancada do quartel general a 15 de novembro de 1889. Ahi onde ella cahiu, cahiu limpa de morticínios sombrios e virgem das degollas cobardes.

Ella não presidiu á povorosa hecatombe de brasileiros sem crime; ella não se repuxou de horror ao estripamento de pobres mães serlancias; ella não teve volupias de Herodes no sacrificio millenario dos innocentes; ella foi a auriflamma que congregou os brasileiros nos dias de perigo, quando a honra e os brios da patria exigiam de seus filhos a desaffronta pelas armas; ella cobriu os brasileiros com a calentura de um manto materno e com a majestade de um manto imperial.

Foi á sombra dessa bandeira que o verbo de José Bonifacio teve accentos de eloquencia sublimada; foi ella que Castro Alves cantou; foi por ella que morreu Willagran Cabrita; por ella pejejaram Porto-Alegre e Tamandaré; ella inspirou o alevantado espirito de Bernardo de Vasconcellos, a energia de Feijó, o genio de estadistas como Eusebio, Paraná, Rio-Branco, Itaborahy, Nabuco, Zacharias, Belisario e Cotegipe.

Alagados por essa bandeira, Alencar e Gonçalves Dias glorificaram as letras, Laffayette, Teixeira de Freitas e Nabuco elevaram a nossa cultura juridica.

Foi á sombra dessa bandeira que o chefe dos jornalistas republicanos, Quintino Bocayuva, adestrou a penna.

Protegidas por ella, cresceram e prosperaram a nossa lavoura e a nossa industria; o nosso credito no estrangeiro chegou á posição do das maiores nações do mundo; o rio Amazonas se abriu ao commercio do globo; as estradas de ferro estenderam no nosso territorio as suas fitas de aço; fundaram-se escolas e academias.

Que nos deu até agora, em oito annos, a bandeira marca-cometa?

A pobreza, o descredito, o odio e o luto.

Consolemo-nos, porém, porque, cedo, dias felizes virão novamente, para tranquillidade da família brasileira e grandeza da patria.

Então, poderemos levantar uma estatua ao saudoso Monarcha, para que o bronze corporifique numa praça publica aquelle que a saudade indelevelmente gravou no nosso coração.

O cidadão brasileiro cujo corpo embalsamado repousa no pantheon de São Vicente de Fóra, em Lisboa, foi neste fim de seculo de luctas tremendas, de miserias revoltadas contra a escandalosa omnipotencia do milhar; neste fim de seculo cheio de fatalismo philosophico e de industrialismo politico; neste fim de seculo em que o sentimento se materialisou num pouco de nervo e de massa cncephalica, e a lagrima se transformou simplesmente no composto chimico de que fala Richepin; neste fim de seculo em que o ideal



foi banido dos templos literarios como mentira, e a narração sêcca do crime, da infâmia e da miseria substituiu as formas obsoletas que a alma do artista engehará; neste fim de seculo, cheio de hypocrisias rasteiras, de traições e de ignominias á socapa — D. Pedro II foi a irradiação olympica das virtudes christãs, tão fugidias, tão longinquoas agora, que as consideramos apenas como eco de antigas balladas, como suave perfume de um passado distante, como a miragem fugaz, entrevista nos livros dos trovadores de outr'ora, evocando-nos confusamente crenças ingenuas de povos infantes!

O exilio veio corôar aquelles cabellos brancos com o resplendor de bemaventurança que só a historia christã nos apresenta nos corações compassivos, nas almas soffredoras e mansas dos desprendidos da terra, dos pastores suaves, em cujos hombros vinham pousar confiadas as aves do céu e cujos dedos tremulos debulhavam e distribuíam o grão para alimento dos famintos.

Banido da patria, a figura de D. Pedro II alçou-se mais, fóra dos limites, embora vastos, de nosso territorio nacional; subiu e pairou num ponto de onde a viam as nações da terra. Quando morreu o Imperador do Brasil, a imprensa do mundo inteiro lhe deu solennissimo destaque, unanime consagração como grande vulto do seculo. Sahira dos quadros da historia nacional, para ser collocado ao lado das grandes figuras humanas, entre os cooperadores do progresso colectivo do homem.

Só agora, depois de oito annos de Republica, poderemos verificar por experiencia até aonde chegavam os sentimentos daquelle soberano, que conseguiu ser chefe do Estado, no exercicio do poder supremo, num paiz da America do Sul, durante meio seculo, tendo como nota dominante de seu character esta virtude — a bondade.

As paixões que ululavam em todas as republicas da America hespanhola refluiam, embatendo-se com essa ante-mural que firmemente se levantara no Brasil contra as furias e o delirio de sangue.

Emquanto dezenas de dictadores, de presidentes, mais ou menos despoticos, cahiam assassinados, desde o Mexico até o Uruguay; emquanto as perseguições tremendas, os confiscos, as forcas e as degollas es-tuavam com as iras villãs na terra americana, o Brasil constituia uma extraordinaria excepção ao barbarismo.

O Brasil conseguira levar a termo, sem a minima perturbação, a mais importante reforma social economica — a do elemento servil; os costumes do Imperio puderam evitar ainda, nos primeiros dias da Republica, as bacchanas de sangue, que depois, quando tinha desaparecido a influencia benefica das virtudes de outr'ora, se tornaram a cauda de qualquer movimento politico.

Hoje, é *avis rarissima* o presidente que, exgotando o curto periodo de seu mandato, pôde dizer com verdade não ter sido a causa do pranto de uma viuva ou da orphandade de uma criança!

Mas, não só na geração nova, na mocidade intelligente e livre, cujos sentimentos ainda puros se revoltam contra a viltã em que tombámos, como tambem em muitos dos collaboradores do levante de 15 de novembro, dos auctores do banimento do Excelso Monarcha, perdura agora a lembrança de D. Pedro como pontifice de uma era de ouro, dominada pelo seu espirito, glorificada pela sua gloria.

S. Paulo, 2 de dezembro de 1897.

(Das *Notas do Dia*)

AFFONSO ARINOS

UM FOLHETIM ⁽³⁾

CAPITAL FEDERAL. — SAÚDE E FRATERNIDADE. — VÓS. RECOMMENDO-VOS. ASSIGNATURA. — CIDADÃO. — ROCHA TARPEIA.

(*Conclusão*)

VEJAMOS, ao acaso, outro documento, este da França:

« O Presidente da Republica Franceza, por proposta do Ministro dos Negocios Extrangeiros, decreta:

O Ministro dos Negocios Extrangeiros fica encarregado da execução do presente decreto.

Feito em Paris, aos 16 de novembro de 1900.

(*Assignado*) E. LOUBET.

Pelo Presidente da Republica,

O Ministro dos Negocios Extrangeiros:

(*Assignado*) DELCASSÉ. »

Poderá o critico pretender que os velhos republicanos suissos Zemp e Ringier, que o radical francez Delcassé devem ficar suspeitos de fingido republicanismismo porque assignam um só nome?

E cumpre notar que não são esses os unicos republicanos que assignam em documentos officiaes um só nome. Pôde dizer-se que tal é regra geral na Con-

federação Suissa e na Republica Franceza (Constans, Waldeck-Rousseau, além de muitos outros), e, se nos não falha a memoria, o uso, sem ser tão geral, é frequente nos Estados-Unidos da America.

* * *

Notemos tambem de passagem que, nas republicas que nos podem servir de modelo em materia de costumes democraticos e estylo official (Suissa, Estados-Unidos da America e França), ninguem diz ou escreve « cidadão Chefe de Policia », « cidadão Ministro », « cidadão Fulano ou Beltrano ». Nos Estados-Unidos diz-se: « Mr. President », « Mr. F. »; e nunca: « citizen President », « citizen F. » Na Suissa tambem, embora todos sejam cidadãos, os funcionarios e particulares são tratados por « Sr. F. », e não por « cidadão F. » Na Republica Franceza, só aos anarchistas, desordeiros e politicos desequilibrados se costuma dar em tom de mofa o tratamento de « citoyen », em vez de « monsieur ». Diz-se correntemente: « la citoyenne Louise Michel »; mas nenhum homem que se respeite dirá ou escreverá: « le citoyen Waldeck-Rousseau », « le citoyen Méline ».

No Paraguay de Solano Lopez, sim, quando alli reinava o cepto-uruguayano e outros instrumentos de tortura, além dos fuzilamentos e degollações, é que se

dizia sempre: «el ciudadano coronel F.», «el ciudadano juez de paz», etc.

Depois de dizer que o sr. Rio-Branco é o «aclamado chefe da intitulado partido da patria», o sr. Miguel Lemos termina assim:

«... Seja como fór, o que sinceramente descjamos é que essas reformas iniciaes do actual Ministro do Exterior muito contribuem para que o illustrado brasileiro nos demostre praticamente, na gestão *politica* da sua pasta, que o capitolio das Missões e do Amapá está muito distante da rocha tarpeia do Acre e de outros insondaveis despenhadeiros que demoram em torno da sua eminente posição no governo da Republica».

Não sabemos que haja entre nós «intitulado partido da patria». Se existe, terá outro ou outros chefes. Afastado ha vinte e oito annos das nossas questões de politica interna, o sr. Rio-Branco tem mostrado que não procura nem deseja eminencias politicas. Se ultimamente, pela confiança do novo Presidente da Republica, foi collocado em «posição eminente», outros galgaram essas

alturas muito mais dopressa e muito mais facilmente do que elle. E' tambem sabido que só acceitou o posto que occupa, depois de longa resistencia, porque, dados os seus habitos de vida tranquilla e retirada e os encargos de familia que tem, a acceitação importava mui grande sacrificio, não só seu, mas tambem de tercciros que lhe são caros. Acabou, porém, por inclinar-se deante do insistente convite do Presidente eleito, e inclinou-se, lembrando-se sómente do muito que devia e deve á nossa terra.

Póde o sr. Miguel Lemos estar muito certo de que o novo Ministro das Relações Exteriores não partiu da Europa ignorando a existencia dos despenhadeiros a que se refere. Veiu para o Brasil mui sciende de que, no posto de perigo que lhe foi designado, tinha bastante a perder e nada a ganhar. Se, porém, tiver de cair de algum despenhadairo, estamos convencidos de que ha de fazer o possivel por cair só, sem arrastar em sua queda os interesses do Brasil. Seja como fór, as fórmulas agora abolidas do nosso estylo de chancelaria não tiveram a virtude de impedir a horrorosa embulhada do Acre, em que andamos mettidos, nem a constituição dos rochedos com que é ameaçado o novo Ministro.

D. PEDRO II

Fechou os olhos D. Pedro II. A longa agonia do desterro acabou na paz intermina da morte e o fim dessa lucta, que o Brasil e o mundo consternados acompanhavam ha mezes, abre definitivamente para o agosto varão o juizo sereno e inflexivel da historia. Sua memoria, aliás, não pertence unicamente á nação de que elle foi guia e pac: pertence tambem ao seculo de que foi lustre e honra, ao Novo Mundo de que foi no seu tempo o mais respeitado representante, á humanidade inteira, na qual ficará sendo uma das personificações mais gloriosas, mais dignificadoras e mais comprehensivas da virtude moral.

Neste sentido é que se ajusta perfeitamente a D. Pedro II a phrase celebre: *o homem fazia honra ao homem*; e sob esse aspecto superior e bemfazejo é que o seculo XIX alistarà no patriciado das suas glorias e inscreverà no Pantheon dos seus heroes o nome desse Imperador, com ufania não menos legitima do que pelos titulos da sciencia recolhe os de Darwin e de Pasteur, pelos direitos do genio os de Gæthe e de Hugo, pelos progressos maravilhosos que transformaram a vida em nosso planeta os de Lesseps e de Edison. Cabe, porém, ao Brasil reivindicar-o especialmente, como a maior figura de sua historia, a qual se confunde com a do Grande Morto nestes 50 annos em que a nação se formou para a liberdade, para o trabalho e para a civilisação, allumiada pela sabedoria, guiada pela virtude e dirigida pelo patriotismo do preclaro soberano. O seu reinado, por justa mercê da Providencia, enche elle só esse largo periodo inicial da nossa vida independente, durante o qual modelaram-se todos os orgams essenciaes á existencia nacional, affeiçãoaram-se as instituições á indole do povo, firmaram-se as alianças internacionais, cujo vinculo a sua tradição originaria ha de cada dia apertar; no interior alargou-se e no estrangeiro elevou-se o credito á altura alcançada pelas primeiras

nações modernas, estabeleceu-se a viação terrestre, fluvial e maritima, consolidaram-se as industrias e o commercio, constituiu-se o exercito e a marinha nas longas provações de uma guerra patriótica, tornou-se o paiz um dos mais conhecidos centros da immigração europea; as letras, a eloquencia e a politica produziram os nossos mais bellos nomes, e afinal dignificou-se o trabalho, isento gradativamente da macula original do captiveiro colonial e por ultimo assentado eternamente na lei de liberdade necessaria ao seu prestimo, á sua efficacia e aos seus effeitos moralisadores. Pedro II formou-se nesse periodo e formou-o á sua imagem.

Certo não é obra sómente sua este opulento e glorioso cabedal, cuja laboriosa accumulção se consummou durante o seu reinado semi-secular. Obra tão vasta e complexa não poderia ser o producto de uma só individualidade, nem ha de jámais dispensar a cooperação de numerosissimos factores: os antecedentes, o periodo, os auxiliares, o povo coadjuvaram com a sua collaboração a D. Pedro II no pensamento de dar á massa ainda plastica da nacionalidade brasileira os caracteristicos que lhe imprimem a sua feição propria e distincta no quadro dos povos civilisados. O espirito superior do soberano, sua alta razão, seu coração magnanimo, affeiçãoaram, porém, com tão profundo relevo, á sua imagem, a evolução operada nesse largo periodo, que não haverá como desconhecer a influencia preponderante do seu genio nas vastas transformações que o seu reinado realiso.

O seculo XIX chamar-se-á, por isso, na historia brasileira, o seculo de Pedro II, com jus não menor que o seculo de Augusto em Roma ou o de Luiz XIV em França. Effectivamente, se não se lhe deve tudo quanto o seu reinado produziu, mais certo ainda é que a nada do que sua longa existencia de rei presidiu elle foi extranho. Desde os melhoramentos materiaes até ás

reformas sociaes e politicas, e desde estas até ás victorias nas guerras estrangeiras, em todos os factos e em todos os fastos de seu tempo, a influencia que melhor se discerne é a de suas grandes qualidades, tão honrosas para o homem quanto propicias ao soberano e ao desempenho de suas funções majestaticas: a prudencia, a justiça, o desinteress, a tolerancia, a bondade, a moderação, o culto supremo das forças e dos interesses moraes; a fé no progresso, sem allucinações: a confiança no futuro, sem impaciencias, a crença sem limites, mas tambem sem fanatismo, na liberdade, o sublimado amor da patria sobre todas as cousas. O justo equilibrio dessas qualidades preparou-o para exercer a realza constitucional com a mais clévada e superior despreocupação de tudo quanto ao seu espirito não parecia a conveniencia fundamental da patria. Visto no seu conjuncto, o seu reinado é uma obra prima de paciencia humana e de dedicação patriótica. Nada era

mais facil do que inutilisar no dia seguinte á Maioridade a boa vontade e a esperanza dos que não viam outro meio de sahir da olygarchia senão a sua coroação. No emtanto, elle teve a habilidade de conseguir, por perto de meio seculo, a quasi unanimidade nacional em apoio do seu throno e de sua pessoa.

É essa unanimidade que hoje se refaz em torno do seu feretro, em um sentimento de saudade pungente e de gratidão sem limites. O Brasil todo sente que desappareceu o primeiro dos brasileiros, o primeiro pelo patriotismo, o primeiro pelo desinteresse, o primeiro pelo martyrio.

Deante da sua grandeza moral, eterna como as grandezas physicas de nossa terra, desapparecem todas as outras personalidades, e o paiz não tem ainda na commoção do choque senão a consciencia de que desabou uma immensa porção do edificio nacional.

(Do *Jornal do Brasil*)



DIA A DIA

ACABAM de findar-se o exilio e a vida do grande brasileiro; um dos menos ditosos, talvez; o maior, sem duvida nenhuma.

O luto official não lamenta esta morte. A artilharia não trôa; a bandeira nacional não se cobre de crepe; o exercito não lhe presta honras funebres; a pompa e o rumor dos funeraes da realza não acompanham até á mudez do tumulo o cadaver do rei desthronado.

Anima, entretanto, este silencio a dôr unanime dos seus concidadãos.

O véo que não enlucta o estandarte brasileiro fluctua sobre a alma da patria. A tristeza nacional vibra numa voz mais augusta que a do canhão, e o deslilar dos regimentos substitue-se pelo cortejo de um povo.

Todas as preocupações desapparecem deante deste acontecimento. Os resentimentos e as decepções politicas dividem hoje a familia brasileira. Mas esta morte identifica-a pela solidariedade da mesma angustia. Ainda ha pouco, os nossos concidadãos confundiam o seu sangue como inimigos; hoje confundem as suas lagrimas como irmãos que o mesmo golpe feriu.

Esta devia ser a commemoração da morte do Monarcha cujo reinado foi a garantia da união nacional.

Elle consegue, já no seu feretro, o congraçamento que emprehendeu e realisou no seu throno, e que se quebrou com o seu exilio.

Abatido e desolado por esse passamento, o paiz soffre por elle e por si mesmo. Não é, porém, o morto o mais digno de lastima.

Elle cahiu, certo da sua immortalidade; e nós vamos viver inseguros do nosso porvir.

A sua auctoridade de rei, isto é — o labor de meio seculo, a agitação de um só dia arrebatou.

A sua memoria, porém, firma-se inabalavelmente; ninguem a desthronará.

O exilio não prevalecerá contra ella, porque a historia registra as revoluções, mas não lhes serve.

Dignificado por um longo reinado de paz, de tolerancia, de liberdade de reformas proficuas, de altas inspirações patrióticas, e, sobretudo, sagrado, pela dignidade do seu exilio, em que a nobreza associou-se á resignação, e o silencio, mais tocante consorciou-se á mais serena altivez, este homem, que foi, a um tempo, pelo destino a primeira auctoridade, e por suas virtudes o primeiro cidadão de sua patria, sente-se hoje tão honrado pela saudade dos seus concidadãos, como não o seria mais se descesse do throno para a morte, sem passar pelo infortunio e pelo abatimento.

A sua memoria foram de certo benditas as provações do lance final de sua vida. Mostraram, pelo menos, que a sua estatura moral não precisou nunca do pedestal que a sorte lhe deu e a revolução lhe tirou.

Ao contrario: a desgraça tornou-o mais respeitado e mais amado, purificou-lhe o animo estoico, engrandeceu-o mais do que nunca na admiração universal, porque, arrancando-lhe a corôa, só deixou que lhe aureolasse a fronte a velhice veneranda e o soffrimento austero.

Findou-se o exilio. Quantos não invejarão este final, quantos não ambicionarão as lagrimas deste passamento?

CONSTANCIO ALVES

1891.



O que se argúe ao Imperador

Não se pôde dizer qual dos órgãos políticos da capital federal exprimiu com mais sentimento e com mais força sua admiração pelas virtudes particulares e pelo accendrado patriotismo de D. Pedro II; e se sómente os nossos auctorizados collegas da *Gazeta de Notícias* foram ao ponto de lamentar que com elle nos tivessem abandonado a sisudez, a probidade e o decoro das altas regiões, foram todos accordes em reconhecer que essas nobres qualidades ainda não tiveram entre nós mais alta e mais completa personificação.

Em apreciar, porém, o modo por que o fallecido Imperador exerceu as funcções de rei constitucional, não é egualmente unisono o juizo da imprensa. A arguição do poder pessoal, que muitas vezes lhe fizeram os partidos, é ainda agora repetida. Será ella confirmada pela historia?

Ha manifesta contradicção em reconhecer-se a clara intelligencia, a illustração, a experiencia, o desinteresse, a pureza de intenções do Imperador e não admitir-se como consequencia necessaria a ascendencia que devia exercer entre os que com elle collaboraram no governo do paiz. Sua intervenção não excedia desses limites, e, sempre que se fazia sentir, era justificada pelos intuitos patrióticos e pela grandeza das causas.

Na mudança das situações politicas é que ella mais frequentemente apparecia; mas ahi era inevitavel, desde que a nação não chegou a ter a plena consciencia dos seus direitos para fazel-os valer pelas urnas electoraes. As dissoluções eram, pois, o unico meio de não se perpetuarem os partidos no poder, e a verdade é que só depois de enfraquecidos e gastos no governo se operava o revezamento exigido pela natureza das instituições parlamentares.

De todas as questões que se agitaram e se resolveram durante o longo reinado, foi a da escravidão a que mais vezes deu logar á accusação de poder pessoal; e assim era natural, porque foi o maior e o mais difficil problema de todo esse periodo. *Felix culpa!* dever-se-ia exclaimar, mesmo quando se reconhecesse a procedencia della.

Quem tenha ouvido uma só vez pronunciar o nome de Alexandre II, sabe que a elle se deve a emancipação dos servos na Russia. A historia, para ser justa, ha de associar do mesmo modo ao nome de D. Pedro II a emancipação dos escravos no Brasil. O parallello não vai além, pois que os processos seguidos

pelos dous soberanos não podiam ser os mesmos, sim mais difficeis para o segundo que para o primeiro.

D. Pedro II foi adeante dos estadistas do seu tempo no pensamento de promover e preparar a liberdade dos escravos; sua acção não podia deixar de ser lenta, e só poderia ser efficaç, se fosse constante; elle carecia convencer os homens politicos e attrahir o concurso da nação. Percebe-se hoje que nesse trabalho as interrupções não foram senão apparentes, mas, para chegar aos resultados, elle não quebrou os moldes que a Constituição lhe traçara.

A prova está nas arguições contradictorias que lhe eram feitas nos ultimos tempos: por uns, de ir muito depressa; por outros, de recuar no meio do combate. Tivesse elle querido, como lhe exprobravam, apparecer a todo custo perante os philantropos europeus como principe humanitario, e não teria em 1868 chamado ao poder o Visconde de Itaboraahy, logo depois de ter, em uma fala do throno, recommendado a questão ao estudo do corpo legislativo. Mais recentemente, e mesmo em situações liberas, não teria chamado ao poder estadistas radicalmente contrarios á reórma.

Mas o que aos olhos da posteridade ha de dar o maior relevo á figura de D. Pedro II é que de todas as sinistras prophecias feitas pelos adversarios da emancipação dos escravos, para os quaes era infallivel que ella havia de trazer a ruina total deste paiz, a unica que se realisou foi a de que concorria para a perda do throno. E' inutil discutir sobre o quilate das convicções dos que por este motivo se separaram da Monarchia; é certo que, entre os elementos conservadores, seu apoio mais natural, o espirito revolucionario fez as mais surprehendentes conquistas.

No dia em que o mais eminente chefe conservador do Imperio e conselheiro de Estado declarou-se *sem auctoridade e a força precisas para conter nos que o seguiam as represalias do resentimento*, pôde-se avaliar em toda a sua extensão o sacrificio da Monarchia pela sagrada causa da liberdade dos escravos.

Por este lado ella pôde ser comparada aos povos escolhidos pela Providencia para em seu scio se operarem as grandes transformações da humanidade e que, segundo o sr. Renan, pagam sempre esse favor com a perda da existencia nacional.

Libertador de uma raça, — quem já entrou para a immortalidade com melhor titulo?

(Do *Jornal do Brasil*)

Supplemento do "Album Imperial"

ANNO I

CHRONICAS E NOTICIAS

NUMERO 23

O nosso numero de Natal

Mais de cem paginas — Cerca de duzentos «clichés» — Impressão a cores — Collaboração — Illustrações —
Anuncios e descrições

COM o proximo numero, completa o *Album Imperial* o seu primeiro anno de existencia e, coincidindo essa data com a commemoração do nascimento de Jesus, daremos, á imitação de todas as revistas europeas, uma edição extraordinaria de Natal, de mais de cem paginas, impressas a cores e com innumerables clichés.

No momento em que traçamos estas linhas, vai em meio a composição do numero de Natal, e por isso não podemos publicar o seu sumario completo, á espera, como estamos ainda, de desenhos e de collaboração litteraria, que serão aproveitados, se chegarem a tempo.

Mas podemos desde já noticiar que a nossa edição de Natal conterá: Além da capa commum, uma capa desenhada especialmente para o *Album*, pelo distincto artista Bento Barbosa.

RETRATO DE CARLOS GOMES, acompanhado de um artigo do nosso distincto collaborador e projecto jornalista Henrique de Barcellos; extracto do *Diccionario* de Sacramento Blake sobre o Maestro; *Carlos Gomes e D. Pedro II*, por Sijio Bocanera Junior; dedicatoria do *Schiavo* á Princesa Imperial D. Isabel, Condessa d'Eu. — *Clichés*: — além do retrato do Maestro na primeira pagina, mais os seguintes: — a casa onde nasceu Carlos Gomes; o Maestro ao tempo da 1.ª representação do *Guarany*; «fac-simile» da assignatura de Carlos Gomes; «fac-simile» da assignatura de Henrique de Barcellos; a estatua; a figura de Campinas no pedestal da estatua; o monumento, depois de inaugurado; dr. Cesar Bierenbach, propugnador da idéa do monumento.

ALLEGORIA DE NATAL, por Ludovico Berna (em tres cores).
TODA GENTE LE O «ALBUM IMPERIAL», pagina humorística, por Bento Barbosa.

PASTORAL, de Coelho Netto, com quatro illustrações ampliadas de Matita.

GLORIA A DEUS NAS ALTURAS E PAZ NA TERRA AOS HOMENS DE BÓA VONTADE, composição e desenho do laureado pintor Benedicto Calixto para o *Album Imperial*.

O NATAL EM DIVERSOS PAIZES DO MUNDO, traducções por Xavier da Silveira, Eurico de Góes, Jas Fryleu, João Vampre, Arthur de Araujo e Henrique Fleury.
MISSA DA MEIA-NOITE NA ALDEIA; O NATAL EM LONDRES; O NATAL NA ITALIA MERIDIONAL (*clichés*).

PAGINAS INTIMAS, com os seguintes clichés: a nova Matriz de Porto Ferreira; Procopio de Araujo Carvalho; Viriato Montenegro; senhorita Nhazinha Almeida; padre Moysés Nora; residencia parochial de Pirassununga; coronel Manoel Franco da Silveira; dr. Carlindo Valeriani; Antonio Gomes Lourenço e parque da fazenda *Campineira*, em Porto Ferreira.

BARÃO E BARONEZA DE PARANAPANEMA (retratos e biographias).
CONTO DE NATAL, de M. Curvello, e os seguintes clichés: — Fazenda *Monte Alegre*, de Santa Rita do Passa Quatro; José de Paiva Magalhães, agente do *Album* em Santos, e Mario Sampaio, nosso representante em Limeira.

SANTA RITA DO PASSA QUATRO — Artigo com os seguintes clichés: — Joaquim Custodio Ribeiro; o largo das Farpas; jornalistas da opposição; um *pic-nic* na chacara *Pontecosles*; caipira das margens do Mogy-guassú; um ornal que fez época.

FACINORAS PORTUGUEZES DO MEIADO DO SEculo XIX, interessante artigo com os retratos de Diogo Alves, José do Telhado, João Brandão e o «REMEXIDO».

OS NOSSOS CONCURSOS — Tres *coupons* para os concursos abertos pelo *Album Imperial*, que offerece aos decifradores diversos premios em dinheiro.
O SANATORIO S. LUIZ, EM PIRACICABA, por E. R., com dous clichés: o edificio do Sanatorio, com o retrato de D. Lydia de Rezende, e a Galeria de cura.

MACTE ANIMO, artigo sobre a Sociedade Phœnix Caixaerial, do Ceará, *cliché*.

PAGINA COMICA (cinco clichés).

INSTITUTO DO DR. JAGUARIBE (dezesseis clichés).

O HOSPEDE DA NOITE DE NATAL (conto para crianças, vertido do inglez).

JESUS, por José do Patrocinio.

OS NOSSOS COLLABORADORES — *Conde de Affonso Celso* (artigo e os seguintes clichés: ultima photographia do Conde de Affonso Celso; o illustre brasileiro em 1876, em 1880 e em 1889; Villa Petiotte, em Petropolis). — *Leonio Gurgel* (artigo e retrato); *Henrique de Barcellos* (artigo e retrato).

AS ARMAS PORTUGUEZAS, EL-REI D. CARLOS E A RAINHA D. AMELIA (*clichés*).

O IMPERADOR DA ALIEMANHA E O PRINCIPE HERDEIRO (*clichés*).

A FAMILIA REAL DA ITALIA (*cliché*).

A PRODUÇÃO DO CAFÉ NO BRASIL (dous clichés).

A LAVOURA E O CAPITAL E A CULTURA DO CAFÉ, interessantes artigos do dr. André Werneck para o *Album Imperial*.

REMEDIO CONTRA A CALVICIE (pagina comica).

Versos e clichés de Rodrigo Octavio, Amadeu Amaral, Henrique Castriano e D. Isabel Serpa.

BENEDICTO CALIXTO (artigo e retrato).

Trabalhos litterarios de Raymundo Correia, Annibal Amorim, Coelho Netto, dr. Bomsucesso, Mucio Teixeira, Olavo Bilac, Conde de Monsaraz, José de Alencar, Alberto de Oliveira, Ruy Barbosa, Oliveira e Silva, Mello Moraes Filho, Arthur Goulart, Francisco Gaspar, D. Ibrantina Cardona, padre Moysés Nora, Luiz Guimarães Filho, Hyppolite Pujol, Alexandre Fernandes, Raul do Valle, Arthur de Castro, d. Maria Clara da Cunha Santos, etc etc.

TYPOGRAPHIA HENNIES E A SALA DA REMESSA DO «ALBUM IMPERIAL» (*clichés*).

CRIANÇAS PHANTASIASADAS (*cliché*).

ORCHIDEAS (quadro de Mrs. Mina Mee, premiado na Exposição de S. Luiz e adquirido pelo governo do Estado).

AGENCIA DO «ALBUM IMPERIAL» EM SANTOS (*cliché*).

O NATAL NO NORTE DO BRASIL, por João Vampre.

Versos de Buono Monteiro (*cliché*).

BRAZÃO DE ARMAS DA FAMILIA SOUZA QUEIROZ; PALACETE DO FINADO DR. AUGUSTO QUEIROZ e do DR. FRANCISCO DE SOUZA QUEIROZ (*clichés*).

FIO X E AUTOGRAPHO (*clichés*).

PAGINAS ESCOLHIDAS — Artigo e retrato de BRASILIO MACHADO

BARÃO DE ATALIBA NOGUEIRA — Retrato e biographia.

INSTITUTO DE SCIENCIAS E LETRAS (artigo e quatro clichés).

GUARDA NACIONAL (artigo e quatro clichés).

FAZENDA AGRICOLA PAULISTA, em Itatiba, propriedade do sr. Avelino Novaes Teixeira (com quinze clichés).

Clichés diversos — Além dos innumerables clichés dos annuncios de pagina e dos já especificados, o *Album* dará mais os seguintes: Colonia Helvetia, em Itaicy; Rua Santo Antonio (Santos); Ponte dos Pilões; Alfandega de Santos; Jardim Publico de S. Paulo; Theatro Santa Cruz, de Botucatu; Desembarque de passageiros em Santos; 2.ª vista do Jardim Publico de S. Paulo; Forum e Cadeia de Ribicirão Preto; Posto meteorologico do Instituto Agronomico de Campinas; Plantação de café; Machinas de beneficiar café; Terreiro de café; Instituto Agronomico de Campinas; Estação meteorologica de Quixeramobim (Ceará); Praça Conde d'Eu, em Recife; Mercado Publico da Fortaleza (Ceará); e outros muitos.

ANNUNCIOS E DESCRIPÇÕES — Fabrica de chinelas de liga, de Souza, Aguiar & C. (com vinte clichés); *O segredo da floresta* (como o sr. D. Carlos descobriu o segredo da cura da morphiça, revelado peo indio Aimbiré — com dous clichés); Loteria Esperança, do Natal; Victorino de Carvalho; Theodoro Wendt; Methodo Berlitz; Loteria de S. Paulo (com cliché); Ercole Laurenzano (de Limeira); José Pozzuto (idem); Francisco Amaro (com cliché); Elixir Morato (com cliché); Charles Hü; Abreu, Antunes & C.; *Ao Preço Fivo* (com cliché); Hotel de França (com dous clichés); Nicola Gonzalez (com dous clichés); *Pygmalion* (com cliché); Luvaria Martins; Agua de Caldas (com cliché); Trust Villela; Pilulas de Tayuyá; Pharmacia Assis; Dr. Lane; Henrique Martins; Casa Genin; F. Nemitz; Januario Loureiro; *An Trocadero*; Casa Nardelli; Charutaria do Chá; Photographia Volsack; D. Roque da Silva; Casa Bevilacqua; Espindola & C.; Casa Camargo; J. Santos & C.; *Hat Store* (com cliché); Antonio Meirelles; Zacharias & Irmão (com cliché); *Casa Bonilha* (com cliché); Magalhães, Barker & C.; Casa Fernando; *Mundo Elegante* (com cliché); Frederico Búker; Louis Fretin; Jacques Notter & Filhos; Valentim Guerra & Irmão; Miguel Nardella; Fred. Joachim; Henry Jeannot; Domingos Soares & C.; Paul Levy & C. (com cliché); Café Gullherme; Garcia, Nogueira & C. (com cliché); Agua S. Lourenço (com cliché); Companhia Mecanica; Charutaria Carioca (com cliché); Raphael Stamato; A. Teixeira da Silva (com cliché); Cerveja Rio Claro; Otto Schloenbach (com cliché); Alliautaria Carvalho; Ferreira Junior & Saraiva (com cliché); Casa Popular; Irmãos Carnicelli; Cocito Irmão & C. (com cliché); Antunes dos Santos & C.; Grande Hotel; Max Schneider; Grande Hotel Roma (com cliché); E. Ferreira;

Pharmacia Santa Cecilia (com cliché); Casa Franço (com cliché); Silva, Seabra & C. (com cliché); Branco & C. (de Campinas); Antonio de Luca (idem, com retrato); Casa Godofredo (idem, com cliché); Armbrust & Filho (idem); Lothario Neves (idem); Hoff & Hennigs (idem); Antonio Flaquer (idem); Pedro de Magalhães (idem); José Tartari (idem); J. Ladeira (idem); Domingos Barsotti (idem); Aníbal Pace & C. (idem); Bernardo Teixeira & Costa (idem); Manoel Francisco dos Santos (idem); J. Soares & Irmão (idem); Alves Pereira & C. (idem); Moutinho de Castro & C. (idem); Giacomo Pellegrini (idem); Ernesto Israel (idem); Prado, Coelho & C. (idem); Gustavo Robbe Sobrinho (idem); Herança de Lauro Franco (idem); João Queiroz (idem); Francisco Tadini (idem); Fleury, Vita & C. (com cliché); Reichert Irmãos; Otto Nemitz; Guilherme C. Gonçalves (com cliché); J. dos Santos Malta (com dous clichés); Lopes, Cintra & C.; Vieira Salgado; Francisco M. França; Furtado de Mendonça (com retrato); P. Braga; Theodoro Bierbrauer; Marcellino Penteado (com dous clichés); José da Cunha Freire; Angelo Fracalanza; *Malta Real Inglesa* (com dous clichés); *Hotel da Europa* (de Campinas); *Casa Genoud* (idem); Tobias de Barros & C.; Instituto do dr. Jaguaribe (com cliché); *Au Bon Diable* (com cliché); Moreira Campos; Theodoro Bêluga (com cliché); Fernando Arens & Filho (com pous clichés); I. Tagliavia & C.; Falchi & Giannini; Scavone & C.; Giovanni Polito; Eusebio Carlos Dias (de Campinas); Euclides Andrade (idem); Casa Chiaffarelli; Café Moka; Baruel & C.; Fortes & C.; D. Amicucci; Worins Irmãos; Fonseca Ferraz & Bicudo; A Providencia; Casa Rocha, etc., etc.

A aria de Wolfrão

WOLFRAM

*O du, mein holder Abendstern,
Wohl grüsst ich immer dich so gern!*

RICHARD WAGNER, *Tannhäuser*, act. III

“ *La' splendi tu, bell'astro incantator!* ” Attende
A' canção de Wolfram d'Eischenbach no alaúde.
Evocando, ao claror do astro que no alto esplende,
A saudade sem fim que a alma tem da Virtude.

E o coração da terra amarga se desprende,
E se é por vezes máu o atalho ingreme e rude,
Que importa, se elle anheia, e alcança alim, e apprehende
Toda a immensa voluptia ideal da Beatitude?

O longinquo fulgir da alma estrellana na altura.
Se essa luz, se essa luz, tão limpida e tão pura,
Sempre viesse alumiar a tragica deveza!

Oh! certo esta seria a suprema victoria,
Para ir gosar depois o Amor e a Vida e a Gloria,
No immortal esplendor da immaterial Belleza.

PADRE SEVERIANO DE REZENDE

Jornaes e revistas

Visitou-nos a *Fortaleza*, revista literaria, philosophica, scientifica e commercial que iniciou sua publicação na capital do Ceará a 6 de outubro.

Dirigida pelos srs. Joaquim Pimenta e Raul Uchôa, auxiliados pelos srs. Jayme Alencar, Mario Linhares, Eurico Mattos e Genuino de Castro, tem um bello aspecto e traz variada collaboração.

Auguramos-lhe muitas prosperidades.

Muito *clitic*, o n. 5, anno II, da revista *A Nova Cruz*, de Arthur Goulart, Francisco Gaspar e Francisco Teixeira.

clitic de escolhida collaboração, traz clichés de Ricardo de Albuquerque, Fausto Cardoso e Izidoro Nunes.

Não recebemos o ultimo numero da *Iris*, apreciada revista do nosso talentoso e querido collega Alvaro Guerra.

No proximo numero

Carlos Gomes

Henrique de Barcellos

O NOSSO ARCHIVO

Recebemos os seguintes trabalhos do dr. Francisco Barbosa de Paula Pessoa, eminente advogado na capital do Ceará:

Memorial do aggravante (Banco de Pernambuco) na acção em que é aggravada a massa fallida de A. Mont'Alverne;

Memorial do appellado major José Bezerra de Menezes, na acção que lhe propoz Abraham de Hollanda Cavalcante;

Memorial dos aggravados d. Jacintha Amelia Tavares e seu filho;

Memorial do aggravante (Banco de Pernambuco), na acção em que contende com Boris Frères;

Memorandum sobre a fallencia Alverne;

Acção de nullidade, entre partes o coronel Fredegundo R. de Arruda, como auctor, e J. Adonias de Araujo e Alexandre Elias e suas mulheres, como réos.

Lemos, com a attenção que nos merecem todos os trabalhos do illustre cearense, os folhetos que acabam de dar entrada em nosso archivo, nos quaes mais uma vez se firmam os creditos do notavel advogado da Fortaleza.

— O incançavel investigador sr. Barão de Studart offereceu-nos um exemplar do seu ultimo livro, *Resenha de cartas e mappas do Ceará*, lino qual dá tambem ligeira noticia dos auctores destes.

Muito oportuna, essa interessante publicação, agora que o governo do Ceará trata de subvencionar o auctor da melhor carta geographica do Estado.

— Já está exposto á venda o primeiro volume da obra que sobre Saldanha da Gama, sua vida e sua epoca escreveu o talentoso 2.º tenente da Armada, sr. José Eduardo de Macedo Soares, e da qual o *Album* teve as primicias de alguns excerptos.

Consta o volume de quasi quatrocentas paginas, impressas nitidamente nas officinas Espindola & C., desta capital.

Comprehende: *Prologo; Formação; Guerra do Uruguay e do Paraguay; Correspondencia da guerra* (inédita e annotada).

Reservamos para mais tarde minuciosa noticia do livro, que vamos lêr com vagar, e por hoje nos limitamos a agradecer ao seu auctor o exemplar com que brindou esta redacção.

— O festejado literato Lellis Vieira distinguio-nos com um exemplar da conferencia que, sobre *Sonhos*, realiso no Club Literario e Recreativo de Pindamonhangaba, a 12 de outubro ultimo.

A edição, ornada do retrato do auctor, é primorosa e, quanto á palestra litteraria, á parte pequenos senões, merece os gabos que lhe fez toda a imprensa, da mesma fórma por que mereceu os applausos que ao sympathico e talentoso conferencista dispensou o publico que teve o prazer de ouvi-lo.

— Deu entrada em nosso archivo o elegante volume em que o dr. Armando Prado publicou a dissertação que fez perante a Congregação da nossa Faculdade de Direito, para consequimento do grau de doutor.

O illustre moço, depois de brilhante defesa de theses, conseguiu a investidura doutoral a que já fazia jus pela sua vasta cultura juridica; em sua dissertação sobre um dos pontos de philosophia do Direito revela os estudos especiaes que tem da materia e nos dá a conhecer ao mesmo tempo um escriptor primoroso, que sabe á elegancia do estylo alliar a correccção da linguagem.

VIDA SOCIAL

Anniversarios

Fizeram annos:

No dia 15 de novembro, o dr. Dorival de Camargo Penteado, talentoso medico auxiliar do Instituto Serunthrapico;

No dia 25, a graciosa menina Siloca, filha do sr. José Fortunato de Souza, socio-gerente da importante casa Baruel & C.;

No dia 26, a exma. sra. d. Antonina de Souza Fleury;

No dia 29, a galante Aurorinha, filha do dr. Alfredo de Toledo.

Fazem annos:

Amanhã, a graciosa senhorita Nadia Alves da Costa e a menina Nadyr, galante filhinha do dr. Dorival de Camargo Penteado;

No dia 9, o peralta Djalma, filho do sr. Arthur Alves Martins;

No dia 12, o travesso Santelmo, filho do sr. Adolpho Rodrigues;

No dia 16, o dr. Manoel José Vilaça, integro juiz de direito de Bragança;

No dia 17, a exma. sra. d. Ruth Baruel Galvão Bueno, esposa do dr. Alberico Galvão Bucno, talentoso advogado do nosso fóro;

No dia 18, a exma. sra. d. Bertha Varella Martins, esposa do sr. Arthur Alves Martins, socio da conceituada casa Baruel & C.;

No dia 20, a distincta senhorita Pequettita Martins;

No dia 28, o sr. José Antonio de Camargo, habil guarda-livros desta praça;

No dia 29, a exma. sra. d. Zulmira Bittencourt Martins, esposa do sr. Manoel Vieira Martins, estimado capitalista desta praça;

No dia 31, a exma. sra. d. Noemia Ferreira Alves Ayrosa, esposa do dr. José Marques da Silva Ayrosa.

Contractos de casamento

O dr. Affonso Taunay, lente da Escola Polytechnica e digno filho do illustre brasileiro e nosso saudoso correliogario Visconde de Taunay, contractou casamento com a distincta senhorita Sara, filha do sr. Antonio de Souza Queiroz.

O distincto moço sr. Adolpho Melchert Netto contractou casamento com a graciosa senhorita Anna de Camargo Oliveira, premdada filha da exma. sra. d. Anna de Camargo Oliveira e neta dos Barões de Araraquara.

Escola de Pharmacia

Terminou com brilhantismo o seu curso de pharmaceutico o applicado moço Antonio Vieira Bittencourt, que vê assim compensados o seu amor ao estudo e seus esforços.

Desejamos-lhe todas as felicidades na vida pratica que vai encetar.

— Concluiu o curso de odontologia, com approvação plena em todas as cadeiras, o sr. Carlos Alves da Costa, que sempre se distinguio na Escola de Pharmacia, tendo occupado alli o logar de preparador da cadeira de clinica dentaria.

Para o Rio

Transferiu sua residencia para a capital federal o estimado moço sr. Casio Martins, a quem desejamos todas as prosperidades.

De Bello Horizonte

E' esperado nesta capital, a 10 do corrente, o talentoso academico Manoel Bittencourt Junior, que cursa actualmente a Academia de Bello Horizonte.

O nosso antigo companheiro de trabalho vem em goso de férias e em visita a seus irmãos e amigos.

A Cidade de S. João, de S. João da Boa Vista, reproduziu da *Carteira de um jornalista* o capitulo «Assignantes» e a *Revista de Poços*, de Poços de Caldas, «Os amigos do jornal».

Aos distinctos collegas agradecemos as lisonjeiras referencias que fizeram ao livro e ao seu auctor.

Suspendeu sua publicação a revista fluminense *Seculo XX*, que era editada pela casa Laemmert.

NUMERO DE NATAL

ALBUM IMPERIAL

NATAL - 1906



SALVE, JESUS!

GLORIA IN EXCELSIS D^{no}. ET IN TERRA PAX HOMINIBUS BONÆ VOLUNTATIS

Toda gente lê o Album Imperial!...



Os reis...



Os presidentes...



Os ministros...



O militar...



O marinheiro...



O capitalista...



O negociante...



O industrial...



O farenheiro



O levo...



As senhoras



As crianças...

By Wendell & Plaus

O negociante que não faz anuncio no Album Imperial parece-se com um homem que compra uma lanterna e não quer gastar dinheiro com a vela.

Album  Imperial

Com o presente numero, completa o *Album Imperial* o seu primeiro anno de existencia.

A esta empresa é grato assinalar que, durante os doze mezes transcorridos, a revista balejou, em escala crescente, a sympathia publica. Basta dizer que, apesar da avultada tiragem, se exgotaram completamente os tres primeiros numeros, que fomos obrigados a reimprimir, para attendermos a muitos assignantes. Em outubro, suspendemos o recebimento de assignaturas, por não dispormos de mais colleções.

Esforçamo-nos por, de toda fórma, corresponder ao generoso acolhimento dispensado ao *Album*: — a revista, que apparecêra na 1.^a edição apenas com oito paginas de texto, augmentou successivamente o numero destas até dezeseis, que tantas são as paginas com que tem sido publicada normalmente.

Accentuemos ainda que, desde o seu inicio até hoje, o *Album* sempre sahiu regularmente, nos dias prefixados para sua distribuição, não tendo quebrado essa rigorosa pontualidade nem mesmo por occasião da grêve dos typographos.

Nada mais precisamos acrescentar, senão que esperamos contar, no segundo anno de existencia que o *Album* vai iniciar, com a mesma sympathia dos leitores. Por nossa parte, tudo faremos, para tornar a revista cada vez mais digna da acceitação publica.

Convém lêr :

Os nossos brindes

Os nossos concursos



Canção

Inédita, para o "Album."

Tudo dorme lá por fóra,
Apenas eu vélo aqui:
Amor, quem me dêra a est' hora
Achar-me junto de ti!

Dorme no valle a bonina,
Aos doces raios da lua:
Ah! nesta noite divina,
Como dóe a ausencia tua!

Tudo na paz tem guarida,
Nem o mais leve rumor:
Só eu não durmo, querida,
Pensando no teu amor.

Nem uma folha se agita
No socegado arvoredor:
Dorme a abobada infinita,
O espaço é soturno e quedo.

Dorme a corrente do rio,
Sem que a desperte ninguém.
Do bosque, mudo e sombrio,
Um só murmúrio não vem.

Dorme o espelho que o seu rosto
Toda manhã reflectia:
E dorme do lado opposto
O leito em que ella dormia.

Dormem no céu as estrelas,
Dorme igualmente o luar:
Nos mastros dormem as vélas,
Cançadas de navegar.

Velhas arvores amadas!
Nem as extremece o vento!
Não nas despertem, coitadas,
Os echos do meu lamento!

Dormem ovelhas no prado...
Que é que mais falta dormir?
Tu, coração desprezado,
Sem que o possas conseguir!

ANNIBAL AMORIM



E' CURIOSO

O corpo humano contém 150 ossos e 500 musculos. O peso do sangue de um adulto e de 15 kilos. O diametro do coração é de 15 centímetros e o coração bate 70 vezes por minuto, 4.200 vezes por hora e 36.817.200 vezes em um anno. Contaram ?!

Cada pancada do coração desloca 44 grammas de sangue ou 5.310 kilos por dia. Todo o sangue do corpo passa pelo coração em tres minutos.

Os nossos pulmões contém no seu estado normal cinco litros de ar e nós respiramos 1.200 vezes por hora, consumindo 300 litros de ar.

A pelle tem tres camadas de espessura, que variam de tres a cinco milímetros. Cada centimetro quadrado de pelle tem 12.000 poros e a extensão total desses poros é de 50 kilometros.

* * *

Uma senhora pergunta a um astro-nomo distincto se a lua é habitada.

— Conforme, minha senhora. Ha uma que é sempre habitada por duas pessoas . . .

— Qual ?

— A lua de mel . . .

CASA FRANZOI

FUNDADA EM 1882

33 e 35, Rua General Carneiro, 33 e 35

Telephone N. 253

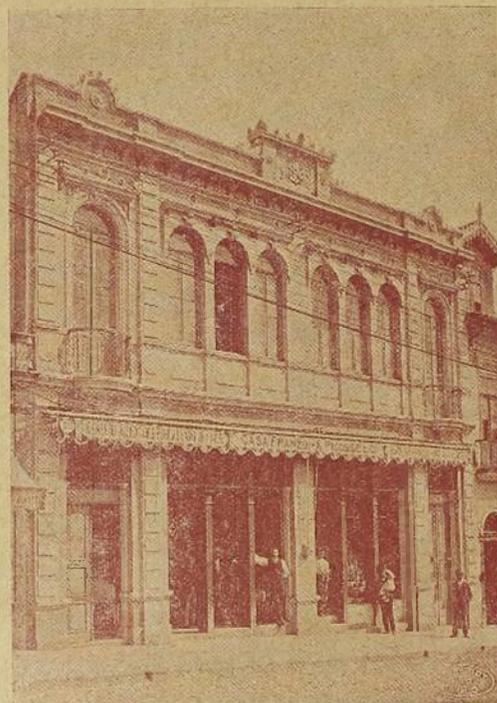


Caixa do Correio, 200

S. PAULO



Venda por grosso e a varejo



Importação Directa
☆
Commissões e Consignações

Generos de estiva, conservas, queijos, salames,
vinhos e bebidas finas

A. PICOSSE & C.^{IA}

Unicos importadores do afamado aperitivo

«Amaro Montenegro»

ANNO I

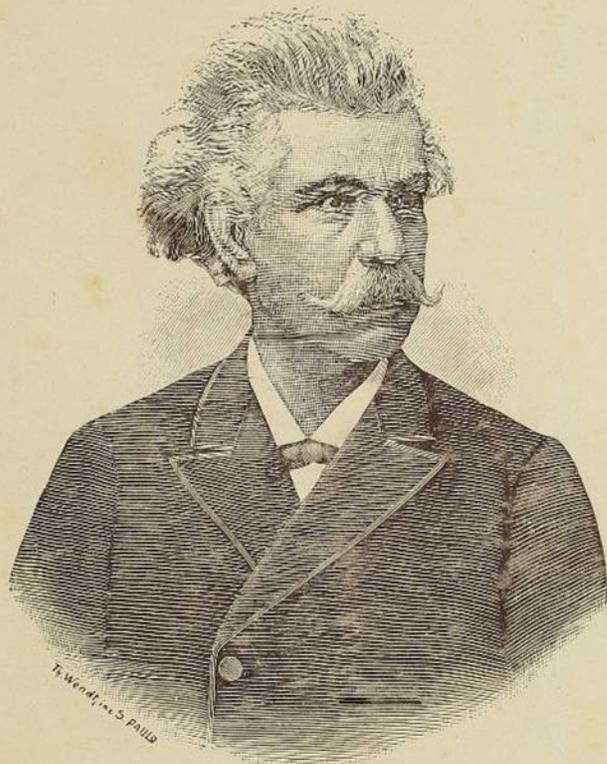
S. PAULO, 20 de dezembro de 1906

NUM. 24

ALBUM IMPERIAL

QUINZENARIO POLITICO E LITERARIO

Director: Couto de Magalhães



CARLOS GOMES



CARLOS GOMES

(UMA PAGINA DE SUA VIDA)



ESDE o inicio deste magnifico *Album Imperial* que o nosso excellento amigo e illustre collega dr. Couto de Magalhães nos honrou com um pedido a que nós, cumpre confessal-o, não podiamos dignamente corresponder. Consistia em enviar-lhe uma biographia de Antonio Carlos Gomes.

A razão e obvia.

Que dizer, com effeito, de um assumpto tratado no transcurso de trinta e cinco annos, desde os primeiros triumphos do maestro, pela penna magica de Luiz Guimarães Junior, até ao dia em que a sua vasta fronto, vasada no bronze imperecivel, foi descoberta aos arcs de sua terra natal?

Parece-nos que o ponderoso trabalho de Silio Boccanera, publicado por occasião de inaugurar-se o monumento em Campinas, trabalho que não e um simples panegyrico, mas valiosa documentação sobre a vida de C. Gomes, constituiu a obra completa a esse respeito. Digamol-o — naquella época, Carlos Gomes foi definitivamente editorado. No livro, pela penna fulgente e entusiasta do operoso escriptor bahiano. No bronze, pelo genio evocador de Rodolpho Bernardelli.

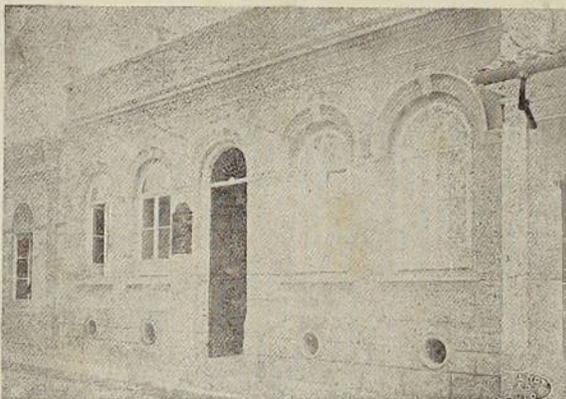
Oprimia-nos, porem, a honra que nos conferira Couto de Magalhães. Merecia respeito, por certo, o que nos chegava nas cartas amabilissimas de um escriptor, cujo talento mantém nas letras, sempre vivo, o braço de familia, o nome venerado do general Couto de Magalhães, nome que foi alvo do applauso de uma geração quasi extincta já, mas que será admirado por quantas se lhe succederem e souberem vêr, reflectidos em livros de saber confundivel, a vida, a lingua, os costumes dos autochtones e o cunho indelevel do patriotismo sem jaça.

Era preciso subtrahir-nos a essa especie de obsessão. E' o que fazemos agora, traçando uma pagina da vida, tão agitada, tão cheia de angustias, de Carlos Gomes.

Quando, immerso em involuntaria melancolia, voltamos ao passado, na corrente de recordações que nos surgem com saudade, dentre uma confusa alluvião de

homens e factos, um tanto diluidos na densa bruma do tempo ido, alguns delles, nitidamente accentuados, como que ficaram eternamente impressos em nossa retina e em nossa memoria...

Eramos criança, em 1869; lembramo-nos de ter visto subir a rua do Ouvidor um homem alto, grande cara rapada, á rowona, cartola descahida para a nuca, comprida sobrecasaca, passo tardo. Chamou esse homem minha attenção infantil, pelos respeitosos cumprimentos que de todos os lados lhe tributavam e a que elle correspondia, tirando lentamente o grande chapéo. Esse homem era o senador Zacharias de Gócs e Vasconcellos.



A casa onde nasceu Carlos Gomes

Em fins de 1884, estando na mesma rua celebre com o meu bom amigo Filinto de Almeida, chamaram-nos a attenção dous homens, ambos gloriosos, um de pequena estatura, de extraordinaria vivacidade no gesto e na palavra, que conversava junto ao varão dourado de Madame Roscnvald; o outro, pela sua singular e captivante elegancia natural. Foi Filinto quem nos deu a conhecer esses personagens. O primeiro era o conselheiro Ruy Bar-

bosa. O outro, o almirante Saldanha da Gama.

Em 1880, nesse theatro *São Jose*, que voltou já ao capitulo das recordações da antiga Paulicca, tivemos a ineffavel dita, ao lado de Sant'Anna Gomes, de admirar no *Guilherme Tell* o Tamagno, um nome que dava a conhecer a voz magnificente.

Nesse mesmo anno, levado pelo dr. Americo de Campos, tivemos a honra de almoçar, á Ponte Grande, com o venerando general Couto de Magalhães, almoço á mineira, condimentado com os adoraveis preceitos do illustre brasileiro sobre a culinaria nacional: — Uma laranja só é boa quando descascada com a mão. — O arroz, as hervas rasgadas, para conservarem o tempero, devem vir para a mesa nas proprias caçarolas em que são cosinhadas. — O lombo é de espeto. Deve vir chiando debaixo das rodellas de limão.

Dez annos depois, almoçavamos á mesma mesa, a cuja cabeceira se sentara o grande geographo Elisée Reclus, cuja face mystica, olhos de azul lavado e meditativos, nos infundiram uma como contradicção entre

Antonio Carlos Gomes

Do Dicionario Bibliographico Brasileiro, do Sacramento Blake



ASCEU na cidade de Campinas, provincia de São Paulo, a 11 de julho de 1836, sendo seu pae Manoel José Gomes, e falleceu na capital do Pará, a 16 de setembro de 1896.

Desde seus primeiros annos, demonstrou decidida vocação para a musica, adquirindo c'est'arte os conhecimentos que eram possiveis de adquirir-se no logar de seu nascimento; dava lições de piano por diversas fazendas e estudava com fervor nos momentos que lhe restavam de fatigante trabalho, as obras, que podia obter, dos bons mestres, ou compunha no seu instrumento algumas pequenas peças, como valsas, quadrilhas, tangos e romanzas, que pela expressão e belleza já deixavam prever o genio que em seu auctor se occultava, quando seu irmão, insigne rabquista, resolveu dar alguns concertos na capital da provincia.

Carlos Gomes o acompanhou, relacionou-se com muitos jovens academicos de Direito, compoz e offereceu-lhes um hymno, que foi calorosamente applaudido, pelos estudantes de S. Paulo principalmente, os quaes o acclamaram desde logo de genio e suscitaram-lhe a idéa de vir á Corte estudar, idéa já lembrada e abandonada por seu pae em vista da absoluta falta de recursos para isso.

Sem dinheiro, só com uma carta de recommendação a Azarias Botelho, que benignamente o acolhe, vem ao Rio de Janeiro; apresenta-se ao Imperador; entra no Conservatorio, onde compõe e executa uma cantata, que merece gerzes applausos; logo depois outra, que lhe grangeia a nomeação de regente da orchestra e ensaiador do theatro lyrico nacional; compõe para este theatro duas operas, que são entusiasticamente gaudadas; e então, animado com os applausos que lhe foram prodigalisados, aconselhado pelo proprio Imperador, que já o havia presenteado com a venera da Rosa, cravejada de brilhantes, resolveu ir á Europa estudar, e effectivamente parte do Rio de Janeiro, em dezembro de 1863.

Depois de estar em Lisboa, em Paris, em Madrid, foi á Italia e estabeleceu sua residencia em Milão, donde duas vezes veiu á patria, recebendo de seus patricios os testemunhos da mais bem merecida consideração e estima.

Carlos Gomes compoz:

— *Hymno academico*, offerecido á mocidade academica, para piano e canto — escripto em 1830, sendo a letra do doutor Bittencourt Sampaio.

— *Cantata para os exames do Conservatorio* — Foi executada no acto solenne dos exames em 1860, regendo o auctor a orchestra; foi sua primeira composição na Corte.

— *Cantata* que foi executada na igreja da Cruz dos Militares — e para este fim escripta em 1860.

— *A noite do Castello*: opera de Antonio José Fernandes dos Reis. — Foi posta em musica para sua estrea no theatro lyrico, e nelle executada pela primeira vez a 4 de setembro de 1862, com entusiasticos applausos. Além da venera da Rosa cravejada de brilhantes que lhe doara o Imperador, teve por esta occasião outros presentes de valor, como uma batuta de ouro, offerecida pelas senhoras fluminenses, uma corôa, tambem de ouro, pela sociedade campesina, e muitas saudações, hymnos e outras provas de apreço, dadas pela imprensa.

— *Joanna de Flandres*: opera lyrica — Como a precedente, foi cantada no theatro lyrico fluminense, a 10 de novembro de 1863, com muitos applausos.

— *A herdeira do throno*: quadrilha — composta a bordo do paquete *Parana*, ao partir do Rio de Janeiro para a Europa, em 1863.

— *Si sa minga* (revista do anno) — musica escripta para letra do poeta italiano Antonio Scalvini e executada no theatro Fossati, de Milão. É a sua primeira composição na Italia. Não é uma opera de grande folego, mas é de uma inspiração vivaz e arrojada e deu-lhe logo uma bella reputação ahi, no paiz da musica.

Nella luna. (idem) — É outra composição de igual inspiração, egualmente applaudida e executada no theatro Carcani.

Guarany: opera baile em quatro actos. — Foi esta a composição que trouxe immarcessivel gloria a Carlos Gomes. Levada á scena do theatro Scala, em Milão, a 19 de março de 1870, foi o seu auctor desde o primeiro acto chamado á scena por diversas vezes com freneticos applausos dos proprios mestres, que o ficaram reconhecendo como artista e maestro. Neste mesmo anno, vindo elle á patria, foi o *Guarany* cantado no Rio de Janeiro, a 2 de dezembro. Por um acaso feliz, encontrara Carlos Gomes traduzido em italiano o romance de igual titulo, do conselheiro Alencar, e, comprando-o, incumbiu o já mencionado poeta Scalvini de arranjar a opera. Se o auctor do romance já não tivesse um nome bem firmado, e um logar muito distincto na republica das ltras, o autor da opera lh'o teria dado. Foi representado pela segunda vez em dezembro de 1881, em Londres, no thatro Covent-Garden.

— *Salvator Rosa*: opera lyrica em quatro actos — O libretto é de Antonio Ghislanzoni, um notavel e distincto poeta e librettista da moderna Italia. Della, entre outros, escreveu o distincto literato brasileiro Alfredo Bastos uma noticia, que vem na *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro, de 10 de agosto de 1880. Foi representada pela primeira vez no mesmo theatro de Londres.

— *Fosca*: opera lyrica em quatro actos. — Tem sido executada em diversos theatros da Europa.

— *Maria Tudor*: opera lyrica em quatro actos. — Idem.



A estatua



— *Ninon de Leuclos*: opera lyrica — Estava apenas em começo sua composição, quando o auctor veio ao Brasil em 1880.

— *Palma*: opera lyrica — Idem.

Composições pequenas de Carlos Gomes ha innumerables. Desde os seus primeiros annos, passados em Campinas, escreveu elle diversas peças. Das publicadas mencionarei, entretanto:

— *A Canções*: hymno triumphal para orchestra e banda — composto para ser executado por occasião do tricentenario do poeta portuguez.

— *Io ti vidi*: canzone para piano e canto.

— *Suspiro d'alma*: modinha.

— *Lalalauy*: polka para piano.

— *Polka dos pardaes*: idem.

— *Polka dos beijos*: idem.

— *Moreninha*: valsa idem.

— *Cachoeira*: quadrilha de contradanças idem.

— *Quem sabe?* modinha.

— *Rainha das flores*: valsa para piano.

Nota da Redacção — O auctor omitiu, nas obras do maestro, a opera *Lo Schiavo*, composta em 1889 e dedicada a S. A. Imperial a Princesa D. Izabel; a opera, inédita, *La Morena* (1890); o *Condor* (1891), representado com exito colossal na Italia e no Rio de Janeiro, em 1892; e o inspirado poema vocal e symphonico, em 4 partes, *Colombo*, que — escreveu A. C. de Menezes — «foi indignamente sacrificado pela pouca escrupulosa empresa Ducci & Cicchi.»

Carlos Gomes e D. Pedro II



EU nome triumphara eterno!
De um principe não é nem
de um ministro do rei: mas
é o nome de um Immortal.

Para honra tua, não aruinaste o thesouro do teu paiz: trabalhaste sempre para a gloria de tua Patria, tornando-a, dia a dia, cada vez mais conhecida ultramar. — pelo teu extraordinario talento, pelo teu impolluto caracter e pelas admiraveis energias de uma estoica perseverança, por vezes tocando á méta do heroismo, — sem que ninguem nunca avaliar pudesse o Calvario de tua dôr, contigo sepultada em um mesmo tumulo, — dest'arte ao mundo exemplo dando de valor, e de civismo á nossa Mocidade, que surge forte e confiante, fitando, como tu outr'ora, ébria de illusões e de santos idéaes, o esmeraldino campo de seductoras esperanças, que conduz o incauto viajor ás luminosas regiões da Gloria: porém que é varrido noite e dia por tempestades de odios, invejas, despeitos, vinganças, intrigas e traições sem nome, no seio de cujos tufões turbilhonam, quasi sempre, todas as illusões e santos idéaes dos verdes annos.

Um homem houve, entretanto, dentre todos os brasileiros, que soube sempre comprehender-te e fazer-te justiça até mor-

rer: encontraste-o ao dealbar de tua existencia.

Um povo tambem tiveste, no seio de tua Patria, que soube render-te, á borda da campa, as supernas homenagens das potestades reaes; encontraste-o ao anoitecer de tua vida.

Aquelle glorificou-se, como Carlos V na Hespanha e Luiz XIV na França, pelo concurso do seu poder ao desenvolvimento das artes liberaes, — guiando-te ao caminho da Posteridade.

Este immortalisou-se — immortalisando-te.

D. Pedro de Alcantara — era o homem.

Do nobre e altivo Pará — é o povo.

E uma vez que o destino não permittiu que o sol da Patria beijasse tambem a fronte do nosso desditoso Monarcha, no derradeiro momento em que de seus olhos rolaram duas lagrimas de saudade sobre o seu Brasil, e de seus labios a palavra do perdão para os seus verdugos, quiz, sem duvida, aquelle grande e generoso povo, em um mesmo dia, em uma só e mesma consagração e de modo assombroso, nunca dantes testemunhado, dar ao paiz inteiro o maior e mais edificante exemplo de amor civico.

Fê-lo no dia dos regios funeraes do *Maestro*.

Lá, bem junto das aguas do rio immenso das *Amazonas*, duas majestades consor-



A figura do Camélias, no pedestal da estatua

o severo personagem, que alli estava respondendo com rapidos monosyllabos, e a sua acção fortemente revolucionaria...

No livro de nossa memoria, escripto está que vimos Antonio Carlos Gomes de dez a dez annos.

A primeira vez envolvia-o gloriosa aureola. Foi em 1870, quando elle veio ao Brasil, precedido pelos ecos dos applausos tributados á primeira exhibição do *Guarany*, no *Scala*, de Milão.

A outra, em 1880, em fremitos de enthusiasmo, quando pela segunda vez vem á patria, contando em sua bagagem artistica mais uma opera, que elle considerava a sua melhor producção, opinião contraria á da critica italiana com que o maestro jamais se concitou.

A terceira vez... eis em que vai consistir o assumpto principal destas despretenciosas linhas.

Em 1890. Estavam longe, perdidos no tempo, os aureos dias de moço. Naquelle época, já não havia fremitos de enthusiasmo á volta da primeira figura musical do Brasil. Carregára-se de caliginosas nuvens o cahir da vida de Carlos Gomes. Elle considerava-se um vencido...

Outros homens estavam no galim; diversa corrente de sentimentos vigorava triumphante. Duas dôres constrangiam o sensível coração do maestro. O banimento da Família Imperial, tão intimamente ligada á sua existencia artistica. E a sua pobreza.

Por aquelle tempo, chegara a Campinas o sr. Francisco Glycerio, recebido com extraordinaria manifestação de seus correligionarios politicos e até com ropiques de sinos da Matriz da Conceição, da mesma cidade. Elle, que pouco tempo antes sahira clandestinamente de sua terra, para tomar a sua parte de responsabilidade na acção que transformou radicalmente o regimen politico do paiz, regressava como um verdadeiro triumphador, a que não faltou a corôa civica, posta em sua frente pelo sr. dr. Eduardo Guimarães, distincto clinico, hoje residente em São Paulo, orador fluentissimo, cujo talento scientifico e literario sempre admirámos fervorosamente.

No dia seguinte, Carlos Gomes apparecia na redacção de nossa folha e incumbia-nos de irmos, com o dr. Eduardo Guimarães, falar ao chefe republicano, solicitando a sua influencia, então preponderante, para se obter uma pensão.

Dirigimo-nos á residencia do futuro general republicano. Lembramo-nos, como se fôra hoje. Era uma tarde triste. Depois da chuva torrencial, estíára, mas do ambiente desprendia-se uma impressão de indescriptível desagrado do céu. Do céu golpavam repetidos clarões, renunciando o bom tempo.

Entrámos na sala de visitas.

O chefe aclamado na vespera estava jantando. Mas em breve appareceu e, com a urbanidade que é acaso um dos segredos de sua constante fortuna politica desde 1889 até á hora actual, nos recebeu, começando por pedir desculpa de nos haver feito esperar.

Dahi a um instante, um criado servia-nos café e charutos, magnificos bahianos, que o nosso hospede declarava não saber se eram bons.

Coube, como era natural, ao dr. Eduardo Guimarães dar conta da nossa delicada missão.

Expoz elle que Carlos Gomes se achava em criticas circumstancias e que nos incumbira de recorrer á influencia do respeitavel chefe republicano, para este lhe obter a pensão.

Emquanto se ia desenvolvendo o pedido, levado por velho pendor, iam-se-nos os olhos pelos quadros da sala. Havia dous, pintados em vidro. Um delles, ao que nos pareceu, era o retrato do Gambetta. Do outro, immerso na penumbra, não distinguimos o assumpto, e indagámos do proprietario qual era.

— Não lhe posso dizer. A respeito de arte, confesso que não sou forte.

Esta phrase causou-nos um sobresalto.

Era como a voz do desinteresse sublinhando o pedido que, com a sua palavra persuasiva, acabava de formular o dr. Eduardo Guimarães.

O sr. Francisco Glycerio ouvira-o, meditativo, um tanto abstracto. E, afinal, respondeu:

— Comprehendo que nada posso prometter, menos ainda assegurar. Uma cousa dessas depende do Congresso. Mas podem estar certos e dizel-o ao Carlos; farei o que puder.

Despedimo-nos e sahimos.

Levantára-se o vento sul, varrendo as nuvens pesadas, afinando o ar. Rutilavam no céu as primeiras estrellas. Ambos descemos, calados, a rua principal da cidade, aquelle tempo animadissima. A esquina de uma rua, tivemos a inspiração de ir a casa do maestro Sant'Anna Gomes, onde residia seu irmão. Este não estava. Despedimo-nos, ficando quem estas linhas escreve incumbido de dar conta do resultado da missão ao interessado.

Só, com os nossos pensamentos, tivemos a previsão do futuro. Carlos Gomes, o protegido, o predilecto do Imperador banido, não podia contar com as boas graças dos homens da era nova. Para estes, o maestro seria, além do mais, o suspeito auctor do *Schia-*

vo, que elle, dous annos antes, tão calorosamente dedicara á Princesa Imperial, a libertadora da raça opprimida.

E, a suspirar, entrámos na redacção...

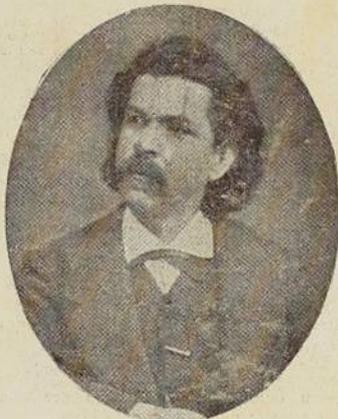
Carlos Gomes estava lá, evidentemente, esperando a resposta. Sentado a uma mesa, passava nervosamente os dedos da mão esquerda pela juba leonina. Na mão direita tinha um lapis, com que traçava riscos, sem tom de desenho, grossos e truncados, como seu pensamento vario naquelle momento de inquietação.

Assim que nos viu, clamou com a sua voz alta e forte:

— Então? Que disse o Chico?

Demos-lhe conta, fielmente, do que se passara; o discurso do dr. Eduardo Guimarães, a attitude pensativa, o ar um tanto abstracto do Glycerio; a sua phrase sobre a arte...

Gomes, reclinado para a cadeira, com os olhos vagos, abanando a cabeça como que accenhuando cada palavra que nos sahia dos labios, batendo, sempre nervoso, com a cabeça do lapis no papel riscado, conti-



Carlos Gomes, ao tempo da 1.ª representação do *Guarany*



nuava a passar mais nervosamente ainda a mão esquerda pelos cabellos alvadios . . .

E, decorrido um instante, articulou :

— Homem! E' só?

— Foi o que se passou, repetimos.

Então Carlos Gomes atirou o lapis, que foi rolando pela mesa afóra, poz-se de pe num impeto, deu alguns passos incertos na sala; depois, voltando-se para nós, com aquellas suas phrases tão simples, que o faziam entrar no coração de todos:

— Deus te pague, sabes? Mas eu já vejo que não arranjo nada. Adcus!

E foi sahindo rapido, sacudindo a poderosa cabeça, aquella cabeça admiravel, fonte de admiraveis harmonias . . .

A Historia, que é indestructivel, consignou como foi que o mais eminente compositor brasileiro não obteve a almejada pensão. Foi isso segredado nos corredores do Parlamento e consignado nos annaes do Congresso Nacional.

Tempo depois, já na Italia, Carlos Gomes, sempre brasileiro até á raiz dos cabellos, em carta dirigida a alguem, commentava assim, brasileiroamente, o fracasso da sua mais que legitima aspiração :

— «Caça ruim é que desmancha mundéo.»

A ultima vez que tornámos a ver o maestro foi no

que seus conferrancos lhe iam entregar uma riquissima corôa de louros, fino lavor de ourivesaria.

Em 1880, quando elle de novo se achava em sua terra, desabou sobre Campinas, arrojada do poente, uma horrivel chuva de pedras, que despedaçou as vidraças de todas as casas da cidade voltadas para aquelle ponto cardeal, despedaçou arvoredos, matou peixes nos rios. . .

Em 1905, a cerimonia da inauguração da estatua effectuou-se sob um temporal defeito, dando-se esta curiosa circumstancia — á medida que se approximava a hora de se desvendar a estatua, crescia a força da chuva! E foi sob grossas bategas de agua que Cesar Bierrenbach pronunciou o seu discurso, tendo á volta do monumento os altos poderes do Estado, representantes da marinha, convidados, *reporters* e o povo, todos de guarda-chuva abertos, dando o aspecto de passaros encolhidos sob a intemperie.

Ao voltar do cemiterio, onde acabava de repousar Carlos Gomes, erguida a noite dos fundos valles a celestes alturas, desciamos nós recordando o verso de Laurindo Rabello, no *Genio e a Morte*:

Ultimo arranco!... Cai desfallcido
Nos braços do crepusculo.
Morreu o dia; — e a noite piedosa
Em seu manto de dô lhe envolve o tumulo!

Fac-simile da assignatura de Carlos Gomes

deslumbramento de uma apothecose, em outubro de 1896. Já não era do numero dos vivos. Por aquella mesma rua, por onde o dr. Eduardo Guimarães e nós desceramos, calados, seis annos antes, subia elle, agora, inanimado sobre uma carreta de guerra, acompanhado pelo presidente do Estado, o dr. Campos Salles, cercado por um piquete de lanceiros, enquanto em ondas sonoras rolavam, plangentes, as notas da marcha funebre do *Salvator Rosa* . . .

A uma janella, uma das irrnãs do maestro mallogrado, ao ver a carreta, no seo daquella enorme solennidade, erguera os braços como na proximidade de um desmaio, e de seus olhos corriam em fio as lagrimas pelo seu rosto.

Era tambem triste a tarde em que ia ter o ultimo descanso aquelle torturado por cruel enfermidade, envolucro de uma alma mais torturada ainda.

A natureza estava de accôrdo com aquella existencia que attingira ao zenith da gloria com a rapidez do relampago, mas que tambem fôra, na sua môr parte, batida pelos asperos vendavaes da desventura.

De resto, esse accôrdo, que nos lembre, existiu sempre com o tempestuoso trajecto de Gomes por sua terra.

Em 1870, um vendaval fez transferir uma festa em

Como acontecera seis annos antes, Vesper e seu cortejo luzente scintillavam no firmamento.

A' hora do crepusculo se fechava a capella funeraria que foi o penultimo jazigo de Carlos Gomes.

E a noite piedosa, dispersos no espaço os derradeiros ecos da apothecose, envolvia a todos quantos, momentos antes, se sentiam engrandecidos na imponente e commovedora homenagem ao compositor, cuja fortuna varia o guindara aos páramos da gloria e á gehenna de incomportaveis agonias!...

Dezembro de 1906.



ciadas se viam, então: a majestade do *Talento* e a majestade da *Bondade* — Carlos Gomes e Pedro de Alcantara.

Orgulho ambos deste paiz, encontravam-se no tumulto: não menos honrosa, nem mesmo refulgente devera ser, portanto, a apothese.

Banido de sua Patria, velho e enfermo, como um criminoso, ferido bem no coração pela ingratição dos homens, chorando lagrimas de dor que se não podem comprehender, dia e noite, no silencio do seu abandono, mesmo assim nunca teve aquelle grande brasileiro uma só palavra amarga ou de revolta contra ninguem.

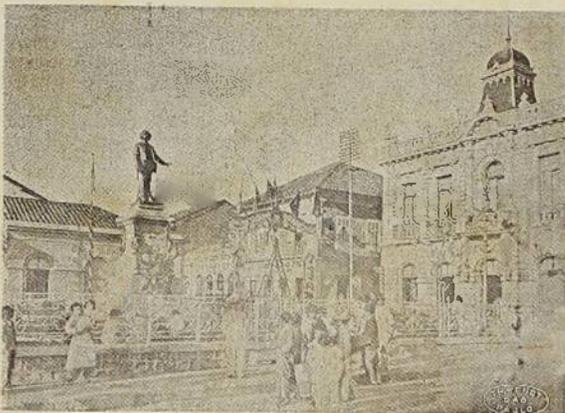
« De longe mesmo, acompanhando a historia republicana, só fazia desejar prosperidades e venturas ao paiz que recebera os sonhos da sua mocidade e onde pretendia dormir o somno derradeiro. O afastamento da Patria não serviu para accumular no coração de Pedro II rancores nem paixões. Muito ao contrario: os dias do exilio, longos nas tristezas das recordações, crearam naquella grande alma misericordiosa uma tão dolorida sentimentalidade, que muitas vezes, falando do seu passado, o velho Monarcha, doente e fraco, deixava que rolassem sobre o nome do Brasil

duas lagrimas sinceras e santas. Se este paiz, mesmo sob o regimen actual, necessitasse um dia, para sua salvação, de uma só palavra do Imperador decahido, Pedro II (quanto elle era bom!) teria nos labios mil palavras salvadoras para o Brasil ».

« A bondade em D. Pedro II, afirma-o José Verissimo, é a nota dominante do seu caracter; as suas outras qualidades, como o desinteresse, que nelle foi eminente, como alguns de seus defeitos, são nelle ainda uma forma de sua bondade. Sentindo-o e bom, elle não podia crer que realmente o não amassem, e, como

qualquer outro, deixou-se illudir com as manifestações com que o povo — esse grande e eterno corteão — parecia corresponder a essa bondade ».

A nossa penna trai nossa veneração pelo velho Imperador, é certo; como, porém, esquecer-mol-o neste escoreço biographico de Carlos Gomes, estando o seu nome tão identificado com a vida do grande brasileiro que a elle deve, em parte, todos os seus resplandecentes triumphos e a celebridade conquistada entre os povos d'aquem e d'além-mar?



O monumento em Campinas, depois de inaugurado



DR. CESAR BIERRENBACH
Propugnador da idéa do monumento

SILIO BOCCANERA JUNIOR
(Do livro *A Bahia a Carlos Gomes*)



O «SCHIAVO»

DEDICATORIA A' PRINCEZA

Eis a carta que Carlos Gomes dirigiu de Milão á Princeza D. Izabel e que figura nas novas edições do *Schiavo* :

SENHORA :

Digne-se Vossa Alteza acolher este drama, no qual um brasileiro tentou representar o nobre character de um indigena escravizado.

Na memoravel data de 13 de Maio, em prol de muitos semelhantes ao protagonista deste drama, Vossa Alteza, com animo gentil e patriotico, teve a gloria de transmudar o captiveiro em eterna alegria de liberdade.

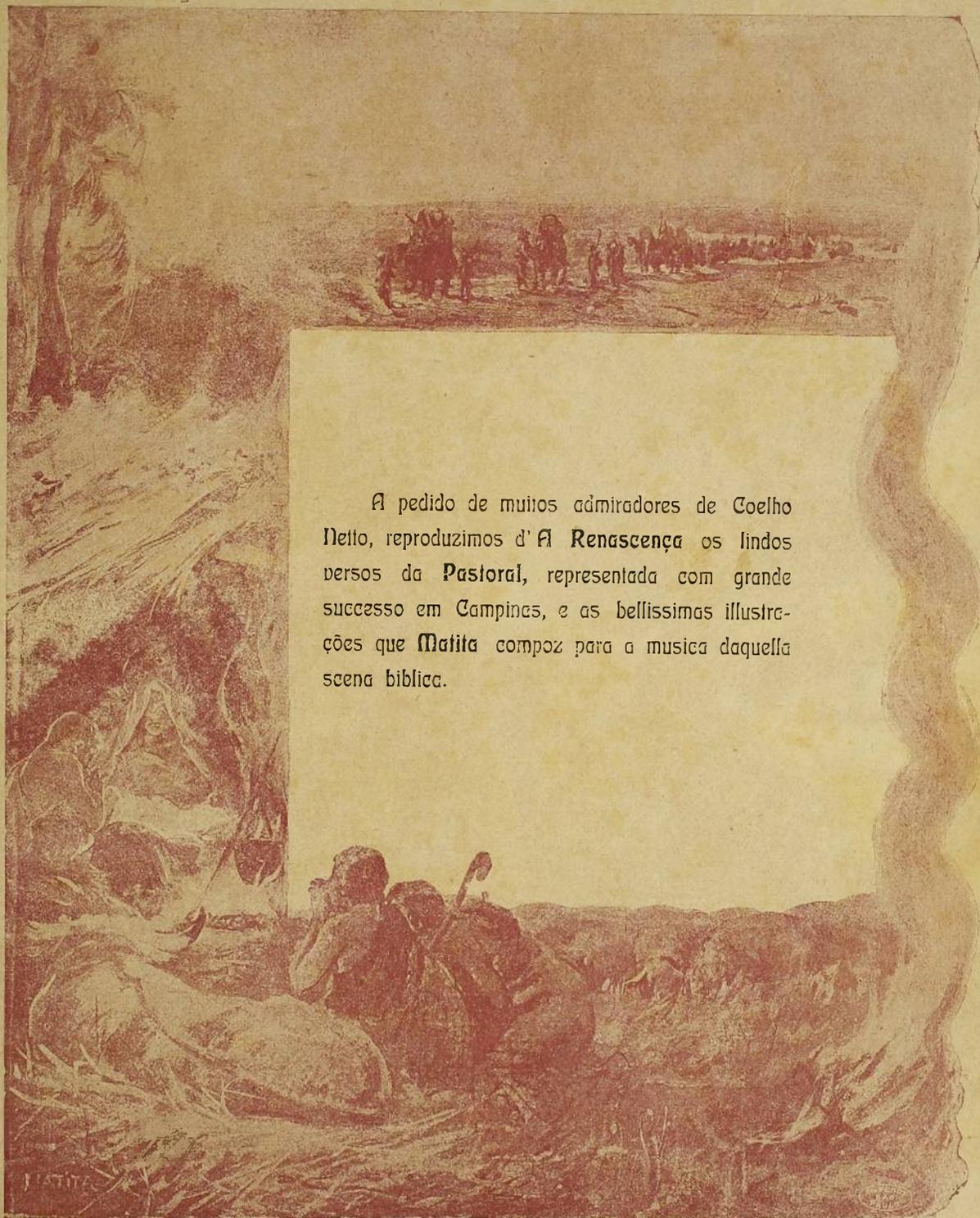
Assim, a palavra "escravo" no Brasil pertence simplesmente á legenda do passado.

E', pois, em signal de profunda gratidão e homenagem que, como artista brasileiro, tenho a subida honra de dedicar este meu trabalho á Excelsa Princeza, em quem o Brasil reverencia o mesmo culto espirito, a mesma grandeza d'animo de D. Pedro II, e eu a mesma generosa protecção que me glorio de haver recebido do Augusto Pae de Vossa Alteza Imperial.

Hoje, 29 de julho, dia em que o Brasil saúda o anniversario da Augusta Regente, levo aos pés de Vossa Alteza este "Escravo,, — talvez tão pobre como os milhares de outros que abençoam a Vossa Alteza na mesma effusão de reconhecimento com que sou — De Vossa Alteza Imperial, Subdito fiel e reverente — A.
CARLOS GOMES.

Milão, 29 de julho de 1888,





A pedido de muitos admiradores de Coelho Netto, reproduzimos d' *A Renascença* os lindos versos da *Pastoral*, representada com grande successo em Campinas, e as bellissimas illustrações que *Matita* compoz para a musica daquelle scena biblica.



A ANNUNCIÇÃO

LETRA DE COELHO NETTO. MUSICA DE H. OSWALD

Pastora que vens da serra,
Pastora que eu acompanho,
Não vês que do teu rebanho
A ovelha menor se abherra?...

Ai de ti, linda pastora,
Teu coração vai-se embora.

Não te prendas á cigarra
Que canta nos olivaeas,
Olha lá que se desgarrá
Tua alma e não a vês mais...

Ai de ti, linda pastora,
Que se vai tua alma embora.

Não dês ouvidos ao canto,
Foge ao que diz o traidor...
Que o amor p'ra viver quer pranto,
Como quer orvalho a flôr...

Ai de ti, linda pastora,
Que se vai tua alma embora.





A VISITAÇÃO

LETRA DE COELHO NETTO. MUSICA DE F. BRAGA

Não te exponhas, disse a velha,
 A' luz fria do luar ;
 Deixa que se perca a ovelha,
 Gado não te ha de faltar.
 E' o lobo e não a frauta
 Que te atrai ao seu algar...
 Não saias donzella incauta
 Ao luar...

Mas a moça, a noite inteira,
 Ouvia a ovelha balar,
 Tão triste e só na clareira,
 Que não pode descansar.
 E, enquanto a velha dormia,
 Fugiu deixando o seu lar ;
 Era claro como dia
 O luar.

Desde então anda esgarrada
 Pela montanha, a chorar,
 A pobre moça enganada
 Naquella noite de luar. . .
 A lua é mãe da tristeza,
 Desconfia da belleza
 Do luar. . .





EM BETLÉM

LETRA DE COELHO NETTO. MUSICA DE A. NEPOMUCENO

CORO DOS EMORITAS

Aschoreth! Aschoreth!
Toda a montanha rejubila
A' luz esplendida do luar.
Na selva viride e tranquillã,
Aschoreth,

O lago que te reproduz
Torna-se egual ao céu, scintilla
A' doce luz
Do teu olhar,
Aschoreth!

A ti, divina creadora,
Deve a campina farta seára,
Deve a montanha a fonte clara
Que nella dia e noite chora.

Não ha pastor que não bemdiga
A luz com que do céu os banhas.
Bemdita sejas, doce amiga,
Dos emoritas das montanhas!

CANTIBENA

Dormi, dormi tranquillamente,
Acondiegado ao meu amor.
Tendes no collo um ninho quente,
Onde achareis sempre calor.

Silve rebrame o vento agreste,
Que muda em neve a agua do rio...
Mais pôde o amor do que o nordeste
Que traz dos montes tanto frio.

Meu coração arde e se inflamma
Para aquecer-vos, meu Senhor.
Não ha calor como o da chamma
Que nasce, esplendida, do amor.

Gia — que importa? A noite é alta,
O vento geme, uiva a torrente.
Junto de mim nada vos falta.
Dormi, dormi tranquillamente...

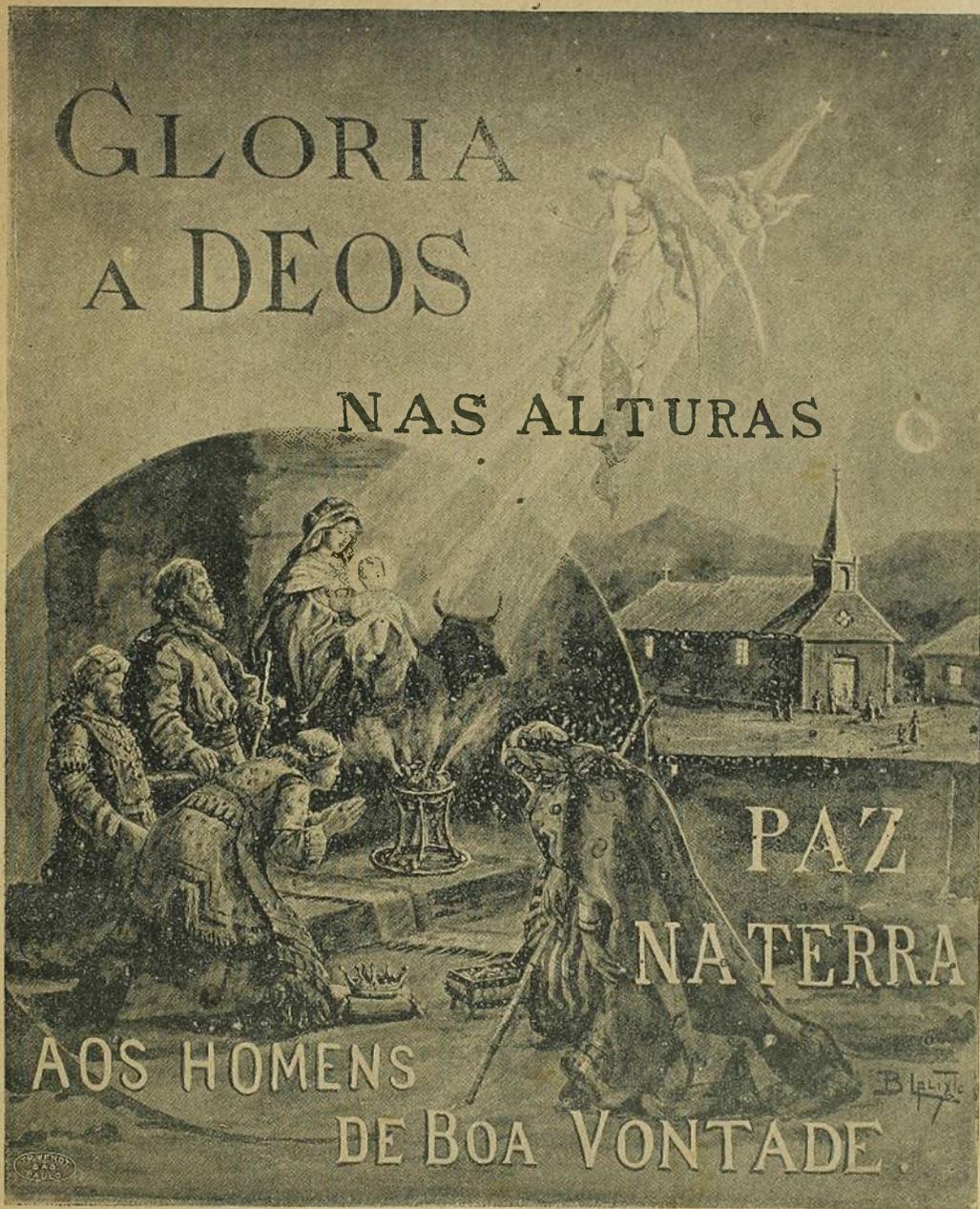
CORO DOS PASTORES

Numa caverna, desagasalhado,
Sobre o feno que a terra mal encobre,
Entre o pastor e o gado,
Quiz nascer como um pobre
O Divino Enviado.

A nova que se espalha
Pelos ares, ao som de tubas soantes,
Chega, através da noite, ás mais distantes
Choças de adobe e palha.

E quem ouve soar o cantico propicio,
Corre dos campos, desce dos pendores
Do monte, e vem saudar o natalicio
Do Senhor dos senhores.





Desenho e composição de Benedicto Calisto para o *Album Imperial*

Os nossos concursos

O *Album Imperial* resolveu abrir, entre os seus leitores, tres concursos, offerecendo premios em dinheiro ás pessoas que resolverem os problemas.

PRIMEIRO CONCURSO

PHRASE A COMPLETAR

Junto á pagina 25 encontrarão os leitores um *coupon*, com a seguinte phrase:

« Além dos, os soldados levavam consigo, nas marchas, para entrincheiramentos. »

Como se vê, a phrase está incompleta; faltam-lhe duas palavras, que substituímos por pontos.

O leitor deverá descobri-las, remetendo-nos o *coupon* com a phrase completa.

A phrase não é nossa, e sim de conhecido escriptor; extrahimol-a de um livro, que citaremos depois de encerrado o concurso.

Offerecemos tres premios ás pessoas que primeiro nos remetterem a solução exacta.

Ao 1.º decifrador — 50\$000
Ao 2.º » — 30\$000
Ao 3.º » — 10\$000

NOTA — Os concorrentes deverão remetter-nos, com a solução, o *coupon* que se encontra á pagina 25.

O concurso será encerrado no dia 20 de fevereiro proximo.

SEGUNDO CONCURSO

O RELOGIO

Na noite de Natal, daremos corda a um relógio de algibeira e depois o encerraremos numa caixa, que será lacrada em presença do testemunhas.

No dia 20 de fevereiro, em presença das mesmas testemunhas, abriremos a caixa e verificaremos a hora certa em que parou o relógio.

O leitor deverá encher o *coupon* da pagina 25, que nos enviará até áquella data.

Aquelle que adivinhar a hora certa marcada pelo relógio depois de acabada a corda receberá o premio de 50\$000.

Se ninguém acertar, fará jús ao premio aquelle que mais se approximar da adivinção.

NOTA — Os concorrentes deverão remetter-nos, com a solução, o *coupon* que se encontra á pagina 25.

O concurso será encerrado no dia 20 de fevereiro proximo.

TERCEIRO CONCURSO

O nosso terceiro concurso consiste em dizer-nos o leitor quem é o auctor destes dous versos:

*Pelo broquel a purpura trocaste;
Raio da guerra, ardeste majestoso.*

O auctor é brasileiro. — é a unica cousa que podemos adeantar.

PREMIO: — 30\$000 ao primeiro que acertar.

NOTA — Os concorrentes deverão remetter-nos, com a solução, o *coupon* que se encontra á pagina 25.

O concurso será encerrado no dia 20 de fevereiro proximo.

Ao Mundo Elegante

COM CASA DE COMPRAS EM PARIS

RUA 15 DE NOVEMBRO, N. 49 — Telephone N. 941

Grande Officina de Costura

ARTIGOS FINOS
E ALTAS NOVIDADES

Fazendas, Modas, Armarinho,
Roupas brancas, etc., etc.

Recebe semanalmente de Paris
as ultimas creações da moda

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Ao Mundo Elegante

Rua 15 de Novembro, N. 49

S. PAULO

A. Nelson de Oliveira





MACHINA PARA
FAZER CALCULOS

“BRUNSVIGA”

UNICOS FABRICANTES

Grimme, Natalis & Co. ≡ BRAUNSCHWEIG, Allemanha

Segurança absoluta nos calculos   Rapidez inexcedivel nas operações



Trabalhos que realiza a machina «Brunsviga» — A «Brunsviga» executa as quatro operações arithmeticas: sommar, subtrahir, multiplicar e dividir e todas as suas combinações; extrahе as raizes quadradas e cubicas e faz em geral todos os calculos, por mais complicados que elles sejam.

REPRESENTANTE DEPOSITARIO:

Otto Schloenbach - São Paulo

Referencias, além de outras:

S. Paulo Railway Company, Sorocabana, Paulista.

Conto de Natal

Vamos, avósinha, vamos, conta-me a historia do Natal que me prometteste.

E a velha, contente, deixando transparecer, no bondoso sorriso que lhe adornava a face pallida e macilenta, o signal visivel da alegria, disse: «O Caminho do Céu — é um livro de historias para as crianças; nelle todas as paginas do coração humano estão desenhadas primorosamente. Ha alegrias roseas e gorgeios de passaros naquellas linhas singelas e sublimes. O Conto de Natal — o primeiro do livro — é a historia de um menino pobre, muito bom, carinhoso e meigo, como tu, meu anjinho, que recebeu no grande dia do nascimento de Deus o premio de suas virtudes.

Se bem me lembro, era assim: «Perto de um rio caudaloso e bello, sob uma abobada de verdura fresca, brincava alegremente o pequenito Edgard.

«Era um dia delicioso; céu azul, limpido e sereno.

«Edgard estava contente, não havia em seu olhar vislumbre sequer de tristeza.

Lento e lento, aproxima-se um velho de longas barbas, brancas como a neve, e cajado na mão e olhos de indizível bondade. Meu menino, disse, tenho fome; desde hontem que não tenho sequer uma côdea de pão, dá-me uma esmola, pelo amor de Deus.»

«Era na vespera do Natal.

«Edgard ficou triste com a desgraça do velho e deu-lhe uma moeda de ouro, que trazia no bolso, — o premio que havia conquistado dias antes, no seu primeiro exame do collegio.

«Depois... o velhi-ho foi-se embora, tendo beijado a pequena e bondosa mão do seu bemfeitor.

«Deus ficou tão contente com Edgard, que nessa mesma noite lhe mandou um grande presente, pelo anjo encarregado de trazer, escondido de todos, as boas festas para os bons meninos. E que presente! continuou a avósinha, tudo quanto Edgard desejava possuir — os mais deslumbrantes e custosos brinquedos, porque Deus, meu anjinho, adivinha.

«Elle sabe tudo, conhece os nossos mais reconditos segredos.

— Se é assim, avósinha, se Deus adivinha tudo quanto a gente quer, eu vou ser, daqui em deante, muito bom; nunca mais hei de teimar, nunca mais hei de mentir nem pedir nada á mesa e, de certo, no outro dia de Natal, Deus, em vez das amendoas que me manda todos os annos, ha de me dar o que mais desejo — a mamãe, fazendo-a viver outra vez! Coitadinha! lá onde ella está, no cemiterio, é tão frio, é tão triste! e eu tenho tantas saudades della!

Nem uma palavra pôde articular a desventurada velha, tal foi a impressão dolorosa que aquellas palavras credulas — cheias de ignorancia e sublimidade — lhe fizeram no coração.

As lagrimas lhe borbiuharam e, num transporte de amor, beijando o netinho apaixonadamente, louca de dôr e de saudade, sentia que beijava a filha morta...

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS

O NATAL

em diversos paizes do mundo

A Je sais tout publicou o anno passado uma serie de pequenos artigos de festejados escriptores sobre o Natal em diversos paizes do mundo.

Perfilhando a idéa da revista parisiense, resolvemos traduzir para o *Album Imperial* esses artigos, encarregando da versão de cada trabalho um escriptor paulista.

O NATAL NA BREITANHA

(JULES CLARETIE)

Em remota egrejinha da Bretanha, estão reunidos os ficos, na maior parte pescadores, para festejar o Natal e ouvir, entre promessas ingenuas, a missa annual da meia-noite.

O mar, lá fóra, talvez esbraveje. Rajadas de vento fazem chorar o campanario arruinado, que, denegrido no estio, ostenta agora a vestimenta branca de neve. E a neve cobre as vidraças em seus caixilhos de chumbo.

Os maritimos não escutam, não percebem as ameaças do papão em sua colera de inverno. E a voz do órgão que os enleva, o altar illuminado pelos cirios que os inspira.

As mulheres rezam para que os rapazes ausentes voltem, para que os *terranovas* tornem a ver as charneças e as giestas douradas do seu paiz.

Brizeux cantou esse Natal da Breitanha, que o artista contemporaneo evoca com o mesmo encanto do poeta da *Maria*. Elle surprehendeu nos labios gretados dos pescadores, entre palavras de esperança e ternura, o brado de amor que atravessou os tempos:

Paz na terra aos homens de boa vontade!

Foi elle, á luz da lua e por caminhos regelados, ao encontro de Maria com sua touca branca e de Jesus no presepio, acompanhando o cortejo de pescadores que, de lanternas á mão, se dirigiam para o officio da meia-noite, e a vista dessa egreja pobre, cheia de povo rustico curvando as frentes descobertas, impressionou-o e fez-o chorar, pois, nessa noite de Natal, debalde procurou a rapariga de Pont-Kerho na multidão ajoelhada.

Foi-se a visão!

A visão para os pescadores da Armorica recomeça todos os annos, e todos os annos, lá na egrejinha, Yann e Gaud, os noivos de Loti, juntinhos, rezam pelo descanso dos *velhos*, o espirito dos que se foram, e saúdam a mangedoira donde o menino vindo para salvar os homens lhes sorri, extendendo para elles suas mãosinhas pesadas de esperanças!

A Esperança, o viatico da humanidade caminhante.

E as recordações de infancia reanimam-se deante deste quadro de humildes.

A mesma precissão de gente vai á missa, em Périgord ou em Limousin, onde nos bancos de familia estão gravados os nomes dos antepassados.

E' o cantico, o velho Natal do campez, que se entoa:

Nasceu o Senhor Menino!

canto de exaltação d'Aquelle que vai dar sua vida pela salvação do mundo.

E' tambem a saudação do novo anno que chega, aos dias mais longos que ahi vêm: «A Nataud, d'un péi dé jaud...» Pelo Natal os dias augmentam «de um pé de gallo».

E esse gallo parece cantar o anno novo com a voz alegre do paiz da Gallia.

XAVIER DA SILVEIRA

O NATAL NA INGLATERRA

(MARCEL L'HEUREUX)

Nós, francezes, temos o Natal e o Anno Bom; o Natal, — a festa intima, com a ceia tradicional, os sapatos arrumados á beira da chaminé, o passeio do menino Jesus sobre os telhados das casas e a completa alegria das crianças; o Anno Bom, — a solennidade official, com as visitas da pragmatica e as simplesmente familiares, os indefectíveis presentes, as boas-festas, as gorjetas... isto é, o mais odioso dia do anno!

Na Inglaterra não ha a festa do Anno Bom; os inglezes festejam o que elles chamam *Christmas*, Christmas sem mais nada. E este Christmas começa muito antes e acaba muito depois de 25 de dezembro. Não é um dia, é mais do que uma semana, é quasi uma estação do anno, é «Christmas' Season»... e toda a Inglaterra vive á espera de Christmas!

Se os azares da vida vos conduzirem ao seio duma familia ingleza, á noite de um 25 de dezembro, nessas campinas dos arredores de Londres, tão cheias de não sei que luto e absorvente encanto, ahi é que sentireis as verdadeiras alegrias do Natal d'alem-mar. Como toda gente, tomareis parte na



Photographia do bello quadro a oleo — *Orohídeas* — adquirido pelo governo para a Pinacoteca do Estado, em agosto de 1906. E' devido ao pincel da distincta professora brasileira d. Minna Nee, residente nesta capital e que obteve menção honrosa na 2.ª Exposição Geral de Bellas-Artes, na Escola Nacional de Bellas-Artes, do Rio de Janeiro.

tradicional visita á cosinha da casa, adrede encitada de azevinho e de guido, visita que se faz com grande solennidade, — as mulheres em decóte e os homens em *smoking*; como em França, comereis um pedaço do tradicional Perú, ou uma aza de pato, ou uma côxa da gallinha expressamente engordada para o acto, e tereis á vontade o flammejante *pudding* nacional.

Depois disso, sereis talvez convidado a tomar parte em varios jogos classicos, pelos quaes morrem de amores as suaves *misses* inglezas: — as prendas, a cabra-céga, a *main-chaudé*, o *amigo* ou *amiga* e um celebre «snap dragon», pouco conhecido entre nós e que consiste em pescar com o dedo, delicadamente, nozes submergidas num cangirão de rum ou de brandy a ferver!

Assistireis ainda, nessa memoravel noite, a uma certa «pantomima do Natal», representada pelos rapazes e moças da casa, na qual tereis o prazer de conhecer Robin-Hood e seu companheiro Mad-Marian. Não nos esqueçamos, finalmente, do guido symbolico, cujo ramo, pendurado do lustre do vestibulo ou da sala de entrada, convida a se beijarem as pessoas que sob elle se encontram.

Queira a fortuna, meu caro senhor, queira a fortuna vos ser favoravel e permittir que encontreis sob o guido a deliciosa miss Maggy Sweathead, cujas faces são tão rosadas e tão macias! ou a bella mistress Love, que é formosa como só as inglezas sabem ser quando o querem! Mas, em compensação, evitae o contacto brusco e repellente da horriavel mistress Oldwhisky, cujo focinho de lúcio e dentes da côr do papel de tournicol atestam que nada se pôde comparar á fealdade das inglezas, quando ellas se lembram de ser feias!

JAS FRYLEU

O NATAL NA RUSSIA

(E. HALPÉRINE-KAMINSKY)

O Natal é uma das grandes festas russas. As solennidades religiosas começam na vespera e duram até ao dia de Reis (6 de janeiro). Com essas festas eminentemente christãs, concorrem os velhos costumes de adivinhação, de magia, de quasi-feitiçaria, de origem paga.

E' a mulher que fica principalmente ligada a essa antiga tradição. A mais seguida pelas moças é a que dá ensejo de descobrir o futuro noivo. Os processos variam: deita-se cêra numa vasilha de agua fervendo, e, para conhecer o destino, examina-se a conformação dos arabescos que a cêra fundida desenha.

Mais frequentemente ainda, a «paciente» fica, longas horas, só, immovel, com o olhar fixo, deante dum copo de agua, no fundo do qual repousa uma moeda nova de prata, esperando ansiosamente a apparição do «predestinado», louro ou moreno, segundo o sonho formado, mas sempre bello e audacioso... Essa postura prolongada, a solidão, a tensão de todo o ser geralmente produzem o effeito querido. A moça alegria, misturada de pavor, que a moça experimenta, o homem sonhado reflecte-se na superficie brilhante da prata... Mas cuidado com aquella que se volta para certificar-se da realidade da apparição!

De facto, esses divertimentos innocentes, que exigem, contudo, uma certa coragem, acabam, ás vezes, dum modo tragico. Quando criança, ouvi minha velha criada contar a sombria aventura duma de suas amigas de aldeia, que, em vez do «predestinado», descobriu no espelho, com frente ao qual estava sentada, um caixão de defuncto; ella ergueu-se vivamente e cahiu sem sentidos. O abalo produzido por esse agouro da morte foi tão violento, que ella não pôde restabelecer-se e, mezes depois, morreu effectivamente!

Ha um outro processo de adivinhação: a attitude das aves, dos gallos e das gallinhas em particular. Os Chaldeus, os Gregos e os Romanos usavam-no, tinham-no até convertido em instituição, e evidentemente foi de Byzancio que elle passou á Russia. Um arcebispo de Novgorod, Guennady, que viveu no seculo XV, assignala-o já, no seu «Envoi», como se tendo tornado tradicional em sua terra.

Na Ukrania, a adivinhação do noivo é revestida de encanto. As moças reúnem-se na mais espaçosa das *Khatalas* (cabanas), formando roda em torno dum pequeno monte de grãos de trigo, no apice do qual se acha depositado um anel. Faz-se entrar na roda um gallo, que, catando o alimento, encontra o corpo extranho e o repelle. O anel rola e vem cahir aos pés duma das presentes: essa é a que se casará no anno vindouro...

EURICO DE GOES

O NATAL NA ETHIOPIA

(HUGUES LE ROUX)

Espera-se que o Natal (em amarah — *Lideto*) se festeje no planalto ethiopicco com extraordinaria devoção. Foi entre o III e IV seculo que a Ethiopia se tornou christã. Como sua nova fé lhe viu de Byzancio, ella piedosamente recebeu todos os ritos byzantinos e accommodou-os á sua simplicidade de suburbio africano.

Realisa-se a festa em janeiro e dura oito dias. O Imperador, os seus Ras, os seus Gratzmatsch e

os seus Dédjazmatchs dirigem-se à igreja, armados de ponto em branco.

Um pagem caminha deante d'elles, alçando o escudo de hippopotamo tauxiado de ouro e prata; e, algumas vezes, tambem sopêsa no hombro uma carabina moderna de Lee Metford.

Os monges e as religiosas carregam tres vezes à roda da egreja as imagens santas, que dão a beijar aos moços e aos devotos. O Imperador e o primeiro a dar o exemplo.

A cerimonia mais característica do Natal ethiopico é um banho alegre nas torrentes e ribeiras.

Nellas se precipitam nús os moços brinçalhões, depois da bençãam das aguas e depois de se lançarem flôres. Symbolisa o banho a cerimonia do baptismo.

Por vezes o Imperador vem presidir as abluções sagradas. Aparece entre dous destes formidaveis festins que começam pela manhã e vão até à tarde e em que se fartam quatro ou cinco mil soldados.

Os banquetes servem-se em grande vaso de ferro e cerâmica — o *Adérache*, que tem cincoenta metros de comprido e trinta de largo. Ha mesas redondas de junco, cobertas de estofos vivos — que se alinham como flôres exóticas. Uma fanfarrã de instrumentos rusticos — a que chamam *wellekato*, direitos, á semelhança das trombetas da *Aida*, alegria a entrada aos convivas. O Imperador está assentado no centro de um estradinho, deante de uma mesa à parte. Está allí todo reconcentrado, porque esta cerimonia lhe traz á memoria a ceia do Senhor. Sente-se em communhão com seu exercito. E no intuito de avivar nos seus rudes soldados o piedoso respeito que lhe merece o Natal, no curso desses banquetes, por alguns instantes, tres vezes por dia, Menelik adorna-se com a grave e sympathica corôa imperial e verdadeiramente parece então um filho de Melchior — o Mago de negra face, portador de incenso e de myrrha ao berço de Jesus.

JOÃO VAMPRE

O NATAL NOS ESTADOS-UNIDOS

(ABEL HERMANT)

Em que o Natal Americano differe dos outros Nataes?

Toda pessoa que tiver a comprehensão dos transatlanticos vos responderá sem hesitação: pela enormidade.

Os filhos de além-mar têm laços de parentesco com todas as raças da terra e dellas podem reivindicar todas as tradições. Elles se apropriam, em massa, dos costumes mais disparatados.

Não se incommodam em ser originaes, mas sim de bater o «record». E elles batem o «record» do *Christmas*.

O Natal é a mais pueril das festas. Porém o Americano tem o genio da desproporção, como em outra parte ha o genio da medida: elles fazem grande o 25 de dezembro, assim como os outros 364 dias do anno.

Todos os Anglo-Saxões comem, á refeição do Natal, o peru, o *pudding* e os *mince-pies*.

Mas um Americano não admittio que se encontre em outro lugar senão na America uma ave bastante colossa, farinha de boa qualidade, uvas bastante succulentas: conheci um que, achando-se, nesta época do anno, perdido na nossa modesta Europa, voltou de proposito a São Francisco, afim de procurar os materiaes para os *mince-pies* e o *pudding* e o competente peru.

O pobre pinheiro da Allemanha, com suas maçãs, suas nozes douradas e suas velas, os faz rir muito. Ah! (dizem elles) é tão pequeno! O que querem é uma arvore da floresta, cuja ponta chegue ao tecto, com balões de celluloido illuminados a electricidade.

Ahi elles suspendem, como nós fazemos, bonecos — mas que bonecos! — e tambem *bibelots*, joias e presentes de valor: pois, entre elles, a festa dos pequenos é tambem a festa dos grandes.

E' que, ahi, grandes e pequenos têm a mesma alma, simples e ardente, a mesma candura, a mesma saúde. Despertam com a aurora, para vér o que

o bom homemzinho São Nicoláu, vindo em seu trenó durante a noite, atafulhou nas numerosas meias suspensas desde a vespera na chaminé.

As nossas crianças põem seus sapatos na chaminé, mas os sapatos são bem pequenos; as meias têm uma capacidade mais consideravel.

Creio mesmo que as crianças da America tomam emprestado para a circumstancia as meias de seus paes. E se elles tivessem, á sua disposição, esses jovens Gullivers, as meias do gigante de Broddingnac, seria provavelmente essas que elles apresentariam ao bom homemzinho São Nicoláu.

Fica certo de que São Nicoláu, anão, porém millionario, encontraria meio de as encher.

ARTHUR DE ARAUJO

O NATAL ITALIANO

(DANIEL LESUEUR)

O Natal italiano! Ouço ainda seus carrilhões, quando evoco ao olhar o ondulado violeta das colinas da Umbria, envoltas no crepusculo do inverno e bordadas de purpura pelo sol poente. Nenhuma lembrança me dá impressão equal, de tão empolgante poesia. Conheci, entretanto, os deliciosos



Crianças phantastadas, no Carnaval de 1905

Nataes inglezes, com suas egrejas ornamentadas de folhagens e a neve dos campos salpicada pelo verde dos azvizinhos.

Mas quando quero sentir tudo quanto a imaginação pôde phantasiar de encantador em uma tradição piedosa, lembro o 25 de dezembro numa aldeia italiana, entre Umbria e Assisa.

Morria suavemente o dia, porque o terrível vento perugino interrompera seu sopro glacial. Acabara de ver a triplice basilica de S. Francisco, tremeluzente de cirios e com os esplendores algum tanto pagãos de seu presepio. Voltava de carro, pelas estradas sombrias, sob um céu dourado em que se abriam as primeiras estrellas. Por toda parte, de collina em collina, se espalhava o alegre bimbalar dos sinos.

Em um logarejo, cujo nome não soube nunca, ordenei ao cocheiro que parasse: — acabava de entrever, por uma porta aberta, um quadro que me attrahia, e como hesitasse na soleira rustica, uma voz de criança me chamou:

«*Entri, signora, vedi il nostro bellissimo pangiallo*...» Entrei.

Sob a claridade de uma dessas lampadas de

cobre antigas, que se suspendem ou abaixam ao longo de uma haste, estava posta a mesa de familia; ao centro, o *pangiallo* que a rapariguinha me havia anunciado, — enorme bolo de Natal, doce colossal de massa, assucar *glacé* e confeitos, muito conhecido de todos quantos têm viajado pela Italia nessa época do anno. O bolo era soberbo. Ao redor delle, pessoas de todas as edades envolviam-no em olhares gulosos. Lindos olhos, avelludados e negros, allí estavam em contemplação ingenua e feliz. Velhos, moços e crianças, tinham todos a mesma expressão de felicidade tranquilla, de ineftavel ternura, sob o tecido alvo das roupas lisas e sob a lan sombria dos gorros, como sob os bellos cabelos annellados que faziam os *ragazzi* parecerem com outros tantos pequenos João Baptista.

Nunca me esquecerei da expressão radiosa desses humildes camponios da Umbria, commemorando tão alegremente o nascimento do Salvador, e trazendo quasi todos, ao pescoço, o amuleto favorito dessa região: — a ponta de flecha de silex deixada em sua terra por uma geração remota e na qual julgava ver vestigios do raio.

Bella Italia, terra de encantadoras superstições! Possam as orações dos humildes conservar o teu sonho, contra as realidades de hoje!

HENRIQUE FLEURY



Deante duma casa em ruina

AO DR. COUTO DE MAGALHÃES

Eis o que resta do meu grande sonho,
Do meu ninho de flôres perfumado!
Conter não posso o pranto quando ponho
Os olhos no meu templo derrocado!

Julgo rever aquelle archanjo amado
A' janella, esperando-me! Supponho
Que regresso vinte annos ao passado,
Ao meu passado rutilo e risonho!

Foi nesta alcova que ella, calorosa,
Me beijou tanta vez! O' doce enlevo!
O' adoraveis tempos cor de rosa!...

Ao deixar estes lúgubres escombros,
Alma abalada de tristezas, levombo
O peso destas ruinas sobre os hombros!

S. Paulo, 8-X-906.

FRANCISCO GASPAR

(Inedito)



MÈRE

(RAUL DO VALLE)

Oh! ma Mère, si dans sa Bonté le Très-Haut
Avait, du haut du Ciel, au jour de ma naissance,
Fait descendre un Génie auprès de mon enfance,
De douce Poésie à charmer mon berceau;

Si Dieu m'avait donné les accents merveilleux
Du Poète inspiré par l'amour d'une Mère,
Pour saluer le jour de ton anniversaire
Je trouverais sans doute un chant mélodieux...

Mais la lyre est rebelle à mes doigts sans vigueur;
Et de Dieu je reçus au défaut d'une lyre
Une âme qui pour toi, pour toi seule soupire;
Au défaut d'une lyre, ô Mère, j'ai mon cœur!

S. Paul, novembre 1906.

HIPPOLYTE PUJOL

❧ Santa Rita do Passa Quatro ❧



Se quizessemos dar aos leitores apenas uma descrição historica e chorographica da cidade de Santa Rita do Passa Quatro, em meia duzia de palavras teriamos preenchido o nosso intuito, bastando que transcrevessemos para estas columnas alguns dos raros dados officiaes espar-

sos nas estatisticas e as ligeiras noticias que se encontram em alguns almanaks.

Santa Rita foi creada freguezia pela lei provincial de 10 de abril de 1866, que lhe designou as respectivas divisas; a lei provincial de 10 de abril de 1870 desligou-a do municipio de Belém do Descalvado e annexou-a ao de Casa Branca. Posteriormente, outra lei provincial alterou as divisas de Santa Rita com o municipio de Descalvado, e, depois de ter pertencido successivamente aos municipios de S. Simão e de Pirassununga, Santa Rita foi erigida em municipio autonomo, sendo o seu territorio demarcado entre os de Pirassununga, Belém do Descalvado, S. Simão e Casa Branca.

A cidade dista 54 leguas da capital, 10 leguas de Casa Branca e 8 leguas de Cajuru.

Em 1892, Santa Rita foi elevada á categoria de comarca, datando a respectiva installação de 15 de outubro do mesmo anno.

Tacs são os apontamentos essenciaes que existem a respeito de Santa Rita do Passa Quatro. Quanto a outras indicações que se encontram nas repartições officiaes, fóra inutil transcrevel-as, pois o nosso intuito não é descrever a cidade, nem offerecer dados estatisticos sobre as condições economicas, agricolas e judiciarias do municipio; queremos apenas, em ligeiros traços, dar uma pallida idéa da vida e costumes da pittoresca cidade visinha do Mogyguassú.

A tout seigneur, tout honneur: — comecemos pela politica, que, em Santa Rita, bem se póde dizer que domina todos os espiritos.

Como em toda parte, os santa-ritenses são extremados na politica local.

Houve alli, ha alguns annos atrás, um chefe politico que conseguiu captar invejavel popularidade e enorme influencia nos negocios municipaes: — referimo-nos ao sr. Joaquim Custodio Ribeiro, hoje residente na comarca de S. Simão.

Filho primogenito do saudoso e beinquistado Francisco Deocleciano Ribeiro, e membro de numerosissima e estimada familia da localidade, o sr. Joaquim Ribeiro tornou-se o chefe

de um partido forte e entusiasta, que em varias reíregas eleitoraes conseguiu derrotar os proprios partidos governistas de então. Ao seu lado batalhavam homens de real merecimento, como o dr. Cesario Travassos, o capitão Velloso, o sr. Adolpho Melchert, o sr. Francisco Vieira Palma e outros, de sorte que as victorias se contavam pelo numero das pugnas que se feriam.

O sr. Joaquim Ribeiro, acompanhando nisto o exemplo de seu illustre pae, não perseguia os adversarios vencidos, nem procurava por qualquer modo prejudical-os; dahi a larga sympathia que ainda hoje cerca o seu nome e o raro prestigio que conquistou e que lhe permitia bater invariavelmente o partido contrario. Residindo actualmentemente em S. Simão, o sr. Joaquim Ribeiro constituiu-se alli chefe de um partido forte, que acaba de bater nas urnas os chefes que lhe disputavam a direcção da politica local.

Não sabemos se o recente con-gracamento dos partidos paulistas teve a virtude de dissolver as rivalidades politicas em Santa Rita; mas, não ha muito tempo, dous grandes partidos se batiam pela posse do governo local: o governista, chefiado pela familia Meirelles, e o dissidente, chefiado pelo dr. Travassos e pelo sr. Adolpho Melchert.

De resto, Santa Rita é a localidade politica por excellencia. Alli toda gente intervém em politica, e, o que é mais, no partido apoiado pela Commissão Central, não ha quem não se tenha na conta de chefe politico.

O mais obscuro dos inspectores de quartelão dispõe de dous ou tres eleitores, que, por sua vez, contam ou suppõem contar com outros dous ou tres eleitores: — são pequenos chefes. Não ha profissão ou emprego alheio á politica, exceptuando-se, certamente, o juiz de direito da comarca; em compensação, os juizes de paz são chefes politicos extremados.

Absolutamente alheio á politica, só ha em Santa Rita um distincto medico, que, por systema e por indole, jámais se quiz envolver nas luctas locaes; mas esse mesmo, passando pelo largo das Farpas ou cavaqueando na botica do

José Alacrino, não deixa de emittir aguda e acertada critica á politica local, rindo sarcasticamente sob o bigode.

Os lavradores, em geral, são partidarios fervorosos; ou com o governo ou contra o governo, cada qual tem o seu partido e trabalha desassombradamente por elle.

O venerando vigario da parochia é eleitor qualificado; e,



JOAQUIM CUSTODIO RIBEIRO
Antigo chefe politico de Santa Rita



LARGO DAS FARPAS
Principal praça de Santa Rita

nos dias de eleição, deixa por alguns instantes o seu Breviário, para vir às urnas trazer o seu voto contra os maçons e os protestantes.

Os negociantes, em geral, fazem parte dos grupos divergentes: quasi todo o commercio da cidade combate ao lado dos dissidentes: os dous tabelliães da localidade, dos quaes um é tenente-coronel e o outro major, são adversarios políticos; os empregados publicos, sem excepção, são governistas acerrimos: os advogados, os medicos, os pharmaceuticos, os funcionarios municipaes, os hoteleiros, os officiaes de justiça são politicos experimentados. Ha em Santa Rita um açougueiro que é chefe politico, official da Guarda Nacional e auctoridade policial; o escrivão da delegacia de policia, que é tambem empregado da Camara Municipal, é um dos chefes politicos de mais larga influencia na direcção das cousas locais.

Acima de todos estes chefes, existem, no partido dominante, tres ou quatro, mais ou menos importantes, que fazem parte do directorio e obedecem à orientação de um advogado recém-chegado à localidade, — é, acima de todos, um chefe supremo, ao qual os seus partidarios dão o tratamento de *amado* ou *querido chefe*, e os dissidentes chamam *chefão*.

Como em quasi todas as localidades do interior de S. Paulo, Santa Rita tem a sua imprensa local, onde se debatem as questões e os problemas que occupam todos os espiritos.

Hoje existem na cidade tres jornaes: a *União Municipal*, organo do partido governista, o *Santa Ritense*, organo do partido dissidente, e o *Passa Quatro*, organo neutro, mais inclinado à politica da opposição.

Antigamente, só o *Santa Ritense* fazia as delicias da população, apparecendo aos domingos pela manhã. Era então uma folha incolor, monotona, recheada de transcrições massadoras sobre a *Familia*, a *Educação*, o *Progresso*, o *Christianismo* e outros serodios assumptos. Hoje o *Santa Ritense* está completamente transformado; e, ainda ullimamente, sob a redacção de dous valentes jornalistas da opposição, deu energicos e victoriosos combates à sua collega do partido governista.

Quando se deu em Santa Rita a scisão do partido republicano, os dissidentes de então trataram de fundar uma folha

que defendesse os interesses do partido. Assim nasceu a *Gazeta de Santa Rita*, que, sob a redacção dos drs. Cesario Travassos e João Fleury, deu combate cerrado e sem trêguas ao partido adversario.



Um jornal que fez época em Santa Rita

Gazeta quem deu ao velho largo da Matriz o nome de *largo das Farpas*, pelo qual é hoje conhecida a maior praça publica da cidade.

Em frente à Matriz, a Camara mandara fazer um jardim,

que era o *Ai, Jesus!* dos governistas. A *Gazeta* deu-lhe logo o nome de *Minusculo*, nome este que *pegou* e ficou, com grande desespero da Camara.

Os adversarios da *Gazeta*, não encontrando melhor meio de vencel-a, alugaram um *testa de ferro* que vegetava em Santa Rita e incumbiram-n'o de descompôr os redactores da folha opposicionista. O *Silingornio* (assim a *Gazeta* baptisou o *testa de ferro*) sahiu a campo; mas, depois de algumas investidas, o *Silingornio*, coberto de ridiculo e perseguido pela execração publica,

teve de sahir da cidade furtivamente, acompanhado por agentes da força publica para protegel-o contra possivel desforço da população exasperada.

A *Gazeta* declarava que o seu unico intuito era bater a



Jornalistas da opposição

Camara Municipal. Um dia, a interessante folha declarou que a Camara estava batida — e, portanto, a *Gazeta* não tinha mais razão de ser.

Disse e suicidou-se. Em plena prosperidade, suspendeu a sua publicação, num esplendido numero de despedida, deixando fundas saudades no seio da população santa-ritense, que se habituara a leitura da *Gazeta* e com ella se deliciava.

Santa Rita não possui ainda cafés e confeitarias, onde, após as fatigantes horas de trabalho, os santa-ritenses se possam acolher e desfructar algum tempo de *dolce far niente*. Existem apenas dous pontos de reunião com aspecto de casas de diversões: o bilhar do Pernambuco, frequentado pelo pessoal do grupo dominante, e o *atelier-restaurant* de Julio Giaxa, onde se reúnem de preferencia os membros da opposição local e os recém-chegados á cidade.

O sr. Julio Giaxa é photographo de profissão, e até um habil photographo: mas, achando que a arte não é sufficiente para occorrer aos meios de subsistencia, annexou ao seu *atelier* uma especie de *restaurant*, que faz lembrar o *Chat-Noir* de Paris.

Alli, saboreando a cerveja gelada e ás vezes um arenque defumado, os parceiros do *truque* e do *ximbica* passam horas esquecidas.

Em Santa Rita nunca se conseguiu organizar e manter um *club* ou uma sociedade destinada a proporcionar passatempo e diversões ás familias da localidade.

As luctas politicas e o retrahimento natural que dellas resulta são as causas principaes desta lacuna lamentavel.

Em compensação, organisam-se frequentes e alegres *pic-nics* nos pontos mais pittorescos dos arredores da cidade.

A nossa gravura representa um *pic-nic* organizado na chacara *Pentecostes* (nome ecclesiastico que lhe foi dado pelo dono primitivo), pertencente hoje ao sr. Manoel Osorio.

Nesse grupo se vêem photographados — o dr. Teixeira Paes, ex-promotor publico da comarca e um dos mais estimados cavalheiros da localidade; o sympathico Queiroz, advogado e jornalista, cuja critica mordaz é o terror da imprensa indigena; o sr. Manoel Osorio, proprietario da chacara *Pentecostes*; o major Arthur Whitaker, primeiro tabelião da comarca; o estimado negociante sr. Carpinelli; o popularissimo Ignacio Liner; o sr. Theophilo de Carvalho, antigo fiscal da Camara, a quem a *Gazeta de Santa Rita* chamava *exmo.*; o talentoso maestro Adolpho Leitão; o habil ourives Thomaz Martino; o sr. Misael de Araujo, ex-procurador da Camara, e, de mãos

postas, de cachimbo á bocca e com uma chicara sobre a cabeça, o tenente-quartel-mestre Sebastião Liner, proprietario de terrenos auríferos em Pouso-Alto de Iguape.

Na falta de reuniões familiares e de associações recreativas, os *pic-nics* constituem o mais forte elo de sociabilidade. Nelles reina sempre espontanea alegria, eslusia a pilheria, scintilla a graça. São verdadeiramente excellentes os *pic-nics* de Santa Rita!



Caipira das margens do Mogy-quassú

Santa Rita tem enveredado resolutamente pela senda do progresso; mas, infelizmente, não lhe têm sido poupados os desastres administrativos.

Houve lá uma Camara Municipal que deliberou transformar a cidade de *fond en comble*, dando-lhe de sopetão todos os melhoramentos materiaes de que carecia. O Passos santa-ritense, enquanto o diabo esfregava um olho, construiu o *Mi-nusculo* e plantou um bosque no largo das Farpas. Empreheheu depois a grande obra do abastecimento d'agua á cidade. Contrahiram-se empréstimos successivos e onerosos, fizeram-se estudos e plantas, abriram-se vallas e mais vallas, soterraram-se os canos conductores e, por fim, a agua jorrou na cidade: mas, ao mesmo tempo, como que extenuada pelo ingente esforço, a caixa collectora de agua potavel rebentou sinistramente.

Quanto ao estado das finanças da Camara Municipal... Credo! Nem toquemos nesse escabroso assumpto! Até as más linguas podem dizer que pertencemos ao partido opposicionista de Santa Rita do Passa Quatro!

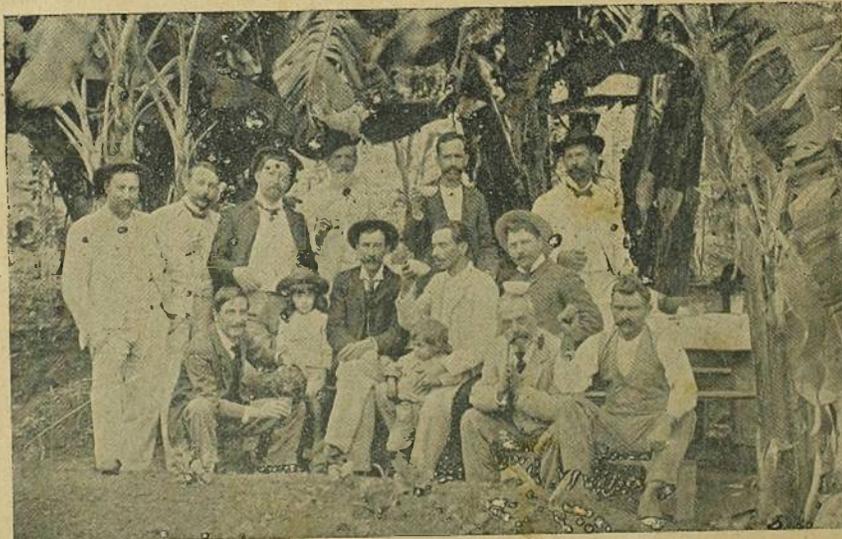
DIA DE NATAL

Aos annos do amigo Roquemaure

Nascer neste bello dia,
Amigo, bem bom seria
Se a gente guardasse o doce
Ar, que na infancia transluz.
E sempre menino fosse
Como o menino Jesus.
Este é — Deus, e nós — huma-
[nos,
Que uma sorte má con-
[demna
A crescer e a ficar velho:
Vida assim não vale a pena;
Confessa que não é boa.
Por isso dou-te um conselho:
Não nasças! Porque nas-
[cer?...
Mas já nasceste... Perdôa!
Agora é só fazer annos,
Que nada ha mais que fazer,
25 de dezembro de 1893.

RAYMUNDO CORREIA

Falha sempre o commer-
cio dos homens; não sei
que doçura se encontra no
das mulheres. — SAINT-EVRE-
MONT.



Um pic-nic na chacara Pentecostes, do sr. Manoel Osorio

E' certo que, de ordinario, a mulher é mais terna e compassiva que o homem. Aristoteles considerava a compaixão e a misericordia como proprias da mulher. Creio que foi por isso que Salomão disse que, no lugar onde não ha mulher, o doente enlanguesce. — AGRIPPA.

A mais honesta mulher não resistente á tação de parocer seductora; e, sem querer dar esperanças, não desgosta de deixar saudados. — MME. DE GIRARDIN.

Academia Moderna de Linguas Vivas

Ensino pratico por professores
extrangeiros

Aulas particulares

CLASSES GERAES

Systema Berlitz

Inglez, Francez,

Allemao, Italiano, etc.

Classes especiaes para Senhoras

MATRICULA PERMANENTE

S. PAULO — RUA 15 DE NOVEMBRO, 9

RIO DE JANEIRO — AVENIDA CENTRAL, N. 131

* NATAL *

Estas cinco letras resumem a intensidade lyrica do maravilhoso poema que teve o prologo nos braços de uma Mulher e o epilogo nos braços de uma Cruz.

O *Menno Jesus*, conñado por Deus á pureza ideal de MARIA, é o mais delicado symbolo da reintegração moral de um sexo, até então escravizado ao despotismo do sexo mais forte.

Só mesmo pelo cerebro illuminado de um Deus poderia passar victoriosa a idéa de confiar aos carinhos de uma mulher o berço de Seu Filho.

Só Elle poderia tirar da fragilidade feminina aquella força virginal que devia mais tarde revestir Jesus das supremas energias precisas para se tornar o Redemptor da humanidade.

O seu divino Pac entornou-lhe na alma toda a sublimidade da fé, esse mysterioso fluido que semeou os fructos do Bem na aridez deste profundo valle de lagrimas; e a Rosa Mystica dos vergeis da Judéa derramou seus aromas aos pés que um dia a MACDALENA havia de perfumar de incenso e myrrha.

E a Estrella do Mar e Estrella do Céu aureolou de fulgores a cabecinha loira que se transformou mais tarde no cráneo do propheta, cráneo que os homens haviam de coroar de espinhos!

Ave, MARIA!

Ave! — disse-lhe o Anjo encarregado de lhe annunciar que era Ella a cheia de graça divina. (Um ser diaphano, de alvissimas roupagens transparentes, abrindo as brancas azas palpitantes, desceu das alturas e disse-lhe ao ouvido, de maneira que ninguem mais pudesse ouvir, que o seio virginal da mais pura de todas as mulheres ia se transformar em hostiario sagrado, devendo o seu ventre immaculado ser envolvero de Filho de Deus, gerado por obra e graça do Espirito Santo).

E a humilde filha de EVA, ouvindo assustada a voz mysteriosa que repetia — *Ave!* nem percebia que essa simples palavra de tres letras apenas, lida de traz para diante, era a synthese maravilhosa do Perdão glorificando o Arrependimento.

E a Mulher, para quem se tinham fechado de vez as portas do Paraíso, viu repentinamente abertas de par em par as portas do Céu.

Salve, EVA!

Ave, MARIA!

— Cumpra-se a vontade do Senhor — disse a immaculada Esposa do Santo Varão, em cuja palma floriu o lirio celestial. E quedou-se num extasis prolongado, sentindo no mystico momento da Annunciação alguma cousa do Céu substituir os pudores da sua virginal timidez pelos enlevos e a coragem da maternidade.

E o Verbo se encarnou nas entranhas immaculadas da Virgem, que se conservaram puras durante a gravidez e depois do parto, bem como as azas do cysne que mergulha no lago e sai do fundo da agua com as pennas enxutas.

E foi assim que o Filho de Deus se fez homem no seio puro da mais pura de todas as mulheres.

Alterada uma só das leis eternas, para eterna lição da humanidade, to-

SABÃO CENTRAL

DE
José Pozzuto Rua Senador Vergueiro, 59
LIMEIRA Est. de S. Paulo

Neste salão de barbeiro e cabelleiro, montado com todos os rigores da hygiene e confortavelmente installado, encontrará sempre o publico um escolhido sortimento de perfumarias dos mais afamados fabricantes europcus, que o seu proprietario importa directamente, bem assim um variado sortimento de artigos para barbeiros.

Annexa ao salão está montada uma excellente charutaria, onde o publico encontrará sempre as melhores marcas de cigarros de papel e de palha, fabricados com fumos nacionaes e estrangeiros, legitimos e deliciosos charutos de DANNEMANN & C. e POOCK & C., fumos destilados e especiaes em rôlo.

Escolhida e vasta colleção de cartões postaes
PREÇOS REDUZIDOS

SALÃO PROGRESSO

DE
ERCOLE LAURENZANA

Grande sortimento de excellentes perfumes nacionaes e estrangeiros
Secção de armarinho e cartões postaes
Serviço de barbeiro e cabelleiro
montado a rigor, obedecendo nos dictames da hygiene e do conforto, delicadeza, promptidão e commodidade nos trabalhos.

RUA DO COMMERCIO

LIMEIRA Estado de São Paulo

THEODORO WENDT
OFFICINA PARA CLICHÉS
em Zinco-graphia e Photographura
Rua libero Badaré, 31 - S. Paulo
Antiga casa: rua do Commercio, 57

das as outras leis da natureza permaneceram em constante obediência ás leis divinas.

E foi assim que entrou na vida o Filho de Deus, que vinha passar pela terra como se fosse em verdade o Filho do Homem.

E' bem verdade que uma estrella guiara ao seu berço os tres sabios reis do Oriente: mas isso já estava escripto no sagrado livro das prophcias. E foi então que a nova do nascimento de Jesus subiu ao throno de CESAR, guardado pelas lanças ponteagudas dos pretorianos de HERODES.

E o Tetrarcha da Galiléa extremeceu apavorado, temendo que a mãozinha fragil da innocente criança, adormecida num berço de palhas, quebrasse entre os dedos aquelle sceptro de ouro!

A insomnia povoou de visões horribes o leito de marfim, onde se encolheu o soberano sob o pesado manto de purpura, afundando o corpo, que tiritava, nos fôfos acolchoados onde se enrugavam os lençoes em que ardia a pedraria dos brazões.

E iracundo como Jupiter, forjando raios como Vulcano ou Tabal-Caim, decretou o tragico degollamento de todas as crianças, menores de dous annos, nascidas em seus Estados.

Um frio vento de terror varreu os campos da Palestina, arrebatando a Sagrada Familia aos aridos desertos do Egypto. E foi assim que o *Menino Deus* principiou a soffrer e a crescer.

E soffreu tanto, que todas as almas piedosas ainda hoje soffrem só em pensar no quanto Elle soffreu. E cresceu tanto, que a sua grande sombra se estendeu luminosa por todo o Universo.

O *Menino Deus*, para nós que nascemos nas terras incultas do Novo-Mundo, tão primitivas ainda como as terras fecundas de que fala a Biblia, sorri eternamente na infancia, permanecendo, aos reflexos do Cruzeiro do Sul, sempre pequenino e risonho, assim como o viram no Dia de Natal os pastores e as ovelhas mais brancas de seus rebanhos, perto da mangedoura onde ruminava o boi, ao lado do burrinho que o conduziu através do deserto.

O *père Noël* dos Francezes e o *father Christmas* dos Inglezes, tão festejados no velho mundo, nada têm de parecido com o nosso *Menino Jesus*. Aquelles também são bons e carinhosos, mas envelheceram ao passar dos seculos, chegando aos nossos dias quasi tão velhinhos como a propria figura do Tempo.

O *père Noël* e o *father Christmas* têm os cabellos de prata: o nosso *Menino Deus* tem os cabellos de ouro! Aquelles são tristes como os sabios, e levam na cabeça e no coração a neve dos caminhos — em que só apparecem no inverno. O nosso é lindo como o passarinho que ensaia o primeiro vôo; tem na face as rosas que estão desabrochando, no olhar uns brilhos de estrellas, no sorriso uns raios de alvorada: e sempre nos apparece em pleno verão, quando as noites são mais estrellejadas, ou enluaradas; quando os dias são mais vibrantes e dourados; quando as aguas cantam em voz alta nos rios e nas cachoeiras; quando as palmeiras abrem os grandes leques, como enormes e oscillantes pára-soes; quando até a

Praça Antonio
Prado, 15

Hat Store

Praça Antonio
Prado, 15

Secção de Artigos
Estrangeiros do **Trust Villela**



Unico Depositario dos afamados Chapéus de DIXON & OLBHAM

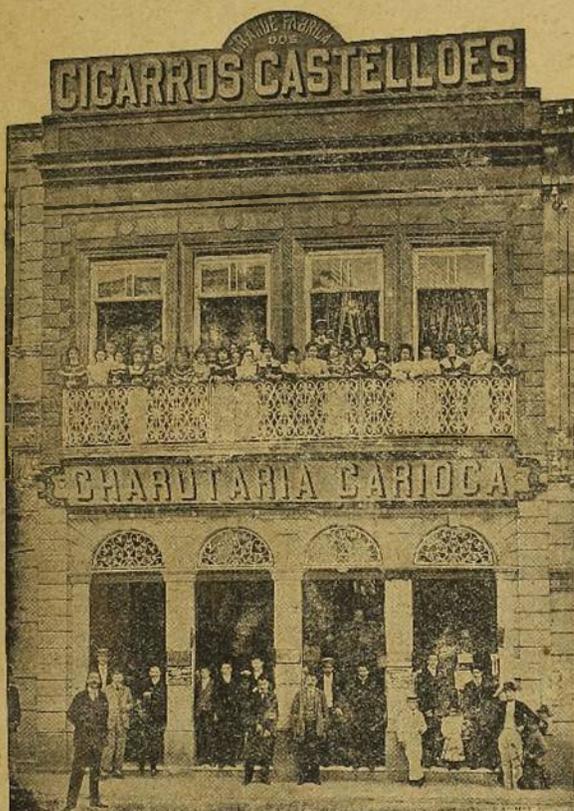
Unico Depositario dos afamados Chapéus de DIXON & OLBHAM

15, Praça Antonio Prado, 15

CHARUTARIA CARIOCA

Rua do Rosario, 23

A maior Fabrica de Cigarros no Estado de São Paulo



Papel:

Castellões,
Julio Mesquita,
Jockey Club,
Eisboetas,
Clovis,
Druzo,
Japonezes,
Goyano-Turco
- e -
Havana-Turco

Palha:

Carlos Gomes,
Cariocas,
Bohemios,
Argentinos,
Foot-Ball,
Orientaes,
Emilio Zola,
Commerciaes
- e -
Ministros

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO DE TODOS OS ARTIGOS PARA FUMANTES



Unicos concessionarios dos afamados Charutos «ANTONIO PRADO», «AMOBIA» e «1069»
Deposito dos Productos da fabrica «VEADO»



GONÇALVES & GUIMARÃES

— S. PAULO —

sombra das arvores parece que nos chama para dentro do seu pavilhão druidico.

Dia da eterna poesia da christandade, ó Dia de Natal! Amo-te religiosamente, porque tu me falas de Jesus e de MINHA MÃE: de Jesus, que vive na eterna gloria, e de MINHA MÃE — que morreu moça, e bella e virtuosa! mas que tambem vive ainda na minha saudade e que ha de viver sempre na minh'alma e na minha gratidão.

MUCIO TEIXEIRA

O GUARDANAPO DO «GARÇON»

No *Deutsche Medizinische Wochenschrift*, o professor Kron iniciou uma cruzada contra o guardanapo que o criado de hotel costuma trazer como emblema de sua profissão, mas que, na opinião do professor, é um panno deploravelmente anti-hygienico e que deve ser abolido em todos os paizes civilisados.

O dr. Kron faz ver como os criados o empunham, ora nas mãos, ora nos bolsos das calças e ora debaixo dos braços.

Limpam com elle a tampa das mesas, os copos, facas, garfos, enxugam com elle o suor do seu rosto e a espuma da cerveja dos proprios labios.

Nenhum homem civilisado deve tolerar a sua presença e o professor Kron fez o seu artigo com o seguinte grito: — abaixo o guardanapo do criado de hotel.

O CÃO E O MORCEGO

«Eu velo toda a noite e guardo a casa»
Dizia um cão. Responde-lhe o morcego:

«Eu velo toda a noite e chupo o sangue dos animaes que dormem em socego.»

Alta noite tambem dous homens velam.

Oppostas sensações:

O sabio, pelo estudo se elevando.

O ladrão, pelo crime se aviltando.

DR. BONSUCCESSO

O BEIJO

Os habitantes do Mexico consagram ao seu similhante uma commovedora solicitude. Assim, as damas do grande mundo, novas ou velhas, solteiras, casadas ou viuvas, trazem ostensivamente ao peito uma mysteriosa fitinha. Não é um capricho da moda, nem mesmo uma condecoração, mas sim o emblema de uma implacavel liga contra o beijo. E os membros dessa escrupulosa associação juram solenemente não abraçar qualquer pessoa, maldizendo tambem o beijo, vehiculo indiscreto de nocivos microbios e indelicado agente de molestias contagiosas.

Um inglez, paciente investigador, desejou saber o peso exacto de uma mosca. Para obter um kilogramma matou 140.000.

Verificou, assim, que o peso médio de uma mosca é de sete millesimos de gramma.

— Como vai tua mulher?
— Não sei.
— Que historia é esta?
— Ha dez annos que não lhe vejo a cara.
— Não comprehendo...
— Que diabo! ha dez annos que ella se pinta...

Pilulas de Tayuyá

M. Morato

Propagadas por D. CARLOS

O melhor especifico indigena para curar o figado. Este novo remedio veiu preencher uma falta ha muito sentida.

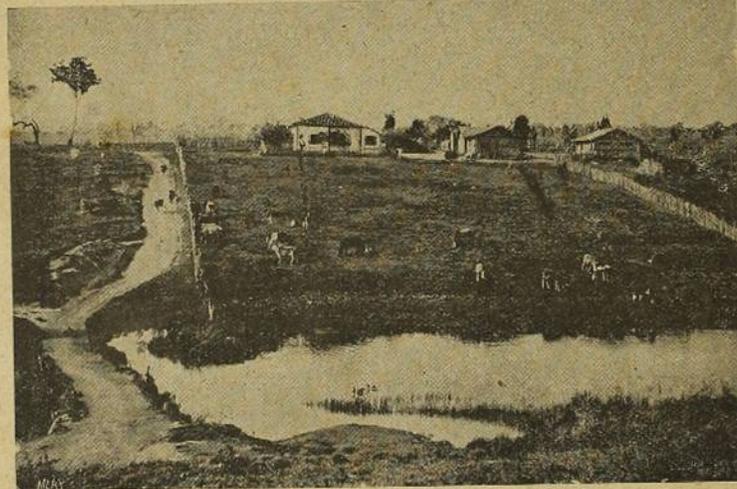
As *PILULAS DE TAYUYA' M. MORATO* curam a prisão de ventre, falta de menstruação, tonteiras, dores de cabeça, mau estar, hemorroidas, vertigens, digestões difficeis, molestias do figado, excesso de bilis etc.

Temos attestados de algumas mulheres que

ficaram loucas completamente por causa da suppressão de regras e que sararam radical-

mente só com o uso das boas *PILULAS DE TAYUYA' M. MORATO* propagadas por D. Carlos.

O conselho dos medicos mais eminentes do Rio de Janeiro é que todas devem ter em casa pelo menos um frasquinho destas pilulas, que têm guia para o uso.



COLONIA HELVETIA, EM ITAICY

AS MULHERES

A Sra. MARIA AMALIA, soffrendo muito de ilôres brancas, sem achar allivio com diversos tratamentos, curou-se radicalmente com as Pilulas de Tayuyá M. Morato.

— GERTRUDES DA CONCEIÇÃO, de Campinas, tinha accessos de loucura, pela falta de menstruação (suspensão), e gosa hoje perfeita saúde, por usar algum tempo as Pilulas de Tayuyá M. Morato, propagadas por D. Carlos.

— LYDIA MARTINS DE OLIVEIRA, de Tieté, soffria de desarranjos no ventre, sentindo uma dureza como uma bola, que mudava de logar, e, tomando as Pilulas de Tayuyá M. Morato, sarou e voltou-lhe o appetite, tendo hoje muita saúde.

— ADELAIDE MOREIRA, de S. Paulo, usou das Pilulas de Tayuyá M. Morato e curou-se de desarranjos intestinaes, com dores nos quadris, suffocação e ancias de vomitos, que a traziam atormentada.

(Firmas reconhecidas)

São Depositarios deste
remedio :

Baruel & Comp.

O Segredo da Floresta

NARRATIVA ORIGINAL



O Sr. D. Carlos

Antes de ir ao sertão, onde descobriu o segredo do grande remédio indígena,

Elixir M. Morato.

Novo, bonito, cheio de vida e de saúde...

O Segredo da Floresta

I

Foi em 1857, o mez era janeiro. E, apesar da tremenda tempestade, seguíam em silencio dous viajantes, montando pos-antes mulas, que tropeçavam successivamente, devido á anfractuosidade do caminho.

Subindo e descendo uma interminavel cadeia de serros, caminhavam ao acaso havia quasi tres dias, embrenhados em mattas majestosas, que nem sempre tinham carreiros por onde pudessem seguir, sendo por vezes necessario abrirem sahilas com tações.

A paciencia de um contrastava com a impaciencia do outro.

O mais moço teria 35 annos, porte altivo, bigode e pera preta, sobresahindo na pallidez da face; philosophava, com um enorme chapéo desabado, albornós de borracha e grandes botas á Napoleão, que o punham ao abrigo das intemperies.

O mais velho mostrava ter 50 annos, tinha a tez morena, comprido o cabello e

enorme barba cerrada; aspecto severo de sertanço, que, apesar da pratica de viagens desta ordem, maldizia o seu estado, de calças arregaçadas ao Joelho e coberto em grande ponche azul, o qual pesava enormemente, por estar ensojado de agua.

O primeiro era o senhor D. Carlos. O segundo era o seu guia de viagem por sertões desconhecidos numa parte da provincia de S. Paulo; chamava-se José Marianno da Luz, mineiro de nascimento, mas habituado desde tenra edade a viagens sertanejas.

Escutemos-lhes a conversação. Realmente, sr. D. Carlos, é preciso que tenha muita amizade ao coronel Lopes, e que este por sua vez lhe agradeça muito a visita que lhe acaba de fazer, que é causa dos perigos e soffrimentos em que andamos ha tanto tempo.

— A amizade, é assim que a entendo. — E, v. s. que entende assim e eu não se me dava de nada, se não fosse uma grande desgraça de que eu sou causa, e que me traz incommodado ha muitos dias.

— Pois que! que ha? — Imagine, sr. D. Carlos, que lá eu casa, no Botucatu, eu costumo guardar a melhor roupa que tem a familia numa arca, de que eu ando sempre com a chave, e, com a pressa de sahir, esqueceu-me dar a chave para minha mulher, vindo a dar por este esquecimento quando já estavamos no sertão, encontrando a dita chave na algibeira do paletó.

— Bem, e que ha de mal nisso? — E que a mulher não póde ir á missa aos domingos, por causa da roupa.

— Pois que não vá, que te espere. — Como, sr. D. Carlos! pois minha mulher ha de passar tanto tempo sem ir á egreja, ella que é tão religiosa!

— Nesse caso, que arrombe a arca. — Não, isso ella não faz, é mais facil soffrer, e, meu Deus, tudo isto por falta de chave.

— Nesse caso, é remedio esperar. — E, é, mas por causa de uma chave; se ao menos por aqui tivesse o tal telegrapho.

— Eras capaz de lh'a remetter por elle, não?

— Não, senhor, mas é que a avisava da minha má cabeça e dava ordem de arrombar a arca por causa da roupa.

— Oh! vé lá José Marianno, aquillo além parece-me um gramado; dar-se-á o caso de ter por aqui morador, sem ter estrada?

— O ser gramado, é; vamos apurmar a picada para lá, isto para o que der e vier. Caminharão com immensa difficuldade cêrca de uma hora, quando chegaram a um grande gramado de que se não via o fim, o qual era apenas cercado pela matta virgem.

Romperam mais ou m nos em rumo por esse campo feito a braços, seguindo como permittia o aclive do terreno.

— Sr. D. Carlos, aquelles bois são carreiros e têm signaes de ter trabalhado ha poucos dias.

— Bem, neste caso, temos morada perto. Derepente depararam de frente, mas longe ainda, com grande casaria, para não dizer choupanas, que negrejavam além e promettiam conforto a quem, depois de 40 dias de viagem difficil, e quasi tres dias sem rumo, nem pouso, e com fadiga se approximava.

Não foi, porém, sem grande surpresa que viram tantas casas juntas, pois ignoravam que naquellas alturas houvesse povoação; dissipando-se em parte a surpresa, ao approximarem-se, porque reconheceram que não era povoação, mas sim uma fazenda, que, pelas apparencias, devia pertencer a um grão-senhor.

José Marianno chegou á porteira que dava ingresso na maior das casas e chamou. Respondeu uma voz forte: — Apêem, recolham os animaes no alpendre e cheguem.

Entraram a porteira e, ao approximarem-se da casa, receberam um homem robusto, que teria 40 annos e que pelos trajos e modos parecia o dono da casa.

— O senhor póde dar-nos pouso por esta noite e ensinar-nos o meio de achar uma estrada que leve ao povoado?

— Sim, mas donde vêm?

— Muito longe daqui; sahimos do coronel Lopes, que nos ensinou novo caminho, para facilitar; a má interpretação e o mau tempo fizeram com que, ha hoje tres dias, tenhamos caminhado muito, sempre perdidos na matta, sem o menor recurso.

— Realmente, devem ter soffrido pela enorme distancia que tem daqui ao coronel Lopes: — João, gritou elle, tome esses animaes, dê sal e milho, e passe ao logradouro do dentro.

— Perdão, senhor, os animaes, tomando sal, não poderão seguir amanhã, como desejo.

— E quem lhe disse que segue amanhã? para o demorar é que assim faço, pois creia que sei quem recebo em minha casa e procuro meios de fazel-o demorar.

— Agradeço a fineza, mas, apesar de sobresaltar-me ao vê-lo, creio que não o conheço.

— Ha cêrca de 18 annos conhecia-me no Rio de Janeiro, quando o acompanhava ao Cassino e ao Petit Hotel, no Botafogo, por signal que, a ultima vez em que lá estivemos, tomámos um carro de praça depois da meia noite e bateimos acceleradamente para a cidade, *um pouco contra a nossa vontade.*

— Será possivel!!!... pois o senhor é aquelle Zacharias de Pontes, mineiro, moço, gentil, amavel e divertido, a quem vinte vezes chamei ingrato, pelo mutismo inexplicavel a que me submetteu?

— Sou, sim, sou tudo quanto quizer, menos ingrato, como diz.

— Mas... esses tamancaos, esse grosso paletó... esse chapelório... e... essa robustez!! pois tu és o Zacharias??

— Sou, sim, e dá cá um abraço apertado, que com vagar saberás o que é o mundo, e porque me vês assim.

Abraçaram-se effusivamente, conversaram muito, sendo noite alta quando se recolheram aos seus aposentos.

Ao outro dia, tinha melhorado o tempo, e os dous antigos amigos, enlevados em recordações da mocidade, fizeram um longo passeio pela Fazenda, cavalgando o sr. D. Carlos uma bellissima lacanea, com que o brindara Zacharias de Pontes.

Ao entardecer, chegaram á casa e Zacharias de Pontes explicava o modo extraordinario por que o viera encontrar, do seguinte modo:

II

A ultima vez que te deixei no Rio de Janeiro, subi como sabes para Minas Geraes, e, depois de oito dias de folgança na cidade de Ouro Preto, recolhi-me á Fazenda de meus paes.

Prestei contas ao meu velho de alguns negocios de que me havia encarregado, seguindo-se muitos dias de palestra descriptiva das impressões da viagem que relatava á familia, a qual exigia o conto minucioso de tudo que relatava.

Com poucas intermitencias, passam-se assim dous mezes.

Um dia, com a parceria de dous amigos, fui a uma caçada, cousa de que fui sempre muito apaixonado.

Batemos a matta, separámo-nos em direcções contrarias, e, pelos signaes dos cachorros, postei-me em um carreiro, esperando um veado: houve signal de que se approximava, puz-me em guarda e prevenido.

Porém, acto continuo, apparece um incidente muito commum em caçadas. O bicho salta na minha fronteira, com distancia que não esperava, e resolvo persegui-lo. Atiro-me pelas brenhas com a ousadia e irreflexão que são dadas ao amigo das caçadas, pulo, salto, corro, prendo-me, desprendo-me, torno a subir, a pular e a saltar... caio, ouço a detonação de um tiro, sinto uma dor aguda e... nada mais.

Passaram-se 24 horas, quando acordei de uma especie de lethargia; reparando, vi que não reconhecia a riquissimo quarto que me guardava, nem a opulenta cama em que jazia. Quiz falar, o que me foi prohibido por uma mulher, que me observou ser a ordem da patrão e do medico que logo voltaria.

Depois appareceu-me uma respeitavel matrona, acompanhada de sua filha, que, como anjos de caridade, me tratavam, depois de recolherem-me, quando trazido ao terreiro por um possante caboclo agregado da Fazenda, que por casualidade me tinha achado.

Estava eu debaixo das telhas do commendador Paranhos, de quem meus parentes eram inimigos capitaes, por dissensões politicas.

O caso foi que, ao eu cahir na matta, disparou-se um cano da minha arma, que se empregou em cheio no braço esquerdo.

Perdendo os sentidos, tive a felicidade de ser achado pouco depois pelo tal caboclo da Fazenda, a que pertencia a matta, cujo caboclo, de volta de sua caçada, recolhia-se, procurando ver de quem era o tiro que ouvira.

Apesar do rancor que a familia Paranhos conhecia que lhe tinham todos os meus parentes, elles, já por nada terem comigo, já pelo lado de caridade que sempre caracterizou a familia do commendador Paranhos, acolheram-me e prestaram-me soccorros que obstaram a minha morte, pela gravidade do ferimento.

Um mez depois da catastrophe, levantei-me, mas a fraqueza era tal, que não arredava do quarto.

Para alimentar-me, eram precisos os rogos das duas boas senhoras, mãe e filha, que não baratearam carinhos de uma boa mãe e de uma excellente irmã.

Ao fim de tres mezes, estava ainda na casa Paranhos, restabelecido deste incommodo, porém gravemente affectado do coração, por amor a Dorothea, filha do commendador.

Havia reciprocidade de amor.

Quando vi que me era completamente impossivel continuar a permanecer nesta casa hospitaleira e caridosa, que agora me fazia prender por outro fim, retirei-me agradecido.

Passou-se algum tempo, em que empreguei rogos, pedidos, sermões, discursos, etc., á minha familia, afim de obter consentimento para casar-me com Dorothea, porém tudo em vão!!

Era raça do commendador Paranhos; isso bastava para impedil-o, segundo o modo de ver delles.

Desesperado, e, orientando a noiva e toda a sua familia da pressão de que era victima, combinámos o casamento, que se fez clandestino, para evitar algum desaso dos meus heroicos parentes.

Realizado o casamento, estaballei-me em terras minhas, entre á Fazenda do meu paé e o do commendador Paranhos, que entregou a alma a Deus, um anno depois de eu ser seu genro.

III

Dous annos depois do casamento, passados a agradecer a Deus tanta felicidade, junta a bastante prosperidade em fortuna, teve minha mulher um laborioso parto de que se originou o meu filho Luiz, e, de uma desventurada recalhida do parto, começou a soffrer tanto, que foi declarada morphetica. Imagina tu a dolorosa amargura de que fui victima e o animo de que me revesti para não enlouquecer.

Os meus parentes, que falta em nada me faziam, foram os primeiros a propalar o que eu soffria, com o fim de afugentar os amigos e conhecidos que frequentavam minha casa!!

Mas, com franqueza; os meus parentes são uns cães, pois que com uma ferocidade indizivel, riam, caçoavam e commentavam como castigo a desgraça que me apparecia.

Não contentes com tanta baixaza, propria só daquelles cafres, principiaram ainda a tocar-me o melindre... assoalhando que eu era, por esta infelicidade, a vergonha da familia Pontes, que tinham nojo de mim e de tudo que me dizia respeito. Deus lhes perdõe, se quer, porque eu o não posso fazer.

Um anno mediquei a pobre Dorothea, minha mulher, seguindo á risca prescripções dos medicos de mais nomeada, — fazendo viagens, semeando dinheiro a jorros, porque nada poupava, até a propria exis-

tencia, depois de meus haveres, para restituir-lhe a saúde, a ella, porque, sendo a minha mulher, era igualmente um anjo de bondade e de resignação, e tinha me dado vida, após o desastre que me fez conhecel-a.

Tudo em vão; depois de um anno de tanto trabalho e desolação, a morphéa caminhava lentamente, mas caminhava.

Desesperado, envergonhado, desprezado até daquelles que me deviam favores, cavalguei um macho, e segui estrada fóra, a procurar um sertão que me abrigasse e escondesse minha pobre mulher de vistas conhecidas.

Um dia, cheguei a estas paragens, encontrei de posse destas vastas terras que vês um meu conterraneo pobre, que valor nenhum dava a isto, por não ter meios de cultivar.

Enriqueci-o, recebendo escriptura destas terras, e seguimos juntos para Minas, afim delle acompanhar-me de volta na mudança.

Pouco tempo fazia que aqui estacionava, quando me apparece um indio audaz e atrevido, de nome *Aimbiré*, chefe de uma tribu, os *Querandis*, que, com muita difficuldade comprehendí, propondo-me paz á gente, criação e sementeiras, pela troca da mesma paz da minha parte á gente que elle governava.

Acceitei de bom grado; e presenteei-o muito com aquilo que elles mais apreciam, que é aguardente, fumo e ferramentas por via de ferro.

Mezes depois, voltou *Aimbiré*, e já menos espantadiço e com alguma familiaridade teve occasião de lobrigar o estado de minha mulher. Interrogou-me sobre o seu mau estado e repentinamente saiu, sem despedir-se.

Dias depois, appareceu-me outra vez, dizendo-me que tinha feito uma bebida para minha mulher.

Ri-me, como era natural; elle zangou-se, a ponto de accommodal-o com difficuldade.

Horas depois, choga outro indio de sua tribu, de nome *Cayubi*, que trazia quatro cuyethés, cheios de liquido, que era a tal beberagem.

Cayubi entregou a *Aimbiré* os cuyethés e este pediu-me uma caneca, em que despejou uma pouquissima parte de cada cuyethé, e bebeu; acto continuo despejou igual quantidade e fez minha mulher beber; recommendou o modo de usar, explicou que, passadas duas luas, estaria acabada a beberagem e estaria aqui com mais, e despediu-se.

Seis vezes em tempo igual, voltou *Aimbiré*, trazendo sempre igual porção do liquido e é certo que a ultima vez que trouxe, eu estava sério e *Aimbiré* ria-se, em represalia de eu ter duvidado delle, quando queria salvar-me.

Eu estava sério, como te disse, lembrando-me da infamia dos homens civilizados e da mercantilagem dos mesmos preguiçosos, que estigmatizam e depennam a humanidade, sabendo menos e tendo menos consciencia do que o selvagem.

Terminando, vou apresentar-te minha mulher e tres filhos que tivemos depois que ella sarou.

— Luiz, vá chamar sua Mãe e diga-lhe que traga seus irmãos, para cumprimentarem o nosso hospede e meu amigo da Côte.

— Aqui está minha mulher Dorothea, e tua criada, aqui estão os nossos tres filhos nascidos depois que ella sarou com a bebe-

ragem de *Aimbiré*. Como vês, D. Carlos, apesar da maternidade do primeiro filho, de cerca de tres annos de morphetica, e, depois de sã, a maternidade de mais tres filhos, ainda é uma bonita senhora, ainda mostra a belleza que me captivou. Digo isto com orgulho e creê que jámais houve na terra homem que encontrasse, para sua legitima companheira, coração mais bem formado, bondade mais completa e intelligencia pouco vulgar como tem minha mulher.

— Dize-me, Zacharias de Pontes, porque não voltaste para Minas, debellada como foi a enfermidade? ah! te orgulharias...

— Não, jámais; nem de passagem: estão lá os meus parentes, que me repugnam por suas torpezas, que te contei por alto; estão lá os meus amigos e favorecidos, que me desprezaram, quando deviam animar-me, estão lá... enfim, sabes que mais... aqui neste solo virgem e majestoso, neste ar puro de sertão, onde sou Rei entre os reptis e tenho por amigos esses indigenas, que só me visitam, ou eu a elles, em espaço de quatro a seis mezes, vivo perfeitamente; lá, nesse teu mundo civilisado, hoje como o encaro, morreria se lá voltasse.

O meu camarada que faz compras no povoado, daquillo que aqui não ha, tem ordem de nada me contar em sua volta, daquillo que vir a saber...

— E, dize-me, Zacharias de Pontes, sabes de que foi feita a beberagem que aqui proporcionou o teu indio *Aimbiré*?

Não, mas posso satisfazer a curiosidade levando-te comigo daqui a oito dias ao aldeamento de *Aimbiré*, a quem vou pedir a cousa para um pobre homem que me veio da villa de Lençóes, e que está completamente mal, segundo o meu modo de vêr.

— Sim, porém é muita demora oito dias, e tenho receio da presença de indios.

— Quanto á demora, meu D. Carlos, não te dou os teus animaes antes desse tempo; e os indios respeitar-te-ão pela minha companhia e pelo presente que lhes farás de um cavallo como eu lhes vou fazer, visto que estão agora com a mania de andar a cavallo, cousa para elles de summa importancia.

Bom, disseste ha pouco que eras aqui o Rei dos reptis, porém vejo que és o Rei dos homens.

IV

Oito dias depois desta conversação, logo ao amanhecer, numerosa cavalgada cobria o grande terreiro dessa fazenda, e diversos camaradas corriam numa azafama continua, sellando uns animaes, e carregando outros com trem de cosinha, viveres, canastras de roupas e barracas enormes.

Depois de succulento almoço, cavalgaram e seguiram por uma picada verdadeiramente engenhosa. Ao fim de seis dias de jornada pela matta e pelos campos, atravessando os rios Tibagy, Pirapó e Piquery, tributario pela esquerda do Paraná, acamparam num promontório saliente de um breijal que tem o nome de *Caniú*.

Acto continuo, Zacharias de Pontes tocou de um modo muito particular numa busina de chifre e, minutos depois, ouviram respostas pelo instrumento, porém com pessima sonancia.

Sr. D. Carlos, disse Zacharias de Pontes, hoje pousamos e descançamos aqui; está dado o signal aos indios de que estamos aqui; amanhã iremos a pé puxando os cavallos de presente e ficaremos á espera

delles no logar chamado *Ygaraçú*, na margem do rio *Juqueryqueré*, até que nos percebam e venham do *Tapé*, logar onde elles moram, receber-nos.

Assim foi; ao outro dia da chegada ao *Caniú*, puzeram-se pela manhã a caminho, levando os cavallos com que presentearam a *Aimbiré* e seguiram a encosta de uma montanha até ao logar denominalo *Ygaraçú*.

Assim chegados, depois de pouca demora, appareceu um feio e horroroso indio, que, com um olhar de fera traidora e desconfiada, se approximou da comitiva, tendo em seu exame perseguido, a Zacharias de Pontes, como ponto de vista.

Zacharias de Pontes trocou algumas palavras incompreensíveis com este hediondo indio, a que chamou *Ururay*, e este retirou-se logo, seguindo-se um silencio de morte, até que estrondearam nos ares gritos selvagens, uivos e estrondos, medonhos ao homem civilisado.

A este barulho tromcado seguiu-se a appareção de um indio herculeo, de apparencia imponente e audaz, que infundia sympathia e temor respeitoso ao mesmo tempo.

Ricamente enfeitado de pennas, galhardo e varonil, dirige-se á comitiva; principiando por apertar a mão do sr. D. Carlos, o que fez realmente admirar a este o conhecimento desta cortezia do mundo civilisado ao indio selvagem que jámais sahio daquelle floresta.

Era *Aimbiré*, o chefe da tribo dos *Querandis*, o amigo e salvador da exm.^a sr.^a D. Dorothea, respeitavel esposa de Zacharias de Pontes.

Trocados os primeiros cumprimentos, seguiu-se uma conversação animada entre *Aimbiré* e Zacharias de Pontes, a qual durou cerca de 2 horas, sem que da comitiva houvesse mais algum que comprehendesse uma palavra.

Aimbiré conservou-se sempre de pé, com o porte altivo natural de que é dotado.

Finda a conversa entre os chefes dos indios e o chefe da expedição, dirigiram-se ambos para o sr. D. Carlos, abraçando-o *Aimbiré*, e dizendo-lhe em difficil linguagem que eram amigos por coparticipação do amigo Zacharias de Pontes: seguiu-se a entrega dos cavallos; recebendo *Aimbiré*, dous animaes, um preto, da mão de Zacharias de Pontes, e outro da mão do sr. D. Carlos: sendo tal a alegria do indio com o presente, que se riu pela vez primeira, desde que estava com a comitiva; e entregou-os a *Casquira*, seu pagem ou immediato.

Depois de pouca demora, retirou-se a comitiva, com trato de encontro no dia immediato.

No dia seguinte seguiu-se novo encontro no mesmo local e com pouca differença da primeira entrevista. Na conversação de Zacharias de Pontes com *Aimbiré*, disse aquelle a este ao que ia lá e significou-lhe o desejo que tinha o sr. D. Carlos de conhecer as plantas e o modo de applicação como elle *Aimbiré* tinha feito a beberagem que tinha salvo a mulher de Zacharias de Pontes, do terrivel mal, a morphéa.

Aimbiré falou e gesticulou a *Casquira*, seu pagem ou immediato, e este embrenhou-se na matta com a rapidez do *Serelepe*.

Momentos depois, voltou *Casquira*, com diversos arbustos, sendo quasi todos arrancados com a propria raiz e, entregou-os a *Aimbiré*, que em converso estirada explicou o que tinha feito e porque, segundo o seu modo de entender.

Aimbiré mostra o segredo da matta ao sr. D. Carlos.

Pouco depois, retirou-se a comitiva para as barracas e assim se encontraram em seis dias consecutivos, tempo em que estava determinado retirar-se.

No ultimo ou sexto dia de visita a *Aimbiré*, este, acompanhado de mais 50 indios, levou-os a *Tapé*, sua morada, obsequiando a todos da comitiva com uma bebida azeda, quasi intragavel, que, para elles indios, é um delicioso licor. Distribuiu entre o sr. D. Carlos e Zacharias de Pontes alguns couros de onça e dentes da mesma fera, e, depois de uma demora de 3 horas, acompanhou-nos com sua enorme comitiva até *Yguaracú*, e despediram-se com abraços, risadas, aperto de mão e a tal gritaria de indios, que o signal de prazer; seguiram a *Caniú*, onde estavam as barracas.

No dia seguinte, ao romper da aurora, estava a expedição a caminho de volta para a fazenda de Zacharias de Pontes, onde chegaram em cinco dias de jornada, graças á diminuição de peso nos cargueiros e ao bom tempo que correu na viagem.

Zacharias de Pontes, depois de chegar á fazenda, conservou o sr. D. Carlos, sem o deixar seguir, pelo espaço de oito dias. Findo este tempo, despediram-se com a sensação produzida entre dous antigos amigos que passaram juntos a mocidade, cheia de esperanças, com futuros bonançosos, e que se encontram inesperadamente. 18 annos decorridos e cheios de peripecias da vida para qualquer dos dous.

(Conclusão, a pag. 42)



O Sr. D. Carlos

De volta do sertão, onde descobriu o segredo do grande remedio indigena, o

Elixir M. Morato.

Velho, magro, cadaverico, triste, doente.

Lebedew, de Moscova, demonstrou experimentalmente que a luz exerce certa pressão sobre os corpos que a recebem. Eliminou a acção possível da materia radiante, servindo-se de uma grande ampola, na qual se fez o vacuo, e excluindo da luz empregada os raios capazes de aquecer as paredes da ampola. Em taes condições, sobre uma delgadissima folha de aluminio, suspensa por um fio de vidro, fez cahir um feixe luminoso procedente de um arco electrico e verificou que ella se poz em movimento. A luz exerce, portanto, uma pressão.

O Museu Americano de Historia Natural, de Nova-York, contém a mais bella collecção de borboletas que ha no mundo.

Ahi se admiram 250.000 borboletas das mais variadas cores e essa collecção pôde, segundo um jornal americano, ser avaliada em um milhão de dollars ou cinco milhões de francos.

Foi um americano, o dr. Hermann Strecker, da Pensylvania, quem ultimamente fez ao museu esse precioso legado.

Vêm-se ahi borboletas que custaram annos de pesquisas e uma dellas representa uma somma excepcionalmente avultada.

Para obter uma especie muito rara da serra Leão, o rico americano organisára uma expedição, que durante dous annos percorreu em todos os sentidos a costa de Guiné. A expedição, após prolongadas pesquisas, conseguiu o lepidotero desejado. Mas, feito o calculo das despesas, verificou o dr. Hermann Strecker que a borboleta lhe havia custado 40.000 francos.

AOS TRISTES

Uma criança que salta,
Que canta, que ri e chora
E' uma risonha aurora
Que o coração nos esmalta.

Triste daquelle a quem falta,
Na vida que se evapora,
Uma criança que salta,
Que canta, que ri e chora.

Se o desalento me assalta,
Se a doença me devora,
Dá-me uma extranha melhora.

Que me anima e que me exalta,
Uma criança que salta,
Que canta, que ri e chora!

Conde de Monsara:

EXISTENCIA HUMANA

Cada existencia humana é como trecho accidentado do planeta. Nem tudo é clara planicie achatada, que o sol allumia e beija, nem alto monte orgulhoso, apunhalando o céu e gosando as primeiras caricias da luz.

Ha em cada vida de homem sombrios desvãos, humidas e reconditas grotas de perfumes e mysterio. Ahi moram os pensamentos que, por melindrosos de mais, não se querem vêr ao sol, as impressões que se não descrevem e os nomes que, no dizer de Sainte-Beuve, «il faut bénir et faire...». O mais expansivo e tagarella dos homens, o que mais facilmente se desfaz em confidencias e confissões, esse mesmo, quando morre, leva consigo, para dentro da sepultura, todo um vasto mundo de segredos.

Olavo Bilac

ELIXIR M. MORATO

E' o melhor depurativo brasileiro



O primeiro pessoal, auxiliando o sr. D. Carlos na manipulação do

Elixir M. Morato

— Cura a syphilis, cura o rheumatismo, cura a morphéa. —

E' um depurativo indigena e o unico remedio que cura a morphéa.

* O Elixir M. Morato é a salvação da humanidade e a felicidade dos povos! *

Deposito em S. Paulo, a Casa **BARUEL & COMP.**

LARGO DA SÉ

RUA DIREITA

Dr. Fred. S. Lane

DENTISTA

Rua Direita, 39

TELEPHONE, 240

S. PAULO



RUA SANTO ANTONIO — SANTOS

Chapelaria

Trust Villela

RUA DIREITA, 34-A

© SÃO PAULO ©

Casa Camargo

Fundada em 1892

Artigos para bordar — Armarinho e Brinquedos

GRANDE DEPOSITO de

binhas para macramé, crochet, tricot, bordar, etc.

VENDAS POR ATACADO E A VAREJO

N. 22, Rua Direita, N. 22 - S. PAULO

Chapelaria Henrique Martins

Importação directa da Inglaterra, França, Alemanha e Italia

Chapéus

duros

e molles de

CHRISTY,

PITT e

SCOTT.



Cartolas

Patent,

Claques,

ultimas no-

vidades

para casa-

mentos e soirées. Chapéus de palha de todas

as qualidades. Chile, Panamá e Cipó.

Bonets para viagens e collegiaes

Chapéus de sol para homens e senhoras.

Rua 15 de Novembro, 22 Caixa Postal N. 111 S. PAULO

Au Paradis des Enfants

BRINQUEDOS, BONECAS, JOGOS,
PRESEPE E ARVORES DE NATAL

CASA GENIN

FUNDADA EM 1849

Artigos para bordar, Ouro para bordar, Artigos
dourados e prateados.

Selins, Velludos, Pellucias, Armarinho, Novidades.
Importação de França, Alemanha, Inglaterra e Norte-America

V. M. GENIN

RUA 15 DE NOVEMBRO, 8-A

Caixa Postal, 204

S. PAULO

GRANDE FABRICA DE LUVAS

O DE O

HENRY JEANNOT

S. PAULO

Maison à Paris:

4, Rua da Boa Vista, 4 51, Rue des Petites-Ecuries



Pilões -- Ponte da City of Santos Impr. Co. Ltd.

Brilhantes, Joias, Relogios

O maior sortimento

ENCONTRA-SE NA

Casa Netter

Por preços sem competencia

Rua 15 de Novembro, N. 48

AO FINANCEIRO

(CASA FUNDADA EM 1887)

Domingos Soares & C.

Móveis, louças e Tapeçaria

RUA LIBERO BADARÓ, ns. 99 e 101

ANTIGA SÃO JOSÉ  SÃO PAULO

Fabrica de Espelhos e Quadros de Moldura

زخريا واخوه

Zacharias & Irmão

Completo sortimento de **ESPELHOS, VIDROS, QUADROS**

e todos os artigos que pertencem a este ramo

Collocam-se vidros e concertam-se espelhos estragados e tambem executamos qualquer serviço deste officio

Tanto na Capital, como do Interior, com a maxima promptidão

Rua Florencio de Abreu, N. 2 = SÃO PAULO

AVE MARIA

Ave Maria,
cheia de graça!
Em cada dia
que vem, que passa,
minh'alma implora
a vós, Senhora!
Comvosco está
sempre o Senhor,
que o pão nos dá
por vosso amor.
Nossa alegria
vós sois, Maria!
Bemdito é o fructo
do vosso ventre.
Na terra eu lucto;
mas dá que eu entre
com vossa guia
no céo, Maria!
Amen, Jesus,
em vós gerado,
morto na cruz,
quando o peccado
em nós remia,
por vós, Maria!

José de Alencar



ALFANDEGA DE SANTOS

Nos Estados-Unidos vai pegando a moda de trajar seda feita de teia de aranha. O tecido custa caro e só o pôdem usar, portanto, as ricas. Em Nova-York, o preço de um par de luvas desta fazenda orça por 100 dollars e um vestido não custa menos de 1.200 dollars.

Em Madagascar existe já esta industria: criam allí aranhas, cuja teia mede 3 e 4 metros de diametro, de um fio amarellado, muito brilhante e mais consistente do que o fio da seda do *Bombyx*.

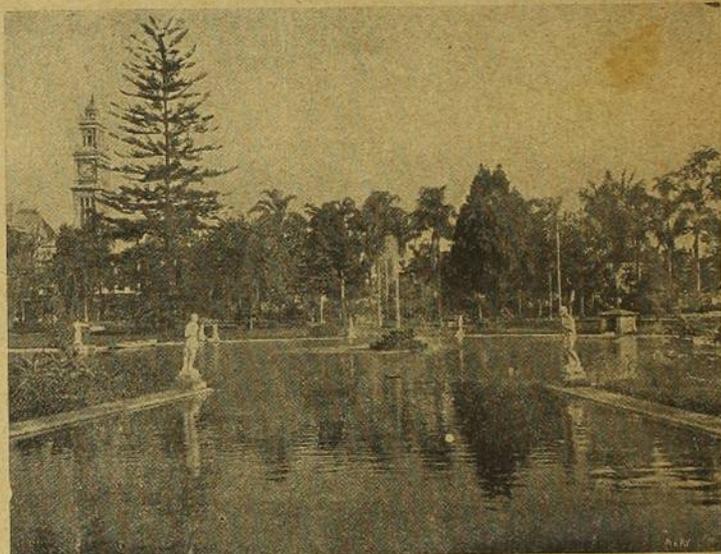
Annualmente matam-se de quatro a cinco milhões de uma classe de cães para alimentar os celestiaes amarellados, que os engolem com grande tristeza de alma, porém com extremo regosio de estomago.

Morre uma liberdade onde nasce um direito. SULLY-PRUDHOMME

À CAMARA FRIGORIFICA
— DAS —
Manteigas Frescas de Minas
CASA ALLEMÃ, FUNDADA EM 1906
Recebe diaria e directamente das principaes fabricas as melhores manteigas,
feitas de pura nata.
Artigo superior por ser especialidade da casa
Deposito dos productos coloniaes de Sta. Catharina, Paraná e Rio Grande do Sul
Quanto a preços e de accordo com a qualidade do artigo, não teme concorrência
Vendas por atacado e a varejo
Frederico Büker Rua do Seminario, N. 20
Telephone, 759 - S. PAULO
SÓ A DINHEIRO

CASA FERNANDO
Fernando Costa & C.
RUA DO SEMINARIO, 11 S. PAULO TELEPHONE, 1048
CASA IMPORTADORA
FERRAGENS, LOUÇAS, TINTAS, ARMARINHO,
ARTIGOS DE PHANTASIA, METAES,
PORCELLANAS, CHRISTOFLES, CRYSTAES,
VIDROS, LAMPEÕES E LOUÇAS ESMALTADAS.

GRANDE TYPOGRAPHIA
MOVIDA Á ELECTRICIDADE
DOURAÇÃO = ENCADERNAÇÃO = PAUTAÇÃO
FABRICA DE LIVROS EM BRANCO E
CARIMBOS DE BORRACHA
Importação Directa das principaes Fabricas da Europa e America do Norte
Espindola & Comp.
Successores de Espindola, Siqueira & C.
LOJA E ESCRITORIO:
10-A, Rua Direita, 10-A
OFFICINAS E DEPOSITO:
Rua 7 de Abril, 71, 73 e 75
Caixa N. 333 SÃO PAULO



SÃO PAULO — JARDIM PUBLICO

CHAPELARIA TRUST VILLELA Rua Direita, 34-A
SÃO PAULO

Armazem de louças **A Faïence** Porcellanas, Crystaes
Lampeões, Christofles, Objectos de Fantasia, etc., etc.

Magalhães, Barker & C.

RUA DIREITA, N. 44
Caixa Postal N. 295 SÃO PAULO Telephone N. 699
VENDAS POR ATACADO E A VAREJO

CASA NARDELLI

RUA DIREITA, N. 41 TELEPHONE N. 566
SÃO PAULO
Deposito e Officina de Pianos, Harmoniums, etc.
Compra, vende, aluga, troca, concerta
e afina Pianos e Harmoniums
Serviços Garantidos





Unica Fabrica premiada na Exposição Municipal de São Paulo, em 1902.

Café Guilherme

O melhor e o mais puro
A maior e a mais antiga

Torrefacção de Café do Estado

Refinação de Assucar pelos processos mais modernos.

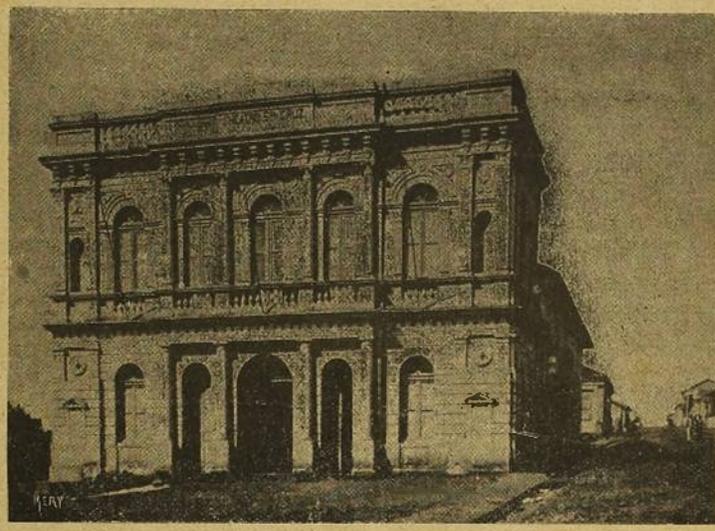
Antonio C. Melchert

Moagem de Milho e de Sal



Tem sempre os seus productos á venda nos melhores armazens desta Capital.

RUA DO SEMINARIO
N. 26



Telephone
N. 96
SÃO PAULO

BOTUCATU' — THEATRO SANTA CRUZ

Officinas :
Rua do Triumpho
Ns. 37 a 43

Fundição e
Deposito :
Rua Monsenhor
Andrade ☆ Braz

Cia. Mechanica e Importadora de S. Paulo

Endereço Telegraphico MECHANICA

Escriptorio : RUA 15 DE NOVEMBRO, 36 em Londres : Broad Street House - New
Caixa do correio, 51 Broad Street, London, E. C.

IMPORTAÇÃO E FABRICAÇÃO de Machinas a vapor, Motores a kerozene, Turbinas Hydraulicas, Rodas d'agua, Materiaes para luz electrica, Serras de varios typos, Machinismo para beneficiar café, Despolpadores, Materiaes e Machinismos diversos para uso nas fazendas, para Serrarias, Carpintarias, Marcenarias, Ferreiros, Serralheiros, Gazistas, Funileiros, Fabricantes de carros e carroças, Materiaes para estradas de ferro, Abastecimento d'agua e exgottos, Construção e Engenharia. — Carvão de Machina, Coke, Carvão de forja, Ferro guza, Ferro batido em barras, Chapas e perfis diversos, Tubos pretos e galvanizados. Cimento, Telhas de zinco, Arame liso e farpado, Tijolos refractarios, etc., etc.

OS OSSOS DE PEDRO ALVARES CABRAL

Em 1903 fez-se rigoroso exame dos restos encontrados no jazigo que se dizia ser de Pedro Alvares Cabral, o famoso descobridor do Brasil. Após detida investigação feita por uma comissão de profissionais competentes, lavrou esta as seguintes conclusões no seu parecer:

« Por tudo que observámos, crêmos poder afirmar-se:

« 1.º Que dentro da sepultura, onde consta existirem os últimos despojos de Pedro Alvares Cabral, se encontram ossadas de muitas pessoas de varias edades e sexos.

« 2.º Que o numero dellas, ao certo, não pôde determinar-se, pois muitissimos ossos se reduziram a detritos, não havendo duvida de que não seriam menos de seis ossadas de adultos, masculinos e femininos, e duas outras, de crianças:

« 3.º Que a discriminação da ossada que pertencera a Pedro Alvares Cabral é de todo impossivel.

E' sabido que, ou em virtude de quaesquer accidentes ou em consequencia das molestias ulcerosas seguidas de necroses extensas, o nariz do homem pôde soffrer uma deformação grave: os ossos e as cartilagens do septo nasal, destruidos pela ulceração ou esmagados, abatem-se, o nariz quebra-se em uma palavra.

Os cirurgiões aqui davam remedio a esta deformidade, por meio de operações de prothese: dissecação de retalhos, transplantações, enxertos, etc. Ora parece que semelhantes processos vão ser agora substituidos com vantagem pelo methodo do dr. Gersuny (cirurgia de Vienna), que já foi experimentado com grande exito.

E' simples. Consiste em injectar de-baixo da pelle do nariz, no ponto da depressão, certa quantidade de vaselina paraffinada, corpo que se solidifica a 36.º ou 37.º. A' medida que a vaselina se vai tornando solida de-baixo da pelle, o operador vai-lhe dando a fórma precisa para substituir os tecidos destruidos, e reconstitue-se a fórma normal do nariz. Affirma-se que a vaselina com o tempo é reabsorvida e desaparece, ficando apenas a paraffina, que se encysta e fórma até uma trama resistente, como de tecido conjunctivo.

O dr. Eckstein aperfeicou ainda este methodo, empregando uma paraffina especial, que se funde em temperatura mais elevada.

E'ahi está como, com oleo solido de petroleo, se restabelece a belleza de um rosto humano.

O Observatorio de Arequipa, no Perú, assignalou a existencia de um segundo *Eris*, isto é, de outro planeta de situado entre a Terra e Marte. Descebriu-o Stewart, graças á reprodução photographica do céo.

Depois do arroz, a carne de cahorio é o prato favorito dos filhos do Celeste Imperio.

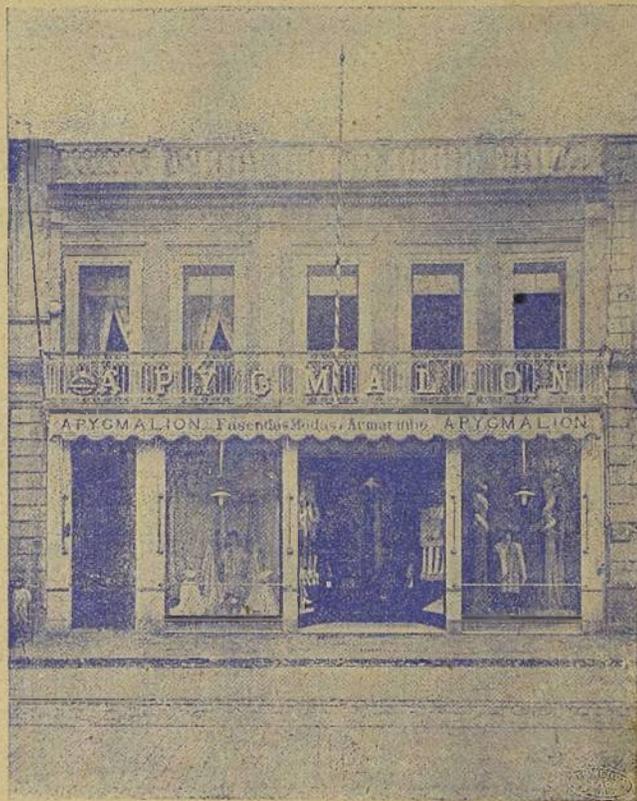
Os cães que os chins comem distinguem-se, porque têm a lingua de cor azul puxando a negro, porque nunca ladram e porque têm caracter muito lacturno.

A Pygmalion

CASA FUNDADA EM 1883

V.ª IDA WEILER, FILS & C.ª

Fazendas, Modas e Armarinho, Perfumarias



ROUPAS BRANCAS e Artigos para Crianças

Enxovões para Casamentos - ÚLTIMAS NOVIDADES

COROAS FUNERARIAS  Importação directa
Peçam o catalogo  Grande Officina de Costura

Rua 15 de Novembro, 34

Telephone, 241 S. PAULO Caixa Postal, 273

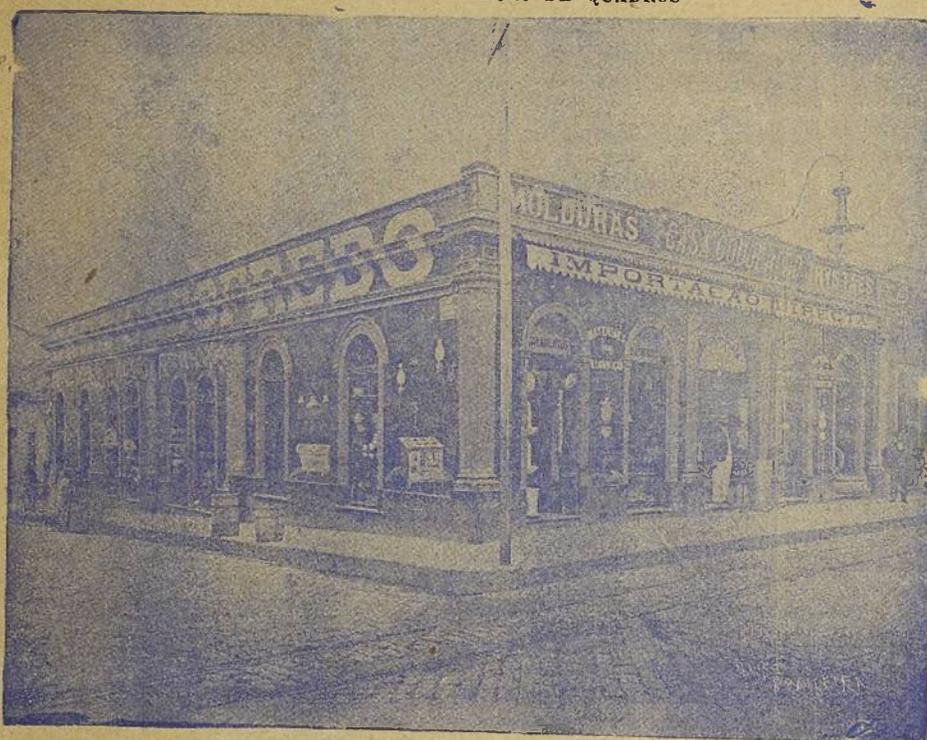


CASA GODOFREDO

CAMPINAS Rua General Osorio, 110 e 112 CAMPINAS
 Telephone N. 319

IMPORTAÇÃO DIRECTA

Grande Deposito de Vidros para Vidraças, Espelhos e Crystaes
 MOLDURAS E FABRICAS DE QUADROS



CHROMOS E ESTAMPAS VARIADAS

Papelão, Papel Pintado para forrar casas, Tapetes, Capachos, Oleados, Transparentes, etc.

TELIAS DE VIDRO

Completo Sortimento de Artigos Domesticos em ferro batido, fundido, esmaltado e metal

Grande deposito de Carbureto de Calcio.



APPARELHOS E MATERIAES

para Installações de Gaz, Agua, Exgotos, luz Incandescente e Electricidade

Fogões de todos os tamanhos, Banheiras, Lavatorios, etc.

LAMPEÕES de todos os systemas, para kerozene e alcool

Tubos de ferro, chumbo, berracha e Canos de barro

Bem montada Officina, dispondo de pessoal habillado para a execução de todos os trabalhos concernentes a esta arte, allendendo chamados para fóra



Godofredo Geiser



O dinheiro dá tudo, menos alma e coração.

A Allemanha é o paiz da Europa em que o alcoolismo produz mais estragos.

Tal é pelo menos a opinião manifestada pelo conde Douglas em um discurso pronunciado no *Lundag*.

Não ha na Europa, diz elle, um povo que preste á bebida culto mais fervoroso do que a Allemanha. A embriaguez, este *diabulos germanicos*, como lhe chamou Bismarck, faz de dia para dia, no Imperio, mais terriveis progressos. A saúde e a moralidade da raça perigam pelo contagio deste vicio funesto.

O orador cita em seu apoio algarismos de eloquencia terrivel; a Allemanha bebe cada anno a quantia de 3 milhões de marcos de alcool. Cada anno o alcoolismo arrasta perante os tribunacs mais de 180.000 allemães e o numero dos crimes cresce annualmente de 10.000.

O numero de condemnações foi de 299.249 em 1882 e subiu a 478.139 em 1899. Segundo os relatorios officiaes, á aguardente deve-se em grande parte esta recrudescencia da criminalidade.

O juiz francez pergunta em qualquer assumpto criminal: onde está a mulher? O juiz allemão pergunta sempre: onde foi que bebeu o réo?

O orador conclue, aconselhando a energica repressão do alcoolismo.

Em agosto de 1902, o imperador Guilherme assistiu ao lançamento do *Kaiser Wilhelm II*, nessa época o maior navio do mundo. E' de 20.000 toneladas de registro; as suas machinas têm a força de 40.000 cavallos e dão ao navio a velocidade de 23 nós por hora. O navio póde transportar 775 passageiros em primeira classe, 343 em segunda e 770 em terceira. A sua tripulação é de 600 homens.

O *Kaiser Wilhelm II* pertence á companhia allemã Norddeutscher Lloyd.

Um relatorio do almirantado inglez menciona as seguintes profundidades dos oceanos e diversos mares:

Occano Atlantico (na parte do Norte)	8.341 m.
Occano Atlantico (na parte do Sul)	7.370
Occano Pacifico	8.284
Mar das Indias	6.205
Occano Glacial Arctico	4.846
Mediterraneo	4.400
Mar da China	4.298
de Behring	3.926
Occano Antarctic	3.612
Mar do Norte	800
Mar Ballico	427

Os mares mais profundos são os do Pacifico e do Atlantico.

No hospital, um doente gemia:

— Ai, meu Deus! meu Deus!

— Que quer de Deus? pergunta uma irman de caridade, moça e bonita! tu sou filha delle.

— Queria que elle fosse meu sogro.

Num jardim, um menino e uma menina comecam a gesticular, passam a dar gritos e por fim a menina assenta uma bofetada no companheiro.

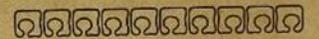
Que é que estão fazendo vocês? pergunta-lhes outro pequenote, que ia passando.

— Que lhe importa? ... Estamos brincando de papae e mamãe.

CASA IMPORTADORA
CHARLES HÜ & COMP.

UNICOS IMPORTADORES

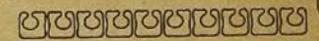
DO COGNAC VIEUX C. H. DELAUNAY
 do PORTO CONSTANTINO, etc., etc.



VINHOS, LICORES,

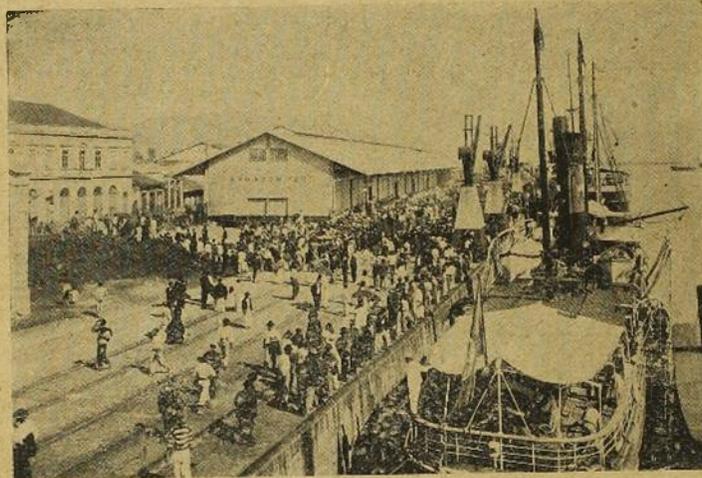
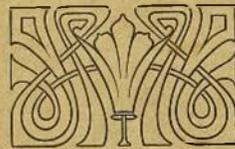
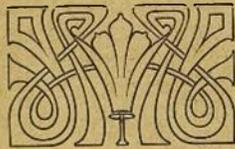
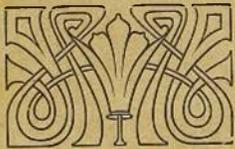
AGUAS MINERAES,

CONSERVAS FINAS



Depositaros exclusivos da **Agua de Caxambú**

Rua Libero Badaró, 115 * S. PAULO



DOCAS DE SANTOS - DESEMBARQUE DE PASSAGEIROS



Alfaiataria Carvalho

CASA ESPECIAL
 EM ROUPAS SOB MEDIDA

»»»» **F. L. Carvalho** ««««

Praça Antonio Prado, N. 8

* sobrado ☆ S. PAULO *

Casa Carnicelli

ALFAIATARIA

Completo sortimento do que ha de mais moder-
 no e chic em casemiras. - Importação directa.

ESPECIALIDADE EM
 CASACAS E SOBRECASACAS.

Todos os mezes recebem novos figurinos, como
 tambem completo sortimento do que ha de mais
 novo em casemira ingleza e franceza.

Irmãos Carnicelli

Rua 15-de-Novembro, 28 (sobrado)

S. PAULO



Cerveja RIO CLARO

DE

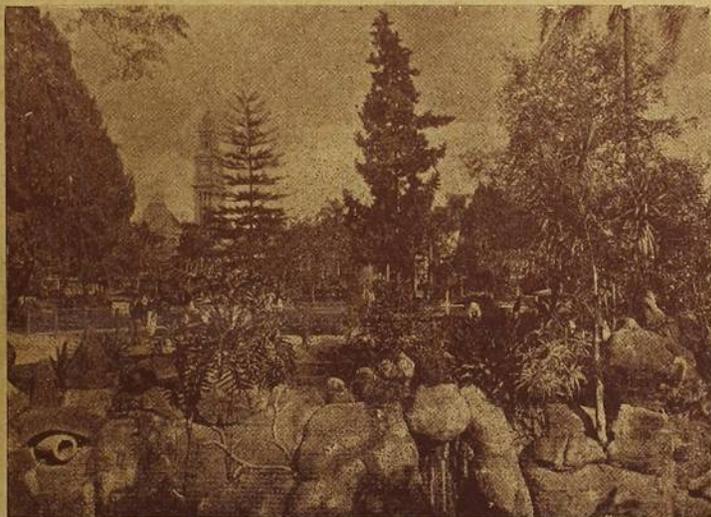
JULIO STERN

a melhor para a saúde

Marca «Rio Claro»	Cerveja clara
„ «Sport»	„ escura
„ «Extracto de Malte»	„ preta

A cerveja preta „EXTRACTO DE MALTE“ vende-se em meias garrafas e é recommendada especialmente ás senhoras e pessoas convalescentes; é nutritiva e fortificante

Para vender em todas as melhores casas



SAO PAULO — JARDIM PUBLICO

CHAPELARIA WELTMANN

DE

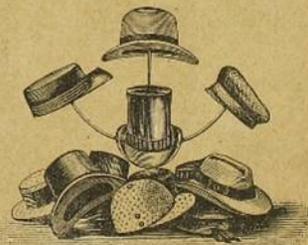
E. FERREIRA

IMPORTADOR DE CHAPEÓS DOS AFAMADOS FABRICANTES «HABIG», de Vienna, «Scotts», «Christys» e «Colibri», de Londres e «Borsalino», de Alessandria

UNICO AGENTE DOS CHAPEÓS „HABIG“ NESTE ESTADO

OO

Chapéos de Palha para homens e meninos
Bonets e Gorros á marinheira
Chapéos Claques,
Palents e Ecclesiasticos



CASA FUNDADA EM 1865

Rua de S. Bento, N. 47 * S. PAULO

FABRICA DE MOBILIAS ESTOFADAS

DE

Rua da Boa Vista, N. 28
SÃO PAULO



Max Schneider

Proprietario do Club Mobiliar



ESPECIALIDADE EM MOBILIAS JAPONEZAS

ENXOVAES PARA Casamentos e Baptizados	  	AU TROCADÉRO Grande Sortimento de Fazendas, Modas, Armario e Novidades
Silva, Peixoto & C.^{ia}		
CONFECÇÕES PARA SENHORAS E MENINAS	  	RUA DIREITA, N. 45 Telephone 502 SÃO PAULO

Victorino de Carvalho	
CASA MATRIZ	FILIAL
EMPORIO NACIONAL Seccos e molhados por atacado e a varejo Largo do Arouche, 77 Esq. da rua Amaral Gurgel	Confeitaria Nacional Doces e pastellaria, a qua ha de mais fino Conseruas e molhados finos 107 — RUA YPIRANGA — 107 PRAÇA DA REPUBLICA
SÃO PAULO	

CHARUTARIA DO HÁ Casa de primeira ordem — OO — IMPORTAÇÃO DIRECTA — DE — CHARUTOS DE HABANA e PERFUMARIAS Rua Direita, 59 SÃO PAULO — ♦ — A. Nunes



Ribeirão Preto — Edifício de «Forum» e cadeia

CHAPELARIA Trust Villela  Rua Direita, 34-A SÃO PAULO

Talcoboro «Assis» Pó antiseptico applicado com vantagens em assaduras de crianças Superior a todos os congeneres conhecidos  À venda em todas as pharmacias e drogarias desta Capital e do Interior — OO — DEPOSITO GERAL: Pharmacia Assis 2 - RUA 15 DE NOVEMBRO - 2 S. PAULO

D. Roque da Silva Rua de S. Bento, N. 12 SÃO PAULO CASA FUNDADA EM 1882 Importação directa da Europa e Estados Unidos COMPLETO SORTIMENTO de ESPINGARDAS de 1, 2 e 3 canos: Americanas, Inglesas, Belgas e Francezas Carabinas Winchester, Colt e Marlin. Espingardas fogo central Choche Bore Pistolas, Carabinas Flober, Carabinas de repelleção cal. 22, Winchester Revolvers Smith & Wesson, Colt e de outros Fabricantes Belgas, Americanos e Ingleses. Grande Sortimento de Cartuchos fogo central e a Broche de todos os calibres e de diversos fabricantes. Balas e espoletas, capas impermeaveis, cutelaria Rodgers ESPECIALIDADE em artigos de pesca e de viagem e Artigos Americanos
--

Casa fundada em
1880

GRANDE PHOTOGRAPHIA

— DE —

JOSÉ VOLLSACK

SÃO PAULO

N. 2 — Rua Direita — N. 2

Aviso: Todas as chapas estão guardadas
para Reproduções, Augmentos, etc.

LOJA DE FERRAGENS

CASA FUNDADA EM 1866

Rua Barão de Jaguará, 39 Antiga Direita CAMPINAS

Completo Sortimento de Ferragens
finas, bouças esmaltadas e de agate,
OLEOS, TINTAS, VERNIZES, etc.



SORTIMENTO DE ARMAS DE
FOGO, Arame farpado
e Artigos para lavoura em geral

MOUÏNHO DE CASTRO & C.

Vendas por atacado
e a varejo



O Posto Meteorologico do Instituto Agronomico — Campinas

Caixa Postal, N. 9

Alves, Pereira & Cia.

Fazendas, Armario e Roupas Feitas
— POR ATACADO —

Rua Dr. Campos Salles, 11 (largo do Rosario)
CAMPINAS

PHARMACIA NOVAES

RUA BARÃO DE JAGUARA, N. 66 * TELEPHONE N. 204

Productos Chimicos e Pharmaceuticos -- Especialidades Nacionais e Extranjeiras
Pharmaceutico **LOTHARIO NOVAES**

Xarope Peitoral Composto Formula do Dr. V. Bueno

Preparado pelo Pharmaceutico LOTHARIO NOVAES

Analisado e approvedo pela inspectoría de hygiene do Estado de S. Paulo. Usado ha mais de 5 annos com resultados surprehendedentes contra tosse, coqueluche, bronchite aguda e chronica, catharro, rouquidão, asthma e na tísica diminue sensivelmente a tosse, facilita a expectoração, conseguindo

até cura no começo da molestia. Não contém morphina, nem codeína.
DOSE — Adultos: Uma colher de sopa, de 3 em 3 horas. PREÇO 3\$000
Menores: Uma colher de chá, de 3 em 3 horas.

Oleocrescina Novaes Efeito seguro contra a caspa e queda do cabello.
Desenvolve o crescimento da barba e do bigode, tornando-os espessos, longos e sedosos.
CONTRA PARASITAS E MOLESTIAS DO COURO CABELLUDO



Campinas



PLANTAÇÃO DE CAFÉ



Campinas

Vendas por
atacado e a
varejo

*

Vendas por
atacado e a
varejo

*

Fabrica de Chapéos Fabrica: Rua Conego Scipião, N. 23

LOJA: - Rua 13 de Maio, N. 24-C
Largo do Theatro - CAMPINAS

Hoff & Hennigs

*
Aprompta-se
qualquer encom-
menda com perfei-
ção em 24 horas.

*



Especialidade em Chapéos duros

e de
legitimos Castor

*

Preços sem
competidores

Importação directa, da Europa, de chapéos de palha

OFFICINA de CALDEIREIRO

Francisco Tadini Rua Campos Salles, N. 117
CAMPINAS

PROMPTIDÃO E PERFEIÇÃO

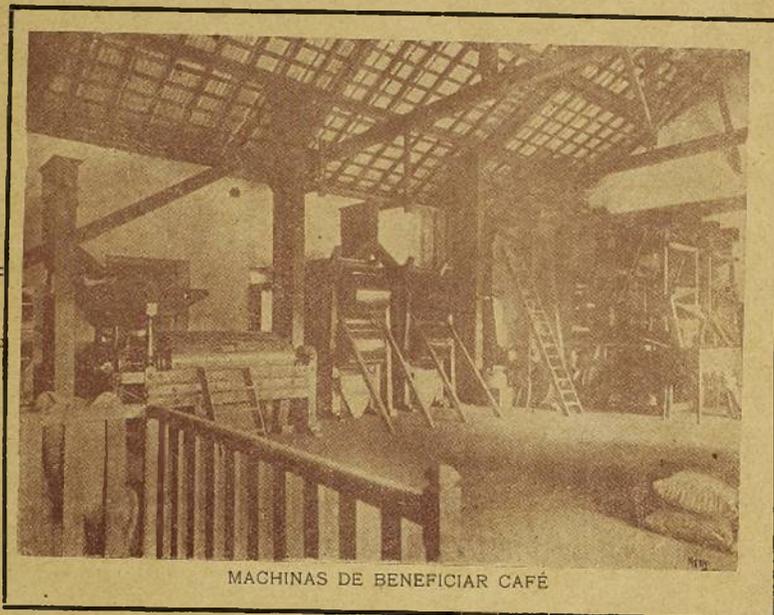
COLLOCAM-SE BOMBAS DE TODOS OS SYSTEMAS



Fazem-se encanamen-
tos de ferro, cobre
ou zinco
para agua ou vapor.



Apromptam-se
Alambiques, Caldei-
ras, Tachos para
assucar, etc.

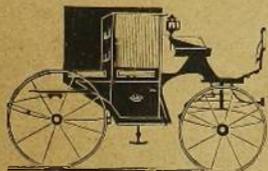


MACHINAS DE BENEFICIAR CAFÉ



Fazem-se
CARROS,
Cabriolets,
Trollys,
CARROÇAS,
etc., etc.

Reformam-se
CARROS,
Cabriolets,
Trollys,
CARROÇAS,
etc., etc.



FABRICA DE CARROS

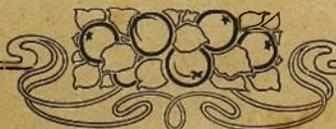
Antiga casa A. TIBURCIO & LAZARE

Herança de Lauro Franco

Rua Dr. Campos Salles, N. 16

Antiga do Bom Jesus

CAMPINAS



A PATRIA

A patria não é ninguém: são todos, e cada qual tem no seio della o mesmo direito à idéa, à palavra, à associação.

A patria não é um systema, nem um monopólio, nem uma fórma de governo: é o céo, o sol, o povo, a tradição, a consciencia, o lar, o berço dos filhos e o tumulto dos antepassados, a communhão da lei, da lingua e da liberdade.

Os que a servem são os que não invejam, os que não infamam, os que não sublevam, os que não desalentam, os que não emmudecem, os que não acobardam, mas resistem, mas esforçam, mas pacificam, mas discutem, mas praticam a justiça, a admiração e o enthusiasmo.

Porque todos os sentimentos grandes são benignos e residem originariamente no amor.

No proprio patriotismo armado, o mais difficil da vocação e a sua dignidade não está no matar, mas no morrer.

A guerra legitimamente não pôde ser o exterminio nem a ambição; é simplesmente a defesa.

Além desses limites, seria um flagello barbaro, que o patriotismo repudia.

RUY BARBOSA

O menor vertebrado que até hoje se conhece é um peixinho da familia dos *Gobius*. Este diminuto animal foi não ha muito encontrado pela primeira vez num lago das ilhas Philippinas pelo sr. Smith, que o christomou com este nome *Mistichthys luzonensis*. O macho tem de comprimento 12^{mm},5 e a femca 13^{mm},5.

FONTE OCCULTA

Entre umas pedras mettida,
Rolando, clara e modesta,
No coração da floresta
Vive uma fonte escondida.

Receiosa de ser ouvida,
Talvez abaixando um ai,
Quasi sem queixa ou murmúrio,
Fluindo vai.

E de ser vista receiosa,
O leve fio adelgaça,
E, assim, ignorada passa,
Passa ligeira e medrosa.

Tal em alma desditosa
Que já não ama nem crê
Se escôa um fio de lagrimas
Que ninguém vê...

ALBERTO DE OLIVEIRA

Prudencio, estando para sahir a cavallo, pediu ao criado as botas; este trouxe-as.

— Porque não as limpaste, Gregorio?

— Meu amo vai sujá-las na estrada; pensei que não valesse a pena.

Logo depois, Gregorio pede ao amo a chave da dispensa.

— Para que?

— E' que eu tenho de almoçar, meu amo.

Oh! como daqui a duas horas terás fome outra vez, não vale a pena coner já.

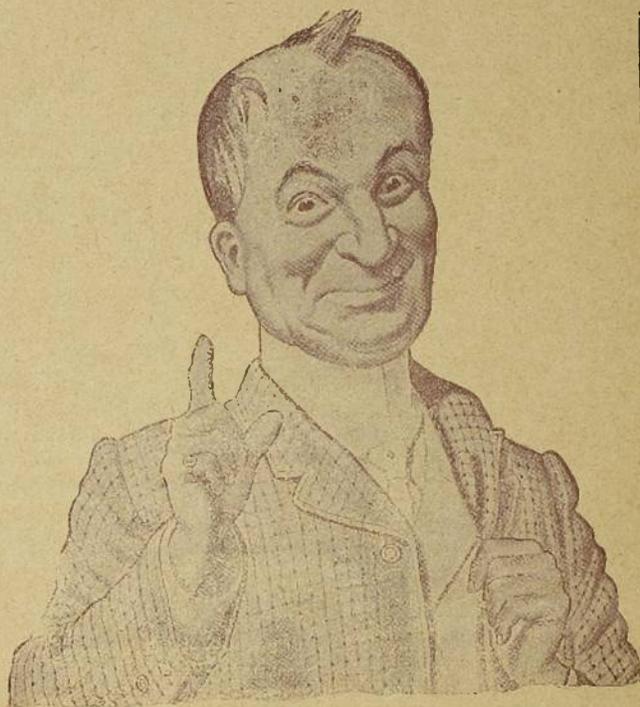
Gregorio entendeu e engraxou as botas.

A unica realmente garantida

é a

Loteria de S. Paulo

Garantida pela sua provada seriedade, durante 30 annos



Só comprei um bilhettinho! E apanhei os QUARENTA!...

Garantida pela sua dependencia do Governo do Estado, que é o seu principal fiador.

Garantida pela seriedade das suas extracções, presididas pelo Thesoureiro Official e assistidas por um Delegado de Policia e por numerozo publico.

SEDE: Praça Antonio Prado, 73 - S. PAULO

Agentes Geraes G. Fontoura & C.^{ia}

Ninguém é eloquente sem um grande auditorio que o escute.

CASA VERMELHA

Importante estabelecimento fundado pelo systema moderno **VENDER BARATO!**

Rua Dr. Quirino, 83 Esquina da do Gen. Osorio **CAMPINAS** Telephone: **CASA VERMELHA**

*
COLOSSAL
SORTIMENTO
DE FAZENDAS,
ARMARINHOS
E MODAS,
CHAPÉOS,
CALÇADOS,
OBJECTOS DE
FANTASIA,
ETC., ETC.



*
BEM MON-
TADA ALFAIA-
TARIA, COM
COMPLETO
SORTIMENTO
DE CASIMIRAS
INGLEZAS,
FRANCEZAS
ITALIANAS,
ETC., ETC.

* PREDIO PROPRIO *

TERNOS SOB MEDIDA, DE RS. 70\$000 A 100\$000 !

COMPLETO SORTIMENTO DE CALÇADOS

CASA VERMELHA DE JOÃO QUEIROZ

Rua Dr. Quirino, 83 TELEPHONE: CASA VERMELHA Esquina da do G. Osorio

* **CAMPINAS** *

Abre-se um novo restaurant, com esta divisa: *A' vitella de ouro.*

Entra um bohemio e senta-se. O criado acode:

— Que deseja o senhor?
— Uma fatia da sua vitella!

O sr. Emilio Loubet constituiu, durante os sete annos do seu governo, apenas 2 ministerios, presididos pelos srs. Waldeck Rousseau, Combes e Rouvier.

O marechal de Mac-Mahon organisou nove ministerios; Jules Grévy, doze; Sadi-Carnot, dez; Casimir Périer, que foi presidente apenas seis mczes, teve um unico ministerio, o de Charles Dupuy; Félix Faure teve cinco.

A FOLHA (ARNAULT)

De tua haste despegada,
Misera folha estioiada,
Aonde vais? — Eu não sei...
Uma rajada furiosa
Prostrou a arvore frondosa
Onde até agora morei.

Em torvelins doudejantes,
Zephyro e Aquilo errantes,
Desde esse dia a voejar
Do bosque para a campina,
Do valle para a collina,
Trazem-me ás tontas pelo arr...

Sem temor, ou vil lamento,
Adejo ao sabor do vento
Nesta peregrinação...
Vou, do meu fim descuída,
Aonde a folha de rosa
E a folha de loiro vão...

ARDUINO BOLIVAR

O numero de bacalhaus apanhados em aguas da Noruega é approximadamente de 50.000.000 por anno.

Fabricou-se ha pouco na Inglaterra um relógio notavel para o palácio de um potentado oriental.

Tem 13 mostradores, que indicam a hora nas cidades seguintes: Londres, Paris, Roma, Berlim, Vienna, S. Petersburgo, Constantinopla, Washington, Yokohama, Pekim, Bombaim, Samarkanda e Teheran.

A city, em Londres, contém 350.000 commerciantes de dia e apenas 10.000 de noite.

Nos ultimos quarenta annos o imperio britannico augmentou de 40 por cento.

No jantar annual das «Filhas de Ceres», sir Thomas Elliot disse que ha na Inglaterra 158.000 mulheres empregadas na agricultura.
Destas, 100.000 cultivavam terras proprias e 6.700 se alugavam como jardineiras, floristas e semeadoras.

IDYLLIO TRISTE

(MADRIGAL ANTIGO)

Hontem, quando passei — olhos cravados
Nos teus olhos azues — como um gracejo,
Com esses dedos finos e rosados,
Atiraste-me um beijo.

Que mal fizeste! Os beijos namorados
São como certos fructos do Equador...
Devem ser nos arbustos apanhados
Para terem sabor....

ANTONIO FEIJÓ

GRANDE SORTIMENTO DE
LOUÇAS, PORCELLANAS, VIDROS,
CRYSTAES, ARTIGOS DE FANTASIA
ETC., ETC.

Unicos Agentes e Depositarios em
Campinas dos afamados calçados

CLARK

Sortimento completo para
homens, senhoras e
crianças



BOLAS, CALÇADOS, MEIAS,
CAMISAS,
BOMBAS,
APITOS E
MAIS ARTIGOS
PARA O JOGO
DE FOOT-BALL.

Malas, Bolsas, Saccos
e mais artigos proprios
para viagem.

Capas e sobretudos
impermeaveis de
MACINTOSH.
Sapatos, galoelas e
coturnos de borracha.

PERNEIRAS de legitimo couro de porco, pretas e amarellas, com mollo e com correia
Chapéos, Bonets e Gorros para homens e crianças. — BRINQUEDOS, Cestas, Talheres, Melças e mais
Artigos de Novidade, que só fazendo uma visita para certificarem-se do grande sortimento de que se compõe o stock da nossa casa.

— VENDAS SÓ A DINHEIRO Á VISTA —

BRANCO & CIA. Rua Barão de Jaguará
N. 21-A

Caixa Postal N. 7 * **CAMPINAS** * Telephone, 167

Importação Directa

CASA MASCOTTE

Importação Directa

ARMARINHO

E -

NOVIDADES



GRANDE

Papellaria,

Typographia,

Stereotypia e

Galvanoplastia

Artigos para
escritorio e desenhoArtigos
photographicos e
dentarios**J. LADEIRA**

Rua Barão de Jaguará, N. 19 Ponto dos bondes

CAMPINAS

FABRICA

- DE -

CARIMBOS

- E -

Livros em branco

Livros e objectos
escolares

CHARUTARIA

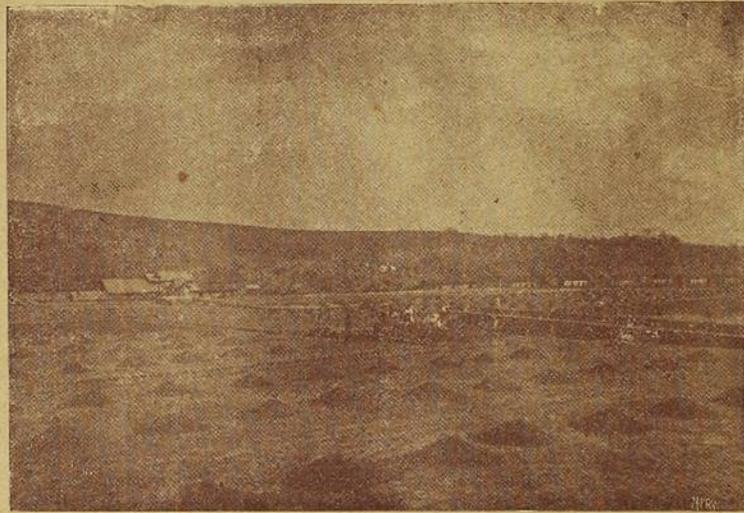
E ARTIGOS

PARA FUMANTES



Casa mais barateira

DE -

CAMPINAS

UMA FAZENDA — TERREIRO DE CAFÉ.

José TartariENGENHEIRO ARCHITECTO
OO

ESCRITORIO E RESIDENCIA

RUA BARÃO DE JAGUARA, N. 82

Campinas*Construções, reconstruções e reformas de predios,
plantas e orçamentos para qualquer serviço.**Acceitam-se serviços para administração*CONDIÇÕES
VANTAJOSASPREÇOS SEM
COMPETIDORES**Ao Progresso Campineiro**
DOMINGOS BARSOTTIRemette-se dinheiro para Italia, França
e Tyrol, com promptidão e garantia

Recebem-se directamente da Italia

Vinhos, Azeite de Lucca
e superiores Conservas alimenticias**Grande Armazem da Panthera e Banco de Cambio**
DE -**DOMINGOS BARSOTTI**

Commissões e Expedições * Vendas por atacado e a varejo

Rua 13 de Maio, N. 118 ★ CAMPINAS

Bernardo Teixeira & Costa

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO DE COUROS

para Selleiros e Sapateiros

Officina de Arreios de Carro, Trolly e Montaria

Praça Visconde de Indayatuba, N. 9
(BARGO DO ROSARIO)

CAMPINAS

Grande Restaurant Campineiro

— DO —

Guarany

Tem sempre
especies

VINHOS

Portuguezes

*

Recebem-se
Pensionistas

Rua Dr. Costa Aguiar, 87

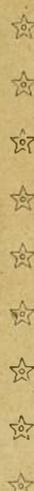
CAMPINAS

Grande
DEPOSITO
— de
superiores
FUMOS
em
ROBOS

NESTE RESTAURANT ENCONTRAM OS SRS. VIAJANTES
TODA COMMODIDADE E PROMPTIDÃO



CAMPINAS — INSTITUTO AGRONOMICO



Armazem de Generos do Paiz

Sal, Assucar, Farinha de trigo, Kerozene

Recebem a comissão e por conta propria Toucinho,
Milho, Feijão, Fumos e mais generos do paiz

J. Soares & Irmão

Rua do Góes **CAMPINAS** Caixa Postal
N. 11 N. 12

Compram café

Padaria e Confeitaria "Suissa"

Perfeição em Pães e Doces de todas as qualidades

Sortimento completo de biscoitos e doces de todas as qualidades

DEPOSITO DE FARINHA DE TRIGO

Grande variedade em molhados finos e outros artigos

Acceptam-se encomendas e remetem-se pedidos para o interior

Rua Dr. Campos Salles, 22 = Telephone, 76

CAMPINAS

PRADO, COELHO & COMP.



O segredo da floresta

(Vide pag. 21)

Botucatu, 1888.

Meu caro Zacharias de Pontes e mandei o botânico e pharmaceutico M. Morato, de que falei, estudar, examinar e experimentar as plantas de *Aimbire*, produzindo as experiencias feitas resultados verdadeiramente assombrosos; um homem de Sorocaba, outro de Tatuhy e uma senhora de Campinas, que estavam completamente morpheticos, saaram radicalmente com a experiencia.

Formulado por pharmaceutico, puz agora á venda este grande achado, afim de que o povo possa aproveitar, e dei o nome ao preparado de Elixir M. Morato propagado por D. Carlos. — isto como benemerencia ao muito estudo e trabalho que o M. Morato teve com esses embryonarios.

Recebi o cargueiro de queijos e couros de tua remessa, que agradeço, e devolvo-te o mesmo cargueiro carregado com o Elixir M. Morato — em frascos como está, e como pedes. Dize-me o que elle produz no teu doente, etc. etc.

Teu do coração
D. Carlos

Sertão de S. Paulo, 1888.

Amigo D. Carlos.

Em tempo recebi tua carta, acompanhada das dez duzias do remedio de *Aimbire*, que fizoste conhecido por — Elixir M. Morato — propagado por D. Carlos. — Curei um morphetico de 45 annos de idade; e curei um rheumatismo, que ha 6 annos tinha preso um pae de familia ao leito. Esta cura de rheumatismo, cre, fez-me espantar. Tenho um bobatiao aqui, que trouxe as boubas de fóra, e peço-te mandares-me mais dez duzias para este e para o que fór apparecendo.

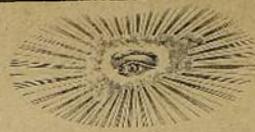
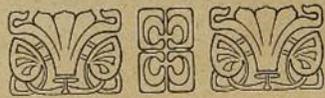
Realmente é abençoado este achado para toda a syphilis e suas proveniencias, etc., etc.

Teu saudoso amigo
Zacharias de Pontes

Botucatu, 1889.

Meu caro Zacharias de Pontes Fiz deposito do remedio Elixir M. Morato — na cidade de S. Paulo, casa Peixoto, Estella & Comp., rua de S. Bento, n. 11. Na cidade do Rio de Janeiro, na drogaria Silva, Gomes & Comp., na rua de S. Pedro, n. 24.

Na cidade do Recife, em Pernambuco, na drogaria de Francisco M. da Silva & Comp., rua Marquez d'Olinda, n. 23. Assim fica facil a grande parte da humanidade aproveitar, porque na verdade o — Elixir M. Morato — faz, além de curas, milagres. Vejo o que me dizes do effeito que tens



LOUIS FRETIN

N. 10, RUA DE S. BENTO, N. 10 ☒ S. PAULO

Casa Especialista em Optica, Cutelaria,
Cirurgia, Orthopedia, Fundas, etc.

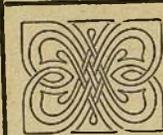
Completo Sortimento de Thermometros, Barometros, Aneroides,
Artigos de Mathematica

VIDROS para corrigir qualquer * defeito da vista. OFFICINAS proprias para concertos.

Importação directa

Preços sem competencia

Rua de S. Bento, 10 - São Paulo



FABRICA A TRACÇÃO ELECTRICA

— de —

Vassouras, Cestas, Escovas, Espanadores,
Brochas, Peneiras, Gaiolas, Ratoeiras,
Moveis de Vime, etc., etc.

— DE —

Angelo Fracalanza

Premiada na Exposição Internacional de São Luiz, de 1904

Casa Matriz: Rua Brigadeiro Tobias, Ns. 54 e 56
Caixa N. 206 * SÃO PAULO

Casa Filial: Rua do Coronel Pedro Alves, N. 4-C
Caixa N. 37 * RIO DE JANEIRO

Charutaria Cubana

DE

Gustavo Robbe Sobrinho

Charutos de Havana, Hamburgo, Bahia e Rio Grande

Fumos desfiados, picados, em corda e estrangeiros. — Cigarros de palha e papel e todos os artigos proprios para fumantes.

Rua Barão de Jaguará, 31-Campinas

No Mundo Illustrado

Grande Livraria Italiana

com completo sortimento de Livros escolares, Romances dos melhores auctores italianos e estrangeiros, obras scientificas, literarias e populares

ACCEITAM-SE ASSIGNATURAS PARA QUALQUER FIGURINO E REVISTA.

Sortimento completo de Cartões Postaes dos mais finos e Alta Novidade
PREÇOS SEM COMPETENCIA

ANNIBAL PACE & C^o
Rua Barão de Jaguará, 60-Campinas

achado, e agradeço-te o que dizes com respeito á satisfação que achaste em *Aimbiré*, quando lhe mostraste o remedio que elle provou e levou-te uma parte, talvez pela belleza dos vidros, lá para elle que é indio, etc., etc.

Teu do coração

D. Carlos

Sertão de S. Paulo, 1889.

Amigo D. Carlos

Comunico-te que *Aimbiré* veio dizer-me que o teu — Elixir M. Morato — tem exacto e completo effeito da heberagem amassada por elle, e esta certeza tem elle, por ter examinado e experimentado bem o Elixir, que o deixei levar, do que me tinhas remetido.

Ficou *Aimbiré* alegre por ver o seu segredo da florista mais bem feito e mais limpo do que elle *Aimbiré* o podia fazer.

A uma mulher que amamentava o filho, cheio de humores, dei o — Elixir M. Morato — a usar e, não só sarou o filhinho, como a mãe sarou de muitas dôres de que se queixava.

Teu amigo saudoso

Zacharias de Pontes

Deposilarios em S. Paulo:

BARUEL & C.^{IA}

Rua Direita, 1 - S. PAULO



O TRUCO NA ROÇA

Chupa truco essa porquêra!
E diga porque não qué!...
Mecê já feis a primeira,
Agora eu fico no pé.

— C'o esta eu mato esse treis.
E mecê veja o que fais;
Metta o doizinho de veis,
Que no fim fecha o meu ais.

Eta mundo!... ai-ve-n mana?!
— Vô fazê jogo de loco...
E' p'ra morré essa espada?...
— *Chupa seis, que treis é póco!*

A primeira tá no papo,
E mecê fecha o marvado...
E' joguinho! tá escapo,
— Póde dormi socegado!

Pois bamo vê? caia tudo!
Se commigo mecê topa!
— *Toma nove, meu papudo!*
— Não fuja c'o sete copa...

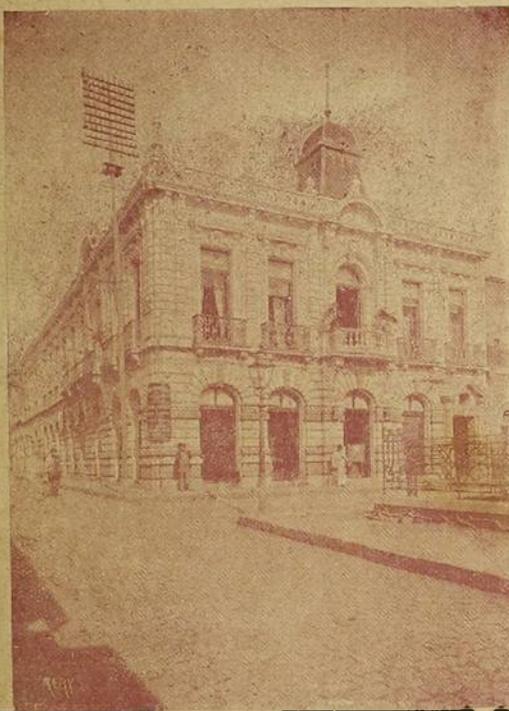
— Que diz, parceiro, mandemo?...
O meu jogo não é mau...
Só póde ganhá esse demo,
Se tivé o quatro pau!

— Eh! lá vem um treis dainado,
Já viro que pagodera!
A terceira tá impatado,
E nois ganha p'ra primêra!

— Pois antão tudo que caia,
A vasa é sua, arrepita...
— *Chupa doce, mandaçai!*
— *Toma fumo, se é que pita!*

Nhõ B:

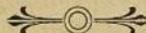
ARMBRUST & FILHO



IMPORTADORES

Rua Barão de Jaguará, 32
CAMPINAS

ESTADO DE SÃO PAULO



Artigos sanitarios e seus pertences.

Apparelhos

para gaz, agua e exgottos.
Grande Deposito de Machinas
de costura de diversos auctores.

Unicos Agentes das afamadas
machinas de costura "STANDARD"
Reconhecidas as melhores do
mundo. Garantidas por 15 annos.

Sub-Agencias nas principaes
cidades do interior

Rua Barão de Jaguará, 32 - Campinas

Grande Casa de Joias

Ernesto Israel

OFFICINA DE RELOJOEIRO

Grande Sortimento de
Bijouteria, Joalheria e Relojoaria
Importação directa da Europa

Rua Barão de Jaguará, 25-A
CAMPINAS

COLCHOARIA

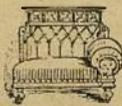
DE

Manoel Francisco dos Santos

CADEIRAS E CAMAS PARA CRIANÇAS

Faz encomendas com asseio e promptidão

Marquezas, Camas
francezas e de ferro,
de todos os tamanhos,
Cadeiras austriacas e
nacionacs, Sofás,
Cadeiras de braço,



Cabides e Cestas de
vime, Tapetes,
Acolchoados, Tra-
vesseiros, Almofadas,
Mesas, Lavatorios,
Algodão em rama
e tudo mais pertencente a este ramo de negocio

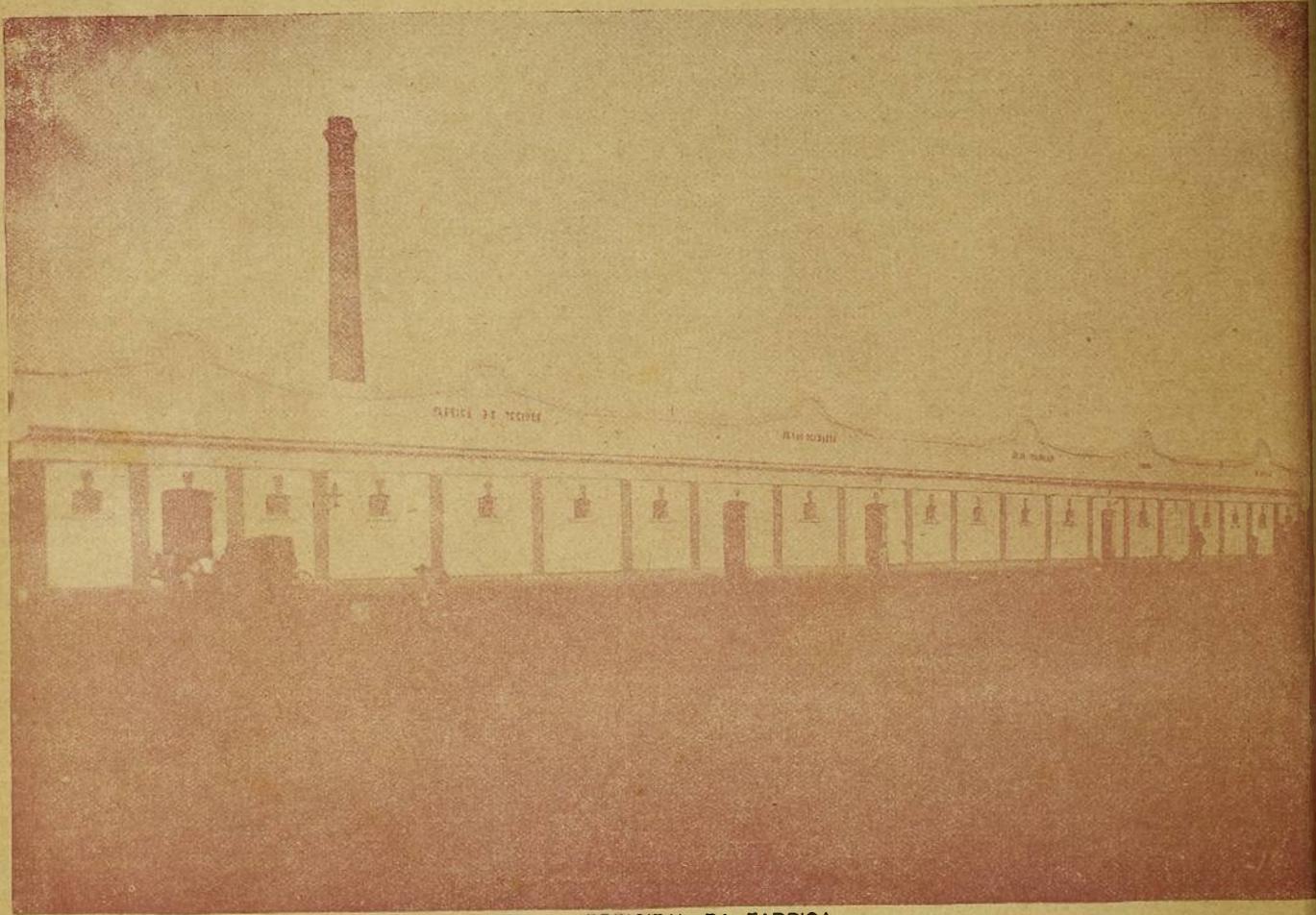
PREÇOS BARATOS

Rua Dr. Quirino, N. 105
ANTIGA DO COMMERCIO **CAMPINAS**

Fabrica de Fiação e Tecidos

«S. BERNARDO»

SILVA, SEABRA & COMP.



FACHADA PRINCIPAL DA FABRICA

A importante fabrica de fiação e tecidos S. Bernardo, situada a pouca distancia da estação deste nome, da *S. Paulo Railway Co.*, e pertencente a Silva, Seabra & C., foi adquirida pelos seus proprietarios actuaes ha cerca de doze annos. Construida, então, em modestas proporções, com apenas 60 teares e sem fiação, de anno em anno foi a firma Silva, Seabra & C. augmentando-a com mais 60 teares, até que a installação chegou a 200 e poucos, que são os actuaes. Em 1902, foi montada a fiação, com capacidade sufficiente para produzir 2.000 ks. diarios de fio, ou 60.000 por mez. O estabelecimento foi tendo notavel desenvolvimento. O progresso alli se desenvolvia rapidamente, tendo grande accitação nos mercados do Brasil os seus productos, que eram e são até hoje muito reputados, já pelo seu bom acabamento e qualidade, já pela firmeza de suas côres.

Manufatura a fabrica: brins de S. Bernardo, challes, palas, riscados para colchões, zephyrs, algodãozinho e cobertores. A producção mensal do estabelecimento é de 160.000 metros. Ha, comtudo,

uma sobra na fiação, de cêrca de 400.000 kilos annuaes. Todas as sobras são vendidas a fabricas de tecido de malha, como meias, camisas, etc. Para aproveitar, porém, estas sobras, pois os actuaes teares da fabrica não dão vasão aos productos da fiação, vai a fabrica montar em breve mais 150 teares.

Os tecidos manufacturados no estabelecimento são vendidos, na média, de 640 a 700 réis o metro.

As vastas edificações da fabrica S. Bernardo abrangem uma superficie de cêrca de 5.500 metros quadrados. O predio é solido e elegantemente construido. O predio, machinismos, terras á parte, edificações para operarios, *chalets* do socio sr. coronel Agenor de Camargo e do gerente sr. Joaquim Soares Fernandes (actualmente na Europa) sobem á importante somma de mil e quinhentos contos de réis. São socios solidarios, tendo realisado o capital alludido, os srs. dr. Gabriel Dias da Silva, coronel Justiniano José Seabra e coronel Agenor de Camargo.

Fundição do Braz

FUNDADA EM 1892

Rua Correia de Andrade, 14 Caixa Postal, 469 - Telephone, 452 S. Paulo

Grandes Officinas Mechanicas para construcção de machinas para lavoura e industrias — Fundição de Ferro e Bronze, Officinas de Ferreiro, Serralheiro e Caldeireiro Especialidade em confecção de sinos. — Moendas para canna, Moinhos para subá, Trituradores de milho, Cylindros para padaria.



Chapas para fogões, grelhas, buchas para carroças, pesos para balanças, grelhas para terreiro de café.

Sortimento completo de torneiras e válvulas de todas as qualidades para vapor, tubos de ferro para agua, gaz e vapor, tubos de latão e de cobre sem solda.

Encarrega-se de assentamento ou concerto de Machinas,

Motores e locomotivas

Importação directa de Material para Vias-ferreas e para Agua e Exgottos

RUA CORREIA DE ANDRADE, N. 14

Caixa postal, 469 * São Paulo * Telephone, 452

F. AMARO

Junto do cadaver de um suicida encontrou-se a seguinte interessante missiva :

« Tive a infeliz idéa de casar-me com uma viuva que tinha uma filha, com a qual se casou meu pae, passando naturalmente este a ser meu filho ; do seu matrimonio appareceu um filho, que, por consequencia, ficou sendo meu neto e irmão.

Eu tive do meu matrimonio um filho, que era irmão de meu pae e, portanto, meu tio.

Meu pae é meu filho e eu sou pae do irmão de meu pae, como o pae do pae de um é avô de um e eu sou o pae de meu pae, resulta que sou avô de mim mesmo. Como esta situação seja um pouco exquisita, resolvi passar desta para melhor.

TROVAS DO HILARIO

Ai, que lindas pombas brancas
Vejo naquelle pombal!
Quem me dera ser o pombo
Da que não tenha casal!

O mar tambem tem amante,
O mar tambem tem mulher ;
E' casado com a areia,
Dá-lhe beijos quando quer.

Nossa Senhora faz meia
Com linhas feitas de luz ;
E' novêlo a lua cheia,
As meias são p'ra Jesus.

MINHA DOCE E SANTA CRUZ

NA FESTA DA EXALTAÇÃO

Eras outr'ora maldita,
Oh ! cruz do meu Redemptor !
E's hoje a prova bemdita
De que Deus é todo amor.

Ninguém agora te fita,
Como o judeu, com horror...
E's a doçura infinita
Que consola toda dôr.

Dos homens desilludido,
Por ti voltei a Jesus,
De quem andava esquecido.

E's de minh'alma hoje a luz...
Deixa-me a ti sempre unido,
Minha doce e santa Cruz !

OLIVEIRA E SILVA

Em uma sessão de alta magia, do prestigitador Onoffrof :

Agora, meus senhores, aqui têm este armario. Peço a qualquer senhora a fineza de entrar nelle, porque, affianço, desaparecerá immediatamente.

Diversos maridos ás suas mulheres :
— Vae tu, querida... vae tu...

Remedio contra nevralgia

Os remedios mais simples são ás vezes os melhores...

Eis aqui um que celebre medico inglez declara efficacissimo para combater as nevralgias, muitas vezes tão dolorosas.

Consiste em soprar sal de cosinha, reduzido a pó muito fino, nas narinas do enfermo.

O effeito immediato é desagradavel, os olhos começam a encher-se de lagrimas abundantes; mas a dôr não tarda a abrandar e desaparece completamente dentro em pouco.

As dôres de dentes, de cabeça e de ouvidos não resistem a este remedio tão simples e barato.

Telephone, 1008 Telephone, 1008

Importação e Commissões

Seccos e Molhados finos
 Productos de Santa Catharina

ARMARINHO * BRINQUEDOS

Vendas por atacado e a varejo
 Generos estrangeiros e nacionaes

OTTO NEMITZ

Rua Aurora, 33-B em frente á rua dos Andradas S. Paulo

Vinhos de Bordeaux
 Bourgogne e Champagne

PAUL LARCHER

São conhecidos como os melhores vinhos do mundo !

Encontram-se á venda nas principaes casas de molhados finos e nos bons hotels da Capital e do interior.

Succursaes em Paris, Vienna, Londres e Bruxellas

IMPORTADOS DIRECTAMENTE POR

FRANCISCO M. FRANÇA

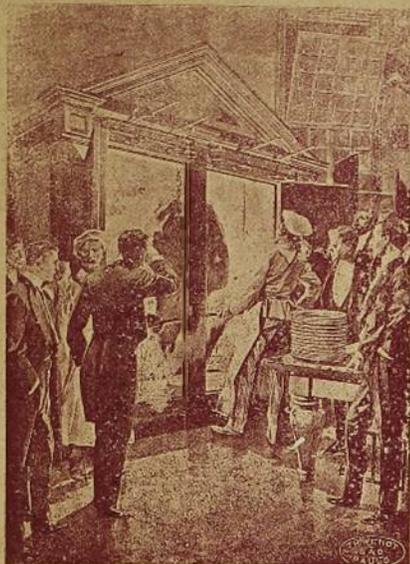
Largo do Ouvidor, 3-A - CAIXA 543 - S. Paulo

Nota importante: Estes vinhos são de qualidades superiores, pois só mandamos vir vinhos especiaes para S. Paulo; elles são vendidos, tanto em quartolas, como em caixas, tal qual como chegam da Europa, pois não engarramos aqui.



Missa da meia-noite na aldeia (França)

O NATAL EM LONDRES

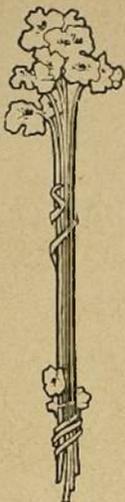


No *Constitutional Club*, um dos mais importantes de Londres, é uso tradicional, na noite de Natal, assar o que lá elles chamam o *baron beef*, uma peça de carne pesando de 350 a 400 libras. Antigamente assava-se um boi inteiro, no grande fogão das cozinhas do club. O fogão, porém, foi substituído por um enorme brazeiro, em forma de vitrina com pretensões architecturaes, no qual engenhoso mechanismo imprime um movimento continuo ao assado pantagruélico. E hoje, como hontem, na noite de Natal, os socios do *Constitutional Club* não deixam nunca de assistir ao preparo do *baron beef*, com o qual festejam o *Christmas*.

O NATAL NA ITALIA MERIDIONAL



Em todos os paizes christãos, é o Natal um dia de festa. Na Italia Meridional, o banquete familiar obrigatorio, na noite de Natividade, é servido deante de um presepio caprichosamente armado. Enquanto uma das filhas dá a ultima demão ao presepio, e a mãe brinca com o filhinho, e músicos ambulantes executam peças populares em honra do nascimento do Salvador, a cozinheira e a criada preparam a ceia e arrumam a mesa para o banquete da meia noite.



PAGINAS INTIMAS

Um feixe de benemeritos e a Igreja reconhecida

Te Deum laudamus...
habemus Ecclesiam..!

Flôres, flôres e mais flôres hoje a Igreja e o seu padre de Porto Ferreira galhardamente espalham sobre a fronte vencianda e fidalga dos seus magnanimos bemfeitores.

Cravos, jasmims, violetas, amores perfeitos e rosas, tudo hoje rebuscamos nos jardins da Crença, para tecermos, á grande e á farta, grinaldas e bouquets, e irmos tudo depositar nas caritativas mãos de egregios apóstolos do bem.

Aquelles magnanimos bemfeitores e estes immarcescivcis apóstolos da caridade são essas individualidades insinuantes e sympathicas cujos nomes, a esta hora, jazem cantados em todos os nossos pensamentos, radicados em todos os nossos corações, consagrados pelo chefe da Igreja paulopolitana são, numa palavra, Procopio de Araujo Carvalho e Viriato Montenegro.

Isto não é bajular — a bajulação é um crime, e eu não sei fazer crimes.

Isto não é tão pouco lisonjear — a lisonja ou as louvaminhas assopradas por trombetas de apologias encomendadas, poderá tudo agradar e envaidecer *almas pequenitas e párias da sociedade*, mas jámais servirá de justiça e de patrimonio moral a homens da tempera e da envergadura daquelles a quem hoje a Santa Igreja e a imprensa local, em seu nome e no do municipio inteiro, prestam homenagem de reconhecimento, admiração e respeito.

A homens assim — catholicos pra-



A NOVA MATRIZ DE PORTO FERREIRA

A nova torre e reforma completa desta Matriz são devidas aos benemeritos fazendeiros srs. Procopio de Araujo Carvalho e Viriato Montenegro. No livro do Tombo da cidade parochial, a pagina 1, lê-se o seguinte: — Amigo Padre *Manoel Nova* — Reclamamos um traço material da sua passagem por esta parochia, e, para isso, pomos á disposição de v. revma. a verba necessaria para a reforma completa das paredes abaladas e creção da nova torre, que tudo será construído sob a immediata direcção e fiscalização de v. revma. Reservamos para nós o direito de exigirmos uma condição: — esse serviço pertencerá exclusivamente ao Padre Nova, a quem o povo de Porto Ferreira levará mais justa obrigação. Serve assim? Mãos á obra. — (A A) Procopio de Araujo Carvalho — Viriato Montenegro.

A mocidade descuidada torna a velhice triste.



PROCOPIO DE ARAUJO CARVALHO

ticos, que não cõram de suas crenças — vultos importantissimos que vivem humildes no seu nobre solar, porém destacam-se altaneiros, pelas suas obras, pujantissimamente, cavalheirosamente, de molde a honrarem, em toda a linha, os grandes filhos desta opulenta nação — a esses homens, repito, exige a sociedade, manda a nossa consciencia e obriga a nossa razão chamemos pelos seus proprios nomes, honremol-os no nivel dos seus proprios meritos, inscrevamol-os no livro de ouro da nossa gratidão, attinjamol-os com phrases onde não falte sequer uma letra devida, emfim digamos a verdade nua, pura e santa, tal como a meiga Religião do Amor ordena e a justiça da terra requer.

E a verdade é esta — *Procopio de Araujo Carvalho e Viriato Montenegro são uns benemeritos da Religião e da Patria.*



VIRIATO MONTENEGRO



Sem alardes e sem servilismos, elles todos os dias executam á risca, escrupulosa e heroicamente, o que eu do primeiro affirmei a paginas 20 do meu «RELATORIO DA FREGUEZA DE PORTO FERREIRA»: — empresa a que o Procopinho metta hombros e disser — *ha de ir... vai mesmo.*

E vai mesmo!!!

E foi mesmo!!!

Dentro em poucas semanas, a nossa pobre Matriz atirou seu zimborio pelos astros de cujos campanarios saem agora significativos sons, que se irão casar com as vozes dos Anjos no céu, e tudo formará lá... ao longe... muito ao longe... o echo aprimorado e commovente — *obrigado, benfeitores!*

Veste já fardamento de gala a nossa Igreja; transformou-se já, dum templo que similhava um casarão de arrumações, num verdadeiro templo á altura do Deus sacramentado, a quem rende-

mos culto; — e nessas paredes reluzentes e alvinitentes, e nessa torre e nessa reforma, que, á voz de dous immaculados caracteres, se levou a effeito, rebrilham por todos os cantos e por toda parte os nomes generosos e francos desses genios, que são dous vultos, dessas vontades de ferro, que sobredoiram e honram uma nacionalidade — Procopio de Araujo Carvalho e Viriato Montenegro.

Graças a Deus que temos já uma Matriz toda respirando elegancia e esthetica, — Matriz que não nos envergonha, como até aqui, aos olhos dos crentes que nos visitam!

Ri a alegria nos labios de todos os meus parochianos; saltita de contentamento o coração dum pastor; rejubila de acrysolada gloria o coração paternal e amantissimo do Sr. Bispo de S. Paulo, — e todos, num sentimento unanime e numa dedicação profunda, entcamos, por entre aromaticas flôres e torvelinhos de incenso, cantamos com enthusiasmo e galhardamente — *Te Deum laudamus!*

Meus amigos — meus grandes amigos e meus prestantissimos amigos! — são deste quilate os *hossanas* de um obscuro e rude parcho e as inefaveis e deliciosas bençams do nosso piedoso Prelado.

As bençams consoladoras de Deus lá um dia esperam V.as Ex.as no começo daquella *jornada donde nunca se volta*; e, se é certo, como é, que a Justiça Divina é indfectivel, Ella serão fatalmente condignas ás benemerencias que na terra ides operando com tanta magnitude.

Honra, pois ao merito, e olhos sempre em Deus...

É junto d'Elle que existe a Patria dos Bemaventurados.

Mãos á obra, proferistes vós. E a obra fez-se, está concluida!

Alacrcantes cantemos, pois: *Te Deum laudamus... habemus Ecclesiam.*

21 de maio de 1905.

PADRE MOYSÉS NORA

(Do Jornal de Cantanhede)

Senhorita Nhazinha Almeida

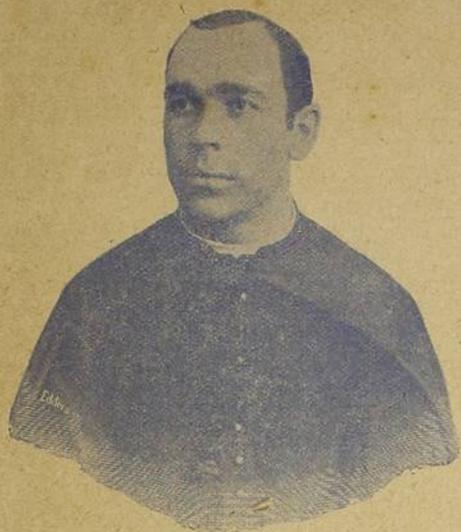
Ninguem em Pirassununga a conhece por outro nome, — é para todos a senhorita Nhazinha Almeida, ou simplesmente a *Nhazinha*, como lhe chamam os intimos, as innumeradas amigas que conta naquella cidade.

A sua biographia? Nasceu em Pirassununga, a 22 de outubro de 1882, e é filha do sr. coronel Jeremias José de Almeida e da exma. sra. d. Alexandrina Neves de Almeida, proprietarios, residentes naquella cidade. Foram seus avós João de Cedoy Moreira Neves e Francisco Dias de Carvalho e dd, Maria do Carmo Aparecida Neves e Maria Jesuina de Almeida. Baptisada pelo revmo. conego Angelo Assumpção e chrismada na igreja do Collegio S. Luiz, de Ytú, pelo hoje cardeal d. Joaquim Arcoverde, então bispo da Diocese. Educada no recesso da familia, aprendeu rudimentos musicaes com um seu tio, posteriormente com a sra. d. Emilia Chaves e, finalmente, encetou os estudos secundarios, canto e piano com a distincta preceptora particular sra. d. Helena Kalkani, dama illustradissima, descendente de illustre familia allemã e que por longos annos residiu em Pirassununga.

Como se vê, a biographia simplesmente como a esboçamos não apresenta factos nenhum notavel; é, *mutatis mutandis*, a de todas as moças que tiveram primorosa educação. Mas a senhorita Nhazinha Almeida dispõe de muitos titulos para a homenagem destas linhas. Ornamento da sociedade de Pirassununga, pelos preciosos dotes que a exornam, professora de piano das mais distinctas, adorada pelos venerandos paes como pelas discipulas,

tem sido e está sendo o braço direito do virtuoso vigario da parochia, no movimento do culto interno da Matriz, da qual é dedicada *mestra-capella*. É filha extrema, — um verdadeiro *bijou* das filhas de familia, como alguem já lhe chamou; alma de anjo e coração aberto a todos os nobres sentimentos, que maiores elogios para uma senhorita que brilha na sociedade, pelo encanto das virtudes e pela graça do espirito?

CORONEL MANOEL FRANCO DA SILVEIRA
CHEFE POLITICO DE PIRASSUNUNGA E INTENDENTE MUNICIPAL



PADRE MOYSÉS NORA
Actual vigario de Pirassununga

Não é nosso intuito traçar a biographia do vrm. padre Moysés Nora. Accentuemos apenas que é um dos bons portuguezes que, honrando a patria distante, collaboram comnosco no engrandecimento do paiz irmão.

Está no Brasil vai para quatro annos e, sem esquecer a terra do seu berço, ha muito se identificou comnosco. Como sacerdote, exornam-no todas as virtudes; zelo e devotamento no ministerio catholico são as suas qualidades predominantes como pastor das almas. Parocho de Porto Ferreira, deixou alli um nome querido de todos, e taes foram os seus serviços á Igreja naquella parochia, que o saudoso Bispo D. José, como premio á dedicação do illustre sacerdote, o removeu para Pirassununga, parochia mais importante, onde tem maior campo de acção e onde sua actividade reverte, em mais elevado grau, em serviço da Religião.

Não tardou, naquella cidade, a ganhar a estima e a consideração de seus parochianos.

Não o estimam apenas: adoram-no. E ple bem o merecc, não só por sua exemplar conducta, como pela franqueza e pela affabilidade de maneiras com que a todos encanta.

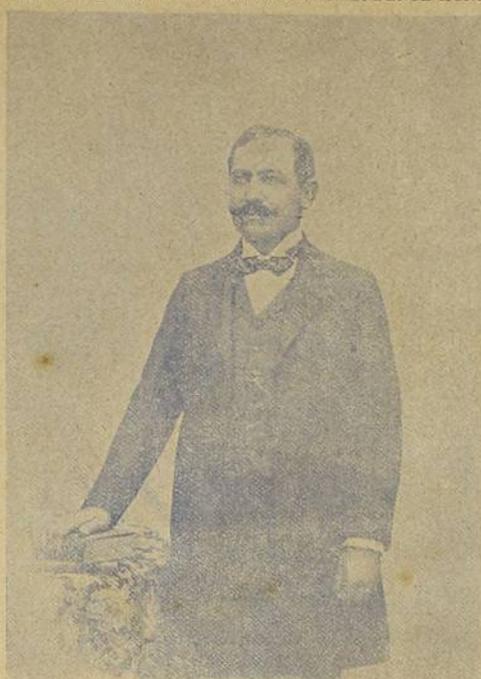
Coração generoso, espirito alegre,

bôa palestra, — o vrm. padre Nora é tambem eloquente orador e jornalista veterano nas pugnas da imprensa. No pulpito tem o condão, muito raro hoje em dia, de prender o auditorio, que não se cança de ouvi-lo. Na imprensa, tem-se revelado escriptor de pulso, critico e polemista; o seu estylo é brilhante, rico de imagens, e não raro esfusia dos seus artigos a bôa verve portugueza.

Dissemos que não é um novato no periodismo: effectivamente, ha dezoito annos que collabora assiduamente no *Jornal de Cantanhede*; fez parte da redacção do *Correio Nacional*, de Lisboa; *Successos*, de Aveiro; *Crenga Popular*, de Montemór-o-Velho, e de outros periodicos portuguezes.

No Brasil tem collaborado em muitos jornaes paulistas, tanto do interior, como desta capital. Foi correspondente do *Estado* em Porto Ferreira e é hoje representante do *São Paulo* em Pirassununga.

Como escriptor, já deu á publicidade tres livros: — *A Mocidade e o Destino*, *Cartilha Familiar e Recordações da Patria*, e tem em preparo um estudo philosophico: *O homem prehistorico e as ideas avançadas do seculo XX*.



Não se pôde em rapidas linhas de uma columna do *Album* traçar a biographia — que dizemos? — os principaes factos da vida deste prestante cidadão. A biographia completa muitas páginas requereiriam e, infelizmente, o espaco de que dispomos é escasso. Se escrevessemos apenas para Pirassununga, só dariamos aqui o seu nome, sem mais uma linha. Para aquelle povo, para aquella cidade, bastava isso, porque o nome do sr. coronel Manoel Franco da Silveira quer dizer para Pirassununga o espirito de iniciativa, o trabalho intelligente, a dedicação sem limites á causa publica, o espirito da ordem, a benemerencia, em summa, sob multiplos aspectos. Como, porém, sobre estas linhas baixarão com certeza outros olhos que não apenas os dos seus amigos e admiradores, çigamos em duas palavras, para os que o não conhecem, quem é o sr. coronel Manoel Franco da Silveira.

É filho do sr. coronel Francisco da Silveira Franco e da sra. d. Maria Franco de Abreu; nasceu em Pirassununga, a 2 de maio de 1865.

Habitado ao trabalho desde a mais tenra idade, dedicou-se á lavoura e, desejo sempre de concorrer para o engrandecimento da terra natal, dispensou desde logo grande parte de sua actividade a cooperar em prol do progresso local.

O eleitorado em peso, em 1899, suffragou-lhe o nome para chefe politico; e em 1902, foi eleito presidente e intendente da Camara Municipal e desde então, de reeleição em reeleição, a vontade popular o tem mantido nas posições a que faz jus pelo seu acendrado amor ao municipio.

Não empunha o bastão, para a auctoridade do mando, nem por méra vaidade, e sim com o levantado e nobre intuito de curar, de mais perto, do engrandecimento de Pirassununga

A passagem do sr. coronel Manoel Franco da Silveira pelas altas posições politicas do municipio tem sido assinalada por innumeros e consideraveis scrviços. Restaurou as finanças municipaes e reformou a cidade, embelezando-a e dotando-a de grandes melhoramentos, entre os quaes avultam a Santa Casa de Misericordia e o Grupo Escolar.

Ainda aos seus esforços, associados aos da população, deve a Matriz de Pirassununga as reformas por que ultimamente passou, tanto interiormente, como exteriormente; graças tambem ao benemerito cavalheiro, aquella cidade se livrou das epidemias de febre amarella e variola, que periodicamente grassaram em municipios visinhos, tão acertadas foram as providencias que tomou nesse sentido.

É, além de tudo, um incançavel; trabalha sempre e, longe de desfructar o ocio a que tem direito pelo muito que já fez por Pirassununga, cada vez se lhe desenvolve mais a actividade, em beneficio da cidade e para bem do municipio.

Espirito adeantado, coração generoso, que não abriga odios nem rancores, e alliando as qualidades de um politico liberal ás maneiras lhanas de um cavalheiro accessivel a todos, o sr. coronel Manoel Franco da Silveira é estimadissimo em Pirassununga.

Ha poucos mezes, disse-nos o padre Nora a seu respeito: «tem o nome ligado a todos os melhoramentos da cidade e nunca descança. Quanto á Igreja, isso então não se fala: deve-lhe tudo. Quanto á politica... não, eu não me metto em politica. O que lhe posso afirmar é que o coronel é um dos homens publicos dignos verdadeiramente da estima de todos os que sabem apreciar o merito.

E com este elogio do vigario de Pirassununga, o qual tem o cunho da sinceridade, rematamos estas linhas.



RESIDENCIA PAROCHIAL DE PIRASSUNUNGA

Quanto mais se sabe, menos se affirma.



Dr. Carlindo Valeriani

—OO—

Talentoso clinico, em boa hora escolhido pelo governo para chefe da commissão medica incumbida de combater, em Pirassununga, a epidemia do *trichina*.

Nasceu no Rio de Janeiro, a 29 de março de 1874, fez com brilhantismo todo o curso no antigo Collegio de D. Pedro II, onde se graduou em sciencias e letras, e em 1896, quando contava apenas 22 annos, doutorou-se em medicina, na Faculdade do Rio.

Uma vez formado, iniciou sua clinica em Porto Ferreira, neste Estado, onde desde logo conquistou a estima e a consideração publica, pelas suas qualidades de espirito e coração.

O dr. Carlindo Valeriani faz da medicina um sacerdocio; intelligencia brilhante, vasta erudição, que robustece dia a dia pelo estudo, é, acima de tudo, um apostolo do bem.

Na epidemia que ha poucos annos flagellou a cidade de Santa Rita do Passa Quatro, prestou relevantes serviços, e graças á sua vigilancia dedicada e constante e ás providencias que acertadamente tomou, a cidade de Pirassununga, vizinha áquella, ficou livre da invasão do terrivel mal.

Tanto nesta ultima cidade, como em Porto Ferreira, é numerosa a sua clientela e é com justos louvores que todos pronunciam o nome do benemerito facultativo.



Antonio Gomes Lourenço

Negociante residente em Pirassununga

É um filho do trabalho, que morre pelo trabalho.

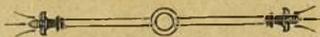
Quem o vir de longe, quem o não conhecer, mal adivinhará o coração que pulsa sob aquelle peito; se, porém, o vir de perto, se o estreitar nos braços, ficará logo certo de que poucos serão como elle amigos sinceros e prestimosos.

Nasceu pauperrimo na triste aldeia do Zambujal, freguezia de Cadima, concelho de Cantanhede (Portugal).

Veu para o Brasil haverá trinta e tantos annos e aqui, sob esse bello céu azul e no meio desse povo que é irmão do seu, prosperou com honradez e constituiu familia.

Se a inteireza de caracter e a correção irreprehensivel de sua conducta o elevam no conceito do publico commercial e social pirassununguense, o seu affecto á familia e seu amor aos filhos o tornam um modelo de esposo e de pae, que faz consistir o melhor de seu ideal na primorosa educação que dá aos herdeiros do seu nome.

Catholico sincero, cavalheiro bondoso e caritativo, a Egreja de Pirassununga e o seu actual vigario rmo. padre Moysés Nora têm recebido assignalados obsequios do sr. Antonio Gomes Lourenço, cujo nome figura de ha muito ao lado dos que mais hão concorrido alli para o engrandecimento da religião catholica.



PARQUE DA FAZENDA CAMPINEIRA (PORTO FERREIRA)
PROPRIETARIO
TENENTE-CORONEL VIRIATO MONTENEGRO

Um jantarinho

O Espiridião, no momento de sahir, disse á esposa:

— Sinhá, vê se a cozinheira hoje nos dá um jantarinho melhor: espero um amigo.

— Qual?

— Não o conheces. E' um excellente camarada, que estava ausente, em S. Paulo, e veiu agora passar uns dias no Rio de Janeiro: não nos viamos ha uns cinco annos!

— Descança: irei eu mesma para a cozinha.

— Já esperava que me disseses isso mesmo: és tão amavel, tão condescendente!

— Porque o mereces. Que não farei eu para te ser agradável?

— Não ha outra mulhersinha como tu!

— E como tu ha outro maridinho?

— Até logo. Dá cá um beijo!

— Toma!

— Outro!

— Toma! Agora paga!

— Toma!

— E outro?

— Toma! E mais um de quebra! E mais este!... e este mais!... Toma! toma!...

Viviam assim, aos beijos, o Espiridião e Sinhá, e ainda os tinham em abundancia para o Nhônho, um filhinho de quatro annos que era o encanto, a alegria, a esperança, o orgulho daquelle casal ditoso.

A' tarde, quando chegou o Oliveira, o amigo que o Espiridião convidára para jantar, ainda Sinhá estava na cozinha, dando a ultima demão aos quitutes com que pretendia regalar ao hospede.

— Temos que esperar meia hora, disse o dono da casa ao Oliveira, que tinha sentado o Nhônho sobre uma das suas pernas e brincava com elle.

— Sabes que tens um filho muito bonito? Ha de ser um rapagão! Que idade tem?

— Quatro annos.

— Quatro annos já? Ha quanto tempo estás então casado?

— Vai para dous annos e meio! Já nos tinha nascido este pimpolho, quando Sinhá e eu nos casámos, e foi justamente o que mais depressa me levou a legalisar a nossa união. Achas que fiz mal?

— Se ella o merecia, fizeste o teu dever.

— Se o merecia! E' uma mulher excepcional! Encontrámo-nos um dia, por acaso, num bonde...

— Essas cousas principiam sempre nos bondes.

— Sempre. Sympathisámos um com o outro. Poucos dias depois, ella entrava em minha casa para nunca mais sahir... Os nossos genios, os nossos gostos, os nossos sentimentos casavam-se perfeitamente. Nunca houve entre nós o menor dissentimento; a nossa felicidade nunca foi empanada pela inais ligeira nuvem!

— Encontraste uma phenix!

— Nasceu-nos esta criança e foi um motivo para que o nosso amor redobrasse. Ella era livre: dei-lhe o meu nome, sem indagar do seu passado, que não podia ter grandes vergonhas, que diabo! porque ella não era uma creatura corrompida nem depravada.

A sua historia é a de tantas outras infelizes, que perdem pae e mãe e são atiradas á maldade dos homens. Casámo-nos ha mais de dous annos, e ainda não tive, felizmente, occasião de me arrepender.

— Dou-te sinceros parabens. Tiraste a sorte grande na loteria do casamento.

— E tu?... ficaste solteiro?...

— Ha seis annos, antes de ir para S. Paulo (e foi essa uma das causas da minha partida), tive, como tu, um encontro no bonde, do que resultou uma ligação que não se pareceu nada com a tua; uma ligação que me afastou para sempre de viver com uma mulher sob o mesmo tecto. Depois disso, não quiz senão amores de passagem, amores que se pagam, como se paga um café no botequim.

— Lastimo-te, meu amigo.

— Imagina que me cahiu nos braços uma verdadeira megéira, um demónio, que transformou a minha existencia num inferno! Bastava que eu affirmasse uma cousa, para ella immediatamente jurar o contrario, e eu que replicasse! Num dia, em que esse diabo me atirou um prato á cara, sahi de casa e não voltei! Depois disso, nunca mais a vi, e, se a visse, era o mesmo: não me causaria a menor impressão. A tal sra. d. Margarida morreu para mim!

— Chamava-se Margarida? Que coincidencia! Tinha o mesmo nome da Sinhá!

— Está prompto o jantar! disse a dona da casa, entrando na sala.

Felizmente, o Espiridião, que se abaixára para tirar o Nhônho do collo do Oliveira, não percebeu o olhar surpreso que trocaram este e Sinhá.

Quando o marido os apresentou um ao outro, ninguém diria que elles se conhecessem tão intimamente.

— Minha senhora, disse o Oliveira, o Espiridião fez-me, nos termos mais eloquentes, o elogio de v. exa: folgo de cumprimentar o modelo das esposas.

— Oh! um modelo!... feito por elle. Não ha dous homens assim!

O magnifico jantarinho correu alegremente, embora o Espiridião fosse o mais expansivo dos tres, e, á sahida do Oliveira, em caminho do hotel, philosophando assim pela rua fóra:

— Decididamente não ha mulheres boas, nem mulheres más... A felicidade do casal depende, não de dous corações, mas de dous caracteres que se identifiquem um com outro. O amor é uma combinação.

E essa noite, na sua cama estreitada de solteiro, elle adormeceu agitado por alguma cousa que não sabia ao certo se era inveja ou melancolia.

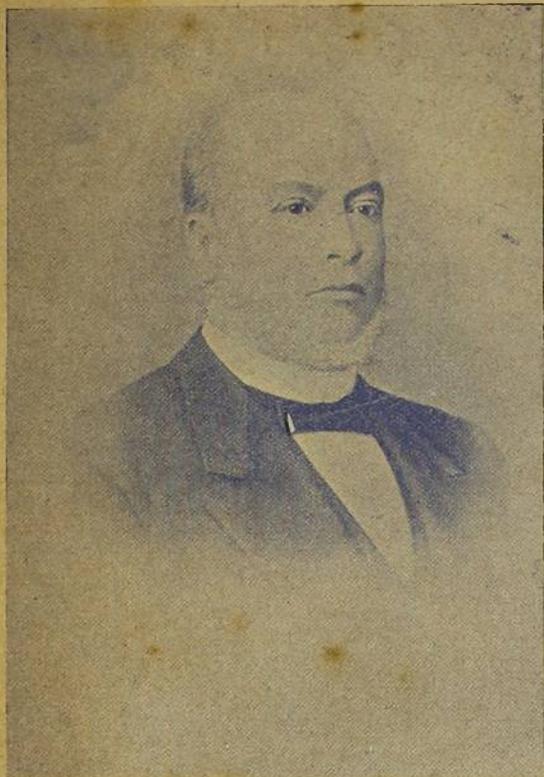
ARTHUR AZEVEDO

Depois da distribuição dos premios Paulo entra em casa de cabeça baixa enquanto Maria, sua irmã, carregada de livros e de premios, é cumprimentada por todas as suas collegas.

— Porque, Paulo, diz a avó, tu não trouxeste nenhum premio?

Maria, procurando desculpar o irmão — Ah! vovó! não o reprehenda que a culpa não é delle: não havi mais premios...

A voz da fama consola menos um moribundo do que a lembrança duma boa acção.



BARÃO DE PARANAPANEMA



BARONEZA DE PARANAPANEMA

Damos hoje á estampa as effigies de dous venerandos paulistas, que no seio da sociedade campineira lograram pôr em vigoroso destaque suas individualidades, pelos mais exuberantes actos de civismo e virtude.

O primeiro, o Barão de Paranapanema, fallecido a 18 de fevereiro de 1888, era filho legitimo do commendador Joaquim José Soares de Carvalho e da Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria Felicissima de Abreu Soares, agricultores abastados e probidosos no opulento municipio de Campinas, onde a familia Abreu Soares creou uma verdadeira aristocracia de raça. Pertenceu á grey do antigo partido conservador, de que foram prestimosos legionarios o Barão de Atibaia, Coronel Joaquim Quirino dos Santos e outros emeritos campineiros. Com seu pae, prestou serviços na revolução de 1842, conhecida por «Venda grande», e occupou varios cargos de eleição popular, como o attestam os seus contemporaneos. Tendo-se iniciado no commercio, abandonara cedo esta profissão, para consagrar-se ao cultivo da terra, em que tanto e tanto se notabilisou, ao ponto de serem invocados a miudo os seus conselhos de perito, para derimir quasi todas as contendas importantes que se suscitavam no municipio, peia forte dôse de bom senso que o caracterisava. Fôra sua mãe a doadora do terreno em que está implantada a Santa

Casa de Misericórdia de Campinas, e a esta instituição de caridade, como á do Pará, prestou, durante oestadio da vida, inesqueciveis serviços.

Na vida privada, foi um puro, e como tal timbrou em educar sua enorme familia, na escola do trabalho e da economia, temperando os preceitos domesticos com frisante exemplo da mais impolluta moral e modestia, despreendendo-se das grandezas humanas. Foi, se não nos falha a memoria, o derradeiro Barão de Campinas, por ter sido elevado a essa investidura a 15 de setembro de 1887; assim como o Barão de Atibaia, seu cunhado, tinha sido o primeiro campineiro que recebeu do Governo Imperial esta graça, a 15 de novembro de 1862.

A Ex.^{ma} Snr.^a Baroneza de Paranapanema é o mais bello prototypo da virtude, em todos os seus desdobramentos pela vida terrona.

Filha legitima do Capitão Antonio Elias de Toledo Lima e de D. Carolina Maria de Arruda Lima, honrados capitalistas, fôra em tenra edade á Campinas, para educar-se sob os desvelos de seu tio materno, o Barão de Atibaia. Ahi teve ensejo de conhecer o Barão de Paranapanema, com quem se consorciou, provindo deste enlacc a seguinte prole: Dr. Antonio Celestino Soares, Major Claudio Celestino de Toledo Soares, Capitão Paschoal

Celestino de Toledo Soares, D. Risoleta Soares Couto, D. Maria Angelica Soares da Silva, D. Amelia Soares de Toledo e D. Eudoxia Soares de Toledo, todos dignos representantes de tão distinctos progenitores. Cedo a desolação ferira o seu lar, e, passando ainda moça ao estado de viuvez, buscara no silencio carpir os seus soffrimentos e dedicar-se á educação apriorada de seus filhos, que a têm como espelho em todos os seus actos.

Sua preciosa existencia é — nem mais, nem menos — um holocausto á familia e á caridade, fugindo por principio ás enganosas pompas do mundo. Todos que se approximam de sua personalidade encontram nella o arrimo bemfazejo, que ella prodigaliza á surdina, sem alarde.

Seu tino administrativo é extraordinario: disso dá abundante cópia a felicidade rara em que ha conduzido seus negocios, através dos tufões que assoberbam a lavoura de annos a esta parte, quando homens experimentados têm sossobrado. Revela este facto o atavismo de seus illustres antepassados, troncos de familias que hoje luzem no Estado, e a que se filiam os Arruda Botelho e Toledo Pisa.

Todos os sentimentos altruisticos encontram eco no coração de nossa illustre patricia, cujo nome é aureolado em Campinas.

Taes são, em pallido bosquejo, as principaes notas de nossos biographados.

Conto de Natal

o o o

Um movimento desusado percorreu as regiões celestes. A phalange sagrada dos santos e dos prophetas mortos, das virgens e dos anjos luminosos cercava ansiosamente a doce estrella annunciada para sahir da geração terrena de Jacob.

Uma homenagem derradeira vinham render os felizes habitantes da Luz áquelle Jesus manso e bom, que lhes ensinava e guiava pelos campos infinitos das terras encantadas do céu.

Vinham todos, entoando hymnos de amor, receber ainda uma vez os effluvios de divina bondade e infinita sabedoria do missionario ardente e dedicado, que ia nascer entre os homens para chamar ao aprisco da virtude as suas ovelhas desviadas, imersas na maldade e na ignorancia.

E Jesus contemplou saudosamente essas legiões felizes de seres amigos, cuja vida paradisiaca ia abandonar, trocando-a pelo ingrato labor da Terra, onde penetraria dentro em pouco pelo seio virginal de Maria.

Sua alma angelica encheu-se de uma anciedade extranha e, por instantes, acreditaram-n'o talvez recioso e hesitante na perspectiva do trabalho herculeo, cujo amargo sabor experimentava já, na sua larga previsão de maior de todos os prophetas e sabios que têm vindo dar ao mundo um impulso regenerador e novo.

No concerto celestial de vozes que o animavam e confortavam na sublime tarefa, uma voz entre todas as outras, majestosa e calma, chegou-lhe aos ouvidos anciosos.

Era a voz carinhosa do Pae, em nome de quem ia fazer as curas maravilhosas de todas as enfermidades, de todos os aleijões e de todas as doenças, — as deformações do corpo e do espirito, sobretudo estas, as dores profundas e cruciantes dos corações sequiosos de justiça, de verdade e de esperanca.

Então, a voz grandiosa e creadora, repercutindo suavemente pelas ondas do ether, falou assim:

Filho meu, os homens são máus e enganadores: olha a multidão incançavel dos servos fieis, dos meus prophetas ámorosos que andaram pela Terra semeando o bem; os homens abandonaram-n'os, esqueceram a sua pregação de paz e amor; a muitos delles trucidaram e mataram na sua obstinada cegueira e insaciavel maldade. Olha Moysés, o vidente, o legislador das santas

virtudes, que os quiz conduzir a todos para a terra da Promissão, a terra mara vilhosa do sonho e da esperanca, manando leite e mel do seio fecundo. Rejeitaram-n'o como aos outros. Olha Isaias, clamando a palavra boa e vibrante: «misericordia quero e não sacrificio», e os homens empedernidos, cada vez mais dados aos sacrificios e as concupiscencias da carne. Olha o meu propheta amado, aquelle Elias rude e forte, envolto em sacco e cinza, interpellando os reis e os sacerdotes grosseiros, no seu apaixonado ardor da virtude elle proprio temeu os homens, voou ao céu e eil-o aqui em seu corpo de carne, esperando uma época de mais suavidade para voltar á sua missão.

Vê isso, filho meu divino e puro, e diz-me se não reccias o desfallimento de tua alma delicada nessa terra ingrata e perversa.

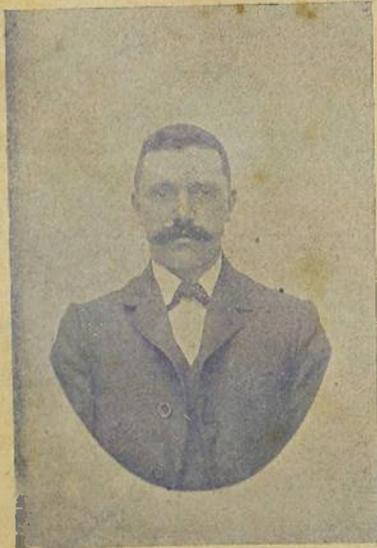
— Não, Pae, eu não receio os homens, desde que me destes o poder de amal-os com aquella força de amor com que me tendes amado desde o começo dos sculos. Irei ao planeta triste e desolado que me chama e espera desde as primicias gerações; irei consolar a todos os que ahí anceiam pela luz e suspiram pela justiça; irei aos pequeninos, aos pobres, aos desherdados, e guial-os-ei pela immensa escada de Jacob até essas alturas de brilho e felicidade onde Vós habitaes. Sómente, eu lhes quero suavisar esse caminho com o fulgor dessa estrella que me destes para illuminar-me os passos, essa doutrina, que é vossa, de fraternidade e paz, que renovará a face do infeliz mundo transformado.

Os grandes da terra, os sacerdotes e os principes dos padres, esses — bem o sei — não ouvirão a minha palavra e certamente receberei delles todo o mal que me puderem fazer, porque não Vos conhecem e como me hão de conhecer a mim, que provenho de Vós? Mas eu não vou para elles, Pae, vou para os pequenos e humildes; habitarei em seus corações innocentes e, enquanto estiver na terra, terei nelles o cco que agora vou perder. Essa esperanca me anima e dá forças para a missão que emprehendo. A tarefa é rude, Pac, mas já me sinto cheio de forças e vou partir para conquistar o mundo. Deixae os maus fazerem tudo quanto quiserem, Pae santo, eu terei as criancinhas para meu refugio, terei o coração amante da mulher para suavisar-me as feridas da jornada; ella tambem é uma criança grande, sempre aberta ao amor, á verdade e á justiça.

Os homens maus e enganadores me hão de perseguir e, talvez, até cheguem a trucidar-me, como aos prophetas que me precederam; mas, perdoac-lhes, Pae, se assim fizerem, porque não sabem o que fazem: cegos são e conduzidos por cegos — esses padres vaidosos e grosseiros que lhes deitam sobre os hombros cargas tão pesadas, que elles proprios não podem conduzir; mas quando lhes chegar tambem a hora da dor e do soffrimento, — o evangelho do amor e da justiça brilhará tambem para elles, com a solução unica das luctas desenfreadas das suas paixões, de seus odios, de suas



no municipio de Santa Rita do Passa-Quatro — Propriedade dos filhos do finado sr. Francisco Eduardo de Oliveira



JOSÉ DE PAIVA MAGALHÃES

Proprietario da conhecida agencia do jornaes na vizinha cidade de Santos e na qual é regularmente exposto á venda o *Album Imperial*.

O sr. José de Paiva Magalhães, socio da antiga firma Magalhães & C., é actualmente o unico proprietario da agencia; é negociante muito estimado e cultiva em Santos as melhores relações.



MARIO SAMPAIO

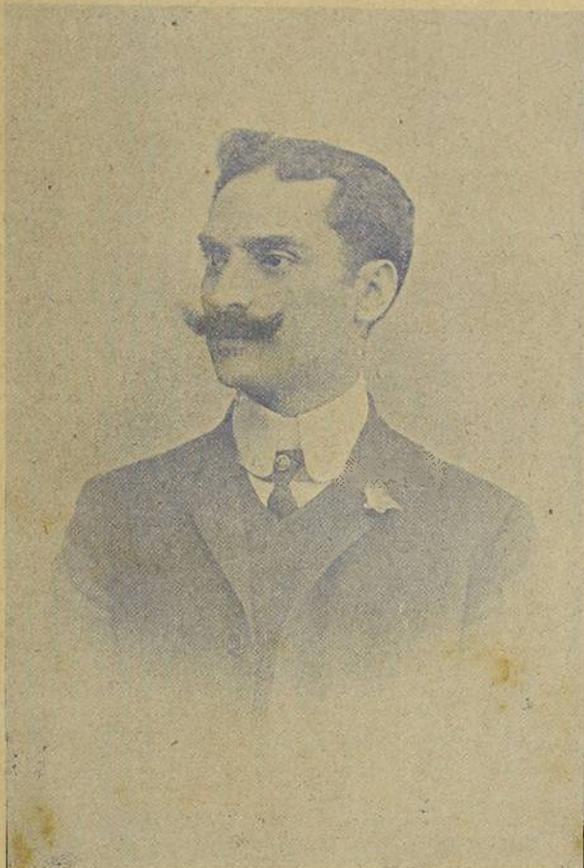
Distincto moço, estabelecido em Limeira, onde é dedicado agente do *Album Imperial*.

ALFAIATARIA **Casa de Luca** ALFAIATARIA
— DE —

ANTONIO DE LUCA

GRANDE SORTIMENTO DE CASEMIRAS,
BRINS, ROUPAS BRANCAS E ARMARINHO

Trabalha-se ao rigor da Moda  Roupas sob medida
Ao alcance de todas as bolsas



➔ Vêr para crêr ➔

Rua Barão de Jaguará, 52 - CAMPINAS

N. B. — Aceita-se qualquer encomenda, mediante pagamento mensal,
antecipando-se as roupas.

guerras, de todo o seu louco desvairamento; também elles repousarão um dia á sombra dessa arvore protectora que me enviaes a plantar, cançados afinal da longa obstinação do mal.

E haverá então um só rebanho e um só pastor. E o reino do céu virá então para a terra, essa terra arida de hoje, enfim regenerada e transformada numa cidade santa de liberdade, de justiça e de verdade, habitada por uma sociedade renovada e feliz. E eu terei vencido o mundo; mas, por ora, bastam-me os pequeninos: elles serão os meus apóstolos e, por elles, as gentes todas conhecerão a boa nova. Deixae-me ir, disse elle por fim, e, com o «gesto augusto do sementeiro» esperando uma abundante colheita, Jesus partiu.

Então, uma immensa nuvem rosea envolveu-o num grandioso fulgor e elle deixou o céu, no meio dos canticos e das vozes mysteriosas das cohortes do espaço.

Na Terra nascia um homem meigo e forte, tão grande e extraordinario em sua sabedoria, em suas virtudes e em sua maravilhosa previsão dos destinos sociaes, que os homens cegos, não querendo trilhar o caminho por elle indicado, transformaram em um deus inimitavel e inacessivel.

Mas os humildes o ouvem ainda, e a sua palavra singela e boa ainda hoje transforma os corações e suavisa e faz esquecer as enfermidades do corpo na lucta da vida.

Ainda uma vez, doce e luminoso Jesus, nasce para os simples e bons.

M. CURVELLO

Castigar com espirito

Um dia, ás seis horas da manhã, Guilherme II chegou inopinadamente — segundo o seu costume — ao quartel do 1.º regimento de dragões reaes, de guarnição em Berlim. Os esquadroes, já em columna de marcha, estavam promptos a partir, com os officiaes no seu logar; só faltava o coronel.

O imperador deu ordem para sobre-estar na partida, até que chegasse o commandante do regimento. Este sahio dos seus aposentos no fim de meia hora, e, quando viu o soberano esperando-o muito tranquillo no meio da parada, quiz correr para elle para lhe apresentar os seus respeitos e pedir-lhe desculpa. Mas o imperador, sem dizer palavra, fez-lhe signal para tomar o commando do regimento e pôr-se a caminho para o campo.

Durante o exercicio, a que assistiu até ao fim, o imperador não abriu a bocca. Depois, sempre sem dar palavra, sahio do campo e voltou a Berlim, deixando o desgraçado coronel preso do mais vivo terror, convencido de que a sua promoção estava para sempre compromettida.

Momentos antes de jantar, um correio batia á porta da casa do coronel e entregava á sua ordenança, da parte do imperador, um pequeno embrulho destinado ao 1.º regimento dos dragões reaes. A tremer, da cabeça aos pés, o coronel começou a desembulhar o mysterioso pacote de sua majestade... Era um despertador!

A nossa felicidade não passa de uma desventura mais ou menos consolada.



HOTEL DE

O Hotel de França tem sua historia.

Se quizermos escrevel-a, teremos de volver as nossas indagações a algumas dezenas de annos atrás.

Adquiriu-o mais tarde o velho Fretin e, de prosperidade em prosperidade, foi parar ás mãos de Guilherme Lebeis, que o comprou em 1.º de março de 1879.

não o considere um dos primeiros estabelecimentos que possuímos nesse genero.

O velho Lebeis! Quantas recordações não desperta este nome em todos os que fre-

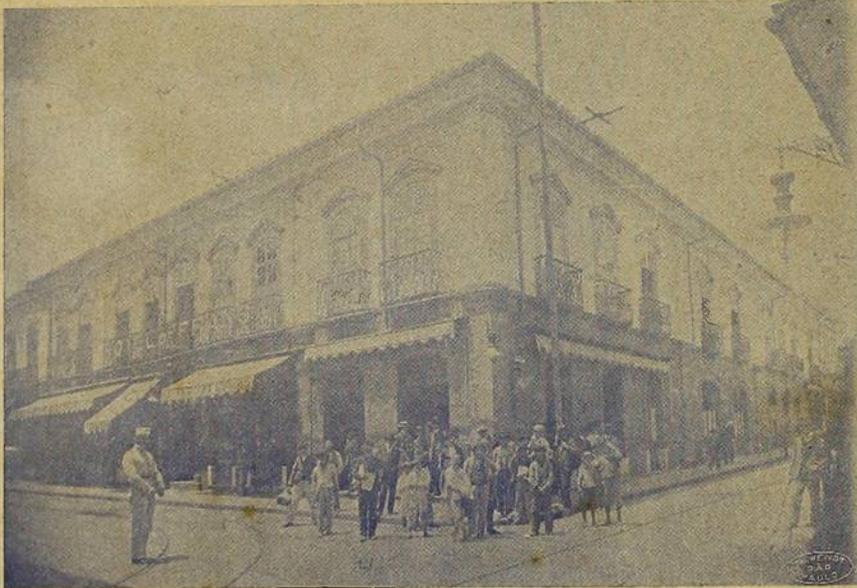
ça, por sua magnifica situação no centro urbano e, principalmente, pela affabilidade do seu proprietario, era o ponto em que, então, se davam *rendez-vous*, para palestra, os intellectuaes de S. Paulo e os estudantes. Era alli que se encontravam tambem os fazendeiros que vinham á capital, a negocio ou a passeio; os viajantes, a desembarcarem nas estações de estrada de ferro, não hesitavam na escolha de aposento — o Hotel de França.

E, grangando cada vez maior fama, o Hotel foi conquistando, simultaneamente maior terreno, augmentando sua installação, extendendo-se pela rua Direita e fundando em frente, com fachada tambem para a rua de S. Bento um *Supplemento*, para poder comportar os hospedes que de toda parte affluíam diariamente.

Em maio de 1891, Guilherme Lebeis vendeu-o á « Companhia S. Paulo Hotel », que tres annos depois o transferiu a Sebastião Lebeis.

O filho soube manter o nome do pae na direcção do estabelecimento, zelando com carinho de suas tradições e esforçando-se por eleva-lo cada vez mais (e o conseguiu) no conceito publico.

Rapida, porém, foi a passagem de Sebastião Lebeis na direcção do Hotel, pois em de-



HOTEL DE FRANÇA — FACHADA DO HOTEL.

Foi o velho Maragliano, cheie em S. Paulo dessa respeitavel familia que nos deu a gloria de possuirmos a distincta cantora d. Clotilde Maragliano, quem fundou o primitivo estabelecimento, que a principio se denominou *Hotel Paris*.

Foi então — se nos não enganamos — que o *Hotel Paris* se transformou em *Hotel de França*, denominação que ainda hoje conserva e pela qual se tornou tão popular e tão conceituado, que não ha ninguem que o não conheça e

quentaram o Hotel de França, no periodo que vai de 1879 a 1894!

A nossa capital, ha vinte annos atrás, estava longe de parecer-se com a bella cidade que hoje é rival das mais adelantadas. O Hotel de Fran-





FRANÇA

zembro de 1900 o cedeu a José da Cunha Barros, que por sua vez o transferiu à firma social Soares & C. Esta se dissolveu pouco tempo depois, assumindo a direcção do Hotel o sr. Alvaro de Barros, seu actual proprietario e ex-sociogereente daquella firma.

A nossa capital, com o assombroso desenvolvimento que ganhou ultimamente, viu-se dotada, de um dia para outro, de innumeros hotéis. O de França não ficou, nem podia ficar indifferente a esse movimento, e por isso o primeiro cuidado do seu actual proprietario foi a reforma completa do estabelecimento, no sentido de collocar-o á altura dos melhores de S. Paulo. E força é reconhecer que o conseguiu, nada lhe faltando para ser um hotel de primeira ordem.

Occupá o Hotel de França os altos de cinco vastos predios, um na rua de S. Bento e quatro na rua Direita, e dispõe de sessenta quartos, confortavelmente mobilados e naturalmente arejados pelas janellas, que se abrem, ou para as duas ruas, ou para o amplo pateo interior.

Salão de palcestra, salão de leitura, installação electrica, tanto de luz como de campainhas, banheiras, telephone, correio, serviço de mensageiros, — nada lhe falta para propor-

cionar todo o conforto possível aos hospedes, cujo numero augmenta dia a dia.

A sala de refeições é ampla e arejada; extendem-se alli as mesas de varias dimensões,

banquetes.

O sr. Alvaro de Barros, seu proprietario, reside com a familia no hotel e é elle quem pessoalmente, com a longa pratica de que dispõe, superin-

e quanto á adega, é de primeira ordem.

Accrescentemos que os *garçons* são diligentes e attenciosos e que a seriedade a toda prova é uma das qualidades



cobertas de alvo damasco, sobre o qual scintillam os crystaes e faisca o brunido crystofle dos talheres, á luz do dia ou á illuminação avelludada das lampadas electricas.

Dispõe ainda o Hotel de França de espaçoso salão para

tende todo o serviço, sendo incançavel na direcção do estabelecimento e de uma gentileza captivante para com todos os hospedes.

A cozinha, á brasileira, está sob a direcção de peritos mestres na arte de Brillat-Savarin

primordias do proprietario do Hotel de França, e nada mais precisaremos escrever para accentuar mais uma vez esta verdade sobejamente sabida por todos: — o Hotel de França é um estabelecimento que honra S. Paulo.



CASA GENOUD

Rua Barão de
Jaguara, N. 33

Casa Fundada em 1876

P. GENOUD  CAMPINAS

Importação directa ☆ Vendas por atacado e a varejo ☆ Comissão e Consignação

LIVRARIA, completo sortimento de romances, Livros classicos, de medicina, jurisprudencia, sciencia, litteratura, devoção, etc. — **Assignaturas para Jornaes e Revistas.**
Figurinos Metropolitan, Rainha da Moda, etc.  **GABINETE DE LEITURA** 
PAPEBARIA, Livros em branco de todas as qualidades. Artigos escolares e de escriptorio, engenharia, desenho e pintura. — **Estampas e Folhinhas. Trabalhos typographicos e Carimbos de borracha.** — **Artigos de Devoção.** — **ARMARINHO.**

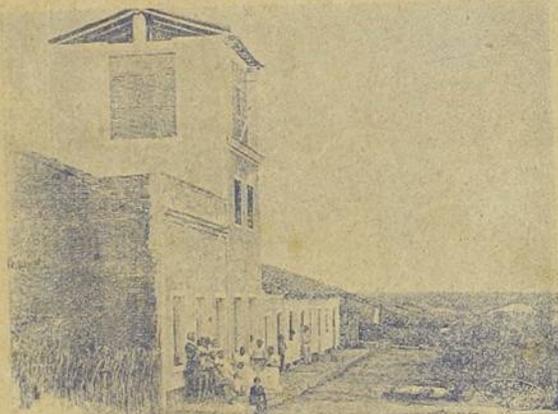
Perfumarias, Brinquedos, Objectos para presentes. — **BIJOUTERIA FANTASIA.**
Oculos e Pince-nez, Artigos de optica, Bilhar e photographia. — **Guarda-chuvas e bengalas.**

SEMENTES de flores e hortaliças (qualidade garantida) — **Bandeiras e bantervas.**

HOMEOPATHIA — **Artigos de Carnaval** — **FOGOS DE SABÃO**

MUSICA — **Pianos e instrumentos.** — **Acceita-se qualquer encomenda para a Europa.**

 Grande e variado sortimento de Cartões Postaes Illustrados 



Estação Meteorologica de Quixeramobim — Ceará

HOTEL DA EUROPA

Rua Dr. Quirino, 55 * CAMPINAS

O mais antigo. Commodos especiaes* para familias

Acceita pensionistas e manda pensão para fóra

Adega de 1.^a ordem

Promptidão e asseio 

 Modicidade nos preços 



UHRENHANDLUNG

Relojoaria e Ourivesaria

** de **

Antonio Flaquer

Rua 13 de Maio, 16 * CAMPINAS

Pedro de Magalhães

Advogado

ESCRITORIO:

Campinas

RUA BERNARDINO DE CAMPOS, 12

Fabrica de chinelas de liga



Constantino de Souza heile Cabral

Souza, Aguiar & C.

N. 30 - RUA 25 DE MARÇO - N. 30

—○— SÃO PAULO —○—

QUANDO resolvemos organizar uma edição extraordinária de Natal, desde logo assentámos em aproveitar esse ensejo para dispensarmos algumas paginas ás industrias do nosso Estado, afim de o *Album* patentear aos leitores o grau de adeantamento que as mesmas attingiram em S. Paulo, nestes ultimos annos.

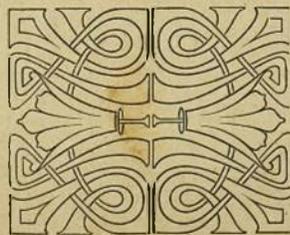
Se é fóra de duvida que a nossa capital pouca cousa tem a invejar ás mais adeantadas cidades do mundo, a ponto de ser considerada com justiça, depois do Rio de Janeiro, a primeira capital brasileira, e superior a esta sob muitos as-

pectos, não é menos certo que o espirito de iniciativa peculiar ao paulista e a todos quantos deste se approximam tem sido a vara magica que dia a dia vai transformando a capital, extendendo a sua área por todos os pontos dos antigos campos de Piratininga, convertendo varzeas e mattas em arrabaldes risonhos, rasgando ruas e avenidas, embelezando praças publicas e em toda parte creando esses fôcos de actividade que são outras tantas fabricas, onde o operario vê sobejamente compensado o seu trabalho e remunerada a sua energia na lucta pela vida.

Estado que concorre aos



Albino Cabral — Arlindo de Aguiar — Constantino Cabral — Francisco de Mesquita



mercados estrangeiros com a maior produção de café da terra inteira; Estado cuja capital é a terceira do mundo, em desenvolvimento rapido, só se lhe avantajando a esse respeito Sidney e Chicago; Estado que a Natureza dotou com prodigalidade, não lhe negando nenhum dom para que possa conquistar no paiz o logar saliente que lhe compete, S. Paulo pôde hoje orgulhar-se de ser, não só eminentemente agricola, como tambem industrial, representado esse ramo de actividade em innumeras fabricas, que florescem na capital, como no interior, supprindo a praça de produ-

ctos que, importados antigamente, se tornavam muita vez inacessiveis ao consumidor.

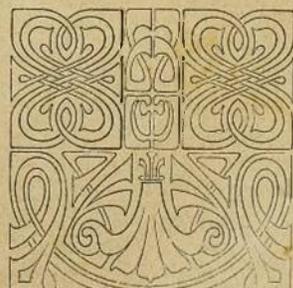
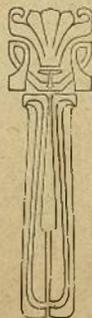
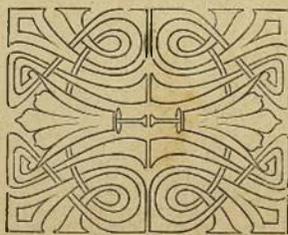
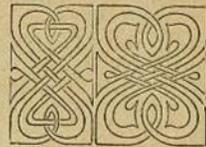
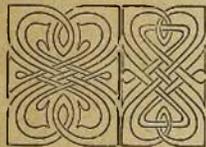
A prova do quanto pôde a iniciativa particular, quando energeticamente associada ao trabalho, á economia e á perseverança, — temol-a, entre outras, no importante estabelecimento industrial de que nos vamos occupar nestas paginas.

Antes de tudo, convém accentuar que, se é antiga em S. Paulo, por exemplo, a industria de fiação e tecidos propriamente dita, modernissima é a de *chinelas de liga*, em suas varias especies.

Ha dez annos passados, era, com effeito, completamente des-



Souza, Aguiar & C. — Fachada do edificio da fabrica



conhecida em S. Paulo essa industria, e, senão toda, quasi toda essa especie de calçado nós a importavamos de Portugal e da França, custando então a chinela de liga, onerado o preço pelo tributo aduanciro, mais do dobro por que é actualmente vendida.

Foi a firma Bellegarde & C. que, em 1897, tentou pela primeira vez nesta capital essa industria, estabelecendo-se no antigo Cortume da Barra Funda, mas com tão pouca felicidade, que dentro de alguns mezes se via na contingencia de fechar a fabrica, por muitos motivos, mas principalmente devido à desorganisação do

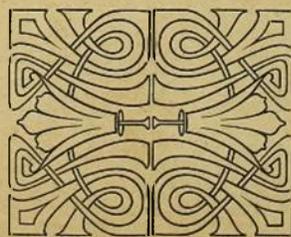
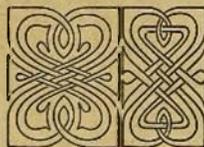
trabalho, consequente da falta de pessoal perito.

Passou então o estabelecimento á propriedade de Abreu Filho & C., sendo commanditario da firma o sr. coronel Figueiredo e gerente da casa o sr. Manoel Bastos, que assumiu tambem a direcção da fabrica das chinelas de liga.

Mas, não obstante a bõavontade dos dignos industriaes, os seus esforços e a sua dedicação, a nascente industria continuava a luctar com as mesmas difficuldades que tinham assoberbado os primitivos proprietarios da fabrica: — deficiencia completa de pes-



Souza, Aguiar & C. — Vista de frente das officinas em geral



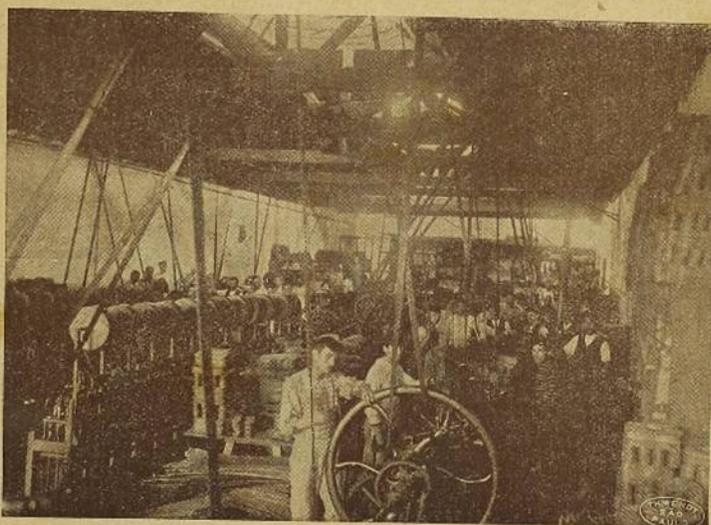
soal para o preparo exterior dos escarpins.

Começou esse serviço a ser feito pelos presos da Cadeia Publica, mas sem grandes vantagens ou, melhor, sem vantagem alguma, á vista dos prejuizos que vinha soffrendo a fabrica, até que nova feição tomaram as cousas com a entrada, para a gerencia, do sr. Constantino de Souza Leite Cabral, que chegára do Rio em 1899, especialmente contractado para esse fim.

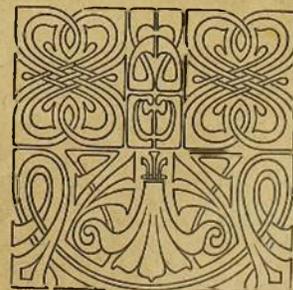
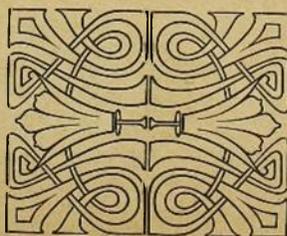
O novo gerente, que, aos conhecimentos technicos da industria, associava longa pratica, verificou ao primeiro exame que a organização do trabalho

peccava pela base, e dahi o avultado prejuizo de oitenta contos de réis, verificado no balanço a que procedeu por occasião de assumir o cargo.

Para remediar o mal e salvar a nascente industria de uma fatal ruina, o sr. Constantino Cabral resolveu iniciar o fabrico de outra fôrma e, em vez de confiar o serviço dos escarpins aos detentos da Cadeia, fundou como que uma escola de aprendizes do officio, na qual se empregavam de preferencia mulheres, que não tardaram a ser peritas operarias. Actualmente, contam-se nada menos de duas



Souza, Aguiar & C. — Secção de cylindrar e cortar as solas



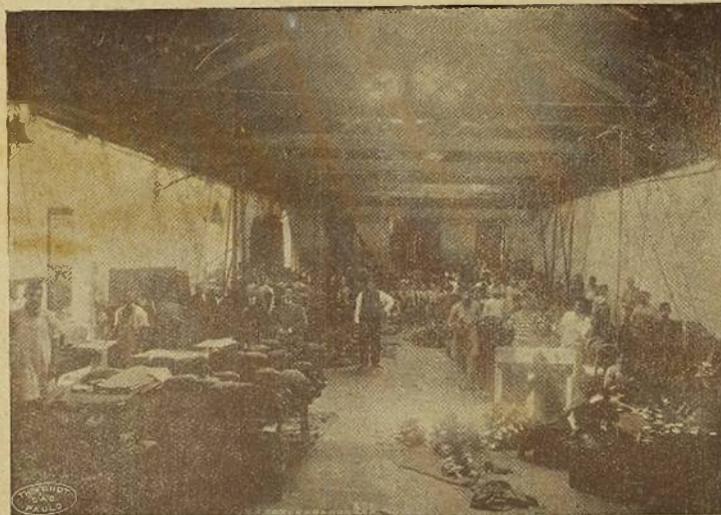
mil as que em S. Paulo se occupam nesse serviço.

Ficava assim, para sempre, remediada a principal difficuldade que se antolhava ao fabrico das chinelas de liga e, como acabamos de vêr pelo exposto, pode-se affirmar sem receio de contestação que foi o sr. Constantino Cabral quem fundou no nosso Estado essa hoje florescente industria; não passava, a principio, de uma tentativa bem intencionada, mas mal encaminhada: foi elle quem a encaminhou devidamente, resolvendo o problema de que outros vieram aproveitar-se, fundando depois fabricas similares em S. Paulo.

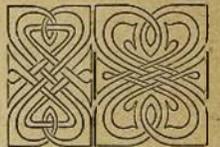
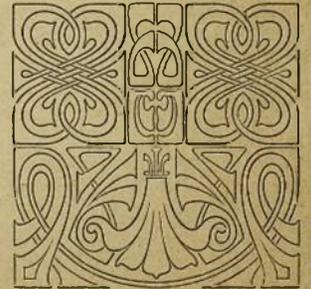
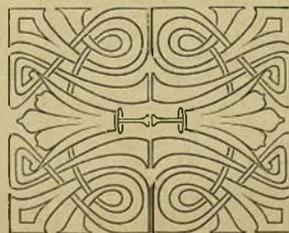
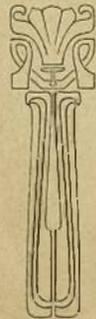
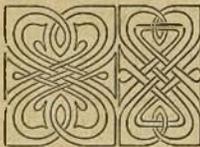
Não serão, pois, destituidas de justiça algumas linhas biographicas de quem tanto tem icito pela nossa industria e, consequentemente, pela riqueza paulista.

Assim, antes de tratarmos da importante fabrica de que elle é um dos socios, façamos em poucas linhas a sua biographia.

Não ha muito a dizer a esse respeito: — a existencia de um moço, passada serenamente no trabalho, não pôde contar-nos muita cousa; mas devidamente julgada, della se tira a lição de que a força de vontade, o trabalho e a perseverança, quando de harmonia



Souza, Aguiar & C. — Secção do côrte dos lapetes, de um dos lados; ao fundo, a vista geral da fabrica, e ao lado opposto, a secção do acabamento, etc.



com a integridade de caracter, compensam largamente os que fazem dessas qualidades os attributos de sua vida.

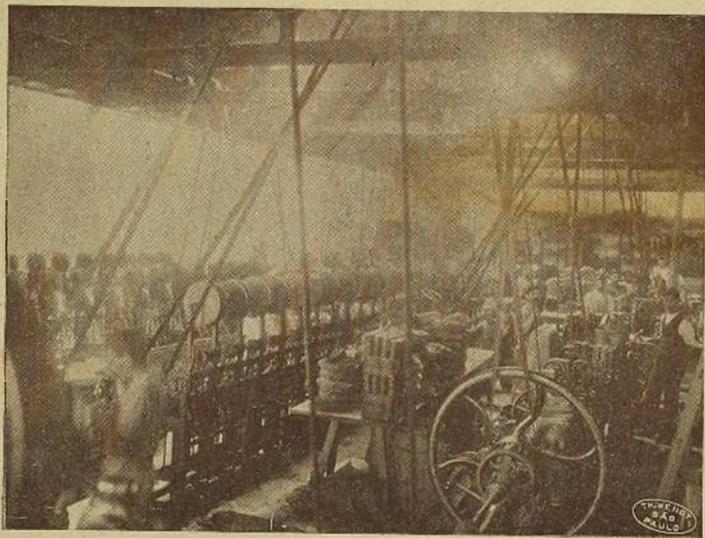
O sr. Constantino de Souza Leite Cabral, cujo retrato figura na primeira pagina desta noticia, nasceu na cidade de Formiga, Estado de Minas, a 18 de julho de 1864.

E' filho do sr. Joaquim de Souza Leite Cabral, antigo negociante, já fallecido, homem de grande illustração e que exercêra, na comarca, entre outros, o cargo de promotor publico, e da exm.^a sr.^a d. Anna Candida Cabral, que ainda vive naquella cidade mineira.

E' neto, pelo lado materno, do sr. tenente Albino Ribeiro da Silva e da exm.^a sr.^a d. Gertrudes Ribeiro da Silva, e, pelo lado paterno, do illustre almirante portuguez Constantino Leite Cabral e da exm.^a sr.^a d. Joaquina Leite Cabral.

O nosso biographado é o mais velho de quatro irmãos, um dos quaes é seu interessado na fabrica de que vamos dar noticia.

Fez seus primeiros estudos em collegios de sua terra natal e, depois, no Rio de Janeiro, tendo prestado exame de alguns preparatorios no Mosteiro de S. Bento, pois destinava-o seu pae para a



Souza, Aguiar & C. — Vista, de um lado, da secção de teares, e do outro lado, secção de preparação das solas

carreira da engenharia. Mas outra era a inclinação do joven mineiro, que, deixando os estudos, se dedicou ao commercio, como primeiro passo para a industria, que foi sempre o seu desejo.

Simplez empregado a principio e mais tarde guarda-livros da firma Casimiro Ribeiro & C., do Rio, entrou em 1893 a figurar como chefe da firma Cabral, Veiga & C., da mesma praça, estabelecida á rua da Quitanda, n. 22-B, com fabrica de calçados.

Foi, porém, infeliz nessa primeira tentativa de industrial; o capital que havia reunido á custa de muito trabalho e eco-

nomia, elle o perdeu ahi. Por essa occasião, conhecidas como eram a sua competencia e a sua probidade, a firma Abreu Filho & C., a que já nos referimos, chamou-o a S. Paulo, para assumir a gerencia da fabrica da Barra Funda.

Com o fallecimento, pouco tempo depois, do socio Abreu Filho, deixou aquelle cargo, resolvendo estabelecer-se em 1900, sob a firma Souza & Aguiar, para o negocio de couros.

O capital da casa era apenas de tres contos e quinhentos mil réis. Nem mais um vintem.

O negocio prosperou simul-



Souza, Aguiar & C. — Secção das machinas para a trançagem da liga para tecelagem dos escarpins

taneamente com a modesta fabrica de chinelas de liga que a firma estabeleceu no mesmo anno, á rua dos Guayanazes, 143.

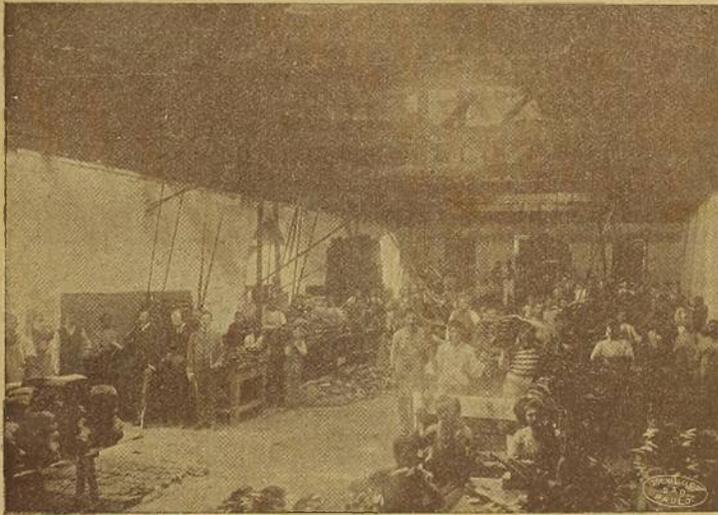
Em fevereiro de 1902, constituiu-se nova firma — a de Souza, Aguiar & C., fazendo della parte, como socios solidarios, além do sr. Constantino Cabral, o sr. Arlindo Rodrigues de Aguiar e Francisco Pereira de Mesquita, tendo como interessado o sr. Albino de Souza Cabral.

Convém notar que todos os socios da firma trabalharam como empregados na antiga fabrica de Abreu Filho & C. e que os tres ultimos figura-

ram nessa qualidade no quadro do pessoal da fabrica do sr. Constantino Cabral, até serem socios os dous primeiros e interessado o terceiro, pelos seus bons serviços e comprovada dedicação.

Constituida a firma Souza, Aguiar & C., a fabrica, bafejada constantemente pela prosperidade, tomou novo impulso, e da rua dos Guayanazes, n. 143, passou a funcionar em 1902 no vasto predio da rua 25 de Março, n. 30, onde eram anteriormente estabelecidas a fabrica de tecidos *Votorantim* e a actual Distillaria S. Caetano.

O predio é propriedade da



Souza, Aguiar & C. — Uma vista da secção de acabamento das chinelas

firma. O nosso *cliché* mal dá uma idéa do edificio, que, tendo passado por muitas reformas, se adapta perfeitamente ao funcionamento da fabrica.

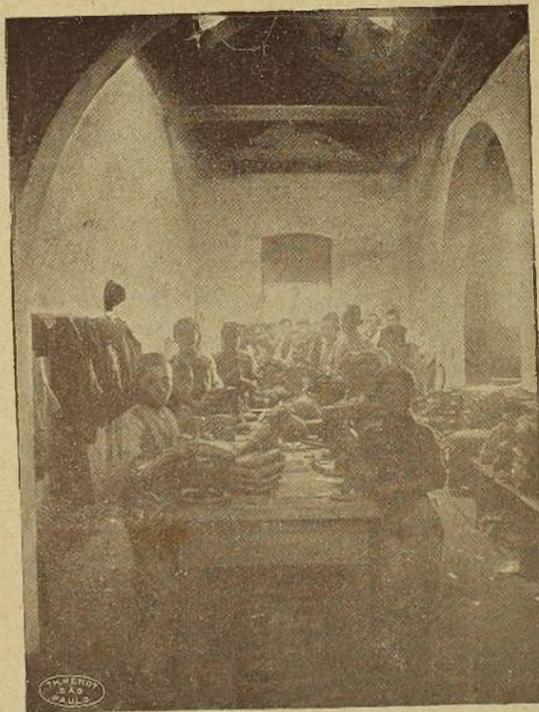
No pavimento superior, reside com sua exm.^a familia o socio sr. Francisco Pereira de Mesquita; no pavimento inferior, estão installados o escritorio geral; a secção de distribuição de fios ás operarias externas e de recebimento dos escaarpins feitos fóra da fabrica; a secção de carpintaria; a de montagem das chinelas; a do fabrico da liga; a dos cortadores das chinelas; a do córte da sola; a do acabamentoo geral da obra fabricada;

e a do motor, que é de quinze cavallos de força, sendo esta fornecida pela *Light and Power*.

Noutro edificio assobradado, annexo ao corpo principal da fabrica, estão installados, no pavimento terreo, o almoxarilado (deposito de sola, fios, papellão, papel, etc.) e, no pavimento superior, a secção de empacotamento, a da expedição e a do fabrico de calçados para crianças.

Todo o edificio é illuminado á luz electrica, fornecida egualmente pela *Light and Power*.

Além do predio da rua 25 de Março, n. 30, e suas de-



Souza, Aguiar & C. — Secção da montagem das chinelas *Cara de gato*, charlotte, sandalias, chinelas de chagrin e de diversas outras qualidades

pendencias, tem a fabrica um deposito á rua Florencio de Abreu, n. 31, onde negocia em couros, lona e outros artigos do mesmo ramo industrial.

Vejam os productos dessa florescente industria.

A fabrica dos srs. Souza, Aguiar & C. prepara:

Chinelas de liga, de 1.^a, 2.^a e 3.^a qualidade;

Chinelas de *tapete*, denominadas commummente *Cara de gato*, de 1.^a, 2.^a e 3.^a qualidade;

Chinelas de *charlotte*, tambem de tres qualidades;

Chinelas de *chagrin*, feitas á machina e *viradas*, isto é, palmilhadas á mão (duas qualidades);

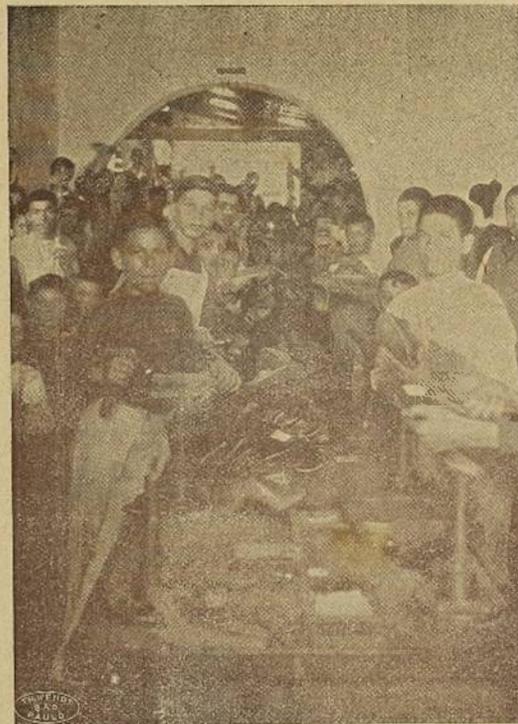
Chinelas de *feltro*, para o frio. Tambem de tres qualidades e que a fabrica exporta em grande porção, todos os aos, pranna os Estados do Sul;

Chinelas *orientaes*, feitas de reps de varias côres e com caprichosos bordados;

Sandalias de bezerrinho, de 1.^a, 2.^a e 3.^a qualidade;

Ditas de *chagrin*, egualmente de tres qualidades;

Ditas de *velludo*, tambem de tres qualidades e bordadas a frôco de seda, com os mais variados e lindos desenhos;



Souza, Aguiar & C. - Secção de montagem das diversas qualidades de chinelas

Ditas *Cara de gato*, *charlotte* e *tapete*;

Sapatos de lona, de 1.^a e 2.^a qualidade e de diversas côres: — preta, branca, *marron*, etc.

A fabrica, que se limitava até ha pouco tempo ao preparo de chinelas e sandalias das varias qualidades acima, addicionou ultimamente a esse fabrico uma secção para o preparo de calçados para crianças, satisfazendo assim a uma necessidade ha muito reclamada, pois não finhamos em S. Paulo estabelecimentos nesse genero que pudessem supprir devidamente a praça. Essa nova secção da fabrica dos srs. Souza, Aguiar & C. mereceu particu-

lar cuidado dos dignos industriaes, que a montaram a capricho, dotando-a dos mais apericeoados machinismos e confiando-a a operarios de comprovada pericia.

Fabricam-se alli calçados de todas as qualidades para crianças e meninos, sendo já enorme a extracção desses productos, principalmente as botinhas e os borzequins, que se recommendam ao consumo, não só pelo preço, como tambem pela solidcz e pelo bem acabado da obra.

A principal materia prima da fabrica — a sola — é producto nacional ou, melhor,



Souza, Aguiar & C. — Secção da carpintaria, onde se fazem as diversas formas para as chinelas

paulista, pois é obtida, nos cortumes desta capital.

Não é pequena a verba que com isto despende o estabelecimento.

Basta dizer que a fabrica regula consumir a importante média mensal de 1.500 meios couros, ou sejam 18.000 por anno, equivalentes a 21 contos de réis por mez, ou 252 contos annuaes, que tanto gasta a fabrica com aquelle artigo e em benefício dessa outra industria nacional, qual seja a dos cortumes.

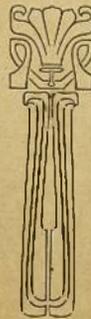
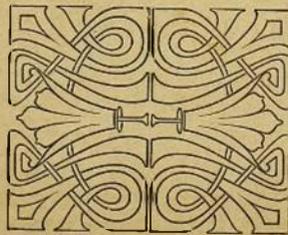
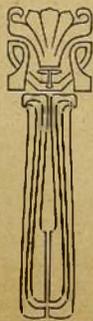
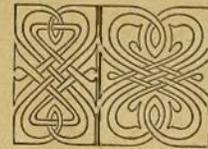
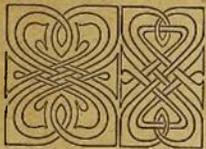
Tambem é producto nacional a lona que emprega nos respectivos calçados, pois é preparada nas nossas fabricas de tecidos.

Provêm egualmente da industria do paiz as diferentes qualidades de forros, como sejam tecidos de algodão finos e grossos, com os quaes a fabrica despende, annualmente, uma verba de cinquenta contos de réis para cima: papelão, papel, etc., sendo todo o papel pardo fornecido pela casa Klabin e preparado na fabrica do Salto de Ytú.

A vista da crescente accitação que em toda parte do Brasil têm alcançado os seus productos, e afim de dar maior desenvolvimento á industria, o sr. Constantino Cabral resolveu fundar na Villa Prudente, como dependencia da fabrica



Souza, Aguiar & C. — Secção do recebimento dos escarpins



da rua 25 de Março, um grande estabelecimento para o preparo das fitas para as chinelas, escarpins de liga, fitas de seda e tapetes diversos (*Charlotte, cara de gato*, etc.) Essa nova fabrica já está funcionando, sob a firma de Leite, Santos & C.

Como se vê, a principal materia prima da fabrica é producto da industria nacional. Do estrangeiro importa os fios, tanto de juta, como de lan, da Inglaterra, da França e da Belgica; os de lan já vêm tingidos do Exterior, e não o são aqui, por não haver em S. Paulo tinturarias proprias, tanto que os incançaveis indus-

trias, projectam estabelecer uma para aquelle fim.

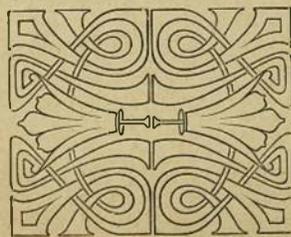
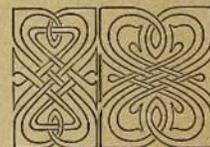
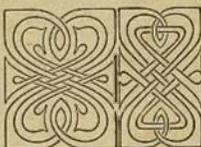
São tambem importados da Inglaterra os fios para a costura, hem como os tapetes em geral, até que a nova fabrica da Villa Prudente possa fazer o supprimento desses productos.

Quanto aos cadarços empregados nas chinelas, são em parte fabricados aqui e em parte importados.

A producção da fabrica, que era a principio apenas de 200 a 300 duzias de pares de chinelas por mez, passou a ser actualmente de 4.000 duzias, com tendencia para mais. Estes algarismos falam, mais elo-



Souza, Aguiar & C. — Secção de empacotamento e expedição — Secção do fabrico de calçados para crianças



quentemente do que as palavras, do desenvolvimento e da prosperidade da fábrica dos srs. Souza, Aguiar & C.

Quasi todos os productos são collocados nas praças de S. Paulo, Rio e Minas, sendo já consideravel a exportação para os Estados do Norte e do Sul do paiz.

Não precisamos recomendar os productos desta fabrica; o seu melhor elogio está no seguinte: de todas as fabricas similares do Brasil (em S. Paulo ha mais duas e no Rio ha diversas), FOI A UNICA QUE NA EXPOSIÇÃO DE S. LUIZ OBTVEU A **MEDALHA DE OURO**.

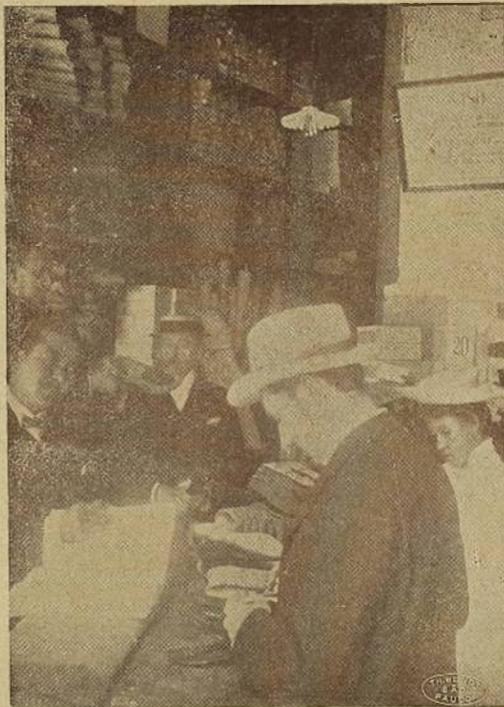
Entre os clichés que repro-

duzimos, figura o da marca da fabrica, que está devidamente registrada na Junta Commercial de S. Paulo e na do Rio de Janeiro, notando-se, porém, que a marca para as chinelas de liga consiste apenas na palavra *Excelsior*, gravada a carimbo de pressão.

O pessoal da fabrica divide-se em duas categorias distintas: interno e externo.

O pessoal interno, que vem reproduzido numa das nossas gravuras, é constituído de operarios de todas as edades, nos quaes se notam muitas crianças.

São em numero de 130 a



Souza, Aguiar & C. — Secção de expedição de amostras



◊ Marca da fabrica ◊



Souza, Aguiar & C. — Grupo dos operarios internos da fabrica e outros empregados

Não é vivendo muito tempo, mas observando muito, que se aprende alguma cousa.

150 e os seus salarios variam de 8\$000 a 1\$200 por dia.

O pessoal externo, que oscilla entre 500 a 600 pessoas, é composto exclusivamente de mulheres, que trabalham no feito das chinelas de liga e nos pespontos dos calçados e chinelas de tapete. Cada operaria recebe 2\$500 a 3\$000 por dia, sendo o pagamento feito regularmente no fim de cada mez.

A verba que a fabrica despende com os operarios regula de 15 a 20 contos de réis mensaes.

O chefe geral de todas as secções da fabrica é o socio sr. Francisco Pereira de Mes-

quita, que sabe alliar perfeitamente a energia com a bondade, de tal fórma que nem uma só queixa se levantou ainda dos operarios contra elle; estimam-no e todos trabalham satisfeitos.

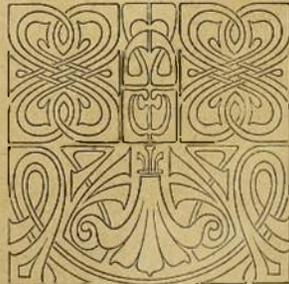
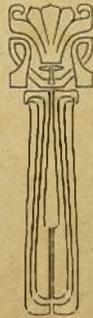
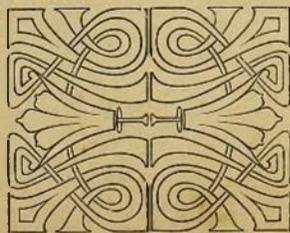
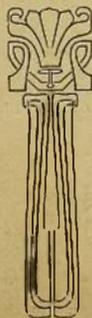
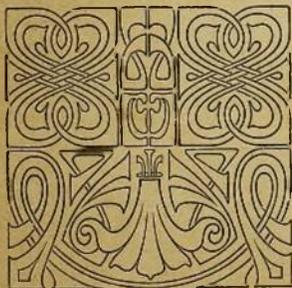
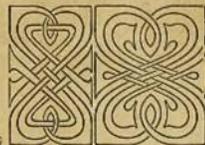
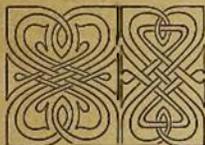
A fabrica funciona todos os dias uteis, das 6^h da manhã ás 5^h da tarde, mas dentro em pouco, augmentado o pessoal, trabalhará tambem de noite, para poder attender aos pedidos, que crescem dia a dia.

* * *

A escripturação da fabrica está confiada á cuidadosa direcção do sr. Albino de Souza Cabral, um esiorçado auxiliar dos laboriosos industriaes e



Souza, Aguiar & C. — Escritorio geral



a cuja actividade e dedicação se deve em parte a prosperidade do estabelecimento.

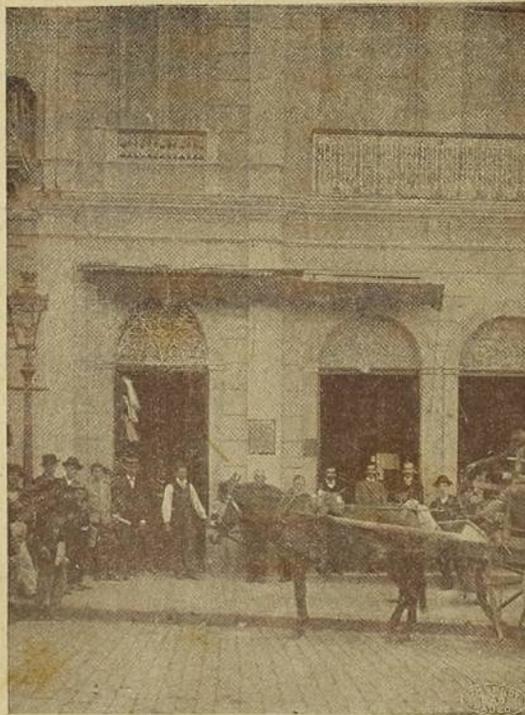
* * *
Falámos no principio desta noticia do sr. Constantino Cabral, sem duvida o iniciador da industria das chinelas de liga em S. Paulo.

Justo é que nos occupemos tambem dos seus dignos socios, srs. Francisco Pereira de Mesquita e Arlindo Rodrigues de Aguiar.

O primeiro, como já dissemos, é o chefe geral das diversas secções da fabrica. Accrescentemos que é filho de Portugal, pois nasceu na freguezia de Loureiro, comarca

do Peso da Regoa, a 3 de agosto de 1858. Vindo para o Brasil, trabalhou como simples operario numa fabrica de calçados do Rio, transferindo-se depois para S. Paulo, onde, á custa de trabalho e de perseverança, conseguiu a posição honrosa que hoje occupa na nossa sociedade.

Quanto ao sr. Arlindo de Aguiar, cuja figura sympathica mal se adivinha na photographia do *Album*, é espirito-santense. Nasceu na cidade da Victoria, a 4 de março de 1877, e desde muito cedo dedicou-se ao commercio, estabelecendo-se no Rio, com casa de fazendas e armazinho, de sociedade



Souza, Aguiar & C. — Deposito da fabrica, á Rua Florencio de Abreu, 31, e secção das vendas a varejo

com o seu irmão sr. Eustachio Rodrigues de Aguiar, já fallecido.

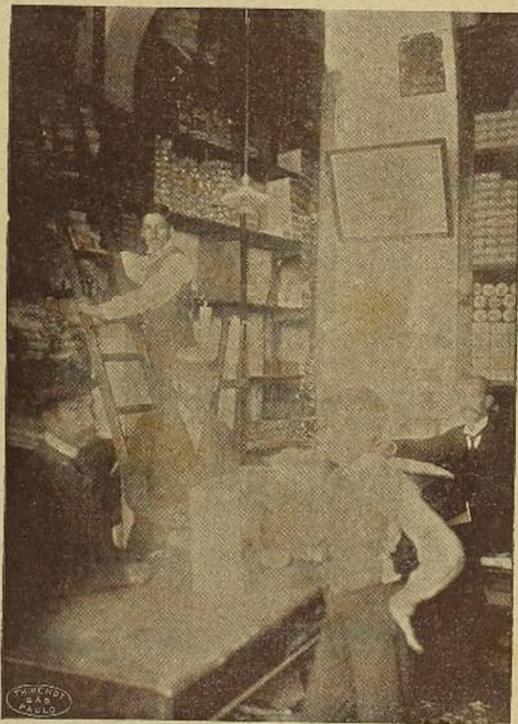
Dedicou-se depois á industria, trabalhando nesta capital na fabrica dos srs. Abreu Filho & C.; foi alli que o sr. Constantino Cabral, conhecendo suas aptidões, delle se approximou e a elle se uniu, ligando-os hoje, além dos laços de amizade e de interesse industrial, os de familia. pois o sr. Constantino Cabral é avô das galantes crianças que fazem o encanto do lar do estimavel moço.

O sr. Arlindo de Aguiar é o chefe do deposito de couros, da secção de expedi-

ção, empacotamento e vendas a varejo.

Ponhamos agora nestas linhas o ponto final. Mas, antes de fazel-o, accentuemos mais uma vez que, graças aos srs. Souza, Aguiar & C., a industria das chinelas de liga chegou em S. Paulo ao seu maximo desenvolvimento; seus productos fazem, pelo preço, como pelo perfeito acabamento da obra, franca concorrência aos similares estrangeiros.

As diversas fabricas do Brasil têm capacidade para produzir 50.000 duzias de pares por mez, ou seja a importante cifra de 600.000 pares por



Souza, Aguiar & C. — Interior do deposito e secção de varejo de couros e chinelas

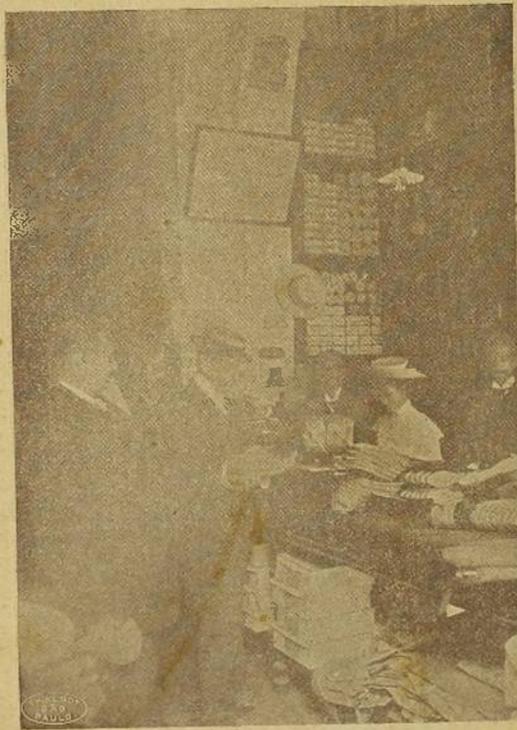
anno, sendo de notar ainda que o preço do producto é muito menos da metade do que antigamente, quando o importavamos de Portugal e da França.

A fabrica dos srs. Souza, Aguiar & C. — accrescentemos ainda — está aparelhada para se tornar em breve a primeira do Brasil e talvez mesmo sem rival no mundo, por poder, dentro em breve, substituir o trabalho que é hoje feito á mão por machinas que são privilegio seu, unico e exclusivo.

* *

Não terminamos sem frisar que, em 1900, a fabrica, que

hoje tem um capital realizado de duzentos contos de réis, dispunha apenas de tres contos e quinhentos mil réis. Foi assim, modestamente, que ella iniciou essa industria em S. Paulo. Era pouco; quasi nada. Mas prestou-lhe o apoio forte do seu auxilio a importante casa da praça do Rio, — Beuttermüller & C. — a qual mantém até hoje transacções commerciaes com a firma Souza, Aguiar & C., que soube corresponder gallhardamente á confiança nella depositada; nem outro tem sido o procedimento dos operosos industriaes em todas as suas relações.



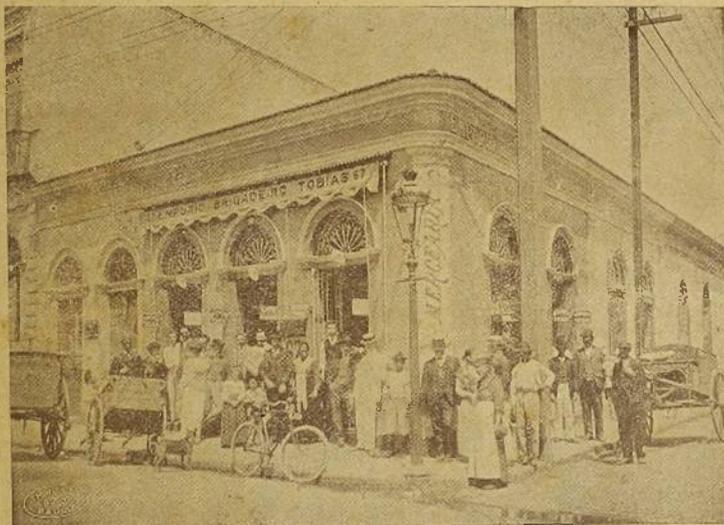
Souza, Aguiar & C. — Outra vista do interior do deposito

A MULHER

EMPORIO BRIGADEIRO TOBIAS

ESPECIALIDADE EM MOLHADOS FINOS
 GENEROS DE PRIMEIRA QUALIDADE

A. Teixeira da Silva



COMMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

VINHOS, CONSERVAS ALIMENTICIAS. BISCOUTOS INGLEZES,
 CHÁ, CAFÉ E DOCES EM CALDA

MODICIDADE NOS PREÇOS

Rua Brigadeiro Tobias, 67

Telephone N. 984 **S. Paulo** Rua Episcopal, 9-A

Aos 12 annos, é a chrysalida que espera a luz do amor para tornar-se dourada borboleta; aos 13, é um poema lyrico a que falta a ultima estrophe; aos 14, é um hymno de harpa eolia; aos 15, é um astro em torno do qual rodopia a graça, a harmonia e o amor; aos 16, é uma estatua de Madona que procura um coração de homem para delle fazer o seu altar; aos 17, é um cofre adamantino que guarda *algumas joias*; aos 18, é uma poetica noite de estio illuminada pelo doce clarão das estrellas; aos 19, é uma tarde cujo perfume embalsama muitos corações; aos 20, é uma harmonia de Lamartine unvida pelo pranto de Julia; aos 21, é a estrella Vesper chorando sobre o balcão de Julieta; aos 22, é uma lagryma da noite banhando um tumulo de virgem; aos 23, é um arroyo prateado, a serpentear por lindos vergeis; aos 24, é um pendulo entre a duvida e a esperança; aos 25, é uma harmonia de Bellini cantada em noite de luar, mas que não encontra ouvintes; aos 26, é a ultima edição de um romance que gosou fama; aos 27, é uma dhalia que ainda conserva o aroma dos salões; aos 28, é uma estrella que se apaga ao clarão da alvorada; aos 29, é um sol envolto em brumas; aos 30, é a tarde enrolada no manto do crepusculo; aos 31, é o crepusculo abraçado com a treva; aos 32, é uma lyra cujas cordas começam a partir-se; aos 33, é a crença religiosa, na falta da crença do amor; aos 34, é um berço a embalar crianças; aos 35, é um tope de violetas depois de tres noites de baile; aos 36, é uma palavra que não tem rimas no dictionario dos moços; aos 37, é um evangelho a prégær contra as moças; aos 38, é o Argos de uma casa; aos 39, é o purgatorio das sobrinhas; aos 40, é a cartilha do Padre Ignacio; aos 41, é ponteiro que tudo aponta; aos 42, é um ninho que os passarinhos abandonaram; aos 43, é a impertinencia em pessoa; aos 44, é um ponto de interrogação para tudo o que vê; aos 45, é uma lampada que não tem oleo; aos 46, é uma palmeira infructifera, cujas palmas vão tombando; aos 47, é um album estragado; aos 48, é o cadafalso do prazer; aos 49, é uma saudade debruçada sobre uma campa; aos 50, é um tumulo cheio de illusões murchas.

Trovas ciganas

Mesmo morto, desconfio
 Que a desgraça em mim se entranhe
 E que, na paz do Senhor,
 Ella minha alma acompanhe.

O dia da minha morte
 Um dia será de menos,
 Em que eu não prove da vida
 Os requintados venenos.

Quem desconfia da sorte
 Caminha sempre assustado:
 Mesmo no seio da gloria
 Traz o mal phantasiado.

Eu não sou eu, é engano;
 O meu *eu* já s'extinguio:
 Hoje o *eu* que represento
 E' sombra do que fugiu.

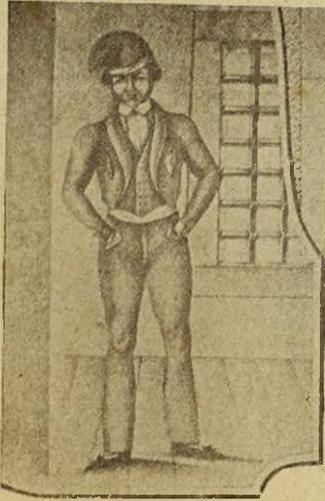
MELLO MORAES

Os grandes facinoras portuguezes do meado do seculo XIX

Os grandes bandidos — Diogo Alves e a sua quadrilha — A *Parreirinha* taberneira — Os crimes dos Arcos das Aguas Livres — Uma criancinha a affagar o bandido — A morte da estanqueira da Estrella — Uma chacina na rua das Flores — Como se assassina um cumplice — Uma filha a accusar a mãe — As ultimas palavras de um facinora na forca.

Sem marcarem o genio no crime como Fra-Diavolo, Cartouche e João Palomo, sem o donaire romantico do italiano, sem o furor de se enluparem no sangue, morbida ancia do francez, sem os rasgos ferros do hespanhol deste trio de bandidos de fama universal, Diogo Alves, João Brandão, o Remexido e o José do Telhado destacam entre os facinoras de mediana envergadura, tendo no emtanto o ultimo mostras de salteador doutra craveira, ao embuxar a sua espingarda com ares de quadrilheiro novellesco.

Diogo Alves — o *Pancada* — gallego do Lugo, herculeo e feio, antigo bolieiro ao serviço dos Penalva, Castello Melhor e Belmonte, converda para o crime ao amancebar-se com a *Parreirinha*, megera de má nota, dona de uma tabernoria immunda á esquina da azinhaga das Aguas Boas, no caminho de Palhavã. Falhos de



DIOGO ALVES

sensibilidade e de dinheiro, emparceiraram, metteram-se a combinar proezas e elle entrou a sahir á frente dos caminhantes na estrada, então franca, dos Arcos das Aguas Livres. Anichava-se nas minas, espreitava os que passavam e, em passos leves de arceiro, lançava-se sobre as victimas, enclavinhava as mãosorras rijas nas gargantas dos viandantes e, quando ellos desmaiavam, revolvía-lhes as algibeiras, rasgava as orelhas das mulheres para lhes tirar os brincos, empuxava fortemente os homens e depois, erguendo-os, fincando o pé numa lage arrancada dos Arcos, arremeçava-os de chofre para a minguada ribeira d'Alcantara, que corria lenta sob a arcaria maior do aqueducto.

Por vezes, ainda descia, acoxava-se a remexer nos corpos esmigalhados, no silencio das noites, e até de uma occasião atirou do alto uma criancinha que lhe sorria, depois de arrojor abaixo a mãe, que ficou na leva mansa do riacho descomposta e com o cranco fendido. Mas desde que um caseiro da quinta da infanta D. Izabel Maria lhe mostrara uma pistola aperrada, o bandido, receoso de ser descoberto, deixou essas expedições, e, fechando a taberna, foi morar para a calçada da Estrella, 38, no andar por cima de Antonia Maria, que tinha fama de amealhar grossos dinheiros. Por uma noite feia de janeiro, com o *Pe de Dança*, ladrão mesureiro e janota, cavaram um córte no tecto da loja, desceram e amarraram a estanqueira ao leito, la-

CONFEITARIA PAULISTA

PADARIA
PASTELARIA E LEITERIA
ENGENHO CENTRAL DE S. PAULO
COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Guilherme C. Gonçalves

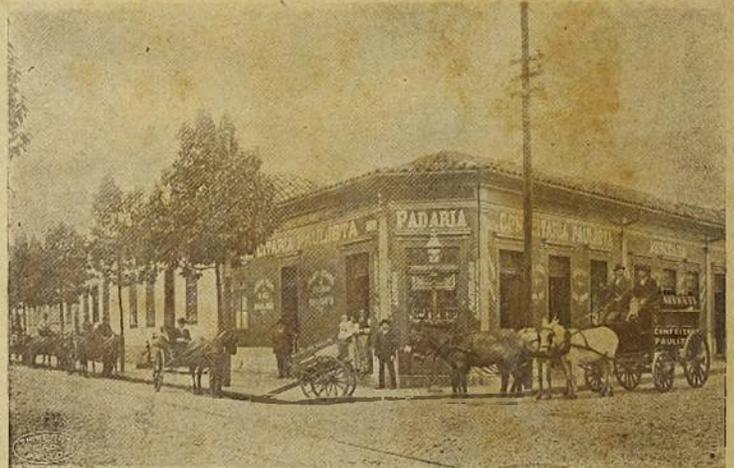
UNICO IMPORTADOR DOS

afamados vinhos da União dos Lavradores do Minho e Douro

Grande secção de Seccos e Molhados por Atacado e a Varejo

Rua de S. João, N. 185 S. PAULO Esq. da Rua Aurora

TELEPHONE N. 503



Aprompta-se qualquer encommenda para Casamentos, Baptisados e Soirées, por mais diffiell que seja, com perfeição e modicidade de preços

Refinação de Assucar, Torrefacção de Café, Moagem de Fubá e Sal
Confeitos, Amendoas, Caramellos, etc.

VINHOS E LICORES de todas as qualidades

Pão e Biscoutos de todas as qualidades fabricados com o maior esmero e limpeza

LEITE E MANTEIGA FRESCA

Unico Agente para todo o Brasil dos afamados Vinhos do Porto «ALMEIDA», que estão classificados como os primeiros do mundo

Encontram-se em todas as casas de primeira ordem

Vieira Salgado

lente de Prothese dentaria da Escola

de Pharmacia

Consultorio:

Rua 15 de Novembro, 19

S. PAULO

Tobias de Barros & C.

COMMISSARIOS

Prestam contas de venda

à vista

RUA SENADOR QUEIROZ, 39

SÃO PAULO

deando-a de navalhas em punho. Queriam saber do dinheiro aferrolhado e ella, a sentir o aperto das cordas nas carnes flaccidas, rasgada pela pressão, gaguejou tudo, lavada em lagrimas, que o sangue apagou ao es-correr de uma ferida larga feita com uma pancada rija na sua cabeça encanecida. Levaram um conto de réis em moedas e deixaram-na estatelada, morta, desfigu-rada, os miolos collados na parede sob um crucifixo de metal azebrado.

O Diogo Alves formou então quadrilha, arrega-mentou com Claudino Coelho, o *Pe de Dança*, mais uns militares, o Antonio Palhares, soldado do 7 de infantaria, e o *Beijo Rachado*, tambor do 10, um tal José Lopes — o *Apalpador*, — João das Pedras — o *Enterrador*. — Fernando Balcia e o Cosme aguadeiro, além de um Antonio Martins, estabelecido com celloiro na praça d'Alegria. Começaram os assaltos na cidade, anavallaram gente pelas esquinas, roubaram estabele-cimentos, sahiram nas estradas e tudo que arranjavam era distribuido numa casa d'Arroyos, onde o chefe se installara com a amasia.

Em setembro de 1839, quatro homens da quadri-lha, entre os quaes iam o *Beijo Rachado*, o Palhares e o Diogo Alves, entraram por intermedio do Martins do celloiro em cumplicidade com Manuel Alves, primo deste e criado do dr. Pedro d'Andrade, um avarento sordido, morador na rua das Flôres, 16. O medico fóra para Carcavellos; em casa ficara a familia Mourão, que elle sustentava mantendo amores com a mãe das me-ninas, viuva ainda frescal, que lhe aturava os imperti-nentes achaques e as economias vis, para poder educar os filhos. José Mourão, o filho mais velho, metterá-se a piloto e regressara nesse dia de uma viagem e o velho doutor, para não se encontrar com elle, fóra es-paiecer para Carcavellos, escapando assim á morte.

Era já tarde; a familia estava ainda á mesa, quando os ladrões entraram. Havia um largo silencio na rua e elles, com uma ousadia enorme, amordaçaram e amar-raram as senhoras, derrubaram com uma bordoadá o rapaz, correram a casa d'alto a baixo a enfiaram as peças, depois de terem csmigalhado as cabeças das pobres mulheres e de lhes calcarem os estomagos. Os cadaveres appareceram no dia seguinte informes ao lado da mesa derrubada, os miolos misturados com a comida espesinhada, num destroço selvagem. Com ancia, os bandidos tinham arrombado o cofre, enchido as algibeiras de dinheiro, ás mãos cheias, e só deixaram a casa quando ouviram na rua o barulho de alguns catraeiros do Caes do Sodre, que anavallavam maru-jos inglezes bebedores e amigos de rixas.

Foi o padeiro que fornecia a casa quem deu pelo crime, ao dealbar; encontrou aquelle horror e correu espavorido a contal-o. Suspeitou-se do criado Manuel Alves, soube-se que elle era primo do dono do celloiro da Alegria e logo se pôz á prova o bandido, que se sahio bem do interrogatorio.

Mas o rapazello, pouco afeito ao crime, chorava noite e dia, parecia deseioso de se confessar aos juizes e então a quadrilha deu-lhe a sua parte no roubo, ar-ranjou-lhe um passaporte, embebedou-o numa ceia de despedida em casa de Diogo Alves e lá por dez horas, quando elle dormia fatigado, assassinaram-no, crivando-o de navalhadas e enterrando-o em seguida. Assim se calava o cumplice; fazia-se uma obra de silencio. Po-rém, dias depois, o *Enterrador* assaltava uma casa na Costa do Castello, era apanhado em flagrante e confessava os crimes da quadrilha. Foram logo presos os facinoras e viu-se então, numa sala do convento dos Paulistas, deante do juiz Rangel de Quadros, uma scena extranha e sem equal.

A filha da *Parreirinha*, que contava apenas 11 annos, disse aos juizes, na sua vozinha doce, todos os crimes da quadrilha, falou nos tempos em que vivera com o pae, um operario do contracto dos tabacos, das noites que passara de vela receando ser morta, do di-nheiro roubado que ouvira tilintar, das vestes mancha-das de sangue que tinham queimado e, finalmente, de certa vez em que a mãe propuzera a sua morte, recan-do a sua delação. Fóra um horror. O padraсто inclinara-se sobre o seu leito, applicara o ouvido e dissera: Está a dormir! Assim escapara e mais o irmãozinho ás mãos do assassino. E naquella sala cheia de gravidade, a voz da criança subia sempre em accusações, por entre as imprecações da mãe ao vêr-se condemnada ao degredo perpetuo com o resto da quadrilha, da qual só Diogo Alves, Antonio Martins, o *Beijo Rachado* e o Palhares foram levados á força.

As crianças ficavam ao abandono, mas D. Maria II protegeu-as, salvou-as, deixou-lhes aberto um caminho de felicidade e de esquecimento.

Quando o *Beijo Rachado* e o Palhares foram a suppliciar, o primeiro ia cabisbaixo, o segundo berrava, insultava os padres, tregeitava obscenidades, pedia quartilhos por todas as tabernas, desde o Limoeiro ao Cacs do Tojo, e morreu a vomitar vinho e invectivas por uma manhã chuvosa, em dezembro de 1840. Dous mezes depois, em fevereiro de 1841, Antonio Martins e o Diogo Alves tiveram a mesma sorte. Pelo caminho o povo apupava-os, lançava-lhes improperios e ciles, entre o padre Salles e o prior de Marvão, iam silenciosos, cheios de medo. Na forca, o Diogo Alves perguntou:

— É aqui?!

Era alli. O carrasco encavalgou-o, atirou-se escanchado nos seus hombros para o vacuo e a turba em roda applaudia por sobre as bayonetas luzentes da soldadesca.

UMA familia de salteadores — O José do Telhado — O assassino salvando a vida a Sá da Bandeira — Um ladrão commandador da Torre Espada — O facinoroso galanteador — Como se rouba um beijo e trinta mil cruzados — As aventuras do José do Telhado — Camillo Castello Branco e o bandido — Como o salteador esmola — A sua vida em Africa.

Os enteados de Diogo Alves escaparam á má sorte, como se abrissem uma clareira na floresta dos crimes para onde os conduziam, mas já o José do Telhado não conseguiu quebrar os maus fados da familia, apesar de anciar por ser honesto.



JOSÉ DO TELHADO

Joaquim do Telhado, o pac do bandido famoso da dynastia criminosa, saltara á estrada; seu tio, o Sodiano, fizera mais dum roubo e dum assassinio nas asperzas bravas do Marão. Elle buscara honestisar-se; seu irmão era chefe duma quadrilha e o José, preso pelos lindos olhos duma prima, fizera-se trabalhador e acabara por sentar praça de soldado em lanceiros. Era um mancebo esbelto, alto, sempre loução de trajar, a jaqueta alamarada de prata, as botas de polimento bem apresilhadas nas pernas musculosas que domavam os galões dos cavallos. Batera-se em Chão da Feira e em Ruivães, á vista de Saldanha e de Schwalbach, barão de Setubal.

Num desses ataques, o Schwalbach, que o levava por ordenança, dissera-lhe no mais acceso do tiroeio:

— Chovem balas, meu rapaz!

— Deixe chover, meu general... Cá vou abrir o guarda-chuva! — voltou a altear a lança, e empinando o cavallo.

Seguiu o general na emigração para a Hespanha e á volta casou com a prima, que lhe levou em dote umas geiras e uns saquiteis de moedas. Mas fervia-lhe o sangue, lá ás romarias escanchado em bons cavallos, varria as feiras, creava fama de valente e em 1846 armava á sua custa um bando, que offercia á Junta do Porto. Foi com Sá da Bandeira para Val Passos; viu as tropas revoltadas, assistiu a uma tentativa contra o general e salvou-lhe a vida. Duma moita cerrada faziam um fogo rijo contra o heroico maneta; elle viu as armas apontadas, empuxou fortemente as redeas do cavallo que o seu commandante

GRANDE HOTEL ROMA

CASA DE PRIMEIRA ORDEM — Em frente á Estação da Ingleza

Proprietarios:

COCITO IRMÃO & COMP.

Concessionarios da **VITALIS** das fontes de Santa Cecilia, em S. Paulo, premiada milagrosa agua na Exposição de Hygiene e Alimenticios, de Buenos-Aires, em 1904; e 1.ª Exposição de Milão, de 1906, com medalha de ouro.

Garratas e rothas devidamente esterilizadas

Proclamada pelos distinctos medicos brasileiros a **VICHY DO BRASIL**

Deposito Geral em S. Paulo: **RUA DA ESTAÇÃO, N. 23 e**
Rio de Janeiro: **PRAÇA TIRADENTES, N. 87**



UNICOS CONCESSIONARIOS E INTRODUTORES NO BRASIL
DO **VINO CHINATO**

Especialidade da casa Freund, Ballor & Comp., de Turim

Premiado com 14 medalhas de ouro e 13 diplomas de honra nas diversas Exposições Internacionaes

Grande Medalha de ouro na Exposição Uniersal de Paris, de 1900

COCITO IRMÃO & C.

Rua da Estação, N. 23 - ESQUINA DA RUA DA CONCEIÇÃO - S. PAULO

AU BON DIABLE

(Casa fundada em 1878)

Rua Direita, n.º 47 e 49-S. Paulo

CAIXA DO CORREIO N. 633

Importante estabelecimento de roupas feitas para homens e meninos

Sortimento completo de ternos de casemiras inglezas, casacas, sobrecasacas, fraques, sobreludos forrados a seda de qualidade superior, patelais e colletes de excellentie * alpaca, colletes brancos de linho e de justião, etc. * Capas, sobreludos e pontches de borrachia, para todos os preços.



Grande variedade em roupas de brim e casemira para * * * crianças de todos os tamanhos * * * Magnifico sortimento de camisas brancas e de cores, ce-roulles, punhos e collarinhos, meias de todas as qualidades. * * * Enxovues completos para collegiaes * * *

Importante e bem montada secção especial de alfaiataria, a preços sem concorrência.

Ternos de casemiras para homem, desde 30\$000!
 Costumes de brim para menino, desde 4\$000!

Bengalas, guarda-chuvas, escovas, pentes, etc.
 Importação directa de casemiras e outros artigos, das principaes fabricas da Europa.

Preços absolutamente sem competencia

A. M. de Carvalho & C.

Casa de compras em Paris

Dorme melhor quem melhor trabalha.

montava, obrigou-o a saltar um vallado ao mesmo tempo que as balas se crivavam na parede onde se acolhera. Depois, fere d'esporas a sua montada, corre para os assaltantes, desmonta um, mata outro, fere o terceiro e vê uma debandada. Quando voltou arquejante e com a lança tinta de sangue, viu Sá da Bandeira estender-lhe a mão, depois prender-lhe no peito da farda a sua commenda da Torre Espada.

Ao terminarem as guerras, o José do Telhado estava pobre. Pediu um emprego, solicitou um auxilio; os filhos estavam sem pão e, compulsando as suas forças, tomou o commando da quadrilha do irmão, que assolava o Douro.

Em 1849 assallou a casa de Maciel da Costa, em Macieira; era em dezembro, chovia, a agua batucava nos telhados, enquanto elles enfardelavam o dinheiro e as pratas, feriam o dono da propriedade e deixavam o criado amarrado e com o credo na bocca.

Soubese da aventura e levantou-se-lhe o processo. A mulher, ao saber do caso, quiz suicidar-se com os filhos e então elle chora a sua sorte, jura ser honrado, embarca para o Brasil na barca *Oliveira*, vagueia pelo Imperio sem eira nem beira e volta desalentado, cheio de odios aos ricos. Aparece então o bandido com seu geito romantico. E' um ladrão á Schiller, philosopho, precursor dos vingadores da *Mão negra*. Assalta os ricos, fura-se de dinheiro e, ao topar no seu caminho algum lavradorseco pobre, dá-lhe moedas, que elles acceitam de rastos, rouba juntas de bois e leva-as aos casacos necessitados, cria como uns fermentos justiceiros de distribuidor das riquezas, mas guarda, ao mesmo tempo, a nota dum bandido de pouca iniciativa. No campo da revolta é o salteador inculco, com vagos arrancos de personagem de romance.

Num assalto que fez em Carrapatelo, sabedor da morte de certo ricoço, vai como para desanojar a familia e espatifa com uma coronhada o labrego que lhe abriu a porta. Um outro servo succumbe com um tiro e elle, entrando em casa, achega-se á beira do caixão para onde os seus homens tinham conduzido a familia do morto. As senhoras tremem, rojam-se, dizem a soluçar onde está o dinheiro, trinta mil cruzados, que elle manda carregar, mas como visse um dos ladrões deitar dum anel que uma das donas tirava do dedo, empurrou-o com furia, curvou-se, entregou a joia, deu um beijo na pobre senhora que chorava e exclamou, com um ar trocista:

— Fiquem quietas, para serem gentis!...

Disse e deu duas voltas á chave, saltou o muro, encavallou a montada e partiu num galope.

Mas nem sempre o José do Telhado era assim amavel.

Guardava culto á belleza num instincto de antigo militar e de homem garboso afeito a boas fortunas, mas ao topar no seu caminho corpos aleijados, rostos feios, gente ridicula, fazia-se chasqueador e assobiava phrases ironicas, que feriam tanto como a ponta da sua navalha.

Em Paradella, ao vêr uma velha chorar pelo seu dinheiro já embolsado pelos facitoras, berra:

Cale-se, mulher. . . Se você nem pôde comprar com elle uma cara mais bonita.

Em Souza, manda amarrar tres homens como um só fardo, saqueia a casa das sras. Pinto de Carvalho e sai á gargalhada ao vê-as debaterem-se. Salva da morte o padre Abilio Teixeira, que um dos quadrilheiros queria esbandulhar, enquanto os outros entrouxavam a sacerdotal baixella.

Ao mesmo tempo que fazia tudo isto, deixava bastas vezes o seu ojo na serra e vinha beijar os filhos; outras, dormia nos povoados e pagava como um principe a sua hospedagem. Se acaso era surpreendido, era sempre um acto que o celebrisava, como duma vez em Mancellos, apparecendo de surpresa á tropa que accorreu em massa ao sitio onde elle se mostrava, fugiu por uma porta trazeira para se emboscar no caminho e fuzilar o regedor que o denunciára. Outra noite, a mulher acorda-o em sobresaito e diz-lhe que está cercada a casa; veste-se com socego, põe o relógio, dá ordens ao criado para lhe levar o cavallo a certa estalagem e, abrindo uma janella, pergunta aos soldados:

— Que tal está a noite?!

E logo se atira para cima delles, dizendo-lhes, de espingarda apontada:

— O primeiro que se mexe morre!...

Foge e de largo torna, num tom de bonhomia:

— Olé! Cá ficam uns pintos, para beberem á minha saúde!... — e deixa o dinheiro sobre um muro do caminho que a tropa seguiria.

Numa feira em Villa Meã, ao despejar uma canada de vinho, vê o povo correr em massa para elle. Puxa do varapau, lança-se no meio da turba, espantada, abre cabeças, deruba um lavrador que vai na sua egua e dum salto escancha-se na sella, partindo á desfilada, a dizer de longe, tirando o braguez num gesto theatral:

— Até outra vez!...

Depois desmonta a meio do caminho, entrega a egua a um homem que passa e pede-lhe para entregar o animal ao dono, accrescentando:

— E se quizer alguma cousa do José do Telhado é só mandar!

Ganhava cada dia mais fama, fazia cada vez mais crimes e maiores presas; recejava-se passar nas terras durienses, porque elle as infestava com a sua quadrilha.

Um commerciante do Porto, Bernardo Machado, indo de jornada para Cerva, encontrou no seu caminho um cavalleiro bem vestido, ao qual fez as suas confidencias acêrca do medo que levava do José do Telhado. O outro collaborava nas idéas do companheiro, falava mal do bandido e dizia reccel-o devêras. Decidiram acampar numa estalagem, jantaram bem e por fim o outro disse que ia seguir caminho.

— Veja se encontra o assassino... Cautela!...

Encolheu os hombros e partiu a galope. O commerciante, quando quiz pagar a conta, ouviu pasmado a estalajadeira dizer-lhe:

— Já está pago pelo seu amigo!

— Amigo?! Mas não o conheço... Quem é elle?!

— O sr. José do Telhado... voltou a mulher, a sorrir toda satisfeita.

Os roubos já não tinham conta; andavam as tropas em seu seguimento e elle destroçava-as como um guerrilheiro audaz. Mas duma vez foi ferido por uma bala, ao acoutar-se num sitio que julgava desconhecido dos soldados. Compreendeu como fóra traído por um tal João Pequeno, assim chamado por antiphrase, pois era valentão, herculeo e o mais possante da quadrilha. Recoso do chefe, o delator fugira para a sua casa da Lixa. Uma noite bateram-lhe á porta e ao abrir reconheceu o José do Telhado, que dizia serenamente:

— Venho arrancar-te a lingua!...

— Vamos a isso!...

A lucta foi terrivel; apagaram a vela, travaram-se em combate e no dia seguinte o João Pequeno apparecia com a lingua cortada, atravancado na porta do casebre, onde se juntara a villa em peso. De repente ouve-se uma galopada e apparece o bandido, a bradar:

— E' assim que se calam os bandalhos traidores!...

E partiu a toda a brida, o varapau sobre a crina, a espingarda collada no arção.

Aquillo não podia continuar. Foi denunciado quando queria fugir para o Brasil na mesma barca *Oliveira* que o levára noutro tempo. Arrancaram-no do porão e conduziram-no á cadeia, entre trinta bayonetas que a cavallaria rodeava.

Na Relação fazia bem a todos. Dava cabo de seiscentos mil reis que levava a soccorrer a gente das enxovias e os degredados que iam nas levas. A sua casa estava ao desbarato. Não tinha um real; já não podia pagar ao advogado Marcellino de Mattos, que o defendeu de graça.

Camillo Castello Branco estava então na cadeia por um delicto de amor e o José do Telhado affeiçoara-se-lhe; uma vez, ao saber que um tal Cruz fóra peitado para assassinar o romancista, socegou-o, dizendo-lhe, cofiando as suas bellas barbas negras e com o olhar acceso em ira:

— Se lhe tocarem, não chegam tres dias e tres noites para enterrar os mortos.

Por fim foi para o degredo perpetuo. Soltava rugidos, na enxovia, ao despedir-se da mulher e dos filhos, e já entre a escolta teve que pedir um vintem para cigarros, elle que dera tantas esmolás, salvara a vida a Sá da Bandeira e fóra commendador da Torre Espada.

Sedento de sangue, bateu-se em Africa, ganhou consideração ao chacinar os negros, que o temiam e lhe guardam ainda respeito á sepultura. Morreu pobre, porque, soccorrendo de lá a mulher, distribuindo o que lhe sobrava, sem entrar em negocios, pouco amealhou, ao envez doutro bandido de peor especie, o João Brandão, o terror da Beira.

Ferreira Junior & Saraiva

Commissarios e Importadores

ESCRITORIO: *Rua da Estação, n. 27*

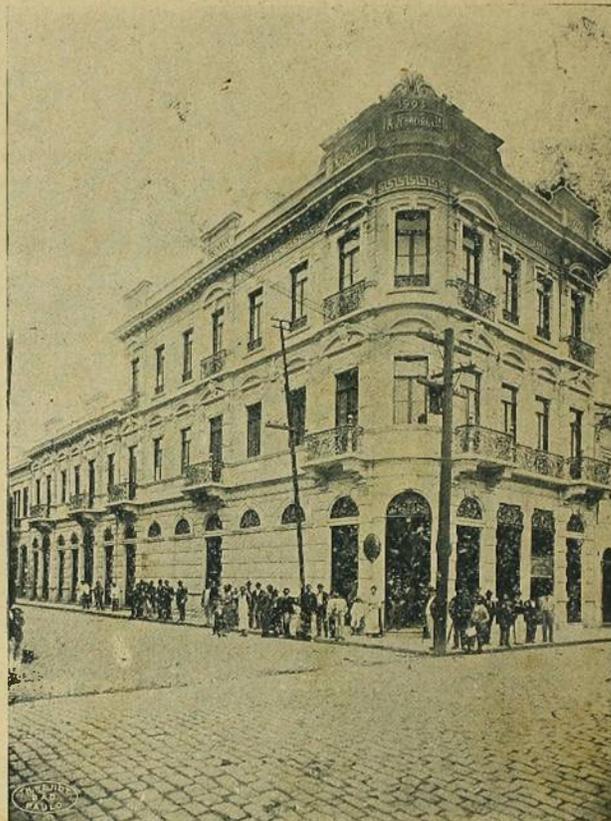
Caixa do Correio N. 181 = SÃO PAULO = Endereço Teleg.: VASCO

DEPOSITO DE SAL EM ALTA ESCALA

Agentes da Companhia Commercio e Navegação

DESPACHOS N'ALFANDEGA

Armazens, Trapiche, com desvio da Estrada de Ferro Inglesa, na Allameda dos Bambús



FILIAES

S. PAULO - Rua Barão de Itapetininga, 39

Fabrica a vapor de Refinação de Assucar,
Correção de Café, etc., etc.

SANTOS - Praça da Republica, 31

Caixa do Correio 247 — End. Teleg.: VASCO

Commissões de Café, Secção de Despachos n'Alfandega,
Agencia da Companhia Commercio e Navegação

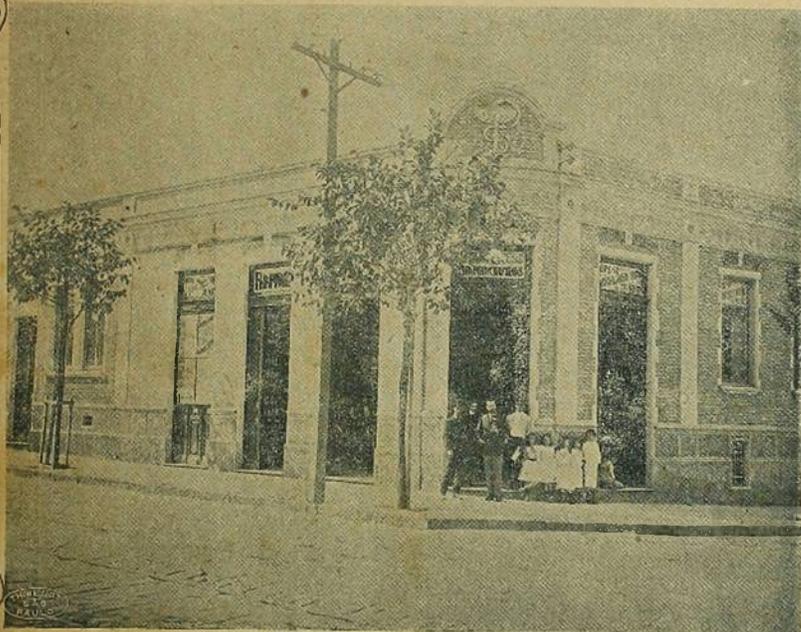


Pharmacia Santa Cecilia

DE

Umbelino Lopes & C.

PHARMACEUTICOS



Completo sortimento de Drogas, Productos Chimicos e Pharmaceuticos

ABRE-SE A QUALQUER HORA DA NOITE



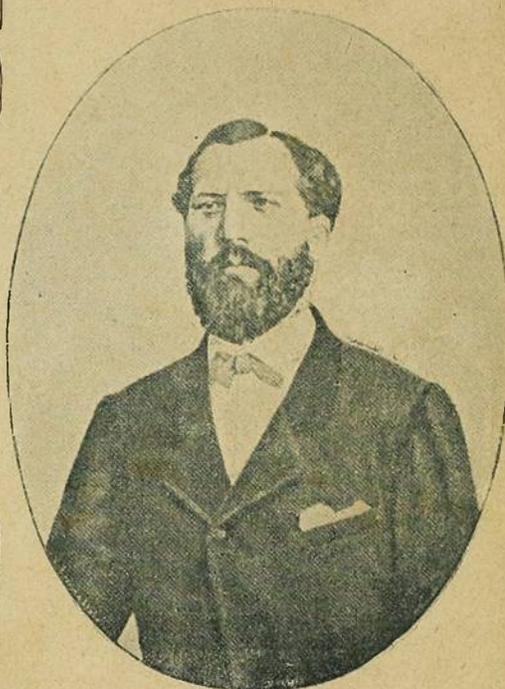
Rua das Palmeiras, N. 12 CANTO DA RUA HELVETIA

SÃO PAULO

TM assassino protegido pelos politicos — João Brandão e a sua familia — Proezas do facinora — O atirador — Rodrigo da Fonseca, Loule e Costa Cabral servindo-se de João Brandão — A morte dum juiz — Um saltador que nomeia autoridades — A morte do ferreiro de Candosa — O assassino querendo salgar um homem — A morte do padre Portugal Como o João Brandão foi preso — Protecções escaudalosas a um quadrilheiro.

Este Brandão, dos de Midões, o mais celebrado, sobrepassou o pae, Manuel Brandão, e os irmãos Roque e Antonio em crimes d'alto bordo. Era um assassino de raça, com o seu ar de pessoa de teres, honesta, de bom intimo. No fundo, um malvado, fazendo gala das suas proezas facinorosas entre a malta da sua laia.

Era um atirador sem parceiro no sitio, mas tendo um emulo no ferreiro da Candosa, homem de pontaria certa e bofes de valente. O João Brandão gostava de mostrar as habilidades. Em pequeno apedrejava os irmãos, gostava de os ver feridos, depois entretinha-se, como o infante D. Francisco de Portugal, a fazer alvos dos transeuntes. Assim derrubou, a tiro, d'uma arvore, o seu afilhado, que não quiz avisar de viva voz, quebrou braços a diversos viandantes, e, amaldado com



JOÃO BRANDÃO

uma gente de má pinta, o Cerveira, o Calixto Lourenço, o Lima Valentão, o José de Mattos, alcunhado de *Faca de Matto*. — com mais outros e os irmãos Antonio e Roque, entrou a sahir á estrada. O pae servira certos politicos, o João Brandão enfeudára-se tambem a elles e Rodrigo da Fonseca, Costa Cabral e Loulé bastas eleições ganharam, mercê do bacarmate do bandido, que fôra capitão da guarda nacional de Midões e louvado em tres portarias, por zelador da tranquillidade da Beira — diziam os ministros — quando só elle a turbava.

As suas victimas foram sem conta durante o tempo que assolou as terras beirôas; atacou certa vez um padre, ao qual fez voar o chapco a tiro; sahiu-lhe ao caminho e ao vel-o de joelhos supplicante e pasmado, roubou-o. O *Faca de Matto* cortou-lhe a orelha esquerda e o padre desfechou a sua pistola contra o bandido, sem o alcançar, mas ficou na estrada crivado de bala. Assim foi assassinada mais gente no Carregal, em Gouveia, em Tindello, além do ferreiro da Candosa, de um irmão deste e do juiz Nicolau Baptista, de Mildões.

Os governos respeitavam as determinações de João Brandão nas nomeações das auctoridades locais; elle chegava a ir com os cabos de policia e com os regedores acardumar votos para os ministeriaes, e dahi a sua extranheza ao vêr que o juiz da sua terra não queria pôr pedra num processo por homicidio em que estava implicado um padre seu amigo, que lhe pagara o abafamento da queixa. Fez uma espera ao magistrado, assassinou-o, apesar delle querer redimir a vida a dinheiro, e foi de seguida roubar-lhe a casa. Costa Cabral, interpellado no parlamento, mandou uma escolta prender o Brandão, mas em numero insufficiente para o feito, e como certo criado do novo juiz guiasse os soldados na diligencia, elle, ao sabel-o estabelecido em Vizeu, frente ao Arco das Freiras, agarrou-o por uma tarde, fel-o amarrar pela quadrilha e, mandando encher um alguidar com vinagre e sal, como se fosse rasgar um cevado, dispôz-se a assassinal-o quasi deante das auctoridades, que mudavam de caminho como feitas com o bandido. A mulher e os filhos do desgraçado rojavam-se, choravam, pediam a vida do pobresito, que soluçava tambem. Em volta havia gargalhadas.

— Vão buscar matto para chamuscar este patife! — gritava elle, todo satisfeito.

Mas o irmão Roque chegou, disse-lhe que o homem devia morrer de outra maneira. Seria melhor espostejar-o e atirar os bocados pela cidade. Consentiu e entregou-lh'o, mas o irmão do facinora deu-lhe fuga.

Sabedor do caso, Brandão, tomado de uma furia doida, corre por Vizeu de espingarda engatilhada em busca do irmão para o assassinar, mas o pae, avisado por um amigo, vem acabar com semelhante desgnio do filho mais velho.

O ferreiro da Candosa atrevera-se a formar um bando para perseguir o facinora, que mandou nota ao governo dos proprios crimes, dizendo-os praticados pelo outro; recebe ordens para o perseguir, junta-se com as auctoridades, cerca-lhe a casa, que é defendida a tiro certo pelo ferreiro. Finalmente, uma bala alojase-lhe no braço, elle consegue ainda fugir e esconde-se em casa da amante, no logar de Moura. E' alli que o chacinam, trazem-no para a rua, atravessam-no numa mula e, obrigando o irmão do morto a segurar o cadaver, vêem pelos caminhos apregoando carne de marrã fresca, pisando-lhe o sangue que escorria, rindo do caso e, ao lampear do sol, crivaram-no de balas e deixaram-no no caminho, levantando as auctoridades um auto que o Brandão dictou. Tempo depois, foi morto o Miguel Nunes, irmão do ferreiro; depois, o padre Portugal, cuja casa foi assaltada pela quadrilha mascarada.

O padre estava no leito; ao vêr aquella gente irromper no quarto, poz-se de joelhos, disse onde tinha o dinheiro, pediu perdões que elles não escutavam. O chefe da quadrilha deu-lhe um tiro e fugiu, mas o sacerdote, mesmo no estertor, dizia julgar tel-o reconhecido.

O João Brandão fez-se a monte; a quadrilha dividiu-se e foi atacar gente por essas gargantas da Beira, sendo no emtanto agarrados alguns dos homens, escapando dessa vez o *Faca de Matto* que só vinte annos depois foi preso no Cadaval, onde aguardava a prescripção do crime.

O João Brandão, seguro com a protecção das auctoridades, lembrando-se que os ministros lhe tinham enviado outr'ora armas e munições para fazer uma bernarda politica na Beira, tendo cartas dalguns e confiando n'outros, foi abrigar-se em casa do parcho da Lourosa, onde uma noite lhe deram caça. Ao saltar de uma janella, torceu um pé e assim o agarraram e levaram á cadeia.

Foi condemnado á morte, mas logo a sentença foi commutada em degredo perpetuo para a Africa oriental, sendo presidente do tribunal o dr. Celestino Emygdio e presidente do jury o actual conde de Valenças.

Ao ouvir ler a condemnação, exclamou:

— E' uma injustiça!... E' uma vingança politica!...

Riram-se-lhe na cara e elle rouquejou:

— Se eu volto, pagar-me-ão tudo!...

Não voltou. Enriqueceu por lá á sombra das protecções dos amigos politicos, que lhe souberam pagar as eleições ganhas, os serviços prestados, as miseraveis acções, extendendo sobre a sua cabeça de facinora o manto do governo, escandalosamente aleito a cobrir cousas de ruim jaez.

Ao Collete Paulista

»» GRANDE FABRICA ««

— DE —

Giovanni Polito di Luigi

Vende-se por atacado e a varejo

PREÇOS BARATISSIMOS

Especialidade em Modas de Paris



RUA GENERAL CARNEIRO, 2-E (Antiga João Alfredo)

E na mesma Rua N. 29-A e com Casas Filiaes á Avenida Rangel Pestana, N. 96, e RUA DIREITA, N. 26-A

»»»»» S. PAULO «««««

ENGENHO STAMATO

Privilegiado e premiado na Grande Exposição Universal de S. Luiz com Medalha e na Exposição deapparehos a alcool no Rio de Janeiro.

Cinco moedas trabalhando simples e duplas, sem engrenagem para moagem de canna, com salva-guarda para evitar desastres.

Invenção de RAPHAEL STAMATO

Rua José Bonifacio, 24 — S. PAULO

Progressivamente estão se espalhando por este vasto paiz; já foram adquiridos por mais de 250 fazendeiros, que attestam a utilidade da importante machina, os quaes abaixo vão descriptos.

BRASIL — Nos Estados de São Paulo, Minas e Rio

Alfonso Penna, Minas, 2 — Aguas Virtuosas, Minas, 1 — Allenas, Minas, 3 — Amparo da Barra Mansa, E. do Rio, 1 — Araguary, 1 — Araraquara, 8 — Bacury, 2 — Barretos, 9 — Bebedouro, 20 — Bôa Esperança, 1 — Bôa Vista das Pedras, 4 — Brôtas, 4 — Cajuari, 2 — Conquista, 4 — Caconde, 3 — Cabo Verde, Minas, 3 — Caçapava, 3 — Cravinhos, 1 — Campo Bello, Minas, 1 — Campo Alegre, 1 — Capivary, 5 — Descalvado, 2 — Dous Corregos, 1 — Espirito Santo do Turvo, 1 — Iguape, 1 — Ilha Grande, 2 — Itapira, 2 — Itatiba, 1 — Ituverava, 2 — Jaboticabal, 59 — Jacury, 1 — Jahú, 1 — Juquery, 1 — Lenções, 2 — Mattão, 5 — Mogy das Cruzes, 1 — Monte Mór, 1 — Monte Bello, Minas, 1 — Muzambinho, 7 — Nuporanga, 1 — Ouro Fino, Minas, 1 — Passos, 1 — Pedreira, 1 — Pindamonhangaba, 1 — Pirassununga, 2 — Piratininga, 1 — Poços de Caldas, 1 — Porto Real, E. do Rio, 1 — Pouso Alto, Minas, 1 — Ribeirão Preto, 1 — Rio Claro, 2 — Ribeirão Bonito, 2 — Rio de Janeiro, 1 — São Manoel, 1 — São Paulo, 7 — S. Paulo dos Agudos, 1 — S. José do Rio Pardo, 2 — S. José do Rio Preto, 3 — S. José dos Botelhos, Minas, 2 — S. José dos Campos, 2 — S. Sebastião da Gramma, 1 — S. Carlos do Pinhal, 2 — São João, 1 — S. João da Fortaleza, 1 — Santa Cruz das Palmeiras, 1 — Santa Rita do Paraíso, 2 — Santa Helena, Minas, 1 — Santo Amaro, 1 — Sapucahy, 3 — Serra Azul, 3 — Sorocaba, 2 — São Simão, 1 — Sallesopolis, 1 — Tatuhy, 1 — Taubaté, 1 — Torrinha, 1 — Uberaba, 8 — Uberabinha, 2 — Una, 1 — Villa Remedio, 1 — Volta Grande de Sapucahy, 2.

J. F. Furtado de Mendonça

BELEIRO OFFICIAL

do Real e Imperial Consulado Inglez e dos Consulados Francez e Belga e Matriculado na Junta Commercial do Estado de S. Paulo

ESCRITORIO E AGENCIA:

Rua do Commercio, 4 S. PAULO Largo da Misericordia



J. F. FURTADO DE MENDONÇA

Accepta Consignações de Moveis, Joias, Ferragens, Fazendas, Armario
Drogas, Calçados, Louças, Predios, Terrenos
e todo e qualquer artigo para ser vendido em leilão.

PAGAMENTO EM 24 HORAS OU LOGO APÓS OS LEILÕES

Tem sempre Grande Sortimento de Moveis
novos e usados

QUEM era o Remexido — Um semina-
rista assassino — A guerrilha do Ho-
mem da Serra — O duque da Tercei-
ra e o Remexido — Como de um ni-
lar nasce um saltador — Represalias dos
constitucionaes — Os crimes do Remexido —
A sua morte — O que seria o feitoria se
D. Miguel de Bragança tivesse vencido.

O João Brandão quiz passar por preso politico, como annos antes o *Remexido*, porém este com maior razão.

José Joaquim de Souza Reis, o *Remexido*, foi, como *Fra-Diavolo*, seminarista e guerrilheiro ao scr-
viço do absolutismo. O italiano defendeu Maria Caro-
lina, de Nápoles, o portuguez levantou a bandeira bran-
ca de D. Miguel de Bragança. Nasceu em Estombar,
no Algarve, pregara e versejara no seminario, onde
andara a expensas de um tio, prior d'Alcantarilha. Mas
no dia da sua ordenação, tentado pelos lindos olhos
de uma menina em cuja familia havia mais de um desem-
bargador, mandou a sotaina para um canto, vestiu a
farda de alferes dos terços e casou-se. Entrou a cor-
rer-lhe bem a vida; os filhos vinham alegrar o casal;
elle servia ás ordens de Modellos, em 1819, e Terceira
quiz fazel-o constitucional em 1833. Mas o *Remexido*,
fiel ao seu rei, fez-se guerrilheiro, entrou a assolar o
Algarve: enquadrihou-se nas serranias e lá acceptava
as batalhas com um denodo bravo de soldado de bom
sangue. Dizia-se que elle roubava para sustentar a
guerrilha, aquelles cento e oitenta e cinco homens que
se lhe tinham devotado: apprehendia as bagagens dos
constitucionaes e, ao vêr-se culpado da morte do ba-
charel Almeida Coelho, que fóra roubado, descobriu os



O REMEXIDO.

verdadeiros crimiinosos, gente da quadrilha de um tal
Trovada, e fuzilou-os. Os adversarios vingavam-se;
lançavam fogo á casa onde a sua familia vivia em S.
Bartholomeu de Messines, quebravam os sinos que ti-
nham repicado pelas victorias realistas e elle tirava
por sua vez desforços, que ficaram celebres: passou
nas aldeias e chacinou-as, incendiou-as, saqueou-as.

Chegava por este tempo a convenção de Evora
Monte: lançavam p régões para elle se apresentar em
tres dias, mas ao mesmo tempo recebia aviso de que
o tentavam assassinar. Mandou então seu filho, uma
criança ainda, a saber novas, e tempo depois elle vol-
tou a narrar-lhe horrores. Tinham-no mettido num
carcere, onde lhe negavam a comida, sua mãe fóra
condemnada á praça publica e recebera palmatoadas
dadas pelo carrasco, suas irmãs soffreram tambem pri-
são e elle, ao evadir-se, chegava naquelle estado, esfo-
meado, roto e espancado.

Remexido, a quem já chamaxam o homem das
serras, devorou com lagrimas a affronta. A sua guer-
rilla estava dissolvida e então procura alguns foragi-
dos, junta quarenta e cinco e do soldado nasce o ta-
drão de estrada. Assalta o cofre do Contracto dos Ta-
bacos, rouba casas fidalgas, entra em S. Bartholomeu
de Messines e vinga pelo assassinio os que tinham de-
nunciado sua mulher, alarga-se pelo Alentejo e incen-
dia casas, ataca a cadeia d'Ourique, para dar fuga a
um dos seus homens, entrega-se a todos os excessos
e commette centenas de mortes e de roubos. Enten-
tanto, assassinavam-lhe um filho de 15 annos. A re-
presalia não se fez esperar; lançou-se como uma

fera sobre os constitucionaes que apanhava e, como a vida lhe era difficil, sempre mettido pelas serranias, deixa-se de escrupulos. São as malas postas assaltadas, os passageiros assassinados, os havres conduzidos pela quadrilha, são as emboscadas feitas no mysterio das noites, as mulheres violentadas, as casas incendiadas, são todos os delictos, menos o sacrilegio, porque o bandido nascido do homem de guerra ia varias vezes ouvir missa, unctuosamente, entre o seu bando.

Refugia-se então mais no amago das serras, ao saber-se denunciado, e numa tarde vê-se cercado por um exercito. Reconhece o coronel Fontoura, que o commandava; aperra a espingarda, grita-lhe:

— Não me rendo . . .

Os soldados recuavam e elle via a sua gente a cahir em volta, fuzilada pelas costas. Já não tem munições e então rende-se e vem entre a tropa, insultado nas aldeias por onde passava, apupado, sentindo a lama que lhe atiravam e, ao comparecer no tribunal deante do barão da Ponte de Santa Maria, diz:

— Vejo que me esqueceram aquelles que ha pouco me soccorriam.

O conselho de guerra condemna-o á morte; elle escreve ainda ao filho c, na manhã de 2 de agosto de 1838, encosta-se á parede do campo da Trindade, em Faro, onde recebe as balas do pelotão commandado pelo alleres Miguel José da Silva.

O filho quiz continuar as tradições paternas, mas a quadrilha dissolveu-se e veio morrer miseravelmente no hospital da Misericordia de Faro. Tinha 19 annos. Se acaso D. Miguel tivesse vencido na lucta, o *Removido* seria nomeado brigadeiro, commendador da Torre Espada e teria iniciado talvez um ramo de nobreza vinda da sangueira e da rapina.

E não seria o primeiro de tal procedencia. Assim se rehabilitaram muitos facinoras e entre elles o salteador Giraldo Giraldes, aquelle que a historia saúda sob o nome heroico de Geraldo, *O Sem Pavor!* . . .

Lisboa, 1906.

ROCHA MARTINS

OS LITERATOS

Os literatos não passam de ornamentos: ainda depois de mortos, os seus vultos vão ornar as praças e os jardins, e os seus nomes enchem de brilho os discursos patrioticos, nos quacs a Patria é exaltada com enthusiasmo; em vida, porém, o que delles se exige é que escrevam periodos formosos, que descubram imagens suggestivas, que ostentem thesouros de rimas e que arrebatem a multidão com a palavra sonora, pouco se importando os que tal exigem com a vida dos precursores da marcha do progresso.

Estou certo de que, se não fosse um destino inevitavel a que ninguem pôde fugir desde que venha fadado para o soffrer, muitos dos nossos admiraveis poetas e muitos dos nossos mais intensos prosadores prefeririam a penna açacalada offerecida por Apollo, a romba de Mercurio, menos brilhante, mas muito mais compensadora, deixando de compôr estrophes e periodos, para lançar, ao alto de paginas de livros de commercio, os grandes titulos da Fortuna que, se não levam á immortalidade, garantem o conforto, a riqueza e o descanso nos dias apagados da velhice.

Os nossos homens de letras são verdadeiros condemnados da imaginação.

COELHO NETTO

A Perola e a Lagryma

A PEROLA:

Dos ricos sou perola divina . . .
Scintillo na belleza peregrina
Do thesouro indiano . . .
E a concha de onde venho, alegremente,
E' a valva de nacar esplendente
Das ostras do Oceano!

A LAGRYMA:

Dos pobres sou a perola divina . . .
Tão pura como a lympha crystalina
Que orvalha o malmequer . . .
E a concha de onde venho, tristemente,
E' a palpebra fina e transparente
De uns olhos de mulher.

LUIZ GUIMARÃES FILHO

GRANDE OFFICINA

— DE —

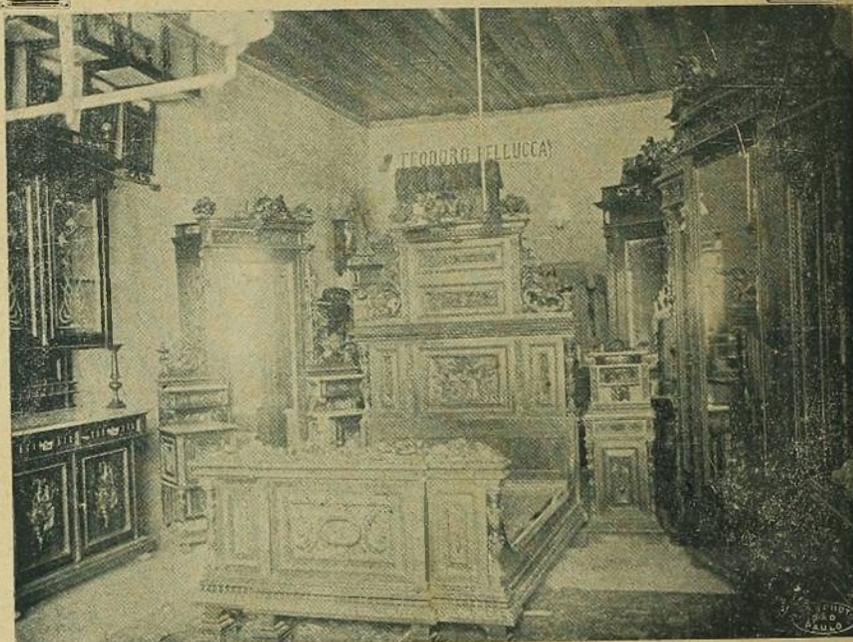
Moveis Artisticos e Esculptura em Madeira

— DE —

Bellucca & Comp.

Rua Florencio de Abreu, N. 107 - S. PAULO

Accetam-se encomendas para qualquer trabalho



Interior da Grande Officina de Moveis Artisticos

Tem sempre grande deposito de moveis de luxo

Especialidade em moveis á Luiz XV e á Luiz XIV

e em estylo italiano de Raphaelo, etc., etc.

Grande sortimento de moveis «art-nouveau»,
por preços sem competencia

Pedimos aos ex.^{mos} freguezes que não comprem moveis,
sem primeiro visitarem a nossa fabrica.

Casa Freire

RUA SÃO BENTO, N. 25-A - S. PAULO

Armazem de Louças, Porcellanas, Crystaes,
Metaes e Artigos de fantasia para presentes.

CASA FREIRE

25-A, RUA S. BENTO, 25-A

São Paulo



Fortaleza-Ceará — Mercado Publico

ALFAIATARIA CASA ABREU

30, Rua de São Bento, 30 -- S. PAULO

Sob a habil direcção dos dois socios e eximios profissionais

Joaquim Simões Abreu e José Antunes

Grande stock de casimiras Inglesas e Francezas
o que ha de mais chic nas ultimas novidades.

ULTIMOS FIGURINOS * * *

* * * * Importação Directa

ATTENÇÃO

Sobre os nossos preços, que já são relati-
vamente baixos, continuamos a fazer o aba-
timento de 10% para os pagamentos á
vista.

Abreu, Antunes & Comp. Rua de S. Bento, 30
S. PAULO

* MACTE ANIMO *

CULTIVAE vossa intelligencia, sem prejudicar vossos devcres, disse Voltaire.

E' o que fazem os moços da *Phenix*, esta bella e digna associação, donde tem sahido uma pleiade de talentos com preparo solido para as luctas da vida. As aulas da *Phenix* deve a mocidade que se dedica ao commercio uma educação que a colloca na primeira plana da laboriosa classe. Tenho inabalavel confiança na mocidade que estuda, que procura enriquecer o espirito; desta mocidade virão melhores dias para a Patria, cuja prosperidade depende da geração que desponta. Só a instrução pôde formar animo forte em alma forte.

A associação que dá instrução aos que começam fornece-lhes o melhor e o mais precioso capital: — a fortuna pôde arruinar-se, o saber fica e é inalienavel. Não podia a *Phenix* prestar melhores serviços á Patria do que os está prestando — mantendo um curso de humanidades, com ingentes esforços, e conseguindo frequencia regular e proveitosa.

Apprender o que os mais velhos, os mais civilisados, os mais praticos, os mais instruidos sabem, é habilitar-se para fazer meliior, para aperfeiçoar-se.

E' edificante o que diz Th. Ribot nestas palavras: «... a historia mostra que a humanidade marcha naturalmente do « menos perfeito ao mais perfeito; sendo incontestavel que, com o tempo, os costumes propendem a tornar-se mais doces, a vida mais commoda, os hábitos mais moraes, as instituições sociaes mais justas, as instituições politicas mais liberaes, os conhecimentos mais amplos, as crenças mais razoaveis, conclue-se que, não obstante os movimentos retrogradados, não obstante as excepções, as decepções e os desmentidos, a victoria afinal

« pertence ao progresso, isto é, ao melhoramento do homem e de seu meio moral. »

Ha 17 annos retrogradamos em todos os sentidos; mas esta excepção esta decepção, este desmentido á lei consoladora da evolução historica, do desenvolvimento e aperfeiçoamento successivo da sociedade e de sua civilisação, e não podem deixar de ser, passageiros. A victoria do progresso e do aperfeiçoamento, a restauração de nossas grandezas, de nossas sabias instituições são infalliveis; então, volveremos a gosar o que já gosámos por mais de sessenta annos: paz, união, riqueza publica e privada, prosperidade de todas as classes, facilidade da vida, bem-estar moral e social, confiança no futuro, e, com tudo isso, o respeito das nações e a estimulação e consideração dos povos cultos.

Uma nacionalidade educada por sessenta annos de bom governo não ha de fenece com o passageiro esquecimento e desvio das boas normas, com o eclipse de suas instituições por um praso mais ou menos longo.

Para restaural-a, nós temos a mocidade que é o futuro, que é o alicerce da regeneração, que é a semente donde germinará mais perfeito, o melhoramento do homem, do seu meio moral, de suas instituições politica e sociaes.

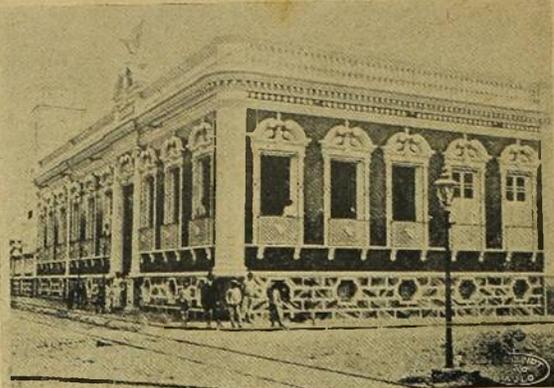
Dedique-se a mocidade ao estudo, procure aperfeiçoar-se e tudo ha de vencer: — Brasil deixará de ser uma excepção, uma decepção, um desmentido á lei da evolução historica

para entrar no nobilitante regimen que o fez nação independente, poderosa e feliz.

Aos factores desta grande e nobre aspiração nacional a historia offerecerá uma pagina de ouro, onde os posteros escreverão bençams e provas da mal acrisolada gratidão.

Applaudo a mocidade avida de saber e louvo os esforços, a orientação, a tenacidade e os loiros colhidos pela brilhante e esperançosa *Phenix Catxeira* Fortaleza.

F. B. DE PAULA PESSÔA



Edifício da Sociedade « Phenix Catxeira » — Fortaleza — Ceará

PAGINA COMICA



Um passeante: E' uma doida! Outro passeante: Vai matar alguém! O povo: Prendam-na, que está doida!...



O povo: Fujam!... Fujam!...



A velha ao amolador: Pois você não vê que eu corro atrás de você há meia hora, para que me amole esta faca!...

Quando os filhcs são pequenos, pisam-nos nos pés; quando grandes, pisam-nos no coração.

O Sanatorio "S. Luiz"

construido sob o patrocínio de D. Lydia de Rezende, em Piracicaba — S. Paulo

O Congresso internacional da tuberculose, reunido em Paris, em outubro do anno passado, o dr. Guinard, medico-director do Sanatorio de Bligny, offereceu a seguinte these — « O que é verdadeiramente o sanatorio » — e, discorrendo, diz: a palavra *sanatorio* tem provocado forte polemica entre os medicos que tratam da tuberculose, e só ella tem sido causa de tudo; em fundo, parece que todos estão de accôrdo quanto ao methodo de tratamento que elle apresenta; não haverá, pois, maior inconveniente em ser substituida. O sanatorio não é mais do que o meio offerecido aos tuberculosos *curaveis* ou *melhoraveis*, as condições para a cura ou melhora pelo ar, pelo repouso e pela alimentação, reconhecidas por todos como o unico tratamento *realmente* efficaç; é possível que mais dia menos dia o sabio descubra no laboratorio algum remedio; por ora, porém, e por confissão desses mesmos que nos fazem tantas promessas, só temos promessas, e só podemos contar com a seguinte verdade, contra a qual nenhuma voz se tem levantado

« para curar a tuberculose, é preciso desde o começo denunciar e submeter o organismo á acção curadora pelo ar puro do campo, pelo repouso completo e razoavel alimentação »; este tratamento hygienico, que mata a molestia, modificando o terreno humano predisposto para alimentar-a, deve ser seguido com regimen methodico e persistente; diz Grancher: para a cura da tuberculose são precisas duas cousas: 1.ª querer; 2.ª querer por muito tempo! Mesmo com uma direcção medica perfeita, qual o doente que, entre que asi mesmo, terá bastante força de vontade para, durante semanas e mezes, seguir escrupulosamente e sem interrupção a regia de vida que deve seguir, se quizer salvar-se? Eis a razão de ser do Sanatorio, e, se preferivel, *da casa de cura no campo*, na qual, graças ás prescripções e influencia immediata do medico, os doentes tratam-se methodicamente, regularmente, e por tanto tempo quanto necessario.

Estas considerações do dr. Guinard confirmam as mães de familias, quando, vendo soiffer os filhos, retiram-se das suas moradias nas cidades ou centros populosos, procurando as chacaras ou casas de campo, para *mudar* *ca de ar e repouso*, e por estas condições *bóia alimentação*; infelizmente, em regra, o fazem já tarde e mesmo muito tarde! Seria este o meio de cura, se delle lançassem mão antes do doente chegar ao 3.º gráu ou mesmo ao 2.º, mas desde o 1.º gráu, enquanto o organismo poderia fortificar-se pelo ar puro, pelo repouso e alimentação, para não deixar-se vencer pela molestia, que reconhecidamente não é irreductivel, mas facilmente curavel, dadas as condições, diagnostico e tratamento preciso.

Em Bligny, diz o dr. Guinard, sobre o total de 313 doentes, 63 eram do 1.º gráu, 67 do 2.º e 183 do 3.º!

O dr. Barth notou que de 10 doentes que se apresentaram á Commissão medica, procurando entrada no Sanatorio, 7 foram recusados, não podendo, pelo adiantado estado do mal, ser aproveitavel a sua internação.

O Sanatorio, segundo o professor Landouzy, é um instrumento de cura, um soccorro prompto, um utensilio ou arca especial na lucta, mas para os

tuberculosos susceptiveis de cura ou melhora; os incuraveis devem ser dello eliminados, diz Guinard; é o que devem comprehender os philanthropos, os medicos e os proprios doentes, dando assim um passo consideravel na cura da tuberculose, salvando-se os que não estão irremediavelmente perdidos.

Tem servido de argumento, contra o Sanatorio, a consideração que, não podendo ser aproveitavel para todos os doentes, qualquer que seja o gráu de seu mal, pelos relativamente poucos que recebe, é quasi inutil na lucta contra o flagello. Antes de tudo, convém notar-se que esta desproporção entre curaveis e incuraveis demonstra quanto é flagellada a humanidade e quanto tem sido descurado o mal, mas por isso mesmo extraordinarios devem ser os esforços na lucta anti-tuberculosa, para que um dia possa tornar-se inversa a proporção entre incuraveis e curaveis; o argumento e contraproducente, mostrando a necessidade da construcção do maior numero possível de sanatorios, largamente propagando-se os dispensarios; em todo o caso, diz o director de

Bligny, não seria esta uma razão para privarmos os curaveis ou melhoraveis dos recursos precisos que offerecem estes estabelecimentos; sendo manifestos os excellentes resultados que obtém os tuberculosos nos primeiros gráus, não devemos deixar de procurar salvá-los, só porque outros desconheciam ou abandonaram a noção capital do diagnostico e tratamento preciso na tuberculose pulmonar.

Consideração final: com fortuna, bom medico e persistencia, pôde-se escolher onde fazer bóia cura da tuberculose; ainda assim, o Sanatorio offerece garantias e assegura os melhores resultados, porque nelle são máis bem observados os preceitos do methodo de tratamento; mas os que não dispõem

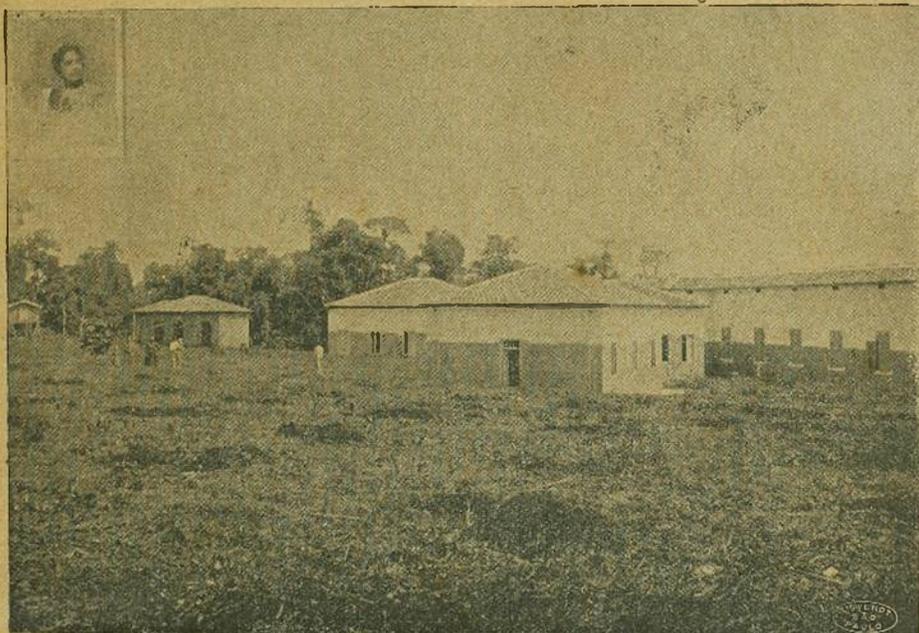
de recursos, o modesto empregado, os operarios, deverão perecer á ningua e fatalmente? Para estes a sociedade e a caridade offerecem o amparo preciso para que a pobreza não obste ao tentamen da sua salvação, construido os sanatorios populares.

A sociedade *Sanatorio São Luiz* (art. 1.º dos estatutos) tem por fim, vulgarizando os meios aconselhados pela sciencia para a prophylaxia e a cura da tuberculose, *construir* e custear o Sanatorio denominado *São Luiz*, para tuberculosos pobres, especialmente operarios.

A 13 de novembro de 1902, os medicos e pharmaceuticos domiciliados na cidade de Piracicaba convidaram as pessoas que se interessassem pela fundação de um Sanatorio para tuberculosos a comparecerem á reunião de 23 do mesmo mez. Com a maior solidariedade, resolveram a constituição da sociedade para a construcção do *Sanatorio São Luiz*; foi installada, organisados os estatutos e eleita a sua administração a 6 de janeiro de 1903.

A 21 de maio de 1904, foi lançada a primeira pedra e em junho encetados os trabalhos; em julho de 1905, ficou coberto o corpo central do edificio e em andamento as dependencias, podendo-se considerar quasi concluidas, procedendo-se actualmente á pintura, encanamento e distribuição da agua, etc., mas este final, até o ponto de ser mobilado, depende ainda de trabalho e muitos pedidos á Caridade, á custa da qual tem sido feito.

SANATORIO S. LUIZ, EM PIRACICABA



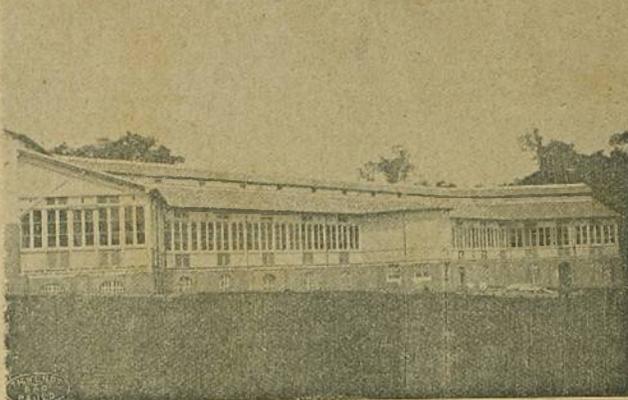
Caixa d'agua Lavanderia e Desinfectorio Cozinha Administração Sala de jantar Fundo dos quartos

O Sanatorio está situado na avenida Barão da Serra-Negra, na Villa Rezende, a 1.470 metros desde a ponte sobre o rio Piracicaba; será rodeado de um grande parque e pomar, além do bosque anexo; o sólo é de terra roxa, cultivado na visinhança com grande plantação de cannas; as habitações existentes estão em distancia maior de um kilometro; será abastecido de agua abundante e a mais pura, proveniente de fonte ou nascente que já foi captada e encanada, com altura sufficiente para ser distribuida naturalmente por todo o edificio.

Tem as seguintes disposições: na frente, uma varanda toda envidraçada, com 72 metros de comprimento, sendo a linha do corpo principal quebrada nos extremos, á distancia de 14 metros, formando angulos obtusos, largura de 6 metros; dá entrada larga e commoda escada com 13 degraus; de toda a varanda gosa-se de bello panorama, offerecendo-se á distancia, e em grande extensão, a passagem dos trens das estradas de ferro Ytuana e do Engenho Central; a ella correspondem dezeseis quartos para dous leitos cada um, e uma passagem servindo de entrada ou sala de espera, com quatro metros de largura e oito de comprimento, que communica com a sala de jantar; os quartos são de quatro metros em quadra e seis de altura, medindo, pois, noventa e seis metros cubicos de ar ou quarenta e oito para cada asylo; tem o quarto largas portas e janellas, na frente e fundo, com venezianas e bandeiras moveis, e correspondente, na varanda, janellas com venezianas embaixo e em cima das mesmas; e, pois, completamente arejado de dia e de noite, além de um oculo no tecto

servindo de respiradouro; o forro de todo o edificio é igualmente arejado por pequenas venezianas na frente e fundo, no vão correspondente a cada quarto; em todos haverá lavatorio especial para cada doente e respectiva torneira, para evitar quanto possivel a communhão dos utensilios; dos quartos, um servirá para sala de recepção e outro para pharmacia e pesagem. A sala de jantar, quatorze

SANATORIO S. LUIZ



Galeria de cura

A lotação é para trinta asylos, podendo com pequeno e facil acrescimo ser elevada ao duplo ou triplo, bastando a construcção de quartos, sem augmento ou alteração de quaesquer outras dependencias, e tal foi o plano seguido!

E. R.

S. Paulo — 1906.

A lavoura e o capital

Para o *Album Imperial*

UMA das cousas que têm sido postas em discussão, ha muito tempo, é a indagação dos motivos que afastam os capitaes da lavoura, ao passo que as outras industrias os encontram facilmente.

Se nos lembrassemos que a organização commercial das outras industrias facilita os mais audazes meios de mobilisação de capitaes, ao passo que a lavoura, além de todas as difficuldades nas menores transacções, limita a maneira de receber capitaes a duas fórmãs: ou o individuo tornar-se proprietario ou tornar-se credor, estaria respondido o quesito.

No primeiro caso, elle tem de explorar, por sua conta e risco, a propriedade; e se nunca foi lavrador, quasi que pôde contar que vai soffrer um verdadeiro desastre em sua fortuna. No segundo caso, torna-se possuidor, quando cercado da melhor garantia, de um titulo hypothecario, para o qual não encontra negocio, e quando o encontre é obrigado, por força das circumstancias legais, a exigencias que difficultam, se não impedem, a transacção.

Note-se que em todos os paizes a lavoura soffre mais ou menos os mesmos embaraços, devido ainda a legislação agricola não ter sido posta de accordo com os interesses commerciaes contemporaneos. Mas em nosso paiz as cousas ainda se aggravam mais, devido ao meio pelo qual é explorada a industria agricola.

O regimen que Turgot já considerava como o mais adeantado, o do arrendamento, facilita nos paizes estrangeiros, de uma maneira incalculavel para nós, a entrada de capitaes para a lavoura.

Sendo ahi esses contractos por 20 ou mais annos, cercados de todas as garantias para ambas as partes, e previstas as condições futuras, em que vão ser restituídos os immoveis, beneficiados ou meramente conservados, até de terminada a maneira pela qual o terreno deve ser adubado, podem, desse modo, os capitaes encontrar base para negociações.

Assim, o capitalista que deseja collocar o seu dinheiro encontra uma propriedade agricola, com contracto feito, a praso mais ou menos longo; e, por essa base, calculará, com a maior probabilidade, qual o juro do seu capital, se vier adquirir esse immovel. E ficará certo tambem que o dia em que precisar dispôr dessa propriedade, terá meios de offerecer ao pretendente um titulo, que lhe vencerá, indubitavelmente, um juro certo.

Sem, pois, entender de lavoura, sem precisar afastar-se das cidades, não necessitando de arriscar capitaes na exploração agricola, podendo fazer o negocio com o capital perfeitamente determinado, o individuo adquire uma propriedade que lhe rende annualmente um juro conveniente, que elle pôde perfeitamente terminar e que lhe facilitará a transmissão, no momento em que desejar, bem como o levantamento de capital sobre o valor delle. E ainda terá a vantagem de se tornar proprietario agricola ideal, em todos os paizes dos homens das mais elevadas posições, desde os commerciantes até os politicos.

Com o regimen que nós praticamos, só emprega capitaes na terra quem deseja explorá-la, ficando por isso mesmo limitado o numero de concorrentes ás compras de fazendas; o que é um dos meios de desvalorisar a propriedade. Os proprios fazendeiros, quando vão accumulando capitaes, os collocam geralmente em titulos de bolsa ou em predios, porque, na impossibilidade em que se acham de administrá-las, não querem adquirir novas fazendas.

Do mesmo modo que o valor locativo de uma casa indica, aproximadamente, o seu valor real, assim tambem as propriedades agricolas, sujeitas a arrendamento em condições determinadas, ficam com o seu valor determinado.



Praça Conde d'Eu — Recife

sem que o proprietario seja obrigado a aventurar-se na cultura do sólo, que, sujeito a influencias diversas, não póde precisar, mesmo approximadamente, o valor real da propriedade.

Longe ainda estamos desse ideal, porém o que é preciso e nos irmos convencendo de que o valor da propriedade é proporcional á facilidade da sua exploração, e que melhor seria para o grande proprietario agricola organizar o seu serviço de modo a poder fixar, com antecipação de annos, a importancia da sua venda.

ANDRÉ WERNECK



NATAL DE OUTR'ORA

A FORMOSA vespera do dia natalicio de Jesus, nos ricos tempos de antanho... Que consoadas, santo Deus!

Todos os annos, na noite de 24 de dezembro, iamos ás famosas consoadas do velho avô, acastellado, no seu solar de Santa Clara, com uns poentos titulos coloniaes de antigo Capitão-Mór de 1810, com tença e fóros de fidalgo, que lhe dára El-Rey Dom João VI, pelos tempos da corte portugueza no Rio de Janeiro.

Alli era certa a reunião, na noite tradicional e festiva, desde o bater de Vesperas ao toque de Matinas, com o intervallo da apparatusa « Missa do gallo ».

Era o unico prazer do velho avô aquella ceia de todos os annos, para a qual toda a nobre e limpa gente dos arredores de Santa Clara era convidada.

Regalo unico e sem par, nos annaes da terra, todos accorriam, pressurosos, ao festim opiparo do Capitão-Mór.

Desperta do longo torpor nostalgico, ó alma de minha infancia — memoria de caros tempos que para sempre se foram! — e narra o que eram as grandes festas de consoadas do velho avô fidalgo.

... Na grande mesa antiga, de cedro, com pés torneados de jacarandá, estava todos os annos, naquella noite sagrada, extendida toda uma bateria de petiscos raros e exóticos. Era uma revista geral e cosmopolita de pratos, qual mais delicioso ao paladar, qual mais excitante do appetito dos convivas.

Lagostins á portugueza e patos com pimentões faziam frente aos perús trufados e aos lombos roseos, nadando em travessas cheias de molhos picantes. Pilhas de morangos frescos, uvas moscateis de tempo e maçãs tenras enchiam fructeiras de Saxe, com lavores rendados de prata ingleza. As castanhas geladas, para se comecrem molhadas em vinho hungaro de Tokay, atufavam compoteiras esmaltadas, de envolta com os figos verdes e os pecegos damascos cortidos em calda de assucar granitado. Era uma bacchanal desordenada de pratos do Oriente, como o apreciado *Caviar* russo, o delicioso arroz chinês, cozido em caldo de andorinhas, *vis-à-vis* dos guisados da comida occidental, feita com os condimentos do exigente paladar europeu. Sopas de codornas e perdzes com macarrão napolitano e ralas de queijo Parmesão deliciavam o ambiente com o aroma fumegante do cravo, do vinagre e do alho, que as adubavam.

Aqui, pratos de lampreias de escabeche, travessas de pescadas e salmões em molho de tomates vermelhos; alli, nacos de anho assado, com as folhas aromaticas da alfavaca e grandes azeltonas de Malaga, espetadas na carne tostada e provocadora de subida gula...

Garrafeira abundante e dos melhores vinhos de Portugal e outros climas, para as delicias do pasto, se extendia de flanco a flanco da grande mesa. As garrafas de crystal lapidado de Praga faiscavam deante das porcelanas de Sèvres e dos vasos toscanos, coroados por peonias rubras e cravos brancos, calladiuns de reflexo metallico e orchideas raras das nossas florestas tropicaes.

Cyathos gregos recebiam os vinhos espumarentos de Chypre, da Madeira e da Sicilia, enquanto nas crateras argentinas, rendilhadas pelo buril magico de Cellini, fumogavam os ponches quentes de absyntho e limão e canella da India. Patenas douradas, curvadas em formato de canôas, estavam cheias de pedaços de gelo granitado, que se servia nos copos dos convivas, desejosos de nevarem o ardor do caldo paradisiaco da uva, dessa uva que, rotulada com os nomes de Falerno ou Porto, Tinos ou Gironda, Sorrento ou Malaga, é sempre o vinho inspirador das imaginações e delicioso aos paladares... Vai sem dizer que, embora de nomes mais chulos, nem por isso eram menos appetitosos e picados dos mais provocadores temperos da cosinha indigena es pratos e bôlos e doçainas nacionaes, genuinamente brasileiros, que na

mesa do Capitão-Mór se alinhavam, em confusa e bizarra mistura com os exóticos acepipes da comida europeá, mais fina, arvezada e aristocratica.

O classico *lulu* á mineira com o churrasco gaúcho, o munguzá bahiano com os beijús e mixira do Pará alli desafiavam, com o cheiro acre dos molhos ardentes, o paladar de quantos consoavam no hospitaleiro solar do velho avô fidalgo.

* * *

Ah! prefiro não arrolar as outras e grandes cousas desses bellos tempos gulosos da mesa de meu rico avô, o Capitão-Mór...

Hoje, tu passas, Natal querido, sem os festejos e piedade de outr'ora. Os novos tempos trouxeram novas gentes, de costumes mudados e outros. O desamor e a indifferença solaparam o edificio, então primoroso e bem cuidado, da Tradição e da Fé.

Por cima de todas as illusões destruidas paira a morbida somnolencia do Tédio — polvo esfaimado que nos devorou crença, amor e poesia.

E este triste acabar de meigas tradições esquecidas, eu vos evoco, ó saudosissimas noites de consoadas, no solar opulento do velho avô...

PELAYO SERRANO

Julgamento poetico

HA poucos mezes, na cidade de Itabira (Minas), foi julgado pelo jury o réo Antonio Valladares da Silva, de 66 annos de idade, accusado de haver ferido a dentadas a Maria dos Reis.

Ao terminar a accusação, o promotor publico leu uns versos de Gonçalves Crespo, adaptaveis ao caso, — versos que causaram hilaridade no tribunal. São estes:

— Dona do riso alegre,
Oh! meu tormento!
— Dona de olhos azues,
Oh! minha amada!
Já me bastava o doce juramento!
Foi demais a dentada!

Por sua vez, o advogado do réo, sr. Antonio de Paula Camara, ao terminar a defesa, negando o facto, improvisou as seguintes quadras, que tambem produziram hilaridade:

Dá dentadas quem tem dentes:
O Valladares não os tem;
Morder com força — faz mal,
De vagar — é querer bem.

Historias conta a Maria:
Ella quer se defender;
O Valladares, coitado!
Não póde jámais morder...

O que diz o seu Valladares
Da moça o dito dentado:
Embora dentes tivesse,
Dentada de amor não dá.

A correspondencia donde trasladamos esta noticia não nos diz qual foi a sentença proferida pelo jury. Parece-nos, entretanto, que o resultado do interessantissimo jury não podia ser outro senão o da absolvição do accusado...



A LOCOMOTIVA

A LOCOMOTIVA é a mais bella synthese da mecanica industrial hodierna, é a machina orgulho da especie humana; ha momentos em que parece viver, respirar, palpar; e impossivel contemplar sem entusiastica emoção a sublime filha do genio inventivo de Papin, Watt, Stephenson e de seus diqnos emulos.

Se um cataclysmo pudesse destruir tudo quanto a geração presente tem accumulado sobre a superficie da terra, bastava que ficasse intacta em um dos tuncis dos Alleghanezs uma locomotiva Baldwin, para que os archeologos da geração ulterior pudessem avaliar a que gráu de progresso haviam attingido no seculo actual as artes e as industrias.

Rio de Janeiro.

ANDRÉ REBOUÇAS



Um hespanhol, tendo perdido uma vacca, prometteu a um santo de sua devoção que, se a achasse logo, lhe daria o sebo para velas.

Achou com effeito a vacca, laçou-a e, quando a levava para casa, disse consigo mesmo:

— Ora sebo, que yo non dó lo siebo.

Nisto rebenta-se o laço e a vacca parte a correr pelo campo fóra. Então, o hespanhol exclama:

— Como el santo és desconfiado! yo dice por gracia.

Instituto Psycho-Physiologico

RUA JAGUARIBE, N. 33

DIRECTOR-PROPRIETARIO

Bonde de Santa Cecilia

DR. DOMINGOS JAGUARIBE

Professor Correspondente da Escola de Psychologia de Paris

Cura tieos, habitos viciosos, incontinencia de urinas, etc., etc.

Tratamento das molestias Mentaes e Nervosas pelo hypnotismo e suggestão

Os doentes podem tomar um cartão de ingresso, dando direito até 30 vezes, pagamento adeantado.

Massagem manual e electro-vibratoria, Equitação mechanica, Radioscopia, Radiographia, Tratamento pelos Raios X.

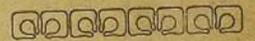


O MELHOR ESTABELEGIMENTO BALNEARIO DO BRASIL

Electrotherapia: Electricidade estatica, galvanica, galvano-faradica e faradica, Alta frequencia e d'Arsonvalisação.

A electrotherapia, a hydrotherapia e a massagem são indicadas nas seguintes molestias:

Arthritismo, obesidade, diabete, lithiase biliar, choréa, hysteria, epilepsia, neurasthenia, bocio exophthalmico, hemiplegia, tabes, paralyrias, neuralgias, neurites, nævus, angiomas, eezemas, psoriasis, lupus, dyspepsias, constipação de ventre, oclusão intestinal, hemorrhoides, fissura do anus, paralytia vesical, hypertrophia da prostata, estreitamento da urethra, orchite, vaginismo, metrites, fibromas, perturbações da mensruação, ozena, polypos nasaes, ophonia nervosa, coqueluche, asthma, tuberculose, aneurysma, varizes, adenites
elephancia, lymphathismo, debilidade, dilorose, etc., etc.



MASSAGISTA:

RENÉ MAITRET,

da Escola
de Massagem de Paris

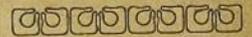
MASSAGISTA

especial para Senhoras

Um **PEDICURO** é sempre
encontrado
no estabelecimento.

Toda reclamação, ao gerente

João Martins



CONTO PARA CRIANÇAS

O hospede da noite de Natal

BRAMINDO e roncando, por cima da charneca cheia de neve, gritava o rei Vendaval: Uhuhu! Uhuhu! Fugam de mim!

Os espinheiros, que formavam um bosquesinho ao pé da cabana de Edith, curvavam-se humildemente, á sua passagem, e tremiam, ouvindo-o assoberbar com estridor nas verdes e escuras ramarias.

Uhuhu! Quem és tu! — rousnou o rei Vendaval, ao dar com os olhos num Trasgosinho, que estava abrigado na cavidade do tronco de uma carvalheira. — Que faz ahí? Vae-te ou mando ao Vento Norte que te leve e te sepulte debaixo da neve.

O Trasgo, da figura de um homem muito pequenino, estava vestido de verde e tinha calçados uns sapatinhos de ouro.

— Pé... peço perdão a Vossa Majestade, sr. rei Vendaval, — balbuciou elle muito assustado. — Eu me tinha ido embora, se soubesse o caminho para o reino das Fadas.

— Vae-te dahi! Vae-te dahi! — berrou o Vendaval, soprando e resfolegando com mais furia.

Aqui estou eu! Vou já levá-lo! gritou o cruel Vento Norte, barafustando em volta da arvore, miugindo e uivando com perversa alegria.

Tem dó de mim! Se estou aqui, não é por minha culpa! — disse o Trasgo, muito afflicto e de mãos postas. — Fóra deste abrigo, o que me espera?... A ventania e a neve acabam-me com certeza!

Que me importa! Não tens ahí que fazer! O verão já lá vai! — tornou-lhe o rei Vendaval.

Rugindo e roncando, quiz ver se arrancava do chão a carvalheira, mas a arvore tinha já resistido muitos e muitos annos e não se deixou vencer.

— Pio! Pio! Pio! Pio! — piou um Pintaroxo do meio da folhagem. — Protege esse desgraçado até eu voltar, sr.ª Carvalheira, que já descobri o meio de lhe valer.

E o passarito voou direito ao pinhal que havia ao pé de uma cabana, feita de turfa e de granito. Em companhia do pae, um pobre trabalhador, alli morava Edith, meiga e bonita rapariguinha, que tinha passado toda a vida no meio daquelles valles e outeiros. A chaminé da cabana deitava um fumo-sinho azul, o que era signal que Edith estava em casa. As aves e outros habitantes da charneca e dos bosques, companheiros dos brinquedos da pequena, tanta amizade sentiam por ella, que lhe tinham ensinado a sua linguagem.

Abriu-se o postigo, mal o Pintaroxo bateu com o bico na janella.

— Vem depressa! — chilcou o passaro. — Um dos nossos companheiros de charneca está em perigo. — E contou-lhe a afflicção do Trasgosinho.

Edith embrulhou-se num chalco, pegou num cestinho em que levava os ovos para o mercado e sahio pela porta fóra.

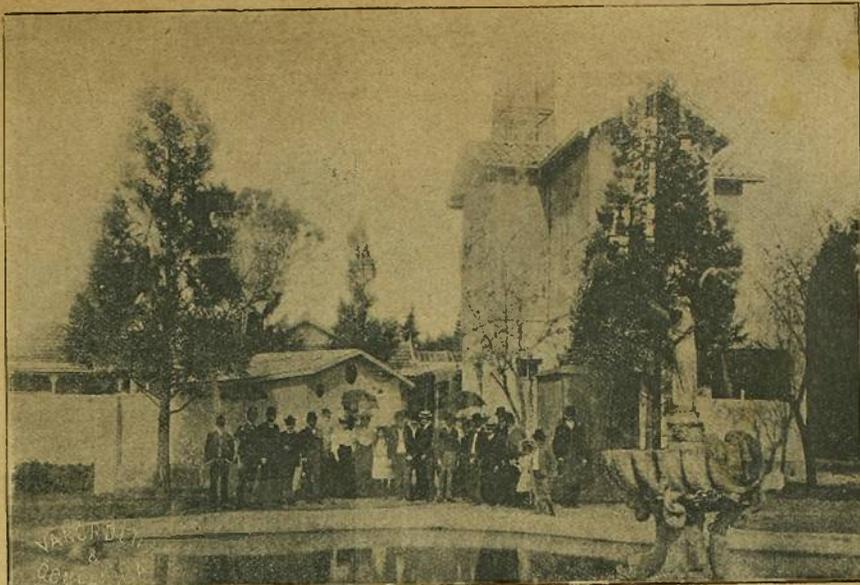
O rei Vendaval bem a quiz deter, fustigando-lhe as faces rosadas, enfunando-lhe o chale, desgrednando-lhe o cabelo. Edith arrostou-o sem medo e chegou afinal ao pé do carcomido tronco, onde o pobre coitado estava encolhido com medo, debaixo de uma das folhas sêccas.

Dá-nos muita honra vindo para a nossa choupana — disse-lhe Edith — com timidez, porque naquelles logares havia muito respeito pelos Trasgos. — Dentro deste cestinho pôde ir sem perigo.

Elle accceitou muito reconhecido e dahi a minutos estava sentado num grande banco de carvalho, aquecendo-se ao vivo lume que ardia na lareira da cabana.

Que bom!... — exclamou o Trasgo, muito satisfeito. — Se não fosses tu... tremo só de o pensar... estava a estas horas nas garras do Vendaval. Fica certa de que hei de recompensar-te pela tua bondade e coragem!

Edith trouxe-lhe pão e leite, que elle foi saboreando, ao mesmo tempo que seguia com os olhos



Instituto Psycho-Physiologico do Dr. Jaguaribe — Vista tirada do lago.

a pequenina nas voltas que dava pela cozinha. Por fim, perguntou-lhe:

— Em que mez estamos? Desde que ando sumido, perdi a conta do tempo.

— Em dezembro, na noite de Natal.

— Devéras!... Ai! Quantas cousas eu tinha para fazer, se agora estivesse no paiz das Fadas. E' obrigação do Trasgo nesta noite dar aos bebês sonhos encantadores. Das crianças mais crescidas não tratamos nós.

— Ah! Sim?

— Pois nunca vicram trazer-te brinquedos no Natal? Talvez porque não tens meias, onde os deitassem — accrescentou elle, olhando-lhe para os pés descalços.

A pequena disse que nunca tinha tido nenhum brinquedo, a não ser um barquinho que o pae lhe fizera e que ella deitava a boiar no ribeiro.

O Trasgo perguntou-lhe se queria que lhe contasse a historia de quem lhe poderia trazer presentes pelo Natal, porém Edith pediu-lhe que antes contasse a delc.

— A minha conta-se depressa — tornou-lhe o Trasgo. Quando principia o bom tempo, eu e os meus companheiros sahimos do reino das Fadas e vimos aos milhares para os bosques e charnecas. De dia estamos escondidos na folhagem ou no musgo, e colhemos o mel das flôres doiradas do tojo e das flôres purpúrias de urze, ou andamos a brincar entre as hastes esguias do silvado... E quando as folhas caem, voltamos para o reino das Fadas.

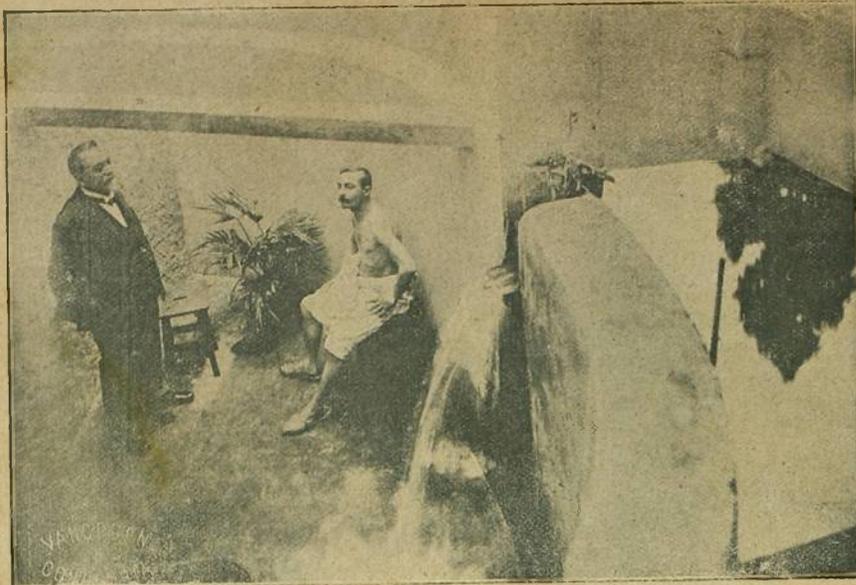
— Então porque se deixou ficar?

— Eu?... A rainha tinha-me dado ordem para não me ir embora antes de murcharem as ultimas campainhas das dedaleiras. Numa noite de temporal, perdi-me na charneca e dei-me a dormir dentro de uma flôr de tojo. Quando acordei, vi, afflictissimo, que tinham nascido as espigas, formando uma gaiola, onde fiquei detido. Só depois de ficar sêcca a flôr é que pude sahir da prisão. Ai! Não vi um só dos meus companheiros. Já tinham todos abalado da charneca. Desde então debalde tentei descobrir o caminho por onde hei de voltar para o reino das



Instituto Psycho-Physiologico do Dr. Jaguaribe — Vista da fonte sulphureosa.

Na mulher, outra formosura não conheço que mais sobresaia do que a honestidade. — CALDERON.



Instituto Psycho-Physiologico do Dr. Jaguaribe -- Vista do banho de cachoeira e natação

Fadas. Se m'o indicasses, ficar-te-ia ainda mais grato.

— Por mim não posso — respondeu Edith — mas tenho aqui muitos amigos na floresta e amanhã sem falta vamos consultal-os.

— Deixa-me ajudar-te a cozinhar. Que tens ahí dentro? — perguntou o Trasgo, apontando para uma panela que estava ao lume.

— Batatas.

— Pff!... Fraca ceia para a noite de Natal. E' que tens cousa melhor no forno.

— No forno só tenho pão.

— Que grande petta! disse o Trasgo, rindo e batendo as palmas. — Vae lá ver.

Edith abriu a porta do forno e ficou pasmada, vendo assar um bello perú. Deitava um cheirinho que consolava!

— E vê tambem o que estará dentro da panela.

A pequena assim fez e achou um grande pudim, que cheirava melhor ainda que o perú.

— E procura no armario -- continuou o Trasgo, rindo muito satisfeito.

Edith, ainda mais admirada e contente, encontrou nas prateleiras muitas maçãs e outras fructas, e uma linda boneca de cera, além de varios outros brinquedos.

O pae, que chegou mais tarde naquelle dia, por ter ido a casa de um freguez que morava longe, tambem ficou pasmado e satisleitissimo com a fortuna que lhe tinha entrado pela porta dentro. Depois de dar mil agradecimentos ao hospede, sentaram-se os tres á mesa e cearam com a alegria propria da noite de Natal.

E enquanto o camponez e o Trasgo iam conversando as estopinhas, Edith, muito abraçada á boneca e de bocca aberta e olhos fechados, sonhava que já tinha mil bonecas e que andavam todas bailando pelo ar, como bailam as moscas nos dias quentes de verão.

Afinal o pae acordou-a e ambos foram deitar-se nas suas pobres camas, e o Trasgo aninhou-se no

macio feno que forrava o fundo do cesto. Dalli a pouco, todos tres dormiam a somno alto, sem ouvir o rei Vendaval, que lá fóra continuava a roncar: — Uhuhu! Uhuhu!

II

No dia seguinte, o céu estava limpido e azul, o sol brilhava, e um matiz purpuro esbatia-se no horizonte, por entre as encostas verdejantes dos outeiros. Já não havia neve, excepto em um ou outro cume, e no bosque as arvores sussurravam, inclinando-se umas para as outras, como se estivessem a conversar a respeito da futura primavera.

Mal acabou os arranjos da casa, Edith foi para o bosque, em companhia do hospede da noite de Natal, afim de consultar os seus amigos de pelo e de pennas.

— Pio! Pio! Trri! Ti! Ti! — pipilaram os passaritos, correndo para ella. — Ah! vem a nossa querida Flôr da Urze! — E, esvoaçando-lhe em volta, pousaram-se-lhe na cabeça e nos hombros e foram depenicar os grãos de trigo que Edith lhes offerecia na palma da mão.

— Pip! Pip! Cui! Cui! — chiaram os ratinhos do campo, escaureirando atrás della, trepando-lhe pelos pés descalços e tasquinhando uns bocadinhos de pão que a sua amiga lhes atirava.

— Honk! Hank! — gritaram as lebres e os coelhos, e, furando por entre a urze queimada do frio, vieram apresentar-se á dona, alguns postos em pé, naancia de a verem melhor.

Quando se acabou a provisão de folhas de couve, cenouras, trigo e de outros petiscos, sentou-se Edith num tronco de pinheiro derribado pelo Vendaval, e, tendo offerecido ao Trasgosinho um lugar a seu lado, disse aos habitantes da floresta que se formassem na frente delles em semi-circulo, os passaros adeante, por serem mais pequenitos, e mais atrás os coelhos e as lebres. Cumprida a ordem promptamente, Edith fez saber aos ouvintes o motivo daquella visita e pediu-lhes com toda a instancia que valessem ao seu hospede. Mas nenhum, infelizmente, sabia o caminho para o reino das Fadas.

— Porque não vais consultar os Gnomos? — perguntou, deitando a cabeça por entre duas lebres, uma Toupeira, que tinha chegado sem ser presentida. — Elles estão ao facto de todas as passagens secretas que ha por baixo do chão. Talvez alguma dellas vá dar ao reino das Fadas. Os Gnomos são doidos pela musica. Basta, certamente, ouvirem-te a cantiga que te ensinou o rouxinol, para attendem a quantos pedidos lhes fizeres.

— Irei consultal-os, se me acompanhares até lá — respondeu a pequena á Toupeira.

Um dos meus tuneis — disse esta — vai ter á caverna dos Gnomos. Anda commigo!

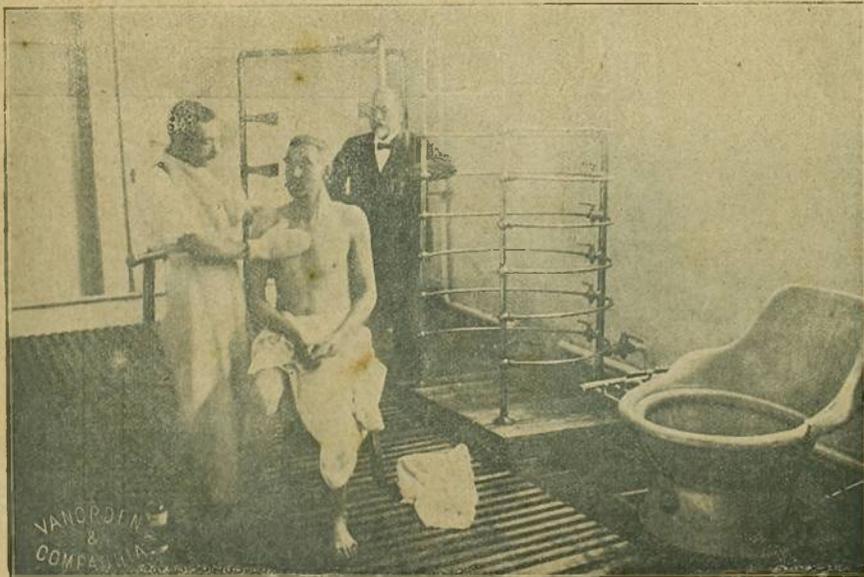
— Sabes o que reccio? É que o meu tamanho não me deixa entrar pela porta — lembrou Edith, quando viu a Toupeira encaminhar-se para um monticulo de terra, que havia alli perto.

— Esfrega os pés e as mãos com este unguento magico — disse-lhe o Trasgo, dando-lhe uma boceitinha feita de um casco de avelã — e verás como ficas logo do meu tamanho.

A rapariguita seguiu o conselho, e fez-se tão pequenina, que já podia entrar. Foi então seguindo a Toupeira ao longo de um extenso agulheiro, forrado de pylilampas e de madeira phosphorescente, e chegou finalmente a uma escada, por onde se subia para a caverna dos Gnomos. Mal chegou lá, soltou um grito de admiração, porque o tecto e as paredes eram de ouro e prata e deslumbravam a vista com a scintillação de infinitos brilhantes e crystaes.

Nesta sala dão os Gnomos os seus banquetes — explicou a Toupeira, quando entraram na immensa caverna illuminada pelas radiações de milhares de pedras preciosas.

A uma comprida mesa, onde estava posto um repasto magnifico, viam-se sentados os Gnomos, que eram uns corcunditas de barba até aos joelhos, vestidos de tunica e calções encarnados. Em frente de cada um havia copos e calices de ouro encrustados de pedrarias, pratos de ouro e prata e variados manjares. Manifestavam todos ruidosa alegria e olharam com espanto para Edith, que a Toupeira lhe apresentou como pessôa de sua amizade e cuja preten-



Instituto Psycho-Physiologico do Dr. Jaguaribe -- Vista do salão das duellas e a nova duella Jaguaribe

ção explicou em poucas palavras. A Toupeira tinha muita popularidade entre os Gnomos, e por isso foi escutada com a maior atenção.

— Podemos, com effeito, ensinar-te o caminho do reino das Fadas — disse-lhe o rei dos Gnomos, sujeito de bom humor, adornado com um manto cõr de fogo e uma corõa de rubis, — mas sinto muito dizer-te que não está ao nosso alcance o ajudar-te a ir até lá. A porta verde por onde se entra no reino magico é situada num outeiro relvoso erguido no meio de um pantano. As fadas escolheram aquelle logar na parte mais solitaria da charneca, afim de não serem incomodadas pelos mortaes. Todos os que se têm aventurado a approximar-se de lá morreram engulidos pelas aguas traiçoeiras do paul, antes de chegarem au outeiro.

— Obrigada — replicou Edith. — Mas não podem ensinar-me algum modo de ir ter á ilhota?

— Só te poderá ajudar a Feiticeira das Avelleiras. E' bondosa e tem muito saber. Vou dar-te uma prenda para lhe offereceres.

E o rei dos Gnomos entregou a Edith um magnifico brilhante, que scintillava como as mais reluzentes estrellas.

— Em paga de tanta amabilidade — disse a Toupeira — a minha amiguinha vai cantar.

E logo Edith cantou com um grande mimo a canção do Rouxinol.

Ficaram tão entusiasmados os Gnomos, que lhe pediram muito que não fosse embora. Prometteram-lhe os mais lindos brinquedos de ouro e prata, e que jogariam com ella, todos os dias, ás escondidas e o jogo dos quatro cantinhos. Lembraram-lhe que, no seu reino situado no interior da terra, ficaria livre do rei Vendaval, do frio, da neve e da geada.

Porém Edith recordou-se da encantadora luz do sol, que se gosava lá em cima, do ar livre, do lindo céu azul, das brancas nuvens, dos verdes outeiros e campinas e disse que não poderia viver em cavernas, embora deslumbrante como aquella.

Os Gnomos, muito desgostosos, disseram-lhe adcus, e Edith, sempre acompanhada pela Toupeira e pelo Trasgo, voltou para o bosque, onde os seus amigos ainda a esperavam.

— Sempre deu algum resultado a visita — disse a Lebre. — Sei onde é o esconderijo da tal feiticeira, e estou prompta a ensinar-te o caminho.

A Lebre, acompanhada por Edith e pelo Trasgo, foi ter junto de uma formosa avelleira, que havia no meio da floresta. Bateu-lhe na casca tres vezes, e logo sahiu da arvore uma creatura muito ligeira, quasi vaporosa, que era a feiticeira em que os Gnomos lhe tinham falado. Os cabellos loiros fluctuavam-lhe em redor como um feixe de raio de sol, os olhos tinham o azul da saphira e o vestido que lhe cingia as fórmas gracis era de um tecido feito com filândras de prata. Acolheu Edith com muito agrado, e, tendo ouvido o que ella pedia e agradecido a oferta do brilhante, disse-lhe:

— Aqui tens um trevo de quatro folhas. Guarda-o no seio com muita cautela, e elle te encaminhará de modo que atraveses o pantano e chegue á ilhota sem difficuldade. Aceita igualmente esta varinha de condão, para te livrares de qualquer perigo que te ameace. Se as bruxas do Cume do Outeiro te virem, hão de fazer todo o possivel para te roubarem o trevo de quatro folhas. Acautela-te.

Edith e o Trasgo deram muitos agradecimentos á linda e bondosa feiticeira e continuaram na sua peregrinação.

III

Depois de caminharem durante algum tempo, os dous foram ter finalmente a uma parte mais bravia e solitaria da charneca, cercada de carrancudos montes e de asperos despenhadeiros, onde não se viam ovelhas nem vaccas pastando pelas encostas silenciosas. Na sua frente extendia-se, coberto de juncos e de canhões, um escuro e sombrio pantano, em cujo centro se levantava o Morro das Fadas.

Caminharam atrevidamente em direcção ao perdido atoleiro, e já tinham avançado por elle dentro boa extensão, quando sentiram um estridor medonho. Edith olhou aterrada em volta de si e avistou as bruxas do Cume do Outeiro, que vinham acommettel-os, montadas em cabos de vassouras. Soltando



Instituto Psycho-Physiologico do Dr. Jaguaribe — Uma lição de hysteria, em presença do Exmo. Conde de Prates.

berros e guinchos de feroz alegria, cada vez se approximavam mais, de sorte que a pobre pequena poud observal-as melhor. Eram calvas e barbudas, magras como esqueletos, corcovadas em arco, e tinham garras como os abutres e farripas soltas chicoteando o ar. Uma das bruxas trazia uma cobra enroscada no ossudo pescoço; outra apertava com ambos os braços um enorme sapo verde-negro, e no hombro de uma terceira vinha empoleirado um gatarrão preto, que miava e bufava de um modo assustador.

— Depressa! A varinha de avelleira! — gritou o Trasgo. Edith agitou logo a varinha para o lado do esquadro das bruxas.

Desappareceram todas num abrir e fechar de olhos, soltando rugidos de desespero, e passados poucos minutos os dous peregrinos chegavam ao Morro das Fadas.

Mãos invisiveis abriram-lhe uma porta muito larga e muito alta, e avistou-se um comprido corredor

verde, tambem illuminado por myriades de vagalumes. Ao cabo desta passagem, brilhava uma claridade, que se foi tornando mais forte á medida que Edith e o Trasgo se lhe approximavam. A' sahida viram o céu e o sol, conhecendo a pequenita, cheia de espanto, que tinham chegado emfim ao Reino das Fadas. Para todos os lados avistavam-se moitas de um verde de esmeralda, valles atapetados de lindas flôres e delicados fetos; pelo ar azejavam os mais deliciosos aromas, e soltavam cantos harmoniosos innumerables avesinhas, que espanejavam ao sol as lindas plumagens.

Na base de um outeiro verdejante e á beira de um crystalino lago, erguiam-se rutilantes os zimbórios de ouro e as torres majestosas do palacio das Fadas, cujos tectos de diamantes, abatidos pelos raios solares, reverberavam as cores do arco-iris.

Milhares de duendes e trasgos, envoltos em roupagens feitas com as petalas odoríferas das flôres, esvoaçavam como um bando de esplendidas borbo-



Instituto Psycho-Physiologico do Dr. Jaguaribe — Uma lição sobre a epilepsia, em presença do Exmo. Dr. Rodrigues Peixoto.

A felicidade é cousa tão fragil, que nos arriscamos a perdê-la só ao falarmos nella. — J. LEMAITRE.

letas, ou retoicavam e dançavam alegremente na avelludada alfombra relvosa.

Afinal Edith avistou no ar, deslisando para ella, um gracioso carrinho de oiro e madreperola, puxado por duas pombas alvas de neve. Dentro, reclinada em macias almofadas de seda e debaixo de um docel de rosas, vinha uma creaturinha encantadora, vestida com um traje finissimo brocado de oiro. Tinha na cabeça um diadema de narciso e na mão um sceptrozinho de oiro e pedrarias.

Numa voz melodosissima, deu as boas vindas a Edith e a Trasgo e ouviu com o maior interesse a narração da aventureosa viagem. Levou-a depois á sala dos festins, onde já estava servida uma deliciada refeição sobre mesas feitas de cogumelos. Convidou a ambos para se sentarem a seu lado num banco estofado de teias de aranha, com o acolchoado de folhas de rosa, e enquanto os duendes, que faziam de pagens, serviam deliciosos fructos e doces, e orvalho com mel, os menestreis das fadas iam executando melodias suavissimas.

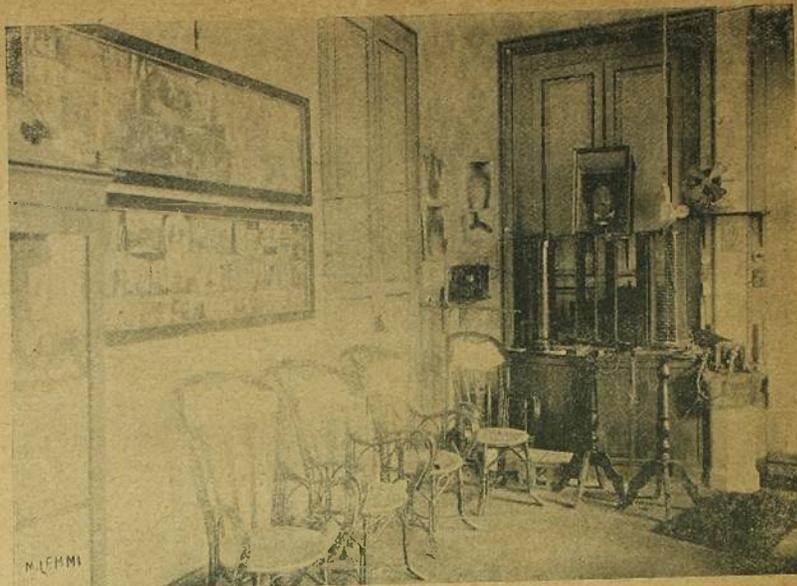
Nesta occasião, Edith lembrou-se de que o pae estaria esperando por ella na choupanasinha do pinhal. Levantou-se e disse que tinha de voltar para casa. Então a rainha das Fadas, em agradecimento ao que a pequena tinha feito ao Trasgosinho seu subdito, disse-lhe que escolhesse, de entre tudo o que via, o que mais lhe agradasse, pois que logo lhe ficaria pertencendo, quer fosse de oiro, de prata ou de pedras preciosas.

— Joias não posso usal-as -- respondeu Edith. — Cá para mim não ha nada mais lindo que a luz do sol, e julgar-me-ia feliz se ella nunca deixasse de allumiar a nossa cabana.

— Será satisfeito o teu desejo -- disse a rainha das Fadas e deu ordem a uma das suas damas para que lhe trouxesse uma roda de fiar.

E apenas a rainha recebeu da sua dama a roda, offerceu-a a Edith, dizendo-lhe: Esta roda ha de fiar unicamente raios de sol. Possam elles dar-te a felicidade!

A pequenita despediu-se do Trasgosinho, subiu para um carro de marfim puxado por borboletas, e foi levada por arcs e ventos até o pinhal, que ficava ao pé da choupana do pae della. Apenas saltou para o chão, retomou o antigo tamanho e foi ter com o pae, a quem logo contou as suas maravilhosas aventuras. Pareciam, na verdade, tão extraordinarias, que o camponez julgou que a filha tinha



instituto Psycho-Physiologico do Dr. Jaguaribe — Salão da electricidade.

estado sonhando, enquanto não viu a roda de fiar. Era a prova de que tudo era verdade.

Desde então correu tudo ás mil maravilhas para o camponez e para a filha. No jardim havia sempre abundancia de flôres; as arvores do pomar nunca deixavam de estar carregadas de fructos, nem a horta de dar legumes e hortaliças em barda. Além disso, as gallinhas punham ovos todos os dias e as vacas davam leite á farta. Os annos foram correndo assim, e Edith tornou-se uma linda rapariga, com os olhos de um azul mais bonito que o do myosote, e cabellos doirados como a flôr do tójo, quando chega o outomno.

Um dia passou na charneca um garboso e esbelto cavalleiro e viu alongar-se pela encosta a esteira que marcavam os raios de sol e guiado por

ella foi até junto da choupana. Viu sentada no seu jardim, ao pé da roda magica, a encantadora Edith, rodeada de passarinhos, de coelhos, de lebres, de toupeiras e de todos os seus amigos da floresta, que tinham ido aquecer-se aos raios doirados do sol, que ella fiava docemente. Um desses raios penetrou no coração do cavalleiro e abraçou-o de amor pela formosa rapariga. O cavalleiro pediu então a Edith que fosse sua mulher, e que fiasse raios de sol e de alegria para elle e para o seu povo.

Ella, que tambem se tinha apaixonado logo pelo cavalleiro, casou com elle, auctorizada pelo pae, que foi viver com o genro num grande castello situado no alto de uma montanha. Ao casamento assistiram todos os trasgos da charneca, e a antiphona foi cantada pelos passarinhos dos bosques.

Pio! Pio! — chilreou o Pintarroxo, que tinha envergado para a cerimonia o seu melhor collete encarnado e que, muito cheio de si, dizia com os seus botões: — «Nunca isto succederia, se não fosse eu e o hospede da noite de Natal».

EVA ROGERS



ESCOLA DE PSYCHOLOGIA DE PARIS

1 Professor Magnin, 2 M.^l Berillon, 3 Professor Berillon, 4 Dr. Jaguaribe, 5 Professor Lepinay, 6 Professor Helemandre, 7 Professor Lesmalle, 8 D.^l M.^l Ignez.

A buena dicha

Um dia, uma cigana
Lau-me a palma da mão
E disse: — Se a sciencia não me enganar,
Ha de morrer de amor, vencido ao jugo:
Ha de ser o teu verdugo
O proprio coração!

Ri-me; ella olhou-me fito
E depois perguntou:
— Não o acreditas? — Não, não acredito...

Ella a frente curvou,
Curvou-a entristecida,
Mostrando-se de mim compadecida!

E vinte annos foram decorridos
Sem amor, vinte annos! De repente
Surgiste e eis-me vencido entre os vencidos
Por este amor ardente!

Creio ver a cigana, agora, aqui:
Meu destino é morrer de amor por ti.

ALEXANDRE FERNANDES

Applausos, quando os não fundamente o merito; affagam certamente o espirito e dão algum verniz de celebridade; mas quem tem vontade de apprender e quer fazer alguma cousa, prefere a lição, que melhora ao ruido, que lisonjeia. — MACHADO DE ASSIS.

O desprezo é como a chuva: vem de cima para baixo. — PALACIO.

JESUS

COMO o povileo fanático, em torno do pretório de Pilatos, a sciencia moderna nos reclama de novo Jesus, para tortural-o, para escarnece-l-o, para mata-l-o.

Não é amigo da liberdade humana quem quizer poupal-o á furia do scepticismo; preciso é que seja de novo crucificado em todas as consciencias, para que se resgate a lei da evolução natural da sociedade.

Bem quizéramos lavar as mãos, como o romano pusillánime, e entregar á incredulidade o companheiro sobre-humano das nossas horas de angustia. Bem quizéramos negal-o, de publico, para furtar-nos á irrisão da descrença egoista e aos ataques da sabedoria atléa.

Nossa consciencia, porém, nos manda pleitear a causa do nosso Deus, porque em vão procuramos quem o ha de substituir na economia da civilização.

O que está feito na consciencia humana é fructo da doutrina de Jesus; o sangue do Deus martyr foi a seiva bemdita que nutriu a arvore da fraternidade e da justiça, que dia a dia braceja mais longe e mais largo sobre a humanidade culta.

A semente lançada á terra desaparece afinal, absorvida pela propria germinação. A planta, porém, guarda indelevelmente os seus caracteres de familia.

O Evangelho foi a semente de nossa vida contemporanea, e, por mais que a incredulidade o queira negar, as

multiplas conquistas do direito guardam o saber suavissimo dessa pregação sobrehumana que, egualando os homens, nobilitou-lhes o espirito.

A fé e a sciencia só se contradizem nas almas sophisticas, que na sua presumpção de originalidade preferem escandalisar as almas simples, a encaminhal-as para o bem.

Que mal faz abrir o céu ao que não teve gosos na terra: em que desorganisa a vida acenar com a misericordia de Deus ao que se transviou, e com a bemaventurança á virtude que passou desconhecida entre os homens?

Em que prejudica a civilização a ronda invisivel da graça, alentando os que têm um ideal bemfazejo, ou aos que em vez de roubar e matar, para a satisfação de seu egoismo, invocam humildemente o Senhor?

Onde está a immoralidade da crença que manda orar pelos proprios inimigos? Em que está o perigo de chamar pelo nome desse Jesus que mandou ver no miseravel, que se approxima de nós, a sua Pessoa?

Quantas vezes déste csmola; quantas vezes vestiste o maltrapilho; quantas vezes visitaste o enfermo desamparado; quantas agasalhaste o sem tocto, tantas me tiveste ao teu lado.

Que suave consolo para o christão sentir que ha no seu bolso o necessario para repartir com o que soffre!

Em que se diminui a alma humana nessa indemnização, que dá ao desconhecido, do mal que a sociedade e só a sociedade lhe causou?

O christianismo é o combate permanente ao egoismo, a lição continua de abnegação, de fraternidade.

O que tem medo ao dia de amanhã,



Instituto Psycho-Physiologico do Dr. Jaguaribe — Uma lição sobre epilepsia.



Instituto Psycho-Physiologico do Dr. Jaguaribe — Clinica dos pobres.

o que tem certeza de que a condescendencia dos seus cocvos o não resgata das faltas commetidas na vida, procura ser um coração leal e um espirito rectilíneo.

Que mal faz Deus na consciencia do povo? Trabalha e eu te ajudarei. Não é o mais bello estímulo á prosperidade social essa promessa, que a consciencia do simples diariamente lhe repete?

Se o homem acredita que Deus fez as estrelas dos céos e os diamantes das minas, porque não ha de acreditar que elle é capaz de centuplicar-lhe a seara, que o trabalhador plantou com o suor do seu rosto, e sobre a qual passou cantando a alegria dos seus filhos?

Não podemos comprehender a guerra contra Jesus.

Elle ensinou a abnegação e esta é a força creadora por excellencia da civilização. Os que sabem soffrer pelas suas ideas, quando ellas são de amor e de concordia, vencem sempre. Sempre que um homem foi a encarnação de um principio e soube morrer por elle, o sangue do seu martyrio é a aurora do seu triumpho. Podem cuspir-lhe nas faces, arrastal-o através dos vilipendios os mais ignominiosos, tortural-o com o supplicio o mais infamante, o seu nome resurge através dos seculos, florescendo em bençãos os espinheiros da maldição de outrora.

Jesus assim o ensinou e praticou.

Sua alma sente uma tristeza de morte no Jardim das Oliveiras, quando sente avisharcm-se as horas de endoenças; mas aquelle frio suor de sangue que a materia ressumbra da

agonia do seu espirito não basta para enregelar-lhe o coração. Este continúa a contar imperturbavelmente os seculos de amor que do seu tormento devem resultar para a humanidade.

Alli estava a noite para proteger-lhe a fuga. O somno dos discipulos era um cumplice da treva. Ninguém saberia para onde partisse o Propheta.

Além disso, era desconhecido para aquellos que o perseguiam.

No emtanto, elle espera decidido a hora do martyrio pela sua fé, pela nova era que vem abrir para a humanidade.

Ha mais sublime exemplo de coragem e de abnegação? Com quem pudemos antes delle aprender essa valentia moral que domina o instincto da conservação, essa consciencia do poder dos principios que automatiza a vontade, fazendo-a obedecer ao cumprimento frio do dever?

Porque o combatem? Não é a melhor das educações repetir á alma virgem da criança: segue o exemplo de Jesus? Crê que te debes á humanidade, que a tua vida pertence ao seu bem-estar, que o melhor destino que podes dar ao teu corpo é convertel-o numa vasta mesa de communhão do ideal de liberdade, de amor e de justiça. A caridade é um emprestimo que Deus nos faz da sua misericordia: não és tu quem dás, filho, é elle que te adeanta em horas de bem-estar, de paz com a tua consciencia, o premio de teres ouvido a sua palavra.

A fraternidade não é a defesa egoistica do teu direito, mas um dever de solidariedade com os teus semelhantes, porque tu, como ellos, tens deante da

INSTITUTO PSYCHO-PHYSIOLOGICO DO DR. JAGUARIBE

natureza eguaes deveres e eguaes direitos, e é por isso que tu tens cada vez mais perfeitias as noções da justiça.

Porque combater a fé christã, se em cada acto, se em cada palavra de Jesus, está o mais bello ensinamento de moral privada e social?

Porque tem sido mal praticada por muitos sacerdotes, respondem.

Mas então era preciso rasgar os codigos, porque ha muitos juizes que prevaricam. A logica que manda condemnar o christianismo, porque o desnaturam, devja tambem supprimir os tribunaes, porque elles não raras vezes sacrificam o direito e frequentemente offerecem o do fraco em holocausto ao interesse do poderoso.

Não! E' preciso que todas as almas fortes protestem contra essa sciencia sem consciencia, que, na phrase de Rabelais, é a ruina da alma.

Tenhamos todos a coragem de afirmar Jesus, como o atheismo affirmou Augusto Comte; tenhamos a coragem de arrostar o ridiculo dos atheus, contrapondo-lhes a moral que serve aos tyrannos a moral que serve aos humildes.

Revindiquemos para a nossa fé o direito que lhe dão dezenove seculos do progresso.

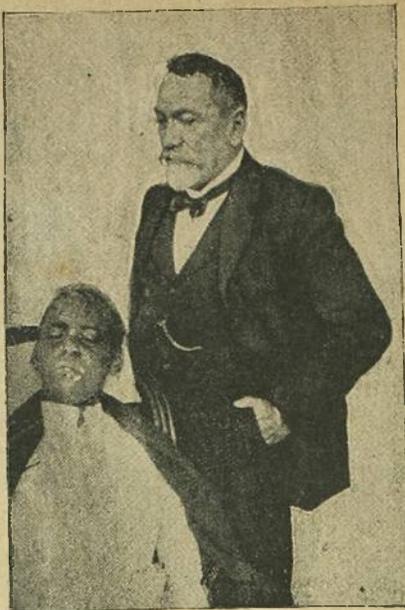
Quando nos quizerem suffocar com a gargalhada da incredulidade, respondamos com segurança e altivez que os cerebros a que a humanidade mais deve tiveram logar para guardar esse Deus de que ella escarnece.

Quando o atheismo disser que elle impede o progresso, respondamos sem receio, mostrando-lhe Colombo multiplicando a terra e Pasteur multiplicando a vida.

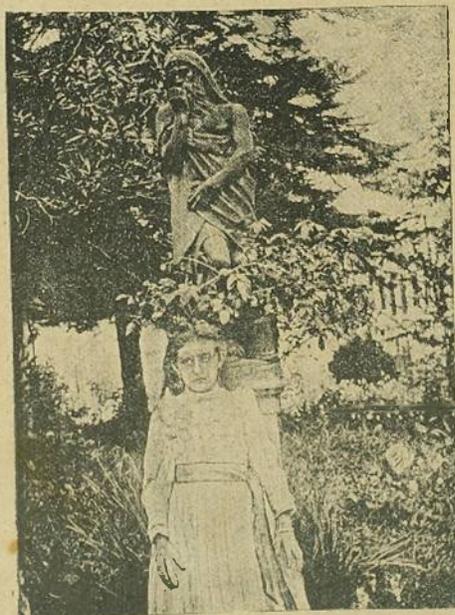
JOSÉ DO PATROCÍNIO

O HOMEM

Eis o que é o homem, em algumas das variadas phases por que passa: *Cidadão*, nas proximidades de eleições; *patriota*, se vota com o governo; *opposicionista* ou *dissidente*, se votou contra; *religioso*, se serve continuamente os cargos de thesoureiro e procurador de irmandades; *estudante*, se frequenta academia; *calouro*, quando frequenta o primeiro anno de medicina ou de direito; *inha de fome*, se não assigna subscrições; *honrado*, *virtuoso* e *sabio*, se é rico; *numero*, se cumpre sentença; *caso*, se é atacado de peste bubonica, ou de outra molestia epidemica; *sujeito* e *fulano*, se referem algum facto; *meu amado ouvinte*, se assiste a um sermão; *aluna*, se habita uma grande cidade; *parochiano*, quando baptisa um filho; *capanga*, quando defende a honra alheia; *recruta*, quando o obrigam a ser soldado; *riô*, quando tem contra si *auctor* que não é o dos seus dias; *proximo*, quando commette uma fraqueza; *transeunte*, quando vai pela rua; *moco*, quando serve em hoteis; *assignante*, quando paga o theatro por junto, ou o jornal por um anno ou semestre; *fidalgo*, quando pretende não descender de Adão e Eva; *burguez* ou *plebeu*, quando faz parte do *Zé-povinho*; *tabarco*, *matulo* ou *caipira*, se nasceu na roça; *convidado*, quando vai a enterro ou casamento; *respirantez publico*, quando está no theatro ou nos leilões; *perú*, quando applaude e mimoseia



Photographia de uma doente ao entrar e 9 dias depois.



Photographia da doente Palmyra, paralytica e muda, curada.



Photographia da doente Paula, paralytica, curada.

alguma actriz; *filante*, quando come o *pirão* alheio; *benevolô*, quando lê prologos; *passageiro*, quando anda nos bondes, trens e vapores; *camarada*, se é soldado; *hospede*, se está em casa de outrem; *nosso amigo*, se lhe faz alguma referencia o jornal cujo redactor pretende entreter com elle relações amistosias; *parceiro*, se é companheiro no jogo; *cavalheiro*, quando dança; *vijante*, quando passa por uma estrada; *caloteiro*, se não paga aos outros; *cacete*, se atordôa os ouvidos do proximo com banalidades.

A velocidade do som

Uma serie de experiencias, feitas nas suas ascensões aerostaticas por Flammarion, deu os seguintes resultados:

— Ouve-se o silvo da locomotiva a 3.000 metros no ar; o som de um comboio, marchando, a 2.500; um tiro de espingarda e o latido de um cão, a 1.800; uma orchestra ou o bater de um tambor, a 1.400; a voz humana, a 1.000; o grasnar da rã, a 900; o canto do grillo, a 800.

A palavra ouve-se distinctamente, de baixo para cima, a 580; de cima para baixo, a 100 metros.

Passeava Voltaire com um amigo, quando se encontraram em caminho com um sacerdote que levava o sagrao viatico: o philosopho tirou o chapéo, ao passar por elle. O amigo, enção, perguntou-lhe se já estava reconciliado com Deus...

— Cumprimentamo-nos, respondeu o philosopho, mas não nos falamos.

Cultura do café no Brasil

Para o Album Imperial

A cultura do café, em territorio brasileiro, veio do norte a sul.

Os historiadores dão o major Francisco de Mello Palheta como o primeiro que trouxe o café em côco, que se prestava ao plantio, e que o cultivou no Amazonas em 1727 e de cujas sementes sahio toda a cultura que possuimos.

Mas a verdade é que em 1731 foi a exportação de café isenta de direitos, em virtude de sua grande produção.

Quem conhece a cultura do café e sabe que é attribuida a sua introdução por meio de alguns carcos que o major Palheta trouxe no bulso do collete, e que lhe foram graciosamente offerecidos pela esposa do Governador de Cayena, vê que essa quantidade devia ser diminuta. Portanto, em quatro annos, 1727—1731, diminuta colheita poderiam dar esses pés, cujo producto, na melhor hypothese, seria applicado em varias plantações; não dariam, por conseguinte, vulto a merecer a isenção de direitos e a attenção do Governo. E' de crer, portanto, que a introdução dessa planta fosse feita muito antes daquella data.

Do Amazonas foi o café logo levado ao Pará, dahi ao Maranhão, que, em 1762, exportava esse producto. No Rio de Janeiro, como é muito sabido, o café foi plantado em 1774 e dahi levado para S. Paulo e Minas. Não podiam, por consequin e, em 1779, ser os Estados do Sul considerados como maiores productores; mesmo porque antes do café aqui chegar já era cultivado em quasi todoco Norte, e grandemente na Bahia, cuja exportação, até cerca de 1815, era superior á do Rio de Janeiro (porto, como o era a de outros Estados do Norte, incluido o Pará, que era, então, o maior exportador.

Convem notar que as estatisticas publicadas, mesmo as que têm vindo nos relatorios do Ministerio da Fazenda, são erradas, quanto á exportação do café brasileiro, porquanto, até certa data, ellas dão somente o café exportado pelo porto do Rio de Janeiro, e pensam ser de loco o Brasil. A boa produção do Rio de Janeiro e as do Sul datam do principio do seculo passado, e era nessa occasião muito inferior á do Norte, onde a cultura, como já disse, foi introduzida, o que, aliás, já tinha succedido com a canna.

A cultura do café no Rio de Janeiro começou na cidade em Mata-Porcós, e dahi foram as sementes levadas á serra abaixo, que as introduziu em serra acima. Pela marcha que foi seguindo, vê-se que a experiencia determinou a sua localização nas terras temperadas de serra acima, onde prosperou espantosamente, dando aos habitantes dessa zona as grandes fortunas que foram feitas com essa lavoura. Dahi o abandono dos terrenos baixos, que então eram explorados na cultura da canna; dahi o despovoamento do serra abaixo.

A cultura do café em Minas, S. Paulo e Espirito Santo foi posterior; quanto ao oeste de S. Paulo, é sabido que é ella de recente data.

O que convem indagar é a razão que actuou para que os Estados do Norte, nomeadamente o Amazonas e o

PHARMACIA E DROGARIA DO CASTOR

— DE —

Lopes, Cintra & Comp.

Sob a direcção dos pharmaceuticos Bernardino Cintra e A. Lopes

CASA FUNDADA EM 1860

Tem sempre completo
sortimento de drogas, productos
chimicos e pharmaceuticos

Abre-se a qualquer hora da noite



RUA DO COMMERCIO, 5-A

S. PAULO

PREÇOS MODICOS

CAIXA POSTAL N. 58

TELEPHONE N. 349

Casa do Guerra

GRANDE OFFICINA DE COSTURA

Enxovaes para casamentos e baptisados,
Meias de seda, fio de escocia e algodão,
Galões e enfeites de todas as qualidades,
MODAS E CONFECCÕES



CASA FUNDADA
EM 1886

ESPECIALIDADE EM
RENDAS DE LINHO DE
TODAS AS QUALIDADES,
TECIDOS DE SEDA,
LAN E ALGODÃO,
CORTINADOS,
CORTINAS, COLCHAS DE
RENDA E SEDA.

VALENTIM GUERRA & IRMÃOS

RUA DIREITA N. 31 S. PAULO TELEPHONE N. 853

FILIAL:

Rua 15 de Novembro, N. 19-A Santos

Pará, abandonassem, quasi que por completo, essa cultura, porquanto não figuram mais na exportação, ao passo que no Sul foi e é a base da riqueza particular e publica.

E notamos que o café continúa a marchar para o Sul...

ANDRÉ WERNECK

HIBERNAL

*Ao distincto poeta e mestre
Sr. Alfredo E. P. Assis*

Fugiu a primavera... E as andorinhas
Com ella foram descantando amores...
E espancando as rutilas azinhas,
Lá se foram as ledas avesinhas,
Deixando sós as resequidas flôres...

Das casuarinas vôm soluçantes
Echos de dôr ás vastidões ethereas...
O vento psalmodia uns sons distantes,
Que repercutem n'alma dos amantes
Umás canções nostalgicas... funéreas...

Fugiu a primavera... No regaço
Ella levou dos campos a alegria,
Notas de amor não boiam pelo espaço,
O plumbeo firmamento é triste e baço...
E a natureza é tristemente fria...

Entre o arvoredô não palpitam ninhos...
Aves não cantam doces cantilenas,
Fogem do inverno os ledos passarinhos,
E noutras plagas vão buscar carinhos,
Trocando beijos co'as gentis phalenas

Tudo partiu co'a primavera... E as flôres
Feneçeram gentis no proprio galho,
A sonhar com os fulvos esplendores
Do sol, aos poucos vão perdendo as
[côres,
Lacrimejando perolas de orvalho...

E as andorinhas foram... pipilando...
Poemas de amor ás flôres lacrimosas,
E lá se foram pelos ares, quando
Vieram do inverno as sombras vapo-
[rosas.

Emigraram as meigas andorinhas...
Foram buscar telhados mais distantes,
Essas mimosas, castas avesinhas,
Assim partistes vós, illusões minhas,
Soluçando poemas lancinantes.

ISABEL VIEIRA DE SERPA

S. Paulo, dezembro de 906.

O planeta Marte está neste momen-
to a 79.950.000 kilometros da terra,
apenas. Dentro de dois annos, ter-
se-á approximado tanto do nosso, que
aos astrônomos será então possível
estudar esse outro mundo mysterioso
que tanto tem dado que falar, mas a
respeito do qual tão pouco se pôde
afirmar ainda.

Paris vai erigir uma estatua a Phi-
lippe Lebon, o celebre inventor do gaz,
assassinado por uns malfeitores ingle-
zes, que o roubaram e tempo depois
puzeram em pratica o invento cujo se-
gredo puderam arrancar-lhe. O monu-
mento será collocado nos Campos
Elyseos, mesmo no logar onde Lebon
foi assassinado.

Para o Natal extraordinario sorteio



Dois premios de
100
contos de réis
cada um

tendo mais dois premios de 10 contos e muitos outros de 5, 3, 2 e 1 conto de réis, 500\$, 200\$,
aproximações, dezenas e centenas para os quatro premios maiores e milhares para os dois
premios de 100 contos, custando cada bilhete inteiro 4\$000 e quarteis a 1\$000.

Grande loteria para o fim do anno

Em 31 de Dezembro, integraes, por 6\$000

1.º premio 100:000\$000 3.º premio 6:000\$000
2.º » 12:000\$000 4.º » 3:000\$000

Ordem das extracções do mez de Dezembro de 1906 Loterias Esperança e Capital Federal

Datas	Num. da extração	LOTERIAS	Premio maior	Preço do bilhete
20	289	Federal	15:000\$000	1\$000
20	334	Esperança	12:000\$000	\$200 réis
21	290	Federal	12:000\$000	1\$000
21	335	Esperança	15:000\$000	1\$000
22	291	Federal	2 de 100:000\$	4\$000
22	336	Esperança	12:000\$000	\$200 réis
24	292	Federal	12:000\$000	1\$000
24	337	Esperança	25:000\$000	2\$000
26	293	Federal	20:000\$000	2\$000
26	338	Esperança	16:000\$000	2\$000
27	294	Federal	15:000\$000	1\$000
27	339	Esperança	12:000\$000	\$200 réis
28	295	Federal	12:000\$000	1\$000
28	340	Esperança	15:000\$000	1\$000
29	296	Federal	50:000\$000	2\$000
29	341	Esperança	12:000\$000	\$200
31	297	Federal	12:000\$000	1\$000
31	342	Esperança	100:000\$000	6\$000

Os pedidos devem ser
feitos pelo numero
das extracções á
margem.

As loterias da Capital
Federal são extrahidas
pelo mais aperfeiçoa-
do systema de
Machinas Fidel,
havendo o maximo
escrupulo em suas
extracções, que são
fiscalizadas pelo me-
reitissimo fiscal das
loterias, nomeado
pelo Governo Federal,
exmo. sr. major
Francisco de Assis.

O endereço para remessa deve ser muito explicado, afim de não haver extravio. É preciso citar o logar,
Estado, estrada de ferro, etc. Os pedidos devem acompanhar 700 réis.

Toda a correspondencia simples, registrada,
com ou sem valor, deve ser dirigida á

Casa Loterica Amancio Rodrigues dos Santos & C.

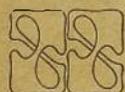
Praça Antonio Prado, N. 5 — SÃO PAULO

Caixa do Correio N. 165

Telegrammas: «AMANCIO»

Paul Levy & C.^{ia}

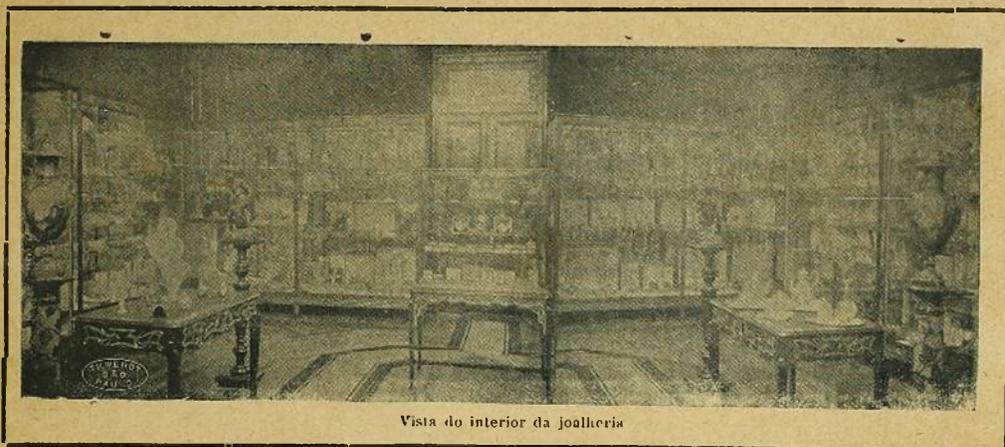
Rua 15 de Novembro, 43-S. PAULO



Especialidade em Brilhantes, Perolas,
= Saphiras, Rubis e Esmeraldas =



Grande e lindo sortimento de Joias ricas



Vista do interior da joallieria

Grande sortimento de relógios de ouro e todos os artigos
fins próprios para presentes

Objectos e Estatuetas de Marfim e Bronze legitimo e fir-
mados pelos principaes artistas conhecidos

Serviço e artigos de prata e outros metaes fins

Importação Directa

O calção dos gatunos

Dado o roubo, muitas vezes é o *guella* o que carrega para evitar que, preso o ladrão, sejam encontrados em seu poder os objectos roubados, o que constitue na lei circumstancia attenuante para o criminoso.

Os *pivetes* são considerados na classe como aprendizes de ladrões, enquanto os *guellas* são auxiliares.

Quando com o pequeno producto do furto obtêm dinheiro para comerem nas tascas mais immundas, e lhes sobram alguns nickéis, pernoitam nas hospedarias de baixa classe das ruas da Misericórdia, Senhor dos Passos, becco dos Ferreiros, etc., mediante a ridicula quantia de 200 e 300 réis pela noite.

Ahi dormem no proprio assoalho ou em velhas e infectas esteiras de palha.

Não raro se encontram estes menores roucos, anemicos, affectados de molestias de pelle e indicios de outras enfermidades que lentamente lhes vão minando a existencia.

E' por elles usado um calção, do qual vai aqui uma ligeira idéa:

Diancu, o proprietario do estabelecimento que os observa de dentro do mesmo estabelecimento.

Chafa, soldado de policia.

Tira, agente de policia.

Majorengo, delegado de policia.

Majorengo-mor, chefe de policia.

Afanar, furtar as amostras ou mercadorias.

Espianta-te, fugir.

Afanado, gatuno que está processado.

Lunfa, ladrão.

Pivete, pequeno gatuno.

Guella, auxiliar de ladrão.

Bobo, relógio.

Marraca ou *amarra*, corrente de relógio.

Pinche, alfinete de gravata.

Guila ou *Vento*, dinheiro.

A la gorda, muito dinheiro.

Está micho, quando não se encontra dinheiro.

Fuma, objectos de ouro ou de valor.

Micho, prata, latão, etc.

Escrachante, ladrão arrombador de portas.

Punguista, batedor de carteira.

Achacador de ouctario, o passador de contos do vigario.

Manjar o tempo, abreviar o que está fazendo.

Irmão da opa, o que exerce a mesma profissão criminosa.

Fazer cadaver, revistar o ebrio para furtar ou roubar.

Esparvo, o que coadjuva o furto ou o roubo.

Levar o loco, repartir o furto ou producto quando vendido.

Intrujão, o comprador do furto ou do roubo.

Metter a laua, introduzir dous, dedos no bolso da calça ou do paletó para furtar.

Os famosos cães do monte de S. Bernardo, que alli vivem com os frades do mosteiro, estão cuidadosamente amestrados. A educação delles não é physica, sómente: é tambem mental.

A' hora das refeições collocam-se todos em circulos, com os pratos de comida na frente, e nenhum delles a prova enquanto um dos frades não reza uma oração e não abençoa os pratos.

663 CAIXA 663 -

Ao Preço Fixo

MAIA & MACHADO

CASA ESPECIAL EM ARTIGOS PARA HOMENS
ALTA NOVIDADE EM GRAVATAS.
Collarinhos Ingleses - Importação directa

RUA SÃO BENTO, Nº 10

Os nossos collaboradores

Conde de Affonso Celso



ÃO pretendo escrever a biographia do vulto eminentemente cujo nome me serve de epigraphe. Fallecem-me para tanto os dados indispensaveis de todos os factos de sua vida, curta, se medida pelos annos, mas longa, se apreciada pelos meritos.

Posso apenas fazer um apanhado de muitos traços de sua existencia, de que tenho conhecimento, sendo que de alguns delles pela aproximação que o destino

Meu finado progenitor, que era então desembargador da Relação de Ouro-Preto, com o nobre intuito de estimular-me pelo exemplo, dizia-me, ao vêr passar o joven academico:

«Alli vai o menino prodigio! Se conseguisses fazer todos os exames, serias collega delle, como eu fui outr'ora de outro menino prodigio», assim denominado pelo Conselheiro Olegario, na sua biographia do padre Amaral Gurgel, e que foi mais tarde o conselheiro e senador Francisco Octaviano de Almeida Rosa.

Fiz, dahi a um mez e tanto, nas bancas de preparatorios de Ouro-Preto, os exames que me faltavam para matricula no curso juridico, e vim para S. Paulo, onde me matriculei no 1.º anno, a 5 de abril de 1875, sob n. 32, encontrando matriculado no n. 31 o digno herdeiro do nome do ministro da Marinha de 1867, o paisano que tanta competencia mostrara na direcção de uma pasta militar em tempo de guerra.

Inelizmente, a enfermidade prostrou no leito o menino genial e fel-o perder o anno, por dar mais de quarenta faltas, tendo ainda assim a felicidade de não ficar sem uma perna, que esteve a ponto de precisar amputar.

No anno seguinte, ainda com menos de 16 annos, matriculou-se elle novamente no 1.º anno, apresentando-se então já como literato de esperanças com a publicação de um volume de poesias, com o nome de — *Telas sonantes*.

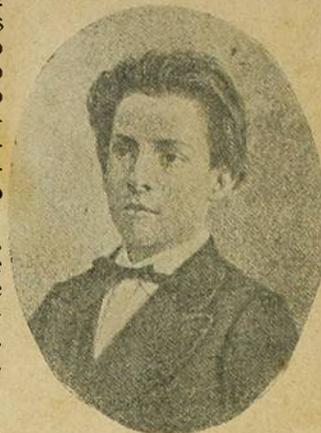
A sua vida academica foi uma série de triumphos, quer como cultor do Direito, quer como literato, chegando a ensaiar o genero dramatico com uma composição, que subiu á scena no antigo Theatro S. João. Não tenho presente o titulo dessa composição, que, se não foi um successo, não desagradou e mostrou mais uma face do talento de seu auctor.

O que se tornou notavel em sua vida academica foi que alliou ao estudo sério a irrequencia da vida bohemia de então, com sua capa hespanhola e seu chapéo desabado e melenas compridas á *Lord Byron*.

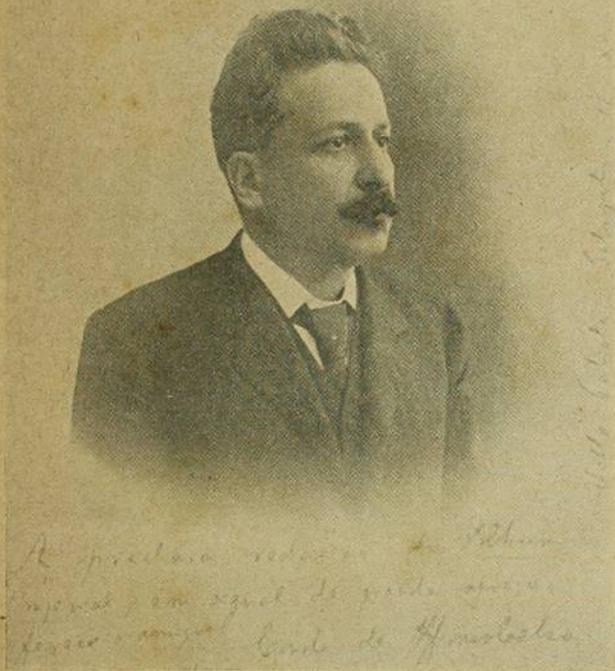
Em politica, foi um republicano vermelho; em religião, um carbonario, que queria vêr o ultimo rei enforcado na tripa do ultimo padre.

Lembra-me ainda a noite de 11 de agosto de 1877, em que, em espectáculo solenne commemorativo dessa data, dado pela companhia da grande actriz portugueza Emilia Adelaide, depois de orar pelo Club Republicano Academico o saudoso Carvalho Junior, teve de falar como orador do Club Constitucional Academico.

Ao affirmar que a Monarchia era a unica fórma de go-



Affonso Celso em 1876



Affonso Celso em 1880

nos reservou, dando-me a honra de servir de penumbra para realce de seu brilho.

A primeira vez que ouvi falar de seu nome, e tive occasião de vê-lo, foi em janeiro ou fevereiro de 1875. Tinha então s. exa. menos de 15 annos, passeava quasi todas as tardes a cavallo com seu sympathico e illustre tio, dr. Carlos Affonso de Assis Figuciredo, hoje Conselheiro, pelas ruas accidentadas da velha e historica Villa Rica, então Ouro-Preto e capital da heroica provincia de Minas-Geraes.

Nessa idade já s. exa. tinha todos os preparatorios necessarios á matricula no curso juridico, e, por lei especial, fóra dispensado da idade exigida por lei (16 annos) para matricular-se na Faculdade de Direito de São Paulo, o que fez em março daquelle anno. Quanto a mim, apenas tinha feito um preparatorio, tendo todos os outros estudados, mas dependendo de prestar os respectivos exames.

verno que podia fazer a felicidade de nosso paiz, rompeu do camarote do Club Republicano Academico, onde se achava o nosso biographado, uma tremenda pateada, que generalizou-se pelo theatro, abafando os applausos dos conservadores.

Quem havia de dizer que, volvidos annos, o meu adversario de então havia de, com um nobre proceder de abnegado, ser o meu chefe de hoje, quando a Monarchia não pôde dar-lhe as posições a que faz jus o seu talento, abrilhantado por uma solida instrucção, bem como pelas scintillações da litteratura, a par de uma envergadura moral invejavel.

Outros poderão ainda adherir á Republica. S. exa. não!

Mas o que operou essa revolução em seu ser moral, em materia de religião e de politica?

O mesmo que influiu em Donoso Cortez e outros vultos eminentes, de que trata MONS. BANNARD em sua excellente obra — *La foi et ses victoires*.

Logo depois de formado, defendeu theses e doutorou-se, sendo eleito deputado geral pelo 20.º districto de Minas-Geraes, posição que sempre occupou até ser colhido pela revolução de 15 de novembro de 1889. Nessa occasião exilou-se voluntariamente com seu venerando pae, Visconde de Ouro-Preto, presidente do Conselho de Ministros, que cahia com a Monarchia.

Esse traço de sua vida não admittre commentarios, que viriam antesquinhar a grandeza de seu procedimento de filho, perfeitamente inspirado nos sentimentos com que o Creador ligou os membros da familia christã na vida que apresenta taes actos de dedicação.

Voltando á patria com seu nobre progenitor, está na memoria de todos a historia dos nossos dias.

Seu vulto foi dia a dia se agigantando no conceito publico; como literato, de modo a entrar para a Academia de Letras; como juriconsulto, honrando com o seu ensino uma das Faculdades livres do Rio de Janeiro; como politico, evangelizando a coherencia e firmeza de principios; como filho, expondo-se em defesa de seu velho e respeitavel pae, na celebre jornada em que os sicarios victimaram a Gentil de Castro, em nome da consolidação da Republica.

O que elle merece de todos, provou-o o apreço manifestado por S. Santidade, quando o distinguuiu com o titulo de Conde Romano.

A suprema auctoridade moral do mundo conferiu-lhe a maior distincção a que podia aspirar.

O que será amanhã, a historia o dirá.

Mas o passado assegura-nos que a patria ainda tem muito a esperar de s. exa.

EUSEBIO DA CAMARA LEAL.

Taubaté, dezembro de 1906.



leonicio do Amaral Gurgel

DENTRE os moços da actual geração que occupam logar brilhante nas letras patrias, surge aquelle cujo nome encima estas linhas, digno ainda de maior admiração porque se fez por si, porque conquistou com muito amor ao trabalho posição bellissirra — quer como literato, quer como industrial. Ninguém poderia dizer melhor de Leoncio Gurgel o que disse illustrado escriptor: —



Affonso Celso em 1889

«..... é um caracter distincto, de finissima tempera, de mui repolidas maneiras, de delicadeza extrema, de actividade muita; e, sem ser doutorado ou bacharelado por forma alguma, é mais douto, mais estudioso, tem mais criterio scientifico e mais docencia do que tantos e tantos que, por ahí além, com inexpressivos e invalidos pergaminhos se enlatuam».

Esqueceu-se, porém, aquelle escriptor de se referir a uma das mais bellas qualidades que exornam Leoncio Gurgel e que o distingue demasiadamente: — a bondade de seu coração e a generosidade de sua alma. — Como industrial, é irreprehensivel no cumprimento de seus deveres; como literato, é um dos talentos mais brilhantes desta geração operosa e tem procurado salientar-se na imprensa, dedicando-se especialmente ao estudo das cousas e dos homens illustres do nosso paiz; como politico, é um monarchista ntransigente.

Leoncio do Amaral Gurgel nasceu em Pindamonhangaba, a 18 de junho de 1876. Foram seus progenitores Francisco do Amaral Gurgel e d. Benedicta Bicudo Gurgel, já fallecida.

Estudou primeiras letras no acreditado *Externato Costa*, dirigido pelo illustre e talentoso educador Julio Cesar de O. e Costa. Seus progressos, como alumno desse estabelecimento de educação, foram rapidos e proveitosos. Alumno intelligente, estudioso e applicado, — soube aproveitar o ensinamento de seu distincto preceptor; dahi o feliz resultado alcançado por Leoncio Gurgel em poucos mezes de estudos preliminares. Apto para iniciar os estudos secundarios, seguiu para Ytú, em 1887, afim de estudar humanidades no acreditado *Collegio S. Luiz*.

Regressando a esta cidade, aqui permaneceu alguns annos, retirando-se depois para S. Paulo, onde continuou a estudar até 1893. Aconselhado por seu irmão, o dr. José Ovidio Gurgel, abandonou seus estudos e dedicou-se á carreira commercial.

Nas horas vagas que lhe sobravam das lides quotidianas, entregou-se aos estudos das cousas e dos homens notaveis de nossa patria — não abandonou de todo as letras.

Tem collaborado em diversos jornaes diarios da capital, nas gazetas hebdomadaarias do interior e nas revistas literarias.

Foi um dos directores da revista *O Mez*, em cujas paginas publicou o seu trabalho *No Reino do Ouro*.

Dentre os escriptos publicados por Leoncio Gurgel salientam-se os seguintes: 1.º — *D. PEDRO II, E' TEMPO*, pamphletto escripto com talento, em que Leoncio Gurgel se esforça em favor da trasladação dos restos mortaes do velho e illustre Imperador do Brasil e de sua consorte, D. Thereza Christina. De uma de suas paginas destacamos o seguinte trecho:

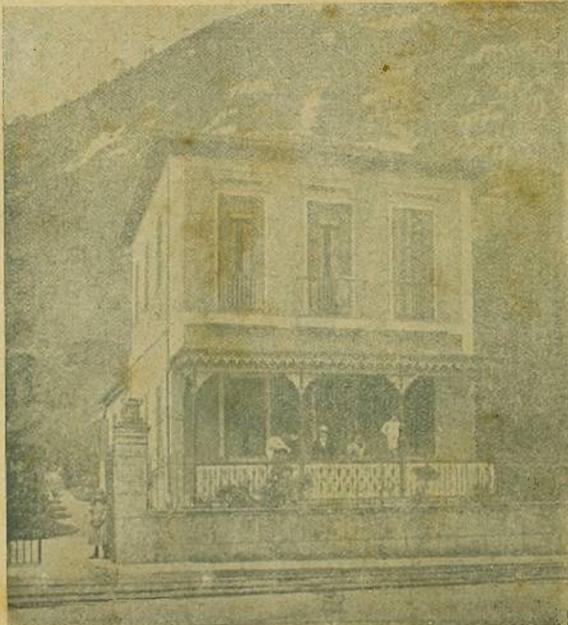
«Povo! sacóde o torpor que te invade, ergue essa cabeça majestosa, levanta a tua voz auctorizada e pede energicamente ao governo a vinda dos corpos dos Grandes banidos de 89!

«E depois, quando os tivermos dormindo mansamente o somno eterno da Morte no seio meigo e querido desta sua e nossa Patria; quando o zephiro perfumoso de nossas verdes campinas brandamente bafejar a tumba desses saudosos mortos; quando o nosso incomparavel céo, eternamente azul, extender-se paternalmente sobre o Pantheon que os encerrar, — então, nesse grande dia, o Brasil terá dado uma satisfação a Deus, ao Mundo, ás Nações e a si proprio, honrando o nome brasileiro!»

Este pamphletto foi publicado pelo auctor em 1902.

2.º — *MAPPA GENEALOGICO* (de 1400 a 1904), em que se demonstra que seu auctor descende em linha recta do illustre paulista Amador Bueno da Ribeira.

3.º — *A GUARDA DE HONRA DO PRINCIPE D. PEDRO*, interessante trabalho em que Leoncio Gurgel estuda cada um dos pindamonhangabenses que foram



VILLA PETIOTE, EM PETROPOLIS
Residencia do Conde de Affonso Celso

nomeados officiaes da *Guarda de Honra* do Principe Regente, em sua passagem por essa cidade, com destino á capitania de S. Paulo, onde, para honra nossa, foi dado o grito de *Independencia ou Morte!* Este trabalho historico e interessantissimo foi publicado no *Estado de S. Paulo*, no dia 7 de setembro de 1904, e na *Revista* do Instituto Historico de S. Paulo, sendo tambem reproduzido este anno no *Album Imperial*. Na sessão de 5 de setembro de aquelle anno, foi o trabalho lido no Instituto, sendo muito applaudido.

4.º — **JOÃO RAMALHO PERANTE A HISTORIA.** Memoria lida no Instituto Historico e Geographico de S. Paulo. Substancioso trabalho, em cujas paginas procura seu auctor desenvolver o historico sobre a vida de João Ramalho. Para elucidar bem a questão com esse trabalho e que seu illustre auctor não presume *vir esclarecer a parte obscura da longa vida de uma das individualidades mais discutidas da nossa historia*, foram consultadas diversas obras historicas, de notaveis auctores, taes como Pedro Taques, Padre Nobrega, Machado de Oliveira, Varnhagen, Ruy Barbosa, Theodoro Sampaio e quarentoutros historiadores.

Os principaes pontos desenvolvidos no livro de Leoncio Gurgel são os seguintes: Se João Ramalho era ou não judeu; se era um degradado; se era ou não um analfabeto, etc., etc., pontos estes que o illustre historiador desenvolve brilhantemente com provas e documentos interessantes.

Este importante trabalho de Leoncio Gurgel, em que a vida do illustre alcaide-mór da Villa de Santo André é por elle pacientemente estudada, foi compensado. A Sociedade de Geographia de Lisboa, uma das mais importantes do mundo latino, acclamou Leoncio Gurgel socio correspondente.

Mereceu tambem a publicação na *Revista* do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo.

5.º — **D. PEDRO II, O Intellectual.** Interessante estudo, escripto em linguagem elevada e que muito recommenda seu auctor, não só pelo valor literario, como pela lembrança que teve, estudando um dos pontos interessantes da vida do illustre monarcha brasileiro. Este trabalho foi publicado na excellente revista *Album Imperial*, redigida com muito talento pelo distincto jornalista dr. Couto de Magalhães. (N.º 3, de 5 de fevereiro de 906).

6.º — **GENEALOGIA DO DR. CAMPOS SALLES,** desde o anno 411 até 1905. Notavel e pacientissimo trabalho, em que o illustre genealogista estuda, num longo periodo de quinze seculos, quarenta e tres gerações.

Leoncio Gurgel abre a *Genealogia* com uma carta dirigida ao dr. Campos Salles, nestes termos:

Entre as homenagens que v. exa. recebeu ultimamente, é esta por certo a mais modesta, porém é a que traz um cunho mais sincero, leal e espontaneo, porque parte de quem não aspira ligação politica com v. exa., porquanto nem sequer tem a honra de conhecê-lo pessoalmente, nem communga as mesmas idéas pelas quaes v. exa. se bateu arduosamente desde os tempos da propaganda.

Militando em campo completamente opposto ao de v. exa., felizmente não tenho dependencias, quer politicas, quer particulares, podendo afoitamente manifestar minha opinião a favor ou contra quem quer que seja.

Qual, pois, o movel que me impulsiona, ao prestar a v. exa. esta homenagem?

Simplesmente a sympathia ao cidadão honesto cuja personalidade, atravessando as perigosissimas zonas do poder, numa época de decadencia do caracter nacional, soube manter-se firme, integro e incolume, dentro de uma horradez reconhecida por todas as pessoas sensatas.

Com subido apreço me subscrevo: De v. exc. att.º ven.º etc. »

A *Genealogia* do dr. Campos Salles mereceu da imprensa paulista sensata apreciação. Um notavel critico fluminense, porém, verberou contra Leoncio Gurgel, suppondo-o um *incensador* do illustre ex-presidente da Republica. Não leu o erudito escriptor a carta que acima publicamos propositalmente, e, se o tivesse feito, não seria tão rigoroso; portanto, fez uma apreciação parcial, apaixonada, do vigoroso trabalho de Leoncio Gurgel, que se defendeu brilhantemente das accusações que lhe foram feitas. O critico da *Genealogia* foi, pois, infeliz na sua apreciação — dil-o o parecer da comissão do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo. Essa comissão, composta do abalisado genealogista dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme e do dr. Alfredo de Toledo, que tambem é uma opinião auctorisada, julgou o trabalho de Leoncio Gurgel — digno do apreço do Instituto, em sessão de 5 de junho de 1906. Eis o parecer a que nos referimos:

« A' comissão nomeada para dar parecer sobre o trabalho do sr. Leon-

cio A. Gurgel e que se intitula — *Genealogia do sr. dr. Manuel Ferraz de Campos Salles*, foi presente o referido estudo.

Nelle o sr. Leoncio A. Gurgel relata a ascendencia do illustre paulista e ex-presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil, não só referindo seus progenitores brasileiros até Francisco de Arruda e Sá, natural da villa de Ribeira Grande, ilha de S. Miguel, e residente em S. Paulo desde 1654, e seus avoengos européus em Portugal, Italia e França, até o terceiro chefe dos Francos Salios, anno 411, como ainda narrando succintamente, em relação a cada uma das gerações lembradas, os acontecimentos em que tomaram parte.

A ascendencia brasileira foi referida de accôrdo, salvo pequenas modificações, com o que escreveram um dos membros da comissão nos volumes 4.º e 8.º da *Genealogia Paulistana*, Pedro Taques em sua *Nobilitarchia*, publicada pelo Instituto Historico Brasileiro, e Azevedo Marques em seus *Apontamentos*, e a ascendencia européa, de conformidade com os *Apontamentos Genealogicos* do dr. L. P. Moretzsohn de Castro e outras fontes indicadas na bibliographia com que o auctor encerra o livro.

A narração historica pela qual é illustrada a referencia de cada uma das gerações, ou tem como garantia de seu asserto os escriptores mencionados na citada bibliographia, ou diz respeito a factos hodiernos e, neste caso, as luzes e probidade do auctor lhe servem de plintho.

O livro com que o sr. Leoncio A. Gurgel acaba de brindar as letras patrias é, assim, uma valiosa contribuição para o ramo de conhecimento de que em S. Paulo foram cultores abalisados Pedro Taques de Almeida Paes Leme, o padre-mestre José de Mascarenhas, João Mendes de Almeida, José de Almeida Prado, o dr. Ricardo Gumbieton Dauntre e, na actualidade, alguns outros.

A comissão, assim pensando, depois de examinar o trabalho submettido a seu estudo, julga-o digno do apreço do Instituto.

Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, 5 de junho de 1906. — Luiz Gonzaga da Silva Leme, Alfredo de Toledo.



LEONCIO GURGEL

Os primeiros escriptos historicos de Leoncio Gurgel receberam os applausos que mereciam. A imprensa teceu-lhes os mais justos encomios e o Instituto Historico e Geographico de S. Paulo o distinguiu com as honras de socio effectivo. Devemos, entretanto, destacar aqui, e o fazemos com o maximo prazer e inteira justiça, que o *João Ramalho* e a *Genealogia do dr. Campos Salles* são os melhores trabalhos sahidos da penna scintillante do illustre historiador. São vigorosas investigações historicas sobre a legendaria personalidade do fundador da extincta Villa de Santo André e sobre o vulto proeminente do benemerito republicano e ex-presidente da Republica.

São estudos que demandam de muita paciencia, muita perseverança e muito amor ao trabalho e o incançavel genealogista os teve de sobra para alcançar o triumpho que alcançou, brindando a literatura nacional com livros de inestimavel valor.

Como acabamos de ver, — o nosso biographado é um moço bastante operoso, dotado de invejavel talento e um do pindamonhangabenses que sabem illustrar e dignificar o nome de sua terra.

Leoncio do Amaral Gurgel casou-se com d. Maria Elisa Seabra, filha do importante industrial coronel Justiniano J. Seabra, oriundo de distinctas familias do Sul do Estado. De seu casamento existem tres filhos menores: Leoncio, Pedro e Celso.

ATHAYDE MARCONDES

(Do livro *Pindamonhangaba*, no prélo).

Henrique de Barcellos

DE Henrique de Barcellos fallece-me força para dizer com precisão duas palavras sequer, porque a sua vida tem sido uma lucta afanosa e uma continua victoria!

Falar delle é compôr um hymno triumphal.

Tampouco me abalancaria a semelhante empresa, que seria, a quem o não conheça de perto, deslustrar-lhe o brilho da existencia pela narrativa canhestre e incolor.

Quando a mulher deixa de querer agradar, ainda lhe fica uma ultima garridice: o não desagradar - Desuovos.

Nem vai nesta affirmativa o mais tenue vislumbre de modestia, antes, ao inverso: anhelavamos estar na altura da incumbencia honrosa e nimamente gentil que o generoso confrade nos deu com a fidalga prodigalidade do seu espirito feito de nobrezas e de carinhos.

Barcellos!... o proprio nome evoca não sei que clarões de lenda vistos través as paginas de uma suave historia de Castello Branco.

Tem a onomatopéa longa de um alarme bellicoso e a tremulina cantante de uma risada.

Vindo de paes portuguezes, é de fibratura ingenitamente combativa, recordando Viriatho, o heróe dos montes, o terror das hostes romanas ao depois da sangrenta chacina dos lusos levada a effeito por Galba, o traidor, á margem serena desse Tejo que a doce lyra de Thomaz Ribeiro cantou, sentida, numa linda historietta d'amor que toda gente conhece.

Abriu-se-lhe a adolescencia sob este firmamento americano, e mordida deste grande sol resplandecente dos tropicos, a fibra gauleza fundiu-se nalma cabocla, completando a organização do homem.

Da infancia á mocidade viveu elle moirando no Rio de Janeiro, donde veiu para Campinas, no dizer dalguem que lhe silhuetou o perfil, quando joven, ensinando portuguez e aconselhando agua fria e *beef* como factores da vida e da saúde.

E aqui, em breve, fez-se o jornalista: um jornalista de tão raro quilate, que Ferreira de Menezes, o creador da invicta *Gazeta da Tarde*, o convidou instantemente para seu companheiro.

Era o maximo elogio ao luctador admirado.

Disse, meu caro confrade, que me não é possivel cumprir a ordem que me deu e o meu desejo. Sinto-me inhabil para dizer desse espirito illuminado por Homero, Eschylo, Lucrecio, Tacito, Dante, Rabelais e Shakespeare, que nos fala na Acropole de Athenas, no altar de Delphos, no santuario de Pallas, encantadoramente; que explica Hugo, o incomparavel, e ri-se com Voltaire, a humanisação da ironia; que condensa em duas pennadas os horizontes de qualquer questão e a fulmina ou exalta, segundo entender de justiça; que nos conta Musset, Dumas, Balzac, em palestra deliciosa; que nos leva pelo mundo das letras paternalmente, ensinando Scott e Byron, na Inglaterra; Tieck, na Allemanha; Manzoni e Leopardi, na Italia; Garret e Herculano, Gutierrez e Zorilla, em Portugal e Hespanha...

Mas, não.

Não é meu intuito estudar sua individualidade literaria.

Demos, antes, a palavra a um seu velho amigo, que assim narra a sua existencia na terra campineira:

« Sua vida publica está consignada nos seguintes factos:

Em principios de 1874, contando então 19 annos, foi nomeado professor de portuguez e francez no celebrado collegio *Culto á Sciencia*, onde entrou a convite do sr. dr. Campos Salles, professando alli aquellas materias até ao anno de 1884.

Em 1874, em companhia de Antonio Sarmento e José Gonçalves Pinheiro, fundou *A Mocidade*, orgam que abriu nova phase no jornalismo campineiro, até essa data sómente representado pela *Gazeta de Campinas*, cujas conveniencias não permittiam a independencia que a folha dos jovens jornalistas apresentaria ao discutir os assumptos sociaes aqui desenrolados.

A setembro de 1875, Henrique de Barcellos e aquelles companheiros e mais Joaquim Toledo (depois seu cunhado) doaram á Campinas a primeira folha no *Diario de Campinas*, de que elle era o redactor principal aos 21 annos. Só a coragem juvenil podia abalaçar-se a tão ardua empresa.

Ninguém então acreditava que aquella folha pudesse viver no acanhado meio em que surgira.

Havia gente mesma interessada que lhe prophetisava a morte no espaço de tres mezes.

Emtanto, para honra de Campinas, a imprensa diaria estava fundada, para nunca mais desaparecer.

Em janeiro de 1885, fundava o *Correio de Campinas*, esse *Correio* que foi a causa dum dos maiores desgostos de sua vida, constringendo-o a comparecer deante dum tribunal...

Em 1894, julho, no apice da lucta civil, quando a imprensa se achava amordaçada e ameaçada pela mais ferrenha das dictaduras, Henrique de Barcellos deixou a folha que creara e cuja organização fôra a causa de não deixar esta terra, indo para o Rio em 1884 a convite do grande jornalista dr. Ferreira de Menezes, que o queria redactor-secretario da folha que fundara e que se denominou *Gazeta da Tarde*.

Desgostoso com a vida jornalistica, dedicou-se ao commercio e estava em via da maior prosperidade, quando em nome do sr. dr. Campos Salles, então presidente do Estado, foi convidado para lente da 1.ª cadeira do Gymnasio de Campinas.

O convite fôra formulado nestas palavras: « que assim como fôra Henrique de Barcellos professor de portuguez quando se abriu o *Culto á Sciencia*, assim agora que se abriu o Gymnasio Campineiro, deveria ser elle o lente daquelle cadeira ».

Em 1898 foi nomeado director interino do mesmo Gymnasio, e taes toram os seus serviços naquelle estabelecimento de ensino, que o governo do Estado, no fim daquelle anno, o nomeava director effectivo, o que deu margem a uma das maiores manifestações de regosijo que se têm feito nesta terra, sendo aguardado na estação e levado a domicilio pela *elite* da sociedade e pela mocidade gymnasial.

Dando a sua demissão deste cargo em 1900, alguns amigos se reuniram e constituiram o capital para a fundação do *Commercio de Campinas*, folha independente de quaesquer peias e cuja existencia era sentida, em vista da attitude que então assumiram os outros orgams da terra. Aqui tem sido a defesa da Liberdade, a voz do Direito e a legião que libertou esta terra de horrores e monopolios...

Que titulos tem mais elle conquistado á gratidão de nossa Campinas?

Presidente da benemerita Sociedade Luiz de Camões em 1881, exerceu aquelle cargo até 1884, creando duas escolas, uma para o sexo feminino, outra para o sexo masculino, e uma magnifica corporação musical infantil. Foi sob sua administração que aquella sociedade attingiu o seu maior gráu de renome e prosperidade, com os applausos de Campinas e S. Paulo, onde os paulistas souberam receber com as maiores demonstrações de apreço os jovens campineiros que alli foram interpretar as peças de Henrique de Barcellos. Sua vida tem sido a lucta indefesa pela causa do bem e dos interesses reaes de Campinas, e desde 1873 que seu nome e o seu esforço se acham ligados a tudo quanto se tem feito desde então até hoje.

Henrique de Barcellos tem as seguintes benemerencias em sociedades nossas:

Socio de mérito da antiga Sociedade dos Homens de Letras de S. Paulo, sendo então presidente o dr. João Mendes de Almeida. Socio benemerito da Sociedade de Beneficencia de Campinas. Socio bemfeitor do Gremio Portuguez do Amparo. Presidente honorario da Sociedade Luiz de Camões. Secretario da Commissão de Instrucção Publica de Campinas, 1890, sendo presidente o dr. Pupo Nogueira. Socio correspondente do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo. Socio honorario e secretario geral do Centro de Sciencias, Letras e Artes de Campinas, sendo essa a mais alta distincção que aquella illustre aggrimação pôde conferir aos seus socios.

Quando a voz da calumnia dizia que o maior filho desta terra se naturalisara italiano, quem veiu em sua defesa e refutou a injustiça foi Barcellos!

Quando se buscava um geito para evitar a construcção do monumento a Carlos Gomes, quem veiu em defesa da Commissão do Monumento e garantiu para o immortal maestro os seus sete palmos de terra foi Barcellos!

Quando o commercio local era destruido pela odiosa lei do fechamento de portas aos domingos, quem a derribou foi a campanha de seu jornal.

Quando o padre Nery queria levantar o Lyceu para a infancia desvalida, quem o auxiliava no theatro e na imprensa era o nosso chefe, que é um dos benemeritos desse Asylo!

Quando qualquer oppressão ahi se levanta, é elle quem vem á frente dar o bom, o rude combate pelo Povo contra os monopolios e as tyrannias.

Quando a Empresa das Carnes Verdes conseguiu com uma lei nefasta impedir o livre commercio desse genero, quem se offereceu a pugnar foi elle, e quando o vercador Sarmento foi, por defender o Povo, agredido, a folha que levantou o animo publico, tanto quanto o comcio do Rink, foi o seu diario.

Conselhos bons, instigações para o dever publico, kermesses, festas para a pobreza, apoio moral a tudo que é justo, e... grandes são as paginas quotidianas do livro dessa existencia.

De remate, perdôa-me o esmaecido destas linhas e as lacunas destes periodos, que mal poderão servir para fazeres com a tua illuminada estylistica moldura da photographia do homem a quem Ramalho Ortigão fez timbre em conhecer e abraçar e ao qual Carlos Gomes chamou o Hymajaia da verdade.

(De uma carta de Bueno Monteiro)



HENRIQUE DE BARCELLOS

Nascimento de Christo

(Painel biblico)

I — DE CAMINHO

Limpido o céu, sereno o espaço, tranquilla a terra.

Por entre vargedos, estirava-se, em enormes curvaturas de serpe, a estrada que ia de Nazareth a Bethlem, na risonha Galiléa.

Jose, com um beatifico semblante, o cajado na mão, as sandalias nos pés, caminhava ao lado de Maria, a mulher candidamente ideal de mais virtudes que Judith, a israelita de Bethulia, aniquiladora de Holofernes; de mais formosura que Semiramis, a princesa de Babylonia, creadora de maravilhas da antiguidade; de mais encantos que Sulamita, a pastora da Judéa, de olhos profundos como as piscinas de Hesebon...

Ao longe, muito ao longe, perdida no meio de outeiros aifombrados de esmeraldinas relvas, surgia Bethlem, quieta, com as suas casinhas alvas, quasi só habitadas por zagacs e segadores; rodeada de verdes pastagens, onde os carneiros, em bando, vagavam, parecendo, á distancia, cabeços pardos e brancos de fraguado.

A remansosa aléxia, pinturescamente situada, em cujas cercanias cresciam vinhedos e trigaes, gosava duma paz bucolica e paradisiaca, nada invejando a esse fabuloso jardim das Hesperides, onde os fructos eram de ouro e porventura mais dulcorosos que os favos de mel do Hymetto...

Desenrolava-se, no alto, a masselli-na molle do crepusculo da tarde, que amortalhava a terra como um frio sudario côr de cinza.

Chegaram os dous esposos a um modesto albergue dos arredores de Bethlem; e José, parado á porta, olhava para trás, espriando o olhar pelo horizonte, como se estivesse engolfado num mar de recordações. E' que elle, nostalgicamente, fitava a tortuosa estrada, que, cortando em meandros a planicie de Esdrelon, ia perder-se além, para as bandas de Nazareth, através de rumorejantes riachos, densos bosques e escuras grutas, cujos porticos se ornavam de lichens e de parasitas silvestres...

Vesper, a estrella do pastor, reluzia irradiando lagrimas prateadas; as meastintas do crepusculo esbatiam-se, descoradamente, nas finas telas do occaso: vinha cahindo, morosa, a noite, com as suas cortinas cerradas e mortuarias.

Rebanhos balavam nas encostas, recolhendo-se aos apriscos. Camponozes rhythmicamente cantavam, mesclando apaixonados dithyrambos com dulcissimos sons de harpa. Nuvens espessas, muito negras, aninhavam-se no regaço dos serros.

Em breve jazia tudo silente, como que dominado por esse sopor lethargico de que as trevas saturam o ar. Apenas a brisa murmurava, em surdina, um chaos de rumores vagos e mysteriosos: dir-se-ia, naquelle tempo, que sylphos, dryades e naiades, num phantastico festim, psalmodiavam canticos nocturnos, nos ares, nas florestas e nas fontes.

Um jacto de luz tenue, frouxa, desmaiada, inundou a amplidão terreal: nascia a lua, que, suspendendo-se além, numa esplendida apothese, si-

Grande e Premiada Fabrica de Instrumentos de Musica em Metal e Madeira

Grande Sortimento de flautas, flautins, obóes, clarinetas estrangeiras, violões, cavaquinhos, rabecas, violetas, bandolins, ocarinas, harmonicás, etc., etc.



Scb a direcção do habil e conhecido Fabricante P. Weingrill o nosso socio

SCAVONE & C.

Rua 24 de Maio, 38 e 38-A - S. Paulo



Cordas Napolitanas legitimas e accessorios para quaesquer Instrumentos. Papel impermeavel de linho e Cadernetas para escrever musica. Musicas para Banda e Orchestra.

Fabricam-se Instrumentos especiais para concertistas.

Officina de concerto. Trabalho perfeito e garantido.

Vendas por atacado e a varejo * Preços ao alcance de todos

Fremiada tambem com Medalha de Prata na Exposição Internacional de Milão, de 1906

J. B. Moreira Campos

o leiloeiro desde 1894 o

Matriculadno na Junta Commercial desta Capital e leiloeiro official do Juizo Federal e do Consulado de Portugal

RECEBE CONSIGNAÇÕES DE PREDIOS, TERRENOS, MOVEIS, FAZENDAS, JOIAS, MOLHADOS E OUTROS ARTIGOS. PARA SEREM VENDIDOS EM LEILÃO

ESCRITORIO E AGENCIA

RUA MARECHAL DEODORO, N. 8

TELEPHONE N. 1089



SÃO PAULO

Casa Popular Rua de S. Bento, n. 78

|| SÃO PAULO ||

ANTONIO BLOTTA

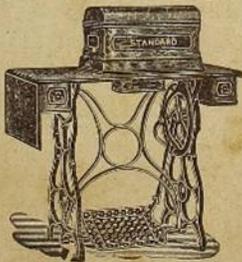
Machinas de Costura Standard e Nanmann e dos mais acreditados fabricantes da Europa Para toda classe de trabalhos

Linha, retroz, agulhas, peças, oleo especial, etc.

MANEQUINS

de todas as qualidades

Tudo por preços modicos



Vendem-se por prestações machinas de costura, manequins

Officina completa para concertos de machinas e manequins

Trata-se qualquor negocio do ramo e attendem-se chamados a domicilio



millava uma vestal adormecida, meio velada por chlamydes de nevoas, embalando-se vagorosamente, ás caricias das aragens balsamicas da noite...

II — O PRESEPIO

E' mcia-noite. Foge a lua, qual errante alcyone, a deslisar por um oceano de cirrus cõr de prata. Lá, para os lados do Carmelo, os sycomoros e as figueiras seculares, destacando ao luar as sombras verde-negras, olham para o azul estrellado, e os seus frondosos galhos, agitados por uma viração perpetua, como que acenam um melancolico adeus a esse pallido astro, prestes a immergir-se nos céos do outro hemispherio.

Em Bethlem, gallos cantam festivamente, debaixo dos limoieiros em flõr...

E' nascido Jesus, o Messias promettdo, o Salvador do mundo, o encanto de Israel!...

Reclinado num leito de palhinhas seccas e hervagens agrestes, na mangedoura da cstalagem, está o menino Jesus, tendo a cabeça aureolada por um ethereo nimbo e o corpo nu, delineado com aquella correcção plastica de Phidias, quando cinzelava, em marmore de Paros, as estatuas dos deuses do Olympo, para serem veneradas nos famosos templos da Grecia.

O resplendor que lhe cinge a fronte brilha como os raios de sol que acairelam de ouro os dorsos do Hermon; os seus olhos são puros como as nevas de céo que se espelham nas aguas de Tiberiades; os seus sorrisos desatam-se como as petalas dos lirios que florescem em Galaad; a sua tez é como as neves hibernaeas que co-roam os pincaros do Libano.

José e Maria, extasiados de prazer, veiam pelo recém-nascido, enquanto os celestes Seraphins o contemplan embevecidamente.

III — AO ALVORECER

Desponta o albor do dia; um deslumbrante arrebol matiza as barras do nascente; a aurora abre o seu templo mirífico.

Pegureiros despertam e saem das cabanas pobres, em cujos circuitos erra o capitulo perfume dos lirios, myrthos e cloendros.

Bruxoleam as estrellas no concavo do firmamento, como cirios em candelabros duma basilica; as neblinas crepusculares envolvem as franças dos arvoredos, como um brancacento lençol; chacaes soltam prolongados uivos nos covis, como o gemer lancinante de um moribundo.

Longe, regatos sussuram, sob os pallios farfalhantes dos vetustos cedros. As aves nocturnas, como que espavoridas, esvoaçam pelas ruinas das construcções cyclopicas, perdidas nas charnecas solitarias. E emquanto a natureza, em fremitos, accorda desse deliquio modorral das trevas, uma enorme estreila radiosa, refulgindo no engaste do oriente, preside ao maravilhoso espectáculo da alvorada, qual uma lampada flammejante suspensa por Deus nas alturas...

E a hora em que as cotovias descem a cantar pelos valles frescos de Sichem, e os melros enchem de gorgeios os laranjaes floridos; é a hora em que as esveltas cegonhas de ar grave vão meditar, tristonhas, á beira das idyllicas fontes claras...

Advertisement for 'SUL AMERICA' life insurance company. Features a globe, decorative borders, and text in Portuguese. Key text includes: 'SUL AMERICA COMPANHIA DE SEGUROS VIDA', 'Esta Apolice Participa dos Lucros da Companhia, como mais adiante se especifica', and 'Uma apolice Dotal da «SUL-AMERICA» A mais importante e mais rica das companhias de seguros sobre a vida, do Brasil.'

A "SUL-AMERICA"

COMPANHIA BRASILEIRA DE SEGUROS SOBRE A VIDA

SÉDE SOCIAL:

RIO DE JANEIRO

em predio próprio, á

Rua do Ouvidor, N. 56



SUCCURSAL EM S. PAULO:

Praça Antonio Prado, 8

SOBRADO

Capital de garantia, mais de Rs. 17.000:000\$000

Sinistros pagos sem nenhum pleito judicial: Rs. 12.000:000\$000

A "SUL-AMERICA" emite annualmente maior somma de seguros do que todas as suas congeneres reunidas.

Todo o capital de garantia da "SUL-AMERICA" é empregado no Brasil, solidamente garantido.

As apolices da "SUL-AMERICA" são as mais liberaes e as mais vantajosas de quantas são até hoje conhecidas.

Estas apolices não impõem restricção de especie alguma ao segurado, e o sinistro é pago seja qual fôr a causa da morte do segurado.

As novas apolices da "SUL-AMERICA" dão ao segurado o direito a empréstimos em dinheiro, a juros de 5% ao anno.

Os segurados da "SUL-AMERICA" têm direito a 80% dos seus lucros annuaes, que lhes são distribuidos no fim do prazo de accumulção e posteriormente, de 5 em 5 annos, enquanto as respectivas apolices permanecerem em vigor.

A "SUL-AMERICA" emite apolices com direito á remissão por sorteios semestraes, sendo remidas annualmente duas apolices em cada grupo de cem. Até 1906 foram remidas 560 apolices de 10 contos de réis cada uma.

Todas as apolices da "SUL-AMERICA" dão direito á liquidação em dinheiro, mesmo em vida do segurado, depois do periodo da accumulção, recebendo o segurado as reservas claramente indicadas na apolice e os dividendos accumulados, que lhe forem então distribuidos.

A "SUL-AMERICA" emite apolices sobre a vida de senhoras, bem como apolices em conjuncto ou sobre a vida de duas pessoas.

Peçam prospectos da "SUL-AMERICA"

a qualquer dos seus numerosos agentes ou a

Marcellino Penteado

Superintendente de Agentes

Caixa Postal 561



SÃO PAULO

Os rebanhos começam de invadir os prados, e os pastores vigiam-nos alegremente.

Subito, rasga-se o céu, magicamente, fragorosamente, e uma offuscante claridade filtra-se através do espaço, povoado de myriades de Anjos da côrte celestial, que entoam maviosissimos canticos, bradando: «Gloria a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade!»

Os pacíficos zagaes, fulminados pela luz resplandecente, cahiram por terra; porém os alados Cherubins, fazendo cessar os clangores das sonoras tubas, annunciaram-lhes o nascimento do Messias. E os pastores, transidos de espanto, num arroubo suave, deixaram os rebanhos e correram á cidade de David, afim de adorarem o filho de Deus.

Rutilo, o dia esplende.

Descortina-se então um magico panorama: o disco ardente do sol jorra espadanas de luz sobre campinas e florestas, illuminando o scenario immenso da natureza; e a passarada alviçareira, numa alleluia orchestral, doudeja pelo ar frescalante, cujos suavissimos aromas se evolvaram das flores que, durante a noite enluarada, abriram os setinosos calices, para receber e pollen vivificante e o orvalho matinal.

E os Anjos, afflindo as azas alvinitentes, voejam pelas naves ermas do infinito...

IV — OS MAGOS

Passaram dias.

No oriente rebrilhava uma fulgida estrella — signal do nascimento do Rei dos Judeus.

Tres reis magos, Gaspar, Melchior e Balthazar, vinham de longe. As neves eternas, que jaziam nos cimos das cordilheiras, rolavam, em blocos, pelo bojo dos montes; idolos de Brahma, ennegrecidos pelo tempo, surgiam do sólo sinistramente, ás entradas das lugubres cavernas, desenhando no chão disformes silhuetas; á beira dos poços de naphta, caminhavam, bamboeando, os pachydermes; pelos amplissimos desertos desfilavam caravanas, envoltas num turbilhão de areia...

Além, na cupula azulina do céu, tremeluzia o luminoso astro, guiando os Magos na longa peregrinação.

Á noite, iam elles dormir em sombrios pardieiros ou debaixo das tamaras virentes; mas, apenas raiavam os primeiros clarões do dia, proseguiram na rispida jornada, em direcção ás plagas da Judéa.

E os Magos, montados em corceis e camelos soberbamente ajaezados, vieram ter a Bethlem, para se prostrar em face do Salvador. Assim, guiados pelos fachos da estrella mysteriosa, que derramava em tórno do presepio uma subtilissima chuva de diamantes, chegaram elles ao alpendre, onde adoraram o Messias, presentando-o com ouro, incenso e myrrha...

São Paulo — 1896.

EURICO DE GOES



O sentimento mais perieito é a amizade que vem substituir o amor entre um homem e uma mulher que não têm de corar de se terem amado nem de terem acabado de se amar com o primeiro ardor da juventude.

DANIEL STERN

Collaboradores do "Album Imperial" em 1906

J. Prieto

Luiz Antonio Botelho Junior

Honorio Guimaraes

Raphael Correa

David Almeida

Estevan de Almeida

Therese Antunes de F. de S. F. de S.

Nezta de S. F. de S.

Silvio de Almeida.

D. G. de S. F. de S.

Francisco Moura

F. de S. F. de S.

João de S. F. de S.

José de S. F. de S.

Antonio de S. F. de S.

Dr. Cruz de S. F. de S.

Miguel de S. F. de S.

Mons. de S. F. de S.

A. Ferreira de S. F. de S.

Henrique de S. F. de S.

○ PAGINAS ESCOLHIDAS ○

O DEVER CATHOLICO

I
A ACÇÃO

A EGREJA CATHOLICA tem sempre resistido e ha de sempre resistir á obra complexa da revolução. E resiste, porque tem inabalavel confiança na victoria, trazendo, como traz, consigo o deposito das infalliveis promessas do seu Divino Fundador.

Quem quer, pois, que queira compartilhar desse triumpho; cooperar para essa victoria; quem quer que deseje salvar-se, dentre os males que ameaçam e põem em serios riscos a sociedade contemporanea, deve acudir resolutivo e abnegado ao campo, em que a igreja combate e dirige as suas luctas salutarres. Os louros não se enramam pelas espadas, que tímidas se retrahiram ao calor das batalhas.

E esse dever de acção, tão instantemente recommendado pela palavra do Papa, não se deixa resumir e ficar no estreito cumprimento dos preceitos christãos, que governam a vida privada, a vida íntima, isolada de cada um.

Exige-se mais; exige-se imperiosamente dos catholicos, dos verdadeiros catholicos, — a vida externa, a acção publica, a acção social que affirme bem alto, sem contrastes, sem reservas, sem titubeações, o animo de agir e disputar linha a linha o terreno aos adversarios da fé, donde quer que estes invistam contra a egreja, — na consciencia individual, na familia, na escola, na lei, na sociedade.

As circumstancias do tempo tornam, mais do que nunca, inadiavel, urgentissimo, esse dever de acção social, de actividade, de sacrificio.

Agir é soffrer.

II
A ORAÇÃO

A oração, disse-o um grande santo, é a força do homem e a fraqueza de Deus.

Orar é armar-se. A oração é uma armadura, á qual não affrontam, nem os poderes da terra, nem as potestades de além.

Assim, para que os catholicos logrem abrir rumo seguro á propaganda de sua fé, necessario é que se prenumam da oração. O effluvio das graças, de que o homem precisa no mundo para servir e amar a Deus, só conhece um caminho, o que a oração abre, da terra para o céu.

A oração não é sómente força, é tambem luz. A claridade da fé nos leva a descobrir o lado religioso que os assumptos, ainda os mais aparentemente alheios á religião, apresentam; e bem superior ao talento e ao estudo, ella communica um certo instincto de rectidão, mais pratico e fecundo do que as abstracções engenhosas dos sabios.

Ora, esse luminoso instincto da fé, *sapientiam præstans parvulis*, é producto da oração humilde.

E desta sorte, sómente a oração nos avigora os braços, nos illumina a intelligencia, nos suavisa o coração.

Pedi, e ser-vos-á dado quanto pedirdes; batei, e ser-vos-á aberta a porta.

Tudo depende da oração, mas da oração confiante, fervorosa, importuna, cheia de humildade e cheia de fé.

Ella opera milagres; nella os esforços humanos têm uma virtude latente, uma influencia decisiva.

Pela oração, tudo podemos. E', na phrase singela de um auctor, o *abc* do propagandista, o seu primeiro exercicio, o seu catechismo.

Mas, orar é tambem agir.

Agir é soffrer.

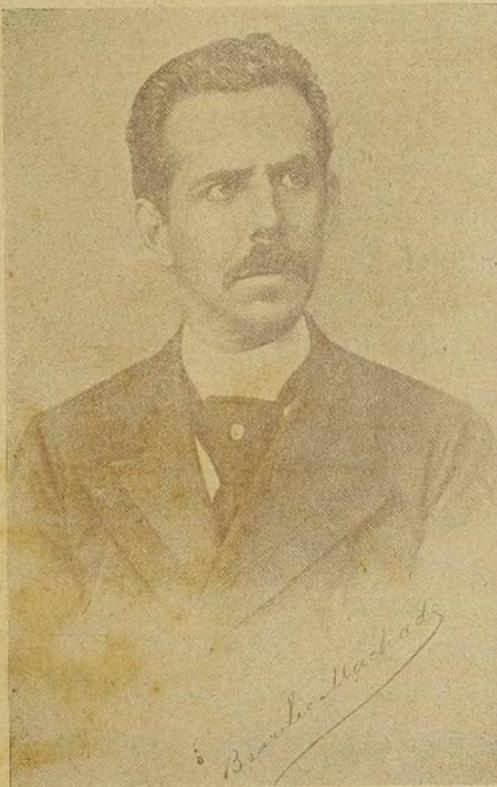
III
O SACRIFICIO

Agir é tambem orar, e agir e orar é tambem soffrer.

O propagandista catholico, sem abnegações, não attinge á sua obra.

A vida é uma milicia e milicia incessante. Por onde quer que encarreire seus passos, o homem encontra espinhos que o pungem. A dôr é necessaria: eleva a alma, e essa elevação é a mais salutar das preces; santifica a alma, e não ha santificação mais profunda e meritoria do que a provinda de uma dôr que mortifica, da dôr que depura; predispõe a alma aos grandes sacrificios, desapegando-a das cousas transitorias, prendendo-a ás cousas estaveis.

Como agir fructuosamente, sem um desperdicio de forças, sem o desaprendimento das seducções



que mais nos solicitam, sem o sacrificio de nossas commoções?

Como orar eficazmente, sem sentir tremulas de humildade as supplicas nos labios, sem comprehender a infima fraqueza de quem pede, dcante da infinita majestade de quem tudo pôde?

Como trabalhar por uma causa, tal a gloria do Senhor, sem que o homem se apague, se annulle, desapareça por assim dizer, para deixar em pleno destaque, dominando sósinho, o Deus de nossa fé?

Tomar a cruz, não a cruz que as mãos de cada um preparem, mas a cruz que a vontade divina indicar; e, carregando-a, seguir o Modelo do homem, eis a que se reduz a vida christã.

Só as mãos callejadas pelo bom trabalho receberão um dia o sceptro da recompensa.

Agir é soffrer.

IV
A ESCOLA

A criança, principalmente aquella que não possue a ventura de ter ensaiado os primeiros passos no lar abençoado do christão, corre em nossos dias o perigo da ignorancia, ou o perigo ainda maior da *instrucção leiga*.

Ha crianças que nascem, crescem, desenvolvem-se á lei cega dos instinctos. Um bruto sob a figura de um homem. A alma quasi que desappareceu sob o duro imperio dos instinctos; não encontrou mãe que lhe volvesse os olhos para o céu, lhe ensinasse a cruzar as mãos numa prece, ou a mover os labios invocando o nome de Deus; não conheceu mãe, que, com os primeiros rudimentos da fé, semeasse em seu coração as primeiras sementes do dever. E assim a criança se faz homem; e não será a lei da policia ou o preceito do magistrado que mais possa domar aquella natureza, cheia de todas as rebeldias e infiltrada de todos os vicios. Eis o ignorante.

No emtanto, o outro perigo ainda é mais grave. A *instrucção leiga*, essa que suprime a idéa de Deus e por isso mesmo limita o horizonte da vida á vida transitoria da terra, a *instrucção leiga* pôde castigar por vezes a natureza da criança, mas castiga para *deformar*. Quebra-lhe o destino.

Fóra de Deus, não ha educação possivel, porque Deus é a fonte de toda a sciencia, como a base unica de toda a moral. Instruir sem a luz de Deus é obscurcer o entendimento, desfigurar a alma, creada para a verdade, isto é, para Deus. Educar, fóra da moral divina, é perverter o coração, creado para o bem, isto é, para Deus.

Contra esses males, que infelizmente a lei fecunda e o estado alimenta, só ha uma reacção e um correctivo:

As escolas christãs!

A egreja se não teme da luz coada pelas verdades scientificas; teme-se desse *crepusculo* que as hypotheses formam em redor da consciencia humana, e acanham o raio visual da razão; teme-se da sciencia mutilada; teme-se da ignorancia dos que decidem de um golpe os mais complexos problemas religiosos-sociaes, sem reflectirem sobre a primeira linha sequer do catechismo.

Muitos são indifferentes á religião, não poucos a combatem sem treguas, porque não a conhecem, nem se dispõem a conhecê-la. Prefere andar levados por mão alheia, como imbecis, a penetrarem por si nessa seara religiosa em que o sol da fé doura a messe do bem, como sazona os fructos substanciosos da verdade.

Escreveu Diderot:

A religião deve ser a primeira lição, a lição de todos os dias.

V
A IMPRENSA

A impiedade apoderou-se da imprensa e transformou-a num aparelho de morte.

O erro, o vicio, as paixões, tudo o que leva o sopro do mal corre torrencialmente pelo jornalismo, pelos pamphletos, pelos livros, por toda a parte e a toda a parte conduzindo a acção devastadora.

Não ha verdade moral que se não ataque, nem virtude que não seja ludibriada.

A imprensa chega a perder, debaixo do bico de certas pennas, os ultimos assomos do pudor natural, E onde a lei, onde o poder que contenha esse extravasamento de corrupção?

Contam-se por milhares, diziam ha pouco Jules Simon e Béranger numa circular celebre, as folhas que se distribuem, e pelas camadas mais inferiores da sociedade, doutrinando a glorificação do immundo, o desprezo do trabalho honesto pela paixão do prazer brutal. . . Está em perigo, affirmaram elles, a

NATAL

salvação de nossos filhos, a integridade intellectual e physica do paiz, o proprio futuro da patria!

E' preciso contrapor um remedio efficaz: combater sem descanço e sem desfallecimentos essa imprensa ignobil; e levantar por outro lado uma imprensa digna e séria. Aquella corrompe os costumes, esta rehabilita a moral; aquella se faz vehiculo da mentira, proclame esta os direitos da verdade.

Os monstros moraes são uma excepção no genero humano. Contemos, pois, ao lado da causa da boa imprensa, as indignações do bem, a que nada pode resistir. Levantemos o clamor da honestidade; demos o rebate do pudor!

Opponhamos penna contra penna.
Fundemos a imprensa catholica.

VI
A TRIBUNA

Ninguem duvida da efficacia da palavra. Com a imprensa, ella dominou o mundo: como a imprensa, e talvez mais do que ella, é um atalho para o bem e para o mal.

A palavra de Jesus, pronunciada num recanto da terra, echoou, repercutiu sonora pelo universo, levando a diffusão da fé, os ardores da caridade, as ternuras da esperança a todos os homens.

A palavra da Revolução rebouou sinistra, sacudindo, revolto temporal, as paixões dos homens; e contaminou ás camadas sociaes o germen das impiedades, as convulsões dos vicios, os abatimentos do desespero.

O gyro da imprensa é menos amplo e poderoso. Os que ouvem excedem em milhões o numero dos que lêem. Demais, a leitura pede a reflexão, e quem medita não raro acerta com o caminho da verdade. A palavra, não! essa cai nos ouvidos do letrado como nos ouvidos do ignorante; não deixa espaço a reflexões; sóa e conquista. Se abala o homem em suas idéas para a verdade, em seus sentimentos para a virtude, será uma palavra de salvação. Se, ao contrario, revolve os instinctos, desperta as paixões, não ha força que detenha o homem que se precipita, allucinado pelas allucinações da palavra depravada.

O catholico tem o dever de pôr a sua palavra, singela ou ataviada, mas sincera, ao serviço de Deus.

A igreja é a depositaria da palavra, em sua accepção mais digna e elevada, pois só ella entesourou a verdade.

Porque emmudece a tribuna catholica?

Nos tempos actuaes, já não basta que fale a tribuna sagrada. Da tribuna popular, deve também repercutir no povo a mesma doutrina que o sacerdote prega.

Congressos e conferencias.

BRASILIO MACHADO



Inédito, para o Album

Bimbalham sinos. Todo o céu fulgura, Desatando o estrellifero thesouro. Anjos de neve, no esplendor da altura, Dedilham docemente lyras de ouro.

« Nasceu Jesus! Nasceu Jesus! » murmura A casta infancia, num festivo côro, Contemplando com risos de ternura O floreo berço do Menino Louro!

O' noite de Natal! quanta saudade Me trazes dos meus dias de criança, Cheios de uma serena claridade,

Daquelle tempo limpido e risonho, Em que minh'alma, verde de esperança, Era o presepio de um dourado sonho!...

ARTHUR GOULART

1906 - S. Paulo.

E' NO DIA de hoje que os papás e as mamãs preparam engodos aos seus bebês.

Os adoraveis anjinhos confiantemente collocam os sapatinhos novos ou já usados, alguns já cambaios e de biquinhos abertos, por onde surgem dedinhos côr de rosa, sobre o parapeito da



PAPA PIO X

janella, no seu quarto de dormir, á espera de que o Bom Deus allí lhcs deponha a paterna dadiva, as festas do dia de Natal...

Santa ingenuidade!

Encantadora innocencia, a das crianças, que as leva a acreditar que realmente Papae do Céu, em meio dos orvalhos da noite e por entre os perfumes suaves que embalsamam a atmospherá, á luz

Embalde esperam, coitadinhas, esse momento feliz, porque elle só incide na arripulheta do tempo quando, vendo-as já adormecidas, a sonhar talvez com os fructos originaes da arvore de Natal, que viram na sala e com que brincavam trefegas até serem vencidas pelo somno, a mamã, essa outra Providencia da Terra, de mansinho vem fazer as vezes do Papae do Céu!

Innocente comedia, sim; innocente e encantadora, mas, em todo caso, comedia que o materno amor engendra e representa com os proprios incautos e credulos filhos que lhe deram origem!

E as ingenuas criancinhas tanto nella acreditam, que, mesmo depois de passado o Natal, ainda enfileiram quantos sapatinhos possuem, á espera de que o sol do dia immediato os apresente repletos de presentes aos olhos deslumbrados!

Que decepção, quando os encontram vasio, pobresinhos!...

CARDOSO DE MENEZES

* No presepio *

Em Bethlém de Judá, pacifica cidade Da Palestina, em uma agreste mangedoura, Exposta sem um manto á nocturna humidade, Cerialmente sorri uma criança loura

E' o menino Jesus. Celeste claridade Toda a gruta illumina e o toscó berço doura. Maria o beija e São José com humildade Para adoral-o inclina a fronte scismadora...

Filha de Sião, exulta! E' nascido o Messias Promettido aos hebreus nas Santas Escripturas Pela voz de Moysés, Michéas e Isaías!...

Anjos cantam no espaço um hymno de victoria Ao que veiu trazer ás suas creaturas A escada de Jacob que vai á eterna Gloria!

GUSTAVO TEIXEIRA

(De Evangelho)

Os symbols dos Evangelistas

NOS monumentos primitivos do christianismo não se encontram os symbols que mais tarde começaram a figurar ao lado dos quatro Evangelistas. Estes attributos, a que já se allude em Ezequiel, acham-se descriptos no Apocalypse de São João. Ahí se diz:

Eu vi á roda do throno do Cordeiro quatro animaes. O primeiro era semelhante a um leão, o segundo a um touro, o terceiro tinha rosto de homem, o quarto assemelhava-se a uma aguia, erguendo o vôo.

São estes, como se sabe, os symbols com que são designados os Apostolos, pertencendo a S. Marcos o leão, a S. Lucas o touro, a S. Matheus a figura com rosto humano, a S. João a aguia. Os padres da Igreja não estão de accôrdo sobre a significação destes symbols. Querem uns que elles exprimam o estylo particular de cada um dos Evangelistas; querem outros que elles se refiram a Jesus-Christo, e sejam allusivos ás diversas phases da sua vida mortal.

Como quer que seja, passa como certo que a representação dos quatro animaes não se encontra nos monumentos antes do século V da era christã.

APPARENCIAS

Como elle dorme calmo, descuidado! Dizia um rei deante do um mendigo, E eu passo as noites tremulo, cansado, Sem ter o somno animador e amigo!

Como elle é grande! que deslumbramento Brilha do rei pela existencia sua. Diz o mendigo, emquanto eu, macilento, Morro de fome, nos portaes da rua!

ALEXANDRE FERNANDES

Nativitas 5 Agosto 1903
Agli Egozi Signori Pietro Formica
de Olga Angeloni etiam in signi
e al loro Gino di la Benesjioni
apostolica e megnora i migliori
unferiti
Pio P.P. X

— IO X — Fac-simile de um autographo.

dubias das estrellas que pontilham de tremulas fulgurancias o azul do firmamento, extende a dadivosa mão que vem encher de bonecos, brinquedos e bombons os velhos sapatinhos enfileirados sobre o parapeito da janella!...

Como esperam ansiosas, durante as primeiras horas da noite cadente, a lutar com o somno que as invade, o momento maravilhoso em que essa mão affectuosa venha fazer-lhes a promettida dadiva!

A criança quer que lhe falem antes ao affecto do que á intelligencia: o cerebro infantil só apprehende bem aquillo que primeiro passa pelo coração. — OLAVO BILAC.

I. TAGLIAVIA & C.^{IA}

SÃO PAULO

Agentes Geraes no Brasil do afamado

Vinho Marsala Florio,

Vinho Quinado Cinzano, Vermouth Cinzano

e do famoso

FERNET VITTONÉ

Euzebio Carlos Dias

Empreiteiro e constructor

Encarrega-se de construcções de casas, concertos, pintura,
empapelamento, etc., etc.

para o que dispõe de longa pratica e habilitado pessoal

— **CAMPINAS** —

Rua Francisco Glycerio
N. 97-A



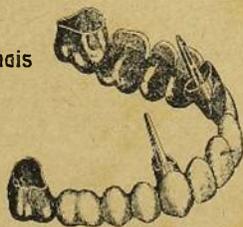
Antiga do Rosario

Ao Boticão Universal

Unico deposito de artigos dentarios

Completo sortimento de cadeiras, motores e mais
instrumentos concernentes á arte

Colossal sortimento de optica e
cutelaria fina



JANUARIO LOUREIRO

IMPORTADOR

Rua S. Bento, N. 16 **SÃO PAULO** Caixa Postal N. 71

FABRICA DE MOVEIS
ESTYLO MODERNO

— DE —

MIGUEL NARDELLA

Rua do Seminario, 31 - S. PAULO



FORTALEZA (Ceará) — Capella do Collegio da
Immaculada Conceição

Casa Importadora Allemã
de Pianos

Frederico Joachim

100 — Rua Libero Badaró — 100

— **SÃO PAULO** —

Conto para crianças

A princeza que não podia rir

HAVIA em certo paiz e em tempos que já vão muito longe um rei e uma rainha, que a toda a hora pediam a Deus que lhes desse um herdeiro. Afinal viram satisfeito o seu desejo, porque lhes nasceu uma filha, linda como os amores.

O rei tornou-se ainda mais amigo da mulher, e a rainha, que era muito bonita, caritativa e cuidadosa pelo governo da sua casa, maior afeição ganhou ao marido.

Era bom homem o rei. apesar do seu costume de pregar peças a toda a gente.

A rainha ninguem podia apontar um unico defeito, porquanto defeito não podia chamar-se o que tinha costume de estar sempre a dizer anxins.

No dia do baptisado da princeza, a quem deram o nome de Violeta, houve no paço um grande banquete, para que foram convidadas todas as pessoas mais importantes do reino. Uma dellas era a fada Gulosia, que se tinha offerecido para madrinha da princeza, o que o rei e a rainha acceitaram logo, porque a fada era muito poderosa e ninguem a queria para inimiga.

— Sabes o que eu pediria de boa vontade á nossa futura comadre — perguntou o rei á rainha: — que fôsse menos emproada. Bem sei que não é della só a culpa, mas tambem da sua disforme gordura, que nem a deixa curvar-se. Mas para que come ella tanto? ... Verás que logo, ao jantar, não deixa de servir-se duas e tres vezes de todos os pratos.

Ao que a rainha respondeu:

— Se come muito, é porque tem vontade e porque é rica. Não é daquelle que pôde dizer-se: « Quem come sem conta, vive sem honra ».

— Mas hoje á minha custa é que ella vai comer. Ora espera! Lembrei-

me agora de uma cousa, que nos vai divertir immenso.

E como visse o marido rir ás gargalhadas, a rainha pediu-lhe:

— Pelo amor de Deus, não digas á Gulosia qualquer cousa que a faça desconfiar! Bem sabes que « Amigo anojado é inimigo dobrado » e que « Mais fere a má palavra, que a espada afiada ».

— Basta de ditados — tornou o rei. — Verás que é uma brincadeira innocente.

Mas a rainha replicou:

— Mesmo assim, o melhor é não a fazeres. Gulosia pôde muito e « Com teu amo não jogues as peras... »

Mas o rei desprezou o conselho e, enquanto a mulher se preparava para a festa, foi fazer certas recommendações aos criados e cosinheiros.

Ató que foram para a mesa correu tudo sem novidade, o que socegou o espirito da rainha.

Era a mais rica que dar-se pôde a sala do banquet. A baixella de prata cinzelada estava disposta na grande mesa e pelos aparadores e luzia muito a par dos crystaes e das porcellanas.

Gulosia, quando viu os doces, que na sua frente formavam um gracioso castello, sentiu crescer a agua na bocca, e, ainda mais, quando os lacaicos, de ricas libres agaloadas de prata e ouro, serviram a sopa de azas de moscas. Devia estar excellente, pelo bello perfume que exhalava!

Mas apenas levou á bocca a primeira colher, a fada fez uma careta medonha, e teria cuspidu para o prato, se não receiasse faltar ás regras da civilidade. Voltou-se para o ministro da guerra, que estava á sua direita e que tambem passava por ser grande apreciador dos bons petiscos, e disse-lhe baixo:

— Oh! Que pessimo gosto o desta sopa! Não acha, general?

— Ora essa! Parece-me excellente, pelo contrario! — respondeu o velho militar, limpando ao guardanapo o farto bigode. — Vejá! Não deixei nada no prato.

Serviram-se depois uns pasteis de gafanhotos, muito aloirados e tão encantadores para a vista, como o prometiam ser para o paladar.

Querendo desforçar-se da sopa, Gulosia tirou sete pasteis. O general acabava de servir-se da mesma iguaria e tambem de vespas recheadas — acepipe em que primava o chefe das cosinhas reaes.

— Devem estar divinos estes pasteis! — disse a fada ao ministro. Ao que este respondeu, ao mesmo tempo que engolia a primeira garfada:

— Hum! Devem, sim! Hum! Hum! Pois estão! ...

Gulosia empunhou tambem o garfo, mas soltou immediatamente um grito de espanto e indignação.

O prato já não estava deante della! Tinha-lh'o tirado um dos lacaicos.

La chamal-o e recommendar-lhe que fosse menos apressado para a outra vez, quando, por acaso, fitou os olhos na cara do rei.

Sua Majestade estava perdido de riso e mirava-a de revez.

Gulosia percebeu tudo. O mau gosto da sopa e a pirraça do lacaio, era tudo obra do rei. Furiosa, com a physionomia transtornada, pôz-se em pé com certa difficuldade e disse em voz muito forte e meio enrouquecida pela colera:

— Vejo que Vossa Majestade quer divertir os seus convidados á minha custa! Saiba que sou muito grossa para palito, e que é perigosissimo escarnerer da fada Gulosia!

E, dirigindo-se aos outros convivas, protestou:

— Ficae todos sabendo que, para compensar a excessiva alegria do genio de seu pae, a princeza Violeta nunca se ha de rir, ou, quando muito, o seu riso será tão silencioso como as aguas, que hoje correm com jovial sussurro por todo esse reino, mas que d'ora avante, convertidas em gelo, ficarão sem movimento. Affirmo-vos que todos vós lamentareis sinceramente que se tenha feito escarneo da fada Gulosia!

O rei disse, muito pressuroso:

— Foi uma brincadeira! Uma simples brincadeira! Eu podia lá ter intenção de offender-vos! ...

A fada sorriu-se maliciosamente e respondeu, apontando para os crystaes que estavam sobre a mesa:

— Pois véde todos se tambem é brincadeira o que eu acabo de annunciar.

E, mal tinha proferido estas palavras, desapareceu como por encanto, o que aliás não espantou ninguem, por ser este o costume das fadas, tanto ao irem-se embora, como no instante de apparecerem aos miseros mortaes.

Espanto verdadeiro, e até pavor, sentiram todos os circumstantes, quando, ao olharem para a mesa, viram que, apesar de estar um bello dia de verão, todo o liquido contido nos copos e garrafas se tinha tornado em solidas massas de gelo.

A rainha, toda a tremer de frio e de medo, disse baixinho:

— « Vento e ventura pouco dura! »

Passaram annos, mas as desgraças do reino é que não passaram, e foram sendo, pelo contrario, cada vez maiores.

Decididamente a fada Gulosia queria mostrar que as suas promessas se cumpriam á risca.

Coberto de gelo, o campo nada podia produzir. Exgottado o dinheiro que todos tinham economizado, já nada se podia mandar vir dos outros paizes, para a alimentação dos infelizes subditos do rei, que se tinha rido á custa da fada.

Todos se affligiam, menos as crianças. Essas, coitadas, levavam os dias a fazer bolas de neve, para atirarem umas ás outras, no meio de grande galhofa, ou a patinar sobre o gelo.



Kronprinz Frederico Guilherme

A princeza Violeta, durante aquelle tempo, tinha crescido, e de bonita criança tornara-se uma linda rapariga.

Quando a princeza fez dezeseite annos, o rei mandou deitar um bando, em que promettia uma grande recompensa a todo o homem, mulher ou criança, que fosse capaz de livrar o reino daquella calamidade. Ora, numa nação proxima, havia um principe chamado Jacintho, que era filho do rei desse paiz, e que tinha ficado perdido de amores pela princeza Violeta, logo que a vira num baile do paço. Soube do bando e montou a cavallo, vindo apresentar-se ao pae de Violeta, para lhe participar que ia fazer o possivel afim de que a princeza se risse e acabassem tantos males.

O rei, que já não fazia brincadeiras, abanou a cabeça e deu ordem para que o principe fosse levado á presença da princeza Violeta, dizendo-lhe antes que não tinha a menor esperanza no bom resultado.

Ao que o principe redarguiu promptamente:

— Se eu fôr bem succedido, Vossa Majestade concede-me a mão de sua filha?

O rei disse que sim; e o principe foi ter com a princeza e achou-a no meio de uma chusma de pretendentes, porfiando todos elles no empenho de a fazer sorrir.

Dalli a pouco a princeza Violeta preferia aos mais o principe Jacintho, por causa dos cabellos castanhos anellados e dos grandes olhos azues do namorado, e do sorriso insinuante que lhe via no rosto. Ainda assim, elle não conseguiu despertar-lhe o riso.

Uma noite o principe poz em pratica um plano audacioso. Esteve á espera da meia-noite e caminhou direito a um logar a que o povo chamava a Clarea Magica. Apenas lá chegou, fez tres mesuras á lua, que ia muito alta no céu, deu dous assobios fortes e prolongados e bradou:

— Sabia e generosa fada Gulosia, acudi-me! Acudi-me!



Guilherme II, imperador da Allemanha

Até com a intervenção de um genio, Christo, por exemplo, uma verdadeira revolução não pôde produzir-se e durar, sem uma necessidade organica dos povos— LOMBROSO.

Como não obteve resposta, repeliu outra vez os assobios e as palavras, e logo ouviu, por entre as arvores, um ligeiro sussurro e viu apparecer Gulosia, que vinha descendo no meio de uma enorme flôr de magnolia, transportada por dous moscardos, tambem de tamanho descommunal.

Estava de muito bom humor, porque tinha acabado de comer uma bella ceiasinha: tres corujas de fricassé, dous pratos de caldeirada de morcegos e outros tantos de *puree* de borboletas. Perguntou com brandura a Jacintho:

— O que te afflige? Como nunca me fizeste zangar, estou prompta a valer-te.

E o principe respondeu: — Estou apaixonado pela princeza Violeta e desejo ardentemente fazer com que ella se ria, para assim quebrar o feitiço que armastes ao reino do pae della. Não me quereis ajudar? Gulosia pensou um momento.

— Hum!... Deixa ver se me lembro... Ah! Sim! Agora me recordo do castigo que lhe dei. Bom! Sei de dois remedios, que podem curar o mal. Leva-lhe amanhã estas flôres. Se Violeta se rir quando lhes aspirar o perfume, está satisfeito o teu desejo. No caso contrario, procura-me de novo amanhã á noite.

Ao dizer estas palavras, entregou ao principe um lindo ramo de crevos e desapareceu de repente, conforme o seu costume.

Cheio de esperanza, Jacintho offereceu o ramo a Violeta, na manhã seguinte.

— São lindissimas estas flôres — disse ella — e achem-me uma singular impressãõ quando as cheiro.

— Descreve-me a impressãõ que é — pediu Jacintho.

— Não a posso explicar. Agora já passou. Mas emquanto a senti, pareceu-me muito agradável.

Hora depois, o principe voltou á Clareira Magica, e ao bater de meia-noite appareceu-lhe a fada e disse, tendo-lhe ouvido a queixa:

Já que as flôres falharam, vai empregar-se o outro remedio.

— Qual? perguntou o principe.

— E' segredo — respondeu Gulosia. — Não me perguntas nada e vae ter com a princeza amanhã cedo. Agora, curva-te.

O principe obedeceu e Gulosia foi dizendo certas palavras magicas e fazendo passes no ar com uma varinha que tinha na mão.

Quando elle endireitou o corpo, a fada tinha já desaparecido.

Na manhã seguinte, o principe encaminhou-se para o palacio. Encontrou Violeta sósinha no jardim, parecendo mais linda que nunca, com um vestido branco semeado de rosas.

— Vindes hoje muito cedo — disse ella.

E Jacintho respondeu logo:

— Pôde menos de uma fada a varinha de condão, que os teus olhos, minha amada, Neste meigo coração.

Violeta, ouvindo o principe discursar tão poeticamente, sentiu vontade de rir.

Jacintho continuou a dizer:

Se por ser pra ti meu canto,
Encanto eu sinto e prazor,
De fazer versos me espanto,
Pois nunca os soube fazer.

— Se realmente me tendes amor — disse Violeta — deixae de falar desse modo e mostrae-vos meigo e simples como dantes.

O pobre principe ficou pensativo durante alguns momentos e afinal replicou:

Senão te agrado, fico em dôr immerso...

Tornou a calar-se, como se estivesse lutando consigo mesmo, e resmungou afinal:

Mas contigo por força hei de falar em verso.

Houve de repente uma gargalhada imitante ao som de campainhas de crystal que tocassem todas ao mesmo tempo. O principe levantou os olhos e viu a princeza a rir tanto, que as lagrimas lhe corriam a quatro e quatro pelas faces.

— Estás curada, Violeta! — exclamou elle, muito contente. — Ah! E eu,

ceza. Posso reclamar a promettda recompensa?

O rei respondeu, muito commovido: — Eu vos abençõo, meus queridos filhos. Principe, nunca poderei pagar-vos a minha divida de gratidãõ. Vou dar immediatamente ordem para os preparativos do noivado.

Violeta olhou para Jacintho e, com um sorriso a brincar-lhe nos labios, segredou ao rei:

— Que pena, meu pae, que não o ouvisses falar em verso!

Quando a rainha soube de tão boas noticias, disse logo:

— Não ha bem que sempre dure, nem mal que sempre ature!

(Limitado do inglez de Helen Hamond-Spencer)



Um pensamento amargo de Chateaubriand:

— Os cães, como os homens, são muitas vezes punidos pela sua fidelidade.

AGENCIA DO ALBUM IMPERIAL - EM SANTOS



Agencia de jornacs do sr. José de Paiva Magalhães, onde é exposto á venda o Album Imperial

graças a Deus, já posso falar como todos falam!

— Oh! Nem tu imaginas a graça que tinhas, falando como os poetas! — observou-lhe a princeza, a quem não passara ainda o ataque de riso. — Vamos! Dize mais alguns versos!

Jacintho respondeu que não, com a cabeça. Acabava de saber que tinha sido poeta por obra de Gulosia e que desde que Violeta desatara a rir estava quebrado o encanto, e podia consideral-a como sua noiva.

Nesta occasião appareceu o rei, sem quasi poder tomar a respiração, tão depressa tinha vindo. Perguntou, muito admirado:

— Pois é crível que minha filha já possa rir? Como foi isto? O gelo começa a derreter-se por toda a parte, e o povo, cheio de enthusiasmo, prepara grandes festejos.

O principe Jacintho avançou alguns passos e disse, pegando na mão de Violeta:

— Sim, meu senhor, já se quebrou o encanto de que era victima a prin-



Santos Dumont

Uma gloria nacional

O Vesuvio de um sonho sobrchumano lhe enchia todo o cerebro fecundo, e se agitava em convulsões de oceano, com luz capaz de illuminar um mundo.

Para a Patria do abutre, do milhano e do trovão, que brame, furibundo, eil-o que parte, no seu vôo insano, rasgando as nuvens pelo céu profundo.

E como um deus, sereno, triumphante, vai escalandõ todas as muralhas, numa estrondosa e olympica victoria...

Louvido seja o intrepido gigante, que, na maior de todas as batalhas, ergueu mais alto o labaro da Gloria!

S. Paulo - 1906

ARTHUR GOULART

Só a desventura pôde avaliar a desventura. O coração endurecido no goso das prosperidades não sabe comprehender os delicados sentimentos do infornuto! — CHATEAUBRIAND.

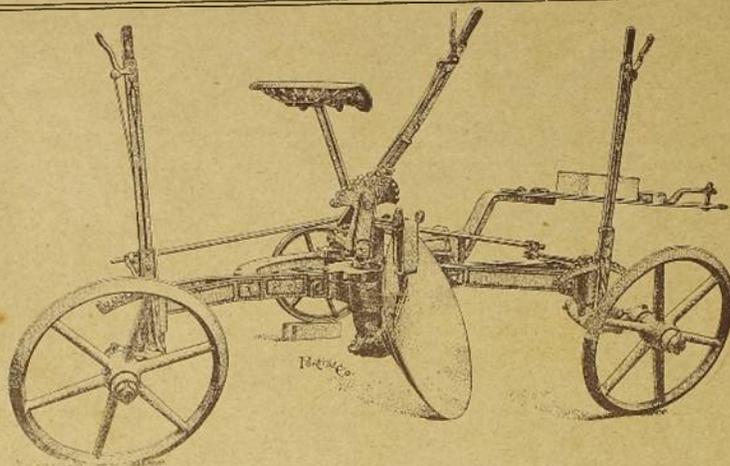
AO EMPORIO DE INSTRUMENTOS AGRICOLAS DE S. PAULO

Rua S. Bento, 43

NATHAN & C.

Caixa K

ARADO REVERSIVEL APERFEIÇADO



Arados de disco
Arados de aiveca
Grades de discos
Grades de dentes
Semeadeiras
Segadeiras
Ceifadeiras
Machinas para
beneficiar arroz

Cultivadores
Ciscadores
Sulcadores
Moinhos
Debulhadores
Trituradores
Machinas para
forragens

PEÇAM CATALOGOS E PREÇOS, QUE SERÃO ENVIADOS GRATIS



FORTALEZA (Ceará) — Escola de Jesus, Maria, José
Consagrada aos meninos desvalidos, iniciada aos 11 do setembro de 1902
e inaugurada aos 22 de janeiro de 1905, sob os auspícios do Ex.^o e Rev.^o
Bispo D. Joaquim José Vieira (Depois da inauguração).

Fonseca Ferraz & Bicudo

Commissarios de Café

ESCRITORIO E ARMAZEM

Rua Episcopal, 4 e 6

S. PAULO

CAIXA POSTAL N. 410

D. AMICUCCI
RUA FLORENCIO DE ABREU, N. 50
SÃO PAULO



TYPOGRAPHIA - PAPELARIA - FABRICA DE
LIVROS EM BRANCO - ENCADERNAÇÃO
PAUTAÇÃO E DOURAÇÃO - CARIMBOS DE
BORRACHA - IMPORTAÇÃO DE PAPEL
E OBJECTOS DE ESCRITORIO



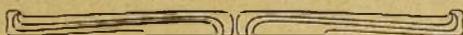
INSTITUTO DE SCIENCIAS E LETRAS



Um dos mais antigos e acreditados estabelecimentos de ensino

— o DE o —

—  SÃO PAULO  —



Equiparado ao Gymnasio Nacional, pelo decreto N. 6092,
de 25 de julho de 1906.



DIRECTOR E PROPRIETARIO

LUIZ ANTONIO DOS SANTOS

24, Rua Senador Queiroz, 24

Instituto de Sciencias e Letras

EQUIPARADO AO GYMNASIO NACIONAL



INSTITUTO DE SCIENCIAS E LETRAS (rua Senador Queiroz, 24), um dos mais antigos e acreditados estabelecimentos de ensino de S. Paulo, foi, pelo decreto n. 6.092, de 25 de julho proximo passado, definitivamente equiparado ao *Gymnasio Nacional*, de cujos privilegios e garantias plenamente gozará.

Sob a competente direcção e immediata inspecção do conhecido educador sr. Luiz Antonio dos Santos, o *Instituto de Sciencias e Letras* conta, para a ordem, disciplina e administração, com o seu longo tirocinio e uma ininterrompida pratica do ensino, em que mais de trinta annos não alteraram, antes mais justificaram, a sua norma administrativa e o seu processo disciplinador, consistindo este em alliar intelligentemente a mais accentuada brandura á mais perfeita equidade, banidos, por contraproducentes e antipedagogicos, os castigos phisicos e as penas deprimentes.

Quanto ao ensino em si, acha-se confiado a numerozo e proficiente corpo docente, cuja provada e notoria competencia não teme confronto com o de qualquer outro estabelecimento escolar no Estado de S. Paulo.

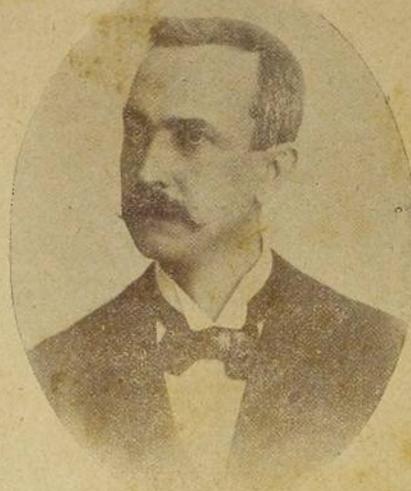
Pelo quadro de professores dos varios cursos, ver-se-á o escrupulo que presidiu á sua organisação; os resultados annualmente obtidos confirmam eloquentemente a proclamada competencia dos cathedrauticos do *Instituto*.

A completa installação em vastissimo predio, rigorosamente adaptado segundo os preceitos da pedagogia moderna e da hygiene, os amplos e arejados dormitorios, os espaçosos refeitórios, os recreios arborizados e ajardinados, o theatro e o luxuoso salão das conferencias e festas collegiaes concorrem para levar-nos á convicção de que o *Instituto de Sciencias e Letras* é um estabelecimento modelo de educação e ensino.

O predio n. 24 da rua Senador Queiroz, nesta capital, que occupa uma área de cerca de 6.000 metros quadrados e onde funciona o *Instituto de Sciencias e Letras*, é legendario nos annos do ensino. Desde uma época assás remota, tem elle servido para o ministerio da instrucção.

Até aonde podemos obter informações, sabemos haverem nelle funcionado os seguintes estabelecimentos de ensino: Collegio do padre Mamede, Collegio do professor portuguez Delgado, Collegio da Gloria, do dr. Freire da Silva, e o Instituto D. Anna Rosa, até 1886. Em 1887, o sr. Joaquim José de Azevedo Soares ahi fundou o actual, que tem funcionado ininterruptamente sob diversos directores e proprietarios, na seguinte ordem: 1.º, padre Passalacqua; 2.º, o dr. Lamartine Delamare Nogueira da Gama (*); 3.º, o dr. Silvio de Almeida; 4.º, o capitão Pedro Ivo

(*) Este lhe deu a denominação de *Gymnasio Paulista*, que se conservou até 1899.



LUIZ ANTONIO DOS SANTOS

de Almeida; 5.º, o actual professor Luiz Antonio dos Santos, desde 1899.

Este o fundiu com o seu Externato Paulistano, o primeiro collegio que em S. Paulo se organisou sob os moldes da reforma de Benjamin Constant.

Com a consideravel affluencia de alumnos que começou a haver, o novo director-proprietario iniciou as grandes reformas no pessoal docente, na seriação das disciplinas, nos costumes disciplinaes, e, principalmente, na parte material de adaptação do predio e seu melhoramento.

Foram mantidos simultaneamente os dous cursos: o gymnasial e o de preparatorios parcelados, com um pessoal docente de escol, aproveitando-se

a abalitada competencia dos lentes cathedrauticos do Curso Annexo da Academia, do Gymnasio da capital, da Escola Polytechnica e de outros professores de nomeada, tres dos quaes são hoje cathedrauticos do Gymnasio de Campinas.

No predio, além das obras de adaptação e limpeza indispensaveis, fizeram-se construcções novas, como o salão nobre, que póde accomodar mais de 200 alumnos, uma grande sala de estudos para a divisão dos Maiores, uma sala especial para desenho, galpões de abrigo nos pateos de recreio, o theatro, a carpintaria e a officina typographica, além da cosinha, copa e muros divisorios nos pateos de recreio.

Foi triplicado o fornecimento de agua; reformou-se o banheiro, construíram-se latrinas e mictorios claros e hygienicos, tudo de conformidade com o systema mais moderno. Cimentaram-se as passagens para o recreio e fizeram-se passadiços, para os dias chuvosos.

Aformoseou-se a frente, que tem um vastissimo jardim arborizado, com bancos, onde gosam do recreio os alumnos externos.

Creou-se uma bibliotheca, apropriada para uso dos alumnos, e installou-se um bilhar, para distracção dos professores.

Creou-se, junto da enfermaria, uma pequena pharmacia, onde se encontram os recursos para os casos urgentes, a cargo de um pratico.

Existe na sala nobre um artistico oratorio fechado, que se transforma em altar com todos os paramentos para a celebração das principaes festas religiosas, com a licença dada pelo Bispo diocesano, com um excellente harmonium para solennisar as festas.

Foi installada a luz electrica em todo o edificio e suas dependencias; ha telephones interno e externo, e campainhas electricas para as chamadas das aulas, etc., etc.

Cada um dos pateos de recreio das tres divisões tem sua barra-fixa e seu frontão para o jogo da pelota. Além disso, ha muitos outros appparelhos para gymnastica, com o fim de dar aos alumnos o desenvolvimento phisico conveniente.

A instrucção moral é ministrada em reuniões frequentes na grande sala do estabelecimento, onde o director dá os avisos necessarios sobre alguns pontos da disciplina collegial, ou lê e commenta um, compendio de civilidade, ou algum trecho de Smiles, ou alguma obra semelhante.

Têm-se organizado diversos clubs literarios, onde os moços se desembaraçam para discorrer, e solennes sessões literarias, em que se exhibem recitando discursos e poesias perante os seus mestres e familias convidadas, por occasião das grandes festas nacionaes.

No pequeno theatro, fazem, uma ou duas vezes por anno, representações de pequenos dramas ou comedias, com grande applauso de selecta platéa.

Tem havido estimulo para a musica, celebrando-se concertos, com o concurso dos melhores professores de S. Paulo, muitos dos quaes têm ensinado a varios alumnos



Fachada principal—Rua Senador Queiroz, 24

O casamento peneira as ambições da moça no crivo da realidade. — MARCEL PRÉVOST.

diversos instrumentos, principalmente piano, para cujo estudo o Instituto mantém dous bons pianos.

A arte typographica tem sido ensinada com bons resultados em uma excellente e bem montada typographia, onde se têm feito bons trabalhos, sem tomar demasiado tempo aos alumnos.

Tambem, quer os internos, quer os externos, têm ensaiado a publicação de periodicos literarios, em que os mais adeantados revelam seus conhecimentos e suas tendencias literarias.

Entre as virtudes que mais se inculcam aos alumnos é o amor da patria que principalmente se procura fazer vibrar nos jovens corações, de cujo preparo scientifico e de cuja educação civica depende o futuro do Brasil, do qual se tornarão responsaveis.

Os meios coercivos de disciplina são sempre os suasorios, sendo só para os contumazes empregadas as penas disciplinares, consignadas no regulamento.

O actual director-proprietario do *Instituto de Sciencias e Letras* tem presentemente como colaboradores um director disciplinar, com plenos poderes, e um vice-director, com suas attribuições delimitadas.

Ha mais um secretario, que tambem é guarda-livros: dous amanuenses e sete vigilantes, sendo dous para cada uma das tres divisões, e um para os externos.

O *Instituto* mantém um medico contractado, que faz frequentes visitas sanitarias, lavrando as competentes actas em um livro especial.

Ha um roupeiro encarregado da conferencia e distribuição da roupa, a qual é guardada em armarios com prateleiras numeradas, sendo numeradas tambem todas as peças de roupa.

Este empregado tem sob sua responsabilidade o asseo dos dormitórios.

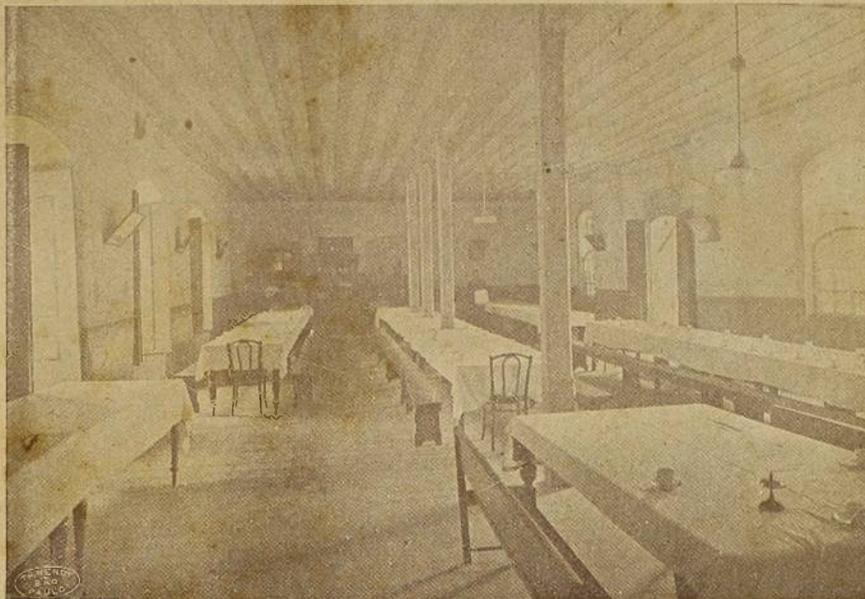
O porteiro e tambem encarregado da limpeza

dormitorios, cuidar dos doentes de molestias passageiras, fazer comparecer o medico em caso de molestias sérias e velar pelos doentes na enfermaria.

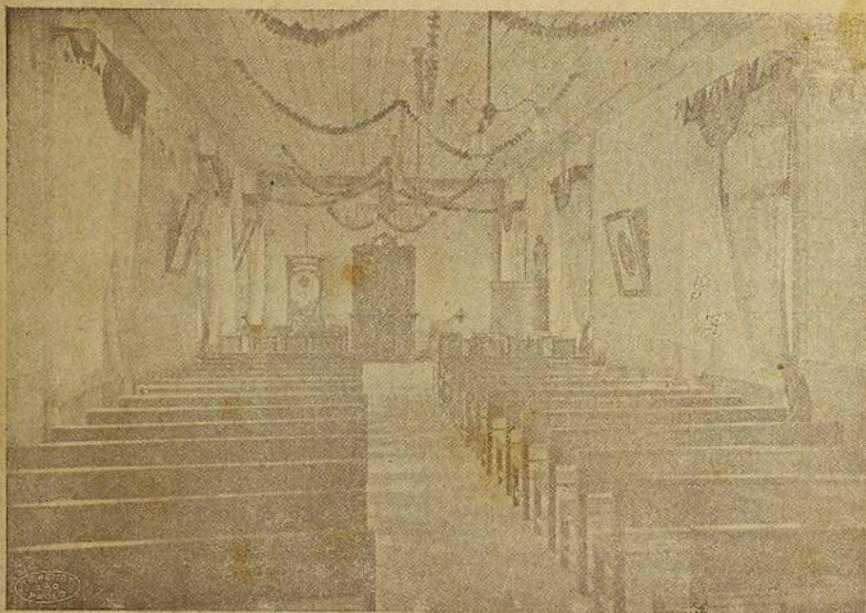
E' delegado e fiscal do Governo Federal junto ao Instituto, ha mais de dous annos, o sr. dr. José

mero de seus alumnos matriculados nos diversos cursos este anno.

E' que o sr. Luiz Antonio dos Santos, não fazendo da educação e ensino da mocidade puro mercantilismo, e exercendo, ao contrario, o magisterio como verdadeiro sacerdocio, comprehendeu bem que ha collegios equiparados e *equiparados*.



REFEITORIO



SALÃO NOBRE

das salas de aula e um servente é responsavel pelo asseo das salas de estudo, corredores, sala de visita, sala dos professores, escriptorio e logares de recreio.

Ha quatro copeiros para o serviço do refeitorio, um cosinheiro e um ajudante de cosinha.

O enfermeiro tem como obrigação percorrer os

Piedade, illustre advogado nos auditorios desta capital, que se tem revelado severo cumpridor de seus deveres, tornando uma realidade o exercicio da honrosa commissão que em boa hora lhe foi confiada. Dahi a razão da nomeada e a preferencia que o *Instituto* tem merecido nestes ultimos tempos, conseguindo elevar a quasi o duplo o nu-

mero de seus alumnos matriculados nos diversos cursos este anno. Urs, aquelles onde a lei e os regulamentos do *Gymnasio Nacional* são observados e cumpridos fielmente, embora com prejuizo ás vezes para os proprietarios; e outros, onde só predomina o fito de lucro, onde estuda quem quer, onde se obtêm diplomas conforme as manifestações interesseiras e onde, finalmente, a lei e regulamentos são letra morta.

SECÇÃO FEMININA

O *Instituto de Sciencias e Letras* terá ainda sobre os congeneres uma vantagem extraordinaria, do proximo anno em deante: é a SECÇÃO FEMININA, que seu operoso director acaba de crear e cujas alumnas participarão de todas as vantagens usufruidas pelos matriculados nos cursos de adaptação e gymnasial, secção essa que ficará a cargo da professora dra. Maria Saraiva.

A criação dessa secção de ha muito se fazia sentir e era constantemente reclamada pelo crescendo numero de senhoritas que em São Paulo se destinam ás escolas superiores e se acham sujeitas ao exame de madureza ou a fazer o curso gymnasial.

Com os elementos superiores de que dispõe, está o *Instituto* certamente bem aparelhado para manter-se em estado de franco progredimento, gradual e successivo, chamando a si a attenção dos interessados e contando sempre com o apoio e prestigio officiaes.

Pelos diversos *clichés* que nestas columnas estampamos, pôde-se avaliar da verdade com que nos temos referido ao importante estabelecimento de instrução, que muito honra, não só ao Estado de São Paulo, mas a todo o Brasil.

Pessôal docente

PROFESSORES

Curso de Preparatórios	Portuguez	<i>Ac. José Antonio Nogueira</i>
	Francez	<i>Dr. José de Freitas Valle</i>
	Inglez	<i>Dr. Felipe De Lorenzi</i>
	Latim	<i>Dr. Felipe De Lorenzi</i>
	Mathematicas	<i>Dr. Antonio do Nascimento Moura</i>
	Geographia e Chorographia	<i>Ac. Geraldino Luiz de Souza</i>
	Historia Universal	<i>Dr. José Augusto Cesar</i>
	Physica e Chimica	<i>Dr. Arthur Thiré</i>
Historia Natural	<i>Dr. Alfredo Paulino</i>	
* * * * * * * * * * * *	Portuguez, 1.º e 2.º anno	<i>Prof. João da Camara Leme</i>
	Francez, 1.º anno	<i>Dr. Egberto Nogueira Penido</i>
	Portuguez, 3.º e 4.º anno	<i>Ac. José Antonio Nogueira</i>
	Francez, 2.º, 3.º e 4.º anno	<i>Dr. José de Freitas Valle</i>
	Inglez, 2.º, 3.º e 4.º anno	<i>Prof. Joaquim P. Camargo</i>
	Arithmetica e Algebra, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º anno	<i>Dr. Arthur Thiré</i>
	Geometria e Trigonometria, 3.º e 4.º anno	<i>Dr. Antonio do Nascimento Moura</i>
	Latim, 3.º e 4.º anno	<i>Prof. Luiz Antonio dos Santos</i>
	Geographia, 1.º, 2.º e 3.º anno	<i>Ac. Geraldino Luiz de Souza</i>
	Historia Universal, 4.º anno	<i>Dr. José Augusto Cesar</i>
	Desenho, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º anno	<i>Dr. Fausto Lex</i>
	Escripturação Mercantil	<i>Prof. Antonio Xande</i>
Musica Elementar	<i>Prof. Theodoro Fonseca</i>	
Piano	<i>Maestro A. Mignone</i>	
* *	Elementos de Portuguez	<i>Prof. Ernesto Nogueira</i>
	Elementos de Historia Patria	<i>Ac. Epaminondas Amorim</i>
	Elementos de Geographia do Brasil	<i>Prof. Aristoteles Amorim</i>
	Elementos de Arithmetica	<i>Prof. Oswaldo Boaventura</i>
	Elementos de Geometria	<i>Prof. Oswaldo Boaventura</i>

AUXILIARES DA ADMINISTRAÇÃO

Secretario e Guarda-Livros, *Joaquim Luiz de Souza* — Gerente do Escriptorio, *Epaminondas Luiz de Amorim*

INSPECTORES

Ac. João Baptista Bôa-Vista, Inspector Geral
José Leal, Aristoteles Amorim, Gilson Mendonça, Clovis Leite Cesar

NOTA — Este quadro do pessôal docente será augmentado, quando funcționarem o 5.º e 6.º annos.

Excellent aqua de mesa com propriedades medicinaes



Usada com-verdadeiro successo na cura do
arthritismo, arterio-sclerose, gotta,
diabetes e nas molestias dos rins
e das vias urinaes.

Agradavel ao
paladar

== Util ao ==
estomago

Aguá de Caldas

A analyse a
que foi submettida
no laboratorio de Analyses
Chimicas de S. Paulo demons-
trou ser esta aqua a melhor das
aguas mineraes do paiz.

Não contém absolutamente substancias
nocivas á saúde.

Entrega em duzias a domicilio, a preço de propaganda.

À venda por toda parte

DEPOSITO CENTRAL:

Largo S. Bento, 97 S. PAULO Telephone N. 1264

Eduardo Moura, Agente geral

O ambicioso

— Se te fosse dado pedir a Deus alguma cousa, que lhe pedias, João?
— Eu? pedia saúde para mim e para os meus e que elle abençoasse as minhas terras, que, d'uns tempos a esta parte, andam bem precisadas do favor divino.

— Só isso, homem?
— E para que mais?
— Pois então se Deus te apparecesse, só lhe pedias essa miseria?
— Para mim seria a fortuna. E tu?
— Ah! eu... Havia de pedir tanto ouro, tanto! que eu e a minha gente, contando-o dia e noite, ao fim da vida não chegassemos a saber a somma da nossa fortuna.

— E para que tanto dinheiro?
— Ora! para ser o homem mais rico do mundo.

— Mas não o mais feliz.
— Como não? Que entendes tu por felicidade?

Eu entendo que a felicidade é a saúde do corpo e a paz do espirito.

— Pois eu entendo que é o dinheiro. Quem tem dinheiro tem tudo.

— Parece-te. Entraram em uma trilha que cortava o cannaviaal viçoso. Rompia a manhã; passaros cantavam nos ramos e as aguas brandas que discorriam punham no ar um barulho agradável. O sino da ermida, onde os dous homens haviam ouvido a missa de Natal, bimbilhava alegremente no silencio. E elles lá iam, com os seus altos cajados, por entre aservas, discutindo a felicidade.

Os sitios eram contiguos: limitava-os uma cerca de espinhos. Junto á primeira porteira, o que ambicionava a fortuna incontavel despediu-se do companheiro.

— Adeus, João. E olha que o Senhor não ficaria mais sobre se quizesse realisar o teu desejo.

E o outro respondeu, caminhando:
— E eu ficaria contente e renderia graças á sua misericordia.

Entrou o ambicioso no terreiro do seu sitio e, ainda não havia chegado á casa, quando lhe pareceu ouvir um alegre sem como de peças de ouro que rolassem. Precipitou os passos ansioso, com o coração aos saltos, e, ao chegar á varanda, viu sobre a mesa um grande sacco transbordante de ouro: eram dobrões novos, reluzentes como se houvessem sahido da cunhagem naquella mesma manhã. A mulher e os dous filhos empilhavam as moedas; tanto, porém, que viram o homem apparecer, correram a annunciar-lhe a boa nova: «Entrara allí um menino lindo e, sem dizer palavra, deixara sobre a mesa aquelle sacco de ouro.» Como lidassem com elle para que dissesse quem era e donde vinha, apenas respondeu: «Que era portador de um presente de Deus.» E, com taes palavras, desaparecera.

O homem lembrou-se, então, da conversa que tivera e sorriu pensando na tolice do visinho, que tão pouco pedira. Pobre delle! Como se ralaria de inveja quando o visse. Logo, porém, sem mesmo agradecer ao Senhor o generoso presente, disse á mulher e aos filhos:

Bem, não percamos tempo. Vamos ver quantos dobrões ha no sacco, que bem podia ser maior, valha a verdade. Em menos de meia hora, le-

Rumo do Oriente

Rasgando a vaga, erguendo a ré, boiando as velas —
velas cor de luar com uma cruz cor de sangue —
lá vão, no mar immenso, as leves caravelas,
como num lago azul o cygne esbello e langue.

Embora ruja a vaga, embora contra ellas
estale o raio, estronde o vento, o céu se zangue,
lá vão, mares em jôra, orgulhosas e bellas,
sob a cruz onde Christo esplandeceu exangue.

Baloçando na onda, ao capricho da sorie,
lá vão, rumo do Oriente, em buseca de um arcano,
que talvez seja a Gloria, e talvez seja a Morie.

E enquanto mais e mais a grandeza do Oceano
e a grandeza do céu lhes aniudam e porle,
mais crescem essas ndus do Gama sobrehumano.

Amadeu Amaral



Correram dias e mezes. João descia todos os sabbados ao mercado e já havia comprado uma carreta para transportar os productos da sua abençoada herdade, que prosperava a mais e mais, quando, uma vez, lhe perguntaram pelo visinho: «Que era feito d'elle, que não apparecia?» João sorriu, lembrando-se da manhã de Natal.

Para que havia elle de incommodar-se em lidas penosas, se tinha, com certeza, mais ouro do que todos os reis da terra?! Quiz, entretanto, convencer-se e, esvasiada a ultima ceira, subiu para a carreta, resolvido a passar nas terras do visinho.

Logo que avistou a porteira, travou-se-lhe o coração presago — um matagal intenso cobria os caminhos, os allobres, cut'ora viçosos, desapareciam sob as ortigas, nem uma ovelha balava e do casebre não subia o fumo annunciador da vida — estava tudo calado e entristecido como um cemiterio.

João foi guiando lentamente o animal e o carro rangia por entre as fervas altas que haviam reconquistado o terreno, dantes tão rico em flor e em fructo.

Desceu deante da porteira e, depois de muito haver batido, resolveu penetrar, com um presentimento de desgraça. E foi.

O terreiro era um matto bravo — a parietaria subia pelos muros fendidos do casebre; avcs sinistras abalaram. Debalde João bradou, não teve resposta. Avançou.

No limiar da casa viu pilhas e pilhas de moedas de ouro, mas tocando em uma dellas extremeceu, vendo que se desfazia em pó.

Por toda a parte eram montes de ouro, mas como o soalho assolasse a fortuna rolava transformada em poeira. E João chegou á sala de jantar.

Em torno da mesa estavam quatro esqueletos debruçados sobre pilhas de ouro. João deteve-se aterrado e olhava, resando, quando viu um morcego esvoaçar doudejante em torno de um delles e esconder-se-lhe no craneo como na propria lura. Não se conteve então; assombrado, recuando, afastou-se da casa maldita e, mal chegou á porteira, ouviu o estrondo de um desmoronamento: o casebre abatera e uma pocirada negra escurecia os ares.

João persignou-se e, subindo para a carreta, tocou o animal, fugindo do sitio amaldiçoado, lembrando-se da ambição desmarcada do visinho.

E allí estava o ouro — poeira, poeira... Os desgraçados haviam succumbido de fadiga e de fome, contando, sem descanso, as moedas do castigo.

Quando João avistou a sua casinha alegre e viu o seu gado farto e nédio e a sua cultura viçosa, de novo rendeu graças ao Senhor que ouvira o seu voto e lhe recompensara largamente o desejo modesto, dando-lhe a saúde, que é a riqueza do corpo, e a tranquillidade, que é a fortuna do espirito. E os seus haveres eram mais que sufficientes, porque não só lhe davam para a abastança, como ainda sobravam para a esmola com que, acudindo ao pobre, demonstrava ao Bom Deus a sua gratidão.

E o outro, no proprio premio, tivera o justo castigo da sua desmarcada ambição.

E foi assim que Jesus infante satisfizes os desejos dos dous visinhos.

COELHO NETTO

CONTO MUDO



Espada do poltrão não tem ponta.

DROGARIA BARUEL

QUEM visita pela primeira vez a nossa capital e percorre o centro commercial, nota logo que um dos edificios de commercio que fazem mais honra á cidade é a Drogaria Baruel, sita á rua Direita, esquina do largo da Sé. E, de facto, um dos mais bellos edificios da cidade: alto, espaçoso e solidamente construido, sendo que a sua factura architectonica obedeceu a uma concepção de elegancia e de graça, como talvez nenhuma outra se encontre entre os melhores edificios destinados ao commercio. Ao contrario de outros congeneres de S. Paulo e mesmo do Rio de Janeiro, que são verdadeiros mercados, onde os generos se accumulam profusamente, sem esthetica nem ordem, e onde, a par de uma completa ausencia de methodo na distribuição dos generos, não ha locaes apropriados para a disposição dos mesmos, a casa dos srs. Baruel & Comp., edificada sob as vistas e fiscalisação do sr. Francisco Nicolau Baruel, é um perfeito *magazin*, como os que se encontram nos grandes centros commerciaes da Europa e da America do Norte. Máu grado a extensão dos seus armazens, ha tanta symetria na distribuição das diversas mercadorias e drogas que constituem o seu commercio, que os seus empregados podem occorrer ás exigencias da freguezia com a maxima presteza.

O centro do edificio é occupado por tres galerias, communicando-se facilmente. Na primeira, a da direita, estão collocados os productos estrangeiros; encontram-se ali todos os productos medicinaes que a medicina e a pharmacia estrangeiras têm creado, desde os mais antigos até aos da mais recente invenção; á esquerda está o deposito de perfumarias, occupando a parte mais luxuosa do edificio; aqui os compartimentos são atapetados, a mobilia é de uma nobre elegancia e as prateleiras são enfeitadas com ornatos de madeira, estylo *art-nouveau*. Os freguezes que mais visitam esta parte da casa são geralmente senhoras e é natural que, por gentileza ao sexo, os proprietarios caprichassem mais no luxo e conforto

destes compartimentos. No centro, occupando igualmente um trecho importante e bastante vasto, acha-se a galeria de productos nacionaes. O deposito de outras drogas, destinadas para o commercio grosso e fornecimento de pharmacias, occupa o subsolo. Todos os compartimentos são illuminados á luz electrica.



A casa Baruel & Comp. foi em 1890 fundada pela Companhia Paulista Importadora de Drogas. Já a esse tempo o sr. Francisco Nicolau Baruel fazia parte da directoria e era, pelo seu saber e competencia, pelo conhecimento das necessidades do mercado, pela proficiencia e actividade e por sua largueza de vistas, um dos mais firmes esteios da empresa. A Companhia Paulista Importadora de Drogas, jogando com um grosso capital, trouxe grandes vantagens para o commercio de drogas, porque, importando directamente o genero estrangeiro, podia attender ás exigencias do mercado, com preços relativamente commodos, mas não constituia ainda o ideal que visava o sr. Nicolau Baruel.

Mas em 1894 a Companhia, em assembléa geral, resolveu passar o estabelecimento á firma Baruel &

Comp., que se fundou nessa época e de que faziam parte os srs. dr. Domingos Correia de Moraes, Candido Franco de Lacerda, Benedicto Antonio da Silva, commanditarios, e Francisco Nicolau Baruel, solidario.

A idade de ouro do estabelecimento data dahi. O sr. Baruel, tendo mais livre o seu campo de acção, podendo agir com mais liberdade, imprimiu ao estabelecimento uma nova vida, enriquecendo-o, para tornal-o o mais completo no genero. E conseguiu-o.

Actualmente fazem parte da firma os srs. Francisco Nicolau Baruel, José Fortunato de Souza e Arthur Alves Martins, tres distinctos cavalleiros que a solidariedade e a amizade uniram na mesma firma para trabalharem igualmente para um interesse commum.

Rua Direita, Ns. 1 e 3 - Esquina do largo da Sé - S. PAULO

CASA BARUEL

Ns. 1 e 3, RUA DIREITA * LARGO DA SÉ, N. 2

CAIXA POSTAL 64 S. PAULO TELEPHONE N. 20

Endereço Telegraphico: „BARUEL“

Além da enorme variedade de artigos que se encontram na CASA BARUEL, chamamos especialmente a atenção das distinctas leitoras do „Album Imperial“ para os seguintes artigos:

Vinho Baruel é o mais saboroso vinho do Porto, muito de accordo com o paladar das senhoras, por ser pouco alcoolico e de agradável aroma.

Sabão Infantil

Artigo fabricado especialmente para a Casa Baruel e que desafia qualquer competencia; é inteiramente neutro, de aroma duravel, sendo actualmente o sabonete preferido para os diversos misteres domesticos.



Secção de Perfumarias

Uma visita a esta Secção da Casa Baruel é quasi um dever de todas as gentis leitoras do „Album Imperial“; a variedade de Extractos, boções, Dentifricios, Sabonetes, Brilhantinas, Pós de arroz, Pulverisadores, Esponjas, etc. é enorme e impossivel de descrever-se.

AGUAS MINERAES

de Vichy, Vals, Caxambú, Lambary, S. Lourenço,

etc. etc

Preços sem competencia

O Trust Villela monopolizou em São Paulo a industria dos chapéus. Os empregados da chapelaria á rua Direita, 34-A, não têm mãos a medir, tanta tem sido a freguezia.

Poetas Portuguezes

TEMPESTADES

Pelas humidas campinas
Corre o outomno amarelento:
O ceruleo espaço immenso
Tolda-o o nimbo pardacento;
E na frondifera parra,
E no recondito asylo,
Já não descanta a cigarra,
Já não trina o alegre grilo.

Os troncos negros dos quercos,
Nús de folha e verdes copas,
São como espectros sinistros,
Envolto em negras opas;
E nas frestas das portadas,
E nos aridos maninhos
Uivam rispadas lufadas.

Dias de turbido aspecto!
Como vós, nas sombras lucta
Quem viu num barathro infecto
A flôr que amara impolluta.

Ha pouco o dia, a bonança,
O azul da lucida esphera;
Agora, a escura lembrança
Duma enganosa chimera;
E nos paramos da aurora,
Na longinqua soledade,
A treva que sempre chora,
A perpetua escuridade!

Triste de quem nos alvores
Da primavera dos annos
Sentiu no peito os agroses
De funestos desenganos!

Assim o bebedo passa
Da beatitude á tristeza,
Se poz nos labios a taça,
Onde sonhara um falerno,
E por diabolica graça
Hauriu peçonhas do inferno!

Triste de quem nos alvores
Da primavera dos annos
Sentiu no peito os agroses
De funestos desenganos!

Então nesses paroxismos,
A louca procella em furia,
Ruindo pelos abysmos,
Soluce a rouca lamuria
Dos supremos cataclismos!

Que a tristeza se minora
Nos embates da tormenta;
Une a desgraça o que chora
Ao que na dor se lamenta!

JOÃO PENHA

Ninguém perde o tempo visitando
A Falence, á rua Direita, 44.

Honrae as mulheres! Ellas seme-
lham rosas celestes no caminho da
nossa vida, formam os encantadores
laços do amor e, sob o véo pudico das
gracas, alimentam com sua mão divi-
na a flôr immortal dos nobres senti-
mentos.

SCHILLER.

DURANTE A NOITE...

CONTO DE NATAL

Não foi sem motivo que o bom Carlito não se quiz deitar naquela noite. As noites de Natal sempre lhe entraram pela imaginação como um punhado de horas phantásticas, em que os bons espiritos mansos e adoráveis do céu baixavam lá daquella cúpula azul fluctuante que as estrellas prendem como alfinetes de prata, baixavam a conversar, na terra, com os louros pequeninos que têm a estatura e o semblante do Menino Jesus.

Contavam-lhe tão lindas cousas dos meninos do céu, as ethereas criancinhas aladas, que vão pelo espaço adeante, adeante, leves como plumas, leves como flocos finissimos de nuvens...



Brazão da familia
SOUZA QUEIROZ

Carlito quizera vê-os... tocar-lhes o corpo com o dedinho irreverente e curioso, apertar-lhes as plantas polpudas e delicadas dos pés; pedir-lhes, depois, aquelles brinquedos que elles dão pelo Natal aos bons companheiros da terra.

O anno passado, bem tentara elle esperar pelos anjos. E os anjos tinham vindo, e lhe haviam deposto à cabeceira um grande polichinello de robusta corcova e pontudo ventre, nariz adunco e afoqueado, olhar embriante e feroz, chapéo de bicos enormes, espalmado para cima, audaz, napolconico!... Tinham vindo, e Carlito os perdéra: soffrera a mais vergonhosa derrota, batido pelo somno!

Os maiores desgostos da sua vida era a esse inimigo que elle os devia...

Naquella noite, porém, jurara vencer o demonio do somno!

Haviam-lhe dado de presente uma bella *arvore de Natal* muito verde, habitada por uma legião de phantasias que lhe fugiam por entre as ramas, como um enxame deslumbrante de passarinhos de ouro, ou desabrochavam nos galhos, como incomparaveis corymbos de maravilhosas flôres.

Deviam ser assim os brinquedos distribuidos pelos nocturnos mensageiros do Natal.

Os elephantes, pendurados aos galhos pelo lombo, os moinhos de vento, os pastores, balançando à brisa das janellas, os boisinhos, as estrellas de papel, os bonecos, os soldados, amarrados pelo pennacho das barretinas, tudo aquillo parecia um mundo imaginario, a viver vida *sui generis*, no bosque suspenso.



Residencia da familia do dr. Augusto de Souza Queiroz

Além dos brinquedos, havia doces, presos por laçinhos de fita... Um paraíso! Tres amigos de Carlito, da mesma idade, ajudavam-no a fazer a côrte à prodigiosa arvore.

Quando escureceu, trouxeram os pacotes de velas, as pequeninas velas de cera, de todas as cores, que deviam illuminar a *arvore de Natal*.

Carlito pediu que diminuíssem a luz do gaz. A claridade do grande lustre da sala de jantar esmoreceu, e entrou na sala a meia sombra da bellissima noite de luar que reinava sobre os gramados do jardim. Esplendido! Carlito suppu-ha-se em plena floresta! Os armarios, no escuro, apresentavam pontas



Residencia do dr. Francisco A. de Souza Queiroz

bruscas e angulos, que parodiavam asperezas de rocha; as trepadeiras que se agarravam ao peitoril das janellas pareciam passar sob as vidraças e subir a enroscar-se nas volutas do estuque do tecto. A luz amortecida do gaz derramava-se, esbatia-se pela grande mesa de jantar, clareando o panno da coberta, como um crepusculo extranho sobre a superficie sem reflexos de um lago phantastico.

Dentro desta rica paizagem, achava-se perfeitamente a *arvore de Natal*; dir-se-ia que as selvas rodeavam-na! Adornada pelas maravilhosas cousas que lhe brilhavam confusamente no escuro dos galhos, dominava, soberana, todas as exuberancias de vegetação da floresta ciumvisinha!

Accenderam-se as velas...

Carlito foi à sala de visitas chamar gente, para admirar o effeito da arvore illuminada.

Voltou desapontado.

Ninguém quizera dar ouvidos ao seu enthusiasmo!

Depois de haver, por momentos, ruminado o seu despeito, o menino pôz-se a reflectir...

Todos viviam, havia dias, preoccupados em casa...

Era a doença da mamãe...

Elle, entretanto, que via a mamãe cada vez mais gorda, espantava-se com a subita enfermidade... Tambem só elle.

A pobresinha cahira de cama.

Carlito tinha impetos de chorar, mas não descobrira tristeza nas preoccupações da familia e guardava as lagrimas...

Causava-lhe impressão, todavia, aquella lufa-lufa...

Entra visita, sai visita, vem medico, vai medico... Ninguém lhe dizia mais: — vá estudar o *a b c*, menino! Notava-se um abandono em toda a casa... A doença da mamãe era o motivo daquella desorganização.

O menino não podia imitar a preocupação dos outros. As tentações arrastavam-no à folgança. Carlito pescava nas aguas turvas. Finalmente, a *arvore de Natal* o absorvera inteiramente e lhe banira de todo da cabecinha o effeito do sobresalto da casa.

Chegou a ponto de esquecer a enfermidade da mamãe...

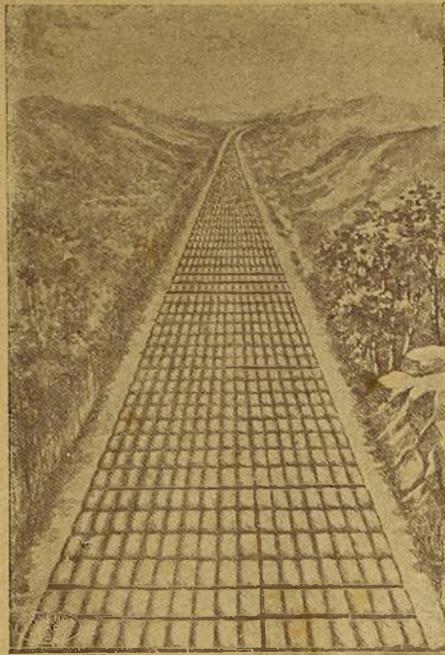
O fiasco do seu enthusiasmo viera recordar-lhe a realidade.

Reflectiu. Em ultima conjectura, era muito justo que ninguém fizesse caso da sua arvore illuminada... Mas Carlito ficou aborrecido.

Voltando á sala de jantar, não achou mais o encantamento que ali deixara. A luz das velas de cera desacreditava completamente a sua paizagem, desnu- dando a illusão do escuro. Reappareciam as banaes *clagores*, com as fructeiras

E, por cumulo de maldade, haviam-lhe em casa arrancado as pequeninas azas! Como havia a mamãe consentido?!
 Carlito bem quizera tomar-lhe contas; mas lem- brava-se que ella estava doente... Não podia culpá-a. Também, agora, só restava ao anjo desgarrado a consolação do seu amor...
 E Carlito avaliava já como não amaria o deli- cioso manosinho que lhe viera do céu, durante a noite de Natal, exactamente como o presente do anno passado, lembriam-se? — o feroz polichinello de olhar embirante e nariz adunco...
 RAUL POMPEIA

O CAFÉ BRASILEIRO



Empregando as sacas de café da produção annual do Brasil como paralelepipedos, chegariam para calçar uma estrada de 8 mts. de largura, de S. Paulo ao Rio de Janeiro

Os companheiros de Carlito tinham ido brincar em outro lugar ou dormir talvez. A *arvore de Natal*, abandonada, parecia olhar pela chamma das velinhas, como por muitos olhos injectados de sangue, arregalados, á procura dos meninos que os haviam feito brilhar. Parecia um espectro de olhos de fogo.

Carlito amedrontou-se. Foi novamente á sala de visitas. Ah! havia div- ersas senhoras cochichando: eram as tias, que fi- nham vindo para as festas de Natal, e uma visinha, que frequentava assiduamente a casa; um homem alto e bem vestido conversava com o papae, no vão de uma janella, atirando de tempos a tempos olhares distrahdos para o jardim. Era o doutor... Carlito achou aquillo tudo enfadonho, tão triste...

Perguntaram-lhe se elle não tinha somno... O menino respondeu com um longo bocejo. Principiava a sentir, pesando-lhe sobre os olhos, toda aquella dormencia que reinava em casa, na sombra dos armarios, nas dobras das cortinas que a brisa nocturna fazia oscillar timidamente, na luz parada do gaz, nos pingentes immoveis a cair das arandelas como dragonas de crystal, naquelle mortiço luar que, de espaço, a espaço junto das janellas, se abria em alvissimos tapetes pelo soalho...

Dous dedos de chumbo começavam, com insis- tencia, a apertar-lhe as palpebras. Eram os dedos do demonio do somno, que persegue os meninos.

Depois, fazia frio. Pelas janellas abertas pene- travam lufadas gelidas, que vinham como halito mortifero dos fantasmas accorados lá fóra, sob o arvoredro negro, embrulhados em lençoes brancos fluctuantes!...

Carlito procurava no céu o bando risonho dos anjinhos do Natal... O céu deserto!... Apenas as estrellas, veladas pela gaze do luar que lhes passava por baixo, cravavam todas sobre o menino aquelle olhar tremulo, que elle não comprehendia e que parecia ameaçal-o como a luz das velas da *arvore*... Na terra, alternando com os perfis do negro arvoredro, via-se a lua, a forrar de neve os telhados e o chão, uma neve tenuissima, phosphorescente, que respirava exhalações azues...

Dentro em pouco, porém, começou a notar que vagas imagens se desenhavam sobre a tela do céu, se destacavam, depois, se descollavam, e vinham para elle, em cortejo, animadas!... Era o clephante da sua *arvore*, eram os mesmos pastores, eram os mesmos passaros!...

Vinham todos para elle e vinham tambem os pre- ciosos anjinhos, a turba-multa ruidosa e inquieta das crianças do cco. Estes enxotavam do espaço para a terra toda a legião de phantasias que elle deixara pen- dentes da frondosa ramagem da sua *arvore*.

Eram os anjos de Natal que desciam...

Quando se extinguiu esta bella visão, Carlito veri- ficou que adormecera e que o haviam carregado para o leito sem que elle sentisse...

Era já dia. Brillante claridade de sol açoutava as venezianas da alcova e vivos reflexos passavam por entre as taboinhas, dispersavam-se pelo aposento, aflu- gendo as ultimas sombras.

Carlito não poudo resistir á luz: fechou os olhos. Quando os abriu de novo, estavam deante d'elle muitas pessoas: as tias, que haviam chegado para o Natal, a visinha que frequentava muito a casa, as criadas... Um rumor extraordinario de alegria de- bruçava-se-lhe sobre o leito. Carlito, atordoado, não percebia aquillo...

Oh! traziam-lhe, a beijar, o manosinho que nas- cera durante a noite!

O menino pulou da cama. Cobriu de beijos a ca- rinha pasmada que lhe apresentavam, quasi invisivel, no meio das faixas... Pobresinho. Era o unico que haviam agarrado, do bando de anjos que o visitara á noite. O unico!

Tenra, fraquissima, não pudera, pobre creaturinha do luar! fugir com os outros, quando chegara a violencia da aurora!

matto, principiou a chorar, por não poder supportar mais semelhante trabalho, pois o pae tinha-lhe imposto a tarefa de roçar um enorme monte todo coberto de matto, tojos e carquijas. E o sangue já lhe vertia das pernas, como a agua duma fonte.

Com a voz entrecortada de soluços, monologou:

— Agora que já não sou criança, já conheço que meu pae me aborrece e adora o meu irmão. Mas nem por isso quero mal a nenhum dos dous. Nem todos podemos cair em graça, neste mundo. A sorte é para uns e para outros a dôr. Paciencia.

Mal acabara de pronunciar estas palavras, quando, em frente, se lhe deparou uma flôr egual á do jardim mysterioso.

Tão maravilhosa apparição deixou o rapaz attonito.

— No meio do matto, uma flôr tão bella!...

E a rosa, tomando o aspecto duma linda cara de mulher:

— Pois é assim mesmo que é o teu coração. Tens vivido e crescido só no matto; mudaste de côr e de feições, mas o teu coração não mudou de belleza — disse a flôr.

Em seguida, na bocca da mulher appareceu um frasco.

— Aqui tens um balsamo. Toma-o. Com elle cu- rarás todas as arranhaduras dos braços e pernas. De- pois vae para casa sempre risonho, porque será assim que has de torturar o teu pae, amargamente.

Manoel, cheio de assombro, perguntou:

— Mas quem vos dá tamanho poder e quem sois vós?

— Não o podes saber agora, mais tarde o saberás. Cala-te, porque, se perguntas duas vezes quem sou, ficarás mudo.

Manoel não prestou attenção a isto e não queria mais saber quem era, limitando-se a agradecer-lhe o balsamo offertado e que tantas dôres lhe tirava.

E lá foi Manoel para casa depois de carregar um grande carro de matto que parecia uma pyramide do Egypto.

E a bella flôr partiu para o seu jardim.

Ao chegar a casa, notou o pae que Manoel vinha muito alegre e jovial.

Ficou azabumbado com o caso e não se poudo calar:

— Ah! se tu trabalhasses bem, não vinhas tão tagarella e tão risonho! Deixa estar que já vou ver ao monte se todo o matto está roçado.



A produção do café do Brasil comparada com a dos outros paizes productores

O sabio Ampére era extremamente distrahdido. Sempre que se apromptava para sahir á noite, antes de tomar o casaco, vendo-se em mangas de camisa, mettia-se na cama,

— Não vá tão longo, meu pae! Vá ao quinte-
lho e veja a carrada que lá está.

O pae assim fez. Viu o carro e ficou estupe-
facto deante da colossal altura do matto.

Veu para casa e, em vez de se mostrar con-
tento, observou ao filho:

— Se vias que tanto eras, para que tanto ro-
caste? Deixasses ficar algum no monte.

Como se vê, nunca dava galardão ao filho, nem
mesmo quando a consciencia lhe protestava contra
tanta maldade. Manoel, contudo, se mostrava satis-
feito.

— Pois bem, meu pac, para a outra vez lhe
farei a vontade. Agora tenha paciencia.

O pae começou agora a notar que o filho tinha
as mãos alvas como a neve ao luar e não lhe viu
a menor arranhadura nas mãos, o que o atormentou
deveras.

— O' rapaz! tu parece que mandaste os servos
roçar o matto e que te entretiveste a caçar grillos.
Não tens mão de quem pegou na roçadeira.

— Pois, meu pac, não sei como isso possa ser.
Bem vê que nenhum dos servos foi commigo e
quem roçou todo o matto fui eu e só eu.

Palavras não eram ditas, quando entrou pela
porta dentro Luiz com uma porção de gaiolas com
grillos, enfiadas num pau. Mas vinha tristonho, abor-
recido, queixando-se de dores nas mãos.

O pac abeirou-se logo delle, contristado:

— Que tens, meu filho, que tens? Vens com
as mãos todas ensanguentadas. Que te aconteceu?
Foram umas silvas que assim me arranharam.
Valha-me Deus!

E voltando-se para Manoel, em tom desabrido:

— Vá já buscar agua e vinagre para seu irmão.
Lave-lhe já as mãos. Não vê o estado delle, seu
palcirma?

E Manoel, sempre filho submisso, lá foi buscar
o que o pae lhe ordenou. Mas, condoido intima-
mente do seu irmão, em vez de botar na tigella
agua e vinagre, deitou-lhe do balsamo que a flôr
lhe tinha dado.

Luiz gostava muito do irmão e quando acabou
de lhe lavar as mãos, abraçou-o:

— Ah! meu querido irmão! As tuas mãos pa-
recem dum santo! Que allivio tu me deste! Parece
que as silvas eram venenosas e eu já não podia
supportar tamanhas dores!

O pae ouviu o que Luiz dissera ao irmão e
redarguiu:

— Ora elle não é santo, nem santa. O que te
fez bem foi a agua e vinagre, meu filho! O que tu
tiveste devia elle tel-o para saber as dores que tu
soffreste. Mas elle é um figurão que até parece que
tem pelle de sapo. Foi ao monte roçar matto e
nem sequer uma beliscadella traz nas mãos; pelo
contrario, olhandu para ellas, parece que calçou
sempre luvas.

* * *

Ao outro dia, o pae pensou na tarefa que havia
de impor ao filho.

— Hoje, Manoel, has de quebrar toda a pedra
daquella pedreira. Quero vendel-a, para com esse
dinheiro mandar o teu irmão tentar fortuna em terra
extranha. É a unica parte que posso vender da
nossa herdade e por isso posso já em vida doar-lh'a.

Manoel, sem uma palavra de contrariedade, sem
a menor contracção do rosto, mas antes muito pra-
zeiteiro, muito jubiloso, lá se dirigiu á pedreira.

O pae ficou subjugado pela sua obediencia, mas
logo o assaltou a irritação de elle o não contrariar
nas suas ordens, para ter o pretexto de lhe dar
uma forte sova.

Quando Manoel chegou perto da montanha, lá
divisou a flôr illuminando toda a pedreira com o
seu brilho extranho.

— Viva a mais bella das flôres—saudou Manoel.

— Viva o mais formoso dos corações—respon-
deu a flôr. A tua obediencia encanta-me. Espero
que terás o mais bello premio que pôde haver.

Manoel ficou admirado infinitamente com o que
a flôr lhe disse.

— Bem! Começa o teu trabalho e não te apo-
quentes, que hoje, ao fim da tarde, toda a pedreira
estará derrubada e toda a pedra quebrada.

Assim foi. Ao cahir da tarde, Manoel chegava a

casa com uma carrada espantosa de pedra, atin-
gindo uma altura extraordinaria.

Apenas o pae viu o carro, assustou-se e disse-lhe:

— O' rapaz! isto parece a Torre de Babel!

Agora aonde hei de tu metter tanta pedra?

— Não se afflijã, meu pae, maior é o patrimo-
nio de meu irmão. E a pedra vende-se ahí mesmo
do carro.

O pae teve a repentina impressão de que o
filho era magico, mas logo ponderou:

— Não, não; não me cheiras a magico! E
ficou-se...



A TARDE

A' POETISA ISaura NICOLAU

E' tarde... Pelo azul passam voando,
Como flôres gentis soltas ao vento,
Mil avesinhas negras chilreando
No mar azul do largo firmamento...

Vai tudo em breve repousar sorrindo,
Da noite no regaço assestinado,
O boi, que volta ao seu curral mugindo,
Serenamente ao longe o olhar magoado.

Desce tranquilla da amplidão dos ares
Immensa paz... A repetir segredos,
Aflam brisas na cópa dos palmares.

E, lembrando amorosas cantilenas,
Ha nas sombras dos densos arvoredos
Tremor convulso de macias pennas.

ISABEL VIEIRA SERPA

Vendeu o homem a pedra, e o filho querido, o
seu Luiz, lá foi para terras extranhas, onde conqui-
stou um fortuna colossal. Mas tão má estrella guiava
o pae, que o rico filho o votou ao maior esqueci-
mento.

Notava Manoel que o pae chorava todos os
dias e isso affligia-o; mas impossivel era conse-
guir arrancar-lhe uma palavra que explicasse as
suas tristezas.

Manoel, sempre carinhoso, sempre bom filho,
trabalhava sempre, velando pelo pae, a quem am-
parava com profundo amor.

Decorreu muito tempo e Manoel amargurava-se
por não poder valer a seu pae, restituindo-lhe a
antiga alegria. Passava dias e noites com o coração
triste como a propria noite. Chorava e quando as
suas lagrimas lhe banhavam o rosto, num desses
dias mais lugubres, appareceu-lhe a flôr.

— E' com esta a terceira vez que te appareço
e é sempre nas tuas maiores afflicções. Que desejas
de mim? — disse a flôr.

— Ah! bendita flôr! se tu pudesses dar con-
solação a meu pobre pae!

— Pois sim, darei alegria ao teu pae!

— Bem hajas, flôr amada. Se pudesses dar ar-
rependimento ao meu irmão, para que se lembrasse
de quem nunca o esqueceu...

— Serás attendido. O teu irmão não tem tido
descanço, um momento sequer, mas agora terá um
grande remorso, seguido dum arrependimento sincero.

— Abençoada sejas, flôr bem amada.

— Para ti soou a hora do teu premio. Teu
pae chora mais de arrependido do que te fez, do
que do esquecimento a que o lançou teu irmão. A
tua generosa alma, cheia de candura, vai ser recom-
pensada e o teu formoso coração vai ter o seu pre-
mio. Apparece junto á porta do jardim onde eu
vivo. E, uma vez allí, não receies cousa alguma do
que vires. Mostra-te sempre corajoso e obediente.

A flôr transformou-se immediatamente numa
serpente:

— Segue-me — disse-lhe ella.

E Manoel seguiu-a.

Quando chegaram ao jardim, a porta abriu-se.
de par em par. A serpente entrou. Manoel, cheio
de pavor, hesitava em segui-la. Por fim resolveu
cumprir o que ella lhe havia dito.

O jardim fechou-se novamente. A serpente che-
gou ao pé duma roseira e enroscou-se, dizendo a
Manoel:

— Agora debes matar-me e irás derramar o
meu sangue junto daquella grande palmeira.

Manoel não sentia forças para matar a serpen-
te, á qual o prendia um affecto inexplicavel, mas,
obedecendo ás suas determinações, matou-a.

Aproveitou o sangue que poudo e foi lançal-o
ao pé da palmeira indicada.

E de repente a palmeira transformou-se num
majestoso palacio.

Manoel, como louco de alegria, correu para
junto da roseira, para ver se lhe apparecia a mes-
ma flôr, que o animasse a olhar para tanta sur-
presa que o deslumbrou.

Lá estava ella com todo o seu esplendor.

— Desenrosca-me essa serpente morta do meu
tronco — disse-lhe ella.

Manoel assim fez. E logo cahiu desmaiado ao
ver junto de si a mulher mais formosa do mundo,
que era uma princeza a quem elle corajosamente
quebrara o encanto.

A princeza, inclinando-se, beijou o rosto palli-
do do seu salvador. E Manoel, ao calor daquelle
beijo, despertou do seu extasis, num deslumbra-
mento, e seguiram, mãos nas mãos, para o palacio.

Noivaram. No dia esponsalicio houve festas
maravilhosas, e toda a gente dos povos visinhos
accorreu a assistir ás brilhantes illuminações do
jardim edenico, estrelado de flôres variegadas, e as
musicas, os hymnos e os cantares formavam um
conjuncto delicioso.

Para o seu palacio chamou o pae, que viveu
uma feliz velhice, cmquanto o irmão morria, ao
longe, na miseria e torturado pelo remorso da sua
ingratidão.

MARIA PINTO FIGUEIRINHAS

Maio -- 1906.



Dizer que o **Hat Store** é a casa de chapéus
mais elegante de S. Paulo é dizer uma cousa muito
sabida de todos quantos a têm admirado na praça
Antonio Prado, 15.

O nosso *chiclé* da pagina 18 reproduz nitida-
mente o bello estabelecimento, a cuja porta o sym-
pathico Villela fixa com justificado orgulho a objectiva
photographica, como que a perguntar: «Haverá em
S. Paulo casa que chegue aos pés da minha?»

P
E
Ç
A
M

AS CONSERVAS
DE
Brandão Gomes & Comp.

o ESPINHO o

Os vinhos do Porto e o APERITIVO PINTO

Adriano Ramos Pinto & Irmão

o PORTO o

Os vinhos de Collares, marca **F. C.**
do viticultor

Manoel Costa

o COLLARES o

Os vinhos communs VIRGEM e VERDE

DE

José Pereira da Costa Junior & Irmão
VILLA NOVA DE GAYA

As rolhas e cortiças de

O. Herold & Comp.

o LISBOA o

Agentes geraes no Brasil:

José Constante & Comp.

SÃO PAULO

CAIXA DO CORREIO N. 222

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: „CONSTANTE“

Bispo do Ceará

O *Camde*, que se publica na villa cearense deste nome, dedicou sua edição de 6 de julho, que só agora nos chegou ás mãos, ao exmo. Bispo daquelle diocese, D. Joaquim José Vieira.

Na primeira pagina, vem um retrato, em lithographia, do illustre prelado; nas outras, diversos artigos e uma poesia de Clymerio Varzea em honra do manifestado.

D. Joaquim José Vieira é filho de Ilapetinga, neste Estado; escolhido bispo do Ceará em 1883, chegou á Fortaleza a 24 de fevereiro de 1884. Faz, pois, vinte e dois annos que se exa. dirige a Diocese do Ceará, onde tem sido o continuador de D. Luiz.

A respeito do eminente Principe da Egreja, escreve n' *O Camde* o rvm. padre Emilio Cabral:

«Aquellas tres virtudes que marcharam como as gemmas mais valiosas a mitra do apostolico D. Luiz, o admiravel senso governativo, o zelo ardoroso e prudente e a requintada humildade, avultam, enchendo-a de fulgor deslumbrante, na administração do nosso actual prelado. Com mão a um tempo forte e suave, elle tem em vinte annos, que desdobram em reacs beneficios, imprimido á Diocese cearense o cunho desse vivido e firme progresso que, segundo o abono de pessoas competentes, lhe dá certa primazia entre as irmãs do Brasil, primazia presentemente lembrada na propria Europa.»

Ler á pagina 10 **Os nossos concursos**. Diversos premios em dinheiro.

O **Café Guilherme** foi o unico que conseguiu ser premiado na Exposição Municipal de S. Paulo, de 1902.

Não se lhe póde fazer maior elogio.

A **Companhia Mechanica e Importadora de São Paulo** faz pelo *Album Imperial* um annuncio que deve ser lido por todos os fazendeiros. (pag. 29).

As ex.mas familias recommendamos uma visita á **Casa Bonilha**, á rua 15 de Novembro, 41. Alli encontração variadissimo sortimento de fazendas finas e novidades da ultima moda de Paris.

Generos de estiva, conservas, queijos, salames, vinhos e bebidas finas, — ninguem deve compral-os sem visitar primeiro a **Casa Franzoi**, que não teme absolutamente concorrência, já quanto aos preços, já quanto á superioridade dos productos.

A **Casa Franzoi**, além disso, é a unica importadora do alamado aperitivo *Anaro Montenegro*.

As machinas **Brunsviga** são adoptadas em innumerous escriptorios commerciaes, estabelecimentos bancarios e nas estradas de ferro Inglesa, Sorocabana e Paulista. Convém ler o bello annuncio da pag. 11.

Quem desejar clichés em zincographia e photogravura deve entender-se com o sr. Theodoro Wendt, com officina á rua Libero Badaró, 31. É a melhor officina de clichés que existe em S. Paulo.



CASA ROCHA

A ANTIGA e conhecida CASA ROCHA representa um dos mais extraordinarios esforços de coragem, força de vontade, energia e grande somma de trabalho.

Seus proprietarios, desde que a estabeleceram, nunca sentiram esmorecimento para proseguir no desenvolvimento da industria de calçado que crearam e aperfeiçoaram em S. Paulo.

Fundada em 1874, isto é, ha trinta e dous annos, a CASA ROCHA cada vez mais se foi tornando conhecida e principalmente procurada por motivo da superioridade dos seus artigos.

Acreditado como ficou desde logo o trabalho das suas antigas officinas, este estabelecimento se impoz no melhor conceito em nosso meio industrial.

Incontestavelmente foi um benefico resultado para a industria manufactureira em S. Paulo a fundação e o desenvolvimento da CASA ROCHA, que tanto aperfeiçoamento trouxe para o calçado nacional.

A importante fabrica, cuja produção se recommenda, não só pelo primor do acabamento, como pela acceitação que tem obtido em todos os mercados de consumo, é daquellas que mais utilidade podem ter num paiz, desde que esteja nas condições de abrir competencia e firmar sua vantagem sobre outras nacionaes e até em egualdade com as mais aperfeiçoadas que houver no estrangeiro.

Grandiosa e importante, a fabrica de calçados da firma Rocha reúne as mais vantajosas condições e os principaes elementos que a fizeram tão acreditada em S. Paulo e no Brasil. Ficou afamada a sua manufactura pela qualidade boa do material empregado e pela solidez e elegancia da confecção de qualquer typo de calçado, que, procedendo da CASA ROCHA, é o sufficiente para estar bem recommendado.

Suas officinas estão installadas e montadas como as dos grandes estabelecimentos da Europa e da America do Norte.

Obedecem ás exigencias industriaes mais aperfeiçoadas e capazes de fornecer productos, não só em quantidade, como em qualidade e belleza.

Foram construidas e funcionam as diversas secções desta fabrica de calçados, nesta capital, num terreno fronteiro á rua da Gloria, em parte, e noutra parte á rua Galvão Bueno, occupando um espaço de dous mil e quatrocentos metros quadrados.

O trabalho é executado em dous pavimentos.

No de baixo, que se acha do lado da rua da Gloria, no primeiro salão, fica collocado o deposito dos productos. Vêem-se alli na melhor ordem dispostas milhares de caixas contendo calçado, prompto para a exportação para qualquer ponto do paiz.

O segundo salão do mesmo andar é que forma o vasto deposito de material: ha uma infinita porção de fôrmas de todas as dimensões e formatos, pelles de diferentes qualidades

e côres, etc.; no terceiro salão trabalham os operarios na confecção das grandes caixas para o accommodamento e expedição dos productos executados.

Estão installados no segundo andar do edificio, na parte da frente, os escriptorios da direcção, a secretaria, a contabilidade e outras dependencias; no segundo salão, bastante espaçoso e claro, funciona a secção de cortadores e pespontos e outras mais confecções, necessarias ao preparo do calçado.

O terceiro e quarto salão deste andar são os mais vastos de todos, pois occupam um espaço de cêrca de oitocentos metros quadrados; na realidade, representa o que ha de mais maravilhoso e surprehendente nos mecanismos da moderna industria.

Estão alli assentados naquelle pavimento numerosos aparelhos de mechanica que attraem logo as vistas curiosas dos visitantes. Nada falta naquellas machinas para satisfazer as minimas exigencias de uma aperfeiçoada confecção. Agrada immensamente ver como um simples pedaço de couro se transforma em poucos minutos num sapato, numa botina, bem cortada, costurada, elegantissima e solida.

Tão aperfeiçoadas machinas para a movimentação desta importante e conceituada fabrica representam um conjunto de melhoramentos até ha bem pouco tempo inteiramente desconhecidos.

Foram as primeiras vindas para o Brasil e sem exaggero diremos que tambem para a America do Sul.

A introdução destes machinismos aperfeiçoados e empregados nos Estados-Unidos e nos mais civilizados paizes da Europa representa um dos mais bellos e arrojados committimentos industriaes, pois disso resultou uma incalculavel revolução na manufactura do calçado.

Rapidez de trabalho, consistencia, abundancia de producto emfim os melhoramentos na sua mais positiva comprehensão, foi o que se viu como consequencia da adopção dos grandes aparelhos descobertos para impulsionar a industria em nossos tempos.

Por toda parte do Brasil, nos Estados do Norte, no Rio de Janeiro e nos Estados do Centro e do Sul a preferencia pelo calçado fabricado na CASA ROCHA é um facto da mais completa evidencia.

As constantes e numerosas encomendas, diariamente recebidas, servem para confirmar a superioridade da produção deste estabelecimento, que muito honra o adeantamento da industria paulista.

O movimento da procura ha de continuar a desenvolver-se á medida que se divulguem as condições de optima qualidade, preço do fornecimento e outras vantagens da manufactura deste calçado, não só neste Estado, como em todos os Estados do Brasil.





A Fabrica Rocha possui a mais completa e variada collecção de fôrmas de diversos estylos que, sem exaggero, tivemos occasião de verificar, elevam-se a mais de oitocentas variedades.

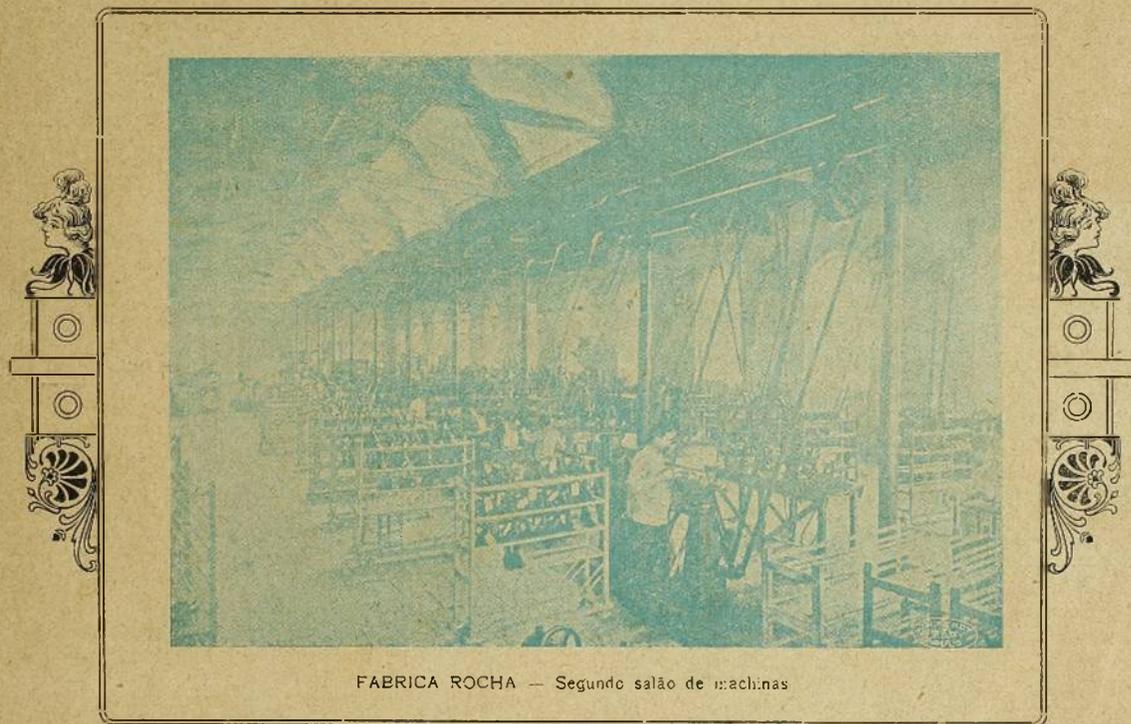
A direcção do estabelecimento está a cargo do socio principal da firma, o sr. José Coelho da Rocha, auxiliado por diversos e habilíssimos profissionaes.

O seu calçado está conhecido e acreditado em todo o paiz como o primeiro que se manufactura em S. Paulo; para adquirir certeza de que isto não é nenhuma phantasia, basta apreciar as exposições de todos os seus modelos, que se acham

Passaram a dirigir o negocio, depois da retirada do sr. Antonio Gouveia da Rocha, os seus dignos successores, srs. Eduardo Borges da Rocha, Manuel H. Moreira e José Coelho da Rocha, que sempre souberam esforçar-se, imitando bem as tradições de honestidade, exactidão, zelo e intelligente actividade do saudoso fundador da casa.

Os bons creditos da CASA ROCHA desenvolveram-se de anno em anno, sob a direcção da firma successora, e assim foi que nenhuma outra loja de calçado pode equiparar-se a sua fama e popularidade.

No decurso de 1903, a CASA ROCHA teve uma transforma-



FABRICA ROCHA — Segundo salão de machinas

nas vitrinas e no interior da espaçosa e bonita loja que funciona á rua 15 de Novembro, nesta capital.

Toda aquella profusão de obra magnificamente executada representa o que a Fabrica Rocha tem feito de mais grandioso na manufactura de calçado.

O fundador deste estabelecimento nesta capital foi o sr. Antonio Gouveia da Rocha, em 1874, e á sua propriedade dedicou todos os seus esforços e actividade incançavel. Tendo, porém, fallecido, sua memoria não podia desaparecer no apreço e na gratidão dos seus continuadores, que fizeram executar fielmente o seu retrato e o collocaram em logar de honra na CASA ROCHA, que funciona á rua 15 de Novembro, n. 20, e onde se realisa o commercio do mais fino calçado a varejo.

ção, pois o socio sr. Eduardo Borges da Rocha retirou-se da actividade effectiva do seu commercio, passando a commanditario; então assumiu a direcção do estabelecimento, como socio solidario, o sr. José Coelho da Rocha, que tanto trabalhou pela fundação e funcionamento desta grande fabrica de calçados finos em S. Paulo e que se tornou a primeira no nosso paiz.

A secção technica da fabrica está sob a direcção do habil e competente profissional norte-americano sr. John B. Lewis, especialmente contractado em Boston para esse fim.

Na loja que toda a população de São Paulo conhece e continúa a procurar, encontram-se os mais lindos, elegantes e diferentes modelos do que ha de melhor no genero que se possa desejar no Brasil.



Casa Rocco

GRANDE LOJA DE JOIAS

VENDE-SE POR ATACADO E A VAREJO

Comprim-se Ouro, Prata e Brillantes ★ COMPLETO SORTI-
MENTO de Joias, Brillantes e Relogios de ouro, prata e nickel.

Objectos de prata e metal e Artigos proprios para Presentes

Recebe sempre, por todos os vapores, as ultimas novidades em joias.

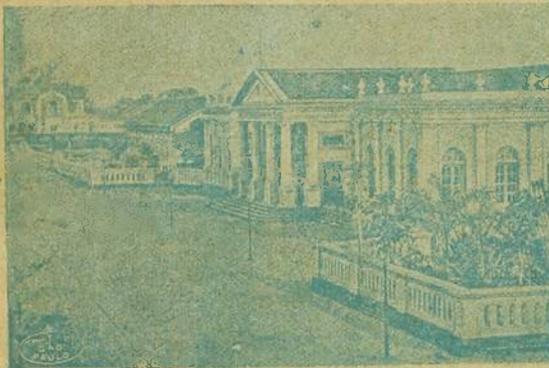
OFFICINA DE RELOJOARIA E OURIVESARIA

PREÇOS SEM COMPETIDORES

IMPORTAÇÃO DIRECTA

FRANCISCO A. ROCCO

14, LARGO DO ROSARIO, 14 ★ S. PAULO



Estação da Estrada de Ferro - Fortaleza (Ceará)



"Tem o povo o governo que merece."

Dizem que exprimem taes palavras Lei.
Não sou tetrado em leis, mas me parece
Que têm razão e o lemma me appetece;
Se é verdade ou mentira, isto não sei.

— Um só povo merece um só governo —
Do principio se infere; posto assim.
Por qual desmando ou lei do irado Averno
Quem mereceu Imperio tão superno
Merece agora cousa tão ruim ?

Se é o mesmo povo... é dura a explicação.
Explique quem souber o tal latim.
Se não, vamos do lemma na excepção.

Fortaleza (Ceará)

JOSÉ ARTHUR DA ROCHA FROTA

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

FUNDADA EM 1854

S. PAULO * RIO DE JANEIRO * BELLO HORIZONTE

COMPLETO SORTIMENTO de Livros para Ensino Primario, Secundario e Superior ;
MEDICINA, DIREITO, ENGENHARIA E LITERATURA

Tem sempre grande stock de material para escolas, como sejam: Giz, Ardosia, Lapis, Canetas, Pennas,
Tinta, Mappas, Globos, Museus de Historia Natural e Systema Metrico, etc.

CASA EDITORA DA MAIORIA DOS LIVROS ADOPTADOS NAS ESCOLAS DE TODOS OS ESTADOS DO BRASIL.

Remettem-se catalogos, GRATIS, a quem os pedir.

Francisco Alves & Cia. = Rua de S. Bento, N. 45 = Casa Matriz Rua do Ouvidor, 134
C. Postal L. - S. PAULO = RIO DE JANEIRO

— Ouvindo Beethoven —



Quando os teus dedos ageis do teclado
Eburneo arrancam as celestes notas
Dessa musica extranha, eu sou levado
De um triste sonho ás regiões ignotas.

Deixo o mundo, só tu vens a meu lado,
Tu sómente, e, deixando em baixo grotas,
Serras, cidades, fujo, ascendo, alado,
Da phantasia pelas invias rotas.

E vejo um sol na tela purpurina
Do occaso, e subo ainda, penetrando
Alfim do céo no páramo profundo.

E então escuto, pavido, a argentina
Voz das estrellas, tremulas, falando
Sobre as cousas tristissimas do mundo...

RODRIGO OCTAVIO

Grande Estabelecimento Musical

CASA GIAFFARELLI & C^{IA}
Rua de S. Bento, n. 20

S. PAULO **BEEETHOVEN**

Pianos para Alugar Pianos de Occasião



Pianos, Harmoniums, Instrumentos e Musicas das mais importantes
Casas Nacionais e Estrangeiras

Unicos Agentes dos afamados Pianos Americanos **Mason and Hamlin**
Unicos Agentes dos afamados Pianos Allemães **RUD. IBACH SOHN**
Importadores dos Pianos **Bechstein, Erard, Pleyel**

LIVROS da Casa Editora Italiana **FRATELLI BOCCA**, de Turim, e de **FISCH-
BACHER**, de Paris

Literatura musical e Livros de Sciencias modernas, Jornaes, Retratos e
Bustos de Musicos Celebres * **CARTÕES ILLUSTRADOS ARTISTICOS**

—>> INSTRUMENTOS e ACCESSORIOS <<—

CORDAS Allemães * Francezas * Napolitanas * Hospañolas e Portuguezas



„A Previdencia“

Caixa Paulista de Pensões

Estatutos registrados, por decisão do Juiz da
1.ª para civil e commercial,
no registro geral de hypotheças



SÉDE CENTRAL

Praça Antonio Prado

Casa Martinico - 1.º andar

ESCRITORIO N. 7

Caixa do Correio, 553



HABIB ZACHARIAS

Um dos socios da fabrica annunciada á pag. 27

Antonio Meirelles & C.

RUA 15 DE NOVEMBRO, 59

SÃO PAULO

CAMISARIA MASCOTTE



Especialidade em roupa branca
para homens e meninos

Gravatas, Bengalas e Perfumarias

Preços Modicos <> Importação directa

Casa E. Acquarone

IMPORTADORA EXCLUSIVA DO:

Xarope Prof. Girolamo Pagliano, purgativo e refrigerante soberano - Mélange Biffi, aperitivo sem rival

Amaro Felsina Ramazzotti, bebida deliciosa

Vermouth italiano Ferrero, o preferido

Citrato effervescente Bertarelli, a marca mais procurada

Azeite de Oliveira Bonavera, o melhor do mercado - Vinho Chianti Antinori, especialidade garantida

CONSERVAS ALIMENTICIAS, QUEIJOS, VINHOS ITALIANOS, ETC.

Representante de casas exportadoras
em numerosos artigos



Fabrica de Caixas de Papelão

Rua do Seminario, N. 4 = 5. PAULO



O Natal no Norte

Da festa de Deus Menino
Como me vem á lembrança!
Já vai longe o sol a pino
Dos meus dias de criança...
E Jesus sempre menino.

(Rodrigues de Carvalho)

Só quem nunca viajou pelas regiões do Norte do Brasil, ou pelo menos quem nunca passou por lá o mez de dezembro, não poderá por certo fazer uma idéa nitida e precisa do que seja uma noite de Natal por aquellas paragens.

E, seja dito de levante, em parte alguma do Sul as festas tradicionaes se desenhão, se ostentam com tamanho encanto, são revestidas de mais solennidade.

Longe, bem longe de ser isto um menoscabo ás tradições do sulista, a nossa asserção abroquella-se num ensinamento tão logico, quanto se escuda num facto verdadeiramente historico: « No seculo passado e no actual a crise do proletariado europeu, occasionando diversas correntes de despovoamento e emigração do sólo, procurando por acclimação mais facil a zona subtropical e temperada, tende a produzir no Brasil dous typos ethnicos diferentes: o *nortista*, fiel ás tradições, unitarista, homogeneo e brasileiro do typo colonial; o *sulista*, perdendo o caracter nacional na incohesão do cosmopolitismo, italianisado, germanisado, federalista ».

O mais superficial exame dos factores mesologicos e ethnicos nos induz a crêr que, entre o *nortista* e o *sulista*, se vão creando habitos e tendencias muito diferentes; são desencontradas as suas relações subjectivas e psychologicas.

E' muito difficil penetrar o intellecto de um povo e traçar-lhe as leis evolutivas, sem attentar para o elemento ethnico, do momento e do meio.

No Norte a linguagem é mais musical e eloquente; a imaginação mais opulenta, contemplativa, sonhadora; activam-se mais as faculdades estheticas do que as scientificas; liga-se mais importancia á fórma do que ao fundo, á synthese do que á analyse.

Isto devido ao ambiente quente que os cerca, onde o systema nervoso, dilatando-se e avolumando sob a força elatora do clima, expulsa em descargas electricas.

Não sendo o brasileiro do Norte trabalhado pelo cosmopolitismo, ha de conservar-se fiel ás tradições de seus maiores, não se apagando as grandes analogias das crenças, dos costumes, dos ritos e da lingua, herdados da descendencia lusitana.

Não cabendo aqui largas explanações sobre esses dados physico-biologicos, chegaremos á conclusão de que, sem elles, os achados scientificos e

literarios não passam de um corpo amorpho, sem relações reciprocas, sem contribuições e sem filiações.

Entre a razão e o absurdo, escreve Donoso Cortez, ha uma secreta afinidade, um estreitissimo parentesco.

Analogia ordem do idéas se encontra entre o que deixamos escripto e o que se vai seguir.

O que disse Goethe da historia da sciencia, que é semelhante a uma grande *fuga musical*, na qual, uma após outra, se faz ouvir a voz dos povos, adapta-se com equal justeza ás tradições populares. Compreende-se aqui a continuação e repetição do mesmo thema, do mesmo estribillo, forçando-nos assim inconscientemente a nos transportar, numa como especie de psychologia atavica, ás gerações passadas.

São sagradas as dividas do affecto — disse-o um egregio escriptor lusitano

Descrever a traços largos uma noite de Natal no Estado de Sergipe constitue fazer a apologia desse corozel e precioso torrão que, com ser o minimo dos *pequenos*, é um daquelles em que as flôres desabrocham cantando, as aves brilham como estrellas e as estrellas deixam-se colher como flôres », na phrase de um cantor patrio.

De todas as festas da nossa religião, é o Natal aquella que mais docemente fala á nossa alma e que um mais suave perfume de poesia espalha dentro do nosso coração.

A formosura da lenda christã produz uma tal fascinação nos espiritos pela belleza da sua con-



cepção, pela simplicidade da sua fórma, vasada nas quatro columnas do mundo moral que se chamam S. Lucas, S. Matheus, S. Marcos e S. João, que a humanidade, por mais tempo que decorra, cada vez mais a sente gravada no mais intimo das suas crenças.

A lenda jesuina é comparavel a essas estrellas que, librando-se no espaço a uma incommensuravel distancia, nos fazem chegar aos olhos a sua luz após seculos e seculos de uma peregrinação irradiante, de uma longa jornada de vibração pelo ether.

Na mangedoura, onde soabriste os olhos, meigo Jesus, numa noite escura e fria do mez de Tcbeth, na Judéa distante, rescende até hoje o perfume da mais exquisita poesia. E não ha quem não sinta a alma dilatada numa nova expansão de jubilo, quando se vem approximando a noite abençoada, *la noche buena*, como lá dizem os castelhanos.

O dia de Natal é o dia das grandes expansões, das alegrias infinitas! E' o dia *glorious*, como lá diriam os inglezes.

A natureza toda mostra-se nesse dia festiva e ridente; a natureza toda parece afinar a lyra para entoar louvores ao Deus Menino; a natureza toda é uma dançarina, na pittoresca expressão do indiano Kapila.

Tudo alli transpira vida, luz, harmonia, amor. O nosso céu de dezembro, este bello e esplendente céu da zona torrida, na phrase do velho d'Evreux, é profundo e azul que nem saphira occidental.

O nosso sol não é o sol de fogo da Austrália, nem tão pouco o terrivel e causticante sol da Índia; é um sol doce, brando, ameno. Da amenidade e doçura do seu clima, fale outrem que não eu, fale o inspirado poeta Pedro Calasans:

Em clima temperado e doce e ameno,
Sob um céu limpidissimo de azul,
Implantado no mais fértil terreno,
Que banha o São Francisco, aureo, sereno,
Ao norte, uma provincia ha no Brasil:

Do rival do Niagara visinça,
Do Paulaffonso ao pé, lhe ouve o fragor;
Se para o norte o passo se encaunilha,
Se para o sul, é sempre ella rainha
De riquezas, lavouras e frescor!

Altas montanhas, fontes crystallinas;
Sol deslumbrante, um mudo luar;
Varzeas pingues, uberrimas campinas,
Marras virgens, jardins, prados, collinas;
Eterna a primavera e immenso o mar!

O que é, porém, bello devéras, admiravel até nessa remansada região de grutas calcareas e collinas graciosas, é a transparencia luminosa do céu que a cobre, e o fulgor incomparavel com que o sol doura as linhas e as curvas das montanhas que molduram a paisagem.

E para maior realce do quadro, com a solennidade severa e a majestade natural da scena, casam-se o encanto e a fascinação das grandes recordações!

Que formosos que não são os dias de dezembro por lá!

As manhãs e as tardes são claras, diaphanas e prazenteiras, e as noites limpidas e tépidas.

O proprio céu se enfeita e toma sempre, ao fim da tarde, um tom de ouro e apothese.

Até o ar se acama e avelluda como pennugens d'avesinhas tenras...

A's vezes, ao enoitar, o disco da lua, no soberbo espectáculo do seu plenilunio, numa meiguice ineffavel, vem desportar esplendente e majestoso, por entre o vasto lençol das aguas phosphorescentes do oceano, assemelhando a uma hostia de ambar, ou, mais propriamente, a uma grande moeda de ouro sahida fresca da cunhagem.

Por vezes ainda, cirrus leves, fugitivos e vaporosos, á guiza de um milhão de plumulas erradias, por ella illuminados e impellidos pelo vento, obumbram-lhe tenuemente a especulina superficie calma.

As estrellas naquelle céu, naquelle insondavel docel de turqueza, se revestem de mais brilho e encantos.

Meteoros luminosos, vulgarmente conhecidos por estrellas cadentes, escindem frequentemente a atmosphera, imitantes a pyrilampas aereos em azoimados redemoinhos.

Tudo nos convida para as concepções naturalistas, numa terna monodia de amor e de ternura.

Horacio, o exemplar do mais pura e venusta latinidade, Horacio não deixaria de pedir para essa poetica região todos os *agentes de sensações agradaveis, os vinhos, os perfumes, as grinaldas de rosas*:

*Huc vina et unguenta et nimum breves,
Floras amena ferre Jude rosa.*

Dir-se-ia que a imperscrutavel força do destino se comprazera em accumular, em tão limitado scenario, tudo quanto a enaltecedora imaginação popular pôde realizar nas multiplas espheras do idealismo, em eternas e radiantes afirmações psychologicas.

O Natal é ainda uma reminiscencia que consola e suavisa os corações mais obstinados, as almas mais descrentes.

Tudo renasce, tudo se move; o contentamento se asyla em todos os corações, transparece o sorriso em todos os labios.

Ha durante o dia e por toda a parte agitação extraordinaria.

As moças e as raparigas, na ingenuidade das suas simples *toilettes*, no gorgeio das risadas

crystallinas, numa revoada de aves ribeirinhas, partem em bando jovial e galhofeiro para os campos e prados, em demanda de flores para enflorar e garnir os presepes.

« Como um bando de andorinhas,
As moças correndo vão ; »

« Ver entre as ramas floridas
Nas varzeas vultos subteis
De donzellas destemidas
Voejando aos cambuis »

« Vão todas colher as fructas
Que a natureza espalhou,
Como confeitos celestes
Que a madrugada entornou »

« As varzeas jazem lastradas
De boninas e jasmims,
As almas ficam juncadas
De sonhos e de festins... »

« Era a quadra das tardes mais formosas
Da zona tropical,
O bom tempo das festas ruidosas
Era o mez de Natal »

Nas physionomias prazenteiras lhas brinca o sorriso do bem e se espalha a oblação do contentamento.

Debaixo do pallio azulino do nosso firmamento pullulam blandicias e ardores de uma natureza essencialmente tropical; alli se desprende e evola essa gottejante alegria solar, que, nas zonas temperadas, tornam tão exuberantes as manifestações do intellecto.

E no meio daquelle esplendor da Natureza, na ingenua cidade de Laranjeiras, acastellada de outeiros resplandecentes de verdura e de sol, a alegria popular, misturando-se, confundindo-se ao instincto religioso, eleva aos ares os canticos da fé. E' um mundo cheio de encantamentos, em que os livros mysticos se abrem e desabrocham ao sol dos seus calices de prata!...

A vidraçaria dos predios caiados e pintados de fresco darreja lampejos e faiscações de insito rejubilo.

As donas de casa esquadriham suas arcas e commodas, por entre perfumes d'alfazema, á cata dos mais finos guardanapos; outras já desdobram as alvissimas toalhas de linho sobre a mesa e dispõem em ordem symetrica os talheres para a consoada.

Aqui uma moça de faces coralinas, com o seu rendilhado avental, sentada no limiar da porta da cosinha ralando o succulento côco; são outras alli muito alegres, enjugando os copos lavrados de crystal: mais além, preparam-se mimosos ramilhetes para as jarras.

Na cosinha, ah! na cosinha andam tudo e todos num roda viva!

Acolá um velho, a um canto da sala, deitado numa rêde de malhas, do Lagarto, reconta galhofeiro os seus amores...

Para melhor concatenação de idéas, e pela necessidade de só affirmar aquillo que tenho visto e estudado de perto, é que vou referir as descrições destas festas intimas e populares á localidade (Laranjeiras), onde as aprendi, na quadra bella e feliz:

« Oh va toute chose,
Oh va la feuille de rose
Et la feuille du laurier »

A' tarde, na praça da Conceição, já estão armadas as barracas, dispostos os biombos.

Já as africanas e creoulas, com os seus taboleiros de doce, vestidas de saia branca, com um regolo (trunfa) de cassa da India ou de filó na

cabeça e um *pandaocosta* cingido ao collo, em forma de faixa, despertam a attenção dos transeuntes com esse pittoresco e suggestivo annuncio:

« Menlengas feltades
Por mão de yayá!... »

Mais além:

A moqueca p'ra ser boa
Ha de ser de camarão;
Os temperos que ella leva
São pimenta com limão.

A moqueca p'ra ser boa
Ha de levar bem dendê;
Nos beicinhos de yayá
Ha de queimar e doc.



CHAGAS (Cego de nascença). Original musico popular e disciplinador de carneiros (natural do Ceará)

O CHAGAS

Aito, de rosto oval, face encovada,
Nariz comprido e bocca desdenhosa,
Raros fios na barba. Cae á testa
Melena côr da noite tenebrosa
De seus olhos sem luz. A côr, morena;
A expressão, entre vaga e tempestuosa.

Eis o Chagas, de corpo; o mais não digo.
Só se ouvindo p'ra crêr o apimentado
Dito, os tregetios, varios arremedos,
O toque no caixão com seu cajado,
A eximia e rudê gaita primorosa...
Só se ouvindo p'ra crêr! Elle é *dannuado!*

José Arthur da Rocha Frola †

A' bocca da noite, as casas, as capellas, as egrejas, os largos, já se acham feéricamente illuminados a arandellas e a *giorno*.

Os tocadores de violão e de viola preludiam chulas, soadas e modinhas; os cantores de bailarios, rapazes pernosticos e apimentados, servindo-me da expressão de Sylvio Romero, seguem os concertistas ambulantes, cantando versos apropriados e quadras de um lyrismo indescriptivel. E' prodigioso o numero de modinhas, de retornellos, de quadrihas, de marchas, de phantasias, todas de um sainete especial, expressões impertentitas de espontaneo genio artistico de subido valor.

E são esses menestres patrios, esses bardos anonyms que têm o dom de nos fazer sentir, numa hypnose imaginativa, todas as impressões dos

seus themas melodicos, de suas combinações de harmonias e effeitos orchestraes do mais dominativo e empolgante poder de suggestiva commoção.

Ha nesses festejos um mixto do religioso com o profano.

Ha tanta profusão de mesas, de jogos de todas as qualidades, que, involuntariamente, me fazeri acordar as festas olympicas da Grecia em honra de Jupiter.

A' noite, e em dias successivos, as familias acompanhadas pelos chefes, vão visitar os presepes. E o presepe! Como é poetica e seductora a vista de um presepe!

Como é doce contemplar-se o panorama da cidade do Deus Menino!

Por de sobre o massiço de verdura ostentase um outeiro de suave declive, semeado de arvores de casinhas alvejantes, de palacetes azues e avermelhados e de taludes toucados de matizes. Aqui e além vêem-se estatuetas brancas e longas filias de palmeiras, coqueiros em grupos. Canteiros de desenhos caprichosos, grammados, corbêlhas formadas por cercaduras rendilhadas de lianas se espraíam por entre ruas areadas e serpentes. Um estreito caminho, ladeado de muros de pedra solta e musgosa, segue a meio da encosta do monte, e desce em declive suave para as bandas do oriente, donde irrompe risonha e prazenteira a fresca vegetação do valle.

De cada quebrada do monte sobranceiro a lympha se deriva limpida e cantante, por entre alvas pedrinhas.

Pequenos lampeões, repuxos, pharócs e moinhos de vento completam a vista geral dessa cidade, onde a imaginação dos festeiros colloca o berço de Jesus.

Nesta decoração simples e natural evolose para logo um como perfume de dulcissima paz; e pelas ramagens verdejantes a volata suavissima dos ninhos começa de ouvir-se como uma saudação do dia que vinha rompendo aos primeiros vagidos do filho de Maria...

Nada mais poetico e adoravel do que o episodio biblico do nascimento de Jesus!

A' frente, deitado sobre as palhas de um estabulo, vê-se o Menino, de barriga para o ar, núsinho em pelote, a sorrir para Nossa Senhora, que o contempla de joelhos, com o radiante jubilo das mães.

Da outra banda está S. José, com a enxó e o martello de carpinteiro, postos de lado. Mais atraz, uma vacca malhada lita no infante os seus grandes olhos redondos; e um jumento lanzudo, de orelha empinada, approxima cubicosamente o focinho, dilatando as ventas ao cheiro fresco da palha. Pelos atalhos da encosta descem, á frente das bailadeiras, os pastores de Bethlém, um a soprar na gaita de folles, outro a rufar no tambor, outro, emfim, a bater castanholas.

No cabeço do monte apparecem já os tres reis magos, deputados do Oriente, Balthazar, Belchior, que é rei preto, e Gaspar, e todos elles cobertos de capas de arminho, com as corbas reluzentes, e montados em dromedarios, ajazados de ouro e pedrarias.

No cimo de tudo, entre nuvens, surge uma pomba branca, de cujo bico côr de rosa se espargem raios de luz celestial, que vêm aureolar o berço do Deus Menino.

E, para augmentar o encanto do idyllio celeste, vê-se a Virgem Mãe, de olhos extasiados que se não cançam de mirar e admirar, e o Virginal esposo, que profundamente adora o Filho do Altissimo confiado á sua guarda protectora, sendo elle um pobre carpinteiro.

E assim resplandecente, triumphante, augusto e divino, nascia elle, ofertando-se todo como o dom mais bello, o dom mais rico da Terra!

Nas casas onde ha presepes, já de longe se sente o aroma casto, a inebriante fragancia do incenso e da myrrha queimados, perfumando o berço do Menino Jesus.

Ahi, no sagrado leito, se desfolham, se derramam todas as supplicas da existencia.

As trovos, os cantares e as lóas se succedem umas após outras, numa exuberancia e espontaneidade indescriptiveis.

Na noite de Natal, ricos e pobres se confundem, não ha servos nem senhores. A turbamulta, desde o dosecahir da tarde até ao alvejar do dia, se cruza, acotovella, fervilha, redemoinha; freme e ri de contente, invadindo clivos e viellas e sobrando as suas offerendas.

A partir das oito horas, nas casas abastadas, as polkas, as valsas e as quadrilhas estuam nos salões; as luzes e os candelabros, ao reflectirem-se nos espelhos de crystal, imprimem uma nota vivaz e alegre a todo o ambiente; e ao espocar de bebidas fermentadas de *caju*, *genipapo* e outras muitas de inebriantes effeitos, recitam-se poesias, improvisam-se discursos.

E é no torneio dos bons ditos e no cruzar dos olhares, na familiaridade franca e honesta do parentesco e da amizade, que se festejam o Natal de Jesus e os amores maternos de Maria.

Neste dia o prazer se estende até á mais infima camada da rudeza popular, e a alegria excede ás raias do delirio. Este dia cala fundo na alma do nortista, a qual se sente acariciada e como adormecida pelas suavissimas melodias, semelhantes ás que outr'ora inspiraram aos slavos os cantares de Wiehegrad e os poemas de Wenceslau...

Que de poesia, que de lyrismo impregnado de perfume, que de lóas faceiras e graciosas se não evolvam dos labios dessa gente!...

Dir-se-ia que as noites de Natal no Norte têm os seus Thabores, que, visitados cem vezes, nos põem sempre na bocca a aspiração evangelica, faz bem a alma estar aqui, *bonum est nos hic esse*.

O Natal é a festa das crianças, symbolisado no presepe; a alliança da innocencia infantil com a bondade dos animaes domesticos. Respira-se o cheiro balsamico dos prados; ouve-se o mugido das rezes, como sons de instrumentos de paz; desvenda-se a claridade das estrellas e da galaxia no céu azul, como a bençam de Deus a proteger os simples e os humildes. É um idyllio gracioso como nunca o souberam modular nas suas avenas os Theocritos e os Virgílios.

Quando eu era criança, nos bons tempos em que as calças me não passavam do Joelho e quando ainda nem sequer sonhava em trazer este horroroso chapéo alto, com que nós, os homens, nos costumamos enfeitar quando eu era criança, o Natal sorria-me, por ser um pretexto para, alta noite, acompanhar á *função das Pastorinhas*.

Ha muito já que o Natal deixou de ser para mim esse bello poemeto de alegria, de paz, de felicidade intima, ao lado dos poucos corações que neste mundo de egoistas só balem por nós. — abrindo na nossa alma, uma vez por anno, uma fresta para um azul ignoto, consolador e amigo, para um azul como se não vê outro equal nem nos dias, nem nas noites de primavera. Nem mesmo quando os céos foram lavados pela manhã, por um providencial aguaceiro; nem mesmo quando os céos, á noite, estão polvilhados de estrellas.

Ah! voltemos depressa ao nosso Natal evocativo e austero, que se continúa a fazer nas plácidas ribanceiras da Cotinguiba, onde o simun da imperlinente civilisação não levou ainda o bafo de desalento de umas estrangeirices importunas. Voltemos ao presepe simples e agreste, cheio de flores que cheiram e de aguas que cantam, paizagens de um realismo e mysticismo intensos, onde se alliam qualidades de meiguice e de imaginação, que não tornam talvez a vida mais rica, mas que a tornam, com certeza, mais facil, mais doce e mais bella...
Volvamos, pois, aos seus folgares.

Nos vastos terreiros, varridos e preparados de vespera, os cx-cxcravos, munidos de pandeiros, executam suas danças burlescas e desordenadas, atroando o espaço com seus infernaes batuques e rachapés, com a matizada dos *cansás*, com as dissonancias aturdidoras de seus *tabaques* grosseiros; e as creoulas, mulatas e inucamas, na primeira flôr da idade, cingidas de capellas e empunhando *keréké-yes*, atiram graciosas umbigadas aos namorados...

Pelo contacto com os brancos, os africanos confundiam seus ritos e danças com as praticas do christianismo; dahi o uso das *figas* e dos *camgerés*.

Os ethiopes escolhiam sempre esses dias de festa com permissão dos senhores, para celebrar a coroação do *rei Congo*, festa que elles faziam

coincidir e confundir com a catholica dos *Tres Reis*: celebravam então a *chegança* com a simulação de navios de guerra e iortins portuguezes; e para esse apparato os senhores offereciam recursos.

Exhibem então danças de fantasia, muito ao sabor da nossa população, que não perde ensejo de repeti-las durante o anno.

Nos seus *candomblés* executam o *jongo*, dança em forma circular exhibida ao som do *ca-xambu* (tambor alongado de um só diaphragma), do *urucungo* e de diversos chocochos.

As raparigas, ostentando com garbo trajcs de côres vistosas, pulseiras colossacs, grandes braceletes de ouro e coral, *missangas*, dentes de marfim engastados em cordões, dançam, rebolam, bamboleam, com maringues e quartinhas douradas na cabeça, simulando a romaria á fonte sagrada.

Têm elles por tecto o azul firmamentario e por luzes o scintillante brilho das constellações.

Mais adeante, em outras casas, realisam-se outros divertimentos.

Os folguedos mais communs são: o *bumba meu boi*, a *função das Pastorinhas*, os *Marujos*, a *Nau Catharina*, o *Cego*, a *Chegança* o outros muitos.

O *bumba meu boi* vem a ser um magote de

no frescor da mocidade, enfeitadas de capellas e que dançam e cantam acompanhadas do rufefe das pandeiretas; « fluctuam-lhes no chapéo de palha fitas estreitas e de colorido vivissimo; nos arregaços da saia curta, pequenos topos de flores vicejam mimosos; do braço de cada uma pende rica cestinha com as offerendas ao Menino ».

E num delicioso requebrar de corpo, começa:

Vinde, Pastorinhas,
Vinde a festejar,
A ver se é nascido
Jesus nosso bem.

Com gosto chegemos
Aqui no lugar:
Pois que no Deus Menino
Se vem adorar.

E vem se adorar
Com toda attenção,
Ao Pastor amado
Se forme a função.

Formemo'a função,
Com toda alegria,
A Jesus Amado,
Filho de Maria.

Filho de Maria
É filho de Deus,
Que p'ra nos salvar
Desceu lá do céos.

Desceu lá dos céos
E trouxe o perdão,
P'ra todo o viveinte,
P'ra todo christião.

Os pastores, com trajcs do mesmo gosto, agitam nodosos cajados, á voz da primeira *Lavadeira*, que, dançando á beira de um cepo, arcando uma gamelinha de roupa, modula suave, ao som dos violões transportados:

Antes que o sol snia,
Hei de madruguar,
Nas margens do rio,
Onde eu vou lavar.

Um arfar de pandeiros e adufos, um estalar ardente de castanholas, um planger de violões e guitarra, um respirar macio de flautas, caem como uma vaga no álaire recinto, envolvendo numa nuvem sonora o animo predisposto da assembleia.

Tudo isto é feito de modo que alegra o coração e que faz bem á alma.

Dir-se-ia que, com ser doce o clima, torna-se branda e mais temperada a indole dessas folganças onde se desenrola o drama vivente das sensações, e onde se respira em largos haustos o perfume dessas flores selvaticas, mas tão olientes, da poesia das gerações primevas.

Aos dolentes tinidos das violas, aos modulos harpejos dos menestrcis patrios, a trova se deslisa sonora, a cantiga se desata, natural, espontanea, irresistivel...

São puramente brasileiras as musicas de todos esses folgares; têm o cunho nacional genuino. Os seus hymnos, inspirados nas mais ingenuas canções do povo, têm a larga vibração de um grilo supremo da humanidade. Na alma popular essas musicas operam como um balsamo de consolação infinita.

No meio da multidão febril, daquellas salas rumorosas, daquella batalha incendiada de olhares que se procuram e evitam com amavel astucia, o fado irrompe vagaroso, peneirado, languido... Ha tambem a roda em que dançam muitas pessôas, interrompendo certos compassos com palmas e com um sapateado ora estrondoso e prolongado, ora mais brando e mais breve, porém sempre equal e a um só tempo. A musica é differente para cada forma e sempre executada em violão. Não raro o tocador canta em certos lances uma cantiga ás vezes de um pensamento verdadeiramente poetico.

O ar todo, duma doçura ineffavel, como para nelle respirar melhor os dançarinos, tra um derramado perfume de jasmim e limoeiros.

De onde em onde, a Matriz e o Bomfim convidam os fieis com o bimbalar dos sinos claros, num tom modulado e alegre, para a Missa do Gallo, e...



BENEDICTO GALVÃO

Laureado pintor paulista, auctor da bella allegoria do Natal publicada no presente numero do *Album* (pag. 9).

individuos sempre acompanhados de grande multidão, que vão bailar nas casas, trazendo consigo a *figura de um boi*, por baixo do qual se occulta um rapaz dançador.

Pedem com canticos licença ao dono da casa para entrar. Obtida, apresenta-se o *boi* e rompe o côro:

Olha lá, olha lá,
Olha o boi que te dá,
Ora, entra p'ra dentro
Meu boi malruá.

Olha lá, olha lá,
Olha o boi que te dá,
Segura o teu boi,
O teu boi malrubá!

Olha lá, olha lá,
Olha o boi que te dá,
Ora, dá no vaqueiro
Meu boi guadimá!

O vaqueiro representa sempre a figura de um negro ou de um *cabocho*, vestido burlescamente e que se constitue o alvo das *chufas* e pilherias populares.

A *função das Pastorinhas* é constituída por um grupo das mais bellas morenas ou trigueiras,

Quem vai á Missa do Gallo
Deve ir muito e muito *chie*,
Botar seu vestido novo,
Pra que o gallo não penique .

— Então eu não vou á missa,
Pois não tenho que botar :
Vou esconder-me do gallo,
Pra não me penicar .

Essa é bôa ! Eu não consinto,
Você em casa não fica :
Do Natal ha de ir á missa
E o gallo não a penica .

Meia noite, o sino grande
A terceira vez chamou,
E morena foi á missa,
Da bicorada escapou .

Ficou provado que o gallo
Só penica quem não tem
Neste mundo de delicias
Quem não ame ou queira bem .

— Pateada, pois, no gallo...
Chô, bicho ! eê ! eê !
Ficou de crista calhada,
Cantando cô-corou-cô !

Ao langoroso tinido dos machetinhos e das violas, ouvem-se ao longe, num côro alto, versos de introdução :

O' de casa nobre gente,
Esantae e ouvireis :
Lá da parte do Oriente
São chegados os Tres Reis .

Bendicto louvado seja
O monno Deus nascido,
A Virgem o teve no ventre
Nove mezes escondido .

Da cepa nasceu a rama,
Da rama nasceu a flôr :
Da flôr nasceu Maria,
De Maria o Redemptor .

Bateu azas e canta o gallo
Quando o Salvador nasceu,
Cantou os anjos nas alturas
Gloria in excelsis Deo .

Hoje é noite de Natal,
Ninguém se deita em colchão,
Só se dorme sobre palhas
E em paliuhas pelo chão .

Com serem quadras verdadeiramente populares e anonymas, nem sempre obedecem aos rigores da metrica; em compensação, tornam-se mais substancial o conceito, mais caricioso o affecto, mais intensa, mais amavel, mais veraz a sensibilidade.

A poesia dessas gentes possui a graciosidade, a delicadeza de tons, os mil segredos acariciantes da fôrma; symbolisa em notação inolvidavel a paizagem, o viver intimo das almas numa como emanção das forças que regem o universo.

— O seu lyrismo está repassado de amavios, cheio de grandes quadros, bellas pinturas da natureza desvendando claros signaes de suas almas energicas e vigorosas

Por noite alta, a multidão enche os templos; todos assistem igualmente recolhidos os officios divinos; canticos sagrados reboam harmoniosamente de arcaria em arcaria, entre espiraes azuladas de incenso e grandes lustres triumphaes em que ardem constellações de velas.

Muitos voltam jovialmente para as suas casas; têm pressa de rir e folgar com parentes e amigos deante da ceia copiosa, onde o vinho seivoso espumeja e a castanha macia fumeja em niveas terrinas, de par com o leitão de ventre cheio de larofa e sarrabulho, e com as costas cheias de rodela de limão cspetadas em palitos.

— Por entre as altas serras de arroz de forno, se ostentam e pompeiam castellos de fios de ovos e a torta dourada e redolente . . .

Depois da grande Missa, quando já rebrilha, num inalterado riso de luz rutilante, a estrella d'alva no Oriente, as festas e os improvisados cantares se desenhnam mais cheios de encanto e ternura inefaveis.

Rapazes e raparigas, num rumor de vestes claras, rodopiam pelas salas, em estonteantes saracoteios, ao som das melodicas e rythmadas cantorias, numa expressão serena e amavel.

Traz o ciclar de ventos leves musicas de toada exquissita; musicas profanas, de cadencia languida e quebrada, que excitam a phantasia e subjugam a vontade.



JOÃO ATALIBA NOGUEIRA JUNIOR

Representante do *Album Imperial* em Campinas, Amparo, Espirito-Santo do Pinhal e Itapira

Os albores da manhã, com o céu todo purificado das alegrias do Natal, espalham uma fragancia, uma doçura, emanadas de toda a sua mobilidade e de toda a sua graça.

Já a bôa da casaleira vai atirando o seu grão, aos frangos famintos . . .

E é ao romper do dilúculo, entre o fino piar d'ave na ramaria e o murmuro do regato entre cannas verdes, que as *pastoras* e as *lavadeiras* desferem saudosa e nostalgicamente as suas ultimas notas de despedida :

A barra do dia
Já vai clareando,
Que bello Menino,
Na lapa chorando, . . .

E nos braços dessas lóas e cantatas adormece todos os annos, embaladoramente, uma noite de Natal

Em Laranjeiras bella

Illustre cidadella
Da virtude singela,
Gemea irmã do valor !

JOÃO VAMPRE

PAGINA COMICA

REMEDIO EFFICAZ CONTRA A CALVICE



— O' de casa !

— Lá está um freguez . . .

— E garanto o resultado.

Quando um Csar tem bexigas, é o povo quem fica com as marcas. — Proverbio russo.

Aphrodite



Na Grecia... Todo em festa, o Olympo se decora,
E o solio orladurado em ouro e azul pompeia.
Sob o regio docel flavescente da Aurora,
Poseidón, de tridente, o mar Jonio passeia . . .

Nereidas e Tritões, na planura sonora,
Abeiram-se ao redor de espumeo leite; aneia
A vaga de alabastro, a espuma se evapora,
E o formato de um tórso á flôr d'agua se alteia.

Toma vulto, palpita, abre os olhos, se ageita,
E de Uranos a filha apruma-se, perfeita . . .
Deusa argiva, paga, toda núa, radiante,

Rompe o mar, Aphrodite; e, por entre o cortejo
Das Horas e do Amor, das Graças, do Desejo,
Aos páramos do Olympo ascensiona, triumphante.

IBRANTINA CARDONA



Mal de amor

(Inédito)

Posto que futil, posto que irrisoria,
E' sempre o mesmo o coração da gente
Na batalha do amor, perdida, ingloria,
Que a todos trai inexoravelmente . . .

Dahi, da humanidade, que, tremonte,
Nesta da vida curta trajetoria,
Paga ao amor o seu tributo ingente,
E' sempre a mesma decantada historia.

Tenha-se, embora, o coração maguado,
A alma na dôr insolita, refece,
De muito, muito amar sem ser amado

Ninguém se furta ao mal de amor, ninguém!
E, francamente, ao coração é esse
O unico mal com que se sente bem !

ARTHUR DE CASTRO

Campinas 1906.



A LEVA *

Rarefeita, ao dealbar da translucida altura,
Raia a lactea manhã; e, de ancorá suspensa,
O aguante retezado á resistente amura,
O navio manobra, e zarpa, sem detença.

Eil-o ao largo extenal da glaucica planura,
Bordada de alva iról. . . Bolina obliqua e pensa,
Ao ocio do mareiro assopro, se aventura;
Na bussola confia, e firme leva a crença.

E vai-se, de pavês e pópa de alto aplustre,
Arfando a quilha ovante, ao rasgo da passagem,
Em se arqueia, azul, a umbella de helio lustre . . .

E á flammula da cruz, orando, a marinhagem
Pede augurios de Deus, para que se não frustre
A esperanza que a leva á incognita paragem.

IBRANTINA CARDONA



A Academia Moderna de Linguas Vivas é a unica, em S. Paulo, que ensina inglez, francez, allemão, italiano, etc., pelo methodo Berlitz. Vide pag. 17.

Em Limeira, os unicos sálões *chics* são o Central e o Progresso.

Exposição Regional de Campinas



Sevadeira, lavadeira e prensas

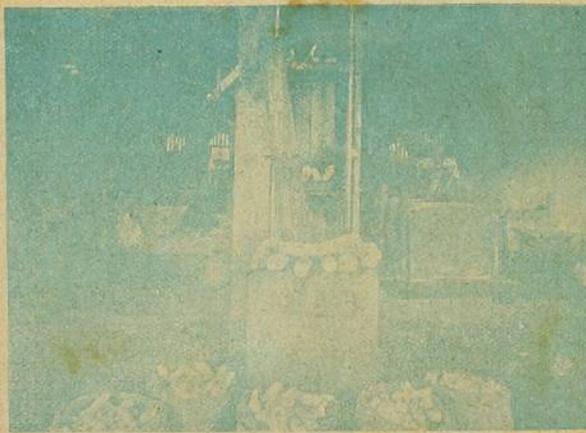
© **FECULARIA PAULISTA** ©

— DE —

Avelino Novaes Teixeira



Peneira e bateadeira



Descascador, caixa de deposito de polvilho, encanamentos e elevador

Quando o Csar te der um ovo, terás de lhe dar uma galinha. *Proverbio russo.*

Exposição Regional de Campinas

❁ FECULARIA PAULISTA, de Avelino Novaes Teixeira ❁

A iecula da mandioca

Um problema mechnico resolvido tão radicalmente como o conjunto de dificuldades accumuladas na manipulação da farinha de mandioca brava, vencidas uma a uma em longa e perseverante experiencia pelo sr. Avelino Novaes Teixeira, constituiria uma gloria perenne para qualquer engenheiro: maximé, quando o auctor dessa obra é um leigo que desvenda um mundo novo de industria, essa gloria é maior e ainda mais merecida.

Para quem conhece a historia dramatica dos B. de Palissy, dos Fulton, dos Franklin e do modesto operario que descobriu a machina hydraulica de fiar — não é difficil avaliar as luctas, os dissabores, o ridiculo que arrostam os visionarios do futuro, aos quaes o mundo moderno, com todo o seu orgulho industrial, tudo deve.

A transformação de uma industria entregue ao trabalho manual todo rotineiro, como o da farinha, tem deante de si um futuro brilhante, após a mudança radical que soffreu passando da mão do indigena á do caboclo brasileiro, e, afinal,

talentos pujantes de engenheiros e industriaes perderam tempo e grandes capitaes, sem, sequer, approximar-se da solução. Aos indifferentes, aos pessimistas e aos



Avelino Novaes Teixeira

scepticos offerecemos a prova material das gravuras tiradas do machinismo, do local, das feições do producto e suas manipulações; e, se não quizerem convencer-se, emprasamol-os a visitar a FECULARIA PAULISTA

DE ITATIBA.

Eis a des-cripção das secções pelas quaes passa a mandioca brava antes de ir ao mercado acondicionada em saccas, pesadas e marcadas:



Carrota descarregando mandioca nos tanques, carro de bois com lenha para torrefacção e carrota carregando saccos com farinha

elevada a uma grande industria tão perfeita e tão completa, que nem ao conjunto, aliás complexo, do beneficio do café se lhe póde comparar.

A serie de manipulações que vão abai-

O arroteamento das terras e plantações

As plantações são divididas em alqueires paulistas de 100 braças por 50, como se faz com a canna, em quarteirões rectangulares, ladeados por caminhos espaçosos, em terrenos os mais planos da visinhança de Itatiba, margeados pelo rio Atibaia.

As terras são sulcadas pelos arados reversiveis de discos possantes, após o gradeamento que fôla admiravelmente terras, massapés uberrimos se rejuvenescem com todos os padrões, como se durante varios decennios não fossem em parte devastados por aggregados descuidados.

A terra arada profundamente é um thesouro occulto que garante a sua perpetuidade secular, e, muito mais, sendo terras graniticas. Os sulcos da plantação são em diagonal, para evitar o effeito das enxurradas.

Os plantadores vão enterrando as novas sementes ou caules escolhidos dos mais maduros das mais seleccionadas variedades.

O serviço agricola é dividido em 3 secções.



Casa de morada

A 1.ª, de 2 arados de 1 disco possante, cada um, e 4 *clippers*, que funcionam com 16 burros e 4 *aradores*. Essa turma acompanha a dos arrancadores: e, quando os alcança, volta a pre-

milho, moinhos de trigo, etc., porque passaram por uma adaptação admiravelmente concluída após experiências e reconstruções nos menores detalhes, a ponto de ser um verdadeiro segredo do inventor, que só elle proprio seguiu os effeitos desses minusculos detalhes, cujo conjuncto é por assim dizer incompreensivel, a menos que não se veja o seu producto bom, limpido e saboroso.

Para conseguir imitar e superar todos os typos

Antes de cuidar em machinas de mandioca, elle estudou os methodos dos nossos caboclos *mandioqueiros*. E' necessario meditar bem sobre esta face do problema resolvido, para nos causar pasmo como um curioso resolveu tão complicado e longo processo mechanico.

1.^a SECÇÃO: — A 1.^a manipulação da mandioca, ao chegar do campo, consiste em depositar-a em dous grandes lavadores de cimento, cheios d'agua corrente, onde são diluidos os barros e sujeiras, que se depositam no fundo dos lavadores, ficando a casca amollecida e prompta para facilitar o serviço do descascador.

2.^a SECÇÃO: — Por uma bica em declive é expedida a mandioca para os descascadores, onde dous homens occupam-se em cortar as mandiocas nas curvaturas, afim de adaptal-as ao grande cylindro com fortes estrias que as rolam a jorros d'agua corrente no interior do tambor rotativo do descascador.

3.^a SECÇÃO: — Descarregado o tambor que apartou a casca e produziu excellente fecula, para os animaes, dos detrictos da casca, passa ás mãos de uma turma de menores, que lavam num cocho com agua corrente e eliminam nas juntas todos os defeitos e sujeiras, que vêm augmentar os detrictos da casca destinados a engordar animaes.

A essa pequena turma compete entregar ao elevador, possante como uma draga, a mandioca assciada e lisa, o qual a derriba no andar superior, numa moega.

4.^a SECÇÃO: — A moega do pavimento superior onde estão as machinas trabalhando tem a fôrma de uma bica de ferir, que, enchendo-se de mandioca limpa, faz pressão sobre o cylindro ralador, que,



Carros fazendo descarga nos tanques

mais acreditados do mercado, foi necessario seguir cada estado da mandioca e confeccional-a progressivamente com uma analyse perieita da fecula, que percorre 12 estados diversos, graduados e aperfeçoados, segundo cada machinismo ou manipulação. O conjuncto suppõe um conhecimento tão profundo desse ramo de industria, que permittiu a um leigo conseguir praticamente o que muitas capacidades não poderiam adivinhar.



Carrocinha distribuindo farello de mandioca á criação



Plantadores de mandioca e um arado *Clips* riscando

parar novos terrenos para o augmento das plantações. A 2.^a é composta de uma turma denominada de *conserva*, que se incumbem da limpeza das mandiocas novas. Esta turma não tem numero determinado de limpamentos a fazer, como em geral se presume, pois que depende da época do anno em que foi plantada a mandioca e da relativa fertilidade do solo. A estes trabalhadores está affecta a incumbencia de castrar e desbastar a plantação, eliminando as plantas iracas e defeituosas; o que suppõe a pratica e o criterio do operario, como acontece com os podadores de café. A 3.^a é a dos arrancadores da mandioca, que fornecem materia prima para a fabrica não ficar parada e graduarem a colheita conforme a extensão das plantações. Este facto explica como uma fabrica, que pôde produzir 50 a 60 saccas do genero, produza sómente 20. Entanto, essa produção pôde ser clepada na medida e razão do progresso das terras desbravadas. O transporte da mandioca arrancada é feito até ao lavador em carros de bois ou carritellas; ao passo que a farinha acondicionada em saccas é levada ao mercado dos consumidores em caminhões até Itatiba.

A terra plantada orça actualmente em cerca de 70 alqueires e ha muita matta e capocirões para fornecer lenha ás 5 fornalhas de torrefacção.

A fabrica e seus machinismos

A descripção para ser bem comprehendida deve ser feita sob a supposição de uma visita a um estabelecimento onde tudo é novo: machinas especiaes, como fornalhas, peneiras, desintegradores de

veloz, recebe sobre si uma agua limpida proveniente de uma fonte; agua essa que é elevada por uma bomba até a caixa de ferro collocada no tecto, donde saem os encanamentos d'agua potavel para a lavagem da fecula ralada, que desce até ao pavimento inferior com o polvilho. A mandioca, uma vez ralada, precipita-se sobre uma lavadeira com fundo de esteira de bambú, que deixa escoar para o pavimento inferior o polvilho todo. A massa molle é revolvida sobre a esteira por uma bateadeira, em fórma de espiral de aspas inseridas num grosso eixo de madeira, a qual revolve a gomma clara da mandioca, eliminando o amido amarello.

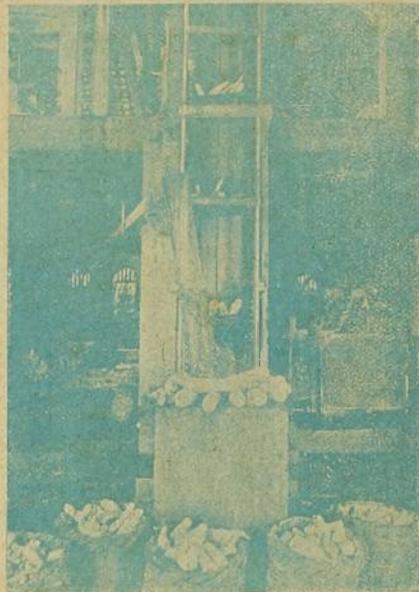
5.^a SECÇÃO: — O polvilho proveniente do escoamento do deposito da gomma venenosa fica fermentando em 4 caixas; pôde servir tanto para biscoutos, como para tapioca, ou para o uso das fabricas de tecido.

6.^a SECÇÃO: — A massa côada vai em seguida para as possantes prensas de varios modelos, dentre as quaes a practica mostrou ser preferivel as ceiras portuguezas de oleos de azeitona, dum tecido resistente inimitavel, onde, após escoado todo o liquido amilaceo, desce nos baixos do sobrado aos tanques de polvilho.

7.^a SECÇÃO: — O queijo reseccado vai a uma moega com ralador, que o deixa esfapellado, reduzindo-o a farinha verde, que é peneirada e separada das raspas, que passam para uma gaveta ao lado. O aspecto dos flocos brancos dá a impressão leve e fina da queda da neve.

8.^a SECÇÃO: — No centro do salão estão os 5 torradores; 3 dentre elles são

de invento novo e constituem um verdadeiro côrte no nó do problema. Estes ultimos têm a fórma cylindrica de 1.^m de diametro sobre 2.^m de comprimento, girando lentamente sobre as fornalhas; e de um 4.^o torrador plano, com leve oscillação de peneira, tambem de invenção toda nova, para granulação da tapioca. O 5.^o torrador é fixo e de typo mais antiquado, que sempre ajuda certas difficuldades nos residuos da fecula rejeitados nas outras ma-



Descascador, caixa de deposito de polvilho, encanamentos e elevador

chinas.

9.^a SECÇÃO: — Abaixo do soalho dos torradores estão as cinco respectivas fornalhas num compartimento contiguo ao da lavagem da mandioca. Num rancho contiguo está uma serra rotativa para a lenha.

10 SECÇÃO: — Cada torradora do forno é tão desigual na consistencia dos torrões, que tomam as mais variadas fórmas de granulações crystallisadas em pequenos blocos de tamanhos variados. Assim é levado ao separa-



Mandiocal e arrancadores de mandiocca



Dois arados - discos e reversivos

dor de peneiras, de um typo analogo ao «Monitor», que separa a farinha em 3 partes: 1.^a, a dos grandes crystaes durissimos, que vão para um desintegrador de milho modificado; 2.^a, a do tamanho dum grão de milho vai para um moinho de trigo *Bamford*; 3.^a, a farinha escoada e granulada no typo commerca. Ha uma 2.^a peneira simples para a farinha mais fina, que tambem faz selecção dos tres typos especiaes, para imitar todas as amostras de farinhas mais afamadas do mercado.

11.^a SECÇÃO: — Compõe-se dos dous moinhos acima mencionados.

12.^a SECÇÃO: — Ha fóra da casa um segundo triturador de milho, que serve para moer os detricitos em farello.

Como se vê, nem os detricitos da mandioca, nem o aperfeiçoamento manual das concavidades não attingidas pelo ralador-descascador, nem as partes rejeitadas pelos menores incumbidos na 3.^a secção de offerer ao elevador só o optimo da colheita—são perdidos: tudo vai ao terreiro em tendaes, para ser sêcco ao sol, antes de ser moído pelo desintegrador de milho, que transforma tudo em optima forragem appetitosa.

O resultado como forragem é um farello tão disputado pela criação toda, que forma-se uma confusão atraz da carrocinha que á tarde distribue uma ração englobada. E' curioso o espectáculo testemunhado pela photographia, onde se vê a lucta dos bois, muares, porcos, cabras, carneiros e cavallo, na faina de tudo devorarem, como se fosse um galinheiro convocado para petiscar uma boa ração de milho.

Loja de GARCIA, NO

AGENTES DO I

Sacam sobre Portugal, Hespan

Vendem dinheiro estrange



correndo rasoura

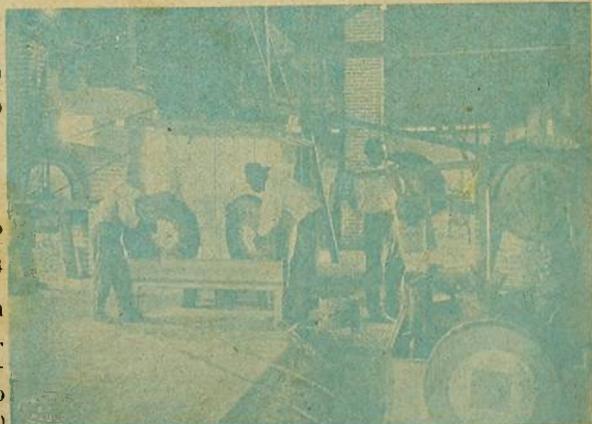
ou 18 saccas de 100 litros. Producção de póvilho, 240 kilos ou 4 saccas de 60 kilos.



Escriptorio e descarga do modidor

18 saccas de farinha, a 15\$000	
cada uma . . .	270\$000
4 saccas de póvilho, a 18\$000	
cada uma . . .	72\$000
Somma.. . . .	342\$000
Descontam-se as despesas, conforme o livro respectivo . . .	80\$426
Liquido, saldo . . .	261\$574

Por esses dados vê-se a importancia da industria, podendo-se avaliar da capacidade de seu machinismo no maximo diario: 50 a 60 saccas de farinha; no médio, 40 a 50, e no minimo



Alguns torradores e descarga das ceiras no deposito

com o desusado aparato de tantos operarios, causa uma tal surpresa em toda a circumvisinhança, que optaram pela doutrina chinezca contra as estradas de ferro: é muito complicada e carissima, por isso que não dá o lucro liquido do caipira mandiogueiro, como não deve ser melhor do que a cadeirinha dos coolis. Ista é a sentença dogmatica; é a que prevalece agora que as machinas funcionam; os arados sulcam a terra; os caminhões transportam a farinha a Itatiba. O *E pur si muove* de Galileu repetir-se-á eternamente, sem que o commodo scepticismo dos pessimistas carranças modifique-se!

Outros dizem que poderá produzir em mãos de industriaes estrangeiros!

Não, o nosso paiz é bastante culto e os seus filhos sabem levar avante as suas emprezas, mostrando ao mundo que a America, nova embora, não póde invejar a civilisação extranha, porque ella é sobejamente civilisada. E a industria de que venho de falar ha de produzir, compensando largamente o esforço do nosso patricio.

O sr. Avelino Novaes Teixeira patenteia os seus livros diarios de escripturação minuciosa das despesas da fabrica e da cultura, como fez ao sr. Henrique de Barcellos, que poderá dizer como o *caique* do canto do piaga, de Gonçalves Dias: «Meninos, eu vi!»

A disposição em columnas precisas, nos livros, mostra de modo facil o seu

resultado, de maneira a se fazer acertada idéa da capacidade total das machinas.

Escolhemos um dia de trabalho irregular da fecularia, dia em que sómente duas torradeiras trabalhavam irregularmente.

Não havia materia prima.

O pessoal se occupava em outros serviços. Foi o de 13 de março de 1905. E eis os dados do mesmo: Litros carregados, 2.300, que, indo ás torradeiras, produziram 1800 litros de farinha,

de 30 a 40 saccas, uma vez que não falte materia prima para manipulação.

O sr. Avelino nos fez vêr a pouca conveniencia de dar a expansão toda á inteira capacidade dos machinismos enquanto não contar com a materia prima em escala relativa.

Aguarda dentro de poucos mezes poder dar expansão a seu machinismo e por isso tem se limitado a uma média de pouco mais de 20 saccas. Pois, sendo o trabalho na fecularia constante, permanente, durante o anno, não póde ser interrompido, porque, se assim acontecesse, teria que dispensar um pessoal já pratico e pouco affeito a outros labores.

Fechando este bosquejo do bello invento do sr. Avelino Novaes Teixeira, ao traçar-lhe a derradeira linha, fazemos votos sinceros para que delle resulte o maximo provento, do qual são dignos os seus esforços de homem tão dedicado, quão intelligente e emprehendedor.

JOSE DE CAMPOS NOVAES

(Copiado do *Commercio de Campinas*—7-7-1905).



Contemplaes uma estrella por dous motivos: porque é luminosa e porque é impenetravel. Pois bem: tendes junto a vós uma irradiação mais grata e um mysterio mais profundo: a mulher. — VICTOR HUGO.

No tribunal:
Juiz. Vejamos, acusado, como passou a noite de...
Reo. O sr. dr. é muito amavel; passei bem a noite, houve apenas alguns percevejos...

CONTO MUDO



Não ha pessôas mais vãs do que aquellas que estão cheias de si. — *Maxima inglesa.*



Dous arados - discos e reversivos

dor de peneiras, de um typo analogo ao «Monitor», que separa a farinha em

Não padece duvida: a primeira charutaria de S. Paulo, a que conseguiu, como nenhuma outra, invejavel renome, pela superior qualidade dos seus productos, é a **CARIOCA**, dos srs. Gonçalves & Guimarães, dous moços estimadissimos em S. Paulo, que são apontados como exemplo do trabalho, da energia e da probidade commercial.

No annuncio da pagina 19, vê-se a gravura do edificio à rua do Rosario, 23: — um bello edificio, atopetado de senhoras e cavalheiros e onde, em vistoso letreiro, se annunciam os *Cigarros Castelhães*, já muito conhecidos pelas chistosas quadras de *Plataea* e do *Popular* e por todos os apreciadores do bom fumo.

PARABENS!

A LEONCIO GURGEL

De teu filho o natalicio,
tão achegado ao «Natal»,
certamente é um bom signal;
é um agoiro bem propicio!

Deu-te Deus um claro indicio,
premiando o teu casal.
O recém-nado é um fanal;
é um celeste beneficio!...

Elle, ao teu ninho de amores,
da primavera entre as flores,
deu assim novo rebento.

Parabens!... Junta o meu hymno
sobre o berço do menino
às bençams do Firmamento!

Avaré — 25 — 12 — 905.

J. J. DE CARVALHO

A **CASA NARDELLI** tem sempre em deposito pianos e harmoniums. Seus serviços são garantidos. Rua Direita, 41.

A casa **Ao Financeiro** continúa a vender pelos preços mais em conta — moveis, louças e tapeçaria. Aconselhamos uma visita á rua **Liberô Badarô**, 99 e 101.

O NATAL.

O Natal, a grande festa domestica da Inglaterra, foi este anno triste — dessa tristeza particular que offerece, por um dia de calma ardente, a praça deserta de uma villa pobre, ou dessa melancolia que infundem umas poucas de cadeiras vasilas em torno de um fogão apagado, numa sala a que se não voltará mais...

O que nos estragou o Natal não foram decerto as preocupações politicas, apesar da sua negrura de borrasca. Nem a rebellião do Transvaal, em que os Boers debutaram por exterminar o 94 de linha, um dos mais experimentados e gloriosos regimentos da Inglaterra e que ameaça ensanguentar toda a Africa do Sul numa guerra de raças; nem a situação da Irlanda, que já não é governada pela Inglaterra, mas pelo comité revolucionario da *Liga Agraria* — seriam inquietações sufficientes para tirar o sabor tradicional ao *plum-pudding* do Natal. As desgraças publicas nunca impedem que os cidadãos jantem com appetite: e miserias da patria, emquanto não são tangiveis e se não apresentam sob a fórma flamejante de obuzes rebentando numa cidade sitiada, não tirarão jámais o somno ao patriota.

Não; o que estragou o Natal foi simplesmente a falta de neve. Um Natal como este que passamos, com um sol de uma pallidez de convalescente, desistindo timidamente sobre uma immensa peça de seda azul desbotada, um Natal sem neve, um Natal sem casacos de pelles, parece tão insipido e tão desconsolado, como seria em Portugal a noite de S. João, noite de fogueiras e descantes, se houvesse no chão tres palmos de neve e cahisse por cima o granizo até de madrugada! Um desapontamento nacional!

Para comprehender bem o encanto da neve deste famoso Natal inglez, basta examinar alguma das pinturas, gravuras ou oleographias, que o têm popularizado.

O assumpto não varia na paizagem repetida: é sempre a mesma entrada dum parque, de apparencia feudal, por vespuras do Natal, antes da meia-noite; o céu pesado de neve suspensa parece uma gaze suja: e a perder de vista tudo está coberto da neve cahida, uma neve branca, fôfa, alta, que faz nos campos um grande silencio. Junto á grade do parque, uma mulher e duas crianças, atafafadas nos seus farrapos, com lampeões na mão, vão cantando as lóas; e ao fundo, entre as ramagens despidas, ergue-se o massiço castello, com as janellas flamejando, abrasadas da grande luz de dentro e da alegria que as habita.

E toda a presia do Natal está justamente nessas janellas resplandecendo na noite nevada.

Felizes aquelles para quem essas portas difficeis se abrem! Logo ao entrar na ante-camara, os tectos, as humberias, os espaldares das cadeiras, os trophéos de caça, apparecem adornados das verduras do Natal, das ramagens sagradas do carvalho celtico; e pelas paredes, em letras douradas, ondeiam os disticos tradicionaes — *Merry Christmas! Merry Christmas! Alegre Natal! Alegre Natal!* E o mesmo grito se repete nos *shakohands* que se dão ao hospede.

Sob a chaminé estala e dança a grande fogueira do Natal: a sua luz rica faz parecer de ouro os cabellos louros, e de prata, as barbas brancas.

Tudo está enfeitado como numa paschoa sagrada: dos retratos dos avós pendem ramos de flôres de inverno, as flôres da neve, e todas as pratas da casa scintillam sobre os aparadores, numa solennidade patriarchal. Dos grandes lustres balança-se o ramo symbolico do *mistletoe*, o ramo do amor domestico: e ai das senhoras que um momento surprender tem direito a beijal-as num grande abraço! Tambem, que voltas sabias, que estrategia complicada, para evitar o ramo fatidico! Mas, pobres anjos! ou se enganam ou se assustam, e a cada momento é sob o *mistletoe* um grito, um beijo, dous braços que prendem uma cinta fugitiva...

E o piano não se cala nestas noites! E' alguma velha canção ingleza, em que se fala de torneios e cavalleiros, ou uma dança da Escocchia, que se baila, com o gentil ceremonial do passado.

Loja do Japão

GARCIA, NOGUEIRA & C.ª

AGENTES DO BANCO DO MINHO

Sacam sobre Portugal, Hespanha, Italia, França, Inglaterra, etc.

Vendem dinheiro extrangeiro em papel, ouro e prata



Especialidade

em

chá, cêra,

rapé,

sementes,

plantas,

bandeiras,

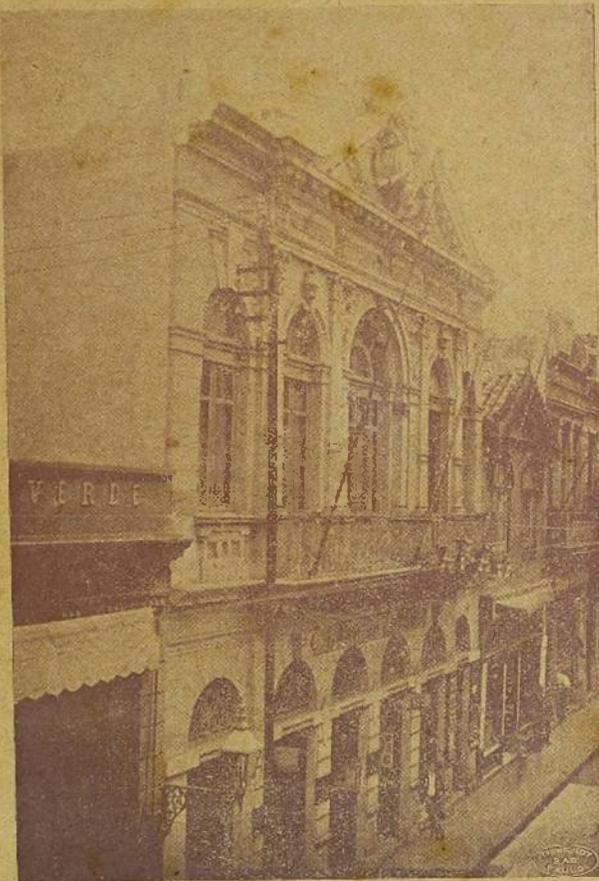
artigos para

Carnaval,

fogos,

lanternas,

etc., etc.



São Depositarios:

Dos phosphoros marca «Violeta»

Da afamada manteiga «Traituba»

Do sabão «Crystal»

Dos afamados charutos de «Fesler & Hoening», da Bahia

Dos deliciosos vinhos: «Barcão», «Porto-Club», «Moscatel Duc» e «D. Carlos»

—o—

Rua de S. Bento, 42 © SÃO PAULO

E por corredores e salas, as crianças, os bóbés, com os cabellos ao vento, vestidos do branco e côr de rosa, correm, cantam, riem, vão a cada momento espreitar os ponteiros do relógio monumental, porque á meia-noite chega Santo Claus, o veneravel Santo Claus que tem tres mil annos de idade e um coração de pomba, e que já a essa hora vem caminhando pela neve da estrada, rindo com os seus velhos botões, apoiado ao seu cajado, e com os alforges cheios de bonecos. Amavel Santo Claus! por um tempo tão frio, naquella idade, deixar a cabana de algodão que elle habita no paiz da Lenda, e vir por sobre ondas do mar e ramagens de florestas trazer aos bóbés o seu Natal!

Tambem, como elles o adoram, o bom Claus! E apenas elle chegar, como correrão todos, em triumpho, a puxal-o para o pé do lume, a esfregar-lhe as decrepitas mãos regeladas, e offercer-lhe uma taça de prata cheia de hydromel quente — que elle bebe dum trago, o glutão! Depois abrem-se-lhe os alforges. Quantas maravilhas!...

Mas destes personagens que apparecem pelas consoadas, o meu predilecto é *Father Christmas* — o *papá Natal*.

Esse, porém, só pôde ser admirado em toda a sua gloria, quando se abre a sala da ceia: então lá está sobre o seu pedestal, ao centro da mesa — que lhe põe em torno, com os crystaes e os pratos, um amavel brilho de aureola cascira. Bem vindo, papá Natal! Bóas noites, papá Natal!

O respeitavel ancião, com o seu capuz até aos olhos, todo salpicado de neve, as mãos escondidas nas largas mangas de frade, o olho maganão e jovial, esgarça a bocca num riso de felicidade sem fim, e as suas enormes barbas de algodão pendem-lhe até aos pés. Todas as crianças o querem abraçar, e elle não se recusa, porque é indulgente.

E quanto mais a ceia se anima, mais o seu patriarchal riso se escancara; as bochechas reluzem-lhe de escarlates, as barbas parecem crescer-lhe, e allí está, bonacheirão e veneravel, com a importancia de um Deus tutelar e amado, como a encarnação sacramental da alegria domestica.

E no emtanto fóra, na neve, as pobres crianças cantam as lóas: e com que vigor as cantam! E' que ellas sabem que não serão esquecidas: e que daqui a pouco a grade se abrirá, e virá um criado, vergando ao peso de toda a sorte de cousas bóas, peças de carne, empadas, vinho, queijos — e mesmo bonecas para os pequenos: porque Santo Claus é um democrata, e, se enche os seus alforges para os ricos, gosta sobretudo de os ver esvaçados no regaço dos pobres.

Tudo isto é encantador. Mas tire-se-lhe a neve, e fica estragado. O Natal com uma lua côr de manteiga a bater numa terra tepida de primavera, torna-se apenas uma data no calendario. O lume não tem poesia intima; não ha lóas; Santo Claus não vem; o papá Natal parece um boneco insipido; não se colhe o *mistletoe*. Não ha mesmo a alegria de abrir a janella, e pôr no rebordo, dentro duma malga, a ceia de migalhas do Natal para os pardaes e para os outros passarinhos, que tanta fome soffrem pelas Neves. Emfim não ha Natal! Foi o que succedeu este anno...

Resta a consolação de que os pobres tiveram menos frio. E isto é o essencial; pensando bem, se nas cabanas houve mais algum conforto, e se se não tiritou toda a noite entre quatro farrapos, é perfeitamente indifferente que nos castellos as damas bocejassem.

Nem eu sei realmente como a ceia faustosa possa saber bem, como o lume do salão chegue a aquecer: quando se considere que lá fóra ha quem regele, e quem rilhe, a um canto triste, uma codea de dous dias. E' justamente nestas horas de festa intima, quando pára por um momento o furioso galope do nosso egoismo — que a alma se abre a sentimentos meliores de fraternidade e de sympathia universal, e que a consciencia da miseria em que se debatem tantos milhares de creaturas volta com uma amargura maior. Basta então ver uma pobre criança, pasmada deante da *vitrine* de uma loja, e com os olhos em lagrimas para uma boneca de pataco, que ella nunca poderá apertar nos seus miseraveis braços — para que se chegue á facil conclusão que isto é um mundo aóminavel. Deste

COMPANHIA DE SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES

"Alliança da Bahia"

FUNDADA NO ANNO DE 1870

Capital 2.000:000*000
Deposito no Thesouro Federal 200:000*000

Agente para o Estado de S. Paulc

João Ignacio Pereira Lima

Escritorio: RUA DE S. BENTO, N. 42 (Sobrado)

End. Teleg.: LIMA — Caixa do correio N. 246



Cidade de Xiririca

Fabrica a Vapor e Tracção Electrica

— DE —

Licores, Vinagres, Gazosas, Biscoutos, Doces, Sabão e Sabonetes

Importação de artigos para a fabricação de
Cerveja, Licores, Aguas Mineraes, etc.

IMPORTADORES E INDUSTRIAES

Reichert Irmãos

Rua dos Italianos, N. 26 S. PAULO (Bom Retiro)

Casa a varejo: Praça Antonio Prado, N. 11 - Telephone, 591

End. Teleg. REICHERT SAO PAULO Caixa Correo, 119

Filial em CAMPINAS: Rua 13 de Maio, N. 126

“A CAMPONEZA”

— DE

P. BRAGA

Commissario e Consignatario

Unico depositario das manteigas «**CAMPONEZA**»,
«**BRASIBEIRA**» e «**TRAITUBA**» (sem sal)

RUA DA BOA VISTA, N. 11

Caixa Postal, 186 ◉ S. PAULO ◉ Telephone N. 72

“A CAMPONEZA”
UNICO DEPOSITARIO
DAS MANTEIGAS CAMPONEZA BRASIBEIRA
E TRAITUBA (SEM SAL)
P. BRAGA
COMMISSARIO E CONSIGNATARIO
DE
GENEROS NACIONAES E ESTRANGEIROS

ENDEREÇO TELEGRAPHICO
RGRRB

RUA DA BOA VISTA N. 11
CORREIO CAIXA 186 TELEPHONE 72
S. PAULO

TEM SEMPRE EM DEPOSITO AS MELHORES

— AGUAS MINERAES —

Massa de tomate, Goiabada,

matte dos mais acreditados productores, bem como
manteigas frescas e salgadas

dos mais conhecidos fabricantes de Minas Geraes

sentimento, nascem algumas caridades de Natal; mas, findas as consoadas, o egoismo parte a desfilada, ninguém torna a pensar mais nos pobres, a não ser alguns revolucionarios endurecidos, dignos do carcere — e a miseria continúa a gerar ao seu canto!

Os philosophos affirmam que isto ha-de ser sempre assim: o mais nobre de entre elles, Jesus, cujo nascimento estamos exactamente celebrando, ameaçou-nos, numa palavra immortal, *que teriamos sempre pobres entre nós*. Tem-se procurado com revoluções successivas fazer falhar esta sinistra prophécia — mas as revoluções passam e os pobres ficam.

Neste momento, por exemplo, na Irlanda, os trabalhadores, ou antes os servos do ducado de Leicester estão morrendo de fome, e o duque de Leicester está retirando annualmente, do trabalho duro que elles fazem, *quatrocentos contos de reis de renda!* E' verdade que a Irlanda está em revolta; é verdade que, se o duque de Leicester se arriscasse a visitar o seu ducado de Irlanda, receberia, sem tardar, quatro lindas balas no craneo.

E o resultado? Daqui a vinte annos, os trabalhadores de Leicester estarão de novo a soffrer a fome e o frio — e o filho do duque de Leicester, duque elle mesmo então, voltará a arrecadar os seus quatrocentos contos por anno.

Não é possível mudar. O esforço humano consegue, quando muito, converter um proletariado faminto numa burguezia farta; mas surge logo das entranhas da sociedade um proletariado peor. Jesus tinha razão: haverá sempre pobres entre nós. Donde se prova que esta humanidade é o maior erro que jámais Deus commetteu.

Aqui estamos sobre este globo ha doze mil annos a girar fastidiosamente em torno do sol, e sem adeantar um metro na famosa *estrada do progresso e da perfectibilidade*: porque só algum ingenuo de provincia é que ainda considera *progresso* a invenção ociosa desses bonecos pueris que se chamam machinas, engenhos, locomotivas, etc., e essas presas laboriosas e diffusas que se denominam *systemas sociaes*.

Nos dous ou tres primeiros mil annos de existencia trepámos a uma certa altura de civilisação; mas depois temos vindo rolando para baixo, numa cambalhota secular.

O typo secular e domestico de uma aldeia Arya do Hymalazia, tal como uma vetusta tradição o tem trazido até nós, é infinitivamente mais perfeito que o nosso organismo domestico e social. Já não falo de gregos e romanos: ninguém hoje tem bastante genio para compôr um côro d'Eschylo ou uma pagina de Virgilio; como esculptura e architectura, somos grotescos; nenhum millionario é capaz de jantar como Lucullus; agitavam-se em Athenas ou em Roma mais ideias superiores num só dia do que nós inventamos num século; os nossos exercitos fazem rir, comparados ás legiões de Germanicus; não ha nada equiparavel á administração romana; o *boulevard* é uma viella suja ao lado da Via Appia; nem uma Aspasia temos; nunca ninguém tornou a falar como Demosthenes: — e o servo, o escravo, essa miseria da antiguidade, não era mais desgraçado que o proletario moderno.

De facto, pôde-se dizer que o homem nem sequer é superior ao seu veneravel pae — o macaco: excepto em duas cousas temerosas — o soffrimento moral e o soffrimento social.

Deus tem só uma medida a tomar com esta humanidade inutil: afogal-a num diluvio. Mas afogal-a toda, sem repetir a fatal indulgencia que o levou a poupar Noé; se não fosse o egoismo senil desse patriarcha borracho, que queria continuar a viver, para continuar a beber, nós hoje gosariamos a felicidade ineffavel de *não sermos*...

EÇA DE QUEIROZ

O HOTEL DE FRANÇA. — Depois que passou pelas ultimas reformas, ficou sendo, incontestavelmente, o primeiro de S. Paulo.

OTTO NEMITZ. — Importações e commissões, rua Aurora, 33,B

INGLATERRA



EDUARDO VII



RAINHA ALEXANDRA

"The Royal Mail Steam



Packet Company"



Em todas as companhias de navegação é a MALA REAL INGLEZA a que maiores vantagens offerece aos passageiros, na travessia da Europa á America, e vice-versa.

O *Araguaya*, o *Amazon*, o *Aragon*, o *Nile*, o *Danube*, o *Clyde*, o *Thames*, o *Magdalena* e os outros excellentes transatlanticos que constituem a frota da MALA REAL INGLEZA são os vapores que, pela celeridade e pelo conforto e segurança, melhor correspondem ás necessidades da travessia aos portos a que se destinam. Dahi a preferencia que dão á MALA REAL INGLEZA a maioria dos passageiros, não só do Brasil, como do Rio da Prata, sendo de notar que, além de tudo, essa companhia de navegação se impõe pela rigorosa regularidade do seu serviço.

A comprovada importancia commercial e maritima da Inglaterra é devida, principalmente, á fecunda e progressista iniciativa particular, apoiada e secundada pelos poderes publicos.

Um exemplo eloquente do quanto é capaz essa iniciativa, temol-o, entre outros, na ROYAL MAIL CO.

Fundada por Janes Macqueen, o governo inglez, por decreto de 1839, assegurou-lhe o auxilio annual de £ 240.000 pelo serviço postal e ao mesmo tempo para desenvolver as relações e os interesses commerciaes da Inglaterra com as Indias Occidentaes.

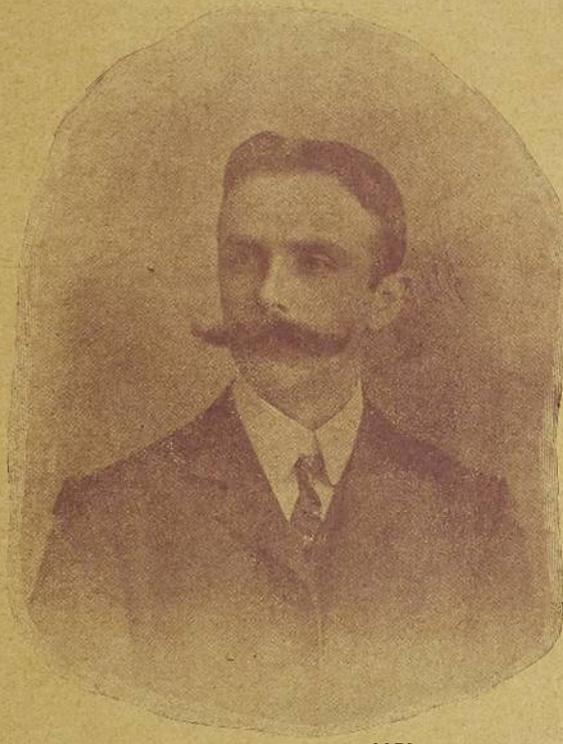
Não tardou, assim, a empresa a assumir grandes proporções e desde logo foram construidos para o seu serviço quatorze vapores, iniciando o *Thames*, em 1842, uma carreira quinzenal de Falmouth a Southampton, séde da companhia.

Em 1849, o governo inglez renovou o auxilio, com a obrigação, para a MALA REAL, de estender a navegação até Colón (Panamá) e estabelecer uma carrei-

ra para o Brasil e para o Rio da Prata, a qual foi inaugurada em 1851.

A MALA REAL auxiliou pecuniariamente a ferrovia do Panamá, que se extende por 47 milhas e tem prestado, desde sua inauguração, em 1855, grandes serviços ao publico.

Em 1868, a MALA REAL inaugurou uma de suas linhas mais importantes até



CHARLES WILLIAM MILLER
Representante em S. Paulo da Malá Real Ingleza

Colón e no anno seguinte iniciou a navegação para Buenos-Aires, a qual deu tão bons resultados, que a companhia resolveu manter para a Republica Argentina viagens quinzenaes.

A MALA REAL possui actualmente um effectivo de QUARENTA e UM vapores para o transporte transatlantico de passageiros. Entre elles, contam-se varios de primeira ordem, como o *Araguaya*, o *Amazon*, o *Aragon*, o *Nile*, o *Danube*, etc., com capacidade, cada um, de dez mil toneladas.

O conselho-director da companhia está assim constituído :

Presidente : — Owen Philipps,
M. P.

Right-Hon. Sir James Fergusson
Bart. M. P., G. C. S. I.

Spencer Henry Curtis
James Head

Capt. John Henry Jellicol
William C. Kenny

Arthur Neville Lubbock

Edward Norton

Sir Joseph Savory

Bart.

Alfred. S. Williams
Gerente

R. L. Forbes

Secretario

A MALA REAL INGLEZA offerece grandes vantagens aos passageiros de Santos a Cherbourg e Southampton, e, mantendo escalas pelo Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Teneriffe, Lisboa, Leixões e Vigo, a travessia, longe de monotona, torna-se agradabilissima a todos os viajantes.

A bordo de todos os vapores a alimentação é sadia, abundante e variada.

Quanto ao conforto e á segurança de que gosam os passageiros, são proclamados por todos quantos têm viajado nos navios da MALA REAL INGLEZA, que é incontestavelmente a companhia de navegação mais importante das que fazem a travessia da Europa para a America do Sul.

A commodidade e o bom tratamento extendem-se tambem aos passageiros de terceira classe.

Da MALA REAL INGLEZA é representante em São Paulo o sr. Charles William Miller, que a uma seriedade a toda prova allia esmerada educação, revelada pelo fino trato que a todos dispensa, já particularmente, já gerindo o escriptorio da companhia, á rua de São Bento, 38.

A MALA REAL INGLEZA, além da agencia desta capital, mantém uma em Santos, a cargo do sr. George W. Ennor, com escriptorio á rua de Sto. Antonio, 48.

The Royal Mail Steam Packet Company



Edifício da agencia da *Mala Real Inglesa* em S. Paulo

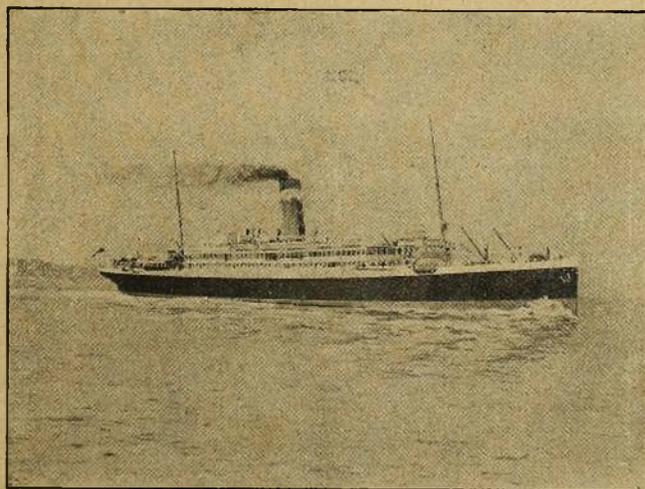
RUA DE S. BENTO, N. 38

Ninguém desampara seu posto sem ordem do commandante; o posto do homem é a vida.

The Royal Mail Steam Packet Company



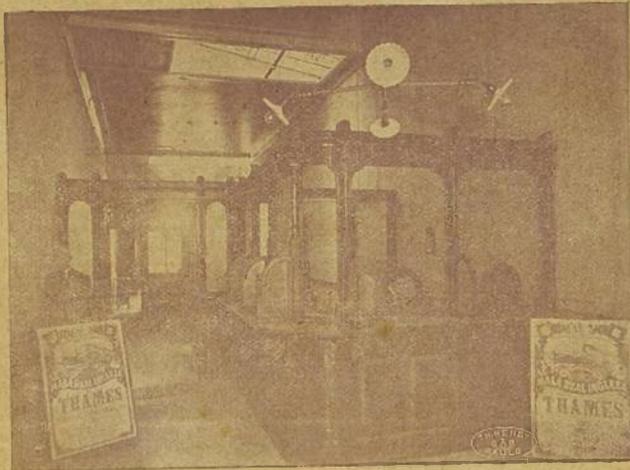
Uma visita ao navio „ARAGUAYA“



O „ARAGUAYA“ EM VIAGEM

Uma visita ao navio «Araguaya», da «Mala Real Ingleza»

NOTAVEL desenvolvimento das viagens ao estrangeiro, nestes ultimos annos, revolucionou completamente o typo dos vapores empregados nas principaes carreiras de navegação transoceanica e por isso as respectivas companhias se têm dado pressa em melhorar cada vez mais os seus navios, no sentido destes corresponderem ás necessidades do publico.



Escritorio da agencia em S. Paulo

As companhias que mais facilmente acompanham o progresso necessariamente conseguem o maior successo e maiores vantagens; uma visita ao navio *Araguaya*, o ultimo vapor adicionado á excellente frota da MALA REAL INGLEZA, basta para provar que essa importante companhia continúa a occupar o primeiro logar, não só na navegação para a America do Sul, como tambem nas outras diversas carreiras mantidas por ella.

Em tonelagem, em equipagem e na adopção das mais modernas invenções relativas ao conforto dos passageiros e á sua segurança na travessia, o *Araguaya* poderá ser considerado um verdadeiro modelo, a ultima palavra de construcção naval.

Tem as seguintes dimensões:

Comprimento, 535 pés; largura, 61,3 pés; altura 34 pés; e uma capacidade de 10.537 toneladas.

Seu lançamento ao mar

O *Araguaya* foi lançado ao mar em condições que lhe auguram feliz, prospera e util carreira, tendo-se realisado a cerimonia a 6 de junho de 1906, baptisado com aquelle nome pela Condessa de Aberdeen e estando presentes o Lord governador da Irlanda, o Conde de Aberdeen e illustres convidados, que tiveram então o ensejo de admirar as extraordinarias dimensões e o sumptuoso aspecto do vapor, a ponto de cumprimentar calorosamente os seus constructores, Workman, Clark & Co., com estalciros em Belfast.

É nosso intuito dar aos leitores, em pallida descripção, uma idéa do magnifico vapor da MALA REAL INGLEZA, o que vamos tentar nas seguintes linhas.

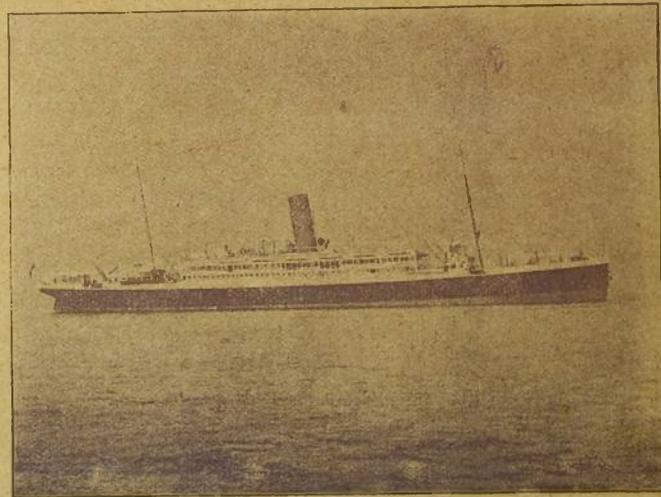
A ante-camara

Preso á ancora, ou ao longo do caes, o *Araguaya* dá ao visitante a impressão de que elle mesmo parece orgulhoso de sua belleza. Suas linhas geraes, seu aspecto gracioso, seu grande comprimento e notaveis proporções falam eloquentemente do perfeito acabamento do excellente vapor e do progresso que attingiu a architectura naval.

Atravessando-se o passadiço e entrando-se na ante-camara, nota-se desde logo que, na construcção deste como de outros salões principaes de recepção, o maior objectivo dos constructores e dos directores da companhia foi total-mente, não só de belleza e elegancia, mas tambem de luz abundante, espaço e ventilação. A propria ante-camara ou *hall* de entrada é espaçosa, confortável e de alegre aspecto, tendo sido a mais esmerada possivel a sua construcção. Notam-se ahí finas decorações em carvalho, em branco e ouro, e nas paredes diversos paineis esculpidos, verdes e brancos, cercados de grinaldas de carvalho e myrto. O tecto é sustentado por varias columnas de carvalho primorosamente trabalhadas e enriquecidas de paineis delicadamente modelados e decorados em relevo de ouro.

À direita do *hall*, fica o escritorio do commissario: gabinete confortavel, fechado por uma grade de ferro ricamente trabalhada, e, do outro lado, o escritorio de informações igualmente gradeado. Estas repartições da vida activa do navio não podiam estar em logar mais apropriado, nem em posição mais vantajosa, pois são facilmente accessiveis de todas as partes do vapor.

Do *hall* de entrada descortina-se encantador panorama por entre as lindas columnas dos salões.



O *Araguaya* -- 10.537 toneladas

O salão de jantar

Descendo-se a ampla escada de carvalho esculpida, caprichosamente ornada de palmas e flôres, chega-se ao salão de jantar, que em tamanho e luxo é um dos mais sumptuosos do navio.

Extende-se de lado a lado do vapor e, não só pelas dimensões, como pelo aspecto geral da decoração e guarnições, é um verdadeiro salão de palácio nobre. As delicadas esculpturas que formam a principal ornamentação destacam-se logo á primeira vista, ao passo que a tonalidade das côres põe em relevo as figuras decorativas, trabalhadas com requintado gosto artístico em carvalho e em ouro, no estylo de Chris-

topher Wren, dos mais modernos, estabelecem ampla ventilação, mesmo nos dias de maior calor.

As mesas compridas, para refeições, foram relegadas para os muscus: o *Araguaya*, vapor modernissimo e ultimo modelo de construção naval, substituiu-as por mesas pequenas e elegantes, para quatro ou seis pessoas, — melhoramento havia muito reclamado pelos passageiros.

A galeria de musica

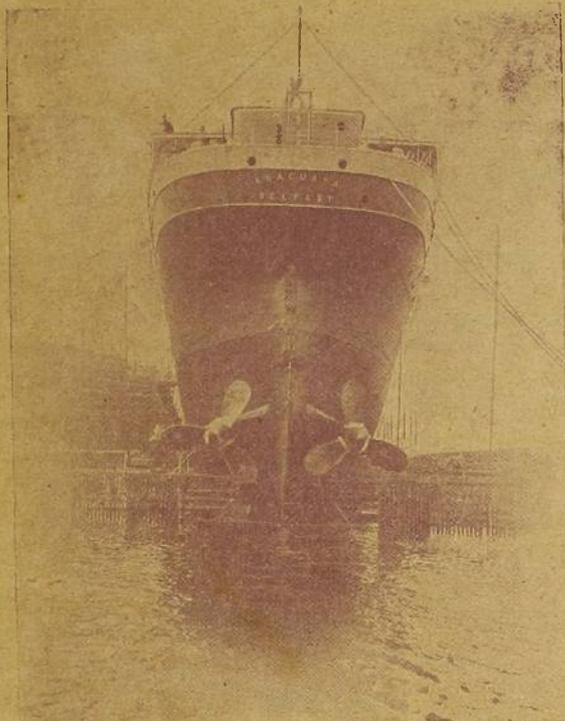
Sahindo-se do salão de jantar, entra-se num magnifico zimbório, com columnas abertas no convez, formando por tres lados uma artistica saccada. Um desses lados é destinado á galeria de musica: da entrada se admiram, nos tres arcos oppostos, tres lindos panoramas do Rio de Janeiro, com o morro da Gloria e o Pão de Assucar. São delicados estudos, com colorido proprio, que reproduzem sem exaggero a belleza incomparavel da bahia de Guanabara.

O zimbório

O zimbório estende-se por todo o convez e em seguida chega-se ao salão para familias. Ahi se notam janellas ovaes, envidraçadas com *petits-carreaux*, no estylo francez de Luiz XIV. As decorações em estuque são admiraveis, consistindo em grinaldas de flôres e fructos primorosamente executados, volutas com cabeças de cherubins e outros desenhos, formando um conjunto artistico de grande effeito. A ventilação e a illuminação são completas.

A cobertura é de vidro sobre gradil de ferro batido e assemelha-se a um transparente, pelo qual filtra uma luz suave e agradável.

A escada continúa do *hall* de entrada até ao salão para



A pôpa do *Araguaya*

topher Wren, que procurou para assumpto desses quadros diversas paizagens e castellos inglezes. Na verdade, deante da delicadeza desses trabalhos e do seu deslumbrante effeito, acodem aos labios do visitante as palavras daquelle artista: *Si monumentum requiris, circumspice*, porque o *Araguaya* é, sem duvida alguma, um monumento permanente de genio constructor e de belleza artistica. Resumindo, podemos acrescentar que, nos detalhes, os trabalhos de pintura e esculptura tiveram por base os desenhos de Grinling Gibbons, nos palacios de Hampton Court e Kensington, e são genuinos modelos de tudo quanto ha de casto e delicado na arte.

Sobre as *vigias* os docéis têm por supporte delicados *brackets* em fôrma de cabeças de anjos, e, quanto ao *aparador*, attraí desde logo a atenção, por suas finas esculpturas. Os docéis são encortinados e as paredes estão inteiramente revestidas dos mais ricos painéis de seda lavrada, executados em côres que condizem com a harmonia de toda a decoração.

O soalho, em mosaico de madeira, é coberto de grosso tapete, emquanto do tecto, modelado em branco e ouro, pendem innumerous lustres de crystal, com myriades de lampadas que fazem realçar ainda mais o effeito surprehendente da decoração.

Ao fundo do salão, — *vigias* abrindo para o mar, em-



O escriptorio do commissario — *Hall* de entrada

familias e de musica, terminando por dous postes artisticamente trabalhados, sobre os quaes dous cupidos de bronze verde sustentam lustres.

O salão para familias

O salão para familias é inquestionavelmente mais bello do que o de qualquer outro navio e é difficil dar delle uma idéa em rapida descripção.

Em seu conjuncto, é a ultima palavra em arte e o seu effeito geral é realçado pela altura do tecto, encimado por uma bella claraboia de estuque, rematada em um zimborio oval de ferro fundido e vidros de côres.

O estylo de toda a decoração é tambem do tempo de Luiz XIV e corresponde ao estylo inglez da mesma época, já descripto e representado no salão de jantar.

Os paineis da parede são de carvalho, desenhados com extraordinaria delicadeza de linhas e de colorido, e tendo arcos por cima de cada par de *vigias*, nas quaes estão artisticamente dispostos paineis de vidro colorido. Innumeros lustres de lampadas electricas realçam a belleza do salão.

Arcos de cada lado formam como que esconderijos confortaveis para secretárias, onde o passageiro tem a mão tudo quanto necessite para sua correspondencia.

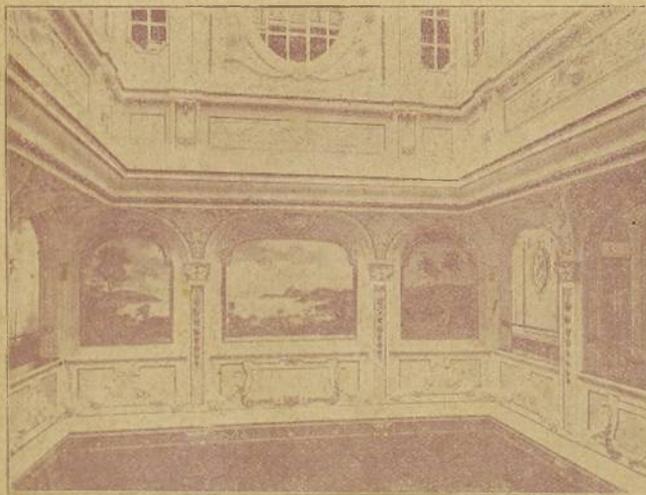
No salão existe um grande piano de *Broudwood*; no lado opposto, uma grande estante de livros, com escolhida e variada collecção de obras modernas, em diversas linguas.

De cada lado, mais cantos confortaveis, com cadeiras de braços, de mogno, estofadas de fino tecido, de harmonia com a decoração geral do salão.

O soalho é de mosaico de madeira, de um desenho unico, e ricamente atapetado.

O tecto, abobadado, tem artistica ornamentação de guirlandas de flôres: sustentam-no pilares de carvalho finamente decorados. Nos cantos, vêem-se escudos, com o monogramma *R. M. S. P.*, iniciaes da *Royal Mail Steam Packet Company*.

Os desenhos, em aberturas ovas no tecto, representam pequenos anjos nas nuvens, com instrumentos de musica, á



Interior do zimborio

semelhança dos *Amorini* de Correggio no zimborio da igreja de S. Paulo, em Parma.

Uma ampla claraboia de vidro finamente colorido remata o tecto, sobre uma armação de ferro batido, e por ella a luz do sol atravessa suavemente, realçando o branco, o verde e o ouro das decorações.

Os camarotes de luxo

Os camarotes de luxo no convez da ponte constituem uma das mais notaveis innovações a bordo do *Araguaya* e merecem desde logo a atenção do visitante. Foram construidos e installados com o mesmo cuidado e o mesmo gosto artistico que presidiram ás outras dependencias.



O zimborio

Os quartos de dormir e as saletas, em estylo *Empire*, são armados em ouro e branco, com lindos paineis em brocado de seda: confortaveis cadeiras estão dispostas em baixo das *vigias* e os quartos de dormir são guarnecidos de branco, adornados com relevos de metal proprio deste estylo.

As saletas têm secretárias, mesas de jogo e commodas cadeiras de mogno incrustadas de metal. O soalho é de mosaico de madeira e inteiramente atapetado. Ricas e graciosas cortinas cobrem as *vigias*, que são tambem providas de delicadas grinaldas esculpidas em gesso verde e todo o conjuncto offerece desde logo uma apparencia de elegancia e repouso.

O estylo Luiz XVI é semelhante ao *Empire*; a disposição e a ornamentação são as mesmas, mas o facto que convém accentuar é que em nenhum navio foram ainda installados, como no *Araguaya*, camarotes tão artisticos, tão elegantes e ao mesmo tempo tão confortaveis.

Completam a installação lavatorios e quartos de banho, que mereceram particular atenção dos directores da companhia.

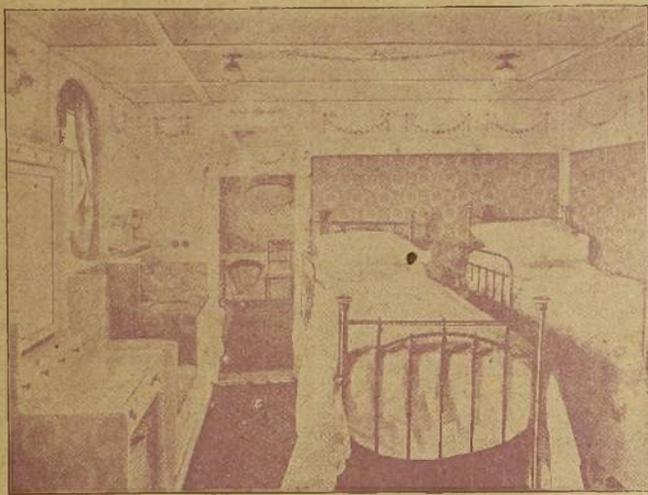
Ha a bordo completa installação de banhos de chuva, bem como de banhos frios e quentes de agua do mar, os quaes são fornecidos em abundancia, e as viagens tropicaes podem ser feitas neste vapor com um conforto acima do que é dado imaginar.

Os camarotes de primeira classe

O *Araguaya* tem accommodações para trezentos passageiros de primeira classe, e a adopção de camarotes systema *tandem* é uma das muitas reformas que denotam os melhoramentos introduzidos no vapor. Por esse systema, cada um

dos camarotes internos no convez de cima, ou convez B, tem uma passagem com abertura para o mar, gosando assim as mesmas vantagens de ventilação e luz dos outros camarotes.

Todo o conjunto é luxuoso, destacando-se um grande numero de espaçosos camarotes de um só leito, e os para casados, os quaes são guarnecidos de bellos leitos de metal, e sem o inconveniente de cama em cima. Entre estes camarotes existem saletas confortavelmente mobiladas.



Camarote de luxo

Cada camarote é dotado de um ventilador electrico, que funciona facilmente, bastando para isso fazer a necessaria ligação.

De espaço a espaço, ao longo dos corredores, de ambos os lados, tanto a bombordo como a estibordo, acham-se torneiras d'agua para beber, sempre abastecidas do precioso liquido filtrado e gelado.

Quanto aos quartos de banho e outras dependencias, basta dizer que foram executados de accôrdo com os melhores modelos, sob todos os pontos de vista.

Convez de passeio

Voltando-se ao salão para familias e passando-se através de um vestibulo com portas duplas, chegamos ao convez de passeio; este, devido á sua grande extensão, presta-se tambem a jogos e outros passatempos, havendo a bordo abundante material para os diversos sports, com os quaes se divertem não só moços, como tambem velhos.

O Gymnasio de bordo é tambem uma parte digna de nota, porque ahi não faltam apetrechos para os *habitués* dos jogos athleticos, os quaes poderão dessa fórma conservar-se sempre em *training*.

O primeiro salão de fumar

Na extremidade deste convez, acha-se o primeiro salão de fumar, que é uma luxuosa dependencia em estylo Luiz XIV, com decorações em carvalho e ouro, devendo-se salientar que o mesmo occupa dous convezes, para satisfação de todos os passageiros que o frequentam. A parte especialmente de-

dicada neste salão aos adoradores da deusa Nicotina é ampla e tambem luxuosamente guarnecida.

Numa parte do tecto abre-se uma claraboia de vidros coloridos, sustentada por figuras de massa.

Painéis de madeira pintados, com os travessões incrustados em rica moldura dourada, accentuam a belleza interna do salão.

Os painéis da parede são de carvalho embutido, com florões e medallhões dourados, enquanto que as *vigias*, além de terem as usuaes gelosias corrediças, são dotadas de caixilhos com vidros decorados á mão, num estylo que faz *pendant* com a installação geral.

O fogão de marmore *Campan Mellange* fica ao fundo do salão; funciona á electricidade e, nos dias frios, conserva o ambiente em agradável temperatura, para goso dos passageiros que, habituados em clima tropical, extranham o frio europeu.

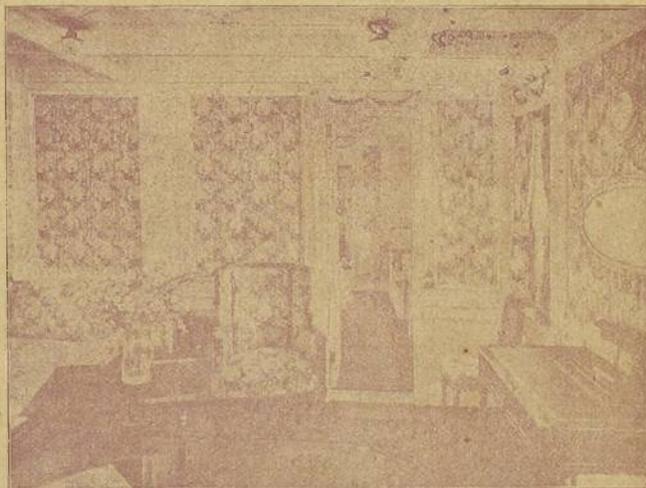
A sala de jogo

Uma escada conduz ao pavimento superior, onde está installada, em fórma semi-circular, a sala destinada ao jogo.

O corrimão termina ahi em postes, com figuras de bronze supportando lustres electricos e rematando assim, de fórma elegante, a luxuosa escada.

O tecto da parte inferior da construcção é de massa, com molduras douradas, sendo os painéis em estylo semelhante ao dos outros já descriptos.

Um grande *gobelin*, pelo artista milenez Telemaco Targola, chama desde logo a attenção dos que sobem a escada, enquanto outro, menor, pintado pelo mesmo artista, guarnece a parede, acima do fogão. Columns de carvalho estriadas e



Sala de espera de um camarote de luxo

com capiteis dourados supportam o tecto, tanto no salão de fumar, como na sala de jogo.

Quanto á mobilia, escusado é dizer que nada deixa a desejar, já em relação á elegancia, já ao conforto.

Canapés fixos, de couro verde, estão collocados á volta da sala de fumar, enquanto que diversas mesas de carvalho estão dispostas de fórma a serem facilmente utilizadas pelos passageiros.

Na sala de jogo, nota-se a mesma disposição e ahi, na parte da frente, abrem-se pequenas janellas, das quaes se desfructam as mais lindas perspectivas do navio, através do convez.

Duas portas dão sahida para o convez de passeio e para a parte onde estão os botes. Ahi se acham pequenas varandas abrigadas e guarnecidas de mesas e bancos confortaveis, para uso dos passageiros.

O salão das crianças

É digno de referencia especial o salão do *Araguaya* destinado aos folguedos dos meninos e ás crianças de peito.

O salão é decorado de branco e ouro e é facilmente accessivel aos paes, pois fica a dous passos da galeria de musica e do salão das familias.

A dependencia reservada ás crianças de peito é um verdadeiro *bijou*, um gracioso salão em miniatura, tendo nas paredes lindos desenhos de assumpto infantil e humoristicos, próprios ao gosto dos pequeninos seres a que é principalmente reservado. São delicadas pinturas sobre themas ora graves, ora alegres, mas sempre moraes, e, não obstante as côres explicarem a sua signiificação, alguns desses desenhos são acompanhados de dizeres em inglez e hespanhol.

Duas das melhores pinturas são a *Janella quebrada* e *El navegante*: esta representa um navegante fazendo sua primeira viagem em uma tina, que elle impelle com evidente esforço por meio de uma... pa.

Outras dependencias do navio

Merecem menção outras dependencias do navio, como



Vista geral do salão de 1.ª classe para familias

sejam: — o consultorio medico e o dispensario; o pequeno mas bem installado salão de barbeiro; a camara escura do photographo, etc.

A segunda classe

Continuando a visitar rapidamente o *Araguaya*, chegamos ao salão de passageiros de segunda classe, com capacidade para accomodar á vontade uma centena de pessoas.

Fica situado á ré do convez de passeio e do das baleeiras e, do primeiro salão de fumar.

O *hall* de entrada não é tão bem ornado como o já descripto, mas vai ter a uma larga e luxuosa escada. De um dos lados de entrada, fica o salão de fumar, e do outro, o de musica. Aquelle está installado com o maior conforto possivel e extraordinario luxo, e este, decorado a branco e ouro, está guarnecido de commodas cadeiras que convidam



Outra vista do salão de 1.ª classe para familias

ao descanso e de graciosas janellas, muito frequentadas pelos passageiros.

Ha ahi um excellente piano, menor do que o *Broadwood* a que já nos referimos, mas tão bom como esse em qualidade.

Vê-se bem que esta classe de passageiros mereceu cuidados particulares da companhia, sendo dotada do necessario espaço e conforto.

O magnifico salão de jantar está perfeitamente installado e, quanto á ventilação e á facilidade de accesso, e demais particularidades só merecem elogios.

Os camarotes são dispostos em proporções proprias para accomodar de duas a quatro pessoas, e a mesma cuidadosa disposição se nota nos quartos de banho e em outras dependencias analogas ás da primeira classe.

A terceira classe

A terceira classe de passageiros fica installada na parte principal e mais baixa do convez da prôa; camarotes apropriados para duas ou quatro pessoas estão collocados na coberta principal e os apetrechos para dormir e comer são excellentes. Os passageiros gosam de conforto e para seu uso ha ahi mesas portateis e assentos.

A terceira classe é dotada egualmente de salas de banho e lavatorios.

A alimentação é abundante e sadia.

Algumas notas avulsas

Já nos referimos, de passagem, á ventilação do *Araguaya*, a qual, porém, merece que nos occupemos della mais demoradamente.

Por um engenhoso systema, as correntes de ar purissimo se renovam regularmente em todo o navio, sendo mantida a atmospheria por meio de vinte e dous grandes ventiladores, movidos electricamente, enquanto outro remove quaesquer impurezas do ar.

Depois de outro convez, está installada uma lavanderia do mais moderno typo, na qual as roupas brancas são cuidadosamente lavadas e engommadas; escusado encarecer a



Convez de passaeio

necessidade de um serviço como esse, tão importante sob o ponto de vista hygienico.

Outra dependencia do navio — o hospital, cuidadosamente montado e que sem exaggero pôde ser comparado ao melhor que possa haver em um navio de guerra.

A cozinha e a dispensa para os passageiros de primeira classe são as mais completas e todo o serviço é ahi superintendido pessoalmente por um *chefe*. As operações commumente feitas á mão o são ahi, quasi todas, com o auxilio da electricidade, quaes, entre outras, a lavagem dos pratos e o descascamento das batatas.

O chefe dos fogões tem sob suas ordens um verdadeiro exercito de ajudantes e subordinados, todos peritos e disciplinados e cada um dos quaes com sua especialidade.

A repartição semelhante da segunda classe é igualmente provida e organizada e, por toda parte, vê-se a electricidade empregada para os serviços mais communs.

A electricidade, de resto, tem o seu dominio a bordo e estende-se por toda parte, num maravilhoso systema de campainhas de chamada e de aviso.

Nada menos de vinte e seis relógios de bordo são acertados electricamente todos os dias, a um signal instantaneo da Sala de Navegação, que tem a medida do tempo rigorosamente tomada.

Mas para que sons estridentes não perturbem o conforto dos passageiros, esses signaes são dados através dos tubos hydraulicos de bordo, em numero de dez.

E, com effeito, os passageiros não ouvem a bordo rumor algum que os incommode.

Os camarins dos officiaes

Os officiaes responsaveis pela segurança e pela navegação do *Araguaya* são alojados em commodos á parte e entre elles e os passageiros não ha apenas um abysmo, em sentido figurado, mas um verdadeiro abysmo, representado em uma especie de abertura ao correr do convez da proa, onde está collocada uma escotilha.

Quanto á camara do commandante e a dos principaes officiaes de bordo, occupam uma especie de ilha, na extremidade da qual está collocada a Sala de Navegação.

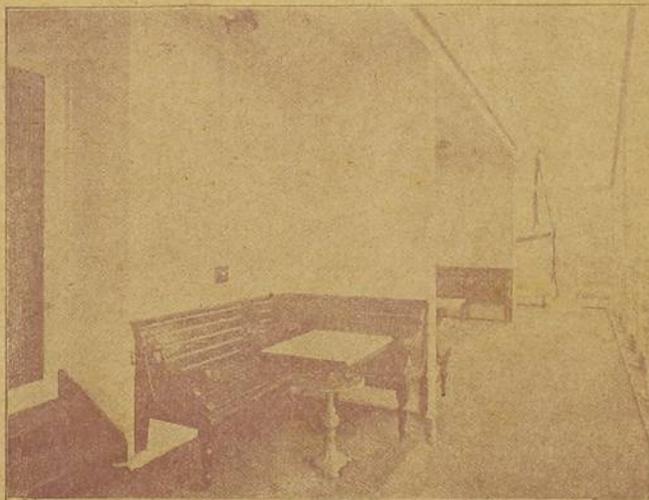
Os engenheiros estão devidamente installados de um lado do convez, perto da entrada da sala das machinas, ao passo que os foguistas occupam compartimentos immediatamente proximos do ponto em que trabalham.

Quanto ao que diz respeito ás outras pessoas da equipagem, — os officiaes inferiores, os marinheiros e os dispenseiros, — têm egualmente commodos apropriados.

O *Araguaya* foi construido pelo systema cellualar de duplo-fundo e, além de cinco enormes porões para carga, tem nada menos de trinta compartimentos estanques, sendo assim o vapor dotado da maior segurança possível.

Com effeito, essas precauções por parte dos constructores, juntamente com a severa disciplina mantida a bordo pelos commandantes de todos os vapores da MALA REAL INGLEZA, tornam o *Araguaya* um navio tão seguro quanto confortavel sob todos os aspectos.

Os dous convezes da frente e o de baixo, entre os convezes e os porões, são isolados e preparados para o transporte de cargas que reclamam acondicionamento em camaras frias.



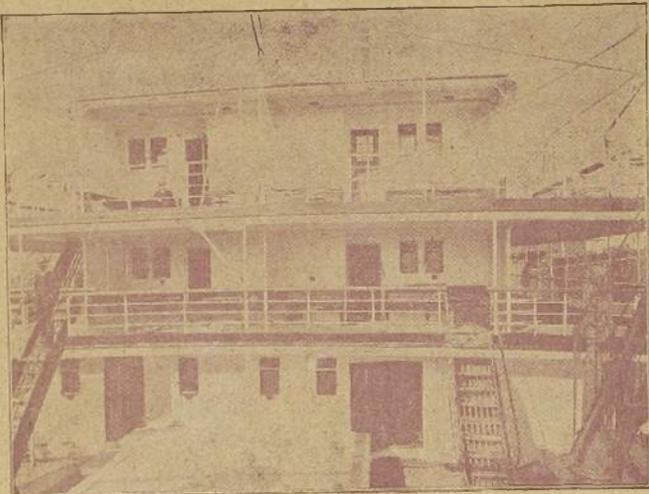
Corredor de fumar

As machinas

Não se pôde em poucas linhas descrever as poderosas e aperfeiçoadas machinas deste excellent vapor, nem esse é o nosso intuito.

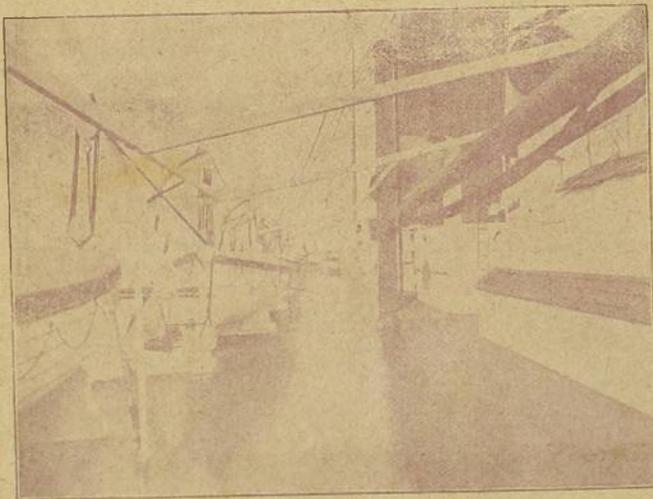
Basta digamos que a força propulsora do navio provém de dous ternos de machinas de expansão quadrupla, com seis grandes caldeiras *extra*, dispondo ao mesmo tempo do necessario complemento de machinas auxiliares.

Se nos aventurarmos por um momento no dominio da technica, poderemos dizer que as machinas principaes do *Araguaya* foram fabricadas especialmente para a travessia continua, a toda carreira, entre os portos da America do Sul e da Europa, e são cuidadosamente montadas, no sentido de reduzirem ao minimo as vibrações.



Vista do passeio da 2.ª classe

As pessoas habituadas á travessia do oceano estão familiarisadas com a vibração incommoda dos vapores movidos por machinas de triplice expansão; os directores da MALA REAL INGLEZA, porém, tiveram o empenho em obter para o *Araguaya* não só as machinas mais aperfeiçoadas sob o ponto de vista economico, como também as menos incommodas



Convez superior de passeio

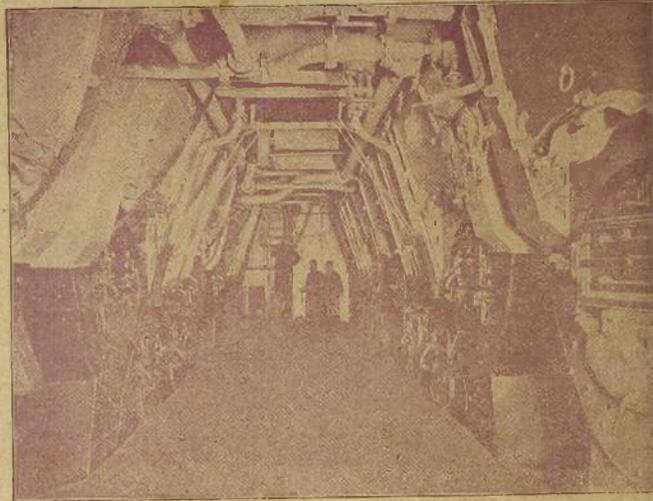
para os passageiros, que são os primeiros a reconhecer e a apreciar essa innovação.

Nada ha, realmente, mais incommodo a quem viaja a bordo do que a incessante vibração que se nota nos navios, mesmo os de primeira ordem, a qual os abala de pópa a prôa.

O mesmo, porém, não se dá no *Araguaya*, pois aquelle inconveniente foi removido, com a adopção das modernas machinas de systema quadruplo.

E assim, no *Araguaya*, o viajante, além do necessario conforto, goza do maior socego.

Resumindo, digamos ainda que tres das caldeiras princ



Sala das machinas

paes são duplas, e as outras tres, singelas, installadas em fórma a trabalharem com 215 libras de pressão acima da atmosphera, pelo systema de ar comprimido de Howden, reunindo, além disso, todos os melhoramentos possiveis, introduzidos pela larga pratica do respectivo constructor.

Entre os mais importantes accessorios do machinismo



Outro corredor de fumar

auxiliar, mencionemos os grandes ventiladores, destinados a supprir de ar as caldeiras, e um elevador e um expulsor fabricante SEE, para a remoção das cinzas.

A installação da sala de machinas é completa sob todos os aspectos, sendo de notar que as bombas auxiliares acham dispostas de tal fórma, que, independente dos mister

communs a que são destinadas, estão sempre promptas a funcionar, em casos imprevistos.

Além dos condensadores principaes, aos quaes estão ligadas grandes bombas do typo centrifugo dos reputados fabricantes Workman, Clark & C., nota-se na sala de machinas um systema separado de condensadores com as necessarias bombas, funcionando conjunctamente com todo o machinismo auxiliar do navio.

As vastas installações de frigorificos, hydraulicas e de illuminação electrica estão collocadas no mesmo andar das machinas acima descriptas, ficando assim sob as vistas do engenheiro de quarto.

Os superintendentes do *Lloyd* fiscalisaram severamente a construcção do navio e o seu machinismo, que estão de accôrdo com as maiores exigencias, não só do *Lloyd*, como tambem do *Board of Trade*.

O *Araguaya* é actualmente o maior navio da frota da MALA REAL INGLEZA e é, tambem, o exemplar mais completo e mais perfeito dos vapores da importante companhia de navegação.

Como acabamos de ver, o *Araguaya* é dotado das accomodações mais luxuosas e confortaveis e reúne em si todas as condições para ser, como de facto é, a creação mais admiravel da moderna architectura e construcção naval.

Mala Real



Ingleza

Proxima sahida para **Montevidéo e Buenos-Aires**

ARAGUAYA

em 1.º de Janeiro



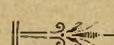
Chama-se a attenção dos senhores passageiros para as esplendidas accomodações nas tres classes

Vendem-se bilhetes de chamada de Lisbôa, Vigo e Buenos-Aires a Santos



Para passagens e mais informações em **SÃO PAULO**

N. 38, RUA DE S. BENTO, N. 38

—  || Caixa do Correio N. 579 ||  —

O segredo da floresta é uma das mais interessantes narrativas que conhecemos. Escripção em estylo leve e despretenhoso, tem o condão de prender a atenção do leitor desde a primeira linha até a última. Vide pag 21.

O sr. D. Carlos é um verdadeiro benemerito da humanidade. Suas *Pilulas de Tanyá* e o *Elixir Morato* têm restituído a saúde a milhares de enfermos, que hoje abençoam o nome do illustre pharmaceutico.

Dr. Fred. S. Lane — Dentista —
Rua Direita, 39 — Telephone 240.

A **Chapelaria Henrique Martins** importa directamente da Inglaterra, França, Allemanha e Italia. Rua 15 de Novembro, 22.

A **Casa Camargo** (Rua Direita, 22) tem sempre grande deposito de artigos para bordar, armarinho e brinquedos.

É mesmo um *Paraiso das crianças* a **CASA GENIN**, a mais antiga nesse genero que existe em S. Paulo. Agora, pelo Natal, os petizes terão alli muito o que escolher em materia de brinquedos, ao alcance de todas as bolsas.

O maior sortimento de brilhantes, joias e relógios se encontra na **CASA NETTER**, á Rua 15 de Novembro, 48.

Os elegantes não deixam nunca de visitar a **Fabrica de Luvas**, do sr. Henry Jeannot, á Rua da Boa Vista, 4, e com casa em Paris, Rue des Petits Ecuries, 51.

É a mais importante de São Paulo.

Os srs. Zacharias & Irmão são proprietarios da melhor fabrica de espelhos e quadros de moldura, á Rua Florencio de Abreu, 2. Vide pag. 27.

Uma das typographias mais antigas e acreditadas de S. Paulo é a dos srs. Espindola & C. Loja e escriptorio: Rua Direita, 10-A.

Manteiga fresca de Minas e artigos coloniaes de Santa Catharina, Paraná, Rio Grande do Sul, — só na **CAMARA FRIGORIFICA**, do sr. Frederico Búker, á Rua do Seminario, 20.

A **CASA FERNANDO** (Rua do Seminario, 11) importa em grande escala ferragens, tintas, louças, armarinho, artigos de phantasia, metaes, etc.

A **Cerveja Rio Claro** não precisa de referencias que a recommendem ao publico; é bastante conhecida e acreditada, tendo largo consumo, não só em São Paulo, como em outros Estados.

O sr. Julio Stern, proprietario da importante fabrica, poz no mercado mais uma marca, — a cerveja preta de *Extracto de Malte*, que se recommenda de preferencia ás senhoras e pessoas convalescentes. A cerveja *Extracto de Malte* vende-se em meias garrafas e é um tonico de primeira ordem.

Devido á amabilidade daquelle industrial, experimentámo-la e por isso recommendamo-la com perfeito conhecimento.

Curso Pratico Intuitivo de Linguas

FUNDADO EM 1904

Directores: **Joseph William Mee e Minna Mee**

Professores com curso de professores na Escola de BERLITZ (Europa)

Classes appropriadas aos empregados do commercio, todas as noites, das 6 ás 10.
Classes especiaes para senhoras e moças.

Condições das Classes Geraes

Uma hora, tres vezes por semana, 25\$ para o primeiro mez e 15\$ para os consecutivos, e o alumno obrigar-se-á a frequentar as aulas durante tres mezes, pelo menos. O discipulo que deixar de frequentar a aula durante dous mezes, ao recommençar estará novamente sujeito aos 25\$000 pelo primeiro mez.

Pagamento sempre ADEANTADO, sem excepção. Mez começado é mez vencido.

Aulas particulares, 3 vezes por semana, á Rua Bocayuva, 20:

1 discipulo só, 60\$000 por mez	3 discipulos 35\$000 por mez cada um
2 " " 40\$000 " cada um	4 " " 25\$000 " "

Aulas em casa dos discipulos — 3 vezes por semana, 100\$000 por mez

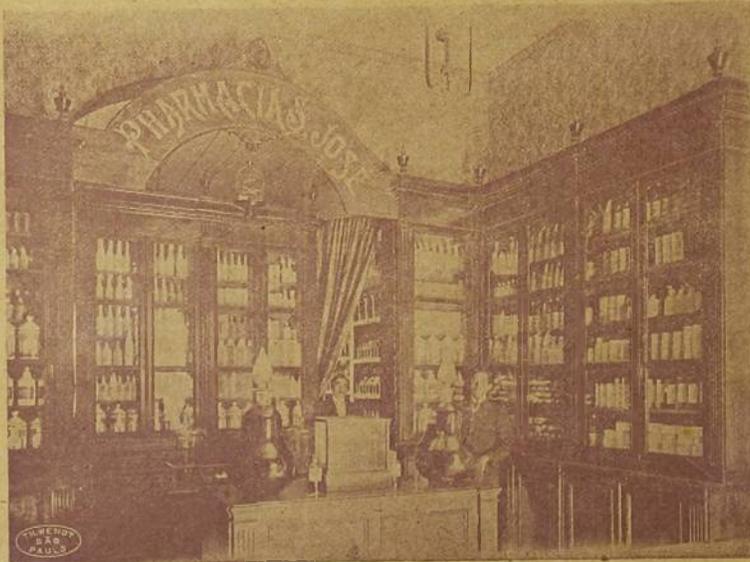
PREPARAM-SE CANDIDATOS PARA EXAMES

RUA BOCAYUVA, N. 20 (sobrado)

Pharmacia S. José DO PHARMACEUTICO EUCLIDES ANDRADE

TELEPH. 63 RUA BARÃO DE JAGUARA, 13 CAMPINA LARGO DO ROSARIO

Este novo e bem montado estabelecimento tem sempre em deposito grande sortimento de drogas e preparados estrangeiros e nacionais, artigos de borracha, irrigadores, sabonetes medicinaes, que venderá a preços, baralissimos.



Atenção do proprietario da casa, esmeram-se sempre em bem servir ao publico.

Serviço nocturno — Preços baratissimos

Typographia Hennies Irmãos

Onde é impresso o « Album Imperial »

Encadernação — Pautação — Primeira fabrica no Brasil de cartões de phantasia em alto relevo — Importação de todos os artigos para typographia e lithographia

A Typographia Hennies Irmãos, que hoje é uma das mais importantes de S. Paulo, funcionando em predio proprio, á rua do Riachuelo, ns. 14 e 16, foi fundada em 1891 em condições modestas, á rua dos Immigrantes, n. 48. Mas ahi permaneceu pouco tempo, transferindo-se para um ponto mais central da cidade, — para a rua da Caixa d'Agua,

n. 1-C. — onde se manteve em crescente prosperidade durante cerca de 14 annos.

A perfeição dos seus trabalhos typographicos, a modicidade nos preços, a seriedade dos seus proprietarios, os irmãos Henrique e Theodoro Hennies, tudo concorreu para fazer do estabelecimento um dos mais prosperos da nossa capital.

Já então o predio da rua da Caixa d'Agua difficilmente accommodava as novas machinas adicionadas á primitiva typographia, o que levou os irmãos Hennies, dando maior expansão ao seu ramo de industria e de commercio, a adquirir os terrenos e casas da rua Riachuelo, ns. 14 e 16, onde mandaram construir um vasto predio especialmente para nelle

funcionarem a typographia, a secção de pautaço e de encadernação, a fabrica de cartões de phantasia em alto relevo (primeira do Brasil), o deposito de papel e artigos diversos para typographia e lithographia, além da loja, para o commercio a varejo dos artigos concernentes á industria.

O cliché reproduzido pelo *Album Imperial* representa a fachada do edificio; este, além de grandes proporções e de estar dividido em secções apropriadas, preenche todas as condições de hygiene.

No pavimento terreo estão installadas a loja, o escriptorio, um deposito de papeis e a sala geral das officinas de impressão, de pautaço e encadernação e da fabrica de cartões de phantasia em alto relevo. Está ahi montado um motor a gaz, da força de seis cavallos, o qual põe em movimento as diversas machinas das officinas: — 4 de impressão, de cylindro, grandes, sendo uma dellas para impressão a duas côres, e 4 machinas *Victoria* (1 n. V, 2 n. II e 1 n. I).

Além destas, possui cerca de 20 machinas accessorias, para diversos ramos da sua industria, como sejam — para pautaço, encadernação, aerographia, fabricação de caixas de papelão, grampagem, picotagem, numeração, etc., etc.

No pavimento superior, estão installadas as officinas typographicas e, em diversas dependencias do predio, os depositos de papel, tinta e outros artigos.

Tem trinta e cinco empregados, entre typographos, impressores, encadernadores, pautaadores e pessoal de escriptorio, entre elles alguns com dez e mais annos de dedicado e ininterrupto serviço na casa, e muitos outros, com 8, 6 e 5 annos. Prova isto a harmonia permanente entre os patrões e os operarios, sendo que estes se recommendam pela sua pericia e longa pratica.

A direcção technica e commercial está a cargo exclusivo dos proprietarios, os irmãos Henrique e Theodoro Hennies, dos quaes um é impressor e o outro typographo, e com pratica de mais de 25 annos neste ramo de industria.

Tal é, em ligeiras linhas, a descripção pallida da importante e

acreditada *Typographia Hennies Irmãos*, onde é impresso, desde o seu primeiro numero, o *Album Imperial*.



Fachada do edificio da *TYPOGRAPHIA HENNIES IRMÃOS*, onde é impresso o *Album Imperial*

O Anjo da Guarda

Se acontece que tua alma
Em quaesquer desejos arda,
Escuta a voz ou conselho
Do anjo de tua guarda.

Talvez digas por descuido
Que nunca pudeste ouvi-lo;
Que nem mesmo bem defines
O que signifique aquillo.

Reflecte, porém, e diz-me:
Se uma voz a ti não fala
Sobre o merito da accção,
Quando queres pratica-la.

Pois essa voz ou conselho,
Consciencia dos moralistas,
E' o anjo da tua guarda,
Ao qual é bom não resistas.

PADRE CORREIA DE ALMEIDA

A Guarda Nacional

CREADA pela lei de 18 de agosto de 1831, em substituição às antigas milícias, a instituição da Guarda Nacional existe no Brasil desde logo após a Independência, para cujo acontecimento muito directa e valiosamente concorreu.

Mas, sómente em 1850, com a promulgação da lei n. 602, de 19 de setembro desse anno, foi que teve regular e proveitosa organização, quer no Rio de Janeiro, antiga Corte, quer nas provincias, sendo a qualificação de guardas, sua reunião periodica para revistas e instrucção, obrigatoria e geral.

Os serviços relevantissimos que seus batalhões prestaram durante a guerra que sustentámos contra Solano Lopes, o tyranno do Paraguay, escusamo-nos aqui lembrar, pois constituem paginas e passagens as mais brilhantes da historia dessa lucta heroica, dessa grandiosa e civilisadora guerra em que nos levamos empenhados durante o quinquennio de 1865 — 1870. Qual a força numerica de que dispunha o Exercito permanente — a tropa de linha, nessa época?

Qual o numero de força combatente que o Brasil manteve em pé de guerra dentro ou fóra do territorio patrio? O simples cotejo dessas cifras seria o bastante para aferirmos do valor, do respeito, do prestigio de que então gosava a Guarda Nacional, como força realmente existente, á qual pertenciam todos os brasileiros validos, sem distincção de classes ou posições sociais, não obstante serem as suas fardas desprovidas de tantos doirados que as enfeitam presentemente, extremamente simples os seus armamentos e viaturas, mas transluzindo nellas a nobreza e o patriotismo, a bravura e heroicidade de nossos maiores, que, acima de todos os preconceitos e interesses, olhos fixos no Cruzeiro celestial, só tinham em mira a defesa da nossa soberania, da honra e brios patrios, custasse-lhes embora o sacrificio da propria vida. Terminada que foi, porém, essa prolongada e sangrenta lucta; volvido o miliciano ás suas terras, ao seu lar, ás suas cidades ou aldeias; desfeito da farda e da arma que empunhára nos campos de batalha, iniciou-se a vida normal do trabalho e, a pouco e pouco, foi se desdeixando, esquecendo-se mesmo de seus deveres para com a Patria, para só cumpril-os no momento em que indispensavel fosse voltar a servir. Veiu por esse tempo a lei de 1873, reiferendada pelo conselheiro Duarte de Azevedo, ministro da Justiça, determinando e delimitando os casos unicos — *de guerra externa, rebellião e sedição* — para mobilisação da Guarda Nacional,

lei que teve sua razão fundamental nas perseguições politicas a que se viam sujeitos os guardas que não acompanhassem os chefes situacionistas, os quaes eram a todo o momento chamados e obrigados ao serviço do destacamento, de conducção de presos e outros que nenhuma justificativa encontravam.

Dahi em diante até á Republica, essa milicia foi decahindo sempre, só sendo lembrada em vespuras de pleitos eleitoraes renhidos, como ameaça ao adversario, ou como meio de agradar e recompensar serviços, distribuindo-se patentes de officiaes, já sem soldados, a torto e a direito.

Em 1890, no Rio e em S. Paulo, alguns abnegados entenderam, no entanto, que seria de vantagens ao novo regimen a reorganisação da Guarda Nacional e, lá como aqui, reuniões se effectuaram para resolver o magno problema, dando em resultado o decreto do Governo Provisorio, firmado pelo ministro Campos Salles, restabelecendo a milicia, mas estatuinto que a organização dos corpos seria feita por meio do voluntariado. Em 1892 fizeram-se as nomeações para os batalhões desta capital, que sómente eram tres ou quatro, e, valha a verdade, houve na escolha da officialidade o maximo escrupulo, o maior criterio.

O *Diario Popular* publicava, por esse tempo, uma série de interessantes artigos, concitando os republicanos paulistas, a todos enfim que se mostravam interessados pela manutenção e consolidação da Republica, a tratarem esforçadamente da organização da milicia, o que se deu aliás dentro de poucos mezes, sendo geral a animação e o enthusiasmo que se notavam nesta capital.

O 1.º de infantaria desde logo conseguiu ter seu quartel e arrecadação installados, um bom instructor, entrando no regimen disciplinar.

Estavam as cousas neste estado, quando, a 6 de setembro de 1893, rebentou, no Rio, a revolta da Armada. S. Paulo, dentro de poucos dias, conseguiu mobilisar varios batalhões, e muito contribuiu para a victoria do governo do marechal Floriano Peixoto. Os serviços que a nossa Guarda Nacional prestou na defesa das fronteiras do Estado e na propria campanha do Paraná foram os mais dedicados e relevantes.

Mas, terminada essa cruenta lucta civil, tudo voltou ao ma-

rasmo de outros tempos; veiu a febre dos galões, do coronelato, com o maliado decreto de 1897, estabelecendo a organização de brigadas.

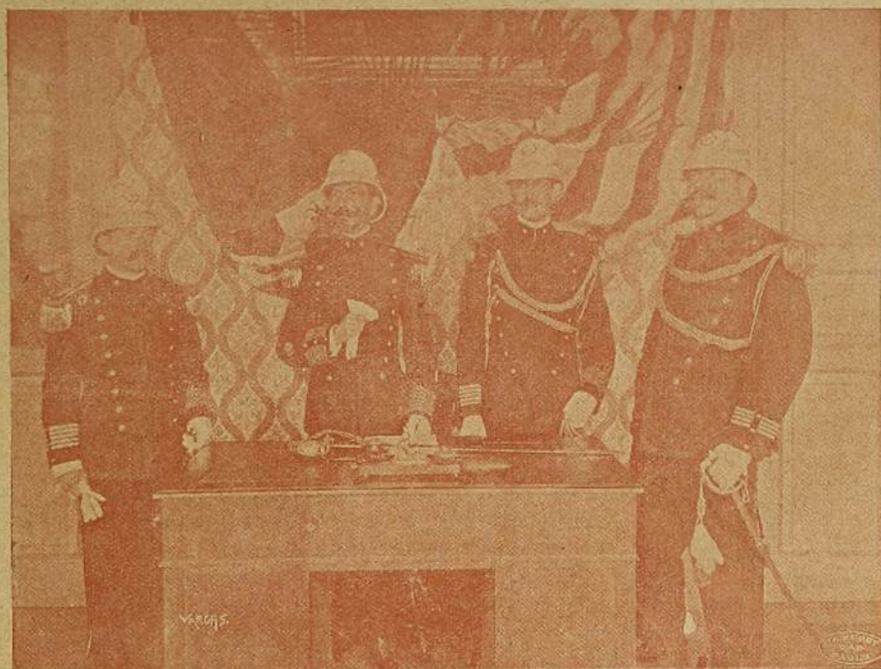
Dahi para cá, até 1904, tal foi a desmoralisação, o despres-



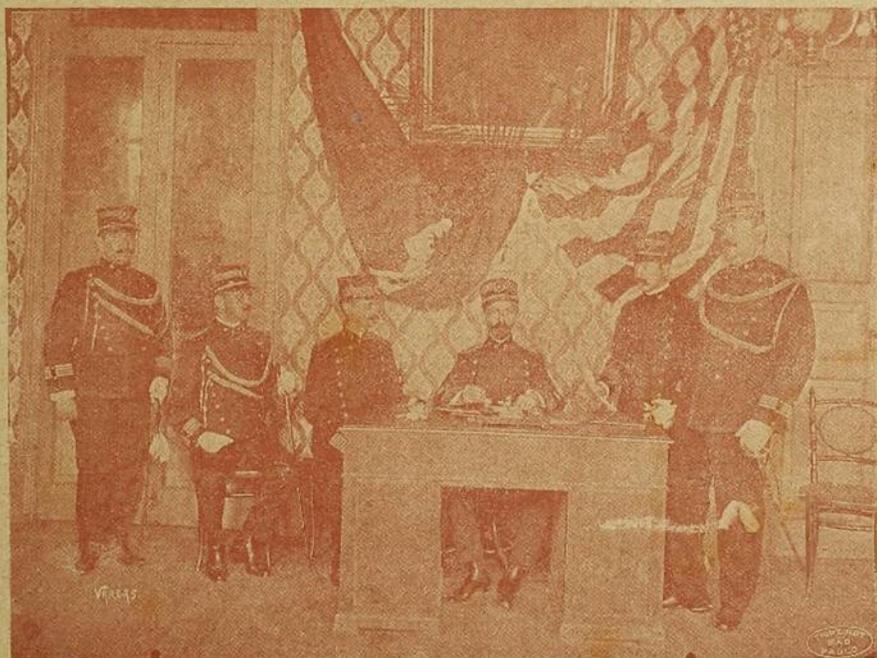
DR. JOSÉ BRASIL PAULISTA DA PIEDADE
Coronel-commandante superior da Guarda Nacional
de S. Paulo



Séde do Club da Guarda Nacional — Rua do Carmo, n. 22



O coronel dr. José Piedade, commandante superior, tendo á direita o secretario geral e, á esquerda, o assistente e quartel mestre geraes
7 de setembro de 1906



O coronel dr. José Piedade, commandante superior, tendo á sua direita o coronel dr. Theodoro de Carvalho, o tenente-coronel Brasílio Ramos, chefe do Estado Maior e assistente geral, e o major Carlos Cardim, ajudante de ordens, e, á esquerda, o tenente-coronel A. Barbosa e o major Aristides Castro, secretario e quartel mestre geraes
7 de setembro de 1906

Uma nuvem sobre a alma cobre e descora muito mais a terra do que uma nuvem no horizonte. — LAMARTINE.

tigio a que chegou a Guarda Nacional entre nós, que ninguém que presasse vestiria mais a sua outrora nobre e honrosa farda. Patentes as mais elevadas eram distribuídas a granel, ao primeiro typo de rua ou cabo eleitoral que a desejasse, uma verdadeira calamidade emfim! Foi nesse anno, porém, que um grupo de officiaes pertencentes á 55.^a brigada de infantaria, composto dos srs. coronel dr. José Piedade, capitães drs. João Pamphilo de Assumpção, Fausto Dias Ferraz e tenente-coronel Arthur Barbosa, tomou o encargo de promover a constituição, nesta capital, de uma associação de classe, a que se denominou CLUB DA GUARDA NACIONAL DE S. PAULO, cujos fins principaes consistiam «na aggremação da officialidade, sua instrução, e a prestação do apoio moral e material de que carecessem para manter e assegurar-lhes as honras e prerogativas que lhes são attribuídas pelas leis vigentes».

Pêcusado será dizer que essa tentativa, em principio duvidosa e de difficil solução, foi acolhida e bafejada com enthusiasmo em todo o Estado, della resultando a reorganisação completa da Guarda Nacional desta capital, operada por decreto de 8 de maio de 1905, o mesmo que se está fazendo nas principaes comarcas do Estado, com surpresa para os que descreiam da consecução desse importantissimo tentamen.

Das *quarenta* brigadas phantasmagóricas aqui existentes, restam hoje apenas *cinco*, e essas compostas de officialidade essencialmente brasileira, de gente escolhida, digna de vestir a honrosa farda miliciana.

Tenham embora as direcções do Club luctado com embaraços de ordem economica, o que é verdade é que essa sociedade vai mantendo com regularidade, ha mais de dous

annos, os seus serviços e compromissos, fornecendo aos camaradas e associados do interior o necessario incentivo e encorajamento para a lucta.

E esse trabalho tem fructificado, como se ha verificado ultimamente em Santos, Araraquara, Pirassununga e outras localidades, onde existem varios CENTROS, installados e funcionando.

Todavia, precisamos registrar, e o fazemos com satisfação, a boa vontade e esforços despendidos em toda essa trabalhosa contingencia pelo actual e digno Commandante superior da Guarda Nacional neste Estado, que tem sido a verdadeira *alma mater*, verdadeiro sustentaculo e um incançavel batalhador nessa campanha patriótica e moralisadora.

Felizmente, o nosso povo e o proprio Governo vão reconhecendo o seu valor, os seus serviços, fazendo-lhe a devida justica: «Antes tarde que nunca».

O CORONEL DR. JOSÉ BRASIL PAULISTA DA PIEDADE terá, para sempre, seu nome vinculado á historia da nossa Guarda Nacional. A seu lado justo é collocar o coronel dr. Carlos de

Campos, seu digno antecessor no commando superior, que muito concorreu tambem, com seu prestigio moral e politico, para que se conseguisse levar a effeito a alludida reorganisação. Hoje, no entanto, a Guarda Nacional desta capital conta em seu seio vultos de valor, como Asdrubal do Nascimento, C. Klingelhoef, Raymundo Duprat, Theodoro Carvalho, Horta Junior, Rangel de Freitas, Francisco Amaro, Linneu Machado, Pamphilo de Assumpção, Brasílio Ramos, Fausto Ferraz, Octaviano Prado, Siqueira Campos, Aristides de Castro, Frederico Branco, Gomes Cardim, Fagundes, Silva Guimarães e tantos outros distinctos e operosos officiaes que nos seria impossivel enumerar.

O serviço de alistamento de guardas nacionaes, observadas as disposições da lei n. 602, de 19 de setembro de 1850, foi restabelecido em S. Paulo este anno e levado a effeito nas comarcas da capital e Santos. Varios corpos entraram em periodo de organisação definitiva, contando, crescido numero de praças voluntarias e dispondo do indispensavel ma-

terial de guerra, para se instruirem. O Quartel General do Commando Superior, com todas as repartições que lhe são dependentes, funciona no vasto e confortavel edificio sito á rua do Carmo, 22, em cujo 2.^o andar se acha installado, tambem confortavelmente, o *Club da Guarda Nacional*.

Para finalizar, convém aqui consignarmos que — até o presente, NENHUM AUXILIO, directo ou indirecto, tem recebido a Guarda Nacional deste Estado, dos poderes publicos. O que o Club dessa milicia, o Commandante Superior e respectiva officialidade têm conseguido e patentado aos olhos do publico — tudo, tudo tem sido fructo de seus

propios esioços, do seu patriotismo e abnegação.

O ALBUM, pois, estampando em suas columnas os *clichés* representando grupos de officiaes e o edificio em que se acha installada a tradicional e briosa milicia, presta modesta homenagem áquelles que tanto têm trabalhado e continuam a trabalhar pelo reerguimento e moralisação dessa instituição civica, verdadeiro patrimonio nacional.

X.



10.º Batalhão de Infantaria — O tenente-coronel Francisco Amaro, commandante, rodeado da officialidade do batalhão

7 de setembro de 1906



NA SÓBIDÃO

(Versos escriptos numa pedra da gruta da Trinchreira, da qual jorra eterno fio d'agua)

A lagrima sem fim, a lagrima pesada,
Que eternamente cai do cimo desta gruta,
Representa algum'alma extranha e desolada,
Que mora a soluçar dentro da rocha bruta.

Esta alma, quem será? Não sei! Mystério fundo.
Entretanto, eu presinto alguém que se debruça
E, baixinho, me diz, num gemido profundo:
— Existe um coração na pedra que soluça!

Rio Grande do Norte. HENRIQUE CASTRIÇANO

A mais importante Casa
de Joias do Brasil

Casa Michel

A mais bem sortida
A mais barateira

O DE O

WORMS IRMÃOS

JOALHEIROS IMPORTADORES

Rua 15 de Novembro, 25

SÃO PAULO

Rua da Quitanda, N. 2

Grandiosa
EXPOSIÇÃO
— DE —
OBJECTOS PARA
PRESENTES
PARA
Natal, Anno Bom
e Reis



Ultimas novidades
e creações da
— arte —
recebidas
especialmente das
maiores fabricas
do mundo

CASA DE CONFIANÇA

Grande sortimento de Collares de Perolas e de Brilhantes, Pendentifes, Broches, Anéis, Bixas, Alfinetes, etc., de Brilhantes, Perolas, Rubis, Esmeraldas e Saphiras
Prataria fina, Bronzes, Terras Cottas, Metal Oroid e o afamado

«Royal Metal» o mais duravel, de prateação especial e garantido inalteravel

Tudo formando uma collecção sem equal na praça em artigos especiaes para Presentes

Unicos representanties na America do Sul dos famosos Relogios «IDEAL», os melhores e mais exactos

CASA EM PARIS
18 - RUE D'HAUTEVILLE - 18



CASA EM BUENOS-AIRES
191 - CALLE SUYPACHA - 191

AO CAFÉ MÓKA

Grande Torrefacção, Refinação
e Moagem de Café e Fubá



R. Sampaio

Rua Conselheiro Nebias, Ns. 76 e 78

Telephone, 913

SÃO PAULO



VALKIRIA

Eu a vi certa vez. Seus olhos scintillantes
Tinham fascinações de aurora luminosas.
Suas faces gentis, talvez, as proprias rosas
Morressem de ciúme ao vel-as deslumbrantes.

Bocca pequena e breve. Os dentes elegantes
Eram como um colar de estrellas irradiadas.
A sua voz, jámais, as aves sonoras
A imitavam assim em tardes rutilantes.

Possua de Imperia essa lascivia impura,
Mas, eis, da virgindade ouvi se recordar,
Co'o pobre coração a extravasar de mágoa!

— E sempre estreilejada a noite mais escura: —
Eu vi sua alma, então, dos olhos seus rolar,
Transformada em pequena e clara gotta d'agua!

Fortaleza.

MARIO LINHARES

(Do Tribuna)

Pedras finas, relogios de ouro, estatuetas de bronze e marfim e inumeros artigos finos para presentes, encontram-se na casa Paul Levy & C., á rua 15 de Novembro, 43.

A casa **Ao Preço Fixo** é a que tem maior sortimento de artigos para homens, collarinhos ingleses, gravatas, etc. — Rua S. Bento, 10.

O leiloeiro **Moreira Campos**, Escriptorio e agencia, á rua Marechal Deodoro, 8.

Ninguem compre machinas de costura sem primeiro visitar a **Casa Popular** (rua S. Bento, 78).

A **CASA ABREU** é uma alfaiataria *chic*. Ultimos figurinos. Importação directa de camisas inglesas e francezas. — Rua S. Bento, 30.

O melhor estabelecimento balneario do Brasil: — rua Jaguaribe, 33, nesta capital.

Casa especialista em optica, cutelaria, cirurgia, orthopedia, fundas, etc. — **Louis Fretin**, rua de S. Bento, 10.

O Segredo da Felicidade

Se perguntardes a qualquer pessoa, que encontrardes, qual é a cousa que ella deseja possuir de preferencia a todas as outras bençãos desta vida, sem duvida alguma ella vos dirá: A Felicidade. E, assim, de uma ou de outra forma, todas diriam a mesma cousa sem differença. Para ser feliz é preciso ter boa saúde, muita saúde, torrentes de saúde. Sem uma boa saúde não poderá haver felicidade. E por esse motivo que a saúde é a cousa mais preciosa desta vida. E, não obstante todos a desejarem, e todos a buscarem com tanto afan, quantos se equivocam nos meios que empregam para conseguil-a! O grande remedio por excellencia para combater com bom exito todas as enfermidades, como o rheumatismo, nevralgia, dispesia, debilidade nervosa e geral, insomnia, fastio, dôr da cintura e de cabeça e outros mil achaques, que tanto fazem padecer ao pobre e infeliz doente, é o



Cinturão Herculex Electrico

do Dr. G. T. SANDEN

Quereis a prova? Eil-a:

Curadas de enxaqueca, mãe e filha

S. Paulo, 25 de Novembro de 1906.

Illmo. sr. dr. G. T. Sanden

Illmo. sr.

Peço-lhe desculpas por não responder mais depressa ás suas cartas, mas estava esperando para vêr se os meus padecimentos antigos não voltariam mais, antes de fazer a minha declaração de que estava curada; felizmente, os meus receios eram infundados, e, hoje, posso assegurar ao caro doutor que já fazem seis mezes que não soffro mais.

Como o dr. deve lembrar-se, soffria de enxaqueca, prisão de ventre e irregularidades na menstruação; hoje, todas essas difficuldades desappareceram: não sinto mais nada.

Tenho tambem prazer em communicar-lhe que a minha filha Bertha vae muito bem: está forte, corada e as flôres brancas têm cessado completamente.

Em a minha volta de Paris. lhe communicarei a minha nova moradia.

Com toda a estima, sou

De V. S.

Criada agradecida,

M.^{me} Marie Berthe Renier.

Casos como este diariamente se succedem. Os lares amargurados dia a dia se adoçam. Da mesma fórma que a sra. Renier, posso curar-vos. Vinde, pois, visitar-me. Não tardeis. Tende em conta que de vossa saúde depende toda a felicidade de todos os vossos que vos rodeiam e tende tambem em conta que é um crime amargurar os dias aos que vos rodeiam. Visitae-me em seguida. As informações são gratis, e com toda a franqueza vos direi se poderei curar-vos ou não. Se não puderdes vir pessoalmente, mandae buscar minhas obras **VIGOR** e **SAÚDE**, sendo para isso necessario apenas encher o «coupon» abaixo:

Nome

Residencia

Dr. G. T. Sanden

Todas as informações são gratis das 8 horas da manhã ás 6 da tarde.

Rua 15 de Novembro, N. 61 (sobrado) - SÃO PAULO

Caixa do Correio N. 383

Lembrança antiga

Inédito, para o Album

Daquelle suave idyllio estas lembranças
Hoje conservo cheio de cuidados:
- Dous lindos cravos que nas tuas tranças
Traziam-te os cabelos perfumados.

Era tarde. Os passaros cançados
De andar nas matias, nos vergeis, nas
[tranças
Inda cantavam hymnos delicados,
Como saudando as nossas esperanças.

Pegando-te na mão e na cintura,
Toda a tua péz minha illusão se ajoelha
Em amorosa e nobre compostura.

Quando beijei-te a boeca perfumosa,
Esta sorriu como uma flôr vermelha
Se desmanchando em petalas de rosa!

BRENO MONTEIRO

Campinas.

A SUL-AMERICA é a mais importante companhia de seguros de vida.

A AGUA DE CALDAS é agradável ao paladar e util ao estomago. — Deposito geral: largo de S. Bento, 97.

O alimento por excellencia é a carne vegetalisada CAROVEGETA, preparada pela Empresa Frigorifica Paulista. Vide annuncio á pag. 122.

Instrumentos de musica em metal e madeira — SCAVONE & C. — Rua 24 de Maio, 38 e 38-A.

Casa importadora de pianos de FREDERICO JOACHIM — Rua Libero Badaró, 100.

Os commissarios de café FONSECA FERRAZ & BICUDO têm escriptorio e armazem á rua Episcopal, 4 e 6.

TYPOGRAPHIA AMICUCCI — Rua Florencio de Abreu, 50.

Movéis de luxo, á Luiz XIV e á Luiz XV, e movéis *art-nouveau*, só na grande officina de BELLUCCA & C^a, rua Florencio de Abreu, 107.

A CASA FREIRE tem em exposição innumerous mimos para presentes de Natal e Anno Bom. — Rua S. Bento, 25-A.

O BOTICÃO UNIVERSAL (rua S. Bento, 16) é o unico deposito de artigos dentarios em S. Paulo.

O leiloeiro official FURTADO DE MENDONÇA tem seu escriptorio e agencia á rua do Commercio, 4.

Chama-se a attenção dos fazendeiros para o annuncio do ENGENHO STAMATO (pag. 84).

A PHARMACIA E DROGARIA DO CASTOR tem sempre completo sortimento de drogas e productos chimicos e pharmaceuticos. Rua do Commercio, 5-A.



José Arthur da Rocha Frota

Chega-nos da Fortaleza a triste noticia do fallecimento, naquella capital, do distincto moço cujo nome enéima estas linhas.

José Arthur da Rocha Frota morreu repentinamente, a 7 do mez proximo findo, causando a noticia do prematuro trespassa a maior surpresa e profunda consternação á sociedade cearense, da qual era estimadissimo.

Filho do abastado negociante sr. José Arthur da Frota, chefe da importante casa Frota & Gentil, era apreciado poeta, tendo, ainda ha poucos mezes, publicado o seu primeiro livro, a que a critica dispensou optimo acolhimento.

Na presente edição do *Album Imperial* reproduzimos alguns versos do inditoso Rocha Frota, cuja delicadeza de sentimentos transparece, entre outras, do seguinte soneto, de uma singeleza tocante:

FILHA MORTA

"Sabe?" a velha me diz: Rôla morreu,
Morreu-me a filha, estou com Deus sózinha,
Era uma santa e tão... tão boazinha,
Fateu azas, voou, foi para o céu;

Este vestido, vê? ella m'o deu,
Dava-me tudo, tudo, a filha minha!
E que cuidado e que desvelo tinha
Para uma pobre velha como eu!

A narração calado ouvi. Pasmava
Ante a velha mulher que não chorava,
Conseia talvez do Eterno Desengano!

Vi num rolance a sua vida inteira;
Dis desta vida a scena derradeira,
Falta-lhe só que se lhe baixe o panno.

Associando-nos á dôr que punge a familia desolada, apresentamos-lhe nossos sentimentos nestas linhas de pequena mas sincera homenagem á memoria do pranteado moço.

A CHARUTARIA DO CHÁ (rua Direita, 59) continua a liquidar o seu grande e variado sortimento de perfumarias finas. Importa directamente os saborosos charutos de Havana.

Armas de fogo, artigos de pesca e de viagem, — só na casa do sr. D. ROQUE DA SILVA, á rua de S. Bento, 12.

CASA PEKIN

DE

ADRIÃO RIBEIRO

(Casa Fundada em 1894)

MANÁOS —>>><< Rua Henrique Martins, N. 21 —>>><< (Amazonas)

Grande sortimento de louças de todas as qualidades, o que ha de mais fino em porcellanas, biscuit, crystaes de Baccarat, lustres, Candieiros, Moveis nacionaes e estrangeiros.

Importação Directa
das praças da Europa e America do Norte

CASA DAS NOVIDADES
em artigos de luxo, proprios para presentes.
Sortimento completo de baixelas prateadas e Christofle.
Correspondente da Grande Fabrica de Moveis Nacionaes dos Srs. AUBER & C., do Rio de Janeiro.

VENDAS POR ATACADO E A VAREJO

CASA PEKIN

DE

ADRIÃO RIBEIRO

RUA HENRIQUE MARTINS, N. 21

MANÁOS (Amazonas)

MARMORARIA TAVOLARO

Casa fundada em 1894

Exposição permanente *

DE

Tumulos, Estatuas

— e —
VASOS



M. TAVOLARO

IMPORTADOR

Venda de
marmore em bruto

— e —
serrado

Rua Santa Ephigenia, N. 69

* SÃO PAULO *

Joseph William Mee

Negociante Matriculado
Traductor publico e interprete commercial
juramentado
Especialista da Lingua Inglesa

Rua Bocayuva, 20 (sobrado) Caixa do Correo, 0
* SÃO PAULO *

E. BEVILACQUA & C.

Pianos, Musicas e Instrumentos
Editores-proprietarios da revista brasileira
RENASCENÇA

* * ALUGAM-SE PIANOS * *
S. PAULO — Rua de S. Bento, 14-A

MATRIZ
Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

Barão de Ataliba Nogueira

DE velha estirpe paulista e desta grei campineense que tanto se orgulha de seu passado e seu renome e tanto se ufana de sua terra, querendo quasi constituir gente á parte no meio paulista, e mal se conformando ainda em ver a capital dos trezentos mil *recentes* habitantes a ultrapassar, insolentemente, com a seiva de todo o Estado, a severa e *self-made* metropole agricola qua já lhe fora, em tantos pontos, superior... dessa elite da nobreza austera dos paulistas que vive, nas soledades do interior — quacs senhores em seus domínios — ou em seus solares urbanos — guardando, fíctis, suas tradições e esmaltando seus títulos doutroira com o brilho de uma constante e elevada abnegação... destaca-se ainda, não longe da séde altiva das propagandas democraticas — com cujos proceres hombreara no berço natal da Republica, na celebrada Campinas, escutando até agora os rumores dessas luclas na arena em que se feriram os prelios civicos, eleitoraes e intellectuaes, de decisiva influencia em nossos destinos patrios, lavrando a sua terra tradicional do *Jaguary* e guardando o seu pendão á margem desse rio campineiro, uns dos nobres veteranos do Imperio a que amigos e adversarios (pois não conta *inimigos*) rendemos contentes o tributo do respeito: o Barão de Ataliba Nogueira.

Alto, esbelto ainda e forte, como um typo dessa lendaria raça bandeirante em que a energia do espirito se aliava á complexão nervosa, ostentando inteireza de mente e pureza de character a viajarem sobre a tempera dum organismo são que o sol brasileiro vem crestando ha já setenta e tres ve-rões — supportados nos ardores da roça ou nos da terra *ardente* que sempre habitou, esse integro *paulista* tem, na voz sincera e affectuosa, um resto da affabilidade desprestenciosa dos dias em que chfiava bondosamente (no dizer dos que alcançaram essas horas animadas), no semblante sereno, a rectidão dos nossos maiores, porém, ás vezes, vejo-o bem, no olhar vibrante, as energias de indignações juvenis e, nas contracções momentaneas da fronte enrugada, as preocupações dum patriota ou a resolução dum abnegado... e, para que a imagem desse retrahido, mas não convencido, se fixe fielmente, emolduram-lhe os labios dous sulcos que analystas dirão: se traçam as linhas sobrias da *resignação*, se, antes, os vincos firmes duma *concentração* de energias moraes mal encobertas pelo prateado de uma barba rara.

Adora-o toda esta fidalga sociedade campineira de que seu encantado lar é mesmo um prototypo.

Nenhum outro é mais feliz na harmonia exemplar dos consortes e na affeição ostensiva de uma esposa modelo...

A Exma. Sra. Baroneza de Ataliba Nogueira, em seu paço baronial, fronteiro á casa em que nasceu a presidente Campos Salles, ou no seu dominio de *Jaguary*, recebe com tal munificencia a hospedes illustres que demandam o interior e, com tal garbo, acolhe as homenagens de sua sociedade, que em mais de uma oportunidade de sua casa ou sua fazenda têm valido a Campinas, e deixado a formosa impressão do fausto suprido pela bondade exuberante e da etiqueta vantajosamente substituída pela lanuara provinciana.

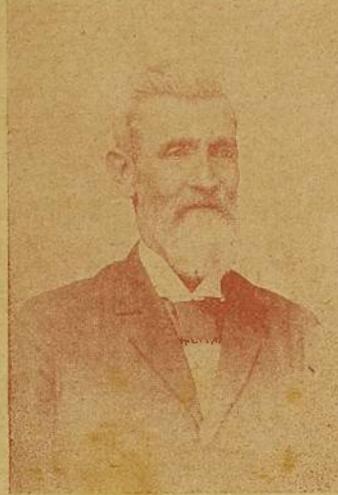
Assim pensava D. Izidoro Errasuris — o fino diplomata e estadista chileno, a quem uma excursão ao *Jaguary* fazia lembrar as suas propriedades de *Nueva-Imperial*.

Sob a Regencia nascera, aos 8 de setembro de 1833, o cavalheiro paulista cujos dias de melhor virilidade seriam votados a esse imperador — infante ainda — de cuja monarchia liberal seria elle um paladino em um combate diario com talentosa pleiade de brilhantes conterraneos, como o inspirado Quirino dos Santos, o intrepido Campos Salles e o habilissimo politico Francisco Glycerio, conservando, ainda depois da queda de seus ideaes, dedicação respeitavel ao Passado, sem pruridos inuteis de revoltas, mas sem uma vaga syllaba sequer de adhesão, mostrando-se, a vregos e troyanos: profunda convicção honrada sempre por um character elevado!

Quem estas linhas traça, jámais tendo a seu lado militado, joven e extranho a partidarismos e só vendo a Patria, em seu porvir sublime, no conjunto do Novo Mundo latino, superposta a internas dissensões, liga, no emtanto, como toda Campinas, ao velho conterraneo *ladrador* sem aversões des-preocupada estima e antiga amizade de familia que os regimens e, acaso, as situações ou divergencias, jámais saberiam alterar... e nestas toscas palavras consagra preito filial a uma domestica veneração, a um probo e a um *puro*!

E d'uma ou d'outra fórma, assim presa-o sempre, inteira, a sociedade que o reconhece: modelo de *cavalheiro*!

Seus pacs o campineiro José Teixeira Nogueira e a Exma. D. Anna Eulrosina de Almeida Nogueira, natural de Ytú, lavradores no municipio de Campinas, prepararam esse typo correcto de virtudes de que, mais tarde, sua veneranda mãe já viuva deveria se orgulhar, quando, graças á dedicação de seu primogenito — o venerando sr. Joaquim Teixeira Nogueira — o irmão desvelado visse, cursando a Faculdade de S. Paulo, ao lado de Tavares Bastos e de Alfonso Celso, o filho que votara ás letras desde a escola régia primitiva de Quirino do Amaral



BARÃO DE ATALIBA NOGUEIRA

Campos e desde o collegio de João Carlos da Fonseca, em S. Paulo.

Esse periodo academico de 1854 a 1858 deve ter sido o momento da formação das austeras convicções de Ataliba Nogueira, que, logo após, veio a Campinas, exercendo cargos publicos, como a v-reança no municipio natal e o juizado municipal.

Consortiando-se em 1864 com a Exma. D. Luiza Xavier de Andrade, fillia do sr. capitão Camillo Xavier Bueno da Silveira, de nobre linhagem paulista, dedicou-se o dr. João Ataliba Nogueira á lavoura na fazenda Jaguary, continuando a prestar a seu partido relevantes serviços, dirigindo-o com superioridade.

A nenhum dos melhoramentos de sua cidade foi desde então extranho, salientando-se na directoria da construcção da majestosa Matriz Nova, na Sociedade Patriótica dos Voluntarios da Patria, na presidencia do Club da Lavoura, a notavel instituição constituída para a defesa de sua classe e para a propaganda do café na Europa e de que era correspondente, no Havre, Felix Faure — que veio a ser mais tarde presidente da Republica Franceza. Foi fundador ou presidente de empresas da altura da Cia Mac-Hardy e Banco dos Lavradores e sua acção social foi sempre a dum bondoso espirito progressista e conciliador em seu districto e pelo interior todo, onde cidades, como Uboraba, ligadas á grande arteria da Mogyana que elle, em mais de um de-

cennio, personificou, designaram com seu nome ruas publicas conducentes á Estação.

A mais importante e duradoura acção deste patriocio foi mesmo a que se manifestou na grande empresa que tanto enaltece aos campineiros: a Companhia Mogyana, que, iniciada modestamente, marchou para os sertões como um bandeirante e lá segue alfoita, caminho de Goyaz!

Que lastimia não termos ainda ligado ao centro povoado de nossa Patria as immensidades de nosso Oeste e sobretudo as vastidões amazonenses a que os affluentes navegaveis facilitam o abordar!... Que grande crime vai por ahí nesse tardar da ligação ferro-viaria e fluvial, que é o verdadeiro, o mais solido elo da União no progressivo desagregar da familia brasileira...

Ataliba e seus conterraneos, porém, não serão sempre passíveis de uma tal sentença no Tribunal severo da Historia patria.

A Mogyana foi durante deztoito annos a sua mais forte preocupação; fóra um de seus fundadores e, longos annos, seu presidente ou seu director. Nos doze annos de sua presidencia, foram construidos 703 kilometros de linha e 45 estações; foi feita a aquisição da empresa do Rio Pardo; foi dispensada a maior attenção, de sua parte, aos trabalhos da ferro-via e aos seus empregados.

Quando a febre amarella transformou Campinas num vasto necroterio, em sua fazenda de Jaguary se abrigaram, em mais de uma epidemia, o escriptorio central e outras repartições, sendo lá celebradas assembléas geraes, em que foram debatidos os altos interesses da gigantesca empresa e, pela primeira vez, recusada a fusão com a Paulista: tão prosperas eram as condições da Mogyana, que um accionista propoz que a Directoria ficasse autorizada a entrar em negociações para encampar a Paulista, que deveria entrar para seu patrimonio.

A dedicação sem limites de sua extremosa familia acolhia fidalgamente aos accionistas e funcionarios da empresa, com a mesma solicitude com que ella jámais quiz a menor indemnisação por serviços de toda natureza prestados desde a construcção da linha, quando o *Jaguary* era a séde da hospitalidade e dos recursos dispensados a quantos engenheiros e empreiteiros lançavam os arcos das primeiras pontes e traçavam as curvas inicias da linha de tão auspicioso porvir.

O Barão de Ataliba consegue ainda hoje ver assim satisfeito um seu ideal de brasileiro: na pujança da linha, de cuja direcção está ausente, mas a cujo passado está ligado o seu nome indissolvelmente.

Combaterdo ao lado do Barão de Parnahyba, em pról do privilegio da zona contra o poder da Cia Paulista, servido pelo prestigio das familias Prado e Queiroz, encarnou o interesse de seus conterraneos e alcançou do general Couto de Magalhães que o seu limite fosse a margem direita do Mogy-quassú. Essa resolução do ultimo presidente liberal da provincia de S. Paulo, disposto a sustentala com a força publica, não foi mantida pelo primeiro governo republicano, entregando o dr. Prudente de Moraes ao poder judiciario a solução da questão.

Nas ultimas campanhas pela *não fusão* da Mogyana, o Barão de Ataliba tem sido um esforçado lutador.

Cuçamos o que a respeito dessas administrações tem dito um campeão da imprensa:

DISCURSO PRONUNCIADO PELO SR. HENRIQUE DE BARCELLOS, NA FESTA DA COMPANHIA MOGYANA COMMEMORANDO O SEU 25.º ANIVERSARIO E REALISADA A 2 DE DEZEMBRO DE 1897

..... Em 1878, nova eleição trouxe á presidencia da Companhia Mogyana um cidadão benemerito, que se tornou credor da gratidão da grande empresa. Foi o exmo. Barão de Ataliba Nogueira, que figura então nos documentos da Companhia sem o titulo nobiliario com que onze annos depois o agraciou o governo do Imperio.

Seus companheiros dessa época são os srs. dr. Ulhôa Cintra, commendador Joaquim Pinto, com-

mandador Manoel Carlos Aranha e Joaquim Ferreira de Camargo Andrade, o exmo. Barão de Ibitinga, actual director.

Foi sob a presidencia do dr. Ataliba Nogueira que se inauguraram as linhas da Penha, de Casa Branca a São Simão, de São Simão a Ribeirão Preto, de Cascavel a Caldas, de Ribeirão Preto a Batataes, á Franca, ao Jaguará, a S. José do Rio Pardo, a Uberaba, a Engenheiro Gomide, de Guasú a Espirito-Santo do Pinhal, de Amparo a Pantaleão, a Monte-Alegre, a Mocóca, a Canóas, Brumado, de Itapira a Eleuterio, de Brumado a Serra Negra.

Sob o ponto de vista do desenvolvimento das linhas e sua feliz execução, foi esta a administração mais importante. Como o dr. Queiroz Telles, o dr. João Ataliba Nogueira também affirmava que a Mogyana era a *menina dos seis olhos*. Deste namoro dos presidentes surgiram prodigios, como vêdes!

Quando o exmo. Barão de Ataliba Nogueira deixou o alto cargo de presidente, os documentos consignavam a justa medida de sua administração fecunda: — haviam sido construídos e entregues ao trafego 732 kilometros de linhas ferreas. A honra de ter administrado a Companhia em tão brilhante periodo de progresso cabe ao illustre cidadão e a seus incançáveis collegas dr. Carlos Norberto, dr. Jorge Tibiriçá, Bento Quirino dos Santos, Barão de Jaguará, Barão de Ibitinga, commendador Zeferino da Costa Guimarães, commendador Manoel José Gomes e Custodio Manoel Alves.

Deante de vós, meus senhores, tendes a prova de que a Companhia Mogyana soube premiar o benemerito segundo presidente.

Resolução unanime da assembléa geral de 1896 determinou que o retrato do exmo. Barão fosse collocado no salão de honra da Companhia. Elle ahí está, para honra com effeito do esforço do presidente, e bem assim da Companhia, que lhe testemunhou por esse modo o seu reconhecimento.

Cinco annos depois, em 1883, faz hoje quatorze annos, o dr. Queiroz Telles foi de novo eleito presidente, que occupou até 1886, deixando o cargo por ter de assumir a presidencia da provincia, sendo já então Barão de Parnahyba.

Foi também, pela segunda vez, substituído pelo dr. João Ataliba Nogueira.

Em 1896 deixou o Barão a direcção da Mogyana e ácerca dessa retirada encontramos este dado:

No Relatório á Assembléa Geral de 17 de maio de 1896, lê-se:

Achando-se de regresso de sua viagem ao estrangeiro, o sr. Barão de Ataliba Nogueira reassumiu em 31 de outubro o logar de presidente, até então preenchido pelo sr. dr. Carlos Norberto de Souza Aranha, director mais volado.

Ao approximar-se o fim do triennio administrativo, marcado nos Estatutos, foi convocada para 29 de dezembro a Assembléa Geral extraordinaria, em que procedeu-se á eleição e foram reeleitos quatro dos antigos Directores e por vós também escolhido o primeiro dos infra-assignados, que mais tarde passou a occupar a presidencia (*), pelo voto deliberativo e imerecido dos seus distinctos collegas.

Aquella Assembléa foram presentes os motivos que inhiábiam ao então presidente da Directoria de continuar no desempenho do honroso mandato recebido, em que, com dedicação e lucidez constantes, servira, por dilatado tempo, a causa de engrandecimento da Companhia Mogyana.

Accepta a razão de escusa apresentada e constituída a nova Directoria (**),

(*) Dr. Francisco de Salles Oliveira Junior.

(**) F. de Salles Oliveira Junior, presidente; Bento Quirino dos Santos, Carlos Norberto de Souza Aranha, Manoel José Gomes, Barão de Ibitinga.

esta, em sua primeira reunião, julgou dever significar ao sr. Barão de Ataliba Nogueira os sentimentos de reconhecimento que a dominavam, tendo em attenção os relevantes serviços pelo illustre cidadão prestados, os quaes, mais uma vez, procura assignalar, tornando publica aquella sua justa manifestação.»

O politico stoico que após a queda do Imperio retrahiu-se ao viver intimo não quiz jámais trazer á patria — que permutara o manto imperial pelos fulgores dum céu constellado — o subsidio de seu concurso e, ouvindo o seu antigo collega o Visconde de Ouro Preto, guardou essa abstenção que aos seus aconselha e que não impede que sob as cinzas de apparente indifferença possam arder brazeiros esperançosos do milagre da phoenix.

Retirado voluntariamente para o Velho Mundo,

A mais bella

*Quando o seu pulso surge eneporado
e bento e altivo como sempre o sapato
fuz e soro das ruas, larvo a ludo
resua marquês e respectos a um canto*

*— Chances! — aos hombros com o reger mento
que é o cabelhena em esplendido penteado*

*— Passa — Pa turba e o bar cheio de encanto
surpreso a segue a medo e deslumbrado*

*E, quanto sig, seu pulso, avesso e raro,
surge, nas ruas, subou e raro
na profana pompa da bella — 'é bella!*

*E' ella! exclamam bocas rumororas,
a consagra-la dentre as mais formosas,
dentre as mais bellas — a mulher mais bella!*

Bueno Monteiro

Campinas, 906

apenas findou a revolta naval, foi render lá na Europa a sua homenagem de felicidade á causa vencida, a cujos destinos entretanto harmonisara a sua existencia.

Convivemos então nesse viver de egresso voluntario, em que seu lar se abria festivo para acolher os quarenta e dous conterraneos que estudavam então ou passejavam pela metropole do mundo latino. E era de ver como alli, numa especie de Consulado Geral da cidade livre de Campinas, por unanime aclamação dos presentes, em Paris, ao lado da inexcusable bondade captivadora de M.me de Piza, a digna esposa dum ministro brasileiro (a distinguir sobremaneira os patricios deste feliz recanto do Brasil), fulgia também a expansão de generosidade da exma. Baroneza de Ataliba Nogueira, por sua vez disputando para sua causa a sympathia dos campineiros — privilegiados em attentões... dir-se-ia que o mais gentil dos embates do 7.º districto se elevava, do gracioso de nossos campanarios, para a fidalga Babylonia latina e que duas eminentes patricias gentis com captivante sedução conquistavam o reconhecimento dos conterraneos: a consorte do antigo deputado republicano por

Campinas tornado representante do Brasil ante a França e a senhora do chefé monarchista da região da propaganda guardando altiva sua Fé num exílio passageiro e voluntario.

Quantos então frequentavamos ambos esses salões, o da Legação Brasileira e o do *Consulado Campineiro*, sabemos guardar a mais grata memoria dessas duas expressões distinctas: a do Brasil antigo e a do hodierno Brasil, num concurso brilhante de gentilezas e fidalgas distincções.

E' que em todos os seus committimentos a familia é o nobre propulsor moral que se manifesta a estimular a personalidade sympathica do Barão de Ataliba.

De regresso á Patria, coube ao Barão de Ataliba a incumbencia de presidir á commissão de homenagens ao nosso genial Carlos Gomes, que numa apothese de glorificações, como um sol luminoso, se atufara num ponte de esplendores nas vagas do Rio-Mar...

Fui seu companheiro nessa missão conterranea, juntamente com Bento Quirino e Leopoldo Amaral, e solicitado agora para escrever sua biographia, eu não poderia negar-me a fazel-o em relação ao presidente que sancionou quantos actos se fizeram necessarios para chegarmos ao almejado fim.

A subscrição publica attingira a quantia apenas sufficiente para um tumulto vulgar e a Municipalidade concedera um local adequado na valla commum dos mortaes, que é o cemiterio. Revoltava-nos essa resolução e a indignação, communicada á commissão toda, dava em resultado o preferirmos um local na praça publica, para ahí erigirmos um monumento, uma *estatuia*, sob cujo pedestal ficasse Carlos Gomes, como Osorio no Rio...

Tinhamos, porém, então, apenas trinta contos...

Faina de nove annos afinal gloriosamente finda, graças á dedicação empregada pelos que chamaram-na a si e graças á boa vontade de Rodolpho Bernardelli, é pois grato relembra o nome daquelle com cujo applauso antecipado já contavamos, fossem quaes fossem nossas campanhas. E' incrível, não só que tivessem surgido obstaculos a essa reparação, tanto mais urgente quanto mais combatida, como também é admiravel que o monumento tivesse sido feito todo por cinquenta contos.

No disputado local que foi outr'ora a primitiva capellinha á beira da estrada que segue para os sertões, e em torno da qual surgiam os *posos* dos bandeirantes, e onde, mais tarde, ergueu-se o paço municipal da orgulhosa Campinas, derrocado depois, como velusto e incompativel com o aspecto moderno da cidade que no seu centro já não comporta o typo antigo de *cadeia e camara* numa só construcção, erige-se altaneiro o monumento em que, numa crypta occulta sob degraus e flôres, dorme o somno da immortalidade o cantor symphonico da patria selvagem, una, heroica e primitiva!... Antes que disputassemos nós esse recinto para Carlos Gomes, alli se travaram as mais empenhadas e civicas contendas pelo predomínio dessa Municipalidade, entre os dous partidos monarchicos ligados e a Republica em seu nascedouro... e oh destino!... têm os terrenos, como os livros, seus fados, e tão contestado solo ficaria, afinal, para uma terccira, neutra e admiravel expressão de patria: a do Brasil — na harmonia selvagem do Novo Mundo — na pompa da Arte sem dissensões!

E para que a Terra Natal velasse sempre, radiante de orgulho, nesse chão sagrado e historico, ao despojo que o Pará lhe confiára, no pedestal, ufana, a cidade de Campinas, coberta a fronte pela corôa mural, ergue, na dextra, o sceptro da Lei, na mão esquerda um ramo de laurel e envolve-se sobranceira num manto bordado com ramagens formosas de café, ostentando em seu peito o escudo campineiro, em que uma phoenix renasce dum fogueira a arder, e em tão mysteriosa ressurreção

para sobre ella a lyra encantada de Carlos Gomes... E' uma allusão á cidade reerguida pelo esforço conterraneo após a hecatombe das epidemias.

Altar de harmonias... desse granito consagrado evolvem-se a toda hora inspirações do Bem e oxalá que dessas caçoulas de flores, dessas amphoras de olores, que se espargem em eterna oblação em derredor do leito do poeta symphonico da Patria, venham algumas vagas impressões de gratidão campinense ao venerando ancião que presidiu áquella faina.

Dizem-no em alto valimento perante a dynastia a que serve com tenacidade que, talvez, não tenha encontrado muitas identicas dedicações na hora historica no Rio; se é assim querido, recebo apenas a retribuição de decennios de devotamento.

Na sociedade campinense pela qual sómente creio poder falar, é *sans peur et sans reproche* um cavalheiro amado, a quem exaltam adversarios, veneram amigos, e que a todos captiva na felicidade tranquilla desse lar celebrado, circumdado de tantas sympathias presentes e votado a um ideal que repousa tão remoto e tão respeitado, quando é, numa mansão dessas, uma prova de orgulho irreductivel e uma tradição patricia que todos acatamos.

CESAR B. BIERRENBACH

LIMEIRA

O MUNICIPIO E A CIDADE
GEOGRAPHIA E HISTORIA
RESUMC

CONFINA este municipio ao N. com S. João do Rio Claro e Araras; a E., com Mogy-mirim; a S. E., com Campinas; ao S. com Santa Barbara e Piracicaba; a O., com S. Pedro e ao N. O., com a capital do Estado.

Aspecto geral A Limeira, que está collocada no seu ponto mais baixo a 500 metros acima do nivel do mar, conforme se observa da estação da Estrada de Ferro, e no ponto mais alto, o pico do *Morro Azul*, a 800 metros, obedece em suas linhas geraes antes ao systema orographico que ao de campinas propriamente ditas.

Alguns campos, entretanto, possui o municipio, revestidos de optimas pastagens e que se prestam magnificamente á criação dos gados vaccum, lanigero e cavallar.

Orographia — A parte outras proeminencias, a serra mais elevada do territorio é a que se denomina do *Morro Azul*, do alto da qual se descortina um panorama encantador, existindo ahi, no ponto culminante, um pittoresco belveder, visitado varias vezes por notaveis personagens, entre elles o sr. D. Pedro de Alcantara.

Systema fluvial — O systema fluvial está assim distribuido: — ribeirão *Tatu*, que, atravessando o municipio, banha tambem a cidade; rio *Jaguary*, que nasce na serra de S. Domingos, Minas Geraes; ribeirão *Pirapitinguy*; ribeirão do *Pinhal* e rio *Piracicaba*.

Climatologia — O clima de Limeira é dos mais apraziveis e beneficos.

Reino mineral — Possui o territorio grandes jazidas de calcareo, uma dellas vastamente explorada, na fazenda *Caiçeira*, onde se fabrica a cal necessaria para o consumo local e para a exportação.

Segundo c parecer de abalisados mineralogistas,

apresenta o territorio indicio de possuir ouro, prata e principalmente o carvão de pedra.

Reino vegetal — A Limeira é riquissima nos dominios da silvicultura, não obstante os grandes e deploraveis *arboricidios* aqui perpetrados nos ultimos annos.

Pharmacographia — Tambem encontra a pharmacographia uma quantidade variadissima de plantas medicamentosas no sólo limeirense, taes como a abutua, a bardana, a caferana, a cainca, a caroba, a casca d'anta, o pacová, o cipó cravo, o cipó suma, o côlo, a espelina, a ipecacuanha, o jaborandy, a japecanga, a jurubeba, o limão bravo, a nectandra amara, a piscidia erythrina (timbó boticario), a quina brasileira, o jatay, a sucupira, o tayuyá e innumerables outras de reconhecida utilidade.

Pomologia — Grande culto se presta neste municipio a *Pomona*; além das fructas propriamente silvestres, que se possuímos das mais delicadas, temos as que se cultivam com carinho nos pomares, onde abundam as laranjas de varias qualidades, magnificas e famosas, as limas, as mangas, os cajus, os cambucás, as jaboticabas, os abios, as quabiobas, os marmellos, os pecegos, os abacaxis, os melões, os abacates, as jácas, os limões doces,

aviario limeirense é rico em quantidade e qualidade, não só de aves domesticas, como de aves das matas e dos campos.

E' notavel a criação de pombos domesticos e animadora a de pombos-correios.

A colomboiphilia, se bem que incipiente em Limeira, tem já garantido um bello futuro, tal o seu desenvolvimento entre nós.

As abelhas são aqui tratadas com interesse e grande é a produção do mel e da cera.

A piscicultura é descuidada entre nós, bem assim a sericicultura.

Superficie — A superficie do municipio, segundo os dados do emerito dr. Theodoro Sampaio, é de 779.445.000 metros quadrados ou 32.209 alqueires.

A da cidade é de 3.750.000 metros quadrados ou 155 alqueires.

População — 32.000 habitantes.

Governo e administração — O governo e administração do municipio da Limeira estão adstrictos a uma Camara Municipal.

A distribuição da justiça está affecta a um Juiz de Direito, um Promotor Publico e seis Juizes de Paz, inclusivé os do districto de Cordeiro.

A cidade é sede de uma delegacia de policia e de um reduzido destacamento policial.

Foi creada ha pouco tempo uma guarda nocturna na cidade, estipendiada por particulares e ultimamente pela Camara Municipal; essa guarda vai prestando excellentes serviços á população.

Religião — A religião dominante é a catholica, havendo tambem grande numero de protestantes e de espiritas.

O catholicismo possui tres grandes templos e varias oradas, ou sejam a igreja Matriz, a da Boa Morte, a de S. Benedicto, a de S. Cruz, a do Bom Jesus, a de N. S. do Amparo e outras.

O protestantismo possui o seu templo no bairro dos *Pires*, um verdadeiro nucleo de alemães.

O espiritismo já tem o seu predio proprio, prestes a inaugurar-se.

Divisão politica — A Limeira é sede do oitavo districto eleitoral e tem a cidade e o municipio divididos em quatro secções.

Vias de comunicação — Possui o municipio regulares estradas de rodagem, sendo os seus rios tambem navegaveis em grande extensão.

A Estrada de Ferro Paulista atravessa o municipio, possuindo aqui uma boa estação, grandes armazens e um posto telegraphico.

Industria — E' relativamente prospera a industria limeirense, contando a cidade e o municipio um bom numero de fabricas.

Commercio — A praça commercial da Limeira é movimentada e é solidio o seu commercio, apesar da tremenda e prolongada crise que vamos atravessando.

Instrução publica — A instrução primaria acha-se bastante diffundida entre nós. Possui a Limeira um Grupo Escolar e innumerables escolas publicas e particulares.

HISTORICO

Quando o nosso territorio não havia sido ainda balejado pelas auras suaves da civilização e então só nelle dominavam o pulso ferreo do selvagem e as garras das feras, sob a copa folhuda das arvo-



Casa de comissões de café, de FLEURY, VITA & C., á rua Paula Souza, ns. 21 e 23

as melancias e muitas outras, inclusivé diversas especies de procedencia estrangeira, que aqui se aclimatam maravilhosamente.

E' digna de nota a grande exportação de fructas que faz a Limeira, notadamente para S. Paulo e Santos.

Agricultura — As principaes produções do nosso sólo, no departamento da agricultura propriamente, são representadas pelo café, cultivado em larga escala, a canna de assucar, o fumo, o arroz, o milho, o feijão e a batata ingieza.

Viticultura — Possui o municipio grandes plantações de videiras communs e de qualidade, sendo parte da uva empregada no fabrico do vinho, principalmente em Cascálho, um dos mais bellos e prosperos suburbios da Limeira.

Horticultura e jardingem — Innumerables são as hortas e jardins que embelezam a cidade e o municipio, fornecendo excellentes hortaliças e bellissimas flores.

Reino animal — Ha no municipio grandes pastagens, nas quaes se fazem criações, mais ou menos desenvolvidas, de gado vaccum, lanigero, suino e cavallar.

Avicultura, apicultura e piscicultura O

res annosas, resolveram os antigos tropeiros, gente esforçada e empenhedora, abrir uma picada em prolongamento à estrada que do então povoado de Campinas vinha descançar nos limites desta terra, demandando os impervios sertões desta antiga Província.

Esses tropeiros, creados no trabalho e para o trabalho, cuja preocupação era palmilhar terras novas, foram precisamente os primeiros representantes da incipiente civilização brasileira que aqui pisaram.

Instruidos por uma engenharia rudimentar, guiados por longa pratica e tendo por unicos instrumentos a foice e o machado, riscaram no nosso territorio o primeiro traço do progresso — uma estrada.

O doce marulhar das aguas do *Tatú*, casando-se com o chilrear festivo do passaredo alegre e descuidoso e o perpassar harmonioso da brisa pelas franças do arvoredo, foram, por assim dizer, os primeiros accordes do hymno majestoso com que a propria natureza festejava a victoria do trabalho!

A estrada foi aberta mesmo á margem do *Tatú*, onde esses obreiros do progresso descedentaram-se com esse licor a que nenhum outro excelle, com o qual quiz Deus, com a sua bondade incommensuravel, regalar o homem.

Canalisada a luz por entre o mattagal frondoso e sombrio, começaram de atravessal-o os bandos ruidosos, que foram tambem se habituando a fazer seus pousos em torna viagem á beira do *Tatú*, onde mais tarde surgira uma limeira dalguma semente p'ra alli atirada despreocupadamente, talvez...

Quando se encontravam na estrada os viandantes, ainda distanciados daqui, e perguntavam onde o melhor pouso — a resposta não se fazia esperar: « o pouso da limeira... »

Era junto da arvore de refrigerantes e mimosos fructos, nascida á beira do ribeirão, que os caminheiros vinham descançar das longas jornadas, tendo nos seus sonhos, quem sabe, a visão da cidade que tantissimos annos depois deveria surgir, como por encanto, desse terreno sobre o qual crepitavam as brasas dos seus fogões construidos de tres pedras toscas, em volta do qual dançavam o *cortajaca* ou o *catereti*, aos sons chorosos das violas, os *stradivarius* dos nossos *paganines* primitivos...

Com o correr dos tempos foram-se localizando aqui, aos lados da estrada, alguns dos velhos conhecedores da região, dominados talvez pela canceira das extenuantes caminhadas, no intuito ainda de auferirem lucros com os improvisados hoteis, construidos de barrotes e cobertos de sapé.

Um dia, porém, o santista Manuel Luiz da Cunha Bastos, homem activo e influente, obteve do governo de então uma sesmaria, constituida pelos terrenos desta região, doando mais tarde a área necessaria para ser fundado o povoado, o que teve logar no anno de 1824, segundo o notavel geographo e historiador dr. Alfredo Moreira Pinto, no seu monumental *Diccionario Geographico do Brasil*.

Para essa fundação concorreram poderosamente alguns lavradores, atrahidos pela feracidade do sólo.

Foi creada a freguezia sob a invocação de N. S. das Dóres de *Tatuhiby*, nome este primeiro que, officialmente, teve a nossa terra, por Decr. de 9 de dezembro de 1830; elevada á villa por Lei Provincial de 8 de março de 1842 e á cidade, já então com o nome de *Limeira*, por Lei de 18 de abril de 1863; creada comarca de primeira entrança por Lei Provincial de 20 de abril de 1875.

O capitão Manuel Luiz da Cunha Bastos, o senador do Imperio Nicolau de Campos Pereira Vergueiro, o alferes das antigas milicias Joaquim Franco de Camargo, Bento Manuel de Barros, primeiro Barão de Campinas, José Ferraz de Campos, Barão de Cascalho, e o commendador Manuel Ferraz de Camargo foram os verdadeiros fundadores deste rico municipio.

O segundo e terceiro fundaram desde logo, apesar de possuirem escravos, colonias para a cultura do café e outros, recebendo nella portuguezes, suissos e allemães.

Bento Manuel de Barros fez construir, com algum auxilio extranho, duas bellas e monumentaes egrejas, as da Boa-Morte e Matriz.

O alferes das antigas milicias Joaquim Franco de Camargo, de quem o auctor deste simples bosquejo vem a ser bisneto pelo lado materno, prestou

relevantes serviços a este municipio, segundo os dados biographicos que do mesmo fez o dr. Moreira Pinto em seu mencionado *Diccionario*, onde se lêem as seguintes referencias ao alferes Franco:

« Homem enérgico, trabalhador, dotado de muito bom senso, chefe de numerosa familia, foi alli delegado de policia durante boas decadas de annos.

Sem ter fortuna, quando para alli veiu, foi ganhando dinheiro e empregando-o em terras, que deixou aos seus numerosos descendentes na extensão de mais de cincoenta kilometros, quasi todas de superior qualidade.

Nunca aproveitou-se da alta posição e consideração que gosava para ficar com um vintem de ninguem, nem um metro de terra alheia. Exercendo sempre influencia sobre todos que o conheciam, serviu a quem delle precisou, sendo util e benevolento para com todos.

Sua existência prolongou-se além de oitenta annos, toda de trabalho e honradez; deixando muitissimos filhos, mais de cem netos, dos quaes muitos representam papel importante na sociedade moderna. Concorreu para a construção das egrejas e do importante edificio da cadeia, onde tambem ha sessões da Camara Municipal e do Jury.

A sua viuva, d. Maria Lourença de Moraes, proseguindo no papel iniciado pelo seu fallecido ma-



Grupo de crianças

rido, deixou por sua morte dez contos para as obras da igreja Matriz e concorreu com boa quota para o Estado na questão anglo-brasilera, para a qual a Limeira contribuiu com somma superior a quarenta contos de réis ».

Presentemente é a Limeira um dos mais importantes municipios do nosso Estado, apesar do profundo abalo que, como outros, tem soffrido em consequencia da crise monetaria que avassala o paiz todo.

A cidade possui, apesar da sua feição antiquada, algumas edificações de valor architectonico.

Por iniciativa do fallecido e saudoso coronel Joaquim Antonio Machado de Campos, antigo e esforçado lavrador neste municipio, foi a cidade enriquecida e a pobreza amparada por uma Casa de Misericordia, que ha prestado, desde a sua inauguração, os mais assignalados serviços aos desprotegidos da fortuna, tanto daqui como de fóra.

Nesse hospital creou o notavel e benemerito operador dr. Antonio Candido de Camargo uma verdadeira escola de cirurgia, onde vêm aproveitar as suas sabias lições innumerous medicos e onde têm recuperado a saúde milhares de enfermos.

Limeira, 29 de novembro de 1906.

LUCIANO ESTEVES JUNIOR

O RIBEIRINHO

O arroio fresco, em remanso,
De curva em curva, em márulhos.
Num leito de pedregulhos
Escorregava de marso.

Em quedas lentas e bolhas
Sob a arqueada galeria
Da folhagem que o cobria
Com um tecto verde de folhas.

E bocejava de somno
Entre a douda garridice
Dos roseiras da planicie
Num descançado abandono...

Valle abaixo, sem esforço,
Folhas levava e raizes,
Como embarcações felizes
Que lhe singravam o dorso.

A' tarde, em vôo ligeiro,
Vinhã, as azas ruflando,
Os passarinhos em bando
Beber d'agua do ribeiro.

Assim vivia o riacho,
Dando de beber ás aves,
Descendo em giros suaves
Campos e valles abaixo.

Mas chorava a todo o instante,
Tinha desgostos e maguas,
Por não possuir tantas aguas
Como um affluente gigante.

Queria ser como os rios
De grossas aguas redondas,
Que podem erguer nas ondas
Embarcações e navios;

Ser um rio soberano
Que terras alaga e invade
E em noites de tempestade
Tem vagalhões de oceano.

E penetrado de dôr,
Saltando queixas e maguas,
Vai levando suas aguas
Pelas campinas em-flôr.

FRANCISCA JULIA DA SILVA

NATAL

Noite de Natal. Thereza
Brincou, correu séca e méca,
E emfim, do cansaço presa,
Foi dormir sua sonneca.

Quando asordou — que surpresa!
Vendo ao lado uma boneca
— Rosada como uma ingleza,
— Loura como uma sueca.

Vestiu-se com doido afan
E em procura da maman
Do quarto a fóra correu...

E ao vel-a disse: « Mãesinha,
Olha esta bonequinha
Que Nosso Senhor me deu! »

ANTONIO SALLES

A ALFAIATARIA CARVALHO (praça Antonio Prado, 8) continúa a ser a casa da moda, especial em roupas sob medida.



LUVARIA MARTINS

FABRICA DE LUVAS DE PELLICA

Especialidade em luvas para Casamentos, Bailes, etc.

PELLICA, PELLE DE SUEDE, CAMURÇA, etc., LUVAS, MITAINES DE SEDA, ALGODÃO e FIO DE ESCOCIA, LEQUES, etc., etc.

Antonio de Souza Martins & C.^{ia}

RUA DE S. BENTO, 8-B SÃO PAULO TELEPHONE N. 1268

Apromptam-se encomendas com toda perfeição e brevidade

E' unanime a opinião de que a FHO-TOGRAPHIA VOLLSSACK é a melhor de S. Paulo.

O Carvalho é o negociante que conta maior freguezia no largo do Arouche e na praça da Republica. Pudéra! Se ninguem vende tão barato como elle.

Enxovaes para casamentos e baptisados, — especialidade da casa *Att Trocadero* (rua Direita, 45).

CASA DO GUERRA — Recomendamos ás exmas. familias uma visita á rua Direita, 31

A FUNDAÇÃO DO BRAZ (rua Correia de Andrade, 14) encarrega-se de assentamento ou concerto de machinas, motores e locomotivas.

Vinhos de Bordeaux, Bourgogne e CHAMPAGNE Largo do Ouvidor, 3-A.

O alfaiate da moda em Campinas é o sr. ANTONIO DE LUCA — Rua Barão de Jaguará, 52.

O hotel mais antigo de Campinas e tambem o mais afreguezado é o HOTEL DA EUROPA.

Chamamos a attenção dos leitores para o annuncio que á pagina 56 faz a CASA GENOUD.

Moveis (estyllo moderno) — Fabrica de MIGUEL NARDELLA, á rua do Seminario, 31.

O melhor *fernet* é o FERNET VIT-TONE.

O vermouh CINZANO deve ser o preferido.

O vinho CHINATO é uma verdadeira especialidade. Basta dizer que foi premiado com 14 medalhas de ouro e 13 diplomas de honra.

A antiga casa AU BON DIABLE acaba de receber da Europa um colossal sortimento de roupas para meninos e outros artigos de sua especialidade.

A PHARMACIA SANTA CECILIA abre-se a qualquer hora da noite. Rua das Palmeiras, 12.

A melhor FABRICA DE COLLETES de S. Paulo é a do sr. Giovanni Polito di Luigi. Vide annuncio da pagina 84.

PERFUMARIAS finas, só na Casa Baruel.

O VINHO BARUEL é o mais sabo-roso vinho do Porto.

O cirurgião dentista VIEIRA SAL-GADO tem consultorio á rua 15 de Novembro, 19.

COMPANHIA PAULISTA DE SEGUROS

Maritimos e Terrestres

Capital: 2.000.000\$000

Solidas garantias e prompta liquidação de sinistros

RUA DIREITA, 29 (sobrado)

SÃO PAULO

TELEPHONE N. 247

6 Creme do Harem

é o soberano contra as sardas, espinhas e manchas da pelle; conserva a frescura da tez e evita as rugas.

Encontra-se nas Drogarias, Perfumarias e Armarinhos

PHARMACIA SANTOS

Rua de S. Bento, N. 66 - SÃO PAULO

AGENCIA GERAL das loterias da Capital Federal

RUA DIREITA, 39 -- SÃO PAULO

Satisfaz-se qualquer pedido de bilhetes para o interior com a maxima pontualidade.

Os pedidos devem ser dirigidos ao Agente Geral

Julio Antunes de Abreu & C.

Caixa do Correio, 77 - SÃO PAULO

CASA FREITAS

Rua S. João, N. 112

FAZENDAS PARA VESTIDOS, ARMARINHO, ETC.

— DE —

FREITAS & COMP.

Telephone N. 1320

SÃO PAULO

Vapores de Heinrich Lanz

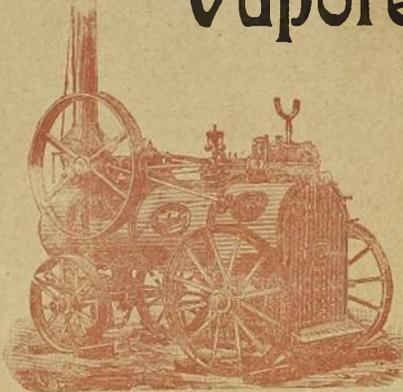
MANNHEIM, Alemanha

UNICOS REPRESENTANTES

Fernando Arens & Filho

Rua Direita, N. 29-A ≡ SÃO PAULO

Caixa do Correio N. 450



Especialidade: Machinismos completos, os mais aperfeiçoados, para beneficiar café

|| ATTESTADOS ||

Attestamos aos srs. Arens & Filho que temos na nossa fabrica de meias em Jacarehy um motor «Lanz» N. 3152, de 25 cavallos de força, o qual está em uso desde o anno de 1892, tendo até hoje funcionado regularmente, não tendo ainda dado motivo a queixa.

O mesmo motor tambem se distingue pela economia de combustivel. Os srs. Arens & Filho podem fazer deste o uso que lhes convier. S. Paulo, 27 de Dezembro de 1905.

Assignado: *Hoffmann, Ahlgrimm & C.*

S. Carlos do Pinhal, 30 de Janeiro de 1906. Illmos. srs. Fernando Arens & Filho, S. Paulo. Amigos e srs.

Attendendo ao pedido verbal que me fez o seu viajante sr. Joaquim R. Vallim, apressome a dizer a vs. ss. que tenho em minha fazenda um vapor do fabricante Heinrich Lanz ha mais de dez annos, trabalhando sempre com a maior perfeição, sem ter gasto até o presente importancia alguma com concertos ou reforma do mesmo. Faço esta declaração com a melhor boa vontade e aconselho ás pessoas que pretenderem montar vapores a comprarem desta marca, que jámais terão que se arrepender. Podem vs. ss. fazer desta o uso que lhes convier. Sou, etc.

De vs. ss.

Am.º obr.º etc. Assignado:

João Manuel de Campos Penteadó
(Firma reconhecida)

S. Carlos do Pinhal, 31 de Janeiro de 1906. Illmos. srs. Fernando Arens & Filho, S. Paulo. Amigos e srs.

Em resposta ao pedido verbal que me fez o representante de vs. ss., sr. Joaquim R. Vallim, cumpre-me informar a vs. ss. que tenho um vapor de Heinrich Lanz ha doze annos e que estou muito satisfeito. Podem vs. ss. fazer desta o uso que lhes convier. Sem outro assumpto, sou com estima

De vs. ss.

Att.º obr.º e cr.º

Assignado: *José Rodrigues de Lima.*
(Firma reconhecida)

S. Paulo, 4 de Julho de 1906. Illmos. srs. Fernando Arens & Filho, S. Paulo. Amigos e srs.

Temos o prazer de declarar a vs. ss. que ficamos inteiramente satisfeitos com o motor

Temos sempre em exposição em nosso armazem, á Rua Direita, 29-A, vapores «Lanz» e machinismos completos para beneficiar café (construção F. Arens, aperfeiçoada) e para arroz (João del Cioppa), além de outros machinismos usados na lavoura e industria.

systema Heinrich Lanz, que compramos em sua casa. A regularidade do funcionamento e a economia do combustivel fazem-no superior a qualquer de outro systema.

Agradecemos muito e somos com muita estima e consideração

De vs. ss. etc.

Assignado: *Biola & Ervenne.*
(Ponte Pequena, S. Paulo)

Rio das Pedras, 15 Setembro de 1906. Illmos. srs. Fernando Arens & Filho, S. Paulo. Saudações.

Tendo inaugurado a machina de beneficiar café por vós fornecida e installada em minha fazenda, scientifico-vos que estou satisfeito com o bom resultado obtido no beneficio do café e principalmente em todos os machinismos, que se acham funcionando com muita regularidade.

Quanto ao vapor Heinrich Lanz, vos declaro que estou immensamente satisfeito com a grande economia de lenha e pelo seu optimo funcionamento, pois, durante o beneficio com o café mellosa, sustentava sempre a mesma rotação, quer a machina estivesse carregada, quer não.

Com satisfação me subscrevo

De vs. ss.

Am.º att.º e obr.º

Assignado: *Vicente do Amaral Mello.*

S. Pedro, 14 de Outubro de 1906. Illmos. srs. Fernando Arens & Filho, S. Paulo. Amigos e srs.

Com a presente tenho a satisfação de communicar a vs. ss. que, depois que o sr. Oswald Pakenep, seu digno empregado, regularizou o vapor «Lanz» que comprei de vs. ss., acha-se o mesmo funcionando com tanta perfeição, que posso garantir ser o melhor vapor dos muitos que tenho tido, pelo que estou muito satisfeito.

Agradecendo, me subscrevo

De vs. ss.

Am.º obr.º

Assignado: *Benedicto Paiva.*

S. Paulo, 7 de Novembro de 1906. Illmos. srs. Fernando Arens & Filho, S. Paulo. Amigos e srs.

Espontaneamente venho declarar a vs. ss. que considero o vapor de 14 cavallos que comprei de vs. ss. como melhor dos muitos vapores que tenho possuido, quer quanto á

regularidade e precisão do seu funcionamento quer quanto ao consumo de combustivel quer emfim quanto ao material e mão de obra nelle empregado. Podem vs. ss. fazer desta o uso que lhes apruver.

Sou com muita estima

De vs. ss. etc.

Assignado: *Frederico A. Branco.*

Ribeirão Pires, 9 de Novembro de 1905. Illmos. srs. Fernando Arens & Filho, S. Paulo. Amigos e srs.

Cumpre-me o grato dever de levar á vossa apreciação as vantagens que tenho colhido com o vapor de «Heinrich Lanz», de quem vs. ss. são os representantes. Na qualidade de engenheiro, pude notar a solidez, força, andamento e bom acabamento; como industrial, não posso deixar de patentear a minha satisfação deante da enorme economia que tenho obtido no gasto do combustivel. As vantagens innumeradas que esse vapor tem sobre muitos que conheço, deveria ser posto no mercado por um preço assás elevado; entretanto isso não se dá, porquanto o seu custo é relativamente baixo, em face das razões expostas. Tendo assim cumprido um dever, deixo ao seu arbitrio fazer desta o uso que lhes convier.

Subscrevendo-me com a maior estima, sou

De vs. ss. etc.

Assignado: *Carlo Urbinati,*
Eng. mech. electricista.

Jardinopolis, 9 de Novembro de 1906. Illmos. srs. Fernando Arens & Filho, S. Paulo. Amigos e srs.

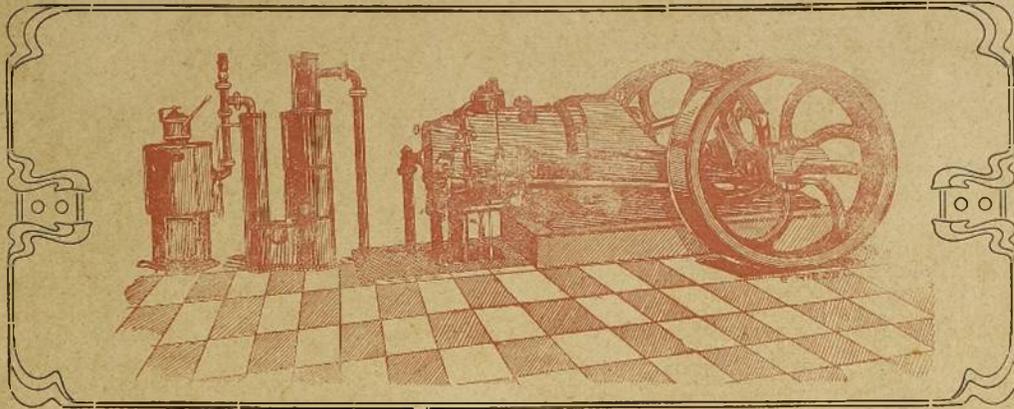
Em resposta á sua estimada carta de 7 do actual, temos a dizer-lhes que, ha 4 mezes, que funciona o vapor «Lanz» de 14 cavallos, que compramos de vs. ss., sem a menor interrupção, puxando machinas de café e arroz, com força de 16 cavallos. Em virtude do que acabamos de expôr a vs. ss., nos achamos satisfeitissimos com a aquisição que fizemos, vindo supprir dois vapores que tivemos sem podermos fazer beneficio como hoje fazemos. Autorisamos vs. ss. a fazerem desta o uso que lhes convier.

Subscrevemo-nos

De vs. ss.

Amigos obrigadissimos
Vianna & Reis.

MOTORES A GAZ POBRE Por aspiração



Esses motores são hoje muito usados na Europa, pelo facto de serem os **mais economicos** no gasto de combustivel e dispensarem foguista.

A sua aquisição recommenda-se a todos que não têm lenha por preço commodo.

Publicamos abaixo os attestados dos primeiros motores que fornecemos, trabalhando os mesmos com **grande regularidade e economia de combustivel.**

Rogamos aos interessados irem ver trabalhar os motores por nós fornecidos para Ribeirão Preto e para esta Capital e estamos sempre promptos a dar todas as informações desejadas.

Os motores que fornecemos não têm rival quanto á extrema **singleza, economia e perfeição de trabalho.**

Fernando Arens & Filho

—○ SÂO PAULO ○—

OFFICINAS:

Rua Martim Burchard (Braz)



Escritorio e Exposição de Machinas:

Rua Direita, N. 29-A

Ribeirão Preto, 25 de Julho de 1906.

Illmos. srs. Fernando Arens & Filho — S. Paulo.

Declaro a quem possa interessar que acabo de instalar em meu engenho de beneficiar arroz um dos novos motores a gaz de aspiração, introduzidos pela casa Fernando Arens & Filho; é com a maior satisfação que os venho por este meio recomendar, attestando a sua grande superioridade sobre os que já tive installados, vapores e electricos.

Faço particular menção da sua grande economia e simplicidade extrema do seu funcçãoamento. De vv. ss., etc.

Assignado: FRANCISCO MORGANTINI

Praça 15 de Novembro, 151 RIBEIRÃO PRETO.

S. Paulo, 13 de Setembro de 1906.

Illmos. srs. Fernando Arens & Filho — Capital.

Amigos e senhores:

Tenho o prazer de declarar a vv. ss. que estou muito satisfeito com o motor a gaz pobre que comprei a vv. ss.

Ha muitos dias que esse motor está trabalhando com toda a regularidade.

Sendo de 22 cavallos effectivos, não gasta mais que 4\$000 por dia, calculando-se o carvão anthracita que o mesmo consome.

Tomando-se em considração essa grande economia e o facto de não occupar foguista, as vantagens são extraordinarias e eu não hesito em recomendar a todos que desejam ter força motora barata, a aquisição destes motores.

O motor que vv. ss. me forneceram é muito solido, singelo e nunca falha.

Podem vv. ss. fazer ósta o uso que lhos convier e, sem mais subscrevo-me com toda a estima De vv. ss. am.º obr.º

Assignado: ANTONIO C. MELCHERT.

CAFÉ GUILHERME

Rua do Seminario, 26 -- S. PAULO.

Peçam á casa NATHAN & C. catalogos e preços de instrumentos agricolas, e ella os enviarão GRATIS. — Rua de S. Bento, 43.

FERREIRA JUNIOR & SARAIVA, commissarios e importadores; rua da Estação, 27.

Deposito de sal em alta escala e agencia da Companhia Comercio e Navegação.

Veja-se o vistoso anuncio da pagina 82.

O EMPORIO BRIGADEIRO TOBIAS recommenda-se por sua especialidade em molhados finos e pela modicidade dos preços. Rua Brigadeiro Tobias, 67.

A CONFEITARIA PAULISTA é um estabelecimento que honra a nossa capital, pois está montada de lórma a satisfazer plenamente a todos os seus freguezes.

Qualquer encomenda para casamentos, baptisados e soirées, ainda a mais exigente, é satisfeita alli com perfeição e modicidade de preços.

Agora, pelo Natal, o sr. Guilherme C. Gonçalves, proprietario da CONFEITARIA PAULISTA, não tem mãos a medir, deante da numerosa freguezia e das extraordinarias encomendas.

Não se esqueça o leitor: — rua de S. João, n. 185, esquina da rua Aurora.

REICHERT IRMÃOS — Importadores e industriaes, á rua dos Italianos, 26. Casa a varejo, praça Antonio Prado, 11.

Da fabrica de calçados ROCHA recebemos uma carteirinha de celluloides, contendo um espelho, um pente e uma lapiseira.

Esses objectos são distribuidos como réclame dessa conceituada casa.

Continúa a grande liquidação annual da PYGMALION.

A affluencia de povo áquella casa prova quanto o seu lindo stock está sendo procurado.

Não deixem, pois, de visitar este conceituado estabelecimento de fazendas, modas e armarinho.

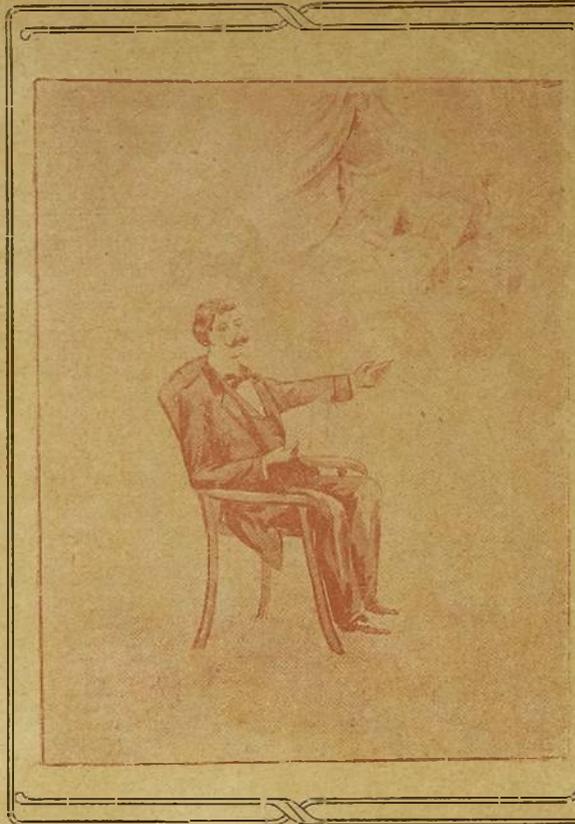
Esplendida collecção de gravatas inglezas: na liquidação da CAMISARIA MASCOTTE, á rua Quinze de Novembro, 59.

BANCO DO MINHO — Agentes em S. Paulo, os srs. Garcia, Nogueira & C., á rua de S. Bento, 42.

LOJA DO JAPÃO — Agentes dos phosphoros *Violeta*, da manteiga *Traituba*, do sabão *Crystal*, dos afamados charutos da Bahia, de Jezler & Hoening e de deliciosos vinhos portuguezes.

Os apreciadores das boas manteigas mineiras devem dar preferéncia á casa A CAMPONEZA, de P. Braga, á rua da Boa Vista, 11.

A acreditada companhia de seguros maritimos e terrestres ALLIANÇA DA BAHIA tem agencia nesta capital, á rua de S. Bento, 42.



Mysterio? Não!

Muita gente pensa que o magnetismo tem por base a magia e a feitiçaria; falso modo de pensar. Os phenomenos hypno-magneticos são absolutamente scientificos e, apesar de parecerem algo maravilhosos, não passam da realidade.

Pretender que com o hypno-magnetismo o homem possa fazer mais do que a natureza permite, é cahir justamente no campo da bruxaria. O homem que possui a força magnetica desenvolvida por um systema claro e racional, pôde curar a si e aos outros de varias enfermidades, pôde adormecer quasi instantaneamente a outrem, pôde conseguir tal força sobre si mesmo, que nenhum impccilho o impedirá de realizar o que deseja. Os phenomenos do somnambulismo, catalepsia, transmissão de pensamento etc., tudo isso está ao alcance do homem, mas é preciso que elle se resolva a conhecer o modo de hypnotisar e magnetisar. Ha um livro, o Poder Magnetico, que ensina tudo que acima ficou dito e muitas outras coisas interessantes e que é dado absolutamente gratis a todos que o pedirem, quer pessoalmente, quer escrevendo ao agente do dr. Marx Doris. Quem sabe se a vossa felicidade não depende disso? Pedi hoje mesmo ao agente do dr. Marx Doris.

Rua S. Bento, 25-A (sobrado) S. PAULO
O Poder Magnetico

IMPORTAÇÕES COMMISSÕES

Caixa Postal N. 169

Usam-se os codigos

GALBESI	ENDEREÇO TELEGR.: FALCHI
RIBEIRO	
GIEBER	

FALCHI, GIANNINI & COMP.

IMPORTADORES E INDUSTRIAES

GRANDE FABRICA

DE

Chocolate * Confeitos * Balas

Bonbons e

DOCES A' PHANTASIA

MOAGEM DE CANEBA, ASSUCAR, etc.

Torrefacção de café

PREMIADA COM

Medalhas de Ouro em TURIM 1898

S. LOUIS 1904 — MILÃO 1906

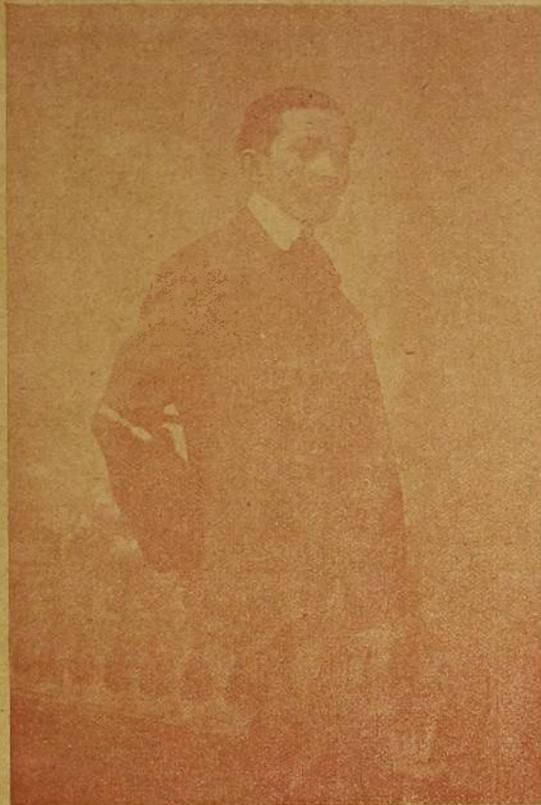
* * Molhados finos por atacado * *

FABRICA: Rua Brigadeiro Tobias, N. 112

ESCRITORIO: Rua Florencio de Abreu, N. 23

Vendas a varejo: Rua de S. Bento, N. 23

* * XIII * *



Peregrino de Castro

CONHECIDO e apreciado artista parahybano, ha onze annos domiciliado em S. Paulo, onde tem feito com successo varias exposições de pintura.

Peregrino de Castro foi alumno da Escola Nacional de Bellas-Artes, do Rio, e, fixando residencia nesta capital, depressa conquistou posição saliente entre os nossos artistas.

Foi redactor artistico, entre outras revistas, da *Vida Paulista*; e, trabalhador infatigavel, acaba de concluir o seu grande quadro a oleo *Truque em falso*, que reproduzimos hoje em autotypia.

Por todo este mez, Peregrino inaugurará na Galeria de Crystal, no salão principal da «Sociedade Humanitaria», uma exposição dos seus ultimos trabalhos.

Todas as más palavras que se dizem — reza um proverbio arabe — são recolhidas por Allah. Este, de tempos a tempos, põe-lhes azas e as transforma em insectos malfezjos, que se espalham pelo mundo para o assolarem. . . Será esse o caso dos gafanhotos que ultimamente tanto têm atormentado os agricultores paulistas? . . .

A imaginação — diz Octave Feuillet, em um dos seus interessantissimos romances, a *Sybilla*, — a imaginação é como a lança fabulosa do heróe grego: serve para curar as feridas que faz. Todos os que a possuem em grande grau experimentam os maiores pesares, mas, tambem, têm maiores consolações do que o vulgo.

Quereis saber amor? Procurae no Universo,
Do norte ao sul, do céu á terra, dentre as raças
Cultas ou não; tereis no turbilhão das massas
O que eu talvez não posso engrinaldar no verso!

Ora vel-o-eis cantar pela bôcca das graças
Um hymno de prazer; aqui, vive disperso
O goso mansamente; ora o costume adverso
Torna-o alli terror no rugir das desgraças. . .

Tem, segundo a Moral de cada povo, um culto:
E' mystico, guerreiro ou simplesmente humano;
Vive de uma illusão e nasce de um insulto.

Tredo, severo, audaz, batalhador sublime,
E' livre na Cafraria este deus soberano,
Que entre nós se escondeu nas tradições do crime!

Do Poema Transcendente.

SATURNINO BARBOSA

Ao cair das sombras

AO ANTÃO DE S. MORAES

Vão se fechando as palpebras do dia. . .
As sombras já se ajuntam lentamente
E, num cortejo funebre e silente,
Ao lugubre dobrar da *ave-maria*,

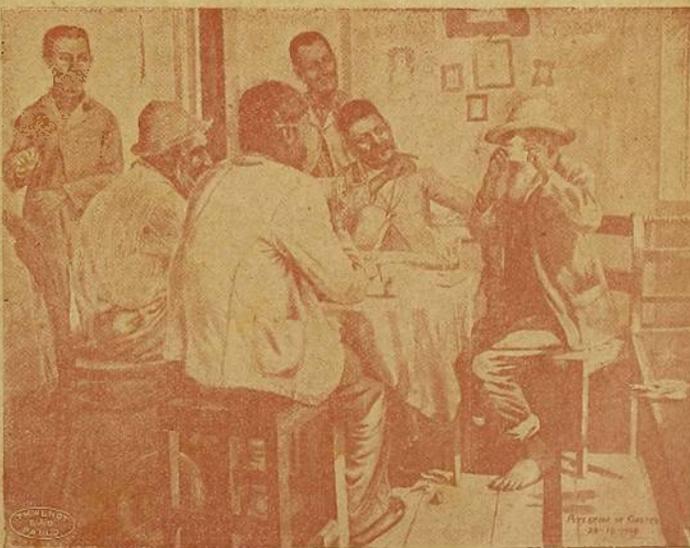
Lá vão ao cemiterio do poente
Enterrar o rei Sol. . . Pela sombra
Espessura vagueio. . . A's vezes pia
Um mocho, como alguém que se lamente. . .

E é só. Tudo é silencio: o céu é mudo,
E' muda a selva, a sombra, a brisa. . . e tudo.
Das arvores deslisam, pelos tortos

Cipós, as lagrimas de orvalho. . . E vão
Os vagalumes pela escuridão,
Quaes fogos fatuos dos meus sonhos mortos. . .

S. Paulo, 16-10-1906.

HEITOR DE MORAES



TRUQUE EM FALSO
Quadro a oleo de Peregrino de Castro

Onde entra o dote, foge dahi a liberdade.



SEMPRE O AMOR — Marcus Stone

Museu do Louvre

Young's Press

Grande Hotel e Pensão Internacional — DE — ROSA RIBEIRO

Restaurant à la carte

Diaria: — de 7\$ a 12\$ —

PENSIONISTAS

 Internos, desde 210\$000 

Externos, desde 100\$000

Cozinha de primeira ordem

 **Encarrega-se de serviço de banquetes**

O Grande Hotel, um dos mais antigos e acreditados de S. Paulo, recommenda-se ás exmas. familias pela sua seriedade, bom tratamento e conforto.

Caixa 34 * Telephone 834

Rua de S. Bento, 49 = S. PAULO

O Xarope Peitoral Composto, do pharmaceutico campineiro LOTHARIO DAS NEVES, desthronou o Peitoral de Cambará. Vide pagina 36.

A CHAPELARIA WELTMANN é a unica agente dos afamados chapéos Hatig. Colossal sortimento de chapéos nacionaes e estrangeiros. Legitimos Borsalino.

Está provado que o Talco boro ASSIS é o melhor pó antiseptico para assaduras de crianças. Encontra-se em todas as boas pharmacias e drogarias.

Uma das casas mais antigas de Campinas é a LOJA DE FERRAGENS, de Moutinho de Castro & C., á rua Barão de Jaguará, 39. Uma das mais antigas e tambem uma das mais acreditadas.

A CASA GODOFREDO, de Campinas, tem sempre em deposito vidros para vidraças, espelhos e crystaes, molduras, etc., e annexa ao estabelecimento, uma fabrica de quadros.

É no gencro a primeira casa da vizinha cidade; importa directamente da Europa os artigos do seu commercio, os quaes desafiam qualquer concorrência.

Todo apreciador de bons vinhos visita frequentemente nesta capital a importante casa de CHARLES HÜ & C., á rua Libero Badaró, 115.

Os estimaveis negociantes são tambem os exclusivos depositarios da ÁGUA DE CAXAMBÚ.

A CASA CARNICELLI (rua 15 de Novembro, 28) recebe todos os mezos novos figurinos da Europa e da America do Norte.

O advogado PEDRO DE MAGALHÃES tem seu escriptorio em Campinas, á rua Bernardino de Campos, 12

A fabrica de calçados ROCHA é a mais antiga e acreditada de S. Paulo.

LIVRARIA ALVES, rua S. Bento, 45.

A CASA ROCCO recebe por todos os vapores as ultimas novidades em joias. Largo do Rosario, 14.

Ninguem aluga pianos sem primeiro visitar a CASA BEETHOVEN. Rua de S. Bento, 20.

A PREVIDENCIA (caixa paulista de pensões) tem seu escriptorio á praça Antonio Prado (Casa Martinico).

Roupas brancas para homens e meninos, na CASA MASCOTTE, á rua 15 de Novembro, 59.

A fabrica de chinelas de liga, de SOUZA, AGUIAR & C., não tem rival no Brasil.

Fazendas, armarinho e roupas feitas por atacado, na casa ALVES, PEREIRA & C., á rua dr. Campos Salles, 11, em Campinas.

Ninguém monta casa sem primeiro visitar a fabrica de mobílias estofadas de MAX SCHNEIDER. Nada custa um passeio até á rua da Boa Vista, 28. Especialidade: mobílias japonezas.

EM CAMPINAS

Em Campinas, recommendam-se, além de outras, as seguintes casas:

Fabrica de chapcos, de Hoff & Hennigs.

Fabrica de carros, da herança de Lauro Franco.

Officina de caldeireiro, de Francisco Tadini.

Casa Vermelha, de João Queiroz. Branco & C., á rua Barão de Jaguará, 21-A.

Casa Mascotte, de J. Ladeira. *Ao Progresso Campineiro*, de Domingos Barsotti.

Bernardo Teixeira & Costa (importação e exportação de couros).

Armazem de J. Soares & Irmão. Padaria e Confeitaria « Suissa ».

Casa de joias, de Ernesto Israel. *Charutaria Cubana*.

Armbrust & Filho. *Ao Mundo Ilustrado*.

Colchoaria de Manuel Francisco dos Santos.

Relojoaria e ourivesaria, de Antonio Flaquer.

A LOTERIA DE S. PAULO é GARANTIDA pela sua provada seriedade durante trinta annos.

O engenheiro-architecto José Tartari tem seu escriptorio em Campinas, á rua Barão de Jaguará, 82.

A unica fabrica de vassouras premiada na ultima Exposição de S. Luiz foi a de ANGELO FRACALANZA, nesta capital, á rua Brigadeiro Tobias, ns. 54 e 56.

Trovas Ciganas

A arvore do amor se planta
No centro do coração.
Só a pôde derrubar
O golpe da ingratição.

O cego se entrega áquelle
Que o conduz por caridade:
Eu me entreguei sem raparo
Ao rigor de uma saude.

Até nas flores se encontra
A differença da sorte!
Umás enfeitam a vida,
Outras enfeitam a morte!

Dizem que o *pito* allivia
As maguas do coração:
Eu pito, pito e repito
E as maguas nunca se vão!

MELLO MORAES

No cartorio do registro civil:
— Venho aqui p'ra vancé registrá
uma criança que nasceu.
— Perfeitamente. A criança é do
sexo feminino ou do masculino?
— Não é nem Felismino nem Mar-
culino: é Bastião, que é o nome do
pae.

AO COLLETE PAULISTA

GRANDE FABRICA DE COLLETES

»»» DE «««

Giovanni Polito di Luigi

A' pagina 84 da presente edição do *Album Imperial* sai publicado um annuncio desta importante fabrica de colletes, a unica existente em S. Paulo.

Pedimos para elle a melhor attenção das nossas leitoras, porque a grande fabrica de Giovanni Polito di Luigi está montada de fórma a não admitir concorrência, nem em preços, nem em qualidade.

A fabrica mantém nesta capital quatro casas, uma das quaes reproduzimos em *cliché*:



Rua General Carneiro, n. 2-E * * * * *
* * * * * Rua General Carneiro, n. 29-A
Avenida Rangel Pestana, n. 96 * * * * *
* * * * * Rua Direita, n. 26-A

Vendas por atacado e a varejo

PREÇOS BARATISSIMOS

ESPECIALIDADE EM MODAS DE PARIS

Não fazer nada e a felicidade das crianças e o infortunio dos velhos.

Agua Mineral de S. Lourenço

Ninguém ignora que as aguas que se consomem nas grandes cidades não offereçam garantias completas á saúde publica, e, mesmo que fossem depuradas em galerias filtrantes, antes de entregues ao consumo, ainda correriam o risco de ser polluidas pelas impurezas contidas nos encanamentos.

O certo é que o estomago e os intestinos são mais de perto ameaçados pelo uso de uma agua impura, e a prova disso é a enorme cifra que fornecem á estatística as molestias daquelles orgãos. Nada de economico quando se trata da saúde — o mais precioso bem da vida. A empresa das Aguas Mineraes de S. Lourenço estabeleceu nesta data um serviço de venda a domicilio de suas aguas ao alcance de todos:

Uma duzia de garrafas da melhor Agua Mineral do Brasil, por 6\$000, ou 500 a garrafa.

A AGUA DE S. LOURENÇO, já pelos seus prodigiosos effeitos medicinaes, já pela sua qualidade, que lhe confere a primazia como agua de mesa, é largamente conhecida, e, para provar esta asserção, basta ler os milhares de attestados de pessoas que do seu uso colheram os maiores beneficios, e certificados de notabilidades e eminentes professores de medicina que a recommendam com ardor.

Transcrevemos estes attestados, apenas de dois homens de reconhecida nomeada mundial — um, brasileiro e outro, italiano.

ATTESTADOS

«Attesto que tenho utilizado *larga manu* as aguas mineraes de S. Lourenço, não só nas dyspepsias, catarrhos intestinaes e hepaticos, como no decurso de diversas pyresias, como uma bebida eliminadora e sedativa das desordens gastricas, sobrando-me motivos para me louvar desta pratica pelos vantajosos resultados que tenho obtido.

A pureza e limpidez das referidas aguas, demonstrativas de sua correcta captação, a sua pouca riqueza gazosa, qualidade de primeira ordem para as applicações aos dyspepticos de varios generos, são outros tantos os titulos que ellas impõem á confiança dos clinicos e á predilecção dos enfermos.

O referido é verdade e o affirmo sob a fé do meu grão».

Dr. Clemente Ferreira (membro titular da Academia Nacional de Medicina, membro correspondente das sociedades de Therapeutica, Medico-pratico e de Medicina de Paris, e da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Bordeaux.)

«Declaro-vos que durante a minha estada em S. Paulo fiz sempre uso das aguas de S. Lourenço, que considero a melhor agua mineral de mesa que se possa encontrar actualmente no Brasil.

A excessiva gazificação artificial das aguas mineraes extrangeiras, que existem geralmente aqui, torna seu uso muito pouco recommendavel.

Desejo á vossa agua a boa fortuna que ella bem merece.»

Dr. J. Sanarelli (director do Instituto de Hygiene experimental da Universidade de Montevideo.)

A agua de S. Lourenço é gazificada com o gaz da propria agua, e seu engarrafamento é perfeito. Não contém ar, nem substancias alheias ás proprias aguas.

Pedidos á Rua José Bonifacio, N. 28-A

J. CARVALHO

AGENTE

Telephone N. 322

SÃO PAULO

Literatura de Natal

Uma das cousas encantadoras que nos traz o Natal, em Inglaterra são esses lindos livros para crianças, que constituem a *Literatura de Natal*.

Não falo desses extraordinarios volumes dourados, publicados pelos editores francezes, em encadernações decorativas como fachadas de cathedrac, que custam uma fortuna, contém um texto que nunca ninguém lê e são oferecidos ás crianças, mas realmente servem para obsequiar os papás. Os pobres pequenos nada gosam com esses monumentos typographicos; apenas se lhes permite vêr de longe as gravuras a aço, sob a fiscalização da mamã, que tem medo que se deteriore a encadernação; e o resplandecente volume orna dahi por deante a jardineira da sala, ao lado do candieiro vistoso.

Em Inglaterra existe uma verdadeira literatura para crianças, que tem os seus classicos e os seus innovadores, um movimento e um mercado, editores e genios — em nada inferior á nossa literatura de homens sisudos. Aqui, apenas o bebé começa a sollicitar, possui logo os seus livros especiaes: são obras adoravcis, que não contém mais de dez ou doze páginas, intercaladas de estampas, impressas em typo enorme, e de um raro gosto de edição. Ordinariamente o assumpto é uma historia, em seis ou sete phrases, e de certo menos complicada e dramatica que *O Conde de Monte-Christo* ou *Nana*; mas cmfim tem os seus personagens, o seu enredo, a sua moral e a sua catastrophe.

Tal é, para dar um exemplo, a lamentavel tragedia dos *Tres velhos sabios de Chester*: eram muito velhos e muito sabios; e, para discutirem cousas da sua sabedoria, metteram-se dentro de uma barrica, mas um pastor que vinha a correr atrás de uma ovelha, deu um encontrão ao tonel, e ficaram de pernas ao ar os tres velhos sabios de Chester!

Como estas, ha milhares: a *Cavalgada de João Gilpin* é uma obra de genio.

Depois, quando o bebé chega aos seus oito ou nove annos, proporciona-se-lhe outra literatura. Os sabios, a barrica, os trambulhões, já o não interessariam; vêm então as historias de viagens, de caçadas, de naufragios, de destinos fortes, a salutar chronica do triumpho, do esforço humano sobre a resistencia da natureza.

Tudo isto é contado numa linguagem simples, pura, clara — e provando sempre que na vida o exito pertence áquelles que têm energia, disciplina, sangue-frio e bondade. Raras vezes se leva o espirito da criança para o paiz do maravilhoso: — não ha nestas literaturas nem phantasmas, nem milagres, nem cavernas com dragões de escamas de ouro: isso reserva-se para a gente grande. E quando se fala de anjos ou de fadas, é de modo que a criança, naturalmente, venha a rir-se desse lindo sobrenatural, e a considerá-lo do genero *boneco*, como os seus proprios carneirinhos de algodão.

O que se faz ás vezes é animar de uma vida ficticia os companheiros inanimados da infancia: as bonecas, os polichinellos, os soldados de chumbo. Conta-se-lhes, por exemplo, a tormentosa existencia duma boneca honesta

Fabrica de Moveis

a vapor

— DE —

J. DOS SANTOS MALTA

(Ex-contramestre da fabrica Carlos Scholz & C.)



FACHADA DA FABRICA

Fabricante de Moveis Especiaes

* * * FABRICA E DEPOSITO: * * *

Rua do Bom Retiro, 50

(em frente á Igreja dos Protestantes)

TELEPHONE, 1052

◆◆◆

SÃO PAULO

Muitos amigos são como o quadrante solar: só marcam as horas em que o sol brilha.

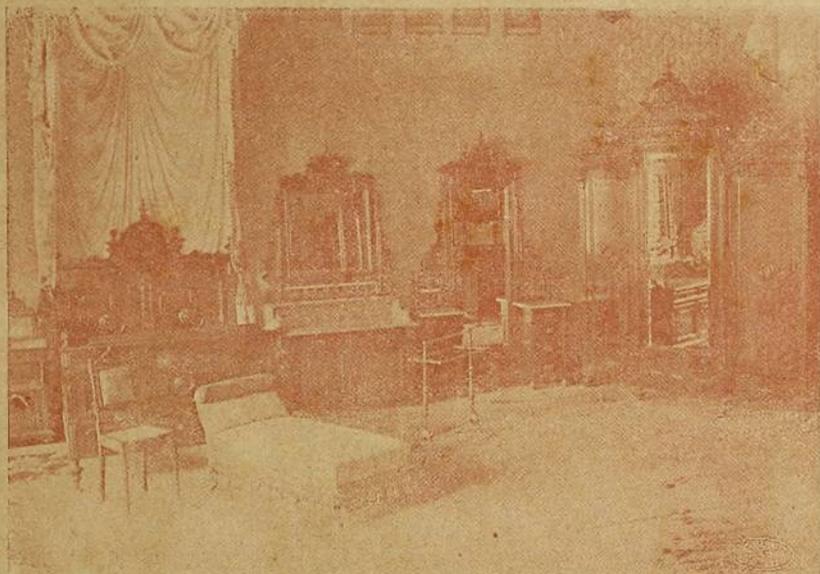
Grande Fabrica de Moveis a vapor

— DE —

J. dos Santos Malta

RUA DO BOM RETIRO, N. 50

Telephone, 1052 * S. PAULO



EXPOSIÇÃO DE MOVEIS DA FABRICA E INTERIOR

Este estabelecimento industrial tem, em seu deposito, manufacturado com todo capricho e gosto, um bom sortimento de moveis solidos e elegantes para salas de visitas e jantar, dormitorios e gabinetes.

Acceitam-se encomendas para fabricação de moveis de qualquer estylo e incumbem-se de ornamentação, em tapeçaria, de salas, gabinetes, etc.

Preços modicos e a maxima promptidão na execução de qualquer encomenda.

e infeliz: ou os sofrimentos por que passou em campanha, numa guerra longinqua, uma caixa de soldados de chumbo. Esta literatura é profunda. As privações de soldados vivos não impressionariam talvez a criança — mas todo o seu coração se confrange quando lê que padecimentos e misérias atravessaram aquelles seus amigos, os guerreiros de chumbo, cujas bayonetadas torcidas ella todos os dias endireita com os dedos: e assim pôde ficar depositado num espirito de criança um justo horror da guerra.

As lições moraes, que se dão deste modo, são innumeraveis, e tanto mais fecundas quanto sabem da acção e da existencia dos seres que ella melhor conhece — os seus bonecos.

Depois vêm ainda outros livros para os leitores de doze a quinze annos: popularisações de sciencias: descrições dramaticas do universo; estudos captivantes do mundo das plantas, do mar, das aves: viagens e descobertas: a historia; e, enfim, em livros de imaginação, a vida social apresentada de modo que nem uma realidade muito crua ponha no espirito tenro securas de misanthropia, nem uma falsa idealisação produza uma sentimentalidade morbida.

É no Natal, principalmente, que esta literatura floresce. As lojas dos livreiros são então um paraíso. Não ha nada mais pittoresco, mais original, mais decorativo que as encadernações inglezas; e as estampas, as cores leves e aguadas offerecem quasi sempre verdadeiras obras d'arte, de graça e d'*humour*.

Não sei se no Brasil existe isso. Em Portugal, nem em tal jámais se ouviu falar. Apparece uma ou outra dessas edições de luxo, de Paris, de que falei, e que constituem ornatos de sala. A França possui tambem uma literatura infantil tão rica é util como a de Inglaterra; mas essa Portugal não a importa: livros para completar a mobília, sim: para educar o espirito, não.

A Belgica, a Hollanda, a Allemanha prodigalisam estes livros para crianças; na Dinamarca, na Suecia, elles são uma gloria da literatura e uma das riquezas do mercado.

Em Portugal, nada.

Eu ás vezes pergunto a mim mesmo o que é que em Portugal lêem as pobres crianças. Creio que se lhes dá Filinto Elysis, Garção, ou outro qualquer desses mazorros semsaborões, quando os infelizes mostram inclinação pela leitura.

Isto é tanto mais atroz quanto a criança portugueza é excessivamente viva, intelligente e imaginativa. Em geral, nós outros, os portuguezes, só começamos a ser idiotas quando chegamos á idade da razão. Em pequenos, temos todos uma pontinha de genio: e estou certo que, se existisse uma literatura infantil como a da Suecia ou da Hollanda, para citar só paizes tão pequenos como o nosso, erguer-se-ia consideravelmente entre nós o nivel intellectuai.

Em logar disso, apenas a luz do entendimento se abre aos nossos filhos, sepultamol-a sob grossas camadas de latim! Depois do latim, accumulamol-a rhetorica! Depois da rhetorica, atuzamol-a de logica (de logica, Deus piedoso!) E assim vamos erguendo até aos céos o monumento da camelice!

Pois bem: eu tenho a certeza que uma tal literatura infantil penetraria facilmente nos nossos costumes domesticos e teria uma venda proveitosa. Muitas senhoras, intelligentes e pobres, se poderiam empregar em escrever essas facéis historias: não é necessario o genio de Zola ou de Thackeray para inventar o caso dos *tres velhos sabios de Chester*. Ha entre nós artistas de lapis facil e engraçado, que commentariam bem essas aventuras num desenho de simples contorno, sem sombras e sem relevo, lavado a côres transparentes... E quantos milhares de crianças se fariam felizes, com esses bonitos livros — que, para serem populares e se poderem despedaçar sem prejuizo, devem custar menos de um tostão!

Eu bem sei que esta ideia de compôr livros para crianças faria rir Lisboa inteira. Tambem, não é a Lisboa que eu a offereço. Lisboa não se occupa destes detalhes.

Lisbôa quer cousa superior, quer a bella estrophe lyrica, o rico drama em que se morre de paixão ao luar, o *fadinho* ao piano, o saboroso namoro de escada, a endeixa plangente, a bôa facadinha á meia-noite, o discurso em que se cita o Golgotha, a andaluza de cuiá—emfim, tudo o que o romantismo portuguez inventou de mais nobre. Educar os seus filhos intelligentemente, está decerto abaixo da sua dignidade.

Mas, emfim, se estas linhas animassem ahi no Brasil, ou entre a colonia portugueza, um escriptor, um desenhista e um editor a prepararem alguns bons livros, bem engraçados, bem alegres, para os bebês — eu teria feito ao imperio um serviço colossal, que não sei como me poderia ser recompensado.

Uma bôa fazenda, de rendimento certo, numa provincia rica, com casa já mobilada e alguns cavallos na cavallariça, não seria talvez de mais. Se a gratidão do governo imperial quizesse juntar a isto, para alfinetes, um ou dois milhões em ouro, eu não os recusaria. E se me não quizessem dar nada, bastar-me-ia então que um só bebê se risse e fosse alguns minutos feliz. Pensando bem: — é esta a recompensa que prefiro.

EÇA DE QUEIROZ

POEMA DA LAGRYMA

Eu sou o orvalho que desce
De ignotos mundos do além;
Eu sou a intima prece
Nos olhos puros de mãe.

Eu fui a culpa e a magua;
Fui a tristeza e a paixão;
Saltei dos crimes a fragua;
Trago a esperança e o perdão.

Venho do espaço infinito,
De um sonho immenso de iogo,
Que Deus funde em gloria e luz:

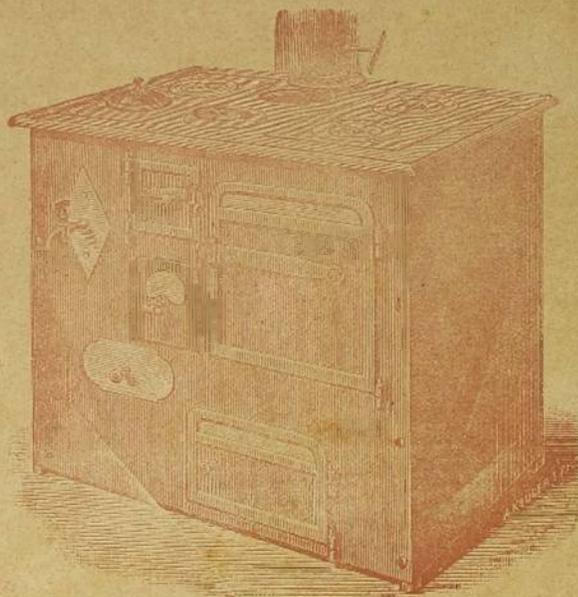
O meu nome é — a dôr e o grito:
Passei de Eva, num vago,
Ao teu semblante, ó Jesus!

QUIRINO DOS SANTOS

Quando uma mulher nos fala, attentemos no que dizem os seus olhos.

Officina de fogões economicos

DE



Theodoro Bierbrauer

Fogões de todos os tamanhos para casas de familia, hotéis e restaurants.

Faz-se com brevidade e perfeição qualquer trabalho concernente a esta arte.

Acceitam-se encomendas para o interior

3 - RUA AURORA - 3 © SÃO PAULO

CASA PAIVA

FORTES & C.

Modas e confecções

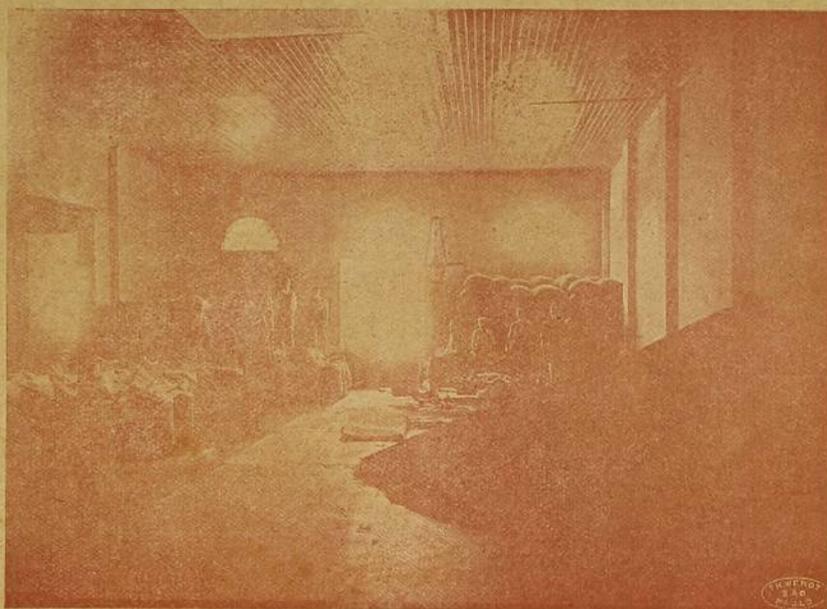
Recebe mensalmente da Europa as ultimas novidades

RUA 15 DE NOVEMBRO, N. 6

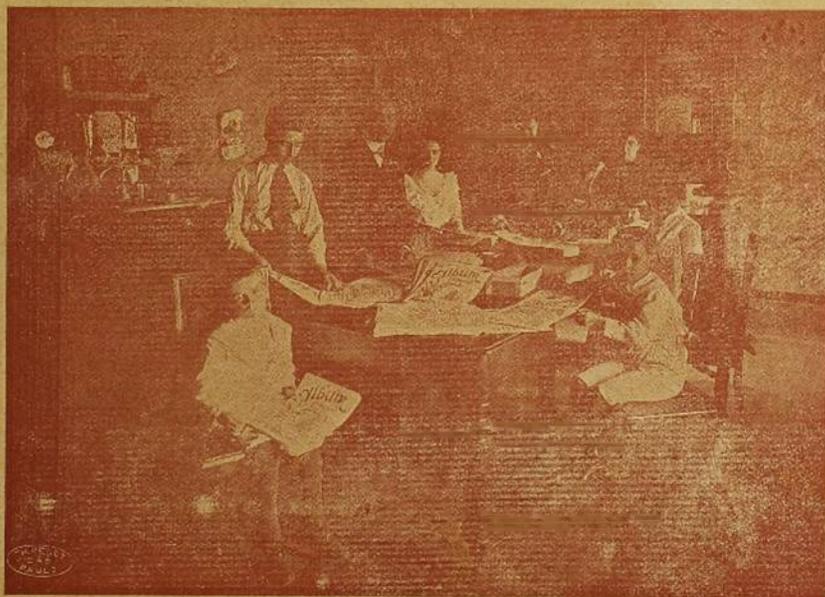
SÃO PAULO



Os reis de Hespanha



Interior do armazem da casa commissaria de café, de Fleury, Vita & C., á rua Paula Souza, ns. 21 e 23



Na sala de remessa do Album Imperial

CASA DE ENCANAMENTOS

a mais antiga da capital

Calha de cobre, zinco e folha

IMPORTADORES

Eduardo Zanchi & C.

Habilitados para Repartição de Aguas e Exgottos

Especialidade em apparelhos e encana-
mentos para

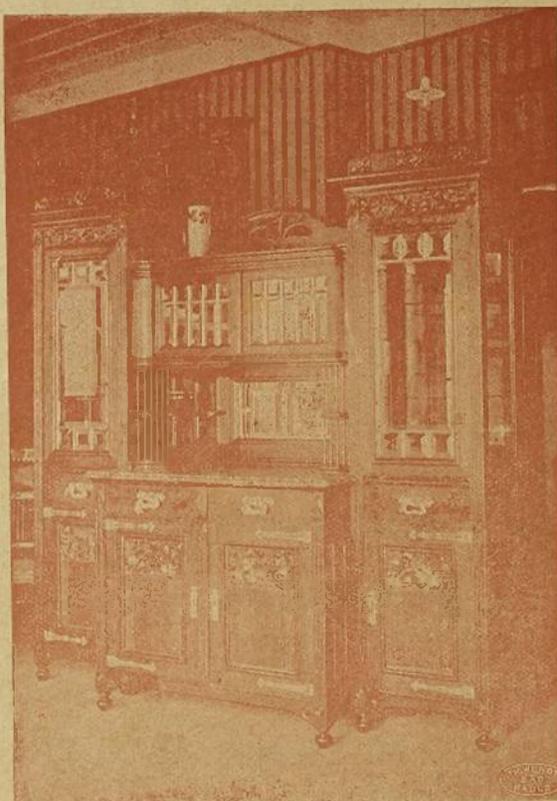
Água, Gaz, Exgottos e Electricidade

Fabrica de Fogões Economicos
e CAIXAS DE FERRO PARA AGUA

Vendas exclusivamente a dinheiro

Rua S. João, 107 Largo do Paysandú
SÃO PAULO

Manufactura de Moveis Especiaes



João M. Blaverias

DEPOSITO E ESCRITORIO

Rua São João, N. 163 - Esquina Timbyras

SÃO PAULO

ANTONIO PEPE

COMMISSÕES * CONSIGNAÇÕES * REPRESENTAÇÕES

Importação de Farinhas de Trigo, Vinhos, Azeites, Arroz, Queijos,
Conservas alimenticias, etc., etc.

ARMAZEM E ESCRITORIO:

DEPOSITO:

N. 2, RUA DR. FALCÃO, N. 2 ; Rua do Ypiranga, 163, 165 e 167

CAIXA POSTAL N. 478

S. PAULO

ENDEREÇO TELEGRAPHICO.

TELEPHONE N. 163

(BRASIL)

„APEPE“

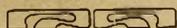
CASA PROPRIA. FUNDADA EM 1890



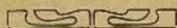
N. B. — A casa tem uma secção especial no seu ramo de commercio,
ocupando-se de receber em consignação

Café, milho, feijão e outros productos do paiz

Recebida e verificada a mercadoria, será feita ao remittente uma antecipação
até 50% sobre o valor da mesma.



As commissões são as de praxe: 3% sobre o café e 5% sobre os cereaes.

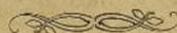


A casa vende Pellegos importados directamente da Republica Argentina,
sendo preparados aqui com todo o capricho e perfeição.

Tem sempre em armazem um grande stock.

Pellegos «bincoln» superiores Rs. 15\$000

Pellegos «Creoulo» superiores de Rs. 8\$000 a 12\$000



GRANDE PEDREIRA DE GRANITO

em Ribeirão Pires

NOTAS DIVERSAS

O nosso numero de Natal

Para não retardarmos a distribuição do presente numero do *Album Imperial*, resolvemos adiar a publicação, de diversos artigos e annuncios, que nos chegaram ás mãos á ultima hora.

Entre outros, deixamos de inserir os artigos e clichés referentes ao INSTITUTO SILVIO DE ALMEIDA e ao COLLEGIO MACEDO SOARES, por não terem ficado promptas a tempo as respectivas photographias.

Por outro lado, um desenhista, a quem encarregamos de illustrar alguns contos de Natal, faltou ao seu compromisso, não obstante solenes promessas em contrario.

Em proxima edição daremos os artigos e os annuncios que não puderam sahir no presente numero.

Conforme verá o leitor, esta edição do *Album Imperial* consta de cerca de DUZENTAS PAGINAS e de quasi TREZENTOS CLICHÉS, quasi todos encomendados especialmente para ella.

Convém accéntuar que em S. Paulo, ao que nos conste, revista alguma publicou ainda uma edição como esta, com tantas paginas, tantos annuncios e tão variada collaboração.

Accentuemos tambem que todos os annuncios—sem excepção de um só—são publicados com auctorisação expressa dos respectivos negociantes e industriaes, aos quaes agradecemos mais uma vez o valioso auxilio que gentilmente nos dispensaram.

Os nossos concursos

Pedimos a attenção do leitor para a noticia (pag. 10) sobre os concursos do *Album Imperial*, que offerece aos decifradores diversos premios em dinheiro.

Os nossos brindes

Por todo o proximo mez de janeiro, receberemos da Allemanha o brinde destinado aos nossos assignantes.

Consiste em uma bandeira imperial do Brasil, em miniatura e estampada em seda, acondicionada em elegante caixinha.

As pessoas que até 30 DE JANEIRO tomarem assignatura do *Album Imperial*, ou a reformarem, receberão, além deste brinde, um cartão numerado, com direito ao sorteio de dois GRANDES QUADROS, com os retratos de D. PEDRO II e D. THERESA CHRISTINA, primorosamente executados nos Estados-Unidos.

Dar-se-á o sorteio por uma das loterias da capital federal.

Os assignantes do interior do Estado poderão remetter-nos a respectiva importancia em vale postal, descontando o porte e registro.

NOTA — Só têm direito ao sorteio dos quadros as pessoas que tomarem assignatura ou a reformarem até 30 de janeiro proximo.

Conde de Affonso Celso

E' esperado hoje nesta capital o illustre brasileiro e nosso eminente collaborador sr. Conde de Affonso Celso, que, a convite do « Centro Academico Onze de Agosto », realisarà hoje mesmo, no « Salão Steinway », uma conferencia litteraria sobre D. Pedro II, em beneficio da construcção da herma de Alvares de Azevedo.

Aquella distincta associaçào academica projecta brilhante recepçào ao illustre brasileiro, a quem o *Album Imperial* cumprimenta affectuosamente.

No proximo numero daremos noticia desenvolvida da conferencia do sr. Conde de Affonso Celso.

Manoel Bittencourt Junior

Chegou no dia 17 a esta capital, em visita a seus irmãos e aos innumerados amigos que conta em S. Paulo, o distincto moço Manoel Bittencourt Junior, que está cursando a Faculdade de Bello Horizonte.

O nosso antigo companheiro de trabalho acaba de ser approvado plenamente nas materias do terceiro anno juridico, pelo que o abraçamos cordialmente.

O nosso archivo

No proximo numero daremos noticia das ultimas publicações remetidas ao *Album Imperial*.

VIDA SOCIAL

Aniversarios

Fizeram annos:

No dia 12, a graciosa senhorita Izabel Vieira Serpa, inspirada poetisa e collaboradora do *Album*;

No dia 17, a gentil senhorita Elisa de Mello, filha do nosso dedicado correligionario sr. Alberto de Mello;

No dia 18, a exma. sra. d. Maria Flora Pereira de Queiroz, esposa do dr. José Augusto Pereira de Queiroz, curador geral de orphams desta capital.

Fazem annos:

No dia 22, o galante Silvio, filho do sr. Arthur Alves Martins;

No dia 26, a senhorita Lucilla Sampaio, graciosa filha do dr. Raphael Ferraz de Sampaio.

Casamento

Participa-nos o dr. Jonas Deocleciano Ribeiro, estimado clinico residente na Franca, o seu casamento com a exma. sra. d. Anna de Lima Ribeiro, realisado naquella cidade a 28 do mez proximo findo.

Gratos pela gentileza, renovamos nossos votos por sua felicidade.

Nascimento

Receberá o nome de Heloisa a filhinha do dr. Couto de Magalhães, nascida a 15 do corrente.

Condecoraçào

O dr. José de Freitas Guimarães, illustre sub-procurador geral do Estado, foi condecorado pelo Papa Pio X com a commenda da ordem de S. Gregorio Magno e a medalha de merito.

Merecidissima, a dupla distincção.

Collaboradores do numero de Natal

	PAG.
Alberto de Oliveira	38
Alexandre Fernandes	96-112
Amadeu Amaral	123
André Rebouças	91
André Werneck	90-99
Annibal Amorim	4
Antonio Feijó	39
Antonio Salles	172
Arduino Bolivar	39
Arthur de Araujo	13
Arthur Azevedo	50
Arthur de Castro	138
Arthur Goulart	112-115
Athayde Marcondes	104
Bomsucesso (dr.)	19
Bueno Monteiro	105-167-170
Cardoso de Menezes	112
Cesar B. Bierrenbach	169
Coelho Netto	5-86-121
Conde de Monsaraz	24
Correia de Almeida (padre)	115-161
E. R.	89
Eça de Queiroz	145-182
Eurico de Góes	12-107
Eusebio da Camara Leal	103
Eva Rogers	93
F. B. de Paula Pessóá	88
Francisca Julia da Silva	172
Francisco Caspar	13
Gustavo Teixeira	112
Heitor de Moraes	177
Henrique Castriciano	164
Henrique Fleury	13
Hippolyte Pujol	13-144
Ibrantina Cardona	138
Izabel Vieira Serpa	100-128
J. J. de Carvalho	144
Jas Fryleu	12
João Penha	125
João Vampré	12-135
José de Alencar	27
José Arthur da Rocha Frota	132
José de Campos Novaes	140
José do Patrocínio	97
Luciano Esteves Junior	171
Luiz Guimarães Filho	86
M. Curvello	52
Maria Clara da Cunha Santos	11
Maria Pinto Figueirinhas	127
Mario Linhares	166
Mello Moraes	77-180
Moysés Nora (padre)	47
Mucio Teixeira	17
Olavo Bilac	24
Oliveira e Silva	45
Peiayo Serrano	91
Quirino dos Santos	184
Raul Pompéa	126
Raymundo Correia	16
Rocha Martins	78
Rodrigo Octavio	133
Ruy Barbosa	38
Saturino Barbosa	177
X.	162
Xavier da Silveira	12

Faculdade de Direito

Entre os graduandos deste anno, a Faculdade de Direito, figura o talentoso bacharelado Henrique de Souza Queiroz, filho do nosso eminente saudosos correligionario dr. Augusto Souza Queiroz e moço que durar todo o curso academico se impoz estima dos seus collegas e dos seus mestres, não só pela applicação estudo, como pelas preciosas qualidades de espirito e coração que exornam e são proverbiaes em sua illustre familia.

Associamo-nos sinceramente à imensa satisfação de que, por esse motivo, se acham possuidos sua veneranda mãe, exma. sra. d. Jesu Amaral de Souza Queiroz, e seus gnos irmãos.

AVISO

A empresa do *ALBUM IMPERIAL* só reconhece como validos nesta capital os recibos firmados pelo seu director, dr. Couto de Magalhães.

No proximo numero

Visconde de Indaiatuba

A. C. de Moraes Salles

Publicações de ultima hora

AOS MONARCHISTAS

Convidamos os nossos correligionarios para comparecerem no dia 26 corrente, á 1 hora da tarde, á rua Consolação, n. 16, para resolverem sobre a attitude do partido monarchista nas proximas eleições estaduais de de fevereiro e outros interesses do partido.

S. Paulo, 17 de dezembro de 1904

B. A. Gavião Peixoto

Nicolau de Souza Queiroz

A. Alvares Peiteado

José Aranha

Antonio Ribeiro dos Santos

A. de Queiroz Telles

A. Ferreira de Castilho

Martim Francisco

AVISO

LOTERIA ESPERANÇA

Tendo a assemblea geral dos accionistas da Companhia Nacional Loterias dos Estados auctorizado a acquisição da mesma companhia, p Companhia de Loterias Nacionaes Brasil, passando todo o activo e passivo á referida Companhia de Loterias Nacionaes do Brasil (Loteria da Capital Federal) e tendo de ser lavrada respectiva escriptura sabbado, 15 corrente, prevenimos a todas as pessoas a quem possa interessar que a ultima extracção da Loteria Esperança ter lugar no referido dia 15, ficando suspensas do dia 17 em diante.

A DIRECTORIA

AVISO — Os agentes geraes de todo o Estado de S. Paulo previnimos aos srs. negociantes de loterias, cambistas e ao publico que recebem todos os bilhetes dessa loteria em troca da Federal, ou pagarão não só os premiados, como os não extrahidos.

Amancio Rodrigues dos Santos &

PRAÇA A. PRADO, 5

Caixa, 166 — Teleg. «AMANCIO»

S. PAULO

3248



